

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



A Epigrafia da *Hispania*
na Correspondência Epistolar entre
Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos

Pedro Miguel Correia Marques

Orientador: Prof. Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no
ramo de História, na especialidade de Arqueologia

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



A Epigrafia da Hispania
na Correspondência Epistolar entre
Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos

Pedro Miguel Correia Marques

Orientador: Prof. Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na
especialidade de Arqueologia

Júri:

Presidente: Doutor António Adriano de Ascensão Pires Ventura, Professor Catedrático
e Director da Área de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutor Thomas Gregor Schattner, Professor Extra-ordinário Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid, Espanha;
- Doutor José Manuel dos Santos Encarnação, Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
- Doutora Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutor Carlos Jorge Gonçalves Soares Fabião, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientador.

Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/64293/2009)

2016

Palavras-Chave:

Emílio Hübner; José Leite de Vasconcelos; Correspondência Epistolar; História da Epigrafia; Epigrafia Latina

Resumo

Esta dissertação de doutoramento tem como objectivo editar e analisar a correspondência epistolar trocada entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos.

A escolha dos dois correspondentes relaciona-se com a importância que detêm no âmbito da História da Epigrafia, assim como pela quantidade e qualidade da documentação epistolográfica, que até este momento se mantinha virtualmente inédita. As cartas de Hübner guardam-se no Museu Nacional de Arqueologia. As epístolas de Leite de Vasconcelos preservam-se na Sociedade Martins Sarmento.

Não dispomos da totalidade das missivas, sendo que umas cartas se terão perdido – sete de Hübner e oito de Leite de Vasconcelos –, outras extraviaram-se – seis de Hübner –, e talvez existissem ainda outras, das quais não temos notícia, mas da nossa análise foi possível reconstituir um conjunto epistolar composto por 131 cartas, sendo 65 enviadas pelo sábio alemão e 66 endereçadas pelo erudito lusitano. A correspondência iniciou-se no dia 21 de Abril de 1888, com uma missiva de Hübner, e terminou em 18 de Dezembro de 1900, com uma epístola de Leite de Vasconcelos, distribuindo-se por todo esse período. Somente não possuímos cartas do ano de 1889.

As missivas apresentam-se numa variedade de línguas. O erudito germânico escreveu principalmente em francês, mas a partir de 1893 redigiu também em alemão e no ano seguinte começou igualmente a escrever em latim. O conservador da Biblioteca Nacional favoreceu a sua língua materna, que Hübner compreendia, mas não se atrevia a utilizar. No ano de 1893, Leite de Vasconcelos iniciou a redacção de cartas em latim, a partir de 1898 escreveu também em alemão e redigiu ainda parte de uma missiva em francês.

No estudo da correspondência epistolar analisa-se o seu âmbito temático, no qual a Epigrafia se destaca largamente. As alusões centram-se em particular na Epigrafia latina, mas abarcam também a Epigrafia paleocristã, as inscrições “ibéricas” (Escrita do Sudoeste) e a Epigrafia grega. Esta diversidade decorre naturalmente do empenho de Hübner na elaboração dos diferentes *corpora* epigráficos e da preocupação de rigor

neles colocada. Leite de Vasconcelos não deixou de aproveitar o contacto para esclarecer dúvidas de leitura e análise epigráficas, aprendendo com o seu correspondente.

A diversidade temática atesta-se nos outros domínios presentes: a Arqueologia (englobando a Mosaística e a Numismática), a História Antiga (abarcando a Geografia Antiga), a Etnologia, a Filologia, a Literatura e ainda a temática das Religiões (especialmente da Lusitânia), tão cara a Leite de Vasconcelos. Muitas destas menções correspondem a pedidos e trocas de bibliografia, que se relacionam directamente com as necessidades do conservador da Biblioteca Nacional em adquirir obras científicas e actualizar-se bibliograficamente.

Uma outra componente relevante concerne às viagens dos dois correspondentes, em número destacado as que o investigador lusitano concretizou. Leite de Vasconcelos viajava por Portugal com o objectivo de recolher os materiais com que construía o Museu Etnográfico Português e as bases da sua investigação. Nas suas deslocações ao estrangeiro, verificamos um interesse em conhecer o património, visitando museus e monumentos, mas também contactando pessoalmente com estudiosos e aprendendo com eles. Numa destas viagens, no ano de 1899, deslocou-se à Alemanha, onde pode privar com Hübner. Também por esta razão, são mencionadas bastantes personalidades, cujas obras constituem por vezes objecto de crítica científica.

A partir de 1893, surgiram novos assuntos na correspondência: o Museu Etnográfico Português, depois denominado Museu Etnológico Português, e o seu periódico *O Arqueólogo Português*, importante meio de comunicação científica.

Como corolário da análise dos conteúdos e como enquadramento destas cartas, traça-se um breve panorama dos estudos epigráficos ao longo dos séculos XVIII e XIX. Constata-se o peso extraordinário dos correspondentes locais, sendo decisivos na realização das obras de cariz epigráfico do erudito germânico.

Uma vez que lidámos com um conjunto substancial de epígrafes, fundamentalmente latinas, achámos que seria interessante, como complemento deste trabalho, estudar o conjunto epigráfico do período romano referido nas cartas, o que concretizamos no Anexo 1.

Key-Words:

Emil Hübner; José Leite de Vasconcelos; Epistolary; History of Epigraphy; Latin Epigraphy

Abstract

This doctoral dissertation aims to edit and analyze the epistolary between Emil Hübner and José Leite de Vasconcelos.

The choice of the two personalities relates with the importance that they hold within the History of Epigraphy, as well as the quantity and quality of the letters, which until this moment remained virtually unpublished. The letters from Hübner are kept in the National Archaeological Museum. The letters from Leite de Vasconcelos are preserved in the Sociedade Martins Sarmento.

We do not have all the letters. It seems that some letters were lost – seven from Hübner and eight from Leite de Vasconcelos –, others went astray – six from Hübner – and perhaps there were still others, of which we have no news, but in our analysis it was possible to reconstitute a collection of 131 letters, 65 sent by the german scholar and 66 addressed by the lusitanian investigator. The correspondence began on April 21, 1888, with a letter of Hübner, and ended on December 18, 1900, with a letter of Leite de Vasconcelos, distributing throughout this period. We do not have letters from the year 1889.

The letters were written in a variety of languages. The german scholar wrote mostly in french, but from 1893 also wrote in german and in the following year also began to write in latin. The lusitanian investigator favored his mother tongue, which Hübner understood, but did not dare to use. In the year 1893, Leite de Vasconcelos began to write letters in latin, from 1898 also wrote in german and wrote part of a letter in french.

In the study of the epistolary, we analyze its thematic scope, in which the Epigraphy stands out wide. The allusions focus in particular on latin Epigraphy, but also cover the early christian Epigraphy, the Iberian inscriptions (Southwest writing) and greek Epigraphy. This diversity is due naturally from the Hübner's commitment to developing the different epigraphic *corpora* and the concern for rigor on them. Leite de Vasconcelos take advantage of the contact to question Hübner with reading doubts and epigraphic analysis, learning from his correspondent.

The thematic diversity attested other areas: Archaeology (encompassing Mosaistic and Numismatics), Ancient History (covering the Ancient Geography), Ethnology, Philology, Literature and even the theme of Religions (especially the Lusitania), so dear to Leite de Vasconcelos. Many of these references correspond to requests and bibliography exchanges, which are directly related to the needs of the lusitanian investigator in acquiring scientific works and update bibliographically.

Another important component concerns the travel of the two correspondents, in number highlighted that the lusitanian investigator made. Leite de Vasconcelos traveled through Portugal in order to collect the materials for the Portuguese Ethnographic Museum and for his research. In his travels abroad, we see an interest in learning about the heritage, visiting museums and monuments, but also by contacting personally with scholars and learning from them. On one of these trips, in 1899, he traveled to Germany where he can deprive with Hübner. For that reason too, it is mentioned quite a few personalities in the epistolary, whose works are sometimes subject to scientific criticism from the correspondents.

From 1893, there were new themes in the letters: the Portuguese Ethnographic Museum, named after Portuguese Ethnological Museum, and its journal *O Arqueólogo Português*, an important mean of scientific communication.

As a corollary of the analysis of the contents and framework of these letters, we draw up a brief overview of the epigraphic studies over the eighteenth and nineteenth centuries. It appears the extraordinary weight of local correspondents, being decisive in carrying out the epigraphic works by the german scholar.

Once we have dealt with a substantial body of epigraphs, primarily latin, we thought it would be interesting, in addition to this work, studying the epigraphic set of the Roman period referred to in the letters, which we completed in Annex 1.

Índice

1. Introdução.....	12
2. Enquadramento da Investigação.....	20
2.1 Estado da Arte	20
2.2 Emílio Hübner e a Hispânia	24
2.3 José Leite de Vasconcelos	29
3. A Correspondência Epistolar	34
3.1 O <i>Corpus</i>	34
3.1.1 MNA, Correspondência, Ms. 10444+A-B, de 25/11/1894	49
3.2 As Línguas de Redacção das Cartas.....	52
3.3 Critérios de Transcrição e de Edição dos Documentos	62
3.4 <i>Corpus</i> da Correspondência Epistolar (CCE).....	64
3.4.1 Ano de 1888	64
3.4.2 Ano de 1890	72
3.4.3 Ano de 1891	81
3.4.4 Ano de 1892	91
3.4.5 Ano de 1893	94
3.4.6 Ano de 1894	102
3.4.7 Ano de 1895	112
3.4.8 Ano de 1896	147
3.4.9 Ano de 1897	163
3.4.10 Ano de 1898	234
3.4.11 Ano de 1899	256
3.4.12 Ano de 1900	264
4. As Temáticas das Cartas: Análise da Correspondência	272
4.1 Os Assuntos Referidos.....	272
4.1.1 Epigrafia.....	304
4.1.2 Epigrafia Latina.....	304
4.1.2.1 As Viagens e a Aquisição de Inscrições	314
4.1.2.2 O Papel d’O <i>Arqueólogo Português</i> na Publicação de Inscrições.....	317
4.1.2.3 A Crítica de Publicações Epigráficas	321
4.1.2.4 O <i>Supplementum</i> do <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> II (CIL II – S).....	322
4.1.2.5 A Participação de Francisco Martins Sarmento	325
4.1.2.6 O Tópico das Religiões da Lusitânia	327

4.1.3 Epigrafia Paleocristã.....	334
4.1.4 Inscrições “Ibéricas”	343
4.1.5 Epigrafia Grega	346
5. Para uma História da Epigrafia	349
5.1 Antecedentes: Da Fundação da Academia Real da História Portuguesa à Chegada de Emílio Hübner a Portugal	349
5.1.1 A Academia Real da História Portuguesa	350
5.1.1.1 A Epigrafia Latina nas Actividades dos Académicos. D. Jerónimo Contador de Argote.....	354
5.1.2 Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas	358
5.1.2.1 Colaboradores e Visitantes de Frei Manuel do Cenáculo	361
5.1.3 A Academia Real das Ciências de Lisboa	364
5.1.4 A Sociedade Archeologica Lusitana.....	369
5.1.5 Outros Autores do Século XVIII e Inícios do Século XIX	371
5.1.6 Panorama dos Estudos Epigráficos em Portugal à Chegada de Hübner	373
5.2 O Projecto do <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> e a Epigrafia em Portugal	374
5.2.1 Hübner e os Correspondentes e Investigadores Portugueses	377
5.2.1.1 <i>CIL</i> II e <i>IHC</i>	383
5.2.1.2 <i>EE</i> I, <i>EE</i> II, <i>IBC</i> , <i>EE</i> IIIb, <i>EE</i> IV, <i>CIL</i> II – <i>S</i>	396
5.2.1.3 <i>MLI</i> , <i>EE</i> VIII, <i>IHC</i> – <i>S</i> , <i>EE</i> IX.....	427
5.2.1.4 <i>Varia</i>	454
5.2.2 Síntese	456
6. Considerações Finais	468
7. Abreviaturas	473
8. Bibliografia	474
8.1 Abreviaturas Bibliográficas.....	474
8.2 Manuscritos.....	475
8.2.1 Academia das Ciências de Lisboa	475
8.2.2 Biblioteca Nacional de Portugal	475
8.2.3 Museu Nacional de Arqueologia	476
8.2.3.1 José Leite de Vasconcelos	476
8.2.3.2 Sebastião Estácio da Veiga	476
8.2.3.3 <i>Vária</i>	476
8.2.4 Sociedade Martins Sarmento	477

8.3 Impressos	477
8.4 Webgrafia	537
Anexo – A Epigrafia Latina: Análise dos Monumentos	541
I.1 Princípios de Apresentação Epigráfica Adoptados.....	542
I.2 Epigrafia Funerária	543
I.2.1 Duas Igrejas, Miranda do Douro	543
I.2.1.1 <i>CIL</i> II – S 5657 (<i>In Situ</i>)	548
I.2.1.2 <i>CIL</i> II – S 5661 (MNA N.º E 6520)	548
I.2.1.3 <i>CIL</i> II – S 5659 (<i>In Situ</i>)	551
I.2.2 Mértola.....	553
I.2.2.1 <i>CIL</i> II – S 5178 (MNA N.º E 6203)	554
I.2.2.2 <i>EE</i> IX 4 = <i>IRCP</i> 100 (MNA N.º E 6352)	555
I.2.2.3 <i>EE</i> IX 5 = <i>IRCP</i> 115 (MNA N.º E 6351)	556
I.2.3 Quinta de Marim	558
I.2.3.1 <i>EE</i> VIII 1 = <i>IRCP</i> 45A (MSR 4224).....	563
I.2.3.2 <i>EE</i> VIII 1 = <i>IRCP</i> 45B (MSR 4224).....	565
I.2.3.3 <i>EE</i> VIII 2 = <i>IRCP</i> 49 (MSR 4223).....	567
I.2.4 Tróia	570
I.2.5 Lisboa	572
I.2.5.1 <i>EE</i> IX 26 = <i>EO</i> 110 (MNA N.º E 6311)	574
I.2.5.2 <i>EE</i> IX 27 = <i>EO</i> 111 (MNA N.º E 6326)	576
I.2.5.3 <i>EE</i> IX 24 = <i>EO</i> 5 (MNA N.º E 6324)	581
I.2.6 Alcáçovas, Alentejo	584
I.2.7 São Tomé de Lamas.....	589
I.2.8 Campo das Aldeias, Abrantes.....	596
I.2.8.1 <i>EE</i> IX 22 (MNA N.º E 6310)	596
I.2.8.2 <i>EE</i> IX 23 (MNA N.º E 6316)	598
I.2.9 Vila Boim	599
I.2.10 Maceira.....	603
I.2.11 Porto de Mós.....	606
I.2.11.1 <i>CIL</i> II – S 5237 (Castelo de Porto de Mós)	607
I.2.11.2 <i>CIL</i> II – S 5238 (Castelo de Porto de Mós)	612
I.2.12 Salir.....	615
I.2.13 Pedrulha, Figueira da Foz	617

I.3 Epigrafia Votiva	625
I.3.1 Endovélico	625
I.3.1.1 <i>O Dia</i>	634
I.3.1.1.1 <i>CIL II – S 6265 (MNA N.º E 7715 = 988.3.9)</i>	634
I.3.1.2 <i>Aurora do Cávado</i>	636
I.3.1.2.1 <i>CIL II – S 6269b (MNA N.º E 7916 = 988.3.30)</i>	636
I.3.1.2.2 <i>CIL II – S 6267b (MNA N.º E 7826 / 7896 = 988.3.69)</i>	637
I.3.1.2.3 <i>CIL II – S 6267a (MNA N.º E 7918 = 988.3.32)</i>	638
I.3.1.3 <i>CCE 11 (MNA Ms. 10450)</i>	641
I.3.1.3.1 <i>CIL II – S 6329 (MNA N.º E 7920 = 988.3.44)</i>	642
I.3.1.3.2 <i>CIL II – S 6330 (MNA N.º E 7861 = 988.3.67)</i>	644
I.3.1.3.3 <i>CIL II – S 6331, 6334 (MNA N.º E 7741 = 988.3.64)</i>	649
I.3.1.3.4 <i>CIL II – S 6332 (MNA N.º E 7925 / 7935 = 988.3.196)</i>	653
I.3.1.3.5 <i>CIL II – S 6333a-6333c (MNA N.º E 7848 / 7849 / 7852 / 7855 / 7924 / 7933 / 7949 = 988.3.195)</i>	654
I.3.1.3.5.1 <i>CIL II – S 6333a (MNA N.º E 7852 = 988.3.195)</i>	656
I.3.1.3.5.2 <i>CIL II – S 6333b (MNA sem N.º = 988.3.195)</i>	658
I.3.1.3.6 <i>CIL II – S 6335 (MNA 988.3.203)</i>	659
I.3.1.3.7 <i>CIL II – S 6336 (MNA N.º E 7795 = 988.3.53)</i>	661
I.3.1.4 <i>IRCP 523 (MNA N.º 7790 = 988.3.167)</i>	662
I.3.2 Panóias	663
I.3.3 Fonte do Ídolo	669
I.3.4 Band-	681
I.4 Epigrafia em Cerâmica	685
I.4.1 Cáquere	685
I.4.2 Minho	686
I.4.3 Olhos, Castro Marim	687
I.5 Dúvidas Epigráficas	689
I.5.1 COS (Ossonoba)	689
I.6 Epigrafia Monumental	691
I.6.1 Balsa	691

Índice de Tabelas

Tabela 1: Relação Cronológica da Correspondência	40
--	----

Tabela 2: Locais de Redacção (ou Envio) e de Destino (ou Recepção) das Cartas	47
Tabela 3: Línguas de Redacção das Cartas	55
Tabela 4: Assuntos Referidos na Correspondência Epistolar entre Hübner e Leite de Vasconcelos.....	293
Tabela 5: Correspondência entre os Números da Carta CCE 78 (MNA Ms. 10477) e do <i>IHC – S</i>	337
Tabela 6: Lista dos Correspondentes Portugueses ou de Portugal de Hübner	382
Tabela 7: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do <i>CIL II</i>	387
Tabela 8: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do <i>IHC</i>	388
Tabela 9: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da <i>EE I</i>	397
Tabela 10: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da <i>EE II</i>	397
Tabela 11: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração dos <i>Additamenta</i> do <i>IHC</i> , no <i>IBC</i>	397
Tabela 12: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da <i>EE IIIb</i>	397
Tabela 13: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da <i>EE IV</i>	398
Tabela 14: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do <i>CIL II – S</i>	408
Tabela 15: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do <i>MLI</i>	427
Tabela 16: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da <i>EE VIII</i>	432
Tabela 17: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do <i>IHC – S</i>	434
Tabela 18: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da <i>EE IX</i>	437
Tabela 19: Síntese dos Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de <i>CIL II</i> , <i>EE I</i> , <i>EE II</i> , <i>EE III</i> , <i>EE IV</i> , <i>CIL II – S</i> , <i>EE VIII</i> , <i>EE IX</i>	458
Tabela 20: Síntese dos Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de <i>IHC</i> , <i>IBC</i> , <i>IHC – S</i>	460
Tabela 21: Síntese dos Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de <i>MLI</i>	461

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Volume de Correspondência.....	40
Gráfico 2: Volume de Correspondência por Ano.....	42

Gráfico 3: Volume dos Locais das Cartas	48
Gráfico 4: Línguas de Redacção das Cartas de Hübner	55
Gráfico 5: Línguas de Redacção das Cartas de Hübner por Ano	56
Gráfico 6: Línguas de Redacção das Cartas de Leite de Vasconcelos	57
Gráfico 7: Línguas de Redacção das Cartas de Leite de Vasconcelos por Ano	57
Gráfico 8: Frequência dos Assuntos Referidos na Correspondência	295
Gráfico 9: Volume dos Assuntos Epigráficos por Ano	296
Gráfico 10: Volume dos Assuntos por Ano: Áreas Científicas.....	297
Gráfico 11: Volume dos Assuntos por Ano: Condições Científicas em Portugal, Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português, Viagens de Hübner, Viagens de Leite de Vasconcelos.....	298
Gráfico 12: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de <i>CIL</i> II, <i>EE</i> I, <i>EE</i> II, <i>EE</i> III, <i>EE</i> IV, <i>CIL</i> II – S, <i>EE</i> VIII, <i>EE</i> IX	459
Gráfico 13: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de <i>IHC</i> , <i>IBC</i> , <i>IHC</i> – S.....	461
Gráfico 14: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de <i>MLI</i>	462

Índice de Fotos

Foto 1: <i>EE</i> IX 27 = <i>EO</i> 111.....	579
Foto 2: <i>EE</i> IX 27 = <i>EO</i> 111, início da primeira linha	579
Foto 3: <i>EE</i> IX 27 = <i>EO</i> 111, início da segunda linha.....	580
Foto 4: <i>EE</i> IX 27 = <i>EO</i> 111, final da segunda linha.....	580
Foto 5: <i>EE</i> IX 27 = <i>EO</i> 111, terceira linha.....	580
Foto 6: <i>EE</i> IX 24 = <i>EO</i> 5.....	583
Foto 7: <i>CIL</i> II 86	588
Foto 8: <i>CIL</i> II 86, início da segunda linha.....	588
Foto 9: <i>CIL</i> II 86, início da quarta linha.....	589
Foto 10: <i>EE</i> VIII 301.....	594
Foto 11: <i>EE</i> VIII 301.....	595

Foto 12: <i>EE VIII 301</i>	595
Foto 13: <i>CIL II – S 6273</i> , sexta linha	606
Foto 14: <i>CIL II – S 6273</i> , nona linha.....	606
Foto 15: <i>CIL II – S 5237</i>	611
Foto 16: <i>CIL II – S 6332</i>	654
Foto 17: <i>CIL II – S 6332</i> , quinta (sétima) linha.....	654
Foto 18: <i>CIL II – S 6335</i> , primeira linha	660
Foto 19: <i>CIL II – S 6335</i> , segunda linha	660

1. Introdução

Quando pensamos nos estudos epigráficos, visamos sobretudo o estado actual da investigação, a edição de novas inscrições ou correcções de leituras. É certo que atendemos a toda uma longa tradição epigráfica, mas o empenho na investigação sobre esse passado tem sido bastante diminuto. Por essa razão, encarámos como bastante estimulante e útil prestar alguma atenção à rica documentação epistolográfica, em grande parte desconhecida, que preenche os fundos das nossas instituições centenárias. Neste contexto, olhar para Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos tornava-se incontornável, não apenas por serem duas figuras de extraordinário relevo na história da disciplina, como pelo facto de dispormos de ampla documentação manuscrita que lhes diz respeito e esta se encontrar virtualmente inédita.

Deste modo, a dissertação de doutoramento que ora se apresenta pretende colmatar uma parte dessa lacuna, visando essencialmente um objectivo, que consiste em editar e analisar a correspondência epistolar trocada entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos. Uma vez que lidámos com um conjunto substancial de epígrafes, fundamentalmente latinas, achámos que seria interessante, como complemento deste trabalho, estudar o conjunto epigráfico do período romano referido nas cartas.

A escolha destes dois autores, para tema da dissertação de doutoramento, explica-se facilmente pela importância que assumem, no âmbito da História da Epigrafia, estas duas figuras, e pela dimensão e riqueza da correspondência epistolar trocada entre os dois investigadores, só comparável com a que o erudito alemão trocou com Martins Sarmento, já editada.

Emílio Hübner, arqueólogo, filólogo e epigrafista alemão, foi o responsável pela organização do volume do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, dedicado à Península Ibérica, assim como do seu *Supplementum*. Esta obra pretendeu recolher, segundo uma metodologia científica rigorosa e crítica, todas as inscrições da *Hispania*. Deste modo, a sua publicação contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da ciência epigráfica na Península Ibérica, apresentando um exaustivo repositório de inscrições, com leituras mais correctas e abalizadas cientificamente. Na produção dos dois volumes referidos, Hübner recorreu aos investigadores locais, mantendo com eles contacto, essencialmente por via epistolar. É neste âmbito de relações científicas que também se inscreve a correspondência epistolar entre Hübner e Leite de Vasconcelos.

José Leite de Vasconcelos, arqueólogo, fundador do Museu Etnográfico Português, actual Museu Nacional de Arqueologia, foi o primeiro professor universitário regente de Epigrafia em Portugal, actividade que desenvolveu na Faculdade de Letras de Lisboa entre 1913 e 1929, com uma breve interrupção em 1928. A sua obra *Religiões da Lusitânia* constituiu o primeiro estudo exaustivo e metódico do tema. Nos segundo e terceiro volumes, o autor baseou-se principalmente nas fontes epigráficas, utilizando-as, de uma forma inovadora, como fontes históricas, por considerá-las fundamentais para uma compreensão rigorosa e adequada da temática.

Entre estas duas figuras proeminentes desenvolveu-se uma profícua relação científica que se consubstanciou num conjunto de missivas que chegou até nós. A documentação epistolar encontrava-se em grande parte inédita, pelo que pretendemos, acima de tudo, colocá-la à disposição do meio científico. Deste modo, deslocámo-nos ao Museu Nacional de Arqueologia, onde se preservam as cartas enviadas por Hübner a Leite de Vasconcelos, e à Sociedade Martins Sarmiento, onde se guardam as missivas remetidas por Leite de Vasconcelos a Hübner. Transcrevemos e organizámos todos os manuscritos, aos quais juntámos alguns artigos, que na nossa opinião pertencem também à correspondência epistolar, dado que assumem deliberadamente essa forma, como indicamos no capítulo 3.1. Procedemos à fixação dos textos com base nos critérios definidos no subcapítulo 3.3 e logo de seguida à sua tradução, uma vez que as línguas utilizadas compreendem não só o português, mas também o francês, o alemão e o latim. Tratando-se de manuscritos, é natural que a leitura dos documentos nem sempre seja clara.

No que diz respeito à organização do nosso trabalho, dividimo-lo em vários capítulos e ainda um anexo, igualmente subdividido.

Após a Introdução (capítulo 1), apresentamos o Enquadramento da Investigação (capítulo 2). Neste capítulo abordamos as várias acções e estudos que se têm realizado sobre as duas personalidades referidas, assim como os vários trabalhos de edição e/ou análise das suas correspondências epistolares. Quem aborda este tema constata facilmente que, apesar do relevo destas figuras, da excepcional dimensão do espólio e do facto de este se encontrar acessível em instituições bem conhecidas, os trabalhos de edição e análise desta vertente da documentação manuscrita se encontra na sua fase inicial. Aludimos igualmente à investigação epigráfica. Efectuamos igualmente uma biografia sintética dos dois correspondentes.

O capítulo 3 constitui uma componente fundamental do trabalho, uma vez que nele se edita a correspondência trocada entre Hübner, que para além da sua condição de académico da Real Academia Prussiana de Letras (*Academia Litterarum Regia Borussica*) era um reconhecido docente da Universidade de Berlim, e Leite de Vasconcelos, que na altura se apresentava essencialmente como conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa (dado que ao tempo não existia sequer a Faculdade de Letras, criada apenas em 1911), mas cuja importância se vem a afirmar em particular devido à sua condição de director do Museu Etnográfico / Etnológico, de que foi igualmente fundador. A documentação epistolar que nos chegou inicia-se em 1888 com uma missiva de 24 de Abril enviada por Hübner, razão pela qual, por regra, o colocamos em primeiro lugar, nos diferentes domínios tratados.

No capítulo 3.1, analisamos questões relacionadas com a própria documentação: referimos a localização das missivas; organizamos cronologicamente as epístolas, estabelecendo uma seriação que inclui as cartas perdidas ou de paradeiro desconhecido. Nem todas as epístolas contêm a data explicitamente indicada e legível. Deste modo, conjugámos as informações patentes nessas cartas, assim como nas missivas imediatamente anteriores e seguintes. Estes aspectos são desenvolvidos nas respectivas epístolas.

Explicitamos a quantidade de missivas de cada um dos correspondentes, quer geral, quer especificamente por ano, abordando as substanciais diferenças que se verificam ao longo do tempo, principalmente os maiores aumentos, e procurando, dentro do alcance limitado da nossa informação, encontrar uma explicação para essa irregularidade, aspecto que desenvolvemos no capítulo 4. Contabilizámos um total de 131 cartas, tendo Hübner remetido 65 e Leite de Vasconcelos 66. Destas missivas, extraviaram-se seis epístolas do sábio alemão e desconhecemos o paradeiro de sete cartas deste correspondente e oito missivas do investigador lusitano. Em 1889 não se encontra documentada qualquer troca de missivas.

Comentamos as características físicas da documentação; analisamos, enfim, a dispersão geográfica dos locais de redacção ou envio e de destino ou recepção das epístolas. Num caso muito peculiar levantou-se a questão da pertinência de certa documentação no núcleo epistolar aqui tratado: no subcapítulo 3.1.1 explicamos por que razão se optou por retirar o manuscrito 10444+A+B do Museu Nacional de Arqueologia desse conjunto.

No capítulo 3.2, examinamos as línguas que foram utilizadas na redacção das cartas. Por se tratar de uma situação bastante mais complexa do que é normal e sem paralelo nos casos que conhecemos (são utilizados quatro idiomas distintos), resolvemos conferir alguma importância a este aspecto geralmente tratado de forma muito sumária.

No capítulo 3.3, estabelecemos os critérios de transcrição e edição dos próprios documentos que compõem a correspondência epistolar trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos, assim como de outras missivas que também incluímos no nosso estudo, quando considerámos pertinente.

No capítulo 3.4, apresentamos a correspondência epistolar, dividida por anos. Em nota de rodapé apresentamos todas as personalidades e assuntos referidos nas missivas, remetendo para os capítulos da presente dissertação nos casos em que desenvolvemos as respectivas temáticas.

No capítulo 4, procedemos a uma análise das temáticas patentes nas cartas. Organizámos uma tabela com os assuntos referidos em cada missiva e de modo a aferirmos a frequência dos temas, preparámos igualmente alguns gráficos, que permitem tanto uma visualização da sua frequência em toda a correspondência, como a sua oscilação nos diferentes anos. Por norma a análise que conduzimos é bastante sumária. No entanto, sendo a Epigrafia o assunto mais abordado na correspondência e ao mesmo tempo o tópico fundamental que motiva este trabalho, as nossas observações centraram-se particularmente neste tema, analisando-o com maior profundidade. Tendo em vista uma melhor ordenação desta matéria tão largamente tratada nas cartas, subdividimos o seu tratamento nos seguintes apartados: Epigrafia Latina, Epigrafia Paleocristã, Inscrições “Ibéricas” e Epigrafia Grega. Optámos por utilizar o termo Inscrições “Ibéricas” ao invés de Escrita do Sudoeste, devido ao facto de ter sido assim que Leite de Vasconcelos designou esta realidade (Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-41). Não obstante, empregámos o vocábulo Escrita do Sudoeste, nomeadamente quando não nos referimos ao trabalho de Leite de Vasconcelos, especialmente quando nos reportamos à investigação mais recente.

No âmbito temático da Epigrafia latina, analisamos também em subcapítulos individualizados o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, o trabalho efectuado por Francisco Martins Sarmiento, e as alusões ao tópico das religiões da Lusitânia, tão querido de Leite de Vasconcelos. No que respeita ao sítio arqueológico de Panóias, que, como se sabe, contém Epigrafia grega e latina, englobámos a sua análise nesta última, porque a ela pertence não só a maioria das inscrições aí subsistentes, como

pela sua inserção cultural em contexto plenamente romano. Na ordenação destes capítulos respeita-se a data da primeira vez que o tópico surge na correspondência.

Logo no início do trabalho, colocou-se-nos um problema terminológico de alguma importância, tratado em alguma literatura da especialidade, que consiste na adequação (ou não) dos adjetivos usados para qualificar a Epigrafia latina ou romana. Como Pedro López Barja explana claramente no seu livro (López Barja, 1993, p. 14), *Epigrafia latina* engloba todas as inscrições escritas em latim, extravasando o período romano e excluindo os monumentos desta época histórica redigidos em grego. Por outro lado, *Epigrafia romana* abarca todas as inscrições do período romano, nomeadamente os monumentos escritos em língua latina e aqueles que apresentam a língua grega. Todavia, no nosso trabalho desejámos especificar cada uma das Epigrafias, ou seja, a latina do período romano, a grega do período romano e a paleocristã. Assim, tendo em conta os limites conceptuais de cada um dos termos, optámos por considerar o uso de ambos, *Epigrafia latina* e *Epigrafia romana*, assim como de um terceiro, *Epigrafia do período romano*, para designar uma mesma realidade, do âmbito das inscrições do período romano escritas em latim.

Refira-se ainda que, apesar de a numeração do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e o seu *Supplementum* ser sequencial e fácil de distinguir por especialistas, individualizamos cada uma destas obras – *CIL* II e *CIL* II – *S* –, de modo a destacá-las numa perspectiva de História da Epigrafia. Uma vez que os contributos de Leite de Vasconcelos são todos posteriores à primeira edição da obra, será mais fácil identificar as referências às actualizações que resultam da sua colaboração ou dos seus contemporâneos.

Em vários subcapítulos abordamos as substanciais diferenças que se verificam ao longo dos anos quanto ao volume de correspondência no âmbito das respectivas temáticas, procurando, dentro do alcance limitado da nossa informação, encontrar uma explicação para essa irregularidade.

O objectivo do capítulo 5 é compreender a evolução dos estudos epigráficos ao longo dos séculos XVIII e XIX, enquadrando desta forma a correspondência trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos. Dividimos a explanação deste assunto em dois capítulos distintos. Um que compreende um longo período que vai do final do primeiro quartel do século XVIII ao início dos trabalhos preparatórios do *corpus* das inscrições latinas por Hübner. O outro abarca o período da relação deste epigrafista com a Península Ibérica, no qual se inseriu também a primeira parte da actividade científica de

Leite de Vasconcelos. Desta forma se pode apreciar a mudança substancial que se regista com o lançamento desse grande projecto e as repercussões que este teve na investigação epigráfica em Portugal.

Neste capítulo pode repetir-se alguma informação. Tal explica-se pela necessidade de compreender melhor a evolução momento a momento e permite observar em que medida os trabalhos que vão sendo realizados são integrados progressivamente na investigação de Hübner, com reflexos nas diversas obras, nomeadamente nos volumes da *Ephemeris Epigraphica*. Igualmente para verificar em que medida os novos investigadores são introduzidos na lista dos correspondentes de Hübner e os anteriores colaboradores se mantêm. Corre-se, deste modo, naturalmente o risco de gerar frequentes repetições, mas pensamos que este problema é menos relevante do que os benefícios que se retiram da perspectiva adoptada.

As limitações de extensão impostas ao trabalho impediram o tratamento mais aprofundado dos temas em geral, incluindo a análise da História da Epigrafia. Deste modo, não se pode entender o nosso trabalho como um estudo exaustivo do estado da Epigrafia no século XIX, mas apenas um primeiro contributo para a investigação neste domínio, centrado fundamentalmente nos dois epigrafistas em análise.

No anexo I, estudamos o conjunto epigráfico referenciado na correspondência. Aproveitamos a oportunidade para avaliar criticamente os trabalhos desenvolvidos por Hübner e Leite de Vasconcelos, assim como as suas potencialidades e limitações, examinar a evolução dos estudos epigráficos desde o século XIX e rever a documentação, não sendo contudo exaustivos.

A organização segue a primeira referência que surge na correspondência. Deste modo, a ordem dos capítulos é: Epigrafia Funerária, Epigrafia Votiva, Epigrafia em Cerâmica, Dúvidas Epigráficas e Epigrafia Monumental. Nos respectivos subcapítulos, seguimos a mesma regra.

O estudo que nos propomos realizar abarca essencialmente uma temática patente na correspondência epistolar entre Hübner e Leite de Vasconcelos, a Epigrafia. Mas as cartas apresentam-nos outros temas. Seria útil e interessante, para a compreensão integral desta correspondência e para o seu uso global como fonte historiográfica, analisarmos as várias temáticas. Contudo, estamos condicionados pelas limitações que a lei impõe à dimensão e ao tempo de elaboração de uma dissertação de doutoramento. Assim, iniciaremos a edição destes temas em periódicos especializados ou similar, após a entrega da nossa dissertação de doutoramento na Universidade.

No que respeita a aspectos metodológicos e em concreto à norma de citação bibliográfica, seguimos a utilizada na *Revista Portuguesa de Arqueologia*, que no essencial corresponde à NP 405-1, com algumas excepções. Sobre a actualização de nomes de pessoas e de livros e periódicos, *vide* o que se estabelece no capítulo 3.3 (*Vide* capítulo 3.3). Nas referências bibliográficas que realizamos no texto, a ordem que optámos é cronológica.

A obra do *Corpus Inscriptionum Latinarum* é sobejamente conhecida como *CIL* e na vasta bibliografia epigráfica não identificámos nunca a referência bibliográfica à totalidade dos volumes, mesmo quando estes são referidos ao longo dos textos. Deste modo, optámos por concretizar a referenciação geral nas abreviaturas (*Vide* capítulo 8.1). Todavia, desejámos especificar os volumes da autoria de Hübner, por se tratar de um dos correspondentes ora em estudo, pelo que na Bibliografia efectuamos a respectiva referência bibliográfica (*Vide* capítulo 8.3).

Não seguimos o Acordo Ortográfico de 1990, por o autor não se rever nas alterações estabelecidas nesse documento.

No decorrer da investigação e redacção desta dissertação de doutoramento usufruí de contributos de várias pessoas, às quais exprimo os meus mais profundos agradecimentos.

A Ti. À Irina e aos meus Pais. À minha Avó e ao Argos. A todos os familiares e amigos.

Aos meus orientadores, a Doutora Helena Gimeno Pascual, que nessa qualidade acompanhou em parte esta dissertação, e ao Prof. Doutor Amílcar Guerra.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia, que através da concessão de uma bolsa criou condições particularmente favoráveis para a realização deste trabalho.

Ao Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) e ao Professor Doutor Victor Gonçalves, por ter aceitado que o projecto desta dissertação fosse acolhido no âmbito dessa instituição.

Ao Dr. José Cardim Ribeiro e aos Professores Doutores Carlos Fabião, Cristina Pimentel, Arnaldo Espírito Santo e José Segurado e Campos, que com a sua generosidade e o seu imenso saber me ajudaram e em muito contribuíram para melhorar este trabalho.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, nas pessoas de Dr. Luís Raposo, Dr. António Carvalho, Dra. Maria José Albuquerque, Alexandra Marques, Dra. Renata Talarico,

Dra. Lúvia Coito, Maria do Carmo, Adília Antunes, Dra. Ana Isabel Santos, Luísa Guerreiro Jacinto, Luís Antunes, Dr. Paulo Alves e Helena Figueiredo, que puseram à minha disposição o espólio manuscrito de Leite de Vasconcelos, parte essencial deste trabalho, me concederam muitas facilidades e com a sua simpatia e empenho profissional tornaram as minhas tarefas mais fáceis e os momentos de investigação mais agradáveis.

À Sociedade Martins Sarmento, nas pessoas do Presidente da Direcção, o Dr. António Amaro das Neves, que amavelmente nos facilitou o acesso à correspondência ali depositada, com especial destaque para a de Emílio Hübner, componente fundamental deste trabalho, e nos autorizou a realização de fotografias digitais de alguns manuscritos, e da Dra. Daniela Cardoso e Da. Eduarda.

Espero que, ao editar e analisar uma parte do repositório de manuscritos que estas duas grandes instituições albergam, possa contribuir para que elas sejam ainda mais conhecidas e apreciadas pelo seu enorme labor, mais que centenário, em prol da ciência.

À Dra. Luísa Machado, do Museu Municipal de Porto de Mós, à Dra. Helena, da biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, à Dra. Isabel Pinto, da Câmara Municipal de Elvas e ainda à equipa do Museu Santos Rocha, pela sua disponibilidade, simpatia e ajuda no acesso aos monumentos epigráficos e a bibliografia.

As traduções que efectuámos foram revistas por profissionais / especialistas das respectivas línguas: Professora Doutora Cristina Pimentel para o latim, Dra. Maria João Schalk para o alemão e Dra. Sandra Caetano para o francês, a quem agradecemos encarecidamente.

Ainda ao Dr. M. Blech, ao Doutor Thomas G. Schattner e ao Doutor Manfred Schmidt, por nos esclarecerem determinadas dúvidas sobre Hübner e as realidades germânicas.

Se nos esquecemos de alguém, que nos desculpe, com a bondade habitual.

2. Enquadramento da Investigação

2.1 Estado da Arte

O ano de 2008 foi marcado, no meio científico, pelas celebrações dos aniversários dos nascimentos de Emílio Hübner e de José Leite de Vasconcelos.

O 175.º aniversário do sábio alemão foi recordado por um colóquio promovido pelo Instituto Arqueológico Alemão e pela Real Academia de la Historia, onde foram abordados vários aspectos do seu trabalho. No volume das actas, observamos contributos importantes sobre a vida, a personalidade, a formação universitária e científica, a bibliografia e as relações pessoais e epistolares do erudito germânico, assim como o vasto trabalho que realizou, nomeadamente na Epigrafia, com o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, o volume *Inscriptiones Hispaniae Christianae* e o dos *Monumenta Linguae Ibericae*, e também na Arqueologia da Península Ibérica, de que destacamos os estudos sobre os guerreiros galaico-lusitanos e a cultura castreja do Noroeste peninsular, por respeitar ao território actualmente português (Blech, Maier Allende & Schattner (eds.), 2014).

O 150.º aniversário do investigador português foi comemorado por uma vasta actividade. O Museu Nacional de Arqueologia concretizou um programa que incluiu sessões evocativas e ciclos de palestras sobre o trabalho de Leite de Vasconcelos, a inauguração de exposições relativas a aspectos da sua investigação e às suas viagens, assim como o lançamento de um volume especial d'*O Arqueólogo Português*, especialmente dedicado ao homem e à sua obra, entre outras actividades (VVAA, 2008a; VVAA, 2008b, pp. 45-54; Raposo (ed.), 2008). Estabeleceu parcerias com distintas instituições. A Academia Portuguesa de História preparou uma jornada sobre o trabalho de Leite de Vasconcelos, que editou. Ocorreu uma sessão solene na Academia das Ciências de Lisboa, onde foi lançada a fotobiografia do egrégio arqueólogo (VVAA, 2008a; Coito, Cardoso & Martins, 2008; Raposo, 2008, pp. 41-44; VVAA, 2008b, pp. 45-54; Cardoso (ed.), 2009). Foi promovido um concurso musical, juntamente com a Escola Superior de Música de Lisboa. Sucederam-se ainda outras sessões evocativas, homenagens e exposições em alguns pontos do país, que se prolongaram ao ano de 2009 (VVAA, 2008a; VVAA, 2008b, pp. 45-54).

50 anos antes destas comemorações, em 1958, a Academia das Ciências de Lisboa tinha organizado uma sessão comemorativa e em 1960 foi editado o livro do centenário de Leite de Vasconcelos (VVAA, 1960; Raposo, 2008, pp. 41-42).

O 120.º aniversário do Museu Nacional de Arqueologia, criado Museu Etnográfico Português, decorrido em 2013, incluiu novamente sessões sobre o trabalho e a poesia do investigador português, seu fundador, programa em que estivemos directamente envolvidos na preparação, organização e concretização. Em certa medida, o trabalho que agora se apresenta insere-se nesse mesmo espírito celebrativo, sublinhando o impacto de duas figuras marcantes dos estudos epigráficos nos finais do século XIX, perspectivado através da análise das missivas trocadas entre eles.

A importância da correspondência epistolar como fonte da Arqueologia portuguesa foi percebida por vários investigadores, inclusive pelo próprio Leite de Vasconcelos, que publicou algumas cartas que recebeu de Martins Sarmento (Vasconcelos, 1900b, pp. 83-96). O caso deste ilustre vimaranense pode servir de paradigma ao nosso trabalho, pois encontra-se editada, desde meados do século XX, por Mário Cardozo, a correspondência trocada entre Martins Sarmento e Hübner e as missivas que Leite de Vasconcelos remeteu ao arqueólogo de Guimarães (Cardozo, 1947; Cardozo, 1958). Por esta razão, privilegiamos esta documentação no estudo que desenvolvemos. Também Mesquita de Figueiredo publicou em livro as epístolas trocadas com Hübner. Contudo, se exceptuarmos estes casos, toda a restante correspondência permaneceu durante décadas em boa parte inédita (Beça, 1915, pp. 74-106; Figueiredo, 1948; Gama, 1964; Gama, 1966).

Desde o final do século XX, tem-se verificado um incremento nas edições e estudos sobre a documentação epistolar de Leite de Vasconcelos, tornada conhecida principalmente após a obra de Livia Coito sobre o epistolário do arqueólogo (Pereira, 1993-1994, pp. 89-101; Oliveira & Cunha, 1993-1994, pp. 103-134; Raposo, 1993-1994, pp. 223-290; Oliveira & Cunha, 1998, pp. 57-85; Coito, 1999; Galhoz, 2000, pp. 127-139; Cardoso, 2004; Albuquerque, 2006, pp. 19-39; Cardoso, 2006, pp. 151-165; Cardoso, 2008, pp. 345-362; Vieira, Castro & Rodrigues-Moura, 2008, pp. 451-470; Pinto, 2008, pp. 471-512; Abrantes, 2008, pp. 513-542; Gomes, 2008, pp. 543-576; Gonçalves, 2009, pp. 27-36; Cardoso, 2009, pp. 85-180; Coito, 2011, pp. 229-247; Abrantes, 2011, pp. 249-266; Serras & Carneiro, 2011, pp. 267-300; Alegria, Daveau & Garcia, 2011; Cardoso, 2012, pp. 75-185). Também o espólio de Hübner começou a ser publicado e analisado. Entre outros trabalhos, nos volumes de homenagem aos

epigrafistas ora em estudo, foram incluídos artigos do âmbito da temática epistolar (Albuquerque, 2006, pp. 19-39; Cardoso, 2008, pp. 345-362; Vieira, Castro & Rodrigues-Moura, 2008, pp. 451-470; Pinto, 2008, pp. 471-512; Abrantes, 2008, pp. 513-542; Gomes, 2008, pp. 543-576; Gonçalves, 2009, pp. 27-36; Cardoso, 2009, pp. 85-180; Remesal Rodríguez, 2014, pp. 161-176; Miranda Valdés, 2014, pp. 177-186; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 187-218; Guerra, 2014, pp. 219-240). Em volumes isolados saíram a lume a correspondência trocada entre o sábio alemão e Aureliano Fernández-Guerra, com uma análise de âmbito epigráfico, e entre o primeiro director do Museu Nacional de Arqueologia e Orlando Ribeiro (Alegria, Daveau & Garcia, 2011; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011). A natureza destes trabalhos é bastante variável. Enquanto certos editores apresentam somente o texto das cartas, outros comentam e anotam as missivas, alguns sem mesmo as transcrever, com um aparato biográfico, temático e bibliográfico, normalmente breve.

Por outro lado, apesar de ter sido concretizada uma listagem de todas as cartas recebidas por Leite de Vasconcelos (Coito, 1999; Coito, 2011, pp. 229-247) e de a correspondência se encontrar disponível no Museu Nacional de Arqueologia (de Hübner para Leite de Vasconcelos) e na Sociedade Martins Sarmento (de Leite de Vasconcelos para Hübner), a documentação não foi publicada, à excepção de parte de uma missiva numa nota no livro das relações epistolares entre Hübner e Martins Sarmento de Cardozo (CCE; MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 12-67, de sem data a 18/12/1900; Cardozo, 1947, pp. 112-113, nota 30). O Museu Nacional de Arqueologia editou uma fotobiografia do seu fundador, onde se limitou a apresentar reproduções fotográficas da correspondência trocada por Leite de Vasconcelos com inúmeras personalidades portuguesas e estrangeiras, inclusivamente com Hübner (Coito, Cardoso & Martins, 2008). Amílcar Guerra apresentou uma comunicação acerca das relações entre o sábio alemão e alguns arqueólogos portugueses, entre os quais o conservador da Biblioteca Nacional, usando como fonte a correspondência entre os dois investigadores. Contudo, devido à natureza do estudo, o autor não analisou em pormenor os vários assuntos presentes nas cartas, designadamente a nível epigráfico (Guerra, 2014, pp. 219-240).

Pode dizer-se, portanto, que esta vertente da investigação relativa à presença da Epigrafia na correspondência se encontra por explorar. A Epigrafia surge em algumas destas publicações, mas de uma forma assaz elementar, que contrasta com os objectivos

da dissertação de doutoramento que propomos. De modo semelhante, no livro onde foi editada a documentação epistolar trocada entre Hübner e Aureliano Fernández-Guerra é concedida uma ênfase especial à temática epigráfica (Gimeno Pascual, Miranda Valdés & Sánchez Medina, 2011).

O estudo da correspondência entre o erudito germânico e o fundador do Museu Etnográfico Português motivou também uma minha publicação anterior. Esta investigação conduziu à releitura de inscrições do *corpus* de Endovélico e à consequente descoberta de novas formas do teónimo (Marques, 2011, pp. 505-524).

Neste ano de 2015, realizou-se uma exposição sobre Leite de Vasconcelos no Castelo de Vila Viçosa, numa parceria entre a Fundação da Casa de Bragança e o Museu Nacional de Arqueologia (Monge & Carvalho (eds.), 2015).

A temática historiográfica está presente em muitas obras de Epigrafia. Um dos primeiros autores constituiu Hübner, que realizou uma análise bastante completa na sua obra *Noticias Archeologicas de Portugal* e concretizou uma listagem de toda a bibliografia no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, assim como no respectivo *Supplementum*, englobando todo o país (*CIL* II; Hübner, 1871b; *CIL* II – S). Por outro lado, Leite de Vasconcelos efectuou uma resenha histórica na necrologia de Borges de Figueiredo, mas de forma generalista e focada principalmente na Arqueologia (Vasconcelos, 1890e, pp. 5-11). Da mesma forma, vários estudos historiográficos recentes da História da Arqueologia têm incluído a Epigrafia, mas de forma assaz elementar (Fabião, 1989, pp. 10-26; Cardoso, 2001, pp. 9-30; Fabião, 2011).

Muitos autores têm contextualizado historicamente os seus estudos regionais ou temáticos de âmbito epigráfico. Não é viável, no âmbito deste trabalho, fazer um elenco exaustivo de todas as obras que dedicaram alguma atenção a essa componente histórica, limitando-nos a apresentar alguns exemplos mais conhecidos. Destes, destacamos Vieira da Silva, que apresentou uma análise desenvolvida da História da Epigrafia de Lisboa, usando a bibliografia mais antiga (*EO*). Já José Manuel Garcia, que comentou e actualizou epigraficamente as *Religiões da Lusitânia* de Leite de Vasconcelos, constituindo o seu livro uma obra incontornável em termos de fontes epigráficas do âmbito votivo, estabeleceu o seu limite bibliográfico no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, citando apenas a bibliografia posterior, como de resto nós próprios na nossa dissertação de mestrado (*RAP*; Marques, 2005).

José d'Encarnação nas *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* e Rodríguez Colmenero no *O Santuário Rupestre Galaico-Romano de Panóias*

transcreveram os próprios textos dos autores mais antigos, concedendo maior visibilidade e importância à documentação mais antiga, nomeadamente manuscritos e artigos (*DIP*; Rodríguez Colmenero, 1999). Encarnação tem dado alguns contributos específicos para a História da Epigrafia (Encarnação, 1988, pp. 204-207; Encarnação, 2011, pp. 869-884).

Alguns investigadores têm retomado, analisado e validado autores mais antigos, como efectuaram por exemplo Cardim Ribeiro e Luís da Silva Fernandes (Ribeiro, 1982-1983, pp. 418-424; Fernandes, 2002, pp. 197-220).

No decorrer do nosso doutoramento tivemos ainda oportunidade de iniciar o estudo da correspondência enviada por Hermann Dessau a Leite de Vasconcelos, focando os nossos estudos para os assuntos epigráficos (Coito, 1999, p. 89, n.º 1051; Marques, 2013; Marques, 2014).

Assim, ainda que presente em inúmeros trabalhos, constatamos que a temática da História da Epigrafia não tem constituído um tema central na investigação epigráfica, mas ao invés secundário, não existindo até ao momento um estudo aprofundado e completo, semelhante ao que se tem realizado para a História da Arqueologia, obrigando-nos a recuar às obras de Hübner. Com o nosso trabalho desejamos colmatar de certo modo esta realidade, ainda que de forma sintética, reservando para trabalhos futuros a continuação e desenvolvimento desta linha de investigação, que se revelou tão rica e interessante.

2.2 Emílio Hübner e a Hispânia

Emílio Hübner nasceu em Düsseldorf no dia 7 de Julho de 1834 e faleceu em Berlim no dia 21 de Fevereiro de 1901. Em 1851, desfrutou de uma curta estadia de um semestre em Berlim, onde aprendeu com August Böckh, então director do *Corpus Inscriptionum Graecarum*, Leopold von Ranke, figura importante do positivismo histórico alemão (ambos referidos *infra*), e ainda com Ernst Curtius e Karl Lepsius, eminentes historiadores e arqueólogos. Entre 1851 e 1854, estudou Filologia em Bona, tendo como professores os filólogos Friedrich Welcker e Friedrich Ritschl. A sua aprendizagem incluiu já a Epigrafia, mas os seus conhecimentos neste domínio progrediram especialmente nos anos que se seguiram. Em 1855, Hübner viajou para Roma. Nesta cidade, no Instituto de Correspondência de Roma, trabalhou sobre a

orientação de Wilhelm Henzen no projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, do qual este epigrafista era responsável, juntamente com Theodor Mommsen e Giovanni Rossi. Devido ao trabalho de qualidade que desenvolveu, foi incumbido do volume dedicado à Hispânia, por estes três dirigentes, mas especialmente por Mommsen, de quem foi discípulo (*CIL* II, p. XXV; Vasconcelos, 1901, pp. 51-52; Le Roux, 1984, p. 19; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 333; Mayer, 2005, pp. 64-66; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, pp. 9-15; González Blanco, 2014, pp. 21-23, 25; Blech, 2014, pp. 57-60, 68-78, 89-90; Cacciotti, 2014, pp. 113-132; Abascal Palazón, 2014, pp. 135-136; Panzram, 2014, pp. 271-275, 278-279. *Vide* capítulo 5.2).

Entre 1860 e 1861, Hübner efectuou a primeira viagem à Península Ibérica, no âmbito das suas investigações para o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, mas também para o tomo das inscrições paleocristãs, as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. Seguindo o método aprendido com Mommsen, Hübner concretizou primeiro uma análise pormenorizada da bibliografia, antes de examinar as próprias epígrafes. Assim, consultou inicialmente as obras de Jan Gruter, Joseph Scaliger e Ludovico Muratori nas bibliotecas germânicas, as fichas de Mommsen e ainda vários trabalhos nas bibliotecas italianas. Depois, começou o seu trajecto na Biblioteca Nacional de França e, em Espanha e Portugal, compulsou livros e manuscritos na Real Academia de História e Real Academia Española de Madrid, na Academia Real das Ciências de Lisboa e nas bibliotecas nacionais sediadas nestas duas cidades, assim como em muitas outras instituições. Refira-se que Hübner trouxe decerto credenciais da Academia da Prússia para as suas congéneres hispânicas, de que conhecemos apenas o documento espanhol, com os objectivos de garantir o acesso à bibliografia e aos monumentos, ajudar e facilitar o trabalho (Hübner, 1860-1861; Hübner, 1862a; Hübner, 1862c, pp. 193-207; *CIL* II; *IHC*; Hübner, 1871b; Vasconcelos, 1901, pp. 49-50; Le Roux, 1984, p. 19; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 333; Mayer, 2005, pp. 67-68; Hübner, 2008; Gaspar, 2009, pp. 4-15; Encarnação, 2011, p. 872; Fabião, 2011, pp. 154-155; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, pp. 30-31; Gimeno Pascual, 2013, pp. 141, 143-144; González Blanco, 2014, pp. 22, 24-25, 27-31; González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, pp. 37-39; Blech, 2014, p. 90; Abascal Palazón, 2014, pp. 135-150; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 190-192; Guerra, 2014, pp. 219-220; Panzram, 2014, pp. 279-283).

A sua estadia na península centrou-se entre Março de 1860 e Outubro de 1861, período demasiado reduzido para conseguir estudar tudo o que existia nas bibliotecas

referidas e observar a totalidade das inscrições. Deste modo, aceitou muitas leituras das publicações cujos autores considerou credíveis. Com o objectivo de certificar ou corrigir as lições, estabeleceu também contacto com vários investigadores portugueses e espanhóis e requereu mesmo à Real Academia de História de Madrid a realização de determinados trabalhos (Hübner, 1860-1861, *passim*; Hübner, 1862a, *passim*; Hübner, 1862c, pp. 193-207, *passim*; *CIL* II, *passim*; *IHC*, *passim*; Hübner, 1871b; Vasconcelos, 1901, pp. 49-51; Le Roux, 1984, pp. 20-21; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, pp. 333-338; Mayer, 2005, pp. 69-70; Hübner, 2008; Encarnação, 2011, p. 872; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011; Gimeno Pascual, 2013, pp. 144-153; González Herrero, 2013, pp. 143-144; González Blanco, 2014, pp. 22, 24-25, 27-31; Blech, 2014, p. 90; Abascal Palazón, 2014, pp. 135-150; Remesal Rodríguez, 2014, pp. 161-176; Miranda Valdés, 2014, pp. 177-186; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 188-202, 207-212; Fernández Gómez, 2014, pp. 241-268).

O sábio alemão esteve em Portugal entre Maio e Agosto de 1861, percorrendo Lisboa, Setúbal, Tróia, Santiago do Cacém, as colecções de Frei Manuel do Cenáculo de Beja e Évora, Vila Viçosa, Santarém, as ruínas de Conímbriga, a biblioteca da Universidade de Coimbra, as localidades de Porto, Braga e Valença, no Minho. Muitos locais ficaram por visitar, quer por falta de tempo, quer por considerar ter material suficiente, recolhido nas bibliotecas ou fornecido pelos seus correspondentes (*CIL* II, *passim*; *IHC*, *passim*; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 336; Encarnação, 2011, pp. 872-873; Abascal Palazón, 2014, pp. 143, 145-147; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 194, 210-212).

Hübner editou os resultados desta jornada nas suas obras *Epigraphische Reiseberichte*, *Die Antiken Bildwerke in Madrid* e *I. Scavi e Viaggi – a. Antichità del Portogallo* (Hübner, 1860-1861; Hübner, 1862a; Hübner, 1862c, pp. 193-207; Hübner, 2008). A Academia Real das Ciências de Lisboa traduziu e publicou a parte respeitante ao território luso do primeiro trabalho, com o título *Notícias Arqueológicas de Portugal* (Hübner, 1860-1861; Hübner, 1871b). O trabalho *Die Antiken Bildwerke in Madrid* e o estudo posterior *La Arqueología de España* constituíram obras fundamentais para o desenvolvimento da Arqueologia moderna em Espanha (Hübner, 1862a; Hübner, 1888b; Vasconcelos, 1901, pp. 49-51; Hübner, 2008; Gimeno Pascual, 2013, pp. 141-158; González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, pp. 36-39; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 187-197, 207-212).

Em 1863, tornou-se professor de Filologia Clássica na Universidade de Berlim. A sua responsabilidade na direcção da revista *Hermes* iniciou-se no ano de 1866, mantendo-se

até 1881. Superintendeu ainda ao periódico *Archäologische Zeitung* entre 1868 e 1873 (Hübner (ed.), 1866-1881; Vasconcelos, 1901, p. 58; González Blanco, 2014, pp. 21, 24; González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 52; Blech, 2014, pp. 78-82, 90; Panzram, 2014, p. 283). Nos anos de 1866 e 1867, viajou pela Inglaterra, Escócia e Irlanda, com o objectivo de efectuar as investigações necessárias para o *Corpus Inscriptionum Latinarum* VII. Editou a obra relativa às inscrições latinas em 1873 (*CIL* VII) e o trabalho das epígrafes paleocristãs em 1876 (*IBC*), onde incluiu um monumento do território português (Vasconcelos, 1901, p. 52; González Blanco, 2014, pp. 22, 24; González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 40; Blech, 2014, p. 90; Panzram, 2014, pp. 281-282).

É importante referir que Hübner concretizou também o pioneiro estudo sobre a Paleografia das inscrições, publicado em 1885 (Hübner, 1885; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 338; Abascal Palazón, 2014, pp. 152).

No final da década de 1860 e início da seguinte, culminou a sua investigação da por nós considerada primeira fase. Situamo-la entre o início da investigação e a edição das suas duas obras magnas relativas à Epigrafia peninsular. Em 1869, editou o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, com as epígrafes do período romano, e dois anos depois as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, que engloba os monumentos com uma cronologia que se prolonga sensivelmente até ao século XI. O critério adoptado para a organização da documentação epigráfica foi essencialmente geográfico, como referido no capítulo sobre o projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Deste modo, na primeira obra dividiu, sucessivamente, as inscrições por províncias, *conuentus* e *ciuitates*, enquanto na segunda concretizou a separação apenas por províncias (*CIL* II; *IHC*). Na década de 1870 e início da seguinte, publicou vários *Additamenta* no periódico *Ephemeris Epigraphica*. Este período corresponde à segunda fase, que termina com a edição do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, onde reuniu a informação dispersa nos quatro volumes da *Ephemeris Epigraphica* (*EE* I, pp. 44-48, 182-186; *EE* IIa, pp. 233-249; *EE* IIb, pp. 105-152; *EE* IIIa, pp. 31-52, 190-202; *EE* IIIb, pp. 87-112, 165-189; *EE* IV, pp. 3-24; *CIL* II – S). Nestas obras verifica-se a amplitude do contributo proporcionado pelos contactos que Hübner estabeleceu em Portugal e a sua diversidade (Vasconcelos, 1901, pp. 51-52; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 338; Encarnação, 2011, p. 873; Panzram, 2014, pp. 279-283. *Vide* capítulos 5.2, 5.2.1, 5.2.1.1-5.2.1.4, 5.2.2).

Nos anos de 1881, 1886 e 1889, o erudito germânico regressou à Península Ibérica, com o objectivo de recolher material para os suplementos do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, assim como para os *Monumenta Linguae Ibericae*. A única passagem por Portugal ocorreu na viagem de 1881, passando por Braga, Guimarães, Conímbriga e Lisboa, tendo sido acolhido na casa de Martins Sarmiento. Nesta ocasião, acompanhado por este arqueólogo, visitou os castros de Briteiros e de Sabroso. Estas investigações possibilitaram-lhe editar em 1892 o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II; no ano seguinte os *Monumenta Linguae Ibericae*; o *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* em 1900. Além destas obras magnas, Hübner assinou ainda dois *Additamenta* na revista *Ephemeris Epigraphica*, sendo o último a título póstumo, editado por Hermann Dessau. Estas obras pertencem já à terceira fase, iniciando-se assim após a edição do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Os permanentes contactos com investigadores peninsulares, alguns dos quais subsistiram até à sua morte, foram fundamentais para a concretização dos seus trabalhos epigráficos. Neste âmbito, insere-se igualmente a correspondência trocada com Leite de Vasconcelos, ora em estudo (*CIL* II – S, p. LXI, *passim*; *MLI*, pp. 197-202, n.ºs LXXI-LXXVI; *EE* VIII, pp. 351-528; *IHC* – S, *passim*; Vasconcelos, 1901, pp. 53-57; *EE* IX – I, pp. 12-185; *EE* IX, pp. 12-185; Cardozo, 1947, especialmente pp. 84-92, 97; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, pp. 336-338; Mayer, 2005, pp. 70-71; Encarnação, 2011, pp. 873, 875; Fabião, 2011, pp. 154-155; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011; González Blanco, 2014, pp. 22, 24; González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, pp. 46, 50; Blech, 2014, p. 90; Abascal Palazón, 2014, pp. 150-154; Remesal Rodríguez, 2014, pp. 161-176; Miranda Valdés, 2014, pp. 177-186; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 203-205, 213-216; Marques, 2014. Cf. ainda, a respeito da importância da correspondência, Hübner, 1860-1861, *passim*; Hübner, 1862a, *passim*; Hübner, 1862c, *passim*; *CIL* II, *passim*; *IHC*, *passim*; *EE* I, pp. 44-48, 182-186; *EE* IIa, pp. 233-249; *EE* IIb, pp. 105-152; *EE* IIIa, pp. 31-52, 190-202; *EE* IIIb, pp. 87-112, 165-189; *EE* IV, pp. 3-24. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.1-5.2.1.4, 5.2.2).

A publicação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, e também de *Inscriptiones Hispaniae Christianae* e *Monumenta Linguae Ibericae*, este último ultrapassado pouco depois, modificou e impulsionou os estudos epigráficos na Península Ibérica, servindo de base por exemplo às investigações de Leite de Vasconcelos. Estas obras aportavam uma metodologia nova na abordagem dos monumentos epigráficos e possuíam um

extraordinário manancial de informação, devidamente organizada e com importantes e pormenorizados índices, disponível e imprescindível para quem desejasse efectuar trabalhos com base nestas fontes históricas. Actualmente, a sua importância permanece, constituindo obras de referência indiscutível para todos os investigadores da área (Vasconcelos, 1905b, pp. 5-6; Le Roux, 1894, pp. 18, 22-25; Gimeno Pascual, 2002, pp. 337-338; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 338-339; Gimeno Pascual, 2013, pp. 141, 143-144; González Blanco, 2014, pp. 27-28).

2.3 José Leite de Vasconcelos

José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo nasceu em Ucanha, no dia 7 de Julho de 1858, e faleceu em Lisboa, em 17 de Maio de 1941 (Correia, 1960, p. 3; Ribeiro, 1960, p. 66; Nemésio, 1960, pp. 101-102; Guerreiro, 1960, pp. 109-110, 136-137; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 15-17, 285-289; Abrantes, 2011, p. 251).

Leite de Vasconcelos desde cedo se mostrou interessado pelas tradições populares (Etnografia), “linguagens” (Filologia), “ cousas históricas” e “antigualhas” (História, Arqueologia e Epigrafia) de Portugal, tendo iniciado as publicações no campo da Etnografia em 1878, da Filologia em 1882, da Arqueologia em 1885, da Epigrafia em 1887 e ainda da Numismática em 1888. Dedicou-se também à Literatura, escrevendo em prosa e em poesia (Vasconcelos, 1878; Vasconcelos, 1882a; Vasconcelos, 1885; Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Correia, 1960, pp. 4, 6-24; Guimarães, 1960, pp. 31-35; Cidade, 1960, pp. 37-44; Heleno, 1960, pp. 45-50; Gonçalves, 1960, pp. 53-63; Ribeiro, 1960, pp. 66-71, 82-100; Nemésio, 1960, p. 102-103; Guerreiro, 1960, pp. 119-120; Cepeda, 1960, pp. 139-265; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 15, 32-59).

De modo a recolher material para as suas investigações, viajou abundantemente durante toda a sua vida por Portugal e também pelo estrangeiro. Sobre a importância das viagens para o desenvolvimento das suas pesquisas, escreveu: “Estas excursões, pesquisas e excavações tiveram por fim completar a instrução colhida nos livros, porque, se é certo que da Archeologia, sem o auxilio da litteratura, não se tira todo o proveito que se póde tirar, não é menos certo que de ethnologos de gabinete, que nunca tenham visto um museu, nem visitado um monumento, nem excavado uma estação, e apenas se limitem, em paises onde a litteratura archeologica não abunda, a ordenar pacientemente os textos dos AA. classicos, não ha que esperar grande cousa.”

(Vasconcelos, 1897d, p. XXXVIII) (Ribeiro, 1960, pp. 72-79; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 185-205; Ribeiro, 2008, pp. 58-59).

Apesar destes interesses e do intenso trabalho que dedicou aos domínios por ele referidos, a sua formação foi bastante distinta: frequentou o curso de Ciências Naturais da Academia Politécnica, entre 1879 e 1881, e licenciou-se em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, entre 1881 e 1886, sendo o melhor aluno do curso. Contudo, a tese final do curso, com o título *A Evolução da Linguagem*, centrou-se na temática da linguagem, denunciando o elevado interesse que já nutria por esse campo do saber. No decorrer do curso, dedicou-se à língua mirandesa. O seu trabalho *O Dialecto Mirandês* venceu o concurso filológico da Sociedade de Línguas Românicas de Montpellier, em 1883 (Vasconcelos, 1882a; Vasconcelos, 1886; Correia, 1960, pp. 4, 6, 21; Cidade, 1960, pp. 37-39; Gonçalves, 1960, pp. 55-57; Ribeiro, 1960, pp. 68-71; Nemésio, 1960, pp. 102-103; Guerreiro, 1960, pp. 117-118; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 15, 32-59).

Leite de Vasconcelos exerceu a profissão de médico apenas durante seis meses, no ano de 1887, no Cadaval. Antes de partir para esta localidade, escreveu a Martins Sarmiento, “Desconfio que para os sítios para onde vou (Cadaval) hei-de fazer achados pré-históricos” (Cardozo, 1958, p. 80, n.º 22, sem data). Já no Cadaval e apesar de recolher várias peças arqueológicas, queixou-se com algum desalento de os seus estudos estarem parados (Cardozo, 1958, p. 81, n.º 23, de 04/06/1887; Correia, 1960, pp. 4, 6-7; Nemésio, 1960, p. 103; Guerreiro, 1960, pp. 118-119; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 55-57). Embora tenha exercido durante pouco tempo, Leite de Vasconcelos aplicou o rigor e os conhecimentos nas suas pesquisas e nas suas obras, nomeadamente nas *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1897d; Vasconcelos, 1905b; Vasconcelos, 1913b; Correia, 1960, pp. 4, 6-7).

Igualmente em 1887, fundou a *Revista Lusitana*, dedicada principalmente à Etnografia e Filologia (Correia, 1960, pp. 5-6; Heleno, 1960, p. 49; Gonçalves, pp. 59-62; Ribeiro, 1960, p. 72; Nemésio, 1960, p. 103; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 72-74).

A ida para a Biblioteca Nacional de Lisboa, no final do ano de 1887, como conservador, marcou uma mudança no percurso profissional de Leite de Vasconcelos. Nesta instituição, pôde dedicar-se à investigação que tanto lhe aprazia. Aqui, iniciou os trabalhos na área da Numismática, sendo oficialmente nomeado, no dia 13 de Outubro de 1888, professor da cadeira desta matéria, do Curso de Bibliotecário-Arquivista da Biblioteca Nacional de Lisboa. A respectiva tomada de posse concretizou-se no dia 23

do mesmo mês. Leite de Vasconcelos manteve a sua actividade enquanto professor de Numismática até ao ano lectivo de 1910-1911. Com o objectivo de complementar as suas aulas, iniciou uma história da Numismática portuguesa no ano de 1890, que teria culminado com o seu livro *Da Numismática em Portugal*, publicado em 1923. Leccionou ainda um curso de Filologia Portuguesa nesta instituição, editando mais uma vez as suas aulas (Vasconcelos, 1890e; Vasconcelos (ed.), 1890-1892; Vasconcelos, 1894b; Vasconcelos, 1896c; Vasconcelos, 1897b; Vasconcelos, 1902a; Vasconcelos, 1902b; Vasconcelos, 1911b; Vasconcelos, 1912; Vasconcelos, 1923, pp. 259-260; Correia, 1960, pp. 5, 17; Ribeiro, 1960, pp. 71, 74; Nemésio, 1960, p. 103; Guerreiro, 1960, pp. 118-119; Cepeda, 1960, pp. 231-234; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 67-71, 80; Fabião, 2008, p. 100).

Foi professor de Português, Latim e Francês no Liceu Central de Lisboa desde 1888 (Correia, 1960, p. 5).

O Museu Etnográfico Português, actual Museu Nacional de Arqueologia do Dr. José Leite de Vasconcelos, foi fundado por Decreto de 20 de Dezembro de 1893, tendo Leite de Vasconcelos sido nomeado seu director. O Decreto de 26 de Junho de 1897 determinou a mudança do nome para Museu Etnológico Português. Tendo por objectivo “representar a parte material da vida do povo português”, o museu foi dividido em duas partes. A parte arqueológica integrava desde a Pré-História até ao século XVIII e subdividia-se em Pré-História (Paleolítico, Mesolítico, Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze), Proto-História (Idade do Ferro), Período Romano, Época Bárbara (Antiguidade Tardia), Período Árabe (Islâmico), Época Medieval-Portuguesa (Período Medieval) e Renascença (Época Moderna). A parte moderna correspondia ao Período Contemporâneo. O espólio do museu foi enriquecido por várias colecções privadas e públicas, assim como pelos materiais de várias escavações e achados avulsos. As viagens que o director realizou, assim como os contactos que estabeleceu em todo o país, permitiram a aquisição de muitas peças. O espólio recolhido por Estácio da Veiga, reunido para a constituição de um Museu do Algarve, foi igualmente incorporado, adquirido em Janeiro de 1894, mas apenas transportado no ano de 1897. Leite de Vasconcelos pretendia que os objectos das suas colecções constituíssem um curso prático de Arqueologia e Etnografia nacionais. Dois anos depois da fundação, em 1895, a instituição foi dotada de um periódico próprio, *O Arqueólogo Português*, dedicado à Arqueologia. O Museu Etnográfico Português ficou instalado inicialmente na Comissão Geológica, alargando-se depois para a Academia Real das Ciências de Lisboa. O

despacho de 21 de Novembro de 1900 determinou a sua transferência definitiva para o Mosteiro dos Jerónimos, tomando posse no dia 22 de Abril de 1903 (Vasconcelos 1895a; Vasconcelos 1895b: 193-250; Vasconcelos 1915; Correia, 1960, pp. 5, 26-27; Heleno, 1960, pp. 48-49; Ribeiro, 1960, pp. 72-75; Nemésio, 1960, pp. 103-104; Lemos, 2001, pp. 13-28; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 88-181; Vasconcelos, 2008, pp. 15-40; Alarcão, 2008, pp. 79-96; Fabião, 2008, pp. 113-117; Lemos, 2008, pp. 253-280; Serras & Carneiro, 2011, pp. 267-300).

Entre 1899 e 1901, Leite de Vasconcelos frequentou o curso de Filologia Românica na Universidade de Paris. Neste período, assistiu também às aulas de Arqueologia, Epigrafia e Filologia no Colégio de França, foi aluno de Epigrafia, História e Filologia na Escola de Altos Estudos de Paris, onde, a convite de Morel Fatio, deu aulas de Filologia Portuguesa, e deu ainda aulas de Filologia na Escola Diplomática. O tema da sua tese de doutoramento, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, manteve-se no âmbito linguístico. Durante a sua estadia na capital francesa, viajou pela cidade e seus arredores, visitando bibliotecas, museus e monumentos (Vasconcelos, 1928, pp. 577-578; Correia, 1960, pp. 4-5; Gonçalves, 1960, pp. 54-55; Ribeiro, 1960, pp. 73-73; Nemésio, 1960, p. 105; Fabião, 2002, pp. 343-344; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 75, 80-86).

No ano de 1900, viajou por Viena, onde identificou *O Livro de Esopo*. Na localidade de Leiden, em 1902, descobriu a *Canção de Sancta Fides d'Agen* (Correia, 1960, p. 6; Gonçalves, 1960, p. 53; Ribeiro, 1960, p. 79; Nemésio, 1960, p. 106; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 76).

Em 1911, Leite de Vasconcelos trocou a sua posição na Biblioteca Nacional pelo cargo de professor na Universidade de Lisboa, leccionando um vasto conjunto de cadeiras, nomeadamente Língua e Literatura Latina, Filologia Românica, Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Francesa, Gramática Comparativa das Línguas Românicas, Arqueologia, Numismática e Epigrafia. Foi o primeiro professor universitário desta ciência, que constitui o tema central da nossa dissertação, Epigrafia, entre 1913 e 1929, com uma breve interrupção em 1928 (Correia, 1960, pp. 5, 11-13; Gonçalves, 1960, pp. 57-59; Ribeiro, 1960, p. 74; Nemésio, 1960, pp. 105-106; Guerreiro, 1960, p. 119; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 209-220; Dóres, 2008, p. 127; Fabião, 2008, p. 102).

Devido à qualidade do seu trabalho enquanto pré-historiador, foi presidente da secção de Arqueologia Pré-Histórica no Congresso do Cairo, em 1909, e no Congresso de

Roma, em 1912 (Correia, 1960, p. 6; Ribeiro, 1960, p. 79; Almeida, 2008, p. 72; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 185).

Leite de Vasconcelos foi simultaneamente romântico, positivista e evolucionista. Ao Romantismo demandou a tendência nacionalista. Ele era um patriota, um nacionalista, na medida em que o objecto da sua obra era Portugal. Imbuído da cultura positivista, pretendeu recolher todos os vestígios da cultura material portuguesa, de modo a garantir a filiação do país na antiguidade lusitana. Neste último aspecto adoptou a perspectiva evolucionista. Por isso, recorreu também à Arqueologia e à Epigrafia e a sua obra *Religiões da Lusitânia*, cujos segundo e terceiro volumes foram e ainda são fundamentais para os estudos de Epigrafia, deteve a sua continuação na *Etnografia Portuguesa*. Numa fase avançada do seu estudo, atenuou esta genealogia (Correia, 1960, pp. 27-30; Heleno, 1960, p. 47; Matos, 1993-1994, pp. 11-33; Encarnação, 1993-1994b, pp. 35-42; Matos, 1998, pp. 120-122, 340-347; Gimeno Pascual, 2002, p. 338; Fabião, 2002, pp. 341-345; Fabião, 2008, pp. 99-103, 120-123; Diniz, 2008, pp. 127-144; Ribeiro, 2008, pp. 145-160).

3. A Correspondência Epistolar

3.1 O Corpus

Devido à acção de Mário Cardozo e de Eduardo Silva, Rodolfo Hübner doou a correspondência portuguesa do seu pai, Emílio Hübner, à Sociedade Martins Sarmento em 1929. Contabilizámos cerca de 400 cartas de 44 remetentes. A estas missivas somam-se as epístolas enviadas pelo sábio alemão a alguns investigadores lusos, cujos espólios pertencem igualmente à instituição vimaranense (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; CCE; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; SMS, *Várias Cartas*; SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II; Cardozo, 1947; Tabela 6. Vide capítulo 5.2.1). Tivemos conhecimento de que ainda existe na *Staatsbibliothek* de Berlim, onde se conserva a maior parte da sua correspondência, um número muito reduzido de cartas dirigidas por portugueses ao erudito germânico, duas delas de Manuel da Gama Xaro, mas nenhuma de Leite de Vasconcelos. Uma vez que essas missivas não interessam directamente a este trabalho, reservamos para um trabalho futuro uma deslocação a este organismo, de modo a podermos verificar esta questão (Guerra, 2014, p. 225).

O epistolário de José Leite de Vasconcelos conserva-se no Museu Nacional de Arqueologia, instituição de que foi fundador e primeiro director. Aqui permanecem 24636 documentos, endereçados por cerca de 3783 indivíduos (CCE; Coito, 1999; Coito, 2011, pp. 229-247).

A correspondência epistolar trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos é composta, assim, pelas missivas guardadas em duas instituições distintas: na Sociedade Martins Sarmento, as assinadas pelo conservador da Biblioteca Nacional; no Museu Nacional de Arqueologia, as subscritas pelo sábio alemão, assim como alguns rascunhos das remetidas pelo investigador português (CCE; MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 12-67, de sem data a 18/12/1900). A esta documentação acrescentámos alguns artigos publicados por ambos os autores, devido ao facto de conterem palavras ou expressões características das epístolas e serem endereçados por um dos correspondentes ao outro (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182), CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182), CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167)). Foi retirado um documento da listagem do Museu Nacional de Arqueologia,

o manuscrito com a referência MNA Ms. 10444+A-B, questão que desenvolvemos *infra* (Vide capítulo 3.1.1).

Esta documentação foi organizada cronologicamente, seguindo as datas de redacção das cartas e dos carimbos dos correios de Portugal e da Alemanha, de modo a compreendermos como se processou a troca de informações. A leitura e análise do conteúdo das missivas permitiram identificar um conjunto de epístolas enviadas, que não terão chegado ao seu destino, tendo sido estas definidas como extraviadas, ou que desapareceram nalgum momento após o correspondente as ter recebido, estas indicadas por em paradeiro desconhecido. Nas entradas respectivas do CCE foram expostas as razões em que nos baseámos para considerá-las desta forma (CCE 3, 8, 14, 18, 21, 22, 25, 26, 28, 32, 58, 59, 66, 67, 80, 108, 110, 112, 113, 118, 125).

Temos consciência que não possuímos a totalidade das cartas trocadas: podem não faltar apenas aquelas cuja existência deduzimos da análise interna das missivas conservadas, mas também outras, das quais não resta qualquer indício. De qualquer modo, presumimos ser muito rara esta última circunstância, pelo que o espólio subsistente representa uma amostra muito substancial da sua relação epistolar.

O inventário das cartas organizado diacronicamente, que denominámos Relação Cronológica da Correspondência e que apresentamos na Tabela 1, consiste numa proposta de reconstituição nossa, resultante da análise de informações fornecidas pelos dois correspondentes nas missivas, mas também colhida na bibliografia de ambos (CCE; Tabela 1).

A Tabela 1 é composta por duas colunas: a primeira contém as epístolas enviadas pelo sábio alemão; a segunda possui as cartas remetidas pelo funcionário da Biblioteca Nacional. Em cada coluna, as informações são dispostas pela seguinte ordem, separadas por ponto e vírgula, excepto o primeiro item que contém um ponto final: número de CCE (*Corpus* de Correspondência Epistolar, que se encontra no capítulo 3.4 e respectivos subcapítulos). abreviatura da instituição onde o documento se encontra guardado; identificação do documento, como manuscrito – Ms. –, com o respectivo número, e/ou com a correspondente referência bibliográfica; a data de redacção da missiva; a data do(s) carimbo(s) dos correios do país do remetente; a data do(s) carimbo(s) dos correios do país do destinatário; outras informações, tais como a situação de extraviada, paradeiro desconhecido ou carta registada.

Não individualizamos a CCE 47A da CCE 47 na contagem final, pois apesar de consistirem em dois documentos, pertencem à mesma carta. As epístolas estão

agrupadas por ano e dispostas por uma ordem cronológica da mais antiga para a mais recente. Quando não conhecemos alguma data, referimos entre parênteses rectos a expressão “sem data(s)”. Nos casos em que é possível reconstituir ou supor a data, colocamos esta entre parênteses rectos. Quando temos dúvidas nalguma data ou situação, empregamos o ponto de interrogação. As células em branco não têm qualquer significado (CCE; Tabela 1).

De Emílio Hübner para José Leite de Vasconcelos	De José Leite de Vasconcelos para Emílio Hübner
N.º de CCE. N.º de Ms.¹ e/ou Referência Bibliográfica; Data de Redacção da Carta; Data do Correio do Remetente; Data do Correio do Destinatário	N.º de CCE. N.º de Ms.² e/ou Referência Bibliográfica; Data de Redacção da Carta; Data do Correio do Remetente; Data do Correio do Destinatário
1888	
1. MNA Ms. 10446; 21/04/1888; [sem data]; [sem data]	2. SMS Ms. 12; [sem datas]
3. [Sem datas]; Extraviada	4. SMS Ms. 13; 10/10/1888; [sem data]; [sem data]
5. MNA Ms. 10447; 21/10/1888; [sem data]; [sem data]	
1890	
6. MNA Ms. 10449; 01/06/1890; 01/06/1890; [sem data]	7. SMS Ms. 14; [sem data]; 17/06/1890; 21/06/1890
	8. [14/07 ou 08/1890]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido
9. MNA Ms. 10448; 22/08/1890; 22/08/1890; 27/08/1890	10. SMS Ms. 15; [sem data]; 29/08/1890; 02/09/1890
11. MNA Ms. 10450; 27/09/1890; [sem data]; [sem data]	
1891	
12. MNA Ms. 10451; 28/02/1891; 28/02/1891; 04/03/1891	13. SMS Ms. 16; 05/03/1891; 05/03/1891; 09/03/1891
14. [Sem datas]; Extraviada	15. SMS Ms. 17; 30/04/1891; 30/04/1891; 04/05/1891
16. MNA Ms. 10452; 07/05/1891; 09/05/1891; 13/05/1891	17. SMS Ms. 18; 19/05/1891; 20/05/1891; 23/05/1891
	18. [Sem datas]; Paradeiro Desconhecido
19. MNA Ms. 10453; 27/07/1891; 30/07/1891; 03/08/1891	20. SMS Ms. 19; 28/08/1891; 28/08/1891; 01/09/1891
21. [Sem datas]; Extraviada	
1892	
	22. [Sem datas]; Paradeiro Desconhecido

¹ MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619).

² SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 12-67, de sem data a 18/12/1900.

23. MNA Ms. 10454; 14/06/1892; 15/06/1892; [sem data]	
24. MNA Ms. 10455; 16/10/1892; 16/10/1892; 20/10/1892	
1893	
	25. [22/08/1893]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido
26. [Sem datas]; Extraviada	27. SMS Ms. 20; 10/10/1893; 10/[10]/1893; 14/10/1893
28. [Sem datas]; Extraviada	29. SMS Ms. 21; 17/12/1893; [sem data]; [sem data]; Carta Registada
	30. SMS Ms. 22; [18/12/1893]; [sem data]; [sem data]
31. MNA Ms. 10456; 29/12/1893; 29/12/1893; [sem data]	
1894	
	32. [16/02/1894]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido
33. MNA Ms. 10457; 21/02/1894; 23/02/1894; 26/02/189[4]	34. SMS Ms. 23; 30/04/1894; 30/04/1894; 04/05/1894
	35. SMS Ms. 24; 03/05/1894; [03/05/1894]; [07/05/1894]
36. MNA Ms. 10458; 07/05/1894; 08/05/1894; [sem data]	
37. MNA Ms. 10459+A; 23/05/1894; 23/05/1894; [sem data]	38. SMS Ms. 25; 29/05/1894; 29/05/1894; 02/06/[1894]
39. MNA Ms. 10460; 07/09/1894; 07/09/1894; 12/09/1894	
40. MNA Ms. 10461; 13/12/1894; 13/12/1894; 17/12/1894	
1895	
41. MNA Ms. 10462+A; 19/01/1895; 01/02/1895; 07/02/1895	42. SMS Ms. 30; 06/02/1895; 06/02/1895; 10/02/1895
	43. SMS Ms. 29; 07/02/1895; 08/02/1895; 12/02/1895
44. MNA Ms. 10463; 02/03/1895; 04/03/1895; [sem data]	45. SMS Ms. 31; 09/03/1895; 09/03/1895; 12/03/1895, 13/03/1895
46. MNA Ms. 10464; 30/03/1895; 30/03/1895; 03/04/1895	
47. MNA Ms. 10465; 15/04/1895; 15/04/1895; 19/04/1895	
47A. MNA Mss. 10445+10445A; Hübner, 1895, pp. 177-182; 14/04/1895; [sem data]; [sem data]	48. SMS Ms. 26; 07/05/1895; [sem data]; [sem data]
49. MNA Ms. 10466; 14/05/1895; 14/05/1895; 22/05/1895	50. Vasconcelos, 1895a, p. 182; 01/06/1895; [sem data]; [sem data]
	51. SMS Ms. 27; 04/07/1895; 05/07/1895; 09/07/1895
52. MNA Ms. 10467; 08/07/1895;	53. SMS Ms. 28; 20/07/1895;

10/07/1895; 14/07/1895	[20?]/07/1895; 23/07/1895
	54. SMS Ms. 32; 03/11/1895; [sem data]; [sem data]
55. MNA Ms. 10468; 10/11/1895; 11/11/1895; [15/11/1895]	56. SMS Ms. 33; [Sem data]; 15/11/1895; 19/11/1895
57. MNA Ms. 10469; 20/11/1895; 20/11/1895; [sem data]	58. [01/12/1895]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido
	59. [22/12/1895]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido
1896	
60. MNA Ms. 10470; 29/01/1896; 29/01/1896; 02/02/1896	61. MNA Ms. 10471+A; 12/03/1896; [sem data]; [sem data]
62. MNA Ms. 10471; 22/03/1896; 22/03/1896; [sem data]	63. SMS Ms. 34; 22/04/1896; [sem data]; [sem data]
	64. SMS Ms. 35; 13/07/1896; [1]4/07/1896; 17/07/1896
	65. SMS Ms. 36; 21/11/1896; [..]/11/1896; 24/11/1896
66. [26/11/1896?]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido	
67. [29/11/1896?]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido	68. SMS Ms. 37; 03/12/1896; [sem data]; [sem data]
	69. SMS Ms. 38; 04/12/1896; [sem data]; [sem data]
70. MNA Ms. 10472+10472A; 12/12/1896; [sem data]; [sem data]	
1897	
71. MNA Ms. 10473; 10/01/1897; 11/01/1897; 15/01/1897	72. SMS Ms. 39; 15/02/1897; [sem data]; [sem data]
73. MNA Ms. 10474; 16/02/1897; 16/02/1897; [sem data]	
74. MNA Ms. 10475+A; 24/02/1897; 24/02/1897; 28/02/1897	
75. MNA Ms. 10476; 09/03/1897; 09/03/1897; [sem data]	
76. Hübner, 1897b, pp. 161-167; 11/03/1897; [sem data]; [sem data]	77. SMS Ms. 40; 28/03/1897; [sem data]; [sem data]
78. MNA Ms. 10477; 08/04/1897; [sem data]; [sem data]	79. SMS Ms. 41; 30/04/1897; 30/04/1897; 03/05/1897
80. [04/05/1897]; [sem data]; [sem data]; Extraviada	81. SMS Ms. 42; 08/05/1897; 08/05/1897; 12/05/1897
82. MNA Ms. 10478; 15/05/1897; 15/05/1897; [sem data]	
83. MNA Ms. 10479; 17/05/1897; 18/05/1897; 21/05/1897	84. SMS Ms. 45; 25/05/1897; Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293; [sem data]
85. MNA Ms. 10492+A; 01/06/1897; [sem data]; [sem data]	86. SMS Ms. 43; 02/06/1897; [sem data]; [sem data]
	87. SMS Ms. 44; 08/06/1897; [sem data];

	[sem data]
88. MNA Ms. 10480; 20/06/1897; 21/06/1897; 25/06/1897	
89. MNA Ms. 10481; 27/06/1897; 27/06/1896; 01/07/1897	90. SMS Ms. 46; 21/07/1897; 22/07/1897; 26/07/1897
	91. SMS Ms. 47; 23/07/1897; 23/07/1897; [sem data]
92. MNA Ms. 10482; 28/07/1897; 28/07/1897; 01/08/1897	93. SMS Ms. 48; 09/10/1897; 09/10/1897; 13/10/1897, 14/10/1897
94. MNA Ms. 10483+A; 20/10/1897; 20/10/1897; 24/10/1897	95. SMS Ms. 49; 01/11/1897; [sem data]; [sem data]
	96. SMS Ms. 50; 13/11/1897; 13/11/1897; 17/11/1897
97. MNA Ms. 10484; 17/11/1897; 18/11/1897; 22/11/1897	
1898	
	98. SMS Ms. 52; 11/01/1898; 13/01/1898; 17/01/1898
99. MNA Ms. 10486; 21/01/1898; 21/01/1898; 24/01/1898	100. SMS Ms. 51; 25/01/1898; [26/01/1898?]; [sem data]
101. MNA Ms. 10487; 02/02/1898; 02/02/1898; 06 ou 08/02/1898	
102. MNA Ms. 10488; 15/02/1898; 16/02/1898; 20/02/1898	
103. MNA Ms. 10489; 21/02/1898; 21/02/1898; [..]/02/1898	104. SMS Ms. 53; 24/03/1898; 24/03/1898; 28/03/1898
	105. SMS Ms. 54; [../..]/1898; [../04/1898]; 24/04/1898, 25/04/1898
	106. SMS Ms. 55; 27/06/1898; 27/06/1898; 01/07/1898
	107. SMS Ms. 56; 13/08/1898; [sem data]; [sem data]
108. [27/08/1898]; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido	109. SMS Ms. 57; 08/11/1898; [../11/1898; 13/11/1898
110. [Sem datas]; Paradeiro Desconhecido	111. SMS Ms. 58; 05/12/1898; 06/12/1898; 09/12/1898
	112. [Sem datas]; Paradeiro Desconhecido
113. [10/12/1898]; [10/12/1898]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido	
114. MNA Ms. 10490+A; 11/12/1898; 12/12/1898; 1[../12/[1898]	
1899	
	115. SMS Ms. 59; 03/03/1899; 03/03/1899; 06/03/1899
116. MNA Ms. 10491; 17/03/1899; 18/03/1899; 22/03/1899	117. SMS Ms. 60; 05/06/1899; 05/06/1899; 06/06/1899
118. [Sem datas]; Paradeiro Desconhecido	119. SMS Ms. 61; [Sem data]; 18/06/1899; 21/06/1899
	120. SMS Ms. 62; 01/08/1899;

	01/08/1899; 02/08/1899
121. MNA Ms. 10493; 30/11/1899; 01/12/1899; 04/12/1899	122. SMS Ms. 63; 13/12/1899; 16/12/1899; 20/12/1899
123. MNA Ms. 10494; 20/12/1899; 20/12/1899; 26/12/1899	
1900	
	124. SMS Ms. 64; [Sem data]; 08/01/1900; 12/01/1900
125. 13/01/1900; [sem data]; [sem data]; Paradeiro Desconhecido	
126. MNA Ms. 10495; 25/04/1900; 25/04/1900; [...]04/1900	
127. MNA Ms. 10496; 15/06/1900; 16/06/1900; 20/06/1900	128. SMS Ms. 65; 09/07/1900; 09/07/1900; 10/07/1900
129. MNA Ms. 10497+A; 11/07/1900; 11/07/1900; 12/07/1900	130. SMS Ms. 66; 09/09/1900; 09/09/1900; 13/09/1900
	131. SMS Ms. 67; 18/12/1900; 18/12/1900; 22/12/1900

Tabela 1: Relação Cronológica da Correspondência

Na nossa reconstituição, contabilizámos um total de 131 cartas, 65 enviadas por Hübner e 66 endereçadas por Leite de Vasconcelos, incluindo nesta contabilidade as extraviadas e de paradeiro desconhecido, mas cuja existência foi possível determinar com bastante segurança. Desconhece-se o paradeiro de sete missivas e extraviaram-se seis epístolas do sábio alemão. Desconhece-se igualmente o paradeiro de oito cartas do investigador português. No Gráfico 1 observa-se o volume da correspondência de cada autor (CCE; Tabela 1; Gráfico 1).

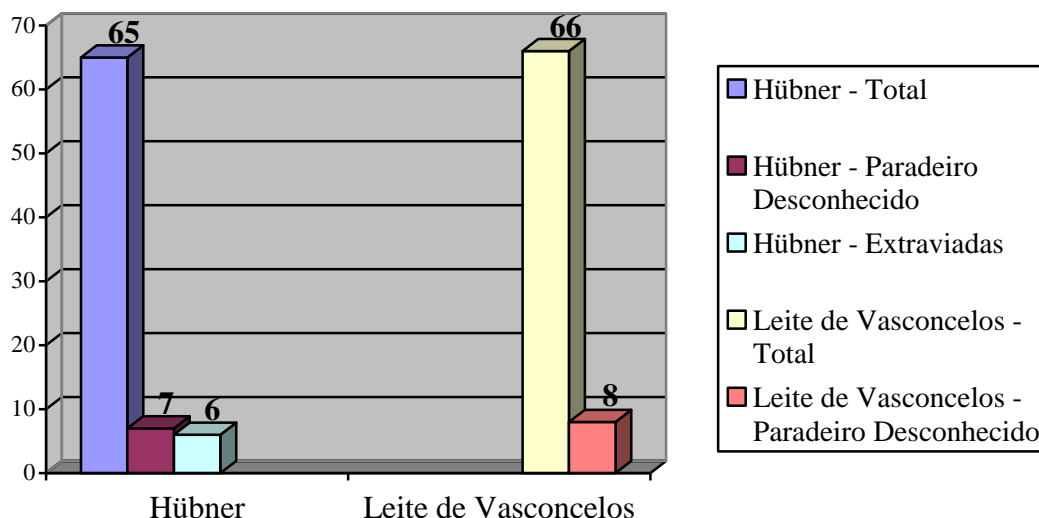


Gráfico 1: Volume de Correspondência

As missivas tomam a forma de cartas em folheto e de cartas postais. As primeiras carecem das indicações dos correios, na medida em que não apresentam carimbos. Estes figurariam certamente nos envelopes, que teriam sido reutilizados em apontamentos ou deitados fora, servindo apenas para o transporte dos documentos no seu interior (CCE).

Os carimbos gravados nos postais permitem-nos verificar que a maioria das epístolas foi enviada no próprio dia em que terá sido redigida, uma vez que possui a mesma data no texto e nos timbres dos correios do remetente. Os carimbos dos correios que foram apostos nas cartas postais revelam-nos também a rapidez das transmissões escritas entre Portugal e a Alemanha no final do século XIX e início do século XX. Em média uma missiva estava em trânsito quatro dias. De qualquer forma, esta circunstância pode mesmo sublinhar o carácter periférico de Portugal, se tivermos em conta que algumas epístolas enviadas de França e Praga para o espaço germânico demoraram apenas um dia. Trata-se, pois, de um período em que a eficiência postal é bastante elevada, mesmo para os nossos padrões actuais (CCE; Tabela 1).

Acerca das cartas extraviadas, verificamos que na sua totalidade foram remetidas por Hübner. Desconhecemos em que local terá ocorrido o desvio. O número de missivas extraviadas, seis, é reduzido tendo em conta o conjunto de 131 epístolas, mas não deixam de constituir falhas na qualidade dos serviços postais, aparentemente em contradição com o que se disse acima (CCE; Tabela 1).

As mensagens epistolares trocadas entre Hübner e Leite de Vasconcelos situam-se cronologicamente entre os anos de 1888 e 1900, no período que começa um ano após o início das publicações de cariz epigráfico do investigador português e termina pouco mais de um mês antes do falecimento do sábio alemão. De 1889 não subsiste nenhum documento, não se registando assim qualquer troca de missivas (Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Vasconcelos, 1901, pp. 49-59; Tabela 1).

O volume de correspondência foi pouco variável ao longo dos anos, com ligeiras subidas e descidas, excepto em 1895, 1897 e 1898. Nestes anos verifica-se um forte aumento, especialmente 1897. As razões parecem conjugar pelo menos dois factos: o primeiro constituiu o início da publicação d'*O Arqueólogo Português*, estando Leite de Vasconcelos particularmente empenhado, nesta primeira fase, em editar inscrições inéditas; depois, começa a tarefa de compilação e correcção do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, que tem em 1897 um ano decisivo, com o pedido de Hübner a Leite de Vasconcelos (CCE; Vasconcelos (ed.), 1895b; *IHC* – S; Tabela 1; Gráfico 2. *Vide* capítulos 4.1, 4.1.2-4.1.4).

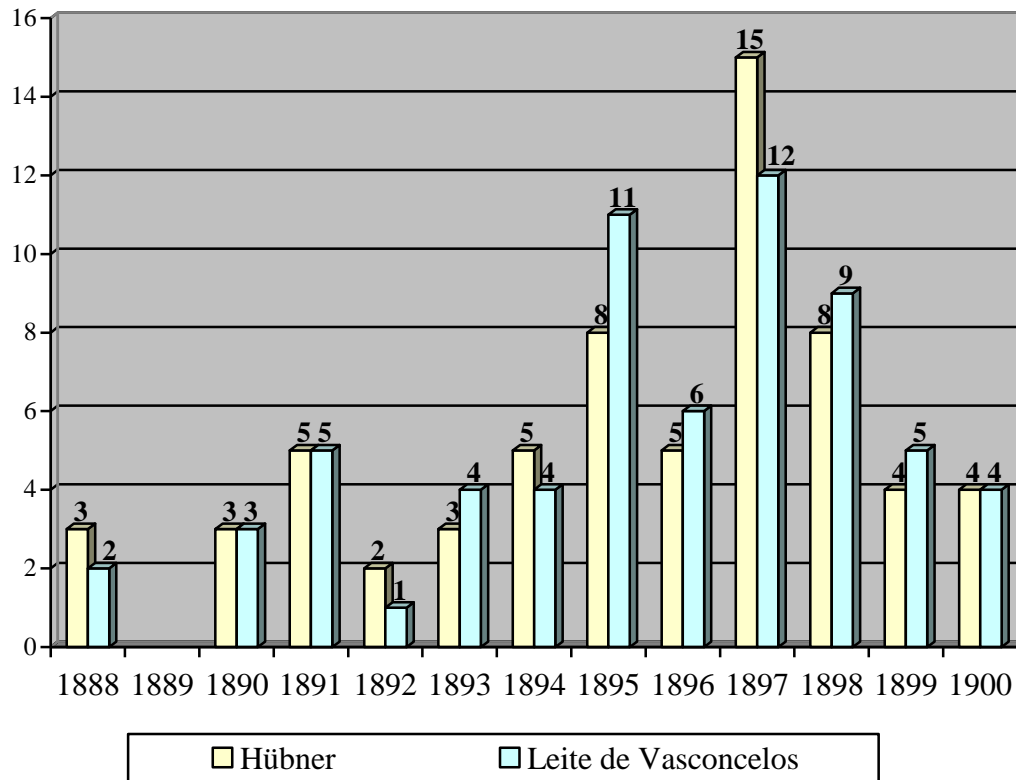


Gráfico 2: Volume de Correspondência por Ano

Em termos geográficos, os locais de redacção e de destino são pouco diversificados. Sabemos que não possuímos todos os locais, seja porque não foram escritos nas cartas, seja porque figuravam nos envelopes, cuja existência actual não conseguimos averiguar, ou ainda por outra razão que desconhecemos. A sistematização dos dados, que expomos na Tabela 2, e que segue a organização e parâmetros da Tabela 1, consiste numa proposta nossa, resultante da análise das informações fornecidas pelos dois correspondentes nas missivas, assim como nos locais dos carimbos dos correios apenas a estas (CCE; Tabela 1; Tabela 2).

A Tabela 2 é composta por duas colunas: a primeira contém as epístolas enviadas pelo erudito germânico; a segunda possui as cartas remetidas por Leite de Vasconcelos. Em cada coluna, as informações são dispostas pela seguinte ordem, separadas por ponto e vírgula, excepto o primeiro item que contém um ponto final: número de CCE. abreviatura da instituição onde o documento se encontra guardado; identificação do documento, como manuscrito – Ms. –, com o respectivo número, e/ou com a correspondente referência bibliográfica; o local de expedição (ou envio) da carta; o local de destino (ou recepção) da carta. Quando a missiva não apresenta local, optamos por

seguir o local do(s) carimbo(s) dos correios do país do remetente ou do destinatário, respectivamente. Caso não existam carimbo(s) dos correios, colocamos “Sem local”. Incluímos outras informações, nomeadamente os locais do(s) carimbo(s) dos correios diversos dos locais registados nas missivas e os locais para onde as epístolas foram reencaminhadas. Não individualizamos a 47A da 47 na contagem final, pois apesar de consistirem em dois documentos, pertencem à mesma carta e por isso remetidas do mesmo local. As epístolas estão agrupadas por ano e dispostas por uma ordem cronológica da mais antiga para a mais recente. Mantivemos a indicação de extraviada e de paradeiro desconhecido. As células em branco não têm qualquer significado (CCE; Tabela 2). No Gráfico 3 apresentamos o volume dos locais das cartas (Gráfico 3).

De Emílio Hübner para José Leite de Vasconcelos	De José Leite de Vasconcelos para Emílio Hübner
N.º de CCE. N.º de Ms.³ e/ou Referência Bibliográfica; Local de Expedição (ou Envio) da Carta; Local de Destino (ou Recepção) da Carta	N.º de CCE. N.º de Ms.⁴ e/ou Referência Bibliográfica; Local de Expedição (ou Envio) da Carta; Local de Destino (ou Recepção) da Carta
1888	
1. MNA Ms. 10446; Ahornstrasse 4, Berlim; Sem local	2. SMS Ms. 12; Sem local; Sem local
3. Extraviada	4. SMS Ms. 13; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
5. MNA Ms. 10447; Ahornstrasse 4, Berlim; Sem local	
1890	
6. MNA Ms. 10449; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	7. SMS Ms. 14; Lisboa (carimbo dos correios); Ahornstrasse 4, Berlim
	8. Paradeiro Desconhecido
9. MNA Ms. 10448; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	10. SMS Ms. 15; Lisboa (carimbo dos correios); Ahornstrasse 4, Berlim
11. MNA Ms. 10450; Ahornstrasse 4, Berlim; Sem local	
1891	
12. MNA Ms. 10451; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	13. SMS Ms. 16; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
14. Extraviada	15. SMS Ms. 17; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
16. MNA Ms. 10452; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	17. SMS Ms. 18; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
	18. Paradeiro Desconhecido
19. MNA Ms. 10453; Ahornstrasse 4,	20. SMS Ms. 19; Biblioteca Nacional,

³ MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619).

⁴ SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 12-67, de sem data a 18/12/1900.

Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
21. Extraviada	
1892	
	22. Paradeiro Desconhecido
23. MNA Ms. 10454; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
24. MNA Ms. 10455; Ahornstrasse 4, Berlim, carimbos dos correios de Loschwitz; Biblioteca Nacional, Lisboa	
1893	
	25. Paradeiro Desconhecido
26. Extraviada	27. SMS Ms. 20; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim, reencaminhado para Loschwitz
28. Extraviada	29. SMS Ms. 21; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
	30. SMS Ms. 22; Sem local; Sem local
31. MNA Ms. 10456; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
1894	
	32. Paradeiro Desconhecido
33. MNA Ms. 10457; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	34. SMS Ms. 23; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
	35. SMS Ms. 24; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
36. MNA Ms. 10458; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
37. MNA Ms. 10459+A; Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	38. SMS Ms. 25; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
39. MNA Ms. 10460; Loschwitz; Biblioteca Nacional, Lisboa	
40. MNA Ms. 10461; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
1895	
41. MNA Ms. 10462+A; Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	42. SMS Ms. 30; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
	43. SMS Ms. 29; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
44. MNA Ms. 10463; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	45. SMS Ms. 31; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
46. MNA Ms. 10464; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
47. MNA Ms. 10465; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
47A. MNA Mss. 10445+10445A; Hübner, 1895, pp. 177-182; Berlim; Sem local	48. SMS Ms. 26; Lisboa; Sem local
49. MNA Ms. 10466; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	50. Vasconcelos 1895a, p. 182; Lisboa; Sem local
	51. SMS Ms. 27; Biblioteca Nacional,

	Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
52. MNA Ms. 10467; Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	53. SMS Ms. 28; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
	54. SMS Ms. 32; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
55. MNA Ms. 10468; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	56. SMS Ms. 33; Lisboa (carimbo dos correios); Ahornstrasse 4, Berlim
57. MNA Ms. 10469; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	58. Paradeiro Desconhecido
	59. Paradeiro Desconhecido
1896	
60. MNA Ms. 10470; Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	61. MNA Ms. 10471+A; Lisboa; Sem local
62. MNA Ms. 10471; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	63. SMS Ms. 34; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
	64. SMS Ms. 35; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
	65. SMS Ms. 36; Biblioteca Nacional, Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
66. Paradeiro Desconhecido	
67. Paradeiro Desconhecido	68. SMS Ms. 37; Lisboa; Sem local
	69. SMS Ms. 38; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
70. MNA Ms. 10472+10472A; Ahornstrasse 4, Berlim; Sem local	
1897	
71. MNA Ms. 10473; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	72. SMS Ms. 39; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
73. MNA Ms. 10474; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
74. MNA Ms. 10475+A; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
75. MNA Ms. 10476; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
76. Hübner, 1897b, pp. 161-167; Berlim; Sem local	77. SMS Ms. 40; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
78. MNA Ms. 10477; Ahornstrasse 4, Berlim; Sem local	79. SMS Ms. 41; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
80. Extraviada	81. SMS Ms. 42; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
82. MNA Ms. 10478; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
83. MNA Ms. 10479; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	84. SMS Ms. 45; Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293; Lisboa; Sem local
85. MNA Ms. 10492+A; Ahornstrasse 4, Berlim; Sem local	86. SMS Ms. 43; Lisboa; Sem local
	87. SMS Ms. 44; Lisboa; Sem local
88. MNA Ms. 10480; Ahornstrasse 4,	

Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
89. MNA Ms. 10481; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	90. SMS Ms. 46; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
	91. SMS Ms. 47; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
92. MNA Ms. 10482; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	93. SMS Ms. 48; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin, reencaminhado para Bona
94. MNA Ms. 10483+A; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	95. SMS Ms. 49; Lisboa; Sem local
	96. SMS Ms. 50; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
97. MNA Ms. 10484; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	
1898	
	98. SMS Ms. 52; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
99. MNA Ms. 10486; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	100. SMS Ms. 51; Lisboa; Sem local
101. MNA Ms. 10487; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	
102. MNA Ms. 10488; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	
103. MNA Ms. 10489; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	104. SMS Ms. 53; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
	105. SMS Ms. 54; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
	106. SMS Ms. 55; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
	107. SMS Ms. 56; Biblioteca Nacional, Lisboa; Sem local
108. Paradeiro Desconhecido	109. SMS Ms. 57; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
110. Paradeiro Desconhecido	111. SMS Ms. 58; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
	112. Paradeiro Desconhecido
113. Paradeiro Desconhecido	
114. MNA Ms. 10490+A; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	
1899	
	115. SMS Ms. 59; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin
116. MNA Ms. 10491; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	117. SMS Ms. 60; Paris; Ahornstrasse 4, Berlin
118. Paradeiro Desconhecido	119. SMS Ms. 61; Paris; Ahornstrasse 4, Berlin
	120. SMS Ms. 62; Berlin; Ahornstrasse 4, Berlin
121. MNA Ms. 10493; Ahornstrasse 4, Berlin; Biblioteca Nacional, Lisboa	122. SMS Ms. 63; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlin

123. MNA Ms. 10494; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
1900	
	124. SMS Ms. 64; Lisboa (carimbo dos correios); Ahornstrasse 4, Berlim
125. Paradeiro Desconhecido	
126. MNA Ms. 10495; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	
127. MNA Ms. 10496; Ahornstrasse 4, Berlim; Biblioteca Nacional, Lisboa	128. SMS Ms. 65; Estugarda; Ahornstrasse 4, Berlim
129. MNA Ms. 10497+A; Ahornstrasse 4, Berlim; Praga	130. SMS Ms. 66; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim
	131. SMS Ms. 67; Lisboa; Ahornstrasse 4, Berlim

Tabela 2: Locais de Redacção (ou Envio) e de Destino (ou Recepção) das Cartas

O local predominante de redacção do sábio alemão consistiu na sua casa em Berlim, no n.º 4 da Ahornstrasse, totalizando 46 missivas. O facto de este número constituir a grande maioria impele-nos a pressupor que as outras cinco epístolas escritas em Berlim foram igualmente grafadas neste lugar. Uma das 46 cartas foi remetida de Loschwitz e ainda outra foi redigida nesta localidade. Isto relaciona-se com o facto de aqui se situar a casa dos pais do erudito germânico. O local de destino das missivas enviadas pelo investigador português corrobora estes dados. Excluindo as 19 epístolas das quais se desconhece o lugar, todas as restantes 39 cartas foram endereçadas para Ahornstrasse 4. Uma missiva foi reencaminhada para Loschwitz, localidade da casa dos pais, e outra epístola para Bona, onde Hübner estudou décadas antes e que considerava um local privilegiado para a instrução, recomendando-o a Leite de Vasconcelos, quando este investigador viajou para a Alemanha em 1899. Não constatámos na nossa documentação em estudo a morada Schadowstrasse referida por Miranda Valdés (CCE; CCE 116 (MNA Ms. 10491) – CCE 117 (SMS Ms. 60); González Blanco, 2014, pp. 21-22; Blech, 2014, pp. 63-66, 82-83; Miranda Valdés, 2014, pp. 177-179; Tabela 2; Gráfico 3. *Vide* capítulo 2.2).

O lugar de destino da maioria das cartas remetidas pelo sábio alemão a Leite de Vasconcelos constitui a Biblioteca Nacional de Lisboa, certamente devido ao facto de este autor desempenhar nesta instituição o cargo de conservador. Ainda que algumas epístolas sejam dirigidas ao “Director do Museu Ethnographico Portuguez”, a morada não corresponde a esta instituição. A outra missiva, que se conhece a localidade, foi enviada para Praga, o que se relaciona com a viagem que o investigador português

concretizou no ano de 1900. A correspondência endereçada pelo conservador da Biblioteca Nacional confirma, de certo modo, estas informações. Leite de Vasconcelos terá escrito 17 epístolas no seu local de trabalho. No entanto, cerca de o dobro destas cartas registam apenas a cidade de Lisboa, incluindo alguns elementos dos carimbos dos correios, o que obrigaria a considerar igualmente a sua casa e o Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português como lugar de redacção, ainda que, nos documentos que possuímos, nunca tenha referido estas moradas ao erudito germânico. Contudo, podemos pensar que Leite de Vasconcelos nunca sentiu necessidade de alterar a morada, institucional, desde o início da correspondência. Sobre as restantes seis missivas, em duas não se conhece o sítio onde foram redigidas. As outras quatro epístolas foram endereçadas de Paris, Berlim e Estugarda, no âmbito de viagens. O investigador português esteve nas duas primeiras cidades no ano de 1899 e na terceira em 1900, tendo sido neste local que forneceu a morada de Praga ao seu correspondente (CCE; Tabela 2; Gráfico 3. *Vide* capítulos 2.3, 3.4.11, 3.4.12, 4.1, 4.1.1-4.1.2, 4.1.5).

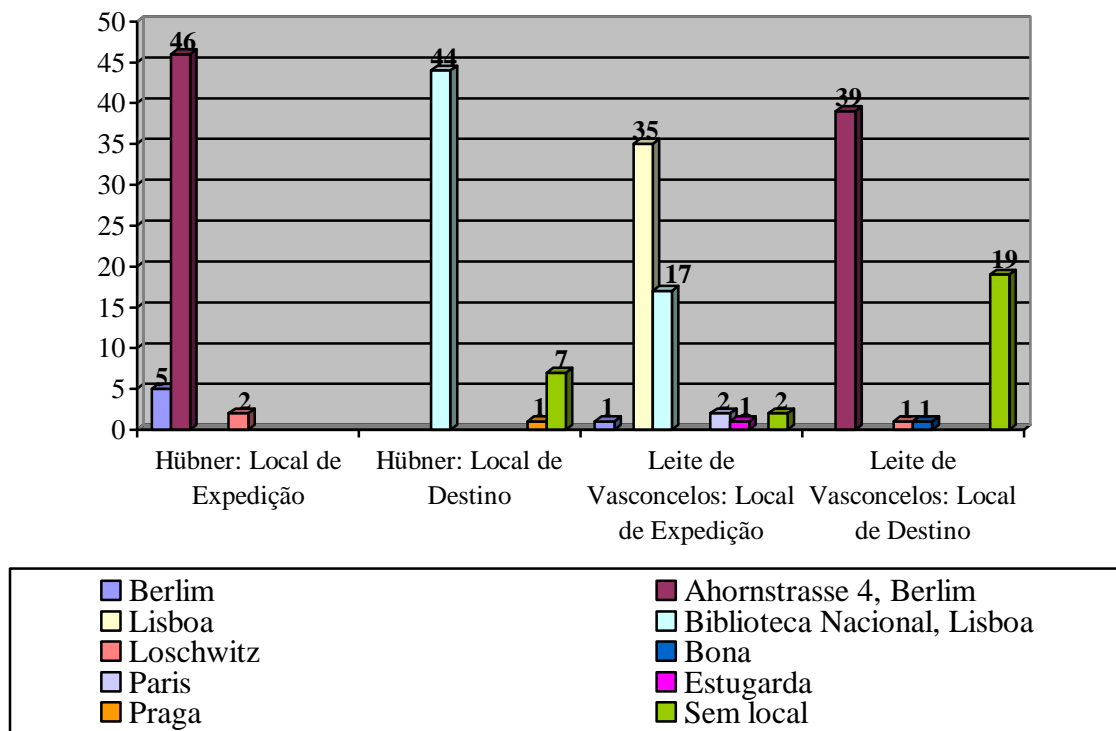


Gráfico 3: Volume dos Locais das Cartas

3.1.1 MNA, *Correspondência*, Ms. 10444+A-B, de 25/11/1894

No inventário de correspondência de Leite de Vasconcelos, foi listado um papel, encabeçado pela palavra “Copia”, datado de 25/11/1894, com a assinatura de Hübner, mas com uma caligrafia diferente da escrita observada nas outras cartas deste sábio alemão, pelo que consequentemente não seria o seu autor (MNA, *Correspondência*, Ms. 10444A-B, de 25/11/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Ao efectuar a pesquisa do assunto referenciado nessa missiva, epígrafe de Guidões / Vila Boa, constatámos que o mesmo texto da carta, com a data de 25/11/1894 e a assinatura de Hübner, figura numa epístola que termina com o nome de Francisco Martins Sarmento, com as datas de 22/10/1894 e 03/12/1894, também do espólio do Museu Nacional de Arqueologia (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 e 03/12/1894, com a assinatura de Martins Sarmento, e de 25/11/1894, com a assinatura de Hübner (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

Deste modo, aquele documento – MNA Ms. 10444+A-B – seria uma cópia de um manuscrito, com comentários do erudito germânico, eventualmente remetido pelo ilustre vimaranense ao conservador da Biblioteca Nacional – MNA Ms. 20772 – (MNA, *Correspondência*, Ms. 10444+A-B, de 25/11/1894, Ms. 20772, de 22/10/1894, 25/11/1894 e 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619, p. 237, n.º 3124)).

No entanto, a assinatura desta carta – MNA Ms. 20772 – difere das outras missivas de Sarmento e é iniciada igualmente com o termo “Copia” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 e 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Coito, 1999, pp. 236-237, n.º 3124). Além disso, a caligrafia dos dois documentos – MNA Mss. 10444+A-B e 20772 – é igual, pelo que concluímos terem sido escritos pelo mesmo indivíduo, que não o investigador vimaranense, nem Hübner (MNA, *Correspondência*, Ms. 10444+A-B, de 25/11/1894, Ms. 20772, de 22/10/1894, 25/11/1894 e 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619, p. 237, n.º 3124)). Estas “Cópias” seriam assim transcrições de epístolas destes dois autores.

Analisemos o conteúdo do duplicado de Sarmento de 22/10/1894 (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

No texto lê-se: “a inscrição, que diz, já recebi duas cópias” e “Espero por estes dias a copia em gesso da lapide e heide estudal’a com vagar” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)). Estas frases estão de acordo com o que o ilustre vimaranense escreveu ao sábio alemão em carta de 16/08/1894: “Ja recebi duas copias desta inscrição [...]. [...] Apenas permite uma modelação em gesso,

que mandei tirar, para estudar o enigma nas horas vagas.” (Cardozo, 1947, p. 226, de 16/08/1894). Um destes desenhos foi remetido pelo Padre Joaquim Pedrosa (Lima, 1940, pp. 205-207, n.º XI, de 11/05/1894). Este sacerdote prometeu depois o envio dos “gessos”, concordando a data da sua missiva, 05/10/1894, com o apógrafo de Sarmento, no qual afirma “Espero a copia em gesso”, de 22/10/1894. Na epístola do egrégio vimaranense ao erudito germânico, de 17/11/1894, aquele indicou já estar na posse do molde (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Lima, 1940, pp. 209-210, n.º XV, de 05/10/1894; Cardozo, 1947, p. 231, de 17/11/1894).

Continua na réplica: “Depois mandei a copia ao Hübner que a interpretou assim [...]” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)). Sarmento encaminhou o texto da epígrafe na carta de 16/08/1894. O sábio alemão respondeu-lhe em missiva de 23/08/1894. A interpretação que forneceu é igual, em parte, à registada no duplicado do ilustre vimaranense de 22/10/1894 (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Cardozo, 1947, p. 226, de 16/08/1894, p. 229, de 23/08/1894).

Refere ainda o apógrafo: “A photographia vem provar [...]. [...] Se o Hübner visse a photographia havia de reconsiderar por força; mas se quer mande me outra prova que eu mando-a para Berlim a ver o que diz o Oraculo” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

Esta ponderação induziu talvez o correspondente de Sarmento a enviar-lhe outra foto, que o investigador vimaranense remeteu ao erudito germânico, juntamente com a epístola de 17/11/1894: “Mando-lhe também uma fotografia da inscrição de Guidões”. Na carta, transmitiu ainda um conjunto de apreciações, relativas à leitura do texto do monumento, baseando-se no modelo em gesso (Cardozo, 1947, p. 231, de 17/11/1894).

O sábio alemão certamente que lhe teria comunicado a sua opinião, pois estava na posse de uma fotografia e de comentários credíveis, fundamentados num molde fidedigno. Todavia, Mário Cardozo não arrolou missiva alguma com esta informação (cf. Cardozo, 1947).

Uma das páginas do manuscrito MNA 20772 e o documento MNA 10444+A-B contêm, em nosso parecer, a lição de Hübner. As datações que apresentam, 25/11/1894, torna-o possível, na medida em que permite as viagens dos correios e vem na sequência da epístola de Sarmento, de 17/11/1894, (MNA, *Correspondência*, Ms. 10444+A-B, de 25/11/1894, Ms. 20772, de 25/11/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619, p. 237, n.º 3124);

Cardozo, 1947, pp. 231-232, de 17/11/1894). Como vimos, as cartas demoravam cerca de 4 dias entre Portugal e a Alemanha, pelo que esta hipótese tem viabilidade (*Vide* capítulo 3.1).

A não existência do original na Sociedade Martins Sarmiento relacionar-se-á talvez com uma frase do duplicado do investigador vimaranense de 03/12/1894: “Mando-lhe a resposta do Hübner” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)). Teria, aparentemente, remetido a missiva sem efectuar uma cópia.

Um outro apontamento consolida a nossa opinião de que os dois documentos correspondem a cópias de epístolas de Sarmiento e do sábio alemão, enviadas a outrem que não o conservador da Biblioteca Nacional (MNA, *Correspondência*, Ms. 10444+A-B, de 25/11/1894, Ms. 20772, de 22/10/1894, 25/11/1894 e 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619, p. 237, n.º 3124)).

Leite de Vasconcelos referiu n’*O Arqueólogo Português* uma carta de Sarmiento, supostamente dirigida a David Ramos, primeiro possuidor da inscrição, que lhe foi oferecida por Adães Bermudes. O conservador da Biblioteca Nacional indicou que, nesta missiva, o ilustre vimaranense mencionava as leituras de Hübner antes e depois de observar a foto da epígrafe e fornecia a sua própria opinião, o que se verifica no manuscrito MNA 20772, que analisámos *supra*. As citações de Leite de Vasconcelos são igualmente deste documento, especificamente do texto com a data de 03/12/1894: “Ex Juli ou Ex Julia” e “ainda está para nascer a Sphinge que decifre o enigma, salvo o erro”. Também este dia é apontado no artigo (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894, 25/11/1894 e 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Vasconcelos, 1906, p. 371, nota 1).

Em suma, pensamos que o manuscrito MNA 20772 corresponde à cópia de uma carta enviada por Francisco Martins Sarmiento a, possivelmente, David Ramos. O documento MNA Ms. 10444+A-B consiste numa cópia de uma carta do sábio alemão dirigida ao investigador vimaranense. Estas mesmas linhas foram também copiadas no manuscrito MNA 20772. Assim, o texto MNA Ms. 10444+A-B deve ser incluído na correspondência trocada entre Francisco Martins Sarmiento e Emílio Hübner. O outro deve ser arrolado, com algumas reservas, nas missivas que o ilustre vimaranense remeteu a David Ramos. Os documentos em si devem ser talvez juntos às epístolas que o conservador da Biblioteca Nacional recebeu de Adães Bermudes, segundo as próprias palavras que aquele investigador editou no seu artigo (MNA, *Correspondência*, Ms.

10444+A-B, de 25/11/1894, Ms. 20772, de 22/10/1894, 25/11/1894 e 03/12/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619, p. 237, n.º 3124); Vasconcelos, 1906, p. 371, nota 1).

Adões Bermudes enviou igualmente a fotografia do monumento epigráfico, cujo original está no arquivo fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia (MNA, *Correspondência*, Ms. 10444B, de 25/11/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

3.2 As Línguas de Redacção das Cartas

Ao contrário do que acontece com a maioria dos correspondentes de Hübner, as missivas trocadas entre ele e Leite de Vasconcelos foram redigidas em francês, português, latim e alemão. Os dois correspondentes empregaram ainda alguns vocábulos em grego. De modo a sistematizarmos a informação, elaborámos a Tabela 3 com as línguas de redacção das epístolas, organizada por ordem cronológica e por autor (CCE; Tabela 3).

A Tabela 3 segue a organização e parâmetros da Tabela 1. Em cada coluna, as informações são dispostas pela seguinte ordem, separadas por ponto e vírgula, excepto o primeiro item que contém um ponto final: número de CCE. abreviatura da instituição onde o documento se encontra guardado, seguido de manuscrito – Ms. –, com o respectivo número, e/ou a referência bibliográfica; as línguas de redacção das cartas; outras informações como extraviada e paradeiro desconhecido. Nesta ocasião individualizamos a 47A da 47 na contagem final, pois consistem em dois documentos, apesar de pertencerem à mesma epístola (Tabelas 1, 3).

De Emílio Hübner para José Leite de Vasconcelos	De José Leite de Vasconcelos para Emílio Hübner
N.º de CCE. N.º de Ms.⁵ e/ou Referência Bibliográfica; Línguas	N.º de CCE. N.º de Ms.⁶ e/ou Referência Bibliográfica; Línguas
1888	
1. MNA Ms. 10446; Francês	2. SMS Ms. 12; Português
3. Extraviada	4. SMS Ms. 13; Português
5. MNA Ms. 10447; Francês	
1890	
6. MNA Ms. 10449; Francês	7. SMS Ms. 14; Português
	8. Paradeiro Desconhecido

⁵ MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619).

⁶ SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 12-67, de sem data a 18/12/1900.

9. MNA Ms. 10448; Francês	10. SMS Ms. 15; Português
11. MNA Ms. 10450; Francês	
1891	
12. MNA Ms. 10451; Francês	13. SMS Ms. 16; Português
14. Extraviada	15. SMS Ms. 17; Português
16. MNA Ms. 10452; Francês	17. SMS Ms. 18; Português
	18. Paradeiro Desconhecido
19. MNA Ms. 10453; Francês	20. SMS Ms. 19; Português
21. Extraviada	
1892	
	22. Paradeiro Desconhecido
23. MNA Ms. 10454; Francês	
24. MNA Ms. 10455; Francês	
1893	
	25. Paradeiro Desconhecido
26. Extraviada	27. SMS Ms. 20; Português
28. Extraviada	29. SMS Ms. 21; Português
	30. SMS Ms. 22; Português e Latim
31. MNA Ms. 10456; Alemão	
1894	
	32. Paradeiro Desconhecido
33. MNA Ms. 10457; Alemão	34. SMS Ms. 23; Português
	35. SMS Ms. 24; Português
36. MNA Ms. 10458; Francês	
37. MNA Ms. 10459+A; Latim	38. SMS Ms. 25; Latim
39. MNA Ms. 10460; Alemão	
40. MNA Ms. 10461; Latim	
1895	
41. MNA Ms. 10462+A; Latim	42. SMS Ms. 30; Português
	43. SMS Ms. 29; Latim
44. MNA Ms. 10463; Alemão	45. SMS Ms. 31; Português
46. MNA Ms. 10464; Francês	
47. MNA Ms. 10465; Francês	
47A. MNA Mss. 10445+10445A; Hübner, 1895, pp. 177-182; Latim	48. SMS Ms. 26; Latim
49. MNA Ms. 10466; Latim	50. Vasconcelos, 1895a, p. 182; Latim
	51. SMS Ms. 27; Português
52. MNA Ms. 10467; Latim	53. SMS Ms. 28; Latim
	54. SMS Ms. 32; Português
55. MNA Ms. 10468; Francês	56. SMS Ms. 33; Português
57. MNA Ms. 10469; Francês	58. Paradeiro Desconhecido
	59. Paradeiro Desconhecido
1896	
60. MNA Ms. 10470; Latim	61. SMS Ms. 10471+A; Latim
62. MNA Ms. 10471; Francês	63. SMS Ms. 34; Português
	64. SMS Ms. 35; Português
	65. SMS Ms. 36; Português
66. Paradeiro Desconhecido	

67. Paradeiro Desconhecido	68. SMS Ms. 37; Português
	69. SMS Ms. 38; Português
70. MNA Ms. 10472+10472A; Francês	
1897	
71. MNA Ms. 10473; Francês	72. SMS Ms. 39; Português
73. MNA Ms. 10474; Francês	
74. MNA Ms. 10475+A; Francês	
75. MNA Ms. 10476; Latim	
76. Hübner, 1897b, pp. 161-167; Latim	77. SMS Ms. 40; Português
78. MNA Ms. 10477; Francês	79. SMS Ms. 41; Português
80. Extraviada	81. SMS Ms. 42; Português
82. MNA Ms. 10478; Francês	
83. MNA Ms. 10479; Francês	84. SMS Ms. 45; Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293; Latim
85. MNA Ms. 10492+A; Francês	86. SMS Ms. 43; Português
	87. SMS Ms. 44; Português
88. MNA Ms. 10480; Francês	
89. MNA Ms. 10481; Francês	90. SMS Ms. 46; Português
	91. SMS Ms. 47; Português
92. MNA Ms. 10482; Francês	93. SMS Ms. 48; Português
94. MNA Ms. 10483+A; Francês	95. SMS Ms. 49; Francês e Latim
	96. SMS Ms. 50; Português
97. MNA Ms. 10484; Francês	
1898	
	98. SMS Ms. 52; Latim
99. MNA Ms. 10486; Francês	100. SMS Ms. 51; Português
101. MNA Ms. 10487; Francês	
102. MNA Ms. 10488; Francês	
103. MNA Ms. 10489; Latim	104. SMS Ms. 53; Português
	105. SMS Ms. 54; Latim
	106. SMS Ms. 55; Português
	107. SMS Ms. 56; Português
108. Paradeiro Desconhecido	109. SMS Ms. 57; Português
110. Paradeiro Desconhecido	111. SMS Ms. 58; Português
	112. Alemão; Paradeiro Desconhecido
113. Francês; Paradeiro Desconhecido	
114. MNA Ms. 10490+A; Alemão	
1899	
	115. SMS Ms. 59; Alemão
116. MNA Ms. 10491; Alemão	117. SMS Ms. 60; Português
118. Paradeiro Desconhecido	119. SMS Ms. 61; Português
	120. SMS Ms. 62; Português
121. MNA Ms. 10493; Latim	122. SMS Ms. 63; Alemão e Português
123. MNA Ms. 10494; Alemão	
1900	
	124. SMS Ms. 64; Português
125. Paradeiro Desconhecido	
126. MNA Ms. 10495; Alemão e Latim	

127. MNA Ms. 10496; Alemão	128. SMS Ms. 65; Alemão
129. MNA Ms. 10497+A; Alemão	130. SMS Ms. 66; Português
	131. SMS Ms. 67; Português

Tabela 3: Línguas de Redacção das Cartas

Das 65 missivas enviadas pelo sábio alemão, 33 foram redigidas em francês, nove em alemão, a sua língua materna, e 11 em latim, sendo que uma carta, a CCE 126, contém estas duas últimas línguas. No Gráfico 4 apresentamos o volume e as percentagens das línguas de redacção das epístolas do erudito germânico e no Gráfico 5 fornecemos as línguas de redacção das cartas de Hübner por Ano (CCE; CCE 126 (MNA Ms. 10495); Tabela 3; Gráficos 4-5).

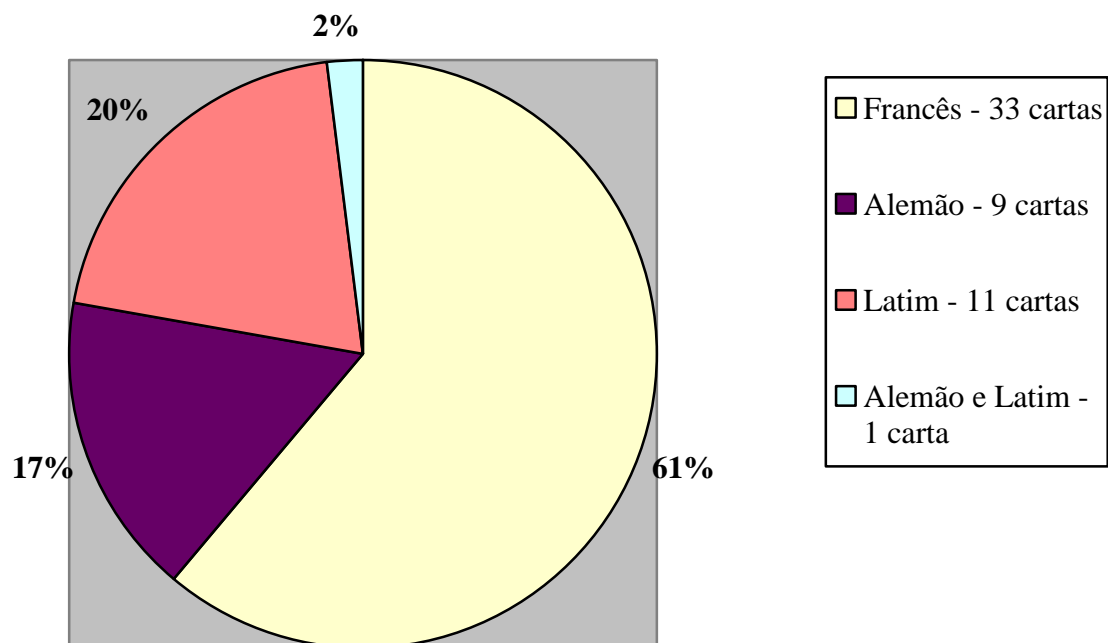


Gráfico 4: Línguas de Redacção das Cartas de Hübner

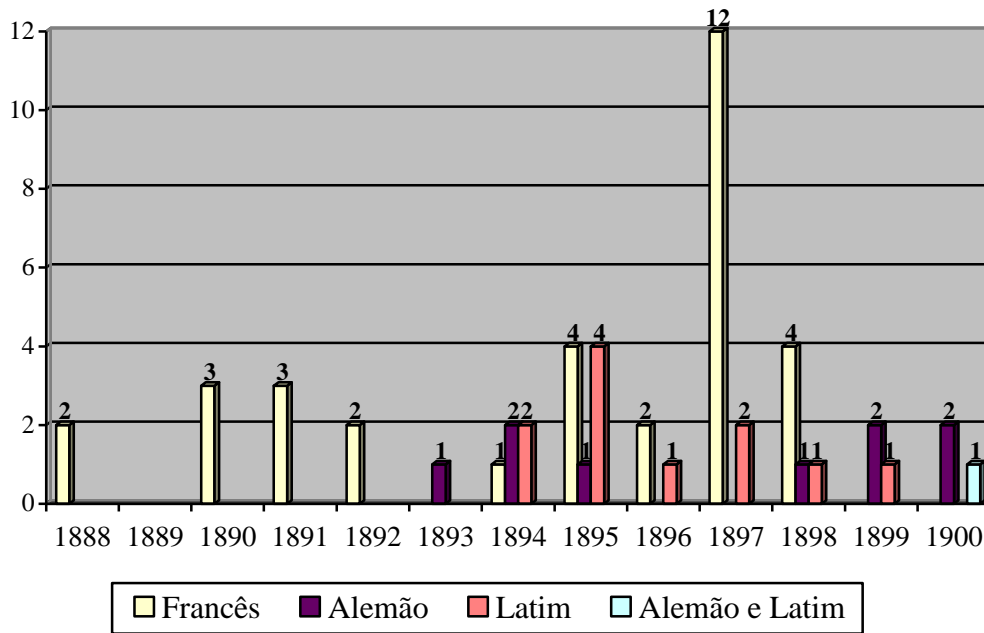


Gráfico 5: Línguas de Redacção das Cartas de Hübner por Ano

O investigador português remeteu 66 epístolas. Escreveu 44 em português, nove em latim e três em alemão. A missiva CCE 30 foi redigida em português e latim, a carta CCE 95 foi composta em francês e latim e a epístola CCE 122 foi gravada em alemão e português. No Gráfico 6 apresentamos o volume e as percentagens das línguas de redacção das cartas de Leite de Vasconcelos e no Gráfico 7 as línguas de redacção das missivas do conservador da Biblioteca Nacional por Ano (CCE; CCE 30 (SMS Ms. 22); CCE 95 (SMS Ms. 49); CCE 122 (SMS Ms. 63); Tabela 3; Gráficos 6-7).

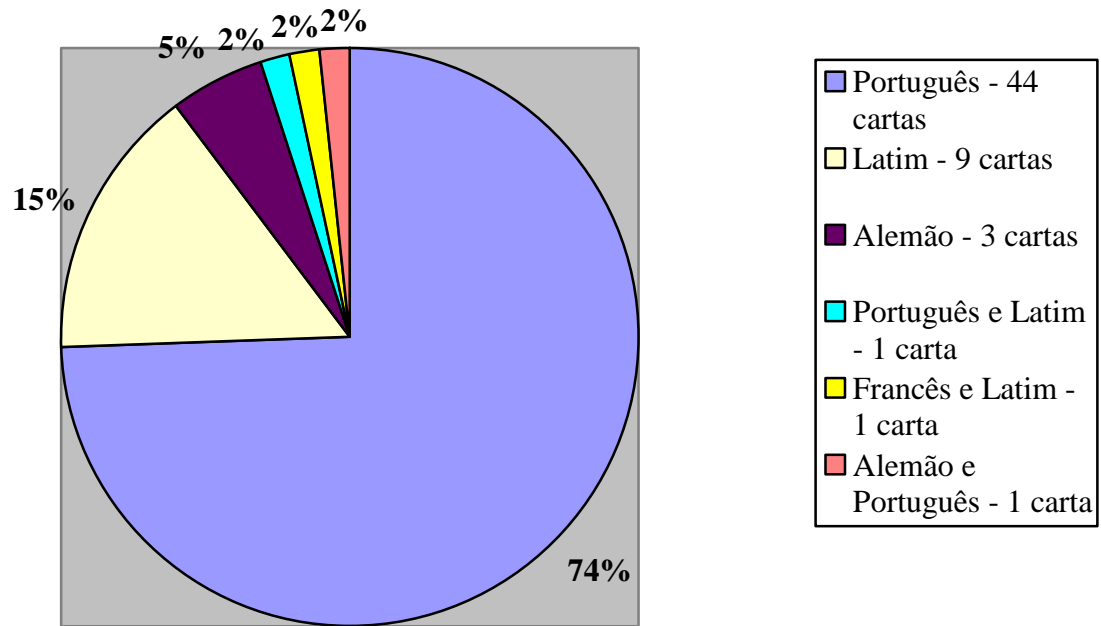


Gráfico 6: Línguas de Redacção das Cartas de Leite de Vasconcelos

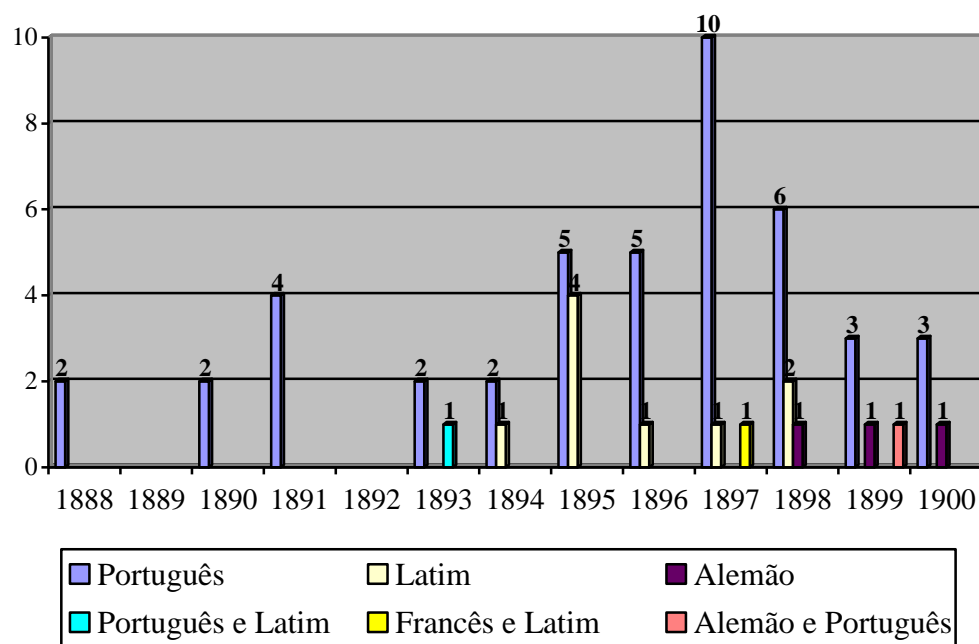


Gráfico 7: Línguas de Redacção das Cartas de Leite de Vasconcelos por Ano

A maioria das missivas de Hübner foi escrita em francês, correspondendo a 61% do total. O uso da língua francesa pelo sábio alemão manteve-se até 1898, exceptuando-se

o ano de 1893. A partir deste ano, o erudito germânico empregou igualmente o alemão e o latim (CCE; Tabela 3; Gráficos 4-5). O francês foi usado na generalidade da sua correspondência com portugueses: com Martins Sarmiento na quase totalidade, em todas as cartas que dirigiu a Albano Belino e na maior parte das epístolas remetidas a Mesquita de Figueiredo (CCE; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; Cardozo, 1947; Figueiredo, 1948).

Leite de Vasconcelos apenas enviou uma missiva no idioma francês, juntamente com o latim, a Hübner, privilegiando o português, talvez por o sábio alemão ter aceitado o uso do português, como analisamos *infra* (CCE; CCE 95 (SMS Ms. 49); Tabela 3; Gráficos 6-7).

O uso da língua francesa na correspondência científica do século XIX relaciona-se com o facto de esta constituir o idioma franco. Entre os séculos XIV e XVI, o francês sofreu uma alteração e estabilização linguística. No século XVII, a criação da Academia Francesa em 1634 e a preponderância política e diplomática da França na Europa, conduziu a que a língua francesa se tornasse o idioma internacional, substituindo o latim. Este facto foi consolidado pela preeminência do Iluminismo francês já no século XVIII (Brunot, 1905, pp. 401-404, 533-534; Brunot, 1906, pp. 27-32, 93-215, 242-483; Brunot, 1909, 31-42; Brunot, 1917, pp. 1-31, 89-431; Brunot, 1934, 1-729; Brunot, 1935, pp. 769-1194; Carpentier & Lebrun, 1996², pp. 225-240, 244-245, 266-272).

O investigador lusitano deu a possibilidade de escolha ao seu correspondente, questionando-o sobre a sua preferência linguística (CCE 2 (SMS Ms. 12)). Não possuímos a resposta, que supomos ter sido escrita em CCE 3, uma vez que em nenhuma outra carta se repetiu a pergunta. O facto de as epístolas seguintes, assim como a maioria das missivas, com 74%, de Leite de Vasconcelos terem sido redigidas na língua portuguesa, indicia uma aceitação neste sentido e demonstra o conhecimento linguístico do sábio alemão (CCE; Tabela 3; Gráficos 6-7).

Na realidade, o erudito germânico aceitava correspondência em português. Escreveu a Martins Sarmiento, em carta de 15/10/1879: “Ecrivez-moi, si vous voulez, en votre belle et intéressante langue; je la comprends très bien, mais je n’ose pas de m’en servir”⁷ (Cardozo, 1947, p. 23, de 15/10/1879). Alguns anos depois, redigiu a Mesquita de Figueiredo, em epístola de 20/11/1898: “Écrivez-moi toujours en Portugais, je le

⁷ Tradução: “Escreva-me, se quiser, na vossa bela e interessante língua; eu compreendo-a muito bem, mas não ouse servir-me dela”.

comprends très-bien, seulement je ne m'hazarde pas à l'écrire.”⁸ (Figueiredo, 1948, p. 13, de 20/11/1898). Contrariamente ao que escreveu nestas missivas, compôs uma carta num português com laivos de espanhol, que remeteu a Martins Sarmiento (Cardozo, 1947, p. 85, de 23/09/1881). Nunca endereçou qualquer epístola a Leite de Vasconcelos naquela língua (CCE; Tabela 3; Gráficos 4-5).

Na epístola de 17 de Dezembro de 1893, o investigador luso mostrou a receptividade quanto a mensagens escritas em alemão (CCE 29 (SMS Ms. 21)) e na missiva seguinte incluiu uma frase em latim (CCE 30 (SMS Ms. 22)). Como resposta, Hübner começou a redigir em ambas estas línguas, mantendo o francês, que utilizou em cerca de metade do total das cartas (CCE; Tabela 3; Gráficos 4-7).

O latim foi a segunda língua mais utilizada na correspondência trocada pelos dois epigrafistas, ora em estudo. Cifra-se em 20%+2% no caso do sábio alemão e em 15%+2%+2% no tocante a Leite de Vasconcelos (CCE; Tabela 3; Gráficos 4, 6).

O investigador lusitano foi o primeiro a escrever neste idioma, numa missiva maioritariamente em português, sendo a língua latina reservada para um elogio à obra *Monumenta Linguae Ibericae* do erudito germânico. Este autor, por sua vez, redigiu em latim a sua opinião sobre o artigo *Quid Apud Lusitanos Verbum “Aedeoli” Significauerit*, do conservador da Biblioteca Nacional, editado igualmente neste idioma. O director do Museu Etnográfico Português manteve a língua latina na sua resposta. A partir deste momento, o latim foi empregue pelos dois correspondentes para situações variadas, das quais destacamos a publicação de artigos ou textos que encaramos como missivas n’*O Arqueólogo Português*. No primeiro artigo que Hübner remeteu a Leite de Vasconcelos, o sábio alemão afirmou ter redigido na língua latina, lembrando o extraordinário uso deste idioma por Jerónimo Osório, autor português do século XVI, e desaprovando o seu abandono na época em que se encontravam a viver, finais do século XIX (CCE; CCE 30 (SMS Ms. 22); CCE 37 (MNA Ms. 10459+A) – CCE 38 (SMS Ms. 25); CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A; Hübner, 1895, pp. 177-182); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); CCE 84 (SMS Ms. 45; Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); Tabela 3; Gráficos 5, 7).

Hübner escreveu em latim para o Abade de Tagilde e para José Pereira Caldas, assim como a memória a Martins Sarmiento (SMS, *Várias Cartas*, Mss. 1-6, de 06/05/1896 a

⁸ Tradução: “Escreva-me sempre em português, eu compreendo-o muito bem, apenas não me aventuro a escrevê-lo”.

29/09/1900; SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, Mss. 55-57, de 1900-1901; Cardozo, 1947, pp. 297-301).

A língua latina foi a primeira língua franca da Europa. O uso do latim na correspondência científica do século XIX, assim como em artigos e em projectos de grande envergadura, como o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, relacionar-se-á com o neolatim. Esta forma da língua latina surgiu nos séculos XIV-XV em Itália, no âmbito do desejado regresso aos clássicos do período do Renascimento. No século XVI, divulgou-se por toda a Europa, tornando-se, entre outros, o idioma da ciência e erudição. O crescente uso das línguas vernáculas, fomentado nomeadamente com a Reforma Protestante, e a implantação do francês como idioma franco no século XVII, como analisámos *supra*, causou um decréscimo na utilização do latim. Todavia, a língua latina permaneceu como idioma ligado à ciência, à cultura e à erudição, nunca deixando de assumir um papel importante na comunidade científica e académica, na medida em que havia sido a primeira língua franca da ciência. Deste modo, continuava-se a escrever obras científicas em latim, nomeadamente na Alemanha, como é o caso do grande projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL) da Academia das Ciências de Berlim. Em Portugal, estabeleceu-se que as “História Eclesiástica” e, num primeiro momento, “História Secular”, que a Academia Real da História Portuguesa foi incumbida de escrever, deveriam ser igualmente impressas nesse idioma. Por estas razões, os dois correspondentes trocaram missivas na língua latina (cf., v.g., Vilar Maior (ed.), 1721, “Proposição da Academia [...]”, “Reflexoens sobre o Estudo Academico”; “Distribuição dos Empregos dos Academicos”; Brunot, 1917, *passim*; Brunot, 1934, *passim*; Brunot, 1935, *passim*; Fidalgo, 1996; Martins, 1999, p. 123; http://www.mml.cam.ac.uk/other/courses/ugrad/neo_latin.html; <http://www.philological.bham.ac.uk/bibliography/>. Vide capítulos 5.1.1, 5.2).

Como indicámos *supra*, no ano de 1893, Leite de Vasconcelos revelou aceitar correio em alemão. No sentido de esclarecer a razão para o pedido de “calligraphia clara” (CCE 29 (SMS Ms. 21)), efectuámos uma pesquisa no conjunto epistolar do conservador da Biblioteca Nacional. O espólio é extenso, pelo que restringimos a investigação de cartas redigidas em letra alemã à correspondência enviada de territórios de língua oficial alemã e escrita neste idioma, até 1893, inclusive. No entanto, todos os documentos são legíveis (Coito, 1999, p. 77, n.º 871, p. 121, n.º 1515, p. 141, n.º 1786, p. 238, n.º 3146, p. 248, n.º 3356).

A partir da missiva do investigador português, o erudito germânico incluiu a sua língua materna na redacção das suas epístolas, estando o número próximo do latim. Contabilizam-se 11 cartas neste idioma, 20%, e nove em alemão, 17%, às quais se soma uma missiva em ambas as línguas, 2% (CCE; CCE 29 (SMS Ms. 21); CCE 126 (MNA Ms. 10495); Tabela 3; Gráficos 4-5).

Apesar da disponibilidade, o director do Museu Etnológico Português apenas começou a redigir cartas no idioma germânico em 1898, cifrando-se em 5%+2%, um pouco afastado do latim, com 15%+2%+2% (CCE; CCE 29 (SMS Ms. 21); Tabela 3; Gráficos 6-7).

Os objectivos de Leite de Vasconcelos em aprender e treinar o alemão residiram certamente na maior possibilidade de acesso à bibliografia escrita neste idioma e no contacto com investigadores de língua alemã. Em 1898, começou a preparar uma viagem de estudo à Alemanha, que efectuou em 1899. Nos meses de Agosto e Novembro de 1898, revelou saber pouco alemão para poder aproveitar convenientemente os cursos, optando por efectuar a maioria das formações em Paris. Contudo, em Dezembro desse ano, Hübner considerou que o seu correspondente escrevia bastante bem em língua alemã, congratulando-o. Assim, passaria a ser esse o idioma de redacção das suas missivas (CCE 107 (SMS Ms. 56); CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 112 – CCE 114 (MNA Ms. 10490+A)). Desde esse momento contabilizamos quatro epístolas em alemão, uma em latim e outra em ambas as línguas. O investigador lusitano continuou a utilizar o português na maioria das suas cartas, em número de seis, sendo o outro idioma utilizado apenas o alemão, com duas missivas. Uma outra epístola foi redigida nestas duas línguas (CCE; CCE 115 (SMS Ms. 59) – CCE 131 (SMS Ms. 67); Tabela 3; Gráficos 5, 7).

Leite de Vasconcelos julgou sempre fundamental manter a prática deste idioma, tal como disse e escreveu a Orlando Ribeiro: “Não descure nem um dia o alemão.”, “Vale mais saber alemão que ter uma quinta.” (Alegria, Daveau & Garcia, 2011, p. 78). Assim, “Quando a luz do dia começava a enfraquecer [...] ele parava e lia durante algum tempo, com óculos escuros, qualquer texto, quase sempre em alemão para não esquecer...” e “Durante anos reservará a tarde a leituras variadas, incluindo alemão, obrigação diária que tinha imposto a si próprio para dominar esta língua rebelde” (Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 258).

3.3 Critérios de Transcrição e de Edição dos Documentos

No nosso projecto indicámos que na base da investigação proceder-se-ia à fixação dos textos das cartas e sua tradução, de modo a editar toda a correspondência trocada, colocando os documentos à disposição do meio científico. Para além disso, decidimos proceder da mesma forma com algumas missivas trocadas com outros indivíduos, que interessam ao nosso estudo e que, por essa razão, incluímos no trabalho.

No respeitante à fixação dos manuscritos, transcrevemos os textos das epístolas como eles foram redigidos, isto é, mantendo a grafia da época, assim como os parágrafos, excepto quando tal nos pareceu sem sentido, o que indicámos em nota. Tratando-se de documentos manuscritos, apresentam diferentes formas de grafar os caracteres, alguma variedade de soluções de escrita, nem sempre compatíveis com o que seria adequado. Nos casos que suscitaram dúvida, optámos pela palavra correcta; ao invés, tomámos como erros de escrita apenas os incontestáveis, assinalando-os com [sic]. Como nessa época vigoravam outras normas ortográficas, também na vertente da acentuação, não assinalámos qualquer divergência neste domínio. Quando não nos foi possível esclarecer uma sequência de caracteres, colocámos [palavra incompreensível].

Em todo o nosso trabalho, excepto na transcrição dos manuscritos, actualizámos os nomes de pessoas para o português actual, como por exemplo, Vasconcellos para Vasconcelos. Nos livros e periódicos que ao longo da sua história editorial actualizaram o nome, seguimos a última versão, como por exemplo, *O Archeologo Português* para *O Arqueólogo Português*. Conservámos o nome dos livros e periódicos que nunca sofreram actualizações, como por exemplo, *Revista Archeologica*.

Sendo impossível transcrever determinados pormenores de manuscritos e publicações, optámos por realizar fotografia digital ou *scanner* dos documentos e assim colocá-los no nosso trabalho. Agradecemos mais uma vez ao Dr. Amaro das Neves, da Sociedade Martins Sarmento, e ao Dr. António Carvalho, do Museu Nacional de Arqueologia, as respectivas autorizações.

Nas traduções, actualizámos o texto para a grafia actual, excepto o que se indicou *supra*. Mantivemos ainda os textos epigráficos como aparecem no original, não alterando *v* por *u*, que utilizámos nas nossas interpretações. Nas epístolas em português com poucas palavras noutras línguas, a tradução destas foi colocada em nota de rodapé. A tradução das cartas dos outros correspondentes ao longo do nosso trabalho foi sempre colocada em nota de rodapé. Não traduzimos termos ou expressões geográficas, como por exemplo *Myrtilis*.

Nas cartas redigidas em português, francês e alemão verificamos o uso das respectivas formas de tratamento cerimonioso. Em português, utilizou-se V. Ex.^a e a terceira pessoa do singular. Em francês, empregou-se a segunda pessoa do plural. Em alemão, aplicou-se o tratamento formal e a terceira pessoa do plural. Nas missivas em latim não está presente nenhuma forma de tratamento cerimonioso, usando-se sempre a segunda pessoa do singular. Deste modo, conscientes que os contactos naquelas três línguas mantiveram sempre um registo formal e que em latim não existia uma forma de tratamento cerimonioso, traduzimos a segunda pessoa do singular latina por V. Ex.^a e pela terceira pessoa do singular, formas registadas nas epístolas em português. Efectuámos o mesmo nas traduções das restantes línguas. No francês, traduzimos preferencialmente assim *vous*, ainda que de forma não exclusiva, e do mesmo modo procedemos no caso do alemão *Sie*.

Nas missivas com tradução, as notas com os comentários aos temas foram apresentadas nas traduções, sendo que todos os assuntos que não são de Epigrafia foram colocados em notas de rodapé. Os assuntos de Epigrafia foram desenvolvidos nos capítulos 4.1.1–4.1.5 e no Anexo I (*Vide* capítulos 4.1.1–4.1.5, Anexo I).

Desenvolvemos as siglas e abreviaturas em nota de rodapé, excepto quando são claras.

No *Corpus* de Correspondência Epistolar (CCE) procedemos à transcrição de todos os manuscritos trocados entre Hübner e Leite de Vasconcelos, assim como à respectiva tradução. Organizámos os documentos por ordem cronológica do mais antigo para o mais recente, agrupando-os por ano e indicando este no início, no título do subcapítulo. Quando as cartas não apresentavam data de redacção, seguimos as datas dos correios, primeiro do remetente, depois do destinatário. Nos casos em que foi possível reconstituir ou supor alguma data, colocámos esta entre parênteses rectos.

Na rubrica “Tipo de Documento” indicámos se consistia numa carta em folheto ou numa carta postal, com o número de páginas ou se frente e verso, as línguas em que foram redigidas, as referências aos carimbos e datas que apresentam, a referência bibliográfica do manuscrito, se foi publicado e a respectiva bibliografia.

Incluímos a rubrica “Destinatário” apenas nas cartas postais, que apresentam uma face onde se regista o destinatário, e nas cartas que têm envelope. Aqui transcrevemos o texto tal como foi gravado no manuscrito, não actualizando a grafia. Considerámos a referência a remetentes ou destinatários na carta como parte integrante da própria carta.

De seguida, transcrevemos os manuscritos e procedemos às respectivas traduções.

Definimos como extraviadas as cartas que não chegaram ao destinatário e como de paradeiro desconhecido as cartas enviadas, recebidas e entretanto desaparecidas. Nestes casos, na rubrica “Tipo de Documento” apontámos a sua situação e o suposto remetente. Na rubrica “Observações” analisámos as razões que nos induziram a considerar a existência de uma missiva.

Quando necessário, expusemos as particularidades a registar.

3.4 *Corpus* da Correspondência Epistolar (CCE)⁹

3.4.1 Ano de 1888

1. ¹⁰

Tipo de Documento: Carta em folheto com três páginas, escrita em francês (MNA, *Correspondência*, Ms. 10446, de 21/04/1888 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Berlin, W.¹¹, Ahornstrasse 4,
21/4 88

Mr. J. Leite de Vasconcellos

Cher Monsieur,

Je viens de recevoir votre article sur le livre de Mr. Bonança, dans le Reporter. Je suis heureux de voir que la saine critique tient en [sic] Portugal des représentants comme

⁹ Pode-se acompanhar a leitura da correspondência epistolar com a Tabela 4.

¹⁰ Hübner refere nesta carta que recebeu a crítica de Leite de Vasconcelos à obra de João Bonança (CCE 1 (MNA Ms. 10446); Vasconcelos, 1888a, p. 2; Cepeda, 1960, p. 149, n.º 126). Não conhecemos nenhuma missiva daquele investigador português a indicar o envio do seu artigo. A afirmação final de Leite de Vasconcelos na segunda epístola, iniciada por “P.S.” (CCE 2 (SMS Ms. 12)), reduz, na nossa opinião, a possibilidade de envio do comentário pelo próprio, uma vez que este teria transmitido essa ideia na primeira carta remetida ao sábio alemão. Deste modo, consideramos as hipóteses de o editor do jornal ou outro correspondente português ter enviado o número a Hübner. Conjugando a data de publicação do artigo, 13/04/1888 (Vasconcelos, 1888a, p. 2; Cepeda, 1960, p. 149, n.º 126), com a data da primeira missiva de Hübner, 21/04/1888 (CCE 1 (MNA Ms. 10446)), o envio da crítica para o investigador alemão terá ocorrido após o dia 13 e antes do dia 21 de Abril de 1888, incluindo os dias necessários ao transporte dos correios.

¹¹ Em todas as cartas, neste local, esta abreviatura significa *West*.

vous, et comme mes amis A. Coelho e Borges de Figueiredo. J'avais supposé que Mr. Bonança, une fois vaincu son système astrophysique etc., arriverait un jour à se montrer un peu plus à la hauteur de sa tâche; mais il semble qu'il faut y renoncer. En ma position d'étranger, je m'abstiens d' censurer [sic] sévèrement les fautes, dont l'individu n'est pas seul coupable; je le crois, au contraire, mon devoir d'encourager chaque tâche sérieuse sans regarder d'où elle vient. Dans le cas de Mr. Bonança cela n'est pas facile; j'espère toujours d'apprendre encore quelque chose de son livre, s'il arrive aux temps romains. Jusque là, il faut avoir beaucoup de patience.

Permettez-moi de vous faire une demande. Mr. Figueiredo a publié dans sa Revista (I p. 159) des inscriptions copiées par vous à Miranda do Douro. Elles sont parfaitement bien copiées et tout les textes sont très intelligibles, sauf un seul mot. C'est dans le N° 4, ligne 3: ET . C . SILVIO ANNI¹² le mot ANNI. Il faudra supposer, si la leçon est bien sûre (dont je ne doute pas), un cognomen Annis, ou Aunis, dont le datif serait Anni, ou Auni. Si vous avez un calque de la pierre, vous m'obligerez en le regardant encore une fois, pour me dire, en deux lignes, si c'est vraiment ANNI, qu'on lit sur la pierre. Je suis justement occupé à rédiger cette partie du Supplementum au Vol. II du Corpus inscr. Lat., dont l'impression a déjà commencée. Excusez donc que je vous fais cette demande. J'espère à écrire bientôt à Mr. Figueiredo.

Votre tout dévoué

E. Hübner

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4,

21/04/88

Sr. J. Leite de Vasconcelos

Caro Senhor,

Acabo de receber o seu artigo sobre o livro do Sr. Bonança, no *Reporter*. Estou satisfeito por constatar que a crítica sã tem em Portugal representantes como V. Ex.^a, e como os meus amigos A. Coelho e Borges de Figueiredo. Eu tinha suposto que o Sr. Bonança, uma vez vencido o seu sistema astrofísico etc., chegaria um dia a mostrar-se

¹² Neste local o autor fez parágrafo.

um pouco mais à altura da sua tarefa; mas parece-me que se deve desistir. Na minha posição de estrangeiro, abstenho-me de censurar severamente os erros, dos quais o indivíduo não é o único culpado; penso, pelo contrário, ser meu dever encorajar qualquer tarefa séria sem olhar de onde ela vem. No caso do Sr. Bonança isso não é fácil; espero em todo o caso aprender ainda alguma coisa com o seu livro, se ele chegar aos tempos romanos. Até lá, é preciso ter muita paciência.¹³

Permita-me que faça um pedido a V. Ex.^a. O Sr. Figueiredo publicou na sua *Revista* (I p. 159) inscrições copiadas por V. Ex.^a em Miranda do Douro. Elas estão perfeitamente bem copiadas e todos os textos são muito inteligíveis, à excepção de uma única palavra. É no n.º 4, linha 3: *ET . C . SILVIO ANNI* a palavra *ANNI*. É preciso supor, se a lição está certa (o que eu não duvido), um *cognomen Annis*, ou *Aunis*, cujo dativo será *Anni*, ou *Auni*. Se V. Ex.^a tivesse um decalque da pedra, seria um grande obséquio se o observasse uma vez mais, para me dizer, em duas linhas, se é de facto *ANNI*, que está na pedra. Estou precisamente ocupado a redigir esta parte do *Supplementum* do Vol. II do *Corpus Inscr. Lat.*, cuja impressão já começou. Desculpe pois que faça este pedido a V. Ex.^a. Espero escrever em breve ao Sr. Figueiredo.¹⁴

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

¹³ Bonança, 1891, especialmente pp. 65-115 (cap. I). Crítica de Leite de Vasconcelos: Vasconcelos, 1888a, p. 2. Crítica de Adolfo Coelho: Coelho, 1886, pp. 178-179. Crítica de Borges de Figueiredo: SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 94, de 05/02/1888. Crítica de Hübner: CCE 1 (MNA Ms. 10446); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 94, de 05/02/1888, Ms. 109, de 30/06/1889, Ms. 110, de 12/07/1889; Hübner, 1888c, p. 908; VVAA, 1888b, p. 1; Vasconcelos, 1888e, p. 2; Bonança, 1888e, pp. 1-2; Vasconcelos, 1888f, p. 3; Bonança, 1890, pp. 19-21; Bonança, 1897, pp. 12-13; Baptista, 2004, pp. 40-41, 179-205).

João Miguel da Costa Bonança (19/04/1838-12/04/1924) correspondeu-se com Hübner em 1888. Não estabeleceu contacto com Leite de Vasconcelos (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 143-144, de 15/03/1888 e 07/08/1888; Cardozo, 1958, pp. 189-191, n.º 66, de 27/03/1896; Coito, 1999, p. 42; Baptista, 2004, pp. 192-202; Coito, 2011, p. 233; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.3).

Francisco Adolfo Coelho (15/01/1847-09/02/1919) correspondeu-se com Hübner, existindo apenas uma missiva na Sociedade Martins Sarmento, datada de 25/10/1890. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre os anos de 1881-1914 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 6, de 25/10/1890; Vasconcelos, 1920; Coito, 1999, p. 75, n.º 822; Coito, 2011, p. 236, n.º 822; <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/acoelho.html>; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.2).

António Cardoso Borges de Figueiredo (1851-1890) correspondeu-se com Hübner entre 1885 e 1890 e com Leite de Vasconcelos em 1890 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 75-118, de 09/11/1885 a 29/07/1890; Vasconcelos, 1890e, pp. 3-5, 11-16; Coito, 1999, p. 105, n.º 1260; Coito, 2011, p. 238, n.º 1260; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.2).

¹⁴ Vasconcelos, 1887, pp. 67-68; Figueiredo, 1887, pp. 159-160; *CIL* II – S 5657-5661. A epígrafe “n.º 4” referida na carta foi estudada mais pormenorizadamente no capítulo I.2.1.3. O “Sr. Figueiredo” corresponde a António Cardoso Borges de Figueiredo (*Vide* nota 13. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.4, 5.2.1.2, I.2.1, I.2.1.3).

2.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 12, sem data).¹⁵

Ex^o. Sr.

Por causa das minhas ocupações¹⁶, e por ter estado fóra¹⁷, não respondi primeiro à prezada carta de V. Ex^a.¹⁸

Não tenho calco da inscrição de Miranda, mas envio a V. E. uma cópia do meu rascunho.

Parece-me não haver dúvida em que ANNI seja anni unius; assim como não ha ponto que separe outras palavras da inscrição, tambem aqui está ANNI em lugar de ANN.I.

De mais a mais aqui o indivíduo tem dois nomes como os outros; se ANNI fosse Anni ficaria C. Silvius Annis que me parece aqui pouco provável.

Alem d'isso ésta inscrição parece ligar-se com as outras, numa das quaes ha Annius e não Annis.

A mãe (Silvia Calvina) tinha 28 annos; por isso não admira que o filho tivesse 1 anno. Quem sabe mesmo se com ésta expressão ANN.I. se queria indicar menos idade, com quanto nas inscrições appareçam tambem as horas e os dias?¹⁹

Estou ancioso pela publicação do appendice ao Corpus.²⁰

¹⁵ A presente carta não possui data. Considerando o período de tempo compreendido entre as epístolas anterior e posterior datadas (CCE 1 (MNA Ms. 10446), de 21/04/1888; CCE 4 (SMS Ms. 13), de 10/10/1888) e a data da viagem referida na primeira frase desta missiva, dos dias 23 e seguintes de Junho de 1888 (Vasconcelos, 1910, pp. 313-346. *Vide* nota 17), a datação centrar-se-á no período compreendido entre o final do mês de Junho e o início do mês de Outubro de 1888.

¹⁶ Director da *Revista Lusitana* e conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa. Professor do Liceu Central de Lisboa. Prosseguia as suas investigações e consequentes publicações (Vasconcelos (ed.), 1887-1889; Cardozo, 1958, p. 91, n.º 26, de 23/08/1888; Cepeda, 1960, pp. 139-265; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 67-69. *Vide* capítulo 2.3).

¹⁷ Viagem a Évora entre os dias 23 e seguintes do mês de Junho de 1888 (Vasconcelos, 1910, pp. 313-346. *Vide* capítulo 2.3).

¹⁸ CCE 1 (MNA Ms. 10446).

¹⁹ Vasconcelos, 1887, pp. 67-68; Figueiredo, 1887, pp. 159-160; *CIL* II – S 5659. A epígrafe (“n.º 4”) referida na carta foi estudada mais pormenorizadamente no capítulo I.2.1.3 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.4, 5.2.1.2, I.2.1, I.2.1.3)

²⁰ *CIL* II – S (*Vide* capítulos 2.2, 4.1.2.4).

Eu não sou archeologo, e muito menos, epigraphista; dedico-me apenas à Philologia e Ethnologia do meu país; todavia vou à archeologia buscar dados quando careço d'elles.²¹

V. Ex^a. quer que eu lhe escreva em português ou em francês?²²

Queira acceitar lembranças de Gabriel Pereira²³, Figueiredo e Coelho²⁴.

Sou com toda a consideração

De V. E.

cr.º v.º adm.º obg.²⁵

P.S. Aproveito a ocasião para testemunhar a V. E., pela parte que me diz respeito, a minha profunda admiração e os meus sentimentos de vivo reconhecimento, pelos valiosos serviços que V. E. tem prestado à Historia da minha pátria.²⁶

José Leite de Vasconcellos

3.

Tipo de Documento: Carta extraviada remetida por Hübner.

Observações: Na carta seguinte, Leite de Vasconcelos escreveu “Há muito tempo remeti a V. E. uma carta com uma nota àcerca das inscrições de Miranda do Douro, e um jornal. Recebeu tudo?” (CCE 4 (SMS Ms. 13)). Hübner respondeu “Recebi a sua nota sobre as inscrições de Miranda do Douro, e lembro-me de ter avisado V. Ex.^a da recepção por um postal; parece que ele não chegou às suas mãos.” (CCE 5 (MNA Ms. 10447)). Se considerarmos que a “nota” do investigador português foi enviada na carta anterior (CCE 2 (SMS Ms. 12)), as frases de Hübner indicam-nos a existência de uma carta deste correspondente para Leite de Vasconcelos entre as segunda e quarta cartas

²¹ Vide capítulos 2.3, 4.1.2.

²² Vide capítulo 3.2.

²³ Gabriel Pereira (1847-1911) correspondeu-se com Hübner em 1879-1890 e com Leite de Vasconcelos nos anos de 1889-1905 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 133-141, de 1879 a 06/05/1890; Coito, 1999, p. 209, n.º 2626; Vasconcelos, 1913a; Tabela 6. Vide capítulos 5.2.1, 5.2.1.2).

²⁴ “Figueiredo” corresponde a Borges de Figueiredo e “Coelho” consiste em Adolfo Coelho (Vide nota 13).

²⁵ Em todas as cartas, em local semelhante, estas abreviaturas significam respectivamente “criado venerador admirador obrigado”.

²⁶ À data da missiva, v.g., Hübner, 1860-1861; Hübner, 1862a; *CIL* II; *IHC*; Hübner, 1871b; Sarmento, 1879b; Hübner, 1880; Guimarães, 1901, pp. 30-32; Vasconcelos, 1901, pp. 49-59. Vide capítulo 2.2).

do presente *corpus* (CCE 2 (SMS Ms. 12) e CCE 4 (SMS Ms. 13)), que se terá extraviado.

4.

Tipo de Documento: Carta em folheto com três páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 13, de 10/10/1888).

Resp. 21/10 88²⁷

Ex^{mo}. S^{nr} e.

meu distinto amigo:

Certo da benevolencia e promptidão com que V. E. costuma attender os seus amigos de Portugal²⁸, venho pedir-lhe o obsequio de me indicar o seguinte:

se ha na Allemanha alguma publicação periodica (Revista, Zeitschrift, etc.) sobre Numismatica em geral, - e neste caso, em que epochas sae, qual é o preço e onde se assigna;

quaes são os melhores trabalhos modernos sobre Numismatica geral, e o seu preço e onde se vendem;

se me póde enviar algum programma de cursos (lições) de Numismatica.

Muito me obsequiava com isto V. Ex^a., e eu pedia-lhe tambem a graça de me dar resposta no mais breve tempo possivel.²⁹

De V. Ex^a.

cr.º adm.^{or} am.º

mt. obgd.^o ³⁰

José Leite de Vasconcellos.

²⁷ Esta frase está escrita em letra diferente da ortografia de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A quinta carta, CCE 5 (MNA Ms. 10447), tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão, o que corrobora tratar-se da letra e de uma resposta de Hübner. Assim, a réplica corresponde à missiva seguinte (CCE 5 (MNA Ms. 10447)).

²⁸ SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; SMS, *Várias Cartas*; Cardozo, 1947; Figueiredo, 1948; Guerra, 2014, pp. 219-240; Tabela 6 (*Vide* capítulo 5.2.1).

²⁹ A resposta foi dada na carta seguinte (CCE 5 (MNA Ms. 10447)). *Vide* nota 35).

³⁰ Em todas as cartas, em local semelhante, estas abreviaturas significam respectivamente “criado admirador amigo muito obrigado”.

Lisboa

Bibliotheca Nacional,

10-10-88

P.S.

Ha muito tempo remetti a V. E. uma carta com uma nota àcerca das inscrições de Miranda do Douro, e um jornal. Recebeu tudo?³¹

Quando sae o Corpus das inscrições romanas da Hispania (o appendice)?³²

Leite.

5.

Tipo de Documento: Carta em folheto com três páginas, escrita em francês (MNA, *Correspondência*, Ms. 10447, de 21/10/1888 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Berlin, W., Ahornstrasse 4,
21/10 88

Cher Monsieur,

Il n'y a que deux jours que je suis de retour d'un voyage. Je trouve votre lettre du 10., et je m'empresse de vous répondre qu'il n'existe aucune travail moderne sur la numismatique en général. Vous connaissez sans doute les grandes œuvres d'Eckhel et de Mionnet; personne, jusqu'à présent, les a remplacé par un ouvrage moderne. Le petit manuel de numismatique ancienne, de Mr. Hennin (2 vols, Paris 1872), est très-faible. En quelque sorte, Eckhel est remplacé par le grand catalogue des monnaies du Musée Britannique, jusqu'à présent XII vols., et le nouveau catalogue du Musée de Berlin, dont

³¹ CCE 2 (SMS Ms. 12); Vasconcelos, 1887, pp. 67-68; Vasconcelos (ed.), 1887-1889, pp. 1-98 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.1).

³² CIL II – S (*Vide* capítulo 4.1.2.4).

le premier volume vient de paraître. Ils existent quatre grandes revues numismatiques publiées annuellement: la Revue numismatique de Paris, depuis 1836, le Numismatic Chronicle de Londres, depuis 1838, la Numismatische Zeitschrift de Vienne, depuis 1869, et la Zeitschrift für Numismatik de Berlin, depuis 1874. Il y a en outre quelques Revues d'intérêt local, la Revue numismatique belge, depuis 1842, le periodico di numismatica italien, depuis 1868, le memorial numismatico español, que vous connaissez sans doute, et quelques autres. Voilà-tout ce que je peux vous dire. J'ai reçu votre note sur les inscriptions de Miranda do Douro, et je me rappelle de vous en avoir accusé le reçu par une carte postale; il semble qu'elle ne soit pas venue en vos mains.

Le Supplément du Corpus vol. II est en cours d'impression; je pense qu'il paraîtra vers la fin de l'année prochaine.

Votre tout dévoué

E. Hübner

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4,

21/10/88

Caro Senhor,

Ainda não passaram senão dois dias que eu regressei de uma viagem.³³ Encontrei a sua carta do dia 10³⁴, e apresso-me a responder a V. Ex.^a que não existe nenhum trabalho moderno sobre a numismática em geral. V. Ex.^a conhece sem dúvida as grandes obras de Eckhel e de Mionnet; ninguém, até ao presente, os substituiu por uma obra moderna. O pequeno manual de numismática antiga, do Sr. Hennin (2 vols., Paris 1872), é muito fraco. De algum modo, Eckhel é substituído pelo grande catálogo de moedas do Museu Britânico, até agora com XII vols., e pelo novo catálogo do Museu de Berlim, cujo primeiro volume acaba de ser publicado. Existem quatro grandes revistas numismáticas publicadas anualmente: a *Revue Numismatique* de Paris, desde 1836, o *Numismatic Chronicle* de Londres, desde 1838, a *Numismatische Zeitschrift* de Viena, desde 1869, e a *Zeitschrift für Numismatik* de Berlim, desde 1874. Existem além destas algumas revistas de um âmbito local, a *Revue Numismatique* belga, desde 1842, o

³³ Viagem de Hübner à casa de sua mãe em Loschwitz (Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, p. 193, n.º 170. Vide capítulo 3.1).

³⁴ CCE 4 (SMS Ms. 13).

Periodico di Numismatica italiano, desde 1868, o *Memorial Numismatico Español* que V. Ex.^a conhece sem dúvida, e algumas outras. Eis tudo o que posso dizer a V. Ex.^a.³⁵ Recebi a sua nota sobre as inscrições de Miranda do Douro, e lembro-me de ter avisado V. Ex.^a da recepção por um postal; parece que ele não chegou às suas mãos.³⁶

O Suplemento do *Corpus* Vol. II está a ser impresso; penso que será publicado perto do fim do próximo ano.³⁷

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

3.4.2 Ano de 1890

6.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 01/06/1890 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10449, de 01/06/1890 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Sr. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 1/6 90

Cher Monsieur,

Je viens de recevoir le numéro du ‘Dia’ contenant votre communication intéressante sur S. Miguel da Motta. J’espère de pouvoir donner encore lieu dans mon Supplément au Vol. II du Corpus aux cinq nouvelles inscriptions du dieu Endovellicus, que vous y publiez pour la première fois. Y-a-t-il encore d’autres nouvelles? Vous m’obligeriez en

³⁵ Eckhel, 1775; Eckhel, 1779; Eckhel, 1786a; Eckhel, 1786b; Eckhel, 1786c; Eckhel, 1792-1798; Eckhel, 1808; Mionnet, 1808; Mionnet, 1819-1837; *La Revue Numismatique*, 1836-...; *The Numismatic Chronicle*, 1837/38-...; Mionnet & Dufour, 1838; Mionnet, 1839; *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographie*, 1842-...; Mionnet, 1847³; *Memorial Numismatico Español*, 1866-...; *Periodico di Numismatica e Sufragistica per la Storia d'Italia*, 1868-...; *Numismatische Zeitschrift*, 1869-...; Hennin, 1872²; Poole, 1873; *Zeitschrift für Numismatik*, 1874-1935; Poole, 1876; Head & Gardner, 1877; Gardner, 1878; Head, 1879; Poole, 1883; Gardner, 1883; Head, 1884; Wroth, 1886; Gardner, 1887; Head, 1888; Sallet 1888; Vasconcelos, 1888g, p. 28; Head, 1889.

³⁶ CCE 3; Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Vasconcelos (ed.), 1887-1889, pp. 1-98 (*Vide* capítulos 5.1.2, 6.3.1).

³⁷ CIL II – S (*Vide* capítulo 5.1.2.1).

m'envoyant d'elles des copies faites pour les insérer dans mon Supplément, avec les mesures etc. Comme le Supplément ne pourra paraître que vers la fin de cette année, ou le commencement de la prochaine, à cause des Index encore à faire, cela ne prendra pas à votre publication sur les excavations de S. Miguel la priorité. J'attend votre travail avec beaucoup d'intérêt.

Votre tout-dévoué

E. Hübner

Y-a-t-il vraiment MARIANNA, et non MARIANA?

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 01/06/90

Caro Senhor,

Acabo de receber o número do *Dia* contendo a sua interessante comunicação sobre S. Miguel da Mota.³⁸ Espero poder dar ainda lugar no meu Suplemento do Vol. II do *Corpus* às cinco novas inscrições do deus *Endovellicus*, que V. Ex.^a publica ali pela primeira vez. Existem ainda outras novidades? V. Ex.^a far-me-ia um grande obséquio enviando-me as cópias delas para as inserir no meu Suplemento, com as medidas etc. Como o Suplemento não poderá ser publicado senão lá para o fim deste ano, ou no começo do próximo, por causa do Índice ainda a fazer, isto não se antecipará à sua publicação sobre as escavações de S. Miguel. Aguardo o seu trabalho com muito interesse.³⁹

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

É verdadeiramente MARIANNA, e não MARIANA?⁴⁰

³⁸ Esta frase indica que Hübner recebeu o número do jornal *O Dia* com a notícia de Leite de Vasconcelos acerca de S. Miguel da Mota (Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3). Não conhecemos nenhuma carta que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido efectuado sem carta.

³⁹ Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3; *CIL* II – S 6265, 6266, 6267, 6268, 6269. As inscrições editadas n' *O Dia* foram estudadas mais pormenorizadamente no capítulo I.3.1.1 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.4, 5.2.1.2, I.3.1.1, I.3.1.1.1).

⁴⁰ Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 5; *CIL* II – S 6265. Esta inscrição foi analisada pormenorizadamente no capítulo I.3.1.1.1 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1, I.3.1.1, I.3.1.1.1).

7.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 17/06/1890 e um carimbo alemão com a data de 21/06/1890 (SMS, *Cartas a Emílio Hübnér*, vol. II, Ms. 14, de 17/06/1890).

Destinatário: Herrn Dr. E. Hübnér, Ahornstrasse, 4, Berlin, v., Deutschland (Alemanha)

Ex.º. Sr.

Por muitas occupações não tenho podido responder ao bilhete de V. E., que eu porém muito agradeço.⁴¹ As inscrições ineditas são bastantes, mas agora falta-me totalmente o tempo para as copiar. No entanto, queira V. E. esperar até ao fim de Julho, que eu neste intervallo copio-as e V. E. recebe-las-ha. A publicação do meu trabalho ainda demora bastante. – Com relação a MARIANA, V. E. veria a lição correcta no folheto que lhe mandei; foi erro typographico.⁴² – Vi o livro de V. E. A archeologia na Hispanha, que achei muito interessante. Oxalá que elle exerça boa influencia na Hispanha. Só lamento que, occupando-se também V. E. de Portugal, este nome não esteja indicado no título. V. E. podia dizer Hispanha e Portugal, ou então *Hispania*⁴³, porque já hoje o nome Hispanha ou Espanha só por si não significa a península toda, mas parte d'ella. Isto não é questão de patriotismo; é questão de exactidão.⁴⁴ – Estive o mês passado em Madrid, onde vi as célebres «antiguidades» do Cerro dos Santos. Mas eu

⁴¹ CCE 6 (MNA Ms. 10449). Director da *Revista Lusitana*, conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, professor da cadeira de Numismática do Curso de Bibliotecário-Arquivista. Professor do Liceu Central de Lisboa. Prosseguia as suas investigações, das quais destacamos os estudos relativos ao deus Endovélico e a preparação para a 10.ª Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas, e consequentes publicações (Vasconcelos, 1890d; Vasconcelos, 1923, pp. 259-260; Vasconcelos, 1938b, pp. 131-569; Vasconcelos (ed.), 1890-1892; Cardozo, 1958, p. 95, nota 156, n.º 27, de 20/01/1889, pp. 110-116, n.ºs 33-35, de 03/06/1890 a 16/07/1890, p. 136, nota 243, n.º 40, de 18/05/1892; Gama, 1964, p. 125, n.º 75, ?/06/1890; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 67-71. Vide nota 16. Vide capítulos 2.3, 4.1.2.6, I.3.1).

⁴² Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 5; *CIL* II – S 6265. Esta inscrição foi analisada pormenorizadamente no capítulo I.3.1.1.1 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.1, I.3.1.1, I.3.1.1.1).

⁴³ Esta palavra foi duplamente sublinhada, pelo que, neste caso, a colocámos em itálico.

⁴⁴ Hübnér, 1888b.

não posso decidir-me sobre aquillo.⁴⁵ – Conhece V. E. as inscrições de Martins Sarmiento publicadas no vol. I da Revista Lusitana? (sobre deuses da Lusitania).⁴⁶

De V. E. am.º cr.º obgr.

Leite de Vasconcellos

8.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: Na carta seguinte, Hübner escreveu “Eu não tenho, de momento, nenhum exemplar dos meus *Antike Bildwerke*, mas procurarei encontrar um para V. Ex.^a.” (CCE 9 (MNA Ms. 10448)). A existência desta resposta de Hübner exige um pedido prévio de Leite de Vasconcelos. Não possuímos missiva anterior à CCE 9 com a referência aos *Antike Bildwerke*. Deste modo, consideramos que existiu uma epístola do investigador português que se encontra em paradeiro desconhecido. Segundo a frase do sábio alemão “mas recebi o seu postal do dia 14” (CCE 9 (MNA Ms. 10448)), a data desta carta corresponderá a 14 de Julho ou de Agosto de 1890.

9.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 22/08/1890 e um carimbo de Lisboa com a data de

⁴⁵ Hübner, 1888b, pp. 236-238; *CIL II – S* 514-522; *MLI*, pp. 166, 207-208, n.ºs XIX-XL; Mérida, 1903a, pp. 85-90, 470-485; Mérida, 1903b, pp. 140, 249, 254, 365-366; Mérida, 1904a; Mérida, 1904b; Mérida, 1905a; Mérida, 1905b, p. 37; Sanz Gamio, 1997, pp. 287-303; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, pp. 168-172).

⁴⁶ Sarmiento, 1887b, pp. 227-240. Francisco Martins Sarmiento (09/03/1833 – 09/08/1899) correspondeu-se com Hübner entre os anos de 1879 e 1899 e com Leite de Vasconcelos entre, pelo menos, 1877 e 1899. Na nossa opinião, foi um dos mestres de Leite de Vasconcelos, aspecto que pretendemos desenvolver em trabalhos futuros, nomeadamente através da edição das missivas que o ilustre vimaranense remeteu ao conservador da Biblioteca Nacional (Vasconcelos, 1900b, pp. 83-96; Vasconcelos, 1901, pp. 30-48; Lima, 1940; Cardozo, 1947, de 26/08/1879 a 28/05/1899; Cardozo, 1958, de 28/02/1879 a 24/03/1899; Coito, 1999, pp. 236-237, n.º 3124; Sampaio *et al.*, 1999; Sarmiento, 1999; Brito, 2012; Lemos, 2013; Coito, 2011, p. 245, n.º 3124; Tabela 6. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.5, 5.2.1, 5.2.1.2, I.3.1).

27/08/1890 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10448, de 22/08/1890 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ex^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Biblioteca Nacional, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 22 Août 1890

J'ai été quelque temps absent; mais j'ai reçu votre carte postale du 14 et les deux journaux, o *Dia*, et *Aurora do Cavado* avec vos inscriptions d'Endovellicus. Dans l'une je crois qu'on doit lire End. sacr. pro vernaclam Treb(ia) Muse ser(va). Les autres sont toutes très-intelligibles. Je suis curieux de recevoir le reste. Je n'ai, pour le moment, aucun exemplaire de mes *Antike Bildwerke*, mais je chercherai de me procurer un pour vous.

Votre tout-dévoué

E. Hübner

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 22 Agosto 1890

Estive algum tempo ausente⁴⁷; mas recebi o seu postal do dia 14⁴⁸ e os dois jornais, o *Dia*, e *Aurora do Cavado* com as suas inscrições de *Endouellicus*. Numa penso que se deve ler End. sacr. pro vernaclam Treb(ia) Muse ser(va). As outras são todas muito inteligíveis. Estou curioso em receber o resto.⁴⁹ Eu não tenho, de momento, nenhum exemplar dos meus *Antike Bildwerke*, mas procurarei encontrar um para V. Ex.^a⁵⁰

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

⁴⁷ Não nos foi possível aferir para onde viajou.

⁴⁸ CCE 8.

⁴⁹ Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3; Vasconcelos, 1890c; Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2; *CIL* II – S 6265-6269c. O envio do jornal *O Dia* foi referido na carta CCE 7 (SMS Ms. 14). As inscrições editadas neste periódico foram estudadas mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.1, I.3.1.1.1. Desconhecemos a existência de uma missiva a acompanhar o envio do jornal *Aurora do Cávado*. Assim, consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta. As inscrições editadas neste periódico foram estudadas mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.2, I.3.1.2.1 – I.3.1.2.3. A inscrição transcrita foi analisada pormenorizadamente no capítulo I.3.1.2.3 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1.1-I.3.1.2.3).

⁵⁰ Hübner, 1862a; Hübner, 2008.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 29/08/1890 e um carimbo alemão com a data de 02/09/1890 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 15, de 29/08/1890).

Destinatário: Mr. le Prof. E. Hübner, Ahornstrasse, 4, Berlin, W., Allemagne⁵¹

Ex^{mo}. Am. e Sr.:

Estou a partir para o Norte, com demora de alguns dias⁵², e por isso escrevo este muito à pressa. Neste correio remetto a V. Ex^a. alguns calcos de inscrições. Peço o favor de me dizer o que se lhe offerecer sobre a sua leitura, onde ella é duvidosa, e sobre as datas dos caracteres (a que seculos pertencem). Eu estou a preparar um artigo em que publicarei tudo, e para elle espero estas e as mais observações que V. E. se dignar fazer-me. Depois enviarei mais calcos.⁵³ Não poderá V. E. demorar mais alguns meses a conclusão da impressão do Suppl. do *Corpus*?⁵⁴ Agradeço a promessa do livro⁵⁵ e a emenda da leitura [é Trebiam, Muse servam?]⁵⁶. – Quando virá V. Ex^a. a Portugal? Muito estimava vê-lo cá.⁵⁷

De V. Ex. resp.^{or58} sincero e am^o.

J. L. de V.

O papel dos calcos é mau. Para outra vez enviarei em papel melhor. Isto foi muito à pressa.⁵⁹

⁵¹ Palavra duplamente sublinhada.

⁵² Viagem ao Norte de Leite de Vasconcelos. Desconhecemos o relato desta viagem (Cardozo, 1958, p. 113, n.º 34, de 08/07/1890).

⁵³ *CIL* II – S 6329-6336. Os decalques correspondem às inscrições indicadas na carta seguinte (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). Estas epígrafes foram estudadas mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7).

⁵⁴ *CIL* II – S (*Vide* capítulos 4.1.2.4, I.3.1).

⁵⁵ CCE 9 (MNA Ms. 10448); Hübner, 1862a; Hübner, 2008.

⁵⁶ Vasconcelos, 1890d, p. 1, n.º 2; *CIL* II – S 6267a. A inscrição transcrita foi analisada mais pormenorizadamente no capítulo I.3.1.2.3 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1.2, I.3.1.2.3).

⁵⁷ Guimarães, 1901, pp. 31-32; Vasconcelos, 1901, pp. 49-51, 54-55; Cardozo, 1947, pp. XIII-XVIII, 84-85; Luzón Nogué, 1995, p. 4; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, pp. 334-337; González Blanco, 2014, pp. 22, 24; Blech, 2014, p. 90; Abascal Palazón, 2014, pp. 135-154; Maier Allende & Schattner, 2014, pp. 207-216; Guerra, 2014, p. 221, 226, 230 (*Vide* capítulo 2.2).

⁵⁸ Em todas as cartas, em local semelhante, esta abreviatura significa “respeitador”.

⁵⁹ *CIL* II – S 6329-6336. Os decalques correspondem às inscrições indicadas na carta seguinte (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). Estas epígrafes foram estudadas mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7).

11.

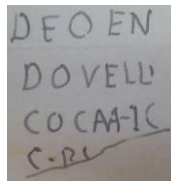
Tipo de Documento: Carta em folheto com duas páginas, escrita em francês (MNA, *Correspondência*, Ms. 10450, de 27/09/1890 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

S. J. Leite de Vasconcellos

Berlin, W., Ahornstrasse 4,
27/9 90

Cher Monsieur,

J'ai été absent de Berlin; aujourd'hui seulement j'ai pu étudier les calques, que vous m'envoyez.

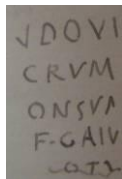


1. (nº 7)

je ne comprend pas le nom du dédicant; le calque n'est pas assez clair

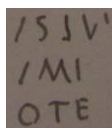
2. (nº 17) IDOVE/LLICO VO/TO QVO / FII CO/NICODI/VS

Idovelleco, ou Edovelleco? voto quo(d) fe(cit) Conicodius est bien probable



3. nº 29

consummavit?



4. nº 27

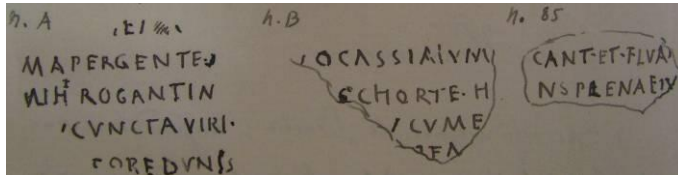
fragment de la même pierre?



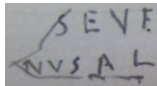
5 n° 26

dies?

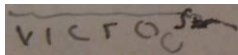
6.7.8 fragments d'une seule pierre?



Cela semble un poème; je ne le saurrais [sic] restituer, pour le moment.



9.



10.

Mon supplément ne peut pas attendre sans fin; nous sommes aux indices.

Votre tout dévoué

E. Hübner

Tradução:

Sr. J. Leite de Vasconcelos

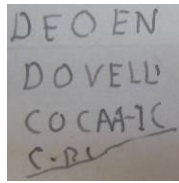
Berlim, W., Ahornstrasse 4,

27/09/90

Caro Senhor,

Eu estive ausente de Berlim⁶⁰; apenas hoje pude estudar os decalques, que V. Ex.^a me enviou.

⁶⁰ Não nos foi possível aferir para onde viajou.

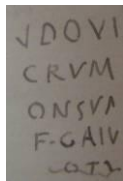


1. (n.º 7)

Não compreendo o nome do dedicante; o decalque não é bastante claro.

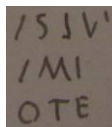
2. (n.º 17) *IDOVE/LLICO VO/TO QVO / FII CO/NICODI/VS*

Idovelleco, ou *Edovelleco*? *voto quo(d) fe(cit) Conicodius* é bem provável.



3. n.º 29

consummauit?



4. n.º 27

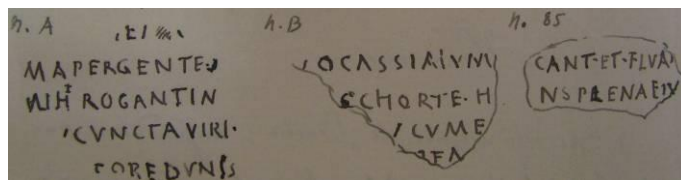
fragmento da mesma pedra?



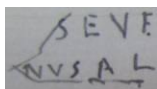
5. n.º 26

dies?

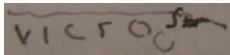
6.7.8 fragmentos de uma só pedra?



Esta parece um poema; de momento não o saberei restituir.



9.

10.  ⁶¹

O meu Suplemento não pode esperar sem fim; estamos nos índices.⁶²

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

3.4.3 Ano de 1891

12.

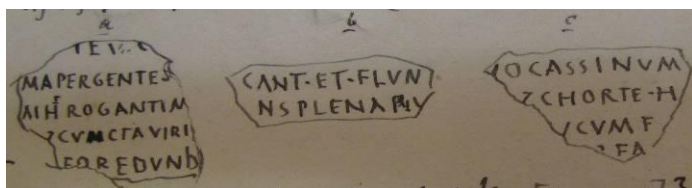
Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 28/02/1891 e um carimbo de Lisboa com a data de 04/03/1891 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10451, de 28/02/1891 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Cher Monsieur,

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 28/2 91

Entre les fragments de S. Miguel da Motta, que vous m'avez envoyé dernièrement, et que j'ai pu insérer encore dans mon Supplément au Vol. II du Corpus, trois semblent les restes d'un poème, quoique assez mauvais:



v.2 ..fa]ma per gentes [di]cant et flum[ina magna]? / mi]hi rōganti [me]ns plena
ru[boris?]/ ----- cuncta viri -- / ----- [a] eq(ue) redund[ant] ----

rōganti serait juste

c. ne se prête pas à une combinaison avec le rest; on reconnait:

⁶¹ CIL II – S 6329-6336. Estas epígrafes foram estudadas mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7).

⁶² CIL II – S (Vide capítulos 4.1.2.4, I.3.1).

[e mag]no Cassi num[ero] / -e]x chorte H[ispana?] / d]ucum e ---

Le dédicant doit avoir été un militaire. Il serait intéressant, si d'autres fragments de la pierre existaient.

Votre tout dévoué

E. Hübner

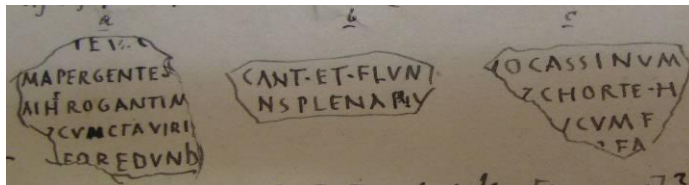
La Rev. arch. sera-t-elle continuée?

Tradução:

Caro Senhor,

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 28/02/91

Entre os fragmentos de S. Miguel da Mota, que V. Ex.^a me enviou ultimamente, e que eu pude ainda inserir no meu Suplemento do Vol. II do *Corpus*⁶³, três parecem os restos de um poema, embora bastante mau:



v.2 .fa]ma per gentes [di]cant et flum[ina magna]? / mī]hi rōganti [me]ns plena
ru[boris?]/ ----- cuncta viri -- / ----- [a] eq(ue) redund[ant] ----

rōganti estará certo

c. não se presta a uma combinação com o resto; reconhece-se:

[e mag]no Cassi num[ero] / -e]x chorte H[ispana?] / d]ucum e ---

O dedicante deve ter sido um militar. Seria interessante, se existissem outros fragmentos da pedra.⁶⁴

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

A Rev. Arch. continuar-se-á?⁶⁵

⁶³ CIL II – S 6329-6336. Estas epígrafes foram estudadas mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.1 – I.3.1.3.7).

⁶⁴ CIL II – S 6333a-6333c. Estes fragmentos foram estudados mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3, I.3.1.3.5, I.3.1.3.5.1 – I.3.1.3.5.2 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.5, I.3.1.3.5.1 – I.3.1.3.5.2).

⁶⁵ Revista Archeologica e Historica / Revista Archeologica (Figueiredo & Sousa (eds.), 1887; Figueiredo (ed.), 1888; Figueiredo (ed.), 1889; Figueiredo (ed.), 1890; Vasconcelos, 1890e, pp. 12-13; Vasconcelos, 1890-1892, pp. 351, 380. Vide capítulo 5.2.1.2).

13.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 05/03/1891 e dois carimbos alemães com a data de 09/03/1891 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 16, de 05/03/1891).⁶⁶

Destinatário: Herrn E. Hübner Ahornstrasse, 4, Berlin, W., Deutschland (Alemanha)

Ex^m. Am^o. e S.

Ontem recebi o bilhete de V. Ex^a., que muito agradeço.⁶⁷

No n.º 2, que V. E. lê

..... cant. et. flum(ina magna)

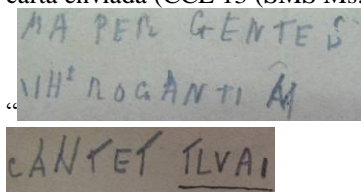
A ultima palavra é FLVA.....; o A está muito claro. Fluat?

É uma pena estar este bello monumento partido!⁶⁸

Eu tenho uma vida muito trabalhosa⁶⁹, senão tinha já mandado mais calcos a V. E. Manda-los-hei porém brevemente.⁷⁰ – Quando está à venda o Corpus, suplemento?⁷¹ – A Rev. Archeologica acabou. Recebeu V. E. um folheto que lhe enviei sobre B. de F. e a arch. port.?⁷²

V. Ex^a. quando volta a Portugal? Eu muito queria e estimava que cá viesse; eu acompanhava a V. Ex^a. em algumas excursões archeologicas pelo meu país. Eu muito

⁶⁶ No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existe no Museu Nacional de Arqueologia (MNA Ms. 10450A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)) parte de uma folha com notas do investigador português. Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento do autor sobre a sua carta enviada (CCE 13 (SMS Ms. 16)). Lê-se:



Mandeí duas ao E. Hubner. No meu bilhete de 5-III-91, perguntei se esta inscr. devia atribuir-se ao sec. III.”

⁶⁷ CCE 12 (MNA Ms. 10451).

⁶⁸ *CIL* II – S 6333a-6333c. Estes fragmentos foram estudados mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3, I.3.1.3.5, I.3.1.3.5.1 – I.3.1.3.5.2 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.5, I.3.1.3.5.1 – I.3.1.3.5.2).

⁶⁹ *Vide* notas 16, 41.

⁷⁰ Nas cartas seguintes não identificámos referências ao envio de outros decalques de inscrições relacionadas com Endovélico (*Vide* capítulo I.3.1).

⁷¹ *CIL* II – S (*Vide* capítulo 4.1.2.4).

⁷² *Revista Archeologica e Historica / Revista Archeologica*. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado o envio do folheto de Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1890e), pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta (Figueiredo & Sousa (eds.), 1887; Figueiredo (ed.), 1888; Figueiredo (ed.), 1889; Figueiredo (ed.), 1890; Vasconcelos, 1890e, pp. 12-13; Vasconcelos, 1890-1892, pp. 351, 380. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

desejava que V. Ex.^a fosse a Panoias (Corpus, II, pp. 335). Agora, se V. Ex.^a cá voltasse, encontrava muito mais que ver, e já alguns museus em comêço.⁷³

Poder-me-hia V. Ex.^a obter Becker, Viriath u. d. Lusitanier, Altona 1826? Eu mandava o seu valor. Em vão o tenho procurado.⁷⁴

Esta inscrição com o carmen deve attribuir-se ao sec. III?⁷⁵

De V. E. am.^o. cr.^o obr.^o

J. L. de V.

Lix.^a. 5-III-91

14.

Tipo de Documento: Carta extraviada remetida por Hübner.

Observações: Na 16.^a carta, Hübner escreveu “Imediatamente após ter recebido a sua última carta [CCE 13 (SMS Ms. 16)], escrevi um postal a V. Ex.^a dizendo-lhe que é difícil encontrar o livro de Becker sobre Viriato, mas que eu o possuo; que eu dei ordem ao meu livreiro de o procurar e que enviarei de seguida a V. Ex.^a o exemplar que se encontrará. Repeti as minhas ordens depois da sua carta de 30 de Abril [CCE 15 (SMS Ms. 17)]; mas até ao presente em vão.” (CCE 16 (MNA Ms. 10452)). Na 17.^a carta, Leite de Vasconcelos respondeu “Eu não recebi o bilhete postal de V. E. anterior ao de 7 de Maio.” (CCE 17 (SMS Ms. 18)). O cruzamento destas informações permite-nos considerar a existência de uma carta de Hübner posterior à carta de Leite de Vasconcelos de 05/03/1891 (CCE 13 (SMS Ms. 16)) e anterior às cartas do português de 30/04/1891 (CCE 15 (SMS Ms. 17)) e do investigador alemão de 07/05/1891 (CCE 16 (MNA Ms. 10452)). Esta carta ter-se-á extraviado.

⁷³ Vide capítulos 2.2, 4.1.2, I.3.2.

Museu Real de Belas-Artes de Lisboa, Museu do Instituto de Coimbra, Coleção de Teixeira de Aragão, Museu Municipal de Viana do Castelo, Coleção de Manuel Negrão (Vasconcelos, 1890d, p. 10; Cabral, 1895, pp. 33-34; Vasconcelos, 1895a, p. 34-35; Vasconcelos, 1904, p. 134-142; Cabelo, 1992, p. 11; Raposo, 1993, p. 70; Ferreira, 2012, p. 80-86, 198-201)

⁷⁴ Becker, 1826 (Vasconcelos, 1913, p. 101, nota 3, p. 109, nota 5, p. 125, nota 2; Bárcia, 1982, p. 220).

⁷⁵ *CIL* II – S 6333a-6333c. Estes fragmentos foram estudados mais pormenorizadamente nos capítulos I.3.1.3, I.3.1.3.5, I.3.1.3.5.1 – I.3.1.3.5.2 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.1.3, I.3.1.3.5, I.3.1.3.5.1 – I.3.1.3.5.2).

15.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 30/04/1891 e um carimbo alemão com a data de 04/05/1891 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 17, de 30/04/1891).

Destinatário: Herrn E. Hübner - Ahornstrasse, 4, Berlin, (Deutschland) Allemanha

Ex. Am^o. e Sr.

Ha muito tempo escrevi a V. E., mas ainda não tive resposta. No meu bilhete⁷⁶ lhe perguntava eu por uma obra de Baecker sobre Viriato en Lusit. V. E. não poderia arranjar-m'a?⁷⁷ Tambem V. E. me prometeu procurar para mim os seus Antike Bildwerke, que eu muito desejava possuir.⁷⁸ Qualquer d'elles eu desejava que viesse registado no correio.⁷⁹ – E V. Ex^a. quando é que volta a Portugal? Se cá viesse agora, tinha cá muitas mais coisas que ver.⁸⁰ E eu muito estimava que V. Ex^a. fosse a Panoias, em Tras-os-Montes.⁸¹ – Peço a V. Ex^a. o favor de me dizer como interpreta a inscrição de Endovellico que eu lhe mandei, n^o. 2 na Aurora do Cav. e que começa End. sac. PROVERNACLAM.⁸² – Queira dispôr do

De V. E.

am^o. mt. obgr.

J. L. de V.

Lisboa, 30-IV-91

Bibl. Nac.

⁷⁶ O “bilhete” corresponde a CCE 13 (SMS Ms. 16), a “resposta” consiste no CCE 14.

⁷⁷ Becker, 1826.

⁷⁸ Hübner, 1862a; Hübner, 2008.

⁷⁹ Que saibamos não houve carta registada. O livro de Becker foi enviado talvez juntamente com a carta de 07/05/1891 (CCE 16 (MNA Ms. 10452); Becker, 1826).

⁸⁰ Vide nota 73.

⁸¹ Vide capítulos 4.1.2, I.3.2.

⁸² Vasconcelos, 1890d, p. 1, n.º 2; *CIL* II – S 6267a. Esta inscrição foi analisada pormenorizadamente no capítulo I.3.1.2.3 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.1.2, I.3.1.2.3).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 09/05/1891 e um carimbo de Lisboa com a data de 13/05/1891 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10452, de 07/05/1891 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ilmo. S. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Biblioteca Nacional

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 7/5 91

Cher Monsieur,

Tout de suite après avoir reçu votre dernière lettre, je vous ai écrit une carte postale en vous disant qu'il est difficile à trouver le livre de Becker sur Viriathe, mais je le possède; que j'ai donné ordre à mon libraire de le chercher et que je vous enverrai de suite l'exemplaire qui se trouvera. J'ai répété mes ordres après votre carte du 30 Avril; mais jusqu'à présent en vain. Pour ne pas vous faire attendre, je vous envoie aujourd'hui mon exemplaire, en vous priant de me le remettre après en avoir fait usage; il n'est guère à la hauteur de nos études de ce jour. Des Antike Bildwerke je n'ai qu'un seul exemplaire; mais vous pouvez l'obtenir de l'éditeur, par chaque libraire à Lisbonne (Silva) ou à Paris.

Nº2 End(ovollico) sacr(um) pro vernaclam [=pro vernacula, i.e. ancilla domi nata] Treb(ia) Muse [les noms de la servante] ser(va) – ella était donc une serva vernacula – Q. L(icius?) Catullus a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit). Il n'y a pas de chance que je puisse faire un voyage au Portugal cette année.

Votre tout-dévoué

E. Hübner

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 07/05/91

Caro Senhor,

Imediatamente após ter recebido a sua última carta⁸³, escrevi um postal a V. Ex.^a dizendo-lhe que é difícil encontrar o livro de Becker sobre Viriato, mas que eu o

⁸³ CCE 13 (SMS Ms. 16).

posso; que eu dei ordem ao meu livreiro de o procurar e que enviarei de seguida a V. Ex.^a o exemplar que se encontrará⁸⁴. Repeti as minhas ordens depois da sua carta de 30 de Abril; mas até ao presente em vão.⁸⁵ Para não fazer esperar V. Ex.^a, envio-lhe hoje o meu exemplar, pedindo-lhe que mo remeta depois de o ter utilizado; ele não está quase nada à altura dos nossos estudos actuais.⁸⁶ Dos *Antike Bildwerke* só tenho um exemplar; mas V. Ex.^a pode obtê-lo do editor, por qualquer livreiro em Lisboa (Silva) ou em Paris.⁸⁷

N.º2 *End(ovollico) sacr(um) pro vernaculam* [=pro vernacula, i.e. ancilla domi nata] *Treb(ia) Muse* [os nomes da serva] *ser(va)* – ela era pois uma *serva vernacula* – *Q. L(icinius?) Catullus a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit)*.⁸⁸ Não há possibilidade de eu poder fazer uma viagem a Portugal este ano.⁸⁹

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

17.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 20/05/1891 e um carimbo alemão com a data de 23/05/1891 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 18, de 19/05/1891).

Destinatário: Herrn E. Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Ex. A. e S.

Muito agradeço o Becker, e, logo que d'elle me tenha servido, o enviarei a V. Ex.^a. – Entretanto, se o livreiro de V. E. encontrar um que me venda, eu desejava-o comprar para o possuir; e elle deve mandar-m'o registado no correio.⁹⁰

⁸⁴ CCE 14.

⁸⁵ CCE 15 (SMS Ms. 17).

⁸⁶ Becker, 1826.

⁸⁷ Hübner, 1862a; Hübner, 2008.

F. A. da Silva, em Lisboa, ou Tipografia António José da Silva Teixeira, no Porto (Sarmiento, 1879b; Oliveira, 1993, p. 18, n.º 66, pp. 159-161, n.ºs 1875, 1879, 1902).

⁸⁸ Vasconcelos, 1890d, p. 1, n.º 2; *CIL* II – S 6267a. Esta inscrição foi analisada pormenorizadamente no capítulo I.3.1.2.3 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1.2, I.3.1.2.3).

⁸⁹ *Vide* nota 73.

⁹⁰ Becker, 1826.

Visto que V. E. não póde vir a Portugal este anno, oxalá que venha no anno próximo.⁹¹

Eu não recebi o bilhete postal de V. E. anterior ao de 7 de Maio.⁹²

Ainda tarda muito a publicação do Corpus (suppl.)?⁹³

De V. E. cr.º am.º obgr.º

J. L. de V.

Lisboa, Bib. Nac., 19-V-91

18.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: Na carta seguinte, Hübner fornece a Leite de Vasconcelos um conjunto de referências bibliográficas (CCE 19 (MNA Ms. 10453)). As frases “Sobre o culto do mar etc. não existe, que eu saiba, uma obra especial:” e “V. Ex.^a tem o meu livro: *Bibliographie der Klassischen Alterthumswissenschaft*, etc., Berlim 1889 (XIV 434 pp.) 8.? Ele dará a V. Ex.^a muitas informações. A. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, 1.º fascículo (*A-Atepatus*), Leipzig 1891, quando chegar ao E, dará provavelmente uma etimologia de *Endovellicus*.” (CCE 19 (MNA Ms. 10453)) indiciam a existência prévia de um pedido de bibliografia do investigador português. Em nenhuma carta que possuímos deste correspondente verificamos esse pedido. Assim, consideramos a existência de uma carta de Leite de Vasconcelos anterior à carta de 27/07/1891 (CCE 19 (MNA Ms. 10453)), que se terá perdido.

19.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 30/07/1891 e um carimbo de Lisboa com a data de

⁹¹ Esta frase corresponde a uma resposta à carta anterior (*Vide* notas 73, 89).

⁹² CCE 14.

⁹³ *CIL* II – S (*Vide* capítulo 4.1.2.4).

03/08/1891 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10453, de 27/07/1891 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Sr. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Cher Monsieur,

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 27/7 91

Vous pouvez garder le Becker jusqu'au mois d'Août. Sur le culte de la mer etc. il n'existe pas, à ce que je sais, un ouvrage spécial: Preller, *griechische Mythologie* (4^{ème} éd. par Robert) donne des indications sur le culte de Poseidon etc. Là vous trouverez aussi quelques dates sur l'Hercule phénicien; l'ouvrage le plus complet sur le culte des Phéniciens est encore toujours celui de Movers, très-rare à-présent; mais on en prepare une nouvelle édition. Comparez aussi Perrot et Chipiez sur l'art Phénicien. Avez-vous mon livre: *Bibliographie der Klassischen Alterthumswissenschaft*, etc., Berlin 1889 (XIV 434 pp) 8.? Il vous donnera bien d'informations. A. Holder, *alt-celtischer Sprachschatz*, 1^{er} livraison (A-Atepatus), Leipzig 1891, quand il arrivera chez E, donnera probablement une étymologie de Endovellicus. Le Supplément au Vol. II n'a pas encore paru; nous sommes encore à l'impression des Indices (pour le volume II et le Supplément ensembles).

Votre tout-dévoué.

E. Hübner

Tradução:

Caro Senhor,

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 27/07/91

V. Ex.^a pode guardar o Becker até ao mês de Agosto.⁹⁴ Sobre o culto do mar etc. não existe, que eu saiba, uma obra especial: Preller, *Griechische Mythologie* (4.^a ed. por Robert) fornece indicações sobre o culto de Poseidon etc. Aí V. Ex.^a encontrará também algumas datas sobre o Hércules fenício; a obra mais completa sobre o culto dos Fenícios é ainda sempre aquela de Movers, muito rara actualmente; mas prepara-se uma nova edição. Compare também Perrot e Chipiez sobre a arte Fenícia. V. Ex.^a tem o meu livro: *Bibliographie der Klassischen Alterthumswissenschaft*, etc., Berlin 1889 (XIV 434 pp.) 8.? Ele dará a V. Ex.^a muitas informações.⁹⁵ A. Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz*, 1.^o fascículo (A-Atepatus), Leipzig 1891, quando chegar ao E, dará provavelmente uma

⁹⁴ Becker, 1826.

⁹⁵ Movers, 1841; Perrot & Chipiez, 1885; Preller, 1887; Hübner, 1889a (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

etimologia de *Endovellicus*.⁹⁶ O Suplemento do Vol. II ainda não foi publicado; nós ainda estamos na impressão dos Índices (para o volume II e o Suplemento em conjunto).⁹⁷

De V. Ex.^a sempre dedicado.

E. Hübner

20.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 28/08/1891 e um carimbo alemão com a data de 01/09/1891 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 19, de 28/08/1891).

Destinatário: Mr. E. Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemagne

Ex. Am. e S.:

Ha dias que enviei a V. E. o Bäcker, que muito agradeço; peço desculpa da demora que eu tive em lh'o devolver.⁹⁸

Peço a V. E. que, quando se publicar o Corpus, II, Sup., m'o diga, para eu o mandar vir.⁹⁹

Sou com toda a consideração,

De V. E.

resp^{or}. sincero e obg.

J. Leite de Vasc.

Lisboa, Bibl. Nac.

28-VIII-91

⁹⁶ Holder, 1896 (*Vide* capítulos 4.1.2.6, I.3.1).

⁹⁷ *CIL* II – S (*Vide* capítulo 4.1.2.4).

⁹⁸ Becker, 1826. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta.

⁹⁹ *CIL* II – S (*Vide* capítulo 4.1.2.4).

21.

Tipo de Documento: Carta extraviada remetida por Hübner.

Observações: A frase de Hübner “Caro senhor e amigo, há já muito tempo que indiquei a V. Ex.^a a recepção de Becker; a minha carta de correspondência deve-se ter perdido.” (CCE 23 (MNA Ms. 10454)) indica uma carta deste correspondente, que se terá extraviado. O envio desta carta terá ocorrido, na nossa opinião, imediatamente a seguir à recepção do livro em causa. Tendo o envio ocorrido antes, mas apenas aparentemente alguns dias, da 20.^a carta, como se depreende pelas palavras de Leite de Vasconcelos “Há dias que enviei a V. E. o Bäcker” (CCE 20 (SMS Ms. 19)), consideramos que a carta do investigador alemão será posterior a esta carta (CCE 20 (SMS Ms. 19)) e anterior à 23.^a carta (CCE 23 (MNA Ms. 10454)).

3.4.4 Ano de 1892

22.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: Na carta seguinte, Hübner parece responder a uma pergunta de Leite de Vasconcelos acerca de uma dúvida sobre marcas de oleiro (CCE 23 (MNA Ms. 10454)). Não possuímos nenhuma carta com esta interrogação. Assim, consideramos a existência de uma carta de Leite de Vasconcelos anterior à carta de 14/06/1892 (CCE 23 (MNA Ms. 10454)), com a respectiva questão, que se terá perdido.

23.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 15/06/1892 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10454, de 14/06/1892 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Biblioteca Nacional, Portugal

S. J. L. de V.

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 14/6 92

Cher Monsieur et ami, il y a bien longtemps que vous ai accusé le reçoï du Becker; ma carte de correspondance doit s'être perdue. La marque de pottier sera simplement OFF . PAT officina Pat(ricii). Le mot ANNONA ne se trouve guère comme marque de pottier; vous la connaissez des monnaies. Je ne saurais dire ce qu'elle peut signifier. De mes Antike Bildwerke je regrette de ne pas avoir un seul exemplaire à vous envoyer; mais chaque libraire vous les procurera facilement (de Paris où Leipzig) du libraire éditeur G. Reimer, Berlin, ou le petit volume (die antiken Bildwerke in Madrid etc.) a paru en 1862. Je vous envoie aujourd'hui un exemplaire des trois cartes géographiques du Supplément de mon volume, qui a paru il y a quelques semaines; elles vous pourront être parfois de quelque utilité.

Votre tout dévoué

E. Hübner

(E)quabona

Ca(b)ona

Couna

Coina¹⁰⁰

Tradução:

Sr. J. L. de V.

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 14/06/92

Caro senhor e amigo, há já muito tempo que indiquei a V. Ex.^a a recepção de Becker¹⁰¹; a minha carta de correspondência deve-se ter perdido¹⁰². A marca de oleiro

¹⁰⁰ Estas quatro palavras estão escritas em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos. Foram escritas na frente do postal. Será de data posterior, sem qualquer relação com os assuntos referidos nas missivas trocadas entre o sábio alemão e o investigador lusitano.

será simplesmente OFF . PAT officina Pat(ricii). A palavra ANNONA não se encontra muito como marca de oleiro; V. Ex.^a conhece-a das moedas. Eu não saberei dizer o que ela pode significar.¹⁰³ Do meu *Antike Bildwerke*, lamento não ter um único exemplar para enviar a V. Ex.^a; mas algum livreiro o procurará facilmente para V. Ex.^a (de Paris ou Leipzig) do livreiro editor G. Reimer, Berlim, ou o pequeno volume (*Die Antiken Bildwerke in Madrid etc.*) publicado em 1862.¹⁰⁴ Envio hoje a V. Ex.^a um exemplar de três cartas geográficas do Suplemento do meu volume, que foi publicado há algumas semanas; elas poderão ser de alguma utilidade a V. Ex.^a.¹⁰⁵

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

(E)quabona

Ca(b)ona

Couna

Coina¹⁰⁶

24.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Loschwitz com a data de 16/10/1892 e um carimbo de Lisboa com a data de 20/10/1892 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10455, de 16/10/1892 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

B. W., Ahornstr. 4, 16/10 92

Je viens de recevoir vos intéressants mémoires; je m'en vais les lire à l'instant. Mil remerciements.

¹⁰¹ Becker, 1826.

¹⁰² CCE 21.

¹⁰³ CCE 21; Vasconcelos, 1899-1900, p. 212; *EE VIII* 262.6 (*Vide* capítulos 5.1.2, 6.5.1, 6.5.2).

¹⁰⁴ Hübner, 1862a; Hübner, 2008.

¹⁰⁵ *CIL II – S* (*Vide* capítulo 4.1.2.4).

¹⁰⁶ Vasconcelos *in* Rasteiro, 1897, p. 7, nota 1; Vasconcelos, 1905b, pp. 21, 59-60; Vasconcelos, 1911b, p. 336; Vasconcelos, 1931, p. 140 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

Votre tout-dévoué

E. Hübner

Tradução:

B. W., Ahornstr. 4, 16/10/92

Acabo de receber as suas interessantes memórias; vou lê-las imediatamente.¹⁰⁷
Muitíssimos agradecimentos.

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

3.4.5 Ano de 1893

25.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: Na 27.^a carta, em 10/10/1893, Leite de Vasconcelos escreveu “Em Agosto escrevi a V. E. enviando-lhe uma inscrição, e pedindo-lhe a fineza de me dizer os nomes e moradas de alguns celtistas a quem eu pudesse consultar sobre etimologias de alguns nomes antigos. Como não recebi resposta, renovo o meu pedido.” (CCE 27 (SMS Ms. 20)). Na 29.^a carta, de 17/12/1893, o correspondente português redigiu “Escrevi a V. E. por duas vezes, uma em Agosto, creio eu, outra depois, e de nenhuma das vezes obtive resposta de V. E., o que me faz enviar agora esta carta registada, pois suponho que as duas primeiras se perderam.” (CCE 29 (SMS Ms. 21)). Estas frases indicam a existência de uma carta de Leite de Vasconcelos, enviada no mês de Agosto, que se terá perdido. A data desta carta deverá corresponder a 22/08/1893, segundo a informação fornecida na 31.^a carta, de 29/12/1893: “Sobre os seus bilhetes-postais de 22/08 e 10/10, eu respondi imediatamente” (CCE 31 (MNA Ms. 10456)).

¹⁰⁷ Vasconcelos, 1892b; Vasconcelos, 1892c. Não conhecemos nenhuma carta que tenha acompanhado o envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

26.

Tipo de Documento: Carta extraviada remetida por Hübner.

Observações: Na 31.^a carta, Hübner escreveu “Sobre os seus bilhetes-postais de 22/08 [CCE 25] e 10/10 [CCE 27 (SMS Ms. 20)], eu respondi imediatamente” (CCE 31 (MNA Ms. 10456)). Deste modo, consideramos a possibilidade de ter existido uma carta do correspondente alemão entre as 25.^a e 27.^a cartas (CCE 25; CCE 27 (SMS Ms. 20)), que se terá extraviado.

27.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 10/[10]/1893¹⁰⁸ e um carimbo alemão com a data de 14/10/1893 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 20, de 10/10/1893).

Destinatário: Ex^m. S. Dr. E. Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha¹⁰⁹; “Ahornstrasse, 4, Berlin” foi riscado e escrito “14/10 Loschwitz”, “Nachsenden Loschwitz Stadtweg 84. Mei... [palavra incompreensível].”¹¹⁰

Ex^o. am. e S.

Em Agosto escrevi a V. E. enviando-lhe uma inscrição¹¹¹, e pedindo-lhe a fineza de me dizer os nomes e moradas de alguns celtistas a quem eu pudesse consultar sobre etimologias de alguns nomes antigos.¹¹² Como não recebi resposta, renovo o meu pedido.¹¹³

¹⁰⁸ O mês e o ano da data vêem-se mal, por estarem esborratados, mas perante a data do carimbo alemão propomos esta data para o carimbo português.

¹⁰⁹ Palavra duplamente sublinhada.

¹¹⁰ No final da frase foram escritas letras e números de muito difícil compreensão, que deverão corresponder à assinatura de algum funcionário dos correios alemães. Tradução: “Redireccionado Loschwitz Stadtweg 84. Mei... [palavra incompreensível]”.

¹¹¹ CCE 25; *CIL* II – S 5178. A epígrafe referida na carta foi estudada mais pormenorizadamente no capítulo I.2.2.1 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.2, I.2.2.1).

¹¹² *Vide* capítulo 4.1.2.6.

¹¹³ A missiva de Agosto corresponde a CCE 25. Hübner respondeu, mas a carta ter-se-á perdido.

Sou com todo o respeito

De V. Ex.

am. att. v.^{or} obgr^o.¹¹⁴

José Leite de Vasco.

Lisboa

Bibliotheca N^{al}.

10.X.93.

17 44
 17
 21¹¹⁵

28.

Tipo de Documento: Carta extraviada remetida por Hübner.

Observações: Na 31.^a carta, Hübner escreveu “Sobre os seus bilhetes-postais de 22/08 [CCE 25] e 10/10 [CCE 27 (SMS Ms. 20)], eu respondi imediatamente” (CCE 31 (MNA Ms. 10456)). Deste modo, consideramos a possibilidade de ter existido uma carta do investigador alemão após a 27.^a carta (CCE 27 (SMS Ms. 20)), que se terá extraviado.

29.

Tipo de Documento: Carta em folheto com sete páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 21, de 17/12/1893).

1893¹¹⁶

¹¹⁴ Em todas as cartas, em local semelhante, estas abreviaturas significam respectivamente “amigo atento venerador obrigado”.

¹¹⁵ Estes números e conta estão escritos em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. Desconhecemos o que possam significar.

Ex^o. Am. e S^{nr}.

Escrevi a V. E. por duas vezes, uma em Agosto, creio eu, outra depois, e de nenhuma das vezes obtive resposta de V. E., o que me faz enviar agora ésta carta registada, pois supponho que as duas primeiras se perderam.¹¹⁷

Na primeira carta enviava-lhe eu a copia de uma inscripção romana, que sahiu imperfeita no Corpus.¹¹⁸

Já vi o Supplemento ao vol. II do Corpus. Dei d'elle um anúncio no n^o. 1^o. do vol. III da Revista Lusitana, e ha-de lá sahir noutro n^o. uma notícia, que enviarei a V. Ex^a.¹¹⁹

Já sahiram os seus Monumenta linguae ibericae?¹²⁰

Eu estou escrevendo uma obra sobre as Religiões da Lusitania, onde incluirei todas as inscripções conhecidas a respeito das divindades indígenas, e farei algumas considerações sobre a historia da minha pátria nas differentes epochas antigas.¹²¹

Rogo a V. E. o obsequio de me dizer os nomes e moradas de alguns celtistas da Allemanha, a quem eu pudesse consultar à cerca de alguns nomes de deuses. E não poderia V. Ex. ao mesmo tempo enviar-me bilhetes de apresentação para elles?¹²²

Eu estimava possuir todos os trabalhos (artigos, etc.) que V. E. tem publicado com relação à archeologia de Portugal e de Hespanha. Peço a V. E. o obsequio de m'os indicar, se isso lhe não é penoso, e de me enviar aquelles que não fossem postos à venda. Eu conheço os seguintes:

Corpus, II e Suppl.;

Exempla epigraphica;

Inscript. Hispaniae christianae¹²³;

os 4 primeiros vol. das Ephemer. Epigr.;

Notícias de Portugal;

Um artigo na Encyclopaedia Britannica sobre Epigraphia;

O artigo sobre as estatuas callaicas (em allem.);

¹¹⁶ Esta data está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

¹¹⁷ A carta de Agosto corresponde a CCE 25. A missiva seguinte de Leite de Vasconcelos consiste em CCE 27 (SMS Ms. 20). Ambas as epístolas chegaram ao seu destino. As respostas de Hübner são as CCE 26 e CCE 28, que se extraviaram.

¹¹⁸ CCE 25; *CIL* II – S 5178. A epígrafe referida na carta foi estudada mais pormenorizadamente no capítulo I.2.2.1 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.2, I.2.2.1).

¹¹⁹ *CIL* II – S; Vasconcelos, 1895b, p. 96 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.4).

¹²⁰ *MLI* (*Vide* capítulos 2.2, 4.1.2.6, 4.1.4, 5.2.1.3).

¹²¹ Vasconcelos, 1897c; Vasconcelos, 1905b; Vasconcelos, 1913b (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

¹²² *Vide* capítulo 4.1.2.6.

¹²³ A palavra “latinae” foi escrita, riscada e por cima redigido “christianae”.

O livro que ultimamente publicou sobre archeologia de Hispania e Britannia, onde falla da Citania;

Munda Pompeiana (estratto dagli Annali dell’Istituto di correspond. arch., XXXIV);

Minerva senza elmo;

La arqueología en España¹²⁴

17/12 93¹²⁵

Numa das minhas cartas pedia eu tambem a V. E. o obsequio de escrever um artigo que se referisse a Portugal para a Revista Lusitana, - artigo cujo assumpto fosse historico ou archeologico, por ex. sobre instituições da Lusitania, etc.¹²⁶

Desculpe V. E. importuná-lo tanto. Mas eu, apesar de ter muita vontade de fazer alguma cousa, vivo num país pequeno que não tem¹²⁷ recursos intellectuaes, nem bons museus ou¹²⁸ boas bibliothecas, de modo que a cada passo encontro mil difficuldades.¹²⁹

Sou com toda a estima

De V. Ex^a.

cr.^o am.^o obg.^o

Lisboa

Bibliotheca N^{al}.

17,XII,93.

José Leite de Vasconcellos.

P.S.

V. E. póde mesmo escrever-me em allemão, mas peço não seja em lettra allemã, pois já me tem acontecido receber cartas que não direi¹³⁰ eu, mas¹³¹ mesmo allemães, não tem entendido.

Só desejo calligraphia clara, como V. E. faz.¹³²

¹²⁴ Hübner, 1861, pp. 185-195; Hübner, 1862b, pp. 75-100; Hübner, 1865; *CIL* II; *IHC*; Hübner, 1871b; *EE* I; *EE* IIa; *EE* IIb; *EE* IIIa; *EE* IIIb; *EE* IV; Hübner, 1882; Hübner, 1885; Hübner, 1888b; Hübner, 1890; *CIL* II – S; Blech, González Blanco & Molina Gómez, 2014, pp. 36-47 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

¹²⁵ Esta data está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

¹²⁶ Hübner não publicou nenhum artigo na *Revista Lusitana*.

¹²⁷ Foi redigido primeiro “e sem”. Estas palavras foram riscadas e em cima escrito “que não tem”.

¹²⁸ Foi redigido primeiro “nem”. Esta palavra foi riscada e por cima escrito “ou”.

¹²⁹ *Vide* capítulo 4.1.2.

¹³⁰ Foi redigido primeiro “nem”. Esta palavra foi riscada e em cima escrito “não direi”.

¹³¹ Foi redigido primeiro “nem”. Esta palavra foi riscada e em cima escrito “mas”.

¹³² *Vide* capítulo 3.2.

Tipo de Documento: Carta em folheto com três páginas, escrita em português e latim (SMS, *Cartas a Emílio Hübnér*, vol. II, Ms. 22, de [18/12/1893]).¹³³

Ex. Am. e S.:

No mesmo dia em que enviei a V. E. uma carta registada, recebi de V. E. os Monumenta linguae iberica, que muito e muito agradeço.

Necessito de tempo e de descanso para os ler e estudar, mas já, ao primeiro relance, vejo que é livro – qui non solum linguarum Ibericarum monumenta continet, sed etiam ingenii, doctrinae, industriae scriptoris ipse mirum monumentum est.

Aqui estou ao dispôr de V. E., esperando a sua resposta à carta anterior, e sou De V. Ex^a.

De V. Ex^a.

cr.^o am.^o obg.^o

José Leite de Vasconcellos.

P.S.

Participo a V. E. que o Govêrno do meu país acaba de fundar um Museu ethnographico português, dividido em duas secções: a) archeologica (desde os tempos prehistoricos); b) moderna. Na parte archeologica é incorporado o Museu do Algarve e todo o espolio archeologico de E. da Veiga, bem como outras collecções. Espero que este Museu seja um renovamento de estudos archeologicos em Portugal.

Eu fui nomeado Diréctor, - cargo porém que vou exercer gratis.

Tradução:

Ex. Am. e Sr.:

No mesmo dia em que enviei a V. E. uma carta registada¹³⁴, recebi de V. E. os Monumenta linguae iberica, que muito e muito agradeço.

¹³³ No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existe no Museu Nacional de Arqueologia uma folha com notas deste autor (MNA Ms. 10456A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento ou rascunho do autor sobre a sua carta enviada. Acerca da data desta missiva, *vide* nota 141.

Necessito de tempo e de descanso para os ler e estudar, mas já, ao primeiro relance, vejo que é livro – que não só abarca os testemunhos das línguas ibéricas, mas também é por si mesmo testemunho admirável de inteligência, cultura e zelo do escritor.¹³⁵

Aqui estou ao dispôr de V. E., esperando a sua resposta à carta anterior¹³⁶, e sou De V. Ex^a.

De V. Ex^a.

cr.º am.º obg.º

José Leite de Vasconcelos.

P.S.

Participo a V. Ex.^a que o Governo do meu país acaba de fundar um Museu etnográfico português, dividido em duas secções: a) arqueológica (desde os tempos pré-históricos); b) moderna. Na parte arqueológica é incorporado o Museu do Algarve e todo o espólio arqueológico de E. da Veiga¹³⁷, bem como outras colecções. Espero que este Museu seja um renascimento de estudos arqueológicos em Portugal.

Eu fui nomeado Director, - cargo porém que vou exercer grátis.¹³⁸

31.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 29/12/1893 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10456, de 29/12/1893 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

¹³⁴ CCE 29 (SMS Ms. 21).

¹³⁵ *MLI* (Vide capítulos 2.2, 4.1.2.6, 4.1.4, 5.2.1.3). Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que ele poderá ter sido remetido sem carta.

¹³⁶ CCE 29 (SMS Ms. 21).

¹³⁷ Sebastião Estácio da Veiga (06/05/1828-07/12/1891). Desconhecemos a localização da correspondência trocada entre o investigador algarvio e Hübner. Apenas se guarda no Museu Nacional de Arqueologia o que aparenta ser uma cópia de uma carta endereçada ao sábio alemão. A missiva assinada com o nome de Estácio da Veiga, arrolada no Epistolário de José Leite de Vasconcelos data de 1904, o que deve ser uma gralha, porque o arqueólogo algarvio faleceu em 1891. Não nos foi possível aferir esta situação em tempo útil (MNA, *Sebastião Estácio da Veiga*, Cx. 5, Pasta *Sebastião Estácio da Veiga*, VI - *Minutas de Cartas e Offícios*; Coito, 1999, p. 263, n.º 3537. Vide capítulo 5.2.1.1).

¹³⁸ Leite de Vasconcelos foi remunerado pelo seu trabalho enquanto director do Museu Etnográfico Português a partir de 1897 (Vasconcelos, 1915; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 88-182; Alegria, Daveau & Garcia, 2011, p. 26. Vide capítulos 2.3, 4.1.2).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Director do Museu Ethnographico Portuguez, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

S. José Leite de Vasconcellos

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 29/12 93

Auf Ihre Karten vom 22/8 und 10/10 habe ich sogleich geantwortet; ebenso kündigte ich Ihnen den Band der *Mon. Linguae Iber.* vorher an. Ich freue mich auf Ihren Briefe vom 18/12 zu sehen, dass er richtig in Ihre Hände gelangte; die *Revista Lusitana* ist mir noch nicht zugegangen. Ihre Liste meiner Arbeiten ist ziemlich vollständig bis auf einige ältere; der Artikel ‘römische Epigraphik’ aus der *Encyclopaedia Britannica* erschien deutsch in erweiterter Gestalt in Iwan von Müllers Handbuch der klassischen Alterthumswissenschaft Band I, schon in zweiter Auflage (München 1892, Beck); das Werk umfasst bis jetzt 9 Theile. Für die *Revista* will ich Ihnen gern einen Beitrag senden, sobald sich ein passender Gegenstand dafür findet.

Ihr

E. Hübner

Tradução:

Sr. José Leite de Vasconcelos

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 29/12/93

Sobre os seus bilhetes-postais de 22/08 e 10/10, eu respondi imediatamente¹³⁹; de igual modo eu avisei-o antes acerca do volume do *Mon. Linguae Iber.*¹⁴⁰ Fico satisfeito por ver na sua carta de 18/12, que ele chegou correctamente às suas mãos¹⁴¹; a *Revista Lusitana* ainda não me chegou às mãos.¹⁴² A sua lista dos meus trabalhos é bastante completa excepto no que diz respeito a alguns mais antigos; o artigo ‘römische Epigraphik’ da *Encyclopaedia Britannica* foi publicado numa forma mais extensa em *Iwan von Müllers Handbuch der klassischen Alterthumswissenschaft Band I*, já na

¹³⁹ Vide CCE 25 – CCE 28.

¹⁴⁰ CCE 30 (SMS Ms. 22); *MLI* (Vide capítulos 2.2, 4.1.2.6, 4.1.4, 5.2.1.3).

¹⁴¹ Consideramos que esta missiva de “18/12” corresponde à 30.ª carta (CCE 30 (SMS Ms. 22)), uma vez que Leite de Vasconcelos recebeu o livro depois de ter enviado a 29.ª missiva, segundo o que escreveu na própria 30.ª epístola (CCE 29 (SMS Ms. 21) – CCE 30 (SMS Ms. 22)). O cruzamento destas informações permitem-nos então colocar a hipótese de a 30.ª carta datar do dia 18/12/1893 (CCE 30 (SMS Ms. 22)). Esta possibilidade contraria o facto de o Decreto que fundou o Museu Ethnographico Português datar apenas de 20/12/1893. Contudo, o investigador português estaria a fazer referência ao fim do processo, que culminou com o Decreto do dia 20 (Vasconcelos, 1915, p. 13).

¹⁴² Na carta CCE 33 (MNA Ms. 10457), Hübner indicou a recepção do periódico em causa.

segunda edição (Munique 1892, Beck); a obra compreende até ao momento 9 números.¹⁴³ Para a *Revista* eu pretendo enviar-lhe com muito gosto um artigo, assim que se encontre um assunto próprio para isso.¹⁴⁴

O Seu

E. Hübner

3.4.6 Ano de 1894

32.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: A frase “Eu recebi o seu bilhete postal do dia 16 e a *Revista Lusitana*”, que Hübner escreveu na 33.^a carta (CCE 33 (MNA Ms. 10457)) indica a existência de uma carta de Leite de Vasconcelos datada do dia 16, que provavelmente acompanhou a *Revista Lusitana*. A carta do investigador alemão data do dia 21 de Fevereiro (CCE 33 (MNA Ms. 10457)), o que torna possível em termos de tempo de correio uma carta enviada de Lisboa no dia 16 de Fevereiro. Deste modo, colocamos a hipótese de ser esta a data da carta do investigador português. Esta carta ter-se-á perdido.

33.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 23/02/1894 e um carimbo de Lisboa com a data de

¹⁴³ Hübner, 1861, pp. 185-195; Hübner, 1862b, pp. 75-100; Hübner, 1865; *CIL* II; *IHC*; Hübner, 1871b; *EE* I; *EE* IIa; *EE* IIb; *EE* IIIa; *EE* IIIb; *EE* IV; Hübner, 1882; Hübner, 1885; Hübner, 1886, pp. 475-548; Hübner, 1888b; Hübner, 1890; *CIL* II – S; Hübner, 1892b, pp. 627-710; Blech, González Blanco & Molina Gómez, 2014, pp. 36-47 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

¹⁴⁴ Hübner não publicou nenhum artigo na *Revista Lusitana* (*Vide* nota 126).

26/02/189[4]¹⁴⁵ (MNA, *Correspondência*, Ms. 10457, de 21/02/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 21/2 94

Ich habe Ihre Postkarte vom 16. und die Revista Lusitana erhalten und Vieles darin mit Interesse gelesen.

Ihr

E. H.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 21/02/94

Eu recebi o seu bilhete-postal do dia 16 e a *Revista Lusitana* e li muita coisa nela com interesse.¹⁴⁶

O Seu

E. H.

34.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 30/04/1894 e um carimbo alemão com a data de 04/05/1894 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 23, de 30/04/1894).

Destinatário: Herrn E. Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha¹⁴⁷

Ex.º. Am.º. e S.:

Enviei a V. E. 2 exs. do meu opusculo Quid apud Lusitanos, um para V. E., e outro para V. E. ter a bondade de mandar entregar ao Sr. Mommsen¹⁴⁸. Depois d'isto remetti

¹⁴⁵ O carimbo português apresenta o que parece corresponder a duas tentativas. Na primeira tentativa o carimbo não terá ficado muito bem gravado. A segunda tentativa resultou melhor, mas foi feita por cima da anterior e também não ficou impresso na sua totalidade, afectando nomeadamente a data. Assim, lê-se “26 FEV 9”. Pensamos que será “26 FEV 94”, porque a carta foi enviada em Fevereiro de 1894.

¹⁴⁶ CCE 32; Vasconcelos (ed.), 1890-1892.

¹⁴⁷ Palavra duplamente sublinhada.

mais umas folhas, addenda, para juntar àquelles. – Tive uma dificuldade de leitura numa linha da inscrição, e foi por isso que não transcrevi a inscrição toda, e também não tive tempo de consultar a V. E., o que farei noutra ocasião.¹⁴⁹

Conhece alguns trabalhos bons, com estampas, sobre mosaicos romanos, que possa recomendar-me? Vejo anunciado Al. Laborde, Descript. d'un pavé en mosaïque découvert dans l'anc. ville d'Italica, Paris 1802 (Pr. 40 M.): merece a pena comprá-lo?¹⁵⁰

Também vejo anunciado de V. E. Bibl. der klass. Alterthumswiss., 2ª. ed., Berlin 1889, - 9M. Este livro contém indicações que possam servir para os meus estudos?¹⁵¹

Já obtive o livro de V. E. Antik. Bildwerk., como obtive também o livro Viriato e os Lusitanos.¹⁵²

Espero que o 1º. vol. da minha obra Religiões da Lusitania esteja pronto até Agosto. O vol. 2º. é que porém interessará mais a V. Ex.¹⁵³

Fico esperando o artigo que V. E. me prometeu para a Rev. Lusit.¹⁵⁴
De. V. Ex.

cr.º am.º obg.º

J. L. de V.

Lisboa, Bibl. N^{al}., 30-IV-94.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Contém palavras em latim. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 03/05/1894 e um carimbo

¹⁴⁸ Theodor Mommsen (30/11/1817-01/11/1903) (*Vide* capítulo 5.2).

¹⁴⁹ Vasconcelos, 1894a. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1, I.3.1.4).

¹⁵⁰ Laborde, 1802. O interesse de Leite de Vasconcelos por mosaicos romanos relacionava-se decerto com a existência de fragmentos na Biblioteca Nacional, no Museu Real de Belas-Artes de Lisboa e fundamentalmente no Museu do Algarve, incorporado no Museu Etnográfico Português (Vasconcelos, 1895b, pp. 204, 206; Vasconcelos, 1915; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 94, 98-99).

¹⁵¹ Hübner, 1889a.

¹⁵² Becker, 1826; Hübner, 1862a; Hübner, 2008 (*Vide* notas 50, 74, 79).

¹⁵³ Vasconcelos, 1897c; Vasconcelos, 1905b (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

¹⁵⁴ Hübner não publicou nenhum artigo na *Revista Lusitana* (CCE 31 (MNA Ms. 10456). *Vide* notas 126, 144).

alemão com a data de 07/05/1894 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 24, de 03/05/1894).¹⁵⁵

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Ex^o. Am. e S.

Lisboa 3,V,94

No bilhete que ha 3 dias escrevi a V. E.¹⁵⁶ esqueci-me de dizer que tem andado cá por Portugal quidam¹⁵⁷ Dodg., que encontra por toda a parte palavras bascas, ainda mesmo quando ellas são puramente latinas! É uma monomania. Elle é instruido, mas não conhece os methodos scientificos, me parece.¹⁵⁸

Estive no Cabo de S. Vicente, - Cyneticum jugum! Colhi lendas muito interessantes, que se relacionão com as que Estrabão nos transmittiu. Hei-de publicá-las brevemente.¹⁵⁹

Dê-me V. Ex^a. as suas notícias.

Am. obr^o

J. L. de V.

P.S. Obtive de V. Ex^a. um artigo Antichità del Portogallo in Bulletino dell Institut di Corresp. Arch. 1862 (n^o. X e XI).¹⁶⁰

36.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 08/05/1894 e parte de um carimbo provavelmente de Lisboa apenas com as letras “COR” (MNA, *Correspondência*, Ms. 10458, de 07/05/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ex^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

¹⁵⁵ Alguns números das datas vêem-se mal, mas os vestígios restantes e o cruzamento deles com informações das próprias cartas permitem-nos propor estas datas.

¹⁵⁶ CCE 34 (SMS Ms. 23).

¹⁵⁷ “um certo”.

¹⁵⁸ Edward Spencer Dodgson (19/11/1857 – 09/10/1922) correspondeu-se com Leite de Vasconcelos nos anos de 1893-1921 (Vasconcelos, 1895a, pp. 28-30; Coito, 1999, p. 93, n.º 1083. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3, I.2.9).

¹⁵⁹ Vasconcelos, 1905b, pp. 199-216 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

¹⁶⁰ Hübner, 1862c, pp. 193-207.

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 7/5 94

Cher Monsieur,

Le 30 Avril vous m'avez annoncé votre brochure *Quid apud Lusitanos*; elle n'est pas encore arrivée, je n'ai reçu que les deux feuilles des *Addenda*. Sur la peinture en mosaïque vous trouverez les indications dans ma Bibliographie der Klass-Alterthumswissenschaft (Berl. 1889) p. 337; le livre vous sera utile, il est indispensable pour les bibliothèques publiques. Aujourd'hui votre carte du 3 Mai est arrivée; Mr. Dodgson est un jeune homme de beaucoup de zèle, mais sa Bascomanie est vraiment une maladie, comme vous dites. Je suis très-curieux de lire ce que vous allez à publier sur le Cap St. Vincent, de même que votre livre sur les religions de la Lusitanie. Je n'ai pas oublié la *Revista Lusitana*; mais il ne m'est pas encore arrivé un objet digne d'être traité-là; il en arrivera un, je n'en doute pas.

Votre tout-dévoué

E. H.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 07/05/94

Caro Senhor,

No dia 30 de Abril¹⁶¹, V. Ex.^a havia-me anunciado a sua brochura *Quid apud Lusitanos*; ela ainda não chegou, eu recebi apenas duas folhas da *Addenda*.¹⁶² Sobre a pintura em mosaico, V. Ex.^a encontrará as indicações na minha *Bibliographie der Klass-Alterthumswissenschaft* (Berl. 1889) p. 337; o livro será útil a V. Ex.^a e é indispensável para as bibliotecas públicas.¹⁶³ Hoje chegou a sua carta de 3 de Maio¹⁶⁴; o Sr. Dodgson é um jovem com muito zelo, mas a sua bascomania é verdadeiramente uma doença, como V. Ex.^a diz.¹⁶⁵ Eu estou muito curioso de ler o que V. Ex.^a vai publicar sobre o Cabo de São Vicente, assim como o seu livro sobre as religiões da Lusitânia.¹⁶⁶ Eu não esqueci a *Revista Lusitana*; mas ainda não me chegou um objecto digno de ser tratado nela; aparecerá um, não duvido disso.¹⁶⁷

¹⁶¹ CCE 34 (SMS Ms. 23).

¹⁶² Vasconcelos, 1894a (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1, I.3.1.4).

¹⁶³ Hübner, 1889a. O livro existe na Biblioteca Nacional de Lisboa. Não foi possível aferir se a sua entrada se deveu à acção de Leite de Vasconcelos (Cf. Vasconcelos, 1913a, p. 11).

¹⁶⁴ CCE 35 (SMS Ms. 24).

¹⁶⁵ Edward Spencer Dodgson (*Vide* nota 158. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3, I.2.9).

¹⁶⁶ Vasconcelos, 1897c; Vasconcelos, 1905b, especialmente pp. 199-216 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

¹⁶⁷ Hübner não publicou nenhum artigo na *Revista Lusitana* (CCE 31 (MNA Ms. 10456). *Vide* notas 126, 144, 154).

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

37.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 23/05/1894 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10459+A, de 23/05/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Ex. Sr. Dr., Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Aemilius Hübner Josepho Leite de Vasconcellos s.p.¹⁶⁸

Accepi et legi libellum tuum de vocabulo quod est *aedeolum*; alterum exemplar Mommseno tradendum curavi. Doleo quod noluisti textum tituli eius, in quo vocabulum illud legitur, disputatiunculae tuae inserere; multum illa inde et pretii et iucunditatis accepisset atque ita tantum, num recte vocabulum interpretatus sis, diiudicari poterit. Fac igitur ut quam primum publici iuris facias et titulum illum et reliquos novos, quos collegisti. Dignum sane opus esset Academiae vestrae, si illa susciperet fanum dei Endovellici libro quodam singulari illustrare, in quo tituli quotquot ibi reperti sunt ederentur, si fieri potest imaginibus photographis repraesentati, forma aediculae qualis olim erat depingeretur, quidquid ad religionem illam vetustam explicandam faciat exponeretur. Eduardus Dodgson amicus noster Vascophilus iam Conimbrigae vel in Portu versabitur. Vale mihi que favere pergas.

Scripsi Berolini d. XXIII m. Maii a. 1894.

Tradução:

Emílio Hübner saúda José Leite de Vasconcelos

Recebi e li o seu opúsculo acerca do termo *aedeolum*; mandei entregar o outro exemplar a Mommsen.¹⁶⁹ Lamento muito que V. Ex.^a não tenha querido inserir na sua discussão o texto da inscrição, em que se lê esse termo; com isso esta teria adquirido muito maior peso e apreço, e só assim se poderia julgar se interpretou correctamente o

¹⁶⁸ *Salutem plurimam.*

¹⁶⁹ Theodor Mommsen (*Vide* nota 148. *Vide* capítulo 5.2).

vocabulo. V. Ex.^a torne, pois, do domínio público, o mais depressa possível, não só essa inscrição mas também as outras novas que recolheu. Seria uma obra verdadeiramente meritória para a vossa Academia se esta se encarregasse de celebrar o templo do deus Endovélico com um livro notável, no qual fossem publicadas todas as inscrições que têm sido descobertas nesse local, se possível ilustradas por fotografias, que a moldura da edícula fosse desenhada tal como era antigamente, em que fosse exposto tudo aquilo que contribua para esclarecer aquele antigo culto.¹⁷⁰ O nosso amigo bascófilo Eduardo Dodgson estará já a viver em Coimbra ou no Porto.¹⁷¹ Adeus e espero que continue a distinguir-me com a sua amizade.

Berlim dia 23 mês Maio ano 1894.

38.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 29/05/1894 e um carimbo alemão com a data de 02/06/1894 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 25, de 29/05/1894).¹⁷²

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Josephus Leite de Vasconcellos Doctori Aemilio Hubnerio sal. d.¹⁷³

Jam litteris superioribus tibi significaui cur textum tituli, de quo in libello meo egi, in vulgus non emissem: qualis esset vera forma et verus sensus litterarum duarum vel trium dubitavi, neque incerti quidquam commentariolo meo inserere volui. Illud autem dubium non est quin in titulo AEDEOLV legatur. De hac re me te paucis diebus consulturum spero; cum otium nactus ero, illas litteras describam, earumque exemplum tibi offeram: nunc multis negotiis impeditus sum.

In opere meo de religionibus Lusitanicis longum caput de deo Endovellico erit, imaginibus photographice ornatum.

Eduardum Dodgson amicum nostrum gravi morbo Vasconico affectum esse credo... De vocabuli Collipponis interpretatione in ephmeride Collipponensi cum eo disceptavi.

¹⁷⁰ Vasconcelos, 1894a (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1, I.3.1.4).

¹⁷¹ Edward Spencer Dodgson (*Vide* nota 158. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3, I.2.9).

¹⁷² No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existem no Museu Nacional de Arqueologia duas folhas com notas deste autor (MNA Ms. 10459+A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento ou rascunho do autor sobre a sua carta enviada.

¹⁷³ *Salutem dicit.*

Utrum recte, annon, ex exemplari, quod abhinc aliquot dies ad te misi, scire facile potuisti.

Cura ut valeas.

D. IV Kal. Jun. a. MDCCCXCIV Olisipone.

Tradução:

José Leite de Vasconcelos saúda o Doutor Emílio Hübner

Já em cartas anteriores que enviei a V. Ex.^a, indiquei por que razão não teria deixado vir a público o texto da inscrição, da qual me ocupei no meu opúsculo: hesitei em qual seria a verdadeira forma e o sentido correcto de duas ou três letras, e não quis introduzir no meu pequeno tratado alguma coisa de incerto. Mas não está em dúvida que seja lido *AEDEOLV* na inscrição. Acerca deste assunto, espero vir a consultar V. Ex.^a dentro de alguns dias; quando eu conseguir tempo livre, copio aquelas letras, e oferecer-lhe-ei a cópia delas; neste momento estou impedido por muitos assuntos.¹⁷⁴

No meu trabalho sobre as religiões da Lusitânia haverá um extenso capítulo acerca do deus Endovélico, provido de fotografias.¹⁷⁵

Penso que o nosso amigo Eduardo Dodgson sofre do grande mal da bascomania...

Acerca da interpretação do termo *Collippo*, debati com ele [Dodgson] no *Diário de Leiria*. Se tenho ou não razão, é o que pode verificar facilmente no exemplar que lhe enviei há alguns dias.¹⁷⁶

Olhe pela sua saúde.

29 de Maio de 1894 Lisboa.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta dois carimbos de Loschwitz com a data de 07/09/1894 e um carimbo de Lisboa com a data

¹⁷⁴ Vasconcelos, 1894a (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.1, I.3.1.4).

¹⁷⁵ Vasconcelos, 1905b, pp. 111-146 (*Vide* capítulos 4.1.2.6, I.3.1).

¹⁷⁶ Edward Spencer Dodgson (*Vide* nota 158. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3, I.2.9).

de 12/09/1894¹⁷⁷ (MNA, *Correspondência*, Ms. 10460, de 07/09/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Loschwitz bei Dresden, 7/9 94

Mein Freund Manuel Rodriguez de Berlanga in Malaga (Alameda 47) schreibt mir, dass er eine Abhandlung geschrieben hat, die sich vielleicht für Ihre Revista Lusitana eignet. Er ist, wie Sie ja wissen, ein vortrefflicher Gelehrter, und war ein eifriger Mitarbeiter der Revista arqueológica unseres armen Freundes António Borges de Figueiredo. Wenn Sie wollen, schreiben Sie ihm ein Paar Zeilen nach der oben angegebenen Adresse.

Ihr ergebenster

E. Hübner

Tradução:

Loschwitz perto de Dresden, 07/09/94

O meu amigo Manuel Rodríguez de Berlanga em Málaga (Alameda 47) escreve-me, que ele redigiu um trabalho, que talvez se preste para a sua *Revista Lusitana*. Ele é, como V. Ex.^a sabe, um erudito excelente e era um solícito colaborador da *Revista Archeologica* do nosso pobre amigo António Borges de Figueiredo. Se V. Ex.^a achar oportuno, escreva-lhe algumas linhas para o endereço acima indicado.¹⁷⁸

Devotadamente

E. Hübner

¹⁷⁷ O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando a data, principalmente no ano. Contudo, pensamos que se pode reconstituir “12 SET 94”, na medida em que a carta foi enviada em Setembro de 1894.

¹⁷⁸ Manuel Rodríguez de Berlanga (1825-04/06/1909) foi um jurista e epigrafista espanhol. Correspondeu-se com Hübner, sendo o conjunto mais volumoso dos correspondentes espanhóis. O conjunto epistolar de Leite de Vasconcelos contém apenas uma missiva enviada por aquele autor, no ano de 1895. O investigador espanhol publicou vários artigos na *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo, mas nenhum na *Revista Lusitana* (Rodríguez de Berlanga, 1888, pp. 33-49, 129-140; Rodríguez de Berlanga, 1889, pp. 36-44, 56; Coito, 1999, p. 228, n.º 2947; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, pp. 22-25. Vide notas 65, 72).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 13/12/1894 e um carimbo de Lisboa com a data de 17/12/1894 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10461, de 13/12/1894 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. J. Leite de Vasconcellos, Ex. Sr. Dr., Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Aemilius Hübner Iosepho Leite v.¹⁷⁹

Libellum tuum ‘museu ethnographico português’ accepi, acceptum perlegi, lecto magnopere gavisus sum gratiasque tibi ago quam plurimas. Vale mihi que favere perge. Berolini (W. Ahornstrasse 4) idis . December . 1894

Tradução:

Emílio Hübner saúda José Leite

Recebi o seu opúsculo *Museu Ethnographico Português*, tendo recebido li-o do princípio ao fim, e uma vez lido com grande empenho regozijo-me muito e agradeço-lhe do mais fundo do meu coração.¹⁸⁰ Adeus e espero que continue a distinguir-me com a sua amizade.

Berlim (W. Ahornstrasse 4) 13 de Dezembro 1894

¹⁷⁹ Parece-nos que neste caso esta letra corresponde à abreviatura de *uale*, pois foi o único carácter escrito em minúsculas.

¹⁸⁰ A datação que a carta apresenta e a referência ao artigo em CCE 44 (MNA Ms. 10463) induzem-nos a considerar que Leite de Vasconcelos enviou primeiro a separata publicada pela tipografia de A. F. Vasconcelos em 1894 (Vasconcelos, 1895b, pp. 193-250; Vasconcelos, 1915, pp. 13-83; Cepeda, 1960, p. 196, n.º 687. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

3.4.7 Ano de 1895

41.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 01/02/1895 e um carimbo de Lisboa com a data de 07/02/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10462+A, de 19/01/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Professor na Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Aem. H. Iosepho L. de V.

Quae adnotavisti ad titulum CIL II 2419 accepi; Celicus pro Caelicus (II 2420) forma rustica est, Pongoenabiagus non minus obscurus quam Roncoenagiacus. Velim ectypum aut imaginem photographam sumpsisses; nam etiam imago dei vel genii digna est quae publici iuris fiat. Vale.

Scripsi Berolini die 19 m. Ian. a. 1895.

Tradução:

Emílio H. a José L. de V.

Recebi o que V. Ex.^a observou em relação à inscrição *CIL* II 2419; *Celicus* em vez de *Caelicus* (II 2420) é uma forma simples, *Pongoenabiagus* não é menos duvidoso que *Roncoenabiagus*. Eu desejaria que V. Ex.^a tivesse feito um decalque¹⁸¹ ou uma fotografia; pois também a imagem do deus ou do génio é digna de se tornar do domínio público¹⁸². Adeus.

Berlim dia 19 mês Janeiro ano 1895.

¹⁸¹ Leite de Vasconcelos utiliza nas suas cartas o termo “calco”. No entanto, preferimos traduzir “ectypus” pela palavra mais moderna e empregue comumente “decalque”.

¹⁸² Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que ele poderá ter sido efectuado sem carta ou por outro correspondente (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.3).

42.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 06/02/1895 e um carimbo alemão com a data de 10/02/1895 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 30, de 06/02/1895).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Ex^o. Am^o. e S.

Deve V. E. ter recebido um opusculo meu «O deus bracarense PONGOENABIAGVS». Muito desejo saber a opinião de V. Ex^a.

Peço tambem a V. E. que me diga se concorda com a explicação que dou de se ler duas vezes CELICVS na inscrição, e se conhece outros exemplos de repetição do nome.¹⁸³

Brevemente lhe envio um novo jornal de archeologia.¹⁸⁴

De V. E.

am.^o cr.^o adm.^{or}

obg.^o

J. L. de V.

Lisboa

Bibl. N.^{al}

6.II.95

Poderia V. E. enviar-me alguns artigos ou folhetos em que se refira a Portugal? Por exemplo: Hermes, I, 397. -¹⁸⁵

¹⁸³ Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que ele poderá ter sido efectuado sem carta ou por outro correspondente (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.3).

¹⁸⁴ Este jornal corresponde certamente a *O Arqueólogo Português*, que começou a ser publicado no ano de 1895 (Vasconcelos, 1895a, pp. 1-2. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

¹⁸⁵ Hübner, 1866.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 08/02/1895 e um carimbo alemão com a data de 12/02/1895 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 29, de 07/02/1895).¹⁸⁶

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Josephus Leite de Vasconcellos Aemilio Hübner s. d.¹⁸⁷

Posteaquam epistolium meum ad te misi, perbreves tuas litteras accepi. De iis quae in eo ex te quaesivi, a te peto ut mihi, quid sentias, candore noto dicas.

Ad animadversionem tuam nunc venio: in libello meo, in pag. III, pollicitus sum me libellum alterum ampliorem de hac re, imagine dei reliquique monumenti ornatum, editurum esse.

Vale meque, ut facis, ama.

A. d. VII Id. Februar. a. MDCCCXCV Olisipone

Tradução:

José Leite de Vasconcelos saúda Emílio Hübner

Depois de ter enviado o meu bilhete a V. Ex.^a, recebi a sua brevíssima carta.¹⁸⁸ Acerca dos assuntos sobre os quais perguntava a V. Ex.^a nesse bilhete, peço-lhe que me diga, com toda a sinceridade, o que pensa.

Submeto-me agora à sua repreensão: no meu opúsculo, na página 3, prometi que publicaria um segundo opúsculo, maior, acerca deste assunto, ilustrado com a imagem do deus e do que resta do monumento.¹⁸⁹

Adeus e espero que continue a estimar-me, como costuma fazer.

7 de Fevereiro do ano 1895 em Lisboa

¹⁸⁶ No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existe no Museu Nacional de Arqueologia uma folha com notas deste autor (MNA Ms. 10462A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento ou rascunho do autor sobre a sua carta enviada.

¹⁸⁷ *Salutem dicit.*

¹⁸⁸ CCE 41 (MNA Ms. 10462+A) – CCE 42 (SMS Ms. 30).

¹⁸⁹ Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.3).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 04/03/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10463, de 02/03/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. J. Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 2/3 95

Haben Sie besten Dank für Ihre freundlichen Mittheilungen. Ich hoffte immer die erste Nummer Ihres Archeologo Português zu erhalten denn ich schrieb gleich nach dem Empfang des Prospectes, der die erste Nummer für den Januar ankündigt, an J. A. Dias Coelho, um zu subscribieren. Ich bat zugleich um Angabe, wie man am besten 18500 reis einzahlt. Aber ich erhielt bis jetzt nichts. Meine Absicht war auch Ihre Abhandlung über das Museu Ethnographico zugleich mit dem Archeologo hier vorzulegen. Oder ist das Unternehmen auf Hindernisse gestossen?

Ihr ergebenster

E. Hübner

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 02/03/95

Receba V. Ex.^a um muito obrigado pelas suas amigáveis informações.¹⁹⁰ Esperei receber o primeiro número do seu *Archeologo Português*, porque escrevi, imediatamente após recepção do prospecto que anuncia o primeiro número para Janeiro, a J. A. Dias Coelho¹⁹¹, fazendo a respectiva subscrição. Pedi simultaneamente que me indicassem a melhor forma de pagar 18500 réis. Mas até agora não recebi nada. O meu objectivo era apresentar aqui o seu trabalho sobre o Museu Etnográfico simultaneamente com o *Arqueólogo*. Ou a empresa encontrou obstáculos?¹⁹²

Devotadamente

E. Hübner

¹⁹⁰ CCE 42 (SMS Ms. 30) – CCE 43 (SMS Ms. 29).

¹⁹¹ J. A. Dias Coelho correspondeu-se com Leite de Vasconcelos nos anos de 1894-1940 (Coito, 1999, p. 75, n.º 824).

¹⁹² O 1.º fascículo do volume I corresponde a Janeiro de 1895, como é referido na carta (Vasconcelos (ed.), 1895, pp. 1-32; Hübner, 1896, pp. 558-560. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

45.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 09/03/1895 e três carimbos alemães com duas datas. Dois carimbos exibem a data de 12/03/1895, sendo um de Berlim. Este ostenta um risco em cima. O terceiro carimbo apresenta a data de 13/03/1895 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 31, de 09/03/1895).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Ex.º. S.

Lisboa, Bibl. N.º., 9.III.95.

Resp. 30/03 95¹⁹³

O Sr. Dias Coelho¹⁹⁴, administrador d- O Archeologo, não recebeu comunicação alguma de V. Ex.ª. Eu avisei-o hoje, e elle remetterá a V. E. o 1.º. N.º.¹⁹⁵ - Póde V. E. enviar-me algum artigo sobre archeologia portuguesa?¹⁹⁶ – Nada me diz V. E. à cêrca do meu opusculo sobre Pongoenabiagus.¹⁹⁷ – Peço a V. E. o favor de me indicar algumas revistas de archeologia de Berlin com as quaes eu deva trocar o Arch. Portug.¹⁹⁸ – Recebeu o meu último bilhete, que escrevi em latim?¹⁹⁹ –

De V. Ex.ª.

cr.º am.º obgd.º

J. L. de V.

46.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 30/03/1895 e um carimbo de Lisboa com a data de

¹⁹³ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 46.ª carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 46 (MNA Ms. 10464)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

¹⁹⁴ Vide nota 191.

¹⁹⁵ Vasconcelos (ed.), 1895, pp. 1-32; Hübner, 1896, pp. 558-560 (Vide nota 192. Vide capítulos 2.3, 4.1.2).

¹⁹⁶ CCE 47 (MNA Ms. 10465) – CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182) (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.3).

¹⁹⁷ Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.3).

¹⁹⁸ Vide nota 203.

¹⁹⁹ CCE 43 (SMS Ms. 29).

03/04/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10464, de 30/03/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. J. Leite de Vasconcellos, Director do Museu Ethnographico Português, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Berlin, W., Ahornstr. 4, 30/3 95

J'ai été absent trois semaines; à mon retour, je trouve le N° 1 du Archeologo Português, espérons, qu'il vivra longtemps. J'ai envoyé encore une fois 1500 r. à M. Dias Coelho. Je vous ai écrit sur votre opuscul sur le dieu Pongoenabiagus, en désidérant un calque ou une photographie du monument; j'espère que vous aurez reçu ma carte postale. Les journaux d'ethnologie etc. et d'archéologie sont indiqués dans ma "Bibliographie der class. Alterthumswissenschaft" (Berlin 1889) pag. 189 et 300. Je vous enverrai bientôt un article pour l'Archeologo.

Votre bien dévoué

E. Hübner

Tradução:

Berlim, W., Ahornstr. 4, 30/03/95

Estive ausente três semanas²⁰⁰; no meu regresso, encontrei o n.º 1 do *Arqueólogo Português*, esperamos, que ele viva muito tempo. Enviei uma vez 1500 r. ao Sr. Dias Coelho.²⁰¹ Eu escrevi a V. Ex.^a acerca do seu opúsculo sobre o deus *Pongoenabiagus*, solicitando um decalque ou uma fotografia do monumento; espero que V. Ex.^a tenha recebido o meu postal.²⁰² As revistas de etnologia e de arqueologia são indicadas na minha *Bibliographie der Class. Alterthumswissenschaft* (Berlin 1889) pag. 189 e 300.²⁰³ Enviarei em breve a V. Ex.^a um artigo para o *Arqueólogo*.²⁰⁴

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

²⁰⁰ Esta ausência de três semanas deve-se à morte de sua mãe, no dia 8 de Março de 1895 (Cardozo, 1947, p. 245, de 01/04/1895).

²⁰¹ Vasconcelos (ed.), 1895, pp. 1-32; Hübner, 1896, pp. 558-560 (*Vide* notas 192, 195. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

²⁰² CCE 41 (MNA Ms. 10462+A); Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.3).

²⁰³ Hübner, 1889a (*Vide* nota 198).

²⁰⁴ CCE 47 (MNA Ms. 10465) – CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

47.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta um carimbo de Berlim com a data de 15/04/1895 e um carimbo provavelmente de Lisboa com a data de 19/04/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10465, de 15/04/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).²⁰⁵

Destinatário: S. D. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal.

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 15/4 95

Mon cher ami, ci-joint je vous envoie ce que vous ai promis. Si vous pouvez donner des facsimiles des inscriptions du musée, ce serait fort bien, surtout pour le N.º 1. Pour les autres, des lettres majuscules sont suffisantes. Je suis prêt de lire une épreuve d'impression; si vous me l'envoyez, je la retournerai de suite.

Votre tout dévoué

E. Hübner

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 15/04/95

Meu caro amigo, junto a esta carta envio a V. Ex.^a o que lhe prometi. Se V. Ex.^a puder fornecer os fac-símiles das inscrições do museu, isso será muito bom, sobretudo para o n.º 1. Para os outros, as letras maiúsculas são suficientes. Eu estou disponível para ler uma prova de impressão; se V. Ex.^a me enviar, eu a devolvarei de seguida.²⁰⁶

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

²⁰⁵ O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando principalmente a localidade. No entanto, pensamos que as letras “SB” existentes possam corresponder a LISBOA.

²⁰⁶ CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

47A.

Tipo de Documento: O manuscrito contém doze páginas, escritas em latim (MNA, *Correspondência*, Mss. 10445+10445A, de 14/04/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). O texto foi publicado em Hübner, 1895, pp. 177-182, também em latim.²⁰⁷

Observações: Confrontando a data de MNA Ms. 10465 com a data deste texto (“Scripsi Berolini in festo paschali a. MDCCCXCV.”²⁰⁸), consideramos que este manuscrito foi enviado com a carta anterior (CCE 47 (MNA Ms. 10465)).

Texto:

Inscriptiones Lusitanae aevi christiani ineditae.²⁰⁹

Edidit²¹⁰

Aemilius Hübner Berolinensis

AEMILIUS HÜBNER – JOSEPHO LEITE DE VASCONCELLOS s.²¹¹

Quaesivisti ex me, vir doctissime et amicissime, ut insererem aliquid in ephemeridem archaeologicam²¹² *O Archeologo Português*²¹³, nuper saluberrimo consilio a te edi coeptam, ut sequelam faceret voluminum eorum, quae Antonius Borges de Figueiredo per aliquot annos ediderat, donec mors praematura indefessae eius industriae finem imposuit. Ut voluntati tuae obtemperarem et quantum in me est adiuverem rerum antiquarum studia inter cives tuos olim florentia, nunc vero coli fere desita, incidi in titulos aliquot christianos nondum editos. Proveniunt illi e Lusitaniae meridionalis oppidis vetustis Ossonoba, Balsa, Myrtili, repererat plerosque ante hos viginti et quod excedit annos Statius da Veiga, iam vita functus, et intulit in museum Algarbiense, quod

²⁰⁷ Uma vez que este texto foi publicado, seguimos essa edição. No entanto, apresentamos as diferenças relativamente ao manuscrito em nota.

²⁰⁸ No ano 1895, o Domingo de Páscoa ocorreu no dia 14 de Abril.

²⁰⁹ No manuscrito esta palavra encontra-se na linha seguinte.

²¹⁰ No manuscrito está “edidit”.

²¹¹ No manuscrito está “Aemilius Hübner Iosepho Leite de Vasconcellos s.”. A letra “s.” corresponderá a *salutem*.

²¹² No manuscrito está “archaeologicam”.

²¹³ Quase tudo o que é apresentado nesta carta em itálico encontra-se no manuscrito sublinhado. As exceções são indicadas no local próprio.

Olisipone ipse instituerat, nunc tuae curae traditum esse laetamur. Reliquos debeo amicorum meorum, qui in Britannia vivunt, officiosae liberalitati.

Verum est, non admodum gravis argumenti eos esse omnes. Sed tamen qui primo loco editur, commendatur scriptura unciali, quae rara est in lapidibus inscriptis; qui secundo, quamquam mutilus, propter formulam inusitatam «domini milex»²¹⁴, si recte supplevi. Qui sequuntur Ossonobenses (nr. 3, 4²¹⁵) et Balsenses (nr. 5), fragmenta tantum sunt per se inutilia. Sed cum ex Ossonoba et ex Balsa hi primi omnino prodeant tituli christiani, digni sunt qui litteris mandentur et edantur.

E Myrtili vetere cum inscriptiones aevi vetustioris perpaucae adhuc provenerint - composui eas in *Corporis Inscriptionum*²¹⁶ volumine II nr. 15-20 et in *Supplemento* nr. 5178-5180 – eademque exigui vel, si unam exceperis (nr. 15), paene nullius pretii, christianae ibi inventae non paucae non carent sua utilitate. Edidit eas qui repperit idem Statius da Veiga ille, de monumentis Lusitaniae optime meritis, in libello de antiquitatibus Myrtilensibus (*Memorias das antiguidades de Mertola, observadas em 1877*, etc., Olisipone 1880; vid. *C. I. L.*, II, *Suppl.*, p. 788²¹⁷); quas hic non repeto. Duo autem et ipsae Myrtilesenses cum ab hominibus exteris emptae in Britanniam translatae sint, effugerunt Veigae diligentiam. Tituli hi omnes demonstrant, in urbe Myrtili per saecula quintum potissimum et sextum floruisse societatem christianorum multosque nantam esse asseclas.

Pauca sunt quae ad seriem hanc inscriptionum christianarum illustrandam adscripsi. Adscripsi vero sermone Latino, quo docti Lusitani olim usi sunt magna cum elegantia nec minore facilitate – veluti, ut unum nominem in hac scribendi arte principem, Hieronymus²¹⁸ Ossorio, Emmanuelis et Iohannis Portugalliae regum historiographus²¹⁹ clarus²²⁰ - , nunc vero uti paene desierunt.

Tu vero vale et rebus vetustis mihique, ut facis, favere pergas.

Scripsi Berolini in festo paschali a. MDCCCXCV.²²¹

²¹⁴ No manuscrito está “ ‘domini milex’ ”.

²¹⁵ No manuscrito está “3 . 4”.

²¹⁶ No manuscrito está “inscriptionum”.

²¹⁷ No manuscrito está “v. C.I.L. II Suppl. p. 788”.

²¹⁸ No manuscrito Hübner colocou primeiramente “Hieronymum”, riscando a letra “m” final e colocando por cima a letra “s”.

²¹⁹ No manuscrito Hübner colocou primeiramente “historiographum”, riscando a letra “m” final e colocando por cima a letra “s”.

²²⁰ No manuscrito Hübner colocou primeiramente “clarum”, riscando a letra “m” final e colocando por cima a letra “s”.

²²¹ No ano 1895, o Domingo de Páscoa ocorreu no dia 14 de Abril.

Nr. 1

Ossonobae (*Marim, concelho de Olhão, Algarve*), tabella marmorea alta m. 0,25²²², lata 0,21; servatur Olisipone in museo Algarbiensi. Litterae sunt unciales quae vocantur parvae, altae m. 0,025.

ROGATA / FAMOLA / DEI VIX A/NNOS-PL-M LV / RECE / I²²³

Descripsi et ectypum sumpsit.

Lege: *Rogata famola dei vix(it) annos pl(us) m(inus) LV, rece[ssit] i[n pace ...*²²⁴

Scribendi genus hoc in lapidibus adhibitum est iam inde a saeculo tertio in provincia Africa, inde a quarto in actis potissimum non admodum raro (vide *Exempla mea scripturae epigraphicae*, p. XXXVIII et nr. 1146-1152²²⁵). Cum aerae indicatio perierit, coniectura tantum titulum hunc tribuere licet saeculo fere quinto.

In versu quarto ante et post *p l* litteras, punctum est lineolae simile.

Nr. 2

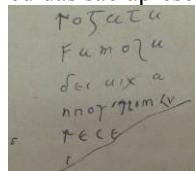
Ossonobae (*Marim*), fragmentum tabellae marmoreae, altum m. 0,20, latum 0,19; servatur Olisipone in museo Algarbiensi. Litterae non sunt bonae, altae m. 0,03, saeculi fortasse sexti.

... / rECESSIT / iN PACE / dni mILEX / d XII KAL IVLI/AS / ...²²⁶

Descripsi et ectypum sumpsit.

Lege: *[r]ecessit [i]n pace, d(omi)n(i) [m]ilex?, d(ie) XII kal(endas) Iulias.....*²²⁷

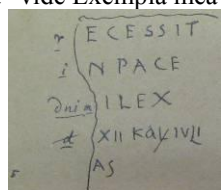
²²² No manuscrito as medidas são apresentadas com pontos. Por exemplo: “0.25”.



²²³ No manuscrito está

²²⁴ No manuscrito está “rece[ssit in pace ...”.

²²⁵ No manuscrito está “vide *Exempla mea scripturae epigraphicae* p. XXXVIII et n. 1146-1152”.



²²⁶ No manuscrito está

²²⁷ No manuscrito está “Iulias.”.

Quamquam nomina defuncti et aerae indicatio desunt, memorabilis tamen titulus est propter formulam, si recte supplevi, *domini millex*, aliunde quantum scio nondum repertam. *Millex* pro *miles* aetate labente non raro pronuntiatum et scriptum adnotaverunt grammatici.

Versu quarto *a* littera in *kal* vocabulo formam habet uncialem.²²⁸

Nr. 3

Ossonobae, ex ipsis *Faro* urbis moenibus, ubi extabat *com face para o quintal de Federico Lazaro Cortes*; extraxit Statius²²⁹ da Veiga et intulit museo Algarbiensi, quod Olisipone est.

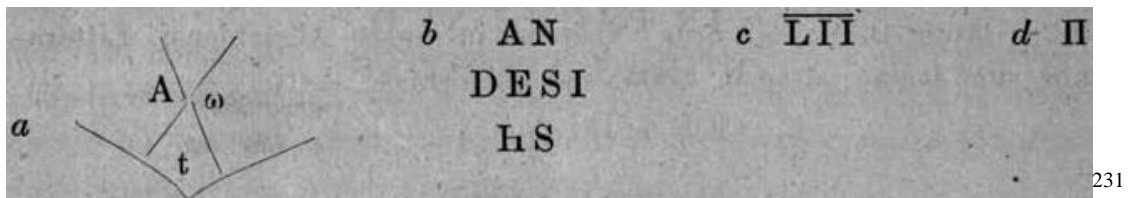



Descripsi ex ectypo a Veiga misso et ex lapide, quem vidi a. 1881.

Fragmentum explicari nequit; sed ne prorsus interiret edidi.


Nr. 4

Ossonobae (*Marim*), fragmenta titulorum christianorum quattuor, servata in museo Algarbiensi.



²²⁸ No manuscrito está “uncialem .

²²⁹ No manuscrito a forma portuguesa do nome (Estácio) encontra-se escrita e riscada, figurando por cima a forma latina do nome (Statius).

²³⁰ No manuscrito está .

Descripseri et ectypa sumpsit; misit etiam a se descripta Statius da Veiga.

Frustula nimis exigua quamquam nihil nos docent, tamen ne prorsus neglegerentur adnotavi, si forte alia accederent quibus supplerentur.

Nr. 5

Balsae, fragmenta duo, alterum repertum *em Cacella, na Quinta do Maro*, alterum *em*²³² *Torre d'Ares*. In museum Algarbiense, quod Olisipone est, intulit Statius²³³ da Veiga.



Descripseri ex ectypis a Veiga missis, alterum (*b*) vidi a. 1881.

Propter litterarum formam videntur inscriptiones fuisse christianae.

Nr. 6

Myrtili reperta, tabella lapidea alta pedes (Anglicos) 2, lata digitos 20; extat Ponte Aelio, i.e. *Newcastle-upon-Tyne*, in urbe Britanniae septentrionalis, in museo Societatis antiquariorum Aelianensis, cui intulit Warden Britannus incola Myrtilensis.

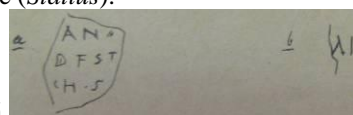
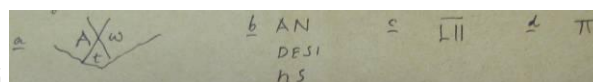
☿ / P BRITTO PRES ♡ / VIXIT ANNOS / LXV REQVIEVIT / IN PACE DNI D / NONAS AGVSTAS / ERA DLXXXIII

²³¹ No manuscrito está

²³² No manuscrito esta palavra não está em itálico nem sublinhada.

²³³ No manuscrito a forma portuguesa do nome (Estácio) encontra-se escrita e riscada, figurando por cima a forma latina do nome (*Statius*).

²³⁴ No manuscrito está



aera 584

p. Chr. 546²³⁵

Iohannes C. Bruce antiquarius quondum Aelianensis clarus misit a se descriptam, mense Martio anni 1888; idem edidit in actis societatis supra scriptae (*Proceedings of the Society of Antiquaries of Newcastle-upon-Tyne*), vol. III, 1888, p. 264²³⁶.

Lege: ☩ Britto pres(byter) vixit annos LXV, requievit in pace d(omi)ni d(ie) nonas Agustas era DLXXXIII.

Observe *Agustas* pro *Augustas* formam vulgarem²³⁷, quam servant linguae Romanicae.

Nr. 7

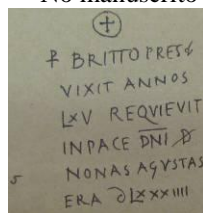
Myrtili reperta a. 1886, tabula marmorea alta pedes (Anglicos) 2, digitos 4, lata pedem unum digitos 6; Cantabrigiam in Britanniam secum tulit Gadow, ubi servatur.

☩ / P SIMPLCVS / PRBS ♡ FAMV/LVS DI ♡ VIXIT / AN ♡ LVIII ♡ / REQVEVIT IN / PACE DNI ♡ ♡ / VIII KAL SEPTEM / BRES ♡ ERA / DLXXV ♡

aera 575

p. Chr. 537²³⁸

²³⁵ No manuscrito está

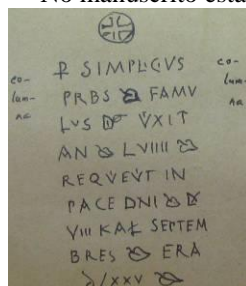


“die 5 mens. Aug.
aera 584
post Chr. n. 546”.

²³⁶ No manuscrito está “vol. III 1888 p. 264”.

²³⁷ No manuscrito “pro Augustas” surge após “formam vulgarem”, com uma chamada de atenção, recolocando na ordem que apresentamos.

²³⁸ No manuscrito está



“d. 25 mens. Aug.
aera 575
post Chr. n. 537”.

Iohannes C. Bruce misit acceptam a Gadow medico Germano, qui edidit in ephemeride *Cambridge University Register*, a. 1887, p. 539.²³⁹

Lege: ☒ *Simplicius pr(es)b(yster), famulus D(e)i, vixit an(nos) LVIII, requievit in pace d(omi)ni d(ie) VIII (octavo) kal(endas) Septembres, era DLXXV.*

Puncta formam habent foliorum hederæ, ut non raro.

Tradução:

Inscrições Lusitanas Inéditas da Época Cristã

feito por

Emílio Hübner de Berlim

Emílio Hübner – cumprimentos a José Leite de Vasconcelos

V. Ex.^a pediu-me, colega sapientíssimo e amicíssimo, que escrevesse alguma coisa no jornal arqueológico *O Arqueólogo Português*, recentemente começado a ser editado por si, em decisão muito útil, de modo a dar sequência aos volumes que António Borges de Figueiredo publicara por alguns anos, até ao momento em que a morte prematura impôs o fim desse seu trabalho infatigável.²⁴⁰ A fim de aceder ao seu desejo e ajudar, por quanto está ao meu alcance, os estudos das coisas antigas, outrora florescentes entre os seus concidadãos, mas agora quase deixadas de cultivar, debrucei-me sobre algumas inscrições cristãs ainda não publicadas. Provêm das cidades antigas da Lusitânia meridional, *Ossonoba*, *Balsa* e *Myrtilis*. Estácio da Veiga, já falecido, descobrira muitas há mais de vinte e tal anos e levou-as para o museu do Algarve, que ele próprio tinha fundado em Lisboa, e agora nos regozijamos de que tenha sido entregue ao seu cuidado.²⁴¹ As restantes devo-as à bondade cortês dos meus amigos, que vivem na Britânia.

Na realidade, nem todas apresentam assuntos de grande importância. Mas, ao invés, na que publicamos em primeiro lugar, destaca-se a escrita uncial, que é pouco frequente nas lápides gravadas; na segunda, ainda que truncada, a fórmula rara *domini milix*, se

²³⁹ No manuscrito está “Register a. 1887 p. 539”.

²⁴⁰ António Cardoso Borges de Figueiredo e *Revista Archeologica e Historica* / *Revista Archeologica* (Figueiredo & Sousa (eds.), 1887; Figueiredo (ed.), 1888; Figueiredo (ed.), 1889; Figueiredo (ed.), 1890. *Vide* notas 13, 65. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

²⁴¹ Sebastião Estácio da Veiga (*Vide* notas 137, 138. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2, 5.2.1.1, 5.2.1.3).

interpretei correctamente. As que se seguem, de *Ossonoba* (n.º 3, 4) e de *Balsa* (n.º 5) são apenas fragmentos, em si mesmo inúteis. Mas, uma vez que estas são absolutamente as primeiras inscrições cristãs que aparecem de *Ossonoba* e de *Balsa*, são dignas de serem passadas a escrito.

Como muito poucas inscrições de épocas mais remotas oriundas da antiga *Myrtilis* apareceram até ao presente – reuni-as no volume II n.º 15-20 do *Corpus Inscriptionum* e no *Supplementum* n.º 5178-5180 – e essas mesmas são de pouco, ou, se exceptuar uma (n.º 15), de nenhum valor, as não poucas inscrições cristãs aí encontradas não deixam de ter a sua utilidade. O próprio Estácio da Veiga, benemérito dos monumentos da Lusitânia, publicou as que ele mesmo descobriu no opúsculo relativo às antiguidades de *Myrtilis* (*Memorias das antiguidades de Mertola, observadas em 1877, etc.*, Lisboa 1880; vid. *C. I. L.*, II, *Suppl.*, p. 788); essas não as retomo aqui. Por outro lado, duas, e precisamente de *Myrtilis*, tendo sido compradas por estrangeiros e levadas para a Britânia, escaparam à diligência de Veiga. Todas estas inscrições demonstram que, na cidade de *Myrtilis*, principalmente durante os séculos V e VI, floresceu uma comunidade de cristãos e conquistou muitos seguidores.

São poucas as coisas que acrescentei para explicar este conjunto de inscrições cristãs. Escrevi em latim, que os sábios Lusitanos empregaram outrora com grande elegância e não menor facilidade – por exemplo, como um nome cimeiro nesta arte de escrever, Jerónimo Osório, ilustre historiógrafo dos reis de Portugal Manuel e João –²⁴², mas que hoje em dia quase deixaram de usar.²⁴³

Passe realmente bem e espero que continue a distinguir-me, a mim e às coisas antigas, com o seu favor, como costuma fazer.

Berlim na festa pascal do ano 1895.²⁴⁴

N.º 1

De *Ossonoba* (Marim, concelho de Olhão, Algarve), lápide de mármore com 0,25m de altura, 0,21m de largura; conserva-se em Lisboa, no museu do Algarve. As letras são unciais, que se designam curtas, de 0,025m de altura.

²⁴² Osório, 1571; Osório, 1572. Jerónimo Osório (1506 – 20/08/1580). D. Manuel I (25/10/1495 – 13/12/1521). D. João III (13/12/1521 – 11/06/1557).

²⁴³ Vide capítulo 3.2.

²⁴⁴ No ano 1895, o Domingo de Páscoa ocorreu no dia 14 de Abril.

ROGATA / FAMOLA / DEI VIX A/NNOS-PL-M LV / RECE / I

Transcrevi e obtive o decalque.

Leitura: *Rogata famola dei vix(it) annos pl(us) m(inus) LV, rece[ssit] i[n] pace ...*

Esta maneira de escrever em lápides foi utilizada já desde o século III na província da *Africa* e não foi muito rara principalmente nas lápides feitas desde o IV (*vide* os meus *Exempla da scriptura epigraphica*, p. XXXVIII e n.^{os} 1146-1152). Tendo desaparecido a indicação da época, só por conjectura se pode atribuir esta epígrafe a aproximadamente ao século V.

No quarto verso, antes e depois das letras *p* e *l*, há um ponto semelhante a uma pequena linha.

N.º 2

De *Ossonoba* (Marim), fragmento de lápide de mármore, altura 0,20m, largura 0,19m; conserva-se em Lisboa, no museu do Algarve. As letras não são de boa qualidade, altura 0,03m, talvez do século VI.

... / rECESSIT / iN PACE / dni mILEX / d XII KAL IVLI/AS / ...

Transcrevi e obtive o decalque.

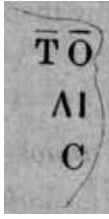
Leitura: *[r]ecessit [i]n pace, d(omi)n(i) [m]ilex?, d(ie) XII kal(endas) Iulias.....*

Ainda que falem os nomes do defunto e a indicação da época, a inscrição é contudo digna de memória, por causa da fórmula *domini milex*, se a interpretei correctamente, ainda não encontrada em outro lado, por quanto sei. Os gramáticos mencionavam que, na antiguidade tardia, não raro se pronunciava e escrevia *milex* em vez de *miles*.

No verso quarto a letra *a* na palavra *kal* tem a forma uncial.

N.º 3

De *Ossonoba*, das próprias muralhas da cidade de Faro, onde estava com face para o quintal de Frederico Lázaro Cortes; Estácio da Veiga retirou-a e levou-a para o museu do Algarve, em Lisboa.

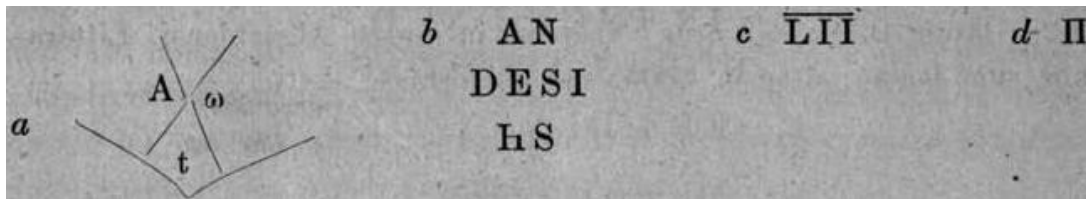


Transcrevi a partir do decalque produzido por Veiga e a partir da lápide, que vi no ano de 1881.

Não sou capaz de interpretar o fragmento; mas publiquei-o para que não se perdesse completamente.

N.º 4

De *Ossonoba* (Marim), quatro fragmentos de inscrições cristãs, conservados no museu do Algarve.

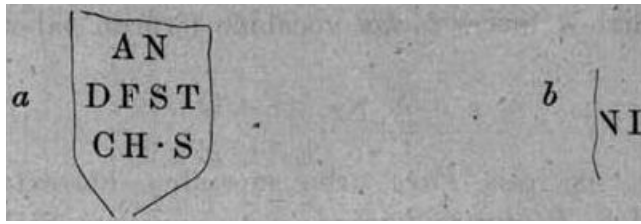


Descrevi e obtive o decalque; Estácio da Veiga escreveu também acerca da sua transcrição.

Embora fragmentos excessivamente pequenos não nos ensinem nada, todavia registei-os para não serem totalmente postos de parte, se por acaso se acrescentarem outros com que possam ser completados.

N.º 5

De *Balsa*, dois fragmentos, um descoberto em Cacela, na Quinta do Maro, o outro em Torre d'Ares. Estácio da Veiga levou-os para o Museu do Algarve, em Lisboa.



Transcrevi a partir dos decalques produzidos por Veiga, um (b) vi-o no ano de 1881.
Pela forma das letras, parecem ter sido inscrições cristãs.

N.º 6

Descoberta em *Myrtilis*, lápide tumular com 2 pés de altura (ingleses), 20 dedos de largura; é visível na cidade de *Ponte Aelio*, isto é Newcastle-upon-Tyne, da Britânia setentrional, no museu da Sociedade das Antiguidades Elianenses, para o qual a levou Warden, inglês habitante de *Myrtilis*.

✠ / P BRITTO PRES ✠ / VIXIT ANNOS / LXV REQVIEVIT / IN PACE DNI D /
NONAS AGVSTAS / ERA DLXXXIII

época 584

depois de Cristo 546

Enviou-me em tempos o ilustre antiquário Elianense John C. Bruce²⁴⁵ a transcrição feita por ele, no mês de Março do ano de 1888; o mesmo publicou nas actas da sociedade acima referida (*Proceedings of the Society of Antiquaries of Newcastle-upon-Tyne*), vol. III, 1888, p. 264).

Leitura: ✠ *Britto pres(byter) vixit annos LXV, requievit in pace d(omi)ni d(ie) nonas Agustas era DLXXXIII.*

Note-se a forma vulgar *Agustas* por *Augustas*, que as línguas românicas conservam.

N.º 7

²⁴⁵ John Collingwood Bruce (1805-1892).

Descoberta em *Myrtilis* no ano de 1886, lápide em mármore com 2 pés (ingleses) e 4 dedos de altura, um pé e 6 dedos de largura; Gadow²⁴⁶ levou-a consigo para Cambridge, na Britânia, onde se conserva.

Ⓜ / P SIMPLCVS / PRBS ♡ FAMV/LVS DI ♡ VIXIT / AN ♡ LVIII ♡ / REQVEVIT
IN / PACE DNI ♡ ♡ / VIII KAL SEPTEM / BRES ♡ ERA / DLXXV ♡

data de 575

537 depois de Cristo

John C. Bruce mandou-ma, interpretada pelo médico alemão Gadow, que a publicou na revista *Cambridge University Register*, ano 1887, p. 539.

Leitura: Ⓜ *Simplicius pr(es)b(yster), famulus D(e)i, vixit an(nos) LVIII, requievit in pace d(omi)ni d(ie) VIII (octavo) kal(endas) Septembres, era DLXXV.*

Os pontos têm a forma de folhas de hera, o que não é raro.²⁴⁷

48.

Tipo de Documento: Carta em folheto com três páginas, escrita em latim. Contém uma palavra em grego (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 26, de [...]05/1895).²⁴⁸

Mai 95²⁴⁹

Josephus Leite de Vasconcellos Doctori Aemilio Hübner s. d.²⁵⁰

Opusculum egregium tuum accepi, quod in ephmeridem O Arch. Portug. libentissime inseram. Duorum autem titulorum, qui primo loco sunt, ἔχτυπα obtinere non potero, mihi que necesse erit eos litterarum formis usitatis edere.

Amicus meus aliquot inscriptiones Latinas ad me misit, quarum tres hae sunt:

²⁴⁶ Joseph Gadow.

²⁴⁷ Hübner, 1895, pp. 177-182; *IHC – S* 294-298, 305, 313 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, 5.2.1.3).

²⁴⁸ No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existe no Museu Nacional de Arqueologia uma folha com notas deste autor (MNA Ms. 10492+A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento ou rascunho do autor sobre esta sua carta enviada.

²⁴⁹ Esta data está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

²⁵⁰ *Salutem dicit.*

D M S	MARITIM	PATRICIVS VI
DIONY	A VIXT	XIT ANN IS
SIANVS	(2) AN N	XCIII MIII DX
VIXI	XXV DV D	III PISTL
ANN	INITL	
XXXVIII DV (1)	TIBL	vel I
DINITL		
TIBL		

(1) D(iebus) quinque | (2) Ann(is) XXV, diebus V.

d(ic) v(iatur) [sic] d(ei) i(nferi) n(e) i(nvideant) t(ibi) l(ocum) t(itulum) t(erra) l(evem) b(ene) l(ibentes)²⁵¹

Tibi maximam gratiam habebo, si mihi quid litterae

DINITL	D	PISTL
TIBL	INITL	
	TIBL	vel I

[=P(ius) I(n) S(uos). T(erra) L(evis)?]

significet dixeris.

A te peto ut eas inscriptiones in vulgus non emittas, cum ex opusculo, quod ad illam ephemeridem scriptum est, eas excerpserim.

In regiones meridionales hebdomade paschali excucurri, ibique multos titulos inveni, quos mihi in mente est postea edere. Pace Julia, Serpae, Myrtili, Aesuri, Osionobae fui. Pace Julia vidi museum municipale, ubi antiquitatis studiosus multa monumenta reperit; quantum boni fuerit in semine, quod Emmanuel do Cenaculo archiepiscopus sparsit, nunc apparet!

Cura, ut valeas.

Non. Maj. Olisipone.

²⁵¹ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

Tradução:

Maio 95

José Leite de Vasconcelos saúda o Doutor Emílio Hübner

Recebi o notável opúsculo de V. Ex.^a, que incluirei de boa vontade no jornal *O Arq. Portug.*. Mas não conseguirei obter os decalques das duas inscrições que vêm em primeiro lugar e será forçoso que eu as edite com os tipos de letras habitualmente usados.²⁵²

Um amigo meu enviou-me algumas inscrições latinas, entre as quais se encontram estas três:

<i>D M S</i>	<i>MARITIM</i>	<i>PATRICIVS VI</i>
<i>DIONY</i>	<i>A VIXT</i>	<i>XIT ANN IS</i>
<i>SIANVS</i>	(2) <i>AN N</i>	<i>XCIII MIII DX</i>
<i>VIXI</i>	<i>XXV DV D</i>	<i>IIII PISTL</i>
<i>ANN</i>	<i>INITL</i>	/
<i>XXXVIII DV</i> (1)	<i>T^{BL}</i>	ou <i>I</i>
<i>DINITL</i>		
<i>T^{BL}</i>		

(1) *D(iebus) quinque* | (2) *Ann(is) XXV, diebus V.*

*d(ic) v(iatur) [sic] d(ei) i(nferi) n(e) i(nvideant) t(ibi) l(ocum) t(itulum) t(erram) l(evem) b(ene) l(ibentes)*²⁵³

Estarei muitíssimo reconhecido a V. Ex.^a, se me disser o que significam as letras.

<i>DINITL</i>	<i>D</i>	<i>PISTL</i>
<i>T^{BL}</i>	<i>INITL</i>	/
	<i>I^{BL}</i>	ou <i>I</i>
		[= <i>P(ius) I(n) S(uos). T(erra) L(evis)?</i>]

²⁵² CCE 47 (MNA Ms. 10465) – CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182) (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.3).

²⁵³ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

Peço a V. Ex.^a que não divulgue estas inscrições, dado que as omiti no opúsculo, que foi escrito para aquele jornal.²⁵⁴

Na semana pascal, saí para as regiões meridionais e aí encontrei muitas inscrições, as quais pretendo publicar mais tarde. Estive em *Pax Iulia*, Serpa, *Myrtilis*, *Aesuris* e *Ossonoba*. Em *Pax Iulia* vi o museu municipal, onde, com gosto, encontrei muitos monumentos da Antiguidade. É agora evidente quanto de bom houve na semente que o Arcebispo Manuel do Cenáculo lançou!²⁵⁵

Olhe pela sua saúde.

7 de Maio em Lisboa.

49.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta um carimbo de Berlim com a data de 14/05/1895 e um carimbo de Lisboa com a data de 22/05/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10466, de 14/05/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Ex. Sr. Dr., Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Museu da Figueira²⁵⁶

Aem. H. Iosepho L. de Vasconcellos

B., W., Ahornstr. 4, 14/5 95

Formulas sepulcrales, quales exhibent tituli²⁵⁷ illi duo Lusitani, nisi emergant exempla plene perscripta, difficile est certo explicare. Propono exempli causa: d(ic) v(iator) – nam vix credendum²⁵⁸ ambos illos defunctos post certum annorum numerum vixisse dies quinque – d(ei) i(nferi) n(e) i(nvideant) t(ibi) l(ocum) t(itulum) t(erram) l(evem)

²⁵⁴ Rocha, 1895, pp. 113-116, 195-199 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

²⁵⁵ CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); Vasconcelos, 1895a, pp. 220-221, n.ºs 10-11; Lopes, 1896, p. 206, n.º 3; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, 5.1.2, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

²⁵⁶ Esta frase foi escrita no início da carta, provavelmente por Leite de Vasconcelos, pois assemelha-se à sua ortografia.

²⁵⁷ Aparentemente por cima do segundo “i” foi escrito um “e” de forma bastante marcada. No entanto, parece-nos que a terminação correcta é em “i”.

²⁵⁸ Por cima desta palavra foi escrita a mesma palavra com outra ortografia, provavelmente por J. Leite de Vasconcelos.

b(oni) l(ibentes). Sed minime spondeo veram esse hanc explicationem, illud tantum dico, similia latere posse in litteris singularibus. In tertio titulo, in quo anni menses dies recte indicantur, tecum²⁵⁹ explico formulam ita: p(ius) i(n) s(uos sit tibi) t(erra) l(evis). Ne metuas talia me editurum esse te invito, sed fac uti quam primum publici iuris facias messem tuam epigraphicam. Exemplum typis expressum eorum quae scripsi Archaeologo tuo Lusitano inserenda si mihi mittes corrigendum, corrigam correctum statim remittam.

Tradução:

Museu da Figueira

Emílio Hübner a José Leite de Vasconcelos

B., W., Ahornstr. 4, 14/05/95

É sem dúvida difícil interpretar as fórmulas sepulcrais, tal como as apresentam aquelas duas inscrições lusitanas, a não ser que apareçam exemplares completamente desenvolvidos por extenso. Proponho, por exemplo: *d(ic) v(iator)* – de facto, dificilmente se pode acreditar que ambos os defuntos tivessem vivido cinco dias, depois de um determinado número de anos – *d(ei) i(nferi) n(e) i(nvideant) t(ibi) l(ocum) t(itulum) t(erram) l(evem) b(oni) l(ibentes)*. Porém, não garanto que esta seja a verdadeira interpretação, apenas digo isto: em letras isoladas, podem estar subjacentes coisas idênticas. Na terceira inscrição, na qual os anos, meses e dias estão correctamente indicados, tal como V. Ex.^a desenvolvo a fórmula desta maneira: *p(ius) i(n) s(uos sit tibi) t(erra) l(evis)*. V. Ex.^a não tenha receio que eu publique tais coisas contra a sua vontade, mas trate de tornar pública, o mais depressa possível, a sua recolha epigráfica.²⁶⁰ O exemplar impresso daquilo que escrevi para publicar no seu *Arqueólogo Português*, se V. Ex.^a mo enviar para corrigir, corriji-lo-ei e devolverei as provas de imediato depois de corrigido.²⁶¹

Tipo de Documento: Texto publicado em Vasconcelos, 1895a, p. 182, escrito em latim.

²⁵⁹ Por cima desta palavra foi escrita a mesma palavra com outra ortografia, provavelmente por J. Leite de Vasconcelos.

²⁶⁰ Rocha, 1895, pp. 113-116, 195-199 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

²⁶¹ CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

Observações: Este texto foi publicado imediatamente a seguir a Hübner, 1895, pp. 177-182 (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182)). A palavra “*Epistula*” remete para uma carta e por esta razão incluímo-lo neste *Corpus*. No entanto, não encontramos nenhuma carta correspondente no espólio da Sociedade Martins Sarmento. Assim, consideramos a hipótese de o texto ter sido apenas publicado, tendo-o Hübner recebido no número respectivo d’*O Arqueólogo Português*. A datação que apresenta coloca-o nesta ordem da correspondência.

Texto:

Epistula ad Aemilium Hübner

Josephus Leite de Vasconcellos – Aemilio Hübner *s.d.*²⁶²

Non modo pro epistula tua, sed etiam pro opusculo egregio ei adjuncto, quo ephemeris O Archeologo Português maxime illuminatur, gratias tibi ago debitas. Namque antiquitatis Lusitanae studiorum fautor atque ornamentum es, quod ex operibus magnificis de iis incredibili diligentia miraque accuratione abs te editis manifesto apparet. Simul praeclaram tibi gratiam habeo, quod ad inceptum meum amicis me verbis excitavisti, ex quibus, cum ab tanto viro sincero et eruditissimo profecta essent, summam etiam delectationem cepi.

Tum, cum litteras tuas ad me scribebas, regiones meridionales Portugalenses obibam; et in ipsis oppidis Mertoli Ossonobaque, de quibus paulo ante locutus es, titulos alios Romanos, alios Christianos inveni et descripsi, quos in paginas ephemeridis O Archeologo Português brevi inseram, ut tuis ponderibus eos examines.

Cura, ut valeas.

Olisipone, Kal. Iun a. MDCCCXCV.

Tradução:

Carta para Emílio Hübner

José Leite de Vasconcelos – saúda a Emílio Hübner

²⁶² *Salutem dicit.*

Agradeço profundamente a V. Ex.^a não só pela sua carta, mas também pelo distinto opúsculo a ela anexo, com o qual é sobremaneira honrado a revista *O Arqueólogo Português*. Com efeito, V. Ex.^a é sustentáculo e glória dos estudos da antiguidade da Lusitânia, circunstância evidente pelas obras esplêndidas, de extraordinária exactidão e admirável zelo, publicadas por si. Estou-lhe também muito reconhecido, porque me incentivou desde o início com palavras amigas, as quais, por terem sido proferidas por um homem tão íntegro e tão erudito, me provocaram grande contentamento.

Precisamente quando me escrevia a sua carta, percorria eu o sul de Portugal; e nas próprias cidades de Mértola e *Ossonoba*, acerca das quais V. Ex.^a falou um pouco antes, descobri e transcrevi inscrições, umas romanas, outras cristãs, que em breve vou inserir nas páginas da revista *O Arqueólogo Português*, para que as analise com as suas ponderações.²⁶³

Olhe pela sua saúde.

Lisboa, 1 de Junho do ano 1895.

51.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 05/07/1895 e um carimbo alemão com a data de 09/07/1895 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 27, de 04/07/1895).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Resp. 8/7 95²⁶⁴

Enviei há tempos uns calcos das inscrições à cêrca das quaes consultei a V. E., e peço o obsequio de me dizer o que se lhe offerece, a fim de imprimir o artigo. Também peço o obsequio de me devolver os calcos, porque não são meus.²⁶⁵ Um d'estes dias remetto provas do artigo de V. Ex.²⁶⁶

²⁶³ CCE 47 (MNA Ms. 10465); CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182); CCE 48 (SMS Ms. 26); Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

²⁶⁴ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 52.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 52 (MNA Ms. 10467)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

²⁶⁵ Rocha, 1895, pp. 113-116, 195-199 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

²⁶⁶ CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

De V. Ex.

cr.º am.º att.

José Leite de Vasconcellos.

Lisboa

Bibl. Nacional

4.VII.95

52.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta um carimbo de Berlim com a data de 10/07/1895 e um carimbo de Lisboa com a data de 14/07/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10467, de 08/07/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Sr. José Leite de Vasconcellos, Ex. Sr. Dr., Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Museu da Figueira²⁶⁷

Titulorum sepulcralium, qui ubi inventi sint nescio qua causa tacuisti, ectypa duo a te accepta remitto; tertii ectypam non accepi. Corrigunt ectypa exempla scripta antea a te missa in paucis; formulae vero in fine positae

D IN STL / T TIB L

D / INSTI / TIBL

PISTL

²⁶⁷ Esta frase foi escrita no início da carta, provavelmente por Leite de Vasconcelos, pois assemelha-se à sua ortografia.

ab homine provinciali, qui titulos hosce sculpsit saeculo fere altero exeunte uel tertio ineunte, male intellectae et imperfecte redditae nihil videntur significare quam solita illa P(ius) IN S(uos) S(it) TIBI T(erra) L(evis), vel terra levis tibi, aut similia.

Accepi Archaeologum tuum Portugallensem mensis Aprilis his ce diebus; Maii et Iunii nondum accepi.

Vale

Aemilius Hübner.

Berolini, d. VIII m. Iulii 1895

Tradução:

Museu da Figueira

Reenvio os dois decalques das inscrições sepulcrais que recebi de V. Ex.^a, acerca das quais ignoro por que motivo não disse em que lugar foram encontradas; não recebi o decalque da terceira inscrição. Os decalques corrigem as cópias escritas, enviadas por V. Ex.^a anteriormente, em poucos aspectos, a saber, nas fórmulas finais.

D IN STL / T TIB L

D / INSTI / TIBL

PISTL

por um indivíduo da província, que as gravou aproximadamente em finais do século II ou inícios do III, mal compreendidas e reproduzidas de modo imperfeito, nada mais parecem significar que as habituais fórmulas *P(ius) IN S(uos) S(it) TIBI T(erra) L(evis)*, ou *terra levis tibi*, ou semelhante.²⁶⁸

Recebi nestes dias o seu *Arqueólogo Português* do mês de Abril; ainda não recebi o de Maio e de Junho.²⁶⁹

Adeus

Emílio Hübner.

Berlim, dia 8 do mês de Julho 1895

²⁶⁸ Rocha, 1895, pp. 113-116, 195-199 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

²⁶⁹ Vasconcelos (ed.), 1895, pp. 97-112 (n.º 4 – Abril), pp. 113-144 (n.º 5 – Maio), pp. 145-176 (n.º 6 – Junho) (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de [20?]/07/1895 e um carimbo alemão com a data de 23/07/1895 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 28, de 20/07/1895).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. Allemanha

Josephus Leite de Vasconcell Doctori Aemilio Hübner s. d.²⁷⁰

Pergrata mihi fuit epistula tua.

Tituli, de quibus in ea agis, ex Algarbio apportati, non a me reperti sunt, sed ab amico meo, qui prius ad me ectypa quam opusculum misit in quo dicit ubi eos reppererit. In ephemeride O Arch. Port. brevi edentur.

Exemplum tituli sepulcralis Transtagani heri accepi; ante paucos dies alterum circa Olisiponem inveni. Utrumque eorum in O Arch. Port. descripturus sum.

In loco nuper fui, qui Troia appellatur, ubi Caetobriga olim floruisse traditur, quamquam id non satis liquere mihi videtur; titulum sepulcralem, quem in ephemeride mea edideram, correxi, et eum in Museum Ethnographicum adferendum curavi; praeterea sepulcrum effodiens, adhuc intactum, ex eo aliquae instrumenta cultus muliebris extraxi. Profecto intellegis quam laetus sim!

Vale meque ama.

Olisipone XIII. Kal. Sext.²⁷¹ a. MDCCCXCV

Tradução:

José Leite de Vasconcelos saúda o Doutor Emílio Hübner

Foi para mim um grande prazer a carta de V. Ex.^a ²⁷²

As inscrições, de que nela se ocupa, trazidas do Algarve, não foram encontradas por mim, mas por um amigo meu, que me enviou os decalques antes do opúsculo, no qual

²⁷⁰ *Salutem dicit.*

²⁷¹ *Sextilis* é o mês de Agosto no calendário latino.

²⁷² CCE 52 (MNA Ms. 10467).

diz onde as terá encontrado. Serão publicadas brevemente na revista *O Arqueólogo Português*.²⁷³

Recebi ontem o original da inscrição funerária do Alentejo; poucos dias antes descobri outra nas imediações de Lisboa. Hei-de descrever ambas n' *O Arqueólogo Português*.²⁷⁴

Fui recentemente ao lugar que se chama Tróia, onde se conta que se desenvolveu outrora *Caetobriga*, ainda que isto não me pareça suficientemente claro; corriji a inscrição funerária, que eu tinha publicado na minha revista, e cuidei de a trazer para o Museu Etnográfico; além disso, escavando a sepultura, até à data intacta, extraí dela utensílios de toilette feminina. V. Ex.^a decerto compreende como estou contente!²⁷⁵

Adeus e estime-me.

Lisboa 20 de Julho do ano 1895

54.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 32, de 03/11/1895).

Resp. 10/11 95²⁷⁶

Ex^{mo}. Am^o. e S^r.

Tenciono publicar n- O Arch. Pg. outro artigo sobre o Idolo de Braga, acompanhado de um bom desenho. Na parte da pedra que fica de baixo de agua descobriu-se outra palavra: FRONT. De modo que a inscrição é agora assim:

ceLICVS FRONTO

ARCOBRIGENSIS

AMBIMOGIDVS

PONGOE

FECIT

NABIACO

[In aedícula]

CELICVS

FECIT

²⁷³ Rocha, 1895, pp. 113-116, 195-199 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

²⁷⁴ Vasconcelos, 1895a, p. 221, n.º 11, pp. 248-249 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3).

²⁷⁵ Vasconcelos, 1895a, pp. 56-57, 96, 221-222, n.º 14; Vasconcelos, 1913b, p. 370; Vasconcelos, 1927-1929, pp. 52-60 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.4).

²⁷⁶ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 55.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 55 (MNA Ms. 10468)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

FRONT....

Vê-se que dentro da edícula se repetiu o nome do dedicante, e de um modo singular, collocando FECIT entre as duas partes do nome.

Peço a V. Ex^a, o favor de me dizer:

1) se concorda com a minha interpretação, - de o nome ser PONGOENABIAGVS, e de o deus ser da fonte;

2) se conhece outros exemplos de, nestas circunstancias, se repetir o nome do dedicante.²⁷⁷

Mais peço a V. Ex^a, o favor de me dizer:

3) se ha alguma differença em se collocar numa inscripção o número que significa o consulado ou outro cargo, antes ou depois d'este, por ex.:

II COS. ou COS II.

VI COS. ou COS VI.²⁷⁸

Desculpe V. Ex^a o incómodo; mas aqui não tenho a quem consulte.²⁷⁹

Tem gostado d- O Arch. Pg.? No último número appareceram, como viu, várias inscripções romanas; nos numeros seguintes vão apparecer mais.²⁸⁰

Não poderia V. Ex^a. dar d'este jornal, em alguma Revista allemã, uma noticia bibliographica?²⁸¹

Espero a resposta, e sou com toda a consideração

De V. Ex^a.

cr.º am.º resp.º^{or}

sincero

Lisboa

Bibl. Nacional

3.XI.95

Jose Leite de Vas.^{con}.

²⁷⁷ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

²⁷⁸ Vasconcelos, 1899-1900, pp. 43-44 (Vide capítulos 4.1.2, I.5.1).

²⁷⁹ Vide capítulo 4.1.2.

²⁸⁰ Rocha, 1895, pp. 193-212; Espanca, 1895, pp. 216-217; Vasconcelos, 1895a, p. 224-232, 244-246, 248-249, 252-253, 265-266, 271-272, 321-325 (Vide capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

²⁸¹ Hübner, 1896, pp. 558-560.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 11/11/1895 e um carimbo de Lisboa com a data de 15/1[1/1895]²⁸² (MNA, *Correspondência*, Ms. 10468, de 10/11/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ex^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

B., W., Ahornstr. 4, 10/11 95

J'ai reçu deux livres de Mr. Albano Bellino, sur lesquels je viens de lui écrire. Le dessein [sic] du basrelief du dieu Pongoenabiagus semble assez exacte; si c'est vraiment PONGOE/NABIAGOI, comme il donne, je ne pourrais décider qu'avec un estampage très clair. Je ne me rapelle pas, en ce moment, d'une répétition analogue des noms du dédicant; mais je ne doute pas qu'il y en a, et qu'on en trouvera en cherchant bien. La répétition en soi même n'a rien d'étonnant. Il peut avoir très-bien une différence entre II COS et COS II; II COS peu signifier que le personnage en question a été deux fois consul, et COS II, que l'inscription en question à été gravée dans l'année, où il fut consul pour la seconde fois. L'Archeologo Portugues a très-bien commencé; j'en donnerai volontiers une notice bibliographique dans une [sic] des prochains numéros de la Deutsche Litteraturzeitung. J'ai aussi reçu les exemplaires de ma notice des inscriptions chrétiennes du Portugal, que vous avez bien voulu m'envoyer; mil remerciements.

Votre tout dévoué

E. Hübner

Si Pongoenabiagus a été le dieu de la source même, ou une divinité quelconque adorée près de la source, qui veut le décider?

Tradução:

B., W., Ahornstr. 4, 10/11/95

²⁸² O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando nomeadamente a data. Contudo, pensamos que se pode reconstituir "15.1[1.95]", na medida em que a carta foi enviada em Novembro de 1895.

Recebi dois livros do Sr. Albano Belino, acerca dos quais acabo de lhe escrever.²⁸³ O desenho do baixo-relevo do deus *Pongoenabiagus* parece bastante exacto; se é verdadeiramente *PONGOE/NABIAGOI*, como ele indica, eu não poderei decidir senão com uma estampagem muito clara. Não me recordo, neste momento, de uma repetição análoga dos nomes do dedicante; mas não duvido que exista, e que se encontrará procurando-o bem. A repetição em si mesma não tem nada de espantoso.²⁸⁴ Pode muito bem haver uma diferença entre *II COS* e *COS II*; *II COS* pode significar que a personagem em questão foi duas vezes cônsul, e *COS II*, que a inscrição em questão foi gravada no ano em que ele foi cônsul pela segunda vez.²⁸⁵ O *Arqueólogo Português* começou muito bem; de bom grado eu darei disso uma notícia bibliográfica num dos próximos números da *Deutsche Litteraturzeitung*.²⁸⁶ Também recebi os exemplares da minha notícia das inscrições cristãs de Portugal, que V. Ex.^a teve a amabilidade de me enviar; muitíssimos agradecimentos.²⁸⁷

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

Se *Pongoenabiagus* era o deus da própria fonte, ou uma divindade qualquer adorada perto da fonte, quem o quer decidir?²⁸⁸

56.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 15/11/1895 e um carimbo alemão com a data de 19/11/1895 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 33, de 15/11/1895).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, nr. 4, Berlin, W. Allemanha

Resp. 20/11 95²⁸⁹

²⁸³ Albano Belino (18/12/1863-02/12/1906) correspondeu-se com Hübner entre 1895 e 1900 e com Leite de Vasconcelos entre 1895 e 1906 (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, especialmente de 10/11/1895; Belino, 1895a; Belino, 1895b; Coito, 1999, p. 38, n.º 341; Tabela 6. Vide capítulos 4.1.2, 5.2.1, 5.2.1.2).

²⁸⁴ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

²⁸⁵ Vasconcelos, 1899-1900, pp. 43-44 (Vide capítulos 4.1.2, I.5.1).

²⁸⁶ Vasconcelos (ed.), 1895; Hübner, 1896, pp. 558-560.

²⁸⁷ Hübner, 1895, pp. 177-182 (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.3).

²⁸⁸ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

Ex^m. S^{nr}.

Muito obrigado pelo seu bilhete.²⁹⁰ Também recebi os livros de A. B., dos quaes fallarei n- O Arch. Port.²⁹¹ Neste correio remetto a V. Ex^a. um calco de Pongoenabiago; peço a V. Ex^a. o favor de m'o devolver, pois não tenho outro exemplar. Que dúvida pôde haver de ser Pongoenabiagus um deus da fonte, se a fonte brota debaixo da edicula, e a inscrição está gravada no próprio penedo da fonte? Se a minha explicação de – Nabiagus é fundada, está aqui outra prova do character aquatico do deus. – Eu creio que o traço que se vê adeante do O não é um I, mas falha na pedra. V. Ex^a. verá o calco. Este traço não me impressionou quando estive em Braga. Logo que eu possa tornarei lá. Num dos proximos nrs. d- O Arch. Pg. publico outro desenho do penedo.²⁹² No nr. 9 publico duas inscrições ineditas, sendo uma consagrada a uma nova deusa lusitana, - a minha querida Trebaruna!²⁹³ – Em Setembro estive em Panoias, e trouxe novidades, que communicarei a V. Ex^a.²⁹⁴ – Quando volta V. Ex^a. a Portugal? Eu muito desejava vê-lo cá.²⁹⁵ – Não gostei do artigo do Berlanga na Rev. crit. de hist. e litt. hesp. sobre cascabulus.²⁹⁶

J. L. de V.

57.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 20/11/1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10469, de 20/11/1895 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. Sr. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

²⁸⁹ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübnér. A 57.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 57 (MNA Ms. 10469)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübnér.

²⁹⁰ CCE 55 (MNA Ms. 10468).

²⁹¹ Belino, 1895a; Belino, 1895b; Vasconcelos, 1896a, pp. 58-60, 116-134 (*Vide* capítulo 4.1.2).

²⁹² *Vide* capítulos 4.1.2, I.3.3.

²⁹³ Vasconcelos, 1895a, pp. 225-232 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3).

²⁹⁴ Vasconcelos, 1895a, pp. 271-272 (*Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.3.2).

²⁹⁵ *Vide* capítulos 2.2, 4.1.2.

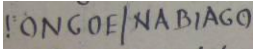
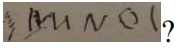
²⁹⁶ *Cascabulus* (Rodríguez de Berlanga, 1895-1896, pp. 14-22).

B., W., Ahornstrasse 4, 20/II 95 II=11

Novembro²⁹⁷

Cher Monsieur,

J'ai reçu les calques et votre carte; la première ligne, ..LICVS FRONTO, n'y est pas.

 semble bien clair, seulement la première lettre est mise dans un espace si étroit, qu'elle peut être prise aussi pour **P** ou I ou T; mais P a plus de probabilité. La ligne depuis le O est certainement seulement une fissure de la pierre. Très-clair est le CELICVS / FECIT; mais je ne vois pas de calque du FRONT// en bas. Il y a deux calques de plus, que je ne peu pas lire, ni même distinguer (Je les reconnais sur la lithographie de M. u²⁹⁸), si ce sont des lettres ou des ornements, ? Dites-moi ce que vous en avez jugé en présence de l'original. Je vous remettrai les estampages après avoir reçu votre réponse. Selon la lithographie de Bellino il semble avoir eu à droite de la figure du togatus une autre figure; si c'est ainsi, on pourrait douter si le togatus ne serait le portrait de Celicus Fronto, et l'autre figure le dieu. Il est bien probable que celui ci soit le dieu de la source; mais on a aussi érigé, près des sources, des images d'autres dieux. J'attends avec intérêt votre amie la Trebaruna et les nouvelles de Panoias que vous promettez. Avec beaucoup de plaisir je retournerai une fois au Portugal, mais je ne sais pas encore si je le pourrai faire l'année prochaine.

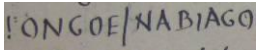
Votre tout dévoué

E. H.

Tradução:

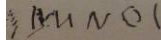
B., W., Ahornstrasse 4, 20/11/95

Caro Senhor,

Recebi os decalques e a sua carta; na primeira linha, ..LICVS FRONTO, não está lá.  parece bem claro, somente a primeira letra está colocada num espaço tão estreito, que também pode ser tomada por **P** ou I ou T; mas P tem mais probabilidade. A linha a seguir ao O é certamente apenas uma fissura da pedra. É muito claro o CELICVS / FECIT; mas eu não vejo o decalque do FRONT// em baixo. Existem mais dois decalques, que eu não pude ler, nem mesmo distinguir (eu reconheço-os na

²⁹⁷ Esta palavra e os números II-11 foram escritas provavelmente por Leite de Vasconcelos, pois apresentam uma ortografia diferente da ortografia de Hübner.

²⁹⁸ Na carta, existe uma chamada de atenção após “distinguer” para esta frase.

litografia de M. Belino), se são letras ou ornamentos, ? Diga-me o que V. Ex.^a julgou na presença do original. Eu remeterei a V. Ex.^a as estampagens depois de ter recebido a sua resposta. Segundo a litografia de Bellino parece ter tido à direita da figura do togado uma outra figura; se assim for, poder-se-ia duvidar se o togado não será o retrato de *Celicus Fronto*, e a outra figura o deus. É bem provável que este aqui seja o deus da fonte; mas também se erigiu, perto das fontes, imagens de outros deuses.²⁹⁹ Eu espero com interesse a sua amiga Trebaruna e as novidades de Panóias que V. Ex.^a promete.³⁰⁰ Regressarei mais uma vez a Portugal com muito prazer, mas eu não sei ainda se o poderei fazer no próximo ano.³⁰¹

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

58.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: A afirmação de Hübner “Ainda não agradeci a V. Ex.^a as duas missivas, escritas em postal nos dias 1 e 22 do mês de Dezembro do ano passado.” na 60.^a carta indica a existência de uma carta enviada por Leite de Vasconcelos no dia 01/12/1895 (CCE 60 (MNA Ms. 10470)). Não possuímos nenhuma carta com esta data, pelo que consideramos que a mesma se terá perdido.

59.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

²⁹⁹ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

³⁰⁰ Vasconcelos, 1895a, pp. 225-232, 271-272 (Vide capítulos 4.1.2, I.3.2).

³⁰¹ Vide nota 295. Vide capítulos 2.2, 4.1.2.

Observações: A afirmação de Hübner “Ainda não agradei a V. Ex.^a as duas missivas, escritas em postal nos dias 1 e 22 do mês de Dezembro do ano passado.” na 60.^a carta indica a existência de uma carta enviada por Leite de Vasconcelos no dia 22/12/1895 (CCE 60 (MNA Ms. 10470)). Não possuímos nenhuma carta com esta data, pelo que consideramos que a mesma se terá perdido.

3.4.8 Ano de 1896

60.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 29/01/1896 e um carimbo de Lisboa com a data de 02/02/1896 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10470, de 29/01/1896 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Director do Museu Ethnologico, Sr. Dr., Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

Aemilius Hübner Iosepho Leite s.³⁰²

Berolino. d. 29 m. Ian. a. 1896

Nondum tibi gratias egi pro epistoliis duobus in carta postali scriptis diebus 1 et 22 m. Dec. anni proximi. Nondum certo scio, num hoc qui coepit anno iter suscipere potero³⁰³ in paeninsulam Ibericam; nam multa me negotia retinent. Sed si licebit, te videndi spes laeta gaudium feret et fructum maximum. Hodie tibi scribo ut nuntiem intra breve tempus me ad imprimendum missurum esse novum supplementum ad titulos Hispanos, quod prodibit in Ephemeridis nostrae epigraphicae vol. VIII. Mittam tibi folia, quae continebunt titulos Lusitanos, ut corrigas quae minus recte fortasse scripsi, et addas, siquos novos habes praeterea addendas. Nam post hoc Supplementum titulorum circiter 250 editum multum temporis elabetur, priusquam ad novum parandum quod satis sit suppetet. De Pongoenabiago tuo assentior facile eum pro fontis deo habendum esse. Archaeologum Portugallensem accipio laetus et spero fore ut vitam agat diuturnam.

³⁰² *Salutem.*

³⁰³ Esta palavra foi sublinhada e por cima foi escrito “possim”. Pela letra parece-nos ser um comentário de Leite de Vasconcelos.

Portugallia et Portugallensis solemus scribere usum novicium secuti et Galliae exemplum imitati; nam Portus Cale sive potius Calae uno vocabulo nunquam scriptum est aetate antiqua, et in Portugal vocabulo g pro c aequae novicia est. Cala autem sive Cale mihi videtur origines eiusdem esse atque Callaecia. Vale.

Tradução:

Emílio Hübner a José Leite, cumprimentos

Berlim dia 29 do mês de Janeiro

do ano 1896

Ainda não agradei a V. Ex.^a as duas missivas, escritas em postal nos dias 1 e 22 do mês de Dezembro do ano passado.³⁰⁴ Ainda não tenho a certeza se, neste ano que começa, poderei empreender a viagem à Península Ibérica; na verdade muitas ocupações me retêm.³⁰⁵ Mas, se me for possível, a feliz esperança de ver V. Ex.^a trar-me-á alegria e o maior proveito. Hoje escrevo a V. Ex.^a para lhe anunciar que, dentro de pouco tempo, vou mandar para impressão o novo suplemento às inscrições hispanas, que sairá no volume VIII da nossa *Ephemeris Epigraphica*. Enviarei a V. Ex.^a as folhas que abarcarão as inscrições lusitanas, para que corrija o que eu porventura tenha escrito menos correctamente e além disso acrescentar, se tem alguns novos que devam ser acrescentados. De facto, decorrerá muito tempo, após o suplemento editado com cerca de 250 inscrições, antes que esteja disponível o que seja suficiente para preparar um novo [suplemento].³⁰⁶ Acerca do seu *Pongoenabiago*, aprovo sem dificuldade que ele deve ser considerado como o deus da fonte.³⁰⁷ Recebo, com alegria, *O Arqueólogo Português* e espero que venha a ter uma vida longa.³⁰⁸ Costumamos escrever *Portugallia* e *Portugallensis*, seguindo um hábito recente, e imitando o modelo de *Gallia*; na verdade, *Portus Cale*, ou melhor, *Calae*, num único vocábulo, nunca foi escrito na antiguidade, e no termo Portugal, g em vez de c é igualmente recente. Na verdade, *Cala* ou *Cale* parece-me estar na origem desse mesmo nome e também de *Callaecia*.³⁰⁹ Adeus.

³⁰⁴ CCE 58 e CCE 59.

³⁰⁵ Vide capítulos 2.2, 4.1.2.

³⁰⁶ CIL II – S; EE VIII (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.2.4, 5.2.1, 5.2.1.3).

³⁰⁷ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

³⁰⁸ Considerando que em Abril de 1896 Hübner recebeu o 12.º fascículo do volume I d' *O Arqueólogo Português*, em Fevereiro deveria ter recebido o 9.º, o 10.º ou o 11.º fascículo (CCE 63 (SMS Ms. 34); Vasconcelos (ed.), 1895, pp. 225-320. Vide capítulos 2.3, 4.1.2).

³⁰⁹ Vasconcelos, 1906, pp. 321-323; Vasconcelos, 1911b, pp. 332-333 (Vide capítulo 4.1.2.6).

61.

Tipo de Documento: O documento consiste numa folha com o que aparenta ser o rascunho de uma carta escrita em latim. Contém uma palavra em grego. O cabeçalho e a indicação de Lisboa antes da data permitem considerar tratar-se de uma carta enviada por José Leite de Vasconcelos a Emílio Hübner (MNA, *Correspondência*, Ms. 10471+A, de 12/03/1896 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Abhinc paucos dies Bracaram Augustam ivi, unde ἔκτυπα tituli divini ad te misi. O me infelicem, qui deum meum falso nomine saepe vocaverim! Litteram primam non esse P sed T dimidiatam accurate recognovi, cum sulci furtuiti [sic] rugaeque lapidis partis incurvatae P litterae speciem praeberent. Deus igitur Tongoenabiagus appellabatur. Verbum, aut saltem pars prior, a sermone celtico originem trahere videtur.

In extremo titulo I littera sine dubio est, sed, quantum credo, subditicia, manu sacrilega inscripta; nam et ab reliquis litteris abhorret, et, quod pro insolito habeo, in ipsum sulcum, qui stelam ornat, inserta est.

Te oro ut ad me tuto remittas ἔκτυπον quod prius ad te misi; quae Bracara nuper misi serva.

De libris Albani Bellino pauca in ephemeride O Arch. Portug. prope diem dicam. Non omnibus titulis ab eo editis par fides addi potest; aliquos autem recte descripsit.

Fac ut valeas.

Olisipone, a.d. IV Id. Mart. a. MDCCCXCVI.

Tradução:

Há poucos dias fui a *Bracara Augusta*, de onde enviei a V. Ex.^a o decalque da inscrição votiva. Oh, pobre de mim, que tenho chamado muitas vezes o meu deus com um nome falso! Verifiquei exactamente que a primeira letra não é um *P*, mas um *T* dividido ao meio, dado que os sulcos acidentais e os enrugamentos da parte curva da lápide apresentavam a forma da letra *P*. Logo, o deus chamava-se *Tongoenabiagus*. A palavra, ou pelo menos a primeira parte, parece ter origem na língua celta.

No final da inscrição, a letra é sem sombra de dúvida um *I*, mas, segundo creio, apócrifa, escrita por mão sacrílega; de facto, não só difere das restantes letras, mas também, facto que considero insólito, foi inserida no próprio sulco que decora o cipo.

Peço a V. Ex.^a que me remeta em segurança o decalque que lhe enviei anteriormente; aquele que de Braga lhe enviei recentemente, guarde-o consigo.³¹⁰

Acerca dos livros de Albano Belino, direi algo em breve na revista *O Arqueólogo Português*. Não pode ser atribuída igual credibilidade a todas as inscrições publicadas por ele. Algumas, todavia, transcreveu-as correctamente.³¹¹

Faça por passar bem.

Lisboa, 12 de Março do ano 1896.

62.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 22/03/1896 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10471, de 22/03/1896 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 22/3 96

Je me suis convaincu que sur les calques, que je vous remets ci-joints, il y a bien TON- et non PONgoenabiagus; ce qui, du reste, est une forme de nom bien plus probable.

Votre tout dévoué

E. Hübnér

J'ai été quinze jours absent de Berlin et ne suis de retour que depuis hier.

É posterior à minha correcção feita na Academia. Vid. o Seculo de 12.III.1896.³¹²

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 22/03/96

³¹⁰ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

³¹¹ Belino, 1895a; Belino, 1895b; Vasconcelos, 1896a, pp. 58-60, 116-134 (Vide capítulo 4.1.2).

³¹² Esta frase foi provavelmente escrita por Leite de Vasconcelos, pois apresenta uma ortografia diferente da ortografia de Hübnér.

Estou convencido que nos decalques, que remeto a V. Ex.^a aqui junto, está lá bem claro *TON-* e não *PONgoenabiagus*; o que, de resto, é uma forma de nome bem mais provável.³¹³

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

Eu estive quinze dias ausente de Berlin e regressei apenas ontem.³¹⁴

É posterior à minha correcção feita na Academia. *Vid.* o *Século* de 12.III.1896.³¹⁵

63.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 34, de 22/04/1896).³¹⁶

Ex.^{mo}. Am.^o. e S.^r.

Lisboa

Bibliotheca Nacional

22.IV.96

Deve V. Ex.^a. já ter recebido o n.º 12 d- O Arch. Port., com o qual se acabou o vol. I. O fasc. 1º, 2º, 3º e 4º do vol. II estão no prelo, e vão sahir successivamente. Creio que V. Ex.^a. terá gostado de ver publicadas tantas inscripções que estavam ineditas.³¹⁷ Muito me obsequiava V. Ex.^a. que publicasse na Rev. critica de hist. y lit. hesp. y port. de Madrid um artigo critico a respeito d- O Arch. O meu pais é pequeno, são poucas as pessoas que ligam importancia à Archeologia, e torna-se necessario mostrar de vez em quando que as pessoas da competencia de V. Ex.^a dão a estes estudos o devido aprêço.³¹⁸

³¹³ Vide capítulos 4.1.2, I.3.3.

³¹⁴ Não nos foi possível aferir para onde viajou.

³¹⁵ Vide capítulo I.3.3.

³¹⁶ Esta carta apresenta um pequeno texto escrito a lápis, que está riscado. Este texto está escrito em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

³¹⁷ Vasconcelos, 1895a, pp. 55-58, 76-78, 84-86, 110-112, 225-232, 248-249, 265-266, 323-325; Palma, 1895, p. 110; Rocha, 1895, pp. 195-199, 206-207; Espanca, 1895, pp. 216-217 (*Vide* capítulo 4.1.2).

³¹⁸ A notícia foi publicada no *Deutsche Litteraturzeitung* (Hübner, 1896, pp. 558-560. *Vide* capítulo 4.1.2).

Li os artigos de V. E. à cerca do Bellino e do Capella, e gostei muito d'elles. O artigo sobre o Capella é uma honra para Portugal. Este P.^e trabalha bem e é instruído.

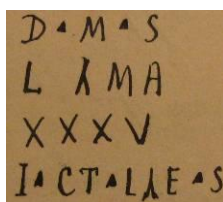
Num dos proximos n.^{os}. d- O Archeologo publicarei tambem artigos sobre estes dois AA. Os que publico a respeito do Bellino são muito desfavoráveis, como V. E. verá.³¹⁹

Creio que V. Ex.^a. me disse ha tempos que desejava que eu revisse as provas do Suppl. do Corpus. Estou às ordens de V. Ex.^a. Mas porque não retarda V. E. mais 2 ou 3 annos essa publicação? Neste meio tempo vão apparecendo mais inscrições. Eu espero publicar nos vol. II e III das Relig. da Lusit. algumas ineditas.³²⁰

Espero tornar a receber a honra de que V. E. me envie para O Arch. Portug. alguns outros artigos. Quando poderá V. E. enviar-m'os.³²¹

Ha dias obtive para o Museu as duas lapides publicadas no C. I. L., II, 206 (Suppl. n.^o. 5219) e 220.³²²

Tambem obtive para o museu a inscrição do C. I. L., II, 86 (O Arch. Port., p. 155). O texto é:



Linha 2.^a. Entre o L e o A ha espaço quebrado. Não teve lettra; mas podia ter tido ponto.

Linha 4.^a. Que significa?³²³

Espero as noticias de V. E., e com toda a estima
cr.^o am.^o obg.^o

Jose Leite de Vasconcellos

³¹⁹ Manuel José Martins Capela (28/10/1842-03/11/1925) correspondeu-se com Hübner entre 1896 e 1897 e com Leite de Vasconcelos nos anos de 1892-1904 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 73-74, de 19/04/1896 a 19/03/1897; Coito, 1999, p. 59, n.^o 596; Tabela 6. Vide nota 283. Vide capítulos 4.1.2, 5.2.1, 5.2.1.2).

Belino, 1895a; Belino, 1895b; Capela, 1895; Hübner, 1895-1896, pp. 101-105; Vasconcelos, 1896a, pp. 58-60, 116-134, 267-269 (Vide capítulo 4.1.2).

³²⁰ *CIL* II – S; *EE* VIII; Vasconcelos, 1905b; Vasconcelos, 1913b (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.2.4, 4.1.2.6, 5.2.1, 5.2.1.3).

³²¹ Hübner, 1897b, pp. 161-167 (Vide capítulos 4.1.2, I.2.7).

³²² Vasconcelos, 1896a, p. 160, n.^o 39, pp. 166-167 (Vide capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.5).

³²³ Vasconcelos, 1898, pp. 117-120 (Vide capítulos 4.1.2, 5.2.1.3, I.2.6).

P.S.

Poderia V. Ex. remetter-me uma lista de todos os trabalhos (compreendendo os simples artigos) que tem publicado à cerca da Hispania?³²⁴

64.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de [1]4/07/1896³²⁵ e um carimbo alemão com a data de 17/07/1896 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 35, de 13/07/1896).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, nr. 4, Berlin, W.

Ex^o. Am^o. e S^r.

Ha dias recebi o meu diploma de Socio do Instituto Archeologico de Berlin, que agradei competentemente. Não sei a quem deva a honra da proposta; foi provavelmente V. Ex^a. o da lembrança, e por isso me constituo a V. E. devedor d'essa grande fineza.³²⁶

Não tenho novidades epigraphicas que lhe dar por agora.

Sou com toda a estima,

De V. E^{xa}.

cr.^o am.^o obg.^o

Jose Leite de Vasconcellos

Lisboa, 13.VII.96

³²⁴ Na documentação consultada não verificámos qualquer resposta a este pedido.

³²⁵ O dia lê-se mal, mas dados os vestígios que permanecem e a data do carimbo alemão propomos esta data para o carimbo português.

³²⁶ Leite de Vasconcelos foi nomeado sócio correspondente do Instituto Arqueológico do Império Alemão no dia 21 de Abril de 1896, decerto devido à intervenção de Hübner, como ocorreu com outros investigadores portugueses em várias instituições alemãs (Vasconcelos, 1901, p. 59; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 230; Guerra, 2014, pp. 225, 231, 233).

65.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com uma data que propomos ser [...]11/1896³²⁷ e dois carimbos alemães com a data de 24/11/1896 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 36, de 21/11/1896).

Destinatário: Allemagne, Monsieur Émil Hübner: - Ahornstrasse, nr. 4, Berlin, W.

Ex^o. Sr., e meu respeitavel amigo.

Lisboa, Bibl. N^{al}. 21.XI.96

Com este remetto cópias de duas inscrições romanas. Numa lê-se:



Parece ser religiosa: Bandio Ilienaico (ao deus B. I.)? A 1^a letra da 3^a linha parece antes perna de N, mas, como se segue uma consoante, não póde ser N; attenta a barbaridade do artista, será A. A penultima letra póde ser C ou S. Teremos a terminação -aico, vulgar noutros nomes? Ou teremos A(nimo) L(ibens) SO[lvit]? No princípio da linha 3^a. não parece faltar letra.³²⁸ – A 2^a. inscrição é muito difficil. Ainda não entendi senão algumas letras: linha 1^a. ..RON...O, linha 3^a. ...PIRC... linha 4^a. ...ONIVMMARCIC; linha 6^a. ... TAVRVM? – V. Ex^a. me dirá alguma cousa.³²⁹ Peço o favor de as não publicar, pois desejava que sahisses antes no Arch. Port.³³⁰ – No C.I.L. II, p. 21, cita-se um opusculo de Ayres de Sá Nogueira, 1841: lembra-se V. E. d'este opusculo, ou possui-o? Viu-o V. Ex^a. em Lisboa?³³¹ –

Desejo a saude de V. Ex^a. Desculpe o meu silencio, mas tenho a vida mais occupada que póde imaginar.³³²

³²⁷ A data vê-se mal, devido à má impressão do carimbo, não sendo possível determinar o dia.

³²⁸ Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.4).

³²⁹ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

³³⁰ *Vide* capítulo 4.1.2.

³³¹ Macedo, 1844, p. XVI.

³³² Director da *Revista Lusitana*, conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, professor da cadeira de Numismática do Curso de Bibliotecário-Arquivista. Professor do Liceu Central de Lisboa. Director do Museu Etnográfico Português e d'*O Arqueólogo Português*. Prosseguia as suas investigações e consequentes publicações (v.g., Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 67-182. *Vide* notas 16, 41. *Vide* capítulo 2.3).

De V. E. am.º cr.º obg.º

Leite de Vasconcellos

66.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner.

Observações: Na 68.^a carta, Leite de Vasconcelos escreveu “Os dois bilhetes de V. Ex.^a. affligiram-me muito” (CCE 68 (SMS Ms. 37)). Nos espólios que consultámos não encontrámos estes dois bilhetes, que constituíram certamente uma resposta à frase “Peço o favor de as não publicar”, da 65.^a carta de Leite de Vasconcelos (CCE 65 (SMS Ms. 36)). Segundo uma informação colocada no volume II das *Religiões da Lusitânia*, Hübner transmitiu num dos bilhetes a sua opinião acerca da leitura da epígrafe de *Bandio Ilienaico*, datando a carta com esta informação de 26 de Novembro. Deste modo, a presente missiva deverá datar deste dia (Vasconcelos, 1905, p. 318). O bilhete ter-se-á perdido.

67.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner.

Observações: Na 68.^a carta, Leite de Vasconcelos escreveu “Os dois bilhetes de V. Ex.^a. affligiram-me muito” (CCE 68 (SMS Ms. 37)). Nos espólios que consultámos não encontrámos estes dois bilhetes, que constituíram certamente uma resposta à frase “Peço o favor de as não publicar”, da 65.^a carta de Leite de Vasconcelos (CCE 65 (SMS Ms. 36)). Segundo uma informação registada num manuscrito guardado no Museu Nacional de Arqueologia, terá existido uma carta de Hübner datada de 29 de Novembro de 1896. Deste modo, a presente missiva deverá datar deste dia (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Cadaval (Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas)*). O bilhete ter-se-á perdido.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 37, de 03/12/1896).

Lis

3.XII.96

Ill. e. S^r., e

meu respeitavel amigo:

Os dois bilhetes de V. Ex^a. affligiram-me muito, e eu de boa vontade teria deixado de obter as duas lapides, se soubesse que por causa d'ellas havia de merecer a V. Ex^a. as suas censuras.³³³

Eu tenho por V. E. não só o respeito que se deve ter por uma pessoa do saber de V. E., mas a sympathia pessoal que o seu character e bondade naturalmente impoem, sendo de mais a mais V. E. tão dedicado às cousas archeologicas do meu país ⁽¹⁾.

Como havia de eu pois desejar incorrer-lhe no desagrado?

Já vê V. E. que, se alguma cousa disse, isso foi filho de má redacção do meu bilhete.³³⁴

Claro está que se V. E. publicasse as inscripções, fallaria no meu nome; e por isso, se da minha parte houvesse vaidade, esta seria satisfeita. Mas quando eu pedi a V. E. que não publicasse as inscripções, tinha outro fim. Portugal é um país pequeno, que pouco dá para a sciencia, e esse pouco consiste ordinariamente só em materiaes. Ora eu desejava que ao menos as nossas inscripções romanas, - pelas quaes os sabios estrangeiros de certo se interessam -, fossem publicadas em Portugal antes de o serem noutro país. Não me importo que ellas sejam publicadas em meu nome ou noutro: isso é-me completamente indifferente. Já amigos meus me tem mandado inscripções em cartas para O Arch. Port., e eu publico-as, como é natural, com o nome d'elles. Por tanto póde V. E. mesmo publicar as inscripções em seu nome: o que desejo, e o que peço, é que as publique primeiro em jornal português, n- O Arch. ou noutro.³³⁵

³³³ CCE 66 – CCE 67; CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7, I.3.4).

³³⁴ CCE 65 (SMS Ms. 36).

³³⁵ *Vide* capítulo 4.1.2.

Creia V. E. que eu sou sincero em tudo o que digo ou faço. Ainda espero tratar pessoalmente com V. E., e então V. E. se convencerá directamente da minha boa fé. Entretanto póde V. E. informar-se com pessoas de inteira probidade, que V. E. conhece em Portugal, taes como D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e Gabriel Pereira, por exemplo.³³⁶

Peço a V. Ex.^a, - para meu sossêgo -, que me diga se ésta carta o satisfaz ou não, e se fica sem má impressão a meu respeito.³³⁷

Vae a indicação da ara. Já não é a primeira vez, me parece, que mando indicações. A lapide de Bandius provém de ao pé de Castendo (Beira-Alta).³³⁸

De V. Ex. com todo o respeito

e amizade

Jose Leite de Vasconcellos

⁽¹⁾ Em tudo o que tenho escrito, e em que vem a proposito fallar de V. Ex., vê V. E. com que respeito e delicadeza sempre fallo: por exemplo n- O Arch. Port., na Revista Lusitana, etc.³³⁹

69.

Tipo de Documento: Carta em folheto com três páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 38, de 04/12/1896).

Ill. e E. S.^r,

4/12 96

meu respeitavel amigo:

³³⁶ Carolina Michaëlis de Vasconcelos (15/03/1851-22/10/1925). Subsiste na Sociedade Martins Sarmiento uma carta enviada a Hübner, com a data de 21/07/1898. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1888 e 1924 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 120, de 21/07/1898; Coito, 1999, pp. 258-260, n.º 3495; Tabela 6. *Vide* capítulos 4.1.2, 5.2.1) . Sobre Gabriel Pereira *vide* nota 23.

³³⁷ Pela documentação que possuímos, Hübner não atendeu a este pedido, não se pronunciando novamente sobre a questão (*Vide* capítulo 4.1.2).

³³⁸ Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.4).

³³⁹ CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); Vasconcelos, 1890-1892, p. 379; Vasconcelos, 1895b, p. 96; (*Vide* capítulo 4.1.2).

Ainda debaixo da impressão que me deixou o último bilhete de V. E., venho escrever esta em additamento à minha carta de ontem, que escrevi muito à pressa, e a que me esqueci de acrescentar algumas palavras.³⁴⁰

Quando eu pedi a V. E. que não publicasse as inscrições, nunca me passou pelo espirito que V. Ex.^a. pudesse offender-se, pois em nada seria estranhavel que V. Ex.^a., tendo-lh'as eu enviado, as publicasse. Quantas inscrições não recebe V. Ex. para publicar? Não mandei eu tambem ha tempos umas de Endovellico, que sahiram no Corpus? Da minha parte havia simplesmente o intuito de dizer que eu desejava que as inscrições, publicadas por V. Ex.^a. ou por mim, ou por outrem, sahisses primeiro num jornal português.³⁴¹

Já vê V. E. que não tinha motivo real de se melindrar comigo, e que, se algum motivo aparente lhe dei, esse resultou de má redacção do meu bilhete: e por isso fique V. E. certíssimo dos meus sentimentos de lealdade e respeito para com V. E., aos quaes nunca desejei, nem desejarei faltar.³⁴²

Quanto às observações que V. E. fizer às inscrições, asseguro V. E. de que não deixarei de o citar, como sempre faço em condições analogas, o que V. E. póde ver em muitos dos meus escritos.³⁴³

Esperando merecer-lhe brevemente uma carta de boa paz³⁴⁴, sou com toda a estima

De V. Ex.

am.º cr.º mt.

obg.^{ado}

Lisboa

Bibliotec Nacional

4.XII.96.

Jose Leite de Vasconcell

³⁴⁰ CCE 67 – CCE 68 (SMS Ms. 37).

³⁴¹ CCE 10 (SMS Ms. 15) – CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6329-6236 (*Vide* capítulo 4.1.2).

³⁴² CCE 65 (SMS Ms. 36) (*Vide* capítulo 4.1.2).

³⁴³ *Vide* capítulo 4.1.2.

³⁴⁴ Pela documentação que possuímos, Hübner não atendeu a este pedido, não se pronunciando novamente sobre a questão (*Vide* capítulo 4.1.2).

Tipo de Documento: Carta tarjada de negro em folheto com quatro páginas, escrita em francês. Contém algumas palavras em português (MNA, *Correspondência*, Mss. 10472+10472A, de 12/12/1896 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

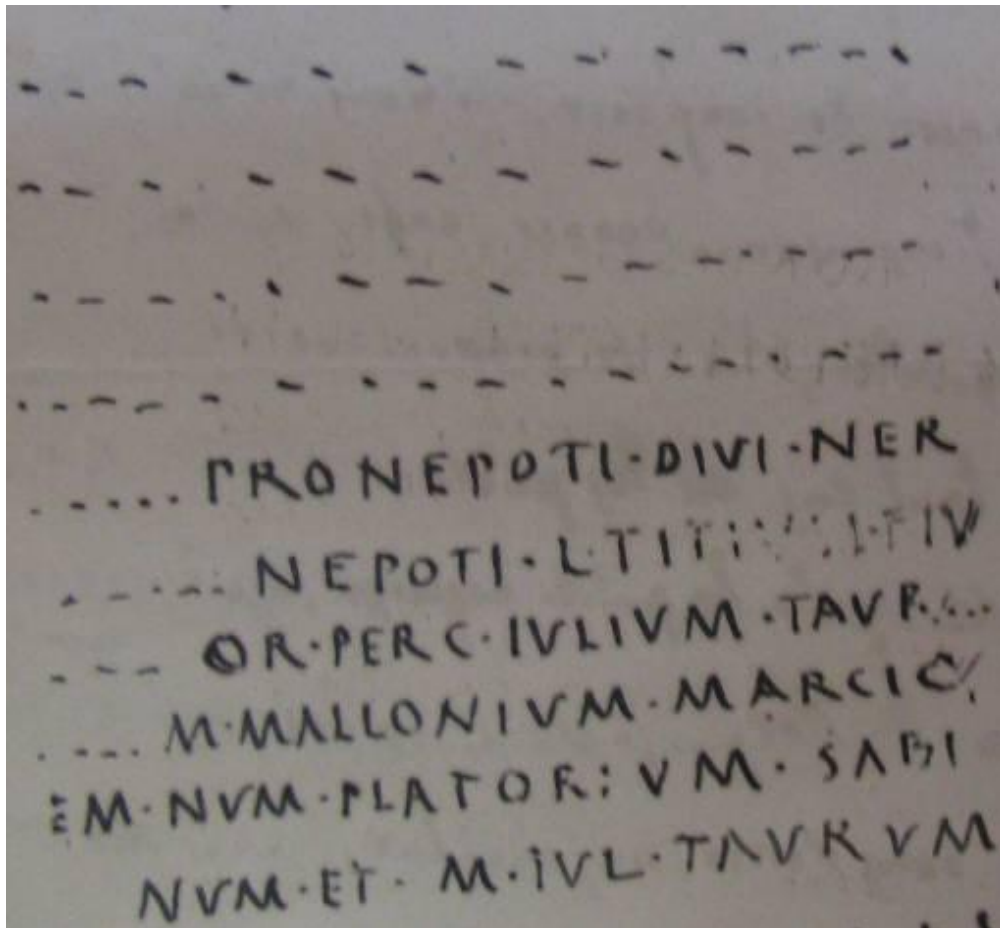
Berlin, W., Ahornstrasse 4,
12/12 96

Inscrição
de
ao pé de S. Thomé das Lamas,
concelho do Cadaval



Il est question d'abord si la partie supérieure de l'autel a été effacée à dessein [sic] ou non. Il semble, selon votre esquisse, qu'aussi la corniche a été martelée; il n'est pas probable que l'inscription ait commencée pas une ou deux lignes inscrites sur la corniche. Je le considère donc plus probable que le martelage a été fait en temps modernes, pour adapter la pierre à quelque usage de construction, et non pas dans l'antiquité. Mais examinez la pierre, que vous avez à Lisbonne, encore une fois et dites-moi, si vous la croyez martelée à dessein [sic]. Dans ce cas, il se traiterait du nom effacé d'un empereur; ce qui serait décisif pour la restitution. Je crois lire ce que suit, en supposant qu'il manquent en haut au moins quatre lignes:

³⁴⁵ Parece-nos que esta frase foi provavelmente redigida e colada na primeira página da carta por Leite de Vasconcelos, pois apresenta uma ortografia diferente da ortografia de Hübner. Tem o n.º. de inventário do Museu Nacional de Arqueologia 10472A (MNA Ms. 10472A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).



Les lettres sont si effacées que c'est à cette raison aussi que je crois que toute la partie supérieure a souffert en même temps, mais d'une manière plus directe, de l'humidité ou d'autres causes matérielles. Ce que j'ai lu est fondé quelque part sur des conjectures, et je n'insiste pas sur toutes les lettres; quelques-uns des noms propres pourraient probablement être remplacés par d'autres. L'empereur, dont les noms manquent, doit être Marc-Aurèle ou son frère Lucius Verus. Les noms d'aucun des deux ont été damnatae memoriae, et ne se trouvent pas effacés à dessein [sic], comme ceux de Commodus, fils de Marc-Aurèle. Je restitue donc à peu-près:

imp. caes. m. aurelio anto
nino aug., trib. pot. --- cos ---,
divi antonini f., divi hadri
ani n., divi traiani parthi
ci PRONEPOTI . DIVI . NER
vae ab NEPOTI . L . TITIVS . L . F . IV
ni OR . PER C . IVLIVM . TAVRIn
um M . MALLONIVM . MARCIO
nEM . NVM . PLATORIVM . SABI

NVM . ET . M . IVL . TAVRVM

Le nom du dédicant L. Titius L. f(ilius) et [sic] très incertain, son cognomen IVniOR est plus clair. Très incertain est aussi le nom du Num(erius) Platorius Sabinus, qui est à peu près entièrement effacé, comme il se trouve dans la dernière ligne du corps de l'autel, avant la base. Les quatre personnages C. Iulius Taurinus, M. Mallonius Marcio, Num. Platorius Sabinus, et M. Iulius Taurus sont peut-être les magistrats, les duumviri et aediles, de la civitas inconnue, à laquelle l'autel se doit attribuer. Santo Thomé das Lamas et Cadaval ne figurent pas encore entre les localités où se sont trouvées jusqu'à ce temps des inscriptions. Peut-être vous savez dire, selon vos vastes connaissances des antiquités Portugaises, à quel ville antique on pourrait penser.

Voilà ce que je suis à même de vous dire sur cette trouvaille intéressante. Dites-moi, après avoir comparé mon texte avec celui de la pierre, si vous pensez qu'il arrive aproximadamente à la vérité.

Votre tout dévoué

E. Hübner

M. J. Leite de Vasconcellos

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4,

12/12/96

Inscrição

de

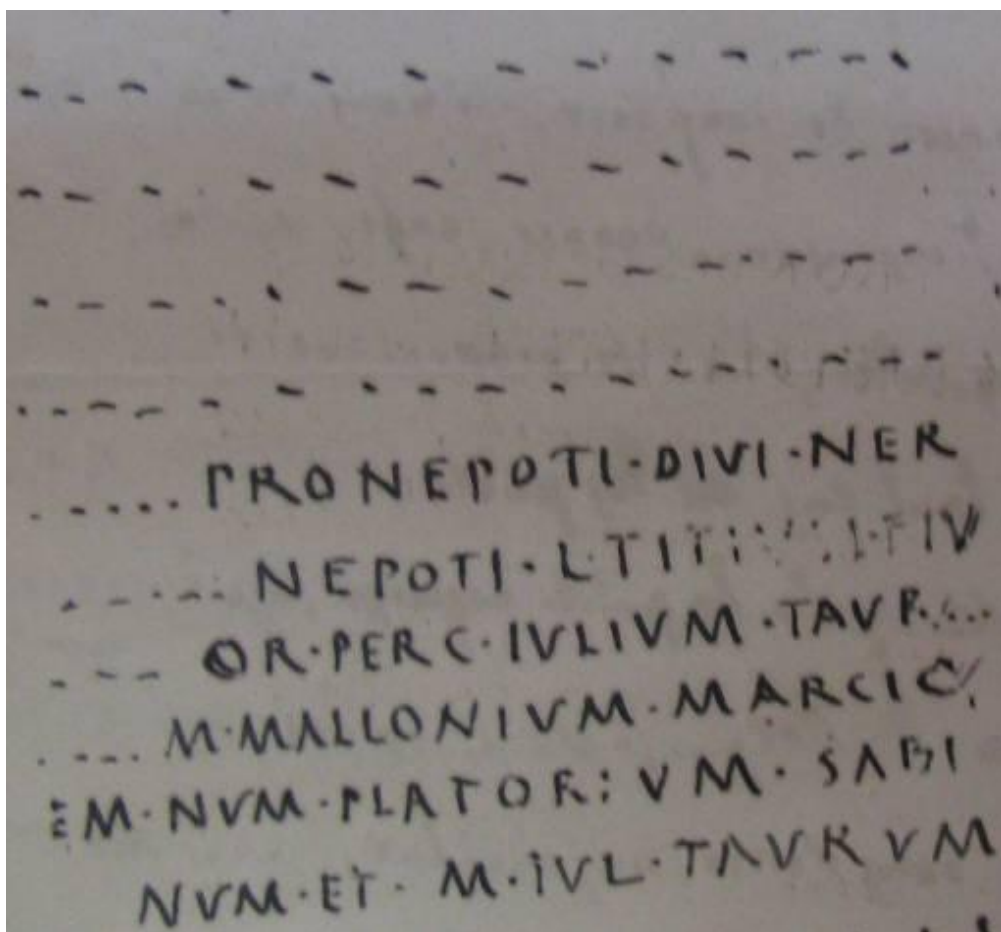
ao pé de S. Tomé das Lamas,

concelho do Cadaval



A primeira questão é se a parte superior da ara foi apagada de propósito ou não. Parece, segundo o seu esboço, que a cornija foi também martelada; não é a provável que a inscrição tenha começado por uma ou duas linhas inscritas sobre a cornija. Considero pois mais provável que a martelagem tenha sido feita em tempos modernos, para adaptar a pedra para algum uso de construção, e não na antiguidade. Mas examine a pedra, que V. Ex.^a tem em Lisboa, uma vez mais e diga-me, se a crê martelada de

propósito. Neste caso, tratar-se-ia do nome apagado de um imperador; isto seria decisivo para a restituição. Eu penso ler isto que segue, supondo que faltam pelo menos quatro linhas em cima:



As letras estão tão apagadas que é também por esta razão que eu penso que toda a parte superior sofreu ao mesmo tempo, mas de uma maneira mais directa, com a humidade ou outras causas materiais. O que eu li baseia-se em parte sobre as conjecturas, e eu não insisto sobre todas as letras, provavelmente alguns dos nomes próprios poderiam ser substituídos por outros. O imperador, cujos nomes faltam, deve ser Marco Aurélio ou o seu irmão *Lucius Verus*. Os nomes de nenhum dos dois sofreram *damnatae memoriae*, e não se encontram apagados de propósito, como os de *Commodus*, filho de Marco Aurélio. Eu restituo pois mais ou menos:

imp. caes. m. aurelio anto

nino aug., trib. pot. --- cos ---,

divi antonini f., divi hadri

ani n., divi traiani parthi

ci PRONEPOTI . DIVI . NER

vae ab NEPOTI . L . TITIVS . L . F . IV

ni OR . PER C . IVLIVM . TAVRIn
um M . MALLONIVM . MARCIO
nEM . NVM . PLATORIVM . SABI
NVM . ET . M . IVL . TAVRVM

O nome do dedicante *L. Titius L. f(i)lius*) é muito incerto, o seu cognomen *IVniOR* é mais claro. Muito incerto é também o nome do *Num(erius) Platorius Sabinus*, que está pouco mais ou menos inteiramente apagado, como se encontra na última linha do corpo da ara, antes da base. As quatro personagens *C. Iulius Taurinus*, *M. Mallonius Marcio*, *Num. Platorius Sabinus*, e *M. Iulius Taurus* são talvez os magistrados, os *duumviri* e *aediles*, da *civitas* desconhecida, à qual a ara se deve atribuir. São Tomé das Lamas e Cadaval ainda não figuram entre as localidades onde se encontraram até hoje inscrições. Talvez V. Ex.^a saiba dizer, segundo os seus vastos conhecimentos das antiguidades portuguesas, em qual cidade antiga se poderia pensar.

Eis o que estou em condições de dizer a V. Ex.^a sobre este interessante achado. Digame, depois de ter comparado o meu texto com aquele da pedra, se V. Ex.^a pensa que ele chega aproximadamente à verdade.³⁴⁶

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

Sr. J. Leite de Vasconcelos

3.4.9 Ano de 1897

71.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 11/01/1897 e um carimbo de Lisboa com a data de 15/01/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10473, de 10/01/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

³⁴⁶ Vide capítulos 4.1.2, I.2.7.

S. José Leite de Vasconcellos

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 10/1 97

mon soupçon était que dans les mots les plus difficiles de l'inscription de Cadaval, que vous lisez à présent *FEL . FLAV . FRV* – j'avais mis les noms *L . TITIVS . L . F . IV[N]IOR* seulement comme exemple d'un nom individuel, comme les jurisconsultes romains usaient le nom de *Titius* – il pourrait se cacher le nom d'une ville antique, à chercher à Cadaval ou dans ses environs. Sous ce respect, le lieu de provenance, comme les autres détails, a son importance. Je ne doute pas du *PER . C . IVLIVM* etc., car *I* et *E* dans l'état de la pierre ne sont pas à distinguer; si *PER* est vrai, *OB* est impossible. Mais j'ai en vain, jusqu'à présent, étudié les nouveaux calques; les mots *fel . flav . fru* ne donnent pas de sens. Aussitôt que j'arrive à une solution meilleure, je vous l'écrirai.

Votre tout dévoué

E. H.

Tradução:

Sr. José Leite de Vasconcelos

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 10/01/97

A minha suspeita era que nas palavras mais difíceis da inscrição do Cadaval, que V. Ex.^a lê presentemente *FEL . FLAV . FRV* – eu conheci os nomes *L . TITIVS . L . F . IV[N]IOR* apenas como exemplo de um nome individual, assim como os jurisconsultos romanos usavam o nome de *Titius* – poderia ocultar-se o nome de uma cidade antiga, a procurar no Cadaval ou nos seus arredores. A este respeito, o lugar de proveniência, como os outros detalhes, tem a sua importância. Eu não duvido do *PER . C . IVLIVM* etc., porque *I* e *E* no estado da pedra não se distinguem; se é de facto *PER*, *OB* é impossível. Mas eu tenho em vão, até ao presente, estudado os novos decalques; as palavras *fel . flav . fru* não fazem sentido. Assim que tiver uma melhor solução, escrevê-la-ei para V. Ex.^a.³⁴⁷

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

³⁴⁷ Vide capítulos 4.1.2, I.2.7.

Tipo de Documento: Carta em folheto com sete páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 39, de 15/02/1897).³⁴⁸

Resp. 24/2 97³⁴⁹

Ex^o. Am^o. e S^r.:

Lisboa

Bibl. Nac.

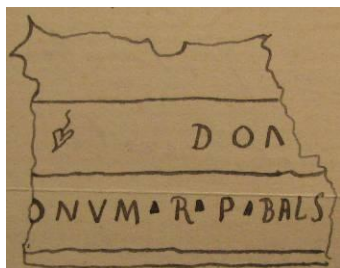
15.II.97

Agradeço a V. E. a remessa do art. Britanni. Quando sahir o art. Hispani (e Lusitani?), também desejava, como póde imaginar, receber.³⁵⁰

Não tenho escrito a V. E. por falta de tempo, pois algumas novidades archeologicas lhe posso dar.

Nas férias do Natal fui ao Algarve e a Mertola. No Algarve encontrei um forno romano, de cozer barro, e ao pé um depósito de amphoras: ainda consegui trazer 11 para o Museu! De Mertola trouxe uma cabeça de bronze; na Paschoa volto lá à procura de lapides.³⁵¹

Fui a Balsa⁽¹⁾, e trouxe de lá um precioso fragmento de inscripção:



³⁴⁸ No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existe no Museu Nacional de Arqueologia uma folha com notas deste autor (MNA Ms. 10475A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento ou rascunho do autor sobre a sua carta enviada.

³⁴⁹ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 74.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 74 (MNA Ms. 10475+A)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

³⁵⁰ Hübner, 1897a, pp. 858-879; Schulten, 1913, pp. 1965-2046. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado o envio do artigo, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta.

³⁵¹ Vasconcelos, 1898, pp. 329-336; Pinto, 2002, pp. 405-406, n.º 303 (*Vide* capítulo I.4.3).

..... Dom[ítio]

... [Decreto Decuri]ONVM R(es) P(ublica) BALS(ensis)

... d. n. m. etc.

É uma inscrição honorífica, como se vê, a um imperador: L. Domitius Aurelianus?

Geralmente Decreto Decurionum creio que costuma vir depois do dedicante; aqui vem antes, pois não será Ordo Decurionum Rei Publicae Balsensis.

V. E. me dirá.³⁵²

Obtive para o Museu duas inscrições romanas de Abrantes (Aritium Vetus).

1) AVITVS TON

G³⁵³I . F . AN . LX

H . S . E

S . T . T . L .

Não tem dificuldade.

2) (hedera) DECVMVVS (hedera)

PLACENTIAE

FILIVS . ANN . XII .

H . S . E . S . T . T . L .


PLACENTIA . ET . IVLIA

FILIO . FC.

Campo das Aldeias, f. das Mouriscas (Abrantes)

É notável que Placentia e Julia dediquem uma inscrição ao filho! Mas temos aqui mãe e avó, e por isso filho duas vezes?³⁵⁴



³⁵² Vasconcelos, 1899-1900, pp. 174-175 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.6.1).

³⁵³ O desenho da letra na carta é .

³⁵⁴ Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 12 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.8, I.2.8.1-I.2.8.2).

Muito estimarei que V. E. me diga alguma cousa da inscrição de S. Thomé das Lamas.³⁵⁵

No Boletim da Acad. Hesp. vi o bello artigo de V. E. a respeito de Zobel. A pag. 162 cita V. E. um artigo seu a respeito do Altcelt. Sprachs. de Holder in Deutsch. Litterat. 1891, 1814-1819; eu já tinha visto referencia a este artigo, mas não o possuo. Póde V. Ex^a. mandar-m'o?³⁵⁶

Outra novidade vou a dar a V. E., e ésta mais importante: vou publicar no n.º. 12 d- O Arch., no prelo, 3 moedas novas de Eviom, uma com caracteres indígenas , e outra sem caracteres, mas com a contramarca  = S(alacia)? O typo é do hippocampo e de espigas.³⁵⁷

Já vê V. Ex. que alguma cousa tenho feito. Só lucto com muita falta de tempo.³⁵⁸

Póde V. E. obter-me a troca de algumas revistas berlinesas com o Arch. Portug.?
Ainda se publica o Hermes?³⁵⁹

³⁵⁵ Vide capítulos 4.1.2, I.2.7.

³⁵⁶ Hübner, 1891, pp. 1814-1819; Hübner, 1897d, pp. 158-181.

³⁵⁷ Vasconcelos, 1896a, pp. 280-282.

³⁵⁸ Leite de Vasconcelos referiu-se às actividades que expôs na carta (Vide notas 16, 41, 332. Vide capítulo 2.3).

³⁵⁹ Hübner (ed.), 1866-1881; Kaibel & Robert (eds.), 1882-1901 (Vide capítulo 2.2).

Eu muito estimava que V. E. me mandasse um artigo, ou mais, para o Archeologo. No nº. 1 do vol. III desejava apresentar um artigo inedito de V. E.³⁶⁰

Em 1899, se eu tiver saude, espero ir fazer uma visita a V. E.

Este anno tenciono voltar a Madrid, e ir a Paris e à Belgica; em 1898 ir à Italia.³⁶¹

Fico ansioso pelas notícias de V. E.³⁶², e sou com toda a consideração e respeito

De V. Ex.

am.º cr.º resp.^{or}

obg.º

José Leite de Vasconcell.

⁽¹⁾ Quinta da Torre d'Ares, ao pé de Tavira.

³⁶⁰ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167).

³⁶¹ No final do mês de Julho de 1897, Leite de Vasconcelos partiu para uma viagem a Madrid, Paris e Bélgica (*Vide* nota 512). Não nos foi possível aferir informações sobre a viagem a Itália. Sobre a viagem à Alemanha no ano de 1899, *vide* capítulo 4.1.2 (Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578).

³⁶² Segundo a frase “Resp. 24/2 97” no início desta carta (CCE 72 (SMS Ms. 39)), a resposta a esta missiva consistiu na carta CCE 74 (MNA Ms. 10475+A).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 16/02/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10474, de 16/02/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 16/2 97

Cher Monsieur, plusieurs numéros de notre Ephemeris epigraphica étant épuisés, l'éditeur en veut faire une réimpression. Il s'y trouve entre autres le fascic. III du Vol. III, qui contient mon ancien mémoire sur la lex Vipascensis. A ce [sic] mémoire sont ajoutées deux planches en héliogravure, représentant les deux faces de la planche en bronze, qui existe dans votre musée. Les héliogravures ont été faites par le "Service photographique du Gouvernement Portugais". Je vous demande donc, au nom de notre éditeur, Mr. Georg Reimer, si les négatifs de ces deux planches en héliogravure, faites en 1877, existent encore. Dans ce cas, l'éditeur vous engage de lui en faire tirer 100 exemplaires de chacune, pour la réimpression du fascicule en question [sic]. Si les négatifs n'existent plus, il en faudra faire de nouveaux, pour obtenir le numéro indiqué. Ayez la bonté de vous charger de cette besogne et de nous dire, à combien nous aurons à calculer le prix de l'un ou de l'autre procédé.

Votre tout dévoué

E. Hübner

En ce moment arrive le nouveau num. du Archeol. Port.: mil gracias.

J'y joins un exemplaire du fascicule en question.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 16/2 97

Caro senhor, vários números da nossa *Ephemeris Epigraphica* estão esgotados, o editor pretende fazer uma reimpressão. Encontra-se entre outros o fascículo III do vol. III, que contem a minha antiga memória sobre a *lex Vipascensis*. A esta memória juntam-se duas tábuas em heliogravura, representando as duas faces da tábua em

bronze, que existe no seu museu. As heliogravuras foram feitas pelo Serviço Fotográfico do Governo Português. Eu peço pois a V. Ex.^a, em nome do meu editor, Sr. Georg Reimer, se os negativos destas duas tábuas em heliogravura, feitas em 1877, ainda existem. Neste caso, o editor pede a V. Ex.^a que faça imprimir 100 exemplares de cada uma para ele, para a reimpressão do fascículo em questão. Se os negativos já não existem, será preciso fazer de novo, para obter o número indicado. V. Ex.^a tenha a bondade de se encarregar desta tarefa e de nos dizer, em quanto nós teremos de calcular o preço de um ou de outro procedimento.³⁶³

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

Neste momento chega o novo número do *Arqueól. Port.*: muitíssimos agradecimentos.³⁶⁴

Junto aqui um exemplar do fascículo em questão.³⁶⁵

74.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 24/02/1897 e um carimbo de Lisboa com a data de 28/02/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10475+A, de 24/02/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 24/2 97

J'ai reçu votre lettre du 15., mes félicitations pour les résultats de vos voyages archéologiques. Le fragment de Balsa disait probablement in honorem dom[us divinae] decreto decurionum r(ei) p(ublicae) Bals(ensium). Decr. decur. et Decur. decr. se

³⁶³ EE IIIb (*Vide* capítulo 4.1.2).

³⁶⁴ Na carta de Leite de Vasconcelos redigida no dia 15/02/1897, o investigador português indicou que estava no prelo o 12.º fascículo d'*O Arqueólogo Português*, onde iria editar um artigo sobre moedas de *Eviom*. Este estudo foi efectivamente publicado no 12.º fascículo do volume II (CCE 72 (SMS Ms. 39); Vasconcelos, 1896a, pp. 280-282). Datando a presente missiva do dia 16/02/1897 (CCE 73 (MNA Ms. 10474)), consideramos que o número d'*O Arqueólogo Português* ao qual Hübner faz referência corresponderá provavelmente aos 10.º e 11.º do volume II, editados em conjunto (Vasconcelos (ed.), 1896, pp. 225-272).

³⁶⁵ EE IIIb (*Vide* capítulo 4.1.2).

trouvent tout de même; mais aussi votre supplément ordo dec. est possible. Que deux femmes font le tombeau d'un fils est certainement curieux; les mots et Iulia sont elles par hasard ajoutées plus tard? Il s'en trouvent d'exemples assez nombreux. Sur l'inscription de S. Thomé de Lamas j'attends toujours qu'il me vienne une inspiration; mais si elle ne vient pas, ce que je crois, je m'en vais vous écrire une lettre sur elle en Latin, pour votre Archeologo. De mes notes sur Holder – je n'ai pas lu la revision [sic] de mon mémoire sur Zobel, c'est le P. Fita qui est responsable de mainte faute typographique, qui s'y trouve – il ne me restent que les feuilles que je vous envoie aujourd'hui; les deux premières sont épuisées, surtout la première était longue et pas trop favorable à l'ouvrage de grande patience, mais où il manque parfois le jugement sain. La monnaie de eviom avec le S de Salacia est intéressante. L'Hermes continue, mais je ne l'édite plus il y a 16 ans. Il sera difficile de vous procurer l'échange de nos journaux pour votre Archeologo; je tâcherai le possible. Si vous venez ici, vous serez le bien venu.

Votre tout dévoué

E. Hübner.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 24/02/97

Recebi a sua carta de dia 15³⁶⁶, as minhas felicitações pelos resultados das suas viagens arqueológicas.³⁶⁷ O fragmento de Balsa diz provavelmente *in honorem dom[us divinae] decreto decurionum r(ei) p(ublicae) Bals(ensium)*. *Decr. decur.* e *Decur. decr.* encontram-se também; mas também o seu suplemento *ordo dec.* é possível.³⁶⁸ Que duas mulheres façam o túmulo de um filho é certamente curioso; as palavras *et Iulia* serão por acaso acrescentadas mais tarde? Encontram-se exemplos bastante numerosos disso.³⁶⁹ Sobre a inscrição de S. Tomé de Lamas eu espero em todo o caso que me surja uma inspiração; mas se ela não surgir, o que creio que aconteça, eu irei escrever-lhe uma carta sobre ela em Latim, para o seu *Arqueólogo*.³⁷⁰ Das minhas notas sobre Holder – eu não li a revisão da minha memória sobre Zobel, é o P. Fita que é responsável de muito erro tipográfico, que se encontra – não me restam senão as folhas que lhe envio

³⁶⁶ CCE 72 (SMS Ms. 39) (Vide nota 348).

³⁶⁷ Vide notas 351, 352.

³⁶⁸ Vasconcelos, 1899-1900, pp. 174-175. (Vide capítulos 4.1.2, I.6.1).

³⁶⁹ Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 12 (Vide capítulos 4.1.2, I.2.8, I.2.8.1-I.2.8.2).

³⁷⁰ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (Vide capítulos 4.1.2, I.2.7).

hoje; as duas primeiras estão esgotadas, sobretudo a primeira era longa e não muito favorável a obra de grande paciência, mas onde falta por vezes o julgamento são.³⁷¹ A moeda de *Eviom* com o *S* de *Salacia* é interessante.³⁷² A *Hermes* continua, mas eu não a edito há já 16 anos. Será difícil arranjar-lhe a troca dos nossos jornais pelo seu *Arqueólogo*; eu esforçar-me-ei o possível.³⁷³ Se V. Ex.^a vier aqui, será bem-vindo.³⁷⁴
De V. Ex.^a sempre dedicado
E. Hübner.

75.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 09/03/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10476, de 09/03/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Aem. H. Iosepho L. s.p.d.³⁷⁵ Berlin, W., Ahornstrasse 4, 9/3 97
Dodgson Anglus, qui aut Olisipone est aut breviter eo veniet, scripsit mihi per tabellam hodie acceptam vidisse se in peregrinatione a Villaviçosa nuper facta ad Elvas in vico Villaboim, prope introitum ad viam principalem, in pavimento ad laevam iuxta domum hominis alicuius nomine Maria, ex adverso domus n.º. 25, lapidem inscriptum titulo versuum circiter septem, qui terminetur in vocabula ISSIM-- / F . C. Ego ex Villaboim non novi nisi titulum CIL II 5216, observatum saeculo XVI, qui sine dubio periit. Tibi fortasse iam notus est is, quem vidit Bascophilus noster. Spero fore ut breviter tibi mittere possim quam promisi epistulam de titulo ex S. Thome das Lamas. Vale mihique favere perge.

³⁷¹ Hübner, 1891, pp. 1814-1819; Hübner, 1897d, pp. 158-181. Fidel Fita (31/12/1835-13/01/1918) foi um historiador, arqueólogo, epigrafista e filólogo espanhol. Correspondeu-se com Hübner (Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, p. 23).

³⁷² Vasconcelos, 1896a, pp. 280-282.

³⁷³ Hübner (ed.), 1866-1881; Kaibel & Robert (eds.), 1882-1901 (*Vide* capítulo 2.2).

³⁷⁴ Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulo 4.1.2).

³⁷⁵ *Salutem plurimam dicit.*

Tradução:

Emílio Hübner saúda cordialmente José Leite

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 09/03/97

O inglês Dodgson³⁷⁶, que ou está em Lisboa ou para aí irá em breve, escreveu-me, por bilhete hoje recebido, que viu na sua viagem, efectuada recentemente, de Vila Viçosa a Elvas, na aldeia de Vila Boim, próximo do acesso à estrada principal, no caminho à esquerda, junto à casa de um homem chamado Maria, em frente da casa n.º 25, uma lápide inscrita com uma inscrição de cerca de sete linhas, que termina nas palavras *ISSIM-- / F . C.* Eu, de Vila Boim, não conheço senão a inscrição *CIL* II 5216, observada no século XVI, que sem dúvida se perdeu. Talvez esta, que o nosso bascófilo viu, já seja do seu conhecimento.³⁷⁷ Espero poder enviar a V. Ex.^a brevemente a epístola que prometi acerca da inscrição de S. Tomé das Lamas.³⁷⁸ Adeus e espero que continue a distinguir-me com a sua amizade.

76.

Tipo de Documento: Texto publicado em Hübner, 1897b, pp. 161-167, escrito em latim. Contém uma palavra em grego. Apresenta a data de 11/03/1897.

Observações: Este documento consiste num artigo de Emílio Hübner publicado n' *O Arqueólogo Português* (Hübner, 1897b, pp. 161-167). As frases inicial “Aemilius Hübner Josepho Leite de Vasconcellos s. p. d.” e final “Scripsi Berolini d. 11 m. Martii a. 1897.”, comuns a outras cartas do presente *corpus* de correspondência epistolar enviadas pelo investigador alemão, remetem para a existência de uma carta e por esta razão incluímo-lo neste *Corpus* de Correspondência Epistolar. A datação que apresenta coloca-a nesta ordem de correspondência.

Inscriptio arae Romanae repertae in oppido aliquo vetusto, sed ignoto Lusitaniae orientalis

³⁷⁶ Edward Spencer Dodgson (*Vide* nota 158. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3, I.2.9).

³⁷⁷ Vasconcelos, 1897c, p. 121 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.9).

³⁷⁸ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

Aemilius Hübner Josepho Leite de Vasconcellos s. p. d.³⁷⁹

Ara romana, quam mihi scripsisti nuper inlatam esse in Museum tuum ethnographicum Olisiponense, reperta illa prope S. Thomam *das Lamas*, in antiquo concilio do *Cadaval* provinciae *Extremadura* Portugalensis, titulum continet, cuius pars superior erasa est, ut videtur, consulto, inferior admodum evanida, ita ut lectio et interpretatio difficultates praebeant minime vulgares. Age, periculum faciamus, numquid in ea legenda et interpretanda proficiamus, tu, testis oculatus cum perspicacitate tua, quam titulis multis, qui in patria tua reperti sunt, legendis tibi paravisti, ego adiutus usu vitae consumptae in titulis etiam aliarum regionum supplendis et explicandis permultis et variis.

Ara haec alta, ut scribis, m. 0.58, lata 0.40, ex lapide calcario regionis eius, ubi prodiit, supra fastigiata est cum volutis duabus. Unde probabile redditur deo vel imperatori alicui positam, non sepulcralem esse. Quamquam etiam sepulcrales extant eiusdem formae, utpote dis Manibus sacrae; tamen minus solita est forma illa in titulis sepulcralibus, atque quae in hac ara tua legentur vocabula idem demonstrant, scilicet titulum non esse sepulcralem, sed votivum, imperatori alicui dedicatum. Litterae versuum vel quattuor vel quinque priorum una cum facie totius lapidis superiore videntur scalpro deletae esse temporibus recentioribus, non, ut solebant tituli imperatorum damnatae memoriae, aut alii alias ob causas, consulto erasae in ipsa iam antiquitate. Nam primum, si nomina tantum imperatoris alicuius delenda erant, non fastigium quoque arae, in quo nullae unquam litterae fuisse putandae sunt, et ipsum, ut est, eodem scalpro attritum esset, quo inferiora perierunt. Deinde vero restant quae finem faciunt titulorum imperatoris vocabula, ut statim apparebit; quae delenda fuissent cum reliquis, cum memoria imperatoris eius deleretur. Itaque saecula post antiquitatem Romanam insequentia, ab octavo nonove ad duodevigensimum undevigensimumve in culpa sunt, quod caecutientes nunc et aegre litteras rimantes, quas saecula illa vel intactas reliquerunt vel non prorsus evanidas, in sensu tituli recuperando desudamus.

Quae tu in lapide legere potuisti adiutus exemplo, quod ego ad ectypa feci, haec sunt:

.....

...I PRONEPOTI DIVI NER

³⁷⁹ *Salutem plurimam dicit.*

.....NEPOTI FEL . FLAV FRV
...OB . PIRC . IVLIVM IAVR
..IAMALLONIVM MARCIC
...NVM IV..... V.....
...I VM ET . MIVL . IAVRVM

In v. 1, qui legi potest, omnia clara et perspicua sunt; ante I primam in ectypo C litterae partem superiorem mihi videor distinguere, quam ibi olim fuisse nominum ratio docet.

V. 2 initio olim VAE litteras fuisse certum est; vestigia vero earum non supersunt. Quae post NEPOTI vocabulum perspicuum sequuntur, dubitationi obnoxia sunt. Ad discriminandas litterarum lineas iam, ut in sequentibus, accedere debet divinatio, quae studeat assequi cogitando, quid hoc loco olim fuerit scriptum.

V. 3 cum sequantur nomina virorum complurium, *per* quos – *per* enim re vera ibi legi, non *pir*, videbimus infra – perfecta sit dedicatio haec imperatori alicui destinata, necessario nominandus erat ipse auctor dedicationis. Auctor autem dedicationis aut homo aliquis fuisse potest aut res publica quaedam, sive illa municipii alicuius erat sive collegii sodaliciive sive templi vel fani alicuius. In scriptura arae huius minuta et evanida IEFIT litterae aegre distinguuntur; unde quae tu legisti FEL . FLAV, mihi in ectypo etiam T . FL . FLAV legi posse visa sunt. Ut finem v. 2 et initium sequentis 3 nunc omittamus, FEL . FLAV aliqua ratione ita possunt explicari, quamquam non satis commode, ut nomina fuerint oppidi sive rei publicae alicuius *Fel.....Flav(ienses)* dictae; veluti *Alb(enses)* *Urgav(onenses)* et similia. Non solent sane ita pluraliter exhiberi nomina oppidorum frequenter; frequentius singulari numero nomina ita fere indicantur [*municipium*] vel [*res publica*] *Fel(icitas)* *Fla(via)*. Neque placet *Fel(icitatenses)* aut fortasse *Fel(ices)* *Fla(vienses)*; quamquam Felicitatis Iuliae Olisiponensis nomina tibi, utpote civi Olisiponis urbis, statim in mentem venient. A *Fel...* vero litteris incepisse nomen aliquod peregrinum oppidi a Vespasiano postea iure municipii Latini donati et propterea *Flavium* cognominati, ideo exiguam habet probabilitatem, quod *f* litteram litteraeque eius sonum scimus abfuisse a lingua Iberica (vide *Monumenta mea linguae Ibericae*, p. XLVI). Quodsi per *Fel..... Flav.....* duo potius oppidi eius ignoti cognomina designari statuimus, nomen eius peregrinum quaeremus in litteris v. 2

ultimis primisque v. 3. Atque quae post FLAV sequuntur puncto interposito – sic FLAV . – a te FRV lecta concedo aut haec esse aut ERV aut IRV aut TRV. Item quae v. 3 ineunte tu legisti ...OB et ipse in ectypo video, praecessisse vero eis secundum spatium, quod in lapide est, non possunt nisi littera una duaeve. Quas priusquam cum eis litteris coniungimus, quae praecedunt in versu 2 extremo, videamus primum quae sequuntur in versu 3. Quas tu ibi in lapide legisti PIRC, ego secundum ectypum contendo aequo iure legi posse PERC. Interest inter R et C litteras spatium paullo [sic] maius quam inter E et R, P et E; unde puto a C novum vocabulum incipere, quamquam puncto interposito nullo. Nam si *per C*, i. e. *Gaium*, legimus, *per* praepositio secundum legem aliquam scripturae Latinae saepe observatam coniungitur scribendo cum casu, quem regit. Tum vero *ob* praepositioni alteri ante *per* nullus esse potuit locus; accedit quod *ob* praepositio per se non habet quemadmodum facile explicetur; nisi ponimus *ob illos homines servatos* dedicationem factam esse imperatori, vel *ob beneficio aliquo ornatos*, quod in ara hac non videtur spatium habuisse quo indicetur. Sed quamvis *per* praepositionem inesse in illis PERC probabilitatis speciem longe maximam in se habeat, tamen eis, qui contra hanc meam opinionem pugnare volent, ipse indicabo unde arma sibi sumere possint; sed arma, ut statim apparebit, obtusa et inutilia. Indicavi olim in praeceptis quam brevissime propositis de inscriptionibus Romanis recte legendis interpretandisque, ubi de variis praenominum generibus verba feci, extare singula exempla in titulis vetustis quibusdam regionis Praenestinae et Sabinae *Pescennii* vel *Percennii* praenominum, ita PESC et PER breviata (*Corp. Insc. Lat.*, XIV, 3103; IX, 2610). Sed unus quisque paullo [sic] magis eruditus statim perspiciet, de vetustis illis praenominibus aetate liberae rei publicae gestis ab hominibus quibusdam non urbanae originis omnino cogitari non posse in titulo Lusitano saeculi post Chr. n. alterius. Abiciatur igitur necesse est *Perc(ennius) Iulius [T]aur[inu]s*, quem perversa tantum eruditione usus proferre posset contra simplicem *per* praepositionem adversarius aliquis meus, cuius arma a me ipso subministrata vi omni destituta esse demonstratum est. Itaque si a longiuscula digressionem redimus ad *per* praepositionem, iam in ... *ob* illo non praepositio quaerenda est, sed finis eius vocabuli, quo nomen oppidi *Fel..... Flav.....* plenum reddebatur. Quod quale fuerit sane in tam densa, in qua versamur de regionis illius oppidorum nominibus vestustis ignorantia pro certo nemo indicare poterit. Divinationi siquis locus est, cogitaverim in lapide talia fere fuisse: TRV|tOB vel TRV|tiOB; ut nomen oppidi fortasse fuerit *Trutobriga* vel *Trutiobriga*. Quod Trutobrigae, quam fingo, nomen in *Trutob.* brevium est, non in *Trutobr.*, ut

expectamus, ferri potest; quadratarii enim provinciales in talibus non sibi constant. De *Brutobriga*, cuius nomen nummi servaverunt (*Mon. ling. Iber.*, n. 184; apud Stephanum Byzantium Βρουτοβρία scribitur) cogitare non licet; nam F vel T vel I vel E in lapide legi possunt, non B. Quaeritur oppidum illud, quod nomen sine dubio traxit a Decimo Iunio Bruto Callaico, qui Lusitaniam subegit, alicubi inter *Thomar* et *Abrantes* (v. *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, p. 813, 1030).

Longa igitur hac demonstratione illud effecimus, ut possent aliqua cum probabilitate, vel potius non sine ulla probabilitate quae tu in lapide legisti ita explicari, una tantum littera F mutata in T, *Fel(ices) Flav(ienses) [T]ru[t]ob(rigensis)*. Tamen ne in hac quidem probabilitatis specie per se iam admodum levidensi licet nobis conquiescere. Nam dixi supra pro FEL aequo, nisi omnia me fallunt, iure etiam legi posse T . FL. Hoc si concedes, nullo negotio ita mecum interpretaberis vocabula breviata quae statim sequuntur: *T(itus) Fl(avius) Flav(ianus)*. Quae vero restant aequo item iure pronuntiabis vocabulum esse geographicum, quo origo hominis illius indicetur, qui nomina sua per gentis hereditatem³⁸⁰ [sic] ad Vespasianum imperatorem retulit sine dubio, scilicet ut fuerit *[T]ru[t]ob(rigensis)*. Propter simplicitatem hanc magis arridere explicationem quam antea propositam ipse concedes. Sed tamen liberam tibi optionem do inter utramque eligendi. Dummodo alteram utram certam esse contendere possim; quod tamen minime spondeo.

His vero difficultatibus aut victis aut aut [sic] aliqua saltem ratione expeditis minus negotii praebent qui supersunt versus explicandi. Satis enim manifestum est ex eis litteris, quas eodem modo legimus tu in lapide, ego in ectypis, continere eos hominum quattuor – fortasse quattuor virorum, qui oppidum illud regebant – nomina trina casu quarto exhibita omnia, qui casus pendet a per praepositione illa, quam supra defendimus. Primum e quattuor illis nomen ita legisti:

C . IVLIVM IAVR

atque observavisti quae M sequatur litteram non fuisse T, sed I. Post R finale spatium est litterae unius duarumve capax; item initio v. 4 sequentis, quod ipse indicavisti. Sed ibi potest praenomen intercidisse alterius e quattuor illis viris. Concedo, secundum ectypa cognomen C. Iulii eius a T incipere non videri, quamquam in stato eo, quo

³⁸⁰ O correcto é hereditatem.

superfícies lapidis est, potuit omnino evanescere linea transversa superior, quae T litteram efficit. Sed I fuisse nego; *Iaur*..... nomen nullum unquam fuit nec Latinum nec peregrinum. Potest fuisse *Laur*.....; nam pes litterae cum A quae sequitur paene coaluit. Laurus cognomen est exemplis non admodum paucis notum. Itaque quamquam exigui momenti est, homo ille utrum Laurus fuerit cognominatus an Taurus, faciamus eum Laurum fuisse. Litterae nominis eius duae ultimae fortasse ligatae fuerunt in nexum VM ex V et M factum. Nunc demum tertium versum partis tituli superstitis absolvimus.

V. 4 initio iam dixi observatas esse a te ante nomen gentilicium elementa litterarum haec:IA. Mihi in ectypis ita videntur formata esse ita potius: VIA. Vides discrimen esse exiguum. Inter praenominum Romanorum notas, quas omnes novimus – nisi superest in illis elementis pars ultima cognominis C. Iulii eius, qui est in versu praecedente, *Laur[i]num*; quod tamen non probo –, una est, quae aliquam praebeat similitudinem cum litterarum reliquiis illis, NVM, Numerium significans, quam infra videbimus redire. MALLONIVM gentile a me in ectypo statim lectum gaudeo a te in lapide quoque inventum esse. Nomen non admodum frequens est, sed cuius exempla non desint. Cognomen MARCIC legimus uterque. Scilicet cum Marcicus forma nulla sit, C ultima quae nobis apparuit necessario pro O habenda est detrutu lapidis imperfecta. Unde initio versus qui sequitur Marcionis cognomen finem invenisse putandum est, *Marcionem*.

V. 5 scripsisti mihi te eas tantum percipere potuisse litterarum reliquias, quas supra adnotavi. Ectypum propterea minus clarum evasit, quia versus ille ultimus est ante pedem arae prosilientem; unde in cavum charta non potuit satis profunde penetrare. Atque initio versus, ut modo vidimus, NEM litterae ad cognomen pertinentes, quod antecedit, extitisse certum est. Neque obstant nec spatium nec vestigia. Quae sequuntur NVM litterae a te lectae, praenomen Numerii sunt, quod iam initio versus 4 extare vidimus. Post NVM vestigia haec distingo



quae quale nomen et cognominis initium significant non intellego. Finis cognominis initio versus sequentis legitur. Non quia verum invenisse mihi persuadeam, sed ut exemplum proponam, qualia nomina ibi fuisse divinando aliquis statuere possit, dico

CATILIVM FESTI

VVM

nomina aliquatenus accedere ad vestigia servata.

Nam v. 6 initio tu ipse in lapide VVM litteras legisti. In ultimo nomine legendo paene convenit inter nos; nam tu in lapide legisti

ET . M . IVL . IAVRVM

ego in ectypo primam cognominis litteram supra detritam, ut reliquae eius versus omnes, T fuisse contendo. Nam *Iaurus* nomen nullum esse supra dixi; L vero litterae pedem hic non perspicio. Unde necessario TAVRVM legendum est. Post hunc versum num alii insecuti sint ignoro; sensus tituli nihil ultra exigit. Nam formula *d(at) d(edicat)* vel similis non desideratur.

Tandem igitur ad finem perductum est examen minutum nec taedio carens, quo litteras huius tituli singulas persequi opus erat. Nunc demum totius tituli textum ita fere restituere licet:

imp. caes. m. aurelio

antonino aug., trib. pot..., cos...,

divi antonini f., divi hadri-

ani n., divi traiani parthi-

CI . PRONEPOTI . DIVI . NER 5

*vae ab*NEPOTI . T . FL . FLAV . TRV

*t*OB . PER C . IVLIVM . LAVRum

*nu*M . MALLONIVM . MARCIO

*ne*M . NVM . CATILIVM . FESTI

VVM . ET . M . IVL . TAVRVM 10

Transcribo textum compendiis solutis, ut facilius intellegatur:

[*Imp(eratori) Caes(ari) M(arco) Aurelio*

*Antonino Aug(usto), trib(unicia) pot(estate)..., co(n)s(uli)...,
divi Antonini f(ilio), divi Hadri-
ani n(epoti), divi Traiani Parthi-]
ci . pronepoti, divi Ner-
[vae ab]nepoti T(itus) Fl(avius) Flav(ianus) Tru-
[t]ob(rigensis) per C(aium) Iulium Laur[um],
[Nu]m(erium) Mallonium Marcio-
[ne]m, Num(erium) Catilium Festi-
vum et M(arcum) Iul(ium) Taurum*

Puncta olim posita fuisse [sic] inter vocabula singula – si *per* excipimus, de quo supra dictum est –, quamquam raro tantum discernuntur, tamen perquam probabile est. Catilii Festivi nomina exempli tantum causa a me posita esse repeto; sed minimum interest quae viri eius nomina re vera fuerint, dummodo ibi scripta fuisse conceditur. Unum addo: *et* particulam copulativam, quae v. ultimo clare legitur, additam quarto tantum loco, cum tria nomina anteriora enumerentur sine particulis copulativis, non offendere aetate illa et in illius generis titulo; quamquam scriptores et antiquiores et elegantiores sane putandi sunt eam potius omisisse. Apparet cui nam Marci imperatoris anno titulus tribuendus sit incertum esse, cum numeri tribuniciae potestatis et consulatus suppleri nequeant; sed certum est dedicationem factam esse imperatore adhuc vivo, i. e. intra annos p. C. 161 et 180. Dedicationes Marco et Vero divis fratribus factae minime raras sunt etiam in Hispaniis ut in Italia reliquisque imperii Romani provinciis. Nova est oppidi memoria Trutobriga, ut conieci, dicti; cuius situm fortasse non procul a Sancti Thomae de *Lamas* quaerendum et accuratius definiendum antiquarii regionis eius periti speramus fore ut mox sibi proponant.

Scripsi Berolini d. 11 m. Martii a. 1897.

Tradução:

Inscrição de altar romano encontrado num ópido antigo, mas desconhecido, da Lusitânia oriental

Emílio Hübner saúda vivamente José Leite de Vasconcelos

O altar romano, sobre o qual V. Ex.^a me informou por escrito ter sido levado recentemente para o seu Museu Etnográfico de Lisboa, descoberto próximo de S. Tomé das Lamas, no antigo concelho do Cadaval da província portuguesa Estremadura, contém uma inscrição, cuja parte superior foi rasurada segundo parece propositadamente, e a inferior bastante desgastada, de tal modo que a leitura e a interpretação apresentam dificuldades muito pouco comuns. Pois bem, façamos a experiência e porventura haveremos de ter êxito no que nela se deve ler e interpretar, V. Ex.^a, testemunha ocular com a sua perspicácia, que adquiriu com a leitura de muitas inscrições que foram descobertas na sua pátria, eu auxiliado pela experiência de uma vida gasta a decifrar e a interpretar numerosíssimas e variadas inscrições também de outras regiões.

Como V. Ex.^a o descreve, este altar com uma altura de 0,58m, 0,40m de largura, em pedra calcária da região onde apareceu, foi encimado na parte superior com duas volutas. Donde se deduz que provavelmente foi dedicado a um deus ou a algum imperador, e que não é funerário. Ainda que existam também altares funerários da mesma forma, como os consagrados aos deuses Manes, todavia aquela forma era menos habitual em inscrições funerárias, e por outro lado os vocábulos que se lêem neste seu altar indicam o mesmo, a saber, que não é uma inscrição funerária, mas votiva, dedicada a algum imperador. Verificamos terem sido rasuradas com um cinzel em tempos mais recentes as letras das quatro ou cinco primeiras linhas, juntamente com a face superior de toda a pedra, parecem ter sido apagadas, não como costumavam fazer às inscrições dos imperadores de memória condenada, ou outras por outras razões, deliberadamente rasuradas já na própria antiguidade. De facto, em primeiro lugar, se apenas os nomes de algum imperador deviam de ser destruídos, não igualmente toda a parte superior da ara, na qual se julga que nunca houve quaisquer letras, e, como está, também ela própria teria sido raspada pelo mesmo cinzel, com o qual desapareceram os nomes por baixo. Em seguida, na verdade, subsistem palavras que marcam o fim dos títulos do imperador, como de imediato se mostrará, as quais teriam sido destruídas com as restantes, uma vez que se destruísse a memória desse imperador. Assim, os séculos que se seguiram à Antiguidade Romana, desde o oitavo ou nono até ao décimo-oitavo são os culpados, e agora e a custo vendo mal e examinando as letras, as quais aqueles séculos deixaram intactas ou não totalmente desaparecidas, demos a maior dificuldade em recuperar o sentido da inscrição.

O texto que V. Ex.^a pôde ler, apoiado no modelo que eu fiz, com base no decalque, foi o seguinte:

.....
...*I PRONEPOTI DIVI NER*
.....*NEPOTI FEL . FLAV FRV*
...*OB . PIRC . IVLIVM IAVR*
..*IAMALLONIVM MARCIC*
...*NVM IV..... V.....*
...*I VM ET . MIVL . IAVRVM*

Na linha 1, que pode ser lida, tudo é claro e evidente; antes do primeiro *I* parece-me distinguir-se no decalque a parte superior da letra *C*, o que a própria sequência dos nomes demonstra que aí esteve outrora.

Na linha 2 é indiscutível terem estado outrora no início as letras *VAE*; na verdade, delas não restam vestígios. As letras que vêm após o vocábulo evidente *NEPOTI*, estão sujeitas a dúvida. Para distinguir os traços das letras nesta, como nos seguintes, deve acrescentar-se alguma conjectura, que procure determinar, reflectindo, o que terá sido escrito, outrora, nesse lugar.

Na linha 3, seguindo-se os nomes de vários homens, por intervenção [*per*] dos quais – efectivamente leio nesse lugar *per*, não *pir*, como veremos abaixo – foi executada esta dedicatória destinada a algum imperador, necessariamente devia ser nomeado o próprio autor da dedicatória. Ora, o autor da dedicatória pode ter sido ou algum homem ou uma organização pública, seja de algum município, seja de um colégio, confraria, seja de um templo ou de algum lugar consagrado. Na escrita de dimensão reduzida e gasta desta ara distinguem-se com dificuldade as letras *IEFIT*; onde se pode ver os que V. Ex.^a leu *FEL . FLAV*, a mim parece-me, pelo decalque, ser possível ler *T . FL . FLAV*. Se agora colocarmos de parte o final da segunda linha e o início da terceira seguinte, *FEL . FLAV* podem assim ser interpretadas com algum fundamento, ainda que não suficientemente seguro, como tendo sido os nomes de algum ópido ou *res publica* chamada *Fel.....Flav(ienses)*, como *Alb(enses) Urgav(onenses)* e semelhantes. Os nomes dos ópidos não costumam de facto apresentar com frequência o plural nestas condições; assim os nomes são indicados mais vezes no singular, como [*municipium*] ou [*res*

publica] *Fel(icitas) Fla(via)*. Não parece bem *Fel(icitatenses)*, nem talvez até *Fel(ices) Fla(vienses)*; ainda que a V. Ex.^a os nomes *Felicitas Iulia Olisipo*, como ao cidadão da cidade de *Olisipo*, venham de imediato à mente. Na verdade, existe escassa probabilidade de que algum nome peregrino de ópido comesse com as letras *Fel...* e depois de concedido por Vespasiano o direito de município latino e por consequência cognominado Flávio, por este motivo tem pouca probabilidade, uma vez que sabemos que a letra *f* e o seu som não existiram na língua ibérica (*vide* minha *Monumenta Linguae Ibericae*, p. XLVI). Ora, se estabelecemos que seja designado de preferência por *Fel..... Flav.....* os dois cognomes deste ópido desconhecido, procuremos o seu nome peregrino nas últimas letras da linha dois e nas primeiras da linha três. Mas aquelas que se seguem a *FLAV* com um ponto – isto é, *FLAV.* – lidas por V. Ex.^a *FRV*, admito eu que sejam ou *ERV* ou *IRV* ou *TRV*. Do mesmo modo as que V. Ex.^a leu no início da linha três *...OB* e eu próprio vejo no decalque, na verdade não podem ser precedidas pelo espaço, que existe na lápide, por mais de uma letra ou duas. Antes de unirmos estas com as letras, que as precedem no final da linha dois, vejamos primeiro as que se seguem na linha três. V. Ex.^a leu *PIRC* nesse lugar na lápide, eu considero poder ser lido *PERC* com igual legitimidade, segundo o decalque. Há um espaço entre as letras *R* e *C* um pouco maior do que *E* e *R*, *P* e *E*; pelo que julgo que uma nova palavra começa no *C*, ainda que sem nenhum ponto de separação. De facto, se lemos *per C.*, isto é, *Gaium*, a preposição *per* segundo uma lei da escrita latina frequentemente observada junta-se, ao escrever, com o caso que rege. Neste caso, não pode haver lugar para a outra preposição *ob* antes de *per*; acresce que a preposição *ob* por si própria não tem modo de ser explicada facilmente; a não ser que proponhamos ter sido feita a dedicatória ao imperador “por terem sido salvos estes homens”, ou “por terem sido distinguidos com algum benefício”, facto que nesta ara não parece ter espaço para ser mencionado. Mas, ainda que haja, de longe, a maior aparência de probabilidade de que a preposição *per* esteja representada nas letras *PERC*, todavia, àqueles que quiserem refutar esta minha opinião, eu próprio indicarei donde podem tomar para si as armas; mas armas, como de imediato será evidente, absurdas e sem proveito. Indiquei em tempos, do modo mais breve possível, nas normas propostas para a correcta leitura e interpretação das inscrições romanas, onde discorri acerca dos vários géneros de prenomes, existirem exemplos únicos dos prenomes *Pescennii* ou *Percennii*, que subsistem em algumas inscrições antigas da região de Preneste e da Sabina, abreviados como *PESC* e *PER* (*Corp. Insc. Lat.*, XIV, 3103; IX, 2610). Mas quem quer que seja

um pouco mais erudito compreenderá imediatamente, relativamente àqueles prenomes usados na época republicana, por alguns homens de origem não urbana, que de modo algum podem ser concebidos numa inscrição lusitana do século II d.C.. É necessário pois renunciar-se a *Perc(ennius) Iulius [T]aur[inu]s*, que somente por recurso a perversa erudição algum meu adversário poderá preferir, em vez da simples preposição *per*, adversário cujas armas, por mim próprio fornecidas, se demonstrou serem completamente destituídas de fundamento. Por conseguinte, se depois de uma digressão um pouco mais longa chegamos à preposição *per*, então naquele ...*ob* não deve procurar-se uma preposição, mas sim a última parte da expressão, com a qual o nome do ópido *Fel..... Flav.....* se devia completar. Que nome seria este, por certo ninguém poderá realmente indicar, por causa do tão denso desconhecimento acerca dos nomes antigos dos ópidos daquela região com o qual nos debatemos. Se há algum espaço para a conjectura, pensaria que na pedra estava mais ou menos o seguinte: *TRV|tOB* ou *TRV|tiOB*; pelo que o nome do ópido talvez tenha sido Trutóbriga ou Trutióbriga. Este nome Trutóbriga, segundo imagino, foi abreviado em *Trutob.*, não em *Trutobr.*, como se poderia esperar; na verdade os lapicidas das provinciais quadradas não são constantes em tal. Quanto a ser Brutóbriga, cujo nome as moedas conservam (*Mon. Ling. Iber.*, n.º 184; em Estêvão de Bizâncio lê-se Broutobria) não vale a pena pensar; de facto *F* ou *T* ou *I* ou *E* podem ler-se na pedra, mas não *B*. Procure-se aquele ópido, cujo nome sem dúvida derivou de Décimo Júnio Bruto Galaico, que subjugou a Lusitânia, em qualquer parte entre Tomar e Abrantes (v. *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, p. 813, 1030).

Portanto, com esta extensa demonstração se conseguiu que, com alguma probabilidade, ou melhor, não sem alguma probabilidade, possam ser explicadas as letras tal como V. Ex.^a as leu na pedra, apenas com a modificação de uma única letra, de *F* em *T*, *Fel(ices) Flav(ienses) [T]ru[t]ob(rigensis)*. Contudo, nem sequer nesta ideia de probabilidade, por si própria já bastante insignificante, nos é permitido descansar. De facto, embora acima me tenha inclinado para *FEL*, a não ser que tudo me induza em erro, com igual legitimidade se poderá ler *T . FL*. Se V. Ex.^a aceitar isto, com nenhuma dificuldade interpretará comigo nestas condições as palavras abreviadas que vêm imediatamente a seguir: *T(itus) Fl(avius) Flav(ianus)*. Na verdade, aquilo que resta também com a mesma legitimidade, V. Ex.^a considerará que é um termo geográfico, com o qual se indica a origem, como sendo *[T]ru[t]ob(rigensis)*, daquele homem, o qual sem dúvida reporta os seus nomes ao imperador Vespasiano, por dele ter herdado o gentílico. Em virtude da sua simplicidade, V. Ex.^a concederá que agrada mais esta

explicação do que anteriormente proposta. Concedo-lhe, todavia, liberdade de opção para escolher uma das duas. Desde que eu possa sustentar que uma ou outra é certa; o que não posso, contudo, garantir.

Na verdade, com estas dificuldades vencidas ou pelo menos desenredadas com alguma lógica, as linhas que sobram dão menos trabalho a explicar. De facto, é suficientemente evidente nestas letras, lidas do mesmo modo, por V. Ex.^a na lápide, e por mim no decalque, que elas contêm os nomes de quatro homens – talvez quatro homens que governavam aquele ópido – com todos os três nomes apresentados ou acaso quatro, que porventura dependem daquela preposição *per*, como estabelecemos acima. O primeiro nome desses quatro, V. Ex.^a leu-o assim:

C . IVLIVM IAVR

e V. Ex.^a observou que a letra que segue o *M* não foi *T*, mas *I*. Após o *R* final, existe um espaço que pode conter uma ou duas letras; o mesmo acontece no início da linha quatro subsequente, como V. Ex.^a indicou. Mas aí pode ter desaparecido o prenome do segundo dos quatro homens. Aceito, segundo o decalque, que o cognome deste C. Júlio não parece começar com *T*, ainda que no estado em que se encontra a superfície da pedra, pôde desaparecer completamente a linha superior horizontal, que faria a letra *T*. Mas afirmo que não é um *I*; nenhum nome *Iaur*..... se atesta em momento algum, nem latino, nem peregrino. Pode ter sido *Laur*.....; porque o pé da letra quase que se ligava com o *A* que segue. O cognome Lauro é conhecido por não poucos exemplos. Por consequência, ainda que faça pouca diferença, se esse homem foi cognominado Lauro ou Tauro, consideremos que foi Lauro. As duas últimas letras do nome dele foram talvez ligadas num nexu *VM* feito com *V* e *M*. Agora finalmente resolvemos a terceira linha da parte da inscrição subsistente.

Já disse que V. Ex.^a tinha observado, no início da linha quatro, antes do nome da família, estes elementos das letras:*IA*. A mim parece, no decalque, corresponderem de preferência a *VIA*. Veja que o espaço entre as letras é pequeno. Entre as abreviaturas dos prenomes romanos, que todos conhecemos – se é que não representam a última parte das letras do cognome de C. Júlio, que está na linha anterior, *Laur[i]num*; o que, todavia, não considero –, existe uma, que apresenta alguma semelhança com os vestígios daquelas letras, *NVM*, significando *Numerium*, que veremos voltar mais

abaixo. No decalque, alegro-me por ter lido imediatamente o nome de família *MALLONIVM*, e que segundo V.Ex.^a se identifica na lápide. O nome não é muito frequente, mas dele não faltam exemplos. Ambos lemos o cognome *MARCIC*. Uma vez que não existe nenhuma forma *Marcicus*, o último *C* que nos aparece deve ser considerado necessariamente como um *O*, incompleto, por causa do desgaste da lápide. Pelo que, no início da linha seguinte se deve considerar que estaria o final do cognome de Marcião, *Marcionem*.

Na linha cinco, V. Ex.^a escreveu-me, dizendo que só se podiam perceber os vestígios das letras, que acima mencionei. Por conseguinte, o decalque tornou-se menos inteligível, porque essa última linha se encontra antes da base saliente da ara; daí que o cartão (do decalque) não tivesse podido penetrar de modo suficientemente profundo na cavidade. Mas no início da linha, como observámos há pouco, é certo que existiriam as letras *NEM* pertencentes ao cognome, que está antes. E o espaço e os restos não vão contra isso. As letras *NVM*, que se seguem, foram lidas por V. Ex.^a, são o prenome de Numério, de que já vimos estarem visíveis no início da linha quatro. Após *NVM* distingo estes vestígios



os quais não compreendo que nome ou início de nome indicam. O final do cognome lê-se no início da linha seguinte. Não porque esteja convencido de que descobri a verdade, mas para apresentar uma proposta, conjecturando, de modo a que alguém possa estabelecer que nomes aí estariam, digo que os nomes

CATILIVM FESTI
VVM

se aproximariam, em certa medida, dos vestígios conservados.

De facto, no início da linha seis, V. Ex.^a leu na lápide as letras *VVM*. Na leitura do último nome quase estivemos em concordância; de facto V. Ex.^a leu na lápide

ET . M . IVL . IAVRVM

Eu sustento, segundo o decalque, ter sido *T* a primeira letra do cognome, gasta na parte superior, tal como todas as restantes daquela linha. De facto, acima disse que não existe nenhum nome *Iaurus*; na verdade, não se observa claramente aqui a base da letra *L*. Daí que necessariamente tenha de se ler *TAVRVM*. Após esta linha desconheço se porventura se seguiam outras [linhas]; além disso, o sentido da inscrição nada mais exige. De facto, a fórmula *d(at) d(edicat)* ou semelhante não se exige.

Em suma, chegou ao fim um exame minucioso, e sem tédio, pois era necessário analisar esta inscrição letra a letra. Pode-se agora, precisamente restituir mais ou menos assim o texto de toda a inscrição:

imp. caes. m. aurelio
antonino aug., trib. pot..., cos...,
divi antonini f., divi hadri-
ani n., divi traiani parthi-
CI . PRONEPOTI . DIVI . NER 5
vae abNEPOTI . T . FL . FLAV . TRV
tOB . PER C . IVLIVM . LAVRum
nuM . MALLONIVM . MARCIO
neM . NVM . CATILIVM . FESTI
VVM . ET . M . IVL . TAVRVM 10

Transcrevo o texto, desenvolvidas as abreviaturas, para que se compreenda mais facilmente:

[*Imp(eratori) Caes(ari) M(arco) Aurelio*
Antonino Aug(usto), trib(unicia) pot(estate)..., co(n)s(uli)...,
divi Antonini f(ilio), divi Hadri-
ani n(epoti), divi Traiani Parthi-]
ci . pronepoti, divi Ner-
[vae ab]nepoti T(itus) Fl(avius) Flav(ianus) Tru-
[t]ob(rigensis) per C(aium) Iulium Laur[um],
[Nu]m(erium) Mallonium Marcio-

[ne]m, Num(erium) Catilium Festi-
vum et M(arcum) Iul(ium) Taurum

Se exceptuarmos *per*, sobre o qual falámos acima, é, todavia, extremamente provável que os pontos fossem colocados entre cada palavra, ainda que se distingam tão raramente. Refiro os nomes Catílio Festivo, por mim colocados apenas a título de hipótese; mas importa muito pouco quais tenham sido na realidade os nomes daquele homem, desde que se admita que ali foram escritos. Acrescento uma coisa: a partícula copulativa *et*, que se lê claramente na última linha, só acrescentada no quarto lugar, uma vez que os três nomes anteriores se enumeram sem partículas copulativas, não vai contra a época nem o tipo de inscrição, ainda que se pense que os escritores mais antigos, mas também os mais distintos, a omitiriam realmente. Parece ser incerto a que ano do imperador Marco (Aurélio) a inscrição deve ser atribuída, uma vez que não se pode suprir a falta dos números do poder tribunício e do consulado; mas é certo ter sido feita a dedicatória com o imperador ainda vivo, isto é, entre os anos 161 e 180 d.C.. As dedicatórias feitas aos irmãos divinizados, Marco e Vero, não são de modo algum raras, mesmo nas províncias hispânicas, tal como na Itália e nas restantes províncias do Império Romano. É nova a referência ao ópido chamado, como presumi, Trutóbriga; cujo local é necessário procurar não longe de S. Tomé de Lamas e esperamos que sem demora os antiquários conhecedores dessa região se proponham determiná-lo de forma mais precisa.³⁸¹

Berlim, 11 de Março de 1897.

77.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português. Contém palavras em latim e alemão (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 40, 28/03/1897).

Resp. 1/4 97³⁸²

³⁸¹ Vide capítulos 4.1.2, I.2.7.

³⁸² Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. Esta frase indicaria uma carta deste autor datada do dia 01/04/1897. Contudo, apenas

Ex. Am. e S^r.:

Lisboa

28.III.97

Bibl. Nac.

A Comissão do Serviço Photographico Português acabou já ha muito, e até morreram já os principaes membros. Agora era difficillimo, senão quasi impossível, tirar outra copia da Lex Vipascensis. Mas, por fortuna, existiam ainda os exemplares que enviei a V. Ex.³⁸³, e que me foram offerecidos gratuitamente. Estes exemplares tinham crescido, por causa de uma inversão da indicação do nome do Service photographique portugais; isto porém não tem importancia. – Creio que V. Ex. ficará satisfeito, e eu tambem o fiquei por o poder servir. – Quer V. E. que lhe devolva a Ephemeris epigraphica III – 3? ou posso conservá-la, por ter cousas de Portugal?³⁸⁴

Ultimamente recebi a interessante Epistula à cerca da inscrição de S. Thomé das Lamas, e muito a agradeço. Já está na Imprensa, e enviarei a V. E. uma prova.³⁸⁵

Tambem recebi o Additamento às Inscript. Hisp. Lat. Muito obrigado!³⁸⁶

No Archeologo sahirá proximamente uma nova inscrição iberica de Bensafrim, que procurei ler utilizando os excellentes Mon. Ling. Iber.³⁸⁷

Peço a V. E. me informe se devo adquirir as Inscriptiones Graecae Siciliae et Italiae, additis Graecis Galliae, Hispaniae, Germaniae, Britanniae inscriptionibus.³⁸⁸

Sabe-me V. E. dizer quem é Richard Auerbach, de Berlin?³⁸⁹

Se me puder, pois, conseguir a troca d- O Arch. Port. com a Ephemeris e outras publicações archeologicas de Berlin, muito agradecerei a V. E.³⁹⁰

possuímos uma carta do corresponde alemão com a data de 08/04/1897 (CCE 78 (MNA Ms. 10477)). Deste modo, considerando uma autoria de Hübner para as frases semelhantes em CCE 4 (SMS Ms. 13), CCE 45 (SMS Ms. 31), CCE 51 (SMS Ms. 27), CCE 54 (SMS Ms. 32), CCE 56 (SMS Ms. 33), CCE 72 (SMS Ms. 39), CCE 87 (SMS Ms. 44), CCE 98 (SMS Ms. 52) e CCE 122 (SMS Ms. 63), colocamos a hipótese de aquela data corresponder a esta carta, o que indicaria que esta teria sido escrita primeiramente no dia 01/04/1897 e apenas enviada no dia 08/04/1897.

³⁸³ Não conhecemos nenhuma carta que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido enviado sem carta.

³⁸⁴ *EE* IIIb (Vide capítulo 4.1.2).

³⁸⁵ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (Vide capítulos 4.1.2, I.2.7).

³⁸⁶ *EE* VIII (Vide capítulos 4.1.2, 5.2.1.3).

³⁸⁷ Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190 (Vide capítulo 4.1.4).

³⁸⁸ *IG* XIV (Vide capítulo 4.1.5).

³⁸⁹ Richard Auerbach seria um banqueiro em Berlim, segundo informação do Dr. M. Blech, transmitida pelo Dr. Thomas G. Schattner a Amílcar Guerra. Agradecemos penhoradamente este contributo.

³⁹⁰ *O Archeólogo Português; Ephemeris Epigraphica (EE).*

Desculpe-me a minha demora, mas tenho sempre muito que fazer!³⁹¹

De V. Ex.

cr.º am.º obg.º e adm.º

Jose Leite de Vasconcellos.

Rich. Auerbach [palavra incompreensível] N Oranienbg St. 60-65³⁹²

78.

Tipo de Documento: Carta tarjada de negro em folheto com três páginas, escrita em francês (MNA, *Correspondência*, Ms. 10477, de 08/04/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Berlin, W., Ahornstrasse 4

8/4 97

Cher Monsieur,

Le Supplément aux Inscriptiones Hispaniae Christianae, que je prépare depuis longtemps, étant prêt, en grande partie, pour l'impression, je vous prie de me prêter votre coopération, comme pour l'autre Supplément. Pour éviter de longues lettres, je vous envoie, sous bardeau – le texte imprimé ne sert que pour faire passer ainsi le manuscrit – le texte des deux premiers chapitres de la Lusitanie; le troisième, comme appartenant à la Tarraconensis, suivra plus tard. Les numéros, qui portent, en lapis, la note 'Ectypam', cela veut dire que j'en ai un estampage, de même ceux, qui portent la note 'delineatio', cela dit, que j'ai un dessein suffisant. Des numéros 296 – la numération suit celle des Inscr. Hisp. Christ. – et 304, je reçois les estampages de l'Angleterre; pour le numéro 316, j'écris à M. Bellino. Du n. 311, j'ai un bon estampage, envoyé par le P. J. da R. Espanca; pour le nr. 312 un petit dessin de M. Gabriel Pereira. Mais je n'ai rien pour les deux inscriptions de Chellas, nr. 313 et 314;

³⁹¹ Vide nota 332.

³⁹² Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. O texto desenvolvido é: "Richard Auerbach [palavra incompreensível] Nachfolger Oranienburger Strasse 60-65". Tradução: "Richard Auerbach [palavra incompreensível] Filho, Rua Oranienburger, n.ºs 60-65".

s'il existent encore, des estampages sont bien désirables. Du n. 315, j'ai des estampages. Du n. 317, je ne sais pas, s'il existe. Si vous me pouvez procurer des estampages de ces numéros, ou si vous préférez de les publier, selon des estampages que vous déjà possédez, dans votre Archeologo, faites-le, je vous prie, bientôt, afin que je puisse suivre l'impression du volume. Ne craignez-pas, que je pense de vous priver de la gloire et de la satisfaction de publier, le premier, ce que vous avez sous mains. Mon Supplément, je ne le puis faire qu'aussi complet que possible, et je dépend, pour cela, entièrement de la bienveillance et de l'intelligence de mes amis et correspondants. Certainement, quand je le finirai, il se seront trouvé [sic] d'autres additions à faire, seulement je désire éviter, autant que possible, des lacunes dans le matériel. Je vous prie de me renvoyer les feuilles du manuscrit avec les notes, que vous jugerez opportunes, et les additions et corrections, que vous trouvez à faire. M. da Veiga m'a envoyé les négatifs des illustrations, mal reussies, de son livre sur Mertola; d'après ces négatifs, je fais faire mes dessins.

J'ai examiné, en 1881, les volumes de Moreira assez rapidement; aussi là vous trouverez probablement quelques additions et corrections à faire.

J'attends les épreuves de ma lettre sur l'inscription de S. Thomé das Lamas.

Votre tout dévoué

E. Hübner

M. J. Leite de Vasconcellos.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4

8/4 97

Caro Senhor,

O Suplemento das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, que eu preparo desde há muito tempo, estando pronto, em grande parte, para a impressão, peço a V. Ex.^a que me empreste a sua cooperação, como para o outro Suplemento³⁹³. Para evitar cartas longas, eu envio a V. Ex.^a, em prancha – o texto impresso não serve senão para fazer passar assim o manuscrito – o texto dos dois primeiros capítulos da Lusitânia; o terceiro, como

³⁹³ EE VIII (Vide capítulos 2.2, 4.1.2, 5.2.1.3).

pertence à *Tarraconensis*, seguirá mais tarde. Os números, que levam, a lápis, a nota *Ectypam*, significa que eu tenho uma estampagem deles, de igual modo aqueles, que levam a nota *delineatio*, significa que eu tenho um desenho suficiente. Dos números 296 – a numeração segue aquela das *Inscr. Hisp. Christ.* – e 304, eu recebo as estampagens de Inglaterra; para o número 316, escrevi ao Sr. Belino³⁹⁴. Do n.º 311, tenho uma boa estampagem, enviada pelo P. J. da R. Espanca³⁹⁵; para o n.º 312 possuo um pequeno desenho do Sr. Gabriel Pereira³⁹⁶. Mas não tenho nada para as duas inscrições de Chelas, n.ºs 313 e 314; se ainda existem, seria desejável apresentar as imagens. Do n.º 315, eu tenho estampagens. Do n.º 317, não sei, se ela existe. Se V. Ex.^a poder procurar-me estampagens destes números, ou se V. Ex.^a preferir publicá-las, segundo as estampagens que já possui, no seu *Arqueólogo*, faça-o, peço-lhe, em breve, para que eu possa fazer seguir a impressão do volume. Não tenha medo, que eu pense privar V. Ex.^a da glória e da satisfação de publicar, primeiro, o que tem em mãos. O meu Suplemento, só o posso fazer tão completo quanto possível, e dependo, para isso, inteiramente da benevolência e da inteligência dos meus amigos e correspondentes. Certamente, quando eu o terminar, serão encontrados outros acrescentos a fazer, eu desejo apenas evitar, tanto quanto possível, lacunas no material. Peço a V. Ex.^a que me devolva as folhas do manuscrito com as notas, que julgai oportunas, e os acrescentos e correcções, que considerai a fazer. Sr. da Veiga enviou-me os negativos das ilustrações, mal executados, do seu livro sobre Mértola³⁹⁷; a partir destes negativos, vou fazer os meus desenhos.³⁹⁸

Examinei, em 1881, os volumes de Moreira bastante rapidamente; também aí V. Ex.^a encontrará provavelmente alguns acrescentos e correcções a fazer.³⁹⁹

Eu espero as provas da minha carta sobre a inscrição de S. Tomé das Lamas.⁴⁰⁰

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. Hübner

Sr. J. Leite de Vasconcelos.

³⁹⁴ Albano Belino (*Vide* nota 283).

³⁹⁵ Joaquim José da Rocha Espanca (17/03/1839-26/11/1896) correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1890 e 1896 (Coito, 1999, p. 95, n.º 1122. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.2-5.2.1.3).

³⁹⁶ Gabriel Pereira (*Vide* nota 23).

³⁹⁷ Sebastião Estácio da Veiga (Veiga, 1880a. *Vide* nota 137).

³⁹⁸ *IHC* – S 305, 313, 323-329 (Vasconcelos, 1897b, pp. 289-293. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.4, 4.1.3, 5.2.1, 5.2.1.3).

³⁹⁹ António Joaquim Moreira (Moreira, 1864. *Vide* capítulos 2.2, 5.1.3, 5.1.6, 5.2.1).

⁴⁰⁰ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 30/04/1897 e um carimbo alemão com a data de 03/05/1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 41, de 30/04/1897).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, nr. 4, Berlin, W. (Allemagne)

Resp. 4/5 97⁴⁰¹

Ex.^o. Am.^o. e S.^r.

Lisboa, 30.IV.97

Recebi o artigo latino sobre as inscrições visigothicas. Tenho a vida tão sobrecarregada, que ainda o não pude ler! Mas qualquer d'estes dias vou satisfazer os desejos de V. Ex.⁴⁰² – Quanto às inscrições visigothicas que tenho inéditas, ou as mandarei em carta a V. E., ou as publicarei n-O Arch. offerecidas a V. E.⁴⁰³ – Ando a mudar o Museu do Algarve para o Museu Ethnographico; isto e os meus trabalhos ordinários absorvem-me!⁴⁰⁴ – Na Paschoa estive no campo; colhi bastantes objectos archeolog., mas nenhuma inscr. Romana.⁴⁰⁵ – V. E. com a sua bondade habitual desculpe a minha demora!

De V. Ex.

cr.^o am.^o obr.

Jose Leite de Vas.

Lisboa, 30. IV 97

⁴⁰¹ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. *Vide* CCE 80.

⁴⁰² CCE 78 (MNA Ms. 10477); *IHC – S* (*Vide* capítulo 4.1.3, 5.2.1.3).

⁴⁰³ CCE 83 (MNA Ms. 10479) – CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); *IHC – S* 301, 303-304, 314, 319, 320 (*Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3).

⁴⁰⁴ *Vide* nota 150. *Vide* capítulos 2.3, 5.2.1.3.

⁴⁰⁵ Leite de Vasconcelos pretendia viajar por Évora e Beja, como escreveu a António Tomás Pires (Gama, 1964, p. 187, n.º 134, de 25/[...]/1897).

80.

Tipo de Documento: Carta extraviada remetida por Hübner.

Observações: Na 79.^a carta foi escrito “Resp. 4/5 97” (CCE 79 (SMS Ms. 41)). Se considerarmos uma autoria de Hübner para esta frase, tal como em CCE 4 (SMS Ms. 13), CCE 45 (SMS Ms. 31), CCE 51 (SMS Ms. 27), CCE 54 (SMS Ms. 32), CCE 56 (SMS Ms. 33), CCE 72 (SMS Ms. 39), CCE 87 (SMS Ms. 44), CCE 98 (SMS Ms. 52), CCE 122 (SMS Ms. 63), teremos que considerar a hipótese de uma carta deste autor com esta data, que se terá extraviado. Preferimos definir esta missiva como extraviada, na medida em que não existe nenhuma informação nas epístolas seguintes que nos permita concluir uma chegada ao seu destino.

81.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 08/05/1897 e um carimbo alemão com a data de 12/05/1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 42, de 08/05/1897).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Allemanha)

Lisboa.

Fui ontem a Chellas, e tirei um dequalque, que na 2^a.-feira enviarei a V. E.

A outra inscrição já a não encontrei.⁴⁰⁶

Muito à pressa.

De V. Ex.

cr^o. am^o. obgd.^o

J. L. de V.

Lisboa, 8. V. 97

⁴⁰⁶ IHC – S 325-326 (*Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3).

82.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 15/05/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10478, de 15/05/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 15/5 97

L'estampage de l'une des inscriptions de Chellas est arrivée aujourd'hui; elle est parfaite, je regrette que l'autre ne s'est pas trouvée, et je vous désire la meilleure fortune pour trouver les autres, qui encore manquent.

Votre tout dévoué

E. H.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 15/05/97

A estampagem de uma das inscrições de Chelas chegou hoje; ela é perfeita, eu lamento que a outra não se tenha encontrado, e desejo a V. Ex.^a a melhor sorte para encontrar as outras, que ainda faltam.⁴⁰⁷

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

83.

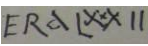




Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 18/05/1897 e um carimbo de Lisboa com a data de

⁴⁰⁷ IHC – S 325-326 (Vide capítulos 4.1.3, 5.2.1.3).

21/05/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10479, de 17/05/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Lisboa, Bibliotheca Nacional, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 17/5 97

Cher Monsieur, je viens de recevoir vos nouveaux estampages: un autre exemplaire de l'inscription de Chellas et trois de Merida⁴⁰⁸, que je ne connaissais pas encore. Dans la plus grande, celle d'Amanda, vous lisez la date era 622. Je crois voir , ce qui me semble indiquer er(a) DLXXXII. Le  pourrait être une a unciale; mais comme tous les autres a sont A, il faut la prendre pour D, généralement . Ce qui suit me semble une L et pas un C; le C de PACE est bien différent. Entre les deux X plus grands le calque montre une troisième plus petite; regardez, s'il vous plait, l'original. Ce serait 582, p. C. 544; et le caractère des lettres me semble du VI^eme siècle plutôt que du VII^eme. La K de  est un X. Fama en lieu de famula est curieux. Dans l'autre, la petite de Adiutor,  semble désigner famulus. La troisième, le fragment, montre, aux moins, que le cimetière chrétien de Mertola est presque inépuisable. Il payerait des fouilles, même après Mr. Estacio da Veiga. J'attends mes schédes, pour pouvoir changer les numéros après l'addition des trois nouveaux exemples.

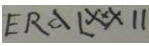


Votre tout dévoué

E. H.

 409



Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 17/05/97

Caro Senhor, acabo de receber as suas novas estampagens: um outro exemplar da inscrição de Chelas e três de Mértola, que eu ainda não conhecia. Na maior, aquela da Amanda, V. Ex.^a lê a data era 622. Eu creio ver , o que me parece indicar er(a) DLXXXII. O  poderia ser um a uncial; mas como todos os outros a são A, é preciso considerá-la um D, geralmente . A que segue parece-me um L e não um C; o C de PACE é bem diferente. Entre os dois X maiores o decalque mostra um terceiro

⁴⁰⁸ Pelas informações da carta pensamos que será erro por Mértola, pelo que traduzimos assim.

⁴⁰⁹ Estes números foram talvez escritos por Leite de Vasconcelos.

mais pequeno; olhai V. Ex.^a, por favor, para o original. Isto seria 582, 544 d.C.; e o caracter das letras parece-me do século VI de preferência ao século VII. O K de  é um X. *Fama* em lugar de *famula* é curioso. Na outra, a pequena de *Adiutor*,  parece designar *famulus*. A terceira, o fragmento, mostra, ao menos, que o cemitério cristão de Mértola é quase inesgotável. Valerá a pena fazer escavações, mesmo depois do Sr. Estacio da Veiga. Espero as minhas fichas, para poder mudar os números antes de acrescentar os três novos exemplos.⁴¹⁰

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.



84.

Tipo de Documento: O manuscrito consiste num folheto com onze páginas, escritas em latim. Contém palavras em grego, português e francês (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 45, de 25/05/1897). Foi publicado em Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, também em latim, com palavras em grego, português e francês.⁴¹¹

Fasciculus inscriptionum Myrtilensium nuper repertarum

(Epistula ad Aemilium Hübner)⁴¹²

Josephus Leite de Vasconcellos Aemilio Hübner Professori Berolinensi⁴¹³ s.p.d.⁴¹⁴

Antiquitates Lusitanas quam maxime indagandi ac vulgandi cupiditate ardens, locum praetermitto nullum cum observandi, tum acquirendi omnia monumenta ad Lusitaniam spectantia, quae vetustate pretioque digna sint quae revereamur.⁴¹⁵

Cum⁴¹⁶ non ita pridem Myrtili essem⁴¹⁷, in oppido quod et nummis ibi signatis et parietinis reliquisque multis Romanis Christianisque virorum antiquitatis studiosorum

⁴¹⁰ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); *IHC* – S 301, 303, 319 ou 320, 325 (*Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.3).

⁴¹¹ Uma vez que esta carta foi publicada, seguimos este texto. No entanto, apresentamos as diferenças relativamente ao manuscrito em nota.

⁴¹² O manuscrito não apresenta estas duas frases iniciais.

⁴¹³ O manuscrito não apresenta estas duas palavras.

⁴¹⁴ *Salutem plurimam dicit.*

⁴¹⁵ No manuscrito está “Cupiditate ardens antiquitates Lusitanas quam maxime notas reddendi, locum praetermitto nullum, cum observandi, tum quoque acquirendi omnia monumenta ad Lusitaniam spectantia, quae uetustate pretioque digna sint quae reuereamur.”.

oculos ad se convertit, titulos⁴¹⁸ aliquos vidi, quos opera et diligentia Fortunati da Fonseca Medici⁴¹⁹, Emmanuelis Bravo Gomez, Iohannis Emmanuelis da Costa⁴²⁰, Emmanuelis Francisci Gomez, amicorum meorum, obtinui, et in Museum Ethnologicum⁴²¹ Portugalense cui praesum deportandos curavi.

Tituli adhuc inediti manebant. Octo⁴²² numero sunt, duo Romani, reliqui Christiani; omnes sepulcrales, in lapidibus marmoreis incisi, Myrtili repertis. Doleo autem quod non omnes omnibus partibus suis iam constant, in duabus stelarum fractarum pauca leguntur verba.

In lapidibus a Statio da Veiga archaeologo optimo in Museum Algarbiense summa industria collectis tabulam etiam⁴²³ sepulcralem Christianam, et ipsam Myrtilem, nuper inveni, quam nunquam edidit, quod sciam, parens ille⁴²⁴ archaeologiae Algarbiensis.

Cum mihi dixeris, vir doctissime ac sapientissime, te librum ad supplementum Corporis inscriptionum Hispaniae Christianae, quod anno MDCCCLXXI Berolini in vulgus emisisti, brevi compositurum, iudicio tuo, ut iis utaris, monumenta sex illa offero hominum qui saeculo VI et VII Myrtili fuerunt; ad ea simul adicio⁴²⁵ inscriptionum Romanarum exempla, a quibus, cum antiquiores sint, initium facio⁴²⁶. Fidem ita exsolvo quam in ephemeride mea *O Archeologo Português*⁴²⁷, I, 182, tibi dedi.

Nr.⁴²⁸ 1

1. D . M . S

ACCENNIA . HE

RENNIA ANN L

4. H S E S T T L⁴²⁹

⁴¹⁶ No manuscrito não existe esta palavra.

⁴¹⁷ No manuscrito está “fui”.

⁴¹⁸ No manuscrito está “tunc titulos”.

⁴¹⁹ No manuscrito está “medici”.

⁴²⁰ No manuscrito não está “Iohannis Emmanuelis da Costa”.

⁴²¹ No manuscrito está “Ethnographicum”.

⁴²² No manuscrito a palavra “Octo” foi riscada e escrito em cima “Septem”.

⁴²³ No manuscrito está “aliam”.

⁴²⁴ No manuscrito não existe esta palavra.

⁴²⁵ No manuscrito está “adiicio”.

⁴²⁶ No manuscrito está “faciam”.

⁴²⁷ No manuscrito está “O Arch. Port.”.

⁴²⁸ No manuscrito não existe esta palavra.

⁴²⁹ No manuscrito não existem os números 1 e 4.

In lapide cupae simili, qui locum operculi sepulcri usurpabat. Ex moenibus castelli Myrtilensis. Inscriptio 0^m,14 alta; 0^m,245 lata; litteris 0^m,035 altis. *Accenna* (non *Accennia*)⁴³⁰ et *Herennia* in titulis Ibericis, ut scis, crebra sunt.

Nr.⁴³¹ 2

1. D . M . S

TVLLIO DONA

TO . FAVSINO FILIO

VIXIT ☒ NN XVI

5. TVLLIVC UELLICUS LI⁴³²

PORCIA⁴³³ MATERN FILIO

PIEN TISSIMO

...OS VERVNT

9. H S E STT L⁴³⁴

In lapide prioris simili, ex iisdem moenibus avulso. Inscriptio 0^m,26 alta; 0^m,235 lata; litteris 0^m,02 altis⁴³⁵.

In v. 3: FAVSINO pro FAVSTINO; ☒ == A.

In v. 5: TVLLIVC == TVLLIVS; LI == ET.

In v. 6: PORCIA, ut scribis, non PONCIA; MATERN pro MATERN == MATERNA.

In v. 8: ==pOSVERVNT.⁴³⁶

Moenia castelli Myrtilensis non solum his, sed etiam aliis lapidibus Romanis constructa sunt; inde spero monumenta aliqua fore ut avellantur in Museumque Ethnologicum⁴³⁷ Portugalense transportentur.

Nr.⁴³⁸ 3

⁴³⁰ No manuscrito está “alta 0,14, lata 0,245; litteris 0,035 altis. *Accenna*, non ACCENIA,”.

⁴³¹ No manuscrito não existe esta palavra.

⁴³² No manuscrito está LI.

⁴³³ No manuscrito está “PONCIA”.

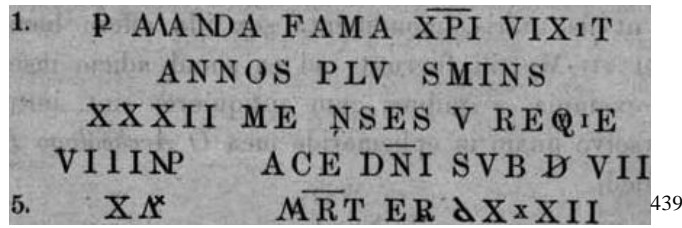
⁴³⁴ No manuscrito não existem os números 1, 5 e 9.

⁴³⁵ No manuscrito está “alta 0,26, lata 0,235, litteris 0,02 altis”.

⁴³⁶ No manuscrito não existem estas quatro frases.

⁴³⁷ No manuscrito está “Ethnographicum”.

⁴³⁸ No manuscrito não existe esta palavra.



In tabella 0^m,44 alta; 0,39 et 0,42 lata; litteris 0^m,025 altis.

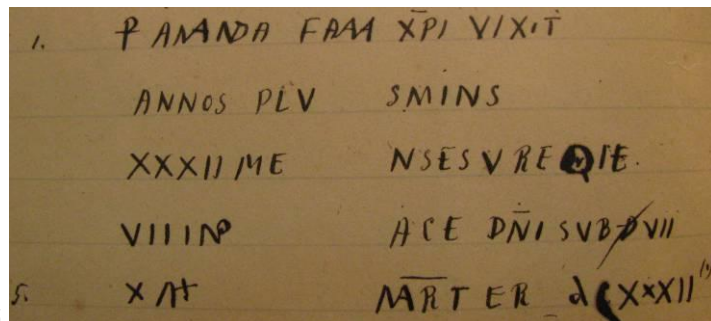
P Amanda, famu(l)a Christi, vixit annos plus minus XXXII, menses V; requievit in pace D(omi)ni sub d(ie) VII kal(endas) Mart(ias) era DXXXII.

In v. 1. In *Famua* l littera cecidit, sicut in verbis Portugalensibus *Chamoa* == Flamula, *landoa* == glandula, ceteris.

In v. 2. Quod «er(a) 622» primum legeram, «era 532» rectius legisti.⁴⁴⁰

Nr.⁴⁴¹ 4

1. TYBERIVS ICTO
R FAMVLVS DEI VI
T ANNOS PLVS MIN
VS XIII **MENS** QVI NO
5. VEM REQVIEVIT IN PACE
DOMINI DIE XIII⁴⁴² KALEIIDA
7. S IVNIAS ERA dCIII



⁴³⁹ No manuscrito está

⁴⁴⁰ No manuscrito está “dCXXXII⁽¹⁾”

1. famu(l)a.

(mensuras mittam)

⁽¹⁾ Quod primum «er(a) 622» legeram, «er(a) 582» rectius legisti.”.

⁴⁴¹ No manuscrito não existe esta palavra.

⁴⁴² No manuscrito está “III”.

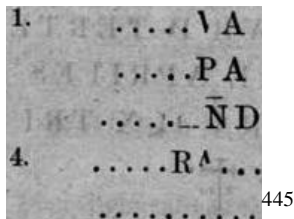
In tabella 0^m,63 alta; 0^m,445; litteris 0^m,03 altis.

In v. 1-2: IICTOR? Neque *licitor* neque *fictor*.

In v. 2-3: VIT == *vixit*.

In v. 4: QVI == *que*⁴⁴³

Nr.⁴⁴⁴ 5



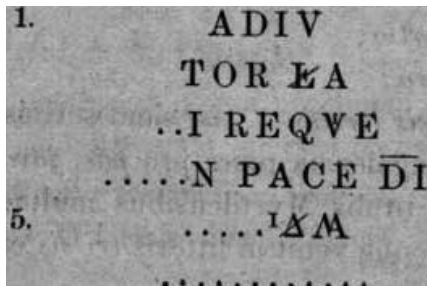
445

Fragmentum 0^m,20 altum; 0^m,12 latum; litteris 0^m,03 altis.⁴⁴⁶

Versus primi verba supplere nescio:MA⁴⁴⁷.

In verso secundo, tertio, quarto tantum suppleri potest: [*in*] *pa[ce Domini vel Dei.....kale]ndas.....[e]ra.....*

Nr.⁴⁴⁸ 6



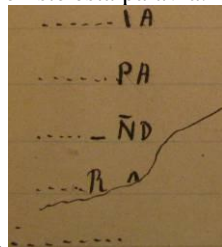
449

⁴⁴³ No manuscrito está “In tabella alta 0,63; lata 0,445; litteris 0,03 altis.

1. Y=I; 2. IICTOR (ECTOR? H(e)ctor?) = Hector; 2-3 vit=vixit

4. qui=que”.

⁴⁴⁴ No manuscrito não existe esta palavra.



⁴⁴⁵ No manuscrito está

⁴⁴⁶ No manuscrito não existem as indicações “^m”.

⁴⁴⁷ No manuscrito está “nescio (----MA)”.

⁴⁴⁸ No manuscrito não existe esta palavra.

In tabella fracta: 0^m,27 alta; 0^m,16 lata; litteris 0^m,025 altis.⁴⁵⁰

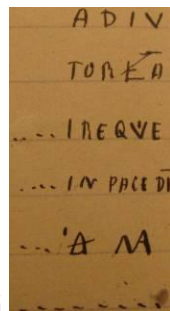
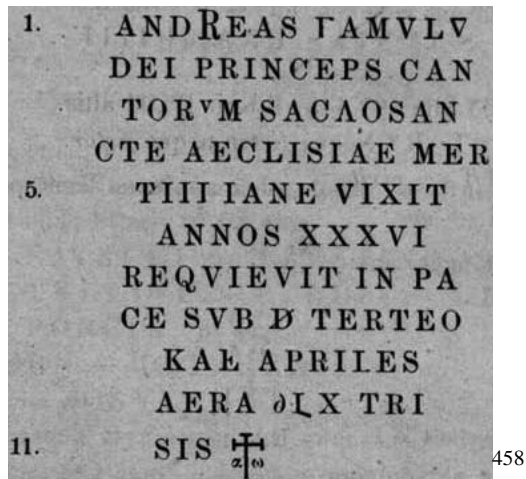
Versus primus et secundus integri, reliqui inutili. Sic lego partem inscriptionis: *Adiutor, famulus [De]i*⁴⁵¹ *requie[vit i]n*⁴⁵² *pace die*⁴⁵³*idus Ma(rtias) vel Ma(ias).*⁴⁵⁴

Nr.⁴⁵⁵ 7

oRA PRo ME

In tabella fracta. Invocatio est, qua titulus terminabatur. Versus 0^m,20 longus; litteris 0^m,024 altis; lapis 0^m,235 latus.⁴⁵⁶

Nr.⁴⁵⁷ 8



⁴⁴⁹ No manuscrito está

⁴⁵⁰ No manuscrito não existem as indicações “^m”.

⁴⁵¹ No manuscrito existe uma nota com a frase “non Domini.”.

⁴⁵² No manuscrito está “requie[vit] in”.

⁴⁵³ No manuscrito existe uma nota com a frase “non Dei.”.

⁴⁵⁴ No manuscrito está “id(us) Ma(rtias).....”.

⁴⁵⁵ No manuscrito não existe esta palavra.

⁴⁵⁶ No manuscrito não existem as indicações “^m”.

⁴⁵⁷ No manuscrito não existe esta palavra.

In tabula e schisto lapide 1^m,07 alta; 0^m,44 lata; litteris 0^m,025 altis. In *Rocio do Carmo* Myrtili reperta. De familia Statii da Veiga emptam in Museum Ethnologicum transtuli.

In v. 1. $\nabla = \bar{V}$ == VS: *Famulus*;

In v. 3. Λ == L vel R;

In vv. 3-4. *saclosancte* == *sacrosanctae*;

In v. 4. *aeclisia* == *ecclesia*;

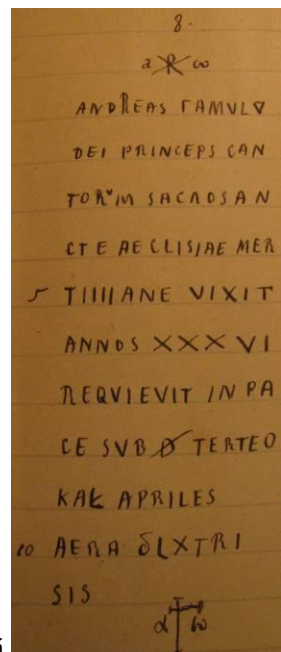
In v. 5. *Mertiiliane* (= *Merteliane*) vel *Mertilliane* = *Myrtilianae*;

In v. 8. *terteo* == *tertio*;

In v. 10. *aera* == *era*;

In v. 11: *trisis* == *tris* (*treis*) + *-is*, sicut scribis (pluralis numerus duplex: cfr. verba Portugalensia *poses* pro *pós*, *javalises* pro *javalis*); vel τρισί + *-s*, cum in titulis Myrtilensibus multae litterae Graecae sint. Mihi in mentem quoque venit in litteris *trisis* carmen «*tri(umphator sc. Daemonis) sis!*» latere posse.

*Andreas, famulus Dei, princeps cantorum sacrosanctae ecclesiae Myrtilianae, vixit annos XXXVI; requievit in pace sub die tertio kalendas Apriles era DLX trisis.*⁴⁵⁹



⁴⁵⁸ No manuscrito está

⁴⁵⁹ No manuscrito está “1. $\nabla = \bar{V}$ = VS

3 Λ = L, vel R?; 3-4 *saclosancte* vel *sacrosancte*; 4 *aeclisia* = *eclesia*

4-5 MERTIIIANE = *Mertiiliane* (= *Merteliane*) vel *Mertilliane* = *Myrtilianae*; 8 *terteo* = *tertio*; 10 *aera* = *era*;

10-11: TRISIS?

Inscriptio tum rebus grammaticis, tum historicis insignis⁴⁶⁰ est.

Quod ad artem grammaticam pertinet, haec digna mihi videntur notatione: *cl* pro *cr*, nisi forte⁴⁶¹ Λ ⁴⁶² (lambda) falso pro *r* esse positum putandum est⁴⁶³, in *saclo*-; *e* pro *ae* in *-sancte*, *Mertilliane* (*Merteliane*)⁴⁶⁴; *ae* pro *e* in *aeclisiae*, *aera*; *i* pro *e* in *aeclisiae*⁴⁶⁵; *e* pro *i* in *Mertilliane* (*Merteliane*), *terteo*. Omnibus his verbis sermo vulgaris detegitur.

Iam de rebus historicis loquar. Quanti momenti ecclesia Myrtilensis fuerit ex munere patet quo Andreas fungebatur: nam in ea etiam chorum cantorum videmus, cuius ille princeps vel *chantr*e erat.

*

Hic fasciculus inscriptionum Myrtilensium tibi plane non displicebit, quo liber tuus in locis⁴⁶⁶, ubi de regione australi agis, paulo apparebit copiosior.

Vale meque, ut facis, ama.⁴⁶⁷

Olisipone.⁴⁶⁸

Tradução:

Fascículo de Inscrições de Mértola descobertas recentemente

(Carta para Emílio Hübner)

José Leite de Vasconcelos saúda Emílio Hübner, Professor de Berlim


tres?? tribus?? tri(umphator)sis??

Ex lapide schisto (scissili)

In tabula 1,07 alta; 0,44 lata; litteris 0,025 altis, quam familia [O texto apresenta “familiae”, com a letra “e” riscada e antes e por cima da palavra foi escrito um “a”.] Statii da Veiga emi, in Museumque Ethnographicum reportabo [O texto apresenta “reportam”, com a letra “m” riscada e por cima foi escrito “bo”.]. Myrtili reperta est.”.

⁴⁶⁰ No manuscrito está “conspicua” e não “insignis”.

⁴⁶¹ No manuscrito esta palavra não existe.

⁴⁶² No manuscrito existe uma chamada de atenção para .

⁴⁶³ No manuscrito não existe “esse positum putandum est”.

⁴⁶⁴ No manuscrito está “(Merteliana)”.
⁴⁶⁵ No manuscrito esta frase não existe.

⁴⁶⁶ No manuscrito está “loco”.

⁴⁶⁷ No manuscrito esta frase não existe.

⁴⁶⁸ No manuscrito está “Olisipone a.d. VIII Kal Iun. a. MDCCCXCVII.”. A data corresponde a 25 de Maio de 1897.

Ardendo em desejo de investigar e divulgar o mais possível as antiguidades lusitanas, não deixo não só de considerar nenhum lugar, mas também de adquirir todos os testemunhos respeitantes à Lusitânia que, pela antiguidade e valor, sejam dignas que as respeitemos.

Tendo estado, não há muito tempo, em Mértola, na cidade que, não só devido a numerosas moedas cunhadas, mas também a numerosas ruínas e vestígios romanos e cristãos, atraiu para si a atenção de estudiosos da antiguidade, vi algumas inscrições, as quais obtive devido ao trabalho e à diligência do médico Fortunato da Fonseca, Manuel Bravo Gomes, João Manuel da Costa, Manuel Francisco Gomes, meus amigos, e tratei de que fossem levadas para o Museu Etnológico Português, de que sou director.⁴⁶⁹

As inscrições conservavam-se, até então, inéditas. São em número de oito, duas romanas, as restantes cristãs; todas funerárias, gravadas em lápides de mármore, descobertas em Mértola. Na verdade, lamento que nem todas constem já de todas as suas partes, em duas das estelas quebradas lêem-se poucas palavras.

Nas lápides recolhidas com a máxima competência por Estácio da Veiga⁴⁷⁰, excelente arqueólogo, para o Museu do Algarve, encontrei recentemente uma placa funerária cristã justamente de Mértola, que, tanto quanto sei, esse ilustre pai da arqueologia algarvia nunca publicou.

Tendo-me V. Ex.^a dito, ó mais douto e sabedor dos homens, que em breve há-de organizar um livro, Suplemento do *Corpus* das Inscrições da Hispânia Cristã, o qual V. Ex.^a editou em Berlim no ano de 1871, ofereço-lhe, para que deles se sirva, segundo o seu critério, estes seis monumentos de indivíduos que viveram em Mértola nos séculos VI e VII; a eles anexo, simultaneamente, exemplares de inscrições romanas, pelas quais começo, uma vez que são mais antigas. Cumpro assim a palavra que dei a V. Ex.^a na minha revista *O Arqueólogo Português* I, p. 182.

N.º 1

1. *D . M . S*

ACCENNIA . HE

RENNIA ANN L

4. *H S E S T T L*

⁴⁶⁹ Leite de Vasconcelos correspondeu-se com L. Fortunato da Fonseca entre 1891 e 1895, com João Manuel da Costa entre 1893 e 1918, e com Manuel Francisco Gomes entre 1899 e 1905 (Coito, 1999, pp. 82-83, n.º 927, p. 108, n.º 1314, p. 117, n.º 1458).

⁴⁷⁰ Sebastião Estácio da Veiga (*Vide* nota 137).

Numa lápide semelhante a uma cupa, que servia de tampa de sepultura. Das muralhas do castelo de Mértola. Inscrição de 0,14m de altura; 0,245m de largura; letras com 0,035m de altura. *Accenna* (não *Accennia*) e *Herennia* são, como V. Ex.^a sabe, frequentes em inscrições hispânicas.

N.º 2

1. *D . M . S*

TVLLIO DONA

TO . FAVSINO FILIO

VIXIT ☒ *NN XVI*

5. *TVLLIVC UELLICUS* **L1**

PORCIA MATERN FILIO

PIEN TISSIMO

...OS VERVNT

9. *H S E STT L*

Numa lápide semelhante à anterior, retirada das mesmas muralhas. Inscrição de 0,26m de altura; 0,235m de largura; letras com 0,02m de altura.

Na linha 3: *FAVSINO* por *FAVSTINO*; ☒ == A.

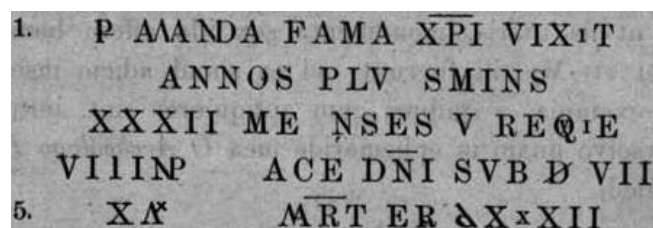
Na linha 5: *TVLLIVC* == *TVLLIVS*; **L1** == *ET*.

Na linha 6: *PORCIA*, como V. Ex.^a escreve, não *PONCIA*; *MATERN* por *MATERN* == *MATERNA*.

Na linha 8: ==*pOSVERVNT*.

As muralhas do castelo de Mértola foram construídas não só com estas, mas também com outras lápides romanas; daí o ter eu esperança de que venham a aparecer alguns monumentos, e que sejam levados para o Museu Etnológico Português.

N.º 3



Numa placa com 0,44m de altura; 0,39m e 0,42m de largura; letras com 0,025m de altura.

P *Amanda, famu(l)a Christi, vixit annos plus minus XXXII, menses V; requievit in pace D(omi)ni sub d(ie) VII kal(endas) Mart(ias) era DXXXII.*

Na linha 1. Em *Famua* a letra *l* caiu, tal como nas palavras portuguesas *Chamoa* == *Flamula*, *landoa* == *glandula*, entre outras.

Na linha 2. O que eu primeiramente tinha lido «er(a) 622», V. Ex.^a leu mais correctamente «era 532».

N.º 4

1. *TYBERIVS IICTO*

R FAMVLVS DEI VI

T ANNOS PLVS MIN

VS XIII MENS QVI NO

5. *VEM REQVIEVIT IN PACE*

DOMINI DIE XIII KALEIIDA

7. *S IVNIAS ERA dCIII*

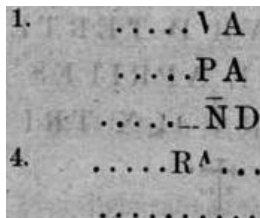
Numa placa com 0,63m de altura; 0,445m de largura; letras com 0,03m de altura.

Nas linhas 1-2: *IICTOR*? Nem *lictor* nem *fictor*.

Nas linhas 2-3: *VIT* == *vixit*.

Na linha 4: *QVI* == *que*

N.º 5

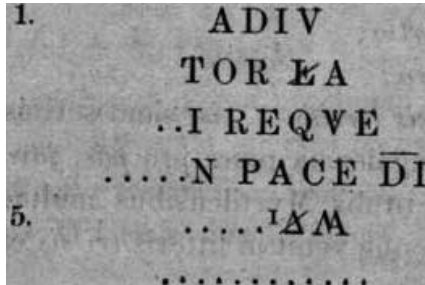


Fragmento com 0,20m de altura; 0,12m de largura; letras com 0,03m de altura.

Não sei como suprir as palavras da 1.^a linha:MA.

Nas 2.^a, 3.^a e 4.^a linhas, pode ser completado: [in] pa[ce Domini ou Dei.....kale]ndas.....[e]ra.....

N.º 6



Numa placa quebrada com 0,27m de altura; 0,16m de largura; letras com 0,025m de altura.

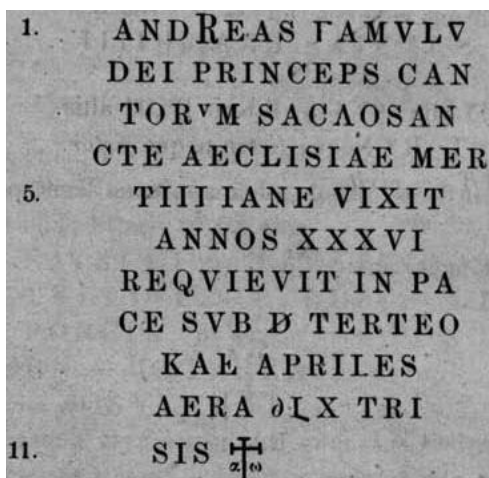
As 1.^a e 2.^a linhas estão completas, o restante não tem proveito. Leio assim a parte da inscrição: *Adiutor, famulus [De]i requie[vit i]n pace die.....idus Ma(rtias) ou Ma(ias).*

N.º 7

oRA PRo ME

Numa tabuinha quebrada. É uma invocação, com a qual se terminava a inscrição. Linha com 0,20m de comprimento; letras com 0,024m de altura; pedra com 0,235m de largura.

N.º 8



Numa placa de xisto, com 1,07m de altura; 0,44m de largura; letras com 0,025m de altura. Descoberta em Mértola, no Rossio do Carmo. Comprada à família de Estácio da Veiga, levei-a para o Museu Etnológico.

Na linha 1. $\nabla == \bar{V}$ == VS: *Famulus*;

Na linha 3. $A == L$ ou R ;

Nas linhas. 3-4. *saclosancte* == *sacrosanctae*;

Na linha 4. *aeclisia* == *ecclesia*;

Na linha 5. *Mertiiliane* (= *Merteliane*) ou *Mertilliane* = *Myrtilianae*;

Na linha 8. *terteo* == *tertio*;

Na linha 10. *aera* == *era*;

Na linha 11: *trisis* == *tris* (*treis*) + *-is*, tal como V. Ex.^a escreve (duplicação do número plural: cfr. as palavras portuguesas *poses* por *pós*, *javalises* por *javalis*); ou $\tau\rho\iota\sigma\acute{\iota}$ + $-s$ ⁴⁷¹, visto que há muitas letras gregas nas inscrições de Mértola. Também me vem à mente que possa subjazer escondido nas letras *tri sis* a fórmula «*tri(umphator sc. Daemonis) sis!*».

Andreas, famulus Dei, princeps cantorum sacrosanctae ecclesiae Myrtilianae, vixit annos XXXVI; requievit in pace sub die tertio kalendas Apriles era DLX trisis.

Esta inscrição é notável tanto pelos aspectos gramaticais, quanto pelos históricos.

No tocante à gramática, são, em minha opinião, dignos de registo os seguintes aspectos: *cl* por *cr*, a não ser que por acaso se deva considerar que foi posto um Λ (lambda) falso em vez de *r*, em *saclo-*; *e* por *ae* em *-sancte*, *Mertiiliane* (*Merteliane*); *ae* por *e* em *aeclisiae*, *aera*; *i* por *e* em *aeclisiae*⁴⁷²; *e* por *i* em *Mertiiliane* (*Merteliane*), *terteo*. O nível de língua vulgar revela-se em todas estas palavras.

Falarei agora dos aspectos históricos. Pelas funções que *Andreas* desempenhava, fica patente de quanta importância terá sido a Igreja de Mértola: de facto nesta observamos até um coro de cantores, do qual ele era o solista ou o chantre.

*

⁴⁷¹ *Trisi* + *-s*.

⁴⁷² No manuscrito esta frase não existe.

Este fascículo de inscrições de Mértola não desagradará completamente a V. Ex.^a, com o qual o seu livro, nos passos em que se ocupa da região sul, aparecerá um pouco mais rico.⁴⁷³

Adeus e, como é seu hábito, estime-me.

Lisboa.

85.


Tipo de Documento: Carta tarjada de negro em folheto com três páginas, escrita em francês (MNA, *Correspondência*, Ms. 10492+A, de 01/06/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Berlin, W., Ahornstrasse 4

1 de Juin 1897

Cher ami, j'ai reçu le fascicule des inscriptions de Mertola et je viens de l'étudier avec le plus haut intérêt. J'espère que vous le publierez bien-tôt dans votre Archeologo; mon Supplément ne marche pas si vite, à cause des phototypies. S'il est prêt d'ici un an je serais content. Je l'accompagne de quelques notes; dites-moi si vous avez besoin de votre manuscrit, pour l'imprimer. Mais je suppose que vous en aurez un autre exemplaire.

Nº 1. Accenia semble un nom nouveau.

Nº 2. V. 3 FAVSINO ou Faustino? ou Frusino? probablement FAVSTINO. V. 4 la forme du A, , semble singulière. V. 5 TVLLIVC? une C mal formée pour une S? EI à la fin de la ligne est naturellement ET. V. 6 PONCIA? forme impossible, ou PORCIA ou PONTIA. Il est singulier que dans MATERN la A à la fin manque; ou est-il MATERNA? pas vraisemblable.

FAVSINO claro⁴⁷⁴

⁴⁷⁵




⁴⁷³ CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

⁴⁷⁴ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

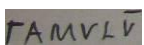
3. J'en ai reçu l'estampage et je vois que votre texte est très exacte; les abréviations comme FAMA sont singulières, ou [sic] est la L? syncope?⁴⁷⁵

4. Tyberius, comme Tyberis, est singulier et intéressant. ICTO/R doit être LICTOR, le jeune garçon de 15 ans pas complets peut avoir été au service de la ville ou de l'église dans la charge de lictor, qui ne manquaient pas aux municipes de provinces, comme le prouve la lex Ursonensis. V. 4 qui au lieu de que est aussi rare. V. 6 la N de KALEIIDA/S semble manquer du trait au milieu. Vous ne m'avez pas encore envoyé le calque de cette inscription ni celui du N° 8, Andreas. Parfois ils arriveront plus tard; car j'en ai besoin pour les facsimiles, si vous n'en donnez pas dans l'Archeologo. Alors je me servirai de votre dessein gravé.

N° 5. Fragment trop mince pour être completé.

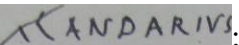
6 J'en ai l'estampage; V. 2 le  en lieu de f(amu)lu(s) est très-singulier. Le D à la fin de cette ligne appartient à la parole d[e]i, écrite probablement . V. 3 REQVE[vit] et v. 5  seront aussi complets.

N° 7 peut avoir été originalement détaché de la planche, qui contenait le texte de l'épithaphe, et mis quelque part en haut dans la muraille du tombeau.

N° 8 est très-curieux; le princeps cantorum sacro sancte aecclesiae Mertilliane sera presque unique. V. 2 la forme de la F en  ne manque pas d'analogies. Aussi v. 8 TERTEO est rare. La aera sera dLX trisis, au lieu de tres, probablement du à une répétition fautive de la syllabe is. Autres numéraux sont exclus, et tri(umphator)is est trop obscure et recherché, et n'explique pas la s en trisis. L'an sera donc 563, p. C. 525. Aussi de ce texte vous aurez l'obligeance de m'envoyer le calque, s'il vous plait.

La série des inscriptions chrétiennes de Myrtilis est splendide; merci pour les mesures des pierres du musée, que vous m'avez indiqués.

Il semble donc que l'autre inscription de Chellas ne se trouve plus!

Il est curieux que dans la de Mertola chez Veiga p. III n. 3 vous voyez sur la pierre ; je ne connais pas un nom comme [Call]andarius, [P]andarius, de Pandarus, étant très-clair.

Regardez encore une fois la pierre, si c'est bien ainsi. (1)

⁴⁷⁵ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

⁴⁷⁶ Esta palavra está escrita em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

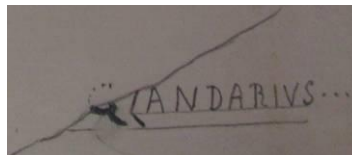
L'inscription de Arouca, que je ne connais que des schedae Moreirae IV f. 766 et 880 Servande famulae etc., ne vous la connaissez-pas? Il serait intéressant de la retrouver.

Toujours votre bien dévoué


E. H.

G

(1) efectivamente lê-se



Desce a haste para baixo como no Q

A 1ª letra para ser A desce abaixo do nível das outras; para ser L tem um traço. Em todo o caso não devia haver outra letra. Deve ser com toda a certeza um : Glandarius, de glans

cf. as landes do Alentejo!⁴⁷⁷


Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4

1 de Junho de 1897

Caro amigo, recebi o fascículo das inscrições de Mértola e acabo de as estudar com o maior interesse. Eu espero que V. Ex.^a o publique em breve no seu *Arqueólogo*⁴⁷⁸; o meu Suplemento não anda mais depressa, por causa dos fototipos. Se estiver pronto daqui a um ano ficarei contente.⁴⁷⁹ Eu acompanho-o de algumas notas; diga-me V. Ex.^a se tem necessidade do seu manuscrito, para o imprimir. Mas eu suponho que V. Ex.^a tenha um outro exemplar dele.⁴⁸⁰

N.º 1. *Accenia* parece um nome novo.

N.º 2. V. 3 *FAVSINO* ou *Faustino*? ou *Frusino*? provavelmente *FAVSTINO*. V. 4 a forma do A, , parece estranha. V. 5 *TVLLIVC*? um C mal formado por um S? *EI* no final da linha é naturalmente *ET*. V. 6 *PONCIA*? forma impossível, ou *PORCIA* ou *PONTIA*. É estranho que em *MATERN* o A falte no fim; ou é *MATERNA*? não é verosímil.

⁴⁷⁷ A seguir a “Toujours votre bien dévoué / E. H.”, a carta apresenta este texto com uma ortografia diferente da ortografia de Hübner, pelo que colocamos a hipótese de ter sido escrito por Leite de Vasconcelos.

⁴⁷⁸ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

⁴⁷⁹ *IHC* – S (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁴⁸⁰ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).




FAVSINO claro⁴⁸¹

 ⁴⁸²

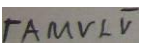
3. Recebi a estampagem e verifico que o seu texto é muito exacto; as abreviaturas como *FAMA* são únicas, onde está o *L*? síncope?⁴⁸³

4. *Tyberius*, como *Tyberis*, é estranho e interessante. *IICTO/R* deve ser *LICTOR*, o jovem rapaz de 15 anos não completos pode ter estado ao serviço da cidade ou da igreja no cargo de *lictor*, que não faltam nos municípios das províncias, como o prova a *lex Ursonensis*. V. 4 *qui* em vez de *que* também é raro. V. 6 o N de *KALEIIDA/S* parece não ter o traço do meio. V. Ex.^a ainda não me enviou o decalque desta inscrição nem daquela do n.º 8, *Andreas*. Às vezes eles chegam mais tarde; porque tenho necessidade disso para os fac-símiles, se V. Ex.^a não os apresentai no *Arqueólogo*, então eu servir-me-ei do seu desenho gravado.

N.º 5. Fragmento muito pequeno para ser completado.

6 Eu tenho a estampagem; linha 2 o  em vez de *f(amu)lu(s)* é muito estranho. O *D* no final da linha pertence à palavra *d[e]i*, escrita provavelmente . Linha 3 *REQVE[vit]* e linha 5  também estarão completos.

N.º 7 pode ter sido originalmente separado da tábua, que continha o texto do epitáfio, e posto em algum lado ao alto na muralha do túmulo.

N.º 8 é muito curioso; o *princeps cantorum sacro sancte aecclesiae Mertilliane* será talvez único. Linha 2 à forma do *F* em  não faltam analogias. Também na linha 8 *TERTEO* é raro. A *aera* será *dLX trisis*, em vez de *tres*, provavelmente devido a uma falsa repetição da sílaba *is*. Outros números são excluídos, e *tri(umphator)is* é demasiado obscuro e rebuscado, e não explica o *s* em *trisis*. O ano será pois 563, 525 d.C.. Também deste texto tenha V. Ex.^a a amabilidade de me enviar o decalque, se faz favor.

A série de inscrições cristãs de Mértola é esplêndida; obrigado pelas medidas das pedras do museu, que V. Ex.^a me indicou.⁴⁸⁴

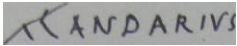
Parece, pois, que a outra inscrição de Chelas já não se encontra!⁴⁸⁵

⁴⁸¹ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

⁴⁸² Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

⁴⁸³ Esta palavra está escrita em letra diferente da escrita de Hübner. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

⁴⁸⁴ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

É curioso que na de Mértola em Veiga, p. III, n.º 3, V. Ex.^a vê sobre a pedra ; eu não conheço um nome como [*Call*]andarius, [*P*]andarius, de *Pandarus*, sendo muito claro.

Olhe V. Ex.^a ainda uma outra vez a pedra, se é bem assim. (1)⁴⁸⁶

A inscrição de Arouca, que eu não conheço senão dos *Schedae Moreirae*, IV, f. 766 e 880, *Servande famulae* etc., V. Ex.^a não a conhece? Seria interessante reencontrá-la.⁴⁸⁷
Sinceramente sempre seu


E. H.

G

(1) efectivamente lê-se



Desce a haste para baixo como no Q

A 1ª letra para ser A desce abaixo do nível das outras; para ser L tem um traço. Em todo o caso, não devia haver outra letra. Deve ser com toda a certeza um : *Glandarius*, de *glans*

cf. as landes do Alentejo!⁴⁸⁸

86.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 43, de 02/06/1897).

Ex.^o. Am.^o. e Sr.

Lisboa, 2. VI. 97.

Ha dias enviei a V. Ex.^a. uma collecção de inscripções visigothicas. V. E. há-de permittir-me que eu publique n-O Arch. Port., segundo lá prometti ha muito tempo, a carta latina que lhe enviei.

⁴⁸⁵ *IHC* – S 326 (Vide capítulo 4.1.3).

⁴⁸⁶ Veiga, 1880a, pp. 111-112, n.º 8; *IHC* – S 307 (Vide capítulo 4.1.3).

⁴⁸⁷ Moreira, 1864; *IHC* – S 329 (Vide capítulo 4.1.3).

⁴⁸⁸ *IHC* – S 307 (Vide capítulo 4.1.3).

As medidas da inscr. de AMANDA são:

alt. 0,44; larg. { 0,39; lettr. 0,025

0,42

Da inscr. de ANDREAS enviarei a V. E., um dia proximo, o respectivo decalque.

Estimava que me dissesse o que pensa ha cerca de { TRI

SIS ⁴⁸⁹

Enviei a V. E. por engano o 2º. exemplar que eu tinha tirado, para ficar no Museu, da inscr. de Chellas. Como não posso ir facilmente a Chellas, e a V. Ex^a. o decalque não é preciso, rogo o obsequio de m'o devolver.⁴⁹⁰

Não estranhe V. Ex^a. a demora em lhe responder. O Museu do Algarve, que foi incorporado no Museu Ethnographico, ainda não passou todo para lá: anda ha tempos fazendo o transporte; de modo que as inscrições visigothicas não estavam à mão. Alem d'isso o Museu Ethnogr. fica longe da Bibliotheca, e é preciso gastar tempo, que sempre me falta, para lá ir. Eu tenho a vida mais occupada que póde imaginar: tenho o meu serviço de conservador da Bibliotheca, a minha cadeira de Numismatica, e rejo provisoriamente outra no Lyceu Central; dirijo o Arch. Port. e a Rev. Lusit., cujas provas leio todas; no Museu não tenho quem me ajude, eu proprio faço o expediente! E tambem preciso de estudar, e de fazer a correspondencia particular, e de sahir de vez em quando em excursões archeologicas. Vê V. E. que a minha demora se justifica plenamente. Se eu acrescentar a V. Ex^a. que o meu trabalho de director do Museu, e de redactor d-O Arch. Port. e da Rev. Lusit., é absolutamente gratuito, mais admirado ficará V. Ex^a.⁴⁹¹

⁴⁸⁹ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

⁴⁹⁰ *IHC* – S 325 (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁴⁹¹ O Museu do Algarve foi transportado para o Museu Etnográfico Português no decorrer do ano de 1897. Sobre as actividades de Leite de Vasconcelos *vide* notas 171, 361 (*Vide* capítulo 2.3).

O artigo latino que V. Ex^a. mandou para O Arch. está na imprensa; desculpe V. E. se a publicação tarda, - pois os typographos tem alguma difficuldade, e levam tempo! Mas farei por que saia no n.º 5.⁴⁹²

Se V. Ex^a. quizer mais algum decalque, estou ao dispôr de V. Ex^a.

Não deve V. E. estranhar que eu publique n-O Arch. a minha carta latina, por isso que, sendo eu redactor de uma revista de archeologia, é natural que queira lá inserir o que se refere às antiguidades do meu país.⁴⁹³

Sou respeitosamente

De V. Ex. cr.º am.º obg.

José Leite de Vasconcellos.

87.

Tipo de Documento: Carta em folheto com cinco páginas, escrita em português. Contém palavras em alemão (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 44, de 08/06/1897).

Resp. 20/6 97⁴⁹⁴

Ex^{mo}. S^r. e prezado Mestre e amigo:

Com a carta de V. Ex^a., recebida ontem, devia cruzar-se no correio outra minha que lhe enviei ha dias.⁴⁹⁵

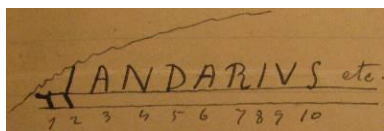
Apenas recebi a de V. E., fui ao Museu. Tanta volta dei à pedra deANDARIVS, que pude lê-la! com o que fiquei muito contente.

⁴⁹² A artigo iniciou os 7.º e 8.º fascículos, editados conjuntamente (CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167). *Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).






⁴⁹³ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3).

⁴⁹⁴ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 89.ª carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 88 (MNA Ms. 10480)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

⁴⁹⁵ CCE 85 (MNA Ms. 10492+A) – CCE 86 (SMS Ms. 43).





gl sehrmöglich⁴⁹⁶

A linha deve começar na letra 1. Não pôde haver mais antes. Todas as letras, excepto , ficam sobre a linha de cima. De modo que a primeira letra de que se vê  tem de ser forçosamente G, assim , isto é: : temos pois o Sr. GLANDARIVS, de , glans. E é notavel o nome, pois que no Alentejo ha muitas landes, e não deixará este nome de ter relação com isto!⁴⁹⁷

Nº. 2 . v.3. FAVSINO

v.5 C não S. No fim E ///// poderá ser ET.

v.6. Poderá ser PORCIA; a pedra está difficil de ler.

Mando um decalque, bem como da do nº. 1. V. E. me dirá a epocha. Em MATERN não pôde haver , pois que os AA são abertos: MATERNA=MATER 

N. 4: ICTOR etc. Poderá ser lictor, como V. E. diz; em todo o caso na inscripção ha um L claro em baixo.

v.6. DIE XIII

N. 6. Em FAMVA, o L falta. Será êrro do canteiro? Em português o L intervocalico cae, como mágoa<macula, táboa<tabula, landoa<glandula; mas não sei se o phenomeno phonetico remontará tão longe!

Remetto os decalques da nº. 3 e 8. No nº. 8: TRISIS poderá ser, como me occorreu e disse a V. E., e V. E. prefere, TRIS. Como V. E. sabe muito bem, TRIS (=TRES) apparece em AA., por ex. em Vergil. e Tacito. Sendo TRISIS=TRIS+-IS, tínhamos um factio análogo às fórmias populares port. javalises (=javalis), póses (pós). Eu não dizia, na outra hypothese, tri(umphator)is, mas tri(umphator)sis, o que não era contrário ao latim da decadencia: triumphatorsis Daemonum ou de Demonibus!⁴⁹⁸

⁴⁹⁶ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. Tradução: “gl muito possível”.

⁴⁹⁷ IHC – S 307 (Vide capítulo 4.1.3).

⁴⁹⁸ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

No Museu Ethnogr. encontrei outra inscrição, de ao pé de Tavira, de que remetto decalque. A pedra tem falhas, e a inscrição parece-me bem barbara. Colhida por Estacio⁴⁹⁹ da Veiga.

Vv. 1-2: O 1º. nome não entendo. Depois teremos: f(amu)l(us) s. f(amu)l(a)? Christi??
v(ixit) an(nos) X r(equie)vit in p(a)c(e) die III ed(us)? (=idus? i< >e) ian(uarias) [e](ra)
.....

817?

767?

dCCIXVII??

Ora aqui tem V. E. que, se lhe mando inscrições ineditas, lhe mando ao mesmo tempo impertinências!⁵⁰⁰

Em Arouca não conheço ninguém. Verei se posso saber alguma cousa por terceira pessoa.⁵⁰¹

Estou sempre ao dispôr de V. E.

Sou com toda a estima

cr.º am.º mt.º

obdo

Lisboa

8 . VI . 97

Jose Leite de Vasconcellos

Mertola

⁴⁹⁹ Sebastião Estácio da Veiga (*Vide* nota 137).

⁵⁰⁰ *IHC* – S 299 (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁵⁰¹ *IHC* – S 329 (*Vide* capítulo 4.1.3).

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 21/06/1897 e um carimbo de Lisboa com a data de 25/06/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10480, de 20/06/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 20/6 97

Cher Monsieur, de retour d'un voyage de dix jours, je me suis mis de suite à étudier votre lettre du 8 Juin et les estampages que vous avez bien voulu me remettre. Glandarius est très possible, c'est un ancien et bon adjectif latin; j'attends l'estampage de cette inscription pour me convaincre de la vérité de votre leçon, dont, du reste, je ne doute pas la justesse. Dans l'estampage du N°1 de votre fascicule je lis très distinctement ACCENNIA, non ACCENIA, et dans le N°2 FAVSINO; mais je crois que c'est une simple faute pour Faustino. Le s final de Tullius ressemble un peu à un C; mais ce n'est certainement rien qu'un S. Dans Vellicus la première lettre me semble plutôt une B cursive (b) qu'une V. La ligne 6 est presque illesible, PORCIA MATERNA FILIO semble y être. Dans le N°3 FAMA famula sans l ressembla en effet aux formes portugaises que vous citez. J'attends encore l'estampage du Tyberius (L)ictor N°4; Ector est impossible, fictor pas probable, mais aussi lictor offre des difficultés. Le Andreas, o chantre, est très curieux; trisis peut bien être une forme du pluriel double, comme javalises. Tri(umphator)sis est une invention ingénieuse, mais je n'y crois pas. Je vous renvoie ci-joint en rouleau la doublette de l'estampage de l'inscription de Chellas, que vous m'avez demandé. Je lis la nouvelle inscription de Tavira ainsi: + Adulteus – pour Adultius, de Adultus – clericus v(ixit) an(nos) X r(equie)v(i)t in p(a)c(e) d(ie) III ed(us) Ian(narius) [era] dCCLXVII, 767 p. C. 729.

Votre bien dévoué

E. H.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 20/06/97

Caro Senhor, de regresso de uma viagem de 10 dias⁵⁰², comecei de imediato a estudar a sua carta de 8 de Junho e as estampagens que V. Ex.^a teve a amabilidade de me enviar.⁵⁰³ *Glandarius* é muito possível, é um antigo e bom adjectivo latino; eu espero a estampagem desta inscrição para me convencer da verdade da sua lição, de cuja exactidão, de resto, eu não duvido.⁵⁰⁴ Na estampagem do n.º 1 do seu fascículo eu leio muito distintamente *ACCENNIA*, não *ACCENIA*, e na n.º 2 *FAVSINO*; mas eu creio que é um simples erro por *Faustino*. O *s* final de *Tullius* assemelha-se um pouco a um *C*; mas este não é certamente mais nada senão um *S*. Em *Vellicus* a primeira letra parece-me antes um *B* cursivo (*b*) do que um *V*. A linha 6 é quase ilegível, parece ser *PORCIA MATERNA FILIO*. No n.º 3 *FAMA* *famula* sem *l* assemelha-se com efeito às formas portuguesas que V. Ex.^a citai. Eu espero ainda a estampagem do *Tyberius (L)ictor* n.º 4; *Ector* é impossível, *fictor* não é provável, mas também *lictor* oferece dificuldades. O *Andreas*, o cantor, é muito curioso; *trisis* pode bem ser uma forma de plural duplo, como *javalises*. *Tri(umphator)sis* é uma invenção engenhosa, mas eu não acredito nela.⁵⁰⁵ Remeto a V. Ex.^a em anexo em rolo o duplicado da estampagem da inscrição de Chelas, que me pediu.⁵⁰⁶ Eu leio a nova inscrição de Tavira assim: + *Adulteus* – por *Adultius*, de *Adultus* – *clericus v(ixit) an(nos) X r(equie)v(i)t in p(a)c(e) d(ie) III ed(us) Ian(narius) [era] dCCLXVII, 767, 729 d.C..*⁵⁰⁷

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 27/06/1896⁵⁰⁸ e um carimbo de Lisboa com a data de 01/07/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10481, de 27/06/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

⁵⁰² Não nos foi possível aferir para onde viajou.

⁵⁰³ CCE 87 (SMS Ms. 44).

⁵⁰⁴ *IHC* – S 307 (Vide capítulo 4.1.3).

⁵⁰⁵ CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (Vide capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

⁵⁰⁶ *IHC* – S 325 (Vide capítulo 4.1.3).

⁵⁰⁷ *IHC* – S 299 (Vide capítulo 4.1.3).

⁵⁰⁸ O ano de 1896 nos carimbos deve-se certamente a uma falha no carimbo ou do funcionário dos correios, uma vez que as outras datas da carta, incluindo o carimbo de Lisboa, apresentam o ano de 1897.

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 27/6 97

Cher ami, de la petite inscription de votre Musée:

RECESST

IN PACE

FILEX

XII Ka  IVLI

AS

que vous avez si bien lue, je ne possède qu'un calque imparfait, il lui manque la partie gauche. Voulez-vous avoir la bonté de m'en-faire un autre plus complet et de me l'envoyer, pour le facsimile? Je ne peu pas encore commencer l'impression du Supplément, car il me manquent encore plusieurs calques, surtout de la Lusitanie espagnole, Estremadura etc. Mais j'espère de les tenir réunis bientôt.

Votre tout-dévoué

E. H.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 27/06/97

Caro amigo, da pequena inscrição do seu Museu:

RECESST

IN PACE

FILEX

XII Ka  IVLI

AS

que V. Ex.^a tão bem leu, eu não possuo senão um decalque imperfeito, falta-lhe a parte esquerda. V. Ex.^a querei ter a bondade de me fazer um outro mais completo e de mo enviar, para o fac-símile? Eu ainda não posso começar a impressão do Suplemento,

porque faltam-me ainda muitos decalques, sobretudo da Lusitânia espanhola, Estremadura etc. Mas espero tê-los reunidos em breve.⁵⁰⁹

De V. Ex.^a sempre dedicado


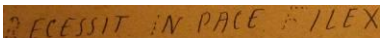
E. H.

90.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 22/07/1897 e um carimbo alemão com a data de 26/07/1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 46, de 21/07/1897).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Allemanha)

Ex^o. Sr. e am^o.

Da parte esquerda da inscrição de  não se póde tirar calco, porque das letras só restam sombras. Foi por isso que E. da Veiga⁵¹⁰ o não enviou a V.Ex.^a. Póde porém pôr  sob minha responsabilidade.⁵¹¹

No fim d'este mês vou a Madrid, e de lá a Paris e à Belgica. Depois vou ao N. de Portugal. Só volto a Lisboa em Outubro.⁵¹²

A inscrição de Juromenha publicada pelo P^e. Espanca n-O Arch. Port. já está no meu Museu.⁵¹³

Lisboa 21. VII. 97

De V. Ex.

am.^o cr.^o obg.^o

J. L. de V.

⁵⁰⁹ CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.º 2 = Hübner, 1895, p. 179, n.º 2); *IHC – S* (Vide capítulo 4.1.3).

⁵¹⁰ Sebastião Estácio da Veiga (Vide nota 137).

⁵¹¹ CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.º 2 = Hübner, 1895, p. 179, n.º 2) (Vide capítulo 4.1.3).

⁵¹² No final do mês de Julho de 1897, Leite de Vasconcelos iniciou uma viagem. O percurso foi o seguinte: Bélgica, Paris, Madrid, Salamanca, Douro, Beira. Previu a Hübner e a Tomás Pires a chegada a Lisboa pelo dia 30 de Setembro. Estava nesta cidade no dia 9 de Outubro, de onde escreveu a carta CCE 93 (CCE 93 (SMS Ms. 48); Gama, 1964, pp. 188-189, n.º 136, de 01/09/1897. Vide nota 361).

⁵¹³ Espanca, 1895, pp. 216-217 (Vide capítulo 4.1.2).

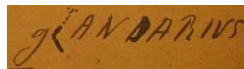
91.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 23/07/1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 47, de 23/07/1897).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, (Allemanha)

Ex. Am^o. e S^r.

Lix.^a, 23.VII.97

No correio de amanhã remetterei a V. E. o calco da inscripção de : só ontem pude tirá-lo.⁵¹⁴

Sou com toda a estima

De V. Ex.

am.^o cr.^o obr.^o

J. L. de V.

Receberá um dia proximo prova do artigo latino, que já está composto.⁵¹⁵

92.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 28/07/1897 e um carimbo de Lisboa com a data de 01/08/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10482, de 28/07/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 28/7 97

⁵¹⁴ Não conhecemos nenhuma carta que tenha acompanhado o envio do calco, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido enviado sem carta (*IHC* – S 307. *Vide* capítulo 4.1.3).

⁵¹⁵ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

Cher ami, j'ai reçu vos deux cartes et le calque – excellent – du *Glandarius*: mil grâces pour tout. Je vous souhaite un bon [vo]yage⁵¹⁶ et la récréation du corps et de l'esprit que vous avez bien mérité depuis des années de tant de travail.

Votre tout dévoué

E. H.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 28/07/97

Caro amigo, recebi as suas duas cartas e o decalque – excelente – do *Glandarius*: muitíssimos agradecimentos por tudo.⁵¹⁷ Desejo-lhe uma boa viagem e o retemperar do corpo e do espírito que V. Ex.^a bem mereceu depois de anos de tanto trabalho.⁵¹⁸

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

93.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 09/10/1897 e dois carimbos de Bona com as datas de 13/10/1897 e 14/10/1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 48, de 09/10/1897).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W.⁵¹⁹. (Allemanha). Bonn Rh.. Bonn Rhein Glückstrasse 5 [palavra incompreensível]⁵²⁰.

Ex^o. Am^o. e S^r.

Lisboa 9 . X . 97

De volta da minha viagem a França e Belgica e Hespanha encontrei o bilhete de V. E.⁵²¹, que muito agradeço. Trabalhei constantemente, e vim muito fatigado. Em Paris vi

⁵¹⁶ Neste local, a carta apresenta o que parece ser um borrão de tinta. O mesmo cobre as duas primeiras letras da palavra. No entanto, é possível reconstituir o termo “voyage”.

⁵¹⁷ As cartas corresponderão a CCE 90 (SMS Ms. 46) e CCE 91 (SMS Ms. 47). Quanto ao decalque, não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado o envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta (*IHC – S 307. Vide capítulo 4.1.3*).

⁵¹⁸ Vide nota 512.

⁵¹⁹ Esta morada foi riscada.

⁵²⁰ No final desta frase, e também antes da palavra (Allemanha), foram escritas letras e números de muito difícil compreensão, que poderão talvez corresponder à assinatura de algum funcionário dos correios alemães.

⁵²¹ CCE 92 (MNA Ms. 10482).

os Museus todos, e alguns vi também em Madrid. O Museu da Academia de Historia está melhor um pouco do que estava. No Gabinete de Numismática da Biblioteca de M. é tal a ignorância que não conheciam nem os Monumenta ling. Ibericae nem o Manual de Campaner y Fuertes! – Em Paris falei com Babelon e C. Julien.⁵²² – Já depois que vim obtive novas inscrições romanas de Carquere: qualquer dia vou publicar todas as inscrições que tenho ineditas.⁵²³ Luto com grande falta de tempo!⁵²⁴ – Vejo citado um artigo de O. Hirschfeld, Aquitaniens in der Römerzeit., publicado in Sitzungsberichte de Berlin, 16 Abril 1896, p. 448 sqq., que eu muito desejava ler. Não poderia V. E. obter-me uma separata, ou um n.º, ainda que fosse só de empréstimo?⁵²⁵

Vou ver se obtenho os artigos de Giacomino e Rhys, a que V. E. se refere in Revista de Archivos, 1897, 241 sqq.⁵²⁶

De V. Ex. cr.º am.º obg.º

J. L. de V.

Neste correio remetto a V. E.. Póde V. E. dar-me a sua opinião em uma revista?⁵²⁷

Obtive para o Museu Ethnologico 2 monumentos do typo dos toros de Guisando.⁵²⁸

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Contém palavras em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 20/10/1897 e um carimbo

⁵²² Campaner y Fuertes, 1891; *MLI*. Ernest Charles François Babelon (07/11/1854-03/01/1924) foi um numismata, historiador e arqueólogo francês. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1901 e 1919 (Coito, 1999, pp. 28-29, n.º 213). Camille Jullian (15/03/1859-12/12/1933) foi um historiador, filólogo e epigrafista francês. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1899 e 1926 (Coito, 1999, pp. 131-132, n.º 1660). Acerca da viagem *vide* nota 512.

⁵²³ Vasconcelos, 1899-1900, pp. 208-212, n.ºs 3, 5, 6, 8 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.4.1).

⁵²⁴ *Vide* nota 332.

⁵²⁵ Hirschfeld, 1896.

⁵²⁶ Giacomino, 1896, pp. 1-20; Hübner, 1897c, p. 242, nota 1 (Claudio Giacomino), p. 245, notas 1-2 (John Rhys).

⁵²⁷ Leite de Vasconcelos refere-se ao envio do seu artigo na *Rivista di Storia Antica e Scienze Affini* (Vasconcelos, 1897a, pp. 5-6).

⁵²⁸ Touros de Guisando. As esculturas que entraram nas colecções do Museu Etnológico Português consistiram decerto nos berrões de Cabanas de Moncorvo (*CIL* II 3052; Vasconcelos, 1913b, pp. 15-43; Gimeno Pascual, Miranda Valdés, & Sánchez Medina, 2011, pp. 31-32, 63-64, n.º 20, de 10/11/1861; Schattner, 2014, pp. 381-382).

de Lisboa com a data de 24/10/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10483+A, de 20/10/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstr. 4, 20/10 97

Cher ami, après une longue absence je trouve votre carte du 5. Oct et la note sur Varro de-r.-r. II 1,19. Le changement de Tagro en Sacro fût déjà proposé par Ioseph Scaliger (1), qui se souvient naturellement du lieu de Columella (Script rei Rust. ed J. M. Gesner, vol. I, Lipsiae 1773 . 4 ., pag. 263), et le rapprochement entre Mela III 7 et Plinie IV 115.116 semble indiquer la même chose. Mais il y a là une difficulté: le mons sacer et le promontorium sacrum de Varron, suivi pas Mela et Plinie, n'est pas le Cap St. Vincent, le Cap sacré des sources plus anciennes, mais bien le Cap de Roca près Lisbonne. Question difficile, et à résoudre seulement par l'étude comparatif de toutes les sources de la géographie ancienne de ces régions. Du mémoire de Hirschfeld sur l'Aquitanie il n-y-a plus d'exemplaires; je ne trouve pas dans ce moment le mien, mais je penserai de vous l'envoyer. Du reste, les cahiers des Sitzungsberichte se vendent séparément.

Votre tout dévoué

E. H.

(1) pois eu o cito tambem em Script. R. R., p. 4 do meu folheto (vem incluído em Gesner)! P.S que m'o indica?⁵²⁹

Tradução:

B., W., Ahornstr. 4, 20/10/97

Caro amigo, depois de uma longa ausência⁵³⁰ encontro a sua carta do dia 5 de Outubro⁵³¹ e a nota sobre Varrão⁵³² de – v. r. II 1,19.⁵³³ A mudança de *Tagro* em *Sacro*

⁵²⁹ Esta nota foi provavelmente escrita por Leite de Vasconcelos, pois apresenta uma ortografia diferente da ortografia de Hübner.

⁵³⁰ Não nos foi possível aferir para onde viajou.

⁵³¹ Uma vez que existe uma carta de 9 de Outubro (CCE 93 (SMS Ms. 48)), enviada por Leite de Vasconcelos, preferimos considerar em “5” uma gralha ou má leitura por “9”.

⁵³² Marco Terêncio Varrão (116 a.C.-27 a.C.).

⁵³³ Vasconcelos, 1897a, pp. 5-6.

foi já proposta por Joseph Scaliger⁵³⁴ (1), que se recorda naturalmente do motivo de Columela (*Script rei Rust.*, ed. J. M. Gesner⁵³⁵, vol. I, Lipsiae 1773 . 4 ., pag. 263), e a aproximação entre Mela III 7 e Plínio IV 115.116⁵³⁶ parece indicar a mesma coisa. Mas existe uma dificuldade: o *mons sacer* e o *promontorium sacrum* de Varrão, recordado por Mela e Plínio, não é o Cabo de São Vicente, o Cabo sagrado das fontes mais antigas, mas antes o Cabo da Roca perto de Lisboa. Questão difícil, e a resolver somente pelo estudo comparativo de todas as fontes da geografia antiga destas regiões.⁵³⁷ Da memória de Hirschfeld sobre a Aquitania não existem mais exemplares; eu não encontro de momento o meu, mas cuidarei de o enviar a V. Ex.^a. De resto, os cadernos dos *Sitzungsberichte* vendem-se separadamente.⁵³⁸

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

(1) pois eu o cito também em *Script. R. R.*, p. 4 do meu folheto (vem incluído em Gesner)! P.S que m'o indica?⁵³⁹

95.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em francês e latim (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 49, de 01/11/1897).⁵⁴⁰

Monsieur et cher ami:

Lisbonne, 1. XI. 97

⁵³⁴ Joseph Justus Scaliger (05/08/1540-21/01/1609).

⁵³⁵ Johann Matthias Gesner (09/04/1691-03/08/1761).

⁵³⁶ Pompónio Mela (?-cerca de 45 d.C). Gaio Plínio Segundo, Plínio-o-Velho (23 ou 24 d.C.-25/08/79 d.C.).

⁵³⁷ Vasconcelos, 1905, pp. 7-47, 103-104, 199-216; Ribeiro, 1982-1983, pp. 165-166; Guerra, 1995, pp. 89, 96; Guerra, 1998, pp. 63-67.

⁵³⁸ Hirschfeld, 1896.

⁵³⁹ Esta nota foi provavelmente escrita por Leite de Vasconcelos, pois apresenta uma ortografia diferente da ortografia de Hübner.

⁵⁴⁰ No conjunto da correspondência epistolar de Leite de Vasconcelos, existem no Museu Nacional de Arqueologia (MNA 10483A) quatro folhas com notas de José Leite de Vasconcelos. Pelo teor do texto consideramos tratar-se de um apontamento ou rascunho do autor sobre a sua carta enviada.

Quoique la substitution de TAGRO par SACRO me soit venue à l'esprit avant de connaître le passage de Columella et les hypothèses des commentateurs, Scaliger etc.- que je connais de l'édition de Gesner, citée par moi, j'ai écrit mon article pour corroborer [sic] celles-ci: quae ante dixi eorum opinionem adiuvant qui iam censuerunt.....

Voici en quoi consiste mon raisonnement:

1^{ère} Partie

Varron parle d'un mont appelé TAGRO près de Lisbonne; une fois que ce nom n'est connu d'aucun autre écrivain, et que Columella fait mention, dans des conditions semblables, d'un mont qu'il appelle SACRO, il est possible et très probable qu'il y ait une erreur dans le texte varronien, et qu'on doive corriger TAGRO en SACRO.

2^e Partie

Cette hypothèse est confirmée par ce fait, qu'il existe tout près de Lisbonne, d'accord avec le texte de Columella, un Monsanto = Mon(te) Santo. Le mot sacer ayant disparu de l'usage vulgaire des langues romanes, et conséquemment de la langue portugaise, où il a été substitué par sanctus, on peut admettre que ce nom moderne Monsanto soit une traduction d'un nom ancien Mons sacer.

Donc, la correction de TAGRO en SACRO est légitime, d'autant plus que C alterne ave [sic] G dans les graphies, et que S pouvait être facilement pris par T, surtout sous l'influence du nom TAGVS du fleuve voisin.

À Scaliger appartient seulement la première partie du raisonnement.

Au sujet des considérations que vous ajoutez, je me permets de vous demander quelques explications, parce que je ne comprends pas ce que vous voulez dire. Excusez moi de cette peine que je vous donne, mais tout mon désir est toujours d'arriver à la vérité, et je ne crains pas de faire des demandes quand je ne sais pas les choses.

Vous dites que le Mons Sacer et le Promunturium Sacrum de Varron, suivi par Méla et Plin, n'est pas le Cap. S.^t Vincent, mais bien le Cap de la Roca.

Cependant,

Méla, III, 1, parle expressément de trois caps:

a) Cuneus, où est Myrtilis, Balsa, Ossonoba;

b) Sacrum, où est Lacobriga et Portus Annibalis;

c) Magnum, où est Ebora (d'Alcobaça):

Donc, chez Méla le cap de la Roca n'est pas le Cap S^{t541} Vincent, mais bien le Cap Magnum.

Pline parle du Promunturium (Artabrum) Magnum, Olisiponense:

Donc chez cet auteur le Cap de la Roca n'est pas le Pr. Sacrum, mais bien le Magnum, de même que chez Mela.

Et, en outre, quel est le passage de Varron où se trouve mentionné le Promunturium Sacrum, comme vous dites? Je l'ai cherché, mais je ne l'ai pas trouvé.

Je vous prie, cher Maître, de m'éclaircir sur ces points, parce que votre carte postale m'a laissé déconcerté.

Sans doute, il pouvait exister plusieurs monts et plusieurs promontoires avec le nom sacer, parce que ce nom est un appellatif. Ainsi, près du Tagus il y avait un «mons sacer», aujourd'hui Monsanto; dans le Cap. de la Roca il y avait un autre «mons sacer», qui était la Serra da Lua en Sintra; et combien d'autres «montes sacri» n'y aurait-il pas, qui correspondaient aux divers Monsantos, Montes Santos et Montes de Santos, que l'on connaît à présent en Portugal? On peut dire le même des caps.

Agréez, Monsieur, l'assurance de m[a]⁵⁴² haute considération,

Votre bien dévoué

José Leite de Vasconcellos

P. J.⁵⁴³ J'aurai l'honneur de vous envoyer dans quelques jours le 1^{er} vol. de mes Religions de la Lusitanie.

Je viens de lire dans la Revista de archives bibl. y museus un article de Berlanga sur les monnaies de Salacia. L'auteur est en furie! Mais il ne parle pas de la S qui est dans les monnaies, ainsi que je l'ai montré dans mon article.

⁵⁴¹ Verificamos nesta carta a redação da abreviatura da palavra “Saint” por duas formas diferentes, “S.^b” e “S^b”.

⁵⁴² O manuscrito está danificado neste local, não aparecendo a letra *a*. No entanto, pensamos poder reconstituir *ma*, uma vez que faz sentido.

⁵⁴³ P. J. significará “Pieces Jointes”.

Tradução:

Senhor e caro amigo:

Lisboa, 01/11/97

Embora a substituição de *Tagro* por *Sacro* me tenha vindo ao espírito antes de conhecer o passo de Columela e as hipóteses dos comentadores, Scaliger etc.- que eu conheço da edição de Gesner, citada por mim, eu escrevi o meu artigo para corroborar estes: as coisas que anteriormente disse favorecem a opinião daqueles que já deram o seu parecer.

Eis em que consiste o meu raciocínio:

1ª Parte

Varrão fala de um monte chamado *Tagro* perto de Lisboa; uma vez que este nome não é conhecido por nenhum outro escritor, e que Columela menciona, em condições semelhantes, um monte que ele denomina *Sacro*, é possível e muito provável que exista um erro no texto varroniano, e que se deva corrigir *Tagro* para *Sacro*.

2ª Parte

Esta hipótese é confirmada pelo facto de existir muito perto de Lisboa, de acordo com o texto de Columela, um Monsanto = Mon(te) Santo. Tendo a palavra *sacer* desaparecido do uso vulgar das línguas românicas, e consequentemente da língua portuguesa, onde foi substituída por *sanctus*, pode-se admitir que este nome moderno Monsanto seja uma tradução de um nome antigo *Mons sacer*.

Portanto, a correcção de *Tagro* em *Sacro* é legítima, tanto mais que *C* alterna com *G* nas grafias, e que *S* podia ser facilmente tomado por *T*, sobretudo sob a influência do nome *Tagus* do rio vizinho.

A Scaliger cabe somente a primeira parte do raciocínio.

No tocante às considerações que V. Ex.^a acrescenta, permito-me pedir-lhe algumas explicações, porque não compreendo aquilo que querei dizer. Desculpe o trabalho que lhe dou, mas o meu único desejo é chegar sempre à verdade, e não receio fazer perguntas quando não sei as coisas.

V. Ex.^a diz que o *Mons Sacer* e o *Promunturium Sacrum* de Varrão, seguido por Mela e Plínio, não é o Cabo de S. Vicente, mas antes o Cabo da Roca.

No entanto,

Mela, III, 1, fala expressamente de três cabos:

- a) *Cuneus*, onde está *Myrtilis*, *Balsa*, *Ossonoba*;
- b) *Sacrum*, onde está *Lacobriga* e *Portus Annibalis*;
- c) *Magnum*, onde está *Ebora* (de Alcobaça):

Portanto, em Mela o Cabo da Roca não é o Cabo de S. Vicente, mas antes o Cabo *Magnum*.

Plínio fala do *Promunturium (Artabrum) Magnum, Olisiponense*:

Portanto neste autor o Cabo da Roca não é o *Pr. Sacrum*, mas sim o *Magnum*, da mesma maneira que em Mela.

E, por outro lado, qual é o passo de Varrão onde se encontra mencionado o *Promunturium Sacrum*, como V. Ex.^a diz? Eu procurei-o, mas não o encontrei.

Peço a V. Ex.^a, caro Mestre, que me esclareça a respeito destes pontos, uma vez que o seu postal me deixou desconcertado.

Sem dúvida, podia haver muitos montes e muitos promontórios com o nome *sacer*, porque este nome é um apelativo. Assim, perto do Tejo existia um *mons sacer*, hoje Monsanto; no Cabo da Roca havia um outro *mons sacer*, que era a Serra da Lua em Sintra; e quantos outros *montes sacri* não existiriam, os quais correspondiam aos diversos Monsantos, Montes Santos e Montes de Santos, que se conhecem presentemente em Portugal? Pode-se dizer o mesmo dos cabos.⁵⁴⁴

Aceite, Senhor, o penhor da minha elevada consideração,

De V. Ex.^a sempre dedicado

José Leite de Vasconcelos

P. S. Terei a honra de enviar a V. Ex.^a dentro de alguns dias o 1.º vol. das minhas *Religiões da Lusitânia*.⁵⁴⁵

Acabo de ler na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* um artigo de Berlanga acerca das moedas de *Salacia*. O autor está em fúria! Mas ele não fala do *S* que existe nas moedas, tal como eu revelei no meu artigo.⁵⁴⁶

⁵⁴⁴ Vasconcelos, 1905, pp. 7-47, 103-104, 198-216; Ribeiro, 1982-1983, pp. 165-166; Guerra, 1995, pp. 85-87, 89, 96; Guerra, 1998, pp. 63-67.

⁵⁴⁵ Vasconcelos, 1897c (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

96.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 13/11/1897 e um carimbo alemão com a data de 17/11/1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 50, de 13/11/1897).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Allemanha)

Ex.^o. Am.^o. e S.^r.

Lisboa 13. XI. 97

Neste correio envio a V. E. o 1.^o vol. das minhas Religiões da Lusitania, que peço me acceite como prova de summa consideração. Não poderá V. E. publicar uma critica em uma revista de Hespanha?⁵⁴⁷

Talvez a notícia relativa à minha dúvida exposta na minha última carta venha no trabalho de Ritschl nas Actas da Soc. de Leipzig, De M. Varrone et Isidoro Char. C. Plinii in libris geogr. que V. E. cita na Arqueologia en España, pag. 12; mas não possuo ainda este trabalho, vou mandá-lo comprar.⁵⁴⁸

A minha vida é cada vez mais afadigada. Não me posso mexer! Quero ver se no proximo anno estou mais alliviado!⁵⁴⁹

Sou com toda a estima

De V. Ex.

cr.^o am.^o obgd.^o

J. L. de V.

97.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 18/11/1897 e um carimbo de Lisboa com a data de 22/11/1897 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10484, de 17/11/1897 (Coito, 1999, p. 129, n.^o 1619)).

⁵⁴⁶ Vasconcelos, 1896a, pp. 280-282; Rodríguez de Berlanga, 1897, pp. 443-440.

⁵⁴⁷ Vasconcelos, 1897c; Hübner, 1898a, pp. 930-932 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

⁵⁴⁸ O trabalho é de Gustavus Oehmichen. Friedrich Wilhelm Ritschl era o director da *Acta Societatis Philologiae Lipsiensis*, onde a obra foi editada (Oehmichen, 1873; Hübner, 1888b, p. 12).

⁵⁴⁹ *Vide* nota 332.

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 17/11 97

Mon cher ami, j'ai reçu votre lettre du 1. Nov. et autre carte postale du 13: il est impossible de vous expliquer brièvement mes opinions sur la tradition géographique ancienne relative aux promontoires de la Lusitanie. Je le ferais un jour dans un livre que j'ai sous mains il y a longtemps, mais qui procède lentement à cause des obligations différentes qui pèsent sur moi. Il existe une foule de dissertations etc. sur les sources de Pline; celle du Oehmichen est une, mais qui ne regarde qu'une partie des livres de Pline. Je doute de l'identité du promontorium sacrum et du mons sacer. Votre livre sur les Religions de la Lusitanie n'est pas encore arrivé: j'en ferais très-volontièrement un notice pour le Journal de M. Altamira. Je vous souhaite de tout mon coeur une relâche de vos travaux fatigants.

Votre tout dévoué

E. H.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 17/11/97

Meu caro amigo, recebi a sua carta do dia 1 de Novembro e o outro postal do dia 13⁵⁵⁰: é impossível explicar brevemente a V. Ex.^a as minhas opiniões sobre a tradição geográfica antiga relativa aos promontórios da Lusitânia. Fá-lo-ei um dia num livro que tenho em mãos há muito tempo, mas que avança lentamente por causa das diferentes obrigações que pesam sobre mim. Existe uma multidão de dissertações etc. sobre as fontes de Plínio; a do Oehmichen é uma, mas que não olha senão para uma parte dos livros de Plínio. Eu duvido da identidade do *promontorium sacrum* e do *mons sacer*.⁵⁵¹ O seu livro sobre as religiões da Lusitânia ainda não chegou: eu farei de bom grado uma notícia para o Jornal do Sr. Altamira.⁵⁵² Desejo de todo o meu coração a V. Ex.^a um descanso dos seus fatigantes trabalhos.⁵⁵³

⁵⁵⁰ CCE 95 (SMS Ms. 49) – CCE 96 (SMS Ms. 50).

⁵⁵¹ Vasconcelos, 1905, pp. 7-47, 103-104, 198-216; Ribeiro, 1982-1983, pp. 165-166; Guerra, 1995, pp. 85-87, 89, 96-98; Guerra, 1998, pp. 63-67.

⁵⁵² Rafael Altamira y Crevea foi director da *Revista Crítica de Historia, Literatura Españolas, Portuguesas y Americanas* até 1898. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1896 e 1907. Estranhámos não existir correspondência com Hübner (Vasconcelos, 1897c; Hübner, 1898a, pp. 930-932;

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

3.4.10 Ano de 1898

98.

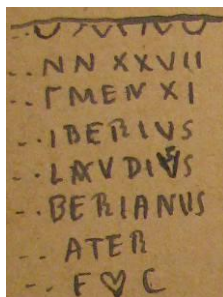
Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Contém uma frase em alemão. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 13/01/1898 e um carimbo alemão com a data de 17/01/1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 52, de 11/01/1898).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Allemanha)

Josephus Leite de Vasconcell = Aemilio Hübner s. p. d.⁵⁵⁴

Domum ex itinere reversus quod per Extremaduram Portugalensem diebus feriatis novissimis, Nativitatis Domini tempore, feci, de diligentia mea epigraphica te certiolem a me fieri volo. Resp. 21/1 98⁵⁵⁵

Apud Josephum Callado amicum nostrum Juncal in vico triduum fui. Duos titulos Romanos possidet, in C. I. L. iam editis, quorum alterum sic lego:



6273⁵⁵⁶

Coito, 1999, p. 19, n.º 89. Cfr. Gimeno Pascual, Miranda Valdés, & Sánchez Medina, 2011, pp. 22-29. Vide capítulo 4.1.2.6).

⁵⁵³ Vide nota 332.


⁵⁵⁴ *Salutem plurimam dicit.*

⁵⁵⁵ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 99.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 99 (MNA Ms. 10486)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

In v. 1 credo [S]omno non [D]omno fuisse. Cf. Hypnum in titulis aliis.

In v. 3 credo [e]t men(sibus) vel men(sium) ... legendum

In v. 7 credo (P)ater non (Fr)ater fuisse.

In v. 8 F  C non PC video.

In v. 5 LAVDIVS (Callado recte legit)

Porto de Mós in oppidum etiam iui. Titulos qui in castello sunt denuo descripsi:
eorum alterum ita lego:

5237⁵⁵⁷

D . M S

C . A . M Papierabklatsch de TYBERIVS von Mertola fehlen noch.⁵⁵⁸

ANNLXX 

CLAVDIVS

IVLIANVS

PA . PISSIMO

FC 

alterum:

5238 CSVLPICIO

PIILIO . CIILTIF

MILITI . CORTIS

LVSITANORVM

QVI . OBIT CVLVNI

AII . III CVNA F

In vv. 5 et 6 CVLVNIAII III CVNA F = Cluniae ei Cuna f(ecit).

Cortis, Culuniae, obit sermo vulgaris detegitur.

⁵⁵⁶ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

⁵⁵⁷ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

⁵⁵⁸ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

Improbum laborem in hoc difficili titulo legendo insumpsi, nam horas fere duas in scalis altis sub sole permansi, et saepe ascendi atque descendi. Sed magna adfectus sum laetitia, cum Culuniae ei Cuna legerem!

De his aliisque in ephemeride O Arch. Port. pluribus verbis propediem scribam.

Vale et me ama.

Pridie 11. Januar. a. MDCCCXCVIII. Olisipone.

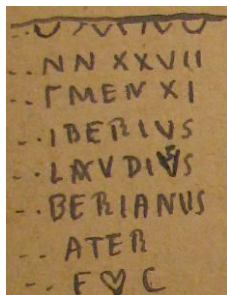
Tradução:

José Leite de Vasconcelos apresenta os melhores cumprimentos a Emílio Hübner

Regressado a casa vindo de uma viagem que fiz pela Estremadura portuguesa, durante os últimos dias festivos, no Natal, quero informar V. Ex.^a acerca da diligência epigráfica por mim feita.⁵⁵⁹

Resp. 21/1 98⁵⁶⁰

Estive três dias em casa do nosso amigo José Calado, na aldeia do Juncal⁵⁶¹. Ele possui duas inscrições romanas, já editadas no *CIL*, a segunda das quais leio assim:



6273⁵⁶²

Na linha 1 creio ter sido [S]omno e não [D]omno. Cf. *Hypnum* noutras inscrições.

Na linha 3 creio que deve ser lido [e]t men(sibus) ou men(sium)

Na linha 7 creio ter sido (P)ater e não (Fr)ater.

Na linha 8 vejo F  C e não PC.

Na linha 5 LAVDIVS (Calado leu correctamente)⁵⁶³

⁵⁵⁹ Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.10-I.2.11.2).

⁵⁶⁰ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 99.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 99 (MNA Ms. 10486)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

⁵⁶¹ José Francisco Barreiros Calado (?) correspondeu-se com Hübner em 1889-1890 e com Leite de Vasconcelos nos anos de 1897-1917 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 4-5, de 18/05/1889 e 04/05/1890; Coito, 1999, p. 55, n.º 535; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.2).

⁵⁶² Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

Fui também à localidade de Porto de Mós. Transcrevi de novo as inscrições que estão no castelo, a primeira das quais leio assim:

5237⁵⁶⁴

D . M S

C . A . M

Ainda falta o decalque de *TYBERIVS* de Mértola.⁵⁶⁵

ANNLXX ■

CLAVDIVS

IVLIANVS

PA . PISSIMO

FC ■

a segunda:

5238 *CSVLPICIO*

PIILIO . CIILTIF

MILITI . CORTIS

LVSITANORVM

QVI . OBIT CVLVNI

AII . III CVNA F

Nas linhas 5 e 6 *CVLVNIAII III CVNA F* = *Cluniae ei Cuna f(ecit)*.

Em *Cortis*, *Culuniae*, *obit* descortina-se o nível vulgar da linguagem.

Assumi uma tarefa dura lendo esta difícil inscrição, pois permaneci quase duas horas ao sol numa escada alta, e subi e desci muitas vezes. Mas fui tomado de uma enorme alegria quando li *Culuniae ei Cuna*!⁵⁶⁶

Sobre estas e outras inscrições, escreverei em breve mais desenvolvidamente na revista *O Arqueólogo Português*.⁵⁶⁷

⁵⁶³ Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.10).

⁵⁶⁴ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

⁵⁶⁵ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. CCE 84 (SMS Ms. 45, n.º 4 = Vasconcelos, 1897c, p. 291, n.º 4); *IHC* – S 314 (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁵⁶⁶ Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 208-209 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.11, I.2.11.1-I.2.11.2).

Adeus e estime-me.

Na véspera de 11 de Janeiro do ano 1898. Lisboa.

99.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 21/01/1898 e um carimbo de Lisboa com a data de 24/01/1898 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10486, de 21/01/1898 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 21/I 98

Cher Monsieur, les corrections aux textes des inscriptions II 5237 – ou un vers entier ANN LXXIII manquait à la copie de Soromenho -, 5238 OBIT CVLVNIAII, ce qui est évidemment Cluniae, IICVNAF sera le nom barbare d'un homme Tecuna?, si ce n'est pas [S]ecun[d]a; ei Cuna f(ecit) est contre le stile de ces inscriptions -, et 6273, ou vous croyez Somnus le cognomen du défunt, dont je ne connais pas d'exemples, - toutes ces corrections sont bien venues. Mais il me manque toujours encore l'estampage de l'inscription visigothique TYBERIVS IICTO/R, que vous m'avez promise. Mon supplément aux Inscr. Hisp. Christ. est sous presse; il m'importe donc, s'il est possible, de donner le facsimile aussi de cette inscription, comme de toutes les autres. Quand est-ce que nous vous pouvons attendre ici à Berlin? Notre jeune ami Carlos Vasconcellos m'en parlait l'autre jour.

Votre tout dèvoué

E. H.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 21/01/98

⁵⁶⁷ Vasconcelos, 1898, pp. 105-109, 117-120, 122-125, 130-131, 157, 223-224, 264-266, 304-305, 335, 340; Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.10-I.2.11.2).

Caro Senhor, as correcções aos textos das inscrições II 5237 – onde uma linha inteira *ANN LXXIII* faltava à cópia de Soromenho⁵⁶⁸ –, 5238 *OBIT CVLVNIAII*, o que é evidentemente *Cluniae*, *IIICVNAF* será o nome indígena de um homem *Tecuna*?, se não é *[S]ecun[d]a*; *ei Cuna f(ecit)* é contra o estilo destas inscrições -, e 6273, onde V. Ex.^a pensai que *Somnus* é o *cognomen* do defunto, do qual eu não conheço exemplos, - todas estas correcções são bem-vindas.⁵⁶⁹ Mas falta-me em todo o caso ainda a imagem da inscrição visigótica *TYBERIVS IICTO/R*, que V. Ex.^a me prometeu. O meu suplemento das *Inscr. Hisp. Christ.* está no prelo; convinha-me pois, se for possível, dar também o fac-símile desta inscrição, como de todas as outras.⁵⁷⁰ Quando é que nós podemos esperar V. Ex.^a aqui em Berlim? O nosso jovem amigo Carlos Vasconcelos falou-me nisso no outro dia.⁵⁷¹

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

100.

Tipo de Documento: Carta em folheto com quatro páginas, escrita em português. Contém palavras em grego (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 51, de 25/01/1898).

Resp. 2/2 98

26/1 98⁵⁷²

[...] ⁵⁷³

⁵⁶⁸ Augusto Soromenho (20/02/1833-09/01/1878) correspondeu-se com Hübner em 1861-1877 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 31-74, de 08/1861-1877; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.1).

⁵⁶⁹ Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.10-I.2.11.2).

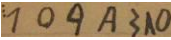
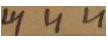
⁵⁷⁰ CCE 84 (SMS Ms. 45, n.º 4 = Vasconcelos, 1897c, p. 291, n.º 4); *IHC* – S 314 (*Vide* capítulo 4.1.3).


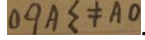
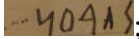
⁵⁷¹ Carlos Michaëlis de Vasconcelos (12/1877-?). Existe uma carta sua enviada a Hübner de 20/01/1898. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1899 e 1929 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 119, de 20/01/1898; Coito, 1999, p. 258, n.º 3494; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.2). Leite de Vasconcelos efectuou uma viagem à Alemanha em 1899 (Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578. *Vide* capítulo 4.1.2).

⁵⁷² Estas duas datas estão escritas em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. Uma vez que esta carta apresenta a data de 25/01/1898 e a carta seguinte está datada de 02/02/1898 (CCE 101 (MNA Ms. 10487)), consideramos que 26/01/1898 tenha sido a data dos correios portugueses, pois um dia é pouco tempo para uma carta oriunda de Portugal chegar à Alemanha, e 02/02/1898 a data de resposta do investigador alemão.

⁵⁷³ A folha foi cortada, pelo que nos falta o início da carta.

que creio ser:

1.  = oasaron
2.  = nni⁵⁷⁴

Noutra inscr. iber. que publico n-O Archeologo lê-se também  ou . Brevemente a lerá n-O Arch. No Mon. Ling. Ib., LXIX há: ; cf. LXIV etc. Teremos: saronahkonthi? – Sobre ella publicarei n-O Arch. um artigo, que depois V. E. verá.⁵⁷⁵

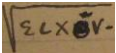
Na mesma localidade vi outra inscrição, mas romana, em muito mau estado. Só li: [...]⁵⁷⁶

Além d'isto, trouxe para o Museu vários objectos. Vê V. Ex.^a que não perdi o tempo.⁵⁷⁷

*

Ontem recebi um opusculo de V. E. Só li ainda o artigo sobre a Callaecia; nestes dias irei lendo os outros. Sobre a expressão ἄθεοι⁵⁷⁸ applicada aos Gallegos, creio que ella significa que os Gallegos não tinham idolos, e não que eram atheus: fallei d'isto in Rev. Lusit., II, 346-347. Já também num opusculo meu, Estudo ethnographico, p. 13, comparei o facto de as mulheres Lusitanas trabalharem no campo com o que hoje succede. – Muito agradeço o offerecimento de V. E.⁵⁷⁹

*

Quanto ao C.I.L. II, 5238, também pensei se seria IIICVNA um nome bárbaro; depois é que me lembrei de III-EI. Não pôde pensar-se nem em Tecuna, nem em Secunda. Visto não poder ser III=EI, teremos então Eicuna ou Iecuna; acaso ĪCONE =  ?? Cf. Iconius, -Iconio C. I. L. II, 898.

O cognomen Somnus não seria estranho, pois ha HYPNVS.⁵⁸⁰

Suppus que tinha enviado o decalque de TYBERIVS. Como o não mandei, qualquer dia irá.⁵⁸¹

⁵⁷⁴ Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-41 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁵⁷⁵ *MLI*; Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁵⁷⁶ A folha foi cortada, pelo que nos falta esta parte da carta. Vasconcelos, 1899-1900, p. 42 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.12).

⁵⁷⁷ Vasconcelos, 1899-1900, p. 41.

⁵⁷⁸ Tradução: “atheus”.

⁵⁷⁹ Hübnér, 1897a, pp. 1356-1359; Vasconcelos, 1890-1892, pp. 346-347; Vasconcelos, 1938b, pp. 401-402.

⁵⁸⁰ Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.10-I.2.11.2).

*

Effectivamente conto ir para Berlin praticar com V. E., se V. Ex^a. estiver disposto a aturar-me, em 1899. Sobre este ponto escreverei a V. E.^a depois, mais circunstanciadamente.⁵⁸²

*

Rogo a V. E. o obsequio de me recommendar ao Carlos de Vasconcellos.⁵⁸³

*

Sou com toda a consideração,
De V. Ex.
cr.º am.º mt.º obg.
e adm.^{or}

Lisboa 25. I. 98.

José Leite de Vasconcellos

101.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlin com a data de 02/02/1898 e um carimbo de Lisboa com a data de 06 ou 08/02/1898 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10487, de 02/02/1898 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).⁵⁸⁴

Destinatário: S. D. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 2/ 2 98

Cher Monsieur,

Les deux nouvelles inscriptions ibériques dans votre dernière lettre sont intéressantes: il doit en avoir encore bien d'autres là bas. Dans la latine de Salir le nom du dédicant est probablement [L.] Supaicus [Pa]ulinu[s]; les noms indigènes en -icus servaient aussi

⁵⁸¹ CCE 84 (SMS Ms. 45, n.º 4 = Vasconcelos, 1897c, p. 291, n.º 4); *IHC* – S 314 (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁵⁸² CCE 107 (SMS Ms. 56); Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁵⁸³ Carlos Michaëlis de Vasconcelos (12/1877-?) (*Vide* nota 571).

⁵⁸⁴ O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando nomeadamente o dia. A forma que resta permite entrever um 6 ou um 8, pelo que propomos um destes dias.

comme gentilicia (MLI p. CXXI et l'Index s.v. Pagusicus). Je ne comprends pas la dernière ligne: [l(ibens) a(nimo) v]ov(it) ri(te)? Ou sont elles modernes: [no campo d'] Ouri[que]? Vous le direz dans votre article du Archeologo. Le dernier cahier du Archeologo que j'ai reçu est celui du Mai et Juin 1897 (n° 5 et 6): n'y-a-t-il pas de plus récents? Vous êtes toujours le bienvenu quand vous verrez nous visiter ici.

J'attends le calque du Tyberianus; il m'en faut pour la première partie du Supplément aux Inscr. Hisp. Christ.

Votre tout dévoué

E. H.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 02/02/98

Caro Senhor,

As duas novas inscrições “ibéricas” da sua última carta são interessantes: ainda devem existir outras por lá.⁵⁸⁵ Na latina de Salir o nome do dedicante é provavelmente [L.] *Supaicus* [Pa]ulinu[s]; os nomes indígenas em -icus servem também como *gentilicia* (MLI p. CXXI e o Index s.v. *Pagusicus*). Não compreendo a última linha: [l(ibens) a(nimo) v]ov(it) ri(te)? Ou elas são modernas: [no campo d'] *Ouri[que]*? V. Ex.^a di-lo-á no seu artigo do *Arqueólogo*.⁵⁸⁶ O último caderno do *Arqueólogo* que eu recebi é o de Maio e Junho de 1897 (n.º 5 e 6): não existem mais recentes?⁵⁸⁷ V. Ex.^a será sempre bem-vindo quando nos vier visitar aqui.⁵⁸⁸

Espero o decalque do *Tyberianus*; ele faz-me falta para a primeira parte do Suplemento das *Inscr. Hisp. Christ.*.⁵⁸⁹

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

⁵⁸⁵ CCE 100 (SMS Ms. 51); Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-41 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁵⁸⁶ Vasconcelos, 1899-1900, p. 42 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.12).

⁵⁸⁷ Vasconcelos, 1897 (ed.), pp. 113-160.

⁵⁸⁸ CCE 107 (SMS Ms. 56); Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁵⁸⁹ CCE 84 (SMS Ms. 45, n.º 4 = Vasconcelos, 1897c, p. 291, n.º 4); *IHC* – S 314 (*Vide* capítulo 4.1.3).

102.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em francês. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 16/02/1898 e um carimbo de Lisboa com a data de 20/02/1898 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10488, de 15/02/1898 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 15/2 98

Cher Monsieur,

J'ai reçu le n° 7 et 8 du Archeologo; où est le concelho de Cadaval et S. Thomás das Lamas?; je ne le trouve pas sur mes cartes. Il est dommage qu'on ne connait pas toute la relation de l'Ingénieur von Hafe sur Panoias, le 2395 c (Archeologo III p. 59) et le e (p. 177) déjà donnent un texte assez intelligible. Si vous me pouvez donner les autres textes copiés par von Hafe, je vous écrirai volontièrement une lettre sur toutes les cinq inscriptions, à publier dans l'Archeologo; car elles sont très intéressantes et auront à figurer dans le deuxième volume de vos Religiões da Lusitania. Je n'ai pas encore étudié bien la nouvelle et grande inscription de Bensafrim; elle semble très-intéressante. Je ne vois pas encore celle de Salir. Il est dommage que les autres inscriptions de ce cahier sont déjà connues: n° 421 . 422 . 5652, sauf le fragment de Chaves p. 207, qui semble inédit, mais n'a pas grande valeur.

Votre tout-dévoué

E. H

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 15/02/98

Caro Senhor,

Recebi o n.º 7 e 8 do *Arqueólogo*⁵⁹⁰; onde é o concelho de Cadaval e S. Tomé das Lamas?; eu não o encontro nos meus mapas⁵⁹¹. É uma pena que não se conheça todo o relatório do Engenheiro von Hafe sobre Panóias, o 2395 c (*Arqueólogo* III, p. 59) e o e

⁵⁹⁰ Vasconcelos, 1897 (ed.), pp. 161-208.

⁵⁹¹ A freguesia de Lamas pertence actualmente ao concelho do Cadaval, distrito de Lisboa. No século XIX, o Cadaval pertenceu à comarca de Alenquer. CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

(p. 177) fornecem já um texto bastante inteligível. Se V. Ex.^a podei dar-me os outros textos copiados por von Hafe, eu lhe escreverei com todo o gosto uma carta sobre todas as cinco inscrições, para publicar no *Arqueólogo*; porque elas são muito interessantes e vão figurar no segundo volume das vossas *Religiões da Lusitânia*.⁵⁹² Ainda não estudei bem a nova e grande inscrição de Bensafrim; parece muito interessante.⁵⁹³ Ainda não vi a de Salir.⁵⁹⁴ É uma pena que as outras inscrições deste caderno sejam já conhecidas: n.ºs 421 . 422 . 5652, à excepção do fragmento de Chaves p. 207, que parece inédito, mas que não tem grande valor.⁵⁹⁵

De V. Ex.^a sempre dedicado

E. H.

103.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 21/02/1898 e um carimbo de Lisboa com a data de ?/[02]/1898 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10489, de 21/02/1898 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).⁵⁹⁶

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W., Ahornstrasse 4, 21/2 98

Aemilius Hübner Iosepho Leite s.⁵⁹⁷

Heri accepi Tyberianum, optima illum condicione huc transportatum, hodie exempla dissertatiunculae meae de titulo ad S. Thomam das Lamas repertum. Accipe grati animi significationem pro ambobus. Dic mihi, cuius originis vobis videtur lama vocabulum pro luto? Estne valde vetustum et fortasse Ibericum? confer lamaticom, Lamaecum (Lamego). Vale mihi que favere pergas.

⁵⁹² Vasconcelos, 1897b, pp. 58-61, 177-180; Vasconcelos, 1905b, pp. 187-188; Vasconcelos, 1913b, pp. 465-474 (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.6, I.3.2).

⁵⁹³ Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁵⁹⁴ Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-41 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁵⁹⁵ *CIL* II 421-422; *CIL* II – S 5652; Lopo, 1897, p. 192; Azevedo, 1897, pp. 194-195, n.º 122, pp. 207-208, n.º 138 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁵⁹⁶ O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando nomeadamente o dia e o mês. A forma que resta permite entrever um 2 no lugar do mês, o que se coaduna com as outras datas que a carta apresenta.

⁵⁹⁷ *Salutem*.

Tradução:

Berlim, W., Ahornstrasse 4, 21/02/98

Emílio Hübner saúda José Leite

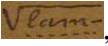
Recebi ontem o Tiberiano, que chegou aqui em excelente estado⁵⁹⁸, hoje vi as provas do meu pequeno artigo, acerca da inscrição encontrada perto de S. Tomé das Lamas.⁵⁹⁹ Receba V. Ex.^a o penhor da minha gratidão por ambos. Diga-me V. Ex.^a qual a origem, na vossa opinião, do vocábulo *lama* com o sentido de “lodo”? É muito antigo e talvez ibérico? Compare V. Ex.^a com *lamaticom*, *Lamaecum* (Lamego).⁶⁰⁰ Adeus e espero que continue a distinguir-me com a sua amizade.

104.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Contém palavras em latim e grego. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 24/03/1898 e um carimbo alemão com a data de 28/03/1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 53, de 24/03/1898).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Allemanha)

E. Am^o. e S.

Desculpe-me V. Ex.^a. por não lhe ter escrito. Não disponho quasi nunca de um momento!⁶⁰¹ – O Relatorio de von Hafe conhece-se todo; mas, como digo n-O Arch., elle nada mais contém de interesse sobre Panoias senão o que extractei. – Logo que eu possa, publicarei a inscrição de LAPITEARVM. Das outras espero decalques, que pedi a um amigo meu de Villa-Real.⁶⁰² – Quanto ao etymo de lama, creio que não é outro senão o lat. lama (λάμος). Effectivamente Lamaecus suppõe a existencia do , mas póde ser mera coincidencia phonetica, ou haver simples parentesco.⁶⁰³ – O Cadaval fica na comarca de Alemquer, districto de Lisboa.⁶⁰⁴ – Logo que V. Ex.^a. tenha estudado

⁵⁹⁸ CCE 84 (SMS Ms. 45, n.º 4 = Vasconcelos, 1897c, p. 291, n.º 4); *IHC* – S 314 (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁵⁹⁹ CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167) (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

⁶⁰⁰ Vasconcelos, 1911b, p. 338 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

⁶⁰¹ *Vide* nota 332.

⁶⁰² Vasconcelos, 1897b, pp. 58-61, 177-180; Vasconcelos, 1913, pp. 465-474 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.3.2).

⁶⁰³ Vasconcelos, 1911b, pp. 332-333 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

⁶⁰⁴ *Vide* nota 624 (CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167). *Vide* capítulos 4.1.2, I.2.7).

a inscrição de Bensafrim, muito desejarei saber a opinião de V. Ex.^a.⁶⁰⁵ – Na Paschoa tenciono sahir em estudos prehistoricos.⁶⁰⁶ – Adquiri ha poucos dias em Leiria um bello mosaico romano, em que se vêem várias figuras mythologicas.⁶⁰⁷ – Se V. E. vir o Carlos, obsequeia-me recommendando-me a elle.⁶⁰⁸

Sou com toda a consideração

De V. Ex.

cr.º am.º obg.º

J. L. de V.

Lix.^a. 24. III 98

105.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de [../04/1898] e dois carimbos alemães com as datas de 24/04/1898 e de 25/04/1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 54, de [../..]/1898).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Allemanha)

Josephus Leite de Vasconcellos Doctori Aemilio Hübner s. p. d.⁶⁰⁹

Tempus Paschale in regione fui Transtagiana, in agro Montemaiorensi, ubi effossiones in sepulcris quae antas sermone Portugalensi dicuntur faciendas curavi: supellex multa, ab ultima antiquitate repetita, in Museum ethnologicum transportata est. Nihil autem Romani in itinere meo repperi, nisi tegulas litteris figulinis inscriptas, pondera, vasa, cetera.

Ex amico accepi stelas antiquissimas prope Pacem Iuliam inventas esse, quorum unam litteris inscriptam, quantum puto, Ibericis. In animo habeo a. d. X Kal. Maias illuc proficisci; de inquisitionum mearum eventu te certiore continuo faciam.

Vale meque ama.

⁶⁰⁵ Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁶⁰⁶ Gama, 1964, p. 200, n.º 143, de 18/04/1898 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁶⁰⁷ Mosaico de Orfeu, descoberto em Martim Gil, Marrazes, Leiria (Vasconcelos, 1899-1900, pp. 330-331; Vasconcelos, 1913b, pp. 492-495; Kuznetsova-Resende, 2002, pp. 289-291; Janine Lancha *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 493, n.º 175).

⁶⁰⁸ Carlos Michaëlis de Vasconcelos (12/1877-?) (*Vide* nota 571).

⁶⁰⁹ *Salutem plurimam dicit.*

Olisipone. 1898.

Tradução:

José Leite de Vasconcelos saúda o Doutor Emílio Hübner

No período pascal estive no Alentejo, no território de Montemor, onde realizei escavações nas sepulturas que em português se chamam antas: numerosos utensílios, que remontam à mais alta antiguidade, foram transportados para o Museu Etnológico. Mas nada descobri, de romano, na minha viagem, excepto tégulas com marcas de oleiro gravadas, pesos, recipientes e outros.⁶¹⁰

Recebi de um amigo estelas antiquíssimas que foram encontradas perto de *Pax Iulia*, das quais uma tem gravada letras, segundo julgo, ibéricas. Tenho a intenção de partir para lá no dia 22 de Abril; manterei V. Ex.^a continuamente informado do resultado das minhas pesquisas.⁶¹¹

Adeus e estime-me.

Lisboa. 1898.

106.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 27/06/1898 e um carimbo alemão com a data de 01/07/1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 55, de 27/06/1898).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W. (Alemanha)

Ex^o. Am^o. e S.

Desculpe-me V. E. se primeiro não agradei, o que faço agora cheio de reconhecimento, a amabilíssima notícia crítica que V. E. deu das Relig. da Lusit. —⁶¹²

Estive, como disse a V. Ex., no Alentejo, mas não achei nada de importante que lhe comunicar.⁶¹³

⁶¹⁰ Gama, 1964, p. 200, n.º 143, de 18/04/1898; Carreira, 1995-1996, pp. 9-17 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁶¹¹ CCE 106 (SMS Ms. 55); Vasconcelos, 1906, pp. 182-184; Vasconcelos, 1913b, pp. 4-5, 7-8 (*Vide* capítulo 4.1.4).

⁶¹² Vasconcelos, 1897c; Hübner, 1898a, pp. 930-932 (*Vide* capítulo 4.1.2.6).

⁶¹³ CCE 105 (SMS Ms. 54); Vasconcelos, 1906, pp. 184-185 (*Vide* capítulo 4.1.4).

Hoje espero que entre no Museu a inscrição dos BANIENSES, que comprei em Moncorvo.⁶¹⁴

Só lamento não ter casa sufficiente! nem a terei senão d'aqui a uns annos.⁶¹⁵

Sou com a maior estima

De V. Ex. cr.º mt.º

obg. e adm.^{or}

J. L. de V.

Lisboa 27. VI. 98

107.

Tipo de Documento: Carta em folheto com cinco páginas, escrita em português. Contém uma palavra em alemão. (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 56, de 13/08/1898).

Resp. 27/08 98⁶¹⁶

Exº. Amº. e Sr.:

Lisboa

Bibl. Nac.

13. VIII. 98

Agradeço a V. E. a remessa do artigo sobre o NO. e SO. da Hispania, que já comecei a ler, e que muito me interessa.⁶¹⁷

Enviei a V. E. uns exs. das separatas do Fasciculus Inscr. Myrtil.. Se V. E. deseja mais algum para offerecer a amigos, posso enviá-los. Enviei um para V. E. ter a bondade de dar ao Sr. Mommsen.⁶¹⁸

⁶¹⁴ Vasconcelos, 1896a, pp. 168-172 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁶¹⁵ *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2.

⁶¹⁶ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner (*Vide* CCE 108).

⁶¹⁷ Hübner, 1898b, pp. 37-44. Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado o envio do artigo, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta.

Obtive, e já está no Museu, a inscr. de Moncorvo (C.I.L., II, p. XLIV, ad. N. 239, civitati Baniens.); ainda não a pude estudar por falta de tempo, nem a estudarei já. Custou-me uma campanha o obtê-la!⁶¹⁹ – Estou à espera de outras lapides importantes.⁶²⁰

Infelizmente o Museu está muito mal installado. Para as lapides só tenho um claustro, e está cheio! Eu não tenho ninguém que me ajude; sou eu que faço tudo. Agora estou a catalogar as pedras.⁶²¹

Como disse a V. E., tencionei ir para Paris estudar uns meses, de Outubro em diante, e ir depois praticar com V. Ex. em Berlin. Mas, pensando melhor, creio que supportarei muito mal o clima do inverno em Paris, habituado como estou ao clima optimo de Lisboa (e já não sou criança, pois fiz este anno, em Julho, 40 annos!). Lembro-me pois de só sahir de cá em Março, e ir estar em Berlin 4 meses. Eu desejava ahi seguir, no Sommersemester⁶²², Epigraphia, philologia celtica e provençal. Posso realizar este plano? Em epigraphia eu queria sobretudo ter a V. E. por guia, e fazer exercicios praticos, em lapides, em algum Museu Archeologico. Eu tenho alguma pouca prática da epigraphia de Portugal, mas aqui não ha a quem consultar, vejo-me sempre só, quando tenho dúvidas. Desejava que V. E. me dissesse a este respeito alguma cousa, e tambem queria saber em que mês é que V. E. sae de Berlin.

A principal razão porque eu ia para Paris em Outubro, e não para ahi, era por me ser mais facil a intelligencia do francês do que do allemão. Todavia com V. E. posso eu fallar francês ou hespanhol ou português, que V. E. sabe muito bem.

Os cursos de celtico e provençal são gratuitos, ou pagam-se? Quaes os nomes dos professores? Com relação ao provençal, com pouco me contento, porque conheço alguma cousa de catalão, e estudo facilmente comigo. Do celtico queria apenas o sufficiente para poder apreciar melhor os estudos feitos à cêrca dos antigos nomes hispanicos. É provavel que no celtico eu tome algumas lições em Paris com

⁶¹⁸ Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado o envio das separatas, pelo que consideramos que as mesmas poderão ter sido remetidas sem carta (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) (*Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3). Theodor Mommsen (*Vide* nota 148. *Vide* capítulo 5.2).

⁶¹⁹ Vasconcelos, 1896a, pp. 168-172 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁶²⁰ *Vide* capítulo 4.1.2.

⁶²¹ *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2.

⁶²² Tradução: “Semestre de Verão”.

D'Arbois.⁶²³ – É provavel que o meu pouco allemão me possa chegar para entender as demonstrações phoneticas dos professores no quadro (a respeito do provençal e do celtico). – Em todo o caso, se V. E. estiver em Berlin alem de Julho, póde ser que eu me resolva a ficar em Paris o semestre de verão, e ir depois praticar com V. E. Por isso é que desejo saber até que mês V. E. ahi está.⁶²⁴

Queira desculpar estes incomodos todos que lhe causo. Sou com o maior respeito,

De V. Ex.

cr.º am.º adm.º^{or}

mt.º obg.

P.S.

Possue por acaso V. E. algumas folhas disponiveis avulsas dos indices dos Mon. Ling. Iber., onde vem os nomes indígenas? Neste caso, eu tomava a liberdade de lh'as pedir, pois desejava levá-las comigo, o que me é mais fácil do que o volume todo.⁶²⁵

Jose Leite de Vas.

108.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner.

Observações: Na 108.^a carta foi escrito “Resp. 27/08 98” (CCE 107 (SMS Ms. 56)). Se considerarmos uma autoria de Hübner para esta frase, tal como em CCE 4 (SMS Ms. 13), CCE 45 (SMS Ms. 31), CCE 51 (SMS Ms. 27), CCE 54 (SMS Ms. 32), CCE 56 (SMS Ms. 33), CCE 72 (SMS Ms. 39), CCE 87 (SMS Ms. 44), CCE 98 (SMS Ms. 52), CCE 122 (SMS Ms. 63), teremos que considerar a hipótese de uma carta deste autor com a data de 27/08/1898, que Leite de Vasconcelos referirá na sua carta de 08/11/1898: “Porque nas ferias estive fora de Lisboa, e porque depois que vim já tornei a sair, não tenho podido agradecer a prezada carta de V. Ex.^a.” (CCE 109 (SMS Ms. 57)). Esta carta ter-se-á perdido.

⁶²³ Henri d'Arbois de Jubainville (15/12/1827-26/02/1910) foi um historiador e filólogo francês. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1895 e 1909 (Coito, 1999, p. 131, n.º 1653).

⁶²⁴ Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.2.6).

⁶²⁵ *MLI* (*Vide* capítulos 2.2, 4.1.2.6, 5.2.1.3).

109.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de [...]11/1898 e um carimbo alemão com a data de 13/11/1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 57, de 08/11/1898).

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, (Alemanha)

Ex^o. Am^o. e Sr. = Lisboa, 8. XI. 98

Porque nas férias estive fóra de Lisboa, e porque depois que vim já tornei a sahir, não tenho podido agradecer a prezada carta de V. Ex^a.⁶²⁶ – A lingua é sempre a maior diffculdade para entender os cursos, e por isso resolvi ir frequentar antes em Paris, indo depois passar um mês em Berlin, para praticar com V. Ex^a. O que desejava era que V. E. tivesse a bondade de me dizer até quando está em Berlin; só sae em Agosto?⁶²⁷ – Muito agradeço tambem os dois artigos que ultimamente teve a bondade de me remetter; o sobre a figura de Elche, que já li todo, interessou-me particularmente.⁶²⁸ – Tem V. Ex^a. decalque da inscripção do C.I.L., II, 6255=7⁽¹⁾ (... qui legit), de modo que possa dizer-me a que seculo a attribue? Não tendo decalque, enviarei um a V. Ex^a.⁶²⁹

Queira desculpar tantos incómodos. Sou com a maior estima

De V. Ex. cr.^o obg. v^{of} J. L. de V.

Possue V. Ex^a. um exemplar disponivel do seu artigo «Neueste Studien über den röm. grenzwall in Deutschland», in Romer Stud., 1888?⁶³⁰

⁽¹⁾ 6255-7

110.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner?

⁶²⁶ CCE 108. Não nos foi possível aferir para onde viajou. A António Tomás Pires indicou em carta de 13 de Agosto de 1898 que ia para o Norte de Portugal, mas na missiva de 28 de Agosto escreveu “(não sei ainda para onde!)” (Gama, 1964, pp. 202-203, n.º 146, de 13/08/1898, n.º 147, de 28/08/1898).

⁶²⁷ Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.2.6).

⁶²⁸ Hübner, 1898c, pp. 795, 923. Cf. Blech, González Blanco & Molina Gómez, 2014, p. 49.

⁶²⁹ Vasconcelos, 1898, p. 335 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.4.3).

⁶³⁰ Hübner, 1889b, pp. 1-78.

Observações: As primeiras cinco linhas da carta seguinte indiciam um postal enviado por Hübner, onde indicava um conjunto de correcções a fazer a uma inscrição que não nos foi possível identificar (CCE 111 (SMS Ms. 58)). Não conhecemos este postal, pelo que admitimos a possibilidade de ser ter perdido.

111.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Contém palavras em latim. Apresenta dois carimbos de Lisboa com a data de 06/12/1898 e um carimbo alemão com a data de 09/12/1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 58, de 05/12/1898)

Destinatário: Herrn Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W., (Allemanha)

Ex^o. Am^o. e S. – Muito agradeço a V. E. o seu postal.⁶³¹ A traducção de Narbonensis foi, como V. Ex^a. vê bem, uma distracção. Não citei as Inscr. Hisp. Christ. porque me esqueci, pois de certo as tenho corrido muita vez; também me esqueci de citar o Bucheler, Carmina epigr., onde também vem a inscrição. A planta do pé é que estimei saber. Já fiz as emendas.⁶³² – Quanto à inscrição de Boutius, o Lopo mandou-me já um artigo.⁶³³ – Escrevi ha dias um bilhete a V. E.; supponho que o não recebeu.⁶³⁴ Já por 2 vezes perguntei a V. E. até que tempo costuma estar em Berlin. Até Agosto? Eu tenciono ir para Paris em Março.⁶³⁵ – Se V. E. me puder dizer a que seculo attribue a inscrição qui legit, C.I.L. II, 6255-7 muito me obsequia. Não tendo decalque, envio-lh'o.⁶³⁶ – Possui V. E. algum exemplar disponível do seu artigo «Neueste Stud. über den röm. grenzwall in Deutsch.», in Romer Studien, 1888? muito o estimava em ter.⁶³⁷ Tem apparecido em Lisboa algumas inscrições romanas, de que para outra vez

⁶³¹ CCE 110.

⁶³² *IHC*; Bücheler, 1897. Não conseguimos identificar a inscrição.

⁶³³ Vasconcelos, 1898, p. 155, nota 1; Lopo, 1899-1900, p. 79 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁶³⁴ Consideramos que Leite de Vasconcelos estará possivelmente a referir-se a CCE 109 (SMS Ms. 57), devido à repetição de informações nas duas cartas (CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58)).

⁶³⁵ CCE 107 (SMS Ms. 56), CCE 109 (SMS Ms. 57); Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.2.6).

⁶³⁶ Vasconcelos, 1898, p. 335 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.4.3).

⁶³⁷ Hübner, 1889b, pp. 1-78.

darei conhecimento a V. E., que hoje não posso, por ser já tarde, e eu estar cheiíssimo de trabalho.⁶³⁸ – Dei a Figueiredo o estudo de Macineira.⁶³⁹

Lisboa 5. XII. 98.

De V. Ex. cr. J. L. de V.

112.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Leite de Vasconcelos.

Observações: Na 111.^a carta, Leite de Vasconcelos escreveu “Tem aparecido em Lisboa algumas inscrições romanas, de que para outra vez darei conhecimento a V. E.” (CCE 111 (SMS Ms. 58)). Em carta posterior, Hübner teceu alguns comentários acerca destas inscrições (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A)). Deste modo, consideramos a existência de uma carta do investigador português com as informações respeitantes às epígrafes em causa, enviada após a sua carta de 05/12/1898 e antes da carta do correspondente alemão datada do dia 11/12/1898 (CCE 111 (SMS Ms. 58), CCE 114 (MNA Ms. 10490+A)). A frase de Hübner “Caro amigo, fico satisfeito por ver que V. Ex.^a escreve tão bom alemão” indicia que Leite de Vasconcelos terá redigido a sua carta em alemão (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A)). A carta ter-se-á perdido.

113.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner.

⁶³⁸ Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9, p. 283, n.ºs 1-2 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.5). Sobre os trabalhos de Leite de Vasconcelos *vide* nota 332.

⁶³⁹ António Mesquita de Figueiredo (1880-06/07/1954) correspondeu-se com Hübner entre 1898 e 1900 e com Leite de Vasconcelos entre 1897 e 1912. Pelo teor das primeiras cartas trocadas entre Mesquita de Figueiredo e Hübner, consideramos tratar-se da recensão do sábio alemão aos estudos de Federico Maciñeira y Pardo, uma vez que o investigador português contactou com o arqueólogo galego na Biblioteca Nacional, onde esteve no final do ano de 1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 21-28, de 14/11/1898 a 25/09/1900; Hübner, 1895-1896, pp. 367-370; Figueiredo, 1948, especialmente pp. 9-19, de 14/11/1898 a 27/04/1899; Coito, 1999, pp. 105-106, n.º 1264; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.3).

Observações: As frases de Hübner “Caro amigo, fico satisfeito por ver que V. Ex.^a escreve tão bem alemão: isto será para si muito útil para a estadia na Alemanha no próximo ano. Ontem escrevi-lhe ainda em francês” (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A)) indicam a existência de uma carta do investigador alemão na língua francesa, redigida e possivelmente enviada no dia 10/12/1898 (CCE 113). Tendo em conta os dias de correio necessários para o transporte das cartas, consideramos que a carta em francês de Hübner (CCE 113) terá sido remetida numa data posterior à carta anterior de Leite de Vasconcelos (CCE 112), pelo que a colocamos após esta carta no presente *corpus*. A carta de Hübner ter-se-á perdido.

114.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Contém palavras em latim. Apresenta um carimbo de Berlim com a data de 12/12/1898 e um carimbo de Lisboa com a data de 1[.]/12/[1898] (MNA, *Correspondência*, Ms. 10490+A, de 11/12/1898 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).⁶⁴⁰

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 11/12 98

Verehrter Freund, ich freue mich zu sehen dass Sie so gut deutsch schreiben: das wird Ihnen für den Aufenthalt in Deutschland im nächsten Jahr sehr förderlich sein. Gestern schrieb ich Ihnen noch französisch; von nun an werde ich immer deutsch schreiben. Die drei neuen Inschriften aus Lissabon sind ja nicht von grosser Bedeutung, aber immerhin werthvoll als Zuwachs für unsere Kenntniss der römischen Cultur in Ihrer schönen Stadt. Die letzte Zeile in der Inschrift der Lucretia Patricia bedeutet vielleicht i(psa, oder ipsi) v(iva) p(osuit); doch sind mir diese litterae singulares neu. N° 3: [C. Lu]tatio / Aspro? Ganz neu ist mir in N° 2 der mit Somi... beginnende Name; ich möchte von diesem Stein wohl einen Papier Abdruck sehen.

Ihr ergebenster

E. H.

⁶⁴⁰ O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando nomeadamente a data.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 11/12/98

Caro amigo, fico satisfeito por ver que V. Ex.^a escreve tão bem alemão⁶⁴¹: isto será para si muito útil para a estadia na Alemanha no próximo ano.⁶⁴² Ontem escrevi-lhe ainda em francês; de agora em diante escreverei sempre em alemão.⁶⁴³ As três inscrições novas de Lisboa já não são de maior importância, mas ainda assim valem como acréscimo para o nosso conhecimento da cultura romana na sua bonita cidade. A última linha na inscrição de *Lucretia Patricia* significa talvez *i(psa, ou ipsi) v(iva) p(osuit)*; estas letras singulares parecem-me sempre recentes. N.º 3: [*C. Lu*]tatio / *Aspro*? Completamente novo para mim é no n.º 2 o nome que começa com *Somi*; Eu bem queria ver uma reprodução em papel desta pedra.⁶⁴⁴

Devotadamente

E. H.

⁶⁴¹ CCE 112 (*Vide* capítulo 3.2).

⁶⁴² Vasconcelos, 1901, p. 59 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.2.6).

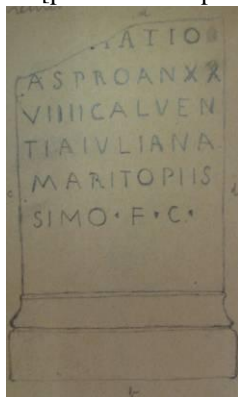
⁶⁴³ *Vide* capítulo 3.2.

⁶⁴⁴ Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9, p. 283, n.ºs 1-2 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.5, I.2.5.1-I.2.5.3).

No Museu Nacional de Arqueologia existe uma folha com um desenho de uma inscrição e notas certamente de José Leite de Vasconcelos (MNA Ms. 10490A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Este documento encontra-se colado à carta CCE 114 (MNA Ms. 10490+A) e relaciona-se com a mesma, na medida em que consiste na “reprodução em papel” da inscrição de Lisboa que Hübner desejava ver. Não conhecemos nenhuma carta a acompanhar os envio e reenvio do desenho.

Texto:

1º. [palavra incompreensível]



v. 1 (Lut)atio?

Castello de Lisboa, No Museu

ab 0,46

cd 0,275

campo da inscrição – alt. 0,20 / alt. da letra 0,028 / espess. da ped 0,11 e 0,21.

3.4.11 Ano de 1899

115.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 03/03/1899 e um carimbo alemão com a data de 06/03/1899 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 59, de 03/03/1899).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W., (Alemanha)

Hochgehrter Herr und Freund!

Für Ihre vier Separatabdrücke von der Deutschen Rundschau, u. für den epigraphischen Aufsatz, gebe ich Ihnen meinen herzlichen Dank. Entschuldigen Sie meinen Verzug. Da ich in kurzer Zeit von Portugal abreisen werde, bin ich jetzt sehr beschäftigt, weil ich meine Dinge in Ordnung zu lassen wünsche. Deshalb habe ich auch so spät die Inschriften von Lissabon Ihnen geschickt. Noch einmal: verzeihen Sie!

Hochachtungsvoll,

Lissabon, 3. III. 99.

J. Leite de Vasconcellos

Tradução:

Muito Prezado Senhor e Amigo!

Os meus afectuosos agradecimentos pelas suas quatro separatas da Deutschen Rundschau, e pelo artigo epigráfico.⁶⁴⁵ Desculpe V. Ex.^a o meu atraso. É que eu vou partir dentro de pouco tempo de Portugal, eu estou agora muito ocupado, porque eu desejo deixar as minhas coisas em ordem.⁶⁴⁶ Por isso enviei-lhe também tão tarde as inscrições de Lisboa.⁶⁴⁷ Mais uma vez: perdoe-me V. Ex.^a!

Com a maior consideração,

Lisboa, 03/03/1899.

⁶⁴⁵ Consideramos que as “quatro separatas” podem corresponder a um dos seguintes conjuntos: o artigo editado em 1897 e os três estudos publicados em 1898, na *Deutschen Rundschau*; os três artigos editados em 1898 e o primeiro publicado em 1899, na *Deutschen Rundschau* (Cf. Blech, González Blanco & Molina Gómez, 2014, pp. 48-49). Não nos foi possível aferir qual foi em concreto o “artigo epigráfico” (Vide capítulo 4.1.1).

⁶⁴⁶ Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (Vide nota 361. Vide capítulos 2.3, 4.1.2, 4.1.2.6).

⁶⁴⁷ Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9, p. 283, n.ºs 1-2 (Vide capítulos 4.1.2, I.2.5, I.2.5.1-I.2.5.3).

José Leite de Vasconcelos

116.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 18/03/1899 e um carimbo de Lisboa com a data de 22/03/1899 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10491, de 17/03/1899 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B., W., Ahornstrasse 4, 17/3 99

Haben Sie vielen Dank, verehrtester Freund, für Ihre deutsch geschriebene Karte. Ich freue mich, dass Sie für Ihren Besuch in Deutschland so gut vorbereitet sind, und wiederhole meinen Rath, Berlin nur kurz für die Zwecke allgemeiner Information zu besuchen, in Bonn aber längeren Aufenthalt zu nehmen, um dort zu studieren. Lassen Sie mich wissen, wann Sie reisen, damit ich Ihnen rechtzeitig die Wege ebnen kann.

Ihr

E. H.

Tradução:

B., W., Ahornstrasse 4, 17/03/99

Receba um muito obrigado, caro amigo, pelo seu bilhete-postal escrito em alemão.⁶⁴⁸ Eu fico satisfeito que V. Ex.^a esteja tão bem preparado para a sua visita à Alemanha, e reitero o meu conselho, Berlim para visitar apenas brevemente para os objectivos de informação geral, mas em Bona tome uma estadia mais longa, para ali estudar. Faça-me V. Ex.^a saber quando viaja, para que eu possa aplanar-lhe o caminho a tempo.⁶⁴⁹

O Seu

E. H.

⁶⁴⁸ CCE 115 (SMS Ms. 59).

⁶⁴⁹ Vasconcelos, 1901, p. 59 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

117.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta dois carimbos de Paris com a data de 05/06/1899 e um carimbo alemão com a data de 06/06/1899 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 60, de 05/06/1899).

Destinatário: Monsieur Émile Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W, (Allemagne)

Ex^o. Am^o. e Sr.

Paris

R. des Écoles 50

5. VI. 99

Estou já em Paris ha algum tempo. Tenho seguido os cursos de philologia romanica e celtica, e epigraphia; mas o professor Cagnat está ausente ha muito tempo; comecei ha pouco a seguir o curso de Villefosse. – D’aqui vou à Belgica; de Liège irei a Bonn, como V. E. me recommendou, ver o Sr. Löschke [sic] e os museus; demorar-me-hei lá uns 3 dias, conforme o que eu tiver de ver. Rogo a V. E. o favor de escrever ao Sr. Löschke [sic] e de me enviar um bilhete para eu lhe apresentar. – Conto estar em Berlin no dia 15 de Julho; como V. E. está ahi até 15 de Agosto, segundo o que me disse, poderei ainda estar com V. E. durante um mês. – Só sahirei d’aqui pelo fim do mês, porque, se sahissem antes, perderia. Tenho tido aqui todas as facilidades de estudo, aulas, bibliothecas etc., e tenho aproveitado alguma cousa. – A pedido de um professor da École des Hautes Études, tenho feito aqui um curso de Philologia portuguesa. – Tenho feito algumas excursões pelos arredores de Paris, e visto antiguidades. – Estou com grande desejo de conhecer a V. E. e de ver a Allemanha, esse grande país pelo qual tenho tanta admiração. Mas soffrearei este desejo ainda alguns dias mais!⁶⁵⁰ – De V. E. cr.^o am. obg.

att.

⁶⁵⁰ Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.2.6).

René Cagnat (10/10/1852-27/03/1937) foi um historiador e epigrafista francês. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1897 e 1914 (Coito, 1999, p. 54, n.º 529). Antoine Héron de Villefosse (08/12/1845-15/06/1919) foi um arqueólogo e epigrafista francês. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre 1899 e 1918 (Coito, 1999, p. 268, n.º 3591). Georg Loeschke (28/06/1852-26/11/1915) foi um arqueólogo do período clássico. Não identificámos correspondência trocada com Leite de Vasconcelos (Coito, 1999; Coito, 2011, pp. 229-247).

Jose Leite de Vasconcel.

118.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner.

Observações: Na 119.^a carta, Leite de Vasconcelos escreveu “Muito agradeço a sua carta e bilhete. Farei o que me recomenda.” (CCE 119 (SMS Ms. 61)). Deste modo, consideramos a existência de uma carta do investigador alemão, que se terá perdido.

119.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta dois carimbos de Paris com a data de 18/06/1899 e um carimbo alemão com a data de 21/06/1899 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 61, de 18/06/1899).

Destinatário: Monsieur Émile Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W., Allemagne

Ex. Am. e S.

R. des Ecoles 50 Paris

Muito agradeço a sua carta e bilhete. Farei o que me recommenda.⁶⁵¹

Se V. E. precisar de alguma cousa de Liège Mont St= Martin 24, estou lá até 30. Sáio de cá em 27.

No dia 24 terei o prazer de ver o Sr. Mommsen.⁶⁵²

Estou com grande desejo de chegar à Allemanha!⁶⁵³

De V. E.

cr.º am. obg.

J. L. de V.

⁶⁵¹ CCE 118.

⁶⁵² Theodor Mommsen (*Vide* nota 148. *Vide* capítulo 5.2).

⁶⁵³ Vasconcelos, 1901, p. 59 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.2.6).

120.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta dois carimbos alemães com as datas de 01/08/1899 e 02/08/1899, sendo o primeiro de Berlim (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 62, de 01/08/1899).

Destinatário: Herrn Prof. Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin, W.

Ex. Am^o. e S^r.

Iohannistr. 21.^{II} em 1. VIII. 99

Rogo a V. E. o obsequio de na 5^a. feira me levar o bilhete para o Sr. Virchow.⁶⁵⁴ – Poderei obter um art. de V. E. in *Jahrbüches ... in Rheinlande*, LXVI, 1879, p. 34; e um de Zimmermann in *Hermes* XXIII, 1888, p. 103?⁶⁵⁵ – Na *Arqueologia en España* (y Portugal!) falla V. E. de uma inscrição grega de Beja que vem in *Ephem. Epigr.* III, 1887, p. 50, n^o. 48; mas lá não vem (vem apenas outra inscr. com uma [sic] palavras gr.), nem eu tenho ideia de nenhuma inscrição grega de Portugal; haveria equívoco na citação, ou conhece V. E. alguma inscrição gr. de Beja? (Conheço e tenho a do Alg. e a de Mertola).⁶⁵⁶ – Hoje tive outra conferencia com o Sr. Dessau.⁶⁵⁷ – Tenho tirado proveito da minha estada em Berlin; só sinto não poder estar mais tempo com V. Ex^a.!⁶⁵⁸

De V. E. cr.^o am. obd.

J. L. de V.

121.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 01/12/1899 e um carimbo de Lisboa com a data de

⁶⁵⁴ Rudolf Carl Virchow (13/10/1821-05/09/1902) foi um médico e antropólogo alemão (Vasconcelos, 1901, p. 59).

⁶⁵⁵ Hübner, 1879, pp. 26-43; Zimmermann, 1888, pp. 103-130.

⁶⁵⁶ Veiga, 1866, pp. 25-28; Hübner, 1871b, pp. 32-34; Veiga, 1880, pp. 117-119; Hübner, 1888b, p. 59; *IG XIV* 2542; *CIL II* – S 5171; *IHC* – S 315; Vasconcelos, 1913b, pp. 443-446 (*Vide* capítulo 4.1.5).

⁶⁵⁷ Hermann Dessau (06/04/1856-12/04/1931) foi um historiador e epigrafista alemão. Prosseguiu o trabalho de Hübner para o projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, após o seu falecimento. Correspondeu-se com Leite de Vasconcelos entre os anos de 1902 e 1925 (Vasconcelos, 1901, p. 59; Coito, 1999, p. 89, n.^o 1051; Marques, 2013; Marques, 2014. *Vide* capítulos 2.2, 4.1.2).

⁶⁵⁸ Vasconcelos, 1901, p. 59 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

04/12/1899 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10493, de 30/11/1889 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B, W, Ahornstrasse 4, 30/11 99

Poetae carminis Rhenani feliciter in patriam reduci s. p. d.⁶⁵⁹

E. H.

Tradução:

B, W, Ahornstrasse 4, 30/11/99

Ao poeta do poema renano em boa hora regressado à pátria, as mais vivas saudações.⁶⁶⁰

E. H.

122.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão e português. Contém palavras em latim. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 16/12/1899 e um carimbo alemão com a data de 20/12/1899 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, n.º 63, 13/12/1899).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner: - Ahornstrasse, 4, Berlin = W., Allemanha

Lissabon 13. XII. 99

Resp. 20/12 99⁶⁶¹

Sehr gehrter Herr u. Freund!

⁶⁵⁹ *Salutem plurimam dicere.*

⁶⁶⁰ Vasconcelos, 1899 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

⁶⁶¹ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 123.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 123 (MNA Ms. 10494)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

Seit zwei Monate bin ich schon in meinem Land; aber ich habe noch nicht Ihnen geschrieben! Entschuldigen Sie mir bitte.

O resto vae em português, que me é mais facil.

Mais uma vez agradeço a V. E. a gentileza de que usou para comigo, quando estive em Berlin. No Museu Ethnologico, aonde fui repetidas vezes, os Srs. Bastian e Von [sic] trataram-me do melhor modo possivel; vim de lá muito agradado.

Noticias archeologicas não tenho nenhuma importantes que lhe dê. Estou trabalhando no vol. 2º. das *Relig. da Lusitania*. Para o não alargar demasiado, não incluo todas as inscrições de Endovellico, mas farei uma monographia separada sobre este deus.

Agradeço o opusculo que V. E. me enviou sobre a inscrição de Oviedo.

De V. E. cr.º am.º mt. obg.

J. L. de V.

No meu regresso estive muitos dias em Trier. Vi tambem os museus de Wiesbaden, Homburg, Moguncia etc., e cheguei ao limes imperii Romani em Saalburg! Gostei immenso de tudo.

Tradução:

Lisboa 13/12/1899

Resp. 20/12/99⁶⁶²

Prezado Senhor e Amigo!

Desde há dois meses que já estou no meu país; mas ainda não lhe escrevi! Desculpe-me por favor V. Ex.^a.⁶⁶³

O resto vai em português, que me é mais facil.⁶⁶⁴

Mais uma vez agradeço a V. Ex.^a a gentileza de que usou para comigo, quando estive em Berlim. No Museu Etnológico, aonde fui repetidas vezes, os Srs. Bastian e Voss trataram-me do melhor modo possível; vim de lá muito agradado.⁶⁶⁵

Notícias arqueológicas não tenho nenhuma importantes que lhe dê. Estou trabalhando no vol. 2.º das *Relig. da Lusitânia*. Para o não alargar demasiado, não

⁶⁶² Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner. A 123.^a carta tem esta data e foi enviada pelo investigador alemão (CCE 123 (MNA Ms. 10494)), o que corrobora tratar-se da letra de Hübner.

⁶⁶³ Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

⁶⁶⁴ *Vide* capítulo 3.2.

⁶⁶⁵ Vasconcelos, 1901, p. 59 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

Philipp Wilhelm Adolf Bastian (26/06/1826-02/02/1905) foi um etnólogo alemão. Albert Franz Ludwig Voss (24/04/1837-19/07/1906) foi um pré-historiador alemão.

incluo todas as inscrições de Endovélico, mas farei uma monografia separada sobre este deus.⁶⁶⁶

Agradeço o opúsculo que V. Ex.^a me enviou sobre a inscrição de Oviedo.⁶⁶⁷

De V. E. cr.º am.º mt. obg.

J. L. de V.

No meu regresso estive muitos dias em Trier. Vi também os museus de Wiesbaden, Homburg, Mogúncia etc., e cheguei à fronteira do império romano em Saalburg! Gostei imenso de tudo.⁶⁶⁸

123.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 20/12/1899 e um carimbo de Lisboa com a data de 26/12/1899 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10494, de 15/06/1889 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Verehrter Freund,

B., W., Ahornstrasse 4, 20/12 99

Vielen Dank für Ihre Karte, ich schreibe Ihnen deutsch, damit Sie nicht aus der Uebung kommen. Herr E. S. Dodgson, der sechs Wochen hier war und mich soeben verlassen hat, um über Weimer, Gotha, Fulda, Frankfurt, Darmstadt – so er überall baskische Texte sucht – nach Strassburg und dann nach Bayonne zu reisen, sagt mir, er habe im Jahr 1895 im Claustro der Cathedrale von Evora eine christliche Inschrift gesehen, die ihm älter als das Jahr 1000 zu sein schiene (1). Ich kenne sie nicht und würde für eine Abschrift und den Nachweis, wo sie publiciert ist, dankbar sein, um sie noch in den Nachtrag zu dem Supplementum der christlichen Inschriften der Halbinsel aufnehmen zu können.

Ihr

E. H.

⁶⁶⁶ Vasconcelos, 1905b, pp. 111-146 (*Vide* capítulos 4.1.2.6, I.3.1).

⁶⁶⁷ Hübner, 1899b, pp. 321-324 (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁶⁶⁸ Vasconcelos, 1901, p. 59 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2).

(1) Vid. *Inscript. Hisp. Christ.* p. 95, n.º 1*.⁶⁶⁹

Tradução:

Caro Amigo,

B., W., Ahornstrasse 4, 20/12/99

Muito obrigado pelo seu bilhete-postal, eu escrevo-lhe em alemão, para que V. Ex.^a não perca a prática.⁶⁷⁰ O senhor E. S. Dodgson⁶⁷¹, que esteve aqui seis semanas e deixou-me agora mesmo, para viajar por Weimer, Gotha, Fulda, Frankfurt, DarinStadt – assim pesquisa ele por toda a parte textos bascos – a caminho de Estrasburgo e depois para Bayonne, diz-me que viu no ano de 1895 no Claustro da Catedral de Évora uma inscrição cristã, que parece-lhe ser mais antiga que o ano 1000 (1). Eu não a conheço e ficaria agradecido por uma cópia e a documentação, onde ela está publicada, para que ela ainda possa ser incluída no aditamento ao *Supplementum* das inscrições cristãs da Península.

O Seu

E. H.

(1) Vid. *Inscript. Hisp. Christ.*, p. 95, n.º 1*.⁶⁷²

3.4.12 Ano de 1900

124.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 08/01/1900 e um carimbo alemão com a data de 12/01/1900 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 64, de 08/01/1900).

Destinatário: Herrn Dr. E. Hübner: - Ahornstr., 4, Berlin W., (Allemanha)

Ex.º. Am. e S.

Resp. 13/1 1900⁶⁷³

⁶⁶⁹ Esta frase foi provavelmente escrita por Leite de Vasconcelos, pois apresenta uma ortografia diferente da ortografia de Hübner.

⁶⁷⁰ CCE 122 (SMS Ms. 63) (Vide capítulo 3.2).

⁶⁷¹ Edward Spencer Dodgson (Vide nota 158. Vide capítulos 4.1.3, 5.2.1.3, I.2.9).

⁶⁷² Esta frase foi provavelmente escrita por Leite de Vasconcelos, pois apresenta uma ortografia diferente da ortografia de Hübner. *IHC* 1*; *IHC* – S 1* (Vide capítulo 4.1.3).

Estive doente 18 dias, e depois passei alguns dias no campo.⁶⁷⁴ Foi por isso que não respondi primeiro ao bilhete de V. Ex.^a.⁶⁷⁵ – A inscrição da capella do claustro da sé de Evora é a publicada nas *Inscr. Hisp. Christ.*, p. 95, n.º. 1*, dada como falsa, mas que, segundo o G. Pereira, a quem fallei nella, é authentica, e apenas recebeu uns retoques complementares de A. de Résende.⁶⁷⁶ – O Ministro das Obras Publicas reorganizou o Museu Ethnologico, que fica presentemente em melhores condições do que aquellas em que estava. Foi um grande serviço que elle prestou aos nossos estudos. É V. E. o primeiro estrangeiro a quem dou esta boa nova.⁶⁷⁷ – De V. E. am.º cr.º ob.º

attº. J. L. de V.

125.

Tipo de Documento: Carta em paradeiro desconhecido remetida por Hübner.

Observações: Na 124.^a carta foi escrito “Resp. 13/1 1900” (CCE 124 (SMS Ms. 64)). Se considerarmos uma autoria de Hübner para esta frase, tal como em CCE 4 (SMS Ms. 13), CCE 45 (SMS Ms. 31), CCE 51 (SMS Ms. 27), CCE 54 (SMS Ms. 32), CCE 56 (SMS Ms. 33), CCE 72 (SMS Ms. 39), CCE 87 (SMS Ms. 44), CCE 98 (SMS Ms. 52), CCE 122 (SMS Ms. 63), teremos que considerar a hipótese de uma carta deste autor com esta data, que se terá perdido.

126.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão e latim. Apresenta dois carimbos de Berlim com a data de 25/04/1900 e um carimbo de Lisboa com a data

⁶⁷³ Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

⁶⁷⁴ Cruzando esta informação com a transmitida na carta de 18 de Dezembro de 1899 a António Tomás Pires, Leite de Vasconcelos esteve doente desde o dia 8 até ao dia 25 de Dezembro. Não nos foi possível aferir para onde viajou (Gama, 1964, p. 210, n.º 155, de 18/12/1899).

⁶⁷⁵ CCE 123 (MNA Ms. 10494).

⁶⁷⁶ Lúcio André de Resende (cerca de 1500-09/12/1573) foi um humanista português. *IHC* 1*; *IHC – S* 1* (*Vide* capítulo 4.1.3).

⁶⁷⁷ Leite de Vasconcelos referiu-se decerto à transferência do Museu Etnológico Português para o Mosteiro dos Jerónimos (Vasconcelos, 1915, p. 3; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 101 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2)).

de 25/04/1900⁶⁷⁸ (MNA, *Correspondência*, Ms. 10495, de 25/04/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

Destinatário: S. Dr. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

Berlin, W, Ahornstrasse 4,

25/4 1900

Dank, verehrter Freund, für die *Estudos Mirandeses*: ich sehe mit Erstaunen, wie umfängliche⁶⁷⁹ Forschungen Sie darüber angestellt haben. Doch erwarte ich mit Ungeduld⁶⁸⁰ den zweiten Band der *Religiões da Lusitania*. Dank auch für N.º 3 des *Archeologo Português*, den ich mit Interesse durchgesehen habe.

Valeas mihi que favere pergas.

E. H.

Tradução:

Berlim, W, Ahornstrasse 4,

25/04/1900

Obrigado, caro amigo, pelos *Estudos Mirandeses*: vejo com admiração como V. Ex.^a fez extensas pesquisas sobre isto.⁶⁸¹ Espero sempre com impaciência o segundo volume das *Religiões da Lusitânia*. Obrigado igualmente pelo n.º 3 do *Arqueólogo Português*, que eu li com interesse.⁶⁸²

Adeus e espero que continue a distinguir-me com a sua amizade.

E. H.

⁶⁷⁸ O carimbo português não está gravado na sua totalidade, afectando nomeadamente o dia e o mês. A forma que resta permite entrever um 4 no lugar do mês, o que se coaduna com as outras datas que a carta apresenta.

⁶⁷⁹ Por cima desta palavra foi escrita a mesma palavra com outra ortografia, provavelmente por Leite de Vasconcelos.

⁶⁸⁰ Por cima desta palavra foi escrita a mesma palavra com outra ortografia, provavelmente por Leite de Vasconcelos.

⁶⁸¹ Pelo título pensamos tratar-se da obra *Estudos de Philologia Mirandesa*, editado em dois volumes entre 1900 e 1901, datando o primeiro de 1900 (Cepeda, 1960, p. 228, n.º 964).

⁶⁸² Vasconcelos, 1900a, que foi editado no dia 24 de Março de 1900; Vasconcelos, 1905b; Vasconcelos (ed.), 1899-1900, pp. 65-96 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2, 4.1.2.6). Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado estes envios, pelo que consideramos que eles poderão ter sido remetidos sem carta.

127.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta um carimbo de Berlim com a data de 16/06/1900 e um carimbo de Lisboa com a data de 20/06/1900 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10496, de 15/06/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)) MNA 10496.

Destinatário: Ill^{mo}. S. José Leite de Vasconcellos, Bibliotheca Nacional, Lisboa, Portugal

B, W, Ahornstrasse 4, 15/6 00

Vielen Dank, verehrter Freund, für den neuen Archeologo Português, N° 4. Die Inschrift p. 115 steht C. II 5610. Die von Figueira da Foz p. 122 sandte mir im October 1899 Herr Antonio Mezquita de Figueiredo, in derselben mangelhaften Abschrift, ohne die Zeilenabtheilung des Originals. Vielleicht lautet sie so:

CALAITO Calaito (Calaeto?) Caleti (filio) hic sito

CAL~~ETI~~ Sollte es nicht möglich sein einen Papierabdruck

HI . SITO oder eine Photographie zu erlangen?

Mit freundschaftlichem Gruss Ihr

E. H.

Tradução:

B, W, Ahornstrasse 4, 15/06/00

Muito obrigado, caro amigo, pelo novo *Arqueólogo Português*, n.º 4.⁶⁸³ A inscrição p. 115 está em *CIL* II 5610.⁶⁸⁴ A de Figueira da Foz p. 122 enviou-me em Outubro de 1899 o Sr. Antonio Mesquita de Figueiredo⁶⁸⁵, na mesma cópia imperfeita, sem a separação das linhas do original. Talvez ela diga assim:

CALAITO *Calaito (Calaeto?) Caleti (filio) hic sito*

CAL~~ETI~~ Não seria possível obter uma reprodução

⁶⁸³ Vasconcelos (ed.), 1899-1900, pp. 97-128 (*Vide* capítulos 2.3, 4.1.2). Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta.

⁶⁸⁴ *CIL* II – S 5610; Azevedo, 1899-1900, p. 115 (*Vide* capítulo 4.1.2).

⁶⁸⁵ Antonio Mesquita de Figueiredo (*Vide* nota 639).

HI . SITO em papel ou uma fotografia?⁶⁸⁶

Com uma saudação amigável O Seu

E. H.

128.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Contém palavras em latim e francês. Apresenta dois carimbos alemães com as datas de 09/07/1900 e de 10/07/1900, sendo o primeiro de Estugarda (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 65, de 09/07/1900).

Destinatário: Herrn Dr. Emil Hübner, Ahornstr. 4, Berlin, W.

Stuttgart, 9. VII. 900

Sehr geehrter Freund!

Seit drei Tagen bin ich in Germania.

Ich grüße Sie!

Meine Adresse bis 16 ist: Prag, poste-restante.

Hochachtungsvoll,

J. L. de V.

Tradução:

Estugarda, 09/12/1900

Prezado Amigo!

Desde há três dias que estou na Alemanha.

Cumprimento V. Ex.^a!

A minha morada até dia 16: Praga, posta restante.⁶⁸⁷

Com a maior consideração,

⁶⁸⁶ Cruz, 1899-1900, p. 122 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.13).

⁶⁸⁷ No ano de 1900, Leite de Vasconcelos viajou novamente pela Europa, passando por Barcelona, Paris, Praga e novamente pela Alemanha. Previu o seu regresso a Lisboa em finais de Julho de 1900, segundo o que escreveu numa carta enviada a António Tomás Pires, de 7 de Abril (Gama, 1964, p. 212, n.º 157, de 07/04/1900, pp. 212-213, n.º 158, de 20/05/1900).

J. L. de V.

129.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em alemão. Apresenta um carimbo de Berlim com a data de 11/07/1900 e um carimbo de Praga com a data de 12/07/1900 (MNA, *Correspondência*, Ms. 10497+A, de 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619))⁶⁸⁸.

Destinatário: S. José Leite de Vasconcellos, Prag, Postlagernd, Oesterreich

B, W, Ahornstrasse 4, 11/7 00

Verehrter Freund,

Ich begrüße Sie auf deutschem Boden und hoffe, dass Ihre zweite Reise nach Deutschland so erfolgreich sei wie die erste.

Ihr

Treu ergebener

E. H.

s S ... caSa

ch g ç z cinco azeite

X d⁶⁸⁹

Tradução:

B, W, Ahornstrasse 4, 11/07/00

Caro amigo,

Eu saúdo V. Ex.^a em solo alemão e espero que a sua segunda viagem para a Alemanha seja tão bem sucedida como a primeira.⁶⁹⁰

⁶⁸⁸ No Museu Nacional de Arqueologia existe um pedaço de folha de um livro em latim com o seguinte texto escrito na face de trás (MNA Ms. 10497A (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)):

“autografo

Portugal

III^{mo} S. José Leite de Vasconcellos
autograf hübneriano”

⁶⁸⁹ Estas letras e palavras estão escritas em letra diferente da escrita de Hübner Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

⁶⁹⁰ Vide nota 687.

O Seu

Leal devotado

E. H.

s S ... caSa

ch g ç z cinco azeite

X d⁶⁹¹

130.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 09/09/1900 e um carimbo alemão com a data de 13/09/1900 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 66, de 09/09/1900).

Destinatário: Herrn Emil Hübner, - Ahornstr., 4, Berlin W., (Allemanha)

Meu Ex. am. [palavra incompreensível]⁶⁹² Lisboa 9⁶⁹³. IX. 900

Estou cá ha uns dias.⁶⁹⁴ A cópia exacta da inscrição da Pedrulha, freguesia das Alhadas, concelho da Figueira da Foz, é esta:

CALAITO

CAIELI . HI . SITO

Creio que a cópia que lhe mandaram não seria assim. Calaito Caieli (=Caeli(i)?) hi(c) sito. No CIL II, 2968 ha Calaeto e 3298 ha Chalaetus, que são a m.⁶⁹⁵ palavra. Calaetius no CIL é da mesma família. Caieli se não é nome barbaro, deve ser Caelii. Não será Gaielli no CIL V, 7679 porque ha aqui II (dois). – Que lhe parece?⁶⁹⁶

Hoje vou para o Norte. Volto a Panoias de Villa-Real! No dia 20 de Setembro estarei em Lisboa.⁶⁹⁷

⁶⁹¹ Estas letras e palavras estão escritas em letra diferente da escrita de Hübner Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Leite de Vasconcelos.

⁶⁹² Esta frase está escrita em letra diferente da escrita de Leite de Vasconcelos. Parece-nos semelhante à letra de Hübner.

⁶⁹³ Parece-nos que primeiro foi escrito os dois terços inferiores do número 8 e depois a parte superior do 9, o que indica uma mudança da data de redacção.

⁶⁹⁴ Vide nota 687.

⁶⁹⁵ Abreviatura de “mesma”.

⁶⁹⁶ CIL II – S 5610; Azevedo, 1899-1900, p. 115; Cruz, 1899-1900, p. 122 (*Vide* capítulos 4.1.2, I.2.13).

⁶⁹⁷ Segundo carta a António Tomás Pires, Leite de Vasconcelos só chegou a Lisboa no dia 9 de Outubro de 1900 (Gama, 1964, p. 214, n.º 160, de 09/10/1900. *Vide* capítulo I.3.2).

De V. E. am.º obg. att.

J. L. de V.

131.

Tipo de Documento: Postal com frente e verso, escrito em português. Apresenta um carimbo de Lisboa com a data de 18/12/1900 e um carimbo alemão com a data de 22/12/1900 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 67, de 18/12/1900).

Destinatário: Herrn Dr. Prof. Emil Hübner: - Ahornstr. 4, Berlin, Allemanha

Ex. am. e S.

Lisboa 18. XII. 900

Venho tarde agradecer as Inscriptiones Hisp. Lat. que teve a bondade de me enviar, porque estive ausente de Lisboa a fazer escavações archeologicas, explorei 10 dolmens. Mt. obrigado pela remessa.⁶⁹⁸

Para satisfazer a curiosidade de um amigo meu que collige exemplares de ex-libris, rogo a V. E. o favor de me enviar um exemplar do ex-libris que V. Ex.^a costuma collar nos seus livros.⁶⁹⁹

Sou com toda a estima

De V. E.

am cr

at

Em podendo remetter-me tambem um artigo para O Arch., mt. agradecerei.⁷⁰⁰

J. Leite de Vasconcel.

⁶⁹⁸ Pela datação, consideramos tratar-se de *IHC – S* (Vide capítulo 4.1.3). As escavações localizaram-se em Montemor-o-Novo, prosseguindo os trabalhos iniciados em 1898 (CCE 105 (SMS Ms. 54); Carreira, 1995-1996, pp. 9-36. Vide nota 610). Não conhecemos nenhuma missiva que tenha acompanhado este envio, pelo que consideramos que o mesmo poderá ter sido remetido sem carta.

⁶⁹⁹ Blech, 2014, p. 102. Desconhecemos quem seja o “amigo” de Leite de Vasconcelos.

⁷⁰⁰ Hübner não publicou nenhum artigo n’*O Arqueólogo Português* após a data desta carta.

4. As Temáticas das Cartas: Análise da Correspondência

4.1 Os Assuntos Referidos

A correspondência epistolar trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos apresenta um leque variado de assuntos, a maioria dos quais se apresenta aqui de forma muito sumária, uma vez que não é possível desenvolver cada um deles, dadas as restrições impostas à dimensão de uma dissertação de doutoramento.

As temáticas científicas referenciadas inserem-se no âmbito da Epigrafia nas suas diversas vertentes, da Arqueologia, englobando conjuntamente a Mosaística e a Numismática, da História Antiga, abrangendo a Geografia, e da Etnografia, da Filologia e ainda da temática das Religiões da Lusitânia.

Os correspondentes mencionam as condições científicas de Portugal, assim como efectuem alguns comentários críticos do foro científico. Verificamos a referência a bastantes indivíduos, nomeadamente correspondentes, contactos e personalidades, indicados pelos dois correspondentes.

O sábio alemão e o investigador lusitano citam muita bibliografia, seja através de referências bibliográficas, seja relativo a pedidos e a troca de bibliografia, e também referem livreiros, onde se poderia adquirir livros de carácter científico.

As ocupações de Hübner e de Leite de Vasconcelos marcam presença, em especial as viagens dos dois correspondentes, e, naturalmente, O Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português e o seu periódico científico *O Arqueólogo Português*.

Os correspondentes abordam ainda a questão das línguas em que as próprias cartas trocadas são redigidas.

De modo a sistematizarmos a informação, elaborámos a Tabela 4 com os vários temas referidos nas cartas, organizados por assunto e por ordem alfabética (CCE; Tabela 4).

A Tabela 4 é composta por duas colunas. A primeira contém as epístolas enviadas pelo sábio alemão ao investigador português. A segunda possui as cartas remetidas pelo funcionário da Biblioteca Nacional ao erudito germânico. Em cada coluna, as informações são dispostas pela seguinte ordem. A primeira alínea contém o número de CCE, separado dos restantes itens por um ponto final, abreviatura da instituição onde o documento se encontra guardado, seguido de manuscrito – Ms. –, com o respectivo número, e/ou a referência bibliográfica, separados por ponto e vírgula, ou a indicação de Extraviada ou de Paradeiro Desconhecido. Nas restantes alíneas e subalíneas, ordenadas

alfabeticamente, figuram os vários assuntos referidos nas missivas, organizados da seguinte maneira: Tema e Subtema, divididos por dois pontos, Aspectos Específicos, entre parênteses. Em cada alínea referenciamos os vários assuntos, optando por concretizar a entrada por um deles. Quando desejamos destacar um determinado tema, individualizamo-lo numa alínea diferente (CCE; Tabela 4).

A Epigrafia, assunto que sobressai em termos de referências, separamo-la em Epigrafia Grega, Epigrafia Latina, Epigrafia Paleocristã, Inscrições “Ibéricas” e ainda somente Epigrafia. Cada obra magna, por exemplo *CIL* II – S, ou local contém uma entrada específica.

Na Arqueologia inserimos todas as referências a pesquisas e escavações arqueológicas, realizadas por Leite de Vasconcelos. Na Mosaística aludimos aos pedidos e à troca de bibliografia, solicitada por Leite de Vasconcelos, assim como à aquisição de um mosaico em Leiria. Na Numismática inserimos os pedidos e a troca de bibliografia, por exemplo no âmbito do Curso de Numismática que Leite de Vasconcelos leccionava na Biblioteca Nacional, assim como estudos do âmbito desta temática, também de outros investigadores como Manuel Rodríguez de Berlanga.

A História Antiga engloba as referências bibliográficas deste âmbito, sejam obras dos dois correspondentes, mas especialmente de Hübner, seja de trabalhos de outros autores, que Leite de Vasconcelos desejava adquirir ou consultar para as suas próprias investigações. Na Geografia Antiga inserimos as observações relativas à questão *Tagro – Sacro*.

Na Etnografia indicamos as alusões nas cartas a assuntos relacionados com entidades da antiga Hispânia, com especial incidência nos Lusitanos e Galaicos, incluindo a bibliografia dos dois correspondentes ora em estudo, assim como outra bibliografia do investigador português.

Na Filologia incluímos as várias referências a investigadores, bibliografia e análises. Leite de Vasconcelos pretendia adquirir bibliografia e contactar com especialistas da área, de modo a explicar os vocábulos indígenas, nomeadamente os teónimos. Um dos objectivos da sua viagem pela Europa em 1899 residiu precisamente no desenvolvimento dos seus conhecimentos nesta área do saber. A documentação epistolar mostra também análises do ponto de vista da evolução de topónimos. Incluímos aqui os *Monumenta Linguae Ibericae* de Hübner, por terem constituído uma obra fundamental nos estudos linguísticos do âmbito paleohispânico.

Nas Religiões da Lusitânia indicamos os pedidos e a troca de bibliografia, que Leite de Vasconcelos efectuou a Hübner, de modo a desenvolver os seus estudos. Também incluímos as referências aos artigos e livros do investigador português, especialmente a sua obra magna sobre esse assunto e com esse título.

Na Bibliografia incluímos todas as referências bibliográficas, assim como os pedidos e troca de bibliografia, excepto quando é um pedido para um determinado assunto. Nestes casos, abrimos uma alínea individual, como por exemplo no caso da Numismática. Prescindimos da indicação Bibliografia quando desejamos individualizar a outra temática, como por exemplo no caso do artigo de Leite de Vasconcelos, *Quid apud Lusitanos*, do âmbito da Epigrafia latina de Endovélico. Na Bibliografia de Hübner e na Bibliografia de Leite de Vasconcelos, distinguimos as várias temáticas em separado e ainda pedidos de artigos para os periódicos dirigidos por este investigador português, *Revista Lusitana* e *O Arqueólogo Português*. No caso destes artigos, particularizamos a existência do artigo, separando as suas temáticas noutras alíneas. Em Livreiros indicamos as referências nas missivas aos locais onde se podia adquirir bibliografia científica.

Por Condições Científicas em Portugal entendemos as referências ao que existia no território lusitano em termos de investigadores e instituições. Ainda que uma alusão se relacione com a Epigrafia Latina, e por isso se analise no capítulo 4.1.2, colocámo-la nesta categoria. Na Crítica Científica incluímos todas as tomadas de opinião em relação a alguém ou a algum trabalho, sem que seja necessariamente contrária. Veja-se, por exemplo, a opinião de Leite de Vasconcelos a respeito de Hübner. Nos Indivíduos Referidos abrangemos todos os correspondentes, contactos e personalidades referidas, assim como alguns aspectos que desejamos destacar. Com algumas excepções, quando os nomes dos indivíduos não são indicados nas epístolas, não os inserimos na nossa tabela.

Por Ocupações entendemos todas as vezes que os correspondentes ora em estudo referem ter trabalho, quer especificando o mesmo ou não. Nas Viagens indicamos as deslocações que Hübner e Leite de Vasconcelos realizaram, especificando o local, quando este foi expresso nas cartas. Indicamos também alguns assuntos que tenham sido abordados no âmbito da viagem. Quando desejamos evidenciar algum tema, particularizamos estes em subalíneas. No Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português e *O Arqueólogo Português* conjugamos todos os aspectos

relativos a esta instituição e ao seu periódico. Em muitos casos secundarizámos estas referências, na medida em que pretendemos destacar os outros assuntos.

Nas Línguas das Cartas apontamos as referências nas cartas sobre as línguas usadas para redigir as mesmas. A variedade de idiomas, português, francês, alemão, latim e ainda algumas palavras em grego, demonstra o cariz poliglota dos dois correspondentes. Desenvolvemos este assunto no capítulo 3.2.

Na Tabela 4 individualizamos a 47A da 47, pois consistem em dois documentos distintos, apesar de pertencerem à mesma missiva (CCE; Tabela 4).

De Emílio Hübner para José Leite de Vasconcelos	De José Leite de Vasconcelos para Emílio Hübner
N.º de CCE. N.º de Ms.⁷⁰¹ e/ou Referência Bibliográfica; Assuntos e Indivíduos Referidos	N.º de CCE. N.º de Ms.⁷⁰² e/ou Referência Bibliográfica; Assuntos e Indivíduos Referidos
1888	
1. MNA Ms. 10446 a) Crítica Científica: Hübner, Leite de Vasconcelos e outros sobre João Bonança b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Epigrafia Latina: Duas Igrejas d) Indivíduos Referidos: Adolfo Coelho, Borges de Figueiredo	2. SMS Ms. 12 a) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Hübner b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Epigrafia Latina: Duas Igrejas d) Indivíduos Referidos: Adolfo Coelho, Borges de Figueiredo, Gabriel Pereira e) Línguas das Cartas f) Ocupações de Leite de Vasconcelos: <i>Varia</i> g) Viagem de Leite de Vasconcelos
3. Extraviada a) Epigrafia Latina: Duas Igrejas	4. SMS Ms. 13 a) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S b) Epigrafia Latina: Duas Igrejas c) Indivíduos Referidos: Correspondência entre Hübner e os Portugueses d) Numismática: Pedido de Bibliografia
5. MNA Ms. 10447 a) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S b) Epigrafia Latina: Duas Igrejas c) Numismática: Resposta ao Pedido de Bibliografia d) Viagem de Hübner	
1890	
6. MNA Ms. 10449 a) Arqueologia: Escavações em São Miguel da Mota	7. SMS Ms. 14 a) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Hübner (Bibliografia de

⁷⁰¹ MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619).

⁷⁰² SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 12-67, de sem data a 18/12/1900.

b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Epigrafia Latina: Endovélico	Arqueologia) b) Epigrafia Latina: Endovélico c) Epigrafia Latina: Francisco Martins Sarmento d) Ocupações de Leite de Vasconcelos e) Viagem de Leite de Vasconcelos a Madrid: Cerro dos Santos
	8. Paradeiro Desconhecido a) Bibliografia de Hübner (Arqueologia)
9. MNA Ms. 10448 a) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) b) Epigrafia Latina: Endovélico c) Viagem de Hübner	10. SMS Ms. 15 a) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Epigrafia Latina: Endovélico d) Viagem de Hübner a Portugal e) Viagem de Leite de Vasconcelos ao Norte de Portugal
11. MNA Ms. 10450 a) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S b) Epigrafia Latina: Endovélico c) Viagem de Hübner	
1891	
12. MNA Ms. 10451 a) Bibliografia: <i>Revista Archeologica</i> (Arqueologia) b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Epigrafia Latina: Endovélico	13. SMS Ms. 16 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Borges de Figueiredo c) Bibliografia: <i>Revista Archeologica</i> (Arqueologia) d) Condições Científicas em Portugal: Museus e) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S f) Epigrafia Latina: Endovélico g) Epigrafia Latina: Panóias h) Ocupações de Leite de Vasconcelos i) Viagem de Hübner a Portugal: <i>Varia</i> (Panóias)
14. Extraviada a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Livreiros	15. SMS Ms. 17 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) c) Epigrafia Latina: Endovélico d) Epigrafia Latina: Panóias e) Viagem de Hübner a Portugal
16. MNA Ms. 10452 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) c) Epigrafia Latina: Endovélico d) Livreiros e) Viagem de Hübner a Portugal	17. SMS Ms. 18 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Livreiros d) Viagem de Hübner a Portugal
	18. Paradeiro Desconhecido a) Filologia: Endovélico b) Religiões da Lusitânia: Culto do Mar

	(Bibliografia; Bibliografia de Hübner: História Antiga)
19. MNA Ms. 10453 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Filologia: Endovélico d) Religiões da Lusitânia: Culto do Mar (Bibliografia; Bibliografia de Hübner: História Antiga)	20. SMS Ms. 19 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S
21. Extraviada a) Bibliografia: Becker (História Antiga)	
1892	
	22. Paradeiro Desconhecido a) Epigrafia Latina: Cárquere b) Epigrafia Latina: Minho
23. MNA Ms. 10454 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) c) Epigrafia Latina: Cárquere d) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S e) Epigrafia Latina: Minho f) Livreiros g) Filologia: Toponímia (<i>Equabona</i>)	
24. MNA Ms. 10455 a) Religiões da Lusitânia: Artigos de Leite de Vasconcelos	
1893	
	25. Paradeiro Desconhecido a) Epigrafia Latina: Mértola b) Filologia: Celtistas
26. Extraviada	27. SMS Ms. 20 a) Epigrafia Latina: Mértola b) Filologia: Celtistas
28. Extraviada	29. SMS Ms. 21 a) Bibliografia de Hübner a.1) Arqueologia a.2) Epigrafia Latina a.3) Epigrafia Paleocristã b) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para a <i>Revista Lusitana</i> c) Condições Científicas em Portugal c.1) Bibliotecas c.2) Investigadores c.3) Museus d) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre <i>CIL</i> II – S (Epigrafia Latina) e) Epigrafia Latina: Mértola f) Filologia: Celtistas Alemães g) Filologia: <i>MLI</i> h) Línguas das Cartas: Alemão

	i) Religiões da Lusitânia: Obra de Leite de Vasconcelos
	30. SMS Ms. 22 a) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre <i>MLI</i> (Filologia) b) Museu Etnográfico Português b.1) Constituição; Direcção – Leite de Vasconcelos b.2) Indivíduos Referidos: Sebastião Estácio da Veiga e o Museu do Algarve
31. MNA Ms. 10456 a) Bibliografia de Hübner a.1) Epigrafia Latina a.2) História Antiga b) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para a <i>Revista Lusitana</i> c) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>Revista Lusitana</i> d) Filologia: <i>MLI</i>	
1894	
	32. Paradeiro Desconhecido a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>Revista Lusitana</i>
33. MNA Ms. 10457 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>Revista Lusitana</i>	34. SMS Ms. 23 a) Bibliografia: Becker (História Antiga) b) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) c) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para a <i>Revista Lusitana</i> d) Epigrafia Latina: Endovélico e) Indivíduos Referidos: Theodor Mommsen f) Mosaística: Bibliografia; Bibliografia de Hübner (História Antiga) g) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i> , vols. I e II
	35. SMS Ms. 24 a) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) b) Indivíduos Referidos: Edward Dodgson em Portugal c) Religiões da Lusitânia: Cabo de S. Vicente
36. MNA Ms. 10458 a) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para a <i>Revista Lusitana</i> b) Epigrafia Latina: Endovélico c) Indivíduos Referidos: Edward Dodgson d) Mosaística: Bibliografia de Hübner (História Antiga) e) Religiões da Lusitânia: Cabo de S.	

Vicente f) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia I e II</i>	
37. MNA Ms. 10459+A a) Epigrafia Latina: Endovélico b) Indivíduos Referidos: Edward Dodgson em Portugal, Theodor Mommsen	38. SMS Ms. 25 a) Crítica Científica: Edward Dodgson b) Epigrafia Latina: Endovélico c) Ocupações de Leite de Vasconcelos d) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia I e II</i> : Endovélico
39. MNA Ms. 10460 a) Indivíduos Referidos: Manuel Rodríguez de Berlanga	
40. MNA Ms. 10461 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Museu Etnográfico Português	
1895	
41. MNA Ms. 10462+A a) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo	42. SMS Ms. 30 a) Bibliografia de Hübner: Portugal b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i> c) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo
	43. SMS Ms. 29 a) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo
44. MNA Ms. 10463 a) Bibliografia de Hübner: Museu Etnográfico Português e <i>O Arqueólogo Português</i> b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i> c) Indivíduos Referidos: J. A. Dias Coelho	45. SMS Ms. 31 a) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i> c) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo d) Indivíduos Referidos: J. A. Dias Coelho e) Permuta <i>O Arqueólogo Português</i> – Revistas de Arqueologia de Berlim
46. MNA Ms. 10464 a) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i> c) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo d) Indivíduos Referidos: J. A. Dias Coelho e) Permuta <i>O Arqueólogo Português</i> – Revistas de Arqueologia e Etnologia Alemãs (Bibliografia de Hübner: História Antiga) f) Viagem de Hübner	
47. MNA Ms. 10465 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i>	

<p>a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i> a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i> a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola a.5) Museu Etnográfico Português</p>	
<p>47A. MNA Mss. 10445+10445A; Hübner, 1895, pp. 177-182 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i> a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i> a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola a.5) Indivíduos Referidos: Borges de Figueiredo, Frederico Lázaro Cortes, Gadow, Jerónimo Osório (Reis D. Manuel I e D. João III), John C. Bruce, Sebastião Estácio da Veiga e Museu do Algarve, Warden b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i></p>	<p>48. SMS Ms. 26 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i> a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i> a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola b) Epigrafia Latina: Quinta de Marim c) Viagem de Leite de Vasconcelos ao Sul de Portugal c.1) Arqueologia: <i>Pax Iulia</i> c.2) Epigrafia Árabe: Mértola c.3) Epigrafia Latina: Mértola c.4) Epigrafia Latina: Serpa c.5) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p>
<p>49. MNA Ms. 10466 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i> a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i> a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola b) Epigrafia Latina: Quinta de Marim</p>	<p>50. Vasconcelos, 1895a, p. 182 a) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Artigo de Hübner n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i> a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i> a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola b) Viagem de Leite de Vasconcelos ao Sul de Portugal b.1) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> b.1.1) Epigrafia Latina: Mértola b.1.2) Epigrafia Latina: <i>Ossonoba</i> b.1.3) Epigrafia Paleocristã: Mértola b.1.4) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i></p>
	<p>51. SMS Ms. 27 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i> a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i> a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola b) Epigrafia Latina: Quinta de Marim</p>
<p>52. MNA Ms. 10467 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i> b) Epigrafia Latina: Quinta de Marim</p>	<p>53. SMS Ms. 28 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigos n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Imediações de Lisboa (Caparide, Cascais)</p>

	<p>a.2) Epigrafia Latina: Alentejo (Serpa?)</p> <p>b) Bibliografia de Santos Rocha: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b.1) Epigrafia Latina: Quinta de Marim</p> <p>c) Viagem de Leite de Vasconcelos a Tróia</p> <p>c.1) Arqueologia: Escavações em Tróia</p> <p>c.2) Epigrafia Latina: Tróia</p> <p>c.3) Museu Etnográfico Português</p>
	<p>54. SMS Ms. 32</p> <p>a) Crítica Científica: Hübner sobre <i>O Arqueólogo Português</i> (Pedido de Leite de Vasconcelos: Revista Alemã)</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b.1) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo</p> <p>c) Condições Científicas de Portugal: Epigrafistas</p> <p>d) Epigrafia Latina: <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>e) Epigrafia Latina: <i>Ossonoba</i></p>
<p>55. MNA Ms. 10468</p> <p>a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: Mértola</p> <p>a.2) Epigrafia Paleocristã: <i>Ossonoba</i></p> <p>a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>Balsa</i></p> <p>a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>b) Crítica Científica: Hübner sobre <i>O Arqueólogo Português</i> (Pedido de Leite de Vasconcelos: Revista Alemã)</p> <p>c) Epigrafia Latina: Albano Belino</p> <p>d) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo</p> <p>e) Epigrafia Latina: <i>Ossonoba</i></p>	<p>56. SMS Ms. 33</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Albano Belino (Epigrafia Latina)</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b.1) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo</p> <p>c) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>c.1) Epigrafia Latina: Trebaruna</p> <p>d) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Manuel Rodríguez de Berlanga</p> <p>e) Viagem de Hübner a Portugal</p> <p>f) Viagens de Leite de Vasconcelos a Braga</p> <p>g) Viagem de Leite de Vasconcelos a Panóias</p> <p>g.1) Epigrafia Latina: Panóias</p>
<p>57. MNA Ms. 10469</p> <p>a) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo</p> <p>b) Epigrafia Latina: Panóias</p> <p>c) Epigrafia Latina: Trebaruna</p> <p>d) Viagem de Hübner a Portugal</p>	<p>58. Paradeiro Desconhecido</p>
	<p>59. Paradeiro Desconhecido</p>
1896	
<p>60. MNA Ms. 10470</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O</i></p>	<p>61. SMS Ms. 10471+A</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos:</p>

<p><i>Arqueólogo Português</i> b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II – S c) Epigrafia Latina: <i>EE</i> VIII (Pedido de Ajuda a Leite de Vasconcelos) d) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo e) Filologia: Toponímia (<i>Varia</i>) f) Ocupações de Hübner g) Viagem de Hübner à Península Ibérica</p>	<p>Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Albano Belino (Epigrafia Latina) b) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo c) Viagem de Leite de Vasconcelos a Braga</p>
<p>62. MNA Ms. 10471 a) Epigrafia Latina: Fonte do Ídolo b) Viagem de Hübner</p>	<p>63. SMS Ms. 34 a) Bibliografia de Hübner: <i>Hispania</i> b) Bibliografia de Hübner: Artigos para <i>O Arqueólogo Português</i> c) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigos para <i>O Arqueólogo Português</i> c.1) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Albano Belino (Epigrafia Latina) c.2) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Martins Capela (Epigrafia Latina) d) Condições Científicas em Portugal: Investigadores e) Crítica Científica: Hübner sobre <i>O Arqueólogo Português</i> (Pedido de Leite de Vasconcelos: Revista Espanhola) f) Epigrafia Latina: Alcáçovas (Museu Etnográfico Português) g) Epigrafia Latina: <i>EE</i> VIII (Pedido de Ajuda a Leite de Vasconcelos) h) Epigrafia Latina: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vols. II e III i) Epigrafia Latina: Lisboa (Museu Etnográfico Português) j) Epigrafia Latina: <i>O Arqueólogo Português</i></p>
	<p>64. SMS Ms. 35 a) Epigrafia: sem novidades b) Leite de Vasconcelos: Sócio do Instituto Arqueológico de Berlim</p>
	<p>65. SMS Ms. 36 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigos para <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: <i>Band-</i> a.2) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas b) Epigrafia Latina: <i>CIL</i> II (Bibliografia) c) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p>
<p>66. Paradeiro Desconhecido a) Epigrafia Latina: <i>Band-</i> b) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p>	
<p>67. Paradeiro Desconhecido</p>	<p>68. SMS Ms. 37</p>

<p>a) Epigrafia Latina: <i>Band-</i> b) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p>	<p>a) Condições Científicas em Portugal b) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Hübner (Pedido de Desculpas de Leite de Vasconcelos) c) Epigrafia Latina: <i>Band-</i> (Publicação em Portugal, <i>O Arqueólogo Português</i>) d) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas (Publicação em Portugal, <i>O Arqueólogo Português</i>) e) Indivíduos Referidos: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Gabriel Pereira</p>
	<p>69. SMS Ms. 38 a) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Hübner (Pedido de Desculpas de Leite de Vasconcelos) b) Epigrafia Latina: <i>Band-</i> (Publicação em Portugal) c) Epigrafia Latina: Endovélico d) Epigrafia Latina: Publicações de Hübner e) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas (Publicação em Portugal)</p>
<p>70. MNA Ms. 10472+10472A a) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p>	
1897	
<p>71. MNA Ms. 10473 a) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p>	<p>72. SMS Ms. 39 a) Bibliografia de Hübner (História Antiga) b) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> c) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> c.1) Numismática: <i>Salacia</i> d) Crítica Científica: Hübner sobre Zobel e) Crítica Científica: Hübner sobre Holder (Filologia) f) Epigrafia Latina: Abrantes (Museu Etnográfico Português) g) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas h) Permuta <i>O Arqueólogo Português</i> – Revistas Alemãs, <i>Hermes</i> i) Ocupações de Leite de Vasconcelos j) Viagens de Leite de Vasconcelos ao Algarve e Mértola j.1) Arqueologia: Algarve j.2) Arqueologia: Mértola j.3) Epigrafia Latina: <i>Balsa</i> j.4) Museu Etnográfico Português k) Viagens de Leite de Vasconcelos pela Europa</p>

	<p>k.1) Madrid e Paris e Bélgica (1897) k.2) Itália (1898) k.3) Alemanha (1899)</p>
<p>73. MNA Ms. 10474 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i> b) Epigrafia Latina: <i>EE III (Lex Vipascensis: Museu Etnográfico Português)</i></p>	
<p>74. MNA Ms. 10475+A a) Bibliografia de Hübner: Artigo para <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas b) Crítica Científica: Hübner sobre Zobel c) Crítica Científica: Hübner sobre Holder (Filologia) d) Epigrafia Latina: Abrantes e) Epigrafia Latina: <i>Balsa</i> f) Numismática: <i>Salacia</i> g) Indivíduos Referidos: P. Fita h) Permuta <i>O Arqueólogo Português</i> – Revistas Alemãs, <i>Hermes</i> i) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Alemanha (1899) j) Viagem de Leite de Vasconcelos por Portugal</p>	
<p>75. MNA Ms. 10476 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas b) Epigrafia Latina: Vila Boim c) Indivíduos Referidos: Edward Dodgson em Portugal</p>	
<p>76. Hübner, 1897b, pp. 161-167 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas (Museu Etnográfico Português)</p>	<p>77. SMS Ms. 40 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> b.1) Inscrições “Ibéricas”: Bensafrim c) Epigrafia Grega: <i>IG XIV</i> d) Epigrafia Latina: <i>EE III (Lex Vipascensis)</i> e) Epigrafia Latina: <i>EE VIII</i> (Pedido de Ajuda a Leite de Vasconcelos) f) Indivíduos Referidos: Richard Auerbach (Berlim) g) Permuta <i>O Arqueólogo Português</i> – <i>Ephemeris Epigraphica</i>, Revistas Alemãs h) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p>

<p>78. MNA Ms. 10477</p> <p>a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p> <p>b) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i></p> <p>b.1) Pedido de Ajuda a Leite de Vasconcelos (Importância dos Contactos de Hübner)</p> <p>b.2) Epigrafia Paleocristã: Arouca</p> <p>b.3) Epigrafia Paleocristã: Bencatel</p> <p>b.4) Epigrafia Paleocristã: Celorico da Beira</p> <p>b.5) Epigrafia Paleocristã: Conimbriga</p> <p>b.6) Epigrafia Paleocristã: Inscrições Inéditas de Leite de Vasconcelos</p> <p>b.7) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas)</p> <p>b.8) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>b.9) Epigrafia Paleocristã: Montemor-o-Novo</p> <p>b.10) Indivíduos Referidos: Albano Belino, António Joaquim Moreira, Correspondentes de Hübner de Inglaterra, Gabriel Pereira, Rocha Espanca, Sebastião Estácio da Veiga</p>	<p>79. SMS Ms. 41</p> <p>a) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i></p> <p>a.1) Pedido de Ajuda a Leite de Vasconcelos</p> <p>a.2) Epigrafia Paleocristã: Inscrições Inéditas de Leite de Vasconcelos (Carta a Hübner ou <i>O Arqueólogo Português</i>)</p> <p>b) Museu Etnográfico Português: Museu do Algarve</p> <p>c) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p> <p>d) Viagem de Leite de Vasconcelos</p> <p>d.1) Arqueologia</p>
80. Extraviada	81. SMS Ms. 42
<p>a) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas)</p>	a) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas)
82. MNA Ms. 10478	
<p>83. MNA Ms. 10479</p> <p>a) Arqueologia Paleocristã: Mértola</p> <p>b) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i></p> <p>c) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas)</p> <p>d) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>e) Indivíduos Referidos: Sebastião Estácio da Veiga</p>	<p>84. SMS Ms. 45; Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Arqueologia: Mértola</p> <p>a.2) Epigrafia Latina: Mértola</p> <p>a.3) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC</i>; <i>IHC – S</i></p> <p>a.4) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>a.5) Epigrafia Paleocristã: Museu do Algarve</p> <p>a.6) Indivíduos Referidos: Fortunato da Fonseca, João Manuel da Costa, Manuel Bravo Gomes, Manuel Francisco Gomes, Sebastião Estácio da Veiga</p> <p>a.7) Museu Etnográfico Português</p> <p>a.7.1) Leite de Vasconcelos – Director</p> <p>a.8) Numismática: Mértola</p>
85. MNA Ms. 10492+A	86. SMS Ms. 43
<p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: Mértola</p> <p>a.2) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p>	<p>a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos:</p>

<p>a.3) Museu Etnográfico Português b) Epigrafia Paleocristã: Arouca c) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i> d) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas) e) Epigrafia Paleocristã: Mértola f) Indivíduos Referidos: António Joaquim Moreira, Sebastião Estácio da Veiga</p>	<p>Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> b.1) Epigrafia Latina: Mértola b.2) Epigrafia Paleocristã: Mértola c) Epigrafia Paleocristã: Decalques d) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas: Museu Etnográfico Português) e) Museu Etnográfico Português: e.1) Epigrafia Paleocristã e.2) Museu do Algarve f) Ocupações de Leite de Vasconcelos: <i>Varia</i></p>
	<p>87. SMS Ms. 44 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: Mértola b) Epigrafia Paleocristã: Arouca c) Epigrafia Paleocristã: Mértola (Museu Etnográfico Português) d) Epigrafia Paleocristã: Tavira (Museu Etnográfico Português) e) Indivíduos Referidos: Sebastião Estácio da Veiga</p>
<p>88. MNA Ms. 10480 a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Mértola a.2) Epigrafia Paleocristã: Mértola b) Epigrafia Paleocristã: Lisboa (Chelas) c) Epigrafia Paleocristã: Mértola d) Epigrafia Paleocristã: Tavira e) Viagem de Hübner</p>	
<p>89. MNA Ms. 10481 a) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i> (Decalques de Espanha) b) Epigrafia Paleocristã: Marim (<i>IHC – S</i>: Ajuda de Leite de Vasconcelos; Museu Etnológico Português)</p>	<p>90. SMS Ms. 46 a) Bibliografia de Rocha Espanca: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: Juromenha (Museu Etnológico Português) b) Epigrafia Paleocristã: Marim (<i>IHC – S</i>: Ajuda de Leite de Vasconcelos) c) Indivíduos Referidos: Sebastião Estácio da Veiga d) Viagem de Leite de Vasconcelos ao Norte de Portugal e) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Madrid, Paris e Bélgica</p>
	<p>91. SMS Ms. 47 a) Bibliografia de Hübner: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i> a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas b) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p>

<p>92. MNA Ms. 10482</p> <p>a) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>b) Viagens de Leite de Vasconcelos</p>	<p>93. SMS Ms. 48</p> <p>a) Bibliografia: Hirschfeld (História Antiga), Giacomino (Filologia) e Rhys (Filologia)</p> <p>b) Epigrafia Latina: Cárquere</p> <p>c) Geografia Antiga: <i>Tagro – Sacro</i></p> <p>d) Indivíduos Referidos: Babelon, C. Julien</p> <p>e) Museu Etnológico Português: Berrões</p> <p>f) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p> <p>g) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Espanha, França, Bélgica</p> <p>g.1) Biblioteca em Madrid (<i>MLI</i>; Campaner y Fuertes)</p> <p>g.2) Museus</p>
<p>94. MNA Ms. 10483+A</p> <p>a) Bibliografia: Hirschfeld</p> <p>b) Geografia Antiga: <i>Tagro – Sacro</i></p> <p>c) Viagem de Hübner</p>	<p>95. SMS Ms. 49</p> <p>a) Crítica Científica: Leite de Vasconcelos sobre Manuel Rodríguez de Berlanga</p> <p>a.1) Numismática: <i>Salacia</i></p> <p>b) Geografia Antiga: <i>Tagro – Sacro</i></p> <p>c) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. I</p>
	<p>96. SMS Ms. 50</p> <p>a) Crítica Científica: Hübner sobre <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. I (Pedido de Leite de Vasconcelos: Revista Espanhola)</p> <p>b) Geografia Antiga: Bibliografia</p> <p>c) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p> <p>d) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. I</p>
<p>97. MNA Ms. 10484</p> <p>a) Crítica Científica: Hübner sobre <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. I (Pedido de Leite de Vasconcelos: Revista Espanhola)</p> <p>b) Geografia Antiga: Promontórios (Bibliografia; Bibliografia de Hübner)</p> <p>c) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p> <p>d) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. I</p>	
1898	
	<p>98. SMS Ms. 52</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina</p> <p>a.2) Epigrafia Medieval</p> <p>a.3) Epigrafia Moderna</p> <p>a.4) Epigrafia Paleocristã</p>

	<p>b) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Estremadura Portuguesa</p> <p>b.1) Epigrafia Latina: Juncal</p> <p>b.2) Epigrafia Latina: Porto de Mós</p> <p>b.3) Indivíduos Referidos: José Calado</p>
<p>99. MNA Ms. 10486</p> <p>a) Epigrafia Latina: Juncal</p> <p>b) Epigrafia Latina: Porto de Mós</p> <p>c) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i></p> <p>d) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>e) Indivíduos Referidos: Carlos Vasconcelos</p> <p>f) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Berlim</p>	<p>100. SMS Ms. 51</p> <p>a) Bibliografia de Hübner (História Antiga)</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos</p> <p>b.1) Etnografia</p> <p>b.2) História Antiga</p> <p>c) Inscrições “Ibéricas”: Fonte Velha, Bensafrim</p> <p>d) Epigrafia Latina: Juncal</p> <p>e) Epigrafia Latina: Porto de Mós</p> <p>f) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>g) Indivíduos Referidos: Carlos Vasconcelos</p> <p>h) Viagem de Leite de Vasconcelos ao Algarve</p> <p>h.1) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n’<i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>h.1.1) Inscrições “Ibéricas”: Salir</p> <p>h.2) Epigrafia Latina: Salir</p> <p>h.3) Arqueologia: Museu Etnológico Português</p> <p>i) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Berlim (1899)</p>
<p>101. MNA Ms. 10487</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n’<i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: Salir</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>c) Epigrafia Paleocristã: Mértola (<i>IHC – S</i>: Decalque)</p> <p>d) Inscrições “Ibéricas”: Fonte Velha, Bensafrim</p> <p>e) Inscrições “Ibéricas”: Salir</p> <p>f) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Berlim</p>	
<p>102. MNA Ms. 10488</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b) Epigrafia Latina: Panóias</p> <p>b.1) Oferta de Artigo de Hübner para <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b.2) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. II</p>	

<p>c) Epigrafia Latina: <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>d) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p> <p>e) Inscrições “Ibéricas”: Bensafrim</p> <p>f) Inscrições “Ibéricas”: Salir</p>	
<p>103. MNA Ms. 10489</p> <p>a) Bibliografia de Hübner: Artigo n’<i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p> <p>b) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>c) Filologia: <i>Lama</i></p>	<p>104. SMS Ms. 53</p> <p>a) Epigrafia Latina: Panóias</p> <p>b) Epigrafia Latina: S. Tomé de Lamas</p> <p>c) Inscrições “Ibéricas”: Bensafrim</p> <p>d) Filologia: <i>Lama</i></p> <p>e) Indivíduos Referidos: Carlos Vasconcelos</p> <p>f) Mosaística: Mosaico Romano de Leiria (Museu Etnológico Português)</p> <p>g) Ocupações de Leite de Vasconcelos</p> <p>h) Viagem de Leite de Vasconcelos</p> <p>h.1) Arqueologia Pré-Histórica</p>
	<p>105. SMS Ms. 54</p> <p>a) Inscrições “Ibéricas”: Beja</p> <p>b) Viagem de Leite de Vasconcelos</p> <p>b.1) Arqueologia: Museu Etnológico Português (Montemor-o-Novo: Escavações em Monumentos Megalíticos, Objectos Romanos)</p> <p>b.2) Epigrafia Latina: Marcas de Oleiro</p> <p>c) Viagem de Leite de Vasconcelos a Beja</p>
	<p>106. SMS Ms. 55</p> <p>a) Crítica Científica: Hübner sobre Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. I</p> <p>b) Epigrafia Latina: Moncorvo (Museu Etnológico Português)</p> <p>c) Museu Etnológico Português: Condições</p> <p>d) Viagem de Leite de Vasconcelos ao Alentejo</p>
	<p>107. SMS Ms. 56</p> <p>a) Bibliografia de Hübner (História Antiga)</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Artigo n’<i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b.1) Epigrafia Latina: Mértola</p> <p>b.2) Epigrafia Paleocristã: Mértola</p> <p>c) Condições Científicas em Portugal: Epigrafistas</p> <p>d) Epigrafia: Museu Etnológico Português</p> <p>e) Epigrafia Latina: Moncorvo (Museu Etnológico Português)</p> <p>f) Filologia: <i>MLI</i></p> <p>g) Indivíduos Referidos: Theodor</p>

	<p>Mommsen</p> <p>h) Museu Etnológico Português: Condições</p> <p>i) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Paris e Berlim</p> <p>i.1) Estudos de Leite de Vasconcelos</p> <p>i.1.1) Epigrafia</p> <p>i.1.2) Filologia</p> <p>i.2) Estudos de Leite de Vasconcelos com Hübner: Epigrafia Prática</p> <p>i.3) Indivíduos Referidos: Arbois de Jubainville</p>
108. Paradeiro Desconhecido	<p>109. SMS Ms. 57</p> <p>a) Bibliografia de Hübner</p> <p>a.1) Arqueologia</p> <p>a.2) História Antiga</p> <p>b) Epigrafia Latina: Olhos, Castro Marim</p> <p>c) Viagens de Leite de Vasconcelos em Portugal</p> <p>d) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Paris e Berlim</p> <p>d.1) Estudos de Leite de Vasconcelos</p> <p>d.1.1) Epigrafia</p> <p>d.1.2) Filologia</p> <p>d.2) Estudos de Leite de Vasconcelos com Hübner: Epigrafia Prática</p>
110. Paradeiro Desconhecido	<p>111. SMS Ms. 58</p> <p>a) Bibliografia de Albino Pereira Lopo: Artigo n' <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>a.1) Epigrafia Latina: Castro de Sacóias</p> <p>b) Bibliografia de Bücheler (História Antiga)</p> <p>c) Bibliografia de Hübner (Epigrafia Paleocristã)</p> <p>d) Crítica Científica: Hübner sobre Federico Maciñeira y Pardo</p> <p>e) Epigrafia Latina: Lisboa</p> <p>f) Epigrafia Latina: Olhos, Castro Marim</p> <p>g) Epigrafia Paleocristã: Artigo de Leite de Vasconcelos</p> <p>h) Indivíduos Referidos: António Mesquita de Figueiredo</p> <p>i) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Paris e Berlim</p> <p>i.1) Estudos de Leite de Vasconcelos:</p> <p>i.1.1) Epigrafia</p> <p>i.1.2) Filologia</p> <p>i.2) Estudos de Leite de Vasconcelos com Hübner: Epigrafia Prática</p>
	112. Paradeiro Desconhecido

	a) Epigrafia Latina: Lisboa
113. Paradeiro Desconhecido	
114. MNA Ms. 10490+A a) Epigrafia Latina: Lisboa b) Línguas das Cartas: Francês, Alemão c) Viagem de Leite de Vasconcelos à Alemanha: 1899	
1899	
	115. SMS Ms. 59 a) Bibliografia de Hübner: Epigrafia b) Epigrafia Latina: Lisboa c) Ocupações de Leite de Vasconcelos d) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa
116. MNA Ms. 10491 a) Viagem de Leite de Vasconcelos à Alemanha: Berlim e Bona (Ajuda de Hübner)	117. SMS Ms. 60 a) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa a.1) Paris a.1.1) Estudos de Leite de Vasconcelos a.1.1.1) Epigrafia Latina a.1.1.2) Filologia a.1.2) Indivíduos Referidos: Cagnat, Villefosse a.1.3) Leite de Vasconcelos: Curso de Filologia Portuguesa a.1.4) Leite de Vasconcelos: Passeios pelos Arredores de Paris a.2) Bélgica a.3) Bona a.3.1) Indivíduos Referidos: Georg Loeschcke a.3.2) Museus a.4) Berlim a.4.1) Estudos de Leite de Vasconcelos com Hübner: Epigrafia Prática
118. Paradeiro Desconhecido	119. SMS Ms. 61 a) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Europa: Alemanha (Recomendações de Hübner) a.1) Indivíduos Referidos: Theodor Mommsen
	120. SMS Ms. 62 a) Bibliografia de Hübner (Arqueologia) b) Bibliografia: Zimmermann (História Antiga) c) Epigrafia Grega c.1) Algarve c.2) Beja (<i>EE</i> III 48) c.3) Mértola d) Viagem de Leite de Vasconcelos pela

	<p>Europa: Alemanha (Encontro com Hübner)</p> <p>d.1) Indivíduos Referidos: Dessau, Virchow</p>
<p>121. MNA Ms. 10493</p> <p>a) Literatura: Poema <i>No Rheno</i> de Leite de Vasconcelos</p> <p>b) Viagem de Leite de Vasconcelos a Berlim (Regresso de Leite de Vasconcelos a Portugal)</p>	<p>122. SMS Ms. 63</p> <p>a) Bibliografia de Hübner (Epigrafia Paleocristã: Oviedo)</p> <p>b) Epigrafia Latina: Endovélico (Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. II)</p> <p>c) Viagem de Leite de Vasconcelos à Alemanha: Berlim, Vários Locais (Encontro com Hübner; Regresso de Leite de Vasconcelos a Portugal)</p> <p>c.1) Indivíduos Referidos: Bastiem, Von</p> <p>c.2) Museu Etnológico de Berlim</p>
<p>123. MNA Ms. 10494</p> <p>a) Epigrafia Paleocristã: Évora (<i>IHC – S; IHC 1*</i>)</p> <p>b) Indivíduos Referidos: Edward Dodgson</p> <p>b.1) Viagem pela Europa</p> <p>b.2) Viagem em Portugal</p> <p>c) Línguas das Cartas: Alemão</p>	
1900	
	<p>124. SMS Ms. 64</p> <p>a) Epigrafia Paleocristã: Évora (<i>IHC 1*</i>)</p> <p>b) Indivíduos Referidos: André de Resende, Gabriel Pereira</p> <p>c) Leite de Vasconcelos: Doença, Viagem</p> <p>d) Museu Etnológico Português: Mudanças</p>
125. Paradeiro Desconhecido	
<p>126. MNA Ms. 10495</p> <p>a) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: Etnografia</p> <p>b) Bibliografia de Leite de Vasconcelos: <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>c) Religiões da Lusitânia: Leite de Vasconcelos, <i>Religiões da Lusitânia</i>, vol. II</p>	
<p>127. MNA Ms. 10496</p> <p>a) Epigrafia Latina: <i>O Arqueólogo Português</i></p> <p>b) Epigrafia Latina: Pedrulha</p> <p>c) Indivíduos Referidos: António Mesquita de Figueiredo</p>	<p>128. SMS Ms. 65</p> <p>a) Viagem de Leite de Vasconcelos a Praga</p>
<p>129. MNA Ms. 10497+A</p> <p>a) Viagem de Leite de Vasconcelos pela Alemanha</p>	<p>130. SMS Ms. 66</p> <p>a) Epigrafia Latina: Pedrulha</p> <p>b) Regresso de Leite de Vasconcelos a Portugal</p>

	c) Viagem de Leite de Vasconcelos a Panóias
	131. SMS Ms. 67 a) Bibliografia de Hübner: Pedido de Artigos para <i>O Arqueólogo Português</i> b) Epigrafia Paleocristã: <i>IHC – S</i> c) Ex-libris de Hübner d) Viagem de Leite de Vasconcelos: Arqueologia (Montemor-o-Novo: Escavações em Monumentos Megalíticos)

Tabela 4: Assuntos Referidos na Correspondência Epistolar entre Hübner e Leite de Vasconcelos

Os assuntos referidos nas missivas surgem com diferentes frequências e com uma considerável variabilidade ao longo dos anos. De modo a podermos analisar circunstanciadamente esse aspecto, realizámos os gráficos 8 a 11. Estes gráficos não contêm todos os assuntos registados na correspondência e sintetizados na Tabela 4 (Tabela 4; Gráficos 8-11).

A nossa selecção recaiu principalmente sobre as Ciências, ou seja, Epigrafia, Arqueologia, Mosaística, Numismática, História Antiga, Geografia Antiga, Etnografia, Filologia, Literatura e Religiões da Lusitânia. Incluímos também as Condições Científicas em Portugal e as Viagens de Hübner e de Leite de Vasconcelos. As referências ao Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português inserem-se muitas vezes nas Ciências. Por exemplo, a aquisição de epígrafes para esta instituição foi por nós incluída na Epigrafia. Todavia, desejámos mostrar a relevância que esta instituição adquiriu na correspondência, o que é também indicador da sua importância para o desenvolvimento da actividade científica de Leite de Vasconcelos, assim como para o incremento e engrandecimento de conjunto de Ciências, entre as quais a Epigrafia e a Arqueologia. Assim, duplicámos as referências neste caso. Foram contabilizadas todas as alíneas individualmente (Gráficos 8-11).

A realização de um gráfico por anos com todos estes temas tornaria confusa a sua leitura e compreensão. Deste modo, optámos por distribuir a informação por vários, dividindo os assuntos desta forma.

No Gráfico 9 reunimos toda a Epigrafia, à qual consagramos um apartado autónomo, tendo não apenas em conta a natureza do trabalho, mas também o número e importância das alusões a esta temática (Gráfico 9).

As restantes áreas científicas são apresentadas no Gráfico 10 e justifica-se, a nosso ver, que se agrupem todas. Deste modo se percebe a sua importância relativa, bem como a sua frequência e distribuição ao longo do tempo (Gráfico 10).

Colocámos as viagens de Hübner no mesmo gráfico das viagens de Leite de Vasconcelos, individualizadas, às quais juntamos as referências às condições científicas em Portugal e às alusões ao Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português, uma vez que se trata de assuntos claramente relacionados. Tratando-se de assuntos complementares da actividade científica, assumem uma considerável relevância na troca de missivas (Gráfico 11).

Excluímos de uma análise específica neste capítulo os seguintes assuntos: Bibliografia, Livreiros, Crítica Científica, Indivíduos Referidos e ainda as Línguas de Redacção das Cartas.

Os Livreiros relacionam-se com a troca de bibliografia e consistem em indicações de locais onde se poderia adquirir as obras científicas, nomeadamente algumas daquelas que Leite de Vasconcelos desejava adquirir.

Hübner e Leite de Vasconcelos indicam muita bibliografia, seja através de referências bibliográficas, seja relativo a pedidos e a troca de bibliografia. A necessidade de obras era fundamental para a prossecução dos estudos dos dois correspondentes. O sábio alemão precisava de se actualizar permanentemente, de modo a conseguir realizar obras completas. O investigador lusitano desejava adquirir trabalhos de autores estrangeiros para poder desenvolver as suas investigações, seguindo a evolução científica de outros países, que estariam mais desenvolvidos que Portugal. Muitas destas referências bibliográficas são englobadas nas Ciências supramencionadas. Por exemplo, o livro de Becker insere-se no âmbito da História Antiga. Deste modo, prescindimos de multiplicar nos gráficos estas entradas. O mesmo ocorre com as várias menções relativas à Crítica Científica, pelo que também não incluimos nos gráficos estas entradas.

Os Indivíduos Referidos permitem compreender as redes de contactos de Hübner e de Leite de Vasconcelos, assim como outras situações, mas a sua importância está relacionada com as outras temáticas, na medida em que contribuem para a troca de informações, entre outros. Refira-se, a título de exemplo, o que Hübner escreveu sobre a importância dos seus correspondentes para a realização do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. A actualização e confirmação das leituras epigráficas era fundamental e, decerto perante a impossibilidade de viajar para Portugal, os

investigadores portugueses desempenhavam um papel fundamental, de modo a “evitar, tanto quanto possível, lacunas no material”, como o próprio sábio alemão escreveu ao conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, em missiva de 8 de Abril de 1897 (CCE 78 (MNA Ms. 10477). *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1, 5.2.1.1-5.2.1.3).

As referências às Ocupações de Hübner e de Leite de Vasconcelos são concretizadas geralmente de uma forma muito breve; na maioria dos casos somente aludindo ao muito trabalho, referência que ocorre especialmente nas missivas de Vasconcelos, que culpa com frequência os seus atrasos, incumprimentos ou descuidos a essa terrível circunstância.

As Línguas das Cartas foram analisadas no capítulo 3.2 (*Vide* capítulo 3.2).

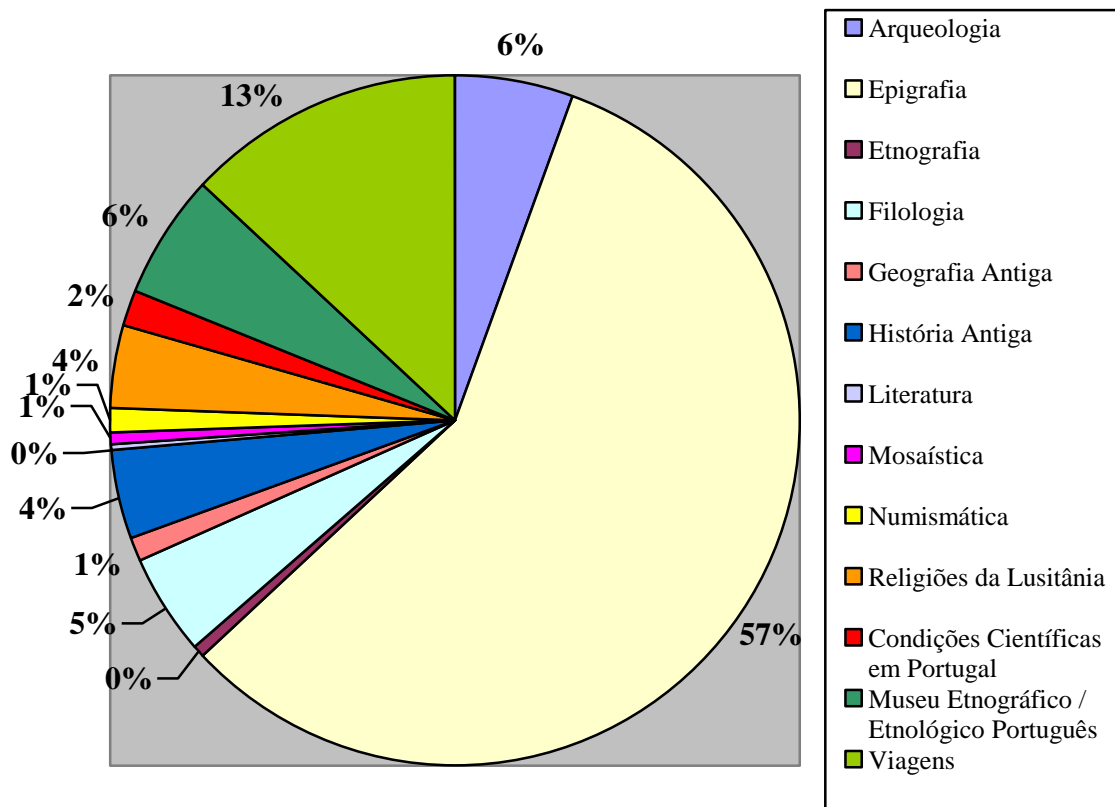


Gráfico 8: Frequência dos Assuntos Referidos na Correspondência

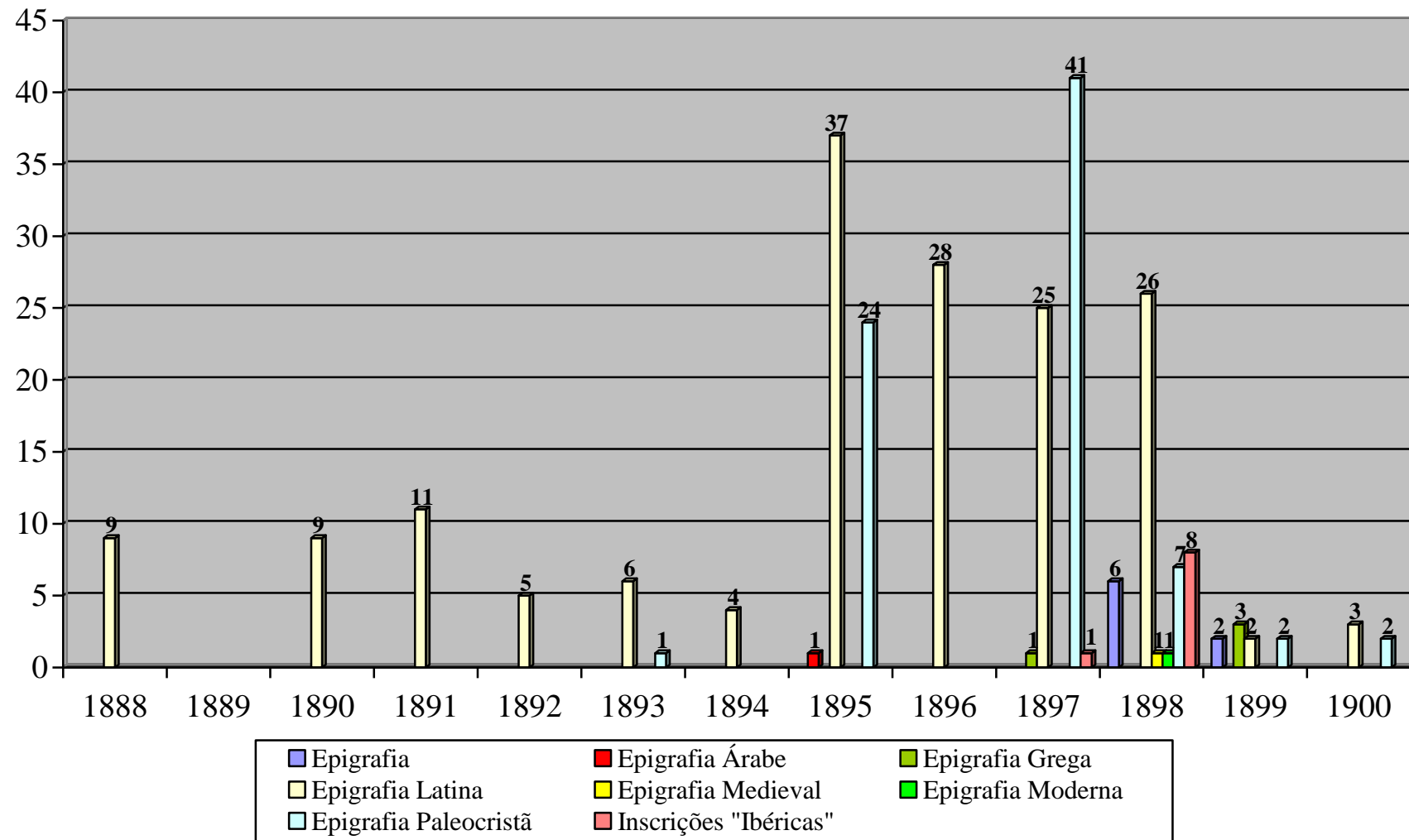


Gráfico 9: Volume dos Assuntos Epigráficos por Ano

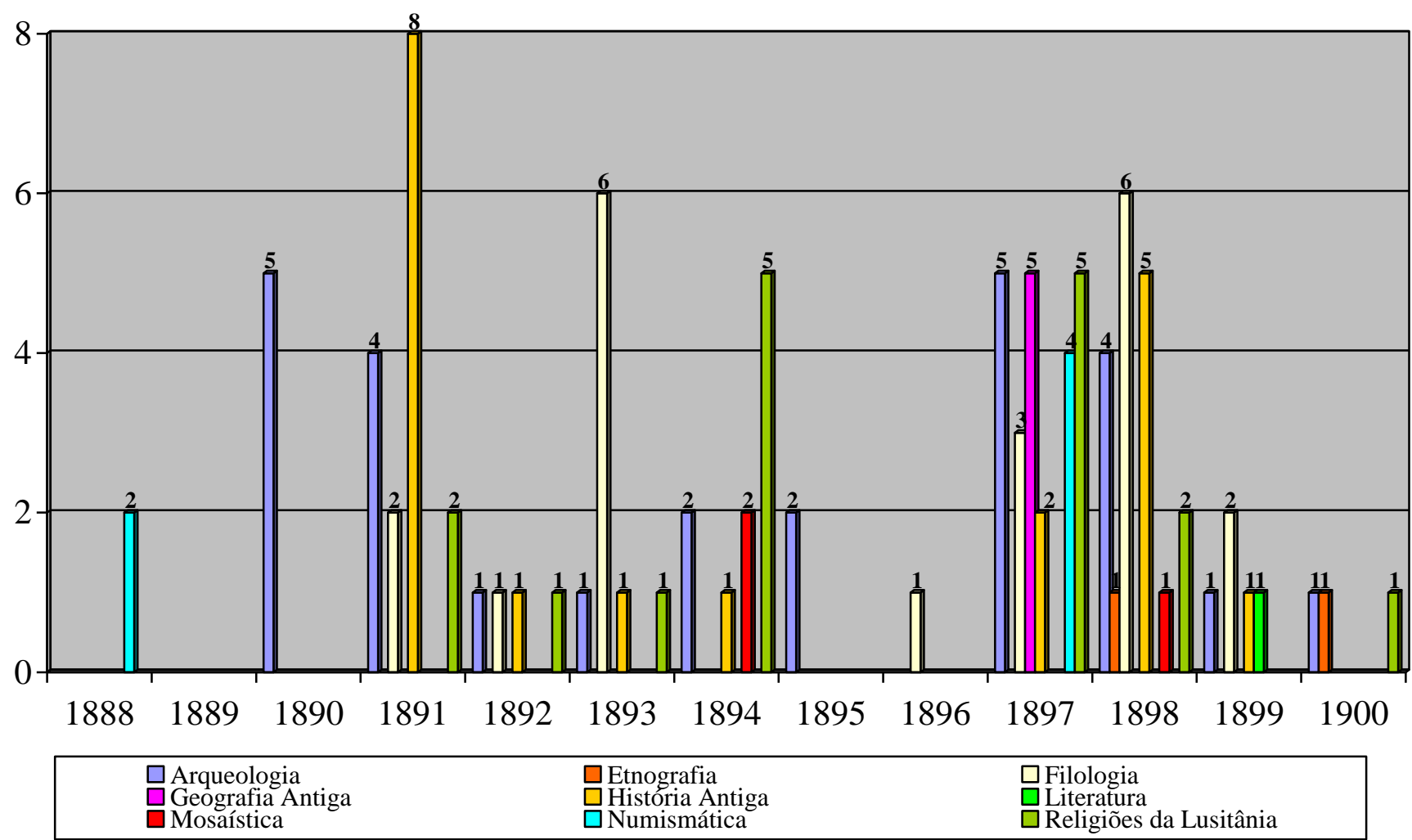


Gráfico 10: Volume dos Assuntos por Ano: Áreas Científicas

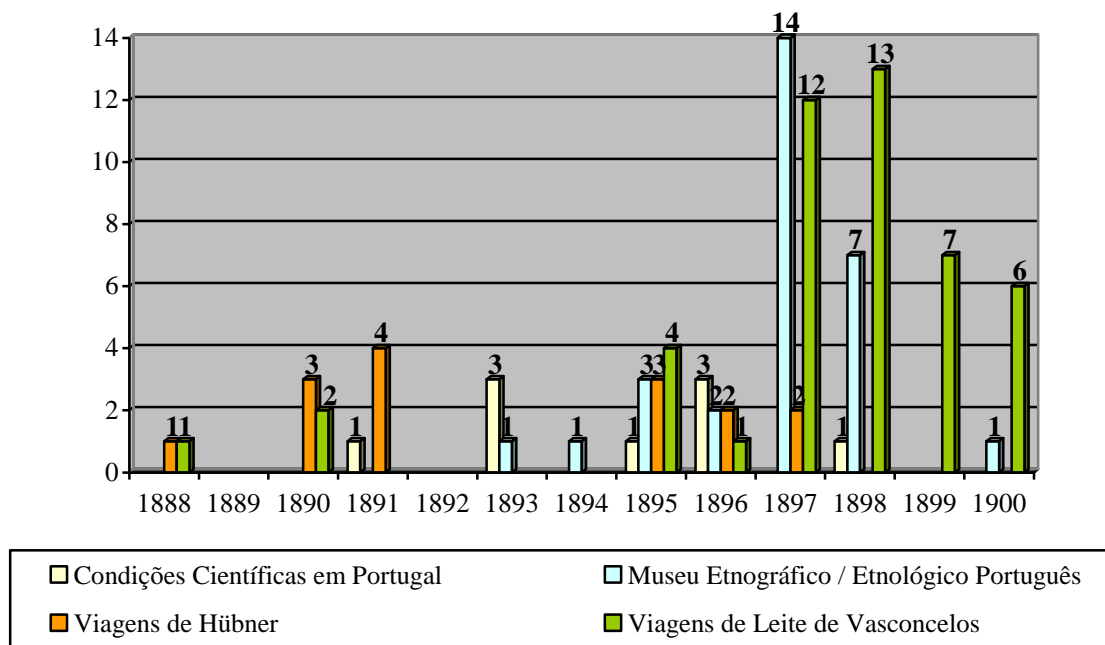


Gráfico 11: Volume dos Assuntos por Ano: Condições Científicas em Portugal, Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português, Viagens de Hübner, Viagens de Leite de Vasconcelos

Importa agora compreender, de uma forma breve, a frequência das diferentes temáticas tratadas nas cartas, aspecto que se apresenta nos Gráficos 8 a 11 (Gráficos 8-11).

A Epigrafia constitui o assunto mais abordado na correspondência trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos, totalizando 57%, com 270 referências, o que não constitui nenhuma surpresa, tendo em conta os objectivos essenciais que norteiam especialmente o trabalho do professor alemão. Neste domínio, saliente-se que os interesses do fundador do Museu Etnográfico Português são bastante mais variados, o que deverá ser responsável por uma maior amplitude dos tópicos referidos nas missivas. Devido à grande quantidade de referências, dedicamos à Epigrafia um capítulo especial (Gráfico 8. *Vide* capítulos 4.1.1-4.1.5).

A Epigrafia latina foi abordada em todos os anos da correspondência, tendo sido o assunto mais citado nas cartas, somando 163 referências. Por esta razão, escolhemos este tema para desenvolver na nossa dissertação de doutoramento. A Epigrafia latina demonstra uma variabilidade estável nos primeiros anos de 1888, 1890-1891, com uma ligeira descida entre 1892 e 1894 e, depois, uma volumosa subida no quadriénio 1895 a 1898, que se destaca sobremaneira do restante conjunto, com a maior quantidade de referências. Este período detém simultaneamente o maior volume de correspondência.

Após esta intensidade, nos anos finais, diminuiu para níveis bastante baixos (CCE; Tabela 4; Gráfico 9. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.1-4.1.2.6).

A Epigrafia paleocristã está presente em três conjuntos de anos: 1893, 1895 e 1897-1900. De forma um pouco semelhante à Epigrafia latina, ainda que mais limitada, evidenciam-se os anos de 1895 e 1897, estando contudo ausente em 1896 e com um número reduzido em 1898. Estes períodos contrastam exponencialmente com os restantes anos, ocorrendo mesmo apenas uma referência em 1893 e 1900 e duas em 1899 (CCE; Tabela 4; Gráfico 9. *Vide* capítulo 4.1.3).

As referências às Inscrições “Ibéricas” concentram-se em 1897 e 1898, apresentando neste último ano um acréscimo significativo, ainda que não atinja os dois dígitos (CCE; Tabela 4; Gráfico 9. *Vide* capítulo 4.1.4).

A Epigrafia grega constitui um dos conjuntos menores do âmbito epigráfico. Inicia-se em 1897 com uma referência e ressurge em 1899 com o triplo (CCE; Tabela 4; Gráfico 9. *Vide* capítulo 4.1.5).

As Epigrafias árabe, medieval e moderna foram referidas apenas de forma indirecta, uma única vez. Deste modo, apenas a abordamos no capítulo 4.1.2, no contexto das descobertas da viagem, que Leite de Vasconcelos efectuou ao Sul do país, na Páscoa de 1895 (CCE; Tabela 4; Gráfico 9. *Vide* capítulo 4.1.2, 4.1.2.1).

Por Epigrafia sem qualquer especificação entendemos todas as referências epigráficas de âmbito geral efectuadas nas missivas. Surgem nos anos de 1898-1899, avolumando-se em 1898 (CCE; Tabela 4; Gráfico 9. *Vide* capítulo 4.1.1).

O segundo tema consiste nas Viagens, de Hübner e de Leite de Vasconcelos, perfazendo 13%, com 61 referências. A relevância que este tema apresenta pode, eventualmente, considerar-se algo surpreendente. Essa surpresa, todavia, será menor se tivermos em conta que estamos perante dois investigadores que estão em permanente movimento, lidando com objectos dispersos e em relação aos quais assumem especiais obrigações. Observar os monumentos epigráficos ou recolher inscrições e outros objectos de interesse arqueológico por esse país fora constituem tarefas que marcam aspectos diferentes da missão destes estudiosos, mas implicam numerosas deslocações. Esse facto transparece, naturalmente, na correspondência (Gráfico 8).

As viagens de Hübner, tenham sido concretizadas ou apenas propostas, são referenciadas poucas vezes, estando presentes em 1888, 1890-1891, 1895-1897. No que respeita às viagens de Leite de Vasconcelos, durante alguns anos, 1888, 1890, 1895-1896, a sua frequência é pequena. A partir de 1897 ocorre um aumento deveras

acentuado, um pouco mitigado nos dois últimos anos da correspondência, 1899-1900 (CCE; Tabela 4; Gráfico 11). Deste modo, em relação ao quadriénio 1895-1898, que temos indicado *supra*, apuramos os seguintes dados quanto ao tema das viagens ilustrado no Gráfico 11. As alusões às viagens do sábio alemão mantêm a mesma frequência, não estando presente em 1898. No que diz respeito às viagens do investigador português, em 1895-1896 está presente, ainda que com um volume reduzido. Nos anos de 1897-1898, manifesta-se um grande incremento das referências (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 11).

As referências às viagens contêm dois espaços geográficos: o nacional e o estrangeiro. A documentação epistolar ora em estudo informa-nos pouco sobre as viagens de Hübner pela Alemanha. Uma não conseguimos esclarecer o destino. Outras mostram-nos viagens familiares, para a casa dos seus pais em Loschwitz. São as deslocações a Portugal que desejamos realçar. Verifica-se uma insistência permanente de Leite de Vasconcelos com o objectivo de que o sábio alemão regresse a Portugal, de modo a acompanhar e a ensinar o investigador português, esclarecendo dúvidas em determinados monumentos epigráficos, como por exemplo o conjunto de Panóias. Todavia, o erudito germânico não regressou ao território luso no período cronológico da correspondência ora em estudo (*Vide* capítulo 2.2). As viagens do conservador da Biblioteca Nacional em Portugal são praticamente todas conhecidas e relacionam-se com a importância que Leite de Vasconcelos lhes atribuía para o correcto desenvolvimento das suas investigações. O investigador lusitano informou o seu correspondente das deslocações e das descobertas, ainda que de forma meramente indicativa, demorando e protelando o envio de novidades e concretizando-o preferencialmente através de artigos. A preparação e concretização de viagens ao estrangeiro contribuem para o crescimento das referências entre 1897 e 1900, com um maior acréscimo nos anos de 1897 e 1898. Destas deslocações destacamos a viagem a Paris e à Alemanha em 1899, onde viria a conhecer Hübner. A preparação parece ter sido realizada com bastante pormenor e detalhe, de modo a garantir o maior aproveitamento das estadias nestes países (CCE; Tabela 4; Gráfico 11).

Os restantes assuntos contabilizam menos de 10% cada, pela seguinte ordem: Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português com 6% e 27 referências, Arqueologia com 6% e 26 referências, Filologia com 5% e 23 referências, História Antiga com 4% e 19 referências, Religiões da Lusitânia com 4% e 17 referências, Condições Científicas em Portugal com 2% e 9 referências, Numismática com 1% e 6

referências, Geografia Antiga com 1% e 5 referências, Mosaística com 1% e 3 referências, Etnografia com 0% e 2 referências, Literatura com 0% e 1 referências (Gráfico 8).

O Museu Etnográfico Português / Museu Etnológico Português constitui um assunto mencionado naturalmente somente a partir da sua fundação em 1893, não estando presente na totalidade dos anos. A quantidade de alusões é bastante reduzida, excepto no período de 1897-1898, no qual ocorre um volume muito significativo (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 11). Leite de Vasconcelos informou Hübner da circunstância da fundação do museu, transmitiu-lhe a situação a respeito das condições que detinha esta instituição em termos de instalações. O grosso das alusões relacionam-se com dois aspectos. Por um lado, a aquisição de objectos arqueológicos, que contribuíram para tornar o museu numa instituição de referência em termos arqueológicos e epigráficos, o que também não deixou de influenciar a importância crescente que o investigador lusitano detinha no seio da correspondência portuguesa do sábio alemão. Por outro lado, a criação de um periódico exclusivamente dedicado à Arqueologia, *O Arqueólogo Português*, e o constante pedido de artigos do erudito germânico pelo director do Museu Etnográfico Português, de modo a engrandecer os volumes com um nome sem igual em Portugal, assim como pedidos de divulgação do periódico no estrangeiro (CCE; Tabela 4; Gráfico 11).

Os assuntos arqueológicos encontram-se disseminados em quase todos os anos, com alguma variabilidade. A maior quantidade de referências ocorreu nos anos de 1890-1891 e 1897-1898. Leite de Vasconcelos informou Hübner de várias pesquisas e escavações arqueológicas que realizou, nomeadamente em S. Miguel da Mota, Tróia, Beja, Mértola, no Algarve e em Montemor-o-Novo. Estes trabalhos de investigação contribuíram igualmente para o enriquecimento das colecções do Museu Etnográfico Português. Contudo, a actividade arqueológica do investigador lusitano no período da correspondência ora em estudo não se cifrou apenas nos locais indicados nas missivas, o que revela a relativa importância que este tema detinha no seio da correspondência trocada com Hübner. Na Arqueologia contabilizámos ainda as referências bibliográficas do âmbito desta temática, sejam obras do sábio alemão, com o maior número de alusões, ou de outros autores, como por exemplo a *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

A temática da História Antiga foi mencionada nos anos de 1891-1894 e 1897-1899. O conjunto mais volumoso foi o de 1891, seguido de 1898. As referências neste âmbito

relacionam-se com informações, pedidos, envios e trocas de bibliografia, de Hübner e de outros autores. Leite de Vasconcelos desejava adquirir obras de modo a desenvolver as suas investigações, documentando-se bibliograficamente (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10). A Geografia Antiga concentra-se em 1897, com apenas um tema, relativo à questão *Tagro – Sacro*, mas abordado em várias epístolas (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

Os temas do âmbito das Religiões da Lusitânia foram referidos em 1891-1894, 1897-1898 e 1900, ampliando-se nos anos de 1894 e 1897. Verificamos novamente pedidos e trocas de bibliografia, mas as indicações relacionam-se e estão particularmente dependentes da evolução dos estudos de Leite de Vasconcelos, que culminaram nos três volumes da obra *Religiões da Lusitânia*, cujo primeiro volume foi editado em 1897, o que não deixou de influir para o acréscimo que se apurou neste ano (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

Concluimos que neste grupo de assuntos científicos – Arqueologia, História Antiga, Geografia Antiga, Religiões da Lusitânia –, a maior quantidade e variedade dos mesmos sucedeu em 1897 e 1898, sendo que todos os quatro foram indicados naquele primeiro ano – 1897 –. Este facto coincide com parte do período que apresenta o maior volume de correspondência, e que consiste em 1895-1898, e relaciona-se com o evoluir das próprias investigações dos dois correspondentes, principalmente de Leite de Vasconcelos (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

A Filologia surge dispersa por vários anos, em 1891-1893 e 1896-1899, com conjuntos mais substanciais nos anos de 1893 e 1898. Leite de Vasconcelos desejava adquirir bibliografia especializada nas línguas antigas e contactar com especialistas que o pudessem auxiliar e ensinar, de modo a conseguir compreender e explicar os vocábulos indígenas, nomeadamente os teónimos. Assim, pediu indicações e contactos a Hübner. Os *Monumenta Linguae Ibericae* do sábio alemão constituíram uma obra fundamental neste âmbito dos estudos linguísticos paleohispânicos e foram elogiados pelo investigador lusitano. Em consequência, com o objectivo de obter conhecimentos, a Filologia deteve uma importância especial na viagem de estudo que Leite de Vasconcelos realizou a Paris e à Alemanha em 1899. Estudou na capital francesa e a sua tese de doutoramento versou sobre estas temáticas. Outras referências relacionam-se com análises linguísticas da evolução dos topónimos (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

A Numismática situou-se cronologicamente nos anos de 1888 e 1897, com poucas referências. No primeiro ano, tal deve-se à necessidade de Leite de Vasconcelos em adquirir bibliografia, para melhor se documentar no âmbito do Curso de Numismática, que começou a leccionar neste período na Biblioteca Nacional de Lisboa. Em 1897, o investigador lusitano informou o sábio alemão da descoberta de moedas em Alcácer do Sal, assim como indicou as moedas de *Myrtilis* (Mértola) no seu estudo sobre os monumentos epigráficos de Mértola. As moedas de *Salacia* (Alcácer do Sal) foram igualmente mencionadas no e acerca do trabalho de Manuel Rodríguez de Berlanga (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

A Mosaística ocorre nos anos de 1894 e 1898, com grupos bastante pequenos. As referências relacionam-se com pedidos e troca de bibliografia, solicitada por Leite de Vasconcelos, assim como à aquisição de um mosaico em Leiria (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

A Etnografia foi apenas mencionada nos anos de 1898 e 1900, com um dos conjuntos mais reduzidos, composto por duas referências. Reduzem-se às alusões nas cartas a assuntos relacionados com entidades da antiga Hispânia, com especial incidência nos Lusitanos e Galaicos, incluindo a bibliografia dos dois correspondentes ora em estudo, assim como outra bibliografia do investigador português (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

A série menor pertence à temática da Literatura, indicada uma única vez, em 1899, a respeito de um poema de Leite de Vasconcelos, que enviou a Hübner (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

Ao contrário do que sucedeu relativamente às outras áreas científicas abordadas imediatamente *supra*, na Filologia, na Numismática, na Mosaística, na Etnografia e na Literatura não se verifica um acréscimo no quadriénio de 1895-1898, nem a referenciação de todos os assuntos neste período (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 10).

As referências às condições científicas em Portugal surgem em pequeno número e algo dispersas nos anos, 1891, 1893, 1895-1896 e 1898, mantendo uma frequência semelhante. Registam-se sempre pela mão de Leite de Vasconcelos, que refere instituições, como museus e bibliotecas, e investigadores, assim como as condições gerais da ciência em Portugal (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 11).

4.1.1 Epigrafia

A Epigrafia constitui, como se disse, o tema mais abordado na correspondência trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos. Como regra, sabemos bastante bem qual o período histórico-cultural em que se inserem os materiais referidos nas cartas, pelo que se tratam separadamente nos capítulos seguintes. No entanto, não nos foi possível situar histórica e culturalmente algumas alusões. Deste modo, referenciamo-las neste local.

As referências à Epigrafia de um modo geral, sem especificar o período cronológico, foram realizadas no âmbito da viagem de Leite de Vasconcelos a Paris e à Alemanha, no ano de 1899. Sabemos que em Paris estudou “epigrafia romana”, mas quanto à Alemanha não conseguimos apurar com maior especificidade. De qualquer das formas, nesta viagem pôde privar com alguns importantes epigrafistas, entre os quais o próprio Hübner (CCE 107 (SMS Ms. 56); CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58); CCE 117 (SMS Ms. 60); Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578).

O investigador lusitano agradeceu o envio de um artigo de Hübner sobre Epigrafia. Não nos foi possível apurar a qual trabalho corresponde (CCE 115 (SMS Ms. 59); González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, pp. 33-50).

4.1.2 Epigrafia Latina

A Epigrafia latina constituiu o assunto mais abordado na correspondência trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos (CCE; Tabela 4; Gráfico 9).

Na nossa opinião, a razão que motivou o primeiro contacto, por Hübner, consistiu na necessidade de esclarecer uma dúvida relativa a uma inscrição de Duas Igrejas, urgência redobrada pelo facto de o sábio alemão se encontrar nesse momento a escrever o capítulo do *Supplementum* onde a epígrafe deveria ser englobada. A parte inicial da carta do erudito germânico contém um aparente elogio, sobre a crítica de Leite de Vasconcelos à obra de João Bonança, o qual não parece ter outros fins práticos que não sejam o de agradar ao seu correspondente e garantir a sua ajuda num trabalho fundamental, a realização de um *Supplementum* mais completo e cientificamente exacto. De resto, o assunto Bonança não voltou a ser referenciado, apesar de o investigador lusitano ter redigido outros comentários, negativos, àquele trabalho (CCE 1 (MNA Ms. 10446); Vasconcelos, 1888a, p. 2; Vasconcelos, 1888b, p. 2; Vasconcelos, 1888c, p. 1;

Vasconcelos, 1888d, pp. 1-2; Vasconcelos, 1888e, p. 2; Vasconcelos, 1888f, p. 3; *CIL II – S*; Tabela 4. Cf. CCE. *Vide* capítulos 4.1.2.4, I.2.1).

O início da correspondência coincidiu com o primeiro artigo de Epigrafia editado por Leite de Vasconcelos. Ainda que as descobertas remontem ao ano de 1883, como se analisa no capítulo I.2.1, o investigador lusitano publicou o seu estudo no primeiro volume da *Revista Lusitana*, iniciado em 1887. Hübner teve acesso ao periódico somente depois de contactar Leite de Vasconcelos, uma vez que o “jornal” referenciado em CCE 4 (SMS Ms. 13) corresponderia à *Revista Lusitana*, que continha o trabalho. No entanto, o sábio alemão mantinha relações com Borges de Figueiredo. Este bibliotecário, ao noticiar aquele volume na sua *Revista Archeologica e Historica*, entendeu privilegiar os textos dos monumentos epigráficos de Duas Igrejas, ali editados pela primeira vez, certamente por ele próprio se dedicar à Epigrafia, como se pode observar pelos vários artigos que publicou no seu periódico. Assim, incluiu as inscrições inéditas na sua notícia, de onde o erudito germânico tomou conhecimento. Hübner citou os dois periódicos no *Supplementum* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 75-118, de 09/11/1885 a 29/07/1890; CCE 1 (MNA Ms. 10446); CCE 3 – CCE 5 (MNA Ms. 10447); Vasconcelos, 1887, pp. 67-68; Vasconcelos (ed.), 1887-1889, pp. 1-98; Figueiredo, 1887, pp. 5-6; 47-48; 52-57; 64; 81-83; 85-93; 97-100; 159-160; 185-186; *CIL II – S* 5657-5661; Tabelas 4, 14. Cf. Cepeda, 1960, pp. 139-265. *Vide* capítulos 5.2.1, I.2.1).

Em 1889 não houve correspondência ou, se houve, desconhecemos onde se guarda presentemente. Esta inexistência pode relacionar-se com a viagem de Hübner a Espanha nesse ano, com vista à realização do *Supplementum*, o que lhe absorveria a atenção. Por outro lado, o objectivo do primeiro contacto baseou-se precisamente na concretização desta obra. Leite de Vasconcelos não editou nenhum trabalho de Epigrafia neste ano. Os outros estudos que publicou em 1888 sobre Panóias e Cárquere foram referidos pelo erudito germânico, mas as inscrições não suscitariam qualquer dúvida (Vasconcelos, 1888h, pp. 50, 69, 113-116; *CIL II – S* 5553, 5573-5579). Deste modo, poderia não se justificar uma ligação por parte do sábio alemão. Por outro lado, o investigador lusitano também não parece ter-se empenhado nela, provavelmente devido ao seu muito trabalho, na Biblioteca Nacional e nas suas investigações pessoais, que não estiveram paradas, como se pode observar por exemplo na correspondência trocada com Martins Sarmiento (Cardozo, 1958, pp. 92-109, n.ºs 27-32, de 20/01/1889 a 14/10/1889; Tabelas 4, 14. *Vide* capítulos 4.1.2.4, 5.2.1. Cf. CCE; Cepeda, 1960, pp. 139-265).

A correspondência foi retomada em Junho de 1890, devido, novamente, a uma questão epigráfica. Leite de Vasconcelos efectuou descobertas no santuário de Endovélico e editou alguns monumentos epigráficos (Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, pp. 3-4). Naturalmente que as inscrições recolhidas nesse sítio vão constituir um dos assuntos fundamentais das cartas trocadas entre ambos ao longo de bastante tempo, em parte devido ao ritmo lento com que o seu achador vai dando a conhecer esse rico material. Com o objectivo de as inserir no *Supplementum*, o erudito germânico pediu informações e o esclarecimento de dúvidas, assim como as inscrições inéditas, ao investigador lusitano, garantindo algum tempo para o seu correspondente as publicar em primeiro lugar. O conservador da Biblioteca Nacional indicou o aparecimento de muitas epígrafes e que iria editá-las. Algumas foram incluídas num artigo no *Aurora do Cávado* (Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2). Sabemos que a atitude de Leite de Vasconcelos era publicar primeiro em Portugal e depois remeter os estudos ao sábio alemão, como analisamos no capítulo I.3.1. Talvez por essa razão, tenha tentado ocupar o seu correspondente com os monumentos epigráficos do artigo de Martins Sarmiento, assunto explanado *infra*. Todavia, forneceu textos epigráficos inéditos numa epístola, prolongando-se os comentários por esse ano e pelo ano seguinte, 1891. Existe um pormenor a destacar neste envio, que consiste no pedido das leituras e das análises do erudito germânico. O investigador lusitano desejava escrever um estudo sobre as inscrições, mas incluindo as lições da autoridade máxima de Epigrafia da Península Ibérica. Hübner deu o seu parecer. Ao contrário do que afirmou ao seu correspondente, o conservador da Biblioteca Nacional não editou depois todas as epígrafes, como é explanado no capítulo I.3.1 e respectivos subcapítulos. Leite de Vasconcelos pediu-lhe ainda a opinião quanto a uma inscrição que editou no *Aurora do Cávado* (CCE 6 (MNA Ms. 10449) – CCE 16 (MNA Ms. 10452); Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, pp. 3-4; Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2, especialmente p. 1, n.º 2; *CIL* II – S 6265-6269c, 6329-6336; Tabelas 4, 14. *Vide* capítulos 4.1.2.4-4.1.2.5, 5.2.1, I.3.1, I.3.1.1-I.3.1.3.7).

Endovélico surgiu ainda em 1894, sendo o único assunto de Epigrafia referenciado na correspondência desse ano. Consistiu num debate acerca de um artigo de Leite de Vasconcelos sobre o termo *aedeolu(m)* patente num monumento epigráfico dedicado a esta divindade (CCE 34 (SMS Ms. 23); CCE 36 (MNA Ms. 10458) – CCE 38 (SMS Ms. 25); Vasconcelos, 1894a; Tabela 4. *Vide* capítulos I.3.1, I.3.1.4).

Em Janeiro de 1896, o sábio alemão anunciou a Leite de Vasconcelos a realização de novos *Additamenta* ao *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, que iria publicar na *Ephemeris Epigraphica* VIII. De modo a garantir a exactidão das leituras e uma actualização dos conhecimentos, pediu ajuda ao seu correspondente, remetendo-lhe os originais relativos às “inscrições lusitanas”. Este pedido fundamentou-se, na nossa opinião, no volumoso trabalho e de qualidade desenvolvido pelo conservador da Biblioteca Nacional, que o erudito germânico acompanhava, quer através das cartas que recebia, quer pelos estudos publicados, nomeadamente n’*O Arqueólogo Português* inframencionado (CCE; CCE 60 (MNA Ms. 10470); *EE* VIII; Tabela 4).

Por outro lado, a atenção pormenorizada com que Leite de Vasconcelos analisava as epígrafes, assim como as obras de outros autores, como por exemplo de Albano Belino e de Martins Capela abordados *infra*, garantia um excelente trabalho de correcção e actualização. O próprio Hübner havia sentido anos antes este exame. Em 1893, o investigador lusitano teve acesso ao *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, que corresponderá ao volume que existe na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, e observando que uma inscrição de Mértola estava errada, rectificou a leitura e remeteu-a ao autor, que seguiu a lição em parte. Deste modo, verificamos que o sábio alemão considerava o conservador da Biblioteca Nacional mais do que um simples correspondente, fornecedor de informações, mas alguém que tinha qualidade suficiente para melhorar as suas obras, depositando a sua confiança nele. Temos conhecimento de outro pedido neste sentido a outro investigador. Neste caso, a solicitação foi a Martins Sarmiento e o livro constituiu o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, na parte relativa ao contributo do ilustre vimaranense (CCE; CCE 25 – CCE 29 (SMS Ms. 21); CCE 31 (MNA Ms. 10456); CCE 60 (MNA Ms. 10470); *CIL* II – *S* 5178; Vasconcelos, 1896a, pp. 58-62, 116-134, 267-269; *EE* VIII; Cardozo, 1947, pp. 97-100, de 10/09/1887; Tabelas 4, 16. *Vide* capítulos 4.1.2.4, 5.2.1, I.2.2, I.2.2.1).

Este requerimento obteve uma resposta positiva, como o próprio autor da obra indicou na carta de 8 de Abril de 1897. Mas, em 22 de Abril de 1896, o director do Museu Etnográfico Português aconselhava-o a adiar a edição, pois iriam ser descobertas novas epígrafes. O erudito germânico não respondeu e não esperou. Como observámos *supra*, os estudos inseridos no último fascículo do volume I d’*O Arqueólogo Português* e os trabalhos concretizados no ano de 1896 foram incluídos numa adenda, o *Auctarium*. O volume III d’*O Arqueólogo Português* foi citado após esta adenda. O auxílio relacionar-

se-á somente com dois monumentos epigráficos de Braga, *EE* VIII 119 e 122, únicos onde Hübner registou “vidit etiam Leite”⁷⁴⁴. Depois da edição, o sábio alemão remeteu um exemplar ao seu correspondente (CCE 60 (MNA Ms. 10470); CCE 63 (SMS Ms. 34); CCE 65 (SMS Ms. 36); CCE 77 (SMS Ms. 40) – CCE 78 (MNA Ms. 10477); Vasconcelos, 1895a, pp. 322-325; Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315; Vasconcelos, 1896a, pp. 80-81; Hübner, 1897b, pp. 161-167; *EE* VIII; Tabela 16. *Vide* capítulo 5.2.1).

Em 1897, o erudito germânico pediu o auxílio de Leite de Vasconcelos para a reimpressão do volume III da *Ephemeris Epigraphica*, que incluía o seu estudo sobre a *lex Vipascensis*. A solicitação relacionava-se com a necessidade de obter imagens do objecto. O investigador lusitano forneceu o material pretendido (CCE 73 (MNA Ms. 10474); CCE 77 (SMS Ms. 40); *EE* IIIb). Nesse mesmo ano, questionou o conservador da Biblioteca Nacional sobre uma inscrição de Vila Boim. Esta interpelação obteve uma resposta somente n’*O Arqueólogo Português* (CCE 75 (MNA Ms. 10476); Vasconcelos, 1897c, p. 121).

Como indicámos *supra*, Leite de Vasconcelos pediu ajuda a Hübner no âmbito de inscrições dedicadas a Endovélico. A solicitação de leituras, análises e esclarecimentos de dúvidas ao sábio alemão pelo investigador lusitano encontra-se patente ao longo de toda a correspondência. O epigrafista mostrou-se disponível em fornecer as suas leituras e em esclarecer as questões que lhe foram colocadas, respondendo quase sempre a elas (CCE).

No ano de 1892, a correspondência foi motivada, entre outros assuntos, por dúvidas epigráficas do conservador da Biblioteca Nacional. Os textos epigráficos estavam gravados em cerâmicas e provinham um de Cárquere e o outro do Minho. Em 1895, constituíram o móbil do contacto as interrogações do director do Museu Etnográfico Português sobre o conjunto epigráfico da Fonte do Ídolo, prolongando-se por 1896 (CCE 22 – CCE 23 (MNA Ms. 10454); CCE 41 (MNA Ms. 10462+A) – CCE 43 (SMS Ms. 29); CCE 45 (SMS Ms. 31) – CCE 46 (MNA Ms. 10464); CCE 54 (SMS Ms. 32) – CCE 57 (MNA Ms. 10469); CCE 60 (MNA Ms. 10470) – CCE 62 (MNA Ms. 10471); Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315; Vasconcelos, 1899-1900, p. 212; *EE* VIII 262.6; Tabela 4. *Vide* capítulos I.3.3, I.4.1-I.4.2).

⁷⁴⁴ Tradução: “Leite também viu”.

Durante o ano de 1895, foram colocados outros pedidos: o primeiro teve a originalidade de ter sido suscitado por uma terceira pessoa, Santos Rocha, que hesitava na compreensão de algumas linhas de inscrições de Quinta de Marim e colocou a questão a Leite de Vasconcelos, o qual, perante a dificuldade, a reencaminhou para o erudito germânico. No final do ano, Leite de Vasconcelos indagou Hübner sobre uma dúvida epigráfica, a respeito da posição do número do consulado numa inscrição. No estudo que desenvolvemos, concluímos que o monumento epigráfico onde figura *II COS* provém de *Ossonoba* (Faro). Não identificámos a outra inscrição com *VI COS* ou *COS VI* (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); CCE 51 (SMS Ms. 27) – CCE 55 (MNA Ms. 10468); Rocha, 1895, pp. 195-199; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 43-44; Tabela 4. *Vide* capítulos 6.3.3, 6.3.3.1-6.3.3.3, I.5.1).

Em 1898, perguntou ainda qual a datação de um fragmento de *imbrex* de Olhos, Castro Marim (CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58); Vasconcelos, 1898, p. 335; Tabela 4. *Vide* capítulo I.4.3).

O director do Museu Etnográfico Português justificou as interrogações sobre Fonte do Ídolo e *II COS*, na epístola de 3 de Novembro de 1895, pelo facto de não existir em Portugal nenhum investigador com capacidade suficiente para esclarecer as questões. É interessante verificar que Leite de Vasconcelos tenha afirmado, na sua carta, “aqui não tenho a quem consulte”. Apesar de o tema Fonte do Ídolo estar patente nas missivas trocadas com Martins Sarmiento, a autoridade máxima era o sábio alemão, a quem de resto o ilustre vimaranense denominou de “Oraculo” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20772, de 22/10/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)), pois, de facto, ele próprio não reconhecia ninguém em Portugal qualificado para apurar leituras e concretizar análises. De forma implícita reconhecia-se, com realismo, diga-se, a autoridade alemã a respeito de temas epigráficos (CCE 54 (SMS Ms. 32); Cardozo, 1958, pp. 159-162, n.º 49, de 17/02/1894, pp. 176-178, n.ºs 58-59, de 02/03/1895 e 08/03/1895, pp. 184-188, n.ºs 64-65, de 18/12/1895 e 09/03/1896; Tabela 4. *Vide* capítulos 2.2, I.3.3, I.5.1).

Se regressarmos à Tabela 16, com os autores nacionais que se encontram a trabalhar em Portugal após o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, verificamos que o único nome destacado e que poderia, de algum modo, considerar ao seu nível seria Martins Sarmiento. Leite de Vasconcelos não tinha muita consideração por Pereira Caldas, que de resto não editava trabalhos de Epigrafia com regularidade. Albano Belino e Martins Capela iniciaram as suas publicações no ano da missiva, 1895, além do que o conservador da Biblioteca Nacional criticou amplamente os livros do primeiro,

como se analisa *infra*. José Henriques Pinheiro, Victorino de Almada, Umbelino Palma, Rocha Espanca e Pereira Boto não se dedicavam em especial à Epigrafia, consagrando-se a estudos regionais. Pinho Leal, que falecera em 1884, era, acima de tudo, um compilador de informação alheia. Santos Rocha aconselhar-se-ia com o director do Museu Etnográfico Português. Deste modo, a solução consistia em recorrer a Hübner (Vasconcelos, 1896a, pp. 58-62, 116-134; Vasconcelos, 1901, p. 59; Cardozo, 1958, pp. 197-199, n.º 69, de 17/04/1896; Tabelas 4, 16. *Vide* capítulos 4.1.4, 5.2.1, 5.2.1.3).

Por esta razão, preparou a viagem a Paris e à Alemanha, onde aprendeu Epigrafia, entre outros assuntos. Em Paris, foram seus professores de Epigrafia, René Cagnat e Héron de Villefosse. Na Alemanha, esteve com Hermann Dessau, Theodor Mommsen e o próprio Hübner (CCE 54 (SMS Ms. 32); CCE 107 (SMS Ms. 56); CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58); CCE 114 (MNA Ms. 10490+A) – CCE 122 (SMS Ms. 63); Vasconcelos, 1901, p. 59; Vasconcelos, 1928, pp. 577-578; Tabela 4).

O próprio Leite de Vasconcelos afirmou não ser arqueólogo ou epigrafista na primeira carta endereçada a Hübner, o que é revelador ou de uma certa humildade ou talvez falsa modéstia. Indica somente a Arqueologia e a Epigrafia como fonte de informações para os seus estudos de Etnografia e Filologia (CCE 2 (SMS Ms. 12)). Esta atitude poderá ser confirmada, na nossa opinião, na sua obra *Tradições Populares de Portugal*, pois coloca “Monumentos e Artefactos” em primeiro lugar na lista de enumeração das fontes (Vasconcelos, 1882b, p. XIII). Igualmente no seu primeiro trabalho de Epigrafia, baseia-se em inscrições romanas para fundamentar que naquela região se falava o latim na Antiguidade. A língua mirandesa consistia numa evolução local do idioma latino e não uma derivação do português (Vasconcelos, 1887-1889, p. 68) (Acerca do trabalho de Leite de Vasconcelos nas áreas científicas da Etnografia, Filologia, Arqueologia e Epigrafia, *vide*, v.g., Cepeda, 1960; Cidade, 1960; Correia, 1960; Gonçalves, 1960; Guerreiro, 1960; Guimarães, 1960; Heleno, 1960; Nemésio, 1960; Ribeiro, 1960; Coito, Cardoso & Martins, 2008).

Em Novembro de 1896, Leite de Vasconcelos remeteu ao sábio alemão duas inscrições, sendo uma dedicada a *Band-* e a outra proveniente de S. Tomé de Lamas, sobre as quais solicitou o parecer do seu correspondente. O teor das duas missivas seguintes enviadas pelo investigador lusitano induzem-nos a ponderar que o erudito germânico foi algo ríspido nas duas respostas que escreveu. Infelizmente, desconhecemos o paradeiro destes dois documentos, pelo que não nos foi possível averiguar a sua mensagem. A suposta desavença relacionou-se com o pedido a Hübner

para que não editasse as epígrafes, uma vez que desejava ser ele a publicá-las n' *O Arqueólogo Português*. Já anteriormente tinha solicitado ao seu correspondente a não publicação dos monumentos epigráficos de Quinta de Marim, sendo tranquilizado por aquele, que o incitou mesmo a apressar o artigo. Sabemos que a atitude de Leite de Vasconcelos era editar primeiro ele próprio em Portugal e só depois enviar os artigos ao sábio alemão, justificando-se com a necessidade de favorecer e desenvolver os estudos científicos portugueses, mas revelando também a sua atitude nacionalista e ao mesmo tempo pouco generosa (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 65 (SMS Ms. 36) – CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.7, I.3.4).

Claro que nunca o disse desta forma clara ao erudito germânico. Todavia, como referiu num dos seus pedidos de desculpa, tinha remetido antes inscrições de Endovélico, que Hübner incluía no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, citando expressamente o nome do investigador lusitano. Este recorreu a vários argumentos para se desculpar e garantir a continuação dos contactos que lhe eram proveitosos, na medida em que o correspondente era a autoridade máxima da Epigrafia. Relembrou o respeito que tinha por ele e que estava registado em missivas que endereçou e artigos que publicou. Referiu as epígrafes de Endovélico supramencionadas. Abdicou da edição dos dois monumentos epigráficos. Recordou as fracas condições científicas portuguesas. Convocou ainda terceiros, com quem ambos mantinham contactos, nomeadamente Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Gabriel Pereira. A conclusão era: o conservador da Biblioteca Nacional tinha redigido mal a sua epístola, quem quer que publicasse as inscrições mencionaria decerto o outro, o sábio alemão podia mesmo editar as epígrafes, era desejável que o artigo integrasse um periódico nacional, designadamente *O Arqueólogo Português*. Este desentendimento pontual parece já superado no resto das cartas. Quanto aos monumentos epigráficos, talvez naturalmente, como que foram divididos entre os dois, permanecendo Leite de Vasconcelos com *Band-* e o erudito germânico com S. Tomé de Lamas, que editou no periódico do Museu Etnográfico Português (CCE 10 (SMS Ms. 15) – CCE 11 (MNA Ms. 10450); CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 65 (SMS Ms. 36) – CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); Vasconcelos, 1890-1892, p. 379; *CIL* II – S 6329-6336; Vasconcelos, 1895b, p. 96; Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319; Coito, 1999, pp 209, n.º 2626, pp. 258-260, n.º 3495; Tabela 4. *Vide* capítulos 5.2.1, I.2.7, I.3.1, I.3.1.3, I.3.1.3.1-I.3.1.3.7, I.3.4).

No ano de 1891, Leite de Vasconcelos efectuou um pedido especial ao sábio alemão: convidou o erudito germânico a efectuar nova viagem a Portugal, com o objectivo de visitar o sítio arqueológico de Panóias. A razão para este convite permaneceu registada numa carta endereçada a Martins Sarmiento e foi semelhante ao que se referiu *supra*. Contudo, a falta de Hübnér poderia ser suprida pela presença do ilustre vimaranense. Lê-se na epístola do conservador da Biblioteca Nacional: “O que eu queria era fazer uma excursão a Panoias, com alguém que soubesse de epigrafia bastante. Eu já desafiei o Hübnér, mas duvido que ele venha. E V. Ex.^a não se resolverá um dia a ir lá? Eu acompanhava-o, sendo em tempo disponível para mim.”. Verifica-se assim um interesse, em poder contar com alguém sobejamente idóneo e competente nos assuntos epigráficos para realizar a leitura de textos que apresentavam dificuldades. Perante a resposta negativa do sábio alemão, o director do Museu Etnográfico Português estendeu o convite para o ano seguinte (CCE 13 (SMS Ms. 16); CCE 15 (SMS Ms. 17) – CCE 17 (SMS Ms. 18); Tabela 4. *Vide* capítulo I.3.2).

O erudito germânico não regressou a Portugal, pelo que Leite de Vasconcelos não teve a oportunidade de examinar os textos epigráficos do sítio arqueológico com ele. Todavia, o investigador lusitano realizou viagens ao local e reviu as leituras. Na correspondência aludiu várias vezes às pesquisas que se encontrava a efectuar. Hübnér chegou a propor-se realizar um estudo e editá-lo n’*O Arqueólogo Português*, mas tomou conhecimento das novas lições através dos artigos que o conservador da Biblioteca Nacional incluiu nessa revista (CCE 56 (SMS Ms. 33) – CCE 57 (MNA Ms. 10469); CCE 102 (MNA Ms. 10488); CCE 104 (SMS Ms. 53); CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1895a, pp. 271-272; Vasconcelos, 1897c, pp. 58-61, 177-180; Tabela 4. *Vide* capítulo I.3.2).

As solicitações de Leite de Vasconcelos ao erudito germânico incidiram, com alguma frequência, no domínio bibliográfico. Em 1893, o investigador lusitano pediu a Hübnér a listagem dos seus trabalhos e mesmo o envio daqueles que estivessem fora de circulação. Das obras que conhecia e citou, a maioria era de Epigrafia latina. Referenciou as *Noticias Archeologicas de Portugal*, o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e o seu *Supplementum*, as adendas incluídas nos primeiros quatro volumes da *Ephemeris Epigraphica*, o artigo *Roman Inscriptions* inserido no volume XVII da *Encyclopaedia Britannica*, em 1882, e o *Exempla Scripturae Epigraphicae Latinae a Caesaris Dictatoris Morte ad Aetatem Iustiniani*. Segundo a resposta do sábio alemão, o inventário estaria bastante completo, mas faltariam alguns trabalhos “mais antigos”, que

não especificou. De facto, na relação publicada em 2014, observamos que os estudos de Epigrafia remontam pelo menos a 1862, não sendo mencionados pelo conservador da Biblioteca Nacional. O erudito germânico aludiu ainda à reimpressão do artigo da *Encyclopaedia Britannica* no *Handbuch der Klassischen Altertumswissenschaft*, editado primeiro em 1886 e depois em 1892 (CCE 29 (SMS Ms. 21); CCE 31 (MNA Ms. 10456); Hübner, 1860-1861; *CIL* II; Hübner, 1871b; *EE* I; *EE* IIa; *EE* IIb; *EE* IIIa; *EE* IIIb; *EE* IV; Hübner, 1885; *CIL* II – S; González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, pp. 36-47; Tabela 4).

A Epigrafia latina foi o tema mais referido na correspondência epistolar trocada entre o sábio alemão e Leite de Vasconcelos, estando presente em todos os anos. No período de maior volume de cartas, 1895 e 1897-1898, o número de citações disparou exponencialmente, mantendo-se também em 1896. Este facto deve-se a vários factores. Em primeiro lugar, a colocação de dúvidas pelo investigador português, que originaram uma resposta do sábio alemão. A informação sobre as investigações que o conservador da Biblioteca Nacional se encontrava a realizar. A aquisição de inscrições para o Museu Etnográfico Português, assim como a publicação n’*O Arqueólogo Português* de vários artigos de temática epigráfica, dos quais o seu director redigiu uma grande parte, mas que contou também com a participação do erudito germânico. Leite de Vasconcelos tinha a obrigação de manter o periódico vivo e com informação de qualidade. No entanto, perante a pobreza do panorama científico português e as próprias exigências do director do Museu Etnográfico Português, tinha que ser ele próprio o autor da publicação que estava a nascer. Por último, as solicitações de Hübner. O sábio alemão mantinha planos muito concretos de publicação e são estes que “marcam o ritmo” das suas solicitações. Alguns períodos são claramente menos relevantes, nos quais a sua atenção relativa a questões da Hispânia não era tão intensa. Todavia, com a publicação dos volumes da *Ephemeris Epigraphica* mantinha uma certa regularidade. Em suma, os trabalhos de Epigrafia desenvolvidos principalmente por Leite de Vasconcelos, mas também pelo sábio alemão, suscitaram um avolumar das referências e contribuíram para o aumento do número de missivas (CCE; Tabelas 1, 4; Gráfico 2, 9).

4.1.2.1 As Viagens e a Aquisição de Inscrições

As inscrições detiveram um espaço físico privilegiado onde puderam ser recolhidas e preservadas. O Museu Etnográfico Português tinha como objectivo “representar a parte material da vida do povo português”, englobando na secção de Archeologia os “monumentos pertencentes ao espaço de tempo que vae desde as mais remotas eras até o sec. XVIII” (Vasconcelos, 1915, pp. 13-14). Esta definição incluía naturalmente as inscrições dos vários períodos que já se conhecessem ou que fossem, entretanto, identificadas. Estes monumentos possuíam assim um espaço onde podiam ser guardados, conservados e expostos, esforçando-se particularmente o director na aquisição de epígrafes. Muitas deram entrada nas colecções do museu, como se pode constatar pela leitura dos vários artigos relativos à aquisição de peças editados n’*O Arqueólogo Português*, a ponto de Leite de Vasconcelos afirmar em 1897: “A respeito de Epigraphia, o Museu, como nenhum outro do nosso país, oferece ao estudioso também notabilíssimos monumentos” (Vasconcelos, 1895a, pp. 220-221, n.ºs 8, 10, 11, 13, 14, p. 314, n.ºs 16, 17, 19; Vasconcelos, 1896a, p. 160, n.º 39, p. 246, n.º 48; Vasconcelos, 1897c, pp. 108-109, n.ºs 61, 67, p. 124, n.º 96, pp. 167-168, n.ºs 106, 108, 111, pp. 303-304, n.ºs 118-120, 125; Vasconcelos, 1915, p. 92). Em determinado momento assume claramente que o espaço não era suficiente para estes e para os outros objectos. A este respeito, escrevera no ano de 1895 a Martins Sarmiento, “O Museu vai em aumento, mas não começaram ainda a fazer-me a casa que me prometeram, e tenho de ter umas poucas de inscrições em lojas emprestadas.” (Cardozo, 1958, p. 181, n.º 61, de 18/06/1895). Depois, desde 1903, na exposição preparada no Mosteiro dos Jerónimos, o público podia admirar estes testemunhos do passado (Vasconcelos, 1915, pp. 2-4, 23-24, 26-29, 33-34, 36, 110; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 88-181). Apesar do especial interesse que Leite de Vasconcelos manifestou pela Epigrafia e pela importância das inscrições nas colecções do Museu Etnográfico Português, tendo um grande conjunto de epígrafes dado entrada na instituição devido ao seu trabalho, nunca concretizou a publicação da totalidade dos monumentos epigráficos.

O processo de aquisição de epígrafes latinas marcou inevitavelmente presença na correspondência trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos. As viagens que o investigador lusitano efectuou por todo o país foram muito importantes na descoberta e obtenção dos monumentos epigráficos, assim como na ampliação dos seus conhecimentos (*Vide* capítulo 2.3).

Um dos exemplos ilustrativos desta sua actividade e da dimensão dos resultados obtidos é precisamente referida na sua correspondência. Na Páscoa de 1895, o conservador da Biblioteca Nacional viajou pelo Sul de Portugal, passando nomeadamente por Beja (*Pax Iulia*), Serpa (*Serpa / Sirpa*), Mértola (*Myrtilis*), Castro Marim (*Baesuris*), arredores de Tavira (*Balsa*) e Faro (*Ossonoba*), conforme afirmou na sua missiva e nos seus artigos dos volumes I e V d'*O Arqueólogo Português*. Na epístola e no número I do periódico, referiu apenas genericamente ter identificado “inscrições”, que iria editar, especificando no artigo serem epígrafes latinas e paleocristãs originárias de Mértola e *Ossonoba* (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249; Tabela 4. *Vide* capítulos 4.1.3, I.2.2, 6.3.2.2-6.3.2.3). De modo a esclarecermos quais foram estes monumentos, seleccionámos as inscrições inéditas que publicou ou apenas mencionou após a data da carta, 7 de Maio (CCE 48 (SMS Ms. 26)), e que não indicou ter descoberto em período posterior. O conjunto é composto por duas epígrafes latinas e seis paleocristãs de Mértola e ainda um monumento epigráfico árabe desta vila alentejana e duas inscrições latinas de Serpa. Leite de Vasconcelos editou somente uma epígrafe de Serpa, oferecida por Manuel Dias Nunes. O outro monumento epigráfico foi oferecido por José de la Féria y Ramos (Vasconcelos, 1895a, pp. 220-221, n.^{os} 10-11; Vasconcelos, 1899-1900, p. 237; *EE* IX 138; Lambrino, 1967, pp. 142-143, n.^o 60). As inscrições latinas e paleocristãs de Mértola foram inseridas no volume III d'*O Arqueólogo Português* (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) – CCE 88 (MNA Ms. 10480)). A epígrafe árabe foi estudada por David Lopes (Lopes, 1896, p. 206, n.^o 3). Estes 11 monumentos entraram assim nas colecções do Museu Etnográfico Português (Tabela 4. *Vide* capítulos 4.1.3, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

Na carta de 20 de Julho de 1895, o investigador lusitano informou o sábio alemão da recepção de uma inscrição do Alentejo, decerto no museu onde era director, pretendendo editá-la n'*O Arqueólogo Português*. A frase escrita na missiva pelo conservador da Biblioteca Nacional induz-nos a pensar que esta epígrafe tinha sido referida numa epístola anterior (CCE 53 (SMS Ms. 28)). Nesse ano de 1895, observamos a indicação na correspondência da descoberta de monumentos epigráficos no decorrer da viagem ao Baixo Alentejo e ao Algarve, abordada *supra* (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249). Tendo em conta que se tratou de apenas uma inscrição recebida, no âmbito das aquisições do museu, supomos

que consistiu na epígrafe de Serpa oferecida por José de la Féria y Ramos e que entrou nas colecções precisamente no mês de Julho, data da epístola ao erudito germânico. Não conhecemos nenhum artigo de Leite de Vasconcelos sobre este monumento epigráfico (CCE 53 (SMS Ms. 28); Vasconcelos, 1895a, p. 221, n.º 11; Tabela 4).

Na mesma missiva de 20 de Julho de 1895, o conservador da Biblioteca Nacional informou Hübner da descoberta de uma inscrição nos arredores de Lisboa, tencionando publicá-la n' *O Arqueólogo Português* (CCE 53 (SMS Ms. 28)). Esta epígrafe corresponde decerto ao cipo que o conservador da Biblioteca Nacional descobriu em Caparide e inseriu no nono fascículo deste periódico, de Setembro de 1895. No dia 9 de Junho deste ano, tinha efectuado uma viagem ao local, acompanhado por Leandro de Melo, identificando dois monumentos, um com um texto epigráfico que foi posteriormente comprado para o Museu Etnográfico Português, o outro anepígrafo (Vasconcelos, 1895a, pp. 248-249; Vasconcelos, 1897c, p. 108, n.º 61; Encarnação, 1994, pp. 45-46, n.º 12; Tabela 4).

Leite de Vasconcelos indicou ao sábio alemão a aquisição de outras inscrições ao longo da sua correspondência. Na sequência de escavações arqueológicas de Tróia, que realizou no âmbito dos trabalhos do Museu Etnográfico Português, no ano de 1895, trouxe uma inscrição (CCE 53 (SMS Ms. 28); Vasconcelos, 1895a, pp. 56-57, 96, 221-222, n.º 14; Vasconcelos, 1913b, p. 370; Vasconcelos, 1927-1929, pp. 52-60; Tabela 4. *Vide* capítulo I.2.4). No ano de 1896, referiu a obtenção de duas epígrafes de Lisboa e um monumento epigráfico de Alcáçovas, sobre o qual colocou uma dúvida (CCE 63 (SMS Ms. 34); Vasconcelos, 1896a, p. 160, n.º 39, pp. 166-167; Vasconcelos, 1898, pp. 117-120; Vasconcelos, p. 283, n.º 1; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.5, I.2.5.1-I.2.5.2, I.2.6). Em 1897, adquiriu uma inscrição de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), no seguimento de uma viagem ao local, e duas epígrafes de Campo das Aldeias, Abrantes, questionando o erudito germânico sobre as leituras e análises (CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 74 (MNA Ms. 10475+A); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 174-175, n.º 12; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 12; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.8, I.2.8.1-I.2.8.2, I.6.1). Obteve ainda o monumento epigráfico de Juromenha editado por Rocha Espanca n' *O Arqueólogo Português* e inscrições de Cárquere (CCE 90 (SMS Ms. 46); CCE 93 (SMS Ms. 48); Espanca, 1895, pp. 216-217; Tabela 4).

Na Páscoa de 1898, o investigador lusitano concretizou investigações arqueológicas na região de Montemor-o-Novo. Entre os objectos recolhidos e transportados para o Museu Etnológico Português contaram-se cerâmicas com marcas de oleiro, que não nos

foi possível localizar (CCE 105 (SMS Ms. 54); Gama, 1964, p. 200, n.º 143, de 18/04/1898). Neste ano de 1898, comprou ainda uma epígrafe de Moncorvo e informou Hübner da aquisição de outros monumentos epigráficos, que não conseguimos especificar (CCE 106 (SMS Ms. 55) – CCE 107 (SMS Ms. 56); Vasconcelos, 1896a, pp. 168-172). Adquiriu também mais três inscrições de Lisboa (CCE 111 (SMS 58) – CCE 112; CCE 114 (MNA Ms. 10490+A) – CCE 115 (SMS Ms. 59); Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9, p. 283, n.ºs 1-2; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.5, I.2.5.3).

A viagem que o investigador lusitano concretizou em Dezembro de 1897 e Janeiro de 1898, pelo Juncal e por Porto de Mós, foi importante na medida em que pode observar três epígrafes. A sua análise presencial permitiu-lhe corrigir as leituras anteriores. Também em 1897, numa viagem ao Algarve, examinou uma inscrição latina de Salir. Hübner esclareceu a leitura do texto epigráfico (CCE 98 (SMS Ms. 52) – CCE 101 (MNA Ms. 10487); Vasconcelos, 1899-1900, p. 42; Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.10-I.2.12).

4.1.2.2 O Papel d'O Arqueólogo Português na Publicação de Inscrições

Na carta de 3 de Novembro de 1895, o conservador da Biblioteca Nacional perguntou se *O Arqueólogo Português* estava a agradecer ao seu correspondente e referiu o facto de estar a ser publicado aqui muitas epígrafes latinas. Nas *Palavras Prévias*, artigo obrigatoriamente de âmbito geral, no início da edição do periódico, a Epigrafia marcou também lugar. Primeiro indicou-se que saíam estudos sobre o modo “de tirar decalques de inscrições”. Anteriormente, num dos artigos iniciais da *Revista Archeologica e Historica* tinha-se exposto este mesmo assunto. Em seguida, o director do Museu Etnográfico Português especificou um conjunto de temas que poderiam ser incluídos n'O *Arqueólogo Português*, entre os quais se contava “uma pedra com um letreiro”, ou seja, monumentos epigráficos. Este periódico constituiu assim um instrumento de divulgação científica no tocante a descobertas epigráficas. Todavia, as suas referências na correspondência ora em estudo são concretizadas por vezes de forma meramente indicativa, como se observa *infra* (CCE 54 (SMS Ms. 32); Figueiredo & Sousa, 1887, p. 16; Vasconcelos, 1895a, pp. 1-2; Tabela 4).

O volume I d'O *Arqueólogo Português* foi publicado em 12 fascículos. A Epigrafia latina esteve presente desde o início, seja em artigos específicos, seja referenciando estas inscrições no âmbito de outros assuntos (Vasconcelos, 1895a, pp. 7, 10, 15, 19-20,

30-33, 35, 38-39, 43-47, 54-62, 64, 69-78, 84-86, 96, 110-112, 118-120, 139-142, 175, 182; Palma, 1895, p. 110; Sarmiento, 1895, pp. 147-149; Figueiredo, 1895, pp. 155-158; Hübner, 1895, pp. 177-182). Na missiva de 3 de Novembro, Leite de Vasconcelos mencionou o “último número”. Tendo em conta que na epístola de 15 de Novembro indicou que iria editar no nono fascículo a epígrafe dedicada a Trebaruna, consideramos que o “último número” consistiu no oitavo fascículo. Assim, os “numeros seguintes” equivalem aos nono, décimo, décimo-primeiro e décimo-segundo fascículos do mesmo volume (CCE 54 (SMS Ms. 32); CCE 56 (SMS Ms. 33); Vasconcelos (ed.), 1895b, pp. 193-367; Vasconcelos, 1895a, pp. 225-232; Tabela 4).

O oitavo fascículo começou com um trabalho de Santos Rocha sobre as pesquisas que desenvolveu no Algarve, no ano de 1895. Aqui publicou os monumentos epigráficos da Quinta de Marim analisados na correspondência ora em estudo e uma marca de oleiro de Milreu, entre outras inscrições que apenas mencionou. Rocha Espanca editou uma epígrafe de Juromenha que o seu amigo e também sacerdote Joaquim Nunes de Andrade lhe transmitiu. O investigador lusitano terminou o fascículo com a correcção do monumento epigráfico de Benavila, que observou em Agosto de 1893, aquando de uma deslocação ao local (*CIL* II 165; Rocha, 1895, pp. 193-212; Espanca, 1895, pp. 216-217; Vasconcelos, 1895a, p. 224; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.3, I.2.3.1-I.2.3.3).

O director do Museu Etnográfico Português iniciou o nono fascículo com a publicação das duas inscrições que identificara no Fundão em Setembro de 1892. Uma era dedicada à deusa *Victoria*, a outra revelava uma divindade indígena desconhecida até então, *Trebaruna*, a quem Leite de Vasconcelos dedicou um poema e apelidou de “minha querida” na epístola endereçada ao sábio alemão. O investigador lusitano não informou o erudito germânico no momento da descoberta. Somente na carta de 15 de Novembro de 1895 indicou a edição próxima, no nono fascículo d’*O Arqueólogo Português*. A resposta de Hübner foi simples e revelou interesse. Todavia, já tinha conhecimento da sua existência, pois Martins Sarmiento havia-lhe participado o achado em Novembro de 1893 (CCE 56 (SMS Ms. 33) – CCE 57 (MNA Ms. 10469); Vasconcelos, 1895a, pp. 225-232; Vasconcelos, 1905b, p. 295; Cardozo, 1947, pp. 209-212, de 26/11/1893; Cardozo, 1958, pp. 148-149, n.º 44, de 10/10/1892; Tabela 4).

No mesmo fascículo, o conservador da Biblioteca Nacional inseriu um estudo sobre o culto de Proserpina atestado epigraficamente na região de Elvas, publicou os cipos de Caparide mencionados na epístola de 20 de Julho de 1895 e incluiu uma análise de um

monumento epigráfico de Beja (CCE 53 (SMS Ms. 28); Vasconcelos, 1895a, pp. 244-246, 248-249, 252-253).

No décimo fascículo, o director do Museu Etnográfico Português editou uma cupa de Beja (Vasconcelos, 1895a, pp. 265-266). No décimo-primeiro fascículo, Leite de Vasconcelos não inseriu nenhum artigo de Epigrafia latina. No décimo-segundo, corrigiu os textos de duas inscrições de Beja publicadas anteriormente n' *O Arqueólogo Português* e editou uma epígrafe de Poçacos, Valpaços, que Joaquim de Castro Lopo lhe tinha enviado (Vasconcelos, 1895a, pp. 110-112, 252-253, 321-325).

Pela epístola de 22 de Abril de 1896, depreendemos que a impressão do volume I do periódico terminou neste mês. Os monumentos epigráficos aqui publicados propriamente inéditos ou mesmo os desconhecidos do sábio alemão, aludidos nesta carta, espraíam-se por todo o número (Vasconcelos, 1895a, pp. 55-58, 76-78, 84-86, 110-112, 225-232, 248-249, 265-266, 323-325; Palma, 1895, p. 110; Rocha, 1895, pp. 195-199, 206-207; Espanca, 1895, pp. 216-217).

No dia 9 de Março de 1895, o investigador lusitano convidou o erudito germânico a escrever um artigo para *O Arqueólogo Português*. Hübner aceitou e redigiu um estudo sobre inscrições paleocristãs. Embora não tenha analisado nenhuma epígrafe latina, na “introdução” referiu o conjunto epigráfico de Mértola, que havia inserido no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e seu *Supplementum*. Em Novembro, o trabalho estava editado, pois o seu autor agradeceu ao director do periódico o envio, indicando a sua recepção (CCE 45 (SMS Ms. 31) – CCE 51 (SMS Ms. 27); CCE 55 (MNA Ms. 10468); Tabela 4. *Vide* capítulos 4.1.3, I.2.2).

Na carta de 11 de Janeiro de 1898, o conservador da Biblioteca Nacional anunciou ao seu correspondente a edição dos monumentos epigráficos de Maceira e Porto de Mós, entre outras inscrições, n' *O Arqueólogo Português*. A referência “em breve” na missiva induz-nos a pensar que seriam publicadas nesse ano ou no seguinte. Contudo, a espera foi algo maior no que respeita às epígrafes de Maceira e Porto de Mós. No ano de 1898, foi publicado o volume IV do periódico do Museu Etnográfico Português, tendo o seu director incluído alguns trabalhos epigráficos. Nestes, verificamos um amplo leque cronológico, do período romano, paleocristão, medieval e moderno (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1898, pp. 105-109, 117-120, 122-125, 130-131, 157, 223-224, 264-266, 304-305, 335, 340; Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 205-209; Tabela 4. *Vide* capítulos I.2.10-I.2.11.2).

A imprensa local de Bragança editou uma inscrição do Castro de Sacóias. Leite de Vasconcelos reproduziu a notícia no volume IV d'*O Arqueólogo Português*, mas duvidou da lição. Assim, aguardou pelo exame de Albino Pereira Lopo. Este estudo de Pereira Lopo, que foi referenciado na carta endereçada a Hübner e inserido no volume V do periódico, corrigiu a leitura. Deste modo, verifica-se que *O Arqueólogo Português* constituiu não só um instrumento de divulgação de novas descobertas epigráficas, mas igualmente de correcção de leituras de monumentos já conhecidos e editados (CCE 111 (SMS Ms. 58); Vasconcelos, 1898, p. 155, nota 1; Lopo, 1899-1900, p. 79; Tabela 4).

O Arqueólogo Português adquiriu assim importância na divulgação dos monumentos epigráficos. A intenção de Leite de Vasconcelos era dar a conhecer inscrições inéditas, mas isto não se concretiza totalmente, uma vez que parte das epígrafes são já conhecidas. Prova disto é o facto de o sábio alemão se lamentar por as epígrafes editadas nos fascículos 7 e 8 do volume III do periódico estarem já publicadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e no seu *Supplementum*. Por outro lado, o monumento epigráfico inédito não tinha grande relevância. Posteriormente, a respeito do fascículo 4 do volume V, em missiva endereçada a Leite de Vasconcelos, indicou a localização da inscrição de S. Tomé de Peroselo no *Supplementum*. A presença da epígrafe de Pedrulha num artigo de Belchior da Cruz incitou o erudito germânico a colocar uma dúvida ao conservador da Biblioteca Nacional. O correspondente corrigiu a lição (CCE 102 (MNA Ms. 10488); CCE 127 (MNA Ms. 10496); CCE 130 (SMS Ms. 66); *CIL* II 421-422; *CIL* II – S 5610, 5652; Lopo, 1897, p. 192; Azevedo, 1897, pp. 194-195, n.º 122, pp. 207-208, n.º 138; Azevedo, 1899-1900, p. 115; Cruz, 1899-1900, p. 122; Tabela 4. *Vide* capítulo I.2.13).

Em suma, a considerável presença da Epigrafia n'*O Arqueólogo Português* demonstra o importante contributo deste periódico na divulgação e desenvolvimento da ciência epigráfica, colocando-se à disposição do meio científico, e sendo um instrumento privilegiado, para editar estudos desta área do saber. Vários investigadores inseriram aqui os seus trabalhos, entre os quais se contou o próprio sábio alemão. Todavia, a grande maioria dos artigos foram assinados pelo próprio director, Leite de Vasconcelos. Este facto é revelador da importância que o conservador da Biblioteca Nacional concedia à Epigrafia, assim como evidencia o intenso trabalho e dedicação que consagrou a estes estudos, destacando-se o seu nome no contributo para o desenvolvimento desta ciência em Portugal. *O Arqueólogo Português* veio resolver, em primeiro lugar, um problema que se repercute na correspondência: um local

especializado onde publicar em Portugal. Com o surgimento do periódico, Leite de Vasconcelos encetou uma acção mais sistemática de publicação de resultados, no qual a publicação dos inéditos epigráficos assumiu um papel fundamental, especialmente na fase inicial da revista científica.

4.1.2.3 A Crítica de Publicações Epigráficas

Na correspondência ora em estudo está presente a crítica aos trabalhos de Epigrafia de outros investigadores.

Albano Belino foi autor de dois livros de Epigrafia da cidade de Braga. O primeiro versava sobre os monumentos epigráficos medievais e modernos. O segundo continha as inscrições do período romano. O sábio alemão recebeu estes dois livros e escreveu ao seu autor em carta de 10 de Novembro de 1895, analisando as várias leituras patentes na segunda obra. A redacção desta missiva terá precedido a epístola escrita no mesmo dia e remetida ao conservador da Biblioteca Nacional, como registou o erudito germânico neste último documento. A referência de Hübner aos livros de Belino enquadrou-se no âmbito de uma alusão às epígrafes de Fonte do Ídolo. Leite de Vasconcelos respondeu apenas que também havia recebido as obras e que iria efectuar uma “análise” sobre ambas n’*O Arqueólogo Português*. Em 1896, afirmou novamente esta pretensão, mas desta vez revelou igualmente a sua opinião sobre os livros. Ainda que concedesse algum crédito ao autor, este havia cometido erros, pelo que a sua “credibilidade” não era absoluta. As críticas foram efectivamente inseridas no volume II do periódico e foram bastante desfavoráveis. O director do Museu Etnográfico Português terminou a sua primeira crítica considerando o trabalho sobre Epigrafia medieval e moderna uma boa contribuição e inclusive elogiando-o, pedindo para o autor aceitar as suas apreciações. Mas na segunda análise, concluiu que o livro com as inscrições latinas tinha “pouca utilidade”. Anos depois, na nota necrológica de Belino, foi bem mais benevolente, tecendo vários elogios. Também o sábio alemão publicou uma crítica às duas obras, referida por Leite de Vasconcelos na sua epístola de 22 de Abril de 1896. Todavia, o seu tom foi menos combativo/severo que o conservador da Biblioteca Nacional (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, especialmente de 10/11/1895; CCE 55 (MNA Ms. 10468) – CCE 56 (SMS Ms. 33); CCE 61 (SMS Ms. 10471+A); CCE 63 (SMS Ms. 34); Belino, 1895a; Belino, 1895b; Hübner, 1895-1896,

pp. 101-103; Vasconcelos, 1896a, pp. 58-60, 116-134; Vasconcelos, 1906, pp. 318-320; Tabela 4).

O comentário do erudito germânico aos trabalhos de Albano Belino foi acompanhado de uma apreciação ao livro de Martins Capela, com as mesmas características críticas. O director do Museu Etnográfico Português indicou-o na carta de 22 de Abril de 1896, mas quanto à obra deste último autor tinha uma opinião positiva, subscrevendo a proposta para a sua nomeação como sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa precisamente com base neste livro. Martins Capela respondeu ao exame de Hübner publicamente, n' *O Arqueólogo Português*, aceitando as várias apreciações com agradecimento (CCE 63 (SMS Ms. 34); Capela, 1895; Hübner, 1895-1896, pp. 103-105; Capela, 1896, pp. 97-104; Vasconcelos, 1896a, pp. 267-269; Tabela 4).

4.1.2.4 O *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (CIL II – S)

A documentação epistolar estudada no presente trabalho fornece-nos algumas informações sobre aspectos da redacção do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e da colaboração de Leite de Vasconcelos neste projecto da Academia de Berlim. Os colaboradores com que Hübner contou nesta fase são em maior número e geralmente mais preparados, circunstância que resulta especialmente de estre eles se encontrarem os dois grandes vultos da Arqueologia oitocentista, Martins Sarmento e Leite de Vasconcelos (CIL II – S; Tabela 4. *Vide* capítulo 5.2.1).

As primeiras publicações de Leite de Vasconcelos na temática epigráfica consistiram no artigo das inscrições de Duas Igrejas e nas descobertas efectuadas no santuário de Endovélico. Hübner teve conhecimento destes trabalhos e pretendeu incluir as novidades epigráficas no *Supplementum*. Deste modo, contactou o autor, pedindo-lhe esclarecimentos, informações e os textos dos monumentos. Hübner diversificou cada vez mais as suas fontes de informação, aumentando a sua rede de contactos, estando atento à produção científica portuguesa. Envolveu cada vez mais pessoas no projecto e recorreu menos a intermediários (CCE 1 (MNA Ms. 10446); CCE 6 (MNA Ms. 10449); CCE 9 (MNA Ms. 10448); CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 12 (MNA Ms. 10451); Vasconcelos, 1887-1889; Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3; Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2; Cepeda, 1960. *Vide* capítulos I.2.1, I.3.1).

Em Abril de 1888, o *Supplementum* tinha começado a ser impresso, não estando ainda a sua redacção concluída. O investigador alemão encontrava-se a escrever a parte onde se inseriam as epígrafes de Duas Igrejas (CCE 1 (MNA Ms. 10446)). Uma vez que este local pertencia na época romana ao *conuentus Asturum* da *prouincia Tarraconensis*, as inscrições foram incluídas no terceiro capítulo da *Pars Tertia – Tarraconensis* (*CIL II – S*, pp. 909-924). Assim, podemos sustentar que, à data da missiva – 21 de Abril de 1888 (CCE 1 (MNA Ms. 10446)) –, os capítulos anteriores estavam terminados e que pelo menos os primeiros se encontravam em impressão (*CIL II – S*, pp. 781-908). Esta informação concilia-se com o que Hübner indicou a Francisco Martins Sarmento, em carta de dia 10 de Setembro de 1887: “les deux parties relatives à la Lusitanie et la Bétique sont prêtes pour aller à l’imprimerie. Je m’occupe en ce moment même de la rédaction des textes de la provincia Bracarensis.”⁷⁴⁵ (Cardozo, 1947, p. 97, de 10/09/1887). Esta “provincia Bracarensis” deverá corresponder ao *conuentus Bracaraugustanus*, que ocupa o primeiro subcapítulo da *Pars Tertia – Tarraconensis* no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum II* (*CIL II – S*, pp. 891-904).

No mês de Outubro de 1888, em resposta ao interesse de Leite de Vasconcelos, já demonstrada na sua primeira carta, Hübner previu a conclusão e consequente edição da sua obra para o final de 1889 (CCE 2 (SMS Ms. 12); CCE 4 (SMS Ms. 13); CCE 5 (MNA Ms. 10447)). Contudo, esta previsão não se concretizou e, em Junho de 1890, faltando o índice, o investigador germânico indicava a publicação para o final deste ano ou inícios de 1891 (CCE 6 (MNA Ms. 10449); *CIL II – S*, pp. 1053-1224). A existência de um período de tempo permitia-lhe incluir as novas descobertas do santuário de Endovélico, das quais teve conhecimento através do jornal *Dia* de 25/05/1890. Em resposta ao pedido do seu correspondente, o arqueólogo português prometeu enviar-lhe os monumentos até ao final de Julho e escreveu um artigo no jornal *Aurora do Cavado* de 30/07/1890, com outras seis inscrições, afirmando cumprir a solicitação “da melhor vontade” e expressando a sua “sympathia” por Hübner (CCE 6 (MNA Ms. 10449) – CCE 7 (SMS Ms. 14); CCE 9 (MNA Ms. 10448); Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3; Vasconcelos, 1890c, p. 5; Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2). As epígrafes divulgadas nos dois jornais foram inseridas numa adenda do *Supplementum*, os *Additamenta* (*CIL II – S*, pp. 1028-1046, n.ºs 6265-6269c). Algumas semanas depois, Leite de Vasconcelos enviou outros decalques e colocou a questão de ser adiada a edição do *Supplementum*,

⁷⁴⁵ Tradução: “as duas partes relativas à Lusitânia e à Bética estão prontas para ir para a gráfica. Neste momento, ocupo-me com a redacção dos textos da província Bracarense.”.

pois dispunha de mais monumentos, que prometeu remeter, e desejava publicar um artigo seu com tudo (CCE 10 (SMS Ms. 15)). A resposta foi negativa. O sábio alemão redigia os índices, pelo que a obra não poderia permanecer muito mais tempo sem ser editada (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). Os últimos decalques figuraram num segundo apêndice, a *Addenda Addendis*, continuação dos *Additamenta* (*CIL* II – S, pp. 1047-1056, n.ºs 6329-6336). Leite de Vasconcelos não voltou a enviar inscrições do santuário de Endovélico e apenas publicou monumentos inéditos no volume II das *Religiões da Lusitânia* em 1905 (Vasconcelos, 1894a; Vasconcelos, 1905b, p. 111-146. Cf. CCE). Hübner não apresentou outras epígrafes dedicadas a esta divindade (cf. *CIL* II – S; *EE* VIII; *EE* IX. Vide capítulo I.3.1).

No ano de 1891, o investigador português interrogou várias vezes o seu correspondente sobre o lançamento do livro (CCE 13 (SMS Ms. 16); CCE 17 (SMS Ms. 18); CCE 20 (SMS Ms. 19)). Em Julho ainda estavam a ser impressos os índices (CCE 19 (MNA Ms. 10453); *CIL* II – S, pp. 1053-1224). Cerca de um ano depois, o *Supplementum* foi editado e o sábio alemão remeteu os três mapas finais a Leite de Vasconcelos (CCE 23 (MNA Ms. 10454)).

Em 1893, após a publicação do *Supplementum*, Leite de Vasconcelos inseriu uma anotação no final da *Varia Quaedam* do terceiro volume da *Revista Lusitana*, como referiu na sua carta ao erudito germânico de 17 de Dezembro desse ano. Na missiva e no apontamento, o investigador lusitano prometeu um futuro comentário no mesmo periódico, que contudo não concretizou (CCE 29 (SMS Ms. 21); Vasconcelos, 1895b, p. 96; Vasconcelos (ed.), 1895a, pp. 97-377; Tabela 4).

Na epístola de 29 de Janeiro de 1896, o erudito germânico solicitou ajuda ao conservador da Biblioteca Nacional para a correcção e actualização dos *Additamenta* ao *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, que iria publicar na *Ephemeris Epigraphica* VIII. A inclusão neste periódico e a consequente não realização de um novo livro como o *Supplementum* devia-se ao facto de não existir material suficiente que o justificasse. De facto, o número de inscrições do território português editadas nesta obra rondava os 250 indicados na carta. Nos *Additamenta* o número de epígrafes inéditas não atingiu uma centena (CCE 60 (MNA Ms. 10470); *CIL* II – S; *EE* VIII; Tabelas 4, 14, 16. Vide capítulos 4.1.2, 4.1.2.1-4.1.2.3, 5.2.1).

4.1.2.5 A Participação de Francisco Martins Sarmento

Na carta de 17 de Junho de 1890, Leite de Vasconcelos perguntou a Hübner se conhecia as inscrições que Francisco Martins Sarmento tinha publicado na *Revista Lusitana* (CCE 7 (SMS Ms. 14); *CIL* II 2374, 2375, 2377, 2385, 2402, 2403, 2606, 2607; Sarmento, 1887b; *CIL* II – S 5551=2374, 5552=2375, 5557=2385, 5558=2403, 5651=2607, 5554, 5561, 5562, 5563, 5564, 5565, 5569, 5594, 6210). Desconhecemos as razões para esta interrogação. No entanto, admitimos ser possível contextualizar a questão no pedido expresso na missiva anterior. Hübner havia solicitado a Leite de Vasconcelos o envio das epígrafes inéditas do santuário de Endovélico, para as incluir no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (CCE 6 (MNA Ms. 10449)). O investigador português afirmou que não tinha tempo para concretizar este desejo (CCE 7 (SMS Ms. 14)) e talvez para se mostrar prestável e simultaneamente ocupar o seu correspondente, ganhando tempo para publicar em primeiro lugar as inscrições, ofereceu a correcção de leituras e as novidades epigráficas do ilustre vimaranense (Sarmento, 1887b. *Vide* capítulo I.3.1).

O sábio alemão parece não ter respondido, pois não referiu o assunto em nenhuma epístola (cf. CCE). No entanto, ele conhecia as inscrições inéditas e o artigo. Na correspondência trocada entre Hübner e Francisco Martins Sarmento verifica-se o envio por este último das informações epigráficas, nomeadamente decalques, correcções de leituras e novas descobertas, assim como das suas publicações, que incluíam a *Revista Lusitana* (Cardozo, 1947, pp. 11-21, de 05/10/1879, pp. 36-42, de 06/11/1879, pp. 93-124, de 05/12/1881 a 12/07/1888, pp. 149-165, de 13/11/1888 a 05/12/1888, pp. 173-174, de 25/01/1889, pp. 180-184, de 25/08/1889, pp. 187-189, de 09/11/1889 a 17/11/1889, pp. 215-221, de 05/01/1894 a 23/01/1894). No Suplemento do *CIL* II, o escritor alemão incluiu as anotações, as novidades e as referências bibliográficas do investigador vimaranense (*CIL* II – S 5551=2374, 5552=2375, 5557=2385, 5558=2403, 5651=2607, 5554, 5561, 5562, 5563, 5564, 5565, 5569, 5594, 6210. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

O trabalho científico de Francisco Martins Sarmento, no qual se inseriu o artigo referido por Leite de Vasconcelos na sua carta a Hübner, constituiu uma abordagem pioneira nos estudos da Epigrafia latina em Portugal, nomeadamente de âmbito votivo. Esta linha de investigação havia recebido um imprescindível contributo com a publicação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II em 1869, pois esta obra estabelecia uma base fundamental para o desenvolvimento de estudos científicos naquele campo do

saber (Gimeno Pascual, 2002, pp. 337-338. *Vide* capítulos 2.2, 5.2). Deste modo, no final da década de 70 e nas décadas seguintes, Francisco Martins Sarmiento e Adolfo Coelho concretizaram várias análises precursoras. A abordagem do ilustre vimaranense concentrou-se na Epigrafia, Arqueologia e Mitologia comparada, enquanto o professor da Faculdade de Letras se centrou em questões linguísticas (Sarmiento, 1878; Sarmiento, 1883-1884a; Sarmiento, 1883-1884b; Coelho, 1884; Sarmiento, 1884a; Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1885a, pp. 1-3; Coelho, 1887; Sarmiento, 1887a, pp. 1-2; Sarmiento, 1887b; Sarmiento, 1887c; Sarmiento, 1894; Sarmiento, 1895; Gimeno Pascual, 2002, pp. 337-338). Consequentemente, o artigo de Francisco Martins Sarmiento, ao qual Leite de Vasconcelos aludiu na sua missiva a Hübner, e um outro de Adolfo Coelho, assim como as obras de Hübner, constituíram alguns dos principais elementos de investigação e parte da principal bibliografia das *Religiões da Lusitânia* de Leite de Vasconcelos, dedicado às divindades indígenas do território actualmente português, obra basilar nas investigações actuais deste âmbito religioso (CCE 7 (SMS Ms. 14); *CIL* II; *CIL* II – S; *MLI*; Coelho, 1887; Sarmiento, 1887b; Vasconcelos, 1905b, pp. 5-6; Gimeno Pascual, 2002, pp. 337-338).

Inicialmente, o investigador vimaranense publicou artigos relativos a *Bormanico*, *Niminid Fidueneorum*, *Durbedico*, *Turiaco*, *Cusuneneoeco* e *Tameobrio* (Sarmiento, 1878; Sarmiento, 1883-1884a; Sarmiento, 1883-1884b, p. 18; Sarmiento, 1884a; Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1885a, pp. 1-3; Sarmiento, 1887a, pp. 1-2). Em 1887, deu a lume *Para o Pantheon Lusitano*, trabalho referido na missiva de Leite de Vasconcelos a Hübner, no qual reuniu estas divindades e outras como *Aerno*, *Brico* e *Corono*, e ainda *Genio Loncobricensium*, Ninfas e Júpiter, apresentando um conjunto de monumentos epigráficos pertencentes à Sociedade Martins Sarmiento. Quanto à metodologia, expôs as circunstâncias e o contexto arqueológico do achado, assim como a sua leitura e as lições anteriores, justificando as suas opções com detalhe. Apresentou ainda outras inscrições relacionadas com o local ou com o tema, revelando uma perspectiva epigráfica e arqueológica abrangente e completa (Sarmiento, 1887b).

No mesmo ano de 1887, completou o artigo com outro, no qual editou um conjunto de inscrições inéditas dedicadas a Júpiter, epígrafes funerárias e marcos miliários (Sarmiento, 1887c). Francisco Martins Sarmiento publicou ainda um trabalho acerca da divindade indígena *Brico* e outro em que referiu as *Niminid Fidueneorum* na década seguinte (Sarmiento, 1894; Sarmiento, 1895).

No decorrer das investigações, o ilustre vimaranense tomou consciência do facto de a obra de Hübner conter erros, devido às pessoas que contactou e às fontes que utilizou, apesar de o alemão ter corrigido várias leituras dos autores anteriores. Francisco Martins Sarmiento defendeu assim a necessidade de efectuar uma revisão das lições, aspecto que concretizou nos seus artigos. A realização de novas e fiéis leituras depuraria os teónimos dos elementos errados, fornecendo uma base de trabalho idónea e correcta aos linguistas (Sarmiento, 1883-1884a, pp. 58-59, 106; Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1885a, pp. 1-3; Sarmiento, 1887a, pp. 1-2; Sarmiento, 1887b, pp. 227-230, 234-235, 237-239).⁷⁴⁶

Na opinião do investigador vimaranense, a fotografia desempenhava um papel fundamental, porque permitia efectuar facilmente cópias exactas dos originais, como o indicou em 1887 (Sarmiento, 1887a, pp. 1-2), utilizando-a nomeadamente na análise da inscrição dedicada a *Turiaco* (Sarmiento, 1883-1884a, p. 106; Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1887b, p. 235). Refira-se que duas décadas antes o ilustre vimaranense interessou-se e dedicou-se à fotografia (08/05/1868), tendo declarado no dia 4 de Agosto de 1868 “Conheço-te fotografia!” (Sampaio & alii, 1999, p. 14; Brito (ed.), 2012, pp. 10-14, 113-129). Deste modo, Francisco Martins Sarmiento antecipou-se cerca de 80 anos às necessidades e soluções da investigação epigráfica das décadas de 60, 70 e 80 do século XX, que defendiam um retorno ao monumento, com a utilização dos métodos fotográficos, para garantir lições correctas, tendo sido pioneiro na utilização da fotografia na Arqueologia e na Epigrafia (Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1887a, pp. 1-2; Sarmiento, 1887b; Sampaio & alii, 1999, p. 14; Encarnação, 2002a, p. 13; Brito (ed.), 2012; Lemos (ed.), 2013, pp. 32-35).

4.1.2.6 O Tópico das Religiões da Lusitânia

Desde o ano de 1889, Leite de Vasconcelos preparava uma conferência sobre amuletos, para apresentar na 10.^a Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas, que deveria ocorrer em Lisboa, em Setembro de 1892, mas que não se chegou a concretizar (Vasconcelos, 1938b, pp. 556-569). O início dos trabalhos ficou registado numa carta a Martins Sarmiento, de 20/01/1889, onde se lê: “logo em seguida começarei

⁷⁴⁶ A releitura de textos epigráficos foi fundamental por exemplo no conhecimento do teónimo *Kassaeco*. Em 1944, quando foi descoberta e publicada pela primeira vez a inscrição, leu-se *I(oui) Assaeco* (EO 144-E). Esta leitura foi mantida até 1999, quando Amílcar Guerra e Búa Carballo propuseram *Kassaeco*, único testemunho deste teónimo (Búa Carballo & Guerra, 1999).

um estudo sobre os Amuletos” (Cardozo, 1958, p. 95, nota 156, n.º 27, de 20/01/1889). No ano seguinte, transmitiu a António Tomás Pires, numa missiva de Junho de 1890: “Eu cá estou a braços com um trabalho para o Congresso” (Gama, 1964, p. 125, n.º 75, de 7/07/1890).

Em 1892, o conservador da Biblioteca Nacional encontrava-se a efectuar um trabalho sobre as religiões da Lusitânia, como grafou numa epístola ao ilustre vimaranense, de 15 de Abril: “Estou a publicar na *Rev. de Port.* uma série de artigos em que faço um esboço das religiões da Lusitânia pré-romana.” (Cardozo, 1958, p. 135, n.º 39, de 15/04/1892).

Todavia, o trabalho tomou dimensões demasiado grandes para aquele periódico, pelo que o iria apresentar no supramencionado congresso. A este propósito, escreveu a Martins Sarmiento, em carta de 18/05/1892:

“O artigo que eu destinava, sobre estudo das religiões da Lusitânia, para a *Rev. de Portugal* sai muito grande, e por isso resolvi apresenta-lo ao Congresso em Setembro, para o que o acompanho de muitas estampas. [...]

Eu talvez intitule assim o meu trabalho: *Notícia das religiões da Lusitânia*. [...] E divido em 3 partes: I) *Época pré-histórica* [...]; II) *Época proto-histórica*; III) *Época luso-romana*. Com um *Apêndice* acerca do que desses tempos ficou no Cristianismo [...]” (Cardozo, 1958, pp. 136-138, n.º 40, de 18/05/1892).

Deste modo, iria apresentar os dois assuntos na 10.^a Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas. Uma vez que a reunião científica não se realizou, Leite de Vasconcelos editou os dois estudos como opúsculos, tal como se pode ler numa missiva a António Tomás Pires, de 02/09/1892: “Deixei prontos 3 opusculos na imprensa. [...] São os resumos das Memorias do Congresso [...]. Uma das memorias é *Sur les amulettes portugaises*, e outra *Sur la religion de la Lusitanie*.” (Gama, 1964, p. 159, n.º 107, de 02/09/1892). Incluiu uma referência semelhante no *Prologo* do primeiro volume das *Religiões da Lusitânia*, a respeito do segundo estudo (Vasconcelos, 1892b; Vasconcelos, 1892c; Vasconcelos, 1897d, pp. [15], VII; Vasconcelos, 1938b, pp. 123-131, 556-569; *RAP*, pp. 11-18).

No trabalho *Sur la religion de la Lusitanie*, o conservador da Biblioteca Nacional estabelecia o “plano geral” da sua grande obra *Religiões da Lusitânia*, designando-a como predecessora desta na publicação do primeiro volume (Vasconcelos, 1897d, pp. [15], VII; *RAP*, p. 11; Fabião, 2002, p. 342).

A análise do conjunto de publicações efectuadas por Leite de Vasconcelos, e reunidas em lista por Isabel Cepeda (Cepeda, 1960, pp. 139-265), permite considerar a possibilidade de “as vossas interessantes memórias”, referidas na epístola a Hübner de 16/10/1892, corresponderem a estes dois opúsculos (CCE 24 (MNA Ms. 10455)). Os próprios títulos deles contêm a palavra *mémoire*: *Sur les Amulettes Portugaises (Résumé d'un mémoire destiné à la 10^{ème} session du Congrès International des Orientalistes)*, *Sur les Religions de la Lusitanie (Abrégé d'un mémoire destiné à la 10^{ème} session du Congrès International des Orientalistes)*. A data da sua publicação, 1892, conjuga-se com a datação da carta, 16/10/1892 (CCE 24 (MNA Ms. 10455); Cepeda, 1960, p. 151, n.º 154, p. 176, n.º 425).

Na missiva de 27/07/1891, o conservador da Biblioteca Nacional recebeu indicações bibliográficas de Hübner relativas aos cultos do mar fenício e grego, especificamente sobre o Hércules fenício e o Poseidon grego (CCE 19 (MNA Ms. 10453)). O pedido que precedeu (CCE 18), estaria relacionado com uma investigação, em curso, sobre estas temáticas. Numa epístola a Martins Sarmiento, de 7 de Dezembro de 1891, redigiu: “concluir um estudo que tenho começado sobre o culto das águas na Lusitânia”⁷⁴⁷ (Cardozo, 1958, p. 131, n.º 38, de 07/12/1891).

Por outro lado, estaria igualmente ligado ao estudo *Sur les Religions de la Lusitanie*, destinada ao Congresso Internacional de Orientalistas. Neste artigo, Leite de Vasconcelos abordou a temática de uma forma global, ainda que sucinta, referindo, entre outros aspectos, a sacralização das costas marítimas e a consagração de um promontório ao deus Hércules, que corresponderia, naquele caso em específico, a uma divindade fenícia (Vasconcelos, 1892b; Vasconcelos, 1938b, p. 126; *RAP*, p. 14).

No segundo volume das *Religiões da Lusitânia*, o conservador da Biblioteca Nacional desenvolveu este assunto. O Cabo de São Vicente, cujas investigações indicou ao seu correspondente, era atribuído a Hércules, que correspondia ao Melqart fenício, e a Ponta de Sagres era dedicado a Cronos / Saturno, equivalente ao El cananaico / Baal Hammon fenício (CCE 34 (SMS Ms. 23) – CCE 36 (MNA Ms. 10458); Vasconcelos, 1905b, pp. 199-216; Guerra, 2002c, pp. 43-44).

Em nenhuma destas obras, assim como no terceiro volume das *Religiões da Lusitânia*, referiu o deus Poseidon (Vasconcelos, 1892b; Vasconcelos, 1905b; Vasconcelos, 1913b; Vasconcelos, 1938b, p. 126; *RAP*, pp. 13-18).

⁷⁴⁷ Em trabalho posterior pretendemos desenvolver esta questão.

Quanto à bibliografia enunciada na epístola, Leite de Vasconcelos não citou a obra *Untersuchungen über die Religion und die Gottheiten der Phönizier* [...] de Franz Movers, mas sim o *Die Phönizier* e o *Das Phönizische Alterthum* deste autor, nos segundo e terceiro volumes das *Religiões da Lusitânia*. Referiu a *Histoire de l'Art dans l'Antiquité* de Georges Perrot e Charles Chipiez nos primeiro e segundo volumes das *Religiões da Lusitânia*. Registou a terceira edição da *Griechische Mythologie* de Ludwig Preller, no terceiro volume das *Religiões da Lusitânia*, e não a quarta indicada por Hübner na sua carta. Não indicou a *Bibliographie der Klassischen Alterthumswissenschaft* [...] do correspondente alemão em nenhum dos três livros. No âmbito do culto das águas citou apenas o *Die Phönizier* e o *Das Phönizische Alterthum* e o terceiro volume da *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*, dedicado aos fenícios, entre outras obras não mencionadas por Hübner (CCE 19 (MNA Ms. 10453); Movers, 1841; Movers, 1841-1856; Movers, 1849; Perrot & Chipiez, 1885; Preller, 1887⁴; Hübner, 1889a; Vasconcelos, 1897d, pp. 86, 343; Vasconcelos, 1905b, pp. 51-52, 68, 198-281, 284, 292; Vasconcelos, 1913b, pp. 356, 565, 567; Bárcia, 1982, pp. 227, 238-240, 249, 256. Vide nota 95).

No ano de 1893, o conservador da Biblioteca Nacional transmitiu a Hübner a realização de “uma obra sobre as Religiões da Lusitânia”. Neste trabalho, pretendia efectuar uma reflexão sobre a história de Portugal na Pré-História e na Antiguidade, assim como reunir toda a epigrafia votiva concernente às divindades paleohispânicas (CCE 29 (SMS Ms. 21)). O labor decorreu com rapidez, pois no ano seguinte, o primeiro volume estaria praticamente terminado. Chegou mesmo a reduzir o prazo, na medida em que, na carta de 2 de Março de 1894 endereçada a Martins Sarmiento indicou o mês de Setembro e quase dois meses depois, na missiva de 30 de Abril enviada ao sábio alemão, referiu Agosto. Mas, já perto do final de 1895, previa ao ilustre vimaranense a edição para os inícios de 1896. Na realidade a publicação aguardou ainda mais um ano, sendo editada somente em 1897. O autor ofereceu um exemplar ao erudito germânico, pedindo-lhe que escrevesse uma crítica ao livro num periódico espanhol. O seu correspondente citou inclusive a *Revista Crítica de Historia, Literatura Españolas, Portuguesas y Americanas* de Rafael Altamira y Crevea. Todavia, a notícia foi incluída na *Deutsche Litteraturzeitung* (CCE 34 (SMS Ms. 23); CCE 95 (SMS Ms. 49) – CCE 97 (MNA Ms. 10484); CCE 106 (SMS Ms. 55); Vasconcelos, 1897c; Hübner, 1898a, pp. 930-932; Cardozo, 1958, p. 165, n.º 51, de 02/03/1894, p. 182, n.º 62, de 31/10/1895; Fabião, 2002, p. 342).

É hoje indiscutível o valor dos segundo e terceiro volumes das *Religiões da Lusitânia* para os estudos epigráficos em Portugal, especialmente de âmbito votivo, mas também funerário. Constituiu o primeiro estudo exaustivo e metódico do tema, tendo o autor se baseado principalmente nas fontes epigráficas, utilizando-as, de forma inovadora, como fontes históricas, por considerá-las fundamentais para uma compreensão rigorosa e adequada da temática.

Leite de Vasconcelos repetiu várias vezes o desejo de editar nestas obras todas as inscrições. Primeiro, em Dezembro de 1893, englobava toda a epigrafia dedicada às divindades paleohispânicas. Depois, em Maio de 1894, especificava a totalidade do conjunto epigráfico dedicado a Endovélico. Em Abril de 1896 indicava o desejo de publicar ali “algumas inéditas”, o que ocorreu. Decerto por esta razão, Hübner considerou com naturalidade a inserção dos monumentos epigráficos de Panóias, no segundo volume. O sítio arqueológico foi abordado neste volume e desenvolvido no seguinte. Em Dezembro de 1899, o investigador lusitano abdicava do carácter integral, defendendo-se com o argumento de que a inclusão de todas as epígrafes consagradas ao deus Endovélico iria avolumar a obra. De facto, percorrendo o livro de José Manuel Garcia, verificamos que vários monumentos epigráficos registados no *Corpus Inscriptionum Latinarum* e no *Supplementum* estão ausentes das *Religiões da Lusitânia* (CCE 29 (SMS Ms. 21); CCE 38 (SMS Ms. 25); CCE 63 (SMS Ms. 34); CCE 102 (MNA Ms. 10488); CCE 122 (SMS Ms. 63); *CIL* II; *CIL* II – S; Vasconcelos, 1905b, especialmente pp. 111-146, 187-188; Vasconcelos, 1913b, especialmente pp. 465-474; *RAP*).

Leite de Vasconcelos dedicou uma boa parte da sua investigação à Filologia. No âmbito da Epigrafia, pretendia elucidar o significado dos teónimos paleohispânicos, assim como de antropónimos e topónimos. Por esta razão, solicitou ao sábio alemão bibliografia e o contacto dos estudiosos que se dedicassem a estas temáticas.

Hübner escreveu igualmente uma obra em que estes assuntos linguísticos eram relevantes, os *Monumenta Linguae Ibericae*, tendo oferecido um exemplar ao seu correspondente português (CCE 29 (SMS Ms. 21) – CCE 31 (MNA Ms. 10456); *MLI*. Vide capítulo 2.2, 5.2.1.3).

A primeira referência foi suscitada a respeito do nome de Endovélico, tendo o erudito germânico remetido para uma obra que se encontrava em publicação, primeiro em fascículos e depois em três volumes entre 1896 e 1907, o *Alt-Celtischer Sprachschatz* de Alfred Holder. O investigador lusitano adquiriu os três volumes, podendo ser

actualmente consultados na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia. Como se analisa *infra*, Leite de Vasconcelos não só procurou no livro uma explicação do teónimo, como trocou correspondência com Alfred Holder, entre 1894 e 1904. No entanto, o tema da etimologia de Endovéllico não está patente nas cartas subsistentes (CCE 18 – CCE 19 (MNA Ms. 10453); MNA, *Correspondência*, Mss. 10228-10230, 14715-14716+A, de 05/05/1894 a 02/07/1904 (Coito, 1999, p. 126, n.º 1607); Holder, 1896, pp. 139, 1436-1437; Vasconcelos, 1900c, pp. 308-310; Vasconcelos, 1900-1901, pp. 231-232; Holder, 1901; Vasconcelos, 1905, pp. 124-125; Holder, 1907. Vide capítulo I.3.1).

O investigador lusitano terá acrescentado um apontamento na carta que recebeu do erudito germânico, de 15 de Junho de 1892, sobre um assunto que não foi abordado nesse documento, mas que talvez tenha suscitado o pedido de contactos de celtistas, registado em missivas de 1893. Desconhecemos se esta solicitação obteve uma resposta de Hübner, uma vez que as epístolas seguintes deste correspondente extraviaram-se e na restante correspondência o assunto não foi abordado (CCE 23 (MNA Ms. 10454); CCE 25 – CCE 29 (SMS Ms. 21). Cfr. CCE).

O conservador da Biblioteca Nacional consultou d’Arbois de Jubainville e Alfred Holder acerca da etimologia céltica dos teónimos indígenas do território actualmente português, citando as suas lições e obras nas *Religiões da Lusitânia* (Bárcia, 1982, pp. 98-99, 100-101, 238, 242; Búa Carballo, 2000, p. 15). De facto, Leite de Vasconcelos manteve contacto escrito com Holder, como indicado *supra*, e d’Arbois de Jubainville, entre os anos de 1895-1896, 1898-1904 e 1906-1909. Nesta última documentação podem ler-se comentários de teor linguístico sobre *Trebaruna*, *Tongius*, *Tongetamus*, *Tongeta*, *Medamus*, *Tongoenabiagus* e *Viriatius*, entre outros (MNA, *Correspondência*, Mss. 10650+A-10672+A-C, de 21/06/1895 a 11/01/1909 (Coito, 1999, p. 131, n.º 1653)). Quando preparou a sua viagem “escolar” a Paris e a Berlim, concretizada em 1899, transmitiu a Hübner a possibilidade de aprender “celtico” directamente com d’Arbois (CCE 100 (SMS Ms. 51), CCE 107 (SMS Ms. 56), CCE 117 (SMS Ms. 60), CCE 120 (SMS Ms. 62)). Relativamente a Holder, nas missivas surge a análise do teónimo *Trebaruna* (MNA, *Correspondência*, Mss. 10228-10230, 14715-14716+A, de 05/05/1894 a 02/07/1904 (Coito, 1999, p. 126, n.º 1607)).

A anotação na epístola de 15 de Junho de 1892 consistiu na evolução linguística entre “(E)quabona” e “Coína”. O conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa analisou publicamente esta questão pela primeira vez no terceiro volume d’*O Arqueólogo*

Português, de 1897, num artigo de Joaquim Rasteiro. Ao invés da evolução “(E)quabona > Ca(b)ona > Couna > Coína” registada no postal, mas sem qualquer relação com ele, sugeriu “Equábona > *(E)quab(o)na > *Cauna > Couna > Coína”, que repetiu nas *Lições de Philologia Portuguesa* (Vasconcelos in Rasteiro, 1897, p. 7, nota 1; Vasconcelos, 1911b, p. 336). No segundo volume das *Religiões da Lusitânia* e no terceiro volume dos *Opúsculos* manteve a opinião de Coína derivar de *Equabona*, aceite também actualmente. Sobre um paralelo do elemento *-bona* citou Holder (CCE 23 (MNA Ms. 10454); Vasconcelos, 1905b, pp. 21, 59-60; Vasconcelos, 1931, p. 140; Guerra, 1998, pp. 251-254).

Em 1896, decerto em resposta a uma solicitação de Leite de Vasconcelos, o sábio alemão abordou a origem do topónimo Portugal, assim como a variação entre as letras *c* e *g*. Anos depois, o investigador lusitano percorreu sobre o assunto, desenvolvendo-o. Nesta análise verifica-se uma consideração pela nota do erudito germânico, ainda que não o cite. A origem dos vocábulos *Portumcale* e *Portucale*, variantes do mesmo topónimo da actual cidade do Porto, remontaria ao século V e surgiria pela primeira vez na Crónica de Idácio. Na transição do século VI para o século VII teria ocorrido a mudança de *c* para *g*. Teríamos assim, *Cale* > *Portumcale* > *Portucale* > *Portugale* > Portugal (CCE 60 (MNA Ms. 10470); Vasconcelos, 1906, pp. 321-323; Vasconcelos, 1911b, pp. 332-333).

Dois anos depois foi a vez de Hübnér questionar o conservador da Biblioteca Nacional sobre o vocábulo *lama*, a propósito de S. Tomé de Lamas. Leite de Vasconcelos, ao invés de aceitar uma origem paleohispânica e relacioná-lo com *Lamaecum* (Lamego), considerou uma proveniência do latim. Quanto a Lamego, a sua origem seria **Lam-aecus* (CCE 103 (MNA Ms. 10489) – CCE 104 (SMS Ms. 53); Vasconcelos, 1911b, p. 338).

Quando o investigador lusitano esteve em Paris no ano de 1899, frequentou as aulas de Filologia Românica, Céltica, Provençal e de Irlandês Antigo, como desejava e indicou nas suas cartas ao sábio alemão, sendo alguns dos seus professores d’Arbois de Jubainville e H. Gaidoz (CCE 107 (SMS Ms. 56); CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58); CCE 115 (SMS Ms. 59); CCE 117 (SMS Ms. 60); CCE 119 (SMS Ms. 61); Vasconcelos, 1928, pp. 577-578). Também nesta vertente revela a sua imensa vontade de aprender a par de uma exigência de rigor, bem evidente na procura dos mais qualificados estudiosos para seus mestres.

4.1.3 Epigrafia Paleocristã

A Epigrafia paleocristã constituiu o segundo tema de Epigrafia mais referido na correspondência trocada entre Hübner e Leite de Vasconcelos (CCE; Tabela 4; Gráfico 9).

A primeira referência ao tema consistiu numa alusão ao livro *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, em carta de 17 de Dezembro de 1893. O investigador lusitano, pretendendo adquirir as várias obras do sábio alemão, listou a publicação de 1871, indicando que a conhecia (CCE 29 (SMS Ms. 21); *IHC*).

No ano de 1895, o Museu Etnográfico Português iniciou a edição d'*O Arqueólogo Português*, tendo Leite de Vasconcelos pedido um contributo ao erudito germânico. Este prontificou-se a efectuar-lo, de modo a ser editado no recém-criado periódico. O trabalho versou sobre inscrições paleocristãs (CCE 42 (SMS Ms. 30); CCE 44 (MNA Ms. 10463) – CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182)).

Após a edição das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, o *corpus* das epígrafes paleocristãs experimentou um crescimento. Vilhena Barbosa havia descoberto no ano de 1864 um monumento epigráfico em Chelas, local onde existia outra inscrição já publicada, nomeadamente por Hübner. O erudito germânico não incluiu a epígrafe no seu livro, decerto por não ter tido acesso à publicação do autor, como analisamos no capítulo 5.2.1.3. Pouco depois, Rocha Espanca endereçou ao sábio alemão uma cópia de uma epígrafe de Bencatel, encontrada em 1866. Joaquim de Vasconcelos remeteu ao erudito germânico um monumento epigráfico, identificado em *Conimbriga* no ano de 1873. Gabriel Pereira e Borges de Figueiredo enviaram a Hübner reproduções de uma inscrição de Montemor-o-Novo, já conhecida, mas ainda não editada, por se duvidar da sua autenticidade. Albano Belino encaminhou ao sábio alemão duas epígrafes, uma de Celorico da Beira e a outra de Arouca. Neste contexto das novas descobertas, destaca-se, todavia, um conjunto de monumentos epigráficos, que se distingue desde logo pela sua quantidade: os trabalhos de Estácio da Veiga em *Myrtilis* (Mértola) permitiram-lhe identificar 14 inscrições, que incluiu no seu livro *Memoria das Antiguidades de Mertola* (Barbosa, 1864, p. 376; *CIL* II 122; *IHC* 18; *IBC* 1*; Veiga, 1880a, pp. 96-119, n.ºs 1-14; Espanca, 1887, p. 111; Hübner, 1887, pp. 113-117, 129; Figueiredo, 1890, pp. 2-4; *CIL* II – S 5189; *IHC* – S 302, 306-307, 309-312, 315-318, 321-329; Tabelas 8, 17. Vide capítulos 5.2.1, 5.2.1.3).

No âmbito das investigações que Estácio da Veiga concretizou no Algarve, encontrou epígrafes paleocristãs nas regiões de *Ossonoba* (Faro) e *Balsa* (Quintas das Antas e de

Torre d'Ares, Tavira), locais onde até àquele momento não se conheciam monumentos epigráficos deste período, documentos que, todavia, nunca publicou. A estas somavam-se mais duas inscrições de Mértola transportadas para a Inglaterra e editadas em periódicos deste país, sendo que uma delas fora incluída na *Revista Archeologica e Historica* / *Revista Archeologica*. O erudito germânico reuniu então estas epígrafes no artigo que remeteu a Leite de Vasconcelos, com o objectivo de ser inserido n' *O Arqueólogo Português*. O fragmento n.º 4b não provém de *Ossonoba* (Faro), mas de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), sendo igual ao n.º 5a. Esta repetição deve-se certamente a uma gralha, originada pelo próprio manuscrito (CCE 47 (MNA Ms. 10465) – CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182); Figueiredo, 1887, p. 64; Hübner, 1888a, p. 65; *IHC* – S 294-298, 305, 313; Tabela 8. *Vide* capítulo 5.2.1).

As referências à Epigrafia paleocristã na restante correspondência desse ano de 1895, relacionam-se fundamentalmente com a publicação do trabalho de Hübner (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182)). Na réplica do investigador lusitano, este indicou que não conseguia as reproduções dos dois primeiros monumentos epigráficos. Esta afirmação parece algo estranha, dado que, se alguém teria acesso aos mesmos, seria ele próprio, uma vez que, quando o Museu do Algarve foi incorporado no Museu Etnográfico Português, estas inscrições entraram no espólio desta instituição, da qual era director (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.ºs 1-2 = Hübner, 1895, pp. 178-179, n.ºs 1-2) – CCE 48 (SMS Ms. 26); *IHC* – S 294-295). O sábio alemão disponibilizou-se a corrigir as provas do seu artigo em Maio. No mês de Julho, Leite de Vasconcelos referiu que iria enviar o fac-símile. Antes do final do ano estava editado, tendo o erudito germânico recebido este em Novembro, a inaugurar o sétimo fascículo (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182); CCE 49 (MNA Ms. 10466); CCE 51 (SMS Ms. 27); CCE 55 (MNA Ms. 10468)).

O investigador lusitano incluiu um agradecimento n' *O Arqueólogo Português*, ao qual denominou de *Epistula*, imediatamente após o estudo do seu correspondente. Neste texto, o conservador da Biblioteca Nacional reconheceu e elogiou o longo e extraordinário trabalho de Hübner, efectuado com rigor científico, constituindo uma base sólida para os estudos que se pretendessem realizar sobre assuntos concernentes a Portugal (CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182)).

Neste item, o director do Museu Etnográfico Português comunicou ao sábio alemão que, no momento em que este se encontrava a redigir o seu artigo, ele concretizava uma

viagem pelo Sul de Portugal. De facto, na Páscoa de 1895, Leite de Vasconcelos visitou Beja, Serpa, Mértola, Castro Marim, Tavira e Faro. No decorrer do seu trajecto tinha identificado várias inscrições latinas e paleocristãs em Mértola e Faro, que iria publicar n’*O Arqueólogo Português*. Algumas semanas antes, na sua missiva cronologicamente anterior, indicara o trajecto, que completou no seu artigo, e a descoberta de epígrafes, sem mencionar a sua precedência exacta, mas que localizámos no capítulo 4.1.2.1. Quanto aos monumentos epigráficos de Mértola e Faro, editou somente duas inscrições latinas e seis epígrafes paleocristãs da vila alentejana, em 1897 (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249. *Vide* capítulos 4.1.2.1, I.2.2, I.2.2.2-I.2.2.3).

Em carta de Abril de 1897, o erudito germânico demonstrou ter consciência que era fundamental o contributo dos seus contactos, de modo a poder realizar uma obra o mais completa, rigorosa e actualizada possível, expressando-o claramente. Por outro lado, os seus contactos de Inglaterra, Albano Belino, Rocha Espanca e Gabriel Pereira fornecer-lhe-iam algumas reproduções necessárias para o *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. É interessante notar que, dos três portugueses referidos, não conhecemos a correspondência trocada com Rocha Espanca (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 133-141, entre 26/07/1879 e 06/05/1890; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; CCE 78 (MNA Ms. 10477)).

No entanto, porque lhe faltava outra documentação, havia necessidade de garantir a colaboração de outro investigador idóneo. Deste modo, pediu ajuda ao conservador da Biblioteca Nacional, a qual se manifestou de uma forma particular, enviando-lhe o manuscrito dos “dois primeiros capítulos da Lusitânia”, relativos seguramente aos *conuentus Pacensis* e *Scallabitanus*. Depois seguiria a parte respeitante à *prouincia Tarraconensis* (CCE 78 (MNA Ms. 10477)). Todavia, não se regressou a este assunto na correspondência epistolar ora em estudo. Esta solicitação relacionava-se decerto com o trabalho desenvolvido pelo investigador lusitano na área da Epigrafia, que Hübner tinha tido a oportunidade de acompanhar, directamente através da correspondência trocada e indirectamente pelas suas publicações. Anteriormente a este pedido, tinha inclusive existido uma colaboração semelhante, no âmbito dos *Additamenta* a editar no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica* (CCE 60 (MNA Ms. 10470)). Por outro lado, Leite de Vasconcelos já trabalhara Epigrafia paleocristã. No volume I d’*O Arqueólogo Português* inseriu uma inscrição de Mértola e no volume II do mesmo periódico

introduziu uma epígrafe de Beja (Vasconcelos, 1895a, pp. 7-9, 311; Vasconcelos, 1896a, pp. 175-176; *IHC – S*, pp. 3-18; Tabelas 4, 6, 16-17. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.3).

O sábio alemão listou um conjunto de monumentos epigráficos na sua epístola, referindo as reproduções que possuía, as suas fontes bibliográficas, quais os colaboradores que lhe iriam fornecer material e o que lhe faltava. Solicitou esta última documentação ao director do Museu Etnográfico Português, assim como as inscrições inéditas que este estudioso teria conhecimento, e ainda as suas correcções (CCE 78 (MNA Ms. 10477)). Talvez por causa do desentendimento, que pensamos ter ocorrido no ano anterior, 1896, e que originou os dois pedidos de desculpa do seu correspondente (CCE 66 – CCE 69 (SMS Ms. 38)), o erudito germânico incentivou o investigador lusitano a editar rapidamente o material que possuísse e adquirisse, de modo a poder incluí-lo no *corpus*. Afirmou mesmo que não desejava usurpar-lhe a primazia (CCE 78 (MNA Ms. 10477); *IHC – S* 305, 313, 323-329. *Vide* capítulo 5.2.1).

Os números registados na carta CCE 78 (MNA Ms. 10477) são diferentes dos números do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, seguramente devido à inclusão de novos monumentos epigráficos, como se aborda *infra*. O próprio Hübner pediu o seu manuscrito, de modo a mudar os números. Consequentemente, organizámos a Tabela 5, por forma a esclarecer a que números do livro correspondem os da carta de 8 de Abril de 1897. Na primeira coluna figuram os números da carta CCE 78 (MNA Ms. 10477), na segunda são colocados os do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* (CCE 78 (MNA Ms. 10477); CCE 83 (MNA Ms. 10479); *IHC – S* 305, 313, 323-329; Tabela 5).

CCE 78	<i>IHC – S</i>	CCE 78	<i>IHC – S</i>	CCE 78	<i>IHC – S</i>
296	305	312	324	315	327
304	313	313	325	316	328
311	323	314	326	317	329

Tabela 5: Correspondência entre os Números da Carta CCE 78 (MNA Ms. 10477) e do *IHC – S*

O conservador da Biblioteca Nacional aceitou o pedido, apesar do muito trabalho. Quanto às epígrafes inéditas que dispunha, iria remetê-las numa missiva ou publicá-las n’*O Arqueólogo Português* (CCE 79 (SMS Ms. 41)).

Pouco tempo depois, Leite de Vasconcelos começou o seu labor. Dirigiu-se a Chelas e nesse lugar observou um dos dois monumentos pretendidos por Hübner – *IHC – S* 325

–, procedendo à realização do seu decalque, que lhe enviou. Seguramente devido ao muito trabalho que tinha, juntou uma segunda cópia desta inscrição a reproduções de três epígrafes de Mértola, endereçando junto todo este material ao sábio alemão. Verificando-se o engano, pois o seu correspondente indicara-lhe o que recebera, solicitou o regresso do segundo decalque, uma vez que este tinha como objectivo documentar o monumento epigráfico no Museu Etnográfico Português. Naturalmente, o erudito germânico devolveu-lhe a cópia. O nome do investigador lusitano ficou assim registado nesta inscrição no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. O mesmo não ocorreu a respeito da outra epígrafe – *IHC* – *S* 326 –. O conservador da Biblioteca Nacional não conseguiu encontrá-la e observá-la (CCE 81 (SMS Ms. 42) – CCE 83 (MNA Ms. 10479); CCE 85 (MNA Ms. 10492+A) – CCE 86 (SMS Ms. 43); CCE 88 (MNA Ms. 10480); *IHC* – *S* 325-326; Tabela 17).

Leite de Vasconcelos remeteu a Hübner os decalques de três monumentos epigráficos de Mértola, que tinha descoberto na sua viagem de 1895. Em seguida, enviou o seu artigo, com duas inscrições latinas e seis epígrafes paleocristãs oriundas desta vila alentejana. Aos monumentos epigráficos que tinha identificado, juntava-se uma inscrição encontrada por Estácio da Veiga e, entretanto, adquirida para o Museu Etnográfico Português. No escrito do director desta instituição, verificamos a importância dos contactos que este investigador estabeleceu, no acesso, estudo e aquisição de objectos para o seu espaço museológico, especificamente epígrafes (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 83 (MNA Ms. 10479); CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249; *IHC* – *S* 301, 303-304, 314, 319, 320; Cardoso, 2006, pp. 154-155, 159; Tabela 17. *Vide* capítulos 4.1.2.1, 5.2.1, I.2.2).

Ao encaminhar o seu artigo para o sábio alemão, o conservador da Biblioteca Nacional disponibilizava o material inédito de que dispunha. Mantinha-se também fiel à sua palavra, registada na *Epistula* editada em 1895, na qual prometera a publicação futura dos monumentos epigráficos encontrados, de modo a que o seu correspondente os pudesse estudar. Embora tivesse enviado a informação em manuscrito, pretendia editá-la. Assim, e talvez devido ao desentendimento aludido *supra*, não se limitou a repetir por duas vezes na sua missiva que ia publicar o artigo n' *O Arqueólogo Português*, mas também pediu o consentimento ao erudito germânico, lembrando o facto de ser director do referido periódico. Leite de Vasconcelos revelou ainda uma atitude nacionalista ao declarar o seu desejo em incluir os estudos sobre a Arqueologia de

Portugal no seu elemento de comunicação científica. Hübner não respondeu e o investigador português não voltou à questão. A isto deve-se provavelmente o facto de, na epístola do sábio alemão que mediou as duas cartas do seu correspondente, e que se “cruzou” nos correios com a segunda missiva, o seu autor ter indicado que aguardava a edição do estudioso lusitano, precisamente no seu *Arqueólogo Português*. O artigo publicado foi remetido no ano seguinte (CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293) – CCE 86 (SMS Ms. 43); CCE 107 (SMS Ms. 56); Tabela 17).

O erudito germânico e o director do Museu Etnográfico Português comentaram ainda as leituras das inscrições e os problemas que colocavam, assunto que reservamos para um posterior trabalho, por não constituir um dos objectivos do presente estudo (CCE 83 (MNA Ms. 10479) – CCE 86 (SMS Ms. 43); *IHC* – S 301, 303-304, 314, 319, 320).

Perante o acréscimo do *corpus* epigráfico paleocristão de Mértola, que totalizava 25 monumentos, Hübner concluiu que a riqueza patrimonial do “cemitério cristão” deste local seria extraordinária e que se justificariam futuras intervenções arqueológicas. A percepção deste epigrafista foi correcta. Talvez incentivado pelas palavras do sábio alemão, Leite de Vasconcelos veio a proceder mais tarde a escavações em 1908, tendo descoberto algumas epígrafes, que ingressaram no Museu Etnográfico Português, como registado no respectivo Livro de Entradas. Muito mais recentemente, realizaram-se novas intervenções, nomeadamente pelo Campo Arqueológico de Mértola, o que permitiu descobrir outros monumentos epigráficos. Até à actualidade contabilizam-se quase uma centena de inscrições (CCE 83 (MNA Ms. 10479); *IHC* – S 295, 299, 301-322; Torres & Macias (eds.), 1993, pp. 7-62, 102-138; Cardoso, 2006, pp. 151-165; Dias & Gaspar, 2006, pp. 53-182, n.ºs 7-99; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 150).⁷⁴⁸

O conservador da Biblioteca Nacional não remeteu todos os decalques dos monumentos epigráficos que inseriu no seu artigo (CCE 83 (MNA Ms. 10479) – CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293)). Deste modo, precisando deles para a sua obra, Hübner pediu-lhe esta documentação (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A)). O investigador lusitano foi célere, mas ao invés de lhe enviar as reproduções das inscrições números 4 e 8, endereçou as cópias das epígrafes números 3 e 8 (CCE 87 (SMS Ms. 44)). Na resposta, o sábio alemão indicou novamente que aguardava pelo decalque (CCE 88 (MNA Ms. 10480)). Contudo, no início do ano seguinte solicitou-o

⁷⁴⁸ Sobre a proveniência de todas as inscrições *vide* Dias & Gaspar, 2006, pp. 53-182, n.ºs 7-99.

mais uma vez, pois era necessário para completar o seu livro, que já estava a ser impresso (CCE 99 (MNA Ms. 10486) – CCE 101 (MNA Ms. 10487)). Pela réplica de Leite de Vasconcelos, depreendemos que este se enganara, sem segundas intenções. Consequentemente, remeteu a cópia rapidamente (CCE 103 (MNA Ms. 10489); *IHC* – S 301, 303-304, 314, 319, 320; Tabela 17).

Estácio da Veiga tinha editado um monumento epigráfico de Mértola com uma falha. Hübner colocou uma hipótese de reconstituição do nome e solicitou ao conservador da Biblioteca Nacional que reexaminasse o suporte, de modo a esclarecer a questão. O investigador lusitano dirigiu-se imediatamente ao Museu Etnográfico Português, onde se guardava a inscrição, e observou o texto, apontando a sua análise na própria carta do sábio alemão e remetendo-a sem delongas ao seu correspondente. Depois seguiu o decalque, que o erudito germânico considerou “excelente”, o que é revelador da grande qualidade do trabalho efectuado por Leite de Vasconcelos, cujo nome, por esta razão, foi citado mais uma vez no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A); CCE 87 (SMS Ms. 44) – CCE 88 (MNA Ms. 10480); CCE 91 (SMS Ms. 47) – CCE 92 (MNA Ms. 10482); Veiga, 1880a, pp. 111-112, n.º 8; *IHC* – S 307; Tabela 17. *Vide* capítulo 5.2.1).

Provavelmente enquanto o investigador lusitano procurava esta última epígrafe de Mértola no Museu Etnográfico Português – *IHC* – S 307 –, identificou outro monumento epigráfico do Sul do país – *IHC* – S 299 –. Provinha das proximidades de Tavira, tinha sido encontrada por Estácio da Veiga e encontrava-se inédita. Ao contrário da sua atitude noutros casos em querer publicar ele próprio a descoberta, forneceu simplesmente a reprodução da epígrafe. Hübner corrigiu a leitura, editando-a no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, onde referiu o contributo do conservador da Biblioteca Nacional (CCE 87 (SMS Ms. 44) – CCE 88 (MNA Ms. 10480); *IHC* – S 299, 307; Tabela 17. *Vide* capítulo 5.2.1. Cfr., sobre a proveniência, Dias & Gaspar, 2006, pp. 135-136, n.º 49).

Em data que desconhecemos, Leite de Vasconcelos terá endereçado ao sábio alemão a releitura de um monumento de Marim, publicado por este epigrafista no volume I d’*O Arqueólogo Português*, com o n.º 2. A pouca qualidade da cópia que tinha concretizado em 1881, incitou-o a pedir ao seu correspondente uma reprodução melhor. Solícito, o investigador lusitano respondeu, fornecendo uma leitura sua, que garantiu ser a correcta, esclarecendo que o decalque não poderia ser realizado, devido às condições de preservação do material. Desconhecemos qual a razão para esta afirmação de Leite de

Vasconcelos. O erudito germânico seguiu esta lição na sua obra, atribuindo a sua autoria ao português (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.º 2 = Hübner, 1895, p. 179, n.º 2); CCE 89 (MNA Ms. 10481) – CCE 90 (SMS Ms. 46); *IHC* – S 295; Tabela 17).

Hübner listou ainda uma inscrição de Arouca no seu pedido inicial, indicando não ter a documentação pretendida, referindo depois possuir apenas o texto arquivado na obra de António Joaquim Moreira. Assim, questionou o conservador da Biblioteca Nacional sobre a epígrafe. Contudo, este afirmou não conhecer ninguém do local. O assunto não foi mencionado novamente na correspondência epistolar ora em estudo (CCE 78 (MNA Ms. 10477); CCE 85 (MNA Ms. 10492+A); CCE 87 (SMS Ms. 44); *IHC* – S 329).

No final de 1899, Edward Dodgson informou o sábio alemão sobre a existência de um monumento epigráfico de Évora, com uma datação anterior ao ano 1000 d.C., o que o inseria no âmbito cronológico do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. O erudito germânico não conhecia a inscrição e, com o objectivo de inclui-la na sua obra, escreveu a Leite de Vasconcelos, solicitando a habitual reprodução, assim como outro material que existisse sobre ela. O investigador português registou as suas considerações na epístola do seu correspondente. A epígrafe tinha sido publicada no capítulo das *Falsae uel Suspectae* das *Inscriptiones Hispaniae Christianae* com o n.º 1*. Transmitiu esta informação pouco depois, indicando a opinião de Gabriel Pereira, que a considerava no geral verdadeira. Todavia, Hübner manteve as dúvidas no *Supplementum*. Aqui, constituiu o único lugar onde não citou o nome do conservador da Biblioteca Nacional, ainda que tenha transcrito parte da sua carta. Isto deve-se talvez ao facto de estar a mencionar a opinião de Gabriel Pereira (CCE 123 (MNA Ms. 10494) – CCE 124 (SMS Ms. 64); *IHC* 1*; *IHC* – S 1*; Tabela 17. *Vide* capítulo 5.2.1).

As informações veiculadas nas missivas ora em estudo permitem estabelecer alguma cronologia relativamente à produção do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* do sábio alemão. Em Abril de 1897, os capítulos dos *conuentus Pacensis* e *Scallabitanus* estariam delineados, solicitando para completar os seus dados a colaboração de Leite de Vasconcelos. No mês de Junho, o erudito germânico queixou-se de não poder começar a impressão devido ao facto de não possuir todas as reproduções da parte espanhola da *Lusitania*. Assim, considerava positivo se o seu livro estivesse impresso em 1898. Em Janeiro deste ano, a obra estava efectivamente a começar a ser impressa, mas ainda incluiu o esclarecimento recebido em Janeiro de 1900, relativo ao monumento epigráfico de Évora (CCE 78 (MNA Ms. 10477); CCE 85 (MNA Ms.

10492+A); CCE 89 (MNA Ms. 10481); CCE 99 (MNA Ms. 10486); CCE 123 (MNA Ms. 10494) – CCE 124 (SMS Ms. 64); *IHC* – S).

Hübner recorreu à sua rede de contactos, entre os quais figurava Leite de Vasconcelos, que assumia já um especial relevo, de modo a garantir a exactidão das leituras e a aquisição das cópias das inscrições em falta. O director do Museu Etnográfico Português disponibilizou-se inteiramente e iniciou as pesquisas no mês seguinte. Como resultado, corrigiu lições anteriores, enviou os decalques pretendidos, oferecendo-se para realizar todos os que fossem necessários, remeteu informação inédita e só desejou publicar o seu artigo (CCE 78 (MNA Ms. 10477) – CCE 79 (SMS Ms. 41); CCE 81 (SMS Ms. 42) – CCE 92 (MNA Ms. 10482); CCE 99 (MNA Ms. 10486) – CCE 101 (MNA Ms. 10487); CCE 103 (MNA Ms. 10489); CCE 107 (SMS Ms. 56); CCE 123 (MNA Ms. 10494) – CCE 124 (SMS Ms. 64)). No entanto, a sua cooperação e autoria não foi esquecida. O sábio alemão citou-o nas inscrições respectivas, à excepção de Évora, e foi o único português a ser referenciado como um dos principais colaboradores do livro. O seu nome surge em Lisboa, associado à epígrafe de Chelas, e no Sul de Portugal. A sua importância nesta região deve-se às investigações arqueológicas e às viagens que realizou, assim como à incorporação do Museu do Algarve no Museu Etnográfico Português, o que lhe garantia um acesso privilegiado aos monumentos epigráficos recolhidos por Estácio da Veiga. Depois de impresso, Hübner ofereceu um volume ao seu correspondente (CCE 131 (SMS Ms. 67); *IHC* – S, pp. X-XI, 4-8, 10, 13, 15, 17, 137; Tabela 17. *Vide* capítulo 5.2.1).

Uma das últimas referências à Epigrafia paleocristã consistiu numa oferta de bibliografia. Em 1899, o erudito germânico enviou a Leite de Vasconcelos o seu artigo sobre uma inscrição métrica, descoberta na localidade espanhola de Oviedo e datável do século VIII d.C. (CCE 122 (SMS Ms. 63); Hübner, 1899b, pp. 321-324).

Não identificámos a inscrição referenciada por Narbonensis na missiva de 5 de Dezembro de 1898 (CCE 111 (SMS Ms. 58). Cf. *IHC*; Bücheler, 1897).

A Epigrafia paleocristã está presente na correspondência epistolar trocada entre o sábio alemão e o investigador lusitano nos anos de 1893, 1895, e 1897-1900, avolumando-se exponencialmente nos anos de 1895 e 1897. Este aumento relaciona-se com as actividades dos dois correspondentes. Em 1895, o erudito germânico escreveu um artigo com inscrições paleocristãs para o director do Museu Etnográfico Português editar no periódico desta instituição, *O Arqueólogo Português*, o que exigiu a sua referência em várias cartas. No ano de 1897, Hübner pediu ajuda ao conservador da

Biblioteca Nacional para a correcção e actualização do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, solicitação que foi prontamente aceite. O envio de informações e documentação, assim como os comentários de ambos os correspondentes, contribuíram para o grande volume de referências à Epigrafia paleocristã neste ano. Deste modo, a investigação nesta área influiu à numerosa quantidade de missivas que se verificam nos anos de 1895 e 1897 (CCE; Tabelas 1, 4; Gráficos 2, 9).

4.1.4 Incrições “Ibéricas”⁷⁴⁹

A inclusão desta vertente epigráfica nos planos de Hübner, deveu-se naturalmente ao seu espírito positivista, para o qual a exaustividade da recolha constituía uma das obrigações. Embora este domínio contasse igualmente com uma tradição, esta era bastante mais limitada e resumia-se principalmente ao contributo de Frei Manuel do Cenáculo, o prelado setecentista que registou sete inscrições da zona de Ourique e duas epígrafes da área de Almodôvar. No século seguinte, em resultado das investigações no Algarve, Sebastião Estácio da Veiga recolheu três monumentos, e fragmentos de outros, em Fonte Velha, Bensafrim, assim como dois fragmentos em Cômoros de Portela e um anel em Ourique. Existia ainda outra inscrição do Algarve, talvez igualmente de Bensafrim, registada por João Bonança. Na realização dos *Monumenta Linguae Ibericae*, Hübner reuniu as várias epígrafes conhecidas, conjugando alguns fragmentos entre si, o que resultou num *corpus* de 15 monumentos, com a seguinte dispersão geográfica: oito de Ourique, incluindo o anel, dois de Almodôvar, quatro de Bensafrim, um de Cômoro de Portela (Bonança, 1891, pp. 58-61; Veiga, 1891, pp. 285-286; *MLI*, pp. 191-202, n.ºs LXII-LXXVI; Vasconcelos, 1913b, pp. 5-7, 9-10; Coelho, 1976, pp. 201-202; Beirão, 1990, p. 108; Correia, 1996a, pp. 71-84, n.ºs 1-14; Untermann, 1997, pp. 194, 209-217, n.ºs J.1.2-J.1.5, pp. 229-230, n.º J.4.4, pp. 266-269, n.º J.11.4, pp. 295-300, n.ºs J.17.1-J.17.4).

⁷⁴⁹ Sobre a filiação linguística e cultural da escrita do Sudoeste, assunto que optámos por não abordar por não vir referido na correspondência, *vide*, v.g., Veiga, 1891, pp. 275-336; *MLI*, pp. 191-202, n.ºs LXII-LXXVI; Vasconcelos, 1905b, pp. 87, 94; Vasconcelos, 1913b, pp. 5-13; Coelho, 1976, pp. 201-211; Hoz, 1985, pp. 423-464; Beirão, 1990, pp. 107-118; Hoz, 1990, pp. 219-246; Adiego, 1993, pp. 11-22; Correia, 1996a, pp. 7-65; Correia, 1996b, pp. 88-94; Hoz, 1996, pp. 171-206; Correia, 1997, pp. 265-279; Untermann, 1997, pp. 93-190; Correia, 1995-1997 [1999], pp. 199-207; Sauren & Sidarus, 2003, pp. 89-101; Guerra, 2007, pp. 103-114; Correa, 2009, pp. 295-307; Correia, 2009, pp. 311-317; Guerra, 2009, pp. 323-338; Koch, 2009, pp. 339-351; Hoz, 2010, 217-525; Correia, 2014, pp. 77-93.

No ano de 1895, António dos Santos Rocha efectuou pesquisas arqueológicas no Algarve. No sítio de Fonte Velha, Bensafrim, identificou outra epígrafe, transmitindo a descoberta a Leite de Vasconcelos e pedindo-lhe que procedesse ao seu estudo e publicação. Em carta de 26 de Março de 1895, endereçada ao director do Museu Etnográfico Português, o arqueólogo figueirense referiu os *Monumenta Linguae Ibericae* de Hübner para interpretar o texto, alvitando mesmo a consulta do sábio alemão, se o epigrafista de Lisboa não conseguisse esclarecer a mensagem. Esta sugestão de contacto foi repetida em missivas posteriores e no artigo editado em 1896 na *Revista de Sciencias Sociaes e Naturaes*, o que demonstra a autoridade científica do erudito germânico, assim como do seu livro, nas investigações epigráficas relativas às inscrições designadas como ibéricas por se supor que transcreviam uma língua designada do mesmo modo (MNA, *Correspondência*, Ms. 19889, de 26/03/1895, Mss. 19891-19892, de 16/04/1895 e 18/04/1895, Ms. 19901, de 28/03/1896 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Rocha, 1895, pp. 113-116; 193-212; 291-296; 327-337; Rocha, 1896a, pp. 129-145, especialmente pp. 137-138; Rocha, 1896b, pp. 65-79; Vasconcelos, 1913b, pp. 10-13; Correia, 1996a, p. 85, n.º 15; Untermann, 1997, pp. 204-219).

Leite de Vasconcelos informou Hübner no ano seguinte, 1897, em epístola de 28 de Março. Escreveu apenas que no periódico do Museu Etnográfico Português, *O Arqueólogo Português*, iria publicar uma inscrição inédita deste horizonte cultural, proveniente do mesmo sítio de Bensafrim. A leitura que propunha no seu artigo havia sido concretizada com base nos *Monumenta Linguae Ibericae*, o que é mais uma vez revelador da importância desta obra. O sábio alemão não lhe respondeu, talvez porque a sua atenção era encaminhada para outra situação mais premente, como depreendemos da carta seguinte do nosso *corpus*, da autoria deste epigrafista, de 8 de Abril de 1897. O assunto consistia na realização do Suplemento das *Inscriptiones Hispaniae Christianae* (CCE 77 (SMS Ms. 40) – CCE 78 (MNA Ms. 10477); *IHC*; Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190; *IHC* – S; Vasconcelos, 1913b, pp. 10-13; Correia, 1996a, p. 85, n.º 15; Untermann, 1997, pp. 204-208, n.º J.1.1).

Em 1897, foram descobertos dois monumentos epigráficos em Salir, um ibérico, outro latino, que o investigador lusitano afirmou, no seu artigo, ter observado *in loco*. Uma vez que no dia 25 de Janeiro de 1898 enviou os textos ao erudito germânico, consideramos a existência de uma viagem à região no ano de 1897 (CCE 100 (SMS Ms. 51); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-42; Vasconcelos, 1913b, pp. 8-9; Correia, 1996a, p. 86, n.º 16; Untermann, 1997, pp. 233-234, n.º J.6.1).

Após a viagem, o conservador da Biblioteca Nacional enviou ao seu correspondente a transcrição da inscrição ibérica, na missiva de 25 de Janeiro de 1898, e comparou-a com parte do monumento de Bensafrim. Leite de Vasconcelos não reproduziu esta última epígrafe na sua totalidade, mas somente os caracteres semelhantes, remetendo para o seu estudo, que estaria a ser editado n’*O Arqueólogo Português*. Acerca dos textos copiados, propôs uma interpretação na sua epístola, recorrendo precisamente aos *Monumenta Linguae Ibericae*, como havia indicado na carta do ano anterior e como concretizou no seu artigo sobre a estela de Bensafrim (CCE 77 (SMS Ms. 40); CCE 100 (SMS Ms. 51); Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-41; Vasconcelos, 1913b, pp. 8-13; Correia, 1996a, pp. 85-86, n.º 15-16; Untermann, 1997, pp. 204-208, n.º J.1.1, pp. 233-234, n.º J.6.1).

Hübner parece ter ficado entusiasmado com os novos achados e previu algo evidente, na sua missiva de 2 de Fevereiro de 1898, que se concretizou décadas depois, pois asseverou a existência de outras epígrafes ainda por encontrar. Em Bensafrim, todavia, não foram identificados mais monumentos até à actualidade, mas em Salir registou-se um segundo. O *corpus* das inscrições “ibéricas”, que actualmente atribuímos à escrita do Sudoeste, cresceu consideravelmente, para quase uma centena (CCE 101 (MNA Ms. 10487); Beirão, 1990, p. 108; Correia, 1996a, pp. 71-151, n.º 1-81; Correia, 1995-1997 [1999], pp. 181-209; Guerra & *alii*, 1999, pp. 143-152. Guerra, 2002b, pp. 219-231; Correia, 2009, pp. 309-311; Guerra, 2009, pp. 323-338; Melro & *alii*, 2009, pp. 353-359; Guerra, 2010, pp. 65-79; Untermann, 1997, pp. 191-348).

Poucos dias depois, o sábio alemão recebeu os fascículos sétimo e oitavo d’*O Arqueólogo Português*, que continham a epígrafe de Bensafrim. Considerou-a “muito interessante”, mas ainda não tinha tido a oportunidade de a analisar profundamente. Desconhecemos qualquer estudo da autoria do ilustre epigrafista, apesar de o director do Museu Etnológico Português ter expressado a vontade em ouvir o parecer do seu correspondente. Quanto ao monumento de Salir, o erudito germânico referiu não o ter observado no caderno que recebera. De facto, foi apenas publicado no volume V do periódico (CCE 102 (MNA Ms. 10488); CCE 104 (SMS Ms. 53); Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 40-41; Vasconcelos, 1913b, pp. 8-13).

Na epístola seguinte, o conservador da Biblioteca Nacional informou Hübner da descoberta de uma inscrição ibérica, agora na área de Beja. Teriam sido ainda encontradas outras estelas, sem texto. Pensamos que estes monumentos correspondem aos publicados em 1906, originários das áreas de Santa Vitória, Ervidel e Trigaches,

tendo a epígrafe pertencente ao Museu Municipal de Beja figurado apenas no terceiro volume das *Religiões da Lusitânia*. Deste modo, o sábio alemão não teve conhecimento dos caracteres (CCE 105 (SMS Ms. 54); Vasconcelos, 1906, pp. 182-184; Vasconcelos, 1913b, pp. 4-5, 7-8).

Estes achados na região de Beja incentivaram Leite de Vasconcelos a efectuar uma deslocação ao local, prometendo comunicar ao erudito germânico as descobertas que se realizassem. O viajante editou os resultados dessa campanha, ou parte deles, e no seu artigo constata-se o aparecimento de mais três estelas decoradas, em Mombeja, o que eventualmente poderia merecer ser transmitido ao seu correspondente. No entanto, o investigador lusitano não o considerou dessa forma. Na carta de 1 de Julho de 1898, referiu não ter identificado materiais relevantes. Sem dúvida que ele reconhecia autoridade científica a Hübner, sendo-lhe profundamente reconhecido enquanto epigrafista, uma vez que a sua obra nesta vertente era considerada fundamental, também nesta vertente específica. Por exemplo, a respeito da inscrição de Bensafirim, Santos Rocha sugeriu consultá-lo e o conservador da Biblioteca Nacional pediu a sua opinião, além de utilizar os seus *Monumenta Linguae Ibericae* para estudar os caracteres. Todavia, as três novas estelas não continham letras, pelo que o sábio alemão talvez não fosse a pessoa mais entendida cientificamente (CCE 105 (SMS Ms. 54) – CCE 106 (SMS Ms. 55); MNA, *Correspondência*, Ms. 19889, de 26/03/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Rocha, 1896a, pp. 137-138; Vasconcelos, 1897c, pp. 185-190; Vasconcelos, 1906, pp. 184-185).

O facto de as referências às inscrições “ibéricas” situarem-se cronologicamente nos anos de 1897 e 1898, resulta das dinâmicas da própria investigação de Leite de Vasconcelos.

4.1.5 Epigrafia Grega

O *Corpus Inscriptionum Graecarum*, dirigido por August Böckh entre 1815 e 1860 pretendia recolher todas as inscrições gregas. Em 1853 foi editado o volume III, que continha, na parte trigésima quinta, as epígrafes da Hispânia. Todavia, perfaziam apenas quatro monumentos epigráficos, sendo que nenhum era proveniente de Portugal. A partir de 1860, este projecto foi denominado de *Inscriptiones Graecae*, sendo encabeçado por Adolf Kirchhoff. Neste âmbito, foi publicado em 1890 o volume XIV,

intitulado *Inscriptiones Graecae Siciliae et Italiae*, que incluía as inscrições da Península Ibérica. O conjunto era maior e englobou a epígrafe de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), descoberta em 1856 por Sebastião Estácio da Veiga e editada por Hübner em 1861. Este último foi bastante citado na obra da Academia da Prússia, nomeadamente o seu livro *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e os seus *Additamenta* publicados no volume IV da *Ephemeris Epigraphica* (CIG III 6802-6805; Veiga, 1866, pp. 25-28; *CIL* II, p. 251 e n.ºs 313a*, 562, 4315, 4623; Hübner, 1871b, pp. 32-34; *EE* IV 22; *IG* XIV 372*-382*, 2538-2544, 2575.1; *CIL* II – *S* 5171; Vasconcelos, 1913b, pp. 443-446; <http://www.bbaw.de/en/research/ig>. Vide capítulos 5.2, 5.2.1).

O erudito germânico incluiu nas suas obras os monumentos epigráficos em língua grega. No território luso, conhecia-se desde Contador de Argote parte de uma inscrição do santuário de Panóias, que no nosso trabalho inserimos na temática da Epigrafia latina, que figurava no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. O monumento epigráfico de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), publicado por si, anteriormente, em 1861, incluiu-o apenas no *Supplementum*, desconhecendo-se por que razão não figurou no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, em 1869. No *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* arrolou a inscrição paleocristã encontrada em Mértola por Estácio da Veiga (*CIL* II 2395c; Veiga, 1866, pp. 25-28; Hübner, 1871b, pp. 32-34; Veiga, 1880a, pp. 117-119; *IG* XIV 2542; *CIL* II – *S* 5171; *IHC* – *S* 315; Vasconcelos, 1913b, pp. 443-446. Vide capítulo 5.2.1).

Leite de Vasconcelos teve conhecimento da existência do livro *Inscriptiones Graecae Siciliae et Italiae*. Pensando talvez que contivesse epígrafes gregas da Hispânia, como indicava o subtítulo *Additis Graecis Galliae Hispaniae Britanniae Germaniae Inscriptionibus*, pediu a opinião ao seu correspondente, sobre se deveria obter o livro, em Março de 1897. Não possuímos a resposta de Hübner, pelo que desconhecemos a sua opinião. Não localizámos esta obra na Biblioteca Nacional de Lisboa e na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia. Contudo, o investigador português citou-a, pelo que calculamos que a tenha adquirido (CCE 77 (SMS Ms. 40); *IG* XIV; Vasconcelos, 1913b, p. 351, nota 1; Bárcia, 1982, pp. 55, 101).

Em carta de 1 de Agosto de 1899, quando estava em Berlim, o conservador da Biblioteca Nacional questionou o sábio alemão sobre os monumentos epigráficos de Portugal em língua grega, pois na sua obra *La Arqueología de España* indicava uma inscrição de Beja, a par de outras de Sevilha e de Málaga. Todavia, a bibliografia que

referia, *EE* IIIa 48, não apresentava nenhuma epígrafe em grego da cidade alentejana. A isto acrescia o facto de Leite de Vasconcelos ter o conhecimento de apenas dois monumentos do território lusitano, provenientes de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira) e de Mértola, e que pertenciam ao Museu Etnológico Português, como afirmou na sua missiva. A entrada nesta instituição relaciona-se com a inclusão das colecções de Estácio da Veiga e do Museu do Algarve (CCE 120 (SMS Ms. 62); Veiga, 1866, pp. 25-28; Hübner, 1871b, pp. 32-34; *EE* IIIa 48; Veiga, 1880a, pp. 117-119; Hübner, 1888b, p. 59; *IG* XIV 2542; *CIL* II – S 5171; *IHC* – S 315; Vasconcelos, 1913b, pp. 443-446).

A omissão da epígrafe de Panóias pelo investigador lusitano na sua epístola encontra a sua explicação neste mesmo documento. O seu autor escreveu que no volume III da *Ephemeris Epigraphica* não figurava nenhum monumento epigráfico em grego de Beja, mas antes outra inscrição com algumas palavras gregas. Refira-se que a epígrafe de Panóias não fora gravada na sua totalidade nesta língua, ao contrário dos dois monumentos do sul do país (CCE 120 (SMS Ms. 62); Veiga, 1866, pp. 25-28; *CIL* II 2395c; Hübner, 1871b, pp. 32-34; *EE* IIIa 48; Veiga, 1880a, pp. 117-119; Hübner, 1888b, p. 59; *IG* XIV 2542; *CIL* II – S 5171; *IHC* – S 315; Vasconcelos, 1913b, pp. 443-446).

A bibliografia que o erudito germânico referiu – *CIL* II, pp. 153 e 251; *EE* IIIa 48 – era respeitante às duas epígrafes da Andaluzia e a um monumento de Tarragona. Este assunto não foi referido nas cartas de Hübner, tendo sido esclarecido, na nossa opinião, presencialmente, uma vez que a frase inicial da missiva do conservador da Biblioteca Nacional, “Rogo a V. E. o obsequio de na 5ª. feira me levar o bilhete para o Sr. Virchow.”, induz à existência de um encontro. Consideramos que este teria ocorrido no dia 3 de Agosto, pois a epístola foi redigida e enviada no dia 1 de Agosto, que no ano de 1899 calhou a uma terça-feira. A existência de um carimbo dos correios com a data de 2 de Agosto corrobora esta cronologia. O sábio alemão não editou nenhuma inscrição em grego proveniente de Beja após a carta de Leite de Vasconcelos, pelo que depreendemos que a referência tenha sido um “equivoco”, como afirmou o seu correspondente. Até à actualidade não conhecemos qualquer epígrafe grafada na língua grega desta cidade alentejana (CCE 120 (SMS Ms. 62); *CIL* II, pp. 153 e 251; *EE* IIIa 48. Cf. *IHC* – S; *EE* IX; Dias, Gaspar & Mota, 2001).

5. Para uma História da Epigrafia

5.1 Antecedentes: Da Fundação da Academia Real da História Portuguesa à Chegada de Emílio Hübner a Portugal

No século XV, começaram a formar-se academias, consistindo em instituições de foro privado e com vários interesses, nem todos de âmbito científico. Detinham um mecenas, que patrocinava as suas actividades e podiam inclusive ser secretas. As modificações científicas ocorridas no período do Renascimento conduziram ao surgimento de associações de homens cultos a partir do século XVII. Estas incentivaram a produção de conhecimento segundo os novos métodos e a publicação dos resultados adquiridos, numa perspectiva de divulgação e disseminação do saber (Silva, 2015, pp. 1-3). A correspondência com as academias e sociedades congêneres e com os seus membros permitiu a troca do conhecimento, contribuindo para a realização de obras sucessivamente mais completas e idóneas, e deste modo para uma evolução mais célere da ciência.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII, o desenvolvimento da actividade científica originou, conseqüentemente com o espírito do Iluminismo, a criação de academias em vários países da Europa. Estas instituições tinham como objectivos regular e fomentar a actividade científica, promover encontros científicos e editar as comunicações, estudos, resultados e novidades, em livros ou periódicos. Do mesmo modo, pretendia estabelecer contactos entre os cientistas nacionais e os estrangeiros, disseminando o conhecimento, numa perspectiva de internacionalização da ciência, necessária ao desenvolvimento da mesma. Neste âmbito, a correspondência epistolar adquiria uma importância ímpar, na medida em que permitia a transmissão do conhecimento, sem a exigência da presença física. Algumas academias foram fundadas sobre a égide das respectivas autoridades reais, adquirindo uma função legitimadora do poder político (Fabião, 1989, pp. 16-19, 24; Carpentier & Lebrun, 1996², pp. 261-263; Fidalgo, 1996; Martins, 1999, p. 123; Ceia, 2010, pp. 72-78; Fabião, 2011, pp. 49-79).

Deste modo, estabelecemos como limite cronológico, para analisarmos a produção científica de âmbito epigráfico em Portugal, a criação da Academia Real da História Portuguesa, na medida em que constituiu uma viragem nos estudos históricos e arqueológicos no nosso país, como se analisa *infra* (Vide capítulo 5.1.1).

Vários autores dedicaram-se à Epigrafia em Portugal desde a fundação da Academia Real da História Portuguesa à chegada de Emílio Hübner ao nosso país. Ao invés de analisar todos os investigadores de forma exaustiva, que poderia pecar pelo esquecimento de algum, preferimos focar e desenvolver, ainda que de forma sintética, marcos que contribuíram para a Epigrafia. Reservámos, todavia, algum espaço para autores menos importantes, que incluímos com o objectivo de demonstrar a realização de outros trabalhos sobre monumentos epigráficos do território actualmente português. Os autores estrangeiros contribuíram na nossa opinião de forma especial para a internacionalização do património português, ainda que possam ser parcos nas referências, na medida em que, pelo menos nos seus países de origem, os leitores das suas obras, sejam letrados, eruditos ou apenas curiosos, adquiriram conhecimentos acerca de Portugal.

5.1.1 A Academia Real da História Portuguesa

Portugal não foi excepção no ambiente científico dos séculos XVII e XVIII supramencionado (*Vide* capítulo 5.1). D. João V terá pedido a D. Manuel Caetano de Sousa, clérigo teatino, para realizar um plano para uma academia, de modo a concretizar uma história eclesiástica e secular nacional (Vilar Maior (ed.), 1721, “Noticias da Primeira Conferencia [...]”). Em consequência de várias reuniões, foi então preparado o projecto da dita instituição. Por Decreto de 8 de Dezembro de 1720, lido na primeira conferência decorrida nesta data, o rei fundou a Academia Real da História Portuguesa, cuja sede se localizaria no Paço dos antigos Duques de Bragança. D. Manuel Caetano de Sousa foi designado seu director. A Academia, para além dos seus objectivos culturais e científicos, teria o objectivo de legitimar o rei e o país em termos políticos e teológicos (Vilar Maior (ed.), 1721, “Noticias da Primeira Conferencia [...]”, “Decreto [...] instituir a Academia Real da Historia Portugueza”, “Proposiçam da Academia [...]”; T., 1840, p. 29; Fabião, 1989, pp. 16-19, 24; Ceia, 2010, pp. 65, 72-78; Fabião, 2011, pp. 49-52).

No decreto estabelecia-se que os objectivos da recém-criada instituição consistiam em escrever uma história eclesiástica e secular de Portugal (Vilar Maior (ed.), 1721, “Decreto [...] instituir a Academia Real da Historia Portugueza”, “Proposiçam da Academia [...]”). Quanto às fontes, o documento real determinava que “as noticias

necessárias não se acharão só nos livros impressos, e manuscritos, mas estarão nos Archivos”, pelo que ordenou que fossem facultados aos académicos todas as informações que estes pedissem (Vilar Maior (ed.), 1721, “Decreto [...] instituir a Academia Real da Historia Portugueza”). Consequentemente, foram enviadas cartas às autoridades, nomeadamente eclesiásticas, de modo a endereçarem à instituição as memórias das suas dioceses (Vilar Maior (ed.), 1721, “Proposiçam da Academia [...]”), estabelecendo-se uma rede de comunicações que se revelou de grande importância para a transmissão do conhecimento e aquisição do mesmo pelos académicos.

A exigência de método e rigor conduziu à preparação das “Reflexoens sobre o Estudo Academico” e o “Systema da Historia [...]”. Estes documentos continham instruções precisas sobre os assuntos e o modo de executar as memórias. Foi preparado um formulário neste sentido, que se deveria preencher, e que ficou conhecido por *Inquérito Paroquial* (Vilar Maior (ed.), 1721, “Reflexoens sobre o Estudo Academico”, “Memoria das Noticias [...]”, “Systema da Historia [...]”; Fabião, 1989, pp. 18, 24; Fabião, 2011, pp. 49-63). Os académicos eram convocados regularmente, com o objectivo de comunicarem os seus trabalhos e respectivos resultados aos seus homólogos (Vilar Maior (ed.), 1721; Silva (ed.), 1722; Silva (ed.), 1723; Silva (ed.), 1724; Silva (ed.), 1725; Silva (ed.), 1726; Silva (ed.), 1727; Silva (ed.), 1728; Silva (ed.), 1729; Silva (ed.), 1730; Silva (ed.), 1731-1732; Silva (ed.), 1733a; Silva (ed.), 1733b; Silva (ed.), 1734; Teles (ed.), 1736a; Teles (ed.), 1736b).

Perante a destruição de monumentos e manuscritos, o Marquês de Abrantes defendeu a necessidade de ser criada uma lei, que consignasse a sua preservação (Vilar Maior (ed.), 1721, “Noticias da Conferencia [...] em 31. de Julho de 1721.”).

Essa lei foi lida na Academia no dia 14 de Agosto de 1721 e promulgada no dia 20 deste mês. Constituiu a legislação fundadora relativa à protecção patrimonial portuguesa. Nela se pode observar a primeira definição de património cultural, estabelecida em Portugal, como indicou Carlos Fabião: seria constituído por todos os vestígios architectónicos, escultóricos, epigráficos e numismáticos, situados cronologicamente entre a presença fenícia e o reinado de D. Sebastião (Vilar Maior (ed.), 1721, “Decreto [...] em 13. de Agosto de 1721.. Cópia do Decreto [...] em 14. de Agosto de 1721.”; Fabião, 1989, pp. 16-18, 24; Ramos, 2005, p. 94; Fabião, 2011, pp. 49-53).

Todavia, estes limites cronológicos foram extravasados, por exemplo por Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, que apresentou um estudo circunstanciado sobre as

antas, no ano de 1733 (Silva (ed.), 1733b, “Noticias da Conferencia [...] em 30. de Julho de 1733.”; Fabião, 1989, pp. 18-19; Cardoso, 2001, p. 10; Fabião, 2011, pp. 49-63).

Segundo o decreto, ninguém podia danificar, destruir ou ocultar os vários testemunhos. Quem infringisse a lei decorreria em crime. As autoridades locais eram encarregadas de preservar todos os monumentos, que já existissem ou fossem encontrados posteriormente. Neste caso, deveriam comunicar as descobertas à Academia, que por sua vez tomaria as providências necessárias à sua conservação. Podia ainda esta instituição e os organismos locais proceder à compra dos vestígios (Vilar Maior (ed.), 1721, “Decreto [...] em 13. de Agosto de 1721.. Cópia do Decreto [...] em 14. de Agosto de 1721.”; Fabião, 1989, pp. 16-18; Ramos, 2005, pp. 94-95; Fabião, 2011, pp. 49-53).

A criação da Academia Real da História Portuguesa marcou a viragem nos estudos históricos e arqueológicos, e naturalmente epigráficos, em Portugal, como declaram os dois correspondentes ora em estudo nas suas publicações. A instituição ficou responsável de efectuar uma História de Portugal, devendo ser conjugados os meios e designados os investigadores, que se considerassem necessários para a sua concretização. Pela primeira vez, decorriam investigações de História e Arqueologia propriamente ditas e, embora sem um desenvolvimento crítico aprofundado, permitiu a recolha e a concentração na Academia de bibliografia, de informações relativas aos elementos patrimoniais, assim como dos próprios monumentos, em direcção aos quais se adquiriu consciência da sua importância e valor, enquanto testemunhos do passado. Realizaram-se trabalhos arqueológicos, tendo sido encaminhados para a instituição os objectos encontrados. Dispunha-se de um instrumento onde se podia editar os resultados das investigações, nas *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias / Collecçam dos Documentos, e Memorias*. Consequentemente, formou-se o primeiro museu arqueológico português (Vilar Maior (ed.), 1721; Silva (ed.), 1722; Silva (ed.), 1723; Silva (ed.), 1724; Silva (ed.), 1725; Silva (ed.), 1726; Silva (ed.), 1727; Silva (ed.), 1728; Silva (ed.), 1729; Silva (ed.), 1730; Silva (ed.), 1731-1732; Silva (ed.), 1733a; Silva (ed.), 1733b; Silva (ed.), 1734; Teles (ed.), 1736a; Teles (ed.), 1736b; Hübner, 1871b, p. 3; Ribeiro, 1885, p. 181; Vasconcelos, 1890e, pp. 7-8; Vasconcelos, 1923, pp. 96-97; Fabião, 1989, pp. 16-19; Cardoso, 2001, p. 10; Brigola, 2003, pp. 64-69; Ramos, 2005, pp. 95-96).

Com a Academia Real da História Portuguesa definiu-se em que consistia o património e quais as balizas cronológicas, preparou-se um formulário, designaram-se investigadores e temáticas, estabeleceu-se uma rede de comunicações, realizaram-se investigações históricas e arqueológicas, formou-se um museu, publicaram-se os resultados, protegeu-se legalmente os monumentos, envolveram-se as autoridades locais, sendo tudo efectuado sobre a protecção do rei.

As Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias / Collecçam dos Documentos, e Memorias foram editadas somente entre 1721 e 1736 (Vilar Maior (ed.), 1721; Silva (ed.), 1722; Silva (ed.), 1723; Silva (ed.), 1724; Silva (ed.), 1725; Silva (ed.), 1726; Silva (ed.), 1727; Silva (ed.), 1728; Silva (ed.), 1729; Silva (ed.), 1730; Silva (ed.), 1731-1732; Silva (ed.), 1733a; Silva (ed.), 1733b; Silva (ed.), 1734; Teles (ed.), 1736a; Teles (ed.), 1736b). A partir deste momento, a actividade parece diminuir consideravelmente. O terramoto de 1755 deu um rude golpe, pois as instalações onde se guardariam os vários materiais, por exemplo o acervo bibliográfico e os objectos, assim como onde se localizaria o museu, foram destruídas irremediavelmente (Hübner, 1871b, p. 4; Ribeiro, 1885, p. 181; Fabião, 1989, pp. 18; Ramos, 2005, p. 96; Fabião, 2011, pp. 52-53). Todavia, a Academia prosseguiu o seu labor e os académicos continuaram a trabalhar e a indicar a pertença à instituição nas suas obras (Argote, 1732-1747; Sousa, 1735-1748; Machado, 1736-1751; Machado, 1741-1759; Forjás, 1780; Fabião, 2011, pp. 51-52).

Em 4 de Fevereiro de 1802, o príncipe regente promulgou um decreto, atribuindo as competências do secretário da Academia Real da História Portuguesa ao bibliotecário-mor da Real Biblioteca Pública de Lisboa, que à época era António Ribeiro dos Santos. Ficou então responsável por efectuar uma colecção de objectos relativos à Antiguidade, para “servir de conhecimento”, “illustração das Artes e das Sciencias” e “ornamento da Bibliotheca”. O decreto reiterava também a legislação de 1721, relativa à protecção do património. Todavia, esta lei nunca teve uma aplicação prática efectiva, como se pode observar, por exemplo, no desleixo quanto à protecção e preservação dos monumentos descobertos após o terramoto de 1755, do teatro romano de Lisboa e das ruínas de Tróia (Ribeiro, 1885, pp. 181-182; Vasconcelos, 1890e, p. 7; Fabião, 2011, pp. 52-53, 64-69, 86-93. *Vide* capítulos 5.1.2, 5.1.3, 5.1.4).

5.1.1.1 A Epigrafia Latina nas Actividades dos Académicos. D. Jerónimo Contador de Argote

O registo dos monumentos epigráficos era uma das preocupações da Academia. Nas “Reflexoens sobre o Estudo Academico”, lê-se: “tambem se pede [...] a copia das letras, e o mais que se acha gravado em pedras, e todas as suas inscripções, e Epitafios antigos, e modernos, com as noticias de todos estes monumentos” (Vilar Maior (ed.), 1721, “Reflexoens sobre o Estudo Academico”).

O decreto de 14 de Agosto de 1721, relativo à protecção patrimonial, incluiu as epígrafes no conjunto dos testemunhos materiais, detalhando em certo modo as suas tipologias. Foram nomeados “Estatuas, Marmores, e Cippos, em que [...] tiverem letreiros Fenices, Gregos, Romanos, Goticos, Arabicos, ou Laminas, ou Chapas, de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros, ou caracteres, como outrossim Medalhas, ou Moedas” (Vilar Maior (ed.), 1721, “Decreto [...] em 13. de Agosto de 1721.. Copia do Decreto [...] em 14. de Agosto de 1721.”). Esta definição abrange os monumentos epigráficos em pedra e em metal, desde o período fenício à presença islâmica. Somente as inscrições gravadas em cerâmica não foram destacadas. Contudo, a expressão geral “outros artefactos”, noutro local desta lei, incorporava naturalmente estes materiais (Vilar Maior (ed.), 1721, “Decreto [...] em 13. de Agosto de 1721.. Copia do Decreto [...] em 14. de Agosto de 1721.”).

Devido a esta importância, a Epigrafia dos vários períodos históricos marcou presença nas *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias* / *Collecçam dos Documentos, e Memorias* publicadas entre 1721 e 1736. Uns académicos reuniram as informações dos monumentos epigráficos conhecidos e publicados anteriormente, sendo que alguns investigadores os corrigiram, efectuando cópias que enviaram à Academia. Vários estudiosos remeteram notícias de novas descobertas a esta instituição. Alguns forneceram as respectivas reproduções. Pensamos que as “cópias” ou “transcrições”, como são referidas nas *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias* / *Collecçam dos Documentos, e Memorias*, correspondem a desenhos, talvez privilegiando apenas os textos, mas antecedentes dos decalques propriamente ditos, considerados de extrema importância por Hübner no século seguinte, e por isso pedidos aos seus correspondentes, entre os quais Leite de Vasconcelos, de modo a corrigir e validar leituras. Raros académicos editam os textos epigráficos, entre os quais distinguimos o Marquês de Abrantes, por ter sido o primeiro a efectua-lo. Poucos analisam as inscrições. Alguns distinguem as verdadeiras das falsas. Certos investigadores

encaminham os próprios monumentos para a instituição. Assim, verifica-se a não existência de uma uniformidade na transmissão do conhecimento e na abordagem às epígrafes (Vilar Maior (ed.), 1721, *passim*; Silva (ed.), 1722, *passim*; Silva (ed.), 1723, *passim*; Silva (ed.), 1724, *passim*; Silva (ed.), 1725; Silva (ed.), 1726, *passim*; Silva (ed.), 1727, *passim*; Silva (ed.), 1728, *passim*; Silva (ed.), 1729, *passim*; Silva (ed.), 1730, *passim*; Silva (ed.), 1731-1732, *passim*; Silva (ed.), 1733a, *passim*; Silva (ed.), 1733b, *passim*; Teles (ed.), 1736b, *passim*. Cf. *CIL* II; *IHC*. Vide capítulos 2.2, 5.2, 5.2.1).

No âmbito dos trabalhos da Academia, destaca-se um nome na temática da Epigrafia, D. Jerónimo Contador de Argote. Este clérigo teatino foi um dos académicos fundadores da Academia Real e um dos seus activos membros. Prova disso é a sua presença na conferência de dia 22 de Dezembro de 1720, assim como na primeira lista de académicos publicada na *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias* de 1721, sendo nomeado responsável por “compor as memorias na lingua Portuguesa” de Braga (Vilar Maior (ed.), 1721, “Distribuição dos Empregos dos Academicos”) (Vilar Maior (ed.), 1721, “Noticias da Conferencia [...] em 22. de Dezembro de 1720.”, “Catalogo dos Academicos [...]”).

O labor de Contador de Argote foi regular, como se pode observar nas *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias* / *Collecçam dos Documentos, e Memorias* (Vilar Maior (ed.), 1721, *passim*; Silva (ed.), 1722, *passim*; Silva (ed.), 1723, *passim*; Silva (ed.), 1724, *passim*; Silva (ed.), 1725, *passim*; Silva (ed.), 1726, *passim*; Silva (ed.), 1729, *passim*; Silva (ed.), 1731-1732, *passim*; Silva (ed.), 1734, *passim*; Teles (ed.), 1736a, *passim*). No ano de 1728, editou neste órgão de informação quatro livros da sua obra *De Antiquitatibus Conuentus Bracaraugustani*, em latim e português (Argote, 1728, n.º XXXIV). Em 1738, publicou este trabalho à parte, com um quinto livro (Argote, 1738). Entre 1732 e 1747, editou os quatro volumes das *Memórias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* (Argote, 1732-1747).

A rede de comunicações instituída pela Academia, que se referiu *supra*, permitiu ao clérigo estabelecer contacto com as autoridades seculares e eclesiásticas da região, a quem pediu documentação, entre a qual cópias das inscrições latinas e paleocristãs. Contador de Argote recebeu assim ampla informação, nomeadamente de José Montinho de Aguiar, José Taveira de Mesquita e António da Cunha sobre Vila Real, de António de Sousa Pinto acerca de Anciães e Alfarela, de António Machado Vilas-Boas sobre o concelho de Santo Estevão da Facha de Riba de Lima, de Gonçalo da Rocha de Moraes

acerca de Caminha, de António Caetano de Sousa sobre Entre Douro e Minho, de João de Moraes e Castro sobre a zona de Chaves, entre outros. Distinguímos as seguintes personalidades, algumas das quais foram membros da Academia. D. Luís Álvares de Figueiredo, bispo de Uranópolis, enviou importante documentação sobre Braga, Vila Real e de uma via de Chaves, sendo o responsável pela primeira comunicação das informações do sítio de Fonte do Ídolo e do santuário de Panóias a Contador de Argote. Tomé de Távora e Abreu transmitiu informações de Trás-os-Montes. Este autor foi o primeiro a concretizar um *corpus* de praticamente todas as epígrafes latinas da região de Chaves, a maioria inéditas, fornecendo algumas leituras bastante rigorosas. Francisco Xavier da Serra Craesbeck forneceu dados respeitantes à região Entre Douro e Minho. Pedro da Cunha de Sotomaior remeteu à Academia muitas reproduções de monumentos epigráficos de Braga e Guimarães, com a sua análise. Como Hübner referiu, Argote transcreveu praticamente na íntegra as suas fontes (Aguiar, 1721; Vilar Maior (ed.), 1721, *passim*; Silva (ed.), 1723, *passim*; Silva (ed.), 1724, *passim*; Silva (ed.), 1725, *passim*; Silva (ed.), 1726, *passim*; Silva (ed.), 1727, *passim*; Argote, 1728, n.º XXXIV, *passim*; Silva (ed.), 1731-1732, *passim*; Silva (ed.), 1734, *passim*; *CIL* II, pp. XXVII, 331-349, 632-647, 663; *IHC*, pp. 43, 69, 97-98⁷⁵⁰; Hübner, 1871b, p. 4; Rodríguez Colmenero, 1999, *passim*).

O trabalho epigráfico de Argote sobre a diocese de Braga foi pioneiro, e como tal ele próprio o encarou, na medida em que recolheu uma ampla documentação bibliográfica e os objectos materiais, considerando-o Hübner a principal fonte até àquela data, para além da obra de André de Resende. De facto, até aos livros do clérigo, nenhum outro autor havia compilado tantas inscrições latinas daquela região. Devido às investigações dos seus correspondentes, assim como dos outros académicos e colaboradores da rede de comunicações da Academia, pôde dispor de um número considerável de epígrafes inéditas do período romano, que agregou aos monumentos epigráficos já conhecidos. Nas suas obras publicou a quase totalidade do conjunto pela primeira vez, de que salientamos as descrições dos sítios arqueológicos da Fonte do Ídolo e de Panóias, de forma sintética no primeiro caso, pormenorizada no segundo. Argote forneceu os textos epigráficos, a separação das linhas e a tradução, com alguma reconstituição. Somente não editou 19 inscrições latinas, quer de autores anteriores, quer dos seus próprios

⁷⁵⁰ Neste capítulo, nas referências bibliográficas de *CIL* e de *IHC*, optámos por colocar os números das páginas, ou mesmo *passim*, na medida em que interessa compreender a localização geográfica dos trabalhos dos autores analisados, além de a indicação dos números das inscrições avolumar demasiado o texto.

correspondentes. Dentro da sua compilação registou igualmente duas epígrafes paleocristãs (Aguiar, 1721; Aguiar, 172?; Figueiredo, 1722; Abreu, 1722-1723a; Abreu, 1722-1723b; Argote, 1728, n.º XXXIV; Argote, 1732-1747; Argote, 1738; *CIL* II, pp. XXVII, 331-349, 632-647, 663; *IHC*, pp. 43, 69, 97-98; Hübner, 1871b, p. 3; Rodríguez Colmenero, 1999, *passim*; Cardoso, 2001, p. 10; Fabião, 2011, pp. 53-55).

Alguns anos mais tarde, o padre Luís Cardoso, académico de número, editou os dois primeiros volumes do *Diccionario Geographico*, correspondente às letras A-C. O seu objectivo era reunir todas as informações remetidas pelas autoridades eclesiásticas e seculares locais. Esta obra permitiu a preservação da informação recolhida pela Academia Real da História Portuguesa, relativa aos três primeiros caracteres do alfabeto, uma vez que no terramoto de 1755, foram destruídos esses acervos documentais, como já se indicou *supra*. O próprio dicionário foi interrompido. Os seus volumes contêm, portanto, monumentos epigráficos latinos e paleocristãos de todo o país, mas apenas das localidades que se iniciam pelas letras A, B e C. Algumas inscrições são inéditas. Os dados de Coimbra também se preservaram, na medida em que talvez não terão sido remetidos para Lisboa (Cardoso, 1747-1751; *CIL* II, *passim*; *IHC*, pp. 4, 7, 93; Hübner, 1871b, p. 4; Fabião, 1989, pp. 18, 24; Fabião, 2011, pp. 53-59. *Vide* capítulo 5.1.1).

Após o terramoto, em 1758, o Marquês de Pombal ordenou a realização de um novo inquérito a nível nacional, que ficou conhecido por *Memórias Paroquiais*. Nesta obra reuniram-se variadas informações, entre as quais epígrafes latinas, ainda que em reduzido número (*CIL* II, *passim*; Hübner, 1871b, pp. 4-5; Cardoso, 2001, p. 11).

D. Tomás Caetano de Bem foi um clérigo teatino, que se tornou membro da Academia Real da História Portuguesa em 1753, sendo director em 1761 e censor em 1780. Foi ainda sócio livre ou supranumerário da Academia Real das Ciências de Lisboa, desde a sua fundação. Esta personalidade reveste-se de importância no âmbito da historiografia portuguesa, na medida em que o seu trabalho, vocacionado para as biografias, se centrou em membros da mesma ordem religiosa a que pertencia, a ordem de São Caetano. Dos indivíduos biografados, destacamos D. Manuel Caetano de Sousa, a figura pioneira da Academia, e D. Jerónimo Contador de Argote, precursor da Epigrafia latina da região da diocese de Braga, *supra* referidos. D. Tomás Caetano de Bem realizou também uma história da sua ordem. Com este trabalho, estabeleceu normas para a investigação histórica, entretanto melhoradas (Ceia, 2010, pp. 18-19, 48, 63-71, 77-95, 104-108, 110-112; Silva, 2015, pp. 330-332).

D. Tomás Caetano de Bem dedicou-se igualmente à Epigrafia e aos monumentos romanos de Lisboa, aspecto pelo qual é bem conhecido. No ano de 1749, descobriu-se um conjunto de inscrições na rua das Pedras Negras, que o clérigo publicou em 1754, e em 1755 numa segunda edição. Neste ano ocorreu o terramoto em Lisboa, que implicou a reedificação da cidade. Nas obras de reconstrução, foi demolido, nos anos seguintes, o Arco de Nossa Senhora da Consolação, assim como a muralha da Porta do Ferro adstrita a ele, aparecendo 16 epígrafes, das quais efectuou cópia, que incluiu na sua *Miscellanea*. Entre 1770 e 1773, identificou-se o criptopórtico da rua da Prata, e nele se encontrou um monumento epigráfico. O clérigo descreveu as ruínas com detalhe, na *Noticia das Thermas* [...], mas considerou-as um prolongamento das termas dos Cássios. Este estabelecimento termal fora descoberto no ano de 1772, na actual rua das Pedras Negras, também com uma inscrição, registando o investigador o achado na *Miscellanea*. Estes trabalhos permaneceram apenas em manuscrito. No entanto, constituem obras importantes para a historiografia lisiponense, uma vez que nelas se efectivou o registo inaugural destes monumentos, assim como da maioria das primeiras epígrafes que apareceram após o terramoto (Bem, ?; Bem, 17?; Bem, 1755; Bem, 1790; *CIL* II – S, pp. XXXIX, 6*-7*, 23-30, 692-694; *EO*, pp. 19-22, 29, 291-292, 323, cf. pp. 94-273; Fabião, 2011, pp. 65-66).

5.1.2 Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas

Na segunda metade do século XVIII, Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas destacou-se na cultura portuguesa, constituindo uma das principais figuras do Iluminismo em Portugal. O clérigo fomentou reformas no ensino, introduzindo novos métodos pedagógicos e modificando os programas de estudo. Contribuiu para a criação de escolas no Sul do país, preparando indivíduos para professores. Incentivou a criação de bibliotecas, tendo fundado a Biblioteca Pública de Évora, e promoveu a dotação destas com livros, em parte a expensas suas. Defendeu a instituição de museus, criando o Museu Sisenando Cenáculo Pacense e outro em Évora. Incrementou ainda os estudos históricos, impulsionando a investigação arqueológica, com novos métodos. Deste modo, contribuir-se-ia para a educação, dinamização e desenvolvimento cultural da sociedade portuguesa. Foi ainda sócio honorário da Academia Real das Ciências de Lisboa (Trigozo, 1815, p. IV; Hübner, 1871b, p. 5; Fabião, 2011, pp. 64-79; Oliveira,

2012, vol. 1, pp. 49-60, vol. 2, pp. 1-147; Oliveira, 2013, pp. 175-202; Brigola, 2014, pp. 7-13).

A viagem a Roma no ano de 1750, para participar no Capítulo Geral da Ordem Terceira de São Francisco, ordem à qual pertencia, terá influenciado indelevelmente o clérigo, já de si próprio muito entusiasta na aquisição de conhecimento. Frei Manuel do Cenáculo contactou com eruditos estrangeiros, visitou bibliotecas, museus e universidades, de Espanha, França e Itália, o que norteou o interesse da sua vida para estas realidades, plasmado nas suas obras manuscritas, editadas, na correspondência que trocou com portugueses e estrangeiros e na sua actividade de colecionador (Caetano, 2005, p. 49-50; Cabral, 2011, pp. 89-102; Oliveira, 2012, vol. 1, pp. 49-50; Oliveira, 2013, pp. 175-202; Brigola, 2014, pp. 1, 6-7, 10-11).

Após o terramoto de 1755, foi necessário reconstruir a cidade de Lisboa. Neste âmbito, foram descobertos monumentos e objectos, entre os quais inscrições. Fruto das boas relações que o clérigo detinha com o Marquês de Pombal, foram reunidos muitos materiais arqueológicos no espaço da actual Praça do Comércio. Uns desapareceram na reconstrução da cidade, mas outros foram encaminhados para o convento de Nossa Senhora de Jesus, pertencente à Ordem Terceira de São Francisco, onde Cenáculo realizou a sua colecção em que se contavam algumas epígrafes latinas (Hübner, 1871b, p. 5; *EO*, pp. 20-23, 29, 296; Fabião, 2011, pp. 64; Brigola, 2014, p. 7).

No ano de 1770, Frei Manuel do Cenáculo foi nomeado bispo de Beja, para onde se deslocou apenas em 1777, fazendo transportar para esta cidade alentejana grande parte da sua colecção, nomeadamente alguns monumentos epigráficos romanos. Na capital terão permanecido objectos, entre os quais inscrições latinas. Em Beja, fundou o Museu Sisenando Cenáculo Pacense, primeiro museu de carácter público do país, no dia 15 de Março de 1891. Este espaço congregava as colecções do clérigo relativas à História Natural, à Arqueologia, à Epigrafia, e à Etnografia. Os conjuntos arqueológicos e epigráficos eram compostos pelos materiais recolhidos nas várias escavações que realizou, pelos objectos que recolheu em diversas situações, assim como por ofertas de outros indivíduos, sobretudo de Lisboa e do Alentejo (Hübner, 1871b, p. 5; Vasconcelos, 1895a, pp. 338-344; Vasconcelos, 1898, pp. 283-287; *EO*, pp. 24, 296; Encarnação, 1988, p. 205; Fabião, 1989, p. 20; Cardoso, 2001, p. 10; Caetano, 2005, pp. 53-54; Fabião, 2011, pp. 64-79; Brigola, 2014, pp. 7-12).

No ano de 1802 foi indigitado como arcebispo de Évora, o que o obrigou a nova mudança e originou a transferência de alguns dos objectos mais valiosos da sua

colecção, entre os quais monumentos epigráficos, para esta cidade. Este facto contraria o cariz público do museu de Beja, sendo ao invés uma pertença do clérigo, que disponibilizava as suas colecções privadas para a educação do povo. Em Março de 1805, são inaugurados a biblioteca e o museu no local onde anteriormente estava instalado o Colégio dos Meninos do Coro (Cardoso, 2001, p. 10; Caetano, 2005, pp. 54-56; Fabião, 2011, pp. 69-70; Brigola, 2014, pp. 12-13)

Frei Manuel do Cenáculo marcou uma ruptura na investigação arqueológica e epigráfica em Portugal. No decorrer da sua actividade, encarou as escavações como indispensáveis para uma correcta interpretação dos locais, efectuou descrições pormenorizadas e quantitativas dos achados, realizando plantas e desenhos das descobertas, assim como dos próprios objectos. No caso das inscrições com o que se designa actualmente como “Escrita do Sudoeste”, recolheu os monumentos e promoveu escavações arqueológicas nas necrópoles onde haviam sido identificadas. Na sua opinião esta escrita seria formada por elementos hebraicos, fenícios, celtas e turdetanos. A metodologia que concretizou em todas as inscrições, da Idade do Ferro, da época romana e do período paleocristão, incluiu a leitura e transcrição dos textos epigráficos e o desenho não apenas destes, mas também do suporte material, atribuindo-lhe importância e valor. Frei Manuel do Cenáculo concentrou-se nas inscrições oriundas de Lisboa e do Alentejo, com algumas excepções do resto do país. Contudo, nunca editou nada de Epigrafia, permanecendo os seus registos praticamente inéditos na Biblioteca Pública de Évora, aos quais Hübnér terá tido acesso na realização do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. A qualidade dos seus desenhos comprova-se, por exemplo, através de um monumento epigráfico latino que se conhecia até há bem pouco tempo somente pela ilustração que realizou. Em 2003, foi reencontrado em Beja e foi possível atestar o rigor do trabalho concretizado pelo clérigo (*CIL* II, pp. XXIX, 3-30, 336-337, 619, 662, 665; *IHC*, pp. III, 4-5, 65, 93; Hübnér, 1871b, p. 5; Vasconcelos, 1890e, p. 8; Vasconcelos, 1895a, pp. 338-344; Vasconcelos, 1898, p. 286; *EO*, pp. 27-29, 296-297; Encarnação, 1988, p. 205; Fabião, 1989, pp. 19-21, 24; Cardoso, 2001, p. 10; Caetano, 2005, pp. 50-53, 56; Encarnação, 2008b, pp. 222-223; Fabião, 2011, pp. 64, 72-74; Brigola, 2014, p. 9. *Vide* capítulos 2.2, 5.2.1).

5.1.2.1 Colaboradores e Visitantes de Frei Manuel do Cenáculo

Frei Vicente Salgado foi discípulo de Frei Manuel do Cenáculo. Este prelado ter-lhe-á pedido, quando foi para Beja em 1777, que conservasse e aumentasse o seu museu de Lisboa. Talvez relacionado com esta solicitação, Salgado redigiu um inventário, nunca publicado, das inscrições que permaneceram na capital. Todavia, a colecção epigráfica dispersou-se no século XIX. Em 1899, um monumento epigráfico foi redescoberto e encaminhado para o Museu Etnológico Português, actual Museu Nacional de Arqueologia, onde se guarda (MNA N.º E 6322; Salgado, 1777; *EO*, pp. 27, 297).

O clérigo escreveu um livro sobre o Algarve, no qual incluiu inscrições latinas. Foi o autor que, após 1720, editou mais epígrafes latinas desta região, antes dos trabalhos de meados e da segunda metade do século XIX, de Silva Lopes, Levy Maria Jordão e Hübner. Frei Vicente Salgado redigiu também a *Collecção dos Monumentos Romanos Descobertos em Portugal* [...], que permaneceu em manuscrito. O autor pretendia efectuar um *corpus* de todos os monumentos epigráficos do período romano em Portugal. Contudo, registou menos inscrições do Alentejo que o seu “mestre” Frei Manuel do Cenáculo, mas ao invés assinalou outras que este prelado não indicou. Por outro lado, ultrapassou-o no tocante às epígrafes de Lisboa e de muitos outros lugares. Encontramos o seu nome no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II um pouco por todo o país, mas não inventariou muitos monumentos epigráficos que já eram conhecidos. Como referiu Vieira da Silva, procedeu apenas à sua compilação, sem uma ordem e critérios estabelecidos e repetindo inscrições (*EO*, pp. 27-29). Nas suas obras incluiu também duas epígrafes paleocristãs. Editou ainda obras sobre Numismática e Medalhística, iniciando o primeiro catálogo da colecção de Cenáculo, juntamente com Frei Sebastián Sánchez Sobriño (Salgado, 1780; Salgado, 1784; Salgado, 1786; Salgado, 1796; *CIL* II, p. XXIII, n.º 76, pp. LII, 3*-10*, 23*, 42*-43*, 45*, 3-51, 123-124, 331-349, 619-620, 632-647; *IHC*, pp. 4-5, 65; Hübner, 1871b, pp. 4-5; Vasconcelos, 1890e, p. 8).

No século XVIII, vários eruditos efectuaram viagens pela Europa com o objectivo de adquirir conhecimentos e recolher informações sobre os monumentos e os vestígios históricos e arqueológicos desses países. Neste sentido, Portugal foi visitado por estrangeiros que coligiram as notícias e nalguns casos as publicaram. O intenso labor arqueológico e coleccionista realizado por Frei Manuel do Cenáculo e a qualidade da sua colecção, assim como o facto de manter relações epistolares com alguns eruditos estrangeiros, mas também portugueses, suscitaram a visita de quatro figuras a que

seguidamente aludiremos (Caetano, 2005, p. 50, 53; Monteiro, 2008, pp. 4-16; Abascal Palazón & Cebrián, 2009, p. 9; Vaz (ed.), 2009; Oliveira, 2012, vol. 1, pp. 60-138, 296-352; Oliveira, 2013, pp. 175-202; Brigola, 2014, *passim*).

O primeiro viajante foi Frei Sebastian Sanchez Sobriño. Em 1772, este clérigo espanhol concretizou uma viagem entre Granada e Lisboa. Na capital portuguesa, contactou com Frei Manuel do Cenáculo, tendo a oportunidade de observar a sua colecção, designadamente a componente epigráfica, que incluiu no seu livro, editado em 1774, juntamente com algumas inscrições latinas de outros locais do país. Este facto acarreta grande importância às recolhas documentais de Frei Sebastian Sanchez Sobriño, na medida em que foi o primeiro a registar as epígrafes do período romano agrupadas pelo clérigo português no convento de Nossa Senhora de Jesus, em Lisboa. Contactou também, naturalmente, com Frei Vicente Salgado, participando na realização do catálogo de Numismática e Medalhística acima referido (*CIL* II, *passim*; Hübner, 1871b, p. 6; *EO*, pp. 24-25, 316; Caetano, 2005, p. 50).

D. Francisco Pérez Bayer, historiador e linguista espanhol, viajou por Portugal, visitando as regiões do Alentejo, Estremadura e Lisboa, na companhia de um desenhador, no ano de 1782. No decorrer do seu trajecto, visitou a colecção de Frei Manuel do Cenáculo em Beja e depois o restante espólio que permaneceu na capital lusa, possivelmente acrescentado por Frei Vicente Salgado. Efectuou uma numerosa compilação de inscrições latinas e paleocristãs das regiões que atravessou, materiais que apreciava particularmente, com reproduções fiéis e exactas dos monumentos. Não registou todas as epígrafes conhecidas (*CIL* II, p. XXIII, n.º 75, pp. LII, 3*-10*, 23*, 3-51, 123-124, 331-349, 619-620; *IHC*, pp. III, 4-5; Hübner, 1871b, pp. 6-7; Vasconcelos, 1919-1920, pp. 108-176; *EO*, pp. 24-26, 289-291; Caetano, 2005, p. 50; Sálas Álvarez, 2007, 9-24; Abascal Palazón & Cebrián, 2009, p. 55, nota 38; Brigola, 2014, pp. 10). Após a sua viagem, trocou correspondência epistolar com o clérigo luso até 1890. Os assuntos patentes nas cartas incluem descobertas arqueológicas realizadas em escavações, temas epigráficos e aspectos relativos à jornada do valenciano por terras portuguesas (Caetano, 2005, p. 53; Vaz (ed.), 2009, pp. 212-213; Oliveira, 2012, vol. 1, pp. 124-130; Oliveira, 2013, pp. 188-190; Brigola, 2014, pp. 10).

James Cavanah Murphy, arquitecto irlandês, viajou para Portugal a pedido de Sir William Burton Conyngham, com o objectivo de estudar e desenhar os monumentos e materiais históricos e arqueológicos, principalmente o Mosteiro da Batalha. O seu estudo acerca deste monumento foi pioneiro e fundamental para as investigações

subsequentes (Murphy, 1795; Navarro, 1993, pp. 31-32, 35; Matos, Conde & Bernardo, 2012, pp. 293-294).

James Murphy chegou ao Porto nos inícios de 1789, permanecendo no país até ao final do ano seguinte. No decorrer do seu trajecto, pela Estremadura, Lisboa e Alentejo, registou as inscrições que observou, nomeadamente da capital, e, indo a Beja, contactou com Frei Manuel do Cenáculo, que lhe mostrou a sua colecção. No seu relato de viagem, editado em 1795, apresentou desenhos de vários monumentos e objectos, entre os quais alguns pertencentes à colecção do clérigo português. Inseriu ainda os textos, e nalguns casos desenhos, de epígrafes de vários períodos. Talvez por esta razão, Hübner considerou que não soube distinguir as épocas históricas dos monumentos epigráficos. O sábio alemão criticou-o ainda por não ter diferenciado as inscrições verdadeiras das falsas. Murphy apresentou um conjunto de epígrafes relativamente pequeno, ainda que diversificado geograficamente, incluindo de locais que não terá visitado (Murphy, 1795; *CIL* II, p. XXIV, n.º 80, *passim*; *IHC*, p. 5; Hübner, 1871b, p. 6; *EO*, pp. 24, 26, 307-308; Navarro, 1993, pp. 31-35; Caetano, 2005, p. 53; Matos, Conde & Bernardo, 2012, pp. 293-294; Brigola, 2014, pp. 10).

D. José Cornide y Saavedra, historiador espanhol, concretizou uma viagem a Portugal no ano de 1772. No entanto, não conhecemos o seu relato. A pedido da Real Academia de História de Madrid, regressou ao território luso entre 1798-1801, acompanhado de um desenhador, com um triplo objectivo: estudar o manuscrito *Las Partidas* do rei Afonso X de Leão e Castela que existiria em Lisboa, registar o património monumental e arqueológico e espiar as condições de defesa militar do país (Abascal Palazón & Cebrián, 2009, pp. 10, 54-55, 75-131, 368-816).

A sua viagem começou em Elvas, por onde entrou no território luso em Novembro de 1798. Até à sua saída de Portugal, em Março de 1801, também por aquela vila alentejana, percorreu todas as regiões do país, desde o Alentejo, Algarve, Lisboa, Estremadura, Beiras, Trás-os-Montes e Entre-o-Douro e Minho. Em Beja, visitou Frei Manuel do Cenáculo, a quem havia remetido uma carta, enviada de Évora. Copiou, da colecção do bispo de Beja, muitas inscrições da Escrita do Sudoeste, latinas e paleocristãs, entre outros objectos, que incluiu no seu relato, juntamente com desenhos. No decorrer das suas viagens, D. José Cornide não se limitou a transcrever e a efectuar ilustrações dos monumentos epigráficos de várias épocas que observou em todo o país, inclusivamente inéditas. Consultou igualmente manuscritos e obras impressas, seja em Lisboa, em Beja ou em Madrid, nomeadamente de Vicente Salgado, Pérez Bayer e

Murphy referidos *supra*, entre outros nomes de grande importância para a História da Epigrafia, de onde retirou informações sobre os elementos patrimoniais. Deste modo, enriqueceu com muita erudição o seu relato de viagem, anotando inscrições que Cenáculo, Salgado e os três viajantes que o precederam não mencionaram. No entanto, não efectuou um trabalho exaustivo, escapando-lhe várias epígrafes. Trocou ainda correspondência epistolar com Frei Manuel do Cenáculo, que lhe remeteu notícias de descobertas e livros (*CIL* II, p. XXIII, n.º 75, pp. LII, 3*-10*, 23*, 42*-43*, 45*, 3-51, 123-124, 331-349, 619-620, 632-647; *IHC*, pp. 3, 6-7; Hübner, 1871b, p. 7; Vasconcelos, 1919-1920, pp. 110-111, nota 1; *EO*, pp. 26-27, 298; Almagro-Gorbea, 2003, pp. 97-98, n.ºs 14A-14B; Caetano, 2005, p. 53; Abascal Palazón & Cebrián, 2009, pp. 75-131, 368-816; Brigola, 2014, pp. 10-11).

5.1.3 A Academia Real das Ciências de Lisboa

Num contexto semelhante à criação da Academia Real da História Portuguesa, foi fundada a Academia Real das Ciências de Lisboa, por alvará de 24 de Dezembro de 1779. A figura impulsionadora desta instituição foi o Duque de Lafões, D. João de Bragança, familiar da rainha D. Maria I, acompanhado pelo abade José Correia da Serra. O nobre havia viajado pela Europa nos anos anteriores, entrando em contacto com o ambiente cultural e científico de vários países. De regresso a Portugal, pretendeu criar aqui uma corporação, à semelhança das estrangeiras, onde se promovesse o desenvolvimento dos vários ramos do conhecimento, contribuindo para a educação da população. O primeiro plano de estatutos consagrava isto mesmo, sendo criadas três classes: as duas primeiras eram dedicadas às Ciências Naturais e Exactas e a terceira às “Bellas Letras” ou “Litteratura Portuguesa”, o que englobava a História, a Arqueologia e, naturalmente, a Epigrafia (Ribeiro, 1872, pp. 37-61; Silva, 2015, pp. 30-31, 43-45, 228-240).

A preocupação pelo património arqueológico e epigráfico está presente no aviso de 30 de Junho de 1795, no qual se deliberava que fossem designadas pessoas com integridade e capacidade suficiente para “se empregarem no descobrimento e arrecadação das lapidas de inscrições que vagassem em qualquer das provincias do reino; assim como para mandar fazer as excavações necessarias, sem prejuizo de terceiro, para a busca de alguns monumentos” (Ribeiro, 1872, pp. 278).

As epígrafes, de vários períodos, estão presentes nos estudos que os académicos editaram nos periódicos da instituição. Uns autores referem somente as inscrições. Outros fornecem a sua transcrição e, por vezes, concretizam uma análise mais ou menos sintética. Foram inclusivamente publicados artigos de temática epigráfica. Alguns académicos enviam para a Academia cópia dos próprios monumentos. Verifica-se também a troca de correspondência com individualidades estrangeiras, algumas das quais remetem livros que contêm assuntos epigráficos (ARCL, 1792a-1796, 1815-1837, 1843, 1849-1850, 1854-1855, *passim*; Barbosa, 1848, pp. 1-6; Castelo Branco, 1849, pp. (258)-(260); (293)-(295); (385)-(395); Castelo Branco, 1851, pp. 45-69; Hübner, 1871b, pp. 6-7; Vasconcelos, 1890e, p. 8; Silva, 2015, pp. 228-240. Cf. *CIL* II; *IHC*).

Gostaríamos de destacar algumas individualidades nos estudos epigráficos da instituição. O primeiro é D. António da Visitação Freire de Carvalho, cónego de Santo Agostinho. Nomeado sócio correspondente em 31 de Março de 1798, expôs na Academia memórias sobre assuntos variados, entre os quais se conta uma sobre o deus Endovélico, com inscrições copiadas por D. José Cornide y Saavedra. Publicada inicialmente no periódico *Investigador*, n.º 34, do qual não conseguimos apurar a data, foi incluída na *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa* em 1843 (Carvalho, 1843, pp. 81-97; Carvalho, 1849, pp. (106)-(114); Silva, 1858, pp. 295-296; *CIL* II, pp. XXXVI, 17-19; Oliveira, 1993, p. 48, n.º 440). Leite de Vasconcelos considerou o trabalho sem grande valor (Vasconcelos, 1905b, p. 118).

José Barbosa Canais de Figueiredo Castelo Branco foi bibliotecário-mor da Real Biblioteca Pública de Lisboa e dedicou-se especialmente à Genealogia (Silva, 1860a, pp. 264-267). No âmbito epigráfico, apresentou estudos sobre inscrições do período romano na Academia, que foram editadas nas actas e no periódico desta instituição. No primeiro analisou um marco miliário de Valença do Minho (Castelo Branco, 1849, pp. (258)-(260)), tendo sido criticado por Francisco Recreio (Recreio, 1850, pp. (72)-(73)), no segundo duas epígrafes de Sintra (Castelo Branco, 1849, pp. (293)-(295)), no terceiro vários monumentos epigráficos das regiões centro e norte de Portugal, um dos quais inédito, indicando que havia copiado estes últimos da colectânea de António Joaquim Moreira (Castelo Branco, 1849, pp. (385)-(395)). Precisamente nesta ocasião, o secretário da Academia informou que o autor possuía bastantes inscrições, entre as quais algumas inéditas, o que poderia ser aproveitado na concretização de um *corpus*. Deste modo, foi convidado a transmitir as suas observações na instituição, sendo-lhe

pedido que iniciasse o seu labor pelas epígrafes de Lisboa (*CIL* II, p. XX, n.º 62, p. 39; Hübner, 1871b, p. 7; Oliveira, 1993, p. 49, n.ºs 450-452).

Desconhecemos a existência e eventual paradeiro desta colecção ou de alguma conferência do bibliotecário sobre os monumentos em causa (Castelo Branco, 1849, pp. (385)-(395)). A única excepção consistiu num estudo acerca de Soure, de onde era natural, publicado nas actas da Academia em 1851. Aqui, incluiu um exame a uma inscrição inédita do local, fornecendo um desenho desta (Castelo Branco, 1851, pp. 45-69). Hübner considerou as suas análises nos vários artigos algo inadequadas, referindo que as epígrafes do terceiro artigo tinham sido copiadas da obra manuscrita de António Joaquim Moreira (Moreira, 1864), como o próprio autor o indicava. Assim, até prova em contrário, ponderamos que o secretário tenha confundido os autores, pelo que a colectânea de monumentos epigráficos seria de Moreira e não de Canais de Figueiredo (*CIL* II, p. XX, n.º 62, pp. 16, 32-33, 37, 39, 41, 45, 49, 639, 647; Silva, 1860a, pp. 264-267; Hübner, 1871b, p. 7; Oliveira, 1993, p. 49, n.ºs 450-453).

Em 1849, José Barbosa Canais de Figueiredo Castelo Branco referiu no início de uma comunicação à Academia que António Joaquim Moreira possuía uma das maiores recolhas de epígrafes, especialmente desde a formação de Portugal (Castelo Branco, 1849, p. (385)). Este indivíduo era um oficial de secretaria da instituição lisboeta e trabalhou documentação antiga, especialmente sobre a inquisição, cujas obras estão disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa (<http://purl.pt/index/geral/aut/PT/132184.html>). Moreira registou no primeiro volume que teria começado a recolha de monumentos epigráficos em 1845. A data de 1864 também patente na obra indicará o final das investigações (Moreira, 1864; *CIL* II, p. XXV, n.º 88; *EO*, pp. 32, 306). Segundo Maria Ramalho, o autor pesquisou os trabalhos dos escritores que o precederão e deslocou-se aos próprios locais (Ramalho, 2001, pp. 148, 154-164). Estes factos revelam uma grande capacidade de trabalho, na medida em que distam apenas quatro anos entre o início das investigações, 1845, e a conferência de Canais de Figueiredo em 1849. Assim, neste último ano, já possuiria uma grande quantidade de inscrições.

Na primeira estadia em Portugal, no ano de 1861, Hübner procurou a *Colleção* de Moreira na Academia, mas em vão. Tentou ainda consultar os desenhos daquele autor que Levy Maria Jordão estaria a examinar ou que teria copiado, mas este investigador negou-lhe o acesso à documentação pretendida. O sábio alemão citou a obra no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II que editou em 1869, mas adquiriu a informação através dos

trabalhos de Canais de Figueiredo e do próprio Jordão, e no caso do monumento *CIL* II 11 talvez por Gama Xaro. Na correspondência ora em estudo, o erudito germânico transmitiu a Leite de Vasconcelos que consultou os livros em 1881, tal como indicou no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. O manuscrito, em nove volumes, existe na Academia das Ciências de Lisboa. Borges de Figueiredo e Vieira da Silva compulsaram a obra, ou parte dela, e concluíram que contém muitas epígrafes, mas algumas foram repetidas e o autor não demonstra seguir uma ordem e um método (CCE 78 (MNA Ms. 10477); Moreira, 1864; *CIL* II, p. XX, n.º 62, p. XXV, n.º 88, *passim*; Figueiredo, 1890, p. 83, nota 1; *CIL* II – S, p. LXXXIII; Vasconcelos, 1895a, pp. 69-70, n.º 2; *EO*, pp. 32, 38, 306, *passim*. Vide capítulos 2.2, 5.2.1). Na nossa opinião, apesar das falhas é um trabalho que merece consideração e mesmo um estudo apurado, na medida em que, não sendo exaustivo e não agrupando os monumentos por cada época num mesmo volume, constitui uma recolha muito numerosa de inscrições de vários períodos da História de Portugal e de diversos pontos do país, inclusive da Madeira e dos Açores. Além disso, não deixaria de ser um contributo para o desenvolvimento da temática de História da Epigrafia. O próprio Leite de Vasconcelos rectificou a localização de uma epígrafe de Alcácer do Sal, cuja informação transmitida na obra de Moreira tinha sido corrigida por Hübner (*CIL* II 2479 = *CIL* II – S 5617; Vasconcelos, 1895a, pp. 69-70, n.º 2; Ramalho, 2001, pp. 148, 154-164).

António Joaquim Moreira faleceu em 1865, pelo que Hübner poderia ter entrado em contacto com ele, directamente ou através da correspondência. Todavia, desconhecemos qualquer encontro entre ambos na primeira viagem que o sábio alemão concretizou a Portugal, em 1861, assim como não identificámos o autor português na documentação epistolar guardada na Sociedade Martins Sarmento (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; SMS, *Várias Cartas*. Cfr. Tabela 6. Vide capítulos 2.2, 5.2.1).

Levy Maria Jordão era jurista, especialista em direito penal, área em que publicou várias obras. Em 1859, editou o *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, livro com o qual pretendia realizar um *corpus* de todas as epígrafes latinas de Portugal. De facto, esta obra constituiu a primeira grande compilação de monumentos epigráficos de todo o país que foi publicada. Continha ainda uma lista bibliográfica de todos os autores precedentes (Jordão, 1859; Silva, 1860b, pp. 182-184; *EO*, pp. 32, 38, 305).

Levy Maria Jordão incompatibilizou-se com Hübner, quando este epigrafista esteve em Portugal, negando-lhe o acesso à documentação de Moreira que possuía, como

verificámos *supra*, assim como de outra informação recolhida por si próprio, decerto porque desejava finalizar o trabalho iniciado sem partilhar dados, ao contrário do que outros fizeram. No entanto, desconhecemos qualquer outro contributo do jurista português no âmbito da Epigrafia (Jordão, 1859; Silva, 1860b, pp. 182-184; Coelho, 1870; Guerra, 2014, pp. 219-220). Talvez pela razão indicada, o sábio alemão tenha sido tão implacável nos seus comentários ao livro de Jordão. Afirmou que o autor havia citado os escritores precedentes com sobrançeria, dando a entender que afinal não havia conseguido melhor. Referiu que o jurista não sabia suficientemente latim, nem estava a par de aspectos epigráficos, para se dedicar convenientemente ao assunto. Asseverou ainda que foi negligente e repetiu inscrições, algumas delas várias vezes (*CIL* II, p. XXV, n.º 88; Coelho, 1870). Leite de Vasconcelos foi mais comedido, mencionando somente que Jordão não possuía um método seguro (Vasconcelos, 1890e, p. 9). De facto, o jurista não possui um método epigráfico devidamente abalizado e multiplicou entradas (Jordão, 1859; *EO*, pp. 32, 38, 305). Contudo, recentemente o seu trabalho foi, de certo modo, reavaliado em contraponto com o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II do erudito germânico. Cardim Ribeiro sublinhou que Hübner omitiu epígrafes editadas por Jordão, assim como cometeu imprecisões nas referências bibliográficas à obra, certamente por menosprezá-la. A consulta do *Portugalliae Inscriptiones Romanas* teria sido concretizada principalmente através dos índices, o que resultaria nas falhas do sábio alemão. Tal como o especialista actual, cuidamos ser importante a realização de um estudo apurado de âmbito epigráfico sobre este livro (Ribeiro, 1982-1983, pp. 418-424).

A inexistência de correspondência entre o erudito germânico e o jurista português explica-se pelas más relações que detinham, como se abordou *supra* (cf. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; SMS, *Várias Cartas*. Cfr. Tabela 6. *Vide* capítulo 5.2.1).

José Joaquim da Silva Pereira Caldas foi professor de liceu em Braga, sendo uma pessoa importante na cidade. Foi um dos precursores da Arqueologia bracarense, efectuando algumas escavações nas regiões de Braga e Guimarães, especialmente em Caldas de Vizela, e publicando os resultados. Os seus artigos, editados a partir de 1845, incluíram inscrições latinas destes locais, com uma inédita. As suas investigações granjearam-lhe o reconhecimento no meio científico e, em consequência, foi nomeado sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa. Terá sido neste âmbito que se iniciaram os contactos com Hübner (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss.

75-87, de 02/12/1881 a 05/06/1900; Caldas, 1853, pp. 1-16; Caldas, 1854, pp. 31-32; *CIL* II, p. XXV, n.º 88; Oliveira, 1993, pp. 40-42, n.ºs 333-368A; Guerra, 2014, p. 226; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.1.6, 5.2.1).

A importância da Academia no âmbito dos achados arqueológicos é perceptível, por exemplo, no caso do teatro romano de Lisboa. Francisco Fabri remeteu uma descrição com desenhos a esta instituição, defendendo a preservação do edifício, o que não chegou a ocorrer. Deve-se a Luís António de Azevedo a edição do estudo do monumento, que incluiu duas inscrições latinas e desenhos de Fabri, em 1815. Todavia, não foram os primeiros a trabalhar e estudar o teatro (Hübner, 1871b, p. 10; *EO*, pp. 30, 288-289; Fabião, 2011, pp. 66-69; Fabião, 2013, pp. 389-409).

5.1.4 A Sociedade Archeologica Lusitana

Nos inícios do século XIX, no âmbito da nova sociedade liberal, surgiu a ideia de Arqueologia pública em Portugal. Este novo conceito foi materializado nas escavações do templo romano em Évora e das ruínas de Tróia, estas últimas concretizadas pela Sociedade Archeologica Lusitana (Fabião, 2011, pp. 81-93).

A Sociedade Archeologica Lusitana nasceu em torno de Manuel da Gama Xaro, pároco em Setúbal, no ano de 1849. Constituíra uma associação formada pela própria sociedade e tinha como objectivos escavar as ruínas de Tróia, adquirir informações sobre a Antiguidade e formar um museu de Arqueologia na cidade sadina. Conseguindo o apoio de Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela, que foi nomeado director perpétuo, granjeou-se o patrocínio do rei-consorte D. Fernando II, designado, em consequência, protector da Sociedade. Deste modo, no dia 27 de Março de 1850 foi aprovada a sua constituição e os estatutos, pelos quais se deveria reger. É interessante que o Alvará faça uma referência à legislação de protecção do património de 1721, reanimada em 1802, como se verificou *supra* (Xaro & alii, 1850; Vasconcelos, 1890e, pp. 8-9; *EO*, p. 320; Machado, 1987³, pp. 9-24; Fabião, 1997, pp. 108-110; Cardoso, 2001, p. 11; Fabião, 2011, pp. 86-93; Guerra, 2014, p. 225; Martins, 2014, p. 207. *Vide* capítulo 5.1.1).

As escavações iniciaram-se nesse ano, mas os trabalhos decorreram sem uma metodologia propriamente adequada e sem uma periodicidade regular, ocorrendo apenas três campanhas nos anos de 1850, 1850-1851 e 1855-1856. A Sociedade criou um

periódico, onde publicaria os resultados das intervenções. Contudo, teve apenas três números, entre 1850 e 1851. Os vários artigos terão sido redigidos por Gama Xaro, ainda que não estejam assinados. Neles verificamos, no que importa à presente dissertação, alguns assuntos epigráficos, nomeadamente inscrições de Tróia, Ferreira de Tomar, S. Salvador de Aramenha e Lisboa (Xaro (ed.), 1850-1851; Figueiredo, 1887, pp. 5-6; Vasconcelos, 1890e, pp. 12-13; *EO*, pp. 29-30, 166-169, n.^{os} 65-66, p. 320; Machado, 1987³, pp. 25-27, 29-31; Fabião, 1989, p. 12; Fabião, 1997, pp. 110-115; Martins, 2003-2005, pp. 75-78; Fabião, 2011, pp. 87-93; Martins, 2014, p. 209).

O falecimento do Duque de Palmela em 1850, a transferência de Gama Xaro, seu principal dinamizador, para Lisboa e a indisponibilidade da maioria dos seus sócios, originaram o declínio da actividade, o que culminou com a sua extinção em 1868. No ano de 1882, Domingos Garcia Peres e Almeida Carvalho, últimos sócios fundadores, entregaram o espólio das escavações e documental à Academia Real de Belas-Artes de Lisboa. Posteriormente, devido à acção de Leite de Vasconcelos, o material foi incluído no Museu Etnológico Português (Machado, 1987³, pp. 25-29, 31-41; Fabião, 1997, pp. 113-114; Cardoso, 2001, p. 11; Martins, 2003-2005, pp. 77-79; Fabião, 2011, pp. 91-93; Guerra, 2014, p. 225; Martins, 2014, pp. 209-210, 214). Apesar da decadência da associação, o sítio arqueológico de Tróia não perdeu importância e prestígio, tendo sido visitado por Hübner, aquando da sua primeira viagem a Portugal, e ainda pelo escritor dinamarquês Hans Christian Anderson (Martins, 2003-2005, p. 78; Fabião, 2011, pp. 92-93; Martins, 2014, p. 209. *Vide* capítulo 2.2).

Manuel da Gama Xaro foi membro da Academia Real das Ciências de Lisboa e correspondente de Hübner, tendo começado os seus trabalhos de investigação epigráfica antes do contacto com o sábio alemão (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 71, de 04/07/1861; ARCL, 1854, p. 31; *CIL* II, p. XXV, n.^o 88; *EO*, pp. 29-30, 320; Guerra, 2014, p. 225; Tabela 6. *Vide* capítulos 5.1.6, 5.2.1). Das informações que recolhemos, Gama Xaro incluiu epígrafes de Tróia, Ferreira de Tomar, S. Salvador de Aramenha e Lisboa nos *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana* e remeteu para a Academia Real das Ciências de Lisboa a análise de uma inscrição guardada na Biblioteca Nacional de Lisboa (Xaro (ed.), 1850, pp. 9, 12; Xaro (ed.), 1851, pp. 29, 31; ARCL, 1854, p. 31; Figueiredo, 1887, pp. 5-6; *EO*, pp. 29-30, 166-169, n.^{os} 65-66, p. 320; Oliveira, 1993, pp. 200-201, n.^{os} 2576-2584. *Vide supra. Vide* capítulo 5.2.1).

5.1.5 Outros Autores do Século XVIII e Inícios do Século XIX

No século XVIII, vários eruditos efectuaram viagens pelos seus países ou a outros, devido ao interesse em adquirir conhecimentos do património histórico e arqueológico desses territórios. *Supra*, no âmbito de Frei Manuel do Cenáculo, verificámos que Portugal foi visitado por vários estrangeiros, na segunda metade do século XVIII. Na primeira metade deste século houve também viajantes. Um dos primeiros foi John Durant Breval. As datas das suas estadias na Península Ibérica situam-se entre 1708 e 1715 ou 1720, sendo anteriores à fundação da Academia Real da História Portuguesa, marco estabelecido por nós para iniciarmos a nossa análise. Todavia, uma vez que a sua obra foi editada já em 1726, incluímos o seu autor neste capítulo. Desconhecemos a influência que porventura a sua obra terá desempenhado em Portugal ou no estrangeiro, pois não surge por exemplo nos relatos de Pérez Bayer, Murphy ou Cornide (Breval, 1726, pp. (312)-(329); Murphy, 1795; Vasconcelos, 1919-1920, pp. 108-176; Canto, 2004, pp. 265-266, 270-271; Abascal Palazón & Cebrián, 2009. *Vide* capítulo 5.1.2).

John Breval percorreu as regiões portuguesas entre Porto, Viseu e o Algarve. No seu trajecto, transcreveu inscrições latinas do santuário do Sol e da Lua, em Sintra, de Évora, Vila Viçosa, Beja e outras localidades do Alentejo e ainda de Faro, num total de 29 monumentos. A estes, deve-se acrescentar outra epígrafe, de Ourique, mas do período moderno. Mommsen e Hübner consideraram que o viajante inglês não havia observado directamente nenhuma inscrição, tendo-as copiado de outras obras. No *Corpus Inscriptionum Latinarum* II não foi citado nas epígrafes portuguesas, o que é revelador da opinião desfavorável que o seu autor tinha. Recentemente, Alicia Canto restabeleceu a honra de Breval, atribuindo veracidade às suas reproduções (Breval, 1726, pp. (312)-(329); Canto, 2004, pp. 272-319. Cfr. *CIL* II, p. XX-XXI, n.º 65, pp. 3*-7*, 3-4, 8-20, 23-24, 31).

Ludovico Muratori foi um jesuíta e historiador italiano, que publicou no segundo quartel do século XVIII monumentos epigráficos latinos e paleocristãos. Apresenta pouquíssimas inscrições latinas de Portugal, à excepção de algumas de Condeixa e da diocese de Braga, tomadas de Contador de Argote. Este facto, aliado à reprodução de duas epígrafes do Alentejo inseridas pelo Marquês de Abrantes nas *Memorias* da Academia, induz-nos a pensar que teve acesso a algumas obras editadas por esta instituição. Não concretizou, portanto, um trabalho exaustivo (Vilar Maior (ed.), 1721, “Noticias da Conferencia [...] em 31. de Julho de 1721” (= *CIL* II 21, 34); *CIL* II, p. XXI, n.º 67, *passim*; *EO*, p. 307).

Enrique Flórez foi padre agostinho e um dos maiores eruditos espanhóis do século XVIII. No ano de 1747, inicia a publicação da sua obra magna, *España Sagrada*, na qual pretendia tratar amplamente a história da Península Ibérica. Com esse objectivo realizou uma pesquisa das fontes, nomeadamente epigráficas e numismáticas, abordando aquelas com precaução. No que respeita ao território português, terá efectuado uma selecção de inscrições bastante pequena. Do seu percurso, destacamos as relações epistolares com Caetano de Bem, mas essa ligação não teve aparentemente um reflexo na inclusão de monumentos epigráficos latinos de Lisboa na sua obra (*CIL* II, p. XXI-XXII, n.º 69, *passim*; *EO*, p. 300; Abascal Palazón & Cebrián, 2009, p. 72, nota 119; Gimeno Pascual, s.d.a).

Juan Francisco Masdeu foi um jesuíta e historiador espanhol do século XVIII e inícios do XIX. Após realizar a sua história de Espanha, entre o final do século XVIII e o início do século XIX, na qual incluiu muitas inscrições, também de Portugal, dedicando os quinto e sexto volumes às latinas e o nono volume às paleocristãs, ambicionou efectuar um *corpus* das epígrafes da *Hispania*. No entanto, a Real Academia de História de Madrid impediu progressivamente o acesso à sua documentação epigráfica, uma vez que tinha idêntica pretensão. Cotejando a informação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e das *Inscriptiones Hispaniae Christianae* relativa a Portugal, verificamos que o seu nome surge principalmente em inscrições conhecidas antes de 1720, assim como algumas editadas pela Academia Real da História Portuguesa, o que se poderá relacionar com a dificuldade de estabelecer contactos com os autores portugueses. A este propósito havia pedido ajuda à Academia espanhola, que não terá tomado qualquer diligência. Estranhámos, contudo, que, tendo eventualmente acesso às obras da Academia lusitana, assim como de outras anteriores à fundação desta instituição, fontes que depreendemos ter utilizado, não tenha incluído todas as epígrafes referenciadas nessa bibliografia (*CIL* II, p. XXIII-XXIV, n.º 77, *passim*; *IHC*, pp. II, 3-8, 43, 69, 93-94, 97-98; *EO*, pp. 305-306; Gimeno Pascual, s.d.b).

José António da Cunha foi um português que enviou um manuscrito em espanhol à Real Academia de História de Madrid, entre 1755 e 1760, assinando Acuña. Reuniu um conjunto reduzido de monumentos epigráficos latinos de todo o país, mas privilegiou as inéditas, em número elevado. Hübner considerou que não era uma obra imprescindível, pois outros autores haviam apresentado as mesmas inscrições com informações mais correctas. Todavia, recentemente reviu-se a proveniência de uma epígrafe, corrigindo-se

o sábio alemão, em favor do lusitano (*CIL* II, *passim*; Hübner, 1871b, p. 4; *EO*, p. 285; Fernandes, 2000, pp. 197-220).

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, franciscano, desde muito cedo revelou um grande interesse pela história e monumentos antigos de Portugal. Assim, percorreu o país em busca de documentos e do património, nomeadamente de inscrições latinas, transcrevendo algumas e incluindo-as no seu *Elucidario* [...], que editou em 1798-1799. Por ter sido nomeado sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa somente após a publicação desta obra, optámos por referir o autor neste lugar, ao invés do capítulo relativo à Academia (Viterbo, 1798-1799, *passim*; *CIL* II, *passim*; Hübner, 1871b, p. 7; Pereira & Rodrigues, 1915, pp. 655-656).

5.1.6 Panorama dos Estudos Epigráficos em Portugal à Chegada de Hübner

Cumprido um percurso sintético sobre os trabalhos de Epigrafia realizados em Portugal desde a fundação da Academia Real da História Portuguesa até à chegada de Hübner ao território luso, em 1861, impõe-se resumir aqui a investigação epigráfica no momento em que o sábio alemão atravessou a fronteira.

Grande parte das individualidades eram membros ou correspondentes da Academia Real das Ciências de Lisboa, embora aparentemente os investigadores concretizassem os seus estudos à margem das actividades da instituição, que não possuía nenhum projecto de recolha das inscrições dos vários períodos. António Joaquim Moreira e Levy Maria Jordão encontravam-se a realizar as suas colectâneas de âmbito nacional, não cedendo este último o seu material ao sábio alemão. José Pereira Caldas e Gama Xaro não teriam a pretensão de abarcar todo o território português, cingindo-se a determinadas regiões ou mesmo locais. Mantiveram contacto com o erudito germânico, na sua qualidade de académicos. Existem outros autores que publicaram trabalhos nas duas décadas anteriores ao labor do erudito germânico, mas constituem trabalhos isolados e sem continuidade. Por outro lado, alguns estudiosos faleceram antes da viagem de Hübner (cf. Oliveira, 1993. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.1.4).

Um outro aspecto interessante reside nos periódicos que editavam artigos de Epigrafia e Arqueologia. A Academia Real das Ciências de Lisboa detinha uma publicação regular. Contudo, era decerto restrita aos seus membros. Os restantes eram jornais, de cariz mais cultural ou destinados ao grande público, ou de âmbito regional e local, com

uma periodicidade diária, semanal e mensal. Todos possuíam um âmbito alargado de temáticas. O único periódico que se pretendia exclusivo das temáticas arqueológicas, e que englobava a Epigrafia, foi criado pela Sociedade Archeologica Lusitana, mas teve uma duração temporal muito reduzida. Assim, não existia uma publicação contínua em Portugal, que concentrasse e difundisse as notícias e os estudos arqueológicos dos vários pontos do país, entre os quais os assuntos epigráficos (cf. Oliveira, 1993; Rafael & Santos, 1998-2002. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.1.4).

5.2 O Projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e a Epigrafia em Portugal

Theodor Mommsen foi um historiador alemão do século XIX, especialista do período romano, tendo inclusive sido laureado em 1902 com o Prémio Nobel da Literatura, pela sua obra *História de Roma*. Constituiu um dos expoentes máximos do denominado positivismo histórico alemão, juntamente com Barthold Niebuhr e Leopold von Ranke, o qual aplicou os princípios dessa corrente de pensamento à vertente epigráfica, materializados no projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (Molina Gómez, 2001, pp. 445-449, 454; Sreedharan, 2004, pp. 169-195, 240-242; Aurell Cardona, 2005; Marco Simón, 2005, pp. 17-24; Alföldy, 2005, pp. 153-170; <http://www.historiaemperspectiva.com/2012/01/leopold-von-ranke-1795-1886-o-pai-da.html>).

No ano de 1847, Mommsen apresentou à Real Academia das Ciências da Prússia o plano de um inventário de inscrições do período romano. Em 1853, a classe de Filosofia e História desta instituição aceitou financiar a empresa, nomeando Mommsen seu principal responsável. O primeiro volume foi publicado em 1863 e o próprio Mommsen foi autor em vários volumes (Sandyz, 1910, p. 865; Schmidt, 2001, pp. 9-10; Alföldy, 2005, pp. 153-170; Panzram, 2014, pp. 270-274; <http://arachne.uni-koeln.de/drupal/?q=en/node/291>; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html).

O positivismo histórico alemão, com as variantes e especificidades de cada autor, preconizava a compilação de todas as fontes / documentos originais, assim como o seu estudo e análise segundo um método crítico e minucioso. Ao encarar a História nesta perspectiva, mas também observando o exemplo de Jan Gruter séculos antes, que editou

a *Inscriptiones Antiquae Totius Orbis Romani*, in *Absolutissimum Corpus Redactae* em 1603, reconhecendo as suas grandes limitações, Mommsen pretendeu recolher no *Corpus Inscriptionum Latinarum* a totalidade das inscrições latinas, formando uma obra muito mais completa e abrangente, alargando o âmbito de recolha a tipos de inscrições até aí ausentes dos repositórios. Devido ao facto de a mesma Academia ter iniciado em 1815 o *Corpus Inscriptionum Graecarum*, dirigido por August Böckh, não se justificava integrar na recolha as epígrafes em grego, circunstância que lamentou (*CIL* III – I, pp. V-VIII; *CIL* IX, pp. V-XVIII; *CIL* X – I, pp. V-XVII; Schmidt, 2001, pp. 6-12; Sreedharan, 2004, pp. 169-195, 240-242; Alföldy, 2005, pp. 153-170; Aurell Cardona, 2005; Panzram, 2014, p. 271; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html; <http://www.historiaemperspectiva.com/2012/01/leopold-von-ranke-1795-1886-o-pai-da.html>).

A metodologia que aplicou, e também prosseguida pelos vários autores do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, consistiu no seguinte: Primeiro, consultar e analisar criticamente todos os manuscritos e publicações, de modo a copiar, recolher e comparar as leituras dos monumentos epigráficos; Depois, fazer um exame presencial, tão amplo quanto possível, das inscrições, corrigindo, ou autenticando, as lições anteriores, pelo que os responsáveis por cada volume concretizaram viagens às próprias regiões que trataram. Poderiam ser efectuados decalques de todas as epígrafes, mas o fundamental seria executar cópias dos monumentos inéditos. De modo a facilitar o trabalho dos investigadores do projecto e garantir o acesso a toda a bibliografia e inscrições, requereu-se ajuda às várias academias congéneres e aos estudiosos de cada país, nomeadamente Portugal. Quando os autores do *Corpus Inscriptionum Latinarum* não conseguissem efectivar a análise presencial, sendo a autópsia sempre importante, pedia-se aos investigadores locais que regressassem ao monumento, efectuassem a sua leitura ou confirmassem as lições anteriores e realizassem um decalque dos textos, enviando depois aos editores do volume. Isto permitia obter aos diferentes editores do *CIL* uma cópia real e objectiva das inscrições sem observar directamente os monumentos. Neste âmbito, adquire também especial importância a correspondência ora em estudo. Segundo o método estabelecido por Mommsen, que denominou de método filológico estrito, os investigadores deveriam ser fiéis e precisos, registando tudo, inclusive as dúvidas (Mayer, 2005, pp. 69-73; Alföldy, 2005, pp. 153-170; Panzram, 2014, pp. 270-271, 275-276. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.1-4.1.2.3, 4.1.3, 5.2.1).

O critério utilizado para a organização do *Corpus Inscriptionum Latinarum* foi principalmente geográfico. Assim, o volume II foi dedicado à Hispânia, o III englobou a *Asia*, o Egipto, a Grécia e o Ilírico, o V incluiu a Gália Cisalpina, o VI continha a cidade de Roma, o VII abarcou a *Britannia*, o VIII circunscreveu a África, os IX, X, XI e XIV abrangeram as várias regiões da Itália, excepto a *Vrbs*, o XII compreendeu a Gália Narbonense, o XIII encerrou a Aquitânia, a Lugdunense, a *Belgica* e a Germânia. Vários foram subdivididos em partes, seja por províncias, seja por assuntos, como sucedeu no caso de Roma. No interior dos volumes seguiu-se igualmente uma disposição geográfica, separando-se as várias províncias e organizando-as pelas *ciuitates* que as compunham. Apenas nesta última divisão se adoptava uma ordem temática. Os volumes continham uma pequena análise das províncias e *ciuitates* de onde provinham as inscrições, uma lista bibliográfica comentada, alguns desenhos e importantes índices dos vários aspectos presentes nas epígrafes, o que permitiu facilitar a investigação. No *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, os monumentos falsos ou de outro território geográfico – *falsae uel alienae* – foram colocadas num capítulo separado, precedendo todas as outras, numeradas autonomamente e precedidas de um asterisco – * – (*CIL*; *CIL* II, pp. 1*-48*; *CIL* II – S, pp. 49*-54*, 712; López Barja, 1993, pp. 19-21, 311-312; Schmidt, 2001, pp. 3, 13, 19; Marco Simón, 2005, p. 18; Panzram, 2014, p. 270; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html).

Ao contrário da generalidade dos volumes, que segue a organização referida, alguns volumes adoptaram critérios cronológicos ou temáticos. O volume I continha todas as epígrafes até à morte de Júlio César em 44 a.C., o IV englobou as inscrições parietais de Pompeia, Herculano e Estábia, o XV incluiu os *instrumenta* de Roma, o XVI foi dedicado aos *diplomata militaria* (*CIL*; López Barja, 1993, pp. 19, 311-312; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html).

O contínuo aparecimento de novos monumentos, assim como a releitura dos textos já conhecidos, originou a necessidade de efectuar suplementos e *additamenta*, concretizados pelos autores originais ou por outros investigadores. Actualmente, o projecto continua o seu labor. Tem publicado novas edições e suplementos, editou um volume – XVII – que compreende os marcos miliários e prepara outro – XVIII – que abrange os *carmina* (*CIL*; López Barja, 1993, pp. 19, 311-312; Schmidt, 2001, pp. 12-28; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html);

http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html;

http://cil.bbaw.de/cil_en/index_en.html).

O *Corpus Inscriptionum Latinarum* constituiu um marco fundamental para a Epigrafia. O trabalho hercúleo de edição de todas as inscrições latinas originou uma tomada de consciência da importância destes monumentos enquanto fontes históricas e permitiu tornar a disciplina numa ciência histórica (Le Roux, 1984, pp. 22-24; Alföldy, 2005, pp. 153-170; http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html).

5.2.1 Hübner e os Correspondentes e Investigadores Portugueses

Supra referimos que a correspondência que Hübner estabeleceu foi um factor importante na concretização dos seus trabalhos, especialmente a nível epigráfico. Por sua vez, estes contribuíram para o desenvolvimento da Epigrafia em Portugal e Espanha (*Vide* capítulo 2.2).

Antes de iniciarmos a nossa investigação de doutoramento, Amílcar Guerra analisou sumariamente a relação entre o sábio alemão e alguns correspondentes portugueses, tendo como base a documentação epistolar guardada na Sociedade Martins Sarmento (Guerra, 2014, pp. 219-240). Não desejamos repetir este estudo, além do que estabelecemos no nosso projecto não examinar a correspondência trocada com outras individualidades, reservando-a para projectos futuros. Assim, neste estudo cingimo-nos a demonstrar o contributo dos correspondentes para a formação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, das *Inscriptiones Hispaniae Christianae* e dos *Monumenta Linguae Ibericae*, assim como dos vários *Additamenta* e suplementos que o erudito germânico editou. Do mesmo modo, apresentamos os seus trabalhos no âmbito da Epigrafia.

De modo a sistematizarmos a informação, elaborámos a Tabela 6 com os correspondentes de Hübner, baseando-nos na documentação guardada na Sociedade Martins Sarmento e no Museu Nacional de Arqueologia, incluindo as cartas enviadas pelos portugueses. Também contabilizámos as missivas remetidas pelo sábio alemão, ainda que só tenhamos conhecimento de alguns casos. Organizámos a listagem pelas datas da correspondência, seguindo uma ordem cronológica do mais antigo para o mais recente (Tabela 6).

A Tabela 6 é composta por três colunas. A primeira contém o nome dos correspondentes e as respectivas datas de nascimento e morte. Na segunda colocamos as datas de redacção das missivas. Algumas cartas não ostentam data ou esta não está completa, pelo que colocámos um ponto de interrogação nestas situações. Um estudo apurado dos documentos poderia eventualmente reconstituir algumas datas. Contudo, este não é o objectivo do nosso trabalho, reservando-o para um projecto futuro (Tabela 6).

A terceira coluna possui o número de epístolas que cada correspondente enviou a Hübner e em certos casos as que recebeu. Entre parênteses colocamos a referência bibliográfica reduzida, composta somente por um número latino, que estabelecemos e que são explanados de seguida, e os números dos documentos manuscritos ou impressos.

“T” remete para SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II. Este livro encerra as missivas enviadas a Hübner por Joaquim José de Meira (Sociedade Martins Sarmento), Joaquim Possidónio da Silva, José Calado, José Henriques Pinheiro, José Leite de Vasconcelos, José de Oliveira Berardo, Manuel da Gama Xaro, Manuel de Freitas Aguiar, Manuel José Martins Capela, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Marquês de Souza Holstein, Carl Hugo Richter, Jules Philippe, Delegação da Prússia em Portugal, Delegação da Prússia na Baviera, Röder, J. Ursinus, M.ª Chaves, F. J. Ferreira do Amaral / Luciano Cordeiro / Ernesto de Vasconcelos (Sociedade de Geografia de Lisboa), António Moreira Cabral (Sociedade Nacional Camoneana), Antero Albano da Silveira Pinto (Biblioteca Pública do Porto) e ainda de alguém cuja assinatura é ilegível. Possui também uma epístola do sábio alemão dirigida a José Henriques Pinheiro, que foi devolvida (Ms. 120). Contém igualmente a seguinte documentação: uma carta de José de Oliveira Berardo a Gerhard (Ms. 70), uma missiva de José Fernandez Matheu, tradutor espanhol, que escreveu de Paris e com uma morada de Valência (Ms. 91); uma epístola de António Joseph Viale, classicista italiano e professor do Curso Superior de Letras de Lisboa, a Sua Alteza de Hohenzollern (Ms. 117). Devido ao facto de estas três cartas não terem sido endereçadas de Portugal ou por portugueses ao erudito germânico, não as incluímos no nosso estudo. Por outro lado, inserimos a missiva da Delegação da Prússia na Baviera, pois a caligrafia é semelhante às epístolas da Delegação da Prússia em Portugal, além do que aborda assuntos relativos a Portugal (CCE; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 1-117, 120).

“II” significa SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I. Este tomo contém as cartas endereçadas a Hübner por João Gomes de Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde), Francisco Adolfo Coelho, Albino dos Santos Pereira Lopo, Alfredo de Andrade, António Bernardo de Figueiredo, António Francisco Barata, António Mesquita de Figueiredo, Augusto Mendes Simões de Castro, Augusto Soromenho, António Cardoso Borges de Figueiredo, Carlos Michaëlis de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Celestino Beça, Eduardo Augusto Allen, Francisco Rafael da Paz Furtado, Gabriel Pereira, Garcia Pires, João Bonança, João Rafael de Lemos, Joaquim de Vasconcelos (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 1-174).

“III” designa as missivas enviadas pelo sábio alemão a Leite de Vasconcelos (CCE; MNA, *Correspondência*, Mss. 10446-10497, de 21/04/1888 a 11/07/1900 (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)).

“IV” indica o tomo SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, com a correspondência trocada entre o erudito germânico e Albano Belino (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, de 27/04/1895 a 08/10/1900).

“V” significa SMS, *Várias Cartas*. Este volume guarda epístolas remetidas por Hübner a José Joaquim da Silva Pereira Caldas (SMS, *Várias Cartas*, Mss. 1-6, de 06/05/1896 a 29/09/1900).

“VI” representa o livro SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II, que contém três cartas enviadas pelo sábio alemão ao clérigo português (SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II, Mss. 55-57, de 1900-1901).

“VII” designa a obra de Mário Cardozo, no qual editou a correspondência epistolar mantida entre o erudito germânico e Martins Sarmiento (Cardozo, 1947).

“VIII” indica a correspondência que António Mesquita de Figueiredo editou (Figueiredo, 1948).

A esta documentação acrescentamos as duas missivas de Manuel da Gama Xaro dirigidas a Hübner, guardadas na *Staatsbibliothek* de Berlim, das quais temos conhecimento através de Amílcar Guerra, tendo atribuído a referência “IX” (Guerra, 2014, p. 225).

Nome	Datas da Correspondência	N.º de Docs.
Delegação da Prússia em Portugal	25/05/1861-15/11/1862	11 (I, 93-103)
Garcia Pires (?)	16/06/1861	1 (II, 142)

Manuel da Gama Xaro (22/12/1800-10/03/1870)	04/07/1861	3 (I, 71; IX)
J. Ursinus (?)	25/07/1861-24/05/1869	4 (I, 106-109)
Augusto Soromenho (20/02/1833-09/01/1878)	08/1861-1877	44 (II, 31-74)
João Rafael de Lemos (1790-1863)	1861	2 (II, 145-146)
José de Oliveira Berardo (03/06/1805-10/1862)	1862	1 (I, 69)
Francisco Rafael da Paz Furtado (?-1889)	11/04/1866-23/01/1881	5 (II, 128-132)
Eduardo Augusto Allen (1824-1899)	01/02/1868-01/12/1888	4 (II, 124-127)
Delegação da Prússia na Baviera	22/12/1869	1 (I, 104)
Antero Albano da Silveira Pinto (1819-1885) (Biblioteca Pública do Porto)	03/03/1870	1 (I, 116)
Joaquim de Vasconcelos (10/02/1849-02/03/1936)	18/01/1873-06/01/1901	28 (II, 147-174)
António Francisco Barata (01/01/1836-23/03/1910)	27/04/1877-05/08/1878	5 (II, 16-20)
Francisco Martins Sarmento (09/03/1833-09/08/1899)	26/08/1879-28/05/1899	96 (VII) ⁷⁵¹
Gabriel Pereira (1847-1911)	26/07/1879-06/05/1890	9 (II, 133-141)
António Moreira Cabral (1833-1911) (Sociedade Nacional Camoneana)	18/06/1880-22/01/1882	2 (I, 112-113)
Alfredo de Andrade (26/08/1839-30/11/1915)	23/06/1880-07/08/1880	2 (II, 13-14)
Augusto Mendes Simões de Castro (03/08/1845-19/04/1932)	14/11/1881-07/04/1888	2 (II, 29-30)
José Joaquim da Silva Pereira Caldas (16/01/1818-19/09/1903)	02/12/1881-29/09/1900	19 (I, 75-87; V, 1-6) ⁷⁵²
Joaquim Possidónio Narciso da Silva (07/05/1806-03/03/1896)	19/12/1881-20/02/1882	2 (I, 2-3)
António Cardoso Borges de Figueiredo (1851-1890)	09/11/1885-29/07/1890	44 (II, 75-118)
João Bonança (19/04/1838-12/04/1924)	15/03/1888-07/08/1888	2 (II, 143-144)
José Leite de Vasconcelos (07/07/1858-17/05/1941)	21/04/1888-18/12/1900	131 (I, 12-68; III, 10446-10497) ⁷⁵³

⁷⁵¹ Este número corresponde à totalidade das cartas enviadas, quer por Hübner, quer por Martins Sarmento.

⁷⁵² Este número corresponde à totalidade das cartas enviadas, quer por Hübner, quer por Pereira Caldas.

José Francisco Barreiros Calado (?)	18/05/1889-04/05/1890	2 (I, 4-5)
Francisco Adolfo Coelho (15/01/1847-09/02/1919)	25/10/1890	1 (II, 6)
Jules Philippe (?)	19/05/1894	1 (I, 92)
Carl Hugo Richter (?)	07/06/1894-14/05/1895	2 (I, 89-90)
António Bernardo de Figueiredo (?)	08/12/1894	1 (II, 15)
Albano Belino (18/12/1863-02/12/1906)	10/11/1895-08/10/1900	119 (IV) ⁷⁵⁴
José Henriques Pinheiro (20/02/1835-07/10/1904)	03/1896-05/06/1898	7 (I, 6-11, 120)
Manuel José Martins Capela (28/10/1842-03/11/1925)	19/04/1896-19/03/1897	2 (I, 73-74)
Francisco Joaquim Ferreira do Amaral (11/06/1844-11/08/1923) Luciano Baptista Cordeiro de Sousa (21/07/1844-24/12/1900) Ernesto Júlio de Carvalho e Vasconcelos (17/09/1852-15/11/1930) (Sociedade de Geografia de Lisboa)	26/10/1896	1 (I, 114)
Carlos Michaëlis de Vasconcelos (12/1877-?)	20/01/1898	1 (II, 119)
Albino dos Santos Pereira Lopo (21/10/1860-24/12/1933)	28/06/1898-07/09/1899	6 (II, 7-12)
Carolina Michaëlis de Vasconcelos (15/03/1851-22/10/1925)	21/07/1898	1 (II, 120)
António Mesquita de Figueiredo (1880-06/07/1954)	14/11/1898-25/09/1900	13 (II, 21-28; VIII) ⁷⁵⁵
Manuel de Freitas Aguiar (?)	30/08/1899	1 (I, 72)
Joaquim José de Meira (19/03/1858-25/06/1931) (Sociedade Martins Sarmento)	17/11/1899, sem data	2 (I, 1, 115)
Celestino Beça (1848-20/04/1910)	31/12/1899-19/03/1900	3 (II, 121-123)
João Gomes de Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde) (29/12/1853-20/04/1912)	03/09/1900-12/02/1901	8 (II, 1-5; VI, 55-57) ⁷⁵⁶

⁷⁵³ Este número corresponde à totalidade das cartas enviadas quer por Hübner, quer por Leite de Vasconcelos.

⁷⁵⁴ Este número corresponde à totalidade das cartas enviadas quer por Hübner, quer por Albano Belino.

⁷⁵⁵ Este número corresponde à totalidade das cartas enviadas quer por Hübner, quer por António Mesquita de Figueiredo.

⁷⁵⁶ Este número corresponde à totalidade das cartas enviadas quer por Hübner, quer por Oliveira Guimarães.

Marquês de Souza Holstein [Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa Holstein? (20/04/1838-30/09/1878)]	29/06/[1861?]	1 (I, 88)
Röder (?)	29/06/?	1 (I, 105)
Assinatura ilegível (?)	?	1 (I, 110)
M.? Chaves (?)	?	1 (I, 111)

Tabela 6: Lista dos Correspondentes Portugueses ou de Portugal de Hübner

Esta lista com 44 entradas demonstra a amplitude das relações científicas que Hübner estabeleceu em Portugal, assim como nos permite adquirir uma primeira visão do desenvolvimento dos estudos epigráficos no território lusitano, aspectos que desenvolvemos em seguida (Tabela 6).

Com o objectivo de verificar o contributo dos correspondentes do sábio alemão para as suas obras, decidimos organizar as Tabelas 7 a 20, que compartimentamos em subcapítulos. Nelas se colocam os nomes dos correspondentes associados aos números das inscrições onde foram citados. No nosso comentário serão abordados os outros correspondentes referidos nos livros. De modo a fornecer um panorama completo dos estudos epigráficos em Portugal desde 1861, data da chegada do erudito germânico e do início dos seus contactos epistolares, não nos cingimos apenas aos correspondentes, mas indicamos todos os autores que Hübner referiu nas suas obras, no lugar das inscrições. Uma vez que estabelecemos o limite cronológico em 1861, não citámos nenhum autor que apenas tenha trabalhado antes deste ano, pois constitui parte dos antecedentes, estudados no capítulo 5.1. O outro limite cronológico constituiu o ano de 1901, quando o sábio alemão faleceu. Ainda que o falecimento tenha ocorrido em Fevereiro, incluímos todos os trabalhos editados neste ano. Não são nomeadas nas tabelas as fontes primárias dos correspondentes e investigadores, pois estas pertencem às suas próprias relações e estudos, salvo se pertencerem à lista de correspondentes do sábio alemão. Exceptuámos Francisco Manuel Alves, uma vez que o contacto relacionou-se com um pedido do erudito germânico. Com algumas excepções, omitimos os autores estrangeiros, pois desejamos concentrar-nos no trabalho português. Excluímos igualmente os anónimos. Cingimo-nos às epígrafes provenientes de Portugal. Na ordem dos autores privilegiámos uma ordem cronológica, ainda que de forma não exclusiva (Tabelas 6-18. *Vide* capítulo 5.1).

As Tabelas 7 a 18 estão dispostas na nossa dissertação em termos cronológicos, respeitando a data da sua publicação. As tabelas são formadas por várias linhas e colunas. Na primeira linha figura a abreviatura da obra de Hübner, nomeadamente *CIL*, *IHC*, *EE*, *IBC*, *CIL II – S*, *MLI* e *IHC – S*, a saber, respectivamente, *Corpus Inscriptionum Latinarum II*, *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, *Ephemeris Epigraphica*, *Inscriptiones Britanniae Christianae*, *Corpus Inscriptionum Latinarum II: Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum*, *Monumenta Linguae Ibericae*, *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. A seguir a *EE* colocamos o número do volume respectivo. As regras seguintes contêm os nomes dos capítulos destes livros, com algumas excepções de cariz geográfico. Nos casos em que o sábio alemão não efectuou uma separação, aplicámos a divisão geográfica que indicou noutros livros. Em seguida a tabela é composta por colunas. A primeira encerra o número da inscrição, as restantes incluem os nomes dos correspondentes e autores que abordaram essas epígrafes. Uma vez que os números dos monumentos epigráficos figuram nas tabelas, prescindimos de indicar estes nas referências bibliográficas, reportando sempre para aqueles quadros (Tabelas 7-18).

Depois das várias tabelas de cada subcapítulo, apresentamos um comentário necessariamente sintético aos indivíduos referidos nelas. Ordenamos os autores pelos seguintes critérios. Primeiro abordamos os correspondentes nacionais do erudito germânico; em seguida, comentamos os restantes autores portugueses. Depois, elucidamos os correspondentes estrangeiros e por fim os outros autores estrangeiros. Os correspondentes referidos nas obras são incluídos nas nossas observações, mesmo que não tenham sido citados em epígrafes. Nestas “categorias” seguimos uma ordem cronológica.

5.2.1.1 *CIL II* e *IHC*

O *Corpus Inscriptionum Latinarum* e as *Inscriptiones Hispaniae Christianae* constituíram as duas primeiras obras fundamentais da Epigrafia peninsular. Deste modo, consideramos que nestes trabalhos culminou a primeira fase da investigação epigráfica da Hispânia efectuada por Hübner. Nas Tabelas 7 e 8 reunimos assim os vários autores que o sábio alemão citou nestas duas obras (Tabelas 7-8).

Corpus Inscriptionum Latinarum II			
Inscriptiones Falsae uel Alienae			
Tarraconensis			
I. Bracara			
210*	António Joaquim Moreira		
211*	Augusto Soromenho		
Viae Publicae			
IV. Tarraconensis			
461*	António Joaquim Moreira		
Lusitania			
I. Ossonoba			
2	Sebastião Estácio da Veiga		
6	Sebastião Estácio da Veiga		
9	Francisco Rafael da Paz Furtado	Manuel Bernardo Lopes Fernandes	
11	António Joaquim Moreira (?)	Manuel da Gama Xaro	
II. Balsa			
4989	Francisco Rafael da Paz Furtado	Sebastião Estácio da Veiga	Augusto Soromenho
4990	Francisco Rafael da Paz Furtado	Sebastião Estácio da Veiga	Augusto Soromenho
13	Sebastião Estácio da Veiga		
14, ad. 14	Sebastião Estácio da Veiga		
4990a	Augusto Soromenho		
IV. Merobriga			
21	António Joaquim Moreira		
22	António Joaquim Moreira	Manuel da Gama Xaro	
23	António Joaquim Moreira	Manuel da Gama Xaro	
27	António Joaquim Moreira	Manuel da Gama Xaro	
28	António Joaquim Moreira		
29	António Joaquim Moreira		
V. Salacia			
34	Manuel da Gama Xaro		
VI. Caetobriga?			
44	Manuel da Gama Xaro		
VII. Pax Iulia			
I. Inscriptiones Pacenses			
45	Manuel da Gama Xaro		
46	Manuel da Gama Xaro		
51	Manuel da Gama Xaro		
53	Manuel da Gama Xaro		
59	Manuel da Gama Xaro		
63	Manuel da Gama Xaro		
67	Manuel da Gama Xaro		
68	Manuel da Gama Xaro		
III. Ager Pacensis Variae			
99	Manuel da Gama Xaro		
100	Manuel da Gama Xaro		

104	Manuel da Gama Xaro		
VIII. Eborac, Municipium Liberalitas Iulia			
122	António Joaquim Moreira		
123	António Joaquim Moreira		
IX. Vila Viçosa			
150	Manuel da Gama Xaro		
XI. Ammaia			
159	António Joaquim Moreira	Manuel da Gama Xaro	
160	Manuel da Gama Xaro		
163	Manuel da Gama Xaro		
164	Manuel da Gama Xaro		
166	Manuel da Gama Xaro		
XIII. Olisipo			
I. Inscriptiones Olisiponenses			
177	Manuel da Gama Xaro		
206	Manuel da Gama Xaro		
220	Manuel da Gama Xaro		
5100	Augusto Soromenho		
I. Inscriptiones Agri Olisiponensis et Prouvinciae Estremadurae			
260	Manuel Bernardo Lopes Fernandes		
267	Manuel Bernardo Lopes Fernandes		
268	Manuel Bernardo Lopes Fernandes		
308	Levy Maria Jordão		
316	Levy Maria Jordão		
XIV. Scallabis			
326, ad. 326	Levy Maria Jordão	Wilhelm Gurlitt	Augusto Soromenho
329	António Joaquim Moreira		
330	António Joaquim Moreira		
XV. Collippo			
337	António Joaquim Moreira		
XVI. Conimbriga			
365	António Joaquim Moreira		
XVII. Bobadela, Midões			
397	António Joaquim Moreira		
398	António Joaquim Moreira		
399	António Joaquim Moreira		
401	António Joaquim Moreira		
402	António Joaquim Moreira		
XVIII. Viseu			
410	José de Oliveira Berardo		
Ad. 412	Wilhelm Gurlitt		
5027	Wilhelm Gurlitt		
414	José de Oliveira Berardo		
415	José de Oliveira Berardo		
416, ad. 416	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	
422	José de Oliveira Berardo		
423	José de Oliveira Berardo		
427	José Pereira Caldas	José de Oliveira Berardo	

XIX. Ciuitas Arauorum			
430, ad. 430	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	
432	José de Oliveira Berardo		
5028	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	
433	José de Oliveira Berardo		
Ad. 434	José de Oliveira Berardo		
Baetica			
Conuentus Hispalensis			
IV. Arucci			
970	Manuel da Gama Xaro		
Prouincia Asturia et Gallaecia			
Conuentus Bracaraugustanus			
I. Oppida Conuentus Bracaraugustani Varia			
2373	Augusto Soromenho		
2375	António Joaquim Moreira		
2389	António Joaquim Moreira		
Ad. 2399	Augusto Soromenho		
5069	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	
II. Caldas de Vizela			
2402	José Pereira Caldas		
2404	José Pereira Caldas		
2407	José Pereira Caldas		
III. Bracara Augusta			
2411	António Joaquim Moreira	Augusto Soromenho	
2415	António Joaquim Moreira	Augusto Soromenho	
2416	Augusto Soromenho		
2418	António Joaquim Moreira		
2420	Augusto Soromenho		
2421	Augusto Soromenho		
2422	Augusto Soromenho		
2423	Augusto Soromenho		
2425	António Joaquim Moreira	Augusto Soromenho	
2426	Augusto Soromenho		
2427	Augusto Soromenho		
2431	Augusto Soromenho		
2440	Augusto Soromenho		
2447	Augusto Soromenho		
2453	Augusto Soromenho		
2457	António Joaquim Moreira		
IV. Viana, Caminha, Valença do Minho			
2462, ad. 2462	Alexandre Herculano	Augusto Soromenho	Wilhelm Gurlitt
2465, ad. 2465	Augusto Soromenho	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt
V. Aquae Flauiae			
2474	António Joaquim Moreira		
VI. Bragança			
5070	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	
Viae Lusitaniae			
I. Viae Lusitaniae Meridionalis			

4640	Alfredo de Andrade		
4641	José Pereira Caldas		
Viae Tarraconensis			
I. Via Bracara Olisiponem			
4735	Augusto Soromenho		
4736	Augusto Soromenho		
4742	Augusto Soromenho		
4743	Augusto Soromenho		
II. Miliarii Bracarae Seruati			
4747	Augusto Soromenho		
4749	Augusto Soromenho		
4750	Augusto Soromenho		
4751	Augusto Soromenho		
4752	Augusto Soromenho		
4753	Augusto Soromenho		
4754	Augusto Soromenho		
4756	Augusto Soromenho		
4757	Augusto Soromenho		
4758	Augusto Soromenho		
4760	António Joaquim Moreira	Augusto Soromenho	
4761	Augusto Soromenho		
4763	António Joaquim Moreira		
4765	Augusto Soromenho		
III. Via Bracara Aquas Flauias et Aquis Flauis Asturicam			
4766	Augusto Soromenho		
4768	Augusto Soromenho		
4769	Augusto Soromenho		
IV. Via Bracara Asturicam Altera			
4796	António Joaquim Moreira	Augusto Soromenho	
VI. Via Bracara Asturicam Quarta			
4875	Augusto Soromenho		
Instrumenti Domestici Inscriptiones			
4967.43	Wilhelm Gurlitt		
Ad. 4969	Wilhelm Gurlitt		
4970.537	Manuel da Gama Xaro		
4975.54	Manuel da Gama Xaro		

Tabela 7: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do *CIL II*

Inscriptiones Hispaniae Christianae			
Lusitania			
Balsa			
210	Sebastião Estácio da Veiga		
Salacia			
2	Manuel da Gama Xaro		
Olisipo			
17	Augusto Soromenho		
Ciuitas Arauorum			
20	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	

<i>Falsae uel Suspectae</i>			
Porto			
33*	Alexandre Herculano		

Tabela 8: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do IHC

O correspondente mais antigo citado no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II foi Manuel da Gama Xaro, a que se aludiu *supra*, no âmbito das considerações sobre a Sociedade Archeologica Lusitana. Nas escavações das ruínas de Tróia, efectuadas por esta instituição, foram identificadas três novas epígrafes, juntamente com uma cerâmica e um anel de sinete, que o clérigo remeteu ao sábio alemão. Segundo as indicações registadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, aparentemente o erudito germânico terá observado pelo menos a cerâmica, quando esteve em Portugal em 1861, decerto mostrada pelo próprio Gama Xaro. O arqueólogo de Setúbal enviou-lhe também monumentos epigráficos do período romano de *Salacia* (Alcácer do Sal), Vila Viçosa e *Olisipo* (Lisboa), sempre um de cada local, e ainda um paleocristão de *Salacia* (Alcácer do Sal). Gama Xaro foi importante no acesso à documentação bibliográfica procurada por Hübner. Como membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, tinha acesso aos manuscritos de Frei Manuel do Cenáculo. Deste modo, forneceu um conjunto de informações relativas às leituras deste prelado quanto a inscrições latinas de Miróbriga, *Pax Iulia* (Beja) e Moura. Do mesmo modo, talvez tenha remetido informações registadas na obra de António Joaquim Moreira sobre um monumento romano do Algarve. O clérigo setubalense publicou ainda trabalhos sobre epígrafes do período romano de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha) e de *Olisipo* (Lisboa), que o sábio alemão mencionou. Devido a toda esta colaboração, este ilustre epigrafista denominou-o de amigo no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 71, de 04/07/1861; *CIL* II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, pp. 3, 5-9, 21; Xaro (ed.), 1850, p. 12; Xaro (ed.), 1851, p. 31; Figueiredo, 1887, pp. 5-6; *EO*, pp. 29-30, 166-169, n.ºs 65-66, p. 320; Oliveira, 1993, pp. 200-201, n.ºs 2576-2584; Guerra, 2014, p. 225; Tabelas 6-8. *Vide* capítulos 5.1.4, 5.1.6).

Alexandre Herculano era a figura principal da Academia Real das Ciências de Lisboa no momento em que Hübner começou o seu labor. Quando o português foi contactado, no âmbito do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, estava já afastado na sua Quinta em Santarém. Todavia, terá apoiado a iniciativa e indicado Augusto Soromenho para concretizar a ligação entre o sábio alemão e a instituição portuguesa. Não conhecemos correspondência trocada entre ambos, mas ter-se-ão conhecido e o historiador lusitano

providenciou-lhe um decalque de uma epígrafe latina de Viana. Alexandre Herculano terá ainda considerado como falsa uma inscrição paleocristã do Porto. Devido certamente a todo o seu apoio, assim como à sua importância, é o primeiro nome português na lista de amigos que permaneceu registada no *Corpus* (CIL II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, p. 344; Guerra, 2014, pp. 219-220; Tabelas 7-8. Cfr. Tabela 6).

Alexandre Herculano recomendou Augusto Soromenho, funcionário da Biblioteca Pública do Porto, para seu sucessor no cargo de bibliotecário, assim como para responsável no projecto *Portugaliae Monumenta Historica* iniciado por si, na Academia Real das Ciências de Lisboa. Soromenho foi nomeado para estas funções no dia 7 de Dezembro de 1857. Foi sócio correspondente até 1870, altura em que foi designado sócio efectivo, saindo da instituição em 1876. Foi ainda professor de Literatura e História no Curso Superior de Letras, entidade que precedeu a Faculdade de Letras de Lisboa. Alexandre Herculano indicou-o como elo de ligação entre Hübner e a Academia Real das Ciências de Lisboa. Nasceu assim uma profícua relação, que durou até à morte do português, atestada por um dos conjuntos epistolares mais numerosos e pelo facto de o sábio alemão cognominar o seu correspondente de amigo na sua obra magna. Soromenho traduziu e prefaciou os relatórios do erudito germânico, tendo sido editados em 1871, com o título *Noticias Archeologicas de Portugal* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877; CIL II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, pp. 332, 691; Hübner, 1871b; Guerra, 2014, pp. 219-225; Tabelas 6-8).

A maioria dos monumentos epigráficos romanos que surgem associados ao nome de Augusto Soromenho no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II provêm da região de Braga. Isto relaciona-se decerto com o facto de a Academia ter enviado o seu bibliotecário e investigador a estas paragens no ano de 1858, com o objectivo de recolher inscrições. Segundo informações que recolhemos, o trabalho permanece em manuscrito, mas as leituras epigráficas ficaram registadas na obra do sábio alemão. O volume dos monumentos bracarenses contribuiu para que seja o autor lusitano mais citado no *Corpus*. Soromenho remeteu por carta outros textos epigráficos latinos de vários locais, inicialmente do Norte do país, mas depois também do Centro e do Sul. O português transcreveu algumas inscrições com erros. O erudito germânico, sendo um hábil epigrafista, corrigiu as lições no seu livro, registando que Soromenho havia lido mal, ainda que nunca com um tom pejorativo, que pusesse em causa a frutuosa relação, que seria até desejável manter com o responsável de uma das principais bibliotecas portuguesas, possuidora de um espólio documental de grande importância. Augusto

Soromenho enviou também um monumento paleocristão de *Olisipo* (Lisboa) por carta de Fevereiro de 1868, segundo informação transmitida por Hübner. Não localizámos este documento no espólio guardado na Sociedade Martins Sarmento (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877; *CIL* II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, pp. 332, 338, 632, 634, 636, 691; Guerra, 2014, pp. 221-222; Tabelas 6-8).

A referência ao seu nome nas adendas do *Corpus Inscriptionum Latinarum* permite fornecer uma cronologia da realização do livro do erudito germânico. Augusto Soromenho desempenhou um papel fundamental na actualização bibliográfica de Hübner. Um dos trabalhos que enviou, em data que desconhecemos, consistiu no *Povos Balsenses* de Sebastião Estácio da Veiga, editado em 1866, com duas inscrições inéditas latinas de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira). Em Maio de 1868, foram descobertas outras duas epígrafes romanas da mesma região, sendo objecto de um relatório por Augusto Teixeira de Aragão. Contudo, o bibliotecário da Academia não terá remetido imediatamente este opúsculo, mas somente o texto de um dos monumentos epigráficos do período romano, em carta de 29 de Setembro de 1868. Estas três inscrições, e ainda a correcção a outra epígrafe latina de *Scallabis* (Santarém), foram incluídas na *Addenda et Corrigenda*, o que nos autoriza a estabelecer uma data para a conclusão da parte fundamental do volume, que se situaria antes da missiva. Deste modo, no máximo nos finais de Setembro de 1868, o *Corpus* estava terminado, sendo necessário criar uma adenda para inserir os monumentos romanos que haviam surgido e que o sábio alemão recebera depois. A contínua investigação bibliográfica e a descoberta de novas inscrições do período romano exigiram outra adenda, o *Auctarium Addendorum*. Neste separador foram incorporadas duas epígrafes latinas com o nome de Soromenho, uma de *Olisipo* (Lisboa) e outra da região de Moncorvo. A primeira figura na epístola de 29 de Setembro de 1868, pelo que estranhamos não ter sido inscrita na *Addenda et Corrigenda*, juntamente com o monumento romano de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira) descoberto por Augusto Teixeira de Aragão, que transcreveu na mesma carta. O erudito germânico indicou na sua obra ter recebido a informação em Abril de 1869, sem citar a missiva de 1868 supramencionada. Não nos foi possível confirmar esta transmissão de dados, uma vez que não identificámos nenhuma epístola com aquela data. A inscrição do período romano de Moncorvo surge numa carta de 7 de Setembro de 1869. A datação deste documento revela que neste mês o *Corpus* ainda não estava encerrado (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877, especialmente Ms. 34, de 29/09/1868, Ms. 36, de 07/09/1869;

Veiga, 1866; Aragão, 1868; *CIL* II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, pp. 332, 338, 632, 634, 636, 691; Guerra, 2014, pp. 221-222; Tabelas 6-7).

José de Oliveira Berardo, sacerdote e reitor do Liceu Nacional de Viseu, cónego da Sé de Lisboa, foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa. Trabalhou fundamentalmente a epigrafia latina do distrito de Viseu, tendo publicado um estudo na Academia sobre este assunto, que Hübner citou (Berardo, 1863, pp. 1-11). Segundo as informações transmitidas pelo sábio alemão na sua obra, Berardo terá enviado através da sua correspondência outros monumentos epigráficos romanos da região de Viseu, mas também da *ciuitas Arauorum* (Devesa, Marialva). Não nos foi possível confirmar este aspecto, pois a única missiva que conhecemos não refere o assunto. O facto de se tratarem principalmente de desenhos induz-nos a considerar a sua existência na Academia das Ciências de Berlim, onde estão arquivados os decalques das obras do erudito germânico. Em várias inscrições do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, constatamos que Wilhelm Gurlitt remeteu a Hübner dados recolhidos nos desenhos de Oliveira Berardo, da *ciuitas Arauorum* (Devesa, Marialva), do Minho e de Bragança. O mesmo ocorreu com um monumento paleocristão da *ciuitas Arauorum* (Devesa, Marialva). Isto permite considerar que a investigação do português não era exclusiva do distrito de Viseu, onde desempenhou cargos, nem do distrito da Guarda limítrofe, tendo permanecido inacabada. O sábio alemão incluiu-o no grupo de amigos que indicou na sua obra (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 69, de 1862; Berardo, 1863, pp. 1-11; *CIL* II, pp. 45-46; Tabelas 6-8).

Francisco Rafael da Paz Furtado foi notário em vários locais do Centro e Sul de Portugal. Quando certamente desempenhava as suas funções no Algarve, enviou ao erudito germânico cópias das duas epígrafes latinas inéditas de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), que Sebastião Estácio da Veiga publicou no seu opúsculo *Povos Balsenses*, supramencionado. A data de Abril de 1866 das epístolas de Paz Furtado a Hübner, registada no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, confirma-se no espólio guardado na Sociedade Martins Sarmento. Todavia, permanece apenas uma carta, de 11 de Abril de 1866. Esta data permite-nos modificar a cronologia do *Corpus* abordada *supra*, mas ainda retomada *infra*. Uma vez que estes monumentos romanos foram inseridos na *Addenda et Corrigenda*, deve retroceder para 1866 o fim do processo de redacção da parte principal da obra, tendo as inscrições entretanto descobertas sido dispostas numa adenda. O nome do notário português surge ainda associado a uma epígrafe do período romano de Loulé. Paz Furtado teria fornecido o

texto a Manuel Bernardo Lopes Fernandes, que o deu ao sábio alemão (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 128-132, de 11/04/1866 a 23/01/1881, especialmente Ms. 128, de 11/04/1866; Gama, 1966, pp. 24-25, nota 14; Tabelas 6-7).

Eduardo Augusto Allen desempenhou os cargos de bibliotecário e depois director da Biblioteca Pública do Porto, tendo sido o primeiro director do Museu Municipal, cuja colecção havia sido adquirida ao seu pai, João Allen. No campo da investigação, dedicou-se especialmente à Numismática sueva e visigoda, com uma excepção de um sarcófago romano. Foi correspondente de Hübner, tendo sido um importante colaborador do sábio alemão, uma vez que este epigrafista denominou-o de amigo no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Contudo, o seu nome não surge associado a nenhum monumento epigráfico. O seu contributo centrou-se na ajuda que terá prestado ao erudito germânico, quando este esteve o Porto (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 124-127, de 01/02/1868-01/12/1888; *CIL* II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, p. 332; Cardozo, 1947, p. 129, nota 1; Oliveira, 1993, p. 14, n.ºs 22-25; Almeida, 2006-2007, p. 41, nota 32, pp. 48-50; Guerra, 2014, p. 227; Tabela 6. Cf. Tabela 7).

Alfredo de Andrade foi um pintor e arquitecto português, com um gosto pela Arqueologia, que se fixou em Génova, Itália, país onde restaurou vários monumentos. O seu nome, ainda que conhecido apenas como “Andrade”, surge associado a um marco miliário latino da Mealhada, cujo desenho enviou ao erudito germânico, no período em que se correspondeu com Hübner, no ano de 1880 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 13-14, de 23/06/1880 a 07/08/1880; Costa, 1995; Tabelas 6-7).

José Joaquim da Silva Pereira Caldas foi já abordado no capítulo 5.1.3, pelo que aqui apenas nos cingimos às suas referências no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Não contribuiu para as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. O investigador português editou em 1853 um trabalho sobre Caldas de Vizela, onde inseriu três inscrições latinas desta zona, entre as quais uma inédita, assim como outras duas romanas de outras localidades. Este opúsculo adquiriu importância nos estudos epigráficos do período romano daquela região do distrito de Braga, pelo que o sábio alemão citou-o e é nesta condição que o autor está presente na obra magna. O erudito germânico indicou também no seu livro que conheceu José Pereira Caldas e que ambos procuraram, em vão, o monumento epigráfico politeio de Caldas de Vizela – *CIL* II 2407 –, quando esteve em Portugal pela primeira vez. Foi decerto por este acompanhamento que o português obteve a honra de ser cognominado de amigo no *Corpus*. É-nos difícil analisar a relação entre ambos neste período, pois a correspondência à qual tivemos acesso se inicia somente em 1881 (SMS,

Cartas a Emílio Hübner, vol. II, Mss. 75-87, de 02/12/1881 a 05/06/1900; Caldas, 1853; *CIL* II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, p. 337; Oliveira, 1993, pp. 40-42, n.ºs 333-368A; Guerra, 2014, p. 226; Tabelas 6-7. Cfr. Tabela 8. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.1.6).

Manuel Bernardo Lopes Fernandes era sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, dedicando-se especialmente à Numismática. Não conhecemos documentação epistolar deste investigador enviada a Hübner. Contudo, as informações transmitidas pelo sábio alemão no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II revelam contactos, que podem ter ocorrido durante a estadia deste autor em Lisboa, no ano de 1861. Por esta razão, incluímos o numismata no nosso estudo. Lopes Fernandes surge não como autor, mas como intermediário de dados, facilitando descrições de três epígrafes latinas da área de Sintra, além da supracitada inscrição romana de Loulé (*CIL* II, p. 24; Hübner, 1871b, p. 7; Oliveira, 1993, p. 74, n.º 778; Tabela 7. Cfr. Tabela 6).

Sebastião Estácio da Veiga foi uma personalidade importante para a Arqueologia portuguesa, principalmente no Sul do país. O seu interesse pelos vestígios do passado teria uma origem na sua própria linhagem, pois era descendente do autor humanista Gaspar Estação. Tendo nascido em Tavira, no seio de uma família da nobreza rural do Algarve, era natural que detivesse uma preferência por estas regiões. Assim, nos anos de 1856-1857 e 1865-1866 concretizou pesquisas na área de Tavira, editando os resultados da segunda campanha no opúsculo *Povos Balsenses* (Veiga, 1866). Entre 1867 e 1875, Sebastião Estácio da Veiga ocupou o cargo de Oficial dos Correios e Postas do Reino, em Mafra. Aqui, efectuou várias investigações, cujos resultados apresentou à Academia Real das Ciências de Lisboa e publicou em 1879. Entretanto, em 1873, tornou-se sócio da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, saindo em 1875, ano em que o seu nome foi proposto para sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, sendo eleito em 1876. Durante este ano estudou a Tábua de Bronze de Aljustrel. Devido às boas relações que possuía com Augusto Soromenho, trabalharam conjuntamente o monumento latino, que este se apressou a editar, causando algum mal-estar no estudioso algarvio. Soromenho, para concretizar a sua análise, pediu ajuda a Hübner (Veiga, 1866; Soromenho, 1876; Veiga, 1879; Veiga, 1880b; Veiga, 1996; Cardoso, 2007a, pp. 294-295, 298-301, 364-368, 377-379; Cardoso, 2007b, pp. 17-22; Fabião, 2011, pp. 139-142; Guerra, 2014, pp. 222-225, 227-229).

O ano de 1876 marcou o início da viragem nas actividades de Sebastião Estácio da Veiga. As cheias do rio Guadiana, ocorridas neste ano, colocaram à vista muitos sítios arqueológicos e o estado português decidiu intervir, no sentido de registar as

descobertas. Foi então nomeado, em 1877, o autor algarvio como responsável pela investigação, com o objectivo de concretizar o levantamento dos vários sítios arqueológicos. Ficou ainda incumbido de realizar a *Carta Archeologica do Algarve*, que incluía a recolha dos materiais e a sua exposição num museu. Este projecto foi iniciado em 1880, quando terminou as pesquisas no Baixo Guadiana, no âmbito das quais redigiu um *Relatório* e o livro *Memoria das Antiguidades de Mertola*. O Museu Archeologico do Algarve foi aberto ao público pela primeira vez na Academia Real das Belas-Artes de Lisboa. Sebastião Estácio da Veiga editou os resultados das suas investigações na obra *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, em quatro volumes, entre 1886 e 1891, ano da sua morte. Permaneceu um quinto tomo em manuscrito, que foi recentemente publicado (Veiga, 1880a; Veiga, 1886-1891; Veiga, 2005²; Veiga, 2006; Cardoso, 2007a, pp. 296-298, 301-363, 369-516; Cardoso, 2007b, pp. 19-21, 23-70; Fabião, 2011, pp. 142-150; Guerra, 2014, pp. 227-229).

Como indicámos *supra*, Sebastião Estácio da Veiga efectuou pesquisas arqueológicas no Algarve em 1856-1857 e em 1865-1866. Em cada campanha descobriu duas inscrições latinas de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), portanto num total de quatro, sendo uma em grego. As epígrafes romanas identificadas na segunda expedição foram publicadas no seu estudo *Povos Balsenses*, que como mencionámos *supra* foi remetido ao sábio alemão por Augusto Soromenho. As informações que possuímos relativas aos monumentos epigráficos do período romano descobertos na primeira campanha, assim como de outras inscrições latinas de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira) e *Ossonoba* (Faro) editadas no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, e transmitidas, por exemplo, neste mesmo livro, mostram-nos as relações entre o arqueólogo algarvio e o erudito germânico. Sebastião Estácio da Veiga forneceu os textos e as descrições das epígrafes a Hübnér. Este, tendo estudado o monumento em língua grega, permitiu àquele a inclusão do seu texto no opúsculo *Povos Balsenses*. Neste trabalho, o autor registou ainda a releitura do outro monumento romano descoberto em 1856. O investigador algarvio enviou ainda ao erudito germânico uma inscrição paleocristã também de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), que este incluiu nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. Desconhecemos a localização, ou a existência actual, da correspondência trocada entre os dois investigadores. Apenas se guarda no Museu Nacional de Arqueologia o que aparenta ser uma cópia de uma carta escrita por Estácio da Veiga e endereçada ao sábio alemão. Todavia, os dados aludidos *supra* neste parágrafo autorizam a considerar um contacto, que deve

inclusivamente ter sido presencial (MNA, *Sebastião Estácio da Veiga*, Cx. 5, Pasta *Sebastião Estácio da Veiga*, VI - *Minutas de Cartas e Offícios*; *CIL* II, pp. 3-4, 691; *CIL* II – S 5171; Veiga, 1866; Hübner, 1871b, pp. 32-34; Pereira, 1974-1977, p. 244, nota 6; Dias, Gaspar & Mota, 2001, pp. 23-26; Cardoso, 2007a, pp. 300-301; Cardoso, 2007b, pp. 17-18; Fabião, 2011, pp. 139-141; Guerra, 2014, pp. 227-229; Tabelas 7-8. Cfr. Tabela 6).

António Joaquim Moreira e Levy Maria Jordão foram abordados *supra* no capítulo da Academia Real das Ciências de Lisboa. Moreira talvez não tenha tido contacto com o sábio alemão e este citou-o através de Canais de Figueiredo e Jordão, assim como talvez por Gama Xaro. Incluímos o autor na nossa tabela do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, porque o seu manuscrito apresenta a data de 1864, ainda que a compilação tenha começado vários anos antes. Por esta razão cronológica, excluímos a obra de Levy Maria Jordão, uma vez que foi publicado em 1859. Contudo, este nome aparece no nosso quadro e os dados transmitidos nesses lugares específicos do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II são um pouco desconcertantes, na medida em que contrariam as outras indicações patentes nessa mesma obra, tal como a posição do português quanto ao erudito germânico. Levy Maria Jordão forneceu-lhe os textos de três inscrições latinas do *ager Olisiponensis* e de Santarém, sendo que apenas uma epígrafe foi posteriormente corrigida. O contacto terá sido possivelmente presencial, não existindo correspondência na Sociedade Martins Sarmento (*CIL* II, *passim*; Guerra, 2014, pp. 219-220; Tabela 7. Cfr. Tabela 6. *Vide* capítulo 5.1.3).

Quanto aos investigadores estrangeiros, destacamos apenas um: Wilhelm Gurlitt, arqueólogo alemão, o qual, após ter terminado o seu doutoramento, viajou por vários países do Sul da Europa, inclusivamente por Portugal, no Outono de 1867. No território lusitano, procedeu a investigações epigráficas, tendo comunicado a Hübner os resultados, que implicaram a releitura de várias inscrições latinas. Estas correcções figuraram nos *Addenda et Corrigenda*, o que corrobora a datação de 1866 do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II referenciada *supra*. O capítulo relativo aos *Instrumenta Domestica* teria sido terminado em 1867, uma vez que Gurlitt remeteu ao seu compatriota o texto inscrito num fragmento de cerâmica do período romano de Caldas de Vizela – *CIL* II 4967.43 –. O contributo do arqueólogo alemão situa-se geograficamente no Norte e Centro do país, tendo fornecido alguns dados do trabalho inacabado de José de Oliveira Berardo, quer em termos de epígrafes romanas, quer de um monumento epigráfico paleocristão, como se indicou *supra*. Seria interessante

verificar se existe correspondência trocada com Hübner na *Staatsbibliothek* de Berlim, e estudar essa eventual documentação (*CIL* II, pp. 695; http://www.biographien.ac.at/oeb1_2/109.pdf; Tabelas 7-8).

João Rafael de Lemos exerceu cargos públicos em Évora, especificamente o de reitor do Liceu de Évora, administrador deste concelho e bibliotecário interino da Biblioteca Pública da localidade. Foi nesta última qualidade que prestou um contributo às investigações de Hübner, garantindo o acesso à documentação de Frei Manuel do Cenáculo guardada na instituição. Todavia, foi apenas citado nas *Noticias Archeologicas de Portugal* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 145-146, de 1861; Hübner, 1871b, p. 38; <http://www.evora.net/bpe/cronologia.htm>; Tabela 6).

Antero Albano da Silveira Pinto foi primeiro bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto. A missiva existente na Sociedade Martins Sarmiento é um documento oficial da instituição portuense e tem como objectivo agradecer a oferta do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II à biblioteca. Esta oferta relacionar-se-á decerto com o apoio que a instituição terá concedido a Hübner nas suas investigações para esta obra. Como observámos *supra*, Eduardo Augusto Allen, também inicialmente bibliotecário e depois director, contribuiu de forma significativa para o trabalho do sábio alemão, ao ponto de ser considerado seu amigo (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 116, de 03/03/1870; *CIL* II, pp. XXV-XXVI, n.º 88, p. 332; Guerra, 2014, p. 227; Tabela 6).

5.2.1.2 EE I, EE II, IBC, EE IIIb, EE IV, CIL II – S

Na década de 1870 e início da seguinte, Hübner publicou vários *Additamenta* nos quatro volumes do periódico *Ephemeris Epigraphica*, tendo depois reunido a informação dispersa no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Incluiu igualmente uma epígrafe paleocristã de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) no *Inscriptiones Britanniae Christianae*. Deste modo, consideramos esta produção como pertencente à segunda fase da investigação epigráfica do sábio alemão, relativa ao território peninsular. Nas Tabelas 9 a 14, sintetizamos os autores citados pelo erudito germânico nestas obras (Tabelas 9-14).

<i>Ephemeris Epigraphica</i> I			
<i>Collippo</i>			
139	Augusto Soromenho		
<i>Caetobriga</i>			
291	Augusto Soromenho		

<i>Scallabis</i>			
292, <i>CIL</i> II 326, ad. 326	Augusto Soromenho		

Tabela 9: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da *EE* I

<i>Ephemeris Epigraphica II</i>			
<i>Ossonoba</i>			
301	Augusto Soromenho		
<i>Balsa</i>			
302	Augusto Soromenho		
<i>Pax Iulia</i>			
303	Augusto Soromenho		
<i>Olisipo</i>			
304	Sebastião Estácio da Veiga	Augusto Soromenho	
<i>Collippo</i>			
305	Augusto Soromenho		
306	Augusto Soromenho		
<i>Conuentus Bracaraugustanus</i>			
Ad. 2395	Eduardo Augusto Allen		
318	Eduardo Augusto Allen	Aureliano Fernández-Guerra	

Tabela 10: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da *EE* II

<i>Inscriptiones Britanniae Christianae</i>			
<i>Conimbriga</i>			
p. 1*, n.º 1	Joaquim de Vasconcelos		

Tabela 11: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração dos *Additamenta* do *IHC*, no *IBC*

<i>Ephemeris Epigraphica IIIb</i>			
<i>Metallum Vipascense</i>			
pp. 165-189	Augusto Soromenho		

Tabela 12: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da *EE* IIIb

<i>Ephemeris Epigraphica IV</i>			
<i>Balsa</i>			
1	Augusto Soromenho		
2	Augusto Soromenho		
3	Augusto Soromenho		
4	Augusto Soromenho		
Ad. 4990a	Victorino da Silva Araújo		
<i>Ossonoba</i>			
5	Sebastião Estácio da Veiga		
6	Sebastião Estácio da Veiga		
7	Sebastião Estácio da Veiga		
<i>Ebora</i>			
8	António Francisco Barata		
<i>Vila Viçosa</i>			

Ad. 130	Gabriel Pereira		
Ad. 131	Gabriel Pereira		
Ad. 136	Gabriel Pereira		
Ad. 138	Gabriel Pereira		
Ad. 142	Gabriel Pereira		
<i>Ammaia</i>			
Ad. 159	Francisco Rodrigues de Gusmão		
Ad. 160	Francisco Rodrigues de Gusmão		
<i>Olisipo</i>			
Ad. 185	Augusto Soromenho		
<i>Collippo</i>			
Ad. 35*	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 337	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 338	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 341	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 342	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 345	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 346	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 350	Victorino da Silva Araújo		
Ad. EE I 139	Victorino da Silva Araújo		
Ad. EE II 305	Victorino da Silva Araújo		
Ad. EE II 306	Victorino da Silva Araújo		
10	Victorino da Silva Araújo		
11	Victorino da Silva Araújo		
12	Victorino da Silva Araújo		
13	Victorino da Silva Araújo		
<i>Conimbriga</i>			
Ad. 368	Augusto Filipe Simões		
Ad. 374	Augusto Filipe Simões		
Ad. 378	Augusto Filipe Simões		
<i>Lamego</i>			
14	Augusto Soromenho		
15	Augusto Soromenho		
16	Augusto Soromenho		
<i>Conuentus Bracaraugustanus</i>			
Ad. 2374	Augusto Soromenho		
<i>Guimarães</i>			
Ad. 4796	Cesário Augusto Pinto		
<i>Viae Publicae</i>			
<i>I. Viae Lusitaniae Meridionalis</i>			
30	Augusto Soromenho		
Ad. 4639	Augusto Filipe Simões		
Ad. 4640	Augusto Filipe Simões		

Tabela 13: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da EE IV

<i>Corpus Inscriptionum Latinarum II – Supplementum</i>
<i>Inscriptiones Falsae uel Alienae</i>
<i>Collippo</i>

Ad. 35*	Victorino da Silva Araújo		
Cabo de S. Vicente			
492*	Sebastião Estácio da Veiga		
Lusitania			
Conuentus Pacensis			
I. Ossonoba			
Ad. 10	Sebastião Estácio da Veiga		
Ad. 11	António Joaquim Moreira	Manuel da Gama Xaro	Sebastião Estácio da Veiga
5134, ad. 9	Sebastião Estácio da Veiga		
5135	Sebastião Estácio da Veiga		
5136	Sebastião Estácio da Veiga		
5137	Sebastião Estácio da Veiga		
5138	Sebastião Estácio da Veiga		
5139	Sebastião Estácio da Veiga		
5140	Sebastião Estácio da Veiga	Borges de Figueiredo	
5141, EE II 301	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	
5142	Sebastião Estácio da Veiga		
5143	Sebastião Estácio da Veiga		
5144	Sebastião Estácio da Veiga		
5145	Sebastião Estácio da Veiga		
5146	Sebastião Estácio da Veiga		
5147	Sebastião Estácio da Veiga		
5148	Sebastião Estácio da Veiga		
5149, EE IV 6	Sebastião Estácio da Veiga		
5150	Sebastião Estácio da Veiga		
5151	Sebastião Estácio da Veiga		
5152	Sebastião Estácio da Veiga		
5153	Sebastião Estácio da Veiga		
5154	Sebastião Estácio da Veiga		
5155	Sebastião Estácio da Veiga		
5156	Sebastião Estácio da Veiga		
5157	Sebastião Estácio da Veiga		
5159	Sebastião Estácio da Veiga		
5160	Sebastião Estácio da Veiga		
II. Balsa			
Ad. 13	Sebastião Estácio da Veiga		
5161, ad. 4989	Francisco Rafael da Paz Furtado	Sebastião Estácio da Veiga	Augusto Soromenho
	Borges de Figueiredo		
5163, ad. 4990a	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	Augusto Teixeira de Aragão
	Victorino da Silva Araújo		
5164	Sebastião Estácio da Veiga		
5165, EE IV 1	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da	

		Veiga	
5166, <i>EE</i> IV 2	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	
5167, <i>EE</i> IV 3	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	
5168	Sebastião Estácio da Veiga		
5169, <i>EE</i> IV 4	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	
5170	Sebastião Estácio da Veiga		
5171	Sebastião Estácio da Veiga		
5172	Sebastião Estácio da Veiga		
5173	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	Augusto Teixeira de Aragão
5174	Sebastião Estácio da Veiga		
5175	Sebastião Estácio da Veiga		
5176	Sebastião Estácio da Veiga		
5177	Sebastião Estácio da Veiga		
III. Myrtilis			
5178	Sebastião Estácio da Veiga		
5179	Sebastião Estácio da Veiga		
5180	Borges de Figueiredo		
IIIa. Metallum Vipascense			
5181, <i>EE</i> IIIb, pp. 165-189	Augusto Soromenho	Sebastião Estácio da Veiga	
V. Salacia			
5182	Borges de Figueiredo		
5183	Borges de Figueiredo		
VI. Caetobriga			
5184, <i>EE</i> I 291	Augusto Soromenho		
VII. Pax Iulia			
5185, ad. 46	Borges de Figueiredo		
5186, ad. 59	Borges de Figueiredo		
5187, <i>EE</i> II 303	Augusto Soromenho		
5188	Borges de Figueiredo		
Ad. 58	Borges de Figueiredo		
VIII. Ebora			
5189, ad. 122	Gabriel Pereira	Borges de Figueiredo	
5190	Augusto Filipe Simões	Gabriel Pereira	
5191	Gabriel Pereira		
5192	Gabriel Pereira		

5193	Gabriel Pereira		
5194	Gabriel Pereira		
5195	Gabriel Pereira		
5196	Gabriel Pereira		
5197	Augusto Filipe Simões	Gabriel Pereira	
5198	Gabriel Pereira		
5199	Gabriel Pereira		
5200, EE IV 8	António Francisco Barata	Gabriel Pereira	
6263	Gabriel Pereira	António Francisco Barata	Borges de Figueiredo
6264	Gabriel Pereira	António Francisco Barata	Borges de Figueiredo
IX. Vila Viçosa			
5201, ad. 140	Joaquim José da Rocha Espanca		
5202	Joaquim José da Rocha Espanca		
5203	Joaquim José da Rocha Espanca		
5204	Joaquim José da Rocha Espanca		
5205	Joaquim José da Rocha Espanca		
5206	Joaquim José da Rocha Espanca		
5207	Joaquim José da Rocha Espanca		
5208	Joaquim José da Rocha Espanca		
5209	Joaquim José da Rocha Espanca		
5211	Joaquim José da Rocha Espanca		
6265	Leite de Vasconcelos		
6265a	Leite de Vasconcelos		
6266	Leite de Vasconcelos		
6267	Leite de Vasconcelos		
6267a	Leite de Vasconcelos		
6267b	Leite de Vasconcelos		
6268	Leite de Vasconcelos		
6269	Leite de Vasconcelos		
6269a	Leite de Vasconcelos		
6269b	Leite de Vasconcelos		
6269c	Leite de Vasconcelos		
6329	Leite de Vasconcelos		
6330	Leite de Vasconcelos		
6331	Leite de Vasconcelos		
6332	Leite de Vasconcelos		
6333	Leite de Vasconcelos		
6334	Leite de Vasconcelos		
6335	Leite de Vasconcelos		
6336	Leite de Vasconcelos		
X. Elvas			
5212	Francisco Rafael da Paz Furtado	Borges de Figueiredo	
5213	Francisco Rafael da Paz Furtado	Borges de Figueiredo	
5214	Francisco Rafael da Paz Furtado	Borges de Figueiredo	
5215	Francisco Rafael da Paz Furtado		
XI. Ammaia			
Ad. 158	?		

Ad. 159, <i>EE IV</i> , p. 9	Francisco Rodrigues de Gusmão		
Ad. 160, <i>EE IV</i> , p. 9	Francisco Rodrigues de Gusmão		
<i>Conuentus Scallabitanus</i>			
XIII. Olisipo			
Ad. 220	Borges de Figueiredo		
Ad. 318	Sebastião Estácio da Veiga		
Ad. 320	Sebastião Estácio da Veiga		
5217, ad. 185, <i>EE IV</i> , p. 9	Augusto Soromenho		
5219, ad. 206	Borges de Figueiredo	Augusto Mendes Simões de Castro	Joaquim de Vasconcelos
5221, ad. 4992, <i>EE IV</i> , p. 10	António Joaquim Moreira		
5222, ad. 5100	Sebastião Estácio da Veiga		
5223, <i>EE II</i> 304	Sebastião Estácio da Veiga		
5224	Sebastião Estácio da Veiga		
5228	Sebastião Estácio da Veiga		
6270	Borges de Figueiredo		
XIV. Scallabis			
Ad. 332	Joaquim Possidónio da Silva		
5229, ad. 326, <i>EE I</i> 292	Augusto Soromenho	Wilhelm Gurlitt	
6271	Borges de Figueiredo		
XV. Collippo			
Ad. 337	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 341	Alfredo de Andrade	Victorino da Silva Araújo	
Ad. 342	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 345	Alfredo de Andrade	Victorino da Silva Araújo	
Ad. 346	Victorino da Silva Araújo		
Ad. 352	Alfredo de Andrade		
5230, ad. 338, <i>EE IV</i> , p.11	Victorino da Silva Araújo		
5231, ad. 350, <i>EE IV</i> , p. 11	Victorino da Silva Araújo		
5232, <i>EE I</i> 139	Augusto Soromenho	Victorino da Silva Araújo	
5233, <i>EE IV</i> 10	Victorino da Silva Araújo		
5234, <i>EE IV</i> 11	Victorino da Silva Araújo		
5235, <i>EE IV</i> 12	Victorino da Silva Araújo		

5236, <i>EE</i> IV 13	Victorino da Silva Araújo		
5237, <i>EE</i> II 305	Augusto Soromenho	Victorino da Silva Araújo	
5238, <i>EE</i> II 306	Augusto Soromenho	Victorino da Silva Araújo	José Calado
6272	José Calado		
Ad. 347	José Calado		
6273	José Calado		
6274	José Calado		
XVI. Conimbriga et Aeminium			
Ad. 368, <i>EE</i> IV, p. 12	Augusto Filipe Simões	Borges de Figueiredo	
Ad. 369	Borges de Figueiredo		
Ad. 370	Borges de Figueiredo		
Ad. 371	Borges de Figueiredo		
Ad. 374, <i>EE</i> IV, p. 12	Augusto Filipe Simões	Borges de Figueiredo	
Ad. 380	Borges de Figueiredo		
Ad. 381	Borges de Figueiredo		
Ad. 382	Borges de Figueiredo		
Ad. 391	Borges de Figueiredo		
Ad. 394, ad. 394	António Joaquim Moreira	Augusto Filipe Simões	Borges de Figueiredo
Ad. 395	Augusto Mendes Simões de Castro		
5239, ad. 5239	Augusto Mendes Simões de Castro	Joaquim de Vasconcelos	Borges de Figueiredo
5240	Borges de Figueiredo		
5241	Augusto Filipe Simões	Borges de Figueiredo	
5242	Augusto Filipe Simões	Borges de Figueiredo	
5243, ad. 5243	Borges de Figueiredo		
5244	Borges de Figueiredo		
6275	Borges de Figueiredo		
6275a	Borges de Figueiredo		
6275b	Borges de Figueiredo		
XVII. Bobadela			
Ad. 397	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 398	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 399	Francisco Martins Sarmento		
5245	Francisco Martins Sarmento		
XVIII. Visaeum			
5246	Borges de Figueiredo		
5247	Sá Vilela	Borges de Figueiredo	
XVIIIa. Lamego			
5248	Francisco Martins Sarmento		

5249	Borges de Figueiredo		
5250	Borges de Figueiredo		
5251, <i>EE</i> IV 14	Augusto Soromenho		
5252	Borges de Figueiredo		
5253	Francisco Martins Sarmento		
5254	Francisco Martins Sarmento	Borges de Figueiredo	
5255	Francisco Martins Sarmento	Borges de Figueiredo	
5256, <i>EE</i> IV 15	Augusto Soromenho		
5257, <i>EE</i> IV 16	Augusto Soromenho		
<i>Tarraconensis</i>			
<i>Prouincia Asturia et Gallaecia</i>			
<i>Conuentus Bracaraugustanus</i>			
<i>I. Oppida Varia</i>			
Ad. 2377	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 2380, ad. 2380	António Joaquim Moreira	Borges de Figueiredo	
5551, ad. 2374, <i>EE</i> IV, p. 15	António Joaquim Moreira	Augusto Soromenho	Alfredo de Andrade
	Francisco Martins Sarmento		
5552, ad. 2375	Francisco Martins Sarmento		
5553	Francisco Martins Sarmento	Leite de Vasconcelos	
5554	Francisco Martins Sarmento		
5555	Francisco Martins Sarmento		
5556, <i>EE</i> II 318	Eduardo Augusto Allen	Aureliano Fernández-Guerra	Francisco Martins Sarmento
6287	Francisco Martins Sarmento		
6289	Francisco Martins Sarmento		
6290	Francisco Martins Sarmento		
6338f	Francisco Martins Sarmento		
<i>II. Caldas de Vizela prope Guimarães</i>			
Ad. 2402	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 2404	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 2405	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 2406	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 2407	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 2408	Francisco Martins Sarmento		
5557, ad. 2385	Francisco Martins Sarmento		
5558, ad. 2403	Francisco Martins Sarmento		
5559, ad. 2410	Francisco Martins Sarmento		
5560, ad. 4796	Cesário Augusto Pinto	José Pereira Caldas	Francisco Martins Sarmento
5561	Francisco Martins Sarmento		

5562	Francisco Martins Sarmento		
5563	Francisco Martins Sarmento		
5564	Francisco Martins Sarmento		
5565	Francisco Martins Sarmento		
5566	Francisco Martins Sarmento		
5567	Francisco Martins Sarmento		
5568	Francisco Martins Sarmento		
5569	Francisco Martins Sarmento		
5570	Francisco Martins Sarmento	Leite de Vasconcelos	
5571	Francisco Martins Sarmento		
5572, ad. 2457	Francisco Martins Sarmento		
5573	Leite de Vasconcelos		
5574	Leite de Vasconcelos		
5575	Leite de Vasconcelos		
5576	Leite de Vasconcelos		
5577	Leite de Vasconcelos		
5578	Leite de Vasconcelos		
5579	Leite de Vasconcelos		
5580	Francisco Martins Sarmento		
5581	Francisco Martins Sarmento		
5582	Francisco Martins Sarmento		
5583	Francisco Martins Sarmento		
5584	Francisco Martins Sarmento		
5585	Francisco Martins Sarmento		
6288	Francisco Martins Sarmento		
6291	Francisco Martins Sarmento		
IIa. Citânia			
5586	Francisco Martins Sarmento		
5587	Francisco Martins Sarmento	Augusto Teixeira de Aragão	
5588	Francisco Martins Sarmento		
5589	Francisco Martins Sarmento	Augusto Teixeira de Aragão	
5590	Francisco Martins Sarmento		
5591	Francisco Martins Sarmento		
5592	Francisco Martins Sarmento		
5593	Francisco Martins Sarmento		
5594	Francisco Martins Sarmento		
5595	Francisco Martins Sarmento	Augusto Teixeira de Aragão	
5596	Francisco Martins Sarmento		
5597	Francisco Martins Sarmento	Augusto Teixeira de Aragão	
5598	Francisco Martins Sarmento	Augusto Teixeira de Aragão	
5600	Francisco Martins Sarmento		
5601	Francisco Martins Sarmento	Augusto Teixeira de	

		Aragão	
5602	Francisco Martins Sarmento		
5603	Francisco Martins Sarmento		
5604	Francisco Martins Sarmento		
5605	Francisco Martins Sarmento		
5606	Francisco Martins Sarmento		
5607	Francisco Martins Sarmento		
5608	Francisco Martins Sarmento		
III. Bracara Augusta			
Ad. 2421	José Pereira Caldas		
5610, ad. 5610	António Joaquim Moreira	Borges de Figueiredo	
IV. Viana			
5611, ad. 2462	Juan de Dios de la Rada y Delgado	Aureliano Fernández-Guerra	Joaquim Possidónio da Silva
	Luís de Figueiredo da Guerra		
V. Aquae Flaviae			
Ad. 2473	António Joaquim Moreira		
5616, ad. 2477, EE IV, p. 16	António Joaquim Moreira	Borges de Figueiredo	
5617, ad. 2479	António Joaquim Moreira		
VI. Bragança			
5619	Borges de Figueiredo	José Henriques Pinheiro	
5620	Borges de Figueiredo		
VII. Limici			
5623, ad. 5623	António Joaquim Moreira	Borges de Figueiredo	
5624	Francisco Martins Sarmento		
Conuentus Asturum			
Iª. Zoelae (?)			
Ad. 2606	Borges de Figueiredo		
5651, ad. 2607	António Joaquim Moreira	Alfredo de Andrade	Borges de Figueiredo
	Francisco Martins Sarmento	José Henriques Pinheiro	
5652	Alfredo de Andrade	Borges de Figueiredo	José Henriques Pinheiro
5653	Borges de Figueiredo	Francisco Martins Sarmento	José Henriques Pinheiro
5654	Borges de Figueiredo	Francisco Martins Sarmento	José Henriques Pinheiro
5655	Borges de Figueiredo	Francisco Martins Sarmento	José Henriques Pinheiro
5656	Francisco Martins Sarmento		
5657	Leite de Vasconcelos	Borges de Figueiredo	
5658	Leite de Vasconcelos	Borges de Figueiredo	
5659	Leite de Vasconcelos	Borges de Figueiredo	
5660	Leite de Vasconcelos	Borges de Figueiredo	
5661	Leite de Vasconcelos	Borges de Figueiredo	
6293	José Henriques Pinheiro		
Viae Publicae			
Viae Lusitaniae			

I. Viae Lusitania Meridionalis			
Ad. 4639	Augusto Filipe Simões	Borges de Figueiredo	
Ad. 4640	Augusto Filipe Simões		
6199, EE IV 30	Augusto Soromenho		
Viae Tarraconensis			
I. Via Bracara Olisiponem			
Ad. 4735, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4736, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4737, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4738, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4739, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4740, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4744, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4745, 6343c	Francisco Martins Sarmento		
6209, ad. 4742	Augusto Soromenho	Francisco Martins Sarmento	
6210	Francisco Martins Sarmento		
6212	Augusto Soromenho	Francisco Martins Sarmento	
6213	Francisco Martins Sarmento		
6343d	Francisco Martins Sarmento		
IV. Via Bracara Asturicam Altera			
6214	Francisco Martins Sarmento		
6215	Francisco Martins Sarmento	José Henriques Pinheiro	
6216	Francisco Martins Sarmento	Borges de Figueiredo	José Henriques Pinheiro
6217	José Henriques Pinheiro		
VI. Via Bracara Asturicam Quarta			
6225, ad. 4744	Francisco Martins Sarmento		
6226	Francisco Martins Sarmento		
6227	Francisco Martins Sarmento		
6228	Francisco Martins Sarmento		
Instrumentum Domesticum			
V. Auro Argento Aeri Plumbo Inscripta			
6249.2	Francisco Martins Sarmento		
6249.3	Sebastião Estácio da Veiga		
IX. Amphorae Lucernae Vascula Varia			
A. Amphorae			
6254.23	Francisco Martins Sarmento		
6254.40	Francisco Martins Sarmento		
6254.41	Francisco Martins Sarmento		
B. Lucernae			

II	Sebastião Estácio da Veiga		
IV	Augusto Teixeira de Aragão		
6256.16	Augusto Teixeira de Aragão		
6256.35	Augusto Teixeira de Aragão		
6256.55	Francisco Martins Sarmento		
C. Vascula Varia			
Ad. 4970.18b	Francisco Martins Sarmento		
Ad. 4970.243g	Francisco Martins Sarmento		
6257.2	Francisco Martins Sarmento		
6257.6	Francisco Martins Sarmento		
6257.8	Francisco Martins Sarmento		
6257.39	Francisco Martins Sarmento		
6257.46	Francisco Martins Sarmento		
6257.47	Francisco Martins Sarmento		
6257.61	Francisco Martins Sarmento		
6257.85	Francisco Martins Sarmento		
6257.111	Francisco Martins Sarmento		
6257.183	Francisco Martins Sarmento		
XII. Anuli et Gemmae			
II	Sebastião Estácio da Veiga		

Tabela 14: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do *CIL* II – S

Como é natural, os repositórios epigráficos necessitam de uma permanente actualização, aspecto que foi rapidamente apreendido e resolvido pelo autor do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Os primeiros *Additamenta* a essa obra foram editados no volume I da *Ephemeris Epigraphica*, em 1872, apenas três anos depois. Nesta publicação periódica constatamos que ocorre um único nome de uma individualidade portuguesa, o correspondente de Hübner, Augusto Soromenho. O investigador português proporcionou documentação relevante, enviando o decalque da inscrição de Ónias, Santarém, com o qual se corrigiam as lições do *Corpus* – *CIL* II 326, ad. 326 = *EE* I 292 – em que ele próprio foi citado. Quanto a *Collippo* (S. Sebastião do Freixo) e *Caetobriga* (Setúbal), áreas geográficas que não havia trabalhado antes, a aquisição das informações deve-se certamente ao facto de Soromenho ser nesta altura uma personalidade importante no meio científico lusitano, enquanto sócio efectivo, desde o ano de 1870, da Academia Real das Ciências de Lisboa e professor no Curso Superior de Letras. Em *Caetobriga* (Setúbal), talvez substituindo na correspondência o recém-falecido Manuel da Gama Xaro, forneceu ao sábio alemão uma descrição de uma epígrafe descoberta em Dezembro de 1871. Estes factos demonstram bem a importância do investigador português e da Academia das Ciências no âmbito da correspondência do

erudito germânico (SMS, *Cartas a Emílio Hübnér*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877; Guerra, 2014, pp. 220-225; Tabelas 6-7, 9).

O facto de todas as novidades resultarem apenas da colaboração de uma pessoa explica-se pela morte de vários estudiosos, tradicionais colaboradores de Hübnér, nomeadamente José de Oliveira Berardo, falecido em 1862, António Joaquim Moreira em 1865 e Manuel da Gama Xaro em 1870; pelo *terminus* da viagem de Gurlitt; mas também pelo escasso interesse e preparação do meio científico nesse domínio especializado. Refira-se, por exemplo, que Levy Maria Jordão não publicou outro trabalho de natureza epigráfica após 1859 (Jordão, 1859; http://www.biographien.ac.at/oeb1_2/109.pdf; Tabelas 6-7, 9. *Vide* capítulo 5.1.3). A referência a Gurlitt no *Supplementum* constituiu uma repetição da informação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (Tabelas 7, 14).

Nos *Additamenta* publicados no volume II da *Ephemeris Epigraphica*, de 1875, permanece Augusto Soromenho como o mais numeroso fornecedor de dados, alargando o âmbito geográfico às *ciuitates* de *Ossonoba* (Faro) e *Pax Iulia* (Beja) e prosseguindo nas *ciuitates* de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), *Olisipo* (Lisboa) e *Collippo* (S. Sebastião do Freixo). O autor português remeteu descrições, imagens e decalques de inscrições que ele próprio realizou ou fornecidos por colaboradores seus. Hübnér considerou que alguns destes possuíam falhas, o que é também revelador da limitada perícia epigráfica dos contactos do seu correspondente, e do próprio Soromenho, na medida em que não corrigiu o que lhe fora enviado. Contudo, o sábio alemão foi sempre muito discreto nas críticas, mantendo boas relações, que não se limitaram ao domínio científico, mas se estenderam inclusivamente ao campo pessoal (SMS, *Cartas a Emílio Hübnér*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877; Guerra, 2014, pp. 220-225; Tabelas 6-7, 9-10).

No volume III da *Ephemeris Epigraphica*, de 1877, Augusto Soromenho foi referenciado no âmbito do estudo de Hübnér, com anotações de Mommsen, sobre a Tábua de bronze de Aljustrel. Como indicámos *supra*, o investigador português estudou a inscrição em conjunto com Sebastião Estácio da Veiga, obteve ajuda do sábio alemão e editou-a. Forneceu o texto e uma reprodução ao seu correspondente germânico, que um ano depois publicou a sua análise no periódico alemão (SMS, *Cartas a Emílio Hübnér*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877; Soromenho, 1876; *EE* IIIb, pp. 165-189; Veiga, 1880b; Cardoso, 2007a, pp. 299, 377-379; Cardoso, 2007b, p. 22; Guerra, 2014, pp. 222-225, 227-229; Tabela 6; Tabela 12).

O falecimento de Augusto Soromenho em 1878 pôs termo a uma colaboração abundante e muito frutuosa para Hübner. Prova disto são as numerosas referências, em número destacado em relação aos outros correspondentes, colaboradores e autores, que o sábio alemão efectuou nas suas obras e que se podem observar nas Tabelas 7, 9-10, 12. Também no volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, de 1881, se manteve essa superioridade do contributo de Soromenho, mas apenas no âmbito dos correspondentes. Este enviou descrições de várias epígrafes, que o próprio realizou ou fornecidos por cooperantes seus. Este aspecto mostra-nos o relevante papel de intermediário, que o académico português desempenhou, estabelecendo uma ligação entre os seus compatriotas e o erudito germânico, já apontado *supra*. Augusto Soromenho manteve a investigação nas mesmas regiões que anteriormente, *Balsa* Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), *Olisipo* (Lisboa) e *conuentus Bracaraugustanus*, alargando as suas pesquisas à área de Lamego, que havia visitado em 1876. Segundo a missiva de 29 de Abril de 1876, o historiador luso tinha viajado pelo Minho e pelas Beiras, recolhendo textos epigráficos e relendo a inscrição do *conuentus Bracaraugustanus* CIL II 2374, cuja lição também permaneceu registada neste volume IV da *Ephemeris Epigraphica* – CIL II 2374 = EE IV ad. 2374 – (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877, nomeadamente Ms. 56, de 29/04/1876; Guerra, 2014, pp. 220-225; Tabelas 6-7, 9-10, 12-13).

No *Supplementum*, Hübner reuniu todas as inscrições encontradas desde a publicação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II em 1869, assim como actualizações de leituras e de bibliografia. Naturalmente, as informações que editou nos vários *Additamenta*, no periódico *Ephemeris Epigraphica*, foram também incorporadas (Tabelas 6-7, 9-10, 12-14). Deste modo, Augusto Soromenho foi maioritariamente citado no *Supplementum* pelos seus contributos nas obras anteriores do sábio alemão, à excepção de duas epígrafes. Uma constituiu o outro monumento epigráfico editado por Augusto Teixeira de Aragão – CIL II – S 5173 –. Como indicámos *supra*, o bibliotecário da Academia Real das Ciências de Lisboa transmitiu inicialmente o texto de apenas uma inscrição, em carta de 29 de Setembro de 1868. O erudito germânico afirmou no *Supplementum* que o seu correspondente havia remetido a segunda epígrafe, mas tal deve ter ocorrido em data posterior, que não conseguimos precisar. Na sua obra, Hübner mencionou também o trabalho de Aragão. Em 1875, conforme dados do sábio alemão, que contrariam a data de 6 de Julho de 1870 da missiva, Soromenho enviou o texto de um monumento epigráfico da Trofa – CIL II – S 6212 –. O erudito germânico não o

publicou, decerto por ter dúvidas de leitura. Por esta razão, pediu posteriormente a Martins Sarmiento que analisasse a inscrição (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877, especialmente Ms. 34, de 29/09/1868, Ms. 41, de 06/07/1870; Aragão, 1868, p. 18; Guerra, 2014, pp. 221-225; Tabelas 6-7, 9-10, 12-14. *Vide* capítulo 5.2.1.1).

Francisco Rafael da Paz Furtado, quando exerceu o cargo de notário em Elvas, nos anos compreendidos entre 1879-1881, concretizou pesquisas arqueológicas nesta região. Consequentemente, identificou quatro inscrições na cidade, que endereçou a Hübner entre 1880 e 1881. O sábio alemão incluiu-as no *Supplementum*. A outra citação no *Supplementum* corresponde a uma epígrafe de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), remetida em Abril de 1866 e já anteriormente inserida no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, de 1869, como observado *supra* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 128-132, de 11/04/1866 a 23/01/1881; Gama, 1966, pp. 24-25, nota 14; Tabelas 6-7, 14).

A importância de Eduardo Augusto Allen prosseguiu no âmbito das pesquisas bibliográficas, como no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, tendo sido por esta razão citado nos segundos *Additamenta*, no volume II da *Ephemeris Epigraphica*, repetido no *Supplementum*. Pesquisou e adquiriu um opúsculo sobre Panóias, a pedido de Hübner, e transmitiu o texto de um monumento epigráfico da zona de Vila Real, que recebeu dos seus próprios contactos. Refira-se que um destes, Luís de Bessa Correa, enviou o mesmo texto a Aureliano Fernández-Guerra, o qual, por sua vez, também o comunicou ao erudito germânico. Por esta razão, inscrevemos este arqueólogo espanhol na nossa tabela (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 124-127, de 01/02/1868 a 01/12/1888; *CIL* II, p. 332; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011, pp. 150-151, 155; Guerra, 2014, p. 227; Tabelas 6-7, 10, 14).

Joaquim António da Fonseca de Vasconcelos foi um eminente historiador de arte português e grande defensor e apreciador da obra de Hübner em Portugal, desenvolvendo uma intensa actividade cultural no Porto. Entre os dois historiadores existiria uma forte ligação, à qual não seria estranho o facto de o lusitano ter estudado e trabalhado na Alemanha. A documentação epistolar guardada na Sociedade Martins Sarmiento mostra-nos um conjunto volumoso e o mais disperso cronologicamente, abarcando 28 anos, entre 18 de Janeiro de 1871 e 6 de Janeiro de 1901. Casou com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de nacionalidade alemã, especialista em Línguas e Literaturas, nomeadamente a portuguesa. Após o casamento, em 1876, o casal

estabeleceu a sua residência no Porto. Foi a primeira mulher professora de uma universidade portuguesa, na Universidade de Coimbra, e uma das primeiras mulheres a pertencer à Academia das Ciências de Lisboa, para onde entrou em 1912. Subsiste apenas uma missiva sua endereçada ao epigrafista alemão na Sociedade Martins Sarmento, de 1898. O mesmo ocorre com o filho, Carlos Michaëlis de Vasconcelos, engenheiro, datando a epístola também de 1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 147-174, entre 18/01/1873 e 06/01/1901, Mss. 119-120, de 20/01/1898 e 21/07/1898; Rosas, 1997, pp. 229-240; Delille, 2001, pp. 33-48; Delille, [2009]; Guerra, 2014, p. 233; Leandro, 2014; <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7218>; <http://www.uc.pt/bguc/Documentos2010/FlyerJVasconcelos>; Tabela 6).

Joaquim de Vasconcelos foi citado no *Supplementum* entre os insignes colaboradores do volume, por ter fornecido bibliografia, entre outras informações, ao sábio alemão. Foi, por esta razão, citado em dois monumentos epigráficos latinos, de *Olisipo* (Lisboa) e Coimbra. A mesma cooperação havia sucedido nos *Additamenta* das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, incluído no *Inscriptiones Britanniae Christianae*, tendo proporcionado bibliografia relativa a uma inscrição paleocristã de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), descoberta em 1873 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 147-174, entre 18/01/1873 e 06/01/1901; *IBC*, p. 1*, n.º 1; *CIL* II – S, pp. LXI-LXII; Guerra, 2014, p. 233; Tabelas 6, 11, 14).

António Francisco Barata teve várias actividades profissionais ao longo da sua vida. No nosso estudo, desejamos somente referir que fora conservador da Biblioteca Pública de Évora e que se dedicara à investigação histórica e arqueológica desta cidade alentejana. Na sua obra *Miscellanea Historico-Romantica*, de 1878, inscreveu um monumento epigráfico, descoberto nos inícios da década no templo romano. Apesar de existir correspondência com Hübner deste ano e do anterior, 1877-1878, o sábio alemão tomou conhecimento e copiou a inscrição daquele livro para os *Additamenta* do volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, menção repetida no *Supplementum*. Sobre as duas inscrições que António Francisco Barata descobriu perto de S. Pedro do Corval no ano de 1889 e que editou num periódico regional, também não foram transmitidas no âmbito da correspondência trocada entre o sábio alemão e o investigador alentejano. O erudito germânico tomou conhecimento do achado através de carta de Gabriel Pereira e da notícia de Borges de Figueiredo, publicada na *Revista Archeologica* com os textos epigráficos. Consequentemente, incluiu-as no *Supplementum* (SMS, *Cartas a Emílio*

Hübner, vol. I, Mss. 16-20, entre 27/04/1877 e 05/08/1878, Mss. 133-141, entre 26/07/1879 e 06/05/1890, especialmente Ms. 140, de 10/04/1889, Mss. 75-118, entre 09/11/1885 e 29/07/1890; Barata, 1878, p. 200, nota 18; Figueiredo, 1889, pp. 87-88, 183-184; Barata, 1903; Oliveira, 1993, p. 26, n.^{os} 158-166; Rei, 2011; Marques, 2013; Tabelas 6, 13-14).

Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento foi um dos mais destacados arqueólogos portugueses. Possuidor de uma cultura rica e alargada, desejava conhecer as origens do povo português. Deste modo, dedicou-se à Etnografia, à Etnografia, ao Folclore e às Tradições Populares. A consciência da necessidade de elementos materiais caracterizadores das origens étnicas portuguesas, levou-o a efectuar trabalhos arqueológicos. Estes foram iniciados na Citânia de Briteiros, no Monte de São Romão, no ano de 1874. As escavações foram subsidiadas por si próprio na totalidade, quer nesse local, quer noutros, como no Castro de Sabroso. Martins Sarmiento defendia a tese de os Portugueses serem descendentes dos Lusitanos e que a origem destes radicava nos Lígures, povo sem ligação aos Celtas. Deste modo, contrariava a corrente celtista. As escavações em Briteiros trouxeram ao arqueólogo vimaranense o reconhecimento do meio científico nacional e internacional, entre os quais Hübner. Como leitor actualizado das descobertas arqueológicas do mundo clássico e pré-clássico dos séculos XVIII e XIX, foi um dos primeiros em Portugal a aplicar aos seus estudos arqueológicos uma metodologia científica, que tinha sido iniciada por Winckelmann em Pompeios e *Herculanum*. Martins Sarmiento dedicou-se ainda à fotografia, tornando-se num dos pioneiros da fotografia científica, de temática arqueológica, em Portugal. As escavações na Citânia de Briteiros granjearam ao arqueólogo vimaranense prestígio nacional e internacional, especialmente através de dois eventos. Em Junho de 1877, Martins Sarmiento e Albano Belino promoveram a Conferência da Citânia, na qual estiveram presentes alguns nomes do meio científico português. Em Outubro de 1880, ocorreu a excursão ao sítio arqueológico dos conferencistas da IX Sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas. Nesta, pontificavam não só importantes figuras nacionais, mas também europeias, entre as quais destacamos o alemão Virchow, que comparou o ilustre vimaranense a Schliemann. Provavelmente devido a esta projecção, assim como à qualidade do trabalho efectuado, chefiou a expedição de 1881 à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa. Em sua homenagem, no ano de 1882, um grupo de conterrâneos fundou a Sociedade Martins Sarmiento, nomeando-o sócio honorário. No seio desta instituição, a partir de 1884,

iniciou-se a publicação da *Revista de Guimarães*, com uma variada abrangência de temáticas, sem exclusividade da Arqueologia. O homenageado respondeu com a oferta sucessiva de materiais arqueológicos, oriundos das suas escavações e investigações, tal como apoio financeiro. Após a sua morte, legou património à instituição, que incluiu a sua rica biblioteca e o seu solar de Briteiros (Sarmiento, 1883-1884a, p. 106; Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1887a, pp. 1-2; Sarmiento, 1887b, p. 235; Vasconcelos, 1890e, p. 10; *CIL* II – S, p. 817; Cardozo, 1947; Cardozo, 1958; Lemos, 1985, pp. 215-294; Lemos, 1888, pp. 43-56; Lemos, 1995, pp. 117-126; Faria, 1999, pp. 9-25; Sampaio & alii, 1999, p. 14; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 171; Fabião, 2011, pp. 112-137; Brito (ed.), 2012; Lemos (ed.), 2013, pp. 32-35; Guerra, 2014, p. 230. *Vide* capítulo 4.1.2.5).

O trabalho científico de Martins Sarmiento abrangeu a Epigrafia, tendo sido pioneiro nesta área do saber, especialmente de âmbito votivo, como se analisa *supra*. O seu contributo para o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II foi extraordinário, facto perceptível não só nesta obra, onde foi claramente expresso, mas principalmente na correspondência epistolar trocada entre Hübner e o arqueólogo vimaranense, editada em 1947. A muita confiança do sábio alemão no trabalho de Martins Sarmiento induziu-o a enviar-lhe o manuscrito de parte do seu livro, como se pode ler na sua carta de 10 de Setembro de 1887. O arqueólogo vimaranense aceitou o pedido e forneceu leituras, descrições, decalques e fotografias de monumentos epigráficos, quer editados por si ou por outrem, quer inéditos, prosseguindo uma colaboração e disponibilidade manifesta, de resto, desde o início dos contactos. Tendo consciência dos erros do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II de 1869, seja por causa dos indivíduos a quem o erudito germânico requereu auxílio ou da literatura que consultou, Martins Sarmiento efectuou uma revisão de muitas lições, que remeteu ao seu correspondente. Com a mesma generosidade, endereçou-lhe muita bibliografia. A relação entre os dois foi uma das mais fortes que Hübner estabeleceu com um português, extravasando o simples contacto científico, na direcção de uma boa amizade. Iniciados os contactos em 1879, decerto na consequência da projecção científica que o arqueólogo vimaranense conheceu com as suas escavações na Citânia de Briteiros e após a conferência de 1877, perduraram até à morte de Martins Sarmiento, em 1899 (Sarmiento, 1878, p. 155; Sarmiento, 1879a, pp. 157-158; Sarmiento, 1879b; Sarmiento, 1883-1884a, pp. 58-59, 69-70, 105-106; Sarmiento, 1883-1884b, pp. 9-11, 17-19, 25-26; Sarmiento, 1884a, pp. 57-67; 161-189; Sarmiento, 1884b, pp. 1-3; Sarmiento, 1885a, pp.

1-3; Sarmiento, 1885b, pp. 189-202; Sarmiento, 1887a, pp. 1-2; Sarmiento, 1887b, pp. 227-240; Sarmiento, 1887c, pp. 185-189; Sarmiento, 1888a, pp. 5-11; Sarmiento, 1888b, pp. 1-2; *CIL II – S*, pp. LXI, 817, 891; Sarmiento, 1990², pp. 297-340; Guerra, 2014, pp. 230-232; Tabelas 6, 14).

O contributo do arqueólogo vimaranense para o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II foi muito importante, sendo o principal colaborador, como se pode observar pela quantidade de vezes que o seu nome é referido e que está sintetizado na Tabela 14, ainda que se situe fundamentalmente no Norte de Portugal, em termos geográficos. Martins Sarmiento desenvolveu os seus trabalhos naquela região, destacando-se as escavações na Citânia de Briteiros, que o sábio alemão visitou em 1881. Nesta ocasião, acompanhado pelo arqueólogo vimaranense, o erudito germânico observou várias inscrições. Por outro lado, a personalidade e qualidade científica de Martins Sarmiento, aliada à fundação neste ano da Sociedade Martins Sarmiento em sua homenagem, com um periódico próprio, a *Revista de Guimarães*, influíram na constituição de um polo regional, agregador dos estudos, novidades e objectos arqueológicos, nesta instituição e em torno desta personalidade. A presença do seu nome nas epígrafes da área de Bobadela relaciona-se com a expedição à Serra da Estrela, enquanto no caso de Lamego deve-se a um amigo seu. O sábio alemão indicou que recebeu as informações relativas ao monumento epigráfico de Guidões *CIL II – S* 6338f por carta do arqueólogo vimaranense de Fevereiro de 1892. Esta informação fornece-nos uma cronologia quanto à redacção do *Supplementum*. Neste período, a obra estava quase terminada, sendo a inscrição inserida num segundo aditamento, a *Addenda Addendis* (*CIL II – S*, pp. LXI, 817, 891; Cardozo, 1947; Lemos, 2001, p. 16; Guerra, 2014, pp. 230-232; Tabelas 6, 14).

Gabriel Pereira foi responsável pelo arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia de Évora, entre 1872 e 1886. Nos anos de 1880-1888, compôs um catálogo dos documentos da Universidade de Coimbra, a pedido deste estabelecimento. Certamente devido ao excelente trabalho que desenvolveu nestas instituições, mas também à amizade de António Enes, em 1888 foi convidado por este seu amigo para o cargo de funcionário extraordinário da Biblioteca Nacional de Lisboa, tornando-se depois sucessivamente conservador, director e inspector, e ainda inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais. Dedicou-se à História e Arqueologia de vários pontos do país, concedendo particular atenção à sua terra natal, Évora. Participou na expedição de 1881 à Serra da Estrela organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa e liderada por

Francisco Martins Sarmiento. Traduziu os autores clássicos que abordavam a geografia da Hispânia, como Estrabão, Plínio-o-Velho, o *Itinerário* de Antonino e ainda Plutarco, sobre a vida de Sertório. Publicou vários trabalhos de Epigrafia, dos quais o artigo citado no volume IV da *Ephemeris Epigraphica* constituiu um dos primeiros, versando sobre o deus Endovélico. Um estudo de Junho do ano seguinte sobre um monumento epigráfico de Citânia de Briteiros terá originado o início da correspondência com o sábio alemão, como se depreende da própria carta do arqueólogo português, de 26 de Julho de 1879. Os contactos mantiveram-se entre 1879 e 1890 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 133-141, entre 26/07/1879 e 06/05/1890, especialmente Ms. 134, de 26/07/1879; Pereira, 1878a, pp. 42-43; Pereira, 1878b, pp. 54-55; Pereira, 1879, pp. 195-196; Pereira, 1881, segunda página; Pereira, 1889, pp. 145-149; Vasconcelos, 1913a; Cardozo, 1947, p. 168, nota 1; Cardozo, 1958, p. 92, nota 151; Oliveira, 1993, pp. 129-132, n.ºs 1479-1525, especialmente n.ºs 1489 e 1494; http://bdalentejo.net/conteudo_a.php?id=115; Tabelas 6, 13).

Gabriel Pereira manteve a sua colaboração no âmbito do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II na região do Alentejo, especialmente na sua terra natal, Évora. O investigador publicou vários monumentos epigráficos desta cidade, entre os quais se contava uma inscrição já editada por António Francisco Barata, num opúsculo ao qual Hübner teve acesso. Gabriel Pereira forneceu-lhe decalques da maioria destas epígrafes. Os restantes três monumentos provêm de Montemor-o-Novo e de perto de S. Pedro do Corval. O investigador alentejano proporcionou ao sábio alemão desenhos com os textos (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 133-141, entre 26/07/1879 e 06/05/1890, especialmente Mss. 139-140, de 11/12/1888 e 10/04/1889; Pereira, 1885, pp. 16-18, n.ºs 7-8, 13-15, 17, 19-20, 26-27, 29; Tabelas 6, 13-14. *Vide infra*).

Alfredo de Andrade remeteu ao erudito germânico desenhos de inscrições da *ciuitas* de *Collippo* (S. Sebastião do Freixo), de Santo Tirso e de Castro de Avelãs, que foram incluídas no *Supplementum*. No *CIL* II – S 5551, relativo à epígrafe de Santo Tirso, cita-se “Alphonsus d’Andrade”. Uma vez que não conhecemos ninguém com este nome e nas missivas de Alfredo de Andrade para Hübner, guardadas na Sociedade Martins Sarmiento, o monumento é referenciado e reproduzido, consideramos tratar-se de uma gralha, pelo que em “Alphonsus” deve ler-se o nome Alfredo. A boa qualidade da maioria das cópias fornecidas pelo pintor foi expressa pelo sábio alemão, que indicou serem meticulosas. A data de envio registada no *Supplementum*, 1880, coincide com a cronologia das epístolas do português, que apresentam precisamente estas questões

(SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 13-14, de 23/06/1880 a 07/08/1880; Tabelas 6-7, 14).

Augusto Mendes Simões de Castro foi membro do Instituto de Coimbra, tendo sido secretário da secção de Arqueologia, e trabalhou como bibliotecário na Biblioteca da Universidade de Coimbra. Na Sociedade Martins Sarmento subsistem apenas duas cartas enviadas ao sábio alemão, de 14 de Novembro de 1881 e 7 de Abril de 1888. Simões de Castro foi citado no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II pela sua bibliografia quanto a inscrições de Coimbra. O bibliotecário remeteu o texto da epígrafe encontrada no ano de 1888, através da sua missiva de 7 de Abril. Enviou também periódicos onde se noticiava um monumento epigráfico de Lisboa (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 29-30, de 14/11/1881 a 07/04/1888; Castro, 1867, pp. 273, 278; <http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/AugMendesSCastro>; Tabelas 6, 14).

José Pereira Caldas voltou a acompanhar o erudito germânico, quando este visitou o Norte de Portugal em 1881. Nesta ocasião, a equipa integrou também Martins Sarmento e teve como objectivo examinar uma inscrição de Caldas das Taipas, inserida no *Supplementum*. Embora a investigação que o bracarense desenvolveu após a edição do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II em 1869 tenha incluído epígrafes, Hübner nomeou-o apenas uma segunda vez no *Supplementum*, para indicar que não acrescentava nada de novo a respeito de um monumento de Braga (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 75-87, de 02/12/1881 a 05/06/1900; Oliveira, 1993, pp. 40-42, n.^{os} 339-364; Guerra, 2014, p. 226; Tabelas 6-7, 14).

Joaquim Possidónio da Silva foi arquitecto da casa real portuguesa. Interessado pela Arqueologia, foi encarregue pelo rei D. Pedro V de proceder a um levantamento dos monumentos nacionais, em 1858. No ano de 1863, fundou a Associação dos Arquitectos Civis Portugueses, pouco depois, em 1867, intitulada de Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, com a entrada de arqueólogos no seu seio e conseguido a protecção régia. Em 1911, a saída dos arquitectos originou a mudança do nome para a actual denominação Associação dos Arqueólogos Portugueses. Esta instituição iniciou a partir de 1865 a edição de um periódico, intitulado *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Não sendo exclusiva a temática arqueológica neste jornal, constituiu um importante elemento na divulgação do conhecimento científico, que englobou também a Epigrafia. Por esta razão, o sábio alemão consultou e citou vários artigos nas suas obras.

A Associação criou um museu arqueológico no ano de 1866, instalado nas ruínas do Convento do Carmo. Dispunha ainda de uma biblioteca com bibliografia de temática arqueológica. A área de intervenção residia preferencialmente nos monumentos históricos. Neste âmbito, a Associação foi designada para efectuar uma listagem de todos os monumentos nacionais, na década de 1880, tendo o seu presidente, Joaquim Possidónio da Silva, sido encarregado de chefiar a Comissão Nacional para os Monumentos Nacionais. No ano de 1885, esta personalidade conseguiu formar o 1.º Curso Elementar de Archeologia no Museu Arqueológico do Carmo (Vasconcelos, 1890e, pp. 9, 13; Martins, 1999, pp. 559-595; Martins, 2003; Martins, 2005a, pp. 81-92, 107-280; Martins, 2005b, pp. 40-93; Fabião, 2011, pp. 155-158; Martins, 2012-2013, pp. 15-29; Arnaud, 2014, pp. 14-38; <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4221413>).

A recolha efectuada na década de 1880 incluiu também as inscrições latinas. O Museu Arqueológico do Carmo detinha nas suas colecções algumas epígrafes, como registado nos catálogos de 1876 e 1891, e o próprio presidente escrevera artigos, ainda que poucos, em que incluía monumentos epigráficos. Contudo, Possidónio da Silva terá trocado poucas cartas com o erudito germânico, subsistindo apenas duas missivas de 1881-1882, e o seu nome foi referido somente duas vezes no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, no âmbito de referências bibliográficas, a respeito de uma inscrição de Tomar e de uma epígrafe do Monte de Santa Luzia (SMS, *Cartas a Emílio Hübnér*, vol. II, Mss. 2-3, de 19/12/1881 a 20/02/1882; Silva, 1877, pp. 27-30; Silva, 1881, pp. 152-154; VVAA, 1891, pp. 4-5, n.ºs 45-48, p. 8, n.º 79; Almeida & Moser, 1993; Oliveira, 1993, pp. 168-173, n.ºs 1997-2060; Dias, 2005, pp. 221-233; Tabelas 6, 14).

António Cardoso Borges de Figueiredo foi poeta, escritor, professor de Geografia, bibliotecário, historiador, arqueólogo e epigrafista. Foi o primeiro director da biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa. Fundou, juntamente com M. Alexandre de Sousa, a *Revista Archeologica e Historica*, que contou apenas com um volume, em 1887. Com a saída de Alexandre de Sousa, o periódico foi nomeado *Revista Archeologica*, sendo dirigido unicamente por Borges de Figueiredo, entre 1888 e 1890, contabilizando três volumes. Apesar do bibliotecário indicar na *Advertência* do volume II que era um periódico diferente da *Revista Archeologica e Historica*, manteve uma numeração sequente. Com a sua morte, cessou a publicação (Figueiredo & Sousa (eds.), 1887; Figueiredo (ed.), 1888-1890; Vasconcelos, 1890e, pp. 3-5, 11-16).

Borges de Figueiredo e Alexandre de Sousa definiram as razões e os objectivos da *Revista Archeologica e Historica* na carta de apresentação do periódico ao público e na nota *Ao Leitor*, com a qual iniciaram o volume I, em 1887. A não existência de uma revista portuguesa destinada unicamente à Arqueologia e à História nacionais e que acompanhasse a evolução da ciência arqueológica internacional, a não acessibilidade das edições nativas ao grande público devido aos seus custos elevados, o diminuto número de investigadores, a indiferença e mesmo desprezo das populações e dos pesquisadores pelos monumentos do país e a publicação de trabalhos sobre estes por estrangeiros nas suas pátrias. Assim, surgia a *Revista Archeologica e Historica*, onde todos os cientistas sérios podiam divulgar os seus estudos e onde se concretizaria a difusão do conhecimento e a valorização do património arqueológico e histórico, incentivando eruditos e populações. No volume III, Borges de Figueiredo expressava o seu agrado pelo contributo da *Revista Archeologica* no crescente interesse pela Arqueologia e pelo património em Portugal (Figueiredo & Sousa (eds.), 1887, pp. 1-4; Figueiredo (ed.), 1889, p. 185; Vasconcelos, 1890e, pp. 12-14). Nos quatro volumes do periódico contabilizámos um total de 172 trabalhos. A Arqueologia, a Epigrafia e a Numismática foram representadas em 104 itens, excluindo as bibliografias. O bibliotecário terá sido um dos principais escritores, pois assinou 108 artigos, entre os quais vários de Epigrafia. O âmbito geográfico dos seus estudos foi bastante disperso e abrangeu grande parte do território português, mas incidiu sobretudo a sul do Douro, com poucos trabalhos a norte. Os correspondentes que estudamos na presente dissertação, Emílio Hübner e Leite de Vasconcelos, redigiram cada um cinco artigos (Figueiredo & Sousa (eds.), 1887; Hübner, 1887, pp. 33-38, 113-117, 129; Figueiredo (ed.), 1888-1890; Hübner, 1888a, pp. 6-8; 65; Vasconcelos, 1888h, pp. 50; 69; 113-116; Vasconcelos, 1889a, pp. 177-179; Vasconcelos, 1890a, pp. 38-39; Vasconcelos, 1890e, pp. 13-14; Oliveira, 1993, pp. 78-80, n.ºs 822-860).

Borges de Figueiredo foi um dos principais correspondentes de Hübner, existindo 44 cartas na Sociedade Martins Sarmiento, entre 09/11/1885 e 29/07/1890, nas quais o intitulou de amigo. O sábio alemão também o chamou desta forma na primeira epístola enviada a Leite de Vasconcelos. O seu contributo para o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II foi muito significativo, quer através dos seus artigos, editados inicialmente no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* e depois na *Revista Archeologica e Historica* / *Revista Archeologica*, quer remetendo ao erudito germânico textos, descrições, decalques e fotografias de inscrições. Em termos

geográficos, verifica-se a suprarreferida dispersão. Os seus estudos englobam poucas epígrafes de cada local, destacando-se o conjunto *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) e Coimbra, decerto por ser natural desta última cidade. Na notícia que publicou sobre a *Revista Lusitana*, inseriu os monumentos epigráficos de Duas Igrejas, da autoria de Leite de Vasconcelos. O sítio arqueológico de Castro de Avelãs foi escavado pela Sociedade Martins Sarmento, sendo a intervenção dirigida por José Henriques Pinheiro. Borges de Figueiredo logrou adquirir a incumbência de fiscalizar os trabalhos, por parte do Presidente do Conselho de Ministros e Ministro do Reino, tomando assim conhecimento em primeira mão das inscrições e editando-as, o que de resto originou alguma mágoa em Martins Sarmento (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 75-118, de 09/11/1885 a 29/07/1890; CCE 1 (MNA Ms. 10446); Figueiredo, 1887, pp. 5-6, 47-48, 52-53, 81, 85-88, 90-92, 97-98, 150-160, 185-186; Sarmento, 1887b, p. 228, nota 2; Figueiredo, 1888b, pp. 66-70, 109-111, 171-172; Figueiredo, 1889, pp. 86-88, 155-156, 183-184; Figueiredo, 1990, pp. 83-85; Cardozo, 1947, pp. 106-107, 114-115, nota 41; Oliveira, 1993, pp. 78-80, n.^{os} 817-861; Redentor, 2002, pp. 37-38; Tabelas 6, 14).

José Leite de Vasconcelos é o correspondente de Hübner em estudo na presente dissertação de doutoramento. O contributo do investigador português para o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II consistiu em quatro conjuntos epigráficos. Os monumentos epigrafados de Duas Igrejas foram publicados no primeiro volume da *Revista Lusitana*. O sábio alemão tomou conhecimento do achado através da notícia de Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica e Historica* e, a propósito de uma dúvida, entrou em contacto com Leite de Vasconcelos. A inscrição de Panóias foi editada no segundo tomo do periódico de Borges de Figueiredo, de onde o erudito germânico a transcreveu. O mesmo ocorreu com as epígrafes inéditas de Cárquere. A respeito deste assunto, conhecemos a posição do conservador da Biblioteca Nacional, que era publicar primeiro em Portugal e só depois fornecer o material a Hübner. Assim, Leite de Vasconcelos inseriu o seu artigo na *Revista Archeologica*, como analisado *infra*. Quanto ao conjunto de Endovélico descoberto pelo investigador lusitano em 1890, editou parte, mantendo a sua atitude. O restante, quase metade, foi remetido por carta (CCE; CCE 1 (MNA Ms. 10446); CCE 11 (MNA Ms. 10450); Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Figueiredo, 1887, pp. 159-160; Vasconcelos, 1888h, pp. 50, 69, 113-116; Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3; Vasconcelos, 1890c; Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2; Vasconcelos, 1891, p. 1; Tabelas 6, 14. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.1-4.1.2.3, I.2.1, I.3.1, I.3.2, I.4.1).

José Francisco Barreiros Calado era um rico proprietário agrícola de Porto de Mós. Interessado pelo património, amigo de Augusto Soromenho, segundo a sua missiva de 18 de Maio de 1889 dirigida ao sábio alemão, recolheu monumentos epigráficos na sua casa no Juncal. Publicou alguns artigos de Epigrafia em periódicos regionais e nacionais de ampla distribuição, tendo incluído um estudo no volume V d’*O Arqueólogo Português*. Correspondeu-se com o erudito germânico, subsistindo duas epístolas de 18 de Maio de 1889 e de 4 de Maio de 1890. Segundo as informações contidas nestes documentos, assim como no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, José Calado remeteu a Hübner os seus trabalhos e decalques de inscrições da região de Leiria (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 4-5, de 18/05/1889 a 04/05/1890; Calado, 1899-1900, pp. 42-43; Brandão, 1972, pp. 163-165, 168-170, 189; Tabelas 6, 14).

Francisco Adolfo Coelho foi um autodidacta, pedagogo, linguista, etnógrafo, etnólogo, crítico científico e professor do Curso Superior de Letras e da Faculdade de Letras de Lisboa, que lhe sucedeu. Na primeira carta endereçada a Leite de Vasconcelos, o sábio alemão apelidou o professor de amigo. Contudo, existe apenas uma missiva de Adolfo Coelho na Sociedade Martins Sarmento, datada de 25/10/1890. O seu nome surge no *Supplementum* a respeito da crítica que escreveu sobre a atitude de Levy Maria Jordão quanto ao erudito germânico e no âmbito linguístico. Deste modo, não foi incluído em nenhuma epígrafe, pelo que está ausente da nossa tabela do *Supplementum* (CCE 1 (MNA Ms. 10446); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 6, de 25/10/1890; Coelho, 1870; *CIL* II – S, pp. LXXXIII, 1040; Vasconcelos, 1920; <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/acoelho.html>; Tabelas 6, 14).

José Henriques Pinheiro, formado em Medicina, foi professor de Francês e desenho no Instituto de Guimarães e depois no Liceu de Bragança, onde foi nomeado reitor em 1887. Procedeu a pesquisas e escavações arqueológicas nesta região, nomeadamente no Castro de Avelãs, sobre a tutela da Sociedade Martins Sarmento. Em consequência das suas investigações, editou artigos na *Revista de Guimarães*, com os monumentos epigráficos que identificou. Estes trabalhos reiniciaram os estudos epigráficos na área de Bragança, inactivos desde o final do século XVIII. Hübner copiou as novidades do reitor através dos seus escritos inseridos naquele periódico, como se depreende das informações patentes no *Supplementum*. A correspondência trocada entre ambos, existente na Sociedade Martins Sarmento, data de um período posterior à obra do sábio alemão, dos anos de 1896-1898 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 6-11, 120, de 03/1896 a 05/06/1898; Pinheiro, 1888, pp. 71-96; Pinheiro, 1889, pp. 53-57; Fortes,

1905-1908, p. 482; Cardozo, 1947, pp. 114-115, nota 41; Oliveira, 1993, p. 134, n.^{os} 1547-1548; Redentor, 2002, pp. 37-38; Tabelas 6, 14).

As referências aos volumes de António Joaquim Moreira no *Supplementum* parecem confirmar, na sua grande maioria, uma consulta directa do erudito germânico, o que segundo ele próprio concretizou em 1881. O seu nome surge em vários locais do país, mas com uma maior concentração a norte do Douro (CCE 78 (MNA Ms. 10477); *CIL* II – S, p. LXXXIII; Tabelas 7, 14).

O nome de Sebastião Estácio da Veiga surge nos *Additamenta* nos volumes II e IV da *Ephemeris Epigraphica* e no *Supplementum* (Tabelas 10, 13-14).

Na primeira obra, a inscrição do *ager Olisiponensis* provém de Mafra e o próprio Hübner indicou que a autoria da sua descoberta se devia a Sebastião Estácio da Veiga, no ano de 1872. Neste período, o investigador algarvio trabalhou nos correios nesta localidade, efectuando pesquisas arqueológicas, que culminaram na sua conferência e livro *Antiguidades de Mafra*, como abordado *supra*. Todavia, foi Augusto Soromenho a encaminhar o decalque da epígrafe ao sábio alemão (Veiga, 1866; Veiga, 1879, p. 45; Veiga, 1996, p. 45; Cardoso, 2007a, pp. 294, 300-301, 364-366; Cardoso, 2007b, pp. 17-18; Fabião, 2011, pp. 139-142; Guerra, 2014, pp. 220-225, 227-229; Tabelas 6-7, 10).

Em Junho de 1876, Estácio da Veiga endereçou, segundo informação transmitida pelo erudito germânico nos *Additamenta* do volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, três inscrições da *ciuitas* de *Ossonoba* (Faro), região em que tinha contribuído anteriormente no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (Tabelas 7, 13).

Depois, no decorrer das investigações no Algarve, o arqueólogo algarvio procurou inscrições já conhecidas, não as encontrando todas, reestudou epígrafes e identificou novos monumentos epigráficos, remetendo os decalques e as descrições a Hübner. Este egrégio epigrafista indicou que recebeu a informação relativa a *CIL* II – S 6249.3 por carta de 10 de Julho de 1881, de *CIL* II – S, capítulo XII. *Anuli et Gemmae*, n.º II por missiva deste ano de 1881, e sobre *CIL* II – S 5144 por epístola de Janeiro de 1883. O investigador algarvio foi também referido no *Supplementum* pelas suas obras *Povos Balsenses*, enviada ao sábio alemão por Augusto Soromenho, *Antiguidades de Mafra*, *Memoria das Antiguidades de Mertola* e *A Tabula de Bronze de Aljustrel*, repetindo assim o erudito germânico alguma informação que editou anteriormente. Em suma, as áreas geográficas de trabalho de Estácio da Veiga correspondem ao Algarve, Mértola, Aljustrel, Mafra e ainda Ourique (Veiga, 1866, pp. 15, 17, 26; Veiga, 1879, pp. 43, 45,

51-52, 80, 86; Veiga, 1880a, pp. 19, 73, 74; Veiga, 1880b; Cardoso, 2007a, pp. 296-298, 301-363, 369-516; Cardoso, 2007b, pp. 19-21, 23-70; Fabião, 2011, pp. 142-150; Guerra, 2014, pp. 227-229; Tabelas 7-8, 13-14. Cfr. Tabela 6).

É sintomático que, apesar das informações patentes nas várias obras de Hübner, desde o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, indiciarem um contacto entre Sebastião Estácio da Veiga e o sábio alemão, seja Augusto Soromenho a encaminhar inicialmente as notícias. Deste modo, depreendemos que os contactos entre ambos estariam aparentemente suspensos, ou quase, desde antes de 1866, uma vez que o seu livro *Povos Balsenses* publicado neste ano e os textos das epígrafes que descobrira entretanto foram expedidos por Augusto Soromenho. As informações transmitidas no volume IV da *Ephemeris Epigraphica* e no *Supplementum* revelam e confirmam mesmo a existência de contactos entre ambos. Desconhecemos as razões efectivas que conduziram a este retomar das relações e consequente envio das inscrições. A resposta poderia estar na documentação epistolar, mas desconhecemos a sua localização (Veiga, 1866; Veiga, 1879, p. 45; Veiga, 1996, p. 45; Tabelas 7, 10, 13-14. Cf. Guerra, 2014, pp. 220-225, 227-229; Tabela 6).

Francisco António Rodrigues de Gusmão, médico em Portalegre desde 1855, sócio da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes, escreveu artigos sobre *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha) para o periódico desta instituição, o *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes*, onde incorporou monumentos epigráficos dessa cidade romana. O erudito germânico efectuou a devida referência bibliográfica nos *Additamenta* do volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, e depois no *Supplementum*, indicando que as leituras estavam incorrectas (Gusmão, 1874-1876, pp. 45-46, 70-71, 152-153; Oliveira, 1993, p. 92, n.^{os} 1010-1011; Silva, 2009, p. 94; Tabelas 13-14).

Victorino da Silva Araújo, professor de Gramática Latina no Liceu de Leiria, dedicou-se ao estudo do Castelo desta cidade e da epigrafia desta região. Editou artigos no *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes*, com várias inscrições, incluindo uma falsa, que não reconheceu como tal. Hübner citou este trabalho nos *Additamenta* do volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, e também no *Supplementum*, transcrevendo algumas epígrafes (Araújo, 1874-1876, pp. 10-12, 19-21, 42-44; 148-152, 169-173, 185-191; *CIL* II – S, ad. 35*; Oliveira, 1993, p. 20, n.^{os} 95-96; Tabelas 13-14).

Augusto Filipe Simões foi director da Biblioteca Pública de Évora entre 1863 ou 1864 e 1872. Nesta cidade, efectuou trabalhos de arqueologia, que se engrandeceram com a direcção da conclusão do projecto de restauro do templo romano, nos anos de 1870-1871, tendo sido demolidos todos os acrescentos posteriores. Em 1872, o bibliotecário concluiu os estudos em Medicina, iniciando um percurso como professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. No final da sua carreira foi ainda bibliotecário interino da Biblioteca desta universidade (Oliveira, 1993, p. 174, n.ºs 2074-2075; Fabião, 2011, pp. 82-83; <http://www.evora.net/bpe/historia.htm>; <http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/AugustoFilipeSimoes>; Tabela 13).

Sócio efectivo do Instituto de Coimbra desde Janeiro de 1859, defendeu neste organismo, em 1873, a criação de uma secção de Arqueologia, dotada de um museu, o que se concretizou em 1874. A comissão foi formada pelos sócios Abílio Augusto da Fonseca Pinto, António Xavier de Sousa Monteiro, o próprio Augusto Filipe Simões, Augusto Mendes Simões de Castro, João Correia Aires de Campos, João José de Mendonça Cortês, Manuel da Cruz Pereira Coutinho, Miguel Osório Cabral de Castro, Adolfo Ferreira de Loureiro, António Augusto da Costa Simões e Júlio Marques de Vilhena. As suas funções incluíam a realização de escavações arqueológicas na região de Coimbra, sendo, por exemplo, intervencionado o sítio arqueológico de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha). Os materiais encontrados seriam guardados no museu da instituição. Como conservador do museu, foi escolhido João Correia Aires de Campos, ficando responsável por efectuar um catálogo dos objectos recolhidos. Os resultados e os estudos poderiam ser publicados no periódico do organismo *O Instituto*, que conheceu alguma visibilidade no meio científico, como se atesta pelo facto de António Francisco Barata e Francisco Martins Sarmento editarem aqui artigos seus (Campos, 1877; Campos, 1883; Ferreira, 2012, pp. 71-78, 80-86; <http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/AugustoFilipeSimoes>).

No âmbito das investigações em Coimbra e *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), Filipe Simões concretizou um estudo, editado no *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, no qual inseriu monumentos epigráficos desta última cidade romana. O sábio alemão indicou este artigo em cinco inscrições, no volume IV da *Ephemeris Epigraphica*. O estudo do arqueólogo português foi republicado em 1879, no qual foram acrescentadas outras epígrafes. O erudito germânico citou-o igualmente no *Supplementum*, assim como outros trabalhos de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) e ainda de Évora. Todavia, o seu

contributo não foi indicado pelo erudito germânico em todas as epígrafes que estudou (Simões, 1869, pp. 13-19, n.^{os} 21-35; Simões, 1875, pp. 105-109, 117-121; Simões, 1879, pp. 12-16, 29-32, 43-48, 60-64; Simões, 1888, pp. 17-18; Oliveira, 1993, p. 175, n.^o 2077; Tabelas 13-14).

Augusto Filipe Simões foi ainda precursor das sínteses de Arqueologia, com o livro *Introdução á Archeologia da Peninsula Iberica. Primeira Parte: Antiguidades Prehistoricas* (Simões, 1878; Fabião, 2011, pp. 82-83).

Cesário Augusto Pinto de Araújo Cardoso de Mendonça participou em vários projectos de obras públicas, nomeadamente na construção de estradas e de caminhos-de-ferro, assim como nas termas de Vizela e na igreja de S. Torcato, em Guimarães. Amigo de Martins Sarmiento e sócio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, concretizou alguns estudos de cariz arqueológico, que editou no *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Por ter inserido num destes trabalhos um miliário de S. Tomé de Caldelas, foi citado pelo erudito germânico nos *Additamenta* do volume IV da *Ephemeris Epigraphica* e depois no *Supplementum* (Pinto, 1874, pp. 28-29; Sarmiento, 1888b, pp. 1-2; Viterbo, 1899, pp. 528-529, n.^o 426; Oliveira, 1993, p. 135, n.^{os} 1563-1564; Tabelas 13-14).

Augusto Teixeira de Aragão formou-se em Medicina, exercendo a sua prática no exército. Coleccionador na área da Numismática, foi nomeado conservador do Gabinete Real sito no Palácio da Ajuda, em 1867. Na área da Arqueologia e especificamente da Epigrafia, efectuou trabalhos em *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares, Tavira), editando um *Relatório* com duas inscrições, uma das quais havia sido enviada por Soromenho a Hübner e inserida no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Após ter visitado a Citânia de Briteiros, no âmbito da Conferência da Citânia de 1877 supramencionada, redigiu um artigo sobre o sítio arqueológico, que incluiu epígrafes. O sábio alemão citou estes estudos nos monumentos epigráficos respectivos do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (Aragão, 1868, pp. 10, 16, 18; Aragão, 1887, p. 43; Aragão, 1896, pp. 55-57; Vasconcelos, 1904, pp. 134-142; Oliveira, 1993, pp. 19-20, n.^{os} 84-88; http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_aragao.htm; Tabela 14).

Sá Vilela era membro da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, tendo redigido vários artigos de Arqueologia no seu *Boletim*. Num desses trabalhos, publicou um monumento epigráfico de Castro Daire, Viseu. Hübner teve

acesso aos vários volumes do periódico, como se comprova pelas citações dos estudos de vários investigadores e que temos referenciado *supra*, pelo que mencionou também este trabalho no *Supplementum* (Vilela, 1877, pp. 52-54; Oliveira, 1993, pp. 198-199, n.ºs 2548-2559; Martins, 2003, pp. 223, 228; Tabela 14).

Luís de Figueiredo da Guerra foi director do Museu Municipal e da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, dedicando-se particularmente à História deste concelho. O sábio alemão citou-o no *Supplementum* a respeito de uma estátua com uma inscrição, proveniente do Monte de Santa Luzia, tendo o seu estudo sido editado no *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* (Guerra, 1879, pp. 159-162; Oliveira, 1993, p. 90, n.ºs 979-994; Tabela 14).

Joaquim José da Rocha Espanca, natural de São Bartolomeu de Vila Viçosa, foi sacerdote aqui e em Bencatel, dedicando-se à arqueologia desta região alentejana. O erudito germânico apontou no *Supplementum* os seus artigos a respeito de epígrafes de Endovélico, entre as quais nove inéditas, e de um monumento epigráfico de Bencatel (Espanca, 1882, pp. 253-256, 274-296; Espanca, 1887, pp. 100-102; Espanca, 1888, pp. 173-177; Vasconcelos, 1897c, pp. 129-137; Oliveira, 1993, p. 73, n.ºs 763-768; Tabela 14).

Aureliano Fernández-Guerra foi indicado em duas inscrições do Norte de Portugal. Sobre uma, Hübner repetiu o que escreveu no volume II da *Ephemeris Epigraphica*. Noutra, mencionou Juan de Dios de la Rada y Delgado, que editou a lição do seu conterrâneo. Rada y Delgado foi um advogado e arqueólogo espanhol, professor de Arqueologia na Escola Superior de Diplomática da Universidade Central e conservador do Museu Arqueológico Nacional, assumindo a direcção destas instituições em 1876 e 1894, respectivamente (Rada y Delgado, 1876, pp. 589-590; Miranda Valdés, Gimeno Pascual & Sánchez Medina, 2011; Tabelas 10, 14).

Conhecemos Ursinus por uma obra sobre a Lusitânia romana, mas o seu nome é Nils Robert af Ursin e não J. Ursin, como surge nas cartas. Nils foi citado no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, embora em nenhuma inscrição do território actualmente português. Um estudo aprofundado da correspondência guardada na Sociedade Martins Sarmento poderia eventualmente esclarecer a diferença de nomes (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 106-109, de 25/07/1861 a 24/05/1869; Ursin, 1884; *CIL* II – S, pp. CV, 827, 928, 965, 972; Tabelas 6-7).

5.2.1.3 MLI, EE VIII, IHC – S, EE IX

Após a edição do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, Hübner prosseguiu naturalmente as investigações epigráficas. A produção cifrou-se em duas obras, os *Monumenta Linguae Ibericae* e o *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, assim como noutros dois *Additamenta*, incluídos nos volumes VIII e IX da *Ephemeris Epigraphica*, sendo que este último foi publicado a título póstumo. Incluímos estes trabalhos na terceira fase. Nas Tabelas 15 a 18, colocamos os autores citados pelo sábio alemão nestas obras (Tabelas 15-18).

<i>Monumenta Linguae Ibericae</i>			
<i>Nummi</i>			
III. Baetica Occidentalis			
VII. Regio Myrtilensis			
<i>Myrtilis</i>			
177	Sebastião Estácio da Veiga		
<i>Aesuris</i>			
180a	Sebastião Estácio da Veiga		
<i>Inscriptiones</i>			
<i>Hispania Ulterior</i>			
V. Lusitania Orientalis, Callaecia, Lusitania Superior			
L, <i>CIL</i> II – S 5581	Francisco Martins Sarmiento		
LI, <i>CIL</i> II – S 5585	Francisco Martins Sarmiento		
LII, <i>CIL</i> II – S 5584	Francisco Martins Sarmiento		
LIII, <i>CIL</i> II – S 5607	Francisco Martins Sarmiento		
LVI, <i>CIL</i> II 430	José de Oliveira Berardo		
LVII, <i>CIL</i> II 416	José de Oliveira Berardo	Wilhelm Gurlitt	
VII. Lusitania Meridionalis			
LXXI	Sebastião Estácio da Veiga		
LXXII	Sebastião Estácio da Veiga		
LXXIII	Sebastião Estácio da Veiga		
LXXIV	João Bonança		
LXXV	Sebastião Estácio da Veiga		
LXXVI, <i>CIL</i> II – S, XII. <i>Anuli et Gemmae</i> , n.º II	Sebastião Estácio da Veiga		

Tabela 15: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do MLI

<i>Ephemeris Epigraphica</i> VIII			
<i>Lusitania</i>			
<i>Conuentus Pacensis</i>			
I. Ossonoba			
1	Leite de Vasconcelos	António dos Santos Rocha	
2	Leite de Vasconcelos	António dos Santos Rocha	
263	Joaquim Maria Pereira Boto		
264	Joaquim Maria Pereira Boto		

265	Joaquim Maria Pereira Boto		
V. Salacia			
3, ad. 3	Leite de Vasconcelos		
VI. Caetobriga			
4, ad. 2479 = 5617	Leite de Vasconcelos		
5	Hugo Richter	Leite de Vasconcelos	
VII. Pax Iulia			
Ad. 104, ad. 104	Leite de Vasconcelos		
6, ad. 6	José Umbelino Palma	Leite de Vasconcelos	
6 ^a	Leite de Vasconcelos		
Ad. 86	Leite de Vasconcelos	António Mesquita de Figueiredo	
266	Leite de Vasconcelos		
267	Leite de Vasconcelos		
268	Leite de Vasconcelos		
IX. Vila Viçosa			
Ad. 6266	Leite de Vasconcelos		
7	Joaquim José Rocha Espanca		
X. Elvas			
8	Leite de Vasconcelos	Victorino de Almada	
9	Leite de Vasconcelos		
10	Leite de Vasconcelos		
XI. Ammaia			
11, ad. 165	Leite de Vasconcelos		
Conuentus Scallabitanus			
XIII. Olisipo			
13	Leite de Vasconcelos		
Ad. 206	Leite de Vasconcelos		
Ad. 207 = 5219	Leite de Vasconcelos		
Eburobrittium			
301	Leite de Vasconcelos		
XX. Ciuitas Igaeditanorum			
14	Leite de Vasconcelos		
15	Leite de Vasconcelos		
Tarraconensis			
Conuentus Bracaraugustanus			
I. Oppida Varia			
Ad. 2395	Leite de Vasconcelos		
Ad. 2396	Leite de Vasconcelos		
107, ad. 2399	Augusto Soromenho	Francisco Martins Sarmiento	
108	Francisco Martins Sarmiento		
109	Francisco Martins Sarmiento		
110	Francisco Martins Sarmiento		
279	Francisco Martins Sarmiento		
II. Caldas de Vizela			
Ad. 5560 = 4796	Martins Capela		
5572a	Francisco Martins Sarmiento		
5572b	Francisco Martins Sarmiento		

111, ad. 6291	Francisco Martins Sarmiento		
111a, ad. 111a	Francisco Martins Sarmiento		
112	Francisco Martins Sarmiento		
113	Francisco Martins Sarmiento		
IIa. Citânia			
Ad. 5607a	Francisco Martins Sarmiento		
Ad. 5607b	Francisco Martins Sarmiento		
III. Bracara Augusta			
Ad. 2411	Albano Belino		
Ad. 2412	Albano Belino		
Ad. 2435	Albano Belino		
Ad. 2448	Albano Belino		
Ad. 2449	Albano Belino		
114	Albano Belino		
115, ad. 2419	Leite de Vasconcelos	Albano Belino	
116	José Pereira Caldas	Albano Belino	
117	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	Martins Capela
118	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	
119	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	Leite de Vasconcelos
120	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	
121	Francisco Martins Sarmiento		
122	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	Leite de Vasconcelos
123	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	
124	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	
125	Albano Belino		
280	Albano Belino	José Pereira Caldas	
281	Francisco Martins Sarmiento	Albano Belino	
282	Albano Belino	Francisco Martins Sarmiento	
V. Aquae Flaviae			
Ad. 2477 = 5616	Martins Capela		
Ad. 2478	Martins Capela		
VI. Bragança			
126, ad. 6290	Francisco Martins Sarmiento		
127, ad. 6289	Francisco Martins Sarmiento		
300	José Henriques Pinheiro		
Conuentus Asturum			
Ia. Zoelae			
128	Francisco Martins Sarmiento		
129	Francisco Martins Sarmiento		

130	Francisco Martins Sarmento		
<i>Viae Publicae</i>			
<i>Viae Tarraconensis</i>			
<i>I. Via Bracara Olisiponem</i>			
Ad. 4736	Martins Capela		
Ad. 4740	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
Ad. 4742 = 6209	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
Ad. 6210	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
Ad. 6213	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
205	Martins Capela		
206	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
207	Martins Capela		
208	Martins Capela		
<i>II. Miliarü Bracarae Seruati</i>			
Ad. 4747	Martins Capela		
Ad. 4749	Martins Capela		
Ad. 4750	Martins Capela		
Ad. 4751	Martins Capela		
Ad. 4752	Martins Capela		
Ad. 4753	Martins Capela		
Ad. 4754	Martins Capela		
Ad. 4756	Martins Capela		
Ad. 4757	Martins Capela		
Ad. 4758	Martins Capela		
Ad. 4760	Martins Capela		
Ad. 4761	Martins Capela		
Ad. 4765	Martins Capela		
Ad. 4766	Martins Capela		
Ad. 4768	Martins Capela		
Ad. 4769	Martins Capela		
209	Francisco Martins Sarmento	Albano Belino	Martins Capela
210	Francisco Martins Sarmento	Albano Belino	
210a	Albano Belino		
211	Martins Capela		
211a	Martins Capela		
212	Martins Capela		
213	Martins Capela		
213a	Francisco Martins Sarmento	Albano Belino	
214	Martins Capela		
215	Albano Belino		
216	Albano Belino	Martins Capela	
217	Albano Belino		
294	Albano Belino		
<i>III. Via Bracara Aquas Flauias</i>			
Ad. 4774 = 4782	Martins Capela		
Ad. 4778	Martins Capela		
Ad. 4789	Martins Capela	Leite de Vasconcelos	
Ad. 4790	Martins Capela		

Ad. 4791	Martins Capela		
Ad. 4795	Martins Capela		
218	Martins Capela	Augusto Pinho Leal	
219, ad. 4773	Martins Capela		
220, ad. 4781	Martins Capela		
221, ad. 4771	Martins Capela		
222	Martins Capela		
223	Martins Capela		
223a	Leite de Vasconcelos		
IV. Via Bracara Asturicam Altera			
Ad. 6214	Martins Capela		
Ad. 6215	José Henriques Pinheiro		
V. Via Bracara Asturicam Tertia			
Ad. 4801	Martins Capela		
Ad. 4804	Martins Capela		
Ad. 4805	Martins Capela		
Ad. 4809	Martins Capela		
Ad. 4812	Martins Capela		
Ad. 4813	Martins Capela		
Ad. 4815	Martins Capela		
Ad. 4816	Martins Capela		
Ad. 4821	Martins Capela		
Ad. 4823	Martins Capela		
Ad. 4826	Martins Capela		
Ad. 4827	Martins Capela		
Ad. 4829	Martins Capela		
Ad. 4830	Martins Capela		
Ad. 4831	Martins Capela		
Ad. 4832	Martins Capela		
Ad. 4833	Martins Capela		
Ad. 4834	Martins Capela		
Ad. 4835	Martins Capela		
Ad. 4837	Martins Capela		
Ad. 4839	Martins Capela		
Ad. 4840	Martins Capela		
Ad. 4841	Martins Capela		
Ad. 4842	Martins Capela		
Ad. 4843	Martins Capela		
Ad. 4844	Francisco Martins Sarmiento	Martins Capela	
Ad. 4848	Martins Capela		
224, ad. 4798	Martins Capela		
225	Martins Capela		
226	Martins Capela		
227	Martins Capela		
228, ad. 4803	Martins Capela		
229, ad. 4806	Martins Capela		
230	Martins Capela		
231, ad. 4820	Martins Capela		

232, ad. 4822	Martins Capela		
233, ad. 4825	Martins Capela		
234	Martins Capela		
235	Martins Capela		
236, ad. 4838	Martins Capela		
237	Martins Capela		
238	Martins Capela		
239	Martins Capela		
240	Martins Capela		
241	Martins Capela		
242	Martins Capela		
243	Martins Capela		
VI. Via Bracara Asturicam Quarta			
Ad. 4869	Martins Capela		
Ad. 4870	Martins Capela		
Ad. 4871	Martins Capela		
Ad. 4872	Martins Capela		
Ad. 4873	Martins Capela		
Ad. 4874	Martins Capela		
Ad. 6225 = 4744	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
6226	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
6228	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
244	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
245	Martins Capela		
246	Francisco Martins Sarmento	Martins Capela	
247	Martins Capela		
248	Martins Capela		
Instrumentum Domesticum			
VIII. Tegulae			
258.4	Leite de Vasconcelos		
258.8, ad. 6252.9	António dos Santos Rocha		
C. Vascula Varia			
262.6	Leite de Vasconcelos		
262.48	Leite de Vasconcelos		

Tabela 16: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da *EE VIII*

Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum			
Lusitania			
I. Conuentus Pacensis			
Ossonoba			
295	Leite de Vasconcelos		
296	Sebastião Estácio da Veiga		
Balsa			
298	Sebastião Estácio da Veiga	Leite de Vasconcelos	
299	Leite de Vasconcelos		
Salacia			
Ad. 2	António Joaquim Moreira		
Pax Iulia			

Ad. 3	António Joaquim Moreira		
Ad. 7	António Joaquim Moreira		
Ad. 9	António Joaquim Moreira		
300	Leite de Vasconcelos		
Myrtilis			
301	Leite de Vasconcelos		
302	Sebastião Estácio da Veiga		
303	Leite de Vasconcelos		
304	Leite de Vasconcelos		
305	John C. Bruce		
306	Sebastião Estácio da Veiga		
307	Sebastião Estácio da Veiga	Leite de Vasconcelos	
308	Leite de Vasconcelos		
309	Sebastião Estácio da Veiga		
310	Sebastião Estácio da Veiga		
311	Sebastião Estácio da Veiga		
312	Sebastião Estácio da Veiga		
313	John C. Bruce	John H. Middleton	
314	Leite de Vasconcelos		
315	Sebastião Estácio da Veiga		
316	Sebastião Estácio da Veiga		
317	Sebastião Estácio da Veiga		
318	Sebastião Estácio da Veiga		
319	Leite de Vasconcelos		
320	Leite de Vasconcelos		
321	Sebastião Estácio da Veiga		
322	Sebastião Estácio da Veiga		
Vila Viçosa			
323	Joaquim José da Rocha Espanca	Augusto Pinho Leal	
Ebora			
Ad. 11	António Joaquim Moreira		
324	Gabriel Pereira		
Ammaia			
Ad. 13	António Joaquim Moreira		
II. Conuentus Scallabitanus			
Olisipo			
Ad. 17	Joseph Gadow	John H. Middleton	
325, ad. 18	Leite de Vasconcelos	Borges de Figueiredo	
326	Vilhena Barbosa	Borges de Figueiredo	
Conimbriga			
327	Augusto Mendes Simões de Castro	Augusto Filipe Simões	António Francisco Barata
	Borges de Figueiredo		
Celorico da Beira			
328	Albano Belino		
Visaeum			
329	António Joaquim Moreira	Albano Belino	
Tarraconensis			

<i>Asturia et Callaecia</i>			
I. Conuentus Bracaraugustanus			
380	Albano Belino		
<i>Instrumenti Domestici Inscriptiones</i>			
I. Aeri Inscripta			
Gouveia			
529	Francisco Martins Sarmento		
III. Tegulae			
Myrtilis			
452	Sebastião Estácio da Veiga		
<i>Falsae uel Suspectae</i>			
Ebora			
Ad. 1*	Gabriel Pereira	Edward Dodgson	

Tabela 17: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração do IHC – S

<i>Ephemeris Epigraphica IX</i>			
<i>Lusitania</i>			
<i>Ossonoba</i>			
1	Luciano Cordeiro	Leite de Vasconcelos	
2	Leite de Vasconcelos		
<i>Balsa</i>			
3	Leite de Vasconcelos		
<i>Myrtilis</i>			
Ad. 517	Leite de Vasconcelos		
4	Leite de Vasconcelos		
5	Leite de Vasconcelos		
6	Leite de Vasconcelos		
<i>Salacia</i>			
Ad. 5183	Leite de Vasconcelos		
7	Joaquim Correia Baptista		
8	Leite de Vasconcelos		
<i>Caetobriga</i>			
9	Leite de Vasconcelos		
10	Leite de Vasconcelos		
<i>Pax Iulia</i>			
Ad. 86, EE VIII, p. 498	Leite de Vasconcelos		
11	Leite de Vasconcelos		
<i>Ebora</i>			
12	Leite de Vasconcelos		
13	António Francisco Barata	Leite de Vasconcelos	
14	Leite de Vasconcelos		
15	Leite de Vasconcelos		
<i>Vila Viçosa</i>			
16	Augusto Pinho Leal		
17	António Tomás Pires		
<i>Elvas</i>			
Ad. EE VIII 8	António Tomás Pires		

Ad. EE VIII 9	António Tomás Pires		
Ad. EE VIII 10	António Tomás Pires		
18	António Tomás Pires		
19	Edward Dodgson	António Tomás Pires	
20	Edward Dodgson	Leite de Vasconcelos	António Tomás Pires
21	António Tomás Pires		
<i>Ammaia</i>			
Ad. 169	Edward Dodgson	António Tomás Pires	
<i>Aritium Vetus</i>			
22	Leite de Vasconcelos		
23	Leite de Vasconcelos		
<i>Olisipo</i>			
Ad. 253	António Mesquita de Figueiredo	Leite de Vasconcelos	
24	António Mesquita de Figueiredo	Leite de Vasconcelos	
25	Leite de Vasconcelos		
26	Leite de Vasconcelos		
27	Leite de Vasconcelos		
<i>Collippo</i>			
Ad. 5234	Augusto Pinho Leal	Joaquim Poças Júnior	Albano Belino
	Leite de Vasconcelos		
Ad. 5237	José Calado	Leite de Vasconcelos	
Ad. 5238	José Calado	Leite de Vasconcelos	
Ad. 6273	José Calado	Leite de Vasconcelos	
28	José Calado		
29	Joaquim Poças Júnior	Albano Belino	
30	Leite de Vasconcelos		
<i>Conimbriga et Aeminium</i>			
31	António Mesquita de Figueiredo	Pedro Belchior da Cruz	Leite de Vasconcelos
33	António dos Santos Rocha		
<i>Bobadela</i>			
34, ad. 400	Augusto Pinho Leal	Leite de Vasconcelos	
Ad. 415	Leite de Vasconcelos		
Ad. 421	Leite de Vasconcelos		
Ad. 422	Leite de Vasconcelos		
Ad. 423	Leite de Vasconcelos		
35	Leite de Vasconcelos		
<i>Lamego</i>			
36	Augusto Pinho Leal		
37	Leite de Vasconcelos		
38	Leite de Vasconcelos		
39	Leite de Vasconcelos		
40	Leite de Vasconcelos		
<i>Ciuitas Igaeditanorum</i>			
41	Augusto Pinho Leal		
<i>Proveniência Desconhecida</i>			
136	Leite de Vasconcelos		
<i>II. Baetica</i>			

Serpa			
138	Leite de Vasconcelos		
III. Tarraconensis			
<i>Loca Varia Conuentus Bracaraugustani</i>			
Ad. 2395c	Leite de Vasconcelos		
Ad. 2395e	Leite de Vasconcelos		
Ad. <i>EE</i> VIII 107	João Maria Baptista & João Justino Baptista de Oliveira	Leite de Vasconcelos	
262	José Brenha	Francisco Martins Sarmento	
263	José Brenha	Francisco Martins Sarmento	
264	João Gomes de Oliveira Guimarães		
265, <i>EE</i> VIII 279	Francisco Martins Sarmento		
Caldas de Vizela <i>prope</i> Guimarães			
Ad. 5569	Francisco Martins Sarmento		
Ad. <i>EE</i> VIII 111a	João Gomes de Oliveira Guimarães		
266	Albano Belino		
Bracara Augusta			
266 ^a	Albano Belino	Leite de Vasconcelos	
Viana			
267	Albano Belino		
268	Luís de Figueiredo da Guerra	Leite de Vasconcelos	
268a	Felix Alves Pereira		
<i>Aquae Flaviae</i>			
Ad. 2484	Leite de Vasconcelos		
269	João Gomes de Oliveira Guimarães		
270	João Gomes de Oliveira Guimarães		
271	Albino Pereira Lopo	Francisco Manuel Alves	José Henriques Pinheiro
272	Francisco Manuel Alves	José Henriques Pinheiro	
273	Francisco Manuel Alves	José Henriques Pinheiro	
274	Francisco Manuel Alves	José Henriques Pinheiro	
275	Francisco Manuel Alves	José Henriques Pinheiro	
275 ^a	Joaquim de Castro Lopo		
275b	Joaquim de Castro Lopo		
Bragança			
276	Albino Pereira Lopo	José Pereira Caldas	Albano Belino
277	Albino Pereira Lopo		
278	Albino Pereira Lopo		
279, ad. <i>EE</i> VIII 300	Leite de Vasconcelos	Albino Pereira Lopo	

Castro de Avelãs			
Ad. EE VIII 128	José Henriques Pinheiro		
Ad. 5652	Albino Pereira Lopo		
290	José Henriques Pinheiro		
291	Albino Pereira Lopo		
292	Albino Pereira Lopo		
292a	Albino Pereira Lopo		
292b	Albino Pereira Lopo		
292c	Albino Pereira Lopo		
Viae Publicae			
Viae Tarraconensis			
Via Bracara Aquas Flauias et Aquis Flauis Asturicam			
415	Albino Pereira Lopo		
416	Albano Belino	Albino Pereira Lopo	José Henriques Pinheiro
Via Bracara Asturicam Altera			
Ad. 6217	Celestino Beça	Albino Pereira Lopo	
417	Celestino Beça	Albino Pereira Lopo	
Via Bracara Asturicam Tertia			
Ad. 4799	José Pereira Caldas	Leite de Vasconcelos	
Instrumentum Domesticum			
422.4	Leite de Vasconcelos		
422.8	Leite de Vasconcelos		
Amphorae			
424.1	Leite de Vasconcelos		
425.2	Leite de Vasconcelos		
425.4	Leite de Vasconcelos		
425.8	Leite de Vasconcelos		
Cretacea Varia			
427.1	José Brenha	[Francisco Martins Sarmento]	

Tabela 18: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração da EE IX

Augusto Soromenho foi citado no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica* no âmbito da sua colaboração no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 31-74, entre 08/1861 e 1877; Tabelas 6-7, 16. Vide capítulo 5.2.1.1).

Hübner incluiu nos *Monumenta Linguae Ibericae* inscrições que havia editado previamente no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, citando José de Oliveira Berardo e Wilhelm Gurlitt para Viseu e a *ciuitas Arauorum* (Berardo, 1863, pp. 1-8; Tabelas 6-7, 15).

António Francisco Barata registou na sua obra *Miscellanea Historico-Romantica*, de 1878, uma inscrição paleocristã de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha). Hübner citou-o no lugar respectivo do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* (SMS,

Cartas a Emílio Hübner, vol. I, Mss. 16-20, entre 27/04/1877 e 05/08/1878; Barata, 1878, p. 137; Tabelas 6, 17).

Francisco Martins Sarmiento permaneceu um importante colaborador de Hübner, na década de 1890, para a região a Norte do Douro, fornecendo-lhe leituras, descrições e fotografias de inscrições latinas através da correspondência para o volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*. Nesta obra, foi ainda referenciado por artigos que editou (Sarmiento, 1895, pp. 145-151; Cardozo, 1947; Tabelas 6, 14-18).

No que diz respeito ao volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, no mês de Junho de 1897, e não Julho como registou o sábio alemão na sua obra, o arqueólogo vimaranense transmitiu informações acerca de dois monumentos epigráficos já conhecidos. Em Outubro ou inícios de Novembro de 1898, reencaminhou quatro inscrições que o padre José Brenha lhe havia endereçado. Restringimos o despacho a este período temporal, na medida em que o erudito germânico indicou na *Ephemeris Epigraphica* que o sacerdote tinha enviado a Martins Sarmiento em Outubro de 1898 e a resposta de Hübner ao seu correspondente data de 7 de Novembro de 1898 (Cardozo, 1947, pp. 268-269, de 09/06/1897, pp. 281-282, de 07/11/1898; Tabelas 6, 18).

O sábio alemão citou também o arqueólogo vimaranense nos *Monumenta Linguae Ibericae*. Trata-se de um conjunto de inscrições do Norte de Portugal, que já havia editado no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (Sarmiento, 1883-1884a, pp. 58-59; Sarmiento, 1884a, p. 180; Cardozo, 1947, pp. 38, 103, 157; Tabelas 6, 14-15. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

Francisco Martins Sarmiento remeteu ainda ao erudito germânico uma reprodução de uma pátena com uma epígrafe paleocristã de Safail, Gouveia, que recebera de um contacto seu do local, tendo sido assim incluída no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. O assunto encontra-se na correspondência trocada entre os dois investigadores, nos períodos de 2 de Junho de 1898 a 8 Julho de 1898 e de 23 de Novembro de 1898 a 18 de Março de 1899 (Cardozo, 1947, pp. 277-280, de 02/06/1898 e 08/07/1898, pp. 283-291, de 23/11/1898 a 18/03/1899; Tabelas 6, 17).

Gabriel Pereira foi mencionado no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* no âmbito de um monumento epigráfico de Montemor-o-Novo, que continha um texto do período romano e outro paleocristão. Hübner havia já incluído esta informação no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. A outra referência, a respeito de uma inscrição paleocristã de Évora, foi transmitida por carta de Leite de Vasconcelos, apesar deste investigador não ser citado. O contributo de Gabriel

Pereira manteve-se assim pelo actual distrito de Évora (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 133-141, entre 26/07/1879 e 06/05/1890; CCE 78 (MNA Ms. 10477); CCE 124 (SMS Ms. 64); Tabelas 6, 14, 17. *Vide* capítulos 4.1.3, 5.2.1.1).

Augusto Mendes Simões de Castro, na sua qualidade de secretário da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, redigiu o texto da sessão de 5 de Junho de 1873, que editou n' *O Instituto*. No decorrer desta sessão, Miguel Osório discorreu sobre Condeixa-a-Velha, apresentando um monumento epigráfico paleocristão. O sábio alemão indicou o periódico, mas não o seu autor (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 29-30, de 14/11/1881 a 07/04/1888; Castro, 1873, pp. 80-83; Tabelas 6, 17).

José Joaquim da Silva Pereira Caldas era correspondente do erudito germânico desde 1881. Contudo, tal relação epistolar parece não se manifestar nos volumes VIII e IX da *Ephemeris Epigraphica* (Tabelas, 6, 16, 18).

No volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*, o estudioso bracarense foi referido apenas por um seu artigo de 1885 sobre uma epígrafe de Braga, que não foi incluída no *Supplementum*, e por ter remetido informações a respeito de outro monumento epigráfico desta cidade (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 75-87, de 02/12/1881 a 05/06/1900; Oliveira, 1993, p. 42, n.º 362; Guerra, 2014, p. 226; Tabelas 6-7, 14, 16. Cfr. capítulo 5.2.1.2). No volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, a citação a Pereira Caldas foi realizada através de outros autores. Numa epígrafe de Babe, Bragança, foi Albano Belino que expôs a sua análise. Quanto ao monumento epigráfico de Vilela, Amares, apesar de ter publicado um opúsculo com a sua proposta de leitura, não o terá remetido a Hübner, uma vez que este epigrafista mencionou o trabalho através de um artigo de Leite de Vasconcelos (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 75-87, de 02/12/1881 a 05/06/1900; Caldas, 1899; Vasconcelos, 1899-1900, p. 87; Oliveira, 1993, p. 42, n.º 366; Guerra, 2014, p. 226; Tabelas 6, 18). Estes aspectos são reveladores do tipo e qualidade de relações mantido entre ambos. Pereira Caldas não parece ter sido um autor que remetia ao seu correspondente os seus trabalhos com regularidade, actualizando-o. De qualquer das formas, um estudo aprofundado da correspondência guardada na Sociedade Martins Sarmento poderia esclarecer todas estas questões, o que desejamos concretizar em projectos futuros (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 75-87, de 02/12/1881 a 05/06/1900).

António Cardoso Borges de Figueiredo enviou um decalque de uma epígrafe paleocristã de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) ao sábio alemão, que havia sido publicado em 1873 no periódico do Instituto de Coimbra por Augusto Mendes Simões

de Castro, como se referiu *supra*. O erudito germânico também citou no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* o artigo do português na *Revista Archeologica e Historica* / *Revista Archeologica*, sobre os monumentos epigráficos paleocristãos de Chelas, Lisboa (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 75-118, de 09/11/1885 a 29/07/1890; Castro, 1873, p. 82; Figueiredo, 1890, pp. 2-4; Tabelas 6, 17).

João Miguel da Costa Bonança foi sacerdote, escritor, crítico literário, político, maçom, jornalista, membro associativo, historiador, linguista e patriota. Correspondeu-se com Hübner em 1888, estando guardadas na Sociedade Martins Sarmiento duas epístolas, de 15/03/1888 e 07/08/1888. Na obra *Historia da Luzitania e da Iberia desde os Tempos Primitivos ao Estabelecimento Definitivo do Domínio Romano* pretendia o autor estudar, entre muitas outras temáticas, a Escrita “Ibérica”, apresentando uma imagem de uma inscrição inédita numa capa da sua obra. Este trabalho foi publicado inicialmente em fascículos, a partir de 1887, e editado em livro no ano de 1891. Todavia, o segundo volume, onde figuraria a análise às epígrafes não foi publicado. O sábio alemão citou-o nos *Monumenta Linguae Ibericae*, relativamente à imagem da capa (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 143-144, de 15/03/1888 e 07/08/1888; Bonança, 1891, pp. 58-61; Baptista, 2004; Guerra, 2007, pp. 103-114; Tabela 15).

As referências a Leite de Vasconcelos por Hübner continuaram a revelar a preponderância do director do Museu Etnográfico Português na Epigrafia em Portugal (Tabelas 6, 16-18).

Hübner pediu a Leite de Vasconcelos, em carta de 29 de Janeiro de 1896, para o ajudar com a parte da Lusitânia dos *Additamenta* que seria incluído no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*, corrigindo e aumentando o que fosse necessário. O investigador português transmitiu a sua aceitação na epístola de 22 de Abril de 1896 e o mesmo parece ter sido concretizado, pois o sábio alemão indicou o auxílio na missiva de 8 de Abril de 1897. Todavia, aparentemente só em duas inscrições de *Bracara Augusta* (Braga) se pode estabelecer esta correlação, *EE* VIII 119 e 122, na medida em que não estão presentes na correspondência epistolar ora em estudo antes do pedido (nem depois), nem na bibliografia do conservador da Biblioteca Nacional. Isto confirma-se pelo facto de apenas nestas duas epígrafes se registar a frase “vidit etiam Leite”⁷⁵⁷. O nome de Leite de Vasconcelos foi referenciado principalmente no âmbito de epígrafes transmitidas na correspondência e através dos seus artigos. Os textos das

⁷⁵⁷ Tradução: “Leite também viu”.

inscrições gravadas nas cerâmicas do Minho e de Cárquere foram enviados numa epístola de 1892, da qual desconhecemos o paradeiro. As epígrafes de Marim foram remetidas na carta de 7 de Maio de 1895. O sítio arqueológico de Fonte do Ídolo surge na correspondência a partir de 7 de Fevereiro de 1895. Os monumentos epigráficos das regiões de *Salacia* (Alcácer do Sal), *Caetobriga* (Setúbal), *Pax Iulia* (Beja), Vila Viçosa, Elvas, *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha), *Olisipo* (Lisboa), *ciuitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha), de Panóias e de Trás-os-Montes foram publicados no volume I d'*O Arqueólogo Português*. Joaquim de Castro Lopo foi referenciado em Poçacos e Vilarandelo, Trás-os-Montes, como fonte do director do Museu Etnográfico Português. Sobre Panóias e Fonte do Ídolo, o erudito germânico citou também os trabalhos de Leite de Vasconcelos na *Revista Lusitana*. As descobertas e trabalhos realizados em 1896, assim como as informações patentes no último fascículo do volume I d'*O Arqueólogo Português*, foram inseridas numa adenda, o *Auctarium*. A inscrição de Alcáçovas e as informações relativas às duas epígrafes de *Olisipo* (Lisboa) *CIL* II 206-207 foram endereçadas na missiva de 22 de Abril de 1896. Todavia, a epístola não refere a *CIL* II 207, mas a *CIL* II 220, pelo que o número 207 na *Ephemeris Epigraphica* será decerto uma gralha. Os três monumentos epigráficos de *Pax Iulia* (Beja) foram editados no volume II d'*O Arqueólogo Português*, enquanto a correcção a uma quarta epígrafe figurou no último fascículo do volume I d'*O Arqueólogo Português*. Após o *terminus* deste *Auctarium*, que Hübner datou de Março de 1898, foi ainda inserida outra inscrição fornecida pelo investigador lusitano. Trata-se da epígrafe de S. Tomé de Lamas, transmitida pela primeira vez na carta de 24 de Novembro de 1896 e que culminou com o artigo do sábio alemão, nos fascículos 7 e 8 de Julho e Agosto de 1897 do volume III d'*O Arqueólogo Português*, também citado (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A); CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 53 (SMS Ms. 28); CCE 60 (MNA Ms. 10470); CCE 63 (SMS Ms. 34); CCE 65 (SMS Ms. 36); CCE 78 (MNA Ms. 10477); Vasconcelos, 1888h, pp. 50, 69; Vasconcelos, 1895a, pp. 38, 43-46, 54-62, 69-76, 84-86, 118-120, 224-232, 244-246, 248-249, 252-253, 265-266, 322-325; Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315; Vasconcelos, 1896a, pp. 80-81; Hübner, 1897b, pp. 161-167; Tabela 16. Vide capítulos 4.1.2, 4.1.2.1-4.1.2.3, I.2.4-I.2.7, I.3.2, I.4.1-I.4.2).

O contributo de Leite de Vasconcelos permaneceu variado geograficamente no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, abrangendo a totalidade do país. O investigador português editou nos volumes III, IV e V d'*O Arqueólogo Português* quase todas as inscrições que o erudito germânico indicou no periódico alemão. Algumas foram

enviadas igualmente por carta, outras foram apenas remetidas nas suas missivas, como afirmou Hübner na sua obra. Estas correspondem à epígrafe de Mértola enviada em 1893, ao monumento epigráfico dedicado ao deus *Band-* de Castendo remetido em 1896, às inscrições de *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares), Abrantes e Mértola endereçadas em 1897, e às epígrafes do Juncal, Porto de Mós, Salir e Lisboa enviadas em 1898. Alguns correspondentes do sábio alemão não lhe forneceram informações, mas remeteram-nas a Leite de Vasconcelos. Entre eles estão António Francisco Barata, José Calado e Luciano Cordeiro. A única missiva de Luciano Baptista Cordeiro de Sousa enviada a Hübner existente na Sociedade Martins Sarmento relacionou-se com as celebrações do quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia da Sociedade de Geografia de Lisboa, como se indica *infra* (CCE 25; CCE 27 (SMS Ms. 20); CCE 29 (SMS Ms. 21); CCE 65 (SMS Ms. 36); CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 84 (SMS Ms. 45, n.^{os} 1-2 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-290, n.^{os} 1-2); CCE 98 (SMS Ms. 52); CCE 100 (SMS Ms. 51); CCE 112; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 114, de 26/10/1896; Vasconcelos, 1896a, pp. 130-131, 168-169; Vasconcelos, 1897c, pp. 59-61, 121, 177-180; Vasconcelos, 1898, pp. 105-107, 119-120, 122, 155, 223-224, 335; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 42-44, 87, 138-141, 143, 170-175, 177 (nota 1), 192, 208-210, 237, 253-254, 283-284, 331-332; Tabelas 6, 18. *Vide* capítulos 4.1.2, 4.1.2.1-4.1.2.3, 5.2.1.4, I.2.2, I.2.5, I.2.8-I.2.12, I.3.4, I.6.1).

O contributo de Leite de Vasconcelos para o *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* foi importante, na medida em que Hübner pediu a sua ajuda para corrigir e enriquecer a obra. O investigador lusitano aceitou e foi bastante solícito. Procurou inscrições e enviou informações, textos e decalques. A área geográfica do auxílio localizou-se principalmente no Sul de Portugal, pelas seguintes razões. O conservador da Biblioteca Nacional desenvolveu pesquisas nestas regiões em 1895. Depois de enviar as epígrafes por carta, Leite de Vasconcelos inseriu-as no volume III d'*O Arqueólogo Português*. Por outro lado, o Museu do Algarve de Estácio da Veiga havia sido incorporado no Museu Etnográfico Português, pelo que o director desta instituição tinha acesso privilegiado aos monumentos epigráficos que o integravam. Quanto às inscrições de Chelas, Lisboa, o erudito germânico pediu especificamente a intervenção do investigador lusitano, mas este apenas conseguiu analisar uma delas. As restantes epígrafes de Beja e Mértola, *IHC* – S 300 e 308, foram editadas antes do pedido de Hübner, nos volumes I e II d'*O Arqueólogo Português*. O conservador da Biblioteca Nacional recebeu a fotografia do monumento epigráfico de Beja de Umbelino Palma.

Leite de Vasconcelos não foi referenciado pela sua diligência na epígrafe de Évora *IHC – S 1** (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 78 (MNA Ms. 10477) – CCE 92 (MNA Ms. 10482); CCE 99 (MNA Ms. 10486) – CCE 101 (MNA Ms. 10487); CCE 103 (MNA Ms. 10489); CCE 123 (MNA Ms. 10494) – CCE 124 (SMS Ms. 64); Vasconcelos, 1895a, pp. 7-9; Vasconcelos, 1896a, pp. 175-176; Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249; Tabelas 6, 17. *Vide* capítulo 4.1.3).

José Francisco Barreiros Calado foi citado no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* devido ao seu artigo no tomo V d’*O Arqueólogo Português*, no qual editou uma inscrição inédita, encontrada em 1898 no lugar de Debarbas, Maceira. Foi ainda mencionado em três epígrafes também da região de Leiria, mas neste caso enquanto colaborador de Leite de Vasconcelos. Esta informação foi registada na missiva de 11 de Janeiro de 1898. A sua área de estudo permaneceu assim na região de Leiria. A correspondência trocada com Hübner é anterior à descoberta e consequente publicação (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 4-5, de 18/05/1889 a 04/05/1890; CCE 98 (SMS Ms. 52); Calado, 1899-1900, pp. 42-43; Tabelas 6, 14, 18).

António Bernardo de Figueiredo foi capitão de artilharia. Em 1894, estava em Leiria, tendo conhecido Edward Spencer Dodgson. A propósito de três inscrições latinas do Castelo de Leiria, que o investigador inglês indicou serem inéditas, escreveu ao erudito germânico, remetendo os respectivos textos. Contudo, estavam já publicadas por Hübner, no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e no *Supplementum*. Não foi citado nos volumes VIII e IX da *Ephemeris Epigraphica* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 15, de 08/12/1894; *CIL* II 341, 345; *CIL* II – S 5232; Tabela 6. Cfr. Tabelas 16, 18. *Vide* capítulos 5.2.1.1-5.2.1.2).

Albano Belino, empregado comercial e sem formação científica, dedicou-se à Arqueologia e Epigrafia de Braga, onde residia, sendo discípulo de Pereira Caldas. No ano de 1895, editou dois livros de Epigrafia desta cidade, aos quais o sábio alemão efectuou uma recensão, publicamente e por carta. No primeiro estudou as inscrições dos períodos medieval e moderno. No segundo analisou os monumentos epigráficos do período romano. Os dois livros do português constituíram de resto a razão para o início da correspondência epistolar trocada entre ambos, estendendo-se entre 10 de Novembro de 1895 e 8 de Outubro de 1900. Esta documentação forma um dos maiores conjuntos epistolares do erudito germânico, trocada com portugueses, subsistindo na Sociedade Martins Sarmiento as missivas que os dois endereçaram (SMS, *Correspondência entre*

E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900, especialmente de 10/11/1895; Belino, 1895a; Belino, 1895b; Hübner, 1895-1896, pp. 101-103; *EE VIII*, p. 401; Vasconcelos, 1896a, pp. 58-60, 116-134; Vasconcelos, 1906, pp. 318-320; Fortes, 1905-1908, p. 482; Cardozo, 1947, pp. 235-236, nota 1; Oliveira, 1993, p. 30, n.º 211-223; Tabela 6, 16).

O contributo de Albano Belino no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica* cifra-se pelo seu livro *Inscrições Romanas de Braga*, assim como por leituras e descrições de epígrafes transmitidas no âmbito da sua correspondência, sempre desta cidade (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; Belino, 1895b; *EE VIII*, p. 401; Tabelas 6-16).

Depois destes estudos, verificamos que o estudioso bracarense alargou a sua área geográfica de estudo. No *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, Albano Belino remeteu a Hübner uma fotografia de uma inscrição de Braga e, a pedido do sábio alemão, derivou desta região, enviando-lhe informações de epígrafes de Celorico da Beira e de Arouca. Estas questões estão presentes na correspondência epistolar trocada entre ambos (CCE 78 (MNA Ms. 10477); SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, especialmente de 15/04/1897, 27/04/1897, 27/06/97, 04/10/1897, 20/10/1897; Tabelas 6, 16-17). No volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, a maioria dos monumentos epigráficos provém das regiões a Norte do Douro, não exclusivamente de Braga, sendo apenas duas originárias de Torre da Magueixa, Batalha. O investigador bracarense enviou quase todas as inscrições por carta, registando o sábio alemão na sua obra que certos decalques não tinham qualidade. Belino publicou em 1898 as *Cartas de Epigraphia Romana*, onde incluiu algumas destas epígrafes, assim como outros monumentos epigráficos. O erudito germânico referenciou este trabalho. No que respeita às inscrições de Torre da Magueixa, uma foi introduzida no estudo do bracarense. A outra teria sido descoberta em data posterior, sendo endereçada a Albano Belino por Joaquim Poças Júnior, que havia já editado a primeira epígrafe. Não conseguimos identificar este indivíduo (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, especialmente de 24/02/1898, 08/07/1898, 17/01/1899, 27/02/1899, 18/03/1899, 09?/04/1899, 29/04/1899, 25/08/1900, 29/09/1900, sem data (n.º 118), 08/10/1900; Belino, 1898; Oliveira, 1993, p. 30, n.º 215; Tabelas 6, 18).

José Henriques Pinheiro, que prosseguia as investigações na região de Bragança, editou em 1895 um livro sobre a via romana entre *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga), com inscrições latinas. Hübner citou esta obra no volume VIII da

Ephemeris Epigraphica, em duas epígrafes de Bragança. Entre estas, se encontrava o monumento epigráfico do Castro de Avelãs, publicado em 1888 pelo português, de onde copiou o sábio alemão para o *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Uma outra inscrição, proveniente do Castro de Sacóias, era inédita (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 6-11, 120, de 03/1896 a 05/06/1898; Pinheiro, 1888, p. 84; *CIL* II – S 6215; Pinheiro, 1895, pp. 4, 68-69, 91, 103-104; Oliveira, 1993, p. 134, n.º 1549; Redentor, 2002, pp. 37-38, 90-91, n.º 35, pp. 177-179, n.º 127; Tabelas 6, 14, 16. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

Para o volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, José Henriques Pinheiro remeteu decalques e descrições de epígrafes por carta, da região de Bragança, mas o seu nome surgiu ainda associado a Chaves. Neste caso, o estudioso foi intermediário de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. Segundo a missiva de Henriques Pinheiro a Hübner de 03/1896, podemos inferir que o pedido teria partido do sábio alemão e teria como objectivo que o português contactasse alguém da região de Chaves. Deste modo, pensamos que nenhum dos dois correspondentes conheceria, ou saberia mesmo da existência do Abade de Baçal (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 6-11, 120, de 03/1896 a 05/06/1898; Tabelas 6, 18).

Francisco Manuel Alves, natural e depois de ser ordenado sacerdote, Abade de Baçal, empenhou-se com especial dedicação ao estudo da História, Arqueologia, Epigrafia e Etnografia do distrito de Bragança. Iniciou a publicação dos seus trabalhos em 1906, de que se destacam as *Memórias Arqueológico-Históricas* desta região, em 11 tomos. Discípulo de Albino dos Santos Pereira Lopo, foi director do Museu Municipal de Bragança a partir de 1925. Em sua homenagem, esta instituição foi denominada Museu Abade de Baçal em 1935. Como indicámos *supra*, no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* foi referido enquanto informador de José Henriques Pinheiro. Não conhecemos correspondência trocada com o erudito germânico (Alves, 1909-1947; Oliveira, 1993, pp. 15-16, n.ºs 37-54; Branco, 1997; Encarnação, 1999, pp. 17-23; Redentor, 2002, pp. 39-41; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 162; Tabela 18. Cfr. Tabela 6).

Manuel José Martins Capela foi sacerdote e professor nos distritos de Braga e Viana do Castelo. Dedicou-se à Arqueologia e Epigrafia, em especial aos marcos miliários. No livro *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, de 1895, recolheu todos os miliários descobertos em território português a norte do Douro. Esta obra foi bastante elogiada pela investigação, nomeadamente por Hübner e por Leite de Vasconcelos. As

numerosas referências ao seu nome no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica* provêm deste livro. Existem duas missivas enviadas ao sábio alemão na Sociedade Martins Sarmento, de 19 de Abril de 1896 e 19 de Março de 1897 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 73-74, de 19/04/1896 a 19/03/1897; Capela, 1895; Hübner, 1895-1896, pp. 103-105; Capela, 1896, pp. 97-104; Vasconcelos, 1896a, pp. 267-269; Cardozo, 1947, pp. 133-134, nota 8; Oliveira, 1993, p. 44, n.ºs 383-384; Tabelas 6, 16).

Albino dos Santos Pereira Lopo, natural de Mogadouro, militar, dedicou-se à investigação arqueológica da região de Bragança. Constituiu a principal figura da fundação do Museu Municipal de Bragança, ocorrida a 4 de Novembro de 1896, sendo seu primeiro director. Publicou vários artigos n' *O Arqueólogo Português*, de onde Hübner recolheu a informação que incluiu no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*. A sua correspondência com o sábio alemão é reduzida, subsistindo apenas seis epístolas dos anos de 1898 e 1899. Todavia, o teor das missivas confirma os dados patentes na obra do erudito germânico. Pereira Lopo remeteu leituras e decalques dos monumentos epigráficos. A maioria das epígrafes registadas por Hübner provém da área de Bragança, com uma excepção de Chaves (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 7-12, de 28/06/1898 a 07/09/1899; Lopo, 1897, pp. 192, 224; Lopo, 1898, pp. 312-313, 341-343; Lopo, 1899-1900, pp. 16, 79, 137-138, 143-145; Lopo, 1901, pp. 147-148; Lopo, 1987; Oliveira, 1993, pp. 105-107, n.ºs 1163-1207; Redentor, 2002, pp. 39-41; Tabelas 6, 18).

António Mesquita de Figueiredo, formado em Direito na Universidade de Coimbra em 1905, foi bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa e conservador da Torre do Tombo, dedicando-se à Arqueologia. Ainda estudante de liceu, entrou em contacto com o sábio alemão. Após identificar dois monumentos epigráficos em Lisboa, um dos quais era já conhecido, enviou a notícia ao erudito germânico. No âmbito de uma viagem ao Norte de Portugal, ao passar pela Figueira da Foz observou uma inscrição de Pedrulha, que remeteu a Hübner. Este epigrafista citou-o nos lugares respectivos do volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 21-28, de 14/11/1898 a 25/09/1900; Figueiredo, 1948, pp. 25-30, 32-34, de 11/05/1899, 16/05/1899, 23/05/1899, 05/10/1899, 10/10/1899; Oleiro, 1953-1954, p. 218; Oliveira, 1993, pp. 76-78, n.ºs 801-816; Guerra, 2014, p. 233; <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4411570>; Tabelas 6, 18. Vide capítulos I.2.5, I.2.5.3, I.2.13).

Celestino Beça, natural de Outeiro, Bragança, militar, dedicou-se à Arqueologia e Epigrafia de Trás-os-Montes, especialmente aos estudos viários. O sábio alemão referiu

que o estudioso português enviou-lhe informações relativas a dois marcos miliários da região de Bragança, no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, o que se confirma na carta do major, de 19 de Março de 1900 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 121-123, de 31/12/1899 a 19/03/1900, especialmente Ms. 123, de 19/03/1900; Beça, 1915, pp. 74-106; Oliveira, 1993, p. 29, n.º 205-208; Redentor, 2002, pp. 39-41; Tabelas 6, 18).

João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, membro da Sociedade Martins Sarmento, efectuou pesquisas históricas e arqueológicas na zona rural do concelho de Guimarães. Correspondeu-se com o erudito germânico entre 3 de Setembro de 1900 e 12 de Fevereiro de 1901. Nesta documentação confirma-se que o abade endereçou textos epigráficos, tal como Hübner indicou no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, a par de um artigo na *Revista de Guimarães*. Duas inscrições provêm da região vimaranense. Os outros dois monumentos são originários da área de Chaves, explicando-se o envio pelo facto de pertencerem ao espólio da Sociedade Martins Sarmento. Oliveira Guimarães foi o primeiro investigador a estudar estas epígrafes. Foi ainda o autor do elogio fúnebre a Hübner, editado na *Revista de Guimarães* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 1-5, de 03/09/1900 a 12/02/1901, especialmente Mss. 2-3, de 06/09/1900 e 02/10/1900, Ms. 5, de 12/02/1901; SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II, Mss. 55-57, de 1900-1901; Pereira, 1899, p. 132; Guimarães, 1900, pp. 185-186; Guimarães, 1901, pp. 30-32, 59, 71; Cardozo, 1985, p. 65, n.º 73, p. 86, n.º 44; Oliveira, 1993, p. 91, n.º 998-1007; Abrantes, 2008, pp. 515-525; Tabelas 6, 18).

O erudito germânico consultou os volumes de António Joaquim Moreira em 1881. Deste modo, terá incluído no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* as informações às quais não teve acesso antes, na realização das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. Ao contrário do que sucedeu no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, o seu nome concentra-se no Alentejo (CCE 78 (MNA Ms. 10477); *CIL* II – S, p. LXXXIII; Tabelas 8, 14, 17. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

Inácio de Vilhena Barbosa foi um historiador e arqueólogo português, dedicando-se principalmente à divulgação. Num dos seus artigos inseriu dois monumentos epigráficos paleocristãos de Chelas, um dos quais era conhecido e fora inclusivamente publicado por Hübner. O sábio alemão mencionou o investigador português a respeito da inscrição inédita, mas hesitamos que tenha consultado directamente o seu trabalho. Vilhena Barbosa publicou na mesma página as duas epígrafes, pelo que o erudito germânico poderia ter incluído a referência bibliográfica em ambas, até porque inscreveu uma a

seguir à outra no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. Consideramos, ao invés, que efectuou a citação através do artigo de Borges de Figueiredo, que também indicou apenas o trabalho de Vilhena Barbosa a respeito do monumento epigráfico paleocristão inédito (Barbosa, 1864, p. 376; *IHC* 18 = *IHC* – S 325; Figueiredo, 1890, pp. 2-4; Oliveira, 1993, pp. 26-27, n.^{os} 170-188; Tabela 17).

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal foi um militar e escritor português. Compôs um dicionário de Portugal, publicado entre 1873 e 1890, sendo formado por 12 volumes. O último tomo foi terminado por Pedro Augusto Ferreira. As entradas do dicionário contêm por vezes informações arqueológicas e mesmo transcrições de epígrafes. Deste modo, o erudito germânico citou-o. No volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*, referenciou o item *Cervos* a propósito de um marco miliário de Arcos, da freguesia de Cervos, concelho de Montalegre, indicando que o escritor português havia lido de forma incorrecta (Leal, 1873-1886; Leal, 1874a, pp. 255-257; Leal & Ferreira, 1890; Tabela 16). No volume IX da *Ephemeris Epigraphica* referiu o item *Vila Viçosa*, que não indicou no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, como se observa *infra*. Mencionou ainda os artigos *Bobadella*, *Vide de Cima*, *Reguengo* e *Rézende* (Leal, 1873, p. 406; Leal, 1874b, p. 52; Leal, 1878, pp. 109, 159; Leal, 1886, p. 1135; Leal & Ferreira, 1890; Tabela 18. Cfr. Tabela 17).

João Maria Baptista, militar e professor de Geografia, intentou escrever um dicionário geográfico de Portugal, em que foi coadjuvado pelo seu filho João Justino Baptista de Oliveira. No item de *Torre de Moncorvo* transcreveu uma inscrição, sendo por isso citado pelo erudito germânico no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (Baptista & Oliveira, 1874, p. 481; Tabela 18).

Augusto Filipe Simões, no seu artigo editado no *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, incluiu uma inscrição paleocristã de *Conimbriga*. Hübnér teve acesso ao trabalho, referenciando-o no volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, como observámos *supra*. Deste modo, citou-o igualmente no lugar respectivo do *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* (Simões, 1875, pp. 120-121; Tabelas 13, 17. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

Sebastião Estácio da Veiga, no decorrer dos trabalhos no Alentejo e no Algarve, identificou vários objectos arqueológicos. Nos *Monumenta Linguae Ibericae*, Hübnér incluiu uma inscrição de um anel, que havia editado no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. O arqueólogo algarvio tinha-lhe enviado a informação em

1881. O objecto provinha de Ourique. As restantes epígrafes consistem em moedas de Mértola e Castro Marim e nos monumentos epigráficos do âmbito da Escrita do Sudoeste, provenientes do Algarve (Veiga, 1880a, pp. 50-54; Veiga, 1891, pp. 285-286; Tabelas 14-15. Cfr. Tabela 6). Sebastião Estácio da Veiga identificou também várias epígrafes paleocristãs em Mértola e no Algarve. Os monumentos epigráficos de Mértola foram editados no seu livro *Memoria das Antiguidades de Mertola*, remetendo ao sábio alemão uma fotografia da cerâmica. Quanto às restantes inscrições, provenientes de *Ossonoba* e *Balsa*, citadas no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*, o arqueólogo algarvio enviou decalques ao erudito germânico. Estes dados comprovam, mais uma vez, a existência de contactos entre ambos (Veiga, 1880a, pp. 96-119, n.ºs 1-14; Tabelas 7-8, 10, 13-15, 17. Cfr. Tabela 6).

Joaquim José da Rocha Espanca foi citado no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica* pelo seu artigo n' *O Arqueólogo Português* sobre um monumento epigráfico inédito de Juromenha, permanecendo na mesma região geográfica do Alentejo. Havia sido o sacerdote daquela vila e amigo de Rocha Espanca, que lhe fornecera uma reprodução do texto epigráfico (Espanca, 1895, pp. 216-217; Oliveira, 1993, p. 73, n.ºs 763-768; Tabelas 14, 16). No seu artigo sobre a epígrafe de Bencatel, inserida no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, Rocha Espanca referiu um monumento epigráfico paleocristão, indicando que estava publicado no volume XI do *Portugal Antigo e Moderno*, de Augusto Pinho Leal. Hübner não terá consultado a obra de Pinho Leal, citando apenas Rocha Espanca e a informação que este sacerdote registou no seu trabalho. O acesso do sábio alemão ao texto epigráfico foi garantido através de um decalque que Rocha Espanca lhe endereçou, segundo a informação contida no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* e na missiva dirigida a Leite de Vasconcelos. Isto permite-nos atestar a existência de contactos entre os dois investigadores. Contudo, não localizámos essa documentação (CCE 78 (MNA Ms. 10477); Espanca, 1887, p. 101; Leal, 1886, pp. 1135-1136; Tabelas 14, 17. Cfr. Tabela 6).

Victorino de Santana Pereira de Almada foi um militar e escritor. Natural de Elvas, efectuou pesquisas históricas e arqueológicas deste concelho, editando-as em três volumes, entre 1888 e 1895. Hübner citou o segundo volume a respeito de um monumento epigráfico de Elvas no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*, mas na nossa opinião não terá consultado a obra directamente, uma vez que nessa mesma página figuram cinco inscrições, duas das quais foram incluídas na obra alemã

imediatamente a seguir. Assim, consideramos que a menção foi efectuada através do artigo de Leite de Vasconcelos. Este trabalho contém as três epígrafes incorporadas nos *Additamenta* do sábio alemão e foi devidamente referenciado (Almada, 1889, p. 279; Vasconcelos, 1895a, pp. 244-246; Pereira & Rodrigues, 1904, pp. 221-222; Tabela 16).

José Umbelino Palma, secretário da Câmara Municipal de Beja, foi o principal dinamizador do Museu Arqueológico Municipal de Beja, fundado em 29 de Dezembro de 1892. Escreveu um artigo no volume I d'*O Arqueólogo Português* sobre um monumento epigráfico de Beja, que o erudito germânico indicou no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*. Estranhámos que o estudo do director do Museu Etnográfico Português, apenso ao trabalho de Umbelino Palma, não tenha sido citado por Hübner. Ao invés, referiu o artigo do conservador da Biblioteca Nacional sobre esta epígrafe, inserido no último fascículo do mesmo volume I d'*O Arqueólogo Português* (Palma, 1895, p. 110; Vasconcelos, 1895a, pp. 110-112, 321-322; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-230; <http://www.museuregionaldebeja.net/omuseuregional.htm>; Tabela 16).

António dos Santos Rocha, natural da Figueira da Foz, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Dedicou-se à Arqueologia, escavando nomeadamente o importante povoado proto-histórico de Santa Olaia. Devido ao seu empenho, fundou-se o Museu Arqueológico Municipal da Figueira da Foz, no dia 6 de Maio de 1894, do qual foi nomeado director. Em 1898, constituiu a Sociedade Arqueológica da Figueira, depois denominada Sociedade Arqueológica Santos Rocha, em sua homenagem. Os seus objectivos eram realizar pesquisas e escavações arqueológicas, contribuir para a conservação dos monumentos, estudar e organizar os conjuntos materiais, divulgar o conhecimento. Assim, promoveu a edição de um *Boletim*, mas este subsistiu apenas entre 1904 e 1909. De modo a melhor compreender Santa Olaia, efectuou investigações no Algarve, no ano de 1895. Aqui identificou duas inscrições e uma marca de oleiro, que publicou n'*O Arqueólogo Português*. O sábio alemão inseriu estas epígrafes, com a respectiva referência bibliográfica nos *Additamenta* do volume VIII da *Ephemeris Epigraphica* (Rocha, 1895, pp. 113, 195-199, 206-207; Correia, 1941; Vilhena, 1937; Cardozo, 1958, p. 129, nota 221; Oliveira, 1993, pp. 148-153, n.^{os} 1721-1810; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 170; Tabela 16). No âmbito das investigações que desenvolveu na zona da Figueira da Foz, Santos Rocha, identificou em Maiorca um monumento epigráfico latino, que inseriu no tomo II d'*O Arqueólogo Português*. Hübner colocou esta inscrição no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (Rocha, 1896b,

pp. 155-156; Correia, 1941; Cardozo, 1958, p. 129, nota 221; Oliveira, 1993, pp. 148-153, n.ºs 1721-1810; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 170; Tabelas 16, 18).

Joaquim Maria Pereira Boto, cónego da Sé de Faro e professor do Seminário desta cidade algarvia, foi nomeado conservador do Museu Arqueológico Lapidar Infante D. Henrique, no ano de 1894. Dedicou-se à Arqueologia do Algarve e ao museu de que era conservador, inserindo artigos sobre esta instituição n’*O Arqueólogo Português*. Num destes trabalhos, no volume II do periódico, editou três inscrições inéditas de Marim, que o erudito germânico incluiu no volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*, citando o estudo do sacerdote. No final do artigo figurava um grafito de uma cerâmica de Milreu, já conhecido. Contudo, apesar de Hübner ter inscrito esta epígrafe no seu *Additamenta*, não indicou a referência bibliográfica de Pereira Boto. Uma vez que o trabalho foi publicado no volume II d’*O Arqueólogo Português*, de 1896, os monumentos epigráficos foram incorporados no *Auctarium* (Rocha, 1895, p. 200; Boto, 1896, pp. 25-27, 167; Fortes, 1905-1908, p. 482; Oliveira, 1993, pp. 34-35, n.ºs 267-278; Tabela 16).

Joaquim Correia Baptista, secretário da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, era um indivíduo interessado pela História do seu concelho. Deu notícia do achado de vários objectos do período romano, perto da necrópole proto-histórica de Nossa Senhora dos Mártires, no número II d’*O Arqueólogo Português*. Um desses objectos consistia num fragmento de uma epígrafe, que foi inscrita no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*. Consideramos que a notícia e a cópia desta inscrição foram remetidas por Jules Philippe, na sua carta de 19 de Maio de 1894. No entanto, este correspondente não foi referido pelo sábio alemão (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 92, de 19/05/1894; Vasconcelos, 1895a, p. 65; Baptista, 1896, pp. 143-144; Oliveira, 1993, p. 29, n.º 204; Tabelas 6, 18).

Félix Alves Pereira, formado em Direito, foi oficial e depois, entre 15 de Maio de 1902 e 9 de Setembro de 1911, o primeiro conservador do Museu Etnológico Português. Em 1911, optou pelo seu trabalho no Congresso da República, alcançando o cargo de director-geral. Contudo, não deixou de colaborar com Leite de Vasconcelos e com o Museu Etnológico Português, nem de efectuar investigações arqueológicas. No ano de 1933, foi designado vogal da Junta Nacional de Escavações e Antiguidades. Alves Pereira desenvolveu uma actividade científica diversificada, dedicando-se, entre outros, à Epigrafia. O artigo que o sábio alemão citou no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* a propósito de um monumento epigráfico de Castro de Roboreda, Arcos de Valdevez, constituiu um inventário dos objectos que recolheu na região do Minho e ofereceu ao

Museu Etnológico Português (Pereira, 1899-1900, pp. 33-39; Machado, 1964, pp. 58-60, nota 9; Oliveira, 1993, pp. 124-128, n.ºs 1406-1477; Cardoso & Martins, 2009, p. 261; Tabela 18).

Pedro Belchior da Cruz, colaborador de António dos Santos Rocha, escreveu vários artigos sobre o Museu Municipal da Figueira da Foz, a Sociedade Arqueológica da Figueira e de Arqueologia. Foi o primeiro a publicar a inscrição de Pedrulha, sendo assim citado pelo erudito germânico no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (Cruz, 1899-1900, p. 122; Oliveira, 1993, pp. 68-69, n.ºs 702-722; Tabela 18).

Luís de Figueiredo da Guerra foi novamente referenciado por uma epígrafe de Viana do Castelo. Desta vez, o estudioso publicou o seu artigo n' *O Arqueólogo Português* (Guerra, 1899-1900, pp. 176-177; Tabelas 14, 18).

Joaquim de Castro Lopo, natural de Valpaços e aqui funcionário das Finanças, dedicou-se à História, Arqueologia, Etnografia e Linguística da sua terra natal. No tomo V d' *O Arqueólogo Português* editou dois monumentos epigráficos de Valpaços, que Hübner introduziu no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (Lopo, 1890-1892, pp. 255-260; Lopo, 1895, pp. 325-329; Lopo, 1899-1900, p. 167; Oliveira, 1993, p. 107, n.ºs 1208-1209; Tabela 18).

António Tomás Pires, natural de Elvas, funcionário da Câmara Municipal desta cidade, desenvolveu investigação principalmente na área da Etnografia, mas também da Arqueologia e Epigrafia. Foi uma das pessoas que contribuiu para a fundação do Museu Municipal de Elvas, hoje designado Museu Municipal António Tomás Pires, em sua homenagem. Redigiu o catálogo dos materiais desta instituição, publicando-o no volume VI d' *O Arqueólogo Português*. Este trabalho foi citado pelo sábio alemão a respeito de inscrições de Vila Viçosa, Elvas e *Ammaia*, que pertenciam ao espólio do museu, no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (Pires, 1901, pp. 209-236, n.ºs 19-20, 24-26, 28-29, 155-156; Gama, 1964, pp. 15-22; <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=424>; Tabela 18).

Carl Hugo Richter, pintor alemão, foi professor de Desenho e Pintura na Escola Industrial das Caldas da Rainha na década de 1890. De Leiria remeteu duas missivas ao epigrafista germânico, nos anos de 1894 e 1895, numa das quais indicou Tróia. Foi a respeito do monumento epigráfico deste local que foi referido nos *Additamenta* do volume VIII da *Ephemeris Epigraphica*, afirmando Hübner que o seu conterrâneo lhe

enviou a sua descrição (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 89-90, de 07/06/1894 a 14/05/1895; Serra, 1988, p. 283; Tabelas 6, 16).

Edward Spencer Dodgson foi um filólogo inglês, professor na Universidade de Oxford, dedicando-se especialmente à língua basca. Segundo as informações que possuímos, registadas, por exemplo, na correspondência epistolar ora em estudo, manteve contactos e ter-se-á encontrado com o erudito germânico na Alemanha. A documentação epistolar que remeteu a Hübner, se ainda existe, guarda-se certamente na *Staatsbibliothek* de Berlim (CCE 75 (MNA Ms. 10476); CCE 123 (MNA Ms. 10494); Cardoso, 1947, pp. 229-230, nota 5).

No âmbito das suas pesquisas na Península Ibérica, Dodgson identificou várias epígrafes latinas, nomeadamente de Elvas e de *Ammaia*. Segundo aquilo que o erudito germânico registou no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, o investigador inglês endereçou-lhe as informações sobre os monumentos epigráficos na sua correspondência, nos anos de 1896 e 1897, o que comprova a existência de contactos entre ambos (Tabela 18. *Vide* capítulo I.2.9). A sua presença no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* relaciona-se com uma inscrição de Évora, que teria observado *in loco*, e consequentemente indicou-o ao sábio alemão. Esta epígrafe consiste no monumento sobre o qual Hübner questionou Leite de Vasconcelos em 1899 (CCE 35 (SMS Ms. 24) – CCE 38 (SMS Ms. 25); CCE 75 (MNA Ms. 10476); CCE 123 (MNA Ms. 10494) – CCE 124 (SMS Ms. 64); Tabela 17. *Vide* capítulo 4.1.3).

Duas inscrições paleocristãs de Mértola foram transportadas para a Inglaterra, sendo publicadas por investigadores deste país (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.^{os} 6-7 = Hübner, 1895, pp. 180-182, n.^{os} 6-7); Tabela 17).

John Collingwood Bruce era director e proprietário de uma escola em Newcastle, tendo-se dedicado à História, Arqueologia e Epigrafia do período romano. Membro da Sociedade de Antiquários de Newcastle Upon Tyne, editou um monumento epigráfico daquela vila alentejana nos *Proceedings of the Society of Antiquaries of Newcastle-Upon-Tyne*. A ida desta inscrição para a Sociedade deve-se ao inglês Warden, que viveu em Mértola (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.^o 6 = Hübner, 1895, pp. 180-181, n.^o 6); Bruce, 1888, p. 264; <http://romaninscriptionsofbritain.org/bibliography/>; Tabela 17).

A outra epígrafe foi publicada por John Henry Middleton no *Cambridge University Reporter* de 15 de Março de 1887. Middleton foi um arqueólogo e historiador de arte, pioneiro nos estudos científicos das antiguidades romanas. Professor em Cambridge, foi

director do Museu Fitzwilliam e depois do Museu South Kensington. O médico alemão Joseph Gadow, que também habitou na vila alentejana, levou este monumento epigráfico para Cambridge (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.º 7 = Hübner, 1895, pp. 181-182, n.º 7); <http://www.oxforddnb.com/view/article/18676?docPos=1>; Tabela 17).

O erudito germânico teve acesso e citou estes trabalhos, mas indicou também que Bruce remeteu-lhe por carta uma descrição da primeira epígrafe e um decalque da segunda inscrição. Hübner editou inicialmente os dois monumentos no estudo que inseriu no volume I d'*O Arqueólogo Português*, sendo depois incorporados no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. Ao contrário do que afirmou no seu artigo, não foi Gadow que analisou a inscrição, mas Middleton, tendo assim corrigido a informação no seu livro (CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A, n.ºs 6-7 = Hübner, 1895, pp. 177-182, especificamente pp. 181-182, n.ºs 6-7); Bruce, 1888, p. 264; Tabela 17).

Joseph Gadow e John Middleton foram ainda mencionados pelo epigrafista alemão a respeito de um monumento de Lisboa. O médico germânico teria efectuado um decalque da inscrição. Com base nesta cópia, Middleton havia publicado a epígrafe, juntamente com o monumento de Mértola. Todavia, os contactos de Hübner na Inglaterra não conseguiram localizar esta reprodução (Tabela 17).

5.2.1.4 *Varia*

Outros investigadores dedicaram-se à Epigrafia em Portugal, mas não foram citados por Hübner. Destacamos os seguintes.

João Correia Aires de Campos, membro do Instituto de Coimbra, foi nomeado conservador do Museu de Arqueologia desta instituição. Nos catálogos que realizou incluiu várias inscrições (Campos, 1877; Campos, 1883; Oliveira, 1993, p. 43, n.ºs 376-379; Ferreira, 2012, pp. 71-72).

João Carlos de Almeida Carvalho, advogado de Setúbal, foi discípulo de Gama Xaro, sendo um dos membros mais activos da Sociedade Archeologica Lusitana. Como observámos *supra*, foi um dos membros fundadores que entregou o espólio da Associação à Academia Real de Belas-Artes de Lisboa. Almeida Carvalho editou uma epígrafe paleocristã de Alcácer do Sal no *Archivo Pittoresco*. Gama Xaro remeteu a informação do monumento ao sábio alemão, mas certamente não mencionou o artigo do

seu discípulo, não sendo assim citado. As reproduções que ambos publicam são praticamente iguais, pelo que devem ter sido efectuadas pela mesma pessoa (Carvalho, 1863, pp. 182-184; Machado, 1987³, pp. 11-13, 28-29, 31-35; Oliveira, 1993, p. 48, n.^{os} 441-443; Fabião, 1997, p. 114; Cardoso, 2001, p. 11; Martins, 2003-2005, p. 79; Fabião, 2011, pp. 86, 91, 93; Tabela 8. *Vide* capítulo 5.1.4).

O erudito germânico recebeu ainda correspondência de outras individualidades, dizendo, com frequência, respeito a assuntos que não foram estritamente epigráficos, tendo, por isso, um escasso interesse para a História da disciplina. No entanto, tratando-se aqui toda a correspondência, não se podem esquecer estas pessoas ou instituições.

O mais antigo correspondente de Hübner é a Delegação da Prússia em Portugal, com uma função mais institucional e informativa, mas sem visibilidade na elaboração do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II ou das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. A Delegação da Prússia na Baviera terá constituído uma continuação destas relações, uma vez que a caligrafia da carta é semelhante às missivas remetidas de Lisboa (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 93-104, de 25/05/1861 a 15/11/1862, 22/12/1869; Tabelas 6-8).

António Moreira Cabral foi um estudioso da obra de Camões, tendo desempenhado as funções de tesoureiro da Sociedade Nacional Camoneana do Porto. As epístolas que endereçou ao sábio alemão relacionam-se com a entrada deste ilustre epigrafista na referida instituição (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 112-113, de 18/06/1880 a 22/01/1882; Tabela 6).

A Sociedade de Geografia de Lisboa foi fundada em 1875. No ano de 1896, no âmbito da preparação para as celebrações do quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, contactou o erudito germânico. Foram assinantes deste documento o presidente Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, um dos fundadores e secretário Luciano Baptista Cordeiro de Sousa e o secretário Ernesto Júlio de Carvalho e Vasconcelos (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 114, de 26/10/1896; <http://www.socgeografialisboa.pt/>; Tabela 6).

Manuel de Freitas Aguiar era irmão de Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmiento, esposa de Francisco Martins Sarmiento. A carta que remeteu a Hübner consistiu num pedido da sua irmã, para informar o sábio alemão do falecimento do seu esposo, que faleceu a 9 de Agosto de 1899 (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 72, de 30/08/1899; Tabela 6).

Joaquim José de Meira, médico, foi sócio e presidente da Sociedade Martins Sarmento. Nesta qualidade escreveu ao erudito germânico, convidando-o a participar no volume especial de homenagem a Francisco Martins Sarmento, da *Revista de Guimarães* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 1, de 17/11/1899, Ms. 115, sem data; Tabela 6).

A carta do Marquês de Souza Holstein a Hübner refere a estadia deste epigrafista em Portugal. Deste modo, considerando que o primeiro Marquês dedicou-se à História de Arte, consideramos que possa ter sido ele a redigir a missiva, pelo que reconstituímos o ano para 1861, aquando da primeira estadia do sábio alemão em Portugal (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 88, de 29/06/[1861?]; Tabela 6).

Não identificámos Garcia Pires, Röder, M.ª Chaves e o autor de uma epístola (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 142, de 16/06/1861; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 105, de 29/06/?, Mss. 100-111, sem data; Tabela 6).

5.2.2 Síntese

Depois da análise do contributo de cada um dos autores individualmente considerados, efectuada nos capítulos antecedentes, exige a realização de uma breve síntese, de modo a compreendermos, de uma forma mais geral, o contributo destes investigadores para o progresso da Epigrafia. Reportamo-nos somente aos indivíduos contemporâneos de Hübner, a partir do momento em que chegou à Península Ibérica, abarcando um período que corresponde aos últimos 40 anos do século XIX.

Para uma mais fácil avaliação, elaborámos distintas tabelas e gráficos relativos à Epigrafia latina, à Epigrafia paleocristã e à Escrita do Sudoeste (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14).

Na tabela com os dados relativos à Epigrafia latina, é possível observar as três grandes fases do trabalho desenvolvido por Hübner, separadas em colunas. A primeira relativa à preparação do *Corpus Inscriptionum Latinarum*. A segunda demonstra a investigação efectuada após esta obra e até à publicação do seu *Supplementum*, englobando os *Additamenta* editados na *Ephemeris Epigraphica*. Uma vez que Hübner incluiu no *Supplementum* muitas inscrições que publicou neste periódico, repetindo-as, não duplicámos a contagem nestes casos. A terceira fase revela a produção dos últimos *Additamenta* do sábio alemão, editados nas *Ephemeris Epigraphica* VIII e IX. Na

primeira coluna são colocados os nomes dos investigadores, seguindo a ordem pela qual aparecem nas obras, nas seguintes contabilizamos o total de epígrafes em que foram referidos pelo erudito germânico. Na quarta coluna, Total Geral, apresentamos o somatório de cada autor nos vários livros em que foi indicado (Tabela 19).

Autor	CIL II	EE I – CIL II – S	EE VIII – EE IX	Total Geral
António Joaquim Moreira	32	10		42
Augusto Soromenho	46	25	1	72
Sebastião Estácio da Veiga	6	60		66
Francisco Rafael da Furtado	3	5		8
Manuel Bernardo Lopes Fernandes	4			4
Manuel da Gama Xaro	29			29
Levy Maria Jordão	3			3
Wilhelm Gurlitt	12	1		13
José de Oliveira Berardo	15			15
José Pereira Caldas	5	2	4	11
Alexandre Herculano	1			1
Alfredo de Andrade	1	6		7
Eduardo Augusto Allen		2		2
Aureliano Fernández-Guerra		2		2
Victorino da Silva Araújo		19		19
António Francisco Barata		3	1	4
Gabriel Pereira		19		19
Francisco Rodrigues de Gusmão		2		2
Augusto Filipe Simões		10		10
Cesário Augusto Pinto		1		1
Borges de Figueiredo		64		64
Augusto Teixeira de Aragão		11		11
Augusto Mendes Simões de Castro		3		3
Joaquim José da Rocha Espanca		10	1	11
Leite de Vasconcelos		33	100	133
Joaquim de Vasconcelos		2		2
Joaquim Possidónio da Silva		2		2
José Calado		5	4	9
Francisco Martins Sarmento		114	47	161
Sá Vilela		1		1
Juan de Dios de la Rada y Delgado		1		1
Luís de Figueiredo da Guerra		1	1	2
José Henriques Pinheiro		10	10	20
António dos Santos Rocha			4	4
Joaquim Maria Pereira Boto			3	3
Hugo Richter			1	1
José Umbelino Palma			1	1
António Mesquita de Figueiredo			4	4
Victorino de Almada			1	1

Martins Capela			110	110
Albano Belino			34	34
Luciano Cordeiro			1	1
Joaquim Correia Baptista			1	1
Augusto Pinho Leal			6	6
António Tomás Pires			9	9
Edward Dodgson			3	3
Joaquim Poças Júnior			2	2
Pedro Belchior da Cruz			1	1
João Maria Baptista & João Justino Baptista de Oliveira			1	1
José Brenha			3	3
João Gomes de Oliveira Guimarães			4	4
Albino Pereira Lopo			15	15
Félix Alves Pereira			1	1
Francisco Manuel Alves			5	5
Joaquim de Castro Lopo			2	2
Celestino Beça			2	2

Tabela 19: Síntese dos Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de *CIL* II, *EE* I, *EE* II, *EE* III, *EE* IV, *CIL* II – S, *EE* VIII, *EE* IX

No Gráfico 12, apresentamos a síntese realizada na Tabela 19 em termos de percentagens, de modo a verificar a quantidade no cômputo geral. Os autores com um número inferior a 10 foram incluídos na alínea “Outros”. O “(c)” indica que essa personalidade foi correspondente de Hübner (Tabela 19; Gráfico 12).

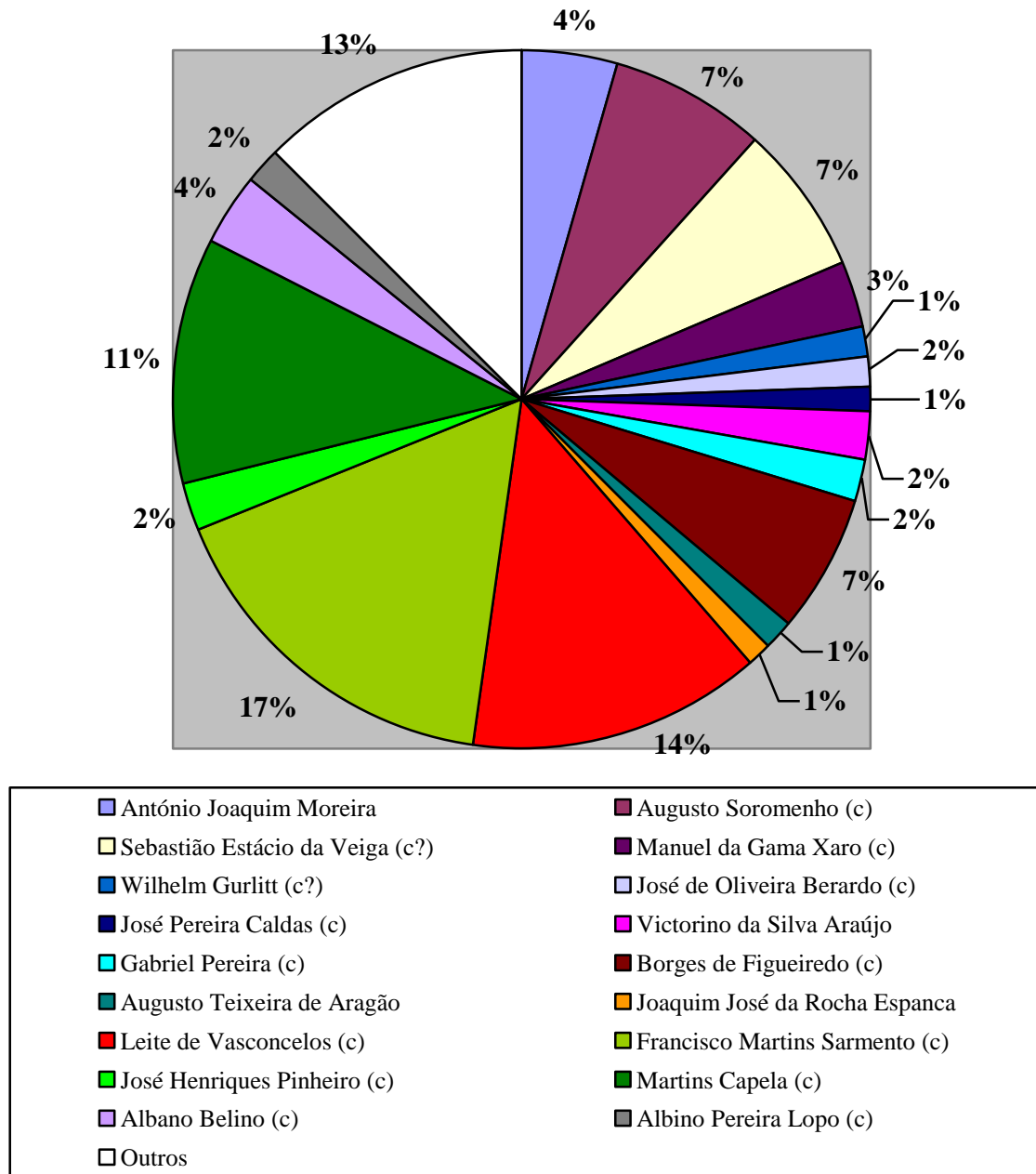


Gráfico 12: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de *CIL II*, *EE I*, *EE II*, *EE III*, *EE IV*, *CIL II – S*, *EE VIII*, *EE IX*

Na tabela com os dados relativos à Epigrafia paleocristã, mantivemos as três fases estabelecidas para a Epigrafia latina, sendo separadas em colunas. A primeira relativa à preparação das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. A segunda corresponde a uma adenda concretizada no *Inscriptiones Britanniae Christianae*. A terceira fase revela a produção do suplemento da primeira obra, o *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. Na primeira coluna são colocados os nomes dos investigadores,

seguindo a ordem pela qual aparecem nas obras, nas seguintes contabilizamos o total de epígrafes em que foram referidos pelo erudito germânico. Na quarta coluna, Total Geral, apresentamos o somatório de cada autor nos vários livros em que foi indicado (Tabelas 19-20).

Autor	<i>IHC</i>	<i>IBC</i>	<i>IHC – S</i>	Total Geral
Sebastião Estácio da Veiga	1		16	17
Manuel da Gama Xaro	1			1
Augusto Soromenho	1			1
José de Oliveira Berardo	1			1
Wilhelm Gurlitt	1			1
Alexandre Herculano	1			1
Joaquim de Vasconcelos		1		1
Leite de Vasconcelos			13	13
António Joaquim Moreira			7	7
John C. Bruce			2	2
John H. Middleton			2	2
Joaquim José da Rocha Espanca			1	1
Augusto Pinho Leal			1	1
Gabriel Pereira			2	2
Joseph Gadow			1	1
Borges de Figueiredo			3	3
Vilhena Barbosa			1	1
Augusto Mendes Simões de Castro			1	1
Augusto Filipe Simões			1	1
António Francisco Barata			1	1
Albano Belino			3	3
Francisco Martins Sarmento			1	1
Edward Dodgson			1	1

Tabela 20: Síntese dos Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de *IHC*, *IBC*, *IHC – S*

No Gráfico 13, apresentamos a síntese realizada na Tabela 20 em termos de percentagens, de modo a verificar a quantidade no cômputo geral. Devido às reduzidas quantidades de cada autor, optamos por incluir os autores com uma única referência na alínea “Outros”. O “(c)” indica que essa personalidade foi correspondente de Hübner (Tabela 20; Gráfico 13).

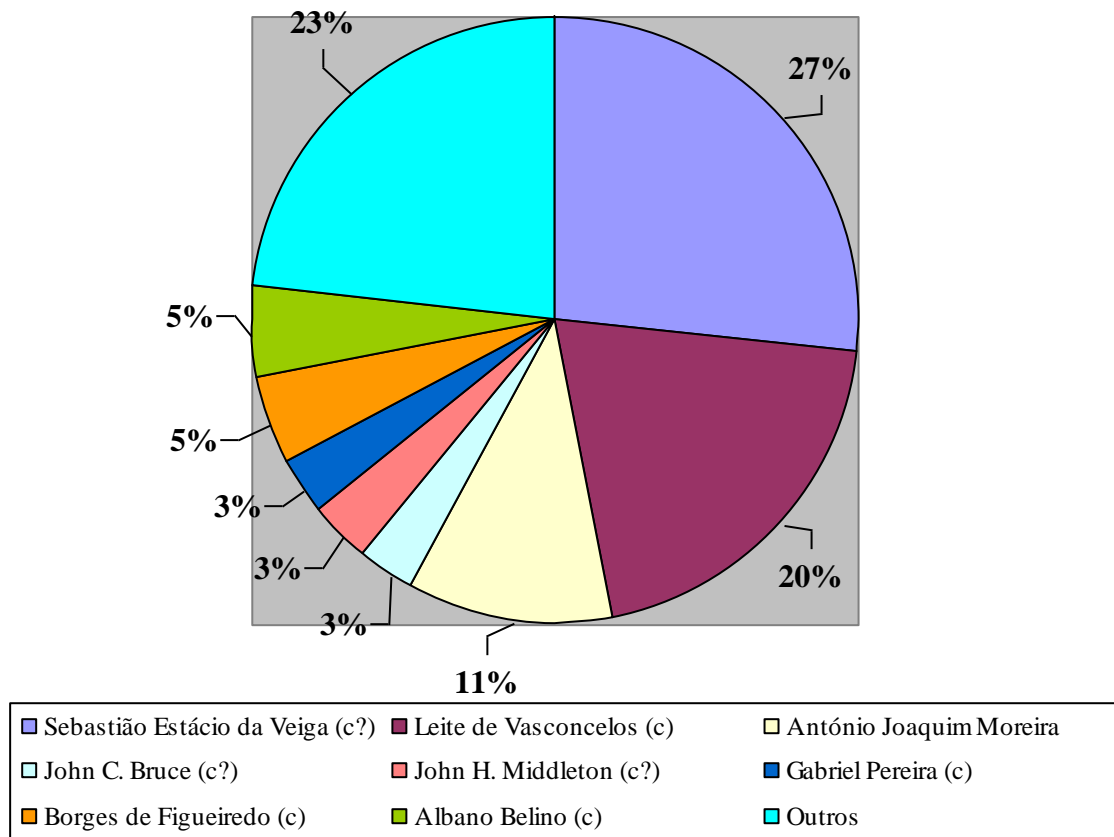


Gráfico 13: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de *IHC*, *IBC*, *IHC – S*

Na tabela com os dados relativos às inscrições “ibéricas” (Escrita do Sudoeste), apresentamos apenas uma coluna, relativa à obra *Monumenta Linguae Ibericae*. Na primeira coluna são colocados os nomes dos investigadores, seguindo a ordem pela qual aparecem na obra. Na seguinte contabilizamos o total de epígrafes em que foram referidos pelo erudito germânico. Na terceira coluna, Total Geral, apresentamos o somatório de cada autor. Uma vez que se trata de uma única obra, esta coluna pode parecer redundante, mas desejámos manter a forma das tabelas anteriores (Tabelas 19-21).

Autor	MLI	Total Geral
Sebastião Estácio da Veiga	7	7
Francisco Martins Sarmento	4	4
José de Oliveira Berardo	2	2
Wilhelm Gurlitt	1	1
João Bonança	1	1

Tabela 21: Síntese dos Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de *MLI*

No Gráfico 14, apresentamos a síntese realizada na Tabela 21 em termos de percentagens, de modo a verificar a quantidade no cômputo geral. O “(c)” indica que essa personalidade foi correspondente de Hübner (Tabela 21; Gráfico 14).

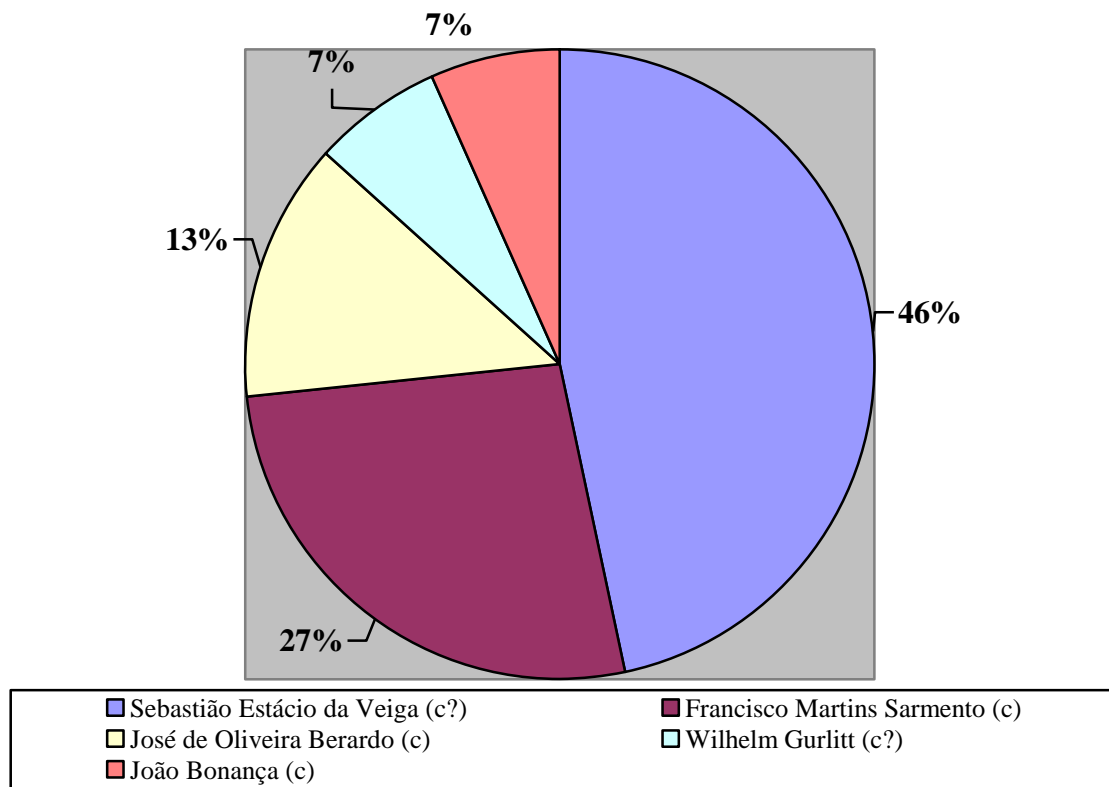


Gráfico 14: Correspondentes de Hübner e Autores na elaboração de MLI

Na análise realizada nos capítulos antecedentes, sintetizada nas Tabelas 19 a 21 e nos Gráficos 12 a 14, é possível constatar que Francisco Martins Sarmiento foi o autor que mais contribuiu, seguindo-se Leite de Vasconcelos e depois Martins Capela. A posição relevante que ocupa este último, citado por um único livro, não deixa de ser surpreendente, mas deve-se certamente às novidades epigráficas trazidas pela sua obra. Quanto aos outros dois, não há qualquer surpresa, uma vez que ambos constituíam figuras de destaque na Epigrafia nacional durante este período, e aos quais conferimos particular destaque neste trabalho: a Martins Sarmiento dedicámos um subcapítulo, e Leite de Vasconcelos constitui o objecto fundamental de estudo na nossa dissertação (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2.5).

No respeitante à Epigrafia latina, o peso que assumem os outros investigadores de segundo plano (que detêm cada um menos de 10% do cômputo geral) pode dar igualmente algumas informações interessantes. Destacamos, pela sua ordem de

grandeza, Augusto Soromenho, Sebastião Estácio da Veiga, Borges de Figueiredo e ainda, António Joaquim Moreira, Albano Belino e Manuel da Gama Xaro. Refira-se ainda que os restantes autores trabalharam pequenos conjuntos epigráficos, mas no seu cômputo geral corresponde a uma grande quantidade de inscrições (Tabela 19; Gráfico 12).

No âmbito das inscrições paleocristãs e da Escrita do Sudoeste, os conjuntos são menores que estes últimos, não sendo significativos no cômputo geral. Alguns dos autores supraindicados permanecem com os conjuntos maiores. Na Epigrafia paleocristã, são Estácio da Veiga, Leite de Vasconcelos e António Joaquim Moreira. Verifica-se novamente um grande número de conjuntos epigráficos reduzidos, especificamente com uma a três epígrafes. Na Escrita “Ibérica”, permanece Estácio da Veiga, acrescentando-se Martins Sarmiento no âmbito das realidades do Norte de Portugal (Tabelas 20-21; Gráficos 13-14).

Constata-se que a quase totalidade dos investigadores que trabalharam maior quantidade de inscrições latinas, desde a chegada de Hübner a Portugal até ao seu falecimento, foram correspondentes do sábio alemão. Este peso dos correspondentes, alguns em dúvida, permanecem na Epigrafia paleocristã e na Escrita do Sudoeste (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14).

Hübner, de modo a garantir a realização de obras o mais completas e abalizadas possível, contactou com investigadores e outras individualidades portuguesas. A correspondência trocada com estas personalidades, preservada na Sociedade Martins Sarmiento, no Museu Nacional de Arqueologia e ainda na *Staatsbibliothek* de Berlim, demonstra esta realidade, que ficou registada igualmente nos livros (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14).

Na fase da realização do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, e também das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, sobressai a colaboração de membros da Academia Real das Ciências de Lisboa, principalmente do seu secretário, Augusto Soromenho, encarregado por Alexandre Herculano de concretizar a ligação entre o sábio alemão e a instituição portuguesa. Existe outro estudioso e correspondente que também se destaca, Gama Xaro, principal figura por trás da fundação da Sociedade Archeologica Lusitana (Tabelas 19-20; Gráficos 12-13. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.1.4, 5.2.1, 5.2.1.1).

Estes dois correspondentes evidenciam-se pela quantidade de textos epigráficos que forneceram ao sábio alemão. Soromenho concretizara investigações epigráficas e remeteu os seus resultados. Mas o seu papel foi igualmente de provisor de bibliografia

de outros estudiosos, funcionando efectivamente como o elo de contacto entre o erudito germânico e a investigação portuguesa (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.1.4, 5.2.1, 5.2.1.1).

Gama Xaro realizou investigações, cujos resultados enviou a Hübner. O facto de ser membro da Academia permitiu-lhe avolumar o seu contributo, com as informações preservadas no espólio de Frei Manuel do Cenáculo (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.1.4, 5.2.1, 5.2.1.1).

Um terceiro indivíduo sobressai também pela quantidade, em termos de Epigrafia latina, António Joaquim Moreira, funcionário da Academia. Isto deve-se à obra que realizou, de compilação de todas as inscrições de Portugal. Seria, além do livro de Levy Maria Jordão que foi publicado, o único trabalho de nível nacional. Contudo, o sábio alemão não teve acesso directo aos manuscritos, sendo que os volumes nunca foram editados. Quando em 1881, Hübner consultou esta documentação, retirou poucas inscrições, que incluiu no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* (Tabelas 19-20; Gráficos 12-13. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.2.1.1-5.2.1.3).

Dois conjuntos mais reduzidos, mas igualmente significativos, e que envolvem a Epigrafia latina, a paleocristã e a Escrita do Sudoeste, consistiram nos trabalhos que José de Oliveira Berardo desenvolveu e nas investigações de Wilhelm Gurlitt, no âmbito da viagem que efectuou a Portugal (Tabelas 19-20; Gráficos 12-13. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.1-5.2.1.3).

Dos restantes investigadores, destacamos ainda Estácio da Veiga, Pereira Caldas, Levy Maria Jordão e Paz Furtado. Os dois primeiros estudiosos dedicaram-se às pesquisas arqueológicas e epigráficas ao longo da sua vida. Estácio da Veiga neste período está a começar as suas investigações, cuja continuidade irá permitir-lhe ser um dos principais contribuidores de novidades epigráficas naquela que considerámos a segunda fase de produção da obra alemã relativa à Epigrafia latina e da terceira fase da Epigrafia paleocristã. Pelo contrário, Pereira Caldas mantém a reduzida contribuição no âmbito da Epigrafia latina, não se dedicando com especial atenção aos monumentos epigráficos. Levy Maria Jordão editou o primeiro *corpus* nacional, mas com falhas, como indicámos. Uma vez que este livro é anterior à chegada do erudito germânico, não o incluímos na tabela, sendo que as referências inseridas dizem respeito a uma entrega talvez presencial, não relacionada com a obra. O autor não terá prosseguido os estudos epigráficos, pelo que o seu contributo termina aqui. Paz Furtado desenvolveu pesquisas

nos locais onde exerceu a sua actividade profissional de notário (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.2.1, 5.2.1.1-5.2.1.3).

Os outros indivíduos patentes na Tabela 19 não se dedicavam à Epigrafia. Alguns contactos deste período que não foram referidos por Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, mas dos quais existe correspondência, relacionam-se com os cargos que desempenhavam, especialmente nas bibliotecas públicas (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.1.3, 5.2.1, 5.2.1.1).

Na década de 1880 e inícios da década seguinte, até à edição do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II em 1892, e também dos *Monumenta Linguae Ibericae* em 1893, verificamos um crescimento dos estudos epigráficos em Portugal. Alguns investigadores prosseguiram os seus trabalhos, outros iniciaram o labor (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.1-5.2.1.3).

No IV volume da *Ephemeris Epigraphica* verifica-se já uma dispersão dos correspondentes e autores. Já não era a Academia o principal eixo da colaboração. A Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, fundada em 1863, forneceu um periódico, onde os investigadores puderam publicar os seus estudos, ainda que a participação fosse selectiva. A quantidade de citações do *Boletim de Architectura e de Archeologia* nas obras de Hübner demonstra bem a sua importância na divulgação das pesquisas arqueológicas, não só em Portugal, mas também no estrangeiro, contribuindo para a internacionalização da actividade epigráfica nacional. Em 1874, o Instituto de Coimbra formou uma secção de Arqueologia, que se dedicou ao estudo de Coimbra e *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha), conduzindo à descoberta e estudo de monumentos epigráficos. As duas instituições, de Lisboa e Coimbra, constituíram ainda museus (Tabelas 13, 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.2).

Os estudiosos que se evidenciam pela quantidade de referências são três. Com quase o dobro dos outros, Francisco Martins Sarmiento, fundamentalmente no Norte de Portugal. Concretizou uma vasta investigação, publicou bastante, mas forneceu muitos textos epigráficos ao sábio alemão através da sua correspondência. O erudito germânico tinha em boa consideração a qualidade do trabalho que o arqueólogo vimaranense desenvolvia, solicitando-lhe a correcção de epígrafes. Martins Sarmiento e a Sociedade homónima criada em sua homenagem estabeleceram, no Norte de Portugal, um pólo agregador para os estudos arqueológicos desta região. Detinha um museu e uma revista científica, com campos de acção abrangentes, mas nos quais a Epigrafia tinha lugar de destaque. Ainda que a quantidade tenha diminuído para metade na terceira fase, Martins

Sarmento permaneceu como um dos principais correspondentes portugueses e elo de contacto de Hübner (Tabelas 14, 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 4.1.2.5, 5.2.1, 5.2.1.2).

Borges de Figueiredo teve uma abundante carreira dedicada à Epigrafia encurtada pelo falecimento prematuro. Criou um dos primeiros periódicos exclusivos de História e Arqueologia, assinando numerosos artigos, entre os quais de Epigrafia. O seu trabalho foi de âmbito nacional, ainda que centrado sobretudo a Sul do Douro (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.2.1, 5.2.1.2).

As pesquisas de Sebastião Estácio da Veiga, fundamentalmente em Mértola e no Algarve, conduziram ao descobrimento de muitas inscrições latinas, paleocristãs e da Escrita do Sudoeste nestas regiões do Sul de Portugal, multiplicando o conhecimento epigráfico destes locais. No *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum* ocorreu uma actualização, desde a adenda no *Inscriptiones Britanniae Christianae*. O nome mais citado foi Estácio da Veiga, no âmbito das suas pesquisas precisamente em Mértola e no Algarve. O mesmo ocorreu nos *Monumenta Linguae Ibericae* (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14. *Vide* capítulos 5.2.1.2-5.2.1.3).

José Leite de Vasconcelos iniciou também neste momento a investigação e publicação epigráfica, com os conjuntos de Duas Igrejas e do santuário de Endovélico, e depois de Cárquere e Panóias, tendo fundado a *Revista Lusitana*. O seu contributo para o *Supplementum* é já muito significativo, revelando um conjunto bastante volumoso e algo disperso (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 2.3, 5.2.1.2, I.2.1, I.3.1-I.3.2, I.4.1).

A predominância de Augusto Soromenho manteve-se nos *Additamenta* que o erudito germânico editou nos volumes I, II, III, e também em certa medida no volume IV, da *Ephemeris Epigraphica*. O seu falecimento em 1878, terminou naturalmente a produtiva e amigável relação entre ambos (Tabelas 9-13, 19; Gráfico 12. *Vide* capítulos 5.2.1.2).

A maioria dos outros investigadores registados no *Supplementum* dedicam-se a estudos locais ou regionais, englobando a Epigrafia nesses trabalhos. É o caso de Victorino da Silva Araújo em Leiria, Gabriel Pereira na região de Évora, Augusto Filipe Simões em Évora, Coimbra e *Conimbriga*, Rocha Espanca em Vila Viçosa, José Henriques Pinheiro em Bragança, António Francisco Barata em Évora. Também Augusto Teixeira de Aragão incluiu os monumentos epigráficos em trabalhos que escreveu, subsistindo dois núcleos, *Balsa* (Quintas das Antas e de Torre d'Ares) e Citânia de Briteiros. Os conjuntos dos restantes estudiosos são muito reduzidos, alguns dos quais também de âmbito geográfico restricto, sendo outros apenas fornecedores de bibliografia (Tabela 19; Gráfico 12. *Vide* capítulo 5.2.1.2).

A partir de 1893, até ao falecimento de Hübner em 1901, o grande incremento, em termos de quantidade de epígrafes estudadas, ocorreu no Norte de Portugal, principalmente como consequência dos trabalhos de Martins Sarmento, Albano Belino e Martins Capela. Martins Sarmento diminui a sua participação em termos quantitativos, mas permanece a sua importância enquanto correspondente. O conjunto volumoso de Albano Belino deve-se na sua maioria ao seu livro sobre inscrições de Braga. Martins Capela detém o maior volume, mas somente pelo seu livro sobre os miliários. Bragança também se destaca, sendo de enaltecer os trabalhos de Henriques Pinheiro, que continuou ele próprio, mas que “formou discípulos”, já presentes no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, revelando uma semente frutífera, como Albino Pereira Lopo, Celestino Beça e, já depois de Hübner falecer, Francisco Manuel Alves (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14. *Vide* capítulos 4.1.2.5, 5.2.1.3).

No resto do país destaca-se Leite de Vasconcelos, que triplicou o seu contributo, solidificando a sua importância nos estudos epigráficos do país. Para tal contribuíram a fundação do Museu Etnográfico Português em Lisboa em 1893, e a publicação de um periódico, *O Arqueólogo Português*, iniciado em 1895. Esta revista tornou-se um meio privilegiado para a edição de artigos de Epigrafia, não só escritos pelo seu fundador, mas igualmente por outros investigadores, convertendo-se mesmo na publicação arqueológica por excelência. Foi a revista mais citada, com trabalhos de vários autores, alguns dos quais com conjuntos reduzidos. Leite de Vasconcelos funcionou ainda como elo de ligação entre investigadores portugueses e o erudito germânico. Foi o caso de António dos Santos Rocha, que na Figueira da Foz constituiu um museu e uma associação, com um periódico, relacionados com os seus trabalhos (Tabelas 19-21; Gráficos 12-14. *Vide* capítulos 2.3, 4.1.2-4.1.3, 5.2.1.3).

Estas considerações baseadas numa avaliação numérica da correspondência podem produzir alguma distorção do panorama da investigação epigráfica em Portugal, mas não deixam de espelhar, com as suas naturais limitações, o quadro científico nacional neste domínio concreto. Ainda que de níveis de formação muito variada, o mundo intelectual português acompanhava com alguma distância o que a “ciência alemã” ia produzindo, o que servia de estímulo ao desenvolvimento de áreas especializadas e que exigiam competências muito concretas.

6. Considerações Finais

As correspondências epistolares entre investigadores têm a vantagem de nos fornecer, para além de informação científica, dados sobre a personalidade dos intervenientes, pois falam na primeira pessoa. A correspondência trocada entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos não é excepção.

O nosso trabalho coloca em evidência as relações entre estes dois intelectuais do século XIX, contribuindo para a caracterização dos contactos científicos e pessoais estabelecidos entre ambos ao longo de pouco mais de uma década. São relações que começam com alguma distância, mais esporádicas, mas tornam-se mais frequentes e aparentemente mais sólidas. O mútuo reconhecimento e admiração consolida-se, mas parece sempre marcado por algum distanciamento e um certo calculismo.

As relações entre Hübner e Leite de Vasconcelos parecem, neste domínio, bem distintas daquelas que o sábio alemão manteve com Francisco Martins Sarmiento. O ilustre vimaranense estava sempre disponível em ajudar, fornecendo novidades sem se preocupar em editá-las primeiro. Leite de Vasconcelos não proporcionava com facilidade as suas descobertas, sempre preocupado com a primazia editorial. A relação entre o sábio alemão e o conservador da Biblioteca Nacional permaneceu sempre num plano profissional e muito menos no pessoal. Esta diferença tem que ver naturalmente com a própria natureza das duas figuras cimeiras da Arqueologia portuguesa de oitocentos. Leite de Vasconcelos vive para a ciência, a quem dedica toda a sua vida, assumindo a vertente pessoal e afectiva uma dimensão menor.

A personalidade de Hübner perpassa também na documentação em estudo. Embora se possa facilmente cair em lugares comuns, penso ser claro que o seu método de trabalho se caracteriza por uma elevada organização, pelo rigor e eficiência. A preparação das suas viagens é testemunho disto mesmo. Os resultados do seu labor traduzem-se na realização de grandes monumentos de compilação e ao mesmo tempo em exemplos de aplicação de um método crítico, aspectos que marcam o positivismo alemão. Algumas destas características ainda hoje parecem fazer parte do que tomamos como o estereótipo germânico.

Neste contexto, o objectivo principal do contacto com o investigador lusitano era adquirir informação, tão rigorosa quanto possível, de forma a concluir com êxito as obras de Epigrafia que tinha em mãos. O decalque, como método de obter uma espécie de “cópia” da inscrição, mas passível de ser enviada sem grandes custos, constituía um

dos elementos mais solicitados. Mas solicitava também muitas outras informações e, no caso de figuras a quem reconhecia especiais méritos, pedia contributos críticos em relação à sua obra.

No seu trabalho é sintomática a forma como lida com o factor tempo. Mais do que todos os seus correspondentes, Hübner tem prazos a cumprir, resultantes de uma programação bastante rígida do projecto em que se encontra envolvido. Por isso parece perder por vezes a paciência com o protelar para além do combinado das respostas às solicitações – veja-se o caso das prometidas inscrições de Endovélico destinadas ao *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II.

Quanto a Leite de Vasconcelos, a correspondência reflecte bem algumas características que associamos a uma mentalidade portuguesa. A sua personalidade é inquieta, viva, variada, mas também algo desorganizada. Ele é assaltado permanentemente por múltiplos interesses, que deseja abarcar na sua totalidade, mas de que depois, na prática, acaba por abdicar da concretização de alguns projectos. Por exemplo, na documentação aqui em estudo, verificamos que inicialmente referiu ao erudito germânico que iria incluir toda a documentação de Endovélico no seu livro *Religiões da Lusitânia*. Com o avolumar da obra, remeteu para um estudo posterior, que, todavia, nunca concretizou, abandonando o seu desejo inicial. Outro aspecto que se verifica, quanto à sua dispersão de interesses, é o facto de sair de Lisboa com um objectivo apenas, que consistia em recolher toda a informação relativa a tudo o que encontrasse, desejando abarcar a totalidade do mundo. Nas cartas a Hübner, referiu a exploração de dolmens, o estudo e aquisição de inscrições, a escavação de sítios arqueológicos romanos.

Já no âmbito das viagens, por vezes, antes de sair de Lisboa, ainda não sabia qual seria o seu destino. E uma vez nos locais, não parava, via tudo, visitava todos os museus e bibliotecas, queria conhecer todas as pessoas que lhe pudessem ser úteis de alguma forma. Em Paris, aproveitou todo o tempo livre para visitar a cidade e os seus arredores. Na Alemanha, travou conhecimento com vários intelectuais. O seu desejo era tão grande e excitante, que nem dormia, como ocorreu na sua viagem a Alcáçovas, no Alentejo.

Devido a esta sua maneira de estar, regressava sempre a Lisboa mais cansado do que tinha saído, mas mais rico. Trazia contactos, informações, material variado. As suas viagens permitiram-lhe, sem dúvida, enriquecer o Museu Etnográfico Português, transformando-o naquilo que é hoje, o Museu Nacional de Arqueologia, detentor da maior colecção de tesouros nacionais em Portugal.

As inúmeras notas que recolheu e efectuou, em cadernos, folhas avulsas ou no primeiro papel que tinha à mão, permitiram-lhe uma excelente documentação. Mas confusa, que os seus discípulos tiveram que organizar para prosseguir a sua obra *Etnografia Portuguesa*, deixada inacabada.

É sintomático que o investigador lusitano pareça ter vivido numa contínua falta de tempo. É quase a desculpa sistemática que usa para não enviar informações a Hübner. E efectivamente, apesar da sua grande capacidade de trabalho, deve ter tido mesmo falta de tempo, por causa da amplitude dos seus interesses e das inúmeras tarefas que abraçava, sempre centradas na ciência. Relembre-se que chegou a lamentar-se do tempo perdido a dar aulas no Liceu. Desfeito o seu segundo noivado, corria o ano de 1896, confessa que regressava tranquilo para onde nunca devia ter saído, a investigação, que tinha ficado um pouco em segundo plano, como escreveu a Martins Sarmiento. No entanto, tempo para questionar o seu correspondente alemão a respeito de dúvidas que tinha, esse Leite de Vasconcelos arranjava. Hübner representava para ele uma referência científica e, como tal, a pessoa com que poderia obter uma resposta mais sólida às muitas questões que lhe surgiam. É um tipo de interlocutor que não encontra no limitado panorama científico de Portugal.

Leite de Vasconcelos também se colocou completamente à disposição do erudito germânico quando este epigrafista lhe pediu a sua colaboração para a correcção do suplemento ao *corpus* das inscrições paleocristãs. Foi a Chelas, deu volta às epígrafes que tinha no seu museu, remeteu monumentos inéditos. Esta grande disponibilidade possuiu uma razão. Hübner, o grande epigrafista, a autoridade máxima da Epigrafia nacional, e um vulto no âmbito peninsular, requeria a sua ajuda, não para lhe fornecer material, mas para corrigir a sua obra. Leite de Vasconcelos não era já um simples correspondente ou investigador. Hübner considerava-o como igual. Ele adquiria uma importância ímpar no plano internacional, cimentando igualmente a sua preponderância nos estudos epigráficos em Portugal. Não deve ter sido por acaso que Santos Rocha lhe pediu ajuda no esclarecimento dos textos epigráficos de Quinta de Marim.

A correspondência que estudámos revela-nos a ideia que cada um tem do outro. Existe uma mútua admiração e respeito. Mas Leite de Vasconcelos reconhecia a superioridade intelectual de Hübner, assim como o avanço em que se encontrava a ciência alemã. Por esta razão, solicitou várias vezes ao seu correspondente alemão que lhe enviasse os livros e artigos que escrevesse, assim como pediu outra bibliografia, também alemã. Hübner era, e sempre foi, uma figura admirada.

Por sua vez, a visão do sábio alemão a respeito de Leite de Vasconcelos evoluiu. Trata-se de uma evolução significativa, que vai mudando ao longo do tempo e que em parte é devida ao próprio reconhecimento da erudição do arqueólogo português. Essa evolução nota-se particularmente no progressivo papel que Leite de Vasconcelos desempenha como analista e conselheiro a respeito de algumas publicações que Hübner tem em preparação.

Na forma como encaram os outros e manifestam a sua opinião, também são diferentes. Hübner era atencioso, delicado, não procura conflitos. Corrige, critica, mas sempre com distanciamento, num plano mais estritamente científico. Veja-se a sua atitude para com João Bonança na primeira carta que escreveu a Leite de Vasconcelos. A única excepção constituiu em Levy Maria Jordão.

Leite de Vasconcelos representa bem a tradição do intelectual português de oitocentos: amigo da polémica e da crítica, mesmo que não necessariamente sã, como por exemplo nos comentários duros que efectuou às obras de Albano Belino, nos quais perpassa sempre a ideia de que por essa via quer atingir Pereira Caldas, de quem aquele é discípulo. Como se torna claro no caso de Bonança, é exigente e implacável com a incompetência. Preza o método científico e não perdoa a quem o despreza.

Entre Hübner e Leite de Vasconcelos verificamos atitudes diferentes num outro aspecto: o sábio alemão, pela própria natureza do trabalho que desenvolve, tem uma atitude europeia, universal, que se desenvolve num espírito de colaboração entre académicos. Embora Leite de Vasconcelos partilhe as ideias de colaboração entre cientistas, não deixa de apresentar algumas atitudes nacionalistas. Por diversas vezes, sustenta que as descobertas portuguesas deviam ser editadas em primeiro lugar em Portugal e por portugueses. Esta atitude parece ter-lhe causado alguns dissabores ou pelo menos algum esfriamento momentâneo nas suas relações com Hübner, como parece deduzir-se de uma missiva. Infelizmente faltam-nos as cartas decisivas do seu correspondente para compreender melhor o que se passou, mas pelo tom dos seus pedidos de desculpas, o sábio alemão deve ter sido directo, atacando o cerne desta questão.

São dois mundos científicos que se espelham nestas duas figuras e se revelam na correspondência ora em estudo.

Temos consciência que a quantidade de informação que apresentamos no nosso trabalho permitiria dissertar mais longamente sobre os vários assuntos. Os limites

impostos para uma dissertação de doutoramento, em tempo e quantidade de páginas, impuseram limites à sua análise, que gostaríamos de ter incluído, sobre todos os temas referidos nas missivas trocadas entre estas duas importantes figuras do meio científico epigráfico português. A continuidade natural desta dissertação residiria na publicação desse importante material e respectiva análise.

A temática da História da Epigrafia necessita também de muita investigação futura. Deste modo, estabelecemos como objectivos de investigação futura, a edição e análise de toda a correspondência de Hübner, assim como parte da correspondência de Leite de Vasconcelos, dedicada principalmente à Epigrafia. Destacamos as cartas que Martins Sarmiento enviou ao conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa e que não chegaram a ser estudadas por Mário Cardozo.

7. Abreviaturas

CCE = *Corpus* da Correspondência Epistolar

Ms. / Mss. = Manuscrito / Manuscritos

MNA = Museu Nacional de Arqueologia

MSR = Museu Municipal Dr. Santos Rocha

SMS = Sociedade Martins Sarmento

8. Bibliografia

8.1 Abreviaturas Bibliográficas

<i>AALR</i>	= Navarro Caballero & Ramírez Sádaba, 2003
<i>ARCL</i>	= Academia Real das Ciências de Lisboa, ed.
<i>CIG III</i>	= Böckh & Franzius, 1853
<i>CIL</i>	= <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> . Berlim: Georgium Reimerum (2. ^a ed. – Walter de Gruyter et Socios).
<i>DIP</i>	= Encarnação, 1975
<i>EE I</i>	= Hübner, 1872
<i>EE IIa</i>	= Hübner, 1875
<i>EE IIb</i>	= Hübner & Mommsen, 1875
<i>EE IIIa</i>	= Hübner, 1877
<i>EE IIIb</i>	= Hübner & Mommsen, 1877
<i>EE IV</i>	= Hübner, 1881
<i>EE VIII</i>	= Hübner, 1899a
<i>EE IX – I</i>	= Hübner & Dessau, 1903
<i>EE IX</i>	= Hübner & Dessau, 1913
<i>EO</i>	= Silva, 1944
<i>FC</i>	= Étienne & <i>alii</i> , 1976
<i>IBC</i>	= Hübner, 1876
<i>IG XIV</i>	= Kaibel & Lebègue, 1890
<i>IHC</i>	= Hübner, 1871a
<i>IHC – S</i>	= Hübner, 1900
<i>ILER</i>	= Vives, 1971-1972
<i>ILS</i>	= Dessau, 1902
<i>IRCP</i>	= Encarnação, 1984
<i>HAE</i>	= <i>Hispania Antiqua Epigraphica</i>
<i>HEp</i>	= <i>Hispania Epigraphica</i>
<i>MLI</i>	= Hübner, 1893
<i>NPH</i>	= Abascal Palazón, 1994

RAP = Garcia, 1991

Matriznet = <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/Objectos/ObjectosFiltrarADV.aspx>

8.2 Manuscritos

8.2.1 Academia das Ciências de Lisboa

MOREIRA, António Joaquim (1864) – *Collecção de Epitaphios, Inscrições e Lettreiros*. Lisboa.

SALGADO, Vicente (1777) – *Lapides que estão no Convento de Nossa Senhora de Jesus dos Padres da Congregação da Terceira Ordem*.

SALGADO, Vicente (1796) – *Collecção dos Monumentos Romanos Descobertos em Portugal, Extrahidos de Varios Autores e da Curiosidade do Collector. No Anno de 1796*.

8.2.2 Biblioteca Nacional de Portugal

ABREU, Tomé de Távora e (1722-1723a) – *Cartas acerca da Geographia e da Historia de Chaves*.

ABREU, Tomé de Távora e (1722-1723b) – *Noticias Geographicas e Historicas da Provincia de Tras-os-Montes*.

AGUIAR, António de (1721) – *Relação da Frig.^a de S. Pedro de Valnogueira Com.ca de Villa Real Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas. Anno 1721*.

AGUIAR, José Moutinho de (172?) – *Rellação de Villa Real e seu Termo*.

BEM, Tomás Caetano de Bem (?) – *Miscellanea*.

BEM, Tomás Caetano de Bem (17?) – *Thermas chamadas dos Cassios achadas na Magdalena em Lisboa*.

BEM, Tomás Caetano de Bem (1790) – *Noticia das Thermas, ou Banhos Cassianos, e Outros Monumentos Romanos, Modernamente Descobertos na Cidade de Lisboa*.

FIGUEIREDO, Luís Álvaro de (1722) – *Noticias do Arcebispado de Braga remetidas pelo Bispo de Uranopolis*.

8.2.3 Museu Nacional de Arqueologia

8.2.3.1 José Leite de Vasconcelos

Apontamentos Epigrafia. Cx. 1.

Apontamentos Epigrafia. Cx. 2.

Apontamentos Opúsculos. Cx. 1.

Aquisições e Inventário de Peças.

Correspondência.

Informações e Achados por Proveniência. Cx. 1 - A-B.

Informações e Achados por Proveniência. Cx. 2 - C-L.

Informações e Achados por Proveniência. Cx. 3 - M-O.

Informações e Achados por Proveniência. Cx. 5 - P-S.

Relatos de Viagens. Cx. 1.

8.2.3.2 Sebastião Estácio da Veiga

Estácio da Veiga. Cx. 4 – 1. *Museu do Algarve.* 2. *Inventários.* *Correspondência.*

- VEIGA, Estácio, *Catálogo dos Monumentos e Objectos de Arte Antiga Descobertos e Obtidos no Reconhecimento das Antiguidades do Districto de Faro feito desde Março de 1877 até Outubro de 1878, para o Levantamento da Carta Archeologica do Algarve em Virtude da Portaria de 15 de Janeiro de 1877, por S. P. M. Estacio da Veiga.*

- VEIGA, Estácio, *Catálogo dos Productos Archeologicos, Obtidos desde o Concelho de Alcoutim até o de Tavira, e Acondicionados em 26 Caixotes e Tres Canastrões em 30 de Junho de 1877. Continuação deste Catalogo, Compreendendo os Produtos dos Concelhos de Olhão, Faro e Loulé até 20 de Novembro de 1877. Continuação – Concelhos de Albufeira, Lagoa e Silves até 20 de Janeiro de 1878.*

- VEIGA, Estácio, *Inventário (cópia) do Museu Archeologico do Algarve 1885.*

Estácio da Veiga. Cx. 5 – 1. *Correspondência.* *Apontamentos.*

8.2.3.3 Vária

Livro de Saídas de Correspondência do Museu do Ano de 1898.

8.2.4 Sociedade Martins Sarmento

BARROS, João de (1548) – *Descrição de Entre Douro e Minho e Tras los Montes pelo Dr. João de Barros*.

Cartas a Emílio Hübner. Vol. I.

Cartas a Emílio Hübner. Vol. II.

Cartas ao Abade de Tagilde. Vol. II.

Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900.

Várias Cartas.

8.3 Impressos

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) – *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Madrid-Murcia: Universidad de Murcia.

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (2014) – Hübner y el **Corpus Inscriptionum Latinarum** II. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 135-159.

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosario (2009) – *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ABRANTES, Joaquim Roque (2008) – João Gomes de Oliveira Guimarães – Abade de Tagilde. Amigo e Correspondente de José Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.º Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 513-542.

ABRANTES, Joaquim Roque (2011) – José Leite de Vasconcelos e Manuel Fonseca da Gama – Dois Autores Unidos por Duas Obras Literárias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 1, pp. 249-266.

ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, ed. (1792-1796) – *Memorias de Litteratura Portuguesa*. Lisboa. 1 (1792a), 2 (1792b), 3 (1792c), 5 (1793); 6 (1796).

ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, ed. (1815-1837) – *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 4.1 (1815), 5.1 (1817), 6.1 (1819), 6.2 (1820), 7 (1821), 8.1 (1823a), 8.2 (1823b), 9 (1825), 10.1 (1827), 10.2 (1830), 11.1 (1831), 12.1 (1837).

ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, ed. (1843) – *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Série II. 1:1.

ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, ed. (1849-1850) – *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Vols. 1 (1849), 2 (1850). Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa.

ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, ed. (1854-1855) – *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Nova Série. 1.1 (1854), 1.2 (1855).

ADIEGO, Ignacio-Javier (1993) – Algunas Reflexiones sobre el Alfabeto de Espanca y las Primitivas Escrituras Hispanas. In ADIEGO, Ignacio-Javier; SILES, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia Palaeohispanica et Indogermanica J. Untermann ab Amicis Hispanicis Oblata*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 11-22.

ALARCÃO, Adília (2008) – O Pensamento Museológico de José Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 79-86.

ALARCÃO, Jorge de (1988a) – *O Domínio Romano em Portugal*. 3.^a ed. Mem Martins: Publicações Europa-América.

ALARCÃO, Jorge de (1988b) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.

ALBUQUERQUE, Maria Amélia Pires de (2006) – Correspondência de Leite de Vasconcelos relativa ao Concelho de Tarouca. In ALBUQUERQUE, Maria Amélia Pires de; VAZ, João Luís Inês; FERREIRA, Virgílio, eds. – *Tarouca e Cister: Homenagem a Leite de Vasconcelos – Actas*. Tarouca: Câmara Municipal de Tarouca, pp. 19-39.

ALEGRIA, Maria Fernanda; DAVEAU, Suzanne; GARCIA, João Carlos (2011) – *Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro. Encontros Epistolares (1931-1941)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

ALFÖLDY, Géza (1995) – Inscripciones, Sacrificios y Misterios: El Santuario Rupestre de Panóias / Portugal. Informe Preliminar. *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 36, pp. 252-258.

ALFÖLDY, Géza (1997) – Die Mysterien von Panóias (Vila Real, Portugal). *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 38, pp. 176-246.

ALFÖLDY, Géza (2002) – Panóias: O Santuário Rupestre. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 211-214.

ALFÖLDY, Géza (2005) – Theodor Mommsen y la Epigrafía Romana a los Cien Años de su Morte. In MARTÍNEZ-PINNA, Jorge, ed. – *En el Centenario de Theodor Mommsen*. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 153-170.

ALMADA, Victorino d' (1889) – *Elementos para um Dicionario de Geographia e Historia Portugueza. Concelho d'Elvas e Extinctos de Barbacena, Villa-Boím e Villa Fernando*. Vol. 2. Elvas: Typ. Elvense, de Samuel F. Baptista.

ALMAGRO-GORBEA, Martín (2003) – *Epigrafía Prerromana*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ALMEIDA, António Manuel Passos (2006-2007) – Contributos ao Estudo da Museologia Portuense no Século XIX. O Museu do Coleccionador João Allen e o Museu Municipal do Porto. *Ciências e Técnicas do Património*. Porto. Série I. 5-6, pp. 31-55. In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6617.pdf>, em 03/09/2015, às 18:00.

ALMEIDA, João (2009) – *A Necrópole Romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno nas Décadas de 40-60 do Século XX. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

ALMEIDA, Justino Mendes de (2008) – Em Louvor do Mestre. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 69-78.

ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira (1967) – Varia Epigraphica (Continuado da p. 358 do vol. LXXVI). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 77:1-2, pp. 47-69.

ALMEIDA, Justino Mendes de; MOSER, Maria Isabel Pestana de Mello (1993) – *Inscrições Lusitano-Romanas do Museu do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ALVES, Francisco Manuel (1909-1947) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte*. Porto: Tipografia Empresa Guedes.

ALVES, Francisco Manuel (1933) – *Guia Epigráfico do Museu Regional de Bragança*. Porto: Tipografia Empresa Guedes.

ALVES, Francisco Manuel (1934a) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte*. Vol. 9. Porto: Tipografia Empresa Guedes.

ALVES, Francisco Manuel (1934b) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte*. Vol. 10. Porto: Tipografia Empresa Guedes.

ARAGÃO, Augusto Carlos Teixeira de (1868) – *Relatório sobre o Cemitério Romano Descoberto Próximo da Cidade de Tavira em Maio de 1868*. Lisboa: Imprensa Nacional.

ARAGÃO, Augusto Carlos Teixeira de (1887) – Citania. *Revista Archeologica e Historica*. Lisboa. 1, pp. 39-45.

ARAGÃO, Augusto Carlos Teixeira de (1896) – Antiquidades Romanas de **Balsa**. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 55-57.

ARAÚJO, Victorino da Silva (1874-1876) – O Castello de Leiria (Apontamentos e Conjecturas); Epigraphia. Inscricções Romanas de Leiria e seus Arredores. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 1, pp. 10-12, 19-21, 42-44; 148-152, 169-173, 185-191.

ARGOTE, Jerónimo Contador de (1728) – **De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani Libri Quatuor. Vernaculo, Latinoque Sermone Conscriptis**. In SILVA, Manuel Teles da, ed. – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, que neste Anno de 1728., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia*. Lisboa: José António da Silva, n.º XXXIV.

ARGOTE, Jerónimo Contador de (1732-1747) – *Memórias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas, dedicadas a el Rey D. João V*. Lisboa: José António da Silva.

ARGOTE, Jerónimo Contador de (1738) – *De Antiquitatibus Conuentus Bracaraugustani Libri Quatuor, Vernaculo, Latinoque Sermone conscripti, et Augustissimo Lusitanorum Regi Joanni V. Secunda Editio Quinto Libro Locupletata*. Lisboa: Typis Sylvianis.

ARNAUD, José Morais, ed. (2014) – *Memória e Intervenção. 150 Anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. (2013) – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos. Guia*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

AURELL CARDONA, Jaume (2005) – *La Escritura de la Memoria. De los Positivismos a los Postmodernismos*. Valência: Universitat de València. In https://books.google.pt/books?id=i0bKAwAAQBAJ&pg=PT18&lpg=PT18&dq=mommsen,+positivista&source=bl&ots=tzqpTjCi-o&sig=pxn4uxmJfWwCXRmtcQDA5_7qQxw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CEYQ6AEwBWoVChMI98LRxbGDxwIVA88UCh0BwQJZ#v=onepage&q=mommsen%2C%20positivista&f=false, em 17/08/2015, às 15:10.

AZEVEDO, Pedro A. de (1897) – Extractos Archeologicos das «Memorias Parochiaes de 1758». *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 3, p. 193-208.

AZEVEDO, Pedro A. de (1899-1900) – Notícias Archeologicas do Seculo XVIII. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, p. 115-120.

BAPTISTA, João Maria; OLIVEIRA, João Justino Baptista de (1874) – *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Tipographia da Academia Real das Sciencias.

BAPTISTA, Joaquim Correia (1896) – Salacia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 143-144.

BAPTISTA, José Alberto (2004) – *João Bonança na Cultura do seu Tempo*. Lisboa: Edições Colibri.

BARATA, António Francisco (1878) – *Miscellanea Historico-Romantica*. Barcelos: Typographia da Aurora do Cavado.

BARATA, António Francisco (1903) – *Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora Annexo à sua Bibliotheca*. Lisboa: Imprensa Nacional.

BARBOSA, António (1848) – Memoria Acerca da Combinação das Epochas, que Contem a Inscrição da Torre da Estrella da Cidade de Coimbra. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Série II. 2:2, pp. 1-6.

BARBOSA, Inácio de Vilhena (1864) – Fragmentos de um Roteiro de Lisboa (Inédito). Arrabalde de Lisboa (Vid. pag. 249). Chelas, Charneca e Camarate. *Archivo Pittoresco*. Lisboa. 7:47, pp. 374-376.

BÁRCIA, Paula (1982) – *As “Religiões da Lusitânia” de J. L. de Vasconcelos: Contribuição para o seu Estudo – Alguns Comentários e Índices Gerais*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

BATATA, Carlos (2006) – *Idade do Ferro e Romanização entre os Rios Zêzere, Tejo e Ocreza*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BEÇA, Celestino (1915) – Estudos Arqueológicos do Major Celestino Beça. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 20, pp. 74-106.

BECKER, U. (1826) – *Viriath und die Lusitanie*. Altona: [s.n.].

BEIRÃO, Caetano de Mello (1990) – Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos Dados Arqueológicos. In TAVARES, António Augusto, ed. – *Presenças Orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano. Estudos Orientais*. Lisboa. 1, pp. 107-118.

BELINO, Albano (1895a) – *Inscrições e Lettreiros da Cidade de Braga e Algumas Freguezias Ruraes*. Porto: Typografia Occidental.

BELINO, Albano (1895b) – *Inscrições Romanas de Braga (Ineditas)*. Braga: Typografia Lusitana.

BELINO, Albano (1898) – *Cartas de Epigraphia Romana*. Braga: Typografia Lusitana.

BEM, Tomás Caetano de Bem (1755) – *Carta do Padre D. Thomaz Caietano de Bem, Clerigo Regular, a hum seu Amigo Ácerca de huns Monumentos Romanos Descubertos no Sítio das Pedras Negras*. In Oliveira, Cristóvão Rodrigues de – *Summario, em que Brevemente se Contem Algumas Cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que ha na Cidade de Lisboa*. Lisboa: Officina Miguel Rodrigues.

BERARDO, José de Oliveira (1863) – Memoria sobre Algumas Inscrições encontradas no Districto de Viseu. *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Nova Série. 2:2, pp. 1-11.

BERNARDES, João Pedro (1996) – *A Civitas de Collippo. Trabalho de Síntese elaborado no Âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores (Policopiado).

BERNARDES, João Pedro (2002) – *Civitas Collipponensis. Dissertação de Doutoramento em Letras, Área de História, Especialidade de Arqueologia*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra (Policopiado).

BERNARDES, João Pedro (2007) – *A Ocupação Romana na Região de Leiria*. Faro: Universidade do Algarve.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María (1962) – *Religiones Primitivas de Hispania*. Vol. 1: *Fuentes Literarias y Epigráficas*. Roma: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

BLECH, Michael (2014) – Emil Hübner. Sein Werdegang bis zu seiner Berufung auf das Berliner Ordinariat (1870). In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 57-111.

BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. (2014) – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern.

BLOCH, Raymond (1964) – *L'Épigraphie Latine*. Paris: Presses Universitaires de France.

BÖCKH, August; FRANZIUS, Johannes (1853) – *Corpus Inscriptionum Graecarum*. Berlin: Georgium Reimerum. 3.

BONANÇA, João (1888a) – A Historia da Luzitania e da Iberia e os seus Detractores. *Commercio de Portugal*. Lisboa. 2628 de 15/04/1888, p. 3.

BONANÇA, João (1888b) – Correspondencia do “Reporter”. *O Reporter*. Lisboa. 107 de 18/04/1888, p. 1.

BONANÇA, João (1888c) – Historia da Luzitania e da Iberia. *Commercio de Portugal*. Lisboa. 2630 de 18/04/1888, p. 1.

BONANÇA, João (1888d) – Correspondencia do “Reporter”. *O Reporter*. Lisboa. 111 de 22/04/1888, p. 2.

BONANÇA, João (1888e) – A Critica de E. Hübner acerca da Historia da Luzitania e da Iberia. *Commercio de Portugal*. Lisboa. 2721 de 08/08/1888, pp. 1-2.

BONANÇA, João (1890) – *Lutas e Progressos das Sciencias por João Bonança*. Lisboa: Typographia do Commercio de Portugal.

BONANÇA, João (1891) – *História da Luzitania e da Ibéria desde os Tempos Primitivos ao Estabelecimento Definitivo do Domínio Romano. Parte Fundada em Documentos até ao Presente Indecifráveis. Obra Ilustrada de Muitas Gravuras de Plantas e Animaes das Eras Geológicas dos Primeiros Productos da Industria Humana e das Primitivas Moedas Hispanicas; dos Duzentos Caracteres do Alphabeto Luziberico e de um Amplo Mappa Geographico da Hispanha Antiga Contendo Considerável Numero de Povoações mais do que as Inscriptas nos Mappas até agora Publicados e do que as Mencionadas pelos Antigos Escriptores*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

BONANÇA, João (1897) – *Memorias acerca da Historia da Luzitania e da Iberia*. Lisboa: [s.n.].

BOTO, Joaquim Maria Pereira (1896) – Notícias do Museu Archeologico de Faro; Museu de Faro. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 25-27; 167.

BRANCO, Adérito (1997) – *Abade de Baçal: Vida e Obra*. Mirandela: João Azevedo Editor.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1972) – Epigrafia Romana Coliponense. *Conimbriga*. Coimbra. 11, pp. 41-192.

BREVAL, John (1726) – *Remarks on Several Parts of Europe: Relating Chiefly to the History, Antiquities and Geography, of Those Countries Through Which the Author has Travel'd; as France, the Low Countries, Lorrain, Alfatia, Germany, Savoy, Tyrol, Switzerland, Italy and Spain. Illustrated with Several Maps, Plans, and above Forty Copper Plates*. Vol. 1. London: Bernard Lintot.

BRIGOLA, João (2003) – *Colecções, Gabinetes e Museus em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.

BRIGOLA, João (2014) – Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814) – O Coleccionador Compósito. *Artis*. Lisboa. 2. In <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/14009/1/Artis,%20Jo%C3%A3o%20Brigola,%20Frei%20Manuel%20do%20Cen%C3%A1culo.pdf>, em 31/07/2015, às 17:44,

BRITO, Eduardo, ed. (2012) – *O Fotógrafo Martins Sarmiento*. Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães.

BRUCE, John Collingwood (1888) – A Roman Christian Inscription from Mertola, Portugal. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Newcastle-Upon-Tyne*. Newcastle. 3:25, p. 264.

BRUNOT, Ferdinand (1905-1835) – *Histoire de la Langue Française des Origines a 1900*. Vols. 1 (1905), 2 (1906), 3 (1909), 5 (1917), 8 (1934, 1935). Paris: Librairie Armand Colin.

BÚA CARBALLO, Juan Carlos (2000) – *Estudio Lingüístico de la Teonimia Lusitano-Gallega. Tesis Doctoral apresentada à Universidade de Salamanca*. Salamanca: Universidad de Salamanca (Policopiado).

BÚA CARBALLO, Juan Carlos; GUERRA, Amílcar (1999) – Nova Interpretação de uma Epígrafe Votiva do Poço de Cortes, Lisboa (EO 144-E). In VILLAR, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco – *Pueblos, Lenguas y Escritura en la Hispania Prerromana. Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Zaragoza / Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 329-338.

BÜCHELER, Franz (1869) – *Hymnus Cereris Homericus*. Leipzig: Teubner.

BÜCHELER, Franz (1897) – *Antologia Latina sive Poesis Latinae Supplementum. Pars Posterior – Carmina Epigraphica*. Vol. 2. Leipzig: Teubner.

CABRAL, Alexandre (1895) – Manoel Negrão. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 33-34.

CABRAL, Maria Luísa (2011) – Uma Jornada de Lisboa a Roma: Leitura e Interpretação de um Manuscrito Setecentista. *Cultura [Online]*. Lisboa. 28, pp. 89-102. In <https://cultura.revues.org/180>, em 31/07/2015, às 20:27.

CABELO, Jorge (1992) – *Grandes Museus de Portugal*. Lisboa: Público, Presença.

CACCIOTTI, Beatrice (2014) – Cronache di Archeologia dall'Italia di Emil Hübnér. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübnér und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübnér. Emil Hübnér y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübnér*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 113-132.

CAETANO, Joaquim (2005) – Os Restos da Humanidade. Cenáculo e a Arqueologia. In CAETANO, Joaquim; NOGALES BASARRATE, Trinidad, eds. – *Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Instituto Português de Museus / Museu de Évora, pp. 48-56.

CAGNAT, René (1898a) – *Cours d'Épigraphie Latine*. 3.^a ed. Paris: Albert Fontemoing, Editeur.

CAGNAT, René, (1898b) – *L'Année Épigraphique*. Paris. 1.

CALADO, José (1899-1900) – Inscrição Sepulcral Romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, pp. 42-43.

CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira (1853) – *Noticia Archeologica das Caldas de Visella Situadas no Concelho de Guimarães, e Uma Legoa para Sul da sua Capital do Mesmo Nome no Importantissimo Districto de Braga*. Braga: Typographia de Antonio da Sylva Santos.

CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira (1854) – *Noticia Topographica das Caldas das Taipas; Situadas no Concelho de Guimarães, e Uma Legoa e Meia para Noroeste da sua Capital do Mesmo Nome, no Importantissimo Districto de Braga*. Braga: Typographia d'Antonio da Silva Santos.

CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira (1899) – *Lapide Romana da Estrada da Geira sem Decifração Plausivel Atégora*. Braga: [s.n.].

CAMPANER Y FUERTES, Álvaro (1891) – *Indicador Manual de la Numismatica Española*. Madrid: Librería de M. Murillo; Barcelona: Librería Nacional y Extranjera.

CAMPOS, João Correia Aires de (1877) – *Catalogo dos Objectos Existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra a Cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto. 1873-1877*. Coimbra: Imprensa Litteraria.

CAMPOS, João Correia Aires de (1883) – *Catalogo dos Objectos Existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra a Cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto. Supplemento 1.º. 1877-1883*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

CANTO, Alicia (2004) – Los Viajes del Caballero Inglés John Breval a España y Portugal: Novedades Arqueológicas y Epigráficas de 1726. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7.2, pp. 265-364.

CAPEANS, Rosa (1938 [1956]) – Duas Campas Lusitano-Romanas de Caparide (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 30, pp. 210-216.

CAPELA, Manuel José Martins (1895) – *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal. Reliquias d'Epigraphia Romana, Trasladas dos Proprios Monumentos*. Porto: Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão.

CAPELA, Manuel José Martins (1896) – Milliarios do Conventus Bracaraugustanus. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 97-104.

CARDOSO, João Luís (2001) – Como Nasceu a Arqueologia em Portugal. *O Estudo da História*. Lisboa. 4, pp. 9-30.

CARDOSO, João Luís (2004) – *Correspondência Anotada de David Lopes a José Leite de Vasconcelos. Separata do Summus Philologus Necnon Verborum Imperator. Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Mérito Professor Dr. José Pedro Machado no seu 90º Aniversário*. Coimbra: Academia Portuguesa da História.

CARDOSO, João Luís (2006) – Sebastião Phillippes Martins Estácio da Veiga, José Leite de Vasconcellos e a Necrópole do Rossio do Carmo em Mértola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 24, pp. 151-165.

CARDOSO, João Luís (2007a) – Estácio da Veiga e a Arqueologia: Um Percurso Científico no Portugal Oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, pp. 293-520.

CARDOSO, João Luís (2007b) – Vida e Obras de Estácio da Veiga. In GONÇALVES, Maria José, ed. – *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga*. Xelb. Silves. 7, pp. 15-72.

CARDOSO, João Luís (2008) – José Leite de Vasconcelos e os Instrumentos Líticos da Serra do Brunheiro (Concelho de Chaves). *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.º Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 345-362.

CARDOSO, João Luís (2009) – José Leite de Vasconcelos, Pré-Historiador: Sua Projectção Internacional. In CARDOSO, João Luís, ed. – *150 Anos do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos. Actas da Jornada Evocativa. 25 de Junho de 2008*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 85-180.

CARDOSO, João Luís (2012) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941) e Joaquim Fontes (1892-1960) vistos através da Correspondência Conservada nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia e do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 2, pp. 75-185.

CARDOSO, João Luís; MARTINS, Filipe (2009) – O Povoado Pré-Histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 261-356.

CARDOSO, João Luís, ed. (2009) – *150 Anos do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos. Actas da Jornada Evocativa. 25 de Junho de 2008*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

CARDOSO, Luís (1747-1751) – *Diccionario Geografico ou Noticia Histórica de todas as Cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com Todas as Cousas Raras, que Nelles se Encontrão, assim Antigas, como Modernas, que Escreve, e Offerece ao Muito Alto, e Muito Poderoso Rey D. João V. Nosso Senhor*. Lisboa: Regia Officina Sylvana.

CARDOZO, Mário (1938) – *Citânia e Sabroso. Notícia Descritiva*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

CARDOZO, Mário (1947) – *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

CARDOZO, Mário (1958) – *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

CARDOZO, Mário (1985) – *Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

CARDOZO, Mário (1994-1999) – *Obras de Mário Cardozo. Organizado por Henrique Barreto Nunes*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

CARNOY, Albert Joseph (1971) – *Le Latin d’Espagne d’Après les Inscriptions. Étude Linguistique*. 2.^a ed., 2.^a reimp. Hildesheim e New York: Georg Olms Verlag.

CARPENTIER, Jean; LEBRUN, François (1996) – *História da Europa*. 2.^a ed. Lisboa: Editorial Estampa, Lda..

CARREIRA, Júlio Roque (1995-1996) – Escavações de Leite de Vasconcelos e Júlio César Garcia em Dolmens de S. Geraldo, Montemor-o-Novo (1898-1900). *Almansor*. Montemor-o-Novo. Série I. 13, pp. 5-60.

CARVALHO, António da Visitação Freire de (1843) – Observações sobre a Divindade que os Lusitanos conhecerão debaixo da Denominação d’Endovelico. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Série II. 1:1, pp. 81-97.

CARVALHO, João Carlos de Almeida (1863) – Inscrição Goda encontrada em Alcácer do Sal. *Archivo Pittoresco*. 6:23. Lisboa, pp. 182-184.

CARVALHO, José Liberato Freire de (1849) – Breve Noticia Biographica do Antigo Socio Correspondente da Academia, D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Conego Regular de Santo Agostinho. *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Vol. 1. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, pp. (106)-(114).

CASTELO BRANCO, José Barbosa Canais de Figueiredo (1849) – Uma Inscrição de Tiberio; Duas Inscrições Romanas do Termo de Cintra; Differentes Inscrições. *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Vol. 1. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, pp. (258)-(260); (293)-(295); (385)-(395).

CASTELO BRANCO, José Barbosa Canais de Figueiredo (1851) – Apontamentos acerca da Villa de Soure. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Série II. 3:1, pp. 45-69.

CASTRO, Augusto Mendes Simões de (1867) – *Guia Historico do Viajante em Coimbra e Arredores. Condeixa, Lorvão, Mealhada, Luso, Bussaco, Monte-Mor-o-Velho e Figueira (com Gravuras)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

CASTRO, Augusto Mendes Simões de (1873) – Instituto de Coimbra. Comissão de Archeologia. Sessão de 5 de Junho de 1873. *O Instituto*. Coimbra. Série II. 17:1-6, pp. 80-83.

CEIA, Sara Bravo (2010) – *Os Académicos Teatinos no Tempo de D. João V – Construir Saberes Enunciando Poder. Dissertação de Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Policopiado).

CEPEDA, Isabel Vilarés (1960) – Bibliografia de José Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 139-265.

CIDADE, Hernâni (1960) – Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 37-44.

COELHO, Francisco Adolfo (1870) – *A Sciencia Allemã e a Ignorancia Portuguesa: Hübner Versus Levy*. Lisboa: Typ. Luso-Britannica.

COELHO, Francisco Adolfo (1884) – Sur les Cultes Péninsulaires Antérieurs a la Domination Romaine. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne. 1880*. Lisboa, pp. 438-451.

COELHO, Francisco Adolfo (1886) – Vestígios das Antigas Línguas da Península Ibérica. Nomes em **aico**. 1.º artigo. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 3:4, pp. 169-189.

COELHO, Francisco Adolfo (1887) – Nomes de Deuses Lusitanicos. *Revista Lusitana*. Porto. 1.4, pp 351-378.

COELHO, Luís (1976) – Epigrafia Prelatina del SO. Peninsular Portugues. Algunos Problemas Arqueologicos y Epigrafico-Lingüísticos. In JORDÁ, Francisco; HOZ, Javier de; MICHELENA, Luis, eds. – *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 201-211.

COHEN, Henry (1859) – *Description Historique des Monnaies Frappées sous l'Empire Romain Communément Appelées Médailles Impériales*. Vol. 1. Paris: Chez M. Rollin; Londres: Chez M. Curt.

COITO, Livia (1999) – *Epistolário de José Leite de Vasconcellos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

COITO, Livia (2011) – Novas Espécies do Epistolário de José Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 1, pp. 229-247.

COITO, Livia; CARDOSO, João Luís; MARTINS, Ana Cristina (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Verbo.

CORREA, José A. (2009) – Reflexiones sobre la Lengua de las Inscripciones en Escritura del Sudoeste o Tartesia. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; ENCARNACÃO, José d'; GUERRA, Amílcar; JORDÁN CÓLERA, C., eds. – *Acta Palaeohispanica X. Actas del X Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 295-307.

CORREIA, João da Silva (1960) – Algumas Notas Biográficas sobre José Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 3-30.

CORREIA, Vergílio (1941) – *Santos Rocha Fundador dum Museu. Separata de «O Académico Figueirense»*. Figueira da Foz: Escola Gráfica.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1996a) – *A Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Etnos.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1996b) – A Escrita Pré-Romana do Sudoeste Peninsular. In ALARCÃO, Jorge de, ed. – *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 88-94.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1997) – As Necrópoles Algarvias da I Idade do Ferro e a Escrita do Sudoeste. In BARATA, Maria Filomena, ed. – *90 Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 265-279.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1995-1997) – A Epigrafia Pré-Latina de Bensafrim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 13-15, pp. 181-209.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2009) – A Escrita do Sudoeste: Uma Visão Retrospectiva e Prospectiva. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; ENCARNACIÓN, José d'; GUERRA, Amílcar; JORDÁN CÓLERA, C., eds. – *Acta Palaeohispanica X. Actas del X Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 309-321.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2014) – A Escrita do Sudoeste da Península Ibérica: Velhos Dados, Novas Teorias e a sua Importância para o Estudo das Antigas Culturas Hispánicas. *Portugália*. Porto. Nova Série. 35, pp. 77-93.

CORTEZ, Fernando Russel (1947) – *Panóias. Cividade dos Lapiteas. Subsídios para o Estudo dos Cultos Orientais e da Vida Provincial Romana na Região do Douro. Separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto*. Porto.

COSTA, Avelino de Jesus da (1972) – *Apontamentos de Epigrafia*. 2.^a ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

COSTA, Lúcia Verdelho da (1995) – *Alfredo de Andrade. 1839-1915. Dissertação de Doutoramento Em História de Arte*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Policopiado).

CRUZ, Pedro Belchior da (1896) – Museu Municipal da Figueira da Foz. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 234-236.

CRUZ, Pedro Belchior da (1899-1900) – Archeologia do Concelho da Figueira; A Archeologia na Figueira da Foz. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, pp. 122-123; 202-205.

CURADO, Fernando Patrício (2002) – A «Ideologia Tripartida dos Indoeuropeus» e as Religiões de Tradição Paleohispânica no Ocidente Peninsular. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 71-77.

DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2001) – Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925): «Intermediária Nata entre a Cultura Neolatina e a Germânica». *Línguas e Literaturas*. Porto. 18, pp. 33-48.

DELILLE, Maria Manuela Gouveia ([2009]) – *A Vida e a Obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos – Evocação e Homenagem. Exposição Bibliográfica e Documental*. In http://www.uc.pt/rualarga/anteriores/27/27_10, em 05/09/2015, às 16:45.

DESSAU, Hermann (1902) – *Inscriptiones Latinae Selectae*. Vol. 2.1. Berlim: Weidmann.

DE-VIT, Vincentii (1859-1867) – *Totius Latinitatis Onomasticon. Opera et Studio*. Prati: Typis Aldinianis.

DIAS, Maria Manuela Alves (1986) – Inscrições Inéditas Romanas de Cárquere, Resende, na Coleção Epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 4, pp. 185-202.

DIAS, Maria Manuela Alves (2002) – O Chamado «Hino a Endovélico». In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 91-92.

DIAS, Maria Manuela Alves (2005) – Epigrafia Romana. In ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela, eds. – *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 220-233.

DIAS, Maria Manuela Alves; COELHO, Luís (1995-1997) – Endovélico: Caracterização Social da Romanidade dos Cultuantes e do seu Santuário (São Miguel da Mota, Terena, Alandroal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 13-15, pp. 233-266.

DIAS, Maria Manuela Alves; GASPAR, Catarina (2006) – *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa.

DIAS, Maria Manuela Alves; GASPAR, Catarina; MOTA, Bernardo (2001) – *Epigrafia do Território Português II. Inscrições Gregas*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa.

DINIZ, Mariana (2008) – José Leite de Vasconcelos: Entre o **Folklore** e a Ciência (ou a Ambiguidade de uma Agenda). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 127-144.

DORES, Hugo Gonçalves (2008) – *A História na Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1930). Dissertação de Mestrado em História Contemporânea*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

ECKHEL, Joseph (1775) – *Numi Veteres Anecdoti: Ex Museis Caesareo Vindobonensi, Florentino Magni, Ducis Etruriae, Granelliano Nunc Caesareo, Vitziano, Festeticsiano, Savorgano Veneto, Aliisque*. Viena: Typ. Josephi Kurzbock.

ECKHEL, Joseph (1779) – *Catalogus Musei Caesarei Vindobonensis Numorum Veterum Distributus in Partes II, Quarum Prior Monetam Urbium, Populorum, Regum, Altera Romanorum Complectitur*. Viena: Sumptibus Joannis Pauli Kraus.

ECKHEL, Joseph (1786a) – *Descriptio Numorum Antiochiae Syriae, Sive Specimen Artis Criticae Numariae, Quod Rei Veteris Numismatice Studiosis*. Viena: Typ. J. Nobilis de Trattner.

ECKHEL, Joseph (1786b) – *Kurzgefasste Anfangsgründe zur Alten Numismatik*. Viena: Joseph von Kurzbock.

ECKHEL, Joseph (1786c) – *Sylloge I. Numorum Veterum Anecdorum: Thesauri Caesarei*. Viena: Typ. J. Nobilis de Trattner.

ECKHEL, Joseph (1792-1798) – *Doctrina Numorum Veterum*. Vindobona: Sumptibus Josephi Camesina.

ECKHEL, Joseph (1808) – *Manuale Doctrina Numorum Veterum a Celeberr. Eckhelio Editae a D. Felice Caronno in Compendium Redactae*. Roma: Franciscum Bourlié.

ELENA, Ana Garrido; MAR, Ricardo; MARTINS, Manuela (2008) – *A Fonte do Ídolo. Análise, Interpretação e Reconstituição do Santuário*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

ENCARNAÇÃO, José d' (1975) – *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ENCARNAÇÃO, José d' (1977) – Epigrafia do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia – Rectificação de Leituras. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 211-224.

ENCARNAÇÃO, José d' (1982) – Textos Fragmentados em Honra de Endovélico (N.º 10). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 3, pp. 3-15.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, José d' (1988) – Epigrafia em Portugal – Ciência Antiga, Rumos Novos. *Arqueologia*. Porto. 17, pp. 204-207.

ENCARNAÇÃO, José d' (1991) – A Necrópole Romana da Quinta de Marim (Olhão). A Onomástica enquanto Índice Sócio-cultural. *Anais do Município de Faro*. Faro. 21, pp. 229-241.

ENCARNAÇÃO, José d' (1993-1994a) – Monumentos Epigráficos Romanos no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz). *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, pp. 295-302.

ENCARNAÇÃO, José d' (1993-1994b) – No Centenário da Publicação das Religiões da Lusitânia: Nacionalismo em Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11-12, pp. 35-42.

ENCARNAÇÃO, José d' (1994) – *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

ENCARNAÇÃO, José d' (1997) – *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, José d' (1999) – Abade de Baçal, Epigrafista. In JACOB, João Manuel, ed. – *Actas do Colóquio “O Abade de Baçal”*. Bragança: Museu do Abade de Baçal, pp. 17-23.

ENCARNAÇÃO, José d' (2002a) – Das Religiões e das Divindades Indígenas na Lusitânia. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 11-16.

ENCARNAÇÃO, José d' (2002b) – Um Século de Arqueologia Romana em Portugal. In ARNAUD, José Morais, ed. – *Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Intervenção Arqueológica em Portugal. Arqueologia & História*. Lisboa. 54, pp. 195-201.

ENCARNAÇÃO, José d' (2006) – *Epigrafia. As Pedras que Falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, José d' (1995-2007) – Endovélico – 400 Anos Depois. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Diis Deabusque – Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia «Culto e Sociedade»*. Sintria. São Miguel de Odrinhas. 3-4, pp. 149-163.

ENCARNAÇÃO, José d' (2008a) – Dédicants et **Cultores**: Quelques Aspects ... dans la Lusitanie Romaine. Le cas d'**Endovellicus**. *Quaderni di Acme*. Milão. 104, pp. 61-71.

ENCARNAÇÃO, José d' (2008b) – IRCP, 25 Anos Depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 215-230.

ENCARNAÇÃO, José d' (2011) – A “Escola Alemã” e os Estudos de Epigrafia Romana em Portugal. In MINGOCHO, Maria Teresa; GIL, Maria de Fátima; CASTENDO, Maria Esmeralda, eds. – *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*. Vol. 2. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Estudos Germanísticos, Minerva Coimbra, pp. 869-884.

ENCARNAÇÃO, José d'; SALGADO, Mónica (2008) – Inscrição Funerária Romana de Duas Igrejas. *Terra de Miranda*. Miranda do Douro. 3, pp. 76-78.

ENCARNAÇÃO, José d'; SILVA, Joaquim Candeias (1982) – *Catálogo da Epigrafia Romana de Abrantes. Separata de Abrantes*. Abrantes. 1.

ESPANCA, Joaquim José da Rocha (1882) – O Deus Endovellico dos Celtas (sic) do Alemtejo. *Memoria Historica. Comunicação á Sociedade de Geographia de Lisboa. Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Lisboa. Série III. 4-5, pp. 253-256, 274-296.

ESPANCA, Joaquim José da Rocha (1887) – Mais um Monumento Epigraphico de Bencatel. *Revista Archeologica e Historica*. Lisboa. 1, pp. 100-102.

ESPANCA, Joaquim José da Rocha (1888) – As Lacobrigas da Lusitania. *Revista Archeologica*. Lisboa. 2, pp. 173-177.

ESPANCA, Joaquim José da Rocha (1895) – Monumento Sepulcral de Juromenha. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 216-217.

ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; LÉVÊQUE, Pierre; LÉVÊQUE, Monique (1976) – *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

FABIÃO, Carlos (1989) – Para a História da Arqueologia em Portugal. *Penélope. Fazer e Desfazer História*. Lisboa. 2, pp. 10-26.

FABIÃO, Carlos (1997) – Percursos da Arqueologia Clássica em Portugal: Da Sociedade Archeologica Lusitana (1849-1857) ao Moderno Projecto de Conimbriga (1962-1979). In MORA, Gloria; DÍAZ-ANDREU, Margarita, eds. – *La Cristalización del Pasado: Génesis y Desarrollo del Marco Institucional de la Arqueología en España*. Málaga: Universidad de Málaga, Ministerio de Educación y Ciencia, CSIC, pp. 105-123.

FABIÃO, Carlos (2002) – Leite de Vasconcellos e a Génese de Religiões da Lusitânia. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 341-345.

FABIÃO, Carlos (2003) – Arqueologia de Tavira. In MAIA, Maria; FERNANDES, Carla; LOPES, Marco; CAVACO, Sandra, eds. – *Tavira. Território e Poder. Catálogo de Exposição*. Lisboa & Tavira: Museu Nacional de Arqueologia & Câmara Municipal de Tavira, pp. 11-19.

FABIÃO, Carlos (2008) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941): Um Archeólogo Português. *O Archeólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 97-126.

FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma História da Arqueologia Portuguesa. Das Origens à Descoberta da Arte do Côa*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.

FABIÃO, Carlos (2013) – Escavando entre Papéis: Sobre a Descoberta, Primeiros Desaterros e Destino das Ruínas do Teatro Romano de Lisboa. In PIMENTEL, Maria Cristina; ALBERTO, Paulo Farmhouse, eds. – *Vir Bonus Peritissimus Aequae. Estudos de Homenagem a Arnaldo Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 389-409.

FARIA, António Marques de (1989) – A Numária de ***Cantnipo**. *Conimbriga*. Coimbra. 28, pp. 71-99.

FARIA, Emília Sampaio Nóvoa (1998) – *Estudos Arqueológicos Entre-Douro-e-Minho nos Finais do Século XIX. Correspondência entre Martins Sarmiento, José Sampaio e Alberto Sampaio*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

FARIA, Ernesto (1957) – *Fonética Histórica do Latim*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

FARIA, Ernesto (1958) – *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

FERNANDES, Luís da Silva (2000) – **Q. Iulius Maximus Nepos**, um **Orator** em **Olisipo**. *Máthesis*. Viseu. 9, pp. 197-220.

FERNANDES, Luís da Silva (2002) – As **Virtutes**. Seu Culto e Representação no Âmbito da Província da Lusitânia. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 165-174.

FERNÁNDEZ GÓMEZ, Fernando (2014) – Emilio Hübnér en Sevilla. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATNER, Thomas, eds. – *Emil Hübnér und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübnér. Emil Hübnér y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübnér*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 241-268.

FERREIRA, Ana Paula Ramos (2004) – *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

FERREIRA, Licínia Rodrigues (2012) – *Instituto de Coimbra: O Percorso de uma Academia*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Fundação para a Ciência e Tecnologia. In

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21257/1/IC%20O%20percurso%20de%20uma%20academia.pdf>, em 04/09/2015, às 18:30.

FIDALGO, António (1996) – Os Novos Meios de Comunicação e o Ideal de uma Comunidade Científica Universal (Oração de Sapiência, Proferida em 30 de Abril de 1996, por ocasião do X Aniversário da Universidade da Beira Interior. In <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-novos-meios.html>, em 21/07/2015, às 11:00.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1887) – Duas Incrições de Olisipo; Epigraphia; Ara Romana Descoberta em Castro Daire; Incrição Christã Descoberta em Mertola; Cippo Funerario Romano Descoberto em Viseu; O Supposto **Brigantium** em Castro de Avellãs; Tres Monumentos Epigraphicos d'Elvas, e do Seu Termo; Bibliographia; Monumentos Epigraphicos de Beja. *Revista Archeologica e Historica*. Lisboa. 1, pp. 5-6; 47-48; 52-57; 64; 81-83; 85-93; 97-100; 159-160; 185-186.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1888a) – A Decifração das Inscrições «Luzibericas» do Sr. Bonança. *O Reporter*. Lisboa. 151 de 01/06/1888, p. 2.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1888b) – Um Monumento de **Aeminium**; Inscrições de Alcacer do Sal; Miscellanea; Miscellanea: II – Inscrição de **Myrtilis**; Inscrições de Lamego e de Quintella de Penude. *Revista Archeologica*. Lisboa. 2, pp. 66-68; 69-70; 109-111; 126; 170-172.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1889) – Miscellanea Epigraphica; A Decifração das Inscrições «Luzibericas» do Sr. Bonança; Inscrições Latinas do Algarve; Miscellanea Epigraphica; Miscellanea Epigraphica: Correções e Additamentos. *Revista Archeologica*. Lisboa. 3, pp. 86-88; 89-93; 119-126; 155-157; 182-184.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de (1890) – Antiguidades Romanas de Chellas; Miscellanea Epigraphica. *Revista Archeologica*. Lisboa. 4, pp. 1-15, 83-86.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de, ed. (1888-1890) – *Revista Archeologica*. Lisboa. 2 (1888), 3 (1889), 4 (1890).

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de; SOUSA, M. Alexandre (1887) – Modo de Tirar Calcos de Inscrições. *Revista Archeologica e Historica*. Lisboa. 1, p. 16.

FIGUEIREDO, António Cardoso Borges de; SOUSA, M. Alexandre, eds. (1887) – *Revista Archeologica e Historica*. Lisboa. 1.

FIGUEIREDO, António Mesquita (1895) – Informações Archeologicas Colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 142-144, 153-158, 241-243, 316-320.

FIGUEIREDO, António Mesquita (1948) – *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e António Mesquita de Figueiredo (Arqueologia e Epigrafia) 1898-1900. Apêndice com Alguns Documentos Comprovantes do Curriculum Vitae do Autor*. Lisboa: Imprensa Portuguesa.

FITA COLOMÉ, Fidel (1895) – Noticias. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 27:6, pp. 503-506.

FITA COLOMÉ, Fidel; FERNÁNDEZ DURO, Cesáreo (1900) – Noticias. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 36.4, pp. 357-368.

FORJÁS, Joaquim (1780) – *Elogio Funebre na Trasladação Publica, e Solemnissima do Incorruto Cadaver da Augustissima Rainha a Senhora D. Marianna de Austria, Offerecido a Elrei seu Filho o Augustissimo Senhor Dom Pedro III. Nosso Senhor*. Lisboa: Regia Officina Typografica.

FORTES, José (1905-1908) – Os Mortos. José Henriques Pinheiro. Albano Bellino. Joaquim Maria Pereira Botto. *Portugália*. Porto. 2, p. 482.

FREIRE, Ana Cristina Calais (1991-1992) – *Contributo para o Estudo das Sepulturas Rupestres do Monte do Senhor da Boa Morte. Separata do Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 5.

GALAMBA, F. Matos (1897) – Estudos sobre Salacia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 3, pp. 266-271.

GALHOZ, Maria Aliete (2000) – Breves Notas à Correspondência de Manuel Viegas Guerreiro dirigida a José Leite de Vasconcelos. *Stilus*. Faro. 3, pp. 127-139.

GAMA, Eurico (1964) – *Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires (Folclore, Filologia, Etnografia e Arqueologia) (1882-1913)*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.

GAMA, Eurico (1966) – *Cartas de Leite de Vasconcelos ao Bibliófilo António José Torres de Carvalho (1913-1935)*. Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Coimbra. 28.

GARCIA, José Manuel (1991) – *Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e Observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite de Vasconcelos. Fontes Epigráficas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

GARCIA, José Manuel (2009) – José Leite de Vasconcelos e as **Religiões da Lusitânia**. In CARDOSO, João Luís, ed. – *150 Anos do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos. Actas da Jornada Evocativa. 25 de Junho de 2008*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 59-81.

GARCÍA FERNÁNDEZ-ALBALAT, Blanca (1990) – *Guerra y Religion en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*. Sada: Ediciós do Castro.

GARDNER, Percy (1878) – *Catalogue of Greek Coins. The Seleucid Kings of Syria. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 4. Londres: British Museum.

GARDNER, Percy (1883) – *Catalogue of Greek Coins. Thessaly to Aetolia. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 7. Londres: British Museum.

GARDNER, Percy (1887) – *Catalogue of Greek Coins. Peloponnesus (Excluding Corinth)*. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum. Vol. 10. Londres: British Museum.

GASPAR, Catarina (2009) – *Inscrições Paleocristãs do Território Português: Contributo para o Estudo do Latim Vulgar. Dissertação de Doutoramento em Estudos Clássicos, na Especialidade de Linguística Latina*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

GIACOMINO, Claudio (1896) – Intorno all'Opera: Monumenta Linguae Ibericae Edidit Aemilius Hübnér, Berolini, 1893 (pp. CXLIV-264). *Supplementi Periodici all'Archivio Glottologico Italiano*. Turim. 4, pp. 1-20.

GIL, Juan (1985) – Notas sobre el Lusitano. In HOZ, Javier de, ed. – *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca, pp. 365-370.

GIMENO PASCUAL, Helena (s.d.a) – Enrique Flórez. In http://www3.uah.es/imagenes_cilii/Anticuarios/Textos/florez.htm, em 04/08/2015, às 18:28.

GIMENO PASCUAL, Helena (s.d.b) – Juan Francisco Masdeu. In http://www3.uah.es/imagenes_cilii/Anticuarios/Textos/masdeu.htm, em 04/08/2015, às 20:12.

GIMENO PASCUAL, Helena (2002) – A Historiografia das Religiões Antigas do Ocidente Peninsular. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 333-340.

GIMENO PASCUAL, Helena (2013) – Emil Hübner (Düsseldorf 7/7/1834 – Berlin 21/2/1901). In MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Faszikel 1: Antecedentes y Fundación del Departamento de Madrid*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 141-165.

GIMENO PASCUAL, Helena; VARGAS, Graciela (1992) – Inscripción Inédita Dedicada a Endovellico (N.º 188). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 42, pp. 12-13.

GOMES, Maria Amélia Ramos (2008) – Cecília Schmidt Branco e Leite de Vasconcelos – Uma Correspondência Truncada. *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.º Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 543-576.

GONÇALVES, Francisco Rebelo (1960) – José Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 53-63.

GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo (2009) – Leite de Vasconcelos visto pela Correspondência endereçada a Francisco da Luz Rebelo Gonçalves. In CARDOSO, João Luís, ed. – *150 Anos do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos. Actas da Jornada Evocativa. 25 de Junho de 2008*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, pp. 27-36.

GONÇALVES, Luís (2007) – *Escultura Romana em Portugal: Uma Arte do Quotidiano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romana.

GONÇALVES, Victor dos Santos (1980) – *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880): Uma Leitura, seguida da “Crónica” de Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.

GONZÁLEZ BLANCO, Antonino (2014) – Emil Hübner. Vida y Personalidad (Düsseldorf 7-VII-1834 – Berlín 21-II-1901). In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis*

20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. *Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 21-31.

GONZÁLEZ BLANCO, Antonino; MOLINA GÓMEZ, José Antonio; BLECH, Michael (2014) – Emil Hübner. Bibliografía. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 33-54.

GONZÁLEZ HERRERO, Marta (2013) – El Uso de la Tribu **Quirina** por Claudio. A Propósito de **CIL** II. *Habis*. Sevilha. 44, pp. 141-156.

GORDON, Joyce S.; GORDON, Arthur E. (1977) – *Contributions to the Palaeography of Latin Inscriptions*. 2.^a ed. Milano: Cisalpino - Goliardica.

GUERRA, Amílcar (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.

GUERRA, Amílcar (1998) – *Nomes Pré-romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular. Dissertação de Doutoramento em História Clássica*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

GUERRA, Amílcar (2002a) – **Omnibus Numinibus et Lapitearum**: Algumas Reflexões sobre a Nomenclatura Teonímica do Ocidente Peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5.1, pp. 147-159.

GUERRA, Amílcar (2002b) – Novos Monumentos Epigrafados com Escrita do Sudoeste da Vertente Setentrional da Serra do Caldeirão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5.2, pp. 219-231.

GUERRA, Amílcar (2002c) – O Promontório Sagrado. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 43-44.

GUERRA, Amílcar (2006) – Os Mais Recentes Achados Epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 271-297.

GUERRA, Amílcar (2007) – Estácio da Veiga e as Perspectivas Oitocentistas sobre a Escrita do Sudoeste. In GONÇALVES, Maria José, ed. – *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga*. Xelb. Silves. 7, pp. 103-114.

GUERRA, Amílcar (2008) – La Documentation Epigraphique sur **Endouellicus**. In HAEUSSLER, R; KING, A. C. – *Continuity and Innovation in Religion in the Roman West*. Vol. 2. Portsmouth, Rhode Island: [s.n.], pp. 159-167.

GUERRA, Amílcar (2009) – Novidades no Âmbito da Epigrafia Pré-Romana do Sudoeste Hispânico. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; ENCARNACIÓN, José d'; GUERRA, Amílcar; JORDÁN CÓLERA, C., eds. – *Acta Palaeohispanica X. Actas del X Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 323-338.

GUERRA, Amílcar (2010) – Newly Discovered Inscriptions from the South-West of the Iberian Peninsula. In CUNLIFFE, Barry; KOCH, John, eds. – *Celtic from the West. Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature*. Oxford: Oxbow Books, pp. 65-79.

GUERRA, Amílcar (2014) – Emílio Hübnér e os Arqueólogos Portugueses. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübnér und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübnér. Emil Hübnér y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübnér*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 219-240.

GUERRA, Amílcar; RAMOS, Ana Cristina; MELRO, Samuel; PIRES, Isabel Alexandra (1999) – Uma Estela Epigrafada da Idade do Ferro, Proveniente do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2.1, pp. 143-152.

GUERRA, Amílcar; SCHATTNER, Thomas; FABIÃO, Carlos; ALMEIDA, Rui (2003) – Novas Investigações no Santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal): A Campanha de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6.2, pp. 415-479.

GUERRA, Luís de Figueiredo da (1879) – Memoria sobre a Antiga Vianna de Santa Luzia. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 2, pp. 158-162.

GUERRA, Luís de Figueiredo da (1899-1900) – Vestigios Romanos no Concelho de Vianna do Castello. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, pp. 175-177.

GUERREIRO, Manuel Viegas (1960) – Notas para uma Biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 109-137.

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira (1900) – Incrições Ineditas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 17:4, pp. 183-186.

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira (1901) – Emilio Hübnér; Catalogo do Museu Archeologico. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 18:1-2, pp. 30-32; 38-72.

GUIMARÃES, Oliveira (1960) – José Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 31-35.

GUSMÃO, Francisco Rodrigues de (1874-1876) – Apontamentos Archeologicos. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 1, pp. 45-46, 70-71, 152-153.

HEAD, Barclay (1879) – *Catalogue of Greek Coins. Macedonia, etc.. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 5. Londres: British Museum.

HEAD, Barclay (1884) – *Catalogue of Greek Coins. Central Greece (Locris, Phocis, Boetia and Euboea)*. *A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 8. Londres: British Museum.

HEAD, Barclay (1888) – *Catalogue of Greek Coins. Attica – Megaris - Aegina*. *A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 11. Londres: British Museum.

HEAD, Barclay (1889) – *Catalogue of Greek Coins. Corinth, Colonies of Corinth, etc.. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 12. Londres: British Museum.

HEAD, Barclay; GARDNER, Percy (1877) – *Catalogue of Greek Coins. The Tauric Chersonese, Sarmatia, Dacia, Moesia, Thrace, etc.. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 3. Londres: British Museum.

HELENO, Manuel (1960) – Algumas Palavras sobre Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 45-51.

HENNIN, Michel (1872) – *Manuel de Numismatique Ancienne*. 2.^a ed. Paris: Merlin.

HIRSCHFELD, Otto (1896) – *Aquitaniens in der Römerzeit. Sitzungsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. Berlin: Academia das Ciências de Berlin.

HOLDER, Alfred (1896-1907) – *Alt-Celtischer Sprachschatz*. Vols. 1: A-H (1896), 2: I-T (1901), 3: U-Z (1907). Leipzig: B. G. Teubner.

HOZ, Javier de (1985) – El Origen de la Escritura del S.O.. In HOZ, Javier de, ed. – *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 423-464.

HOZ, Javier de (1986) – La Religion de los Pueblos Prerromanos de Lusitania. In GÓMEZ, César Chaparro, ed. – *Primeras Jornadas sobre Manifestaciones Religiosas en la Lusitania*. Salamanca: Ediciones Universidad de Extremadura, pp. 31-49.

HOZ, Javier de (1990) – El Origen Oriental de las Antiguas Escrituras Hispanas y el Desarrollo de la Escritura del Algarve. In TAVARES, António Augusto, ed. – *Presenças Orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano. Estudos Orientais*. Lisboa. 1, pp. 219-246.

HOZ, Javier de (1996) – El Origen de las Escrituras Paleohispánicas Quince Años Después. In VILLAR, Francisco; ENCARNACIÓN, José d', eds. – *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 171-206.

HOZ, Javier de (2010) – *Historia Lingüística de la Península Ibérica en la Antigüedad*. I. *Preliminares y Mundo Meridional Prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

HOZ, Javier de; FERNÁNDEZ, F. (2002) – **Band-**. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 45-52.

HÜBNER, Emil (1860-1861) – *Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal. Auszug aus den Monatsberichten der Königlich Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. Berlin: Academia das Ciências de Berlin. In <https://ia801600.us.archive.org/1/items/epigraphischerei00hbne/epigraphischerei00hbne.pdf>, em 19/08/2015, às 08:38.

HÜBNER, Emil (1861) – Statuen Galläkischer Krieger in Portugal und Galicien. *Archäologische Zeitung*. Berlin. 19, pp. 185-195.

HÜBNER, Emil (1862a) – *Die antiken Bildwerke in Madrid*. Berlin: Georg Reimer.

HÜBNER, Emil (1862b) – J.-V. Hurtado, Munda Pompeiana, Memoria (Madrid, Imprenta M. Galiano, 1861). *Pompeiana, Annali*. Roma. 34, pp. 75-100. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 37.

HÜBNER, Emil (1862c) – I. Scavi e Viaggi – a. Antichità del Portogallo. *Bullettino dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica*. Roma. 10-11, pp. 193-207.

HÜBNER, Emil (1865) – Minerva Senza Elmo. In *Memorie dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica 2 (Nuove Memorie dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica, Homenaje E. Gerhard 1865)*, pp. 34-49. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 37.

HÜBNER, Emil (1866) – Cornelius Bocchus. *Hermes. Zeitschrift für Klassische Philologie*. Berlin. 1, p. 397.

HÜBNER, Emil (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Vol. 2. Berlin: Georgium Reimerum.

HÜBNER, Emil (1871a) – *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. Berlin: Georgium Reimerum.

HÜBNER, Emil (1871b) – *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia. [Tradução de Hübner, 1860-1861].

HÜBNER, Emil (1872) – **Additamenta ad Corporis Volumen II. Ephemeris Epigraphica**. Roma. 1, pp. 44-48, 182-186.

HÜBNER, Emil (1873) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Britanniae Latinae*. Vol. 7. Berlim: Georgium Reimerum.

HÜBNER, Emil (1875) – **Additamenta ad Volumen II Hispanorum**. *Ephemeris Epigraphica*. Roma. 2, pp. 233-249.

HÜBNER, Emil (1876) – *Inscriptiones Britanniae Christianae. Accedit Supplementum Inscriptionum Christianarum Hispaniae*. Berlim: Georgium Reimerum, Londres: Williams et Norgate.

HÜBNER, Emil (1877) – **Additamenta ad Corporis Volumen II**. *Ephemeris Epigraphica*. Roma. 3, pp. 31-52, 190-202.

HÜBNER, Emil (1879) – Antike Todtenmasken. *Jahrbücher des Vereins von Altertumfreunden im Rheinlande*. Bona. 66, pp. 26-43.

HÜBNER, Emil (1880) – Citania: Alterthümer in Portugal. *Hermes*. Berlim. 15, pp. 49-91.

HÜBNER, Emil (1881) – **Additamenta ad Corporis Vol. II**. *Ephemeris Epigraphica*. Roma. 4, pp. 3-24.

HÜBNER, Emil (1882) – Roman Inscriptions. In *Encyclopaedia Britannica*. Vol. 17. Edimburgo, pp. 124 sgs. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 43.

HÜBNER, Emil (1885) – *Exempla Scripturae Epigraphicae Latinae a Caesaris Dictatoris Morte ad Aetatem Iustiniani*. Berlim: Georgium Reimerum.

HÜBNER, Emil (1886) – Römische Epigraphik. In *Handbuch der Klassischen Altertumswissenschaft in Systematischer Darstellung I, Einleitende und Hilfsdisziplinen*. Nördlingen, pp. 475-548. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 44.

HÜBNER, Emil (1887) – Monumentos de **Balsa** (perto de Tavira); Inscrição de Montemor-o-Novo; Inscrição de Montemor-o-Novo (Nota). *Revista Archeologica e Historica*. Lisboa. 1, pp. 33-38; 113-117; 129.

HÜBNER, Emil (1888a) – Antiguidades Phenicias e Romanas na Peninsula; Nova Inscrição Christã de Mertola. *Revista Archeologica*. Lisboa. 2, pp. 6-8; 65.

HÜBNER, Emil (1888b) – *La Arqueología de España*. Barcelona: Tipo-Litografía de los Sucesores de Ramírez y C.^a.

HÜBNER, Emil (1888c) – J. Bonanza, Historia da Lusitania e da Iberia desde os Tempos Primitivos ao Estabelecimento Definitivo do Domínio Romano, parte Fundada em Documentos ate ao presente indescifráveis. Cuadernos 1-6 (Lisboa 1886). *Deutsche Literaturzeitung*. Berlim. 9, p. 908. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 45.

HÜBNER, Emil (1889a) – *Bibliographie der Klassischen Alterthumswissenschaft: Grundriss zu Vorlesung über die Geschichte und Encyklopadie der Klassischen Philologie*. Berlim: Verlag von Wilhelm Hertz.

HÜBNER, Emil (1889b) – Neueste Studien über den Römischen Grenzwall in Deutschland. *Jahrbücher des Vereins von Altertumfreunden im Rheinlande*. Bona. 88, pp. 1-78.

HÜBNER, Emil (1890) – *Römische Herrschaft in Westeuropa*. Berlim: Verlag von Wilhelm Hertz.

HÜBNER, Emil (1891) – A. Holder, Altceltischer Sprachschatz I, Lief. A-Atep-atu-a (1891). *Deutsche Litteraturzeitung*. Berlim. 12, pp. 1814-1819. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 46.

HÜBNER, Emil (1892a) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum*. Berlim: Georgium Reimerum. 2.

HÜBNER, Emil (1892b) – Römische Epigraphik. In *Handbuch der Klassischen Altertumswissenschaft I 2, Einleitende und Hilfsdisziplinen*. München, pp. 627-710 [2.^a ed. de Hübner, 1886]. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 47.

HÜBNER, Emil (1893) – *Monumenta Linguae Ibericae*. Berlim: Georgium Reimerum.

HÜBNER, Emil (1895) – **Inscriptiones Lusitanae aevi Christiani Ineditae Edidit Aemilius Hübner Berolinensis**. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 177-182.

HÜBNER, Emil (1895-1896) – Notas Críticas; 1. **Crónicas de Ortigueira**, por D. Federico Maciñeira y Pardo. La Coruña, Est. Tip. de *La Voz de Galicia*, á Cargo de José María Marquer, 1892 (págs. XVIII-332) 8.º. 2. **Una Tradición y un Escudo**, idem (*Revista Gallega*, 8 de Diciembre de 1895). 3. **Investigaciones Prehistóricas en Galicia**, I y II; idem (*La Ilustración Artística*, 4 de Febrero y 25 de Febrero de 1895). 4. **Restos de una Pesquería en Galicia**, idem (*La Voz de Galicia*, 23 de Junio de 1896). 5. **Piedra Oscilante de Saramugo**, idem (*La Voz de Galicia*, 14 de Agosto de 1896). 6. **Los Fenicios en Galicia**, idem (*La Ilustración Española y Americana*, 30 de Agosto de 1896). *Revista Crítica de Historia y Literatura Españolas, Portuguesas e Hispano-Americanas*. Madrid. 1, pp. 101-105; 369-370.

HÜBNER, Emil (1896) – O Arqueólogo Português (Collecção Illustrata de Materiaes e Noticias Publicada pelo Museu Ethnographico Português – Prehistoria, Epigraphia, Numismática, Arte Antiga – Veterum Volvens Monumenta Virorum) 1 Núm. 1-12 (*Enero/Diciembre* 1895). *Deutsche Litteraturzeitung*. Berlim. 17, pp. 558-560. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 48.

HÜBNER, Emil (1897a) – Britanni; Callaici. In WISSOWA, Georg – *Paulys Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. Fünfter Halbband: *Barbarus – Campanus*. Neue Bearbeitung. Stuttgart: J. B. Metzlerscher Verlag, col. 858-879; 1356-1359.

HÜBNER, Emil (1897b) – **Inscriptio Arae Romanae Repertae in Oppido Aliquo Vetusto, sed Ignoto Lusitaniae Orientalis.** *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 3, pp. 161-167.

HÜBNER, Emil (1897c) – Nuevos Estudios sobre el Antiguo Idioma Ibérico. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 1:6, pp. 241-246.

HÜBNER, Emil (1897d) – Los Trabajos Científicos del Excmo. Sr. D. Jacobo Zobel de Zangróniz, Académico Electo. *Boletín de la Real Academia de Historia*. Madrid. 30, pp. 158-181. *Apud* González Blanco, Molina Gómez & Blech, 2014, p. 48.

HÜBNER, Emil (1898a) – J. Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitania na Parte que Principalmente se refere a Portugal. Volume I (mit dem Nebentitel Quarto Centenario do Descobrimento da India, Contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa). Lissabon, Imprensa Nacional, 1897. XL u. 443 S. Lex.-8° mit 112 Abbild. Im Text.. *Deutsche Litteraturzeitung*. Berlin. 23 de 11/06/1898, pp. 930-932.

HÜBNER, Emil (1898b) – Die Nordwest- und die Südwestspitze von Hispanien. In *VVAA – Beiträge zur alten Geschichte und Geographie. Festschrift für Heinrich Kiepert*. Berlin: Verlag von Dietrich Reimer, pp. 37-44.

HÜBNER, Emil (1898c) – Noticia (com H. Diels) sobre la Etymologia de la Palabra Nuraghi-Muraglii (Archäologische Gesellschaft, Sesión de Marzo); Noticia sobre el Busto Femenino de Elche (Archäologische Gesellschaft, Sesión de Mayo). *Berliner Philologische Wochenschrift*. Leipzig. 18, pp. 795; 923.

HÜBNER, Emil (1899a) – **Additamenta Nova ad Corporis Vol. II.** *Ephemeris Epigraphica*. Berlin. 8, pp. 351-528.

HÜBNER, Emil (1899b) – Nouvelle Inscription Métrique, du VIII^e Siècle, trouvée a Oviedo. *Revue des Etudes Anciennes*. Bordéus. Série IV. Ano 21. 1, pp. 321-324.

HÜBNER, Emil (1900) – *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum*. Berlin: Georgium Reimerum.

HÜBNER, Emil (2008) – *Las Colecciones de Arte Antiguo en Madrid descritas por Emil Hübnér. Con un Apéndice sobre otras Colecciones Existentes en España y Portugal. Presentado por Jorge Maier y Thomas G. Schattner*. Madrid: Instituto Arqueológico Alemão de Madrid.

HÜBNER, Emil; DESSAU, Hermann (1903) – **Additamenta Nova ad Inscriptiones Hispaniae Latinas. Corporis Inscriptionum Latinarum Supplementum.** *Ephemeris Epigraphica*. Berlin. 9:1, pp. 12-185.

HÜBNER, Emil; DESSAU, Hermann (1913) – **Additamenta Nova ad Corporis Volumen II.** *Ephemeris Epigraphica*. Berlin. 9, pp. 12-185.

HÜBNER, Emil; MOMMSEN, Theodor (1875) – **Lex Coloniae Genetivae Urbanorum sive Ursonis Data a. V. c. DCCX, Additamentum ad Volumen II.** *Ephemeris Epigraphica*. Roma. 2, pp. 105-152.

HÜBNER, Emil; MOMMSEN, Theodor (1877) – **Legis Coloniae Iuliae Genetivae Fragmenta Nova; Lex Metalli Vipascensis**. *Ephemeris Epigraphica*. Roma. 3, pp. 87-112; 165-189.

HÜBNER, Emil, ed. (1866-1881) – *Hermes. Zeitschrift für Klassische Philologie*. Berlim.

JALHAY, Eugénio (1951) – Lápides Romanas da Região de Cárquere (Resende). *Brotéria*. Lisboa. 52.1, pp. 71-85.

JORDÃO, Levy Maria (1859) – *Portugalliae Inscriptiones Romanas*. Lisboa: Typis Academicis.

KAIBEL, Georg; LEBÈGUE, Albert (1890) – *Inscriptiones Graecae Siciliae et Italiae. Additis Graecis Galliae Hispaniae Britanniae Germaniae Inscriptionibus*. Vol. 14. Berlim: Georgium Reimerum. In https://ia700704.us.archive.org/28/items/InscriptionesGraecaeConsilioEtAuctoritateAcademiaeLiterarumRegiae/Inscriptiones_Graecae_v14.pdf, em 10/09/2015, às 12:20.

KAIBEL, Georg; ROBERT, Carl, eds. (1882-1901) – *Hermes. Zeitschrift für Klassische Philologie*. Berlim.

KAJANTO, Iiro (1982) – *The Latin Cognomina*. 2.^a ed. Roma: Giorgio Bretschneider Editore.

KOCH, John (2009) – A Case for Tartessian as a Celtic Language. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; ENCARNACIÓN, José d'; GUERRA, Amílcar; JORDÁN CÓLERA, C., eds. – *Acta Palaeohispanica X. Actas del X Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 339-351.

KUZNETTSOVA-RESENDE, Tatiana (2002) – Dois Mosaicos do Baixo-Império: O Orfeu de Martim Gil e o Cortejo Báquico de Torre de Palma. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 289-292.

LABORDE, Alexandre (1802) – *Description d'un Pavé en Mosaïque Découvert dans L'ancienne Ville d'Italica*. Paris: P. Didot L'Âiné.

LAMBRINO, Scarlat (1951a) – Le Dieu Lusitanien **Endovellicus**. *Bulletin des Études Portugaises et de L'Institut Français au Portugal*. Coimbra. Nova Série. 15, pp. 93-147.

LAMBRINO, Scarlat (1951b) – Inscriptions Latines du Musée D^r Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série. 1, pp. 37-62.

LAMBRINO, Scarlat (1953a) – *Les Inscriptions de São Miguel d'Odrinhas. Separata de Bulletin des Études Portugaises et de L'Institut Français au Portugal*. Coimbra. Nova Série. 16.

LAMBRINO, Scarlat (1953b) – Les Divinités Orientales en Lusitanie et le Sanctuaire de Panóias. *Bulletin des Études Portugaises et de L'Institut Français au Portugal*. Coimbra. Nova Série. 17, pp. 93-129.

LAMBRINO, Scarlat (1962) – Catalogue des Inscriptions Latines du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série. 4, pp. 279-302.

LAMBRINO, Scarlat (1967) – Catalogue des Inscriptions Latines du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 1, pp. 123-218.

LEAL, Augusto Pinho (1873-1886) – *Portugal Antigo e Moderno. Dictionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Número de Aldeias*. Vols. 1 (1873), 2 (1874a), 3 (1874b), 8 (1878), 11 (1886). Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia

LEAL, Augusto Pinho; FERREIRA, Pedro Augusto (1890) – *Portugal Antigo e Moderno. Dictionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Número de Aldeias*. Vol. 12. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.

LEANDRO, Sandra (2014) – *Joaquim de Vasconcelos: Historiador, Crítico de Arte e Museólogo – Uma Ópera*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

LEMOS, Francisco Sande (1985) – A Conferência de 1877 na Citânia de Briteiros. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 2, pp. 215-294.

LEMOS, Francisco Sande (1988) – A Excursão ao Norte de Portugal do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880): Braga e Citânia de Briteiros. *Forum*. Braga. 4, pp. 43-56.

LEMOS, Francisco Sande (1993) – *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental. Dissertação de Doutoramento na Especialidade de Pré-História e História da Antiguidade*. Braga: Universidade do Minho (Policopiada).

LEMOS, Francisco Sande (1995) – Martins Sarmiento e a Arqueologia Portuguesa dos Anos Setenta e Oitenta do Século XIX. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 105, pp. 117-126.

LEMOS, Francisco Sande (2001) – Para a História da Arqueologia Portuguesa. Leite de Vasconcelos e a Arqueologia Transmontana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 19, pp. 13-28.

LEMOS, Francisco Sande (2008) – Leite de Vasconcelos e a Arqueologia do Minho. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 253-280.

LEMOS, Francisco Sande, ed. (2013) – *Martins Sarmiento e a Arqueologia Europeia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, Fundação Cidade de Guimarães.

LE ROUX, Patrick (1982) – *L'Armée Romaine et L'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste a l'Invasion de 409*. Paris: Diffusion de Boccard.

LE ROUX, Patrick (1984) – E. Hübner ou le Métier d'Épigraphiste. In ÉTIENNE, Robert – *Épigraphie Hispanique. Problèmes de Méthode et d'Édition. Actes de la table ronde internationale du C.N.R.S.*. Paris: Diffusion de Boccard, pp. 17-31.

LIMA, Augusto (1940) – A Correspondência Martins Sarmento – Padre Joaquim Pedrosa (Continuação de pag. 105). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 50:3-4, pp. 181-214.

LIMA, Maria Madalena (2013) – *Conceitos e Atitudes de Intervenção Arquitetónica em Portugal (1755-1834)*. Dissertação de Doutoramento em História, na Especialidade em Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

LOPES, David (1896) – Cousas Arabico-Portuguesas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 204-210.

LOPES, Virgílio (2004) – *Mértola na Antiguidade Tardia. A Topografia Histórica da Cidade e do seu Território nos Alvares do Cristianismo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LOPES, Virgílio, ed. (2012) – *Casa Romana – Museu de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LÓPEZ BARJA, Pedro (1993) – *Epigrafía Latina. Las Inscripciones Romanas desde los Orígenes al Siglo III d.C.*. Santiago: Tórculo Artes Gráficas, S.A.L..

LOPO, Albino Pereira (1897) – Lapidaria Romana; Lapidaria Romana de Babe. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 3, pp. 192; 223-224.

LOPO, Albino Pereira (1898) – Cimo da Villa da Castanheira (Concelho de Chaves). Vestígios Archeologicos de Babe. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 4, pp. 312-314; 340-343.

LOPO, Albino Pereira (1899-1900) – O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança); Museu Municipal de Bragança; Gimonde; Picote (Miranda-do-Douro). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, pp. 14-16; 79; 136-138; 143-145.

LOPO, Albino Pereira (1901) – Archeologia Bragançana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 6, pp. 146-150.

LOPO, Albino Pereira (1987) – *Apontamentos Arqueológicos. Prefácio de Francisco de Sande Lemos*. Braga: Instituto Português do Património Cultural.

LOPO, Joaquim de Castro (1890-1892) – Linguagem Popular de Valpaços (Cartas ao Redactor da *Revista Lusitana*). *Revista Lusitana*. Porto. 2, pp. 255-260.

LOPO, Joaquim de Castro (1895) – Linguagem Popular de Valpaços (Cartas ao Redactor da *Revista Lusitana*). *Revista Lusitana*. Porto. 3, pp. 325-329.

LOPO, Joaquim de Castro (1899-1900) – Notícias Várias. 2. Dois Enigmas Epigraphicos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, p. 167.

LOZANO VELILLA, Arminda (1988) – Los Antroponimos Griegos y su Presencia en los Cultos Indígenas Peninsulares. *Studia Historica. Historia Antigua*. Salamanca. 6, pp. 97-106.

LOZANO VELILLA, Arminda (1998) – *Die Griechischen Personennamen auf der Iberischen Halbinsel*. Heidelberg: Winter.

LUZÓN NOGUÉ, José María (1995) – Arqueología Alemana en España y Portugal – Una Visión Retrospectiva. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 36, pp. 1-11.

MACEDO, Joaquim José da Costa de (1844) – Discurso lido em 22 de Janeiro de 1843 na Sessão Pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. Série II. 1:2, pp. I-XX.

MACHADO, Diogo Barbosa (1736-1751) – *Memorias para a Historia de Portugal, que Comprehendem o Governo Delrey D. Sebastião, Único em o Nome e Decimo Sexto entre os Monarchas Portuguezes*. Lisboa: José António da Silva.

MACHADO, Diogo Barbosa (1741-1759) – *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se Comprehende a Noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que Compuserão desde o Tempo da Promulgação da Ley da Graça até o Tempo Prezente. Offerecida à Augusta Magestade de D. João V. Nosso Senhor*. Lisboa: José António da Silva.

MACHADO, João L. Saavedra (1964) – Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.^{or} Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série. 5, pp. 51-448.

MACHADO, José Timóteo Montalvão (1987) – *Como Surgiu em Portugal a Primeira Sociedade de Arqueologia*. 3.^a ed. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

MACIEL, Manuel Justino Pinheiro; MACIEL, Tarcísio Daniel Pinheiro (1985) – Fragmento de Ara a Endovólico, de Juromenha (*Conventus Pacensis*) (N.º 64). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 15, pp. 3-5.

MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas (2014) – Apuntes sobre Emil Hübner y los Arqueólogos Españoles. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 187-218.

MANTAS, Vasco Gil (1996) – *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga. Dissertação de Doutoramento em Letras, na Especialidade de Pré-História e Arqueologia*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra (Policopiado).

MARCO SIMÓN, Francisco (1993) – *Nemedus Augustus*. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia Palaeohispanica et Indogermanica J. Untermann ab Amicis Hispanicis Oblata*. Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 165-177.

MARCO SIMÓN, Francisco (2005) – Theodor Mommsen (1817-1903): Aproximación a una Actividad Apasionada. In MARTÍNEZ-PINNA, Jorge, ed. – *En el Centenario de Theodor Mommsen*. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 17-24.

MÁRIO (1889) – João Bonança (Auctor da «Historia da Luzitania e da Iberia»). *O Occidente*. Lisboa. 377 de 11/06/1889, p. 131.

MARQUES, Pedro (2005) – *Divindades Paleohispânicas e Cultos Romanos no Conuentus Scallabitanus. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. (Policopiado).

MARQUES, Pedro (2011) – **Endouoleicus / Endoueleucus / Indouelleucus**: Releitura de Algumas Formas do Teónimo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 1, pp. 505-524.

MARQUES, Pedro (2013) – Alguns Aspectos da História da Epigrafia do **Conuentus Pacensis**. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César – *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 65-72.

MARQUES, Pedro (2014) – José Leite de Vasconcelos e o **Additamenta Nova ad Corporis Volumen II** de 1913. In SALGUEIRO, Ângela; NUNES, Maria de Fátima; ROLLO, Maria Fernanda; LOPES, Quintino, eds. – *II Encontro Internacional organizado pelo HetSci: Internacionalização da Ciência. Internacionalismo Científico*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, pp. 143-150.

MARTINS, Ana Cristina (1999) – O Museu Archeologico do Carmo e a Descentralização Cultural no Século XIX. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 17, pp. 559-595.

MARTINS, Ana Cristina (2003) – *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória. Um Percorso na Arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

MARTINS, Ana Cristina (2003-2005) – As Ruínas de Tróia (Portugal) e o Despertar da Arqueologia Clássica no Portugal de Oitocentos. In CABRERA VALDÉS, Victoria; AYARZAGÜENA SANZ, Mariano, eds. – *El Nacimiento de la Prehistoria y de la Arqueología Científica. Archaia*. Madrid. 3-5, pp. 65-85.

MARTINS, Ana Cristina (2005a) – *A Associação dos Arqueólogos Portugueses na Senda da Salvaguarda Patrimonial. Cem Anos de (Trans)formação. 1863-1963. Dissertação de Doutoramento em Letras, na especialidade de História da Arte*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

MARTINS, Ana Cristina (2005b) – Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória. In ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela, eds. – *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 40-93.

MARTINS, Ana Cristina (2012-2013) – Entre a Metamorfose e a Adaptação. De Associação dos Arquitectos Civis Portugueses a Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses (1863-1896). *Arqueologia e História*. Lisboa. 64-65, pp. 15-29.

MARTINS, Ana Cristina (2014) – A Sociedade Archeologica Luzitana no Contexto da Arqueologia de Oitocentos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 15, pp. 203-216.

MARTINS, Moisés de Lemos (1999) – A Sociedade da Informação e o Sentido da Mudança Cultural. In TEIXEIRA, Luís Filipe, ed. – *Debater as Ciências da Comunicação no Espaço Lusófono. Actas do I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação*. Lisboa: Universitárias Lusófonas, pp. 123-129. In http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/25349/1/a_sociedade_da_informacao.pdf, em 21/07/2015, às 11:00.

MATOS, Ana Cardoso de; CONDE, Antónia Fialho; BERNARDO, Maria Ana (2012) – O Contributo dos Relatos e Guias de Viagens para o Estudo da Antiguidade Clássica no Sul de Portugal. In OLIVEIRA, Francisco; OLIVEIRA, Jorge; PATRÍCIO, Manuel – *Actas do Congresso Internacional Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Vol. 3. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 289-299. In <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31573/6/25-%20espa%c3%a7os%20e%20paisagens.pdf?ln=pt-pt>, em 01/08/2015, às 20:42.

MATOS, José Luís de (1966) – *Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana. Dissertação de Licenciatura em História*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

MATOS, José Luís de (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*. [Lisboa]: Instituto Português de Museus.

MATOS, José Luís de (2002) – Sarcófagos Romanos da Lusitânia Ocidental. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 311-315.

MATOS, Sérgio Campos (1993-1994) – Leite de Vasconcelos no Debate acerca da Formação de Portugal: Um Confronto com Oliveira Martins. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11-12, pp. 11-33.

MATOS, Sérgio Campos (1998) – *Historiografia e Memória Nacional do Portugal do Séc. XIX (1846-1898)*. Lisboa: Edições Colibri.

MAYER, Marc (2005) – **Notulae Minimae Mommsenianae**: Mommsen, Hübner e Hispania y un Apunte sobre la Estrategia de Trabajo de Mommsen en Italia. In MARTÍNEZ-PINNA, Jorge, ed. – *En el Centenario de Theodor Mommsen*. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 63-74.

MÉLIDA, José Ramón (1903a) – Las Esculturas de los Cerros de los Santos. Cuestión de Autenticidad. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 8, pp. 85-90, 470-485.

MÉLIDA, José Ramón (1903b) – Las Esculturas de los Cerros de los Santos. Cuestión de Autenticidad. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 9, pp. 140-148, 247-255, 365-372.

MÉLIDA, José Ramón (1904a) – Las Esculturas de los Cerros de los Santos. Cuestión de Autenticidad. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 10, pp. 43-50.

MÉLIDA, José Ramón (1904b) – Las Esculturas de los Cerros de los Santos. Cuestión de Autenticidad. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 11, pp. 144-158, 276-287.

MÉLIDA, José Ramón (1905a) – Las Esculturas de los Cerros de los Santos. Cuestión de Autenticidad. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 12, pp. 37-42.

MÉLIDA, José Ramón (1905b) – Las Esculturas de los Cerros de los Santos. Cuestión de Autenticidad. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 13, pp. 19-38.

MELRO, Samuel; BARROS, Pedro; GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2009) – O Projecto Estela: Primeiros Resultados e Perspectivas. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; ENCARNAÇÃO, José d'; GUERRA, Amílcar; JORDÁN CÓLERA, C., eds. – *Acta Palaeohispanica X. Actas del X Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 353-359.

MEMORIAL Numismatico Español (1866-...). Barcelona.

MIONNET, Théodore-Edme (1808) – *Description de Médailles Antiques Grecques et Romaines: Avec Leur Degré de Rareté et Leur Estimation*. Paris: Debure Frères.

MIONNET, Théodore-Edme (1819-1837) – *Description de Médailles Antiques Grecques et Romaines: Avec Leur Degré de Rareté et Leur Estimation*. Paris: Debure Frères.

MIONNET, Théodore-Edme (1839) – *Poids des Médailles Grecques d'Or et d'Argent du Cabinet Royal de France*. Paris: Chez Crozet.

MIONNET, Théodore-Edme (1847) – *De la Rareté et du Prix des Médailles Romaines ou Recueil Contenan les Types Rares et Inédits des Médailles d'Or, d'Argent et de Bronze*. 3.^a ed. Paris: Chez Rollin.

MIONNET, Théodore-Edme; DUFOUR, Auguste-Henri (1838) – *Atlas de Géographie Numismatique, pour servir a la Description des Médailles Antiques*. Paris: Chez Crozet, Constant Potelet, Rollin.

MIRANDA, Manuel Francisco de (1962) – *Gramática Latina*. 8.^a ed. Braga: Oficinas de S. José.

MIRANDA VALDÉS, Javier (2014) – El Archivo Hübner en Berlín. Correspondencia Hübner-Fernández Guerra y Orbe. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 177-186.

MIRANDA VALDÉS, Javier; GIMENO PASCUAL, Helena; SÁNCHEZ MEDINA, Esther (2011) – *Emil Hübner, Aureliano Fernández-Guerra y la Epigrafía de Hispania. Correspondencia 1860-1894*. Madrid: Real Academia de la Historia.

MOLINA GÓMEZ, José Antonio (2001) – Theodor Mommsen (1817-1903) y la Antigüedad Tardía. In PÉREZ DE PLOCH, María Gloria Guillén, ed. – *Hombres de Fe, Hombres Políticos. El Concilio de Éfeso (431) y sus Participantes*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 445-468.

MONGE, Maria de Jesus; CARVALHO, António, eds. (2015) – *José Leite de Vasconcelos. Vida e Obra*. Lisboa, Vila Viçosa: Oficina de Cultura, Lda..

MONTEIRO, Patrícia (2008) – “Os Livros e as Bibliotecas do Espólio Bibliográfico de D. Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814)” (Projecto – POCTI/HEC/56279/2004). *Relatório Final dos Trabalhos Realizados entre Janeiro e Dezembro de 2007*. Évora: Universidade de Évora. In http://www.projectos.uevora.pt/cenaculo/relat_pdf/Rel_Actividades_Bolseira2007.pdf, em 01/08/2015, às 17:03.

MORAIS, Rui (2010) – *Bracara Augusta*, Braga: Câmara Municipal de Braga.

MOREIRA, José Beleza (2000) – *Eburobrittium. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra (Policopiado).

MOURINHO, António Maria (1986) – Epigrafia Latina de Entre Sabor e Douro desde o Falecimento do Abade de Baçal – 1947. *Brigantia*. Bragança. 6:1-3, pp. 3-36.

MOURINHO, António Maria (1987) – Epigrafia Latina de Entre Sabor e Douro desde o Falecimento do Abade de Baçal – 1947 (Continuação). *Brigantia*. Bragança. 7:1-2, pp. 101-132.

MOVERS, Franz Carl (1841) – *Untersuchungen über die Religion und die Gottheiten der Phönizier, mit Rücksicht auf die verwandten Culte der Carthager, Syrer, Babylonier, Assyrier, der Hebräer und der Aegypter*. Bona: Eduard Weber.

MOVERS, Franz Carl (1841-1856) – *Die Phönizier*. Bona: Eduard Weber, Berlim: Dümmler's Buchhandlung, Dümmler's Berlagëbuchhandlung.

MOVERS, Franz Carl (1849) – *Das Phönizische Alterthum*. Berlim: Dümmler's Buchhandlung.

MURPHY, James (1795) – *Travels in Portugal; Through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the Years 1789 and 1790. Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom*. London: A. Strahan, and T. Cadell Jun., and W. Davies.

NABAIS, António (1993) – *Museus e Arqueologia. Al-madan*. Almada. Série II. 2, pp. 72-75.

NATIVIDADE, Manuel Vieira (1895) – *Alcobaça Archeologica. Antiguidades Romanas. O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 104-107.

NAVARRO, Ana Rita Padeira (1993) – *Viagens e Viajantes: Uma Visão Artística do Portugal de Setecentos. Discursos [Em linha]: Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*. Lisboa. 3, pp. 29-36. In <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4005/1/AnaRitaPadeira.pdf>, em 01/08/2015, às 20:01.

NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2003) – *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*. Grupo Mérida. Mérida-Burdeos: Fundación de Estudios Romanos y Ausonius.

NEMÉSIO, Vitorino (1960) – *Leite de Vasconcelos*. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 101-107.

NÓBREGA, Pedro Pina (2003) – *Presença Romana nos Concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo*. In <http://issuu.com/pedropinanobrega/docs/tampr>, em 20/08/2012, às 00:26).

THE NUMISMATIC Chronicle (1837/38-...). Londres.

NUMISMATISCHE Zeitschrift (1869-...). Viena.

OEHMICHEN, Gustavus (1873) – *De M. Varrone et Isidoro Characeno. C. Plinii in Libris Chorographicis*. Lipsiae: Typis B. G. Teubneri.

OLEIRO, João Bairrão (1953-1954) – *Dr. António Mesquita de Figueiredo (1880-1954)*. *Humanitas*. Coimbra. Nova Série. 2-3, p. 218.

OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2002) – *Los Dioses de la Hispania Céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia, Universidad de Alicante.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1984) – *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1935-1969)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1985) – *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1970-1979)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1993) – *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (Séc. XVI – 1934)*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

OLIVEIRA, Jorge; CUNHA, Susana (1993-1994) – A Cidade Romana de **Ammaia** na Correspondência entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11/12, pp. 103-134.

OLIVEIRA, Jorge; CUNHA, Susana (1998) – O Complexo Arqueológico de Vidais na Correspondência Trocada entre António Maçãs e Leite de Vasconcelos. *Ibn Maruán*. Marvão. 8, pp. 57-85.

OLIVEIRA, Márcia (2012) – *A Bibliofilia em Portugal no Início da Época Contemporânea. O Exemplo de D. Frei Manuel do Cenáculo. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Informação e da Documentação*. Évora: Universidade de Évora (Policopiada).

OLIVEIRA, Márcia (2013) – A Comunidade Ilustrada na 2.^a Metade do Séc. XVIII: Frei Manuel do Cenáculo e o seu Universo de Correspondentes. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 27.1, pp. 175-202.

OSÓRIO, Jerónimo (1571) – *De Rebus Emmanuelis Regis Lusitaniae Inuictissimi Virtute et Auspicio Gestis Libri Duodecim*. Lisboa: Antonium Gondisaluñ Typographum.

OSÓRIO, Jerónimo (1572) – *Hieronymi Osorii Lusitani de Gloria Libri V. Ad Ioannem Tertium Lusitaniae Regem*. Compluti: Ioannes Gracianus.

PALMA, José Umbelino (1895) – Inscrição Romana de Beja. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, p. 110.

PANZRAM, Sabine (2014) – Emil Hübner y el Legado de Mommsen. En Busca de la Epigrafía y Arqueología Paleocristianas. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 269-288.

PAPE, Wilhelm; BENSELER, Gustav (1959) – *Wörterbuch der Griechischen Eigennamen. Nachdruck der Dritten Auflage*. Vol. 2: *A-Ω*. Graz: Akademische Druck – U. Verlagsanstalt.

PEIXOTO, Rocha. (1890) – *A Probidade Scientifica do Snr. João Bonança. Capitulo para o Inquerito da «Historia da Luzitania e da Iberia»*. Porto: Typographia Occidental.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme (1904) – Almada (Vitorino de Santana Pereira de). *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Vol. I. Lisboa: João Romano Torres, pp. 221-222. In AMARAL, Manuel, ed. (2000-2012) – <http://www.arqnet.pt/dicionario/almadavitorino.html>, em 25/09/2015, às 07:37.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme (1915) – Viterbo (Frei Joaquim de Santa Rosa de). *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Vol. VII. Lisboa: João Romano Torres, pp. 655-656. In AMARAL, Manuel, ed. (2000-2010) – <http://www.arqnet.pt/dicionario/viterboj1.html>, em 06/08/2015, às 11:59.

PEREIRA, Félix Alves (1899-1900) – Archeologia do Alto-Minho. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, pp. 33-39.

PEREIRA, Félix Alves (1906) – As Fragas de Panoias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 11, pp. 63-65.

PEREIRA, Gabriel (1878a) – Mithologia Iberica (Inscrições Endovellicas de Villa-Viçosa). *A Renascença*. Porto. 2-3, pp. 42-43.

PEREIRA, Gabriel (1878b) – Mithologia Iberica (Inscrições Endovellicas de Villa-Viçosa) (Conclusão). *A Renascença*. Porto. 4, pp. 54-55.

PEREIRA, Gabriel (1879) – Sobre uma Inscrição da Citânia de Briteiros. *O Universo Ilustrado*. Lisboa. 3:25, pp. 195-196.

PEREIRA, Gabriel (1881) – As Inscrições de Endovellico. *O Manuelinho d'Evora*. Évora. 38.

PEREIRA, Gabriel (1885) – *Estudos Eborenses. Historia e Archeologia. Evora Romana. 1.ª Parte O Templo Romano. As Inscrições Lapidares*. Évora: Minerva Eborensis.

PEREIRA, Gabriel (1889) – O Santuario de Endovellico. *Revista Archeologica*. Lisboa. 3, pp. 145-149.

PEREIRA, Isabel (1993-1994) – Leite de Vasconcelos e Santos Rocha. Reflexos da Polémica **Portugália**. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11/12, pp. 89-101.

PEREIRA, João Gualdino (1899) – Boletim. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 16:2-3, pp. 120-139.

PEREIRA, Maria Luísa (1974-1977) – Marcas de Oleiros Algarvios do Período Romano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7-9, pp. 243-268.

PEREIRA MENAUT, Gerardo (1985) – La Inscripción del Ídolo da Fonte, Braga. **CIL** II 2419. In MELENA JIMÉNEZ, José Luis, ed. – *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*. Vol. 1. Vitoria: Universidad del País Vasco, pp. 531-535.

PERIODICO di Numismatica e Sufragistica per la Storia d'Italia (1868-...). Firenze.

PERROT, Georges; CHIPIEZ, Charles (1882-1904) – *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*. Paris: Librairie Hachette et C.^a.

PERROT, Georges; CHIPIEZ, Charles (1885) – *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*. Vol. 3 – *Phénicie – Cypre*. Paris: Librairie Hachette et C.^a.

PIMENTA, João (2005) – *As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. *Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

PINHEIRO, José Henriques (1888) - Relatório sobre as Ruínas Romanas Descobertas junto da Povoação de Castro d'Avellãs no Mez de Fevereiro de 1887 e sobre o Reconhecimento que nas Referidas Ruínas fez José Henriques Pinheiro por conta da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 5:2, pp. 71-96.

PINHEIRO, José Henriques (1889) – Duas Inscrições Romanas Inéditas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 6:2, pp. 53-57.

PINHEIRO, José Henriques (1895) – *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga em que são Determinadas Todas as Estações da Referida Via*. Porto: Imprensa Civilização.

PINTO, António (2002) – *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

PINTO, Cesário Augusto (1874) – Descrição da Ara de Trajano existente em Santo Antonio das Taipas, Freguezia de S. Thomé de Caldellas, Concelho de Guimarães. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 1, pp. 28-29.

PINTO, Manuel Serafim (2008) – José Leite de Vasconcelos. Primeira Correspondência para os Pais e uma Carta ao seu Tio António – Transcrições, Anotações e Comentários. *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.º Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 471-512.

PIRES, António Tomás (1901) – Catalogo do Museu Archeologico de Elvas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 6, pp. 209-236.

POOLE, Reginald Stuart (1873) – *A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum. Italy. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 1. Londres: British Museum.

POOLE, Reginald Stuart (1876) – *Catalogue of Greek Coins. Sicily. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 2. Londres: British Museum.

POOLE, Reginald Stuart (1883) – *Catalogue of Greek Coins. The Ptolemies, Kings of Egypt. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 6. Londres: British Museum.

PRELLER, Ludwig (1887) – *Griechische Mythologie*. 4.^a ed. (por Carl Robert). Berlim: Weidmannsche Buchhandlung.

PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) – *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca.

RADA Y DELGADO, Juan de Dios de la (1876) – Ladrillos Sepulcrales Cristianos que se Conservan en el Museo Arqueológico Nacional. In RADA Y DELGADO, Juan de Dios de la, ed. – *Museo Español de Antigüedades*. Vol. 7. Madrid: Imprenta de T. Fortanet, pp. 583-594.

RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela, eds. (1998-2002) – *Jornais e Revistas Portuguesas do Séc. XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

RAMALHO, Maria de Magalhães (2001) – «Memórias Sepulcrais» do Convento de S. Francisco de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4.1, pp. 145-185.

RAMOS, Paulo Oliveira (2005) – O Alvará Régio de 20 de Agosto de 1721 e D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses, o 1.^o Marquês de Abrantes: Uma Leitura. In *Discursos [Em linha]: Língua, Cultura e Sociedade*. Lisboa. Série III. 6, p. 87-97. In <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4320>, em 20/07/2015, às 11:07.

RAPOSO, Jorge (1993) – Museus Portugueses com Coleções de Arqueologia. *Almadán*. Almada. Série II. 2, pp. 61-71.

RAPOSO, Luís (1993-1994) – Do Somme ao Tejo: A Vida e Obra de Henri Breuil e sua Contribuição para a Pré-história Portuguesa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 11/12, pp. 223-290.

RAPOSO, Luís (2008) – Evocação de José Leite de Vasconcelos. Discurso na Sessão Solene realizada na Academia das Ciências de Lisboa, em 7 de Julho de 2008. *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.^o Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 41-44.

RAPOSO, Luís, ed. (2008) – *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.^o Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26.

RAPOSO, Luís, ed. (2011) – *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 1.

RASTEIRO, Joaquim (1897) – Noticias Archeologicas da Peninsula da Arrabida. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 3, pp. 1-48.

RECREIO, Francisco (1850) – Observações Criticas sobre a Comunicação, que tem por Titulo – Uma Inscrição de Tiberio – Impressa em as Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, N.^o 5, Sessão Litteraria de 25 de Julho de 1849. *Actas das Sessões*

da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Vol. 2. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, pp. (72)-(73).

REDENTOR, Armando (2002) – *Epigrafia Romana da Região de Bragança*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

REDENTOR, Armando (2011) – *A Cultura Epigráfica no Conuentus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis). Percursos pela Sociedade Bracara na Época Romana. Dissertação de Doutoramento em História, na Especialidade de Arqueologia*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra (Policopiado).

REI, António (2011) – *António Francisco Barata. Vida e Obra (Góis, 1836 – Évora, 1910)*. Lisboa: Edições Colibri.

REIS, Maria de Lurdes (1997) – *Cárquere: Epigrafia Latina. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Porto: Faculdade de Letras do Porto (Policopiado).

REMESAL RODRÍGUEZ, José (2014) – **De Re Epigraphica Hispana Optime Meritus Merensque**. Sobre la Correspondencia entre F. Fita y E. Hübner. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 161-176.

RESENDE, André de (1996) – *As Antiguidades da Lusitânia. Introdução, Tradução e Comentário de R. M. Rosado Fernandes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LA REVUE Numismatique (1836-...). Paris.

REVUE Belge de Numismatique et de Sigillographie (1842-...). Bruxelas.

RIBEIRO, José Cardim (1982-1983) – Estudos Histórico-Epigráficos em Torno da Figura de **L. Iulius Maelo Caudicus**. *Sintria*. Sintra. 1-2, pp. 151-176.

RIBEIRO, José Cardim (2002) – **Endovellicus**. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 79-90.

RIBEIRO, José Cardim (2005) – O **Deus Sanctus Endovellicus** durante a Romanidade ¿Uma **Interpretatio** Local de **Faunus/Silvanus**?. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, C., VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Acta Palaeohispanica IX. Actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas. Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 721-766.

RIBEIRO, José Cardim (2008) – Da Consciência Política de José Leite de Vasconcellos. Achegas para a Compreensão do seu Pensamento e do seu Exemplo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 145-160.

RIBEIRO, José Cardim (2011) – A Re-Interpretação de Monumentos Epigráficos em Contextos Secundários e as Inscrições de Sintra (Portugal): O Polissémico Caso da Grande Tábula dos *Aelii* (CIL II 267) [Parte 1]. In CARBONELL MANILS, Joan; GIMENO PASCUAL, Helena; MORALEJO ÁLVAREZ, José Luis, eds. – *El Monumento Epigráfico en Contextos Secundarios. Procesos de Reutilización, Interpretación y Falsificación*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, pp. 89-123.

RIBEIRO, José Cardim (2012) – A Re-Interpretação de Monumentos Epigráficos em Contextos Secundários e as Inscrições de Sintra (Portugal): O Polissémico Caso da Grande Tábula dos *Aelii* (CIL II 267) [Parte 2]. *Veleia*. Vitoria - Gasteiz. 29, pp. 279-303.

RIBEIRO, José Cardim, ed. (2002) – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

RIBEIRO, José Silvestre (1872) – *Historia dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarchia*. Vol. 2. Lisboa: Academia Real das Sciencias.

RIBEIRO, José Silvestre (1885) – *Historia dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarchia*. Vol. 14. Lisboa: Academia Real das Sciencias.

RIBEIRO, Orlando (1960) – Vida e Obra de José Leite de Vasconcelos. In VVAA – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 65-100.

RIBEIRO, Orlando (2008) – José Leite de Vasconcelos na História e na Lenda. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 55-68.

ROCHA, António Santos (1895) – Notícia de Algumas Estações Romanas e Arabes do Algarve. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 113-116, 193-212, 291-296, 327-337.

ROCHA, António Santos (1896a) – A Necropole Protohistorica da Fonte Velha, em Bensafrim no Concelho de Lagos. *Revista de Sciencias Sociaes e Naturaes*. Porto. 4, pp. 129-145.

ROCHA, António Santos (1896b) – Notícia de Algumas Estações Romanas e Arabes do Algarve (Conclusão. Vid. **O Arch. Port.**, I, 337); Vestigios Romanos no Valle do Mondego e Immediações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 65-79; 154-158.

ROCHA, António Santos (1899-1903) – Estação Luso-Romana da Pedrulha. *Portugália*. Porto. 1, pp. 593-595.

ROCHA, António Santos (1904) – Estação Luso-Romana da Pedrulha. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira. 1, pp. 15-16.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (1987) – *Aquae Flaviae. I. Fontes Epigráficas*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (1993) – *Corpus-Catálogo de Inscripciones Rupestres de Época Romana del Cuadrante Noroeste de la Península Ibérica. Anejo N° 1 de Larouco*. Sada – A Coruña: Ediciós do Castro.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (1995) – **Corpus** de Inscripciones Rupestres de Epoca Romana del Cuadrante NW de la Peninsula Iberica. In RODRÍGUEZ COLMENERO, António & GASPERINI, Lidio, eds. – *Saxa Scripta (Inscripciones en Roca). Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre. Santiago de Compostela y Norte de Portugal, 29 de Junio a 4 de Julio de 1992 (Anejos de Larouco, 2)*. Sada – A Coruña: Ediciós do Castro, pp. 117-259.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (1997) – *Aquae Flaviae. I. Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Interior*. 2.^a ed. Chaves: Câmara Municipal de Chaves.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (1999) – *O Santuário Rupestre Galaico-Romano de Panóias (Vila Real, Portugal). Novas Achegas para a sua Reinterpretação Global*. [s.l.]: Ministério da Cultura, Câmara Municipal de Vila Real.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (2002) – Deuses da Planície: **Nabia** e Assimilados. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 25-29.

RODRÍGUEZ COLMENERO, António (1995-2007) – **Espacio Sagrado e Interpretatio** Romana en los Santuarios Rupestres del Noroeste Peninsular. In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Diis Deabusque – Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia «Culto e Sociedade»*. Sintria. São Miguel de Odrinhas. 3-4, pp. 457-500.

RODRÍGUEZ DE BERLANGA, Manuel (1888) – Sepulcros Antiguos de Cádiz; Una Inscripción Cristiana Inédita de Málaga. *Revista Archeologica*. Lisboa. 2, pp. 33-49; 129-140.

RODRÍGUEZ DE BERLANGA, Manuel (1889) – Estudios Epigráficos; Addenda á la Inscripción de la Zubia. *Revista Archeologica*. Lisboa. 3, pp. 36-44; 56.

RODRÍGUEZ DE BERLANGA, Manuel (1895-1896) – Estudios Epigráficos. Inscripción Romana de Tarragona, Grabada en un Utensilio de Cobre. *Revista Crítica de Historia y Literatura Españolas, Portuguesas e Hispano-Americanas*. Madrid. 1, pp. 14-22.

RODRÍGUEZ DE BERLANGA, Manuel (1897) – Estudios Numismáticos. Una Antigua Moneda Inedita de España. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 1:10, pp. 433-440.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (1997) – Joaquim de Vasconcelos e a Valorização das Arte Industriais. In VVAA – *Rodrigues de Freitas: A Obra e os Contextos. Actas do*

Colóquio. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 229-240. In <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5555.pdf>, em 05/09/2015, às 16:57.

SALAS ÁLVAREZ, Jesús (2007) – *El Viaje Arqueológico a Andalucía y Portugal* de Francisco Pérez Bayer. *SPAL*. Sevilha. 16, pp. 9-24. In http://institucional.us.es/revistas/spal/16/art_1.pdf, em 01/08/2015, às 18:20.

SALGADO, Vicente (1780) – *Breve Instrução Sobre as Medalhas Romanas, para os Primeiros Estudos do Novo Curioso*. Lisboa: Regia Officina Typografica.

SALGADO, Vicente (1784) – *Conjecturas sobre Huma Medalha de Bronze com Caracteres Desconhecidos, e com os Latinos Vetto, Achada no Lugar da Troya Defronte da Villa de Setuval*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira.

SALGADO, Vicente (1786) – *Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve offerecidas ao Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Béja &c. &c. &c..* Vol. 1. Lisboa: Regia Officina Typografica.

SALLET, Alfred von (1888) – *Taurische Chersonesus, Sarmatien, Dacien, Pannonien, Moesien, Thracien, Thracische Könige. Beschreibung der Antiken Münzen / Königliche Museen zu Berlin*. Vol. 1. Berlim: W. Spemann.

SAMPAIO, José da Cunha & alii (1999) – *Francisco Martins Sarmento – Vida e Obra*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

SAMPAIO, Maria Ana (1973) – *Esculturas Romanas de Entre Douro e Tejo. Dissertação da Licenciatura em História*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra (Policopiado).

SANDYZ, John Edwin (1910) – *A Companion to Latin Studies*. Cambridge: Cambridge University Press. In <https://ia902707.us.archive.org/24/items/acompaniontolat00sandgoog/acompaniontolat00sandgoog.pdf>, em 18/08/2015, às 15:58.

SANTOS, Maria João Correia; PIRES, Hugo; SOUSA, Orlando (2014) – *Nuevas Lecturas de las Inscripciones del Santuario de Panoias (Vila Real, Portugal). Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. 12, pp. 197-224.

SANTOS, Maria Luísa (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve*. Vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

SANTOS, Maria Luísa (1972) – *Arqueologia Romana do Algarve*. Vol. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

SANTOS, Susana (2005) – *O Latim das Inscrições Romanas em Território Português até à Queda do Império. Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos, na Área de Especialização em Literatura Latina*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa (Policopiado).

SANZ GAMO, Rubí (1997) – *Cultura Ibérica y Romanización en Tierras de Albacete: los Siglos de Transición*. Albacete: Instituto de Estudios Albacetenses.

SARMENTO, Francisco Martins (1878) – O Deus Bormanico. *Museu Ilustrado*. Porto. 1, p. 155.

SARMENTO, Francisco Martins (1879a) – Arte Pre-Romana. *O Occidente*. Lisboa. 2:44, pp. 157-158.

SARMENTO, Francisco Martins (1879b) – *Observações á Citânia do Snr. Doutor Emilio Hübner*. Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira.

SARMENTO, Francisco Martins (1883-1884a) – Inscrições Inéditas. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 4, pp. 58-59, 69-70, 105-106.

SARMENTO, Francisco Martins (1883-1884b) – A Propósito de Castros. *O Panorama Contemporâneo*. Coimbra. 2-4, pp. 9-11, 17-19, 25-26.

SARMENTO, Francisco Martins (1884a) – O Deus Bormanico. Subsidio para o Estudo da Mythologia dos Lusitanos; Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 1:2; 1:4, pp. 57-67; 161-189.

SARMENTO, Francisco Martins (1884b) – O Soldado que Venceu Viriato. *A Vida Moderna*. Porto. 6, pp. 1-3. In http://www.csarmento.uminho.pt/docs/sms/obra/FMSDispersos_018.pdf, em 08/10/2015, às 07:31.

SARMENTO, Francisco Martins (1885a) – A Inscrição de Burgães. *A Vida Moderna*. Porto. 6:6, pp. 1-3. In http://www.csarmento.uminho.pt/docs/sms/obra/FMSDispersos_022.pdf, em 08/10/2015, às 07:34.

SARMENTO, Francisco Martins (1885b) – Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 2:4, pp. 189-202.

SARMENTO, Francisco Martins (1887a) – O Deus Tameóbrio. *A Vida Moderna*. Porto. 7:10, pp. 1-2. In http://www.csarmento.uminho.pt/docs/sms/obra/FMSDispersos_024.pdf, em 08/10/2015, às 07:37.

SARMENTO, Francisco Martins (1887b) – Para o Pantheon Lusitano. *Revista Lusitana*. Porto. 1:3, pp. 227-240.

SARMENTO, Francisco Martins (1887c) – Inscrições Ineditas. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 4:4, pp. 185-189.

SARMENTO, Francisco Martins (1888a) – A Propósito dos “Roteiros dos Tesouros”. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 5:1, pp. 5-11.

SARMENTO, Francisco Martins (1888b) – Os Miliários da Trofa. *A Vida Moderna*. Porto. 40, pp. 1-2. In

http://www.csarmento.uminho.pt/docs/sms/obra/FMSDispersos_028.pdf, em 08/10/2015, às 07:47.

SARMENTO, Francisco Martins (1894) – O Deus Brigo. *Nova Alvorada*. Famalicão. Ano 4. 2, pp. 15-16.

SARMENTO, Francisco Martins (1895) – «Cidade Velha» de Monte-Cordova. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 145-151.

SARMENTO, Francisco Martins (1899-1903) – A Arte Mycenica no Noroeste de Hispania. *Portugalia*. Lisboa. 1:1-4, pp. 1-12.

SARMENTO, Francisco Martins (1990) – Expedição Científica à Serra da Estrela. 2.^a ed. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 100, pp. 297-340.

SARMENTO, Francisco Martins (1999) – *Antiqua, Apontamentos de Arqueologia*. Organizado por A. A. das Neves. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

SAUREN, Herbert; SIDARUS, Adel (2003) – As Estelas da Escrita Ibérica. A Tipologia das Estelas Funerárias. In GONÇALVES, Maria José, ed. – *Actas do 1.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Xelb. Silves. 4, pp. 89-101.

SCHATTNER, Thomas (2014) – Hübner, Las Estatuas de Guerreros Galaicos y la Cultura Castreña del Noroeste Hispánico. In BLECH, Michael; MAIER ALLENDE, Jorge; SCHATTNER, Thomas, eds. – *Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien. Akten des Kolloquiums in Madrid vom 19. bis 20. November 2008 zu Ehren des 175. Geburtstages von Emil Hübner. Emil Hübner y las Ciencias de la Antigüedad Clásica en Hispania. Actas del Coloquio Celebrado en Madrid del 19 al 20 de Noviembre del 2008 por el 175 Aniversario del Nacimiento de Emil Hübner*. Madrid: Verlag Philipp von Zabern, pp. 381-397.

SCHATTNER, Thomas; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2008) – El Mármol en el Santuario de **Endovellicus**. In NOGALES BASARRATE, Trinidad; BELTRÁN FORTES, José, eds. – *Marmora Hispana: Explotación y Uso de los Materiales Pétreos en la Hispania Romana*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider, pp. 391-405.

SCHATTNER, Thomas; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2013) – A Investigação em Torno do Santuário de S. Miguel da Mota: O Ponto de Situação. *Cadernos do Endovéllico*. Alandroal. 1, pp. 65-98.

SCHMIDT, Manfred (2001) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlim: Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften. In http://cil.bbaw.de/pdf/cilbro_01.pdf; http://cil.bbaw.de/pdf/cilbro_02.pdf, em 18/08/2015, às 17:05.

SCHULTEN, Adolf (1913) – Hispania. In KROLL, Wilhelm, ed. – *Paulys Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. Achter Band, Sechzehnter

Halbband: *Helikon bis Hyagnis*. Neue Bearbeitung. Stuttgart: J. B. Metzlerscher Verlag, col. 1965-2046.

SEQUEIRA, Carla; LOPES, A. Baptista (2000) – Inscrições Romanas de Cárquere. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 19, pp. 85-98.

SERRA, João B. (1988) – Arte e Indústria na Transição para o Século XX: A Fábrica dos Bordalos. *Análise Social*. Lisboa. 24:1 (100), pp. 275-311.

SERRAS, Martinha; CARNEIRO, André (2011) – Entre o Centro e a Periferia: A Relação Epistolar de J. Leite de Vasconcelos e Manuel Mattos Silva. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 1, pp. 267-300.

SILVA, António Carlos (2002) – Um Século de Arqueologia Romana em Portugal. In ARNAUD, José Morais, ed. – *Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Intervenção Arqueológica em Portugal*. *Arqueologia & História*. Lisboa. 54, pp. 299-315.

SILVA, Augusto Vieira da (1937) – *O Castelo de S. Jorge em Lisboa. Estudo Histórico-Descritivo*. 2.^a ed. Lisboa: Tip. Empresa Nacional de Publicidade.

SILVA, Augusto Vieira da (1944) – *Epigrafia de Olisipo. Subsídios para a História da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, Inocêncio da (1858-1860) – *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Vols. 1 (1858), 4 (1860a), 5 (1860b). Lisboa: Imprensa Nacional.

SILVA, Joaquim Candeias da (2009) – Contactos e Interrelações na História da Medicina da Beira Interior: Lembrança do Dr. Francisco António Rodrigues de Gusmão (1815-1888). *Cadernos de Cultura*. Fundão. 23, pp. 93-96. In http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol23.pdf, em 04/09/2015, às 14:30.

SILVA, Joaquim Possidónio da (1877) – Relatório, apresentado na Sessão de 14 de Maio da Assembleia Geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes, acerca do Descobrimento feito no Monte de Sancta Luzia em Vianna do Castelo, no Mez de Abril de 1877. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 2, pp. 27-30.

SILVA, Joaquim Possidónio da (1881) – Descobrimento da Cidade Romana «Nabancia» em Portugal. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 3, pp. 152-154.

SILVA, José (2015) – *A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): Ciências e Hibridismo numa Periferia Europeia. Dissertação de Doutoramento em História e Filosofia das Ciências*. Lisboa: Faculdade de Ciências de Lisboa (Policopiado).

SILVA, Manuel Teles da (1727) – *Historia da Academia Real da Historia Portugueza, composta por Manoel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete, Secretario da mesma*

Academia, Dedicada a Elrei D. João V. nosso Senhor. Tomo Primeiro. Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1722) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1722., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: Pascoal da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1723) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1723., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: Pascoal da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1724) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1724., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: Pascoal da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1725) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1725., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: Pascoal da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1726) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1726., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1727) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1727., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1728) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1728., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1729) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1729., se Compuzerão, e se*

Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia. Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1730) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1730., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1731-1732) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que nos Annos de 1731. e 1732., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia. Segunda Parte da Colecção dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, do Anno de 1732.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1733a) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que no Anno de 1733. se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia. Parte Primeira.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1733b) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que no Anno de 1733. se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia. Parte Segunda.* Lisboa: José António da Silva.

SILVA, Manuel Teles da, ed. (1734) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1734., se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa: José António da Silva.

SIMÕES, Augusto Filipe (1869) – *Relatorio á cerca da Renovação do Museu Cenaculo dirigido ao Ex.mo Sr. Visconde da Esperança, Presidente da Camara Municipal de Evora.* Évora: Typographia da Folha do Sul.

SIMÕES, Augusto Filipe (1875) – *Alguns Passos num Labyrintho. Se Coimbra foi Povoação Romana e que Nome teve. Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.* Lisboa. Série II. 1, pp. 105-109, 117-121.

SIMÕES, Augusto Filipe (1878) – *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica. Primeira Parte: Antiguidades Prehistoricas.* Lisboa: Livraria Ferreira.

SIMÕES, Augusto Filipe (1879) – Alguns Passos num Labirinto. Se Coimbra foi Povoação Romana e que Nome teve. *Portugal Pittoresco*. Coimbra. 1, pp. 12-16, 29-32, 43-48, 60-64.

SIMÕES, Augusto Filipe (1888) – *Esriptos Diversos: Colligidos por Ordem da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

SOLIN, Heikki (1982) – *Die Griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*. Vol. 1. Berlin & New York: Walter de Gruyter & Co.

SOLIN, Heikki; SALOMIES, Olli (1994) – *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*. Hildesheim, Zürich, New York: Olms – Weidmann.

SOROMENHO, Augusto (1876) – *La Table de Bronze d'Aljustrel*. Lisboa: Imprensa Nacional.

SOUSA, António Caetano de (1735-1748) – *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa, desde a sua Origem até o Presente, com as Familias Illustres, que Procedem dos Reis, e dos Serenissimos Duques de Bragança, Justificada com Instrumentos, e Escritores da Inviolavel Fé, e Offerecida a Elrey D. João V. Nosso Senhor*. Lisboa: José António da Silva.

SREEDHARAN, E. (2004) – *A Textbook of Historiography. 500 B.C. to A.D. 2000*. Nova Deli: Orient Longman Private Limited.

STYLOW, Armin U.; GIMENO PASCUAL, Helena (2004) – Emil Hübner. In AYARZAGÜENA SANZ, Mariano; MORA RODRÍGUEZ, Gloria, eds. – *Pioneros de la Arqueología en España del siglo XVI a 1912*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 333-340.

SUTHERLAND, Carol Humphrey (1984) – *The Roman Imperial Coinage*. Vol. 1: *From 31 BC To AD 69*. Revised Edition. London: Spink and Son, Ltd.

T., M. J. M. (1840) – Academia de Historia Portuguesa. *O Panorama*. Lisboa. 4, pp. 29-31. In https://books.google.pt/books?id=c3I-AAAAYAAJ&pg=RA1-PA30&lpg=RA1-PA30&dq=decreto+de+8+de+dezembro+de+1720&source=bl&ots=x8rO1uKxdy&sig=GX8PWnSIXCCqE-k6KiqmjDzxPNw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CEUQ6AEwB2oVChMIivGXtI_sxgIVQVkJUCH2iYgvY#v=onepage&q=decreto%20de%208%20de%20dezembro%20de%201720&f=false, em 21/07/2015, às 13:00.

TELES, Nuno da Silva, ed. (1736a) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1735, se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada por Nuno da Sylva Telles, Secretario da mesma Academia*. Lisboa: José António da Silva.

TELES, Nuno da Silva, ed. (1736b) – *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa, que neste Anno de 1736, se Compuzerão, e se*

Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada por Nuno da Sylva Telles, Secretario da mesma Academia. Lisboa: José António da Silva.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, eds. (1993) – *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

TRANOY, Alain (1981) – *La Galice Romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Diffusion de Boccard.

TRANOY, Alain (2002) – A «Fonte do Ídolo». In RIBEIRO, José Cardim, ed. – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 31-32.

TRANOY, Alain (2004) – Panóias ou les Rochers des Dieux. *Conimbriga*. Coimbra. 43, pp. 85-97.

TRIGOZO, Sebastião (1815) – Discurso Recitado na Sessão Publica de 24 de Junho de 1814. *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 4:1, pp. I-XXIV.

UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. IV. Die Tartessischen, Keltiberischen und Lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

URSIN, Nils Robert af (1884) – *De Lusitania Provincia Romana*. Helsingfors: Officina Frenckelliana.

VALLEJO RUIZ, José María (2005) – *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.

VASCONCELOS, José Leite de (1878) – O Presbyterio de Villa-Cova. *O Academico*. Porto. 3-6.

VASCONCELOS, José Leite de (1882a) – *O Dialecto Mirandez*. Porto: Livraria Portuense de Clavel & C^a Editores.

VASCONCELOS, José Leite de (1882b) – *Tradições Populares de Portugal*, Porto: Livraria Portuense de Clavel & C^a Editores.

VASCONCELOS, José Leite de (1885) – *Portugal Pre-Historico*. Lisboa: David Corazzi.

VASCONCELOS, José Leite de (1886) – *A Evolução da Linguagem. Ensaio Anthropologico apresentado á Eschola Medica do Porto como Dissertação Inaugural*. Porto: Typographia Occidental.

VASCONCELOS, José Leite de (1887-1889) – Inscrições Luso-Romanas; Bibliographia. *Revista Lusitana*. Porto. 1, pp. 67-68; 183-194, 285-290, 390-394.

VASCONCELOS, José Leite de (1888a) – A Historia Luzo-Iberica. *O Reporter*. Lisboa. 102 de 13/04/1888, p. 2.

VASCONCELOS, José Leite de (1888b) – Conferencia Luso-Iberica. *O Reporter*. Lisboa. 109 de 20/04/1888, p. 2.

VASCONCELOS, José Leite de (1888c) – Correspondencia do «Reporter». Ao sr. João Bonança. *O Reporter*. Lisboa. 113 de 24/04/1888, p. 1.

VASCONCELOS, José Leite de (1888d) – As Theorias Luzibericas do Sr. João Bonança. *O Reporter*. Lisboa. 130 de 11/05/1888, pp. 1-2.

VASCONCELOS, José Leite de (1888e) – A **Historia da Luzitania e da Iberia** do Sr. João Bonança, e um Artigo do Sr. E. Hübner in «Deutsch Litteraturzeitung». *O Reporter*. Lisboa. 212 de 01/08/1888, p. 2.

VASCONCELOS, José Leite de (1888f) – A **Historia da Luzitania e da Iberia** do Sr. João Bonança. *O Reporter*. Lisboa. 226 de 15/08/1888, p. 3.

VASCONCELOS, José Leite de (1888g) – *Numismática Nacional. Lição Inaugural do Curso de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa no Anno Lectivo de 1888-1889*. Lisboa: Typografia do Jornal O Dia.

VASCONCELOS, José Leite de (1888h) – Uma Inscrição Luso-Romana de Panoias; Inscrição Luso-Romana de Panoias (Nota); Antiguidades de Carquere. *Revista Archeologica*. Lisboa. 2, pp. 50; 69; 113-116.

VASCONCELOS, José Leite de (1889a) – Analecta Archeologica. *Revista Archeologica*. Lisboa. 3, pp. 177-179.

VASCONCELOS, José Leite de (1889b) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa. I.^a Parte do Curso (1888-1889)*. In VASCONCELOS, José Leite de (1889-1912) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, I-XXIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1890a) – Da Etymologia de «Chellas». *Revista Archeologica*. Lisboa. 4, pp. 38-39.

VASCONCELOS, José Leite de (1890b) – O Deus Lusitano Endovellico. *O Dia*. Lisboa. 846 de 25/05/1890, pp. 2-3.

VASCONCELOS, José Leite de (1890c) – *O Deus Lusitano Endovellico. Separata de O Dia*. Lisboa. 846 de 25/05/1890.

VASCONCELOS, José Leite de (1890d) – Novas Inscrições de Endovellico. *Aurora do Cavado*. Barcelos. 23:1176 de 30/07/1890, pp. 1-2.

VASCONCELOS, José Leite de (1890e) – *Borges de Figueiredo e a Archeologia Portuguesa. Noticia Necrologica lida na Sessão do dia 24 de Outubro de 1890 da Secção das Sciencias Ethnicas da Sociedade de Geographia de Lisboa. Separata de O Dia n.^o 980-981*. Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de (1890f) – *Esbôço da História da Numismática Portuguesa. Separata da Revista de Educação e Ensino*. Lisboa. 5, pp. 329-336.

VASCONCELOS, José Leite de (1891) – Novas Incrições de Endovellico. Nota Final. *Aurora do Cavado*. Barcelos. 24:1222 de 17/06/1891, p. 1.

VASCONCELOS, José Leite de (1890-1892) – Bibliographia; Do Atheismo dos Callaicos; Necrologia: I - Borges de Figueiredo; Varia Quaedam; Chronica. *Revista Lusitana*. Porto. 2, pp. 88-96; 346-347; 351; 377-379; 380.

VASCONCELOS, José Leite de (1892a) – Incrição Inédita de Mercúrio em Moura, pp. 1-2.

VASCONCELOS, José Leite de (1892b) – *Sur les Amulettes Portugaises. Résumé d'un Mémoire Destiné à la 10^{ème} Session du Congrès International des Orientalistes*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1892c) – *Sur les Religions de la Lusitanie. Abrégé d'un Mémoire Destiné à la 10^{ème} Session du Congrès International des Orientalistes*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1894a) – *Quid Apud Lusitanos Verbum "Aedeoli" Significauerit*. Lisboa: Ex Officina Libanii da Silva.

VASCONCELOS, José Leite de (1894b) – *Elencho das Lições de Numismática dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa. II.- Curso do Anno Lectivo de 1889-1890. III.- Curso do Anno Lectivo de 1890-1891. IV.- Curso do Anno Lectivo de 1891-1892. V.- Curso do Anno Lectivo de 1892-1893. VI.- Curso do Anno Lectivo de 1893-1894*. In VASCONCELOS, José Leite de (1889-1912) – *Elencho das Lições de Numismática dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, I-XXIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1895a) – Palavras Prévias; Castros; Incrição Christã de Mertola; Antiguidades de Mortágua; Notícias de Antigualhas da Terra de Miranda no Seculo XVIII; Antiguidades Romanas de Tomar; Catálogo do Museu de Beja; Collecção Ethnographica do Sr. M. d'Azuaga; Antiguidades de Leiria; Perguntas; Manoel Negrão – **P.S.**; Museu Municipal em Villa-Real (Tras-os-Montes); Monumento do Deus Endovellico; Museu Archeologico de Alcacer do Sal; Ruínas de Troia (em frente de Setubal); Revista de Archeologia; Noticias Várias e Perguntas; Excursão Archeologica a Alcacer-do-Sal; Vária; Incrição Romana de Beja: P. S.; Incrição Romana de Villarandello; Noticias Várias; Museu Archeologico em Moncorvo; **Epistula ad Aemilium Hübnér**; Acquisições do Museu Ethnographico Português; Noticias Várias; Cultos Luso-Romanos em Igeditania; Culto de Prosérpina; Antigualhas das Proximidades de Lisboa; Noticias Várias; Sepultura de Cocceia Clarilla; Estação Luso-Romana de Panoias; Nota a uma Incrição Christã de Mertola; Duas Incrições do Museu de Beja; Incrição Romana de Poçacos; Incrição de Villarandello; Antiguidades do Sul do Tejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1, pp. 1-2; 3-7;

7-9; 10; 11-12; 13-15; 19-20; 20-28; 28-31; 32; 34-35; 37-43; 43-46; 46-47; 54-62; 62-64; 64; 65-92; 96; 110-112; 118-120; 138-142; 175-176; 182; 218-222, 314; 222-224; 225-232; 244-246; 246-250; 252-254; 265-266; 271-272; 311; 321-323; 323-325; 337; 338-344.

VASCONCELOS, José Leite de (1895b) – *Varia Quaedam*; Museu Ethnographico Português; O Deus Bracarense Pongoenabiagus. *Revista Lusitana*. Porto. 3, pp. 95-96; 193-250; 307-315.

VASCONCELOS, José Leite de (1896a) – *Bibliographia*; Inscrições Romanas do Museu de Beja; Acquisições do Museu Ethnographico Português; Duas Lápides Funerárias de Olisipo; Inscrição Romana de Moncorvo; Inscrição da Epocha Wisigothica; Sepultura de Pedra; Nota á Cêrca das Fontes; Novas Moedas de Salacia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, pp. 58-62, 116-134, 267-269; 80-81; 158-160, 245-247; 166-167; 168-172; 175-176; 248; 248-251; 280-282.

VASCONCELOS, José Leite de (1896b) – O Deus Bracarense «Tongoenabiagus». *Revista Lusitana*. Porto. 4, p. 284.

VASCONCELOS, José Leite de (1896c) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa*. VII.- *Curso do Anno Lectivo de 1894-1895*. VIII.- *Curso do Anno Lectivo de 1895-1896*. In VASCONCELOS, José Leite de (1889-1912) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, I-XXIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1897a) – **Annotationes ad Geographiam Lusitanam. I. «Sacro» non «Tagro» in Varronis Rebus Rusticis Legendum**. *Rivista di Storia Antica e Scienze Affini*. Lisboa. 2:4, pp. 5-6.

VASCONCELOS, José Leite de (1897b) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa*. IX.- *Curso do Anno Lectivo de 1896-1897*. In VASCONCELOS, José Leite de (1889-1912) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, I-XXIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1897c) – Estudos sobre Panoias; Acquisições do Museu Ethnographico Português; Museu Ethnologico Português; Lapide Romana de Villa-Boim; P.^e Joaquim José da Rocha Espanca; Acquisições do Museu Ethnologico Português; Nova Inscrição Iberica do Sul de Portugal; [Comentário a Albino Pereira Lopo, Lapide Romana, p. 192]; **Fasciculus Inscriptionum Myrtilensium nuper Repertarum**. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 3, pp. 58-61, 177-180; 107-111, 122-125, 167-168, 303-304; 113-115; 121; 129-137; 167-168; 185-190; 193; 289-293.

VASCONCELOS, José Leite de (1897d) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. 1. Reeditado em 1988. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

VASCONCELOS, José Leite de (1897-1899) – *Varia Quaedam. Revista Lusitana*. Lisboa. 5, p. 238-240.

VASCONCELOS, José Leite de (1898) – Excursão Archeologica ao Sul de Portugal; Museu Municipal de Bragança; Notícias Várias; Estudos sobre Troia de Setubal; Inscrição Latina de Melgaço do Séc. XIII; Discurso de Inauguração do Museu de Cenaculo em Beja em 1791; A Respeito de Conimbriga; Olaria Luso-Romana em S. Bartholomeu de Castro-Marim; Inscrição Romana dos Arredores de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 4, pp. 103-134; 153-155; 156-158; 223-224; 264-266; 283-287; 304-308; 329-336; 340.

VASCONCELOS, José Leite de (1899) – *No Rheno*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.

VASCONCELOS, José Leite de (1899-1900) – Novas Inscrições Ibericas do Sul de Portugal; Inscrição Romana de Ossonoba; Alcobaça Archeologica; Bibliographia; Analecta Epigraphica Lusitano-Romana; Vestigios Romanos no Concelho de Vianna do Castello; Inscrições Romanas do Minho; Antiguidades de Cárquere; Da Lusitania á Betica; Inscrição Romana da Pedrulha; Antiguidades Romanas de Lisboa; Antiguidades do Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 5, pp. 40-42; 43-44; 79-81; 87; 138-143, 170-175; 175-177 (nota 1); 192; 206-212; 225-249; 253-254; 282-287; 330-334.

VASCONCELOS, José Leite de (1900a) – *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1900b) – Extractos da Correspondência de Francisco Martins Sarmiento (1881-1883). *Revista de Guimarães. Volume Especial*. Guimarães, pp. 83-96.

VASCONCELOS, José Leite de (1900c) – Onomasticon Lusitanien. *Revue Celtique*. Paris. 21, pp. 307-311.

VASCONCELOS, José Leite de (1900-1901) – Onomasticon Lusitanien. *Revista Lusitana*. Lisboa. 6, pp. 230-233.

VASCONCELOS, José Leite de (1901) – F. Martins Sarmiento; Emilio Hübnér e a Archeologia Lusitano-Romana; Les Monnaies de la Lusitanie Portugaise. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 6, pp. 30-48; 49-59; 81-89.

VASCONCELOS, José Leite de (1902a) – Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa; Archeologia Lusitanó-Romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 7, pp. 161-172; 241-248.

VASCONCELOS, José Leite de (1902b) – *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa. X.- Curso do Anno Lectivo de 1897-1898. XI.- Curso do Anno Lectivo de 1898-1899*. In VASCONCELOS, José Leite de (1889-1912)

– *Elencho das Lições de Numismática dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, I-XXIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1904) – Necrologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 9, pp. 128-142.

VASCONCELOS, José Leite de (1905a) – Inscrição Romana de Myrtilis. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 10, pp. 31-32.

VASCONCELOS, José Leite de (1905b) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. 2. Reeditado em 1989. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

VASCONCELOS, José Leite de (1906) – Estudos sobre a Época do Bronze em Portugal; Necrologia; Bibliografia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 11, pp. 179-189; 318-320; 321-382.

VASCONCELOS, José Leite de (1910) – *Ensaaios Ethnographicos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

VASCONCELOS, José Leite de (1911a) – *Analecta Archaeologica*. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 16, pp. 100-103.

VASCONCELOS, José Leite de (1911b) – *Lições de Philologia Portuguesa dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.^{TA}.

VASCONCELOS, José Leite de (1912) – *Elencho das Lições de Numismática dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa. XII a XXIII.- Cursos do Annos Lectivos de 1899-1900 a 1910-1911. XXIV.- Lista das Medalhas Portuguesas da Bibliotheca Nacional Estudadas na Aula*. In VASCONCELOS, José Leite de (1889-1912) – *Elencho das Lições de Numismática dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, I-XXIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1913a) – *Gabriel Pereira. Notícia Necrológica*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VASCONCELOS, José Leite de (1913b) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. 3. Reeditado em 1989. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

VASCONCELOS, José Leite de (1914) – Excursão Arqueológica à Extremadura Transtagana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 19, pp. 300-323.

VASCONCELOS, José Leite de (1915) – *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

VASCONCELOS, José Leite de (1918) – Antigualhas de Evoramonte. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 23, pp. 78-81.

VASCONCELOS, José Leite de (1919-1920) – Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782; Coisas Velhas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 24, pp. 108-176; 215-237.

VASCONCELOS, José Leite de (1920) – *Adolfo Coelho e a Etnografia Portuguesa*. Famalicão: Tipografia Minerva.

VASCONCELOS, José Leite de (1922) – *Idées Religieuses des Lusitaniens. Révue Archéologique*. Paris. 16, pp. 128-157.

VASCONCELOS, José Leite de (1923) – *Da Numismática em Portugal. Separata do Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa. 9.

VASCONCELOS, José Leite de (1927a) – *De Terra em Terra. Excursões Arqueológico-Etnográficas*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1927b) – *De Terra em Terra. Excursões Arqueológico-Etnográficas*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1927-1929) – *Sepultura de Galla; Epigrafia do Museu Ethnologico (Belem). Inscrições Romanas. O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 28, pp. 52-60; 209-227.

VASCONCELOS, José Leite de (1928) – *Opúsculos*. Vol. 1: *Filologia (Parte I)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VASCONCELOS, José Leite de (1930-1931) – *Epigrafia do Museu Ethnologico (Belem). Inscrições Romanas II. O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 29, pp. 222-226.

VASCONCELOS, José Leite de (1931) – *Opúsculos*. Vol. 3: *Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VASCONCELOS, José Leite de (1934-1936) – *Inscrições Lusitano-Romanas do Museu Ethnológico. Revista de Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 193-195.

VASCONCELOS, José Leite de (1938a [1956]) – *Epigrafia do Museu Ethnologico (Belem); Coisas Velhas. O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 30, pp. 118-125; 205-209.

VASCONCELOS, José Leite de (1938b) – *Opúsculos*. Vol. 5: *Etnologia (Parte I)*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de (1938c) – *Opúsculos*. Vol. 7: *Etnologia (Parte II)*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de (1994-2007) – *Etnografia Portuguesa*. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VASCONCELOS, José Leite de (2008) – *Para a História do Museu Ethnologico (de 1893 a 1908). 14 Anos de Luta, Ralações e Trabalho*. Edição de Lívia Cristina Coito e Cláudia Gil. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 15-40.

VASCONCELOS, José Leite de, ed. (1887-1895) – *Revista Lusitana*. Porto. 1 (1887-1889), 2 (1890-1892), 3 (1895b).

VASCONCELOS, José Leite de, ed. (1895-1900) – *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 1 (1895a) 2, (1896), 3 (1897), 4 (1898), 5 (1899-1900).

VAZ, Francisco (2004) – As Bibliotecas e os Livros na Obra de D. Frei Manuel do Cenáculo. In CÁTEDRA GARCÍA, Pedro Manuel; PÁIZ HERNÁNDEZ, María Isabel; LÓPEZ-VIDRIERO ABELLO, María Luisa, eds. - *La Memoria de los Libros. Estudios sobre la Historia del Escrito y de la Lectura en Europa y América*. Vol. 2. Salamanca: Cilengua, Centro Internacional de Investigación de la Lengua Española, Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, pp. 483-498.

VAZ, Francisco, ed. (2009) – *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo. Repertório de Correspondência, Róis de Livros e Doações a Bibliotecas*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

VAZ, João Luís Inês (1997) – *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.

VÁZQUEZ Y HOYS, Ana María (1982) – *La Religion Romana en Hispania. Fuentes Epigráficas, Arqueológicas y Numismáticas. Dissertação de Doutoramento*. Madrid: Facultad de Geografía e Historia da Universidad Complutense (Policopiado).

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1866) – *Povos Balsenses. Sua Situação Geográfico-Physica indicada por Dous Monumentos Romanos Recentemente Descobertos na Quinta da Torre d'Ares Distante Seis Kilometros da Cidade de Tavira*. Lisboa: Livraria Catholica.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1879) – *Antiguidades de Mafra ou Relação Archeologica dos Caracteristicos Relativos aos Povos que Senhorearam aquelle Territorio antes da Instituição da Monarchia Portuguesa. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typographia da Academia.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1880a) – *Memoria das Antiguidades de Mertola*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1880b) – *A Tabula de Bronze de Aljustrel. Lida, Deduzida e Commentada em 1876*. Lisboa: Typographia da Academia.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1886-1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Vols. 1 (1886), 2 (1887), 3 (1889), 4 (1891). Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1996) – *Antiguidades de Mafra. Estudo Introductório de Victor S. Gonçalves & Ana Catarina Sousa*. Mafra: Editora Mar de Letras.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (2005) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Pré-Históricos*. 2.^a ed. Faro: Universidade do Algarve.

VEIGA, Sebastião Phillippe Martins Estácio da (2006) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Históricos*. Silves: Câmara Municipal de Silves & Museu Nacional de Arqueologia.

VIANA, Abel (1959) – Notas de Corografia Arqueológica. *Brotéria*. Lisboa. 69:4, pp. 321-330.

VIEGAS, Catarina (2011) – *A Ocupação Romana do Algarve*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

VIEIRA, Yara Frateshi; CASTRO, Ivo; RODRIGUES-MOURA, Enrique (2008) – Cartas a Três (Carolina Michaëlis entre Leite e Schuchardt. *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.º Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 451-470.

VILAR MAIOR, Conde de, ed. (1721) – *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, que neste Anno de 1721. se Compuzerão, e se Imprimirão por Ordem dos seus Censores, Dedicada a Elrei Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e Ordenada pelo Conde de Villarmayor, Secretario da mesma Academia*. Lisboa: Pascoal da Silva.

VILELA, Sá (1877) – Lápide Luso-Romana. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série II. 2, pp. 52-54.

VILHENA, Henrique de (1937) – *O Dr. António dos Santos Rocha (Elogio, Notas, Bibliografia de S. R., Notas de Bibliografia sobre S.R.)*. Lisboa: Oficinas Fernandes.

VILLARONGA, Leandre (1994) – *Corpus Nummum Hispaniae Ante Augusti Aetatem*. Madrid: José A. Herrero, D. L..

VITERBO, Francisco Marques de Sousa (1899) – *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*. Vol. 1: A-G. Lisboa: Imprensa Nacional.

VITERBO, Joaquim Rosa (1798-1799) – *Elucidario das Palavras, Termos e Phrazes, que em Portugal Antigamente se Usaram, e que Hoje Regularmente se Ignoram: Obra Indispensavel para Entender sem Erro os Documentos mais Raros e Preciosos que entre nós se Conservam. Publicado em Beneficio da Litteratura Portugueza, e Dedicado ao Principe Nosso Senhor*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira.

VITERBO, Sousa (1896) – *Bibliographia Epigraphica Portuguesa. O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I. 2, p. 11-16.

VIVES, José (1971-1972) – *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona: Universidad de Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

VVAA (1888a) – Sociedade de Geographia. *Diário de Notícias*. Lisboa. 7995 de 16/04/1888, p. 1.

VVAA (1888b) – Historia da Lusitania e da Iberia. *Diário de Notícias*. Lisboa. 8099 de 29/07/1888, p. 1.

VVAA (1890) – Noticias. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 17:1-3, pp. 245-246.

VVAA (1891) – *Catalogo do Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa: Typographia Universal.

VVAA (1960) – *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VVAA (2008a) – *150º Aniversário do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos. Programa Comemorativo*. In http://www.museuarqueologia.pt/?a=1&x=3&cc_tipo=98, em 27/08/2015, às 9:30.

VVAA (2008b) – Programa Comemorativo do 150.º Aniversário de Nascimento de José Leite de Vasconcelos (Actividades Promovidas ou Apoiadas pelo Museu Nacional de Arqueologia). *O Arqueólogo Português. Volume Comemorativo do 150.º Aniversário do Nascimento de José Leite de Vasconcelos 1858-2008*. Lisboa. Série IV. 26, pp. 45-54.

WROTH, Warwick (1886) – *Catalogue of the Greek Coins of Crete and the Aegean Islands. A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Vol. 9. Londres: British Museum.

XARO, Manuel da Gama, ed. (1850-1851) – *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*. Lisboa Imprensa Nacional. 1 (1850), 2 (1851).

XARO, Manuel da Gama; PERES, Domingos Garcia; SILVA, Sebastião Maria Pedroso; CARVALHO, João Carlos de Almeida; O'NEILL, João Torlades (1850) – *Estatutos da Sociedade Archeologica Lusitana Fundada na Villa de Setubal debaixo da Protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando*. Lisboa: Imprensa Nacional.

ZANGRONIZ, Jacob Zobel de (1863) – Essai d'Attribution de Quelques Monnaies Ibériennes a la Ville de Salacia. *Revue Numismatique*. Paris. Nova Série. 8, pp. 369-382.

ZEITSCHRIFT für Numismatik (1874-1935). Berlim.

ZIMMERMANN, Richard (1888) – Posidonius und Strabo. *Hermes. Zeitschrift für Klassische Philologie*. Berlim. 23, pp. 103-130.

8.4 Webgrafia

Arquivo Nacional Torre do Tombo – *António Mesquita de Figueiredo*. In <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4411570>, em 29/09/2015, às 21:01.

Arquivo Nacional Torre do Tombo – *Joaquim Possidónio Narciso da Silva*. In <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4221413>, em 18/09/2015, às 16:07.

Austrian Academy of Sciences – *Gurlitt Wilhelm*. In http://www.biographien.ac.at/oeb1_2/109.pdf, em 02/09/2015, às 21:15.

Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. In http://cil.bbaw.de/cil_en/index_en.html, em 17/08/2015, às 09:32.

Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities – *Corpus Inscriptionum Latinarum. CIL Volumes*. In http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/cil_baende.html, em 14/08/2015, às 16:32.

Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Research*. In http://cil.bbaw.de/cil_en/dateien/forschung.html, em 18/08/2015, às 14:24.

Berlin-Brandenburg Academy of Sciences and Humanities – *Inscriptiones Graecae*. In <http://www.bbaw.de/en/research/ig>, em 10/09/2015, às 12:22.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – *Augusto Filipe Simões, 1835-1884*. In <http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/AugustoFilipeSimoos>, em 04/09/2015, às 17:00.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – *Augusto Mendes Simões de Castro, 1845-1932*. In <http://www.uc.pt/bguc/DocumentosDiversos/AugMendesSCastro>, em 17/09/2015, às 21:15.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – *Joaquim de Vasconcelos. Homem de Cultura. Exposição Bibliográfica e Documental*. In <http://www.uc.pt/bguc/Documentos2010/FlyerJVasconcelos>, em 05/09/2015, às 16:57.

Biblioteca Digital do Alentejo – *Pereira, Gabriel Victor do Monte*. In http://bdalentejo.net/conteudo_a.php?id=115, em 04/09/2015, às 10:25.

Biblioteca Nacional de Portugal – *Obras Digitalizadas de Moreira, António Joaquim*. In <http://purl.pt/index/geral/aut/PT/132184.html>, em 22/08/2015 às 23:35.

Biblioteca Pública de Évora – *Augusto Filipe Simões*. In <http://www.evora.net/bpe/historia.htm>, em 04/09/2015, às 17:15. In <https://web.archive.org/web/20131107202203/http://www.evora.net/bpe/historia.htm>, em 18/08/2016, às 18:28.

Biblioteca Pública de Évora – *João Rafael de Lemos*. In <http://www.evora.net/bpe/cronologia.htm>, em 30/09/2015, às 20:32. In <https://web.archive.org/web/20100531232529/http://www.evora.net/bpe/cronologia.htm>, em 18/08/2016, às 18:30.

CASTRO, Ivo, ed. – Francisco Adolfo Coelho. In *História da Língua Portuguesa. Em linha*. In <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/acoelho.html>, em 03/12/2012 às 15:00.

CLAUSS, Manfred, ed. – *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby*. In <http://www.manfredclauss.de/gb/index.html>, em 25/03/2015, às 18:05.

CLAUSS, Manfred, ed. – *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby. Datenbank-Recherche*. In http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php, em 21/12/2015, às 08:54.

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas – *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*. In <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7218>, em 05/09/2015, às 16:55.

Direção-Geral do Património Cultural – *MatrizNet. Pesquisa Avançada*. In <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/Objects/ObjectsFiltrarADV.aspx>, em 28/01/2015 às 00:39.

Direção-Geral do Património Cultural – *MatrizPCI. Tomás Pires, António*. In <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=424>, em 30/09/2015, às 15:51.

MATOS, Sérgio Campos, ed. – Aragão, Augusto Carlos Teixeira. In *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo*. In http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_aragao.htm, em 22/09/2015, às 17:15.

Museu Regional de Beja – *O Museu Regional*. In <http://www.museuregionaldebeja.net/omuseuregional.htm>, em 25/09/2015, às 08:09.

Oxford Dictionary of National Biography – *Middleton, John Henry*. In <http://www.oxforddnb.com/view/article/18676?docPos=1>, em 26/09/2015, às 21:45.

Sociedade de Geografia de Lisboa – *História*. In <http://www.socgeografialisboa.pt/>, em 30/09/2015, às 23:07.

SUTTON Dana, ed. – *An Analytic Bibliography of On-Line Neo-Latin Texts*. In <http://www.philological.bham.ac.uk/bibliography/>, em 12/07/2015 às 08:32.

University of Cambridge – *Neo-Latin*. In http://www.mml.cam.ac.uk/other/courses/ugrad/neo_latin.html, em 12/07/2015 às 08:20.

University of Cologne, & German Archaeological Institute – *CIL Open Access*. In <http://arachne.uni-koeln.de/drupal/?q=en/node/291>, em 14/08/2015, às 16:30.

VANDERBILT, Scott, ed. – *Roman Inscriptions of Britain. Bibliography*. In <http://romaninscriptionsofbritain.org/bibliography/>, em 26/09/2015, às 20:33.

V.V.A.A. – *Leopold von Ranke.* In
<http://www.historiaemperspectiva.com/2012/01/leopold-von-ranke-1795-1886-o-pai-da.html>, em 18/08/2015, às 16:30.

Anexo – A Epigrafia Latina: Análise dos Monumentos

Com o objectivo de realizar este anexo, efectuámos o *corpus* das inscrições latinas, referidas directa ou indirectamente na correspondência. O conjunto epigráfico revelou-se demasiado volumoso. Assim, excluímos determinadas epígrafes, nomeadamente as que foram referidas apenas devido à sua entrada no Museu Etnográfico Português, assim como os monumentos epigráficos indicados somente pela sua publicação n’*O Arqueólogo Português*, os quais considerámos referências indirectas. Desenvolvemos algumas inscrições que, embora indicadas indirectamente, pertencem a capítulos de epígrafes referenciadas directamente. Incluímos o conjunto de Panóias devido à importância que o assunto apresenta na correspondência ora em estudo.

Procedemos ao estudo destas inscrições, agrupando-as de um modo temático. Com o nosso estudo desejámos averiguar as várias hipóteses de trabalho que os dois correspondentes colocaram na realização dos seus estudos científicos, assim como aferir a sua validade actual. Obter pistas para examinar as hipóteses consideradas após os dois correspondentes. Sugerir novas, ou retomar antigas propostas de leitura e interpretação dos textos epigráficos e assim dar também um contributo para a nova edição do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Igualmente fornecer elementos para a história da investigação epigráfica, nomeadamente no respeitante aos contributos dos dois investigadores.

Para concretizar estes estudos, consultámos a bibliografia existente, tendo sido muito proveitosa a estadia que efectuámos no *Centro CIL II*, em Alcalá de Henares. Consultámos também a documentação inédita escrita por Leite de Vasconcelos no decorrer das suas pesquisas, assim como a correspondência epistolar que trocou com outros investigadores, que se relacionava com as inscrições que estudamos, do mesmo modo que a correspondência de Hübner. Neste ponto, o nosso trabalho apresentou uma limitação, uma vez que foi-nos impossível procedermos a uma deslocação à Academia das Ciências de Berlim, onde se preserva a documentação do projecto *CIL*, de modo a podermos consultar os manuscritos de Hübner e os decalques que foram enviados de Portugal. Reservamo-nos para uma oportunidade ou projecto futuro a concretização dessa importante consulta.

Com o objectivo de produzir leituras e interpretações fundamentadas, assim como verificar a validade das propostas de Hübner, de Leite de Vasconcelos e dos epigrafistas consequentes, realizámos a análise directa de praticamente todas as inscrições.

Abdicámos de o fazer quando as fotografias publicadas na bibliografia precedente permitiam ler o texto epigráfico sem qualquer dúvida.

Após este trabalho, efectuámos um comentário, tendo em conta as várias hipóteses de interpretação, toda a investigação anterior a seu respeito e as novas perspectivas de trabalho.

I.1 Princípios de Apresentação Epigráfica Adoptados

Devido à impossibilidade de reproduzir informaticamente determinados sinais utilizados em vários corpora epigráficos, optámos por preparar uma lista própria, que segue *infra*. Devido à dificuldade em colocar os acentos em grego, apresentámos o texto em letra minúscula, excepto os teónimos.

ABC – texto epigráfico.

(*abc*) – desenvolvimento de siglas ou abreviaturas, indicação por extenso dos numerais, do sinal de pontuação composto pela folha de hera, ou várias possibilidades separadas pela partícula ou.

<*A*> – letras que por engano ou erro não foram gravadas no monumento.

[*ABC*] – reconstituição de letras que desapareceram.

[...] – texto que não foi possível reconstituir.

ABC – nexos.

Ȧ – letra incompleta, mas reconstituível com alguma dúvida.

Ĉ ou *Q* – letra incompleta, mas reconstituível com alguma dúvida. Utilizado apenas quando o anterior – *Ȧ* – não foi possível.

/ – separação de linhas.

. – sinal de pontuação existente no monumento.

? – leitura, interpretação, reconstituição, desenvolvimento duvidosos.

I.2 Epigrafia Funerária

I.2.1 Duas Igrejas, Miranda do Douro

O início da investigação arqueológica e epigráfica no Nordeste Transmontano parece-nos remontar a 1548, com a obra *Descrição de Entre Douro e Minho e Tras los Montes pelo Dr. João de Barros*, manuscrito existente na Sociedade Martins Sarmento com a cota B. S. 2-7-13 (Barros, 1548). Outros trabalhos e autores se seguiram a esta *Descrição* (Lemos, 1993, vol. I, p. 33-47). No entanto, as informações que possuímos indicam-nos ter sido Leite de Vasconcelos a inaugurar as descobertas epigráficas no concelho de Miranda do Douro, e especificamente na aldeia de Duas Igrejas (*CIL* II – S, pp. 909-924; Lemos, 1993, vol. II, pp. 207-251. Cf. *CIL* II, pp. 362-377, 707-709).

O pesquisador, ainda estudante de medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, travou amizade com Manuel António Branco de Castro, oriundo das terras de Miranda do Douro e aluno da Academia Politécnica, sendo o objectivo do primeiro estudar a língua mirandesa. A aprendizagem decorreu em moldes que o próprio registou, sendo esta passagem transcrita amiúde até à actualidade. Em consequência desta investigação, Leite de Vasconcelos publicou o opúsculo *O Dialecto Mirandez*, primeiro em artigos, depois em livro, no ano de 1882, com o qual ganhou um prémio no Concurso Filológico, promovido pela Societé des Langues Romaines de Montpellier, em 1883 (Vasconcelos, 1882a; Vasconcelos, 1900a, pp. 3-5; Correia, 1960, p. 6; Cidade, 1960, pp. 38-39; Gonçalves, 1960, pp. 55-56; Ribeiro, 1960, pp. 68-71; Cepeda, 1960, p. 227, n.º 956; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 44).

Os estudos originaram duas viagens à região mirandesa, nos anos de 1883 e 1884, onde Leite de Vasconcelos aprofundaria os seus conhecimentos daquela língua. Apesar de o dedicado autor relatar a primeira expedição de uma forma penosa, escreveu acerca da segunda: “Tenho paixão de viajar. Quer isto seja para estudo, como agora, pois, aproveitando as férias grandes, vim continuar investigações de Filologia raiana, já começadas em 1882, quer seja por obrigação, ou como simples recreio, sinto não sei que entusiasmo quando me vejo diante de novos horizontes e em terras onde a cada passo espero encontrar cousas de mim desconhecidas, ou que, sendo já conhecidas, dão sempre prazer.” (Vasconcelos, 1927a, p. 43) (Cardozo, 1958, pp. 58-61, n.º 16, de 08/09/1883; Vasconcelos, 1900a, pp. 5-13, 18-20; Vasconcelos, 1927a, pp. 43-64; Vasconcelos, 1938c, pp. 1368-1373).

Repetimos aqui o que escreveu alguns anos após sobre a importância de viagens científicas, em contexto de investigação arqueológica: “Estas excursões, pesquisas e excavações tiveram por fim completar a instrucção colhida nos livros, porque, se é certo que da Archeologia, sem o auxilio da litteratura, não se tira todo o proveito que se póde tirar, não é menos certo que de ethnologos de gabinete, que nunca tenham visto um museu, nem visitado um monumento, nem excavado uma estação, e apenas se limitem, em países onde a litteratura archeologica não abunda, a ordenar pacientemente os textos dos AA. classicos, não ha que esperar grande cousa.” (Vasconcelos, 1897d, p. XXXVIII).

O trajecto da primeira excursão conduziu Leite de Vasconcelos à aldeia de Duas Igrejas, onde identificou cinco monumentos epigráficos (Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68). Ainda em viagem, na localidade de Favaio, comunicou a Francisco Martins Sarmento o acontecimento e pediu a sua opinião e ajuda:

“[...] Como disse a V. Ex.^a, vim com tenção de estudar o dialecto mirandês; efectivamente corri uma parte da *terra de Miranda* e não perdi o meu tempo, porque além de muitos factos que recolhi na língua e de mais de 30 romances populares, achei 5 inscrições romanas que passo a transcrever:

a) SILVIAE CALVINAE . AN . XXVIII / ET . C . SILVIO ANNI / SILVIVS CALVINVS / FILIAE ET NEPOTI

Silvio Calvino (consagra) a (sua) filha Silvia Calvina, de 28 anos, e a seu neto Caio Silvio, de 1 ano.

Achado num palheiro de Duas-Igrejas.

b) ANNIO / SILVANO / AN L . AN / VS . RVFINVS / PATRI

Annio Rufino (consagra) a (seu) pae Annio Silvano, de 50 anos.

Achado num curral, id.

c) SILVANO . / APILICI . F

A Silvano, filho de Apilico.

Na parede da casa do pároco, id.

Na inscrição (b), a perna do N de *Annius* está prolongada; não sei se será da pedra (e o *i* estará sumido), se representará o *i*. V. Ex.^a dirá se conhece facto análogo, porque aqui não tenho livros.

d) SILVIO . SILVANO / ANN . XXV . / SILVIVS . CALVVS / FRATRI

Silvio Calvo (consagra) a (seu) irmão Silvio Silvano, de 25 anos.

Num curral, id.

e) Esta última que, como parece, é também romana, estava a tapar um túmulo de pedra, desses que parecem pias. Diz o homem que a possui que, quando a acharam, se lia bem ValeRIO. Na 3.^a linha estava, parece, a idade. Creio que é muito importante por causa da espiral, que é análoga às da Citânia, não é?

V. Ex.^a me dirá se está de acordo com as traduções que dou. A inscrição *b* custou-me muito a decifrar, por estar pouco legível, e foram precisos os tais *olhos da fé* de que V. Ex.^a fala; mas não há dúvida que está exacta. É notável a repetição da palavra *Sílvio* e *Silvano*; foi família importante de ali. Ainda procurei mais, mas não achei. [...]” (Cardozo, 1958, pp. 58-59, n.º 16, de 08/09/1883).



O sábio vimaranense respondeu-lhe, em carta de 19/09/1883:

“[...] Mas, por Jupiter, fez uma colheita de fazer rebentar d’inveja o Possidonio! A tradução que faz das inscrições parece-me muito correcta; mas eu pouco sei disto. Só posso dizer com certeza que a prolongação da ultima perna do 2º N em ANNIVS, incluindo um I é muito corrente.

De todas as inscrições a mais curiosa para mim é a ultima. A figura, que chama espiral, não aparece na Citania; ha-as um pouco analogas; mas com 4 ou 3 braços, como aparecem em Mycenae e ás quaes Schliemann dá o nome de swastikas; mas uma figura exactamente igual á sua, de 5 braços, encontrei-a na Saia, pertencendo á celebre construção perto da Fonte do Pegarinho⁷⁵⁸. Diz-me que a pedra servia de tampa a um tumulo duns a que chamam pias. Mas “a pia” era aberta em rocha, ou uma peça isolada, um verdadeiro carneiro? Ao primeiro caso, o achado teria um imenso valor. Para mais as sepulturas em rocha já pertencem ao periodo post-romano, ou pelo menos no periodo de transição para o Christianismo; para o Filipe Simões ellas são pre-romanas. A tampa com a inscrição viria lançar alguma luz sobre o enigma e todos os esclarecimentos eram bons. [...]” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20737, de 19/09/1883 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Vasconcelos, 1901, pp. 46-47, n.º. 19, de 19/09/1883).

Em, possivelmente, Fevereiro de 1884, Leite de Vasconcelos retomou o assunto:

“[...] Tenciono publicar as 5 inscrições romanas de Trás-os-Montes, e peço a V. Ex.^a o obséquio de me dizer o seguinte: – Estarão todas inéditas? (V. Ex.^a ainda conserva a minha carta com elas?)

⁷⁵⁸ Sarmiento, 1999, pp. 203-206, fig. 345.

– É vulgar o NI = NI, na linha ANNI L. AN, onde a haste tanto pode ser o prolongamento do N para dar I, como uma cavidade natural, posto que não haja sinal do outro I?

– Que sinais tem V. Ex.^a de Sabroso análogos ao da outra inscrição, que eu suponho ser a mais importante? Tendo V. Ex.^a alguma fotogr. disponível, obsequiava-me cedendo-ma. [...].” (Cardozo, 1958, p. 68, n.º 18, de 02/1884).



A réplica de Francisco Martins Sarmento data de 20/02/1884:

“[...] Meu am.

Estou convencido de q as suas inscrições estão ineditas. Na obra principal de Hübner não aparecem e duvido que venham nos suplementos que eu não tenho, por estar á espera da 2ª edição que elle prometeu publicar de todas as inscrições da Hispanha.

A ligadura do N a I = NI aparece no nome d’Annius. Se ella existe na sua inscrição é negocio de vistoria in situ. ...

Não tenho nenhuma photographia de signal de Sabroso e Citania, a que se refere e de que lhe falei ha tempos. É pouco mais ou menos isto:



Schliemann, q eu o encontrei em Mycenae chama-lhe swastika e creio que com toda a razão. Na Citania e também em Mycenae apparecem algumas só com tres braços. A figura que se vê na tampa da lapide da sua inscrição é conhecida na ornamentação romana; mas parece-me que não tem como as da Citania e de Mycenae uma origem tão gloriosa. Na Citania apparece uma toda vasada em intervalos dos 4 braços e parece ter sido postigo para deixar entrar o deus Sol. [...].” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20742, de 20/02/1884 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

Nestes trechos de quatro cartas, primeira documentação escrita que conhecemos acerca das cinco epígrafes em estudo, observamos várias interrogações do estudante de medicina, às quais o ilustre vimaranense tentou responder.

Leite de Vasconcelos desejava publicar os monumentos e questionou sobre a sua novidade. A resposta de Francisco Martins Sarmento ilustra a situação dos estudos epigráficos em Portugal, àquela data. A obra de referência, e a única que o vimaranense indicou na sua missiva, consistiu no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, de Emílio Hübner, publicado em 1869 (MNA, *Correspondência*, Ms. 20742, de 20/02/1884 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); *CIL* II; Cardozo, 1958, p. 68, n.º 18, de 02/1884. *Vide supra*). Nesta obra, pretendia-se recolher todas as inscrições romanas conhecidas da Península Ibérica. Aquelas epígrafes que, por variadas razões, não figuravam ali, foram sendo compiladas nos vários volumes da revista *Ephemeris Epigraphica* e no

Supplementum, que o sábio alemão preparou e para os quais contribuíram, entre outros, Francisco Martins Sarmiento e o próprio Leite de Vasconcelos (*EE I*; *EE IIa*; *EE IIb*; *EE IIIa*; *EE IIIb*; *EE IV*; *CIL II – S*; *EE VIII*; *EE IX*; Cardozo, 1947, pp. XIII-XVII; Guerra, 2014, pp. 219-240; *Vide* capítulo 5.2.1). Provavelmente devido a esta cooperação e à importância arqueológica que o autor vimaranense detinha na região Norte de Portugal (Lemos, 1993, vol. I, pp. 43-47; Lemos, 2001, pp. 17-18), podemos considerar segura a informação da epístola de 20/02/1884, na qual escreveu “Estou convencido de q as suas inscrições estão ineditas. Na obra principal de Hübner não aparecem e duvido que venham nos suplementos que eu não tenho, por estar à espera da 2ª edição que elle prometeu publicar de todas as inscrições da Hispanha.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20742, de 20/02/1884 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)). Deste modo, se as inscrições não fossem inéditas, Francisco Martins Sarmiento teria naturalmente conhecimento delas. Todavia, os monumentos epigráficos foram efectivamente editados no *Supplementum*. No entanto, Hübner citou aqui um artigo de Borges de Figueiredo inserido na *Revista Archeologica e Historica*, da qual este era director. Indicou este trabalho na sua missiva. O artigo reproduzia a publicação inédita de Leite de Vasconcelos, o que comprova a sua novidade e a primazia deste autor na investigação epigráfica de Miranda do Douro (CCE 1 (MNA Ms. 10446); Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Figueiredo, 1887, pp. 159-160; *CIL II – S* 5657-5661).

A epigrafia de Duas Igrejas esperou cerca de cinco décadas, até à descoberta da “lápide de Beumenos”, pelo Abade de Baçal (Alves, 1934b, pp. 761, 810, 813). Apesar do religioso manter uma troca de correspondência constante com o “Mestre”⁷⁵⁹, não possuímos nenhuma carta a comunicar o seu aparecimento, pelo que concluímos que o director do Museu Etnológico Português verificou a sua existência somente através do Tomo X das *Memórias Arqueológico-Históricas*, que Francisco Alves lhe enviou por volta de 27/10/1938, data que se pode ler na dedicatória do exemplar pertencente ao legado de José Leite de Vasconcelos do Museu Nacional de Arqueologia (MNA, *Correspondência*, Mss. 460-549+A, de 14/05/1903 a 07/03/1937 (Coito, 1999, pp. 19-20, n.º 95); Alves, 1934b, p. 1).

As inscrições n.ºs 2 e 3 não colocaram dúvidas aos dois correspondentes, pelo que não as analisamos no nosso trabalho (Vasconcelos, 1887, p. 67, n.ºs 2 e 3; Figueiredo, 1887,

⁷⁵⁹ O Abade de Baçal apelidou Leite de Vasconcelos de Mestre em várias cartas e dedicatórias de livros (MNA, *Correspondência*, Mss. 460-549+A, de 14/05/1903 a 07/03/1937 (Coito, 1999, pp. 19-20, n.º 95); Alves, 1934b, p. 1).

p. 159, n.^{os} 2 e 3; *CIL* II – *S* 5658, 5660; Alves, 1934a, p. 190, n.^{os} 2 e 3; Alves, 1934b, p. 814, n.^o 1; *ILER* 2196, 4668; Mourinho, 1986, p. 34-35, n.^o 26, com foto; Lemos, 1993, vol. II, pp. 224-225; Encarnação & Salgado, 2008, p. 77).

I.2.1.1 *CIL* II – *S* 5657 (*In Situ*)

Um aspecto do texto da inscrição n.^o 1 suscitou uma dúvida no estudante de medicina. A última letra da terceira linha – -*N*- – apresentava o traço vertical final maior que os restantes. Francisco Martins Sarmento informou que o nexos *NI* era comum na palavra *Annius*. No entanto, o esclarecimento entre as duas possibilidades – união de duas letras ou uma falha na pedra – deveria ser concretizado perante a mesma. Não temos conhecimento de uma segunda análise de Leite de Vasconcelos. Nos manuscritos deste investigador, que subsistem no MNA, a letra -*N*- é representada com o traço final duplamente maior e na tradução foi redigido *Annio* (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 3 - *M-O*, Separador *Miranda do Douro I*). Nas várias publicações, os autores têm sido na sua quase totalidade unânimes em apresentar o nexos (Vasconcelos, 1887-1889, p. 67, n.^o 1; Figueiredo, 1887, p. 159, n.^o 1; *CIL* II – *S* 5657; Alves, 1934a, p. 190; Mourinho, 1986, p. 36, n.^o 28. Cfr. F. Sande Lemos que apresenta *ANNI/VS* (Lemos, 1993, vol. II, p. 224)), que é comum na epigrafia e estava registado no *CIL* (Gordon & Gordon, 1977², pp. 159-160, 215. Cf., v.g., *CIL* II e *CIL* II – *S*, com vários exemplos; Encarnação, 1997, pp. 47-48).

Leitura: *C(aio) . ANNIO . / SILVANO . / AN(norum) L (quingenta) . ANNI/VS . RVFINVS / PATRI*

I.2.1.2 *CIL* II – *S* 5661 (MNA N.^o E 6520)

A estela n.^o 5 foi considerada, por Sarmento e Leite, nas cartas que trocaram, a mais importante do conjunto epigráfico de Duas Igrejas, devido ao contexto arqueológico, no qual teria sido identificada, e à decoração que exibia (MNA, *Correspondência*, Ms. 20737, de 19/09/1883, 20742, de 20/02/1884 (Coito, 1999, p. 237, n.^o 3124); Vasconcelos, 1887, p. 68; Figueiredo, 1887, p. 160, n.^o 5; *CIL* II – *S* 5661; Vasconcelos, 1913b, p. 417, fig. 194, nota 1; Alves, 1934a, p. 191; Cardozo, 1958, pp. 58-61, n.^o 16, de 08/09/1883, pp. 68-71, n.^o 18, de 02/1884; Lemos, 1993, vol. II, p. 225; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 558-559, n.^o 305). Segundo as informações que o

estudante de medicina escreveu nos seus apontamentos (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 3 - M-O, Separador *Miranda do Douro I*) e indicou ao sábio vimaranense, a inscrição “estava a tapar um túmulo de pedra, desses que parecem pias” (Cardozo, 1958, p. 59, n.º 16, de 08/09/1883). Perante esta notícia, a atitude de Francisco Martins Sarmiento revestiu-se de especial entusiasmo e interesse. A hipótese de a “pia” em causa ser “uma peça isolada” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20737, de 19/09/1883 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)), palavras que na nossa opinião podem indiciar um sarcófago de pedra, uma vez que o achado se relacionava com um contexto funerário romano, não o inquietava, provavelmente por estes se encontrarem atestados neste período e, assim, contemporâneos da epígrafe (cf., v.g., Vasconcelos, 1913b, pp. 379-387; Matos, 2002). Aquilo que o desafiou, residia na possibilidade de se tratar de uma sepultura escavada na rocha, tipo de monumentos que o vimaranense atribuía ao período paleocristão ou à Alta Idade Média, mas que Filipe Simões supunha pré-romano. Sendo a estela romana, poderia esclarecer, entre outros aspectos, esta incerteza cronológica. Contudo, Leite de Vasconcelos não desenvolveu o assunto e considerou a datação das sepulturas escavadas na rocha uma questão delicada, em consequência da falta de elementos devidamente contextualizados, apesar de se inclinar igualmente para o período da Antiguidade Tardia (Vasconcelos, 1913b, pp. 561-563, 582-583. Cfr., v.g., Freire, 1991-1992, p. 16, nota 10).

Um elemento decorativo suscitou a atenção do estudante de medicina⁷⁶⁰. Denominou-a de “espiral” e indagou paralelos na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso. O seu correspondente negou as analogias, comparando, ao invés, a arte destes sítios arqueológicos com a decoração identificada em Micenas, por Schliemann, que este último autor tinha apelidado de suásticas (MNA, *Correspondência*, Mss. 20737, de 19/09/1883, 20742, de 20/02/1884 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Sarmiento, 1899-1903; Vasconcelos, 1901, pp. 46-47, n.º 19, de 19/09/1883; Alves, 1934a, pp. 23-28; Cardozo, 1958, pp. 58-59, n.º 16, de 08/09/1883, p. 68, n.º 18, de 02/1884). Sarmiento indicou ainda que os paralelos desejados pelo futuro conservador da Biblioteca Nacional existiam no Monte da Saia (MNA, *Correspondência*, Ms. 20737, de 19/09/1883 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Sarmiento, 1999, pp. 56-59, 203-206, fig. 345). De facto, se nos restringirmos à “suástica flamejante de seis braços” (Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 558, n.º 305), à data do achado de Leite de

⁷⁶⁰ A decoração que o monumento apresenta foi estudada em Vasconcelos, 1913b, pp. 407, 417, fig. 194 e nota 1; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 558-559, n.º 305.

Vasconcelos – 1883 –, arqueológica e epigraficamente, somente se conhecia este elemento decorativo naquele local. As suásticas de seis braços do Castro de Sacóias e do Castro de Avelãs foram descobertas apenas no ano de 1887 (Figueiredo, 1887, pp. 85-93; Sarmiento, 1887c, p. 188; Pinheiro, 1888; Cardozo, 1947, pp. 106-107, de 02/10/1887; Redentor, 2002, pp. 113-114, n.º 56, pp. 137-138, n.º 75, p. 163, n.º 101). Na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso haviam aparecido suásticas de quatro braços. Todavia, o estudante não pretendeu restringir a sua análise às suásticas de seis braços, mas antes abranger todas, como nos parece ser a orientação atestada nas *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1913b, pp. 406-461). Por essa razão, quando publicou as inscrições de Duas Igrejas, citou a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso (Vasconcelos, 1887-1889, p. 68).

Achados posteriores, ainda em vida do director do Museu Etnológico Português, permitiram a comprovação do elemento decorativo noutros monumentos da região (cf., v.g., Alves, 1933, p. 31, n.º 1, pp. 43-44, n.º 9, p. 56, n.º 19, p. 65, n.º 30, p. 67, n.º 32, pp. 67-68, n.º 33?, pp. 68-69, n.º 34, pp. 72-74, n.º 37?, pp. 74-75, n.º 38, pp. 76-77, n.º 40; Alves, 1934a, *ibidem*, p. 191; Alves, 1934b, pp. 762, 815; Mourinho, 1986, p. 17, n.º 9; Lemos, 1993, vol. II, pp. 49-50, 69, 76, 79-82, 90, 125, 187-188, 211, 242-246, 369-370; Redentor, 2002, pp. 68-69, n.º 18, pp. 75-77, n.º 24, pp. 80-81, n.º 27, p. 97, n.º 40, pp. 104-105, n.º 47, pp. 114-115, n.º 57, pp. 126-127, n.º 66, pp. 153-154, n.º 90, p. 164, n.º 102, p. 168, n.º 108).

O texto da estela suscitou ainda o comentário de Leite de Vasconcelos. O campo epigráfico encontrava-se desgastado, o que dificultava a leitura dos caracteres. Nos seus manuscritos, existentes no MNA, registou esse impedimento em compreender a totalidade da mensagem. No entanto, colheu informações orais que poderiam auxiliá-lo na sua investigação. Na nota que acompanha uma imagem do monumento escreveu: “Diz um velho que se lia alli Silverio, mas eu não pude ler mais querio”. Noutro manuscrito redigiu “Disse-me o informador que se lia Valerio; mas não pude ler mais que RIO” (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 3 - M-O, Separador *Miranda do Douro I*). Na missiva enviada a Francisco Martins Sarmiento indicou “quando a acharam, se lia bem ValeRIO” (Cardozo, 1958, p. 59, n.º 16, de 08/09/1883). Na primeira publicação apresentou somente “...RIO...ONI...XXV...”, omitindo inclusivé a divisão das linhas (Vasconcelos, 1887-1889, p. 68). Desconhecemos o momento no qual Leite de Vasconcelos teria relido e reestudado a inscrição, permitindo-lhe a leitura VALERIO / [TVR]ONIS / [ANN] XXV (Vasconcelos, 1913b, p.

417, fig. 194, nota 1). A entrada da estela no espólio do MNA, obtida por intervenção de Manuel António Branco de Castro, facilitou certamente o exame. Estudos recentes possibilitaram o melhoramento da leitura, considerando VALERIO / [AR]RONIS / [FIL(io)] AN(norum) [.]XXV //, que seguimos (Cardim Ribeiro in Ribeiro (ed.), 2002, pp. 558-559, n.º 305, com foto).

Leitura: VALERIO / [AR]RONIS / [FIL(io)] AN(norum) [.]XXV (uiginti quinque) //

1.2.1.3 CIL II – S 5659 (*In Situ*)

A notícia de Borges de Figueiredo, acerca da *Revista Lusitana* e, especificamente, sobre o artigo das epígrafes de Duas Igrejas, constituiu o principal pretexto para o início da correspondência entre José Leite de Vasconcelos e Emílio Hübner. O sábio alemão escrevia o seu *Supplementum* e, perante uma dúvida de leitura de um monumento daquela região mirandesa, o n.º 4, contactou o seu descobridor (CCE 1 (MNA Ms. 10446); Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Figueiredo, 1887, pp. 159-160. Vide capítulo 4.1.2.4). Pretendia ainda conferenciar com Borges de Figueiredo acerca deste assunto. Contudo, nas missivas remetidas pelo português existentes na Sociedade Martins Sarmento, a questão não é abordada (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 75-118, de 09/11/1885 a 29/07/1890).

O conservador da Biblioteca Nacional respondeu-lhe, fornecendo a sua opinião e também remetendo ao seu correspondente um “jornal”. Tendo em conta o assunto referido na frase de CCE 4 (SMS Ms. 13), as inscrições de Duas Igrejas, Miranda do Douro, pensamos que não será despiciente considerar que se tratou do primeiro fascículo do volume I da *Revista Lusitana*, onde Leite de Vasconcelos editou as epígrafes deste local. O erudito germânico citou este trabalho no lugar respectivo. A “nota” mencionada na mesma carta corresponderia a CCE 2 (SMS Ms. 12) (CCE 2 (SMS Ms. 12) – CCE 5 (MNA Ms. 10447); Vasconcelos, 1887-1889, pp. 67-68; Vasconcelos (ed.), 1887-1889, pp. 1-98; CIL II – S 5657-5661).

No *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, Hübner registou “5659 V. 3 ANNI, quod in lapide esse testatur, ann(i) unius interpretatur editor; puto latere Ann[iano] cognomen” (CIL II – S 5659)⁷⁶¹. A interrogação justifica-se pelo facto de o

⁷⁶¹ Tradução: “5659 No v. 3, na palavra ANNI, que está atestada na lápide, o autor interpreta ann(i) unius. Coloco de lado o cognomen Ann[iano]”.

indivíduo apresentar um *praenomen* e um *nomen*. Se a palavra seguinte registasse o *cognomen*, obteríamos o conjunto dos *tria nomina* latinos. O âmbito social em que aparenta inserir-se permite esta hipótese. A mãe identifica-se com os *duo nomina* latinos, o avô omite apenas o *praenomen* e o ambiente onomástico é latino, o que traduziria uma família de cidadãos romanos. Deste modo, estaria esclarecida e desfeita a suposta incompatibilidade, mencionada por Leite de Vasconcelos, de numa mesma inscrição figurarem indivíduos com dois e três nomes (CCE 2 (SMS Ms. 12)). Relativamente aos antropónimos citados na correspondência e no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (CCE 1 (MNA Ms. 10446) – CCE 2 (SMS Ms. 12); *CIL* II – S 5659), *Annius* e *Annianus* estão comprovados na *Hispania* e coexistem outros *Annius* e uma *Annua* no conjunto epigráfico de Duas Igrejas, estando atestada epigraficamente a oscilação gráfica entre as vogais *I* e *V*. Contrariamente, não ocorre *Annis* e o único *Aunis* provém de uma leitura incerta, precisamente na segunda letra – *A[u]nis* – (Vasconcelos, 1887-1889 p. 67, n.º 1; Figueiredo, 1887, p. 159, n.º 1; *CIL* II – S 5657; Alves, 1934a, p. 190, n.º 1; Carnoy, 1971², pp. 65-70; Mourinho, 1986, p. 36, n.º 28; Lemos, 1993, vol. II, pp. 221, 224; *NPH*, pp. 276-277, 296; Santos, 2005, pp. 34-36).

Quanto aos outros argumentos do investigador português, a exibição no mesmo monumento funerário de vários membros de uma mesma família, já defuntos, com os respectivos números de anos, a indicação de idades de mortes prematuras e a referência de meses e dias são práticas atestadas na epigrafia (cf., v.g., Redentor, 2002, pp. 146-147 (n.º 83), 149-150 (n.º 86); Ribeiro (ed.), 2002, pp. 528-532 (n.ºs 259-263), 534-536 (n.ºs 266, 268-269), 538-539 (n.º 273), 543 (n.º 281), 560-562 (n.ºs 307-308)), assim como a presença / ausência de pontuação a separar palavras (cf., v.g., Redentor, 2002, pp. 64-177; Ribeiro (ed.), 2002, pp. 513, n.º XXXIII, 527-561 (n.ºs 256-285, 287-308)). Deste modo, estaria corroborada a sua interpretação – *ANN(i) I*.

Leitura: *SILVIAE CALVI/NAE . AN(norum) . XXVIII (uiginti octo) / ET . C(aio) . SILVIO ANN(i) I (unius) / SILVIUS CALVINVS / FILIAE ET NEPOTI*

1.2.2 Mértola

A epigrafia de Mértola começou a ser referenciada no final do século XVI. Frei Amador Arrais indicou a existência de pedras com caracteres romanos e André de Resende aludiu a cipos. Contudo, apenas no último quartel do século XVIII terão sido copiadas as inscrições do período romano, graças a José Cornide e Frei Vicente Salgado (*CIL* II 15-20; Veiga, 1880a, pp. 67-72; *IRCP* 96b, 99, 101, 106, 108, 109; Resende, 1996, p. 186).

Sebastião Estácio da Veiga, no decorrer das suas investigações, descobriu em 1877 dois monumentos, aos quais se acrescentou outro, pela mão de Borges de Figueiredo, encontrado em 1883 (Veiga, 1880a, pp. 72-74; Figueiredo, 1888b, p. 126; *CIL* II – S 5178-5180; *IRCP* 103, 116, 118).

Hübner citou estas nove inscrições no seu artigo sobre Epigrafia paleocristã de *Ossonoba*, *Balsa* e *Myrtilis*, enviado a Leite de Vasconcelos, publicado n' *O Arqueólogo Português* e que datámos de 14/04/1895. Foi esta missiva que o investigador português referiu na carta de 01/06/1895 (CCE 47 (MNA Ms. 10465) – CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182))

Nesta epístola, o investigador português informou o seu correspondente que efectuou uma viagem pelo Sul do país. Esta excursão foi concretizada na Páscoa, que no ano de 1895 ocorreu no dia 14 de Abril (CCE 47 (MNA Ms. 10465); CCE 47A (MNA Mss. 10445+10445A = Hübner, 1895, pp. 177-182); CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249; Vasconcelos, 1927b, pp. 215-238. *Vide* capítulo 4.1.2.1).

A 16 deste mês já estava de volta a Lisboa, como indicou a Francisco Martins Sarmiento, a primeira pessoa a quem transmitiu novidades da sua jornada: “Voltei ontem da minha excursão pelo Alentejo e Algarve. Recolhi uma inscrição árabe, umas 6 visigóticas e umas 5 ou 6 romanas, além de ossadas num cemitério visigótico de Myrtilis, e fiz vários reconhecimentos de estações arqueológicas. [...] Não perdi o tempo, mas, como só descansei o tempo de dormir, média 5 a 6 horas, vim extremamente moído.” (Cardozo, 1958, p. 179, n.º 60, de 16/04/1895). Fosse pelo imenso trabalho, fosse pelo entusiasmo de visitar sítios arqueológicos, o conservador da Biblioteca Nacional tendia a dormir pouco, como já observámos no capítulo de Alcáçovas (*Vide* capítulo I.2.6).

Por exemplo, alguns anos depois, em carta de 29 de Junho de 1904, dirigida a António Tomás Pires, registou:

“Se não fosse a falta de somno, eu tinha-me consolado imenso. Ainda assim, vim mt.º satisfeito, e só sinto o incómodo que lhes dei.

No ultimo dia, *com a pressa de acordar, mal cheguei a adormecer*. Mas pelo caminho dormitei, e depois que vim tenho sempre dormido bem. Creio que isto não é doença, mas meramente nervoso.” (Gama, 1964, p. 248, n.º 191, de 29/06/1904).

É, de facto, interessante ler a sua correspondência, enquanto fonte para a História da Arqueologia, e especificamente na presente dissertação para a História da Epigrafia, para compreender o cientista, mas igualmente para conhecer o homem.

A jornada foi produtiva, pois recolheu monumentos epigráficos romanos e paleocristãos, entre outros materiais, prometendo editá-los n’*O Arqueólogo Português*, o que aconteceu dois anos depois (CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182); CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 225-249; Vasconcelos, 1927b, pp. 215-238; Cardozo, 1958, p. 179, n.º 60, de 16/04/1895).

No Natal de 1896, voltou à região sul, adquirindo em Mértola “uma cabeça de bronze”, certamente o busto feminino com o n.º de inventário 17901 do MNA. Na Páscoa seguinte tencionava regressar, com o objectivo de procurar novas inscrições. Contudo, nesta viagem não descobriu nenhuma epígrafe do período romano (Matriznet, MNA N.º 17901, com foto) (CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 79 (SMS Ms. 41); Pinto, 2002, pp. 405-406, n.º 303. *Vide* capítulo I.6.1).

O investigador português publicou ainda outras seis inscrições de Mértola (Vasconcelos, 1899-1900, p. 175, n.º 13; Vasconcelos, 1902a, pp. 241-243, n.º 2; Vasconcelos, 1905a, pp. 31-32; Vasconcelos, 1927-1929, pp. 215, 220, 225-227, n.ºs 4, 15, 35; *IRCP* 98, 102, 104, 105, 107, 110).

I.2.2.1 CIL II – S 5178 (MNA N.º E 6203)

Alguns anos antes destas investigações, no ano de 1893, o conservador da Biblioteca Nacional enviou ao erudito germânico uma correcção a uma inscrição, que “sahiu imperfeita no Corpus” (CCE 29 (SMS Ms. 21)) (CCE 25; CCE 27 (SMS Ms. 20); CCE 29 (SMS Ms. 21)).

No volume do *Supplementum* existente no Museu Nacional de Arqueologia, verificam-se algumas correcções e anotações, além de um papel avulso, escritas com uma letra que se assemelha à caligrafia de Leite de Vasconcelos (*CIL* II – S 5178, 5181, 5203, 5206, 5207, 5229, 5237, 5238, 5681, 6252-4, 6252-7, 6252-11, 6254-30 (volume

do MNA)). Confrontando essas notas com as epígrafes republicadas nos *Additamenta* inseridos nos volumes VIII e IX da *Ephemeris Epigraphica*, concluímos tratar-se de *CIL* II – S 5178 / *EE* IX, p. 14, ad. n. 517. Desconhecemos porque não foi incorporada nos primeiros *Additamenta*. Excluímos *CIL* II – S 5237 e 5238, pois o investigador lusitano apenas as observou em 1897 (*CIL* II – S 5178, 5237, 5238; *EE* VIII, pp. 351-528; *EE* IX, pp. 12-185, especialmente p. 14, ad n. 517. *Vide* capítulo I.2.11).

A rectificação seria na terceira palavra, observando o conservador da Biblioteca Nacional *MARCEI*, em vez de apenas *MARC* já proposto por Estácio da Veiga, pelo que desenvolvia em *Marcellus* ou *Marcellinus* (Veiga, 1880a, p. 74; *CIL* II – S 5178 (volume do MNA); *EE* IX ad n. 517). No entanto, na edição seguinte retomou *MARC*, que ainda corrigiu depois para *MARCI*, sugerindo *Marc[ellus]* ou *Marc[ianus]*, o que contradiz a lição supostamente transmitida a Hübner e registada no volume do *Supplementum* existente no Museu Nacional de Arqueologia. O sábio alemão editou *MARCEL* na *Ephemeris Epigraphica* (*CIL* II – S 5178 (volume do MNA); *EE* IX ad n. 517; Vasconcelos, 1927-1929, p. 220, n.º 16; Vasconcelos, 1930-1931, p. 224, n.º 16).

Lambrino ponderou que o traço vertical existente no final poderia corresponder a um *I* ou a um *E*, seguindo a última leitura de Leite de Vasconcelos (Lambrino, 1967, pp. 134-135, n.º 50). José d'Encarnação editou *MARC[ELLVS?]*. Após o *C*, não subsistia nada, devido à fractura que apresenta, o que confirmámos em face da peça. Aceitamos ambos os *cognomina* *Marcellus* e *Marcianus*, pois os dois estão comprovados no *conuentus Pacensis* (*IRCP* 103, com foto; *NPH*, pp. 413-414; *AALR*, pp. 227-228).

Leitura: *M(arcus) · BRVTTIVS · MARC[ELLVS (ou IANVS)] [...]*

1.2.2.2 *EE* IX 4 = *IRCP* 100 (MNA N.º E 6352)

O primeiro monumento que Leite de Vasconcelos publicou no seu artigo suscitou comentários dos dois correspondentes apenas em relação ao *nomen Accennia*. Como o investigador português referiu, *Accenna* e *Herennia* estavam atestados na Península Ibérica, ao contrário de *Accennia*. Este facto conduziu o sábio alemão a considerá-lo um antropónimo novo, retirando um *-N-* a *Accenia*, tal como estava no manuscrito do artigo enviado inicialmente (*CCE* 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente pp. 289-290, n.º 1) – *CCE* 85 (MNA Ms. 10492+A); *CIL* II, pp. 715, 723; *CIL* II – S, pp. 1053, 1063; *NPH*, pp. 63, 149; *AALR*, pp. 71, 191). De modo a poder

esclarecer as dúvidas, o conservador da Biblioteca Nacional remeteu um decalque, o que permitiu ler claramente *ACCENNIA*, lição seguida pela investigação subsequente, com a qual concordamos (CCE 87 (SMS Ms. 44) – CCE 88 (MNA Ms. 10480); *EE IX 4*; Vasconcelos, 1930-1931, p. 226, n.º 39; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 118; Lambrino, 1967, pp. 132-133, n.º 47; *IRCP 100*).

A única diferença de leitura reside no final da terceira regra, tendo Encarnação observado pela primeira vez *LX*, ao contrário da restante bibliografia que apresenta somente *L*. Acompanhamos aquele autor, pois o carácter é visível na pedra (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente pp. 289-290, n.º 1); *EE IX 4*; Vasconcelos, 1930-1931, p. 226, n.º 39; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 118; Lambrino, 1967, pp. 132-133, n.º 47; *IRCP 100*).

Leitura: *D(is) . M(anibus) . S(acrum) / ACCENNIA . HE/RENNIA . ANN(orum) . LX*
(*sexaginta*) / *H(ic) . S(ita) . E(st) . S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis)*

I.2.2.3 *EE IX 5 = IRCP 115* (MNA N.º E 6351)

A segunda inscrição suscitou bastantes comentários.

Leite de Vasconcelos estimou que na terceira linha *FAVSINO* estaria por *FAVSTINO*. O erudito alemão apreciou ainda outra hipótese. O -A- teria sido mal lido, podendo corresponder a um -R-, o que resultaria em *Frusino*. Todavia, inclinou-se ao invés para *FAVSTINO*, com um nexa nas letras -*TI*- (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente p. 290, n.º 2) – CCE 85 (MNA Ms. 10492+A)). Na resposta, o investigador português asseverou *FAVSINO*, mas remeteu-lhe um decalque (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A); CCE 87 (SMS Ms. 44)). Mais uma vez, este foi esclarecedor. A epígrafe apresentava claramente *FAVSINO*, mas seria um erro por *FAVSTINO*, *cognomen* atestado na Hispânia, retomando assim a lição inicial do seu correspondente, seguida pela investigação ulterior (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente p. 290, n.º 2); *CIL II*, p. 737; *CIL II – S*, p. 1083; *EE IX 5*; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; *IRCP 115*, com foto; *NPH*, p. 358; *AALR*, p. 170).

O A- da quarta regra foi grafado através de uma cruz, o que Hübner encarou como uma forma estranha, concluindo ter sido mal escrito ou refeito posteriormente (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente p. 290, n.º 2) – CCE

85 (MNA Ms. 10492+A); *EE IX 5*; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; *IRCP 115*, com foto).

O conservador da Biblioteca Nacional observou que o sétimo carácter da quinta linha era um -C, mas estaria por -S (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente p. 290, n.º 2)). Este facto incitou o sábio alemão a questionar se seria um -C mal formado por um -S (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A)). O seu respondente reiterou que a letra gravada era um -C (CCE 87 (SMS Ms. 44)). Contudo, perante o decalque, o erudito germânico concluiu tratar-se de um -S, mal escrito, apesar de um pouco semelhante a um -C (CCE 88 (MNA Ms. 10480); *EE IX 5*). O carácter parece ter um traço horizontal inferior, mas tal não faz sentido, pois o -S completaria o *nomen Tullius*, atestado na Península Ibérica e especificamente no *conuentus Pacensis*. Se excluirmos esse risco, que pode resultar de um erro de gravação ou de uma falha natural da pedra, teremos um -S, semelhante a um dos tipos de S apresentado pelos Gordon, pelo que preferimos esta letra, à semelhança dos autores que nos antecederam (*CIL II – S*, p. 1073; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; Gordon & Gordon, 1977², p. 115, fig. 17-2; *IRCP 115*, com foto; *NPH*, p. 231; *AALR*, p. 326).

A palavra seguinte foi sempre editada *UELLICUS* ou *VELLICVS* (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293, especialmente p. 290, n.º 2) – CCE 85 (MNA Ms. 10492+A); *EE IX 5*; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; *IRCP 115*). No entanto, na opinião de Hübner, através da observação do decalque, a primeira letra aproximar-se-ia antes de um B cursivo (CCE 88 (MNA Ms. 10480); *EE IX 5*). Encarnação esclareceu consistir um V cursivo, com quem concordamos (*IRCP 115*, com foto).

Leite de Vasconcelos escreveu no manuscrito, no final da quinta regra, *EI*, sendo que o E não ostentava o traço horizontal central (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293)). Como anotou o sábio alemão, *EI* corresponderia naturalmente a *ET*, indicando-lhe o investigador lusitano que os traços remanescentes poderiam conter estes caracteres (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A); CCE 87 (SMS Ms. 44)). Apenas na sua publicação, este autor registou *LI*, que foi efectivamente grafado neste local, ainda que estivesse por *ET*, parecer aceite pelos estudos seguintes (Vasconcelos, 1897c, p. 290, n.º 2; *EE IX 5*; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; *IRCP 115*, com foto). Acompanhamos esta concepção, pois *LI* que não faz sentido no texto, ao contrário da partícula *ET*.

A sexta linha colocou algumas questões, certamente devido à gravação, o que conduziu o conservador da Biblioteca Nacional a registar que “a pedra está difícil de

ler” (CCE 87 (SMS Ms. 44)). No manuscrito redigiu *PONCIA* (CCE 84 (SMS Ms. 45 = Vasconcelos, 1897c, pp. 289-293)). Todavia, o erudito germânico considerou esta “forma impossível”, pelo que o antropónimo seria *PORCIA* ou *PONTIA*, ambos comprovados na epigrafia peninsular, ao contrário de *PONCIA* (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A); *CIL* II, p. 742; *CIL* II – S, p. 1089; *IRCP* 115; *NPH*, pp. 201-204; *AALR*, pp. 266-268). Leite de Vasconcelos inclinou-se para *PORCIA*, apesar das dificuldades de leitura, opção que Hübner sancionou, embora o decalque não permitisse um melhor esclarecimento. Acreditamos ser esta a razão para o facto de, no artigo, o investigador português ter registado “*PORCIA*, como escreve, não *PONCIA*”, concretizando uma referência directa à lição do sábio alemão, transmitida por carta (CCE 87 (SMS Ms. 44) – CCE 88 (MNA Ms. 10480); Vasconcelos, 1897c, p. 290, n.º 2; *EE* IX 5). Tal como os epigrafistas que nos precederam, confirmamos *PORCIA* (Vasconcelos, 1897c, p. 290, n.º 2; *EE* IX 5; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; *IRCP* 115, com foto).

O erudito germânico estranhou, considerando inverosímil, que faltasse o -A final a *MATERNA*, pelo que questionou o seu correspondente se no monumento se verificava um nexa em *NA* (CCE 85 (MNA Ms. 10492+A)). A resposta foi negativa. Os AA eram abertos, o que apreciamos ser uma alusão ao facto de a maioria destes caracteres não conterem traços horizontais (CCE 87 (SMS Ms. 44); *IRCP* 115, com foto). Hübner manteve a leitura *MATERNA*, ao contrário do seu correspondente que publicou *MATERN*, observando ter sido o -A final omitido na gravação. Esta lição foi seguida posteriormente, que aceitamos perante o monumento (Vasconcelos, 1897c, p. 290, n.º 2; *EE* IX 5; Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55; *IRCP* 115, com foto).

Na oitava linha, a reconstituição *[P]OSVERVNT* é explícita (Vasconcelos, 1897c, p. 290, n.º 2; *EE* IX 5; *IRCP* 115, com foto. Cfr. Lambrino, 1967, pp. 138-139, n.º 55).

Leitura: *D(is) . M(anibus) . S(acrum) . / TVLLIO DONA/TO . FAVS<T>INO FILIO / VIXIT ANN(is) XVI (sedecim) / TVLLIVS VELLICVS ET / PORCIA MATERN(a) FILIO / PIENTISSIMO / [P]OSVERVNT / H(ic) . S(itus) . E(st) . S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis)*

1.2.3 Quinta de Marim

André de Resende editou a primeira inscrição da Quinta de Marim, no século XVI (Resende, 1996, p. 187; *CIL* II 3). Sebastião Estácio da Veiga remeteu a Hübner um

total de sete epígrafes deste local. O sábio alemão inseriu três no volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, que o arqueólogo algarvio lhe havia enviado em 1876, tendo reunido todas no *Supplementum* (*EE* IV 5-7; *CIL* II – S 5143, 5145-5147, 5149, 5150, 5152). Borges de Figueiredo publicou estes sete monumentos em 1889, citação que o erudito germânico registou somente nos primeiros *Additamenta* do Suplemento (Figueiredo, 1889, pp. 123-125, n.^{os} 17-23; *CIL* II – S, p. 1028). Este facto fornece-nos uma cronologia quanto à realização dos capítulos da obra alemã. No ano de 1889, estaria já decerto concluído e entregue para impressão pelo menos o capítulo relativo ao *Conuentus Pacensis* ou mesmo da *Lusitania*. Assim, o artigo teve que ser citado nos *Additamenta* (*CIL* II – S, pp. 781-810-832, 1028-1046).

No ano de 1895, Santos Rocha concretizou explorações arqueológicas no Algarve. Um dos sítios intervencionados foi a necrópole da Quinta de Marim, escavada anos antes por Sebastião Estácio da Veiga. No decorrer dos trabalhos, identificou inscrições funerárias, sendo três geminadas, duas das quais foram referidas na correspondência ora em estudo. Estas foram transportadas para o Museu da Figueira da Foz, o que explica a frase “Museu da Figueira” registada na missiva de Hübnér de 14 de Maio de 1895, provavelmente por Leite de Vasconcelos (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); CCE 51 (SMS Ms. 27) – CCE 52 (MNA Ms. 10467); Rocha, 1895, pp. 195-199; Boto, 1896, pp. 25-26; *EE* VIII 1-2; Vasconcelos, 1913b, pp. 388-390, figs. 168-169; Viana, 1959, pp. 324-326; Santos, 1972, pp. 255-259, n.^{os} 9-13, especificamente n.^{os} 9.1-10.2; *IRCP* 45, 49, 51, 52, 54, especificamente 45 e 49).

No dia 5 de Abril de 1895, o arqueólogo figueirense escreveu a Leite de Vasconcelos, prometendo enviar decalques de epígrafes, com a sua interpretação, e pedindo a sua correcção, se necessário. Quando o correspondente não precisasse das reproduções, deveria encaminhá-las a Joaquim Pereira Boto, clérigo algarvio que se dedicava igualmente à Arqueologia, tendo sido nomeado em 1894 conservador do Museu Arqueológico de Faro. Lê-se na carta:

“Mandarei também calcos das inscrições dos cippos, para conferir com a cópia que dou d’ellas; [...] verifique V.^a Ex.^a se interpretei bem os caracteres, a sua significação latina, e o sentido em linguagem portuguesa. Corrija, se achar tolíce. [...]

Quando não precisar dos calcos e dos desenhos dos cippos, depois de estes gravados, peço o favor de os remeter directamente ao cónego Botto, para o Museu de Faro, porque lhos prometi.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19890, de 05/04/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

Santos Rocha concretizou o envio em 16 de Abril de 1895, especificando como objectivo a sua edição n' *O Arqueólogo Português*: “No correio de hoje mando, como encomenda postal, uma caixa com original, calcos e desenhos para o “Archeologo”” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19891, de 16/04/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

A difícil explicação de algumas linhas, terá induzido o conservador da Biblioteca Nacional a enviar a questão a Hübner. Assim, em missiva de 7 de Maio, remeteu-lhe três textos epigráficos, pedindo-lhe para esclarecer as ditas regras. As duas primeiras inscrições pertenciam ao mesmo monumento, tendo omitido a linha inicial da segunda. A terceira epígrafe consistia igualmente numa estela geminada. Todavia o director do Museu Etnográfico Português omitiu o primeiro texto, talvez por não suscitar dúvidas, assim como a regra inicial da segunda inscrição (CCE 48 (SMS Ms. 26)). A resposta foi célere. No dia 14 do mesmo mês, o sábio alemão indicou a sua proposta de interpretação, apesar de considerar o assunto delicado (CCE 49 (MNA Ms. 10466)).

Leite de Vasconcelos terá endereçado os comentários do erudito germânico ao arqueólogo figueirense, como se induz da epístola deste último, datada de 30 de Maio:

“Recebi os seus postaes e cartas, que muito agradeço. Em vista de ser tão escura a decifração das inscrições, peço-lhe que supprima a minha humilde interpretação, e em nota apresente a de Hübner.

Depois de voltar do campo é que poderei tirar novos calcos, para mandar a Hübner.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19893, de 30/05/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

No artigo de Santos Rocha, verificamos algum cumprimento deste pedido. A leitura do autor foi mantida no corpo de texto, parece-nos em parte, uma vez que não forneceu o desdobramento de todas as siglas. Neste âmbito apresentou a hipótese do sábio alemão. O conservador da Biblioteca Nacional expôs a sua interpretação, de apenas uma epígrafe, em nota de rodapé. Posteriormente, os dois correspondentes lusitanos apuraram o texto do artigo (MNA, *Correspondência*, Mss. 19897, de 20/07/1895, 19898, de 22/08/1895, 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Rocha, 1895, pp. 195-196, nota 1).

Sobre a realização de novos decalques para remeter ao erudito germânico, pensamos que o director do Museu Etnográfico Português terá sugerido o envio das primeiras reproduções (MNA, *Correspondência*, Ms. 19893, de 30/05/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)). Esta proposta suscitou a réplica do arqueólogo figueirense, na qual reiterou a pertença dos calcos a Joaquim Boto, pelo que este arqueólogo teria que ser consultado sobre o assunto. Em caso positivo, seria bom que o sábio alemão devolvesse

posteriormente os decalques, de modo a evitar-lhe trabalho. Escreveu na carta: “Para mandar os calcos que ahi tem ao Hübner, é preciso consultar o Conego Botto, a quem já os tinha offerecido. V.^a Ex.^a se entenderá com elle; e, caso consinta, não poderia o Hübner restituil-os, para me poupar novo trabalho?” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19894, de 04/06/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)). Existe uma missiva do arqueólogo algarvio de 10 de Junho que poderia ser a resposta a um eventual pedido de Leite de Vasconcelos, uma vez que vem na sequência cronológica. No entanto, a questão não foi referida (MNA, *Correspondência*, Ms. 2902, de 10/06/1895 (Coito, 1999, p. 46, n.º 428)).

O conservador da Biblioteca Nacional terá encaminhado as reproduções ao sábio alemão. As palavras “Enviei há tempos uns calcos das inscripções” da epístola de 4 de Julho induzem-nos a pensar que a remessa terá ocorrido talvez pouco depois da carta de Santos Rocha (CCE 51 (SMS Ms. 27)). Em Julho, o director do Museu Etnográfico Português pediu então a devolução dos decalques, porque não eram dele, e a leitura do erudito germânico, de modo a poder imprimir o artigo, com o qual principiava o oitavo fascículo do volume I d’*O Arqueólogo Português*, referente a Agosto de 1895. Não mencionou que o autor era o arqueólogo figueirense e que as reproduções eram destinadas a Joaquim Boto, como se observou *supra* pelas missivas daquele investigador da Figueira da Foz (MNA, *Correspondência*, Mss. 19890, de 05/04/1895, 19894, de 04/06/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); CCE 51 (SMS Ms. 27); Rocha, 1895, p. 193)

Hübner foi zeloso na restituição. Quatro dias depois expediu as reproduções. Pelas suas palavras tomamos conhecimento que apenas havia recebido os calcos das duas primeiras epígrafes, que corrigiam os textos enviados inicialmente (CCE 48 (SMS Ms. 26); CCE 52 (MNA Ms. 10467); *IRCP* 45). O sábio alemão questionou-o também sobre o local de proveniência dos monumentos, que o seu correspondente não havia indicado, e forneceu por último uma datação dos mesmos (CCE 52 (MNA Ms. 10467)). Na resposta, Leite de Vasconcelos remeteu para o artigo que seria editado em data próxima n’*O Arqueólogo Português* e referiu que o responsável pela descoberta, envio dos decalques e autoria do artigo fora um amigo seu, sem contudo apontar o seu nome (CCE 53 (SMS Ms. 28)).

O assunto não voltou a ser referido na correspondência entre o conservador da Biblioteca Nacional e o erudito germânico, mantendo-se ainda por este mês de Julho e também de Agosto com Santos Rocha (MNA, *Correspondência*, Mss. 19897, de

20/07/1895, 19898, de 22/08/1895, 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

Na primeira epístola, o director do Museu Etnográfico Português pediu a Hübner que não publicasse os monumentos epigráficos, uma vez que os tinha omitido do artigo que havia inserido n' *O Arqueólogo Português* (CCE 48 (SMS Ms. 26)). Este opúsculo consistiu no trabalho de Santos Rocha editado no quinto fascículo, de Maio de 1895, do volume I (Rocha, 1895, pp. 113-116). O sábio alemão descansou-o, incentivando-o à divulgação das inscrições que tinha descoberto, julgando talvez que o autor fora o seu correspondente (CCE 49 (MNA Ms. 10466)). Na carta seguinte, em que referiu o assunto, Leite de Vasconcelos revelou, na nossa opinião, o seu intento. O envio dos textos tinha como objectivo obter o esclarecimento do erudito germânico em relação à interpretação de siglas, de modo a publicar as inscrições o mais rigorosamente possível (CCE 51 (SMS Ms. 27)). A resposta foi escrita um dia antes – 8 de Julho – desta missiva chegar à Alemanha – 9 de Julho –. Naquele documento, constatamos que o correspondente alemão não tinha ainda conhecimento do primeiro artigo do arqueólogo figueirense, pois não havia recebido os fascículos de Maio e Junho d' *O Arqueólogo Português* (CCE 51 (SMS Ms. 27) – CCE 52 (MNA Ms. 10467)). Somente na réplica a esta epístola, o conservador da Biblioteca Nacional informou que não fora ele o descobridor (CCE 53 (SMS Ms. 28)). Como já indicámos, as epígrafes saíram no oitavo fascículo, de Agosto de 1895, do volume I (Rocha, 1895, pp. 195-199, figs. 3-4).

Hübner datou as inscrições de finais do século II d.C. – inícios do III d.C., com base nos caracteres, ou seja, tendo em conta os aspectos paleográficos, tendo sido seguido pelo seu correspondente. O responsável pela gravação seria alguém originário da própria Hispânia, uma vez que as letras não revelavam uma grande qualidade (CCE 52 (MNA Ms. 10467); Rocha, 1895, p. 197; *EE* VIII 1; Vasconcelos, 1913b, pp. 379, 390; *IRCP* 45, 49). O arqueólogo da Figueira da Foz terá recebido estas informações pela mão do conservador da Biblioteca Nacional, como se infere da sua epístola de 20 de Julho de 1895 (MNA, *Correspondência*, Ms. 19897, de 20/07/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)). Santos Rocha hesitou na atribuição cronológica, tal como escreveu na sua carta: “Quanto ao final, vae uma ligeira correcção. Não combato, nem aceito, sem provas, a opinião de Hübner a respeito da epocha; mas fez bem em indical-a. Parece-me que em províncias longínquas e com artistas ignorantes a língua romana e até os caracteres deviam ser tão estropiados que um estyllo na forma dos caracteres é facto difficil de aceitar. Eu vejo que as formas das letras são diversas dos dois cippos, e até no

mesmo cippo a mesma letra tem fôrmas diferentes; e, todavia, o estylo das rosaceas e outros detalhes indicam a mesma epocha.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19897, de 20/07/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

A investigação epigráfica tem considerado a datação com base em aspectos paleográficos um método com alguma falibilidade, como se referiu *supra*. Além disso, concordamos com o facto de existirem variantes regionais, quer na forma de grafar os caracteres, quer em termos linguísticos. Por outro lado, diferentes modos de gravação não implicam necessariamente uma distinção cronológica, nem é inexistente numa mesma inscrição coexistirem letras de diferentes tipos, como já analisámos no capítulo respeitante a Alcáçovas (cf., v.g., Carnoy, 1971², p. 70-84; Gordon & Gordon, 1977², pp. 208-217; *IRCP*, 45, 49, p. 833; López Barja, 1993, pp. 35-38; Santos, 2005, pp. 3, 36-39. *Vide* capítulos I.2.6, I.3.1.3). Por último, tal como o arqueólogo figueirense registou, as corolas quadripétalas são semelhantes (MNA, *Correspondência*, Ms. 19897 de 20/07/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

As dúvidas de Leite de Vasconcelos acerca das inscrições da Quinta de Marim relacionavam-se com as fórmulas votivas (CCE 48 (SMS Ms. 26)). Analisemos todavia a totalidade dos textos epigráficos.

I.2.3.1 EE VIII 1 = IRCP 45A (MSR 4224)

As primeiras três regras, assim como a quinta e mais de metade da sexta linhas, não colocavam dúvidas e a sua leitura mantém-se até à actualidade. Apenas naquela última regra, o conservador da Biblioteca Nacional redigiu somente *III* na sua missiva ao sábio alemão. Todavia, tal deve-se certamente a uma gralha, que terá sido corrigida pouco depois, uma vez que em todas as edições, seja dos dois correspondentes portugueses, seja do erudito germânico, seja dos investigadores seguintes, se registou *IIII* (CCE 48 (SMS Ms. 26); Rocha, 1895, pp. 196, 199, fig. 4; *EE VIII 1*; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169; Viana, 1959, pp. 325-326; Santos, 1972, pp. 256-257, n.º 10.1; *IRCP* 45A; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5. Cfr. *ILER* 3378, que não separa a quarta e a quinta linhas).

Na quarta regra, o director do Museu Etnográfico Português transmitiu *VIXI* a Hübner (CCE 48 (SMS Ms. 26)). Esta lição foi corrigida para *VIXT* por Santos Rocha, na epístola de 25 de Agosto de 1895: “Na inscrição DIONYSIANVS está VIXI por VIXT: a ultima letra é manifestamente um T, e não um I.” (MNA, *Correspondência*,

Ms. 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)). Publicou o correcto no desenho do seu artigo, ainda que no corpo do texto tenha escrito *VIXIT* (Rocha, 1895, pp. 196, 199, fig. 4; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.º 3). O sábio alemão editou *VIXT*, talvez com base nos decalques que recebeu e/ou pela observação da figura editada pelo arqueólogo figueirense (CCE 52 (MNA Ms. 10467); Rocha, 1895, p. 199, fig. 4; *EE* VIII 1). A informação não terá sido comunicada por carta de Leite de Vasconcelos, pois não a identificámos na correspondência ora em estudo (cf. CCE). O conservador da Biblioteca Nacional seguiu a leitura veiculada na referida missiva de Santos Rocha (MNA, *Correspondência*, Ms. 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169). Os autores subsequentes adoptaram a lição do corpo do texto, que foi corrigida por Encarnação (Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, pp. 256-257, n.º 10.1). Este epigrafista leu *VIXT*, à semelhança dos egrégios investigadores, com quem concordamos, apenas diferindo no desenvolvimento natural em *VIX(i)T* (*IRCP* 45A; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5).

No final da sexta linha, o director do Museu Etnográfico Português interpretou *D(iebus) V (quinque)* (CCE 48 (SMS Ms. 26)). O erudito germânico discordou, na medida em que seria muita coincidência os dois defuntos terem vivido o mesmo número de dias, cinco, após o respectivo aniversário. Consideramos que a objecção de Hübner residiria preferencialmente no número igual e não tanto na referência de anos mais dias, uma vez que esta modalidade estava algo atestada na epigrafia hispânica (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); *CIL* II – S, p. 1193; *EE* VIII 1. Cf. *IRCP* 45; Encarnação, 1991, p. 234). Deste modo, preferiu *D(ic) V(iator)*. No apontamento redigido na missiva de Leite de Vasconcelos, de 7 de Maio, em nosso parecer pelo sábio alemão, está “*v(iatur)*”. Mas, na epístola remetida anotou “*v(iator)*”, forma correcta do vocativo. Assim, pensamos que “*v(iatur)*” será uma gralha de escrita (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466)).

O conservador da Biblioteca Nacional questionou o erudito germânico sobre o significado das últimas duas regras. Este epigrafista relacionou-as com “*d(ic) v(iator)*” da linha anterior e propôs “*d(ei) i(nferi) n(e) i(nuideant) t(ibi) l(ocum) t(itulum) t(erram) l(euem) b(ene) l(ibentes)*” (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); Rocha, 1895, p. 196; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.º 3). Após o envio dos decalques pelo director do Museu Etnológico Português, corrigiu a leitura para *DINSTL / TTIBL*, editando *DINSTL / TIBL*. De qualquer das formas, na sua opinião o texto teria sido mal gravado pelo lapicida, pelo que reproduziria uma fórmula funerária, cujo

significado seria algo como *P(ius) IN S(uos) S(it) TIBI T(erra) L(euis)* (CCE 52 (MNA Ms. 10467); Rocha, 1895, p. 196; *EE* VIII 1; *IRCP* 45). Santos Rocha e Leite de Vasconcelos consideraram a lição inicial *DINITL* / *T~~T~~BL* nos desenhos publicados, registando aquele investigador *DINITL* / *TTBL* no corpo do texto (Rocha, 1895, p. 196; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.º 3; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169). A investigação consequente tem seguido estas lições, registando ou não o traço horizontal do segundo *T* da última regra, onde poderá existir um nexos. Do mesmo modo, tem aceite o conteúdo indicado por Hübner (Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, pp. 256-257, n.º 10.1; *IRCP* 45; Encarnação, 1991, p. 234; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5). Nós optamos pela presença do referido sulco horizontal, reconhecendo os caracteres tal como foram transmitidos inicialmente ao sábio alemão – *DINITL* / *TTLBL* –. Quanto à interpretação, compreendemos a proposta, tal como o significado, de Hübner, uma vez que quase todos os vocábulos estavam comprovados na epigrafia da Hispânia, mas em nenhuma inscrição surgia a totalidade do texto (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); CCE 52 (MNA Ms. 10467); *CIL* II – S, pp. 1172-1174, 1176-1179, 1191, 1202-1202; *EE* VIII 1). Os outros investigadores não apresentaram outra explicação (Rocha, 1895, p. 196; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.ºs 3-4; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169; Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378-3379; Santos, 1972, pp. 256-257, n.º 10.1; *IRCP* 45; Encarnação, 1991, p. 234; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5). Na Herdade da Escrivã e em Conímbriga foram encontrados monumentos epigráficos com mensagens também claramente dirigidas aos transeuntes. No entanto, neste último local a fórmula foi gravada por extenso (*FC* 46; *IRCP* 583).

Leitura: *D(is) M(anibus) S(acrum) / DIONY/SIANVS / VIX(i)T / ANN(is) / XXXVIII*
(*triginta nouem*) *D(ic) V(iator) / DINITL / TTLBL*

I.2.3.2 *EE* VIII 1 = *IRCP* 45B (MSR 4224)

O conservador da Biblioteca Nacional omitiu a primeira linha na epístola ao erudito germânico, certamente por ser inequívoca. A leitura *MARITIMA*, nas segunda e terceira regras, suscitou somente dúvidas no arqueólogo figueirense, transmitidas por carta ao director do Museu Etnográfico Português: “Mais uma pergunta. Desculpe, porque não me lembrei mais dos cippos. Como explicou o nome *MARITIMA*?” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19898, de 22/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); “Na

inscrição MA^ARITIMA falta na terceira letra ^A um pequeno traço transversal: assim ^A. Nesta conformidade emendei a prova da gravura.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912). A gravura que acompanha a missiva revela um *R*, ainda que sem o sulco superior horizontal (MNA, *Correspondência*, Ms. 19896B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)). Desconhecemos a resposta de Leite de Vasconcelos, mas pensamos ter observado o *cognomen Maritima*, já atestado na Península Ibérica, tendo registado assim na sua epístola a Hübner e na sua ilustração (CCE 48 (SMS Ms. 26); *CIL* II 1143, 5039; *CIL* II – *S* 6128; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169). Santos Rocha editou também deste modo no seu artigo (Rocha, 1895, p. 196). Toda a investigação seguiu a lição *D M S / MARITIM/A* (Fita Colomé, 1895, p. 504, n.º 4; *EE* VIII 1; Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, p. 257, n.º 10.2; *IRCP* 45; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5).

O resto da terceira linha, tal como a quarta e o início da quinta regra foram lidas de igual forma até à actualidade, à excepção de Viana que publicou *VIXIT* (CCE 48 (SMS Ms. 26); Rocha, 1895, pp. 196, 199, fig. 4; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.º 4; *EE* VIII 1; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169; Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, p. 257, n.º 10.2; *IRCP* 45; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5).

Sobre o final da quinta linha, o arqueólogo figueirense rectificou o seu desenho em carta ao conservador da Biblioteca Nacional: “Convém ainda notar que a letra immediata a DV é um D, ao passo que a gravura representa antes um O, e que em seguida a esta letra está um L, quando o original contem um I. Refiro-me à inscrição MA^AITIMA. V.^a Ex.^a dará estas indicações ao gravador.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)). Efectivamente as reproduções, manuscrita e editada, demonstram *O / L*, assim como a ilustração publicada pelo correspondente, apesar de ter indicado ao sábio alemão *D / I*. Ao contrário do pedido, aquele investigador não inseriu nenhuma observação quanto a este aspecto no artigo. No corpo do texto está o corrigido *D / I* (CCE 48 (SMS Ms. 26); MNA, *Correspondência*, Ms. 19896B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Rocha, 1895, pp. 196, 199, fig. 4; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169). Estes caracteres são claros e foram reconhecidos por todos os outros investigadores. Apenas o erudito germânico publicou o *D* na sexta regra, o que talvez se deva a uma gralha, pois a lição inicial transmitida foi *D / I* e perante os decalques manteve esta leitura (CCE 48

(SMS Ms. 26); CCE 52 (MNA Ms. 10467); Fita Colomé, 1895, p. 504. n.º 4; *EE* VIII 1; Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, p. 257, n.º 10.2; *IRCP* 45. Cfr. Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5, com *D / DI*).

No resto da sexta linha, o director do Museu Etnográfico Português indicou a Hübner as letras *NITL* (CCE 48 (SMS Ms. 26)). Segundo este ilustre epigrafista, os calcos modificavam o texto para *NSTI* (CCE 52 (MNA Ms. 10467)). Esta lição terá sido posteriormente alterada, uma vez que na *Ephemeris Epigraphica* retomou *NITL* (*EE* VIII 1). Toda a investigação observou desta maneira, com quem concordamos (Rocha, 1895, pp. 196, 199, fig. 4; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.º 4; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169; Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, p. 257, n.º 10.2; *IRCP* 45, com *NITL*; Encarnação 1993-1994, p. 300, n.º 5).

Na sétima regra, Leite de Vasconcelos registou *T^{II}BL* e *I^{II}BL*. Não compreendemos a diferença no primeiro character, excepto por um equívoco (CCE 48 (SMS Ms. 26)). Com os decalques, o sábio alemão rectificou para *TIBL* (CCE 52 (MNA Ms. 10467)). Todavia, editou *TT . BL* (*EE* VIII 1). Os autores subsequentes não consideraram o sinal de pontuação, que nos parece ser falha natural da pedra (Rocha, 1895, pp. 196, 199, fig. 4; Viana, 1959, pp. 325-326; *ILER* 3378; Santos, 1972, p. 257, n.º 10.2; *IRCP* 45, com *T^{II}BL*). Em nosso parecer, nada obstamos à lição inicial *TTLBL*, tendo o lapicida grafado a mesma mensagem em ambos os textos (CCE 48 (SMS Ms. 26); Rocha, 1895, p. 199, fig. 4; Fita Colomé, 1895, p. 504, n.ºs 3-4; Vasconcelos, 1913b, p. 389, fig. 169). Acerca do significado da fórmula, *vide* o capítulo anterior (*Vide* capítulo I.2.3.1).

Leitura: *D(is) M(anibus) S(acrum) / MARITIM/A VIX(i)T / ANN(is) / XXV (uiginti quinque) D(ic) V(iator) D / INITL / TTLBL*

I.2.3.3 *EE* VIII 2 = *IRCP* 49 (MSR 4223)

O terceiro texto que o conservador da Biblioteca Nacional transmitiu ao sábio alemão pertencia igualmente a uma inscrição geminada. Todavia, o primeiro não ofereceria dúvidas de compreensão, pelo que não havia necessidade de o referir na missiva. No segundo, omitiu a primeira linha, de leitura clara (CCE 48 (SMS Ms. 26); Rocha, 1895, pp. 195-196, 198, fig. 3; Fita Colomé, 1895, pp. 503-504. n.ºs 1-2; *EE* VIII 2; Vasconcelos, 1913b, p. 388, fig. 168; Viana, 1959, p. 325; *ILER* 3374, 3424; Santos, 1972, pp. 255-256, n.ºs 9.1-9.2; *IRCP* 49; Encarnação 1993-1994, pp. 300-301, n.º 6).

As segunda, terceira, quarta e início da quinta regras foram lidas de forma praticamente igual. Vives considerou *III* na quinta linha, ao contrário de *IIII* dos restantes autores, com os quais concordamos. Encarnação observou *XLIII* na quarta regra, além de melhorar para *PATRIVS* (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); Rocha, 1895, pp. 195-196, 198, fig. 3; Fita Colomé, 1895, pp. 503-504. n.ºs 1-2; *EE* VIII 2; Vasconcelos, 1913b, p. 388, fig. 168; Viana, 1959, p. 325; *ILER* 3374; Santos, 1972, pp. 255-256, n.º 9.2; *IRCP* 49; Encarnação 1993-1994, pp. 300-301, n.º 6). Aceitamos a sua argumentação quanto à presença de um *L*. Todavia, existe por exemplo numa inscrição de Pinhovelo um *C* bastante aberto, ainda que não tanto (*IRCP* 49; Redentor, 2002, pp. 153-154, n.º 90, p. 320, estampa XXIV – n.º 93). Deste modo, mantemos as hesitações, mas perguntamos: se outras letras possuem várias formas, porque não também o *C*?

A fórmula na quinta e última linha suscitou as dúvidas ao director do Museu Etnográfico Português. O texto poderia ser *PISTL* ou *PISTI*, tendo colocado a hipótese de se desenvolver em *P(ius) I(n) S(uos) . T(erra) L(euis)*, interpretação que o erudito germânico admitiu e que aperfeiçoou para *P(ius) I(n) S(uos Sit Tibi) T(erra) L(euis)*. Os decalques permitiriam fixar a leitura em *PISTL*, o que corroborava o desenvolvimento das siglas (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); CCE 52 (MNA Ms. 10467)). Contudo, isto não corresponderia ao que estava grafado na pedra. Assim, Santos Rocha escreveu a Leite de Vasconcelos, a fornecer o texto exacto e a pedir-lhe que o indicasse no seu artigo.

Lê-se nas epístolas:

“Na inscrição “Patricius etc.” e no desenho do cippo respectivo peço que deixe ir as letras *PI* e que em seguida à palavra dias da tradução se siga uma reticencia; mas em notas dizer que, segundo a opinião de V.^a Ex.^a, à vista do calco, as letras são *TL*; que V.^a Ex.^a traduz *PISTL* por, e que eu traduzi por as letras *PISPI*.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19897, de 20/07/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

“A penultima letra da inscrição *PATRIVS* é um *P*, e não um *T*, como verifiquei um cippo, e V.^a Ex.^a aqui verá. Uma falha da pedra fez com que não ficasse talvez bem nítido a letra no calco. Por isso emendei a prova da gravura. A ultima letra é um *I*. Subsistirá a explicação de V.^a Ex.^a e de Hübner? Darão qualquer outra? Em qualquer dos casos acrescentará em seguida à minha explicação: Devemos porem advertir que o sr. F. explica as ultimas cinco letras desta inscrição pela forma seguinte: etc.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

O conservador da Biblioteca Nacional cumpriu o pedido e colocou as observações respeitantes às diferenças de leitura em nota. Quanto às ilustrações, no desenho que acompanha a carta percebe-se *PISTL*, mas na edição está *PISPI* (MNA, *Correspondência*, Ms. 19896A, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Rocha, 1895, pp. 195-196, nota 1, p. 198, fig. 3). Esta lição – *PISPI* – foi repetida por todos os investigadores subsequentes, inclusive pelo sábio alemão e pelo director do Museu Etnográfico Português (Fita Colomé, 1895, pp. 503-504. n.ºs 1-2; *EE* VIII 2; Vasconcelos, 1913b, p. 388, fig. 168; Viana, 1959, p. 325; *ILER* 3374; Santos, 1972, pp. 255-256, n.º 9.2; *IRCP* 49, com *PISPI*; Encarnação 1993-1994, pp. 300-301, n.º 6). No entanto, estes dois correspondentes ora em estudo não deixaram de indicar a leitura *TL*. Ambos informaram que das suas observações do decalque resultavam estes caracteres, mas que o arqueólogo figueirense havia lido *PI*, aludindo Leite de Vasconcelos aos esclarecimentos transmitidos nas missivas. Assim, este epigrafista afirmou que Santos Rocha lhe havia garantido que a pedra possuía uma falha nesse local e que se tratava de facto de um *P*, citando ainda o *P* da segunda regra, que parecia um *T*. Quanto ao último carácter, avançou ainda a hipótese de, apesar de possuir a forma de um *I*, poderia ser um *L* com o traço horizontal pequeno (MNA, *Correspondência*, Ms. 19897, de 20/07/1895, 19896+A-B, de 25/08/1895 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)); Rocha, 1895, pp. 195-196, nota 1; *EE* VIII 2). Na nossa análise, concluímos que a fenda que a pedra ostenta condiciona em parte a leitura da letra *P*, mas parece-nos subsistir a parte final da curvatura. O *I* é evidente.

Supra indicou-se que o erudito germânico, assim como o conservador da Biblioteca Nacional com algumas diferenças, interpretou *P(ius) I(n) S(uos) Sit Tibi T(erra) L(euis)* (CCE 48 (SMS Ms. 26) – CCE 49 (MNA Ms. 10466); CCE 52 (MNA Ms. 10467)). Mesmo após a correcção da leitura para *PISPI*, Hübner mantinha o texto, arguindo que à semelhança da inscrição anterior – *EE* VIII 1; *IRCP* 45 –, a fórmula estaria igualmente corrompida (*EE* VIII 2). Deste modo, não considerou a possibilidade *P(ublica) I(mpena) S(e)P(ultus) I(acet)* sugerida pelo arqueólogo figueirense, nem *P(ater) I(mpena) S(ua) P(oni) I(ussit)* proposta por Fita (Rocha, 1895, p. 195; Fita Colomé, 1895, p. 503). Encarnação preferiu *P(ius) I(n) S(uos) P(oni) I(ussit)* (*IRCP* 49; Encarnação, 1991, p. 234). Inclina-mo-nos para esta hipótese e para a tese de Fita, pois ambas respondem a todas as siglas isoladamente.

Leitura: *D(is) M(anibus) S(acrum) / PĀTRICIVS VI/XIT ANNIS / XLIII (quadraginta tribus) M(ensibus) III (tribus) D(iebus) X/IIII (quattuordecim) P(ius) I(n) S(uos) P(oni) I(ussit)* (ou *P(ater) I(mpensa) S(ua) P(oni) I(ussit)*)

1.2.4 Tróia

O sítio arqueológico de Tróia é conhecido desde o século XVI, através de André de Resende. Devemos a este autor a notícia do primeiro monumento epigráfico do local (*CIL* II 41; Vasconcelos, 1895a, p. 55; *IRCP* 211). Nos dois séculos seguintes foram referenciadas três epígrafes (*CIL* II 40, 42, 43; *IRCP* 213, 215, 217). Em consequência de trabalhos de investigação no lugar, promovidos pela Sociedade Archeologica Lusitana entre os anos de 1849 e 1857, identificou-se outra inscrição, com a qual se encerrou o conjunto de Tróia do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (*CIL* II 44; Vasconcelos, 1895a, p. 55; *IRCP* 221; Almeida, 2009, p. 22). A este grupo foi acrescentada outra epígrafe no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, descoberta em 1871 e remetida a Hübner por Augusto Soromenho (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 46, de 22/01/1872; *CIL* II – S 5184; *IRCP* 207).

Por volta dos anos de 1882-1883, encontrou-se o sétimo monumento epigráfico do sítio arqueológico, um cipo. No entanto, possivelmente como foi editado num periódico local, *O Elmano*, não chegou ao conhecimento de Hübner a tempo de ser inserido no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II. Leite de Vasconcelos soube da inscrição pelo menos em 1893, quando Alberto Girard lhe enviou a sua leitura. Algum tempo depois, Manuel Maria Portela remeteu-lhe o resultado do seu exame. Todavia, não identificámos estas leituras nas correspondências respectivas existentes no Museu Nacional de Arqueologia (MNA, *Correspondência*, Mss. 9259-9263, 15853, de 24/10/1899 a 18/01/1912, Mss. 18987A-18991, de 03/07/1895 a 20/10/1900 (Coito, 1999, p. 116, n.º 1436, p. 216, n.º 2757)). Estas três lições diferiam entre si, tendo o fundador do Museu Etnográfico Português analisado e comentado as várias propostas, assim como os componentes do texto, concretamente antropónimos, adjectivos e especificidades linguísticas (Vasconcelos, 1895a, pp. 54-58).

A versão *Calla* de Girard era admissível, uma vez que na língua latina estava, e está, atestado o uso de *C* por *G* e vice-versa. Contudo, mesmo que tivesse sido grafado um *C*, o nome corresponderia a *Galla*, grafia presente noutros textos epigráficos, sendo *Calla*

um *hapax*. Semelhantemente, na última regra, *F G* constituía um caso único, sendo preferível a leitura *F C* daquele autor (Vasconcelos, 1895a, pp. 56-57; Faria, 1957², p. 58; Carnoy, 1971², pp. 153-154; Santos, 2005, pp. 46-49).

Na terceira linha, Girard havia separado as letras da abreviatura *AN* com um ponto. Leite de Vasconcelos considerou uma localização errónea desta possível marca de pontuação, colocando-a após os caracteres, na medida em que fazia menor sentido a existência de um sinal entre duas letras da mesma palavra (Vasconcelos, 1895a, p. 56).

A forma *optume* por *optimae* encontrava-se, e encontra-se, comprovada na epigrafia latina (Vasconcelos, 1895a, p. 57; Carnoy, 1971², pp. 65-70; Santos, 2005, pp. 34-39).

Devido à diferença de lições, Alberto Girard prometeu-lhe uma fotografia do monumento, de modo a esclarecer definitivamente a inscrição. Desconhecemos se efectivou esse envio (Vasconcelos, 1895a, p. 96. Cf. MNA, *Correspondência*, Mss. 9259-9263, 15853, 24/10/1899 a 18/01/1912 (Coito, 1999, p. 116, n.º 1436)).

Na missiva endereçada a Hübner, em 20/07/1895, Leite de Vasconcelos afirmou ter concretizado uma viagem a Tróia, onde rectificou a leitura da epígrafe, trazendo o cipo para o Museu Etnográfico Português, e procedeu a escavações na sepultura relacionada com ela (CCE 53 (SMS Ms. 28)). Na nossa investigação, não identificámos manuscrito ou publicação do investigador português com um novo estudo do texto. Talvez tenha considerado que bastaria acrescentar uma fotografia às observações já expressas, facto que concretizou nas *Religiões da Lusitânia*. Aqui distingue-se o *G*- em *GALLA* e a não existência de ponto a separar as letras *AN*, na terceira regra (Vasconcelos, 1913b, p. 370).

A exploração arqueológica foi efectuada no decorrer de 1895 por Leite de Vasconcelos e Maximiano Apolinário, funcionário do referido museu, antes de 20 de Julho, data da carta dirigida ao sábio alemão. Francisco Mascarenhas, proprietário do terreno, permitiu não só a campanha como também a ida dos objectos, incluindo o cipo, para a instituição fundada dois anos antes (Vasconcelos, 1895a, pp. 221-222, n.º 14; Vasconcelos, 1927-1929, pp. 52-60).

Quanto aos utensílios relacionados com as mulheres, indicados na epístola (CCE 53 (SMS Ms. 28)), o investigador português estaria a mencionar as *acus crinales* de bronze e os objectos de osso recolhidos na escavação (Vasconcelos, 1927-1929, pp. 56-59). Na necrópole de Tróia identificaram-se outros objectos semelhantes, que possuiriam a mesma função (Almeida, 2009, pp. 29-63).

Em 1897, apareceram mais dois monumentos epigráficos, que foram publicados por Leite de Vasconcelos e por Hübner, neste caso a título póstumo (Vasconcelos, 1898, pp. 223-224; *EE* IX 9, 10; *IRCP* 224, 227).

Uma questão referenciada pelo correspondente português ao sábio alemão prende-se com a tradição de situar *Caetobriga* nas ruínas de Tróia (CCE 53 (SMS Ms. 28)). Deve-se a André de Resende o início desta tese. Somente na segunda metade do século XIX, Hübner e Müller propuseram Setúbal. Leite de Vasconcelos duvidou de ambas as hipóteses, baseando-se em argumentos linguísticos. Alguns anos mais tarde, este autor referiu como suposição o castro da Rotura. Ao longo do século XX foram admitidas ainda outras localizações, nomeadamente Chibanes e Alferrar. No entanto, as sucessivas descobertas arqueológicas na capital de distrito solidificaram Setúbal como “descendente” de *Caetobriga* (CCE 53 (SMS Ms. 28); *CIL* II, p. 8; *CIL* II – S, p. 803; Vasconcelos, 1895a, pp. 59-62; Vasconcelos, 1905b, p. 21; Guerra, 1998, pp. 361-364). Recentemente, no dia 24/04/2013, Carlos Tavares da Silva apresentou uma conferência na Academia Portuguesa da História, na qual defendeu a hipótese de *Caetobriga* se situar em ambas, Setúbal e Tróia.

Leitura: *D(is) (hedera) M(anibus) (hedera) S(acrum) / GALLA / AN(norum) XXXV (triginta quinque) / H(ic) S(ita) (hedera) E(st) (hedera) S(it) (hedera) T(ibi) (hedera) T(erra) L(euis) / HYPNVS / MARITVS / OPTVME / F(aciendum) C(urauit) (hedera)*

1.2.5 Lisboa

A notícia mais antiga de monumentos epigráficos provenientes da cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo* consta da obra de Konrad Peutinger, de cerca de 1505, onde são apresentadas quatro inscrições (*CIL* II 182, 230=231, 242, 254; *EO* 74, 76, 123, 125). Nos 364 anos seguintes, vários investigadores e interessados nacionais e estrangeiros recolheram epígrafes desta *urbs* (*CIL* II, pp. 23-24; *EO*, pp. 10-32, 321-324). Hübner, solícito leitor destes trabalhos, editou no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II um conjunto de 102 inscrições oriundas da cidade romana, entre as quais figuravam três inéditas (*CIL* II 173-257, 4991-5006, 5099; inéditas: *CIL* II 177, 226, 257). Os monumentos que considerava falsos ou de outra proveniência foram colocados num capítulo em separado (*CIL* II 24*-25*, 27*-29*, 32*-33*). No *Supplementum* do

Corpus Inscriptionum Latinarum II, efectuou apenas acrescentos de informações e correcções de leituras (*CIL* II – S 5217=185, 5218=197, 5219=206, 5221=4992).

A primeira publicação de Leite de Vasconcelos acerca de epígrafes de *Olisipo*, consistiu na notícia de aquisição de dois destes monumentos, descobertos em 1797, para o Museu Etnográfico Português. Este processo decorreu no mês de Abril de 1896 (*CIL* II 206=5219, 220; Vasconcelos, 1896a, p. 160, n.º 39, pp. 166-167; *EE* VIII, p. 499, n.º 206 (=5219). *Vide* capítulo 4.1.2.1). Dois dias antes de agradecer pela segunda vez a oferta a José Luciano de Castro, governador da Companhia do Crédito Predial Português, assim como comunicar-lhe a entrada das inscrições no museu, o zeloso director enviou uma carta ao sábio alemão, na qual também referiu este feliz acontecimento (CCE 63 (SMS Ms. 34); Vasconcelos, 1896a, p. 167). Na documentação que possuímos, e que editamos no CCE, não se verifica uma resposta deste correspondente ao facto. O conservador da Biblioteca Nacional nunca publicou os textos das epígrafes. Somente indicou que figurariam em columbários, à semelhança de outros monumentos epigráficos (Vasconcelos, 1913b, p. 392, nota 3). As leituras têm sido semelhantes, variando apenas na colocação de sinais de pontuação e em termos de interpretação. *CIL* II 206 foi corrigida por Borges de Figueiredo, modificação registada no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II – *CIL* II – S 5219 – e seguida por todos os autores seguintes. Nós aperfeiçoamos o final para *OPTI / FAC [C]VR*. Cardim Ribeiro melhorou *CIL* II 220, com quem concordamos (*CIL* II 206=5219, 220; Figueiredo, 1887, pp. 5-6; *EO* 65-66; Lambrino, 1951b, pp. 48-50, n.ºs 9-10; Lambrino, 1953a, pp. 39-40, nota 63; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 545, n.º 285, com foto. Cfr. *ILER* 4024, 4794).

Dois anos depois, em 1898, no decorrer dos trabalhos de construção do Elevador de São Sebastião da Pedreira, surgiu material cerâmico e osteológico, grãos de trigo carbonizados e duas inscrições romanas no Largo de São Domingos. Leite de Vasconcelos teve conhecimento da ocorrência e contactou as entidades responsáveis, o Governador Civil de Lisboa e o Director da Companhia de Viação Funicular, com o objectivo de adquirir os achados para o Museu Etnológico Português. Como resultado destas diligências, os esqueletos deram entrada no dia 26 de Julho de 1898 e as epígrafes e as cerâmicas ingressaram entre os dias 8 e 12 de Outubro de 1898 (MNA, *Livro de Saídas de Correspondência do Museu do Ano de 1898*, folha 23, n.º 67, de 21/07/1898, n.º 68, de 26/07/1898, n.º 70, de 08/10/1898, n.º 71, de 12/10/1898, n.º 72, de 12/10/1898; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 173, n.º 9, 283, n.º 1).

No ano de 1898, ou Vieira da Silva ou Mesquita de Figueiredo identificou uma inscrição no Castelo de São Jorge. O director do Museu Etnológico Português soube da descoberta e da sua deslocação ao local resultou o enriquecimento desta instituição com mais esta epígrafe romana. Isto ocorreu talvez em Novembro de 1898, pois a data de 27/11/1898 surge num manuscrito do conservador da Biblioteca Nacional (MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*, Envelope *Lista de Peças Adquiridas 2*, Separador *Lisboa*; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 283-284, n.º 2; Silva, 1937², pp. 53-54; Figueiredo, 1948, pp. 25-26, 28-30). Este monumento somou-se aos 7 oriundos daquele castelo. Entre 1899 e o falecimento do director do museu, encontraram-se mais 13 inscrições (EO 1-21).

Em carta de 5 de Dezembro de 1898, Leite de Vasconcelos indicou o aparecimento dos monumentos epigráficos ao erudito germânico, prometendo enviar-lhe mais informações sobre estas posteriormente e desculpando-se por não o fazer naquele momento (CCE 111 (SMS Ms. 58)). O envio terá sido concretizado nos dias seguintes, pois no dia 11 do mesmo mês, Hübner comentou as inscrições. O facto de não lhes ter dado grande importância relacionava-se talvez com a existência de um *corpus* epigráfico substancial da cidade. No entanto, considerou-as necessárias para um maior conhecimento daquele local (CCE 112; CCE 114 (MNA Ms. 10490+A)). O seu desejo, de adquirir a reprodução do terceiro monumento, ou dos três, foi satisfeito alguns meses depois. Em Março de 1899, o conservador da Biblioteca Nacional remeteu-lhe a documentação, pedindo-lhe novamente desculpas pelo atraso, relacionado mais uma vez com o excesso de trabalho. Na correspondência guardada na Sociedade Martins Sarmento não encontramos qualquer cópia. Colado à missiva CCE 114 (MNA Ms. 10490+A) existe um papel com o desenho da segunda inscrição. Estranhámos a sua presença em Lisboa e não em Guimarães, onde deveria estar se tivesse sido enviado. Todavia, os decalques recebidos por Hübner terão permanecido na Academia das Ciências de Berlim. Reservamos para uma data posterior o estudo deste assunto, que pode ou não confirmar a remessa (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A) – CCE 115 (SMS Ms. 59)).

I.2.5.1 EE IX 26 = EO 110 (MNA N.º E 6311)

As primeira, final da segunda e terceira regras de uma inscrição descoberta no Largo de São Domingos não suscitaram dúvidas aos investigadores, tendo sido lidas de forma

semelhante por todos (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 1, Envelope *Inscrições no ME. Epigrafia*; Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9; *EE IX 26*; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 11; *EO 110*; Lambrino, 1951b, pp. 50-51, n.º 11; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 544, n.º 283, com foto).

O caracter inicial da segunda linha consiste num *L*, mas o seu traço horizontal foi gravado de uma forma ténue. Por esta razão, o director do Museu Etnológico Português publicou no segundo artigo *I*, tal como registou num papel manuscrito, contrariamente à primeira edição, na qual considerou *L* (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 1, Envelope *Inscrições no ME. Epigrafia*; Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 11). Os outros autores reconheceram um *L*, semelhante a nós (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A); *EE IX 26*; *EO 110*; Lambrino, 1951b, pp. 50-51, n.º 11; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 544, n.º 283, com foto).

As quinta, sexta e sétima letras são formadas por três riscos verticais. Leite de Vasconcelos indicou isto mesmo – *III* –, ainda que tenha concebido *ETI*, defendendo que o *I* valia por *T* (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 1, Envelope *Inscrições no ME. Epigrafia*; Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 11). Lambrino e Cardim Ribeiro seguiram esta posição, lendo *III*, mas percebendo *ETI* (Lambrino, 1951b, pp. 50-51, n.º 11; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 544, n.º 283, com foto). Exceptua-se Vieira da Silva, que editou no próprio desenho da inscrição *ETI* (*EO 110*). A atitude do sábio alemão relaciona-se talvez com um maior apego ao texto efectivamente gravado. Deste modo, apontou *ITI* na *Ephemeris Epigraphica*, apesar de na sua carta ter escrito *Lucretia* (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A); *EE IX 26*). Adoptamos *III* por *ETI*. Na nossa opinião, o quinto caracter é um *I*, mas com o valor de *E*, uma vez que se atesta na Hispânia uma confusão entre as duas vogais (Carnoy, 1971², pp. 20-48; Santos, 2005, pp. 29-32). A sexta letra é semelhante a outros *II* da mesma regra – 5.º e 13.º caracteres –. Os próprios Gordon referem a existência de *TT* iguais a *II* (Gordon & Gordon, 1977², pp. 116-117). Assim, também nós observamos *I* por *T*. Quanto à sétima letra, tal como os restantes, não questionamos o *I*.

Na última linha, o erudito germânico interpretou inicialmente *I(psa* ou *ipso)* *V(iua)* *P(osuit)*, talvez tendo em conta os paralelos existentes que incluíam o termo *uiua* / *uiuus*, como por exemplo *V(iua)* *S(ibi)* *F(ecit)* e *VI(ua)* *SE P(osuit)*, [*VI*]*VO SE POSVIT* (CCE 114 (MNA Ms. 10490+A); *CIL II – S*, p. 1178 e n.ºs 5330, 5450, 6182=5871=4984). O seu correspondente lusitano não citou esta hipótese, desenvolvendo *T(itulum)* *V(iua)* *P(osuit)*, no pressuposto *I=T* analisado *supra*, ou ainda

I(ussit) V(iua) P(oni). Estas fórmulas também se encontravam comprovadas na Península Ibérica, apesar de não conterem o vocábulo *Viua*. Contudo, o autor não referiu qualquer exemplar hispânico, mas ao invés uma epígrafe de Paris, no papel manuscrito existente no Museu Nacional de Arqueologia (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 1, Envelope *Inscrições no ME. Epigrafia*; *CIL II – S*, pp. 1177-1178, 1203; Vasconcelos, 1899-1900, p. 173, n.º 9; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 11). Hübner mencionou e Vieira da Silva e o epigrafista romeno seguiram a primeira opção do conservador da Biblioteca Nacional (*EE IX 26*; *EO 110*; Lambrino, 1951b, pp. 50-51, n.º 11). Nós preferimos a segunda hipótese, do mesmo modo que Cardim Ribeiro, por oferecer uma solução para a letra *I*, efectivamente grafada no início da quarta regra (Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 544, n.º 283, com foto).

O sábio alemão considerou ainda que o uso das siglas patentes na última linha indiciava uma datação recente. Todavia, não forneceu nenhuma proposta de cronologia (*CCE 114* (MNA Ms. 10490+A); *EE IX 26*). O director do Museu Etnológico Português supôs que o conjunto arqueológico fosse posterior ao século II d.C. (Vasconcelos, 1899-1900, p. 283). Somente no século XXI se apresentou uma data para o monumento epigráfico, que segue na esteira dos egrégios investigadores. Cardim Ribeiro estimou uma datação dos séculos II-III d.C. (Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 544, n.º 283).

Leitura: *D(is) (hedera) M(anibus) (hedera) S(acrum) / LVCRHIA (hedera) PATRI/CIA (hedera) ANN(orum) (hedera) XXXVIII (triginta nouem) / I(ussit) (hedera) V(iua) (hedera) P(oni)*


I.2.5.2 *EE IX 27 = EO 111* (MNA N.º E 6326)

A outra lápide encontrada no Largo de São Domingos estava fragmentada, subsistindo apenas a parte esquerda.

Na primeira regra, Leite de Vasconcelos terá observado *Somi*, como figura num manuscrito, e transmitido esta leitura ao erudito germânico. Por esta razão, Hübner escreveu esta palavra na sua epístola, considerando-a o início de um nome. No entanto, não conhecia outro caso semelhante na epigrafia (MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*, Envelope *Lista de Peças Adquiridas 2*, Separador *Lisboa*; *CCE 114* (MNA Ms. 10490+A); *CIL II – S*, pp. 1072, 1092). O sábio alemão pediu uma cópia da epígrafe,

decerto para comprovar a lição. Pensamos que a recebeu, como se analisará *infra*, mas ponderou o mesmo que o seu correspondente, uma vez que ambos editaram a linha de forma idêntica nas suas obras. Nesta, o conservador da Biblioteca Nacional não forneceu a divisão das regras (Vasconcelos, 1899-1900, p. 283, n.º 1; *EE IX 27*). Vieira da Silva seguiu esta leitura, indicando a separação das linhas (*EO 111*). Todavia, o director do Museu Etnológico Português havia modificado ainda em vida para *COMI*, por intermédio de Lothar Wickert, que reconheceu a letra *C* (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Separador *Inscrições Beja, Lx, Endovélico, Eburobritium Óbidos*; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 62). Este epigrafista germânico esteve em Portugal no ano de 1931 (Vasconcelos, 1930-1931, pp. 222-223; Capeans, 1938 [1956], pp. 210-211). Lambrino seguiu esta rectificação (Lambrino, 1951b, pp. 42-43, n.º 5).

Nós compartilhamos esta observação, que corrigimos para *COMI*, pois subsiste apenas o arranque superior do último caracter. Poderíamos ainda estar perante um *G*, pois para além dos traços 1 e 2 – o desenho da curva fundamental e o seu prolongamento superior –, detectamos um traço 3 virado para cima e interior. Este pormenor transformaria a letra inequivocamente num *G*, aliás similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 103, fg. 12, n.º 2). Contudo, no final inferior do traço do *C* existe um ressalto que impede uma continuação clara para o *G*, além do que a pedra possui várias imperfeições neste local. Excluímos também a opção *S*, que foi talvez admitida devido às fracturas que o espaço da letra exhibe. Deste modo, aceitamos a reconstituição do epigrafista romeno em *COMI[NIA]*, admitindo igualmente o masculino *COMI[NIVS]*, sendo que ambos os gentílios estão atestados na Hispânia e este em *Olisipo* (Fotos 1 e 2) (Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5; *NPH*, pp. 115-116; *AALR*, p. 150).

Na segunda linha, Leite de Vasconcelos reconheceu inicialmente *IOI*, que Vieira da Silva seguiu (Vasconcelos, 1899-1900, p. 283, n.º 1; *EO 111*). A diferença do texto de Hübner induz-nos a pensar que houve efectivamente um decalque recebido. Desta forma, editou  (*EE IX 27*). O seu correspondente aperfeiçoou depois para *MOI*, com o qual Lambrino concordou em parte, reconstituindo *[A]MOE[NA]* (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Separador *Inscrições Beja, Lx, Endovélico, Eburobritium Óbidos*; MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*, Envelope *Lista de Peças Adquiridas 2*, Separador *Lisboa*; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 62; Lambrino, 1951b, pp. 42-43, n.º 5).

No monumento, do primeiro caracter é visível um risco, à semelhança do que os dois correspondentes ora em estudo consideraram num primeiro momento (Vasconcelos, 1899-1900, p. 283, n.º 1; *EE IX 27*). Antes deste traço, são perceptíveis vestígios de algo que pode respeitar aos sulcos centrais de uma letra. Todavia, a deteriorização da pedra impede a sua especificação. Faz sentido um *M*, tendo em conta quer a inclinação daquele que seria o risco final, e também dos traços centrais, quer o próprio espaço existente para grafar o caracter (Fotos 1 e 3) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Separador *Inscrições Beja, Lx, Endovélico, Eburobritium Óbidos*; MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*, Envelope *Lista de Peças Adquiridas 2*, Separador *Lisboa*; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 62; Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5). Depois, subsiste um sulco em forma de *L*, mas danificado, pelo que hesitamos em reconhecer aqui uma letra, ao contrário do sábio alemão (Fotos 1 e 3) (*EE IX 27*). O *O* é claro. A seguir, existem dois riscos, um vertical e o outro horizontal, unidos na parte superior esquerda, pelo que nos afastamos do *V* aparentemente iniciado pelo erudito germânico. É possível tratar-se de um *E*, ainda que seja prudente não excluir *B*, *F*, *P* ou *R*. Subsistem vestígios do arranque do traço central (Fotos 1 e 4) (*EE IX 27*; Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5; Gordon & Gordon, 1977², pp. 98-102, 109-110, 113-115, fgs. 9-11, 14, 16).

Se o texto verdadeiramente gravado for *MOE*, aceitamos o *cognomen* *Amoena*, proposto inicialmente por Lambrino e bastante comprovado na Lusitânia e especificamente na *ciuitas* de *Olisipo*. Preferimos o feminino, pois é mais frequente que o masculino (Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5; *NPH*, pp. 273-274; *AALR*, pp. 85-87). Por outro lado, a existência de um *L*, induziria a supor o *praenomen* *Marcus* no *M* e um *nomen* em *LOR*, nomeadamente *Loreius*, atestado na *ciuitas*. Desconhecemos gentílios na Península Ibérica começados com *Lob*, *Lof* ou *Lop*, pelo que excluimos os caracteres *B*, *F* e *P* (*NPH*, p. 174; *AALR*, pp. 214-215). Neste caso, o *cognomen* figuraria presumivelmente no fragmento direito, não descoberto (Foto 1).

Na terceira regra, somente o epigrafista romeno editou o *H* completo. Todos os outros investigadores observaram dois sulcos verticais – *II* –, tendo o conservador da Biblioteca Nacional suposto numa análise posterior aquela letra (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Separador *Inscrições Beja, Lx, Endovélico, Eburobritium Óbidos*; MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*, Envelope *Lista de Peças Adquiridas 2*, Separador *Lisboa*; Vasconcelos, 1899-1900, p. 283, n.º 1; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 62; *EE IX 27*; *EO 111*; Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5). Concordamos com

Lambrino, pois são visíveis os três riscos que compõem o *H*. À frente, surge o que consideramos ser o início inferior de outro caracter. O epigrafista romeno desenhou o traço, mas encarou-o como um sinal de pontuação, não reconstituindo nenhuma letra. A forma e a inclinação são semelhantes a um dos *SS* referidos pelos Gordon. Deste modo, lemos aqui um *S*, pertencente à fórmula funerária comum. O texto seria *H(ic) S(itus ou a) [E(st)]* (Fotos 1 e 5) (Gordon & Gordon, 1977², p. 115, fg. 17, n.º 4. Cfr. Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5, com *H(ic) [S(ita) E(st)]*).

Supra indicámos que o director do Museu Etnológico Português datou o conjunto arqueológico de após o século II d.C. e que Cardim Ribeiro havia atribuído a inscrição anterior aos séculos II-III d.C. (Vasconcelos, 1899-1900, p. 283; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 544, n.º 283). A cronologia apresentada por Leite de Vasconcelos influenciou certamente Vieira da Silva a registar aquela data para a epígrafe estudada neste subcapítulo. Lambrino recuou o seu espaço temporal para os finais do século I a.C. (*EO* 111; Lambrino, 1951b, p. 43, n.º 5).

Leitura: *COMI[NIA* (ou *NIVS*) / *[A]MOE[NA]* (ou *M(arcus) LOR[EIVS ...]*) / *H(ic) S(ita ou us) [E(st)]*

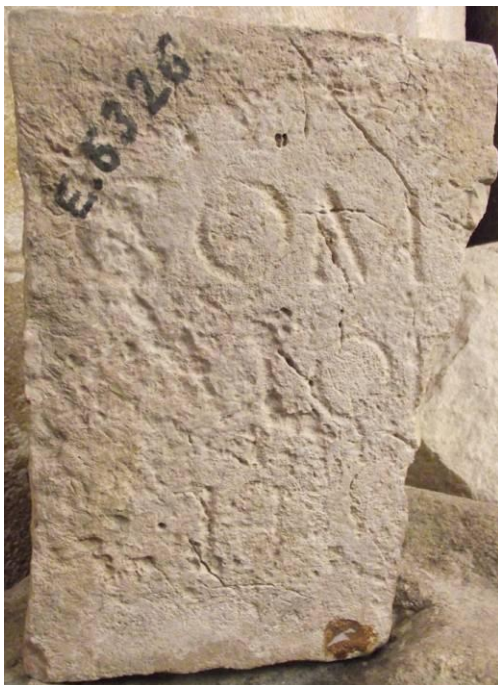


Foto 1: *EE IX 27 = EO 111*
(© Pedro Marques)



Foto 2: *EE IX 27 = EO 111*, início da primeira linha
(© Pedro Marques)



Foto 3: EE IX 27 = EO 111, início da segunda linha

(© Pedro Marques)

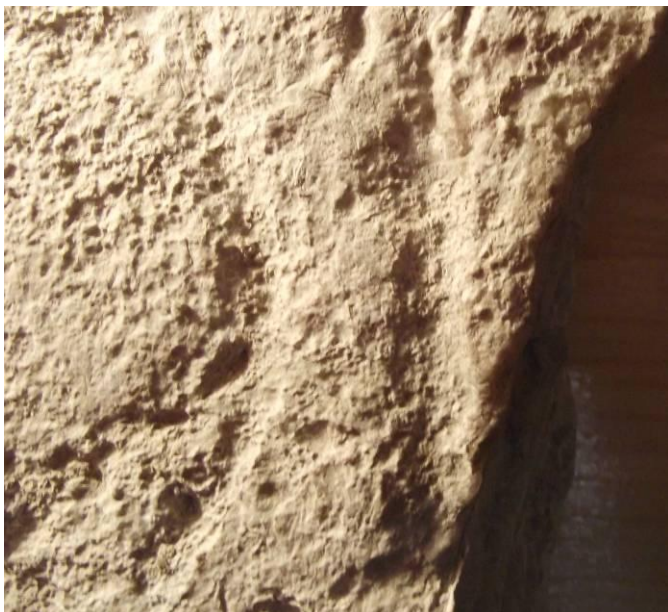


Foto 4: EE IX 27 = EO 111, final da segunda linha

(© Pedro Marques)



Foto 5: EE IX 27 = EO 111, terceira linha

(© Pedro Marques)

1.2.5.3 EE IX 24 = EO 5 (MNA N.º E 6324)

Leite de Vasconcelos não foi o único a transmitir informações a Hübner acerca da inscrição encontrada no Castelo de São Jorge.

Mesquita de Figueiredo, suposto descobridor, escreveu-lhe em carta de 11 de Maio de 1899: “Como V. Ex.^{cia} estima bastante os assuntos epigraficos vou-o informar das minhas descobertas. Já encontrei em Lisboa duas inscrições romanas sepulcraes – uma que se achava perdida – encontrei-a no próprio quintal da Academia das Sciencias, onde estava forrando o solo, outra inédita, nas muralhas do Castelo de S. Jorge. À extracção desta ultima assistiu o nosso Amigo Maciñeira Pardo: envio as copias.” (Figueiredo, 1948, p. 25). No original guardado na Sociedade Martins Sarmento observam-se os desenhos das próprias epígrafes (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 24, de 11/05/1899). O sábio germânico respondeu-lhe em alemão no dia 16 de Maio de 1899. A tradução é da responsabilidade do correspondente português: “A inscrição do Quintal da Academia parece-me realmente ser nova. Se o resto da primeira letra é um C, devia completar-se pelo seguinte... [Tor]catio Aspro an(norum) XXVIII Calventia Juliana marito piissimo. f(aciendum) c(uravit). Porque nomes em ... catius são muito raros. Poderia ler-se também [Sex(to)] Catio, como me lembro agora; Catius é um nome que não é muito raro. Se fosse o resto dum R, o que é talvez mais provável, poder-se-ia ler Horatio ou Neratio ou Veratio. A outra inscrição certamente já está no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 253, mas, como é que ela apareceu no Castelo de S. Jorge?” (Figueiredo, 1948, pp. 26-27). O arqueólogo lisboeta retorquiu-lhe em missiva de 23 de Maio de 1899: “Eu não me expliquei bem, quando disse a V. Ex.^{cia} os lugares onde tinha encontrado as inscrições: – a que V. Ex.^{cia} leu – (Tor)catio Aspro..., e que está inédita, encontrei-a fazendo parte das muralhas do Castelo de S. Jorge, – a outra, em que há dois nomes gregos, é a que foi publicada no C.I.L. n.º 253 – descobri-a no quintal da Academia das Sciencias, no Convento de Jesus. Foi encontrada a primeira vez quando desfizeram o *Arco da Consolação*, junta com outras e levada para o Convento de Jesus, onde eu a reencontrei. Isto mesmo vem dito no *Corpus*, segundo creio.” (Figueiredo, 1948, pp. 27-28).

Nesta correspondência verificamos uma confusão do erudito germânico quanto aos locais de descoberta de duas epígrafes de Lisboa. Uma era conhecida desde 1782. Fora encontrada no Arco da Consolação e transportada para o Convento de Jesus, onde se instalou depois a Academia das Ciências. Hübner editou-a no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (CIL II 253). O outro monumento foi identificado no Castelo de São Jorge

e era inédito. Apesar do esclarecimento de Mesquita de Figueiredo, o sábio alemão registou na *Ephemeris Epigraphica* que encontrara-se ou estava na Academia das Ciências (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 25, de 23/05/1899; *EE IX 24*; Figueiredo, 1948, pp. 27-28). Um dos manuscritos do conservador da Biblioteca Nacional com a inscrição refere “Castello de Lisboa. No Museu” (MNA, *Correspondência*, Ms. 10490A, sem data (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619)). Deste modo, questionamo-nos se teria sido alguma vez enviado e se o director do Museu Etnológico remeteu algum outro decalque ou reprodução da epígrafe com a indicação do lugar de descoberta.

Da segunda à sexta linha quase todos os investigadores foram unânimes (MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*; MNA, *Correspondência*, Ms. 10490A, sem data (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619); Vasconcelos, 1899-1900, p. 283, n.º 2; *EE IX 24*; Vasconcelos, 1927-1929, p. 225, n.º 34; *EO 5*; Figueiredo, 1948, pp. 26-27. Cfr. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 24, de 11/05/1899).

Na primeira regra, perante as informações transmitidas por Leite de Vasconcelos, o erudito germânico reconstituiu [*C. LV*]*TATIO*, certamente por os dois nomes surgirem comprovados em conjunto na Península Ibérica (CCE 112; CCE 114 (MNA Ms. 10490+A); *CIL II – S*, p. 1067). O desenho de Mesquita de Figueiredo mostrava uma linha curva, que pelas características parecia a parte inferior de um *C* ou ainda o final de um *R* (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 24, de 11/05/1899). Este facto induziu Hübner a propôr vários nomes: [*Tor*]*catio* e [*Sex(to)*] *Catio*, “Se o resto da primeira letra é um *C*”, ou *Horatio*, *Neratio* e *Veratio*, “Se fosse o resto dum *R*, o que é talvez mais provável”. *Torcatio* e *Neratio* não se atestavam na Hispânia (*CIL II – S*, pp. 1058, 1063, 1075; Figueiredo, 1948, pp. 26-27). O arqueólogo lisboeta aparentemente não omitiu nenhuma opinião (Figueiredo, 1948, pp. 27-28).

Entretanto, o conservador da Biblioteca Nacional editou o monumento, lendo *IATIO* ou só *ATIO*, que havia considerado anteriormente, pelo que sugeriu o *nomen* *Lutatio* indicado em carta por Hübner, mas preferiu *Optatius* (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 1, Envelope *Inscrições no ME. Epigrafia*; MNA, *Aquisições e Inventário de Peças*, Envelope *Lista de Peças Adquiridas 2*, Separador *Lisboa*; MNA, *Correspondência*, Ms. 10490A, sem data (Coito, 1999, p. 129, n.º 1619); CCE 114 (MNA Ms. 10490+A); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 283-284). Esta publicação impeliu talvez o sábio alemão a colocar na *Ephemeris Epigraphica* [...] *IATIO*, referindo que Mesquita de Figueiredo observara [...] *CATIO* (*EE IX 24*). O director do Museu Etnológico Português teve ainda

oportunidade de se dedicar à inscrição no catálogo de epigrafia do Museu. Afastou a lição de Figueiredo e manteve as suas leituras, propondo contudo um *nomen* diferente, *Curiatio* – [CVR]ATIO ou [CVR]IATIO – (Vasconcelos, 1927-1929, p. 225, n.º 34).

Vieira da Silva regressou a [LVT]ATIO, mas aceitou também [CVR]IATIVS e [MVN]ATIVS (EO 5). Lambrino excluiu estas duas últimas hipóteses devido à inexistência de dados que pudessem comprovar um *N* e ao espaço remanescente que deveria conter ainda a sigla do *praenomen*. Assim, sugeriu [M LVT]ATIO (Lambrino, 1951b, pp. 41-42, n.º 4).

Concordamos com a existência de um *praenomen* em sigla, mas a sua variedade impede-nos de escolher um deles (cf., v.g., Encarnação, 1997, p. 27, n.º 1). Quanto ao *nomen*, da letra antes do *A*, resta somente a parte inferior de um risco vertical, pelo que não há a certeza de constituir um *-I-*, um *-N-* ou um *-T-*. Por ser vertical, excluímos os caracteres *-C-* e *-R-*. Os outros *RR* da inscrição, nas segunda e quinta regras, terminam de forma tendencialmente oblíqua (Foto 6). Assim, afastamos as hipóteses *Torcatio*, *Catio*, *Horatio*, *Neratio* e *Veratio*. Dos restantes *nomina* sugeridos, *Curiatio*, *Lutatio*, *Munatio* e *Optatio*, o segundo e o quarto garantem mais espaço para o primeiro nome. Tendo em conta que na Hispânia não está atestado o último, mas somente o *cognomen* *Optatus*, preferimos *Lutatio*, que reconstituímos em [LV]TATIO (NPH, pp. 177, 194, 444-445; AALR, pp. 219, 254).

Leitura: [... LV]TATIO / ASPRO AN(norum) XX/VIII (uiginti nouem) CALVEN/TIA IVLIANA / MARITO PIIS/SIMO . F(aciendum) . C(urauit) .

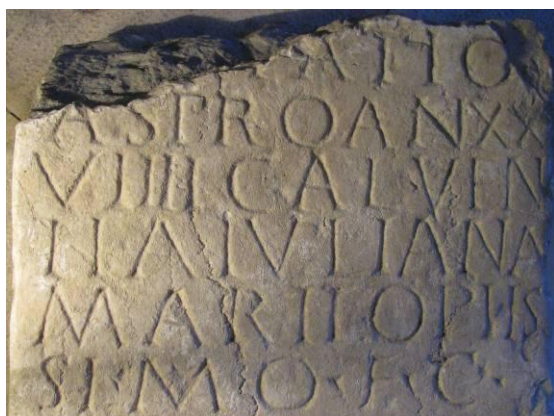


Foto 6: EE IX 24 = EO 5

(© Pedro Marques)

1.2.6 Alcáçovas, Alentejo

No ano de 1743, o Padre Mestre Frei Francisco de Oliveira indicou nas *Memórias Paroquiais* o aparecimento de um monumento epigráfico na serra das Alcáçovas. Na edição do *Diccionario Geographico*, em 1747, o Padre Luiz Cardoso registou a existência de materiais arqueológicos romanos no local. A. Mesquita de Figueiredo publicou esta passagem no sexto fascículo do volume I d'*O Arqueólogo Português*. Leite de Vasconcelos conhecia decerto este *Diccionario*, mas talvez o artigo daquele investigador lhe tenha chamado a atenção ou relembrado a existência do sítio arqueológico, que continha uma inscrição romana. Deste modo, incluiu uma visita ao lugar, na excursão que efectuou entre Alcácer do Sal e a região de Évora, nas férias de Natal de 1895 (Vasconcelos, 1895a, pp. 11-12; Figueiredo, 1895, pp. 155-156; Vasconcelos, 1898, pp. 103-134, especialmente pp. 117-120).

O interesse e entusiasmo do pesquisador ficaram anotados na sua descrição da viagem. Ao chegar a Alcáçovas escreveu, “Ao lado direito avista-se a Serra, onde está o convento da Senhora da Esperança; esta vista alegrou-me, pois que a Serra era o objecto especial da minha visita, por lá haver antiguidades romanas que estudar”. Na vila alentejana, na noite que precedeu a ida ao sítio arqueológico, “Apesar de ir alquebrado da viagem, pouco repousei, sobressaltado, como estava, com a ideia de partir de madrugada para a Serra”. Na manhã seguinte, “Quando o carreiro [...] bateu á janela, e me chamou, ás seis horas da manhã, já eu estava pronto, de saca ao ombro, e de cajado na mão.”. Quando finalmente estava perante a epígrafe, afirmou simplesmente “Esta lápide, por causa da qual eu fora ás Alcaçovas” (Vasconcelos, 1898, p. 117-119).

O proprietário do terreno, Francisco de Melo Cabral e Sousa, ofereceu a cupa ao Museu Etnográfico Português. Segundo carta de Aurélio d’Aguilar, de 7 de Janeiro de 1896, a inscrição tinha sido enviada por comboio, presumivelmente no mesmo dia da missiva (MNA, *Correspondência*, Ms. 201, de 07/01/1896 (Coito, 1999, p. 16, n.º 30); Vasconcelos, 1896a, p. 159). Lê-se na missiva:

“Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr.

Junto a esta achará V. Ex^a. o recibo N.º. 8 do caminho de ferro a fim de ahi receber a pedra; bem como a conta da despeza que fiz com ella até á estação.

Para tudo quanto V. Ex^a. queira tem-me ás suas ordens n’esta localidade.

Com toda a consideração e estima, sou
de V. Ex^a.

am.º. att.º. e v.º.

Alcaçovas 7-1º-96

Aurelio d'Aguilar" (MNA, *Correspondência*, Ms. 201, de 07/01/1896 (Coito, 1999, p. 16, n.º 30)).

Foi na sequência da entrada do monumento no museu, que a indicou a Hübner, referindo o acréscimo para a colecção epigráfica da instituição (CCE 63 (SMS Ms. 34)).

Hübner seguiu a leitura do Padre Oliveira no *CIL* II, talvez porque não tenha visto o monumento directamente. Após o envio em carta e publicação do texto por Leite de Vasconcelos, no qual leu de forma diferente, o sábio germânico corrigiu a sua lição, tendo em conta o estudo deste autor. Todavia apontou para o facto de a nova leitura ainda não permitir um entendimento inequívoco (CCE 63 (SMS Ms. 34); *CIL* II 86; Figueiredo, 1895, p. 155; Vasconcelos, 1898, p. 119; *EE* VIII 86).

Na missiva a Hübner, o investigador português assinalou que na linha 2, entre a primeira e a segunda letras, existia um espaço com uma fractura, que poderia ter contido uma marca de pontuação (CCE 63 (SMS Ms. 34)). A recusa da presença de outro carácter fundou-se certamente na ausência de quaisquer vestígios deste possível elemento no local, assim como na conservação de sinais nas regras inicial e final a separar siglas, correspondentes a palavras. No entanto, n' *O Arqueólogo Português* o autor não colocou o ponto (Vasconcelos, 1898, p. 119). Após observação da cupa, optámos igualmente por não considerar o sinal, pois a fractura ocupa grande parte da área entre as duas letras, o que torna muito difícil qualquer hipótese de reconstituição (Fotos 7 e 8; Matriznet, MNA N.º E 6341 = 994.58.1, com foto) (*IRCP* 427, com foto; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 537, n.º 271, com foto).

O segundo e o quinto carácter das segunda e quarta linhas, respectivamente, apresentavam uma mesma forma, à qual Leite de Vasconcelos não atribuiu uma letra específica do alfabeto (CCE 63 (SMS Ms. 34); Vasconcelos, 1898, p. 119). Hübner assumiu um A apenas na última regra (*EE* VIII 86), talvez devido ao mau estado do local do carácter da segunda linha, com afectação dos próprios traços. Contudo, este facto não impede a leitura da letra. Deve-se a Lambrino a primazia da lição do carácter A em ambas as linhas e a observação que a letra figurava em cursivo (Lambrino, 1951b, p. 60; *IRCP* 427, com foto; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 537, n.º 271, com foto). De facto, o A de Mallon é semelhante ao carácter em questão (*CIL* II – S, p. 1180; Gordon & Gordon, 1977², p. 94, fig. 7). Assinalamos a nossa inquietação pelo facto de subsistirem numa inscrição e na mesma palavra duas formas diversas de grafar a letra A (Foto 7; Matriznet, MNA N.º E 6341 = 994.58.1, com foto) (*IRCP* 427,

com foto; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 537, n.º 271, com foto).

Na última regra, Leite de Vasconcelos suprimiu apenas três marcas de pontuação, relativamente às edições anteriores. Na carta que dirigiu a Hübner, questionou-o acerca do significado do texto desta linha. A resposta do sábio germânico consta da sua publicação da epígrafe e foi referida *supra*: a leitura do investigador português não permitia uma compreensão clara do teor da frase. Deste modo, não forneceu qualquer tentativa de desenvolvimento das siglas (CCE 63 (SMS Ms. 34); Vasconcelos, 1898, p. 119; *EE* VIII 86). Apenas em 1951, se propôs uma hipótese, com Lambrino, que à excepção do primeiro carácter, se aceita actualmente (Lambrino, 1951b, p. 61; Lambrino, 1967, p. 155; *IRCP* 427, com foto; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 537, n.º 271, com foto).

A letra que inicia a última linha é composta por um traço vertical com vestígios de “serifs” horizontais. À sua frente, na parte superior, permanece um ponto. Certamente devido a este pormenor, Lambrino considerou um *P* (Lambrino, 1951b, p. 61; Lambrino, 1967, p. 155). Na realidade, se esse sinal estivesse ligado ao risco vertical, poderíamos aceitar a proposta deste investigador, uma vez que tem a sua correspondência num dos tipos de *P* classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 110, fg. 14, n.º 4). No entanto, tal não ocorre, obrigando-nos a considerar outra possibilidade. Encontra-se atestado na epigrafia um *F* cursivo formado por dois traços verticais, no qual o segundo se localiza na parte superior à frente do primeiro (*CIL* II – S, p. 1180; Cagnat, 1898a³, pp. 3, 7-8, 14-15). Assim sendo, mantendo a prudência necessária, colocamos a hipótese de o carácter da cupa de Alcáçovas em causa constituir um *F* cursivo, coexistindo no mesmo texto este tipo de letras – nos *A* e *F* – com caracteres actuários (Fotos 7 e 9; Matriznet, MNA N.º E 6341 = 994.58.1, com foto) (*IRCP* 427, com foto; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 537, n.º 271, com foto).

Quanto à decoração que o objecto ostenta, Leite de Vasconcelos seguiu uma explicação baseada na cultura clássica, considerando o país dos bem-aventurados ou a viagem para a eternidade. Recentemente, ponderou-se uma explicação mais prática, relacionada com os banquetes funerários (Vasconcelos, 1913b, p. 443; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 537, n.º 271).

As descrições do sítio arqueológico das Alcáçovas, que o Padre Cardoso e Leite de Vasconcelos fornecem, revelam-nos um local de ocupação romana onde existiria um

cemitério e possivelmente uma área de habitação. Apesar de o proprietário ter concordado com a execução de escavações arqueológicas, o arqueólogo português não as concretizou, certamente devido ao seu muito trabalho (MNA, *Correspondência*, Ms. 202, de 20/05/1896 (Coito, 1999, p. 16, n.º 30); Figueiredo, 1895, pp. 155-156; Vasconcelos, 1898, pp. 119-120; Alarcão, 1988b, fasc. 3, p. 161, n.º 6/310. *Vide* capítulo 2.3). Observa-se na missiva de Aurélio d'Aguilar:

“Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr.

Alcaçovas 20-5º-96

Recebi a sua carta de 18 d'este a que respondo.

O monte a que V. Ex^a. se refere está semeado de trigo, como estará lembrado, e falando eu a este respeito com o Sr. Cabral, elle me respondeu que agora não pode consentir que se proceda a escavações. Só depois das seifas, isto é, passado o dia 15 de Julho se pode explorar o monte.

Posto isto, fica por ora prejudicada a questão de homens de trabalho.

Fico inteiramente ao seu dispor o que é com toda a consideração e estima.

de V. Ex^a.

amº. attº. e vº. obrig^{do}.

Aurelio d'Aguilar” (MNA, *Correspondência*, Ms. 202, de 20/05/1896 (Coito, 1999, p. 16, n.º 30)).

Leitura: *D(is)* . *M(anibus)* . *S(acrum)* / *L(aelia?) AMA* / *XXXV (triginta quinque)* / *F(aciendum)* . *C(urauit)* *T(itus)* . *LAE(lius?)* . *S(euerus?)*



Foto 7: CIL II 86

(© Pedro Marques)



Foto 8: CIL II 86, início da segunda linha

(© Pedro Marques)



Foto 9: CIL II 86, início da quarta linha

(© Pedro Marques)

1.2.7 São Tomé de Lamas

A epigrafia de S. Tomé de Lamas é composta apenas por uma inscrição. No mês de Setembro de 1893, Leite de Vasconcelos efectuou intervenções arqueológicas no Cadaval, tendo descoberto, entre outros materiais uma epígrafe que, como escreveu a Martins Sarmiento, “Ainda a não pude decifrar.” (Cardozo, 1958, pp. 150-151, n.º 45, de 21/10/1893).

Na carta de 21 de Novembro de 1896, o conservador da Biblioteca Nacional remeteu a Hübner um decalque do monumento epigráfico, com a sua proposta de leitura (CCE 65 (SMS Ms. 36)). O sábio alemão respondeu-lhe e, com base na lição que pensamos que estaria registada na missiva de 29 de Novembro, assim como na explanação que se lê na epístola de 12 de Dezembro (CCE 67; CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A)), o investigador lusitano reviu a sua leitura pelo dia 21 de Dezembro, data patente num manuscrito existente no Museu Nacional de Arqueologia: “21.XII.96 / O que leio é: [...]” (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope Cadaval (*Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas*)). Consequentemente, teria enviado outros decalques com uma nova proposta, confirmados na carta do erudito germânico de 10 de Janeiro de 1897 (CCE 71 (MNA Ms. 10473)). Esta troca de ideias e opiniões, culminou no artigo de Hübner, editado n’*O Arqueólogo Português*. Devido provavelmente ao

facto de Leite de Vasconcelos ter-lhe pedido para não publicar esta inscrição, assim como a epígrafe dedicada a *Band-*, situação que causou mau estar entre ambos, o estudo assemelha-se a uma “conversa”, na qual o sábio alemão vai fornecendo a sua lição e a leitura do seu correspondente, especificando a autoria de cada proposta (CCE 65 (SMS Ms. 36) – CCE 71 (MNA Ms. 10473); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167)).

Desde o início que Hübner considerou a inscrição dedicada ao imperador Marco Aurélio ou ao seu irmão Lúcio Vero, ainda que privilegie o primeiro. Por estes imperadores não terem sofrido uma *damnatio memoriae*, porque não se apagou a totalidade do nome e porque se afectou a parte superior do suporte, concluiu que as primeiras linhas foram raspadas não na época romana, mas num período posterior, que situou entre os séculos VIII d.C. e XVIII d.C.. Aceitamos a sua reconstituição, ainda que nos pareça que o espaço conteria três linhas, ao invés das quatro que editou no artigo. A fractura que afecta o início da primeira regra remanescente impede a observação da letra -C-, que o sábio alemão ora coloca reconstituído, ora visível. O investigador lusitano nunca a observou. Quanto ao -I-, reconhecemos a sua presença, tal como os autores que nos precederam e num trabalho nosso anterior, ainda que o carácter possa não estar completo. *NER/[VAE AB]NEPOTI* é admissível (CCE 65 (SMS Ms. 36); CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, *Envelope Cadaval (Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas)*; *EE* VIII 301; Alarcão, 1988a³, p. 47; *RAP* 508; Mantas, 1996, p. 696; Beleza, 2000, pp. 42-45, n.º 33; Marques, 2005, p. 145, nota 32. Fotos 10-12).

Depois do nome do imperador, o erudito germânico leu inicialmente *L . TITIVS L F(ilius) IV/[NI]OR*, mantendo-o mesmo depois dos decalques e da lição remetidos pelo conservador da Biblioteca Nacional em Dezembro de 1896, que lia *FEL . FLAV . FRV*. Segundo Hübner, a leitura do seu correspondente não era observável nas cópias que recebera. Todavia, no seu artigo, corrigiu para *T(itus) FL(auius) FLAV(inus) TRV/[T]OB(rigensis)*, mas também aceitando *FEL(ices) FLAV(ienses) TRV/[T]OB(rigensis)*, assim como a variante *TRV/[TI]OB(rigensis)*. Deste modo, teria existido em S. Tomé de Lamas, ou nas suas proximidades, um ópido com o nome Trutobriga, Trutiobriga ou Trutaebrega. O sábio alemão admitia porém, ainda, as hipóteses *FRV*, esta de Leite de Vasconcelos, *IRV* e *ERV*. Hübner foi o primeiro investigador a vislumbrar aqui o nome de um ópido, que teria recebido o direito latino na sequência do acto legislativo do imperador Vespasiano (CCE 70 (MNA Ms.

10472+10472A) – CCE 71 (MNA Ms. 10473); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope Cadaval (*Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas*); Alarcão, 1988a³, p. 47; RAP 508. Fotos 10-12).

Do mesmo modo que José Manuel Garcia, também nós não conseguimos esclarecer as três primeiras letras, devido ao campo epigráfico se encontrar gasto. Consentimos a proposta *FEL(ix)*, desdobrada por Alarcão, mas não será despiciente algo como *R(es) P(ublica)*, atestada por exemplo numa inscrição de Leiria, dedicada ao imperador Antonino, e em duas epígrafes de Faro, uma consagrada ao imperador Valeriano e a outra ao imperador Aureliano. *FLAV(ia)* lê-se e o seu desenvolvimento parece-nos natural. Refira-se que o traço horizontal do -L- é quase inexistente. Os caracteres seguintes visíveis são inteligíveis. No segundo hesitamos entre um -B- e um -R-, na medida em que o traço horizontal inferior está bastante ténue ou mesmo ausente. A primeira letra é um E-, pois apresenta três traços horizontais. Isto permitiria a hipótese *ERV*, já indicada pelo erudito germânico. Contudo, tendo em conta o topónimo *Eburobrittium*, o espaço físico desta *ciuitas*, que abrangeria a actual área de S. Tomé de Lamas, e que na epígrafe de Mértola dedicada a Marco Aurélio o topónimo prossegue o nome do imperador, lemos *EBV[R]OB(rittium)*, perfilhando Alarcão (CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A) – CCE 71 (MNA Ms. 10473); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); *EE* VIII 301; Alarcão, 1988a³, p. 47; RAP 504, 507-508, 516-517; Mantas, 1996, p. 696; Beleza, 2000, pp. 42-45, n.º 33; Marques, 2005, p. 145, nota 32. Fotos 10-12).

Concordamos com Hübner quando afasta a existência de duas preposições seguidas, *OB PER*, assim como quanto à separação de *PERC* em duas palavras distintas, *PER C*. Na própria leitura da palavra, seguimos Leite de Vasconcelos. De facto, perante a pedra, o segundo carácter da preposição é formado apenas por um traço vertical, o que resultaria em *PIR*. Como o sábio alemão e José Manuel Garcia apontam, os riscos horizontais podem ter desaparecido. No entanto, estando comprovada a oscilação gráfica entre *E* e *I* na epigrafia peninsular, mantemos *PIR*, ainda que como equivalente de *PER* (CCE 65 (SMS Ms. 36); CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope Cadaval (*Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas*); *EE* VIII 301; Carnoy, 1971², pp. 20-48; RAP 508; Mantas, 1996, p. 696; Beleza, 2000, pp. 42-45, n.º 33; Marques, 2005, p. 145, nota 32; Santos, 2005, pp. 29-32. Fotos 10-12).

O antropónimo do primeiro dedicante tem sido considerado *C(aium) IVLIVM LAVR[VM]* ou *TAVR[VM]*. Num trabalho anterior, propusemos ainda o *praenomen Quintus*. Os vestígios resmanescentes aproximam-se ao invés de um *G*, com a haste para baixo, similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 103, fig. 12, n.º 6a). O primeiro *V* de *Iulium* está danificado, mas a sua reconstituição é clara. Na primeira letra do *cognomen*, preferimos um *L*, na medida em que, como já indicou o erudito germânico, o traço horizontal deste carácter quase toca, ou toca efectivamente na nossa opinião, no *A*. Além disso, encontra-se atestado na epigrafia da *ciuitas* de *Eburobrittium*, um indivíduo que se chama precisamente *Gaius Iulius Laurus*. Está afastada a hipótese *Iaurum*, suscitada pelo conservador da Biblioteca Nacional, pois como Hübner referiu, este *cognomen* não se comprova na epigrafia latina (CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A) – CCE 71 (MNA Ms. 10473); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope Cadaval (*Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas*); CIL II 359; EE VIII 301; RAP 508; NPH, pp. 389, 397, 524; Solin & Salomies, 1994, pp. 95, 102; Mantas, 1996, pp. 696, 699; Beleza, 2000, pp. 41-42, n.º 31, 42-45, n.º 33; AALR, pp. 195, 211, 316-317; Marques, 2005, p. 145, nota 32. Fotos 10-12).

O nome do segundo dedicante foi observado pelo sábio alemão como *M MALLONIVM MARCIO/[NE]M*. Na quarta linha remanescente, Leite de Vasconcelos lia *IAMALLONIVM MARCIC*. Parece-nos claro a correcção do último *C* em *O*, uma vez que a pedra está danificada no local e, como o próprio erudito germânico indicou, não existe um *cognomen Marcic*[...]. Hübner chegou a propor o *cognomen* *[NV]M(erium)* no artigo que inseriu n' *O Arqueólogo Português*, mas na *Ephemeris Epigraphica* apresentou simplesmente *M*. Nesta letra seguimos José Manuel Garcia, que sugere um *A*, pois o traço que existe antes e que permitiria um *M* está demasiado afastado e não ostenta ligação ao primeiro risco do *A*. A nossa leitura é assim, *A*, por exemplo *A(ulus)*, *MALLONIVM*, sendo que o segundo *L* não exhibe o traço horizontal. Sobre o *cognomen*, observamos na pedra *MARCIO/LIANVM*, diferenciando-nos dos restantes autores. Contudo, este nome não está comprovado no Império. *Marciolianus* teria que derivar de *Marciolia* / *Marciolius*, também ainda por atestar na epigrafia, o que dificulta ainda mais esta opção. Poderia ser *MARCIO/LLANVM*, não apresentando o segundo *L* o traço horizontal, como noutros casos desta inscrição. Neste caso, derivaria de *Marciola* / *Marciolus*, nomes que se comprovam, ainda que poucas vezes. O *cognomen* mais fácil de explicar seria *MARCIO/NIANVM*, devido ao facto de derivar de *Marcio*, *Marcionis*,

este nome bastante atestado e sugerido por Hübner, sendo aceite posteriormente. Mas esta opção tem a desvantagem de não se verificar no monumento, pois apesar de este apresentar-se danificado, nesse local a pedra parece não estar tão arruinada e não subsiste nenhum traço oblíquo no início dessa linha. Deste modo, preferimos *MARCIO/LLANVM*, mas não excluimos as restantes opções (CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A) – CCE 71 (MNA Ms. 10473); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope Cadaval (*Inscrição ao pé de S. Thomé das Lamas*); *CIL* II 359; *EE* VIII 301; *RAP* 508; *NPH*, pp. 181-181, 412-414; Solin & Salomies, 1994, pp. 112, 358; Mantas, 1996, pp. 696, 699; Beleza, 2000, pp. 41-42, n.º 31, 42-45, n.º 33; *AALR*, pp. 227-229; Marques, 2005, p. 145, nota 32; http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php. Fotos 10-12).

O sábio alemão colocou várias hipóteses para o antropónimo do terceiro dedicante, nomeadamente *NVM PLATORIVM SABI/NVM* e *NVM(erium) CATILIVM FESTI/VVM*, rectificando depois a sua lição para *NVM(erium) [PLAETORIVM] M[A]V/RVM*. José Manuel Garcia propôs *NVM[ERIVM?] AVIT?IA/[N]VM*. Na nossa leitura, observamos este *cognomen*, precedido de *L GAETVL(ium)*. O traço horizontal do primeiro *L* subsiste, apesar de pequeno. O *G* apresenta o que pode ser vestígios de um risco inferior para baixo, um pouco similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 103, fig. 12, n.º 5a). Como os restantes *AA* da inscrição, este *A* também não ostenta o traço central. O *E* possui riscos horizontais. O *V* é claro. O *T* e o *L* não contêm os traços horizontais, mas é uma possibilidade, uma vez que o *nomen Gaetulius* está atestado no mundo romano. Oriundo da Quinta de São Gião, Torres Vedras, foi descoberto um monumento epigráfico com um *cognomen* derivado deste *nomen*: *Gaetulicus* (CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); *EE* VIII 301; *RAP* 508; Solin & Salomies, 1994, p. 84; Mantas, 1996, pp. 696, 699; Beleza, 2000, pp. 42-45, n.º 33; Marques, 2005, p. 145, nota 32. Fotos 10-12).

O nome do último dedicante coloca menos dificuldades de leitura e tem sido considerado de forma semelhante por todos os investigadores. O *cognomen* suscitou algumas questões pelos correspondentes ora em estudo, Afastada a hipótese *IAVRVM* do conservador da Biblioteca Nacional, por não estar comprovado na epigrafia, restavam *LAVRVM* e *TAVRVM*, sendo que Hübner preferia este último. Tendo em conta que alguns *LL* e *TT* não apresentam os traços horizontais, mantemos as duas opções (CCE 70 (MNA Ms. 10472+10472A); CCE 76 (Hübner, 1897b, pp. 161-167); *EE* VIII 301; *RAP* 508; *NPH*, pp. 389, 397, 524; Solin & Salomies, 1994, pp. 95, 102; Mantas,

1996, pp. 696, 699; Beleza, 2000, pp. 42-45, n.º 33; AALR, pp. 195, 211, 316-317; Marques, 2005, p. 145, nota 32. Fotos 10-12).

Leitura: [IMP(eratori) CAES(ari) M(arco) AVRELIO / ANTONINO AVG(usto) TRIB(unicia) POT(estate) CO(n)S(uli) / DIVI ANTONINI F(ilio) DIVI HADRI/ANI N(epoti) DIVI TRAIANI PARTHI/C]I PRONEPOTI DIVI NER/[VAE AB]NEPOTI [FEL(ix)? ou R(es)? P(ublica)?] FLAV(ia) EBV[R]OB(rittium) PIR G(aium) IVLIVM LAVR/[VM] A MALLONIVM MARCIO/LLANVM . L(ucium) GAETVL(ium) AVITIA/[N]VM ET M(arcum) IVL(ium) L(ou T)AVRVM

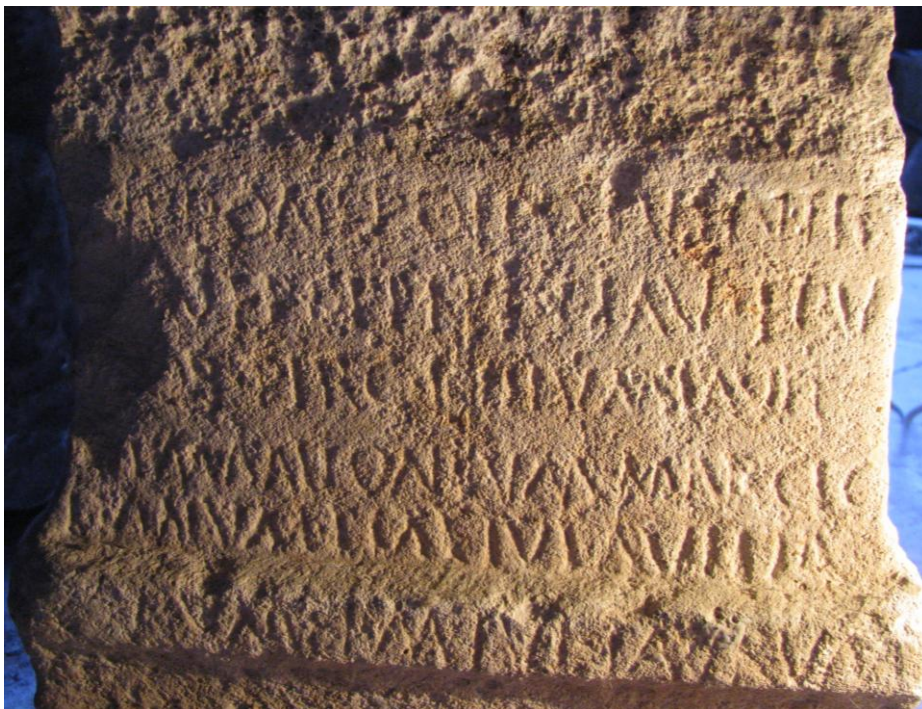


Foto 10: EE VIII 301

(© Pedro Marques)

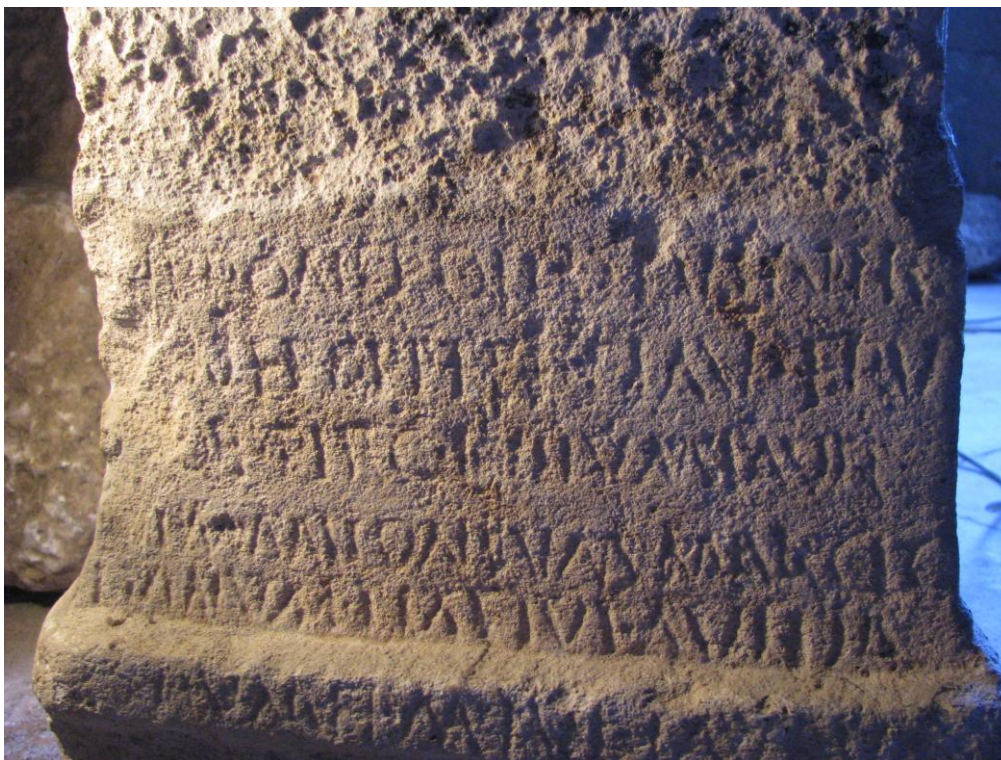


Foto 11: EE VIII 301

(© Pedro Marques)

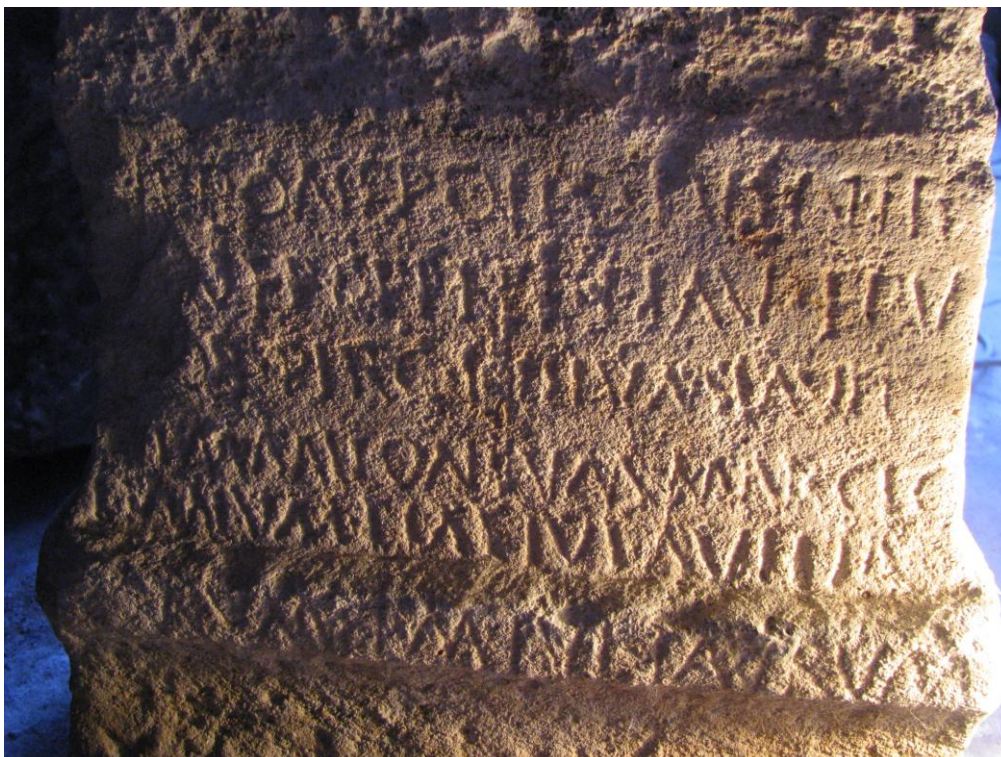


Foto 12: EE VIII 301

(© Pedro Marques)

1.2.8 Campo das Aldeias, Abrantes

A epigrafia do período romano identificada no local de Campo das Aldeias, na freguesia de Mouriscas, conta somente com duas inscrições (CCE 72 (SMS Ms. 39) (assinalados com “1)” e “2)”); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 1 - A-B, Envelope *Abrantes*; Vasconcelos, 1897c, p. 168; EE IX 22-23; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 12; Vasconcelos, 1930-1931, p. 224, n.º 12; Encarnação & Silva, 1982, n.ºs 3-4; Batata, 2006, p. 64, n.ºs 3-4). Ignoramos quem as descobriu ao certo.

Severino Lopes Santana Marques, aluno de medicina em Lisboa, natural daquele sítio, transmitiu o texto de um monumento a Leite de Vasconcelos. Regista-se no manuscrito existente no Envelope *Abrantes* do espólio do Museu Nacional de Arqueologia: “O Sr. Severino Marques, estudante da Eschola Medica de Lisboa, teve a bondade de me dar a seguinte cópia da inscrição de uma das tampas.”. Na sequência desta frase, neste apontamento, escreveu a epígrafe. Todavia, não identificámos a carta com o envio respectivo (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 1 - A-B, Envelope *Abrantes*; Vasconcelos, 1897c, p. 168. Cf. MNA, *Correspondência*, Mss. 12971-12989, 02/02/1897 a 29/06/1919 (Coito, 1999, p. 157, n.º 1985)).

O discente ofereceu as placas funerárias a Leite de Vasconcelos, ingressando assim no espólio do Museu Etnológico em 1897. Lê-se em postal do aluno ao director da instituição, datado de 02/02/1897 por carimbo dos correios de Lisboa: “Esta tem por fim avisar a V. Ex.^a que as pedras com as inscrições latinas vindas da terra da m.^a naturalidade se acham já na Rua de S. Miguel n.º 47 loja onde V. Ex.^a as pode mandar buscar qdº lhe approuver.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 12974, de 02/02/1897 (Coito, 1999, p. 157, n.º 1985)). No final do mês de Fevereiro, o investigador lusitano indicou esta aquisição a Hübner, transcrevendo os textos epigráficos na sua carta (CCE 72 (SMS Ms. 39)).

1.2.8.1 EE IX 22 (MNA N.º E 6310)

O conservador da Biblioteca Nacional referiu que o primeiro monumento, assinalado na missiva com “1)”, não apresentava dificuldades de leitura ou compreensão (CCE 72 (SMS Ms. 39)). De facto, a inscrição não oferece complicações e tem sido editada de forma semelhante, com algumas excepções, que passamos a analisar.

Na primeira linha, Leite de Vasconcelos não colocou um sinal entre o *S* e o *T*, registando assim no manuscrito existente no Envelope *Abrantes* (MNA, *Informações e*

Achados por Proveniência, Cx. 1 - A-B, Envelope Abrantes; CCE 72 (SMS Ms. 39)). Contudo, o sábio alemão incluiu o ponto. Desconhecemos por que razão efectuou o acréscimo. Talvez tenha pensado numa gralha do seu correspondente, perante o facto de nas regras seguintes se verificar sinais a separar todas as palavras (CCE 72 (SMS Ms. 39); *EE IX 22*). A bibliografia ulterior confirmou o ponto, que se lê na epígrafe (Encarnação & Silva, 1982, n.º 3; Batata, 2006, p. 64, n.º 3).

O erudito germânico foi o único autor a editar a primeira letra da segunda linha como um *C* (*EE IX 22*. Cf. MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 1 - A-B, Envelope Abrantes; CCE 72 (SMS Ms. 39); Encarnação & Silva, 1982, n.º 3; Batata, 2006, p. 64, n.º 3). Pensamos que ou trata-se de um engano, ou o desenho do carácter influenciou a essa consideração, uma vez que faltava o traço horizontal central do *G*. Inclusivamente no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum II* apenas se registava *Tongius* (*CIL II – S*, p. 1093). No entanto, o carácter é um *G*, similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 103, fig. 12, n.º 4a).

Na terceira regra, o investigador lusitano, seguido por Hübner, escreveu *H . S . E* (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 1 - A-B, Envelope Abrantes; CCE 72 (SMS Ms. 39); *EE IX 22*). Todavia, o monumento apresenta uma falha no início, não sendo visível a letra *H* e o sinal seguinte. Devido a este facto, actualmente publica-se [*H .*] (Encarnação & Silva, 1982, n.º 3; Batata, 2006, p. 64, n.º 3). Tendo em conta que o conservador da Biblioteca Nacional fornece nas suas leituras das inscrições as reconstituições devidamente assinaladas (cf., v.g., Vasconcelos, 1905b, *passim*; Vasconcelos, 1913b, *passim*; Vasconcelos, 1927-1929, pp. 216-217, n.º 6, p. 222, n.º 23, p. 223, n.º 26, pp. 225-227, n.ºs 34-35; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 118-123, n.ºs 23, 42-50, 52, 54, 57, 59, 63), cuidamos que a lasca foi posterior aos exames que concretizou. Além disso, não conhecemos trabalho epigráfico da autoria de Severino Marques, ao ponto de aceitarmos um restabelecimento do carácter por este aluno de medicina, pelo que teria transmitido a Leite de Vasconcelos o que efectivamente observou.

O investigador lusitano nunca publicou o monumento. O manuscrito existente no Envelope Abrantes talvez consistisse num rascunho de artigo, mas não o localizámos em nenhum periódico da época. Neste documento, regista a leitura e a interpretação da inscrição, que comentámos *supra*, faculta informações acerca do contexto arqueológico da descoberta, estuda o *cognomen Tongius* e data as letras do século I d.C. (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 1 - A-B, Envelope Abrantes). O estudo

deste manuscrito não se insere no âmbito do nosso trabalho, reservando-o assim para uma posterior edição. Gostaríamos apenas de salientar que a datação que fornece é a mesma que actualmente se atribui (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 1 - A-B, Envelope *Abrantes*; Encarnação & Silva, 1982, n.º 3; Batata, 2006, p. 64, n.º 3).

Leitura: AVITVS . TON/GI . F(ilius) . AN(norum) . LX (sexaginta) / [H(ic) .] S(itus) . E(st) / S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis)

I.2.8.2 EE IX 23 (MNA N.º E 6316)

A segunda epígrafe, assinalada na missiva com “2)”, não colocava igualmente problemas de leitura (CCE 72 (SMS Ms. 39)). Os autores têm-na publicado de forma semelhante, à excepção de sinais de pontuação. O sábio alemão seguiu a lição transmitida na epístola do conservador da Biblioteca Nacional (CCE 72 (SMS Ms. 39); EE IX 23; Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 12; Vasconcelos, 1930-1931, p. 224, n.º 12; Encarnação & Silva, 1982, n.º 3; Batata, 2006, p. 64, n.º 4).

No comentário, Leite de Vasconcelos aborda a questão de serem duas pessoas a dedicar o monumento ao defunto, a quem chamam filho. Por esta razão, seriam a mãe e a avó do morto, esta última mãe por duas vezes do seu neto (CCE 72 (SMS Ms. 39)). O erudito germânico também considerou interessante a oferta por duas mulheres, questionando se o segundo nome – *ET IVLIA* – teria sido acrescentado numa data posterior ao enterro (CCE 74 (MNA Ms. 10475+A)). O investigador português não respondeu à dúvida, seja por carta ou no seu artigo. Neste trabalho, manteve a hipótese de *Iulia* ser a avó, mas colocou também as possibilidades de consistir numa outra familiar ou ainda uma amiga (Vasconcelos, 1927-1929, p. 218, n.º 12. Cf. CCE).

A mãe era efectivamente *Placentia*, como figura nas segunda e terceira linhas. Assim, tendo *Iulia* ofertado ao descendente de *Placentia*, a quem apelida igualmente filho, inclinamo-nos para a tese inicial do conservador da Biblioteca Nacional. Ainda hoje, os avós tendem a considerar e chamar os netos de segundos filhos. No entanto, o texto não nos fornece esta informação de um modo claro. Certo é que uma pessoa quis associar-se à dedicatória de uma mãe ao filho. A paginação cuidada induz-nos a reconhecer que o texto foi todo grafado na mesma altura, e não num período ulterior, replicando com uma negativa à questão de Hübner.

O sábio alemão, como referiu na sua missiva, conhecia bastantes exemplos de inscrições funerárias oferecidas por duas ou mais pessoas, inclusivamente mãe e avó (CCE 74 (MNA Ms. 10475+A); *CIL* II 193, 387, 4080, 4352. Cf. *CIL* II; *CIL* II – S).

Leitura: (*hedera*) *DECVMVS* (*hedera*) / (*hedera*) *PLACENTIAE* . / . *FILIVS* (*hedera*?) *ANN(orum)* . *XII* (*duodecim*) . / . *H(ic)* . *S(itus)* . *E(st)* . *S(it)* . *T(ibi)* . *T(erra)* . *L(euis)* . / *PLACENTIA* . *ET* . *IVLIA* / . *FILIO* . *F(aciendum)* . *C(urauerunt)* (*hedera*)

1.2.9 Vila Boim

A epigrafia de Vila Boim era conhecida desde o século XVI, com Onófrio Panvínio. O *corpus* era, no entanto, composto por uma única inscrição, que Hübner não encontrou e que permanece em paradeiro desconhecido (CCE 75 (MNA Ms. 10476); *CIL* II – S 5216; *IRCP* 584).

No dia 5 de Março de 1897, Edward Dodgson escreveu a Leite de Vasconcelos ter identificado um monumento epigráfico em Vila Boim: “Dear Mr. Leite de Vasconcellos, I feel it my duty to ask you to rescue and put in a place of shelter, for instance the museum at Elvas or that of Evora, a roman inscription which I saw yesterday in Villaboim as I passed through that place in a walk of five hours from Villa Viçosa across the tapada to the albufera artificial lake to thence by the high road to through the village of Taruje to Elvas where I slept last night [...]. The stone was lying on a pavement of a house belonging to a woman named Maria on the left side of the main street as you enter from Taruje, opposite the house numbered 25. It contains some seven lines of Roman capital the last line being only F.C. the last line but one ending ISSIM...”⁷⁶² (MNA, *Correspondência*, Ms. 6978, de 05/03/1897 (Coito, 1999, p. 93, n.º 1083)).

O autor inglês forneceu assim os dados relativos à localização da epígrafe, a saber, entrando em Vila Boim vindo da direcção de Taruje, no pavimento de uma casa em

⁷⁶² Tradução: “Caro Sr. Leite de Vasconcelos, sinto ser meu dever pedir-lhe para resgatar e colocar num lugar de abrigo, por exemplo o museu em Elvas ou o de Évora, uma inscrição romana que eu vi ontem em Villaboim, enquanto eu passava por aquele local, num passeio de cinco horas, desde Vila Viçosa através da tapada para a albufera do lago artificial para aí, pela estrada através da povoação de Taruje para Elvas, onde eu dormi a última noite [...]. A pedra estava num pavimento de uma casa pertencente a uma mulher chamada Maria, no lado esquerdo da estrada principal, se entrar vindo de Taruje, no lado oposto à casa com o número 25. Contém umas sete linhas de capitais romanas, sendo a última linha apenas F.C., terminando a penúltima em ISSIM...”.

frente ao número 25, sendo proprietária uma mulher de nome Maria. A inscrição era composta por sete linhas, com caracteres capitais romanos, lendo-se no final da penúltima regra *ISSIM*... e na última linha *F . C*.

No mesmo dia que enviou a carta a Leite de Vasconcelos, Dodgson terá remetido uma missiva a Hübner. Se tivermos em conta a média de quatro dias de demora dos correios entre Portugal e Alemanha, observada no *corpus* de correspondência epistolar ora em estudo, se o sábio alemão indica que recebeu uma epístola do autor inglês no dia 9 de Março, Dodgson despachou o seu bilhete no dia 5 deste mês (CCE 75 (MNA Ms. 10476). Cf. CCE. *Vide* capítulo 3.1).

Pela carta do erudito germânico ao investigador português, podemos inferir que o autor inglês transmitiu uma informação semelhante aos dois epigrafistas, ainda que aquele localize *ISSIM* aparentemente no final da penúltima linha.⁷⁶³ Esta missiva terá chegado ao seu destino pelo dia 13 de Março, contando com a média supramencionada de quatro dias (CCE 75 (MNA Ms. 10476); MNA, *Correspondência*, Ms. 6978, de 05/03/1897 (Coito, 1999, p. 93, n.º 1083). *Vide* capítulo 3.1).

O conservador da Biblioteca Nacional recebeu a epístola de Dodgson pelo dia 6 de Março, data do carimbo dos correios de Lisboa. Perante a notícia de um monumento epigráfico, Leite de Vasconcelos escreveu a António Tomás Pires, em carta de 11 de Março, antes da missiva de Hübner: “Venho ocupá-lo num negócio de muita ponderação... archeologica. Disse-me o Dodgson, viajante inglês que ahi esteve, que em: Villa Boim, numa casa de uma mulher chamada Maria, á esquerda da rua principal, para quem entra de Taruje, defronte do n.º 25, no pavimento, ha uma inscripção romana... ora aqui está toda a importância do negócio! Em que se lê F. C., e outras palavras, inscripção que supponho ser funeraria. Póde obter-me para o Museu Etnográfico esta pedra? Eu pago toda a despesa, até mesmo a que se fizer com a compra, se a pedra se obtiver por este meio. O que desejava eu é que viesse bem acondicionada a pedra.” (Gama, 1964, pp. 183-184, n.º 132, de 11/03/1897, gravuras 11 e 12).

A resposta não foi positiva para os intentos do investigador português em adquirir a inscrição para o museu de Lisboa. O autor inglês havia escrito igualmente ao

763 Não nos é possível esclarecer este ponto, na medida em que não identificámos Edward Dodgson na correspondência epistolar de Hübner existente na Sociedade Martins Sarmento e não conseguimos deslocar-nos à Academia das Ciências na Alemanha, onde permanecerá o restante espólio (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; SMS, *Várias Cartas*).

bibliotecário do local, que remeteu a informação ao presidente da Câmara. Consequentemente, o monumento foi transportado para o museu de Elvas. Escreveu Tomás Pires, em 4 de Abril: “Acerca da pedra do Dodgson. Este dirigiu um cartão postal ao bibliothecario d’aqui, dando-lhe conhecim^{to} da inscrição romana e pedindo-lhe que a mandasse recolher. O bibliothecario mandou o cartão au presit.^e da Camara e d’ali mandaram recolher a pedra, e q.^{do} recebi a carta do meu amigo ja a inscrição estava no museu. A inscrição está m.^{to} gasta; mal se descobrem aqui e ali algumas letras. Em todo o caso procurarei tirar um calco p^a lhe mandar; mas pressinto que não ficará coisa que se apresente. Em saindo de casa trato d’isto.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 18755, de 04/04/1897 (Coito, 1999, p. 214, n.º 2732)).

Todavia, nesta data, 04/04/1897, o conservador da Biblioteca Nacional já sabia da ida da epígrafe para o museu de Elvas, pois Dodgson escreveu-lhe em 17 de Março, indicando: “He vuelto hoy [...] y hallado su bilhete del dia 14 y outro del Bibliothecario de Elvas anunciando que la lapide de Villaboim va para Elvas”⁷⁶⁴ (MNA, *Correspondência*, Ms. 6980, de 17/03/1897 (Coito, 1999, p. 93, n.º 1083)).

Não localizámos o decalque da inscrição no espólio do Museu Nacional de Arqueologia, nem uma cópia do texto epigráfico na correspondência recebida de Tomás Pires. Leite de Vasconcelos editou-o n’*O Arqueólogo Português*, lição que o sábio alemão seguiu (MNA, *Correspondência*, Mss. 18709-18826+A-G, de 23/09/1882 a 06/07/1913 (Coito, 1999, pp. 214-215, n.º 2732); Vasconcelos, 1897c, p. 121; *EE IX* 20).

No dia 18 de Junho de 1904, o investigador lusitano esteve em Elvas, como se pode inferir na correspondência remetida a Tomás Pires: “Querendo, podem dispor do Sabbado para eu estar em Elvas” (Gama, 1964, p. 247, n.º 190, de 14/06/1904). Neste local, terá observado o monumento e corrigido a leitura publicada, subsistindo no Museu Nacional de Arqueologia um papel com a cópia do texto epigráfico, assim como a indicação da viagem a Elvas (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Elvas*; Vasconcelos, 1897c, p. 121).

A inscrição apresenta-se muito gasta, pelo que se revelou impossível concretizar uma leitura e verificar se as letras correspondiam efectivamente a capitais romanas, como indicou Dodgson. Assim, seguimos Leite de Vasconcelos, Hübner e José d’Encarnação.

⁷⁶⁴ Tradução: “Voltei hoje [...] e encontrei o seu bilhete do dia 14 e outro do bibliotecário de Elvas, anunciando que a lápide de Vila Boim vai para Elvas”.

Na primeira linha, somente o conservador da Biblioteca Nacional leu um *S* em 1904, ainda que já suspeitada anteriormente (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Elvas*; Vasconcelos, 1897c, p. 121; *EE* IX 20). Na segunda regra, os autores foram unânimes em ler *VS*, ainda que o director do Museu Etnológico Português tenha observado um traço vertical diagonal antes destes caracteres, no ano de 1904 (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Elvas*; Vasconcelos, 1897c, p. 121; *EE* IX 20; *IRCP* 599, com foto). Na terceira linha, Encarnação completou a fórmula funerária *H . S [E?]* (*IRCP* 599, com foto). Por outro lado, este investigador não leu na quarta linha o *F*, nem o *I* antes de *CI*, assim como não reconheceu nada na quinta regra. Todavia, corrigiu aquele texto final para *Ċ(aii?) . F(ilius)* (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Elvas*; Vasconcelos, 1897c, p. 121; *EE* IX 20; *IRCP* 599, com foto). Também na sexta linha forneceu a leitura mais apurada: *ET . T [...]* *A* (*IRCP* 599, com foto). Em 1904, Leite de Vasconcelos proporcionou uma sétima linha, com *M [...]* *A*, sendo apenas a última letra aceite por Encarnação, e fixou a oitava regra em *FILIO PIISSIIMO*, o que corrobora a lição incompleta *-ISSIM-* de Dodgson (MNA, *Correspondência*, Ms. 6978, de 05/03/1897 (Coito, 1999, p. 93, n.º 1083); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Elvas*; CCE 75 (MNA Ms. 10476); *IRCP* 599, com foto). Anteriormente, havia registado apenas *FILI [...]* *SSIM*, que o sábio alemão editou, apesar de conhecer a opinião do investigador britânico (CCE 75 (MNA Ms. 10476); Vasconcelos, 1897c, p. 121; *EE* IX 20). A leitura da nona linha, com *F . C*, foi consensual desde o início (MNA, *Correspondência*, Ms. 6978, de 05/03/1897 (Coito, 1999, p. 93, n.º 1083); MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 2 - C-L, Envelope *Elvas*; CCE 75 (MNA Ms. 10476); Vasconcelos, 1897c, p. 121; *EE* IX 20; Gama, 1964, pp. 183-184, n.º 132, de 11/03/1897; *IRCP* 599, com foto).

Leitura (seguimos os autores que nos precederam a analisados *supra*): [... *S*] / [...] *VS* / [...] *H . S [E?]* / [...] *F [...]* *I Ċ(aii?) . F(ilius)* / [...] / *ET . T [...]* *A* / *M [...]* *A* / *FILIO PIISSIIMO* / *F(aciendum)* . *C(urauerunt)*

1.2.10 Maceira

Hübner recolheu duas epígrafes de Maceira no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (CIL II 343, 349; Brandão, 1972, pp. 131-136, n.º XLIII-XLIV). No *Supplementum*, incluiu mais três inscrições, enviadas por José Calado (CIL II – S 6272-6274; Brandão, 1972, pp. 163-170, n.º XL-XLII), ficando assim concluído o *corpus* deste local. Talvez sejam as epígrafes referidas na carta de 04/05/1890: “Tomo a liberdade de enviar a V. Ex.^{cia} duas inscrições ineditas 1.^a e 2.^a”⁷⁶⁵ (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Ms. 5, de 04/05/1890). Não é consensual o lugar de proveniência da última, Maceira ou Porto de Mós. Devido ao facto de não possuímos informações diferentes dos investigadores que nos precederam, mantemos as dúvidas e a questão em aberto. A correspondência de José Calado, enviada ao sábio alemão e guardada no Museu da Sociedade Martins Sarmento, também não permite esclarecer a questão (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 4-5, de 18/05/1889 a 04/05/1890; CIL II – S 6274; Brandão, 1972, pp. 166-167, n.º XLI. Cfr. Bernardes, 1996, p. 224, n.º 72/1; Bernardes, 2007, pp. 230-231, n.º 43).

No Natal de 1897 e Janeiro de 1898, Leite de Vasconcelos concretizou uma viagem, que incluiu uma visita a José Calado, no Juncal, concelho de Porto de Mós (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 205). Segundo carta de José Calado, de 18/12/1897, o director do Museu Etnográfico Português chegaria à estação [de comboio] de Valado no dia 24/12/1897: “Na proxima 6.^a feira, 24, às 12 ½ dos dias, tem V. Ex.^{cia} na estação de Valado uma cavalgadura e um creado para o acompanhar a esta sua casa, onde ansiosamente o espero para o abraçar” (MNA, *Correspondência*, Ms. 3535, de 18/12/1897 (Coito, 1999, p. 55, n.º 535)). Assim, pôde analisar presencialmente dois monumentos, propriedade deste indivíduo (CIL II – S 6272-6273). Um não apresentava dúvidas na leitura, pelo que não se pronunciou acerca do mesmo (CIL II – S 6272; Brandão, 1972, pp. 168-170, n.º XLII; Bernardes, 1996, p. 188, n.º 38/3; Bernardes, 2002, pp. 149-151, n.º 16; Bernardes, 2007, pp. 213-214, n.º 16).

O outro fora quebrado, o que afectou o campo epigráfico no princípio do texto, em talvez 3 linhas, e na parte inicial das regras, pensamos que numa letra, devido ao tamanho dos caracteres, ao teor do texto e às letras que consideramos fazer sentido faltar nas segunda, quarta e quinta linhas subsistentes (CIL II – S 6273; Bernardes,

⁷⁶⁵ Seria interessante consultar os decalques do CIL II e CIL II – S pertencentes à Academia das Ciências de Berlim, de modo a tentar esclarecer esta questão. Reservamo-lo para um trabalho ulterior.

1996, p. 187; Bernardes, 2002, pp. 147-148, n.º 15; Bernardes, 2007, pp. 212-213, n.º 15. *Vide infra* Leitura).

Deve-se a Domingos de Pinho Brandão a reconstituição do início da epígrafe, seguida e aperfeiçoada por João Pedro Bernardes. Preferimos a hipótese apresentada por este autor – *D(is) M(anibus)* –, uma vez que figura nas outras duas inscrições também oriundas da igreja paroquial de Maceira (Brandão, 1972, pp. 163-165, n.º XL, com foto; Bernardes, 1996, pp. 187-188, n.º 38/1; Bernardes, 2002, pp. 142-149, n.ºs 13-15; Bernardes, 2007, pp. 211-212, n.ºs 13-14). A presença de um *praenomen* e um *nomen* entre esta suposta primeira regra e a linha com a parte terminal dos caracteres OMNO é exequível, na medida em que o pai do defunto figura com os *tria nomina* latinos. Tendo em conta a comum transmissão de onomástica entre pais e filhos, os *duo nomina* que faltariam seriam decerto *Tiberius Claudius*, já apresentados pelo segundo investigador (López Barja, 1993, pp. 41-45; Bernardes, 2002, p. 148; Bernardes, 2007, pp. 212-213, n.º 15).

Todos os autores consideraram o *cognomen* *Domno*, à excepção de Leite de Vasconcelos, que leu *Somno*. Aquela opção basear-se-ia certamente na existência do antropónimo *Domno* na epigrafia (*CIL* III – I 1289; *CIL* III – II – S 12142; *CIL* VIII – I 1838=16498; Brandão, 1972, p. 165; Solin & Salomies, 1994, p. 325; Bernardes, 2002, p. 149; Bernardes, 2007, pp. 212-213, n.º 15). A preferência por *Somno* estava relacionada com o facto do *cognomen* *Hypnus* se encontrar atestado na Península Ibérica (CCE 100 (SMS Ms. 51); *CIL* II 242, 3086; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 207; *NPH*, pp. 386, 388; *AALR*, p. 193). Contudo, tal como Hübner indicou por carta a Leite de Vasconcelos, não aparece este antropónimo na epigrafia, mas apenas *Somnio*, e ainda *Sommius* e *Somnius* enquanto *nomina* (CCE 99 (MNA Ms. 10486); Solin & Salomies, 1994, pp. 174, 405). Deste modo, mantemos a posição do corresponde alemão, que confere menos probabilidades a *Somno* que a *Domno* (*EE* IX 6273).

Na regra seguinte, a letra que faz sentido, e portanto em falta, é claramente um A-, sendo reconstituível a palavra abreviada *ANN(orum)*, a preceder a informação do número dos anos. Deste modo, aceitamos a restauração *ET* no início da sexta linha, como termo de ligação entre os anos e os meses indicativos da idade do defunto. O único autor que não o inseriu na sua publicação foi Hübner, por não surgir na cópia remetida por José Calado, apesar de este lhe ter mencionado a existência de um traço vertical, como referiu no *CIL*. Este aspecto não está presente na correspondência remetida por este autor português ao sábio alemão existente na Sociedade Martins

Sarmento (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, Mss. 4-5, de 18/05/1889 a 04/05/1890; *CIL* II – S 6273; Brandão, 1972, pp. 163-165, n.º XL, com foto; Bernardes, 1996, pp. 187-188, n.º 38/1; Bernardes, 2002, pp. 147-149, n.º 15; Bernardes, 2007, pp. 212-213, n.º 15. *Vide* Leitura).

O nome do dedicante é *Tiberius Claudius Tiberianus*, onomástica amplamente comprovada na Epigrafia Latina (*NPH*, p. 111-113, 229, 330, 528; Solin & Salomies, 1994, pp. 56, 185-186, 412). Em *Claudius*, Leite de Vasconcelos referiu nexos diferentes dos editados por Hübner, lição que este epigrafista seguiu na segunda publicação. Contudo, esta leitura estava errada, tendo o investigador português publicado a hipótese correcta décadas depois (Foto 13) (CCE 98 (SMS Ms. 52); *CIL* II – S 6273; *EE* IX 6273; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 207; Brandão, 1972, pp. 163-165, n.º XL, com foto; Bernardes, 1996, pp. 187-188, n.º 38/1; Bernardes, 2002, pp. 147-149, n.º 15; Bernardes, 2007, pp. 212-213, n.º 15). Consideramos que os dois caracteres do início da sétima regra poderiam ter sido gravados em nexos, semelhantemente às duas letras finais dessa linha. Conseguir-se-ia assim colocar no mesmo espaço uma palavra com mais caracteres. Este aspecto estaria em conformidade com as restantes linhas, às quais falta somente uma letra, a que acresce o facto de a junção entre o *T*- e o *-I*- se encontrar bem documentada na epigrafia (cf., v.g., *FC*, pp. 38-40, 78, 84-85, 93-97, n.ºs 18, 51, 60, 71-73; *IRCP* 235, 429; Redentor, 2002, pp. 90-91, n.º 35; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 417, n.º 81; Ferreira, 2004, pp. 50-51, 98-99, 156-157, n.ºs 3, 74, 158, 159). Por faltar apenas um caracter no início das regras, preferimos *Pater* a *Frater*, tal como Leite de Vasconcelos (CCE 98 (SMS Ms. 52); *CIL* II – S 6273).

Quanto à última linha, a observação do epigrafista luso teria como objectivo confirmar a existência da letra *F*, leitura consensual em todos os autores e que pudemos atestar presencialmente (Foto 14) (CCE 98 (SMS Ms. 52); *CIL* II – S 6273; Brandão, 1972, pp. 163-165, n.º XL, com foto; Bernardes, 1996, pp. 187-188, n.º 38/1; Bernardes, 2002, pp. 147-149, n.º 15; Bernardes, 2007, pp. 212-213, n.º 15. *Vide infra* Leitura).

Leitura: [D(is) M(anibus)] / [D]OMNO / [A]NN(orum) XXVIII (uiginti octo) / [E]T MEN(sium) XI (undecim) / [T]IBERIVS / [C]LAVDIVS / [TI]BERIANVS / [P]ATER / F(aciendum) (hedera) C(urauit)



Foto 13: *CIL II – S 6273*, sexta linha

(© Pedro Marques)



Foto 14: *CIL II – S 6273*, nona linha

(© Pedro Marques)

1.2.11 Porto de Mós

A epigrafia de Porto de Mós conta com três monumentos, sendo que o terceiro foi descoberto e editado apenas em 1972, por Domingos de Pinho Brandão (*CIL II – S 5237-5238*; Brandão, 1972, pp. 130-137, n.º XXVII-XXIX).

Augusto Soromenho remeteu dois textos epigráficos a Hübner em 31/03/1873, que este sábio alemão editou no volume II da *Ephemeris Epigraphica* e, claro, no Suplemento do *CIL II*, se bem que com diferenças, que serão analisadas *infra*. Os textos transmitidos foram os seguintes: “*D . M . S / C . A . M / ANN . LXX / CLAUDIVS / IVLIANVS / PA PISSIMO*”; “*C . SVLPICIO / PIILIO CIILTI F / MILITI CÓRTIS / LVSITANORVM / QVI OBIT CVNN ... / AII IICVNA ..*” (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 50, de 31/03/1873; *EE* IIa 305-306; *CIL II – S 5237-5238*). José Calado enviou as inscrições a Victorino da Silva Araújo, autor responsável pela sua publicação em 1876, citada no volume IV da *Ephemeris Epigraphica* (Araújo, 1874-1876, pp. 187-188, n.º 16-17; *EE* IV 305-306). Estas leituras confirmavam as lições de Soromenho (*CIL II – S 5237-5238*).

No Natal de 1897, Leite de Vasconcelos visitou também o castelo de Porto de Mós, no dia 26/12/1897 (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 208. *Vide* capítulo I.2.10). Neste local pôde ler as duas inscrições embutidas nas muralhas, efectuando a sua análise epigráfica presencial das mesmas, o que lhe permitiu corrigir os textos dados a conhecer anos antes. As condições perigosas do seu labor meticoloso ficaram registadas na carta

ao erudito germânico e no seu artigo. Apesar disso, não desistiu até atingir o êxito (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 205).

Na missiva de 10/01/1898, o investigador português remeteu as suas leituras destes monumentos, assim como da inscrição de Maceira, a Hübner e indicou-lhe a futura edição n' *O Arqueólogo Português* (CCE 98 (SMS Ms. 52). *Vide* capítulo I.2.10). O sábio alemão já não conheceu estes artigos, uma vez que são posteriores à sua morte, mas os textos e as indicações são iguais aos enviados (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 208-209).

I.2.11.1 CIL II – S 5237 (Castelo de Porto de Mós)

O primeiro monumento referido na epístola apresenta algumas diferenças em relação ao publicado anteriormente.

Na regra inicial, o conservador da Biblioteca Nacional afirmou não existir o segundo ponto, a separar as letras *M* e *S*. De facto, tal como indicou Brandão, existe uma falha na pedra. Pode eventualmente ter existido um sinal de pontuação, mas tal não é observável na actualidade, pelo que seguimos a lição de Leite de Vasconcelos (Foto 15) (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1938a [1956], p. 208; Brandão, 1972, pp. 130-131, n.º XXVII, com foto; Bernardes, 1996, p. 224, n.º 72/2; Bernardes, 2002, p. 193, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 228, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto. Cfr. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 50, de 31/03/1873; *EE* IIa 305; Araújo, 1874-1876, p. 187, n.º 16; *CIL* II – S 5237; *ILER* 3950. Cfr. ainda Almeida & Ferreira, 1967, pp. 65-66, sem pontos).

A segunda linha não coloca dúvidas de leitura, contendo os *tria nomina* do pai e defunto, em sigla – *C. A. M.* –. A única interpretação diferente foi proposta por Araújo, ainda que dubitativamente, não sendo considerada por nenhum dos autores subsequentes (Foto 15) (Araújo, 1874-1876, p. 187, n.º 16. Cfr. CCE 98 (SMS Ms. 52); *CIL* II – S 5237; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 208; Almeida & Ferreira, 1967, pp. 65-66; *ILER* 3950; Brandão, 1972, pp. 130-131, n.º XXVII, com foto; Bernardes, 1996, p. 224, n.º 72/2; Bernardes, 2002, p. 193, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 228, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto). O erudito germânico considerou que, se os caracteres estavam bem lidos, o dedicante seria filho natural, ou semelhante, do defunto, uma vez que ostenta um *nomen* diferente do seu pai – *A.* e *Claudius* –. De qualquer das formas, os antropónimos seriam incertos (*EE* IIa 305; *CIL* II – S 5237).

Segundo as regras de transmissão do gentílico, o *nomen* seria diferente de pai para filho em caso de filhos naturais, recebendo estes o nome de família da mãe. Uma vez que o dedicante desta inscrição possui um gentílico diferente do seu pai, teria esta condição, tese apresentada por Hübnér (*EE* IIa 305; Cagnat, 1898a³, pp. 64-78; Bloch, 1964, pp. 30-34; Costa, 1972², pp. 53-65. Cfr. Bernardes, 2002, p. 194, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 229, n.º 40).

Poderíamos estar perante uma adopção. Neste caso, o dedicante seria filho de C. A. M., mas teria sido adoptado por um membro da família *Claudia* e, assim, adquirido o *nomen* do seu pai adoptivo, *Claudius*. Era comum manter o gentílico inicial em posição de *cognomen*, ao qual se acrescentaria o sufixo *-anus*. *Iulianus* contém esta terminação, o que indicaria uma anterior pertença à família *Iulia*. No entanto, o *nomen* do seu suposto pai de sangue começa com A e não com I, pelo que adoptado ou não, teria recebido o gentílico primitivo de uma terceira pessoa, nomeadamente a sua mãe. Regressaríamos assim à hipótese do sábio alemão (*EE* IIa 305; Cagnat, 1898a³, pp. 72-74; Bloch, 1964, p. 31; Costa, 1972², pp. 56-58).

Afastamo-nos de Bernardes, na medida em que, quando alguém era adoptado, abandonaria os seus nomes, pelo que não regressaria a estes, muito menos numa dedicatória ao seu pai adoptivo. C. A. M. poderia ser o padrasto (Bernardes, 2002, p. 194, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 229, n.º 40). Este facto explicaria a onomástica diferente. Nesta condição, seria filho legítimo de um membro da família *Claudia*. A forma carinhosa de tratamento, *Pa(tri) Piissimo*, significaria que o padrasto havia tratado o enteado como se fosse seu próprio filho. Mas, sendo assim, porque não o adoptou?

Apesar destes factos, verificam-se excepções na epigrafia, pelo que poderíamos estar perante pai e filho (López Barja, 1993, pp. 44-45). Não sendo possível comprovar esta relação familiar, preferimos a tese do erudito germânico (*EE* IIa 305).

O conservador da Biblioteca Nacional foi o primeiro a desenvolver a sigla do *praenomen* em C(aius), sobejamente atestado na epigrafia peninsular (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 209). Deve-se a Brandão a hipótese de interpretação dos outros dois nomes. O carácter A poderia corresponder ao *nomen* A(ntonius) ou A(urelius), acrescentando Bernardes ainda A(ilius), apesar de preferir o primeiro. Quanto ao *cognomen*, ambos os autores propõem M(aximus). Concordamos com estas hipóteses, por se basearem na comprovação destes antropónimos na região, assim como em acontecimentos históricos, relacionados com a extensão da cidadania a todo o Império,

no ano de 212 d.C., pelo imperador Caracala (Brandão, 1972, pp. 130-132, n.º XXVII; *NPH*, pp. 75, 79-82, 90-92, 422-424; Bernardes, 2002, pp. 192-195, n.º 40; *AALR*, pp. 80-82, 91-92, 111-112, 234-237; Bernardes, 2007, pp. 228-229, n.º 40).

Hübner escreveu na sua carta a Leite de Vasconcelos que faltava a terceira linha à cópia que Soromenho lhe havia enviado, e de facto não a editou no volume II da *Ephemeris Epigraphica* (CCE 99 (MNA Ms. 10486); *EE* IIa 305). Estranhámos esta afirmação, pois o texto epigráfico registado na missiva deste professor contém esta regra. É certo que esta parte da epístola poderia ter sido escrita posteriormente. Todavia, inclinamo-nos para uma mesma autoria do assinante da carta, pelas seguintes razões. Os textos figuram associados a frases com uma grafia semelhante à restante missiva (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 50, de 31/03/1873). Caso fossem redigidos pelo erudito germânico, estariam em alemão ou latim, como ocorre no caso do *corpus* ora em estudo (CCE 63 (SMS Ms. 34); CCE 77 (SMS Ms. 40); CCE 98 (SMS Ms. 52); CCE 130 (SMS Ms. 66). Se tivessem sido escritos após a epístola do conservador da Biblioteca Nacional, apresentariam a sétima regra desta inscrição, assim como a lição deste investigador quanto às quinta e sexta linhas do outro monumento, analisado *infra* (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1902a, p. 171; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 208-209). Eventualmente, poderíamos esclarecer esta questão no espólio do *CIL* existente na Academia das Ciências de Berlim. Contudo, não nos foi possível consultar este espólio, pelo que reservamos as dúvidas para um trabalho futuro. Além disso, o artigo de Araújo, citado no volume IV da *Ephemeris Epigraphica*, ostentava igualmente a terceira regra (Araújo, 1874-1876, p. 187, n.º 16; *EE* IV 305).

A redacção da carta por Leite de Vasconcelos conduziu a uma má leitura do final da linha por parte de Hübner, observando as letras *III* em riscos, cujo objectivo seria eliminar algo que se escrevera antes. O sábio alemão registou a sua lição na missiva seguinte – *ANN LXXIII* –, pelo que o investigador português poderia ainda ter corrigido para *ANN LXX*. No entanto, na epístola seguinte apenas referiu a inscrição *CIL* II – *S* 5238, analisada *infra*, não regressando novamente àquele monumento (CCE 98 (SMS Ms. 52) – CCE 100 (SMS Ms. 51). Cf. CCE). No volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, foi editado *ANN LXIII*, omitindo um *X* talvez por gralha (*EE* IX 5237).

O conservador da Biblioteca Nacional registou no seu artigo que no fim da regra não existia outro *X* (Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 208-209). Pensamos que tal afirmação se deve ao que aparenta ser o início superior esquerdo de um traço, que possui uma orientação igual aos *XX* antecedentes. Contudo, a pedra encontra-se partida nesse local,

não sendo possível esclarecer se existia naquele local outro carácter e, em caso positivo, qual seria essa letra. A investigação tem seguido a leitura de Leite de Vasconcelos, *ANN LXX*, que também adoptamos (Foto 15) (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 208-209; Brandão, 1972, pp. 130-132, n.º XXVII, com foto; Bernardes, 1996, pp. 224-225, n.º 72/2; Bernardes, 2002, pp. 192-195, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 228-229, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto. Cfr. Almeida & Ferreira, 1967, pp. 65-66; *ILER* 3950).

As linhas quatro, cinco e seis têm sido lidas de forma praticamente igual por todos os autores. Somente na sexta regra ocorre uma diferença, referenciada pelo conservador da Biblioteca Nacional. Este autor observou pela primeira vez um ponto a separar as duas palavras, lendo assim *PA(tri) . PISSIMO*. A investigação subsequente, Brandão e Bernardes, seguiu esta lição, com a qual também concordamos. Não reconhecemos a folha de hera indicada por Almeida e Ferreira (Foto 15) (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 50, de 31/03/1873; CCE 98 (SMS Ms. 52); *EE* IIa 305; Araújo, 1874-1876, p. 187, n.º 16; *CIL* II – *S* 5237; Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 208-209; Almeida & Ferreira, 1967, pp. 65-66; *ILER* 3950; Brandão, 1972, pp. 130-132, n.º XXVII, com foto; Bernardes, 1996, p. 224, n.º 72/2; Bernardes, 2002, pp. 192-195, n.º 40; Bernardes, 2007, pp. 228-229, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto).

Bernardes colocou a dúvida se na sexta linha não estaria *PEISSIMO*. De facto, como indicou, o traço vertical ostenta uma pequena barra horizontal a meio, à qual poderíamos acrescentar outros dois riscos, na parte superior e talvez inferior (Foto 15) (Bernardes, 2002, p. 193, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 229, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto). Teríamos, deste modo, um *-E-*. No entanto, surpreende a forma exígua da gravação desta letra, que contrasta com as restantes, inclusive com o *F* da sétima regra (Foto 15).

É certo que se podem verificar, numa mesma inscrição, diferenças no *ductus*, ocorrendo em simultâneo a presença de caracteres monumentais ou actuários e cursivos (cf., v.g., *IRCP* 58, 290, 427. *Vide* capítulo I.2.6). Igualmente, encontra-se atestado na língua latina, e em específico na epigrafia peninsular, alguma variabilidade entre as letras *E* e *I* (Carnoy, 1971², pp. 20-48; Santos, 2005, pp. 29-32). Todavia, não conhecemos a estranha forma *PEISSIMVS* no território hispânico.

Assim, optamos por considerar os traços horizontais do *-I-* como “serifs”, ou sulcos resultantes de uma grafagem descuidada. Por exemplo, no arranque superior do *-L-* da quinta linha é visível um risco horizontal curto, desnecessário, sendo diferente dos *LL*

das terceira e quarta regras. Por outro lado, podem ainda consistir em defeitos da própria pedra, que apresenta alguns. Mantemos as dúvidas e, por isso, consideramos, como Bernardes, *PIISSIMO* (Foto 15) (Bernardes, 2002, p. 193, n.º 40; Bernardes, 2007, p. 228, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto).

Leite de Vasconcelos registou no seu postal ao erudito germânico uma sétima regra, com *F C (hedera)*, que ele lê, mas era desconhecida até então (Foto 15) (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1938a [1956], p. 209; Brandão, 1972, pp. 130-131, n.º XXVII; Bernardes, 1996, p. 224, n.º 72/2; Bernardes, 2002, p. 193, n.º 40; Bernardes, 2007, pp. 228-229, n.º 40, p. 253, n.º 40, com foto. Cfr. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 50, de 31/03/1873; *EE* IIa 305; Araújo, 1874-1876, p. 187, n.º 16; *CIL* II – *S* 5237; *ILER* 3950. Cfr. ainda Almeida & Ferreira, 1967, pp. 65-66). Hübner não a editou na sua correcção do texto epigráfico, no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (*EE* IX 5237). Ignoramos qual a razão. Na sua resposta, apenas referiu faltar a terceira linha à cópia inicial de Soromenho, questão analisada *supra* (CCE 99 (MNA Ms. 10486)).

Leitura: *D(is) . M(anibus) S(acrum) / C(aius) . A(ntonius) (ou Aurelius ou Allius)) . M(aximus) / ANN(orum) LXX (septuaginta) / CLAVDIVS / IVLIANVS / PA(tri) . PIISSIMO / F(aciendum) C(urauit) (hedera)*

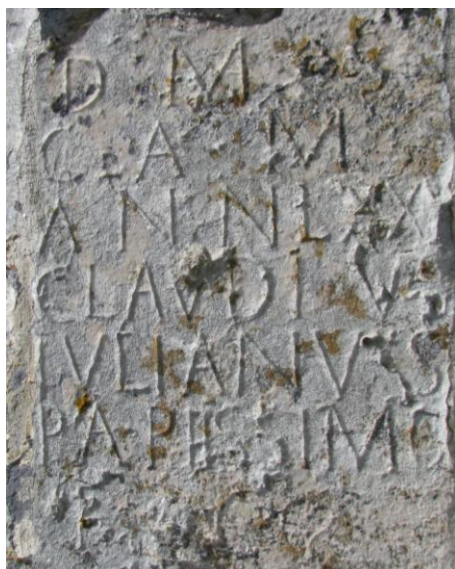


Foto 15: *CIL* II – *S* 5237

(© Pedro Marques)

1.2.11.2 CIL II – S 5238 (Castelo de Porto de Mós)

O conservador da Biblioteca Nacional compreendeu o segundo monumento referido na carta de forma um pouco diversa do editado previamente.

As primeiras quatro regras, assim como os dois primeiros vocábulos da quinta linha, têm sido lidas de modo semelhante, à excepção de sinais de pontuação. Araújo afastou-se desta lição na segunda palavra da segunda regra, sendo ignorado nos estudos posteriores. Este facto induz-nos a não entender a afirmação do sábio alemão quanto a esta leitura corroborar a informação de Soromenho. Também Bernardes observou inicialmente *OBO(i)T*, na quinta linha, que corrigiu depois para *OBIT*, regressando à lição anterior (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 50, de 31/03/1873; CCE 98 (SMS Ms. 52); *EE* IIa 306; Araújo, 1874-1876, pp. 187-188, n.º 17; *EE* IV 306; *CIL* II – S 5238; Vasconcelos, 1902a, p. 171; *EE* IX 5238; Brandão, 1972, pp. 133-136, n.º XXVIII, com foto; Le Roux, 1982, p. 226; Bernardes, 1996, p. 225, n.º 72/4; Bernardes, 2002, pp. 195-196, n.º 41; Bernardes, 2007, pp. 229-230, n.º 41, p. 253, n.º 41, com foto. Cfr. *ILER* 3435).

As duas primeiras regras continham o nome e a filiação do defunto, as seguintes terceira e quarta revelavam a sua função. Os *cognomina* de ambos eram indígenas. O erudito germânico baseou-se em testemunhos epigráficos para defender que *Pelio* estaria por *Pellus* ou, no *Supplementum*, *Pellio*. Actualmente conhecem-se outras inscrições com estes antropónimos (*EE* IIa 306; *CIL* II – S 5238; Vasconcelos, 1902a, p. 171; Brandão, 1972, p. 135, n.º XXVIII, com foto; *NPH*, pp. 324, 453; Bernardes, 2002, p. 196, n.º 41; *AALR*, pp. 140, 259-260; Bernardes, 2007, pp. 229-230, n.º 41, p. 253, n.º 41, com foto). Desempenhava um cargo militar, soldado, de uma coorte dos Lusitanos. Hübner salientou o facto de se desconhecer o número desta, mas situou-a no século I d.C.. Com o desenvolvimento da investigação, considerou-se que o *nomen* do defunto *Sulpicius*, gentílico adoptado do imperador Galba, e a datação da epígrafe, do último terço do século I d.C., indiciam tratar-se de uma das primeiras coortes criadas, no âmbito da crise de 68 d.C. (*EE* IIa 306; *CIL* II – S 5238; Le Roux, 1982, pp. 226-227; Bernardes, 2002, p. 196, n.º 41; Bernardes, 2007, pp. 229-230, n.º 41).

O sábio alemão relacionou na primeira edição o final da quinta linha com a sexta regra, sugerindo muito dubitativamente uma data e a colocação do monumento por um herdeiro. Assim, o texto *CVNN... / AII IIICVNA..* desenvolvia-se *CVN[TVM] N[ON]/A[S] I[AN(uarias) H(eres) P]ECVN[I]A [SVA TITVLVM POSVIT]*. *Cuntum* seria uma forma corrompida por *quintum*. Todavia, no *Supplementum* omitiu esta hipótese,

registrando “*Cun...*” no desenvolvimento do texto e afirmando que as linhas não podiam ser compreendidas integralmente, por as palavras se encontrarem danificadas (*EE* IIa 306; *CIL* II – *S* 5238).

Araújo ligou também as duas regras, mas interpretou-as de modo diferente. Uniu os caracteres do final da quinta linha às três primeiras letras do início da sexta regra, lendo *CVNNAE*, vocábulo que indicaria o lugar onde *Pelio* havia falecido. O autor sugeriu ainda algumas hipóteses de localização deste sítio. Quanto à data, cingiu-se ao restante texto da última linha. *IIICVNA* seria *III (tertio) C(alendas) [I]VN[I]A[S]*, ou ainda *IN CVNNAE*, repetindo o texto imediatamente anterior – *OBIT CVNN/AE IN CVN[N]A[E]* –. Esta opinião não parece ter sido considerada pelo erudito germânico, que apenas citou o artigo, no volume IV da *Ephemeris Epigraphica* e no *Supplementum* (Araújo, 1874-1876, pp. 187-188, n.º 17; *EE* IV 306; *CIL* II – *S* 5238).

A análise presencial de Leite de Vasconcelos permitiu esclarecer o texto do final da quinta e da sexta regras (*CCE* 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1902a, p. 171; *EE* IX 5238; Brandão, 1972, pp. 133-136, n.º XXVIII, com foto; Le Roux, 1982, p. 226; Bernardes, 1996, p. 225, n.º 72/4. Cfr. *ILER* 3435; Bernardes, 2002, pp. 195-196, n.º 41; Bernardes, 2007, pp. 229-230, n.º 41, p. 253, n.º 41, com foto).

O investigador português manteve a junção entre os caracteres do final da quinta linha e as letras do início da sexta regra, sugerida por Araújo, mas corrigiu a leitura para *CVLVNI/AII=CVLVNIAE*, propondo uma correspondência com *Cluniae*. Este último autor já havia mencionado este lugar, num conjunto de outras possibilidades, referido num monumento de *Olisipo*, e cuja localização era em Alto de Castro, no actual território espanhol. Hübner aceitou, imediatamente e sem dúvidas, esta lição, que foi seguida pelos autores subsequentes (*CCE* 98 (SMS Ms. 52) – *CCE* 99 (MNA Ms. 10486); *CIL* II 214; Araújo, 1874-1876, pp. 187-188, n.º 17; Vasconcelos, 1902a, p. 171; *EE* IX 5238; Brandão, 1972, pp. 133-136, n.º XXVIII, com foto; Le Roux, 1982, pp. 226-227; Bernardes, 1996, p. 225, n.º 72/4; Bernardes, 2002, pp. 195-196, n.º 41; Bernardes, 2007, pp. 229-230, n.º 41, p. 253, n.º 41, com foto. Cfr. *ILER* 3435).

No resto da sexta linha, o conservador da Biblioteca Nacional observou *III CVNA F = EI CVNA F(ecit)*, o que suscitou o debate. Ambos os correspondentes reconheceram aqui um nome indígena. O sábio alemão sugeriu *TECVNA*, evocando também o *cognomen* latino *[S]ECVN[D]A*, que Leite de Vasconcelos recusou, sem explicar as razões para tal. Quiçá se baseasse na sua leitura do monumento, como parece transparecer das suas propostas. De acordo com estas, os três primeiros riscos verticais

corresponderiam a *EI* ou *IE*. A palavra “não” redigida na carta será uma gralha, pois o resto da frase contradiz a sua presença. Assim, indicou *Eicuna* ou *Iecuna*, e lembrou ainda *Icone*, derivado do grego *εἶχον*, citando a existência de um *Iconio* na Hispânia, ainda hoje um *hapax* na epigrafia peninsular, mas com outro testemunho na *Dalmatia* de alguém originário da Península Ibérica, nomeadamente de *Caesaraugusta*. A equivalência entre as vogais *E* e *I* encontra-se atestada na Hispânia (CCE 98 (SMS Ms. 52) – CCE 100 (SMS Ms. 51); *CIL* II 898; *CIL* III – I 6417; Carnoy, 1971², pp. 20-48; *NPH*, pp. 389; Lozano, 1998, p. 120; *AALR*, p. 195; Santos, 2005, pp. 29-32; Vallejo Ruiz, 2005, p. 492).

Quanto à lição *ei Cuna f(ecit)*, o erudito germânico mencionou ser “contra o estilo destas inscrições”. Talvez este comentário se relacionasse com o termo *fecit*, pois seria mais expectável numa inscrição funerária a fórmula *faciendum curauit*. Contudo, ocorria, e numa epígrafe de Lisboa lia-se *EI F*, que Hübner interpretou, dubitativamente, *EI F(ecit)* ou *E[T] F(ilia)* (CCE 99 (MNA Ms. 10486); *CIL* II 243; *CIL* II – S, p. 1175). Na publicação do texto não referiu este aspecto, desenvolvendo *f(ecit)*. Somente atribuiu uma menor probabilidade à leitura *EI CVNA* do investigador português (*EE* IX 5238).

O conservador da Biblioteca Nacional editou o monumento num artigo sobre uma aula de numismática, no qual sugeriu precisamente *Ei Cuna f(ecit)*. Referiu também o envio da inscrição ao sábio alemão, o que se verificou com a carta CCE 98 (SMS Ms. 52), assim como a divergência deste a respeito da leitura que agora apresentava. Esta opinião, analisada *supra*, havia sido transmitida numa missiva que não localizava no seu espólio. Esta epístola corresponde a CCE 99 (MNA Ms. 10486). No artigo, não regressou às possibilidades *Eicuna*, *Iecuna* e *Icone*, que assinalou na sua carta. *Cuna* não colocava problemas, pois era um antropónimo já atestado no celta antigo, referenciado por Holder. Citou paralelos hispânicos de *ei fecit*, como *ei posuerunt* e *ei posuit*, estranhamente nenhum dos quais era a inscrição de Lisboa supramencionada – *CIL* II 214 –, o único texto que poderia efectivamente comprovar a sua lição (CCE 98 (SMS Ms. 52) – CCE 100 (SMS Ms. 51); *CIL* II 214; Holder, 1896, pp. 1190-1191; Vasconcelos, 1902a, p. 171).

Os autores seguintes mantiveram a leitura *Cuna*, mas os *corpora* de onomástica não referem este nome, à excepção de Vallejo Ruiz. É um *hapax* na Hispânia (Brandão, 1972, pp. 133-136, n.º XXVIII, com foto; Kajanto, 1982², p. 388; Le Roux, 1982, p. 226; *NPH*, pp. 126, 340; Solin & Salomies, 1994, pp. 320, 498; Bernardes, 1996, p. 225, n.º 72/4; Bernardes, 2002, pp. 195-196, n.º 41; *AALR*, pp. 156-157; Vallejo Ruiz,

2005, p. 470; Bernardes, 2007, pp. 229-230, n.º 41, p. 253, n.º 41, com foto. Cfr. *ILER* 3435).

Desde Leite de Vasconcelos tem-se aceitado o *F* final, à excepção de Bernardes, recentemente. A foto editada por Brandão revela o caracter (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1902a, p. 171; *EE* IX 5238; Brandão, 1972, pp. 133-136, n.º XXVIII, com foto; Le Roux, 1982, p. 226; Bernardes, 1996, p. 225, n.º 72/4; Bernardes, 2002, pp. 195-196, n.º 41; Bernardes, 2007, p. 229, n.º 41, p. 253, n.º 41, com foto. Cfr. *ILER* 3435).

O erudito germânico considerou a fórmula *qui obit* uma das mais raras e mais antigas (*CIL* I, 1411 (apenas *obeit*), 1539b (apenas *obit*), p. 588; *CIL* II 3566; *EE* IIa 306; *CIL* II – S 5238, 6109 (apenas *obit*)). O investigador lusitano indicou que *obit* estaria por *obiit*, assim como *cortis* por *cohortis* e *Culuniae* por *Cluniae*, encarando-as testemunhos do latim vulgar (CCE 98 (SMS Ms. 52); Vasconcelos, 1902a, p. 171). De facto, verifica-se na Hispânia, no âmbito da evolução do latim, uma tendência para contracções de letras. Em *obiit*>*obit* ocorre uma contracção da dupla vogal na forma verbal do perfeito do indicativo. É comum o desaparecimento do *h* e contracção da dupla vogal em *cohortis*>*cortis*. Em *Culuniae* sucede a intercalação de uma consoante entre duas vogais, comum na evolução de teónimos, antropónimos e etnónimos (Carnoy, 1971², pp. 102-109, 113; Santos, 2005, pp. 78-80).

Leitura: *C(aio) SVLPICIO / PIILIO . CIILTI(i) F(ilio) / MILITI . CO(ho)RTIS / LVSITANORVM / QVI . OBIT CVLVNI/AII . III CVNA F(ecit)*

1.2.12 Salir

Na carta de 25/01/1898, Leite de Vasconcelos indicou duas inscrições a Hübner. Na missiva, o papel está cortado, não sendo possível ler a epígrafe latina que foi referida. No entanto, a frase “Na mesma localidade vi outra inscrição, mas romana”, na sequência de um monumento epigráfico com escrita ibérica oriundo de Salir, aliado ao facto de apenas ser citada uma inscrição do período romano na resposta do sábio alemão, precisamente de Salir, induz-nos a pensar que o investigador lusitano estava a mencionar uma epígrafe latina deste local (CCE 100 (SMS Ms. 51) – CCE 101 (MNA Ms. 10487). *Vide* capítulo 4.1.4).

Salir conta apenas com esta inscrição romana. Pertencia à colecção do prior e foi registada pelo conservador da Biblioteca Nacional, quando viajou pelo local em 1897. Segundo o autor, seria proveniente dos arredores de Salir (Vasconcelos, 1899-1900, p. 42).

O campo epigráfico encontra-se danificado, o que suscita dificuldades de leitura. Na primeira linha, subsiste um espaço demasiado grande para conter apenas uma letra. Contudo, porque faz sentido um *T*, a completar a palavra *VOTVM*, os estudiosos têm lido deste modo (Vasconcelos, 1899-1900, p. 42; *EE IX 2*; Lambrino, 1962, pp. 284, n.º 8; Santos, 1972, p. 145; *IRCP 63*, com foto; *RAP 619*).

Na segunda regra, o erudito germânico propôs o *nomen Supaicus*, precedido por um *praenomen* em *L*, embora sem comprovação para este último (CCE 100 (SMS Ms. 51)). Leite de Vasconcelos editou de forma aparentemente semelhante, mas diferiu no comentário, observando que no texto teria sido gravado originariamente *SVRMICVS* ou *SVRMIGVS* (Vasconcelos, 1899-1900, p. 42). Os vestígios permitem aceitar a lição *VRMICVS*, de Encarnação e Garcia (*IRCP 63*, com foto; *RAP 619*. Cfr. Lambrino, 1962, pp. 284, n.º 8; Santos, 1972, p. 145).

Na terceira regra, lemos *VLINV*, o que se pode reconstituir em *[PA]VLINV[S]*, *cognomen* atestado na Hispânia. Esta lição foi sugerida inicialmente por Hübner (CCE 100 (SMS Ms. 51); Vasconcelos, 1899-1900, p. 42; *EE IX 2*; *NPH*, pp. 451; *AALR*, pp. 258. Cfr. Lambrino, 1962, pp. 284, n.º 8; Santos, 1972, p. 145; *IRCP 63*, com foto; *RAP 619*).

A primeira hipótese do sábio alemão para a quarta linha, certamente com base na proposta do investigador português, foi modificada, pois ao invés de um *V*, estaria *LI*, sendo editado *OLIRI* pelos dois correspondentes (CCE 100 (SMS Ms. 51); Vasconcelos, 1899-1900, p. 42; *EE IX 2*). Na pedra apenas se entrevê *LI*, o que se poderá reconstituir em *LI[BENS]*, já proposto por Lambrino e seguido pela investigação sequente, ainda que com algumas diferenças (Lambrino, 1962, pp. 284, n.º 8; Santos, 1972, p. 145; *IRCP 63*, com foto; *RAP 619*). A hipótese do sábio alemão “[no campo d’] Ouri[que]” deve-se certamente ao inusitado texto remanescente (CCE 101 (MNA Ms. 10487))

A propósito do *nomen Supaicus*, o erudito germânico afirmou que os antropónimos de origem indígena terminados pelo sufixo *-icus* eram utilizados igualmente como gentílios (CCE 101 (MNA Ms. 10487)). Esta tese é seguida em parte pela investigação actual. Vallejo Ruiz, por exemplo, considera-os formações secundárias em

-iko-, correspondendo na sua maioria a nomes de unidades suprafamiliares (Vallejo Ruiz, 2005, pp. 563, 569-571).

Na epístola, Hübner recordou a existência de onomástica indígena terminada pelo sufixo *-icus* / *-igus*, listada por si próprio nos *Monumenta Linguae Ibericae* (*MLI*, p. CXXI). Alguns destes nomes encontravam-se atestados na epigrafia em posição de gentílico. O autor citou o caso de *Pagusicus*, registado como *nomen* noutras três inscrições (CCE 101 (MNA Ms. 10487); *CIL* II 22, 27, 28; *MLI*, p. 259; Vallejo Ruiz, 2005, pp. 90 (nota 33), 365, 563, 569-571, 730, 736-738).

Leitura: [...?] / *VOṬVM* / [...] *VR̄MICVS* / [*PA*] *VḶINV[S]* / [...] *LI[BENS]*

1.2.13 Pedrulha, Figueira da Foz

A Sociedade Archeologica Santos Rocha promoveu uma escavação no sítio arqueológico de Pedrulha, Alhadas, na última década do século XIX (Rocha, 1896b, p. 155; Cruz, 1899-1900, pp. 122, 202; Rocha, 1899-1903, pp. 593-595; Rocha, 1904, pp. 15-16). Neste âmbito, identificou-se uma lápide funerária, cujo texto Santos Rocha remeteu a Leite de Vasconcelos. Lê-se em carta de 9 de Dezembro de 1898: “Diga-me se já encontrou alguma inscrição assim: CALAITO / CAIELIHISITO” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

O arqueólogo figueirense corrigiu a sua leitura dois dias depois, escrevendo na missiva de 11 de Dezembro de 1898:

“Enganei-me na 2.^a linha da inscrição. É assim:

CAIELI . HI . SITO

O todo parece ser a dedicatória d’algum monumento escultural, talvez d’um busto de pedra que em tempo apareceu no local” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19908, de 11/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

O redactor seguiu esta última lição, e a relação entre os dois objectos, na sua conferência de 9 de Abril de 1899 realizada na supracitada Sociedade, editada posteriormente na revista *Portugália* (Rocha, 1899-1903, p. 594).

Desconhecemos as respostas do director do Museu Etnológico Português. Todavia, a sua leitura da epígrafe permaneceu registada na primeira epístola de Santos Rocha, na

qual efectuou anotações, uma vez que a caligrafia é semelhante à sua escrita. Observa-se:

“Calaetus, Chalaetus = C.I.L. II, 2968, 3298

Caieli = Caelii? hi(c) sito (h . i)

Calaeto, Caelii (filio), hi(c) sito ou h(ic) i(ntus)

Cf. Caeicilius; aei < > ae, aqui é aie < > aie

HI = hic, 674, 1457, 5719” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912)).

Em carta de 5 de Outubro de 1899, Mesquita de Figueiredo remeteu o monumento a Hübner: “Também julgo enviar a V. Ex.^{cia} uma novidade epigráfica que está no Museu Municipal desta cidade e que foi encontrada nos arredores, junto com o busto de que mando a photographia.”. No reverso da fotografia figura um desenho da inscrição e a legenda dos dois monumentos: “CALAITO / CAIELIHISITO. Busto e inscrição descobertas na Pedrulha, proximo as Alhadas, arredores da Figueira da Foz; no Museu Municipal desta mesma cidade (Portugal)” (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 26, de 05/10/1899; Figueiredo, 1948, pp. 32-33, de 05/10/1899). Este envio, no mês de Outubro de 1898, está de acordo com o que o sábio alemão registou na missiva a Leite de Vasconcelos de 15 de Junho de 1900 e no volume IX da *Ephemeris Epigraphica* (CCE 127 (MNA Ms. 10496); EE IX 31).

A resposta foi célere, datando de 9 ou 10 de Outubro de 1899. O dia 9 figura numa anotação efectuada no manuscrito da epístola do estudioso lisboeta, semelhante à caligrafia do erudito germânico, assim como a outras notas que verificamos na nossa correspondência em estudo, e que diz: “Resp. 9/10 98” (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 26, de 05/10/1899). O dia 10 foi publicado por Mesquita de Figueiredo (Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899). Lê-se na carta:

“Cher Monsieur, j’ai reçu votre lettre [...]; seulement il me manque une photographie où estampage de la nouvelle inscription funéraire da *Pedrulha*, *próximo às Alhadas*, pour juger bien sur la forme des lettres.

Elle dit: c'est-à-dire: à Calaitus le fils de Caielus (ou Catelus?) Calacto / Caiéli hi sito hic sito, qui gît ici. Aussi j’en voudrais connaître les mesures exactes (hauteur, larguer, hauteur des lettres). La chambre ou sarcophage est-elle au Musée de Figueira? Je le présume selon la note de votre main. [...]

Le buste semble du troisième siècle.”⁷⁶⁶ (Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899).

Esta missiva não obteve réplica (Cf. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 27-28, de 30/12/1899 a 25/09/1900). O estudioso lisboeta regressou ao assunto por ocasião do seu livro com a correspondência que trocou com Hübner (Figueiredo, 1948, pp. 36-37). Aqui, citou os artigos de Santos Rocha, afirmando que este autor havia seguido a lição do director do Museu Etnológico Português e criticando aquele por não ter publicado o busto, ainda que partilhasse da sua tese quanto à afinidade entre a epígrafe e a escultura, sem contudo o indicar (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898, Ms. 19908, de 11/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Rocha, 1899-1903, p. 594; Figueiredo, 1948, pp. 36-37). Respondeu ainda à última questão do sábio alemão, considerando-a ilegítima. Nas suas epístolas nunca havia indicado uma câmara ou sarcófago, só o monumento epigráfico. De facto, assim ocorre, devendo-se talvez a um equívoco por parte do sábio alemão (Cf. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 21-28, de 14/11/1898 a 25/09/1900; Figueiredo, 1948, p. 37, 9-39). Quanto à datação, o erudito germânico concordava com o arqueólogo figueirense, fornecendo uma cronologia tardia, do século III d.C.. Todavia, este autor não datou o busto, mas sim o conjunto arqueológico, ao contrário daquele, que apenas datou o busto (Rocha, 1899-1903, pp. 594-595; Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899, p. 37).

A edição da inscrição por Belchior da Cruz, n’*O Arqueólogo Português*, com a lição *CALAITO / CAIELI . HI . SITO*, suscitou o tema na correspondência entre Hübner e Leite de Vasconcelos (CCE 127 (MNA Ms. 10496); CCE 130 (SMS Ms. 66); Cruz, 1899-1900, p. 122). O director do Museu Etnológico Português havia enviado ao sábio alemão o quarto fascículo do volume V, que continha o artigo do referido autor, remessa que aquele agradeceu em carta de 15 de Junho de 1900 (CCE 127 (MNA Ms. 10496)). O erudito germânico indicou que a cópia da epígrafe remetida por Mesquita de Figueiredo era imperfeita, não contendo a separação das linhas existentes no original. Deste modo, propôs *CALAITO / CAIELI . HI . SITO*, interpretando *Calaito* (*Calaeto*?) *Caleti* (*filio*) *hic sito*. Pediu ainda ao seu correspondente uma reprodução, em papel ou fotográfica, do monumento (CCE 127 (MNA Ms. 10496)).

⁷⁶⁶ Tradução: “Caro Senhor, recebi a sua carta [...]; só me falta uma fotografia ou estampagem da nova inscrição funerária da Pedrulha, próximo às Alhadas, para julgar bem acerca da forma das letras.

Ela diz, a saber: a *Calaitus* o filho de *Caielus* (ou *Catelus*?) *Calacto / Caiéli hi sito hic sito*, que está aqui sepultado. Também gostaria de conhecer as medidas exactas (altura, largura, altura das letras). A câmara ou sarcófago está no Museu da Figueira? Presumo-o, segundo nota da sua mão. [...]

O busto parece do século III.”.

Perante esta petição, Leite de Vasconcelos terá escrito a Santos Rocha, solicitando-lhe um decalque, como indica a missiva do arqueólogo figueirense, que anuiu, mas não para enviar a Hübner. O calco deveria ser publicado n’*O Arqueólogo Português*, de onde o sábio alemão o estudaria, numa posição semelhante ao director do Museu Etnológico Português, já analisada *supra*:

“Mandarei o calco, não para o Hübner, mas para “O Archeologo”. Depois fará d’elle o que quiser.

Acho pouco regular dar matéria dos nossos achados para o estrangeiro, antes de serem publicados no país.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19911, de 24/08/1900 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912). *Vide* capítulo I.3.1).

A reprodução causou a dúvida de Leite de Vasconcelos, relativamente ao antropónimo da segunda regra, tendo decerto questionado Santos Rocha sobre o assunto, como depreendemos da epístola deste investigador:

“A palavra é como se vê no reverso do calco – CAIELI. [...]

Não tenha a menor dúvida a este respeito.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 19912, de 05/09/1900 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912).

O director do Museu Etnológico Português cumpriu apenas em parte a exigência do arqueólogo figueirense. Poucos dias depois de esclarecidas as suas dúvidas, remeteu a informação ao sábio alemão, em carta de 9 de Setembro, indicando que o decalque estava de acordo com a inscrição. Assim, o texto correcto era *CALAITO / CAIELI . HI . SITO*, interpretando *Calaito Caieli* (=Caeli(i)?) *hi(c) sito*, leitura que, no dizer de Leite de Vasconcelos, supostamente seria distinta da recebida antes, pela mão de Mesquita de Figueiredo (CCE 130 (SMS Ms. 66). Quase simultaneamente, o director do Museu Etnológico Português inseriu um artigo no oitavo fascículo do volume V d’*O Arqueólogo Português*, com a epígrafe, indicando que seguia o decalque enviado por Santos Rocha (Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254). O erudito germânico editou esta lição no volume IX da *Ephemeris Epigraphica*, citando os artigos do periódico lusitano (Cruz, 1899-1900, p. 122; Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254; *EE* IX 31).

A leitura do monumento epigráfico conheceu poucas variantes, estas precisamente pelas mãos dos correspondentes aqui em estudo. Na primeira regra, todos os outros autores leram *CALAITO* (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 26, de 05/10/1899; Cruz, 1899-1900, p. 122; Santos Rocha em Vasconcelos, 1899-1900, p. 253; Rocha, 1899-1903, p. 594; Figueiredo, 1948, pp. 32-33, de 05/10/1899).

Leite de Vasconcelos aceitou, perante o decalque do arqueólogo figueirense, *Calaitus*, mas encarou-o sempre como uma variante de *Calaetus* e de *Chalaetus*, antropónimos atestados na Hispânia, citando *CIL* II 2968 e 3298 nos comentários redigidos na missiva de Santos Rocha, na epístola enviada a Hübner e no seu artigo (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); CCE 130 (SMS Ms. 66); *CIL* II 2968, 3298; Vasconcelos, 1899-1900, p. 253; Rocha, 1899-1903, p. 594). Considerou ainda que estes dois nomes eram de facto uma mesma palavra (CCE 130 (SMS Ms. 66). Efectivamente, o *Corpus Inscriptionum Latinarum* II listava os antropónimos em conjunto, fazendo derivar *Chalaetus* de *Calaetus* (*CIL* II, p. 735; *CIL* II – S, p. 1079). Na língua latina o fenómeno está atestado, ocorrendo uma aspiração do *H* em *Chalaetus* (Faria, 1957², pp. 87-91). O director do Museu Etnológico Português mencionou também *Calaitius*, por ser da mesma família dos nomes anteriores. O *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II reunia-os no mesmo grupo (CCE 130 (SMS Ms. 66); *CIL* II – S, p. 1079; Vasconcelos, 1899-1900, p. 253). Comprova-se na onomástica da Península Ibérica a variação *-us* / *-ius* (cf., v.g., *NPH*, *passim*; *AALR*, *passim*). No latim, a segunda declinação contém ambas as terminações *-us* e *-ius* (Faria, 1958, pp. 81-86). Relativamente ao uso de *i* por *e*, assim como a variação entre os ditongos *ai* e *ae*, correspondente a *Calaitus* por *Calaetus*, a oscilação entre as duas vogais é comum na epigrafia. Carnoy dá ainda razão a Hübner, por este corrigir a forma *ai* em *ae* (Carnoy, 1971², pp. 20-48, 82; Encarnação, 1993-1994a, p. 301; Santos, 2005, pp. 29-32, 36-37). A investigação recente tem associado os vários nomes, cujos testemunhos têm aumentado. Abascal Palazón excluiu *Chalaetus*. *Calaitus* foi lido noutra inscrição (*NPH*, pp. 310, 325; *AALR*, pp. 127; Vallejo Ruiz, 2005, pp. 248-249).

Ao analisar a cópia de Mesquita de Figueiredo, o erudito germânico terá lido *Calaitus* e *Calacto*. Não compreendemos a segunda forma, pois o desenho existente na Sociedade Martins Sarmento apresenta claramente um *I*, além de que não existem paralelos no mundo romano (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 26, de 05/10/1899; Figueiredo, 1948, pp. 32-33, de 05/10/1899, p. 34, de 10/10/1899. Cf. *CIL* II; *CIL* II – S; *NPH*; *AALR*; Kajanto, 1982²; Solin & Salomies, 1994). Pensamos, ao invés, que seja *Calaeto*, forma que o sábio alemão registou na sua carta ao director do Museu Etnológico Português, decerto por estar atestada na Hispânia, como analisámos *supra* (CCE 127 (MNA Ms. 10496); *CIL* II 2968, 3298). Assim, consideramos que seria

importante verificar o manuscrito de Hübner, que o estudioso lisboeta editou (Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899). Todavia, não o conseguimos localizar.

O nome da segunda linha foi lido quase unanimemente *CAIELI* (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898, Ms. 19908, de 11/12/1898, 19912, de 05/09/1900 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 26, de 05/10/1899; Cruz, 1899-1900, p. 122: Santos Rocha em Vasconcelos, 1899-1900, p. 253; Rocha, 1899-1903, p. 594; Figueiredo, 1948, pp. 32-33, de 05/10/1899).


Leite de Vasconcelos observou inicialmente que *Caieli* poderia estar por *Caelii*, relembrando o antropónimo *Caecilius*, onde o ditongo *-ei-* estaria por *-e-*, “*aei* < > *ae*”. Não parece fazer sentido a frase “aqui é *aie* < > *aie*”, pois os termos são iguais, mas a referência *Caieli* = *Caelii* esclarecerá o verdadeiro sentido (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912). Sobre a grafia *aei*, vide Carnoy, 1971², p. 83). Assim, no monumento em causa, seria *-aie-* também por *-ae-*.

Na resposta a Hübner, considerou várias hipóteses, exploradas no seu artigo (CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254). *Caieli* poderia ser um nome indígena, *Caielus* ou *Caielius*, ainda hoje um *hapax* na Península Ibérica (CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1899-1900, p. 253; *NPH*, pp. 309, 321; *AALR*, p. 127). Corresponderia a uma variante do gentílico *Caelius*, atestado na epigrafia latina enquanto *nomen* e *cognomen*, como indicou no seu artigo, onde deu o exemplo de *Caesius* (Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254; Encarnação, 1993-1994a, p. 301; *NPH*, pp. 102-103, 308-309; *AALR*, pp. 124-127). O director do Museu Etnológico Português acrescentou ainda que se o ditongo *ai* possuísse o valor de *ae*, como em *Calaitus*, *Caieli* estaria por *Caeli*, que seria igual a *Caeli* (Vasconcelos, 1899-1900, p. 254). Propomos também a hipótese *Caieli* por *Caiili*, também resultante em *Caeli*, tendo em conta a variabilidade entre *i* e *e* e *ii=e* (Carnoy, 1971², pp. 20-48; Santos, 2005, pp. 29-32). Por último, Leite de Vasconcelos lembrou o antropónimo *Gaielli*, lido num monumento do Norte de Itália, da *ciuitas Augusta Bagiennorum*, mas preterindo-o por conter dois *LL* (CCE 130 (SMS Ms. 66); *CIL* V – II 7679; Vasconcelos, 1899-1900, p. 254). Na nossa opinião, é uma possibilidade válida, na medida em que está comprovada epigraficamente a equivalência entre *C* e *G*, assim como a simplificação e duplicação de consoantes – *-L-* / *-LL-* – (Santos, 2005, pp. 46-49, 54-57).

O director do Museu Etnológico Português questionou o sábio alemão sobre a sua análise, não obtendo resposta. O erudito germânico não retomou o assunto e publicou a

inscrição seguindo a leitura transmitida por este correspondente, como já referimos (CCE 130 (SMS Ms. 66); *EE* IX 31).

A primeira lição deste autor figura na carta a Mesquita de Figueiredo, na qual colocou as hipóteses *Caielus* e *Catelus*, esta última interrogadamente, mas talvez recordando-se de *Catellio* atestado em *Augusta Emerita* (*CIL* II – S 5264; Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899). Desconhecemos se o estudioso lisboeta remeteu algum decalque da epígrafe, pois parece não ter respondido ao pedido de Hübner, como já verificámos *supra* (Cf. SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Mss. 27-28, de 30/12/1899 a 25/09/1900). No entanto, se além do manuscrito guardado na Sociedade Martins Sarmento, enviou algum desenho ou decalque, isto justificaria a interpelação, pois a pedra apresenta depressões naturais na parte superior do *I*, o que encaminharia a leitura para um *T* (Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899; Encarnação, 1993-1994a, foto 4). No prosseguimento desta investigação, seria importante verificar a sua existência na Academia das Ciências de Berlim, onde estão arquivados os decalques do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e do *Supplementum* (*CIL* II; *CIL* II – S).

Após a edição por Belchior da Cruz, o sábio alemão considerou a hipótese *Caleti*, registando no desenho na missiva a Leite de Vasconcelos, =I.. (CCE 127 (MNA Ms. 10496); Cruz, 1899-1900, p. 122). Aqui, ocorre a mesma situação que aferimos relativamente ao *T*. No monumento verificam-se pontos por baixo do *I*, que em nosso parecer são naturais, mas que poderiam originar a lição *L*, na presença de um calco e se o examinador não possuísse uma boa foto (Encarnação, 1993-1994a, foto 4).

O director do Museu Etnológico Português foi o primeiro a interpretar *Calaito Caieli(i)* (ou *Caeli(i)*) (*filio*), que o sábio alemão e Santos Rocha também indicaram, não obstante as formas dos nomes *supra* analisadas. *Calaito* estaria no dativo, *Caieli(i)* (ou *Caeli(i)*) no genitivo, traduzindo-se por “A Calaito, filho de Célio”, informação também patente na correspondência ora em estudo (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); CCE 127 (MNA Ms. 10496); CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254; Rocha, 1899-1903, p. 594; Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899).

O final da segunda regra confirma tratar-se de uma inscrição funerária. Leite de Vasconcelos escreveu inicialmente “hi(c) sito ou h(ic) i(ntus)”, mas na sequência das anotações optou por “HI = hic”, por estar comprovado em três epígrafes peninsulares, *CIL* II 674, 1457 e *CIL* II – S 5719, que citou (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); *CIL* II 674, 1457; *CIL* II – S 5719). Nos

escritos posteriores registou *hi(c)*, tal como o arqueólogo figueirense (CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1899-1900, p. 253; Rocha, 1899-1903, p. 594). O autor conhecia o termo *intus* em dois monumentos hispânicos, mas em sigla e por isso de forma duvidosa, existindo apenas um testemunho por extenso, da cidade de Roma (*CIL* II 3326, 3464; *CIL* VI – II 7580). Destacamos que as referências de Leite de Vasconcelos ao *Corpus Inscriptionum Latinarum* II e ao *Supplementum* evidenciam mais uma vez a importância da obra alemã nos estudos epigráficos em Portugal. O erudito germânico desenvolveu sempre *hic*, como se pode ler nas suas epístolas a Mesquita de Figueiredo e ao director do Museu Etnológico Português (CCE 127 (MNA Ms. 10496); *CIL* II; *CIL* II – S; Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899). Actualmente, os investigadores têm desenvolvido preferencialmente *HI* como *HI(c)*, contando-se 79 inscrições, e somente 10 com *H(ic) I(ntus)*. Encarnação referiu que a forma *HI* contém uma apócope do *c* (Encarnação, 1993-1994a, pp. 301-302; <http://www.manfredclauss.de/gb/index.html>).

A correcção de Santos Rocha em 1898 contém a divisão das linhas e os sinais de pontuação como se observa no monumento (MNA, *Correspondência*, Ms. 19908, de 11/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); Encarnação, 1993-1994a, foto 4). O estudioso lisboeta não terá assinalado os pontos, uma vez que não figuram no manuscrito existente na Sociedade Martins Sarmiento, pelo que Hübner não teria conhecimento deles e, consequentemente, não os registou na sua carta (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I, Ms. 26, de 05/10/1899; Figueiredo, 1948, pp. 32-33, de 05/10/1899, p. 34, de 10/10/1899). Perante a edição de Belchior da Cruz, igual ao texto correcto do ilustre figueirense, propôs uma divisão diferente a Leite de Vasconcelos. Na primeira regra lia-se o nome do defunto, na segunda a filiação e na terceira a fórmula funerária (CCE 127 (MNA Ms. 10496); Cruz, 1899-1900, p. 122). Santos Rocha transmitiu pela segunda vez a leitura correcta ao director do Museu Etnológico Português, que esclareceu por fim o sábio alemão (MNA, *Correspondência*, Ms. 19911, de 24/08/1900 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254; Rocha, 1899-1903, p. 594; *EE* IX 31). A lição do arqueólogo figueirense, aperfeiçoada unicamente com a palavra *filius* entre parênteses e cujo assunto analisámos *supra*, é seguida pela investigação contemporânea, com a qual concordamos (Encarnação, 1993-1994a, p. 300, n.º 4, foto 4).

Santos Rocha relacionou a inscrição com o busto masculino identificado no local, comunicando este facto a Leite de Vasconcelos, na carta de 11 de Dezembro de 1898 (MNA, *Correspondência*, Ms. 19908, de 11/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912);

Rocha, 1896b, p. 155; Rocha, 1899-1903, p. 594). Belchior da Cruz e Mesquita de Figueiredo perfilaram esta opinião (Cruz, 1899-1900, pp. 122; Figueiredo, 1948, pp. 32-33, de 05/10/1899, pp. 36-37). O director do Museu Etnológico Português e o erudito germânico não referiram o assunto (MNA, *Correspondência*, Ms. 19907, de 09/12/1898 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2912); CCE 127 (MNA Ms. 10496); CCE 130 (SMS Ms. 66); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 253-254; *EE* IX 31; Figueiredo, 1948, p. 34, de 10/10/1899). A investigação actual não concretiza nenhuma alusão à epígrafe nos estudos da escultura (cf., v.g., Matos, 1966, pp. 25-26; Sampaio, 1973, pp. 26-27, n.º 11; Gonçalves, pp. 199-201, n.º 77).

Nas escavações realizadas pela Sociedade Arqueologica Santos Rocha no sítio arqueológico das Alhadas, descobriu-se ainda outra epígrafe, num peso de tear (Cruz, 1899-1900, p. 202; Rocha, 1904, p. 16).

Leitura: *CALAITO / CAIELI (filio) . HI(c) . SITO*

I.3 Epigrafia Votiva

I.3.1 Endovélico

O deus Endovélico é conhecido desde o século XVI⁷⁶⁷. Deve-se a D. Teodósio I, duque de Bragança, a recolha de várias inscrições numa colecção manuscrita, obra de paradeiro desconhecido, mas conservada parcialmente na *Viagem do Cardeal Alexandrino* de Venturino (Resende 1593, pp. 231-236; *EE* IV, pp. 3-6; *CIL* II – S, p. LXXXI; Vasconcelos, 1905b, p. 112; Guerra, 2008, p. 159; Schattner, Fabião & Guerra, 2013, p. 67). No mesmo século, Pigghe, Scaliger e André de Resende, entre outros autores, publicaram os monumentos epigráficos, ainda que não na sua totalidade. Pigghe editou sete (*CIL* II 128, 129, 131, 133, 136, 139, 142; *IRCP* 486, 488, 492, 497, 514, 519, 526), Scaliger oito (*CIL* II 128-131, 135, 137, 138, 142; *IRCP* 486, 488, 489, 492, 510, 519, 522, 531) e Resende igual número (*CIL* II 127, 129, 131, 132, 134-136, 139; *IRCP* 483, 488, 492, 494, 508, 510, 514, 526; Resende, 1996, pp. 204-205, notas

⁷⁶⁷ Excluimos os “constructores medievaes” referidos por Leite de Vasconcelos, na sequência de Rocha Espanca (Vasconcelos, 1905, p. 112), por considerarmos tratar-se de uma reutilização dos elementos pétreos. Não obstante, é uma questão válida a ser explorada e poderá obter-se resultados muito interessantes, como ocorreu num estudo de Cardim Ribeiro, sobre monumentos epigráficos do concelho de Sintra (Ribeiro, 2011; Ribeiro, 2012). Contudo, esta temática não é abordada aqui, por não se relacionar directamente com os objectivos propostos.

103-109), num conjunto de quatorze epígrafes (*CIL* II 127-139, 142; Vasconcelos, 1905b, p. 113; *IRCP* 483, 486, 488, 489, 492, 494, 497, 508, 510, 514, 519, 522, 526, 531). No século seguinte, anexou-se uma inscrição de Toledo, considerada no entanto falsa (*CIL* II 282*; Vasconcelos, 1905b, p. 115). No século XVIII, Frei Manuel do Cenáculo, graças a Frei Emanuel das Santas Nolasco, adicionou duas epígrafes à colecção (*CIL* II 140, 141 e p. 17; Hübner, 1871b, p. 52; Espanca, 1882, p. 274; *IRCP* 527, 529).

A segunda metade do século XIX foi importante para o conhecimento de Endovélico. O *Corpus Inscriptionum Latinarum* II reuniu todos os monumentos, com um aparato crítico e bibliográfico (*CIL* II 127-142, 282*; Vasconcelos, 1905b, p. 119. *Vide* capítulo 4.1.2.4). Em 1881, Gabriel Pereira editou três inscrições inéditas e, no ano seguinte, Joaquim José da Rocha Espanca inseriu no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* um estudo sobre a divindade, que incluía nove epígrafes descobertas numa viagem que efectuara em 1874 a São Miguel da Mota⁷⁶⁸ (Pereira, 1881, segunda página, n.ºs I-III; Espanca, 1882, pp. 253-256, 274-296; Pereira, 1889, p. 147; *CIL* II – S 5202-5209b; Vasconcelos, 1897c, p. 132; Vasconcelos, 1905b, pp. 119-120; *IRCP* 485, 487, 503, 504, 516, 534, 535, 549, 556). No final da década de 80, Gabriel Pereira alertou para as condições deploráveis de conservação da capela de São Miguel (Pereira, 1889, p. 149; Vasconcelos, 1905b, p. 120; Encarnação, 1995-2007, p. 152). Desconhecemos se este aviso teve eco directo nas instâncias públicas, mas pelas palavras de Leite de Vasconcelos no artigo publicado n’*O Dia*, “Estava ali pois uma mina que valia a pena explorar, segundo o conceito de todos os archeologos” (Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, p. 3), e no volume II das *Religiões da Lusitânia*, “Tudo isto se fez depois, e os monumentos estão salvos” (Vasconcelos, 1905b, p. 120), podemos inferir que obteve repercussão no meio científico, ou pelo menos no conservador da Biblioteca Nacional. De facto, no ano seguinte, concretizou o apelo (Vasconcelos, 1905b, p. 120; Encarnação, 1995-2007, p. 152).

No Carnaval de 1890, especificamente no dia 18/02, Leite de Vasconcelos realizou uma viagem ao sítio de São Miguel da Mota. Com autorização do proprietário, Manuel Inácio Belo, retirou e trouxe para a Biblioteca Nacional alguns objectos arqueológicos.

⁷⁶⁸ Segundo Gabriel Pereira, terá sido Emílio Cartailhac a remeter os decalques a Hübner (Pereira, 1889, p. 147). No *CIL* II – S apenas é referida a bibliografia, sem nunca se citar o arqueólogo francês (*vide CIL* II – S 5202-5209b). Seria interessante verificar esta situação na correspondência entre Cartailhac e Hübner. Não desenvolvemos esta questão neste trabalho, pois constitui um assunto que não está directamente relacionado com a correspondência ora em estudo.

Concluiu ainda que era necessário derrubar a capela, para poder recolher a totalidade dos monumentos (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico 1*; Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, pp. 3-4; Vasconcelos, 1905b, p. 120; Vasconcelos, 1938b, p. 200; Gama, 1964, p. 111, n.º 66, de 07/03/1890). Requerido tal às instâncias públicas superiores, adquiriu a necessária autorização e, na Páscoa do mesmo ano, entre os dias 29/03 e 17/04, desmantelou o santuário cristão, naquela que foi a sua “estreia archeologica, e logo com auspiciosa felicidade” (Vasconcelos, 1905b, p. 112) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico 1*; Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, p. 4; Vasconcelos, 1905b, p. 120; Vasconcelos, 1938b, p. 200; Gama, 1964, p. 113, n.º 69, de 03 ou 04/1890; Coito, Cardoso & Martins, 2008, p. 195). Os objectos descobertos foram encaminhados para a Biblioteca Nacional, de onde transitaram para o Museu Etnológico Português (Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, p. 4; Vasconcelos, 1905b, p. 120; Vasconcelos, 1938b, p. 200). Em Junho de 1904 e na Páscoa de 1907, repetiu as investigações no santuário e em Vila Viçosa (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico 1*; Vasconcelos, 1913b, 195-196).

Pouco tempo depois destes afazeres, o recém arqueólogo editou um artigo n’*O Dia* de 25/05/1890, contendo um relatório dos trabalhos empreendidos e cinco inscrições identificadas, além de uma breve referência aos objectos encontrados, entre os quais figurava uma estátua representativa do que considerava ser um hemiplégico, sem indicar contudo o texto patente nesta (Vasconcelos, 1890b, pp. 2-3; Vasconcelos, 1890c; Vasconcelos, 1938b, pp. 197-206; *IRCP* 484, 495, 496, 521, 523, 525. Sobre o significado da estátua cfr., v.g., Lambrino, 1951a, p. 117-120; *IRCP* p. 601, n.º 523; Matos, 1995, pp. 138-139, n.º 65; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 251; Ribeiro, 2002, p. 84; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 385, n.º 39, com foto; Ribeiro, 2005, pp. 728-729; Schattner, Fabião & Guerra, 2013, pp. 89-95). Este importante achado obteve alguma atenção no meio científico espanhol, tendo a Real Academia de História inserido um apontamento com os textos epigráficos patentes na separata nas notícias do seu boletim (Vasconcelos, 1890c, p. 5; VVAA, 1890). Debalde procurámos o indivíduo responsável pelo envio daquela publicação a Hübner. Na correspondência aqui em estudo, assim como na documentação epistolar existente na Sociedade Martins Sarmento, não identificámos nenhuma referência ao caso (SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; CCE; SMS, *Cartas ao Abade de*

Tagilde, vol. II; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; SMS, *Várias Cartas*; Cardozo, 1947).

O sábio alemão, perante as novidades arqueológicas e, mormente, epigráficas de Leite de Vasconcelos, remeteu-lhe uma carta, datada de 01/06/1890, na qual lhe pediu todos os textos recolhidos, de modo a poder incluí-los no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, em curso. Deu ainda tempo ao explorador para os editar em primeiro lugar (CCE 6 (MNA Ms. 10449). *Vide* capítulo 4.1.2.4). Na resposta, este indicou ter precisamente falta de disponibilidade, mas prometeu enviar-lhe o material até ao final de Julho (CCE 7 (SMS Ms. 14)). Aparentemente, o investigador lusitano cumpriu o prometido, pois na missiva do erudito germânico de 22 de Agosto, este acusou a recepção do artigo inserido no *Aurora do Cavado* (CCE 9 (MNA Ms. 10448); Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2; Vasconcelos, 1938b, pp. 206-213). Nesta publicação, com seis monumentos epigráficos inéditos, afirmava o conservador da Biblioteca Nacional satisfazer com o maior agrado o pedido de Hübner, por quem nutria grande simpatia (Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2; Vasconcelos, 1938b, pp. 206-213; *IRCP* 490, 507, 515, 518, 533, 550). As onze inscrições foram inseridas numa adenda do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, os *Additamenta* (*CIL* II – S 6265, 6265a, 6266, 6267, 6267a, 6267b, 6268, 6269, 6269a, 6269b, 6269c; *IRCP* 484, 490, 495, 496, 507, 515, 516, 518, 521, 525, 533, 550. *Vide* capítulo 4.1.2.4).

Nos *Opúsculos*, Leite de Vasconcelos incluiu uma sétima epígrafe no artigo do *Aurora do Cávado* (Vasconcelos, 1938b, pp. 211-212. Inscrição correspondente a *IRCP* 499). Indagámos sobre esta presença. Entre o primeiro trabalho e o final, não identificámos o monumento (Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2; Vasconcelos, 1891). Este pode ter sido efectivamente editado, pois não conseguimos consultar os números 1184, 1188, 1189 e 1220 em várias bibliotecas, por faltar ou devido ao mau estado dos exemplares. Por outro lado, o investigador português inseriu-o no volume II das *Religiões da Lusitânia*, afirmando ser inédito (Vasconcelos, 1905b, pp. 134-135). Hübner não o publicou (cf. *CIL* II – S; *EE* VIII; *EE* IX).

Que Leite de Vasconcelos tinha falta de tempo para realizar tudo o que necessitava e desejava não duvidamos e foi notório durante toda a sua vida (cf., v.g., Coito, Cardoso & Martins, 2008, *passim*. *Vide* capítulo 2.3). Todavia, na nossa opinião, o empenho em fornecer as informações ao sábio alemão denotava alguma contenção (Guerra, 2014, pp. 234-236). A sua posição era clara e registou-a no jornal, “ir-lhe-hei em artigos sucessivos dando cópia de taes inscrições”, “O fim exclusivo desta publicação era

enviar inscrições novas ao Sr. Dr. Emílio Huebner”, apesar de no postal deixar subentendido que iria enviá-las numa missiva, uma vez que a publicação não estaria pronta rapidamente (CCE 7 (SMS Ms. 14); Vasconcelos, 1890d, p.1; Vasconcelos, 1891, p. 1; Vasconcelos, 1938b, pp. 207, 212). Já em carta de 16/07/1890, enviada a Francisco Martins Sarmiento, manifestava esta atitude, declarando “O Hübner pediu-me as inscrições do Endovelico para o *Corpus* que está a acabar (o supl.). Eu prometi enviar-lhas até fins de Julho, mas estou atrapalhado, porque me falta o tempo. Em todo o caso hei-de publicá-las primeiro num jornal de cá, e mandar-lhe a separata. Ainda não sei para que jornal me será mais fácil mandá-las.” (Cardozo, 1958, p. 116, n.º 35, de 16/07/1890). Encontramos a razão para tal facto noutra missiva remetida a esta individualidade, de 23/08/1888, acerca dos textos epigráficos de Cárquere (*Vide* capítulo I.4.1): “Nenhuma dúvida há com as inscrições; mas, como a *Rev. Lus.* leva ainda tempo a sair, e por outro lado eu as tinha há muito prometido ao B. de Figueiredo, dei-lhas ante-ontem para saírem agora na *Rev. Arch.*, de onde o Hübner as pode copiar à vontade. É melhor que sejam publicadas primeiro cá; senão parece que todos nós somos uns simples correspondentes dos sábios estrangeiros.” (Cardozo, 1958, p. 89, n.º 26, de 23/08/1888), decisão com a qual concordou de resto o próprio vimaranense, “Acho bem que as inscrições do Negrão sejam primeiro publicadas n’um periodico portuguez.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20753, de 26/09/1888 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)), ainda que adoptasse uma atitude inversa (Cardozo, 1947, pp. 105-109, 112-113, nota 30, de 02/10/1887; Cardozo, 1958, p. 89, nota 145, n.º 26, de 23/08/1888, p. 116, nota 197, n.º 35, de 16/07/1890). Em 1895, reafirmou esta posição, escrevendo a respeito de novidades de Mértola, “vou inserir nas páginas da revista *O Arqueólogo Português*, para que as analise com as suas ponderações” (CCE 50 (Vasconcelos, 1895a, p. 182)).

Imbuído deste procedimento, o investigador português retardou o envio das novidades, pois só através de uma impressão pública daria a conhecer as epígrafes ao erudito germânico. Além disso, a quinze dias de terminado o prazo com que se comprometera, finais de Julho, ainda não tinha decidido onde realizaria a edição, como se pode verificar na epístola dirigida a Francisco Martins Sarmiento: “Ainda não sei para que jornal me será mais fácil mandá-las.” (Cardozo, 1958, pp. 114-116, n.º 35, de 16/07/1890) (CCE 7 (SMS Ms. 14); Guerra, 2014, pp. 234-236).

Devido à sua atitude, parece que pretendeu desviar a atenção do seu correspondente com outros assuntos na carta de 17/06/1890, nomeadamente com os textos epigráficos

apresentados por Francisco Martins Sarmento na *Revista Lusitana* (CCE 7 (SMS Ms. 14); Sarmento, 1887b. *Vide* capítulo 4.1.2.5).

Poucas semanas depois – missiva de 29/08/1890 –, enviou decalques com novas inscrições a Hübner, porém com objectivos precisos, pedir-lhe ajuda e convidá-lo a adiar a publicação do *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II: “Peço o favor de me dizer o que se lhe offerecer [...]. Não poderá V. E. demorar mais alguns meses a conclusão da impressão do Suppl. do Corpus?” (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2 - algumas epígrafes indicadas por “Mandeí ao Huebner”; CCE 10 (SMS Ms. 15)). Assim, o conservador da Biblioteca Nacional esclarecia as suas dúvidas, recolhia informações e teria mais tempo para editar em primeiro lugar os monumentos inéditos. Estas solicitações, tal como o retardar analisado *supra*, talvez não tenham passado despercebidos a Hübner, que em resposta escreveu num tom mais grave, “O meu suplemento não pode esperar sem fim; estamos nos índices.” (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). As epígrafes remetidas foram inseridas nesta obra magna da Academia de Berlim, ainda que num último apêndice – *Addenda Addendis* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6329-6336; *IRCP* 471, 482 (fragmentos a-c), 493, 513, 538, 547, 558; Guerra, 2014, pp. 234-235). A integridade do autor é notória, referindo abertamente o envio pelo investigador português: “I. Leite de Vasconcellos misit ectypa, unde descripsi.”⁷⁶⁹ (*CIL* II – S 6329-6336). A primazia do lusitano foi assim garantida para a posteridade.

Em 1891, Leite de Vasconcelos prometeu novamente a expedição de novidades (CCE 13 (SMS Ms. 16)). Este facto parece não ter merecido comentário algum do seu respondente. Mantemos a dúvida, porque consideramos ter-se extraviado a réplica e na missiva seguinte existente a questão não foi abordada (CCE 14; CCE 16 (MNA Ms. 10452)). No *terminus* do seu artigo no *Aurora do Cávado*, reafirmou que o objectivo específico deste trabalho era enviar ao sábio alemão as inscrições publicadas, de modo a que este autor as inserisse no *Supplementum*. Uma vez que esta obra já estava no prelo, reservaria as novidades para outra ocasião, o que veio a concretizar, como se pode observar *infra* (Vasconcelos, 1891, p. 1; Vasconcelos, 1938b, p. 212).

Até 1894, apenas foram trocadas impressões sobre o segundo monumento publicitado no *Aurora do Cávado* e acerca de fontes etimológicas, assim como a solicitação pelo investigador lusitano de indivíduos que se dedicassem à linguística céltica (CCE 15

⁷⁶⁹ Tradução: “J. Leite de Vasconcelos enviou os decalques, a partir dos quais transcrevi.”.

(SMS Ms. 17) – CCE 16 (MNA Ms. 10452); CCE 18 – CCE 19 (MNA Ms. 10453); CCE 25 – CCE 31 (MNA Ms. 10456); Vasconcelos, 1890d, p. 1, n.º 2; *IRCP* 515. *Vide* capítulo I.3.1.2.2). Neste ano, o director do Museu Etnográfico Português assinou um artigo, e uma respectiva adenda, sobre o termo *aedeolu(m)*, patente na inscrição da escultura do hemiplégico, referida *supra* (Vasconcelos, 1890b, p. 7; Vasconcelos, 1894a; Vasconcelos, 1938b, p. 204; *IRCP* 523). Em carta a Francisco Martins Sarmento, escrevia que esta palavra não figurava sequer no dicionário de latim (Cardozo, 1958, p. 157, n.º 48, de 27/11/1893). Encaminhou o trabalho ao sábio alemão, pedindo-lhe que entregasse um exemplar a Mommsen (CCE 34 (SMS Ms. 23)). Na Sociedade Martins Sarmento, existe um documento no volume II das *Cartas a Emílio Hübner*, que corresponde a uma folha da *Adenda* referida na carta, o que confirma o envio e a recepção indicada na missiva de 7 de Maio de 1894 (CCE 36 (MNA Ms. 10458); SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II, n.º 68). Afirmou também não ter inserido o texto da epígrafe devido a uma dificuldade de leitura. Talvez para evitar melindrar o erudito germânico, por não lhe ter enviado previamente o monumento, escreveu na epístola não ter tido disponibilidade para o consultar (CCE 34 (SMS Ms. 23)). De qualquer das formas, poderia ter adiado a publicação e não precisava sentir receio algum do seu correspondente, que já lhe tinha dado provas de integridade e estima. Como observámos *supra*, o conservador da Biblioteca Nacional havia-lhe enviado inscrições novas sobre as quais tinha dúvidas, que Hübner lançou no *Supplementum* mencionando distintamente a autoria do português (CCE 10 (SMS Ms. 15) – CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6329-6336). Por outro lado, várias vezes lhe pediu ajuda sobre assuntos variados e obteve uma resposta em conformidade (*vide*, *v.g.*, CCE 12 (MNA Ms. 10451) – CCE 31 (MNA Ms. 10456)).

O sábio alemão lamentou a não edição do texto completo da epígrafe e propôs mesmo uma reconstituição em desenho (CCE 37 (MNA Ms. 10459+A)). Consideramos que a sua posição é a correcta e deve nortear sempre a primeira publicação de um monumento epigráfico inédito. Apenas a inscrição toda pode esclarecer na íntegra o seu sentido e teor (*cf.*, *v.g.*, Encarnação, 1997, pp. 11-16). Leite de Vasconcelos defendeu-se, afirmando que leu a palavra em causa de forma acertada. O problema residia noutras letras, sobre as quais iria consultá-lo depois (CCE 38 (SMS Ms. 25)). Este facto não voltou a estar presente na correspondência identificada e aqui em estudo, o que nos induz a pensar que não se regressou ao assunto (*Vide* CCE).

O texto completo foi editado somente em 1922, apesar de o investigador lusitano ter comunicado a Francisco Martins Sarmento que iria publicá-lo nas *Religiões da Lusitânia*. Nesta obra, o autor incluiu unicamente um desenho. O douto vimaranense terá sido uma das primeiras pessoas a ter acesso ao texto epigráfico, uma vez que o conservador da Biblioteca Nacional o remeteu por carta, antes de 18/12/1895. Leite de Vasconcelos ofereceu uma cópia da estátua ao correspondente minhoto (Cardozo, 1958, pp. 156-157, n.º 48, de 27/11/1893, p. 167, n.º 52, de 03/1894, pp. 183-186, n.ºs 63-64, de sem data e 18/12/1895; Vasconcelos, 1905b, pp. 128-129; Vasconcelos, 1922; Vasconcelos, 1938b, pp. 131-172; Cardozo, 1985, p. 32, n.º 24).

O erudito germânico incentivou-o ainda a publicar a totalidade das suas descobertas em livro, financiado pela Academia das Ciências de Lisboa, o que seria admirável para esta. Defendeu também o uso de fotografias para ilustrar as epígrafes, numa atitude que situamos na mesma linha da opinião de Francisco Martins Sarmento, analisada *supra* (CCE 37 (MNA Ms. 10459+A). *Vide* capítulo 4.1.2.5).

À excepção de, em 1896, no segundo pedido de desculpas, o arqueólogo lusitano relembrar o seu correspondente sobre as inscrições inéditas do santuário remetidas, sem as ter editado antes, o tema Endovélico está omissa nas comunicações a partir da réplica à carta de 1894. Este facto deve-se talvez à promessa do investigador lusitano, nesta missiva, em editar toda a documentação de uma forma conjunta, e com fotografias, nas *Religiões da Lusitânia* (CCE 38 (SMS Ms. 25); CCE 69 (SMS Ms. 38). *Vide* capítulo 4.1.2.6). O conservador da Biblioteca Nacional tinha estabelecido este compromisso nas suas primeiras publicações, n' *O Dia* e no *Aurora do Cavado*, tal como na epístola de 29/08/1890⁷⁷⁰ (CCE 10 (SMS Ms. 15); Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, p. 4; Vasconcelos, 1890d, p. 1; Vasconcelos, 1938b, pp. 201, 207). Em 17 de Dezembro de 1893, a propósito daquela obra magna, comunicou a Hübner que iria inserir nela todos os monumentos epigráficos relativos às divindades indígenas (CCE 29 (SMS Ms. 21). *Vide* capítulo 4.1.2.6), o que incluía naturalmente a totalidade dos textos de Endovélico. Este facto foi expresso de forma clara na carta do ano seguinte (CCE 38 (SMS Ms. 25)). No entanto, cerca de cinco anos depois, informou-o que não iria cumprir este objectivo para não aumentar em demasia o tomo. A colecção inteira seria editada noutro trabalho, específico sobre o deus (CCE 122 (SMS Ms. 63)). Em 1905, na publicação do volume II das *Religiões da Lusitânia* mantinha esta posição, mas nunca

⁷⁷⁰ Data do carimbo do remetente.

consumou o prometido (Vasconcelos, 1905b, pp. 111-112; Guerra, 2014, p. 236). Passadas mais de três décadas, afirmou que tinha proferido o suficiente nesta obra (Vasconcelos, 1938b, p. 213).

Em relação às inscrições inéditas, apresentou seis nas *Religiões da Lusitânia*, incluindo a epígrafe com o termo *aedeolu(m)* referida *supra* (Vasconcelos, 1905b, pp. 130-134, 138, 142-143; *IRCP* 500, 517, 523, 528, 530, 536), uma na *Revista de Arqueologia* de 1934-1936 (Vasconcelos, 1934-1936, pp. 193-194; *IRCP* 511) e nove no catálogo de Epigrafia do Museu Etnológico, em 1938 (Vasconcelos, 1938a [1956], pp. 119-121, n.^{os} 42, 46, 48-54; *IRCP* 491, 502, 520, 530 (fragmento B), 539, 540, 545, 553). Uma destas foi ligada a outra por José d'Encarnação (Vasconcelos, 1905b, pp. 142-143; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.^{os} 42-43; *IRCP* 530). O sábio alemão não editou nenhum outro monumento da divindade após o *Supplementum* do *CIL* II, como se pode verificar nos *Additamenta* inseridos na *Ephemeris Epigraphica* (*EE* VIII; *EE* IX).

Antes de 27/07/1891, Leite de Vasconcelos terá pedido informações bibliográficas ao seu correspondente acerca da etimologia do teónimo (CCE 18 – CCE 19 (MNA Ms. 10453)). O erudito germânico indicou-lhe o trabalho de Alfred Holder, sobre o vocabulário do celta antigo. Esta obra começou a ser editada em fascículos no ano de 1891 (CCE 19 (MNA Ms. 10453)). Em 1896, publicou-se o volume I, correspondendo às letras A-H (Holder, 1896).

Baseando-se nos estudos deste autor, assim como de outros, sobre *Ande-* e *Endo-uell-*, o investigador português considerou uma origem céltica para o teónimo. A forma primitiva **Andeuellicos* seria formada por uma partícula *Ande-*, um elemento medial *-uell-* e um sufixo *-ico-s* e significaria *optimus*, muito bom (Holder, 1896, pp. 139, 1436-1437; Vasconcelos, 1900c, pp. 308-310; Vasconcelos, 1900-1901, pp. 231-232; Vasconcelos, 1905, pp. 124-125). A investigação seguiu as teses do conservador da Biblioteca Nacional, à excepção de Toutain. Recentemente, uns estudiosos supuseram elementos latinos na sua formação. Alguns autores, entre os quais nos perfilhamos, propõem uma base linguística de valor toponímico (Vasconcelos, 1922, pp. 130-131; Vasconcelos, 1938b, pp. 139-140; Lambrino, 1951a, pp. 110-111; Dias & Coelho, 1995-1997, pp. 236-238; Búa Carballo, 2000, pp. 72-73; Prósper Pérez, 2002, pp. 350-351; Ribeiro, 2002, pp. 85-88; Marques, 2011, pp. 514-515, 520).

1.3.1.1 O Dia

Supra indicámos que Leite de Vasconcelos editou cinco textos epigráficos n' *O Dia*. O erudito germânico teve conhecimento deste artigo e inseriu os monumentos no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (Vasconcelos, 1890b, p. 3; Vasconcelos, 1890c, p. 5; *CIL* II – S 6265, 6266, 6267, 6268, 6269; Vasconcelos, 1938b, pp. 201-202. *Vide* capítulo 4.1.2.4). As primeiras quatro não suscitaram qualquer comentário pelos correspondentes nas cartas (*Vide* CCE) e foram editadas de forma praticamente igual por ambos (Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 1-4; Vasconcelos, 1890c, p. 5, n.º 1-4; *CIL* II – S 6266, 6267, 6268, 6269; Vasconcelos, 1938b, pp. 201-202, n.º 1-4). Apenas na primeira, Hübner considerou uma fórmula votiva diferente – *V S L M*, em vez de *V A L S* – (Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 1; Vasconcelos, 1890c, p. 5, n.º 1; *CIL* II – S 6267; Vasconcelos, 1938b, p. 201, n.º 1). Desconhecemos a razão para tal facto. A maioria dos investigadores tem seguido a lição do português, que se lê claramente na inscrição (Matriznet, MNA N.º E 7714 = 988.3.7, com foto) (Lambrino, 1951, p. 101, n.º 31; Lambrino, 1967, pp. 174-175, n.º 101; *IRCP* 496, com foto; *RAP* 77, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 397, n.º 65, com foto; Búa Carballo, 2000, p. 606, n.º 47; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.M. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, p. 152, n.º 27; *ILER* 837).

1.3.1.1.1 *CIL* II – S 6265 (MNA N.º E 7715 = 988.3.9)

Na quinta epígrafe, o sábio alemão questionou o conservador da Biblioteca Nacional se o antropónimo *Mariana* teria um ou dois -*NN*- (CCE 6 (MNA Ms. 10449)). O correspondente esclareceu que se havia tratado de um erro tipográfico e que lhe tinha enviado um “folheto” com a versão correcta, escrevendo na missiva o texto corrigido: “*MARIANA*” (CCE 7 (SMS Ms. 14)). De facto, no artigo editado no jornal *O Dia*, o nome foi redigido com dois -*NN*- (Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 5). Na separata, escreveu-se unicamente com um -*N*- (Vasconcelos, 1890c, p. 5, n.º 5; Vasconcelos, 1938b, p. 202, n.º 5). Pensamos que o erro teria sido realizado pelo próprio autor, pois no original manuscrito do artigo lê-se *MARIANNA* e nos apontamentos de Endovélico observa-se *MARIANA*, documentação existente no Legado de José Leite de Vasconcelos do Museu Nacional de Arqueologia (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico I*; MNA, *Apontamentos Opúsculos*, Cx. 1, avulso). Deste modo, a dúvida do erudito germânico relacionar-se-ia com as diferentes publicações. No entanto, pensamos

que a interrogação poderia referir-se a outro aspecto. Na Península Ibérica, atestavam-se somente *Mariana*, *Marianus* e *Mariane* com um -N-, pelo que *Marianna* seria necessariamente um *hapax* (*CIL* II 22, 544, 2216, 3174, 3643, 4112, 4465). Hübner, assim como todos os investigadores até à actualidade, editou *MARIANA*, que se lê nitidamente no monumento (Matriznet, MNA N.º E 7715 = 988.3.9, com foto) (*CIL* II – S 6265; *ILS* 4513e; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 14; Blázquez Martínez, 1962, p. 151, n.º 24; Lambrino, 1967, pp. 187-188, n.º 115; *ILER* 842; *IRCP* 484, com foto; *RAP* 65, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, pp. 240, 253 (Quadro 1); Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 391, n.º 51, com foto; Búa Carballo, 2000, p. 584, n.º 4; Prósper Pérez, 2002, p. 346, n.º 1.1.B).

Leite de Vasconcelos, seguido pelo sábio alemão, e também por Dessau, publicou inicialmente o texto com sete linhas, colocando em duas regras distintas os dois epítetos: *DEO / SANCTO* (Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 5; Vasconcelos, 1890c, p. 5, n.º 5; *CIL* II – S 6265; *ILS* 4513e). Consideramos que tal se deve a uma gralha, corrigida nos *Opúsculos* pelo próprio autor, uma vez que a inscrição apresenta os dois vocábulos numa mesma linha (Matriznet, MNA N.º E. 7715 = 988.3.9, com foto) (Vasconcelos, 1938b, p. 202, n.º 5; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 14; Lambrino, 1967, pp. 187-188, n.º 115; *IRCP* 484, com foto; *RAP* 65, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 240; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 391, n.º 51, com foto; Búa Carballo, 2000, p. 584, n.º 4; Prósper Pérez, 2002, p. 346, n.º 1.1.B. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, p. 151, n.º 24; *ILER* 842).

À excepção do que se analisou *supra*, o texto tem sido editado de forma igual pela maioria dos vários investigadores (Vasconcelos, 1890b, p. 3, n.º 5; Vasconcelos, 1890c, p. 5, n.º 5; *CIL* II – S 6265; *ILS* 4513e; Vasconcelos, 1938b, p. 202, n.º 5; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 14; Blázquez Martínez, 1962, p. 151, n.º 24; Lambrino, 1967, pp. 187-188, n.º 115; *ILER* 842; *IRCP* 484, com foto; *RAP* 65, com foto; Prósper Pérez, 2002, p. 346, n.º 1.1.B. Cfr. Dias & Coelho, 1995-1997, p. 240; Búa Carballo, 2000, p. 584, n.º 4; Fernandes & Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 391, n.º 51, com foto).

Leitura: *DEO SANCTO / ENDOVELLICO / ANN(ia) Q(uinti) F(ilia) MARIANA / PRO POMPEIA . PRISCA / EX RENSPONSV / A(nimo) . L(ibens) . P(osuit)*

I.3.1.2 Aurora do Cávado

No dia 22 de Agosto de 1890, o erudito germânico indicou a recepção do jornal *Aurora do Cávado*, com epígrafes inéditas (CCE 9 (MNA Ms. 10448)). Cinco não colocavam dúvidas de leitura e, certamente por isso, editou-as de forma semelhante no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (CCE 9 (MNA Ms. 10448); Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2, n.^{os} 1, 3-6; *CIL* II – S 6265a, 6267b, 6269a, 6269b, 6269c). Todavia, ocorrem algumas diferenças, que expomos em seguida.

I.3.1.2.1 *CIL* II – S 6269b (MNA N.º E 7916 = 988.3.30)

No monumento epigráfico n.º 3, Hübner inseriu um *I* no final da quarta linha (Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2, n.º 3; *CIL* II – S 6269b). Ignoramos as razões para este acrescento, uma vez que o assunto não se referiu na correspondência e somente em 1938 o investigador português deu a conhecer o texto resultante da união de dois fragmentos, no qual surgiu precisamente um *I* como penúltima letra da referida regra.⁷⁷¹ Talvez se deva a uma confusão na leitura do artigo de língua portuguesa pelo sábio alemão, pois no final do comentário da inscrição refere-se um *I*, embora relativo ao teónimo (Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2, n.º 3; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 57; Vasconcelos, 1938b, pp. 208-209, n.º 3; Lambrino, 1967, pp. 188-189, n.º 116). As linhas têm sido lidas de forma um pouco diferente pelos vários autores que se dedicaram ao seu estudo (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 57; Vasconcelos, 1938b, pp. 208-209, n.º 3; Lambrino, 1967, pp. 188-189, n.º 116; *IRCP* 507, com foto; *RAP* 88, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, p. 597, n.º 28; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.R; Marques, 2011, p. 513, fig. 8).

O teónimo foi percebido inicialmente como *INDOVELIIC* = *INDOVELEC* (Vasconcelos, 1890d, pp. 1-2, n.º 3; *CIL* II – S 6269b; Vasconcelos, 1938b, pp. 208-209, n.º 3). Depois, o próprio Leite de Vasconcelos abandonou esta lição, preferindo *INDOVELLICO*, em que foi seguido até à actualidade (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 57; Lambrino, 1967, pp. 188-189, n.º 116; *IRCP* 507; *RAP* 88; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, p. 597, n.º 28; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º

⁷⁷¹ Em artigo publicado anteriormente, considerámos que esta união deveria ser reestudada, de modo a garantir – ou não – a reconstituição (Marques, 2011, p. 512, nota 2). Mantemos esta opinião, mas não efectuamos o respectivo estudo na presente dissertação, devido ao facto de a inscrição em causa não ser analisada na correspondência e por isso ser encarada como uma referência indirecta.

1.1.R). Em estudo recente, mantivemos as dúvidas entre as duas formas teonímicas (Marques, 2011, pp. 512-513, com fotos).

Leitura: *DEO SAN/CTO IND/OVELIIC/O* (ou *IND/OVELLIC/O*) [...] *LIV* [...] [...] *LIANV* [...] / *V* [...]

1.3.1.2.2 CIL II – S 6267b (MNA N.º E 7826 / 7896 = 988.3.69)

Quando a inscrição n.º 5 foi publicada, conhecia-se unicamente a parte direita do monumento (Vasconcelos, 1890d, p. 2, n.º 5). Depois, ainda com o investigador português, foram identificados dois fragmentos, completando a placa do lado esquerdo, o que permitiu esclarecer e corrigir a leitura. Algumas reconstituições propostas pelos dois correspondentes foram então validadas (Vasconcelos, 1890d, p. 2, n.º 5; *CIL II – S 6267b*; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 59; Vasconcelos, 1938b, p. 210, n.º 5).

Na primeira regra, o conservador da Biblioteca Nacional considerou os antropónimos *Mogolius* ou *Vogolius*, preferindo aquele, opção que o erudito germânico editou e que se confirma na pedra, através da junção dos elementos (Matriznet, MNA N.º E 7826 / 7896 = 988.3.69, com foto) (Vasconcelos, 1890d, p. 2, n.º 5; *CIL II – S 6267b*; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 59; Vasconcelos, 1938b, p. 210, n.º 5; Blázquez Martínez, 1962, p. 152, n.º 29; Lambrino, 1967, p. 179, n.º 106; *ILER* 839; *IRCP* 518, com foto; *RAP* 99, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 254 (Quadro 1); Búa Carballo, 2000, p. 587, n.º 10; Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.X).

Na segunda linha, concordamos com a reconstituição *C[ARV]S*, iniciada por Lambrino, pois é um *cognomen* atestado na Hispânia (Lambrino, 1967, p. 179, n.º 106; *NPH*, pp. 318-319; Búa Carballo, 2000, p. 587, n.º 10; *AALR*, p. 133. Cf. *IRCP* 518, com foto; *RAP* 99, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 254 (Quadro 1); Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.X).

Na terceira regra, Leite de Vasconcelos havia colocado só o que se lia na pedra – ...*ELLICO* –, ao contrário de Hübner que redigiu [*OV*]*ELLICO* (Vasconcelos, 1890d, p. 2, n.º 5; *CIL II – S 6267b*). Estes caracteres observam-se com alguma clareza. Apenas as letras *V* e *E* foram afectadas, ainda que tal não prejudique a compreensão do texto, no nosso parecer. Deste modo, preferimos *OVELLICO*, seguindo Búa Carballo (Matriznet, MNA N.º E 7826 / 7896 = 988.3.69, com foto) (Búa Carballo, 2000, p. 587, n.º 10. Cf. Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 59; Vasconcelos, 1938b, p. 210, n.º 5; Lambrino,

1967, p. 179, n.º 106; *IRCP* 518, com foto; *RAP* 99, com foto; Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.X. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, p. 152, n.º 29; *ILER* 839).

Na quarta linha, sobre a fórmula votiva, o investigador lusitano ponderou ambas as hipóteses *A(nimo)* ou *V(otum)*, enquanto o sábio alemão optou por *A(nimo)* (Vasconcelos, 1890d, p. 2, n.º 5; *CIL* II – *S* 6267b). A ligação dos fragmentos permitiu reconhecer na epígrafe *V(otum) A(nimo) L(ibens) S(oluit)*, seguindo as lições de Encarnação e Búa Carballo (*IRCP* 518, com foto; Búa Carballo, 2000, p. 587, n.º 10. Cf. Vasconcelos, 1938a [1956], p. 122, n.º 59; Vasconcelos, 1938b, p. 210, n.º 5; Lambrino, 1967, p. 179, n.º 106; *RAP* 99, com foto; Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.X. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, p. 152, n.º 29; *ILER* 839).

Leitura: *M(arcus) MOGOLIVS / Ć[ARV?]S . END/OVĒLLICO / V(otum) . A(nimo) . L(ibens) . S(oluit) .*

1.3.1.2.3 *CIL* II – *S* 6267a (MNA N.º E 7918 = 988.3.32)

A inscrição n.º 2 suscitou comentários pelos dois correspondentes, não em termos do texto epigráfico, que de acordo com o conservador da Biblioteca Nacional era claro, mas quanto à interpretação das segunda, terceira, quarta e início da quinta linhas (CCE 9 (MNA Ms. 10448); Vasconcelos, 1890d, p. 1, n.º 2; *CIL* II – *S* 6267a). Leite de Vasconcelos desenvolveu os nomes da quarta regra como *Trebius* e *Museus* (Vasconcelos, 1890d, p. 1, n.º 2). Na carta de resposta, o erudito germânico interpretou “*pro vernaculam Treb(ia) Muse ser(va)*”, que registou no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, colocando todavia aqui o -*M* de *VERNACLAM* entre parênteses (CCE 9 (MNA Ms. 10448); *CIL* II – *S* 6267a). Leite de Vasconcelos agradeceu e questionou se seria “*Trebiam, Muse seruum*”, fazendo concordar o caso latino do antropónimo *Trebia* e do adjectivo *serua* com o adjectivo *uernaculam*, que está no acusativo (CCE 10 (SMS Ms. 15); Vasconcelos, 1891, p. 1). Hübner não retorquiu, pensamos que por ter dedicado a sua atenção aos monumentos inéditos que o investigador lusitano lhe enviou e devido ao facto de estar no término da sua obra (CCE 10 (SMS Ms. 15) – CCE 12 (MNA Ms. 10451)). Já em 1891, este interpelou-o novamente, tendo obtido o êxito desejado.

Segundo o sábio alemão, *uernaculam* e *serua* significavam uma escrava nascida em casa, sendo os seus nomes *Trebia Muse*, mantendo a interpretação remetida

anteriormente e inscrita no seu livro (CCE 9 (MNA Ms. 10448); CCE 15 (SMS Ms. 17) – CCE 16 (MNA Ms. 10452); *CIL* II – S 6267a). O seu correspondente publicou inicialmente esta leitura, mantendo contudo a concordância entre *uernaclam*, *Trebiām* e *seruam* (Vasconcelos, 1891, p. 1). Na década seguinte sustentou esta lição, com uma variante: *Treb(ia)*. Considerou também que *uernaclam* estaria por *uernacla*, situação que seria frequente na epigrafia latina (Vasconcelos, 1905b, pp. 132-134). Por esta razão, posteriormente, desenvolveu *ser(ua)*, e não *ser(uam)* (Vasconcelos, 1938b, p. 213). O erudito germânico teria ponderado originalmente uma situação semelhante, apresentando por isso a letra *-M* entre parêntises (*CIL* II – S 6267a). De facto, a preposição *pro* rege ablativo, o que exigia *uernacla* (Faria, 1958, pp. 260-261; Miranda, 1962⁸, p. 172). Contudo, nos textos epigráficos, verifica-se uma confusão, em termos sintáticos entre os dois casos, acusativo e ablativo, e devido à queda do *-m* final (Faria, 1957², pp. 94-98; Carnoy, 1971², pp. 199-214, 269-270; Santos, 2005, pp. 50-52, 84-85).

Na sua penúltima edição do monumento, o director do Museu Etnológico Português corrigiu a leitura, reconhecendo pela primeira vez *Vernacla* como o antropónimo da cativa. *Treb(ii) Muse*, este por *Musae*, seria o nome do proprietário. Pensamos que “Servio” na tradução se deve a uma gralha, pois não faz sentido com o texto epigráfico que apresenta nas mesmas linhas (Vasconcelos, 1938b, p. 213). Deste modo, teríamos a fórmula onomástica característica dos escravos, composta pelo seu *cognomen*, seguido do nome do senhor e terminado pela palavra *seruus(a)* (cf., v.g., Encarnação, 1997, p. 17, nota 1).

Esta proposta não foi continuada pelos autores seguintes. Lambrino adoptou sobretudo a leitura de Hübner, distinguindo-se apenas na não colocação do *-M* de *VERNACLAM* entre parêntises. Todavia, na interpretação considerou *Treb(ia)* a cativa e *Muse* a sua proprietária (*CIL* II – S 6267a; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 33; Lambrino, 1967, pp. 170-171, n.º 96). Blázquez e Vives sugeriram o acusativo para as palavras em questão – “*VERNACLAM TREB(iam) MVSE(m) SER(vam)*” – (Blázquez Martínez, 1962, p. 152, n.º 28; *ILER* 838 e p. 831).

A leitura ficou decidida, na nossa opinião, com Encarnação, aceite até aos dias de hoje, com algumas variantes (*IRCP* 515, com foto; *RAP* 96, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 246; Búa Carballo, 2000, p. 610, n.º 55; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.D; Fernandes in Ribeiro (ed.), 2002, pp. 393-394, n.º 57, com foto). Regressou-se à posição de *Vernacla* como antropónimo da escrava. *Treb(iae)*, ou ainda *Treb(iciae)*, e,

mais recentemente com Búa Carballo, *Treb(ie)*, *Muse* era a identificação da sua possuidora, diferenciando-se neste caso no género proposto por Leite de Vasconcelos, feminino em vez de masculino (Vasconcelos, 1938b, p. 213; *IRCP* 515; *RAP* 96; Búa Carballo, 2000, p. 610, n.º 55; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.D; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 393-394, n.º 57; Encarnação, 2008, p. 64). A hipótese de *Muse* estar por *Musae* foi seguida no catálogo da exposição *Religiões da Lusitânia* do Museu Nacional de Arqueologia (Vasconcelos, 1938b, p. 213; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 393-394, n.º 57). Contudo, a grafia *Muse* no genitivo está comprovada na epigrafia (*IRCP* 515). Deste modo, podemos estar perante uma abreviatura ou ser resultante da monotongação de *ae* em *e* (Faria, 1957², pp. 73-74; Carnoy, 1971², pp. 70-81; Santos, 2005, pp. 36-39). Quanto a *ser(ua)* / *ser(uam)*, optou-se por esta última versão, garantindo assim a concordância com *Vernaclam* (*IRCP* 515; *RAP* 96; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 246; Búa Carballo, 2000, p. 610, n.º 55; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.D; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 393-394, n.º 57).

As primeira, sexta e sétima linhas do monumento não causavam dúvidas. A hesitação na segunda metade da quinta regra prende-se unicamente com o *nomen*, que o sábio alemão interpretou como um possível *Licinius*, provavelmente por ser o gentílico começado por *L-* mais frequente na Hispânia. A maioria dos autores concordaram com esta lição, que também aceitamos. Este *nomen* encontra-se atestado no *conuentus Pacensis* e permanece como gentílico mais habitual na Península Ibérica, iniciado pela letra *L-* (Vasconcelos, 1891, p. 1; *CIL* II – *S* 6267a e pp. 1065-1067; Vasconcelos, 1905b, p. 132; Vasconcelos, 1938b, p. 213; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 33; Blázquez Martínez, 1962, p. 152, n.º 28; Lambrino, 1967, pp. 170-171, n.º 96; *IRCP* 515; *RAP* 96; *NPH*, pp. 167-177; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 246; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.D; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 393-394, n.º 57, com foto; *AALR*, pp. 209-219; Encarnação, 2008a, p. 64).

Leitura: *END(ouellico)* . *SACR(um)* / *PRO VERN/ACLAM* / *TREB(iae ou iciae ou ie)* *MVSE* / *SER(uam)* . *Q(uintus)* . *L(icinius)* . *CA/TVLLVS* / *A(nimo)* . *L(ibens)* . *V(otum)* . *S(oluit)* .

I.3.1.3 CCE 11 (MNA Ms. 10450)

Como indicámos *supra*, no dia 29/08/1890, o investigador português enviou novas inscrições ao seu correspondente, pedindo-lhe a sua opinião, que recebeu em 27/09/1890 (CCE 10 (SMS Ms. 15) – CCE 11 (MNA Ms. 10450)). A sua solicitação incluía também as datações dos caracteres das epígrafes. O erudito germânico não respondeu, mesmo quando o conservador da Biblioteca Nacional o questionou directamente sobre a cronologia do “hino a Endovélico” (CCE 10 (SMS Ms. 15); CCE 13 (SMS Ms. 16). *Vide* CCE). A datação dos monumentos foi apenas exposta no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (*CIL* II – S 6329-6336).


A atribuição cronológica de uma inscrição pode basear-se em vários aspectos, nomeadamente paleográficos, que Leite de Vasconcelos pretendia (CCE 10 (SMS Ms. 15)). Contudo, os autores consideram a análise paleográfica um método falível, principalmente se utilizado de modo isolado (cf., v.g., Gordon & Gordon, 1977², pp. 208-217; *IRCP*, p. 833; López Barja, 1993, pp. 35-38).

Hübner datou as letras da epígrafe MNA N.º E 7920 = 988.3.44 de aproximadamente do século II, enquanto Blázquez Martínez recuou para os finais do século I ou inícios do II (*CIL* II – S 6329; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 35). Sobre o monumento MNA N.º E 7861 = 988.3.67, a investigação é unânime em considerar os caracteres dos séculos II-III (*CIL* II – S 6330; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 36; *ILER* 825). A mesma situação ocorre na inscrição MNA N.º E 7741 = 988.3.64, datada do século II (*CIL* II – S 6331, 6334; Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62). Nas epígrafes MNA N.º E 7925 / 7935 = 988.3.196 e MNA 988.3.203, apenas o sábio alemão atribuiu uma cronologia para as letras, cuidando serem de talvez do século I e do século III, respectivamente (*CIL* II – S 6332, 6335).

A cronologia do monumento MNA 988.3.195, correspondente ao “hino”, era talvez aquela que mais interessava ao investigador português, questionando o seu correspondente directamente (CCE 13 (SMS Ms. 16)). A sua proposta, século III, foi rectificada pelo erudito germânico, que sugeriu o século II ou o século III. Assim, adoptou esta datação, publicando-a (CCE 13 (SMS Ms. 16); *CIL* II – S 6333; Vasconcelos, 1905b, p. 135). Blázquez Martínez restringiu novamente ao século III (Blázquez Martínez, 1962, p. 153, 156, n.º 39). Recentemente, Alves Dias adiantou para os finais do século III, para o século IV e mesmo para o V (Dias, 2002, p. 91; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 399, n.º 68).

I.3.1.3.1 CIL II – S 6329 (MNA N.º E 7920 = 988.3.44)

A epígrafe n.º 1 apresentava o teónimo de forma clara. As dúvidas residiam no nome do dedicante, que estaria gravado nas terceira e talvez quarta linhas. O erudito germânico não conseguiu esclarecer o antropónimo, queixando-se do decalque, posição que manteve no *Supplementum* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6329). Na missiva, pensamos ter escrito CAMA-IC / C . RS (ou V), enquanto na sua obra consideramos que registou CAMA-HC / C . RT (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6329). Propomos os caracteres S e V pela inclinação que o traço ostenta na epístola. Por esta mesma razão, não compreendemos o T. Contudo, não nos foi possível esclarecer esta questão, uma vez que não encontrámos no Museu Nacional de Arqueologia o fragmento com a quarta regra. O H em nexa com o C, já suposto por Encarnação na lição de Hübner, resulta do facto de parecer-nos que o traço horizontal toca nas duas letras (*IRCP* 538).

O conservador da Biblioteca Nacional nunca editou o monumento. No entanto, transcreveu-o nos seus apontamentos, onde se lê CAMAR /  . RI (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2). Noutra anotação registou CAMA I - C / C . RT, com a indicação da bibliografia “C., Supl., 6329”, o que nos induz a pensar que copiou esta desse lugar (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 1). Devido à proximidade temporal, cuidamos que este texto pode ser a leitura correcta do publicado pelo sábio alemão, clarificando os caracteres e os nexos. Algumas décadas mais tarde, Lambrino ponderou que a lição do erudito germânico seria CAAIC / C . RT, tendo sido o último autor a contemplar a quarta linha. Neste lugar, reconheceu C . RI, tal como nos parece ter feito Leite de Vasconcelos no primeiro manuscrito que referimos, ou GRI (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Lambrino, 1967, pp. 182-183, n.º 110, com desenho; *IRCP* 538, com foto; *RAP* 118, com foto).

As letras em causa da terceira regra foram fixadas publicamente pelo cientista romeno, que considerou CAMAR, desenvolvendo CAMAR(ius) ou C(aius) AMAR(edius?) (Lambrino, 1967, pp. 182-183, n.º 110). O investigador português já o tinha escrito numa das suas notas, sem contudo desenvolver a onomástica (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2). Um pouco neste sentido, Blázquez Martínez havia impresso antes somente C(aius) (Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 35). Todos os autores seguintes aceitaram basicamente a leitura de Lambrino, questionando todavia a sua interpretação, uma vez que o gentílico Amaredius é muito raro no Império Romano e inexistente na Península Ibérica (Lambrino, 1967, pp. 182-

183, n.º 110; *IRCP* 538; *RAP* 118; *NPH*, p. 269; Búa Carballo, 2000, p. 588, n.º 12; *AALR*, p. 83).

Concordamos com esta última opção, pois CAMAR é inteligível (*IRCP* 538, com foto; *RAP* 118, com foto). Quanto ao nome que estaria nestes caracteres, ponderamos a seguinte hipótese. No repertório de Salomies e Solin, observamos a existência de vários antropónimos, quer em posição de *nomen*, quer de *cognomen*, iniciados pelas letras *CAMAR*, e ainda *CAMER* (Solin & Salomies, 1994, pp. 43, 307). Incluímos estes últimos, porque está atestada na língua latina, e especificamente na Hispânia, a variação entre as duas vogais, *a* e *e*, antes de *r* (Carnoy, 1971², pp. 17-18; Santos, 2005, pp. 28-29). Além disso, se nos cingirmos aos dados epigráficos deste território, verificamos uma ocorrência do gentílico *Camerius*, em Mérida, e outra do *cognomen Camerianus*, na costa de Valência (*NPH*, pp. 107, 314; *AALR*, p. 130). Deste modo, tendo em conta os testemunhos hispânicos e as oscilações linguísticas, poderíamos estar perante a abreviatura de *Camarianus*, ou até de *Camarius*, esta sugerida anteriormente por Lambrino e evidenciada também enquanto *cognomen* (Lambrino, 1967, pp. 182-183, n.º 110; Solin & Salomies, 1994, pp. 43, 307). O *nomen Camarius* estar como *cognomen* não seria estranho, na medida em que se comprova epigraficamente a presença de gentílios em posição de *cognomina* (cf., v.g., *NPH*, pp. 255-553). Qualquer um destes antropónimos poderia ser um *hapax* na Península, mas a sua existência encontra-se confirmada no mundo romano, com um ou dois *-mm-* (Solin & Salomies, 1994, pp. 43, 307).

Por outro lado, se incluirmos o texto proposto pelo conservador da Biblioteca Nacional e por Lambrino para a quarta regra (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Lambrino, 1967, pp. 182-183, n.º 110), que não nos foi possível observar fisicamente, como indicámos *supra*, poderíamos ter o *nomen CAMAR(ius* ou *ianus)*, a filiação em *C(a)ii filius* e um *cognomen* iniciado pelos caracteres *RI*. Na Hispânia existe um *Riburrus*, um *Ripanus* e um *Riueius*, ainda que nenhum ocorra no *conuentus Pacensis* (*NPH*, p. 484; *IRCP*, p. 869; *AALR*, p. 281). Excluimos *Rinus* por não ser claro e ter sido lido de forma diversa recentemente (*IRCP* 538; Búa Carballo, 2000, pp. 615-616). A hipótese *RV* que referimos acima, com base no desenho da carta de Hübner, possibilitaria os *cognomina Rufinus* ou *Rufus*, bastante frequentes na região, tal como no restante território peninsular (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *NPH*, pp. 486-490; *IRCP*, p. 869; *AALR*, pp. 282-286). Esperamos que o fragmento apareça, de modo a esclarecer as leituras.

Leitura: *DEO EN/DOVELLI/CO CAMAR(ius ou ianus) / [C(aii filius) RIBVRRVS (ou RIPANVS ou RIVEIVS ou RVFINVS ou RVFVS) ...]*

I.3.1.3.2 CIL II – S 6330 (MNA N.º E 7861 = 988.3.67)

Recentemente, editámos um estudo que incluiu esta inscrição. Assim, seguimos aqui esse texto (Marques, 2011, pp. 508-510, 517-519, com fotos).

Na missiva, o sábio alemão apresentou o teónimo da epígrafe n.º 2 como *IDOVE/LLICO*, mas escreveu *Idouelleco* e *Edouelleco* (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). No Suplemento do *CIL* II, inscreveu *IDOVE/LLHICO* (*CIL* II – S 6330). Aqui, considerou *Idouellecus* e *[EN]/DOVE/LLHICO*, admitindo talvez nesta a lição *EN-* de Leite de Vasconcelos, que conhecemos apenas através desta obra: *[EN]DOVELLICO* (*CIL* II – S 6330; Marques, 2011, p. 508). A partir deste momento, os dois correspondentes são omissos sobre o monumento (cf., v.g., *IRCP* 493; Búa Carballo, 2000, p. 602, n.º 38; Marques, 2011, pp. 508-510).

No início da primeira linha existe uma fractura. A inscrição conservada inicia-se por um traço vertical, que corresponderá ao vestígio de uma letra. Alguns autores, entre os quais o erudito germânico, como já observámos, continuados por José d'Encarnação, José Manuel Garcia e Prósper Pérez, colocaram a hipótese da existência de uma regra anterior, que seria a inicial, actualmente desaparecida (*CIL* II – S 6330; *IRCP* 493; *RAP* 74; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.J). Essa linha estaria inscrita no capitel (*CIL* II – S 6330), uma vez que em torno do texto existente cava-se um sulco que parece delimitar todo o campo epigráfico. Esta proposta teria a vantagem de permitir a suposição de *Deo*, tão vulgarmente atestado na epigrafia de Endovéllico, e de conseguir espaço suficiente para a reconstituição do teónimo na sua forma mais comum, em *EN-* (*CIL* II – S 6330; *IRCP* 493; *RAP* 74; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.J). Além do mais, conhecemos pelo menos duas inscrições do *corpus* de Endovéllico cujos textos se iniciam nas respectivas cornijas (*IRCP* 504; Guerra & alii, 2003, pp. 460-461, n.º 3). O risco inicial não faria então parte do texto (*CIL* II – S 6330; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 36; *ILER* 825; *IRCP* 493; *RAP* 74; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.J). No entanto, as características físicas do monumento – sulcos decorativos nas faces laterais, moldura rectangular na face posterior, pequena espessura (7 cm) – poderão indiciar uma tipologia mais próxima da tábula moldurada, destinada a ser encravada numa parede, que da árula (cfr. *CIL* II – S 6330; *IRCP* 493). Deste modo, não existiria o suposto

capitel, mas sim uma simples moldura. Não possuímos igualmente qualquer comprovação para a existência de uma linha anterior em *CIL* II – *S* 6330, pelo que nos parece mais prudente e aconselhável – até atendendo ao referido sulco periférico, que parece encerrar em si mesmo todo o texto – considerar a regra subsistente como o verdadeiro início da epígrafe.

Os autores que procederam deste mesmo modo colocaram a hipótese de existir um ou dois caracteres antes do *-D-*, concretamente *ID-*, *ED-*, *END-* e *.ND-* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6330 (sugestões de Hübner e Leite de Vasconcelos); *ILER* 825; *IRCP* 493; Búa Carballo, 2000, p. 602, n.º 38). As primeiras soluções revelariam duas formas teonímicas até agora sem paralelos na epigrafia de Endovéllico. *END-* aponta a reconstituição do teónimo na sua forma mais comum. Búa Carballo, ao considerar o traço vertical inicial o vestígio de um *-N-* e a existência de uma letra prévia, parece orientar a reconstituição do teónimo para as formas conhecidas *END-* e *IND-*, sem no entanto o expressar taxativamente (Búa Carballo, 2000, p. 602, n.º 38).

A avaliação do ângulo superior esquerdo da lápide (para o observador), fracturado diagonalmente, revela-nos um espaço em falta de cerca de 21 mm em cima / 17 mm em baixo. Recordando a existência do sulco que delimitaria todo o campo epigráfico, a distância entre tal sulco e o primeiro traço vertical, inclusive, seria de 19 mm / 15 mm, pelo que os caracteres em falta teriam de caber, todos eles, nesta pequena área. O *-E-* da primeira regra mede 18 mm de largura e o *-N-* da quinta linha mede 16 mm. O *-NI-* da quinta regra mede 20 mm de largura. Deste modo, confrontando as dimensões destas letras com as do espaço fracturado, supomos que efectivamente não deveria existir campo suficiente no início do monumento para os caracteres *EN-* ou *IN-* em separado, antes do *-D-*. Poderíamos antes supor um nexos entre as letras *EN-* ou *IN-*, que assim proporcionariam formas teonímicas já atestadas; no entanto, não conhecemos paralelos, na epigrafia de Endovéllico, para este tipo de nexos no início do teónimo, sendo que o único nexos registado no trecho inicial do teónimo une os caracteres *-ND-* (*IRCP* 536).

Perante os factos apresentados e os vestígios subsistentes, recolocamos a hipótese de o traço vertical corresponder a um *I-* que antecederia o *-D-*, considerando, tal como Hübner, um início em *ID-* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6330). Mas a proposta *ED-* deste autor é igualmente possível, no pressuposto paleográfico *II=E*. De facto, nas segunda e quarta linhas existem dois casos de *II=E*, que ocupam cada qual 12 mm de largura, pelo que existiria espaço suficiente na parte fracturada para dois idênticos traços verticais.

Está comprovada epigraficamente a oscilação gráfica entre as vogais *E* e *I* e a equivalência entre dois *II*- e um *E*- na epigrafia de Endovélico e no próprio teónimo (*CIL* II 140=5201, 5206; *CIL* II – *S* 6269a?, 6269b?, 6333a, 6333b, 6333c; Carnoy, 1971², pp. 20-25, 96-102; *IRCP*, pp. 561-629, 800-805; *RAP*, pp. 310-329; Búa Carballo, 2000, pp. 71, 582-612; Ribeiro, 2002, p. 88; Prósper Pérez, 2002, pp. 346-351; Guerra & alii, 2003, pp. 457-460, n.^{os} 1-3; Santos, 2005, pp. 29-32; Marques, 2011, pp. 511-513, 516-517, 523-524, quadro 1).

Na epigrafia de Endovélico está atestado também o processo de assimilação *-nd-* > *-nn-*, que resultaria no desaparecimento da letra *-d-* (Guerra & alii, 2003, p. 459, n.^o 2). Assim sendo, poderíamos pensar num processo semelhante, no qual o carácter ausente seria o *-n-* (**-nd-* > *-d-*). Conhecemos, na língua latina e no latim epigráfico, casos da queda da nasalação (Faria, 1957², pp. 99-102; Carnoy, 1971², pp. 171-173). No entanto, não se registam paralelos para este processo na epigrafia de Endovélico e todas as formas teónicas da divindade apresentam um *-N-* como segundo carácter. Deste modo, parece-nos mais aconselhável propor a falta da letra *-N-* devido a uma intencional omissão por parte do *ordinator*, com características não de alteração fonética do teónimo mas, simplesmente, como abreviatura – similar à tão comum ausência do *-n-* nos sufixos de *origo* em *-e(n)sis* patente em múltiplos monumentos epigráficos (cf., v.g., Guerra, 1998, p. 103, n.^o E5, p. 111, n.^o E17, p. 127, n.^o E39.2, p. 132, n.^o E47, p. 135-136, n.^o E55, p. 138, n.^o E57.1) –, em consequência da debilidade da pronúncia (Faria, 1957², pp. 99-102; Carnoy, 1971², p. 171).

Hübner considerou duas hipóteses de leitura para o início da segunda linha: *-LLICO* e *-LLHICO*=*-LLECO*, em que foi seguido por Blázquez Martínez e Vives, tendo este último autor apontado *-LLEGO* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6330; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.^o 36; *ILER* 825). A proposta que a maioria dos restantes epigrafistas têm apresentado baseia-se certamente na fractura que a pedra ostenta e nos paralelos existentes para a forma teónica que defendem (Vasconcelos, in *CIL* II – *S* 6330; *IRCP* 493; *RAP* 74; Búa Carballo, 2000, p. 602, n.^o 38; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.^o 1.1.J). No entanto, alguns investigadores questionaram-se acerca daquilo que foi efectivamente gravado na árula. José d'Encarnação interroga-se quanto à existência de dois *-LL-* paralelos e de um *-E-* grafado através de dois *-II-* (*IRCP* 493). Búa Carballo defendeu que os caracteres *-L-* e *-I-* foram gravados através de dois traços paralelos cada (2000, p. 602, n.^o 38).

Na nossa opinião, ao contrário de considerarmos a dupla gravação de duas letras, que necessitariam apenas de um traço para serem abertas, pensamos que os quatro traços subsistentes nos revelam, precisamente, quatro diferentes caracteres. Deste modo, seguimos a leitura *-LLII-* proposta pelo sábio alemão (*CIL* II – *S* 6330). Os dois *-LL-* encontram-se em nexa, na medida em que o segundo *-L-* ocupa espaço do primeiro *-L-*. Este não se apresenta na sua totalidade devido à fractura que o monumento sofreu. Apesar de existir na primeira regra um *-E-* concebido através do grafema singular especificamente adequado a esta precisa vocalização, a quarta linha ostenta um *-E-* claramente figurado através de dois *-II-*. Assim, a referida proposta do erudito germânico para o início da linha 2, que ora seguimos, encontra aqui a sua plena justificação (cf. *IRCP* 493). Esta característica paleográfica está ainda atestada noutras inscrições dedicadas a Endovélico (*Vide supra* questão *E-I, II-E*).

Pelas razões que se apresentaram *supra*, as leituras que propomos como as mais viáveis para a forma teonímica presente nesta epígrafe são as seguintes: *II(n)douelliico=E(n)douelleco*; ou, talvez mais provavelmente, *I(n)douelliico=I(n)douelleco* (Marques, 2011, pp. 508-510, 523-524, quadro 1). Em qualquer das hipóteses, estaremos perante uma forma com o sufixo em *-eco*.

O antropónimo do dedicante tem sido lido, pela generalidade dos autores, entre os quais Hübner, *Conicodius* (*CCE* 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II 6330; *IRCP* 493; *RAP* 74; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 253 (Quadro 1); Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.J). Seria um nome de origem indígena, relacionado com o etnónimo *Conii*. No entanto, *Conicodius* é um *hapax* (*NPH*, p. 334; *IRCP* 493; Encarnação, 2008a, p. 63. Cf. ainda Vallejo Ruiz, 2005, p. 487). Talvez por esta razão Leite de Vasconcelos tenha considerado antes a hipótese de leitura *Concordius*, aparentemente excluída por Hübner (*CCE* 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6330; cf. *IRCP* 493), antropónimo atestado como *nomen* em Tarragona e como *cognomen* em Barcelona, ambos uma única vez (*NPH*, pp. 116, 334; *CIL* II 5129=6146); a sua variante feminina – *Concordia* – está comprovada na posição de *cognomen* em duas outras inscrições (*CIL* II 5122; *CIL* II – *S* 5710).

Porém, na nossa opinião, devemos ponderar a hipótese de *GO/NICODI/VS* – e não *CO/NICODI/VS* – conter os *tria nomina* latinos.

De facto, a primeira letra apresenta um *ductus* a três tempos – e não apenas a dois, como seria o caso se efectivamente se tratasse de um *C*. Assim, para além dos traços 1 e 2 – o desenho da curva fundamental e o seu prolongamento superior –, podemos ainda

detectar um pequeníssimo traço 3 virado para baixo, pormenor que transforma esta letra inequivocamente num *G*, aliás similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 103, fg. 12, n.º 5) Este carácter surge abundantemente como sigla do *praenomen* latino *Gaius*, e assim supomos pertinente interpretá-lo aqui.

Tendo pois em conta que o *G* pode com grande probabilidade referir-se a um *praenomen*, o *O* subsequente indicará um *nomen*. Na *prouincia Lusitania* conhecemos, iniciados por *O*-, os *nomina* *Octavius*, *Orbius* e *Ofilius*. *Ofilius* está atestado uma única vez em *Emerita Augusta*. *Orbius* encontra-se duas vezes nesta capital provincial e uma no *Ager Olisiponensis*. Quanto a *Octavius*, é o *nomen* iniciado pela letra *O* com mais testemunhos na *prouincia Lusitania* e, especificamente, no *conuentus Pacensis* – cinco casos em *Emerita Augusta* e dois em *Salacia* (NPH, pp. 192-194; AALR, pp. 253-254). Assim, colocamos a possibilidade de *O(ctavius ?)* constituir o *nomen* do dedicante.

José d'Encarnação considerou a possibilidade de os caracteres finais *VS* esconderem a fórmula votiva *u(otum) s(oluit)*, opinião seguida por Vallejo Ruiz (IRCP 493; Vallejo Ruiz, 2005, p. 487). Porém, entre as linhas 2-4 surge já a fórmula votiva: *VO/TO QVO(d) / FII(cit)*. Assim, consideramos que os caracteres *VS* pertencem ao *cognomen*.

As letras *Nicodius* revelarão consequentemente o *cognomen*, cujo primeiro elemento corresponderia ao grego *νίκη* – hipótese aliás levantada já por Vallejo Ruiz (Vallejo Ruiz, 2005, p. 487). Conhecemos múltiplos antropónimos iniciados por este radical, sob as formas *Nic*- e *Nico*-, mas nenhum atesta rigorosamente *Nicodius* (cf., v.g., Solin, 1982, III, p. 1554-1555). Porém, regista-se *Nicodicus* (Vallejo Ruiz, 2005, p. 487) e, mesmo, *Nicadius* (Pape & Benseler, 1959, p. 999; Solin, 1982, I, p. 439), diferindo este último apenas na vocalização. Deste modo, *Nicodius* poderia não constituir mais do que uma mera variante de *Nicadius*, influenciada pela oralidade e pelas oscilações documentadas na língua latina entre *a/e*, *e/o* e *a/o* (Faria, 1957², pp. 182-185; Carnoy, 1971², pp. 17-18, 100-101; Santos, 2005, pp. 28-29).

Este *cognomen* grecizante poderá indicar proveniência da região oriental do Império ou, com maior probabilidade, ser resultado de uma moda onomástica que afecta múltiplos indivíduos de origem servil. Salientemos que, dos sete membros da família *Octavia* existentes na *prouincia Lusitania*, três apresentam *cognomina* grecizantes, e um deles revela explicitamente a sua origem servil (AALR, p. 253, 2.^a, 4.^a e 7.^a referências).

Afastamo-nos da lição *TI(berius)* sugerida para a quarta linha por Búa Carballo, que considerou este *T*- igual ao *T*- de *VO/TO* (Búa Carballo, 2000, p. 602, n.º 38). De facto,

parecem semelhantes, mas na terceira regra – *TO* –, existe um segundo traço horizontal por cima do primeiro e na direcção do limite superior do carácter seguinte –*O*, que pode pertencer à letra (Matriznet, MNA N.º E 7861 = 988.3.67, com foto). Não nos parece que este risco seja uma linha auxiliar, pois se fosse o caso, os restantes caracteres – *QVO* – não estariam totalmente inscritos nela. Por outro lado, no monumento são visíveis dois traços paralelos verticais, já anteriormente referidos, e que resultam em *II=E*, pelo que não poderíamos ter o antropónimo *Tiberius*, mas ao invés algo iniciado por *THI=TE*(...).

Neste sentido, como indicámos *supra*, observamos aqui o final da fórmula votiva, gravada entre as regras 2-4 – *VO/TO QVO(d) / FII(cit)* –, adoptando a leitura de Leite de Vasconcelos e Hübner, seguida por vários autores (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6330; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 36; *ILER* 825; *RAP* 74; Prósper Pérez, 2002, p. 347, n.º 1.1.J. Cf. *IRCP* 493). Esta encontra-se atestada na epigrafia latina, inclusivamente em mais um exemplar do *conuentus Pacensis* (*IRCP* 493, 571). Assim, distanciamo-nos também da interpretação *V{O}/[O]TO Q(uod) VO(uerat)* do autor espanhol (Búa Carballo, 2000, p. 602, n.º 38).

Leitura: *I(n)DOVE/LLHICO VO/TO QVO(d) / FII(cit) G(aius) O(ctavius?) / NICODI/VS*

1.3.1.3.3 *CIL* II – S 6331, 6334 (MNA N.º E 7741 = 988.3.64)

O sábio alemão questionou o investigador português se as inscrições n.ºs 3 e 4 pertenceriam ao mesmo monumento, dúvida que aparentemente não terá sido esclarecida, pois não a encontramos na correspondência (CCE 11 (MNA Ms. 10450). *Vide* CCE). Talvez por esta razão, o erudito germânico editou os fragmentos em separado, indicando uma proposta de reconstituição para o primeiro, que não consideramos despicienda tendo em conta o elemento isolado (*CIL* II – S 6331, 6334). Antes, na missiva ao conservador da Biblioteca Nacional, havia já sugerido *[C]ONSV[M][AVIT]* (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). A divisão manteve-se nas *Religiões da Lusitânia*, com a publicação de uma terceira parte (Vasconcelos, 1905b, p. 142). Somente em 1938, este autor apresentou a junção destes três fragmentos e de outros, que se mantém até à actualidade. O texto resultante desactualizou a hipótese de Hübner (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 21; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *IRCP* 513, com foto; *RAP* 94, com foto; Dias & Coelho,

1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; *ILER* 834, 843, p. 831).

Na primeira linha, o sábio alemão compreendeu *NDQVI* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6331). Entendemos que este *-I* final se deve provavelmente a uma má leitura resultante da fraca qualidade dos decalques, mencionada por Leite de Vasconcelos na sua carta (CCE 10 (SMS Ms. 15)). Deste modo, não terá ficado gravado na cópia o arranque do traço central horizontal, que é visível, que é considerado desde o investigador lusitano e que permite formar um *-E* (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 21; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *IRCP* 513, com foto; *RAP* 94, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; *ILER* 834, 843, p. 831).

A reconstituição *[C]ONSVM[AVIT]* na terceira regra não é válida, pois os fragmentos demonstram *RĒSPONSVM*, ainda que algumas letras não estejam completas (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6331; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27. Cf. Vasconcelos, 1905b, p. 142; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 21; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *IRCP* 513, com foto; *RAP* 94, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; *ILER* 834, 843, p. 831).

No início da quarta linha, o erudito germânico reconheceu um *F* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6331). A investigação tem-se dividido entre este caracter e um *E*, interrogando-se (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 21; Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *ILER* 834, 843, p. 831; *IRCP* 513; *RAP* 94; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto. Cfr. Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27). A pedra ostenta uma quebra exactamente no local onde poderia estar o risco horizontal inferior do *E*. Na parte inferior do traço vertical parece subsistir o arranque de algo. No entanto, é

possível estarmos perante um «serif», semelhante ao que ocorre no *F* da sétima regra (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto). Deste modo, mantemos as dúvidas.

Na letra subsequente, Hübner identificou um *G* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6331). Também aqui os autores se dividiram entre duas hipóteses, *G* e *C*, ainda que maioritariamente preferiram esta última (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 21; Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *ILER* 834, 843, p. 831; *IRCP* 513; *RAP* 94; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto). O carácter é formado por um sulco que tem a configuração de um *C*, sendo idêntico aos outros *CC* gravados na epígrafe. Contudo, existe o que aparenta ser um ténue risco virado para cima, pormenor que transformaria esta letra num *G*, similar a um dos tipos classificados pelos Gordon (Gordon & Gordon, 1977², p. 136, fg. 32, n.º 2) (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 395, n.º 62, com foto). Os traços centrais horizontais do *F/E*(?) e do *A* dessa mesma quarta linha são igualmente débeis (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 395, n.º 62, com foto). Significaria isto que o *G* foi grafado de duas maneiras diferentes? Ou existiria a intenção de escrever um *G*, mas o lapicida optou por um *C*? Ou ainda, que o fragmento sofreu maior erosão nesse local? De qualquer dos modos, isto não altera o seu significado, pois está comprovada a alternância dos caracteres *C* e *G* na língua latina e especificamente no *praenomen Caius/Gaius* (Faria, 1957², p. 58; Carnoy, 1971², pp. 153-154; Santos, 2005, pp. 46-49). Este antropónimo lê-se nitidamente com a junção dos fragmentos (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (*CIL* II – *S* 6331; Vasconcelos, 1905b, p. 142; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1951a, p. 100, n.º 21; Blázquez Martínez, 1962, pp. 153-154, n.ºs 37, 43; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *ILER* 834, 843, p. 831; *IRCP* 513, com foto; *RAP* 94, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto).

Na quinta regra, o sábio alemão reconstituiu [*V*]*OTV*[*M*] (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6331). A pedra encontra-se quebrada neste local, afectando a parte inferior das letras. Os caracteres -*T*- e -*V*- apercebem-se com alguma clareza, este último especialmente com a união dos elementos. O que resta da primeira letra consiste somente no canto superior direito, composto por um sulco circular, que segue da

esquerda para a direita na parte superior e que parece inclinar-se, sensivelmente a meio da linha, para a esquerda na parte inferior, formando o que na nossa opinião constitui a curva de um *-P-*. Assim, acompanhamos a lição da maioria dos autores, que, a partir de Lambrino, sugerem o *cognomen Septuminus*, abandonando a proposta *Votum* do erudito germânico. Afastamo-nos igualmente da sugestão *Optumi* do director do Museu Etnológico Português, ainda que seja possível, pois aquela reconstituição permite os *tria nomina* do dedicante, *Caius Iulius Septuminus* (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (*CIL* II – *S* 6331; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *IRCP* 513, com foto; *RAP* 94, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, pp. 243, 253 (Quadro 1); Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto. Cfr. Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 37; *ILER* 834, 843, p. 831).

O fragmento apresenta somente os três últimos caracteres da sexta regra, afectados na parte inferior. O risco da primeira letra configura praticamente a totalidade de um *O*, pelo que não coloca dúvidas (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6334; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112; *IRCP* 513, com foto; *RAP* 94, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto). Do segundo carácter resta um traço vertical (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 395, n.º 62, com foto). Por esta razão, Leite de Vasconcelos propôs um *I* (Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45). Pensamos que a hipótese *T* indicada por Hübner se deve ao fraco decalque, uma vez que na pedra subsistem imperfeições no sítio onde estaria o traço horizontal (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6334). A terceira letra tem a forma de um *F*, pelo que foi assim editada pelos dois correspondentes, apesar de na epístola o sábio alemão ter redigido *E* (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – *S* 6334; Vasconcelos, 1938a [1956], p. 119, n.º 45; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 395, n.º 62, com foto). Como referimos, os caracteres encontram-se afectados no seu limite inferior. Deste modo, não seria despiciente considerar que se perdeu os riscos horizontais do *L* e do *E*, nas partes finais das letras. Teríamos então a fórmula votiva *animo lebens feci*, ou *feci<t>*, nas sexta e sétima regras, reconhecida pela maioria dos autores (Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto) (*IRCP* 513, com foto; *RAP*

94, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, p. 243; Búa Carballo, 2000, pp. 596-597, n.º 27; Prósper Pérez, 2002, p. 350, n.º 1.3.C; Fernandes in Ribeiro (ed.), 2002, pp. 395-396, n.º 62, com foto). A leitura de Lambrino – *OLE* / [*LIBEN*]*S FECI* – teria o inconveniente de encriptar o texto da sexta linha (Lambrino, 1967, pp. 184-185, n.º 112).

Leitura: *DEO INDOVELLI/CO SACRVM EX / REŞPONSVM (hedera) / [...] Ḟ (ou E) . CAIVS IV/[LIVS SE]ṖṪYMI/[NVS ANIM]Q̇ . L̇E/[BEN]S (hedera) FECI(t) (hedera)*

I.3.1.3.4 CIL II – S 6332 (MNA N.º E 7925 / 7935 = 988.3.196)

O erudito germânico publicou a quinta epígrafe de forma quase igual ao que escreveu na sua carta, considerando-a um fragmento de árula. No documento manuscrito colocou a hipótese de a primeira regra conter a palavra *DIES*, enquanto no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II propôs talvez *DIEA* ou *DILA* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6332). Leite de Vasconcelos não editou o texto.

Lambrino manteve a lição, excepto na linha inicial (Lambrino, 1967, pp. 161, 206, n.ºs 84, 141). Deve-se a Encarnação a descoberta de um segundo elemento do monumento. Este encaixa na parte superior do outro, permitindo a leitura expressa do vocábulo *DIES*, sugerido primeiramente por Hübner (Encarnação, 1977, pp. 212-213; *IRCP* 471).

Aquele autor difere do sábio alemão somente no final da quarta regra (sexta com a colagem dos fragmentos), acrescentando -*I*-, e na quinta linha (sétima com a colagem dos fragmentos), onde leu -*SV*-. Aqui, já este investigador havia registado o início de um carácter, mas sem reconstituir em -*S*- (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6332; *IRCP* 471).

Na nossa análise, não foi visível a letra *V* no final da quarta (sexta) regra, subsistindo apenas um pequeno risco vertical. Na quinta (sétima) linha, a curvatura do arranque do primeiro carácter, como já registado primeiramente pelo erudito germânico (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6332), assemelha-se antes ao *C* da segunda (quarta) regra do que aos *SS* das primeira (terceira) e terceira (quinta) linhas, pelo que reconstituímos assim. A seguir observa-se um traço vertical, que poderá corresponder a um *I* (Fotos 16 e 17. Matriznet, MNA N.º E 7741 = 988.3.64, com foto). O *V* sugerido aqui por Encarnação talvez se relacione com a fractura existente (*IRCP* 471).

Devido à exiguidade do fragmento e à incerteza quanto à sua atribuição cronológica, dúvida que Encarnação indica, ainda que se incline para o período romano, preferimos não reconstituir o texto da parte inferior, ao contrário deste investigador e do epigrafista romeno, que oferecem algumas sugestões (Lambrino, 1967, p. 206, n.º 141; *IRCP* 471).

Será uma inscrição de teor funerário (Encarnação, 1977, pp. 212-213; *IRCP* 471).

Leitura: [... VI]XIT A[NNOS ...?] / [...] MEN[SES ...?] / [...] DIES [...] / [...] IC ME
[...] / [...] SIMO [...] / [...] VER [...] / [...] CI [...]



Foto 16: *CIL* II – S 6332
(© Pedro Marques)



Foto 17: *CIL* II – S 6332, quinta (sétima) linha
(© Pedro Marques)

I.3.1.3.5 *CIL* II – S 6333a-6333c (MNA N.º E 7848 / 7849 / 7852 / 7855 / 7924 / 7933 / 7949 = 988.3.195)

No conjunto de decalques enviados pelo conservador da Biblioteca Nacional incluíam-se três fragmentos, que o erudito germânico considerou pertencerem à mesma epígrafe e constituírem um poema, apesar de não o conseguir reconstituir (CCE 11 (MNA Ms. 10450)). Algum tempo depois, tendo estudado as cópias, apontou uma hipótese de recomposição, unindo os elementos A e B. O C não se ajustava aos restantes (CCE 12 (MNA Ms. 10451); *IRCP* 482, fragmentos A-B, C).

Esta análise viria decerto na sequência do contacto com Franz Bücheler⁷⁷², classicista alemão, que havia publicado o hino homérico a Ceres. O autor tê-lo-ia informado que reconhecia vestígios de versos dactílicos nas terceira e quarta regras do fragmento A e na segunda linha do elemento B. A primeira sílaba de *roganti* seria breve por longa (Bücheler, 1869; *CIL* II – S 6333a-6333c; Dias, 2002, p. 91; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 399, n.º 68). Certamente devido a este facto, na carta a Leite de Vasconcelos, Hübner redigiu a inscrição colocando o símbolo de sílaba longa por cima do -*Ō*-, mas escrevendo ao lado que -*Ö*-, com o símbolo de sílaba breve, estaria correcto (CCE 12 (MNA Ms. 10451)).

Nenhum investigador contestou o facto de o texto constituir um poema / hino (Vasconcelos, 1905b, p. 135; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, 156, n.º 39; *IRCP* 482; *RAP* 137; Dias, 2002, p. 91; Ribeiro, 2002, p. 82; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 399, n.º 68; Schattner, Fabião & Guerra, 2008, pp. 397-399; Schattner, Fabião & Guerra, 2013, pp. 80-82). A atribuição desta epígrafe ao culto de Endovélico foi questionada recentemente por vários autores, baseando-se no facto de nenhum fragmento referir a divindade, nem remeter para esta (*IRCP* 482, p. 563; Dias, 2002, pp. 91-92; Ribeiro, 2002, p. 82; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 399-400, n.º 68).

A leitura e reconstituição que o sábio alemão apresentou para a segunda regra do elemento C – *CHORTE H[ISPANA?]* – permitiu-lhe indicar que o dedicante seria um militar (CCE 12 (MNA Ms. 10451); *CIL* II – S 6333c). Este aspecto, conjugado com três representações escultóricas de militares, conduziu alguns investigadores a incluí-los no conjunto dos crentes (Matos, 1995, pp. 164-165, n.ºs 97-99; Dias & Coelho, 1995-1997, pp. 241, 251, 255-256 (Quadro 2); Ribeiro, 2002, p. 84). Em nosso parecer, a exclusão desta inscrição do culto de Endovélico não elimina uma devoção deste grupo social, pois tal é garantido pelas esculturas. O fragmento C não tem sido localizado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, estando registado somente nos escritos do erudito germânico, pelo que não o analisamos *infra* (CCE 12 (MNA Ms. 10451); *CIL* II – S 6333c; *IRCP* 482, fragmento C; Dias, 2002, p. 91; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 399, n.º 68).

O investigador lusitano concluiu o tema na correspondência lamentando-se da fragmentação do monumento (CCE 13 (SMS Ms. 16)), que decerto lhe impedia uma

⁷⁷² Seria interessante verificar se existe correspondência trocada entre Hübner e Bücheler e se este assunto é referido nalguma carta.

recomposição do texto. Lambrino, inicialmente, e Blázquez Martínez publicaram parte do texto resultante da junção dos elementos A e B, com algumas diferenças de leitura (Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 39; *IRCP* 482, fragmentos A-B). Na década seguinte, aquele autor editou somente o fragmento A (Lambrino, 1967, p. 198, n.º 129; *IRCP* 482, fragmento A).

Hübner encerrou o assunto, na sua segunda epístola, declarando o interesse pelo aparecimento de outros elementos da epígrafe (CCE 12 (MNA Ms. 10451)). Tal aconteceu nove décadas depois. Deve-se a José d'Encarnação a descoberta de sete fragmentos inéditos nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, considerando-os parte do monumento e agregando alguns entre si (*IRCP* 482, fragmentos A-B (conhecidos), D-E, F-G, H, I, J (inéditos); *RAP* 137). Alves Dias reviu a união dos elementos A e B e supôs que alguns fragmentos pertencessem a outras inscrições (Dias, 2002, pp. 91-92; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, pp. 399-400, n.º 68, com foto). Nas campanhas de 2002, identificaram-se elementos que poderiam incluir-se nesta epígrafe. Todavia, são de tamanho demasiado reduzido para permitir qualquer ligação ou compreensão do texto (Schattner, Fabião & Guerra, 2008, pp. 397-399; Schattner, Fabião & Guerra, 2013, pp. 80-82).

1.3.1.3.5.1 CIL II – S 6333a (MNA N.º E 7852 = 988.3.195)

O sábio alemão e o conservador da Biblioteca Nacional não propuseram nenhuma leitura para a primeira linha, ainda que aquele pareça tentar a reconstituição de alguns caracteres (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 13 (SMS Ms. 16); *CIL* II – S 6333a; Vasconcelos, 1905b, p. 135). A fractura fez desaparecer a quase totalidade da regra, subsistindo apenas alguns resquícios de letras. Concordamos com *IR*, mas hesitamos em [...*O*...] (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (*IRCP* 482, com foto; *RAP* 137, com foto; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto).

A segunda linha tem sido editada de forma semelhante (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 12 (MNA Ms. 10451); *CIL* II – S 6333a; Vasconcelos, 1905b, p. 135; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Lambrino, 1967, p. 198, n.º 129; *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137, com foto; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto. Cfr. Blázquez

Martínez, 1962, p. 153, n.º 39). Leite de Vasconcelos é omissivo em publicações quanto ao restante texto deste fragmento (Vasconcelos, 1905b, p. 135).

Não é perceptível a forma do *M* como o erudito germânico apresenta, no final da terceira regra. O seu correspondente nada escreveu no manuscrito (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 12 (MNA Ms. 10451); *CIL* II – *S* 6333a). Isto pode dever-se ao mau decalque ou a uma quebra posterior. Uma vez que o -*A*- de *ROGANTI* é parecido, seguimos Alves Dias, que oferece as duas possibilidades – *A* ou *M* – (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (Dias, 2002, p. 92; Alves Dias in Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto. Cfr. Vasconcelos, 1905b, p. 135; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 39; Lambrino, 1967, p. 198, n.º 129; *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137, com foto).

Os vestígios remanescentes no início da quarta linha ostentam uma similitude com os *VV* de *VIRI* e de *REDVND*, pelo que propomos este carácter, concluindo o desenho da letra que Hübner pareceu começar, *V* (*CIL* II – *S* 6333a). Excluimos um *N*, pois os restantes *NN* possuem uma ligeira curva para trás, assim como um *I*, devido à inclinação dos riscos (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (Cfr. Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 39; Lambrino, 1967, p. 198, n.º 129; *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137, com foto; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias in Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto).

No princípio da quinta regra, subsistem traços de letras, que o sábio alemão considerou *EQ*, leitura que excluimos (*CIL* II – *S* 6333a). Os dois primeiros riscos, sendo que o erudito germânico não registou o dianteiro, talvez devido ao mau decalque, anunciam o arranque de um ou dois caracteres. Se optarmos por um, inclinamo-nos para o *N*, com base nas afinidades com os restantes *NN* do monumento. Da mesma forma, preferimos um *R* na letra seguinte, acompanhando Encarnação e Alves Dias. Deste modo, propomos *N R*. Afastamo-nos da hipótese sugerida por Lambrino – *P* –, pois não ocorrem paralelos para este carácter no fragmento (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 12 (MNA Ms. 10451); *CIL* II – *S* 6333a; Lambrino, 1967, p. 198, n.º 129; *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137, com foto; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias in Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto).

Leitura: [...] *IR* [...] / [...] *MA PER GENTES* [...] / [...] *MIHI ROGANTI A* (ou *M*) [...] / [...] *V CVNCTA VIRI* [...] / *N R REDVND*

1.3.1.3.5.2 CIL II – S 6333b (MNA sem N.º = 988.3.195)

Acerca do final da primeira linha do elemento B, Hübner escreveu *FLVA* na sua primeira carta, alterando para *FLVN* e reconstituindo *FLVM* na segunda missiva (CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 12 (MNA Ms. 10451)). Na resposta, o investigador lusitano rectificou esta leitura, afirmando que era evidente um -A-, pelo que seria *FLVA* e não *FLVM*, sugerindo *FLVAT* (CCE 13 (SMS Ms. 16)). Num apontamento, figura o -T riscado e a seguir um, ou parte de um, character, que tem a forma de um *E*, mas sem o traço horizontal superior. Não conseguimos especificar esta letra, pois o autor não escreveu mais nada (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2).

O sábio alemão não referiu esta informação no *Supplementum*, mantendo a proposta *FLVM* (CIL II – S 6333b). Pensamos que esta omissão talvez se relacione com o facto de este capítulo daquela obra poder já ter sido entregue para impressão aquando da missiva do conservador da Biblioteca Nacional. Contudo, poderia ter incluído os dados na *Ephemeris Epigraphica*, se partilhasse da mesma opinião, o que talvez não ocorresse (Cf. *EE* VIII, pp. 354-359; *EE* IX, pp. 13-19).

Surpreende-nos todavia que, no seu livro, Leite de Vasconcelos se tenha limitado a apresentar a lição do erudito germânico relativa às segunda e terceira regras e primeira e segunda linhas dos fragmentos A e B, respectivamente, com ligeiras alterações, sem corrigir a referida letra (Vasconcelos, 1905b, p. 135).

Na pedra, no final da primeira regra, verificamos a existência nítida de um -A-, tal como alguns autores que nos precederam, indo ao encontro da correcção efectuada pelo investigador português na sua epístola, e ainda de Hübner na primeira carta (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450); CCE 13 (SMS Ms. 16); *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto. Cfr. CCE 12 (MNA Ms. 10451); *CIL* II – S 6333b; Vasconcelos, 1905b, p. 135; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 39).

A seguir, permanece apenas o arranque inferior de um character, ponderado como um -T pelo conservador da Biblioteca Nacional e como um -N por vários investigadores. A obliquidade deste risco é semelhante ao traço posterior do -A-, que o antecede, e de vários *VV* visíveis no texto. Deste modo, inclinamo-nos antes para um -V- (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (CCE 13 (SMS Ms. 16); *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto).

Cfr. MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 39).

A leitura das letras da segunda linha não coloca problemas. O último carácter é certamente V, devido à inclinação do traço remanescente (Matriznet, MNA N.º E 7852 = 988.3.195, com foto) (CCE 11 (MNA Ms. 10450) – CCE 13 (SMS Ms. 16); *CIL* II – S 6333b; Vasconcelos, 1905b, p. 135; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 35; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 39; *IRCP* 482, com foto; *RAP* 137; Dias, 2002, p. 92; Alves Dias *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 400, n.º 68, com foto).

Leitura: [...] *CANTET FLVAV* [...] / [...] *NS PLENA RV* [...]

I.3.1.3.6 *CIL* II – S 6335 (MNA 988.3.203)

A inscrição é composta por dois fragmentos, pertencentes à parte inferior de uma árula (*IRCP* 547). Foi editada somente pelo sábio alemão, Encarnação e Garcia, mas registada em nota por Leite de Vasconcelos (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; *CIL* II – S 6335; *IRCP* 547; *RAP* 139).

Este investigador lusitano escreveu *SEVI* / *NVSAI*, propondo uma reconstituição em *SEVERINVS A(nimo) L(ibens)* (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2).

Inicialmente, na missiva, o erudito germânico redigiu *SEVE* / *NVSAL*, tendo modificado para algo como *SIVF* / *INVSAL* no *Supplementum* (CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6335).

Na primeira regra, a fractura da epígrafe afectou a parte superior de um S, mas a sua leitura é perceptível. A letra sequente constitui nitidamente um L (*IRCP* 547), pelo que encaramos as propostas de Hübner resultado do mau decalque. O terceiro carácter é igualmente claro, V. No final, Encarnação observa um L ou um A “mal delineado”. Na nossa opinião, a letra assemelha-se ao A de Mallon, pelo que a consideramos (Foto 18) (Gordon & Gordon, 1977², p. 94, fg. 7; *IRCP* 547).

A segunda linha foi lida de forma semelhante pelos quatro autores, à excepção da primeira e da última letra (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL* II – S 6335; *IRCP* 547; *RAP* 139). No início, é observável um traço, que corresponderá à parte inferior final de um carácter. O conservador da Biblioteca Nacional e o sábio alemão não sugeriram nenhuma letra.

Encarnação e Garcia propuseram um A (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; *CIL* II – S 6335; *IRCP* 547; *RAP* 139). Efectivamente, tendo em conta as semelhanças com o remate do outro A existente na mesma linha, o quinto caracter, podemos aceitar esta letra (Foto 19). Além disso, facilita a terminação *-anus*, comum na onomástica (v.g., Solin & Salomies, 1994, pp. 276-278, 455-465). Quanto ao último caracter, todos consideraram um L (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; *CIL* II – S 6335; *IRCP* 547; *RAP* 139). Tal é possível, mas o desgaste que o monumento apresenta naquele espaço permite observar somente um risco vertical, pelo que mantemos as dúvidas entre um L e um I (Foto 19).

Leitura: [...] *SLVA* [...] / [...] *ANVS AL* (ou *I*)



Foto 18: *CIL* II – S 6335, primeira linha

(© Pedro Marques)



Foto 19: *CIL* II – S 6335, segunda linha

(© Pedro Marques)

I.3.1.3.7 CIL II – S 6336 (MNA N.º E 7795 = 988.3.53)

O último monumento remetido por Leite de Vasconcelos consiste na base de uma ara e parte da última regra (CCE 10 (SMS Ms. 15) – CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL II – S 6336*; *IRCP* 558). Encarnação indignou-se com as informações que Leite de Vasconcelos terá remetido ao erudito germânico. Pensamos talvez, contudo, que “letras boas” podem ao invés significar caracteres bem gravados, o que ocorre. A difícil compreensão baseia-se no facto de a quebra afectar a parte superior das letras remanescentes, impedindo a leitura correcta de algumas destas (Matriznet, MNA N.º E 7795 = 988.3.53, com foto) (*CIL II – S 6336*; *IRCP* 558).

Os primeiro, segundo, terceiro e quinto caracteres foram lidos de forma análoga e não suscitam problemas (Matriznet, MNA N.º E 7795 = 988.3.53, com foto) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450); *CIL II – S 6336*; *IRCP* 558; *RAP* 142).

Da quarta letra resta unicamente um sulco vertical, pelo que é possível que corresponda a um -T- (Matriznet, MNA N.º E 7795 = 988.3.53, com foto) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 11 (MNA Ms. 10450); *IRCP* 558; *RAP* 142. Cf. *CIL II – S 6336*).

No final da linha permanece um risco curvo e um ponto (Matriznet, MNA N.º E 7795 = 988.3.53, com foto). O investigador português considerou o traço curvilíneo o final de um -S-, que nós aproximamos de um dos SS referenciados pelos Gordon (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Gordon & Gordon, 1977², p. 115, fg. 17, n.º 2). Se observarmos aqui um -Ş-, teremos o início de uma outra letra, irreconhecível de momento, no ponto. Esta reconstituição iria de encontro à proposta do conservador da Biblioteca Nacional, “animo CONVICTO solvit” (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2). No entanto, desconhecemos a presença de *conuicto* em fórmulas votivas, em inscrições do *conuentus Pacensis* ou do território peninsular (cf., v.g., *CIL II*; *CIL II – S*; *IRCP*). Por outro lado, se considerarmos os dois vestígios pertencentes a um mesmo caracter, podemos ter um -R semelhante, por exemplo, ao R- da segunda coluna, oitava regra de *CIL VI* 2071 (*CIL VI* 2071 *apud* foto in Gordon & Gordon, 1977², p. 241, plate 17). Esta letra fortaleceria a hipótese de um -T-, resultando no *cognomen Victor*, atestado na Hispânia e no próprio *conuentus Pacensis* (*IRCP* 36, 107, 197, 558?; *RAP* 142; *NPH*, p. 545; *AALR*, pp. 341). Distanciamo-nos assim da lição LV de Hübner, para a qual não encontramos vestígios na epígrafe (*CIL II – S 6336*).

Leitura: [...] *VICTOR* [...]

I.3.1.4 IRCP 523 (MNA N.º 7790 = 988.3.167)

No ano de 1894, Leite de Vasconcelos enviou um opúsculo sobre uma palavra patente num monumento descoberto em São Miguel da Mota. *Supra* analisámos o teor das várias cartas, pelo neste lugar analisaremos somente o texto epigráfico.

As duas primeiras regras não colocam dúvidas de leitura e têm sido publicadas de modo semelhante pelos vários autores (Matriznet, MNA N.º 7790 = 988.3.167, com foto) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Vasconcelos, 1922, p. 133; Vasconcelos, 1938b, p. 139; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 34; Lambrino, 1951b, pp. 58-59, n.º 15; Cardozo, 1958, p. 183, n.º 63, sem data; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 38; Lambrino, 1967, pp. 163-164, n.º 87; *ILER* 844, p. 831; *IRCP* 523, com foto; *RAP* 104, com foto; Matos, 1995, pp. 138-139, n.º 65, com foto; Búa Carballo, 2000, pp. 595-596, n.º 25; Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.A'; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 385, n.º 39, com foto).

O investigador português estudou a etimologia e o significado da palavra *aedeolu(m)*, concluindo tratar-se de um sinónimo de *aediculum* ou de *aedicula*. Aludia assim a um pequeno templete oferecido à divindade, posição aceite actualmente (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Vasconcelos, 1894a; Vasconcelos, 1905b, p. 138; Vasconcelos, 1922, p. 133; Vasconcelos, 1938b, p. 139; Lambrino, 1951a, p. 118; Lambrino, 1951b, p. 59; *IRCP* 523, com foto; Ribeiro, 2002, p. 84; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 385, n.º 39, com foto).

A terceira linha contém caracteres de difícil interpretação. *FECIT* no final é claro. A preceder, a quase totalidade dos autores tem publicado *V(o)TVM*, ou semelhante, ainda que alguns mostrem reservas (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; Vasconcelos, 1922, p. 133; Vasconcelos, 1938b, p. 139; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 34; Lambrino, 1951b, pp. 58-59, n.º 15; Cardozo, 1958, p. 183, n.º 63, sem data; Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 38; Lambrino, 1967, pp. 163-164, n.º 87; *ILER* 844, p. 831; *IRCP* 523, com foto; Matos, 1995, pp. 138-139, n.º 65, com foto; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 385, n.º 39, com foto. Cf. *RAP* 104, com foto. Cfr. Búa Carballo, 2000, pp. 595-596, n.º 25).

Nos seus apontamentos, o conservador da Biblioteca Nacional desenhou as três letras iniciais como figuram na inscrição. Perante a epígrafe e tendo em conta o registado

nestes manuscritos, pensamos que “as duas ou três letras” em dúvida são precisamente estas. Na missiva a Francisco Martins Sarmiento, considerou-as o nome do dedicante (Matriznet, MNA N.º 7790 = 988.3.167, com foto) (MNA, *Apontamentos Epigrafia*, Cx. 2, Envelope *Endovélico* 2; CCE 34 (SMS Ms. 23); CCE 38 (SMS Ms. 25); Cardozo, 1958, p. 183, n.º 63, sem data). Quando as editou, observou *C S A*, esta última iniciando a palavra *Apro*, tendo sido seguido por Lambrino, que desenvolveu interrogadamente *Sulpicius* (Vasconcelos, 1922, p. 133; Vasconcelos, 1938b, p. 139; Lambrino, 1951a, p. 102, n.º 34; Lambrino, 1951b, pp. 58-59, n.º 15; Lambrino, 1967, pp. 163-164, n.º 87). Os investigadores espanhóis não consideraram o *S* (Blázquez Martínez, 1962, p. 153, n.º 38; *ILER* 844, p. 831).

A proposta de Encarnação – *C(aius?) S(ulpicius?) C(?) PRO* – reconhece nas siglas os *tria nomina* e em *pro* uma preposição ligada a *votum*, abandonando a lição editada de Leite de Vasconcelos, ainda que siga a hipótese relativa aos três primeiros caracteres conterem os nomes do dedicante, mencionada na epístola deste ao douto vimaranense (Cardozo, 1958, p. 183, n.º 63, sem data; *IRCP* 523, com foto; *RAP* 104, com foto; Matos, 1995, pp. 138-139, n.º 65, com foto; Dias & Coelho, 1995-1997, pp. 251, 254 (Quadro 1), com foto; Prósper Pérez, 2002, p. 348, n.º 1.1.A’. Sobre *pro*+acusativo, vide capítulo I.3.1.2.3). Recentemente, leu-se na terceira sigla um *Q* (Búa Carballo, 2000, pp. 595-596, n.º 25; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 385, n.º 39, com foto). Perfilhamos esta opinião, pois a forma aproxima-se mais de *Q* do que de *A* ou *C* (Matriznet, MNA N.º 7790 = 988.3.167, com foto) (cf., v.g., Gordon & Gordon, 1977², pp. 75, 94-95, 97, 103, 111).

Leitura: *DEQ ENDOVELI/CO SACRVM AEDEOLV(m) / C(aius?) S(ulpicius?) Q PRO V(o)TVM FECIT*

1.3.2 Panóias

A primeira descrição do santuário de Panóias remonta ao ano de 1721, por António Gonçalves (ou Rodrigues) de Aguiar, transmitida na obra de D. Luís Álvares de Figueiredo e em Contador de Argote, mas existente em manuscrito na Biblioteca Nacional de Lisboa. Outros autores dedicaram-se a este sítio arqueológico (Aguiar, 1721; *CIL* II 2395, e também 2396; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 29-32, 143-229;

Rodríguez Colmenero, 1995-2007, pp. 462-467; Santos, Pires & Sousa, 2014, p. 199. *Vide* capítulo 5.1.1.1).

Nos anos de 1860-1861, 1881, 1886 e 1889, Hübner concretizou viagens de estudo à Península Ibérica (Gimeno & Stylow, 2004, pp. 334-337). Na primeira vinda, não conseguiu explorar a província de Trás-os-Montes, nomeadamente o local de Panóias (Hübner, 1862c, pp. 206-207). Pensamos que nunca chegou a concretizar a visita ao monumento, pois não reeditou a inscrição no *Supplementum*, apesar de ter plena consciência da necessidade de novas leituras, como registou em 1888, “No están copiados com exactitud sus epígrafes (C. I. L. II 2395), que merecen una nueva y detenida revisión”⁷⁷³ (Hübner, 1888b, p. 235. Cf. *CIL* II – S). Nos volumes VIII e IX da *Ephemeris Epigraphica*, citou e copiou Leite de Vasconcelos (*EE* VIII 2395, 2396; *EE* IX 2395c, 2395e).

Em Janeiro de 1888, o investigador lusitano concretizou uma viagem a Trás-os-Montes e esteve no sítio arqueológico de Panóias, onde descobriu uma inscrição funerária, oferecida depois à Sociedade Martins Sarmiento (Vasconcelos, 1888h, pp. 50, 69; *CIL* II – S 5553; Cardozo, 1985, p. 92, n.º 50). Na sequência desta jornada, tendo consciência da riqueza patrimonial da região, aconselhou a Câmara de Vila Real a fundar um museu local e a proteger os seus monumentos, através de artigos editados em 1894, em periódicos locais (Vasconcelos, 1895a, pp. 37-43).

Em Março de 1891, o conservador da Biblioteca Nacional convidou o sábio alemão a regressar a Portugal, com o objectivo de efectuar “excursões archeologicas”, entre as quais a Panóias (CCE 13 (SMS Ms. 16)). Passado um mês, repetiu o convite, para contudo receber uma resposta negativa. O erudito germânico não conseguiria viajar para o território lusitano em 1891 (CCE 15 (SMS Ms. 17) – CCE 16 (MNA Ms. 10452)). Leite de Vasconcelos estendeu então o convite para o ano seguinte (CCE 17 (SMS Ms. 18)).

As razões para este convite permaneceram registadas em carta do investigador português a Francisco Martins Sarmiento: “O que eu queria era fazer uma excursão a Panóias, com alguém que soubesse de epigrafia bastante. Eu já desafiei o Hübner, mas duvido que ele venha. E V. Ex.^a não se resolverá um dia a ir lá? Eu acompanhava-o, sendo em tempo disponível para mim. É uma pena que a acção atmosférica acabe com aquilo!” (Cardozo, 1958, pp. 119-121, n.º 36, de 09/04/1891). Por estas palavras,

⁷⁷³ Tradução: “Não estão copiados com exactidão as epígrafes (C. I. L. II 2395), que merecem uma nova demorada revisão”.

depreendemos que o conservador da Biblioteca Nacional não considerava saber o suficiente de Epigrafia para ler com a exactidão necessária os textos, o que se coaduna com aquilo que transmitiu inicialmente ao sábio alemão, de não ser arqueólogo ou epigrafista, assim como a António Tomás Pires: “Eu não sei o que são as inscrições, nem mesmo eu sou epigraphista.” (CCE 2 (SMS Ms. 12); Gama, 1964, p. 119, n.º 73, de 26/06/1890. *Vide* capítulo 4.1.2). Por outro lado, teria consciência das dificuldades de leitura que os textos epigráficos de Panóias apresentavam. Desafiou ainda o egrégio vimaranense, mas a atenção deste era retida por outros assuntos, pelo que nem respondeu ao convite (MNA, *Correspondência*, Ms. 20762, de 20/04/1891 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

Leite de Vasconcelos preocupava-se que a acção atmosférica pudesse destruir o monumento. Tal poderia acontecer, de facto, mas a delapidação foi humana. Em Setembro de 1895, visitou novamente o monumento e constatou que “um camponês” havia danificado um dos cinco textos – *CIL* II 2395e –, dando-lhe razão quanto à necessidade de as instituições municipais salvaguardarem o monumento (*CIL* II 2395e; Vasconcelos, 1895a, pp. 271-272; Vasconcelos, 1897c, pp. 58, 177-180). Em Outubro de 1905, e também influenciado por ele, o município de Vila Real determinou por fim proteger o sítio arqueológico (Pereira, 1906, pp. 63-65).

As novidades que referiu ao erudito germânico ter trazido de Panóias, e que lhe prometeu transmitir, consistiam decerto na releitura das inscrições. Hübner ficou interessado nas notícias, mas o veículo de informação consistiu n’*O Arqueólogo Português* de 1897, cumprindo o investigador lusitano a sua atitude de editar inicialmente em Portugal (CCE 56 (SMS Ms. 33) – CCE 57 (MNA Ms. 10469); Vasconcelos, 1897c, pp. 58-61, 177-180. *Vide* capítulo I.3.1). No primeiro artigo, este autor indicou não estar satisfeito com o decalque que efectuou da epígrafe em grego. Assim, teria que regressar a Panóias (*CIL* II 2395c; Vasconcelos, 1897c, p. 59).

Hübner ficou muito interessado em ambos os trabalhos e no relatório de von Hafe. Estando corrigidos dois textos epigráficos – *CIL* II 2395c e 2395e –, pediu ao seu correspondente os dados do engenheiro relativos às outras três inscrições – *CIL* II 2395a, 2395b, 2395d –, de modo a reestudar o monumento e depois remeter a nova análise ao conservador da Biblioteca Nacional (CCE 102 (MNA Ms. 10488); *CIL* II 2395a-2395e; Vasconcelos, 1897c, pp. 58-61, 177-180). Na missiva, parece omitir os contributos deste, mas pensamos que sem intenção (cf. CCE 102 (MNA Ms. 10488)). Na resposta, Leite de Vasconcelos assegurou ter recolhido e editado todas as

informações importantes do dito relatório, que iria publicar o seu exame de *CIL* II 2395b e que aguardava a chegada dos restantes calcos (CCE 104 (SMS Ms. 53)). Aquilo que mencionou no seu primeiro artigo, conjugado com o que referiu na sua epístola, induz-nos a considerar que somente a reprodução do monumento *CIL* II 2395b lhe agradava, pois era o único que publicaria sem esperar a respectiva cópia. A terceira viagem a Panóias seria desnecessária, pois um amigo remeteria os decalques (CCE 104 (SMS Ms. 53); Vasconcelos, 1897c, pp. 59-60).

O amigo foi Francisco de Sales Costa Lobo, de quem existe correspondência datada de 1895 a 1898. O assunto do envio dos decalques surge amiúde, especialmente nos anos de 1897 e 1898 (MNA, *Correspondência*, Mss. 11749-11754, de 15/10/1897 a 29/05/1898 (Coito, 1999, p. 143, n.º 1821)). No entanto, não localizámos estes documentos no espólio do Museu Nacional de Arqueologia (cf., v.g., MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 5 - P-S, Envelope *Panoias*).

No dia 9 de Setembro de 1900, o investigador português retornou ao Norte, e a Panóias, onde permaneceu um mês, ao contrário do que transmitiu ao sábio alemão, que a 20 de Setembro estaria de regresso a Lisboa (CCE 130 (SMS Ms. 66); Gama, 1964, p. 214, n.º 160, de 09/10/1900). Este autor não conheceu o resultado destas análises, uma vez que nenhuma informação está presente na correspondência e faleceu antes das respectivas publicações (cf. CCE. Vasconcelos, 1901, pp. 49-59; Vasconcelos, 1905b, pp. 187-188; Vasconcelos, 1913b, pp. 345-347, 365-374). Temos ainda conhecimento da existência de outra jornada ao monumento por volta de 14 de Setembro de 1909, na qual efectuou vários apontamentos (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 5 - P-S, Envelope *Panoias*; MNA, *Relatos de Viagens*, fotocópia de *O Distrito de Vila Real* de 30/09/1909).

O conservador da Biblioteca Nacional publicou o texto de *CIL* II 2395b de forma praticamente igual ao erudito germânico. Apenas omitiu as duas últimas letras da sexta regra, que no entanto se lêem na pedra (*CIL* II 2395b; Vasconcelos, 1913b, p. 468. Cf., v.g., *RAP* 472; Alföldy, 1995, p. 256, n.º 3; Alföldy, 1997, pp. 192-194, n.º 3; Rodríguez Colmenero, 1997², p. 179-180, n.º 163; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 85-88, fig. 75b; Alföldy, 2002, p. 212; Guerra, 2002a, p. 148; Rodríguez Colmenero, 1995-2007, pp. 467-468; Santos, Pires & Sousa, 2014, pp. 211-212, figs. 8-11. Cfr. Cortez, 1947, pp. 59-69; Lambrino, 1953b, pp. 108-109; Blázquez Martínez, 1962, p. 181; *ILER* 521). O aspecto ao qual se dedicou com maior atenção residiu precisamente no

significado do termo *LAPITEARVM*, pelo qual citou a epígrafe ao seu correspondente (CCE 104 (SMS Ms. 53)).

Mommsen havia observado que neste vocábulo poderia estar *AMPHITEATRVM*. Esta leitura não foi considerada por Hübner e foi descartada por Leite de Vasconcelos, baseando-se nas análises que efectuou directamente no local (*CIL* II 2395b; Vasconcelos, 1905b, p. 187, nota 2; Guerra, 2002a, p. 148). Mais recentemente, J. Gil propôs (ex) *LAPIDE ARAM*. Todavia, esta hipótese contraria o texto existente (Gil, 1985, pp. 367-368; Guerra, 2002a, p. 148; Santos, Pires & Sousa, 2014, p. 212, fig. 11).

Primeiramente, o investigador lusitano supôs em *Lapitearum* – no nominativo *Lapiteae* – um nome de ninfas, para alguns anos depois considerar um etnónimo, regressando assim a Contador de Argote (Vasconcelos, 1905b, pp. 187-188; Vasconcelos, 1913b, p. 468, nota 1; Guerra, 2002a, p. 149). Os estudos subsequentes seguiram ambas as hipóteses do conservador da Biblioteca Nacional, quer entidades divinas, quer uma entidade étnica (cf., v.g., Cortez, 1947, pp. 8-9, 59-60; Lambrino, 1953b, pp. 109, 120-121; Blázquez Martínez, 1962, pp. 180-184; *DIP*, pp. 250-253; Tranoy, 1981, pp. 338-340; Rodríguez Colmenero, 1997², pp. 179-180, n.º 163; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 85-86, 94; Alföldy, 1995, p. 256, n.º 3; Alföldy, 1997, pp. 193-194; Alföldy, 2002, pp. 212-214; Tranoy, 2004, pp. 93-94; Rodríguez Colmenero, 1995-2007, pp. 467-468). Recentemente, Búa Carballo ponderou tratar-se de um nome de lugar (Búa Carballo, 2000, pp. 33-34). Na sua análise, Guerra aceitou como possível esta ligação ao local, mas excluiu um âmbito religioso do foro indígena, concluindo que *Lapitearum* seria um qualificativo de um nome feminino, derivado do adjectivo latino *lapideus*, *a*, *um*, (Guerra, 2002a, pp. 157-158). Os autores do projecto iniciado em 2014 aceitam esta ligação exclusiva aos cultos mistéricos orientais (Santos, Pires & Sousa, 2014, p. 221).

Como indicámos *supra*, Leite de Vasconcelos não ficou satisfeito com o decalque que realizou num primeiro momento à inscrição em língua grega (*CIL* II 2395c; Vasconcelos, 1897c, p. 59). Análises posteriores permitiram-lhe conhecer a totalidade dos caracteres, alguns dos quais foram entretanto corrigidos (Vasconcelos, 1913b, pp. 345-347. Cf., v.g., Cortez, 1947, pp. 57-59; Lambrino, 1953b, pp. 109-110; *RAP* 473; Rodríguez Colmenero, 1997², p. 119, n.º 89; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 88-90; Alföldy, 1995, p. 256, n.º 4; Alföldy, 1997, pp. 194-196, n.º 4; Alföldy, 2002, p. 212; Rodríguez Colmenero, 1995-2007, pp. 468-470; Santos, Pires & Sousa, 2014, pp. 213-217).

O investigador português rectificou o texto de *CIL* II 2395e com base nas suas observações de 1895 e no relatório de Von Hafe, mantendo a sua lição inicial nas *Religiões da Lusitânia* (*CIL* II 2395e; Vasconcelos, 1897c, pp. 177-180; Vasconcelos, 1913b, pp. 468-469). Actualmente apenas se difere na reconstituição da primeira linha e de uma oitava regra (cf., v.g., Cortez, 1947, pp. 60-63; Lambrino, 1953b, pp. 114-115; *RAP* 475; Rodríguez Colmenero, 1997², pp. 178-179, n.º 162; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 81-84; Alföldy, 1995, pp. 253-255, n.º 1; Alföldy, 1997, pp. 184-189, n.º 1; Alföldy, 2002, p. 212; Rodríguez Colmenero, 1995-2007, pp. 472-473; Santos, Pires & Sousa, 2014, pp. 204-205).

Quanto às epígrafes *CIL* II 2395a e 2395d, o conservador da Biblioteca Nacional apenas publicou algumas palavras dos textos e um desenho da primeira, não alterando as leituras do sábio alemão, depois modificadas (*CIL* II 2395a, 2395d; Vasconcelos, 1913b, p. 469. Cf., v.g., Cortez, 1947, pp. 63-64; Lambrino, 1953b, pp. 110-113; *RAP* 471, 474; Rodríguez Colmenero, 1997², pp. 116, 180-181, n.ºs 86, 164; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 84-85, 90-93; Alföldy, 1995, pp. 255-256, n.ºs 2, 5; Alföldy, 1997, pp. 189-192, 196-198, n.ºs 2, 5; Alföldy, 2002, p. 212; Rodríguez Colmenero, 1995-2007, pp. 469-472; Santos, Pires & Sousa, 2014, pp. 205-210, 219-221). No entanto, existe um manuscrito seu, onde se regista na primeira linha de *CIL* II 2395d *DIIS CVM VDE* ou *DIIS CVM AVDE*, aproximando-se de algumas leituras recentes que consideram *DIIS CVM AEDE* (MNA, *Informações e Achados por Proveniência*, Cx. 5 - P-S, Envelope *Panoias*; Rodríguez Colmenero, 1997², pp. 180-181, n.º 164; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 90-93; Santos, Pires & Sousa, 2014, pp. 219-221).

Leite de Vasconcelos incluiu um estudo sobre os *numina Lapitearum* no volume II das *Religiões da Lusitânia*, mas o estudo relativo ao santuário e às inscrições figurou apenas no volume III, nos capítulos dedicados aos cultos orientais e aos santuários (CCE 102 (MNA Ms. 10488); Vasconcelos, 1905b, pp. 187-188; Vasconcelos, 1913b, pp. 345-347, 465-474).

O conjunto epigráfico do local é composto pelas cinco epígrafes do santuário – *CIL* II 2395a-2395e –, pelos três fragmentos editados pelo erudito germânico – *CIL* II 2396a-2396c –, e pelo monumento descoberto pelo investigador lusitano – Vasconcelos, 1888h, pp. 50, 69 –. *CIL* II – S 5556 foi considerada proceder também deste local por Russel Cortez e Rodríguez Colmenero (*CIL* II 2395-2396; Vasconcelos, 1888h, pp. 50, 69; *CIL* II – S 5553, 5556; Cortez, 1947, pp. 24-27; Cardozo, 1985, pp. 92, 101, n.ºs 50, 59; Rodríguez Colmenero, 1999, pp. 21-23)

Leitura (seguimos preferencialmente as leituras e fotografias editadas em Alföldy, 1995, p. 253; Alföldy, 1997, pp. 187-188; Santos, Pires & Sousa, 2014, pp. 197-224, com ligeiras alterações):

CIL II 2395e) DIIS [DEABVSQVE TEMPLI] / HVIVS HOSTIAE QVAE CA/DVNT HIC IMMOLANTVR / EXTA INTRA QVADRATA / CONTRA CREMANTVR SANGVIS / LACICVLIS IVXTA / SVPERFVNDITVR / [G(aius) C(.) CALP(urnius) RVFINVS V(ir) C(larissimus)]

CIL II 2395a) DIIS . SERAPIDI ISIDI / DIIS . DEABVS OMNI/BVS LACVM ET [HANC?] / AEDEM G(aius?) [C(?) C]ALP(urnius) RV/FINVS V(ir) C(larissimus)

CIL II 2395b) DIIS . DEABVS.QVE AE/TERNVM LACVM OMNI/BVS.QVE NVMINIBVS . / ET . LAPITEARVM CVM / HOC . TEMPLO . SACRAVIT / G(aius) C(?) CALP(urnius) RVFINVS V(ir) C(larissimus) / IN QVO HOSTIAE VOTO CREMANTVR

CIL II 2395c) ‘Υψισ(τω) . τῷ Σερά/πιδι σὺν ᾧ Κό/ρα καὶ μυστα./ρίοις . P(osuit?) G(aius) C(?) CALP(urnius) / RVFINVS . V(ir) . C(larissimus)

CIL II 2395d) DIIS CVM AEDE(m) / ET . LACVM . QVO / VOTO . MISCE/TVR / G(aius) . C(?) . CALP(urnius) RVFINVS . V(ir) . C(larissimus) .

1.3.3 Fonte do Ídolo

A primeira pessoa a interessar-se pelas ruínas da Fonte do Ídolo foi D. Luís Álvares de Figueiredo. Este prelado transmitiu um conjunto de informações a D. Jerónimo Contador de Argote, que publicou o monumento nas *Memórias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*. Quando Hübner esteve em Portugal, em 1861, visitou o local na companhia de José Pereira Caldas, que o auxiliou na sua estadia de três dias em Braga. Na sua análise, concordou com as leituras de Argote, corrigindo a primeira linha de Figueiredo e queixando-se do mau estado de conservação do local (Argote, 1732, pp. 261-262; *CIL II* 2419; Hübner, 1871b, pp. 71-72, 74-75; Vasconcelos, 1905b, pp. 239-242; Stylow & Gimeno Pascual, 2004, p. 336. *Vide* capítulo 5.1.1.1). No *Supplementum* corrigiu o teónimo para *RONCOE/NAETAAECO* (*CIL II* – S, p. 900, n.º 2419).

Em Janeiro de 1894, Leite de Vasconcelos esteve em Braga, observou o monumento e efectuou decalques (Vasconcelos, 1895b, p. 315; Vasconcelos, 1905b, p. 242). Em 17

de Fevereiro, já em Lisboa, transmitiu as suas análises a Francisco Martins Sarmiento. Lê-se na carta:

“Quando vim de aí estive em Braga. [...]

[...] Creio ter lido as inscrições do Quintal do Ídolo. Parte é clara, e essa vem no Hübner. Parte falta lá absolutamente que é (cito de memória): CELICVS FECIT. A outra parte vem errada no Argote e no Hübner; é, segundo creio, (o nome do deus em dativo) PONGOENABIAGO.

É curioso que, sendo este um deus da fonte, haja uma deusa e rio com o nome de NABIA (*). Evidentemente o final é um sufixo *-ago=-acos*. Talvez o nome se decomponha em Pongoe-nabi-ago. É um nome interessante. Quando receber o molde em gesso me dirá se concorda com esta leitura (**).

(*) E cf. *Nabão*?

(**) A inscrição tem outras letras, que não li bem, mas que suponho modernas.” (Cardozo, 1958, pp. 159-161, n.º 49, de 17/02/1894).

Na sessão de 25 de Maio de 1894, por ocasião da entrada do investigador lusitano como sócio correspondente na Academia Real das Ciências de Lisboa, este efectuou uma conferência na qual forneceu as suas leituras epigráficas e as explicações sobre o monumento, editando o texto na *Revista Lusitana* (Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315). Quando o erudito germânico recebeu o artigo, enviado pelo seu autor, escreveu-lhe (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A)).

A “parte clara” que Hübner havia publicado corresponde à primeira inscrição. Nesta, Leite de Vasconcelos apenas diferiu no antropónimo. O nome do dedicante havia sido reconstituído como [CAE]LICVS, através da comparação com outra epígrafe de Braga (CIL II 2419, 2420; Vasconcelos, 1905b, pp. 240, 264; Cardozo, 1958, p. 160, n.º 49, de 17/02/1894). O investigador lusitano reconstituiu *Celicus*, mantendo esta leitura até ao volume II das *Religiões da Lusitânia*. Aqui considerou ambas as formas, ainda que pareça optar por *Celicus* (CCE 54 (SMS Ms. 32); Vasconcelos, 1895b, pp. 309-310; Vasconcelos, 1905b, pp. 244-245). Na sua epístola, o sábio alemão indicou que *Celicus* seria a forma simples de *Caelicus*, editando aquela na *Ephemeris Epigraphica*, com base no texto gravado junto do busto, na edícula, que continha precisamente *Celicus*. Esta epígrafe não fora observada antes da análise do director do Museu Etnográfico Português, em 1894, devido à vegetação que a cobria, o que impedira na nossa opinião até àquele momento uma mais exacta reconstituição (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A); Vasconcelos, 1895b, p. 310; EE VIII 115; Vasconcelos, 1905b, pp. 242-243. Vide

infra). A opinião do conservador da Biblioteca Nacional era oposta no que respeita à explicação do antropónimo. *Celicus* seria a forma primitiva, influenciada pelo gentílico latino *Caelius*, o que resultaria na adopção do ditongo *-ae-* em *Caelicus*. Isto era corroborado pelo facto de a inscrição com este nome – *CIL* II 2420 – ser posterior ao monumento da Fonte do Ídolo – *CIL* II 2419 – (Vasconcelos, 1905b, pp. 245, 249).

No latim, verificou-se a tendência de pronunciar o ditongo *ae* como *e* nas zonas rurais e pelas classes mais baixas (Santos, 2005, p. 37). Este aspecto poderia justificar a diferença entre os dois textos – *CIL* II 2419 e 2420 –. Os autores não têm sido consensuais na leitura do antropónimo (cf., v.g., Redentor, 2011, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, Variantes). Preferimos *Celicus* a *Caelicus*, tendo em conta a epígrafe identificada por Leite de Vasconcelos em 1894, seguindo neste ponto a argumentação do erudito germânico.

O *-L-* deste nome tem sido ora lido, ora restabelecido, e ainda contestado, desde o início da investigação (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A); CCE 54 (SMS Ms. 32); CCE 57 (MNA Ms. 10469); *CIL* II 2419, 2420; Vasconcelos, 1895b, pp. 309-310; *EE* VIII 115; Vasconcelos, 1905b, pp. 240, 242, 244-245, 248, com desenho; Cardozo, 1958, p. 160, n.º 49, de 17/02/1894, com foto. Cf., v.g., *RAP* 174, com foto; Búa Carballo, 2000, pp. 361-362; Rodríguez Colmenero, 2002, pp. 26-27, com foto; Tranoy, 2002, p. 31, com foto; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Redentor, 2011, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, estampa V). O investigador lusitano registou um traço horizontal inferior antes do *-I-*, enquanto Hübner assinalou cerca da metade inferior do risco vertical. Foi-nos impossível examinar presencialmente o monumento, de modo a confirmar ou negar estas lições. Contudo, as outras inscrições – Vasconcelos, 1895b, p. 310, mas também a variante em *CIL* II 2420 –, permitem supor a letra, ainda que seja, ou não, entre parênteses rectos (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A); CCE 54 (SMS Ms. 32); CCE 57 (MNA Ms. 10469); *CIL* II 2419, 2420; Vasconcelos, 1895b, pp. 309-310; *EE* VIII 115; Vasconcelos, 1905b, pp. 240, 242, 244-245, 248).

A frase do sábio alemão, na carta de 20 de Novembro de 1895, sobre faltar ...*LICVS FRONTO*, relaciona-se com o facto de tal não figurar no decalque que recebeu do seu correspondente (CCE 57 (MNA Ms. 10469). *Vide infra*).

A parte que faltava às publicações anteriores, como transmitido pelo director do Museu Etnográfico Português a Francisco Martins Sarmiento, foi descoberta somente em 1894 por aquele investigador, como se referenciou *supra*. Em Janeiro deste ano, na sua primeira análise ao monumento, havia identificado duas linhas dentro da edícula, que

apresentou à Academia das Ciências e, consequentemente, na *Revista Lusitana*. O texto que citou de memória ao ilustre vimaranense foi *CELICVS FECIT*, mas depois indicou um nexu nas letras *-LI-*, no seu artigo e na sua carta ao erudito germânico, que manteve nas *Religiões da Lusitânia*, além da separação das regras (CCE 54 (SMS Ms. 32); Vasconcelos, 1895b, pp. 307, 310, 315; Vasconcelos, 1905b, pp. 242-243, 248; Cardozo, 1958, p. 160, n.º 49, de 17/02/1894). Hübner não indicou a ligação entre os dois caracteres na sua missiva de 20 de Novembro de 1895, mas seguiu essa lição na *Ephemeris Epigraphica* (CCE 57 (MNA Ms. 10469); *EE* VIII 115). O nexu não foi apresentado por todos os autores, ainda que tal nos pareça existir pelas fotos (cf., v.g., *RAP* 174, com foto; Búa Carballo, 2000, pp. 361-362; Rodríguez Colmenero, 2002, pp. 26-27, com foto; Tranoy, 2002, p. 31, com foto; Cardim Ribeiro in Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Redentor, 2011, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, estampa V).

A repetição do nome do dedicante incitou Leite de Vasconcelos a perguntar ao seu correspondente, em Fevereiro de 1895, se concordava com a sua explicação e se conhecia outros casos semelhantes. Em Novembro repetiu a questão. O sábio alemão desvalorizou o caso. Não se recordava de nenhum caso, mas era possível que existisse. Na sua publicação, o investigador lusitano não se cingiu ao antropónimo, mas ao texto contido nas três regras, apresentando paralelos para tal e indicando que o seu objectivo teria um carácter místico (CCE 42 (SMS Ms. 30); CCE 54 (SMS Ms. 32) – CCE 55 (MNA Ms. 10468); Vasconcelos, 1905b, pp. 261-262).

Em 1895, Domingos Barbosa, através de José Machado, informou Leite de Vasconcelos que existia outra inscrição, com *FRONT*, fornecendo-lhe um decalque, que este editou nas *Religiões da Lusitânia*. Na epístola de 3 de Novembro de 1895, este investigador apresentou a epígrafe ao sábio alemão, considerando-a uma continuação das linhas anteriores, o que colocava o verbo entre o *nomen* e o *cognomen* do dedicante. Assim, o texto completo era *CELICVS / FECIT / FRONT*[O], que aceitamos com diferenças mínimas. Quanto ao facto de ter sido descoberto “agora”, apenas possuímos a data da carta em que o amigo bracarense promete o desenho, 08/03/1895. Não nos parece que tal espaço de tempo seja relevante (MNA, *Correspondência*, Ms. 12586, de 08/03/1895 (Coito, 1999, p. 153, n.º 1905); CCE 54 (SMS Ms. 32); *EE* VIII 115; Vasconcelos, 1905b, pp. 242-243, 248, desenho. Sobre as variantes da última linha, cf., v.g., Redentor, 2011, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, Variantes. *Vide infra* Leitura).

As duas primeiras regras eram claras no decalque que o conservador da Biblioteca Nacional remeteu ao erudito germânico, ao invés da terceira que não figurava lá. Isto

deve-se ao facto de ter enviado a Hübner a reprodução de 1894, antes da descoberta da linha (CCE 57 (MNA Ms. 10469); CCE 61 (MNA Ms. 10471+A) – CCE 62 (MNA Ms. 10471); Vasconcelos, 1905b, pp. 242-243; Cardozo, 1958, p. 192, n.º 67, de 1896?).

Depois de *FRONT*, Leite de Vasconcelos observou que teria sido iniciada a gravação de algo, mas que não se concluiu (Vasconcelos, 1905b, p. 248). Apenas Rodríguez Colmenero e García Fernández-Albalat leram outros caracteres, ainda que sem encontrar um consenso (cf., v.g., Rodríguez Colmenero, 1987, pp. 624-626, 629, n.º 464, com fotos; García Fernández-Albalat, 1990, p. 291; Rodríguez Colmenero, 1993, p. 82, n.º 41, com fotos; Rodríguez Colmenero, 1995, p. 200, n.º 41, com fotos; Redentor, 2011, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, Variantes. Cfr. Rodríguez Colmenero, 2002, pp. 26-27, com foto).

A parte que estava errada nas obras de Contador de Argote e do sábio alemão, segundo as palavras do investigador lusitano a Francisco Martins Sarmiento, consistia no teónimo. Estes autores haviam lido *RONCOE/NATHLACO*, corrigido depois pelo segundo para *RONCOE/NAETAECO* (*CIL* II 2419; *CIL* II – S, p. 900, n.º 2419; Cardozo, 1958, p. 160, n.º 49, de 17/02/1894). O conservador da Biblioteca Nacional reconheceu *PONGOE/NABIAGO*, que transmitiu a Francisco Martins Sarmiento. Nesta epístola, forneceu uma análise que aprofundou na sua comunicação e artigo. Propôs que o nome da divindade seria formado por três elementos, *Pongoe-nabi-ago*, estando no caso dativo. *Pongoe* não tinha explicação, pois não existiam paralelos atestados na epigrafia ou nas obras clássicas. A partícula *-nabi-* recordaria as deusas *Nabia* e *Navia* e ainda vários hidrónimos, entre os quais o rio Nabão. O sufixo *-ago* seria uma variante de *-acus*, comum na onomástica paleohispânica (Vasconcelos, 1895b, pp. 310, 314-315; Vasconcelos, 1905b, pp. 242-243; Cardozo, 1958, pp. 160-161, n.º 49, de 17/02/1894).

Não conseguimos localizar a réplica do ilustre vimaranense à carta do director do Museu Etnográfico Português que transcrevemos *supra*. Contudo, a frase “O elemento da inscrição é -NAB-, não NAEB” da missiva seguinte de Leite de Vasconcelos induz-nos a considerar uma resposta a uma dúvida do correspondente de Guimarães. A questão relacionava-se provavelmente com a leitura *-NAET-* editada pelo erudito germânico no *Supplementum*, que Francisco Martins Sarmiento conhecia (*CIL* II – S, p. 900, n.º 2419; Cardozo, 1958, pp. 159-161, n.º 49, de 17/02/1894, p. 163, n.º 50, de 25/02/1894).

A posição de Hübner perante a rectificação do teónimo concretizada pelo investigador português foi considerar *Pongoenabiagus* um termo de difícil explicação, tal como

Roncoenabiagus. Já no *CIL* II, havia observado que o nome da divindade era desconhecido, possuindo talvez uma terminação em *-aecus*. Deste modo, pediu uma cópia, por decalque ou por fotografia, com o objectivo de realizar a sua própria análise (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A); *CIL* II 2419). Renovou o pedido pouco tempo depois, não respondendo às dúvidas colocadas pelo conservador da Biblioteca Nacional, que se cingiu a lhe enviar meses após o texto epigráfico, com *PONGOE/NABIACO*, e perguntando-lhe se concordava com a lição *Pongoenabiagus*. O *C* deve-se certamente a uma gralha, pois registou na epístola e publicou *G* (CCE 46 (MNA Ms. 10464); CCE 54 (SMS Ms. 32); Vasconcelos, 1905b, pp. 243-244, 246-248, 252-259). O livro de Albano Belino forneceu uma reprodução ao sábio alemão, além da variante de leitura *PONGOE/NABIAGOI*. No entanto, mantinha o seu parecer quanto à necessidade de estudar uma boa cópia (CCE 55 (MNA Ms. 10468); Belino, 1895b).

A aquisição de uma imagem do monumento foi algo que se revelou difícil ao director do Museu Etnográfico Português. Francisco Martins Sarmiento iria receber um molde (Cardozo, 1958, p. 161, n.º 49, de 17/02/1894) e aparentemente comprometeu-se a fornecer-lhe uma fotografia, no ano de 1894, como se depreende na carta daquele epigrafista: “Agradeço a promessa da fotografia.” (Cardozo, 1958, p. 163, n.º 50, de 25/02/1894). Desconhecemos o paradeiro da missiva do ilustre vimaranense. Contudo, a fotografia não podia ser efectuada, tal como registou o seu correspondente: “Segundo me disem de Braga, o monumento do “Ídolo” está em tal posição, que não pode ser photographado. Má noticia.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20767, de 28/02/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)). No mês seguinte, Francisco Martins Sarmiento reiterou a dificuldade: “O penedo do ídolo de Braga não pode ser photographado. O Monteiro mandou-me modelado apenas o nicho [...]. Mandeí modelar mais a estatua do outro, e as 2 inscrições para depois reunir tudo e tentar uma reconstrução completa do monumento. [...] Se sahir bem, photographa-se depois.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20768, de 27/03/1894 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

Um ano depois, Leite de Vasconcelos voltou a questionar o ilustre vimaranense. Redigiu na epístola:

“Disse-me em tempo que queria obter um modelo em gesso do *ídolo* de Braga. Já o obtive? E ficou bom?

Nesse caso eu desejava que fizesse o favor de me mandar uma fotografia ou desenho fiel” (Cardozo, 1958, p. 176, n.º 58, de 02/03/1895).

Francisco Martins Sarmiento respondeu-lhe que, “Tenho de facto já no Museu um [...] do Ídolo de Braga; mas não sei se está bom, se mal, porque não conheço o original, nem ainda foi visto por quem o comparasse com a copia o dito original. Uma photographia da copia seria para lhe desacreditar o periódico. De Braga disem-me que não dá photographar o original mas quando a pôça poder ser esvasiada. Se o tempo assim continuar, só para as canículas. Se a photographia não ficar na massa dos projectos, mandar-lhe-ei uma prova.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20773, de 07/03/1895 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

As dificuldades eram então demasiadas, ao ponto de o conservador da Biblioteca Nacional ter escrito na réplica, “O ídolo de Braga está enguiçado! Por mais que tente obter uma fotografia ou um desenho não posso. Eu tenho um desenho, mas é bastante simples.” (Cardozo, 1958, p. 177, n.º 59, de 08/03/1895). Apesar disto, Domingos Barbosa enviou-lhe um desenho em 1895, que inseriu depois nas *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1905b, p. 243, desenho).

O director do Museu Etnográfico Português enviou o desenho efectuado em 1894 ao erudito germânico em Novembro de 1895, pedindo-lhe que o devolvesse, uma vez que não possuía outro. Desconhecemos a data em que José Machado remeteu o desenho de Domingos Barbosa, fornecendo àquele investigador uma segunda reprodução (MNA, *Correspondência*, Mss. 12581-12604, de 08/03/1895 a 29/09/1918 (Coito, 1999, p. 153, n.º 1905); CCE 56 (SMS Ms. 33); Vasconcelos, 1905b, p. 243). Com base nestes decalques, Hübnér apresentou o seu exame, abordado *supra* e *infra* consoante os assuntos, indicando que devolveria as reproduções quando recebesse o parecer do seu correspondente. Quanto ao teónimo, o sábio alemão considerou que a leitura *PONGOE/NABIAGO* de Leite de Vasconcelos era evidente, à excepção da primeira letra, que podia ser **E**, *I* ou *T*, apesar de ser mais provável o carácter *P* (CCE 57 (MNA Ms. 10469)).

Com o objectivo de esclarecer a questão relativa ao *I* final, que estudamos *infra*, o investigador lusitano regressou a Braga em Fevereiro de 1896 e reanalisou as inscrições da Fonte do Ídolo. Nesse local, realizou um novo calco, que remeteu ao erudito germânico, pedindo-lhe para devolver a reprodução anterior. Corrigiu ainda a sua lição para *TONGOE/NABIAGO*, comunicando-a na Academia das Ciências no dia 12 de Março de 1896 e publicando-a na *Revista Lusitana* e na *Revista Critica de Historia y Literatura Española y Portuguesa*. Na pedra existia apenas um traço vertical, a parte direita e o início da metade esquerda da linha horizontal de um *T*. Os outros riscos, que

formariam o *P*, eram naturais do próprio rochedo. A letra *T* revela também a perícia epigráfica de Hübner, pois perante um desenho “simples”, nas próprias palavras do seu correspondente, havia vislumbrado antes como possibilidade este carácter (CCE 57 (MNA Ms. 10469); CCE 61 (MNA Ms. 10471+A); Vasconcelos, 1896b, pp. 118, 284; Vasconcelos, 1905b, pp. 243-244, 246-247; Cardozo, 1958, p. 177, n.º 59, de 08/03/1895, p. 184, n.º 64, de 18/12/1895, p. 187, n.º 65, de 09/03/1896). O sábio alemão concordou com a nova leitura, em face dos decalques, que restituiu. A forma *Tongoenabiago* era mais provável que *Pongoenabiago*, pelo que a editou na *Ephemeris Epigraphica*, relacionando a primeira parte com os termos *Tongius*, *Tongetamus* e *Tongobriga*, atestados na região galaica (CCE 62 (MNA Ms. 10471); *EE* VIII 115).

De facto, a nova forma do nome da divindade não suscitava os problemas da anterior quanto à sua explicação, como indicou o conservador da Biblioteca Nacional ao ilustre vimaranense uns dias antes de escrever ao erudito germânico. A este, considerou uma origem celta, fosse para *Tongoenabiago* ou somente para *Tongoe-* (CCE 61 (MNA Ms. 10471+A); Vasconcelos, 1905b, pp. 243-244; Cardozo, 1958, p. 187, n.º 65, de 09/03/1896).

Na tentativa de explicar o teónimo *Pongoenabiago*, o director do Museu Etnográfico Português havia escrito a d’Arbois de Jubainville, que no entanto não conseguira compreendê-lo: “[...] sur le dieu Pongoenabiagus. Je n’ai pu jusqu’à présent me faire une opinion sur la question de savoir à quelle langue appartient ce mot.”⁷⁷⁴ (MNA, *Correspondência*, Ms. 10650+A, de 21/06/1895 (Coito, 1999, p. 131, n.º 1653)). Após a correcção, escreveu novamente a este linguista, que aclarou o significado do nome da divindade, numa carta que Leite de Vasconcelos publicou nas *Religiões da Lusitânia*, juntamente com a sua análise. O deus era céltico e traduzia-se por «deus da fonte pela qual se jura» (MNA, *Correspondência*, Ms. 10654, de 03/04/1896 (Coito, 1999, p. 131, n.º 1653); Vasconcelos, 1905b, pp. 252-259).

Desde o início, o investigador lusitano considerou que a divindade possuía um cariz aquático (Vasconcelos, 1895b, pp. 307-315; Cardozo, 1958, pp. 159-161, n.º 49, de 17/02/1894). Numa missiva a Hübner, perguntou-lhe se concordava com o facto de ser o deus da fonte. O correspondente hesitou entre esta explicação e ser uma divindade cultuada perto da fonte. Na resposta, o conservador da Biblioteca Nacional foi peremptório. Não podiam existir dúvidas que *Tongoenabiago* era o deus da fonte,

⁷⁷⁴ Tradução: “[...] sobre o deus Pongoenabiagus. Eu não consegui até ao momento formar uma opinião sobre a questão de saber a que língua pertence esta palavra.”

porque a nascente situava-se no local onde se havia gravado a inscrição, além do que *Nabiagus* remetia para aquele mundo. Já com o decalque, o sábio alemão aceitou a hipótese, tendo-a editado na *Ephemeris Epigraphica* (CCE 54 (SMS Ms. 32) – CCE 57 (MNA Ms. 10469); CCE 60 (MNA Ms. 10470); *EE* VIII 115).

Leite de Vasconcelos corrigiu a sua leitura para *Tongoe Nabiago*, influenciado por um estudo de Schuchardt. Deste modo, o segundo elemento seria um “epitheto tópico ou ethnico com caracter adjectival” (Vasconcelos, 1913b, pp. 219-220).

Albano Belino publicara o teónimo com um *I* no final. A atitude do erudito germânico, patente na epístola enviada ao conservador da Biblioteca Nacional, foi aguardar por um bom decalque (CCE 55 (MNA Ms. 10468)). Contudo, no mesmo dia, escreveu ao investigador bracarense a perguntar-lhe se era de facto *NABIAGOI*: “CIL II 2419. Est-ce vraiment NABIAGOI?” (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, de 10/11/1895). A resposta foi célere. Lê-se em carta de 20 de Novembro:

“Na inscrição do Ídolo aparece realmente o *I*; nota-se isso mesmo num calco que eu fiz tirar e que se acha exposto no museu da Sociedade Martins Sarmento, d’esta cidade.

Como parece não estar ainda resolvido o problema archeologico do Ídolo pode V. Ex.^a diser-me se é possível o *I*? (*PONGOE NABIAGOI*).” (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*, de 20/11/1895).

Desconhecemos a réplica (SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*).

A resposta do director do Museu Etnográfico Português foi anterior a esta. No dia 15 de Novembro enviou um decalque a Hübner e indicou-lhe que o *I* era na realidade uma falha da pedra. Todavia, regressaria ao local (CCE 56 (SMS Ms. 33)). Com base na reprodução, o sábio alemão concordou com o seu correspondente lisboeta (CCE 57 (MNA Ms. 10469)).

O assunto enervara Leite de Vasconcelos. Regista-se numa missiva destinada a Francisco Martins Sarmento: “Embirrei com o seguinte. Disse-me V. Ex.^a, quando recebeu o molde do Ídolo de Braga, que havia um *I* depois de *O*. Verificando no calco que tenho, vejo lá efectivamente um sulco que parecia da pedra, e não letra. O Belino insiste depois comigo que há *I*. Mandeí o calco ao Hübner, e este é também de opinião que o sulco é da pedra e não letra. Como Belino tornou a insistir comigo, escrevi ao José Machado, pedindo-lhe que fosse verificar. Este foi, e diz-me que não há dúvida que está lá um *I*, mas que a «pedra foi raspada para tornar mais clara a existência daquela

letra, que anteriormente parecia a linha da moldura Quando tirei o calco a cavidade era menos profunda, e o I um problema»! [...] Em 16 de Janeiro vou a Braga de propósito ver o que posso averiguar. Não tenho pretensões de epigrafista, nem de ver tudo, mas quando estive em Braga copiei a pedra com algum cuidado [...] e nada me impressionou como um I. [...] Como é que aparece agora um I tão claro que todos lêem e ninguém tem dúvida?” (Cardozo, 1958, p. 184, n.º 64, de 18/12/1895). Neste documento verificamos a opinião do conservador da Biblioteca Nacional, a troca de correspondência com o erudito germânico, a ida a Braga em 1896 e a sua análise anterior, em 1894, já referidas *supra*.

Quanto à persistência do investigador bracarense, lê-se numa epístola dirigida ao epigrafista de Lisboa:

“Pessoa de inteira confiança, transmite-me de Braga, que o Snr. Machado, com aquelles seus modos espalhafatosos, tem afiançado que no Idolo não existe o I do meu desenho = PONGOENABIAGOI =. Não creia V. Ex.^a no que elle diz a este respeito. O meu desenho foi feito com escrupulo, e o I aparece bem claro no modelo em gesso que está no museu da Sociedade Martins Sarmiento, d’esta cidade, e que foi tirado em Abril sob a minha direcção.

O referido I nada prejudica o bello trabalho que V.^a Ex.^a publicou, mas convem não descrever da sua existencia.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 2155, de 24/11/1895 (Coito, 1999, p. 38, n.º 341)).

Confirma-se então que o molde do ilustre vimaranense apresentava um *I* e que tal tinha sido transmitido ao director do Museu Etnográfico Português. Os dois autores arrogavam-se terem realizado um trabalho sério.

Na análise presencial, em 1896, Leite de Vasconcelos confirmou a existência de um *I*, referindo-o a Hübner. Todavia, esta letra era apócrifa, ou seja, fora gravada em período posterior, uma vez que era diferente dos restantes caracteres e estava no sulco da estela, facto que não fazia sentido. A Francisco Martins Sarmiento participou mesmo a convicção de ter sido avivado algures entre 1894 e 1896 (CCE 61 (MNA Ms. 10471+A); Vasconcelos, 1896b, p. 284; Vasconcelos, 1905b, pp. 247-248; Cardozo, 1958, p. 187, n.º 65, de 09/03/1896, p. 192, n.º 67, de 1896?, p. 198, n.º 69, de 17/06/1896).

Também Belino supunha uma ocorrência igual, além de ser acusado como autor por José Machado, como registou o ilustre vimaranense ao conservador da Biblioteca Nacional: “se o Machado insinua que alguém (o Bellino?) andou a raspar na pedra para

relevar a existencia do problematico I, o Bellino (vae em semi-confidencia) teimava ha tempos que entre duas visitas que fez ao monumento alguem por la andou que raspou na pedra” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20776, de 12/1895 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)); “mas isto é que o Bellino tambem teimava que a inscripção foi retocada.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20778, de 11/04/1896 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)).

O sábio alemão perfilhou da ideia do seu correspondente lisboeta, não considerando o *I* na sua leitura epigráfica (*EE* VIII 115). Somente a partir do trabalho de Pereira Menaut se começou a incluir o caracter *I* no teónimo (cf, v.g., Pereira Menaut, 1985, pp. 531-535; Rodríguez Colmenero, 1987, pp. 624-628, n.º 464, com fotos; García Fernández-Albalat, 1990, p. 291; Rodríguez Colmenero, 1993, pp. 82-86, n.º 41, com fotos; Rodríguez Colmenero, 1995, pp. 200, 202-203, n.º 41, com fotos; Búa Carballo, 2000, pp. 83-84, 361-362; Prósper Pérez, 2002, pp. 154-158, 164-166; Rodríguez Colmenero, 2002, p. 27; Tranoy, 2002, pp. 31-32; Cardim Ribeiro in Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Redentor, 2011, vol. I, pp. 344-345, 383-388, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, estampa V).

Muitos autores têm tentado explicar o significado do teónimo. A sua análise iria avolumar desnecessariamente este capítulo, pelo que remetemos apenas para alguma bibliografia (cf., v.g., Rodríguez Colmenero, 1987, pp. 624-631, n.º 464, com fotos; García Fernández-Albalat, 1990, pp. 291, 297-302; Rodríguez Colmenero, 1993, pp. 82-89, n.º 41, com fotos; Rodríguez Colmenero, 1995, pp. 200-205, n.º 41, com fotos; Búa Carballo, 2000, pp. 83-84, 361-362; Olivares Pedreño, 2002, pp. 77, 219-227 Prósper Pérez, 2002, pp. 154-166; Rodríguez Colmenero, 2002, pp. 26-28; Tranoy, 2002, pp. 31-32; Cardim Ribeiro in Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Redentor, 2011, vol. I, pp. 344-345, 383-388, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, estampa V).

Por cima da edícula e para a esquerda da mesma, ao estudar os decalques enviados pelo director do Museu Etnográfico Português, o erudito germânico reconheceu que havia sido grafado algo naquele local, o que se confirmava pelas reproduções do livro de Albano Belino, mas não conseguia discernir se eram letras ou elementos decorativos. Não conhecemos a resposta de Leite de Vasconcelos à questão de Hübner (CCE 57 (MNA Ms. 10469)). No entanto, este citou a opinião daquele na *Ephemeris Epigraphica*, pelo que talvez a tenha transmitido e a missiva se encontre actualmente em paradeiro desconhecido. Recordamos que as duas epístolas seguintes à carta do sábio alemão não foram localizadas e terão sido redigidas pelo investigador português (CCE 57 (MNA Ms. 10469) – CCE 59; *EE* VIII 115).

O conservador da Biblioteca Nacional havia indicado a sua posição a Francisco Martins Sarmiento em 1894. Na carta que transcrevemos *supra* lê-se: “(**) A inscrição tem outras letras, que não li bem, mas que suponho modernas.” (Cardozo, 1958, p. 161, n.º 49, de 17/02/1894). O autor manteve esta opinião nas *Religiões da Lusitânia* e propôs como possibilidade de leitura “Tomás...” (Vasconcelos, 1905b, pp. 248-249). Somente Rodríguez Colmenero avançou com uma proposta de texto coeva do monumento, lição citada, mas não perfilhada pela restante investigação (cf, v.g., García Fernández-Albalat, 1990, p. 291; Búa Carballo, 2000, pp. 361-362; Rodríguez Colmenero, 2002, pp. 26-27; Tranoy, 2002, p. 31; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Redentor, 2011, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, estampa V).

O sábio alemão terminou a sua missiva de 19 de Janeiro de 1895 a instigar o director do Museu Etnográfico Português a editar uma ilustração da divindade (CCE 41 (MNA Ms. 10462+A)). Esta epístola cruzou-se com uma carta de Leite de Vasconcelos, na qual pedia a opinião ao seu correspondente sobre o artigo (CCE 42 (SMS Ms. 30)). Ao receber aquela missiva, o investigador português solicitou novamente o parecer e defendeu-se. Como havia anunciado, iria publicar uma imagem do monumento num trabalho futuro sobre o assunto, mais desenvolvido, promessa repetida por duas vezes, alguns meses depois. O novo artigo seria inserido n’*O Arqueólogo Português* (CCE 43 (SMS Ms. 29); CCE 54 (SMS Ms. 32); CCE 56 (SMS Ms. 33)). Devido a este desejo, pediu uma reprodução ao ilustre vimaranense (Cardozo, 1958, p. 176, n.º 58, de 02/03/1895).

A revista do Museu Etnográfico Português não foi contemplada com o referido trabalho. A Fonte do Ídolo foi somente referida num ensaio sobre as fontes, publicado no volume II do periódico. Como indicámos *supra*, o estudo pormenorizado foi inserido no volume II das *Religiões da Lusitânia*, sendo o desenho da autoria de Domingos Barbosa (Vasconcelos, 1896a, p. 251; Vasconcelos, 1905b, pp. 239-265).

A Fonte do Ídolo é composta por duas figuras humanas / divinas. O conservador da Biblioteca Nacional e o erudito germânico consideraram a imagem da esquerda ser o dedicante e o busto na edícula à direita ser a representação do deus (CCE 57 (MNA Ms. 10469); Vasconcelos, 1895b, p. 310; Hübner, 1895-1896, p. 101; *EE* VIII 115; Vasconcelos, 1905b, pp. 245-246, 248, 251, 259-263). Posteriormente, inverteu-se a classificação. À esquerda estaria a divindade, enquanto à direita teríamos o dedicante. A generalidade dos autores observa duas figuras masculinas. Rodríguez Colmenero

defende à esquerda uma mulher. Esta seria a deusa *Nabia*, hipótese seguida por Armando Redentor, e o outro corresponderia a *Tongoe Nabiagoi* (Tranoy, 1981, pp. 283-284; Rodríguez Colmenero, 2002, pp. 26-27; Tranoy, 2002, pp. 31-32; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Gonçalves, 2007, pp. 404-405; Redentor, 2011, vol. I, pp. 383-388, vol. II, pp. 41-42, n.º 40, estampa V). A estas representações juntavam-se uma ave e talvez um maço, com características divinas e/ou cultuais (Vasconcelos, 1905b, pp. 248, 259-261; Tranoy, 2002, pp. 31-32; Cardim Ribeiro *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 356, n.º I; Gonçalves, 2007, pp. 404-407; Redentor, 2011, vol. I, pp. 383-388, vol. II, p. 41, n.º 40, estampa V).

Leite de Vasconcelos visitou ainda outra vez o local, em Agosto de 1903, com o objectivo de estudar uma destas imagens (Vasconcelos, 1905b, p. 244).

Leitura: a) [CEL]ICVS FRONTO / ARCOBRIGENSIS / AMBIMOGIDVS / FECIT

b) [...]?

c) TONGOE / NABIAGOI

d) CELICVS / FECIT

e) FRONT[O] [...]?

1.3.4 Band-

O conhecimento da divindade indígena *Band-* remonta ao ano de 1716, quando Frei Agostinho de Santa Maria deu a conhecer um texto epigráfico de Bragança, onde se lia pela primeira vez a forma teonímica *Bandue*. Em 1722-1723, T. de Abreu registou *Banderaeico* numa inscrição de Ribeira de Pena, Vila Real. Apenas no ano de 1866 foi publicado um terceiro monumento de S. Pedro de Reiriz de Veiga, com a forma *Banduae*. Contudo, Hübner considerou-o falso, atitude que se mantém actualmente (CIL II 215*, 2387, 2498; Vasconcelos, 1905b, pp. 337-338; Búa Carballo, 2000, pp. 320-321, 413-414, 423; Prósper Pérez, 2002, pp. 259-260, n.ºs I.I.F, I.I.H, I.I.J).

O *Corpus Inscriptionum Latinarum* II adicionou novos testemunhos do culto de *Band-*, nomeadamente *Bandiarbariaico*, *Bandueapolosego*, *Bandueaetobrigo* e *Ban[...]*. O seu autor relacionou pela primeira vez os vários teónimos iniciados por estas letras, assim como *Bcantunaeco* e *Bmervaseco*, estes últimos conhecidos desde 1638 e 1825, respectivamente (De-Vit, 1859-1867, p. 671; CIL II, p. 758 e n.ºs 363, 454, 740, 855,

861, 2515; Vasconcelos, 1905b, pp. 313-314, 316-319, 321, 337-338, 341, 343). No Congresso de 1880, Adolfo Coelho não citou esta reflexão inédita do epigrafista alemão, nem o resumo de De-Vit. Apresentou ainda um conjunto menor de formas teonímicas, não incluindo *Ban*[...], *Bcantunaeco* e *Bmervaseco* (Coelho, 1884, pp. 444-445; Vasconcelos, 1905b, p. 318, nota 1). No *Supplementum*, não citando este contributo, Hübner retirou do grupo *Bmervaseco*, avançando com a possibilidade de esta forma teonímica se desdobrar em *b(ene) mer(itus) Vasecus*, leitura seguida por Leite de Vasconcelos e semelhante à hipótese *b(ene) mer(enti) Vasego* ou *Vaseco* aceite pela investigação actual (*CIL* II – S, p. 1126; *MLI*, p. 252; Vasconcelos, 1905b, p. 313-314; *RAP* 200; Búa Carballo, 2000, pp. 131, 474-475; Prósper Pérez, 2002, p. 344; Marques, 2005, pp. 193-194). Nos *Monumenta Linguae Ibericae*, extraiu ainda *Bcantunaeco*, por considerar somente *Cantunaeco*. O director do Museu Etnográfico Português manteve as duas hipóteses neste caso (*MLI*, pp. 110, 252; Vasconcelos, 1905b, p. 343; Prósper Pérez, 2002, p. 333. Cfr. Búa Carballo, 2000, pp. 468-469).

No ano de 1896, entre os dias 19 de Agosto e 4 de Setembro, Leite de Vasconcelos realizou uma viagem à região da Beira Alta. O ponto de partida localizou-se em Castendo ou Penalva do Castelo (Vasconcelos, 1927a, pp. 127-155). No final da tarde do primeiro dia, percorreu a área de Esmolfe, visitando a quinta de João Patrício de Albuquerque e Castro e irmãos, que ofereceram para o Museu Etnográfico Português várias peças arqueológicas e etnográficas, entre as quais se encontrava a parte superior de uma ara inédita dedicada a uma divindade indígena (Vasconcelos, 1897c, pp. 108-109; Vasconcelos, 1905b, pp. 317-318; Vasconcelos, 1919-1920, pp. 217-218; Vasconcelos, 1927a, p. 127). A correspondência de João Patrício de Albuquerque e Castro enviada a Leite de Vasconcelos refere a passagem deste por aquela quinta e a oferta de peças. Todavia, o monumento epigráfico não é especificado (MNA, *Correspondência*, Ms. 4335A, de 12/05/1911 (Coito, 1999, p. 70, n.º 664)).

No mês de Novembro de 1896, o sábio viajante enviou ao seu correspondente alemão uma cópia da ara e apresentou-lhe várias questões acerca desta (CCE 65 (SMS Ms. 36)). A proposta de uma separação formal entre o teónimo e o epíteto, registada nesta carta e baseada em aspectos linguísticos apresentados no volume II das *Religiões da Lusitânia*, seguiu as reflexões de De-Vit e de Hübner. Estes autores haviam defendido que os nomes eram compostos / combinados, repetindo-se sempre o vocábulo *Band-* no início. Cauteloso, Leite de Vasconcelos publicou ambas as hipóteses *Bandioilienaico* e *Bandio Ilienaico* e ponderou se *Bandiarbariaicus* seria igualmente uma palavra composta (CCE

65 (SMS Ms. 36); De-Vit, 1859-1867, p. 671; *MLI*, p. 110; Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319, 321. *Vide supra*). Hübner teria concordado com a leitura *Bandio Ilienaico* e transmitido a sua opinião em carta do dia 26 de Novembro (CCE 66; *EE IX* 35; Vasconcelos, 1905b, p. 318). Dois anos após a publicação do volume II das *Religiões da Lusitânia*, Schuchardt corroborou esta divisão e apresentou *Bandi Arbariaico*, *Bandiae Apolosego* e *Bandue Ituiciesi*, assim como *Bandio Ilienaico* (Vasconcelos, 1913, p. 219).

Desconhecemos se Hübner teceu algumas considerações sobre a dificuldade entre as letras -N- e -AI- e a possibilidade de *A(nimo) L(ibens) SO(luit)* na terceira linha, que Leite apontou na missiva, pois ignoramos o paradeiro da resposta do epigrafista alemão (CCE 66 – CCE 69 (SMS Ms. 38)). Na edição póstuma da epígrafe, Hübner indicou somente a primeira lição, pelo que supomos a recusa das outras hipóteses (Hübner, 1903, p. 24, n.º 35). De modo semelhante, Leite de Vasconcelos, nos seus comentários, não mencionou a proposta da fórmula votiva e refutou a existência da letra -N- na terceira linha, baseando-se em incongruências linguísticas, já enunciadas na sua carta (CCE 65 (SMS Ms. 36); Vasconcelos, 1905b, pp. 317-319; Vasconcelos, 1913b, pp. 219-220; *RAP*, p. 29, nota 6 (artigo de Leite de Vasconcelos)).

Nos cerca de 60 anos seguintes foram descobertos outros 19 testemunhos de *Band-*, que atestaram e comprovaram, entre outras, a variante *Bandi*, especificamente *Bandi Tatibeaicui* / *Bandi Tatibiiaicui*, *Bandi Vortaeceeo*, *Bandi Isibraiegui*, *Ba(n)di Is b[r(...)]* / *Ba(n)di Is b[r(aiegui)]* e *Bandi* (leituras de Búa Carballo e Prósper Pérez), não surgindo uma única vez *Bandio* (*DIP*, pp. 125-126, 131-132, 134-138; *RAP* 19, 21, 24, 25, 29, 30, 35, 600; Búa Carballo, 2000, pp. 267, 284-285 (cfr. Prósper Pérez, 2002, pp. 171-172), 312-314, 319, 321-322, 387-389, 428, 434-435, 438-439, 489, 494-495, 502-503, 507-508, 514, 545-546, 621; Prósper Pérez, 2002, pp. 258-268, n.ºs I.I.B, I.I.C, I.I.D, I.I.E, I.I.G, I.I.K, I.2.D, I.2.E.A, I.2.E.B, I.2.F, I.2.K.A, I.2.L.A, I.2.M, I.2.N.A, I.2.N.B, I.2.O, I.2.P, I.3.B; Hoz & Fernández, 2002, pp. 48-49, Quadro 1). Certamente com base nestes factos e tendo em conta a divisão física das linhas na ara, José d'Encarnação propôs a forma teonímica *Bandi Oilienaico*, aceite actualmente (*DIP*, pp. 132-134; *RAP* 28; Vaz, 1997, pp. 204-205, n.º 18; Búa Carballo, 2000, p. 442; Prósper Pérez, 2002, pp. 263-264, n.º I.2.I; Hoz & Fernández, 2002, p. 49, Quadro 1; Fernandes in Ribeiro (ed.), 2002, p. 365, n.º 10, com foto).

Hübner observou o facto de o teónimo corresponder a uma divindade masculina de tema em -a, denominada *Bandua*, baseando-se no único testemunho do nome isolado

conhecido até então – *Bandue* – e seguindo talvez uma anterior reflexão de De-Vit. Este autor havia indicado o enunciado *Bandua, ae*, mas julgado incerto o género, masculino ou feminino (De-Vit, 1859-1867, p. 671; *CIL* II 2498; *MLI*, p. 110). Leite de Vasconcelos não se pronunciou acerca destas considerações ou apresentou qualquer hipótese que conjugasse as informações contidas nas várias formas teonímicas. O investigador português cingiu-se ao elemento *Bandio* patente na inscrição de Esmolfe, defendendo um sufixo *-iu-s*, ou *-io-s* na língua céltica, ainda que noutro trabalho anterior tenha afirmado que **Bandua* era uma deusa (Vasconcelos, 1895b, p. 314; Vasconcelos, 1905b, p. 318). A descoberta de novos testemunhos não permitiu um consenso entre os investigadores, levantando-se argumentos relativos a diferentes leituras dos textos epigráficos, à aparente diversidade de temas e aos géneros gramaticais dos teónimos e dos epítetos. Neste sentido, perfilaram-se *grosso modo* duas perspectivas. Javier de Hoz aceitou um masculino de tema em *-a* e rejeitou um tema em *-u*, sendo o teónimo traduzível pelo termo divindade, vocábulo que pode indicar quer o género masculino quer feminino. Em quatro inscrições aceitou o género feminino (Hoz, 1986, pp. 36-41). Búa Carballo e Prósper Pérez consideraram pelo contrário um masculino de tema em *-u*, **Bandu-* (Búa Carballo, 2000, pp. 40-41; Prósper Pérez, 2002, p. 268).

O significado etimológico de *Band-* tem sido analisado por vários autores, sem no entanto existir um consenso. M. Fidel Fita, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos perfilaram-se na corrente celtista (Coelho, 1884, pp. 444-445; Vasconcelos, 1905b, p. 317; *RAP*, p. 32 (artigo de Leite de Vasconcelos); *DIP*, pp. 120-125. Cfr. Hoz, 1986, pp. 36-41; Fernández-Albalat, 1990, pp. 54-112; Búa Carballo, 2000, pp. 37-48; Prósper Pérez, 2002, pp. 268-277; Hoz & Fernández 2002). Quanto ao segundo elemento, vários investigadores, entre os quais tomou a dianteira Schuchardt, estimam consistir num epíteto tópico e / ou étnico. Prósper Pérez coloca ainda a possibilidade de derivar de um hidrónimo (Vasconcelos, 1913b, p. 219; Vaz, 1997, p. 205; Guerra, 1998, pp. 717-723; Búa Carballo, 2000, pp. 45, 179-183; Prósper Pérez, 2002, pp. 263-264; Fernandes *in* Ribeiro (ed.), 2002, p. 365, n.º 10, com foto. Cfr. Fernández-Albalat, 1990, pp. 140-141, 179-180).

Leitura: *BANDI / OILIEN/AICQ / [...]*

I.4 Epigrafia em Cerâmica

I.4.1 Cárquere

A descoberta da epigrafia de Cárquere data de 1885, quando Francisco Martins Sarmiento adquiriu três inscrições para o museu da Sociedade Martins Sarmiento, por oferta do Dr. João de Vasconcelos e Meneses e de Leite de Vasconcelos. Não conseguiu alcançar outros monumentos, obtidos por Manuel Pereira Negrão, primo de Leite de Vasconcelos (Sarmiento, 1887c, pp. 186-187; Cardozo, 1947, pp. 105, 108, 113, nota 31, p. 116, nota 54, de 02/10/1887, p. 131, de 02/08/1888; Cardozo, 1985, pp. 91, 93, 100, n.ºs 49, 51, 58).

Em carta de 4 de Junho de 1887, dirigida ao ilustre vimaranense, o investigador lusitano indicou que esteve em casa do seu primo Negrão pela Pascoela, cujo Domingo calhou a 17 de Abril, onde pôde observar as inscrições romanas. Francisco Martins Sarmiento respondeu-lhe que já sabia da existência dessas epígrafes e que as tentara adquirir em vão, chamando avarento ao familiar do então médico: “Já sabia que o Negrão tem uma collecção de lapides que eu já lhe quiz apanhar para o nosso Museu, mas perdi o tempo. Para que diabo aquillo pode servir em Baião, pode comprehendelo um avarento.” (MNA, *Correspondência*, Ms. 20748, de 25/06/1887 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124)). Leite de Vasconcelos repetiu a viagem em Janeiro de 1888 (MNA, *Correspondência*, Ms. 20748, de 25/06/1887 (Coito, 1999, p. 237, n.º 3124); Vasconcelos, 1888h, p. 113; Cardozo, 1958, pp. 82-83, n.º 23, de 04/06/1887).

No mês de Outubro, o arqueólogo de Guimarães remeteu os três textos epigráficos a Hübnér, publicando-os poucos meses depois (Sarmiento, 1887c, pp. 186-187; Cardozo, 1947, p. 105, de 02/10/1887; Cardozo, 1985, pp. 91, 93, 100, n.ºs 49, 51, 58). Certamente terá pedido as informações dos monumentos de Negrão ao futuro conservador da Biblioteca Nacional, para os remeter ao sábio alemão, como se pode inferir pela carta do futuro director do Museu Etnográfico Português datada de 23/08/1888. Todavia, a posição de Leite de Vasconcelos era editar em Portugal e enviar os artigos aos cientistas estrangeiros, como se analisou *supra* (Cardozo, 1958, p. 89, n.º 26, de 23/08/1888. *Vide* capítulo I.3.1).

O investigador português tencionaria publicar as inscrições inéditas, em número de sete, na *Revista Lusitana*. O atraso deste periódico e a promessa efectuada a Borges de Figueiredo levou-o a incluir o seu trabalho na *Revista Archeologica* (Vasconcelos,

1888h, pp. 113-116; Cardozo, 1947, pp. 137, 139, nota 9, de 15/09/1888, p. 158, de 05/12/1888; Cardozo, 1958, p. 89, n.º 26, de 23/08/1888 (*Vide* capítulo I.3.1)).

Hübner inseriu estas dez epígrafes no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (*CIL* II – S 5570-5571, 5573-5580).

Em epístola de 09/10/1897, o conservador da Biblioteca Nacional informou o sábio alemão que havia obtido novos monumentos de Cárquere, pelo que um dia iria editar todos os textos inéditos. Estas inscrições foram decerto as que publicou em 1899-1900, constituindo cinco epígrafes igualmente propriedade de Manuel Negrão. Quatro foram incluídas em 1913 nos *Additamenta nova*, sendo a quinta o fragmento de cerâmica cuja marca de oleiro havia transmitido ao erudito germânico antes de 14/06/1892, data da carta do seu correspondente (CCE 22 – CCE 23 (MNA Ms. 10454); CCE 93 (SMS Ms. 48); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 208-212, n.ºs 3, 5, 6, 8; *EE* IX 37-40). No volume III das *Religiões da Lusitânia* acrescentou outros dois monumentos e ainda três no *corpus* epigráfico do então Museu Etnológico (Vasconcelos, 1913b, p. 414, nota 2, fig. 186, pp. 454-455; Vasconcelos, 1927-1929, pp. 215-216, 219-221, n.ºs 5, 13, 17).

Não nos foi possível localizar o fragmento cerâmico. Concordamos com Hübner, quando desenvolve a marca *OFF PAT* em *OFF(icina) PAT(ricii)* (CCE 23 (MNA Ms. 10454)). O sábio alemão conhecia paralelos em Espanha (*CIL* II 4970-376d-k). Posteriormente foi, por exemplo, identificada numa cerâmica de *Conimbriga* (*FC*, p. 129, n.º 198).

Leitura (seguimos Hübner): *OFF(icina) PAT(ricii)*

1.4.2 Minho

Na carta de dia 14/06/1892, Hübner respondeu a uma questão colocada por Leite de Vasconcelos acerca da presença do termo *annona* em marcas de oleiro. O sábio alemão indicou que era raro neste contexto, não sabendo o seu significado, e que aparecia em moedas (CCE 22 – CCE 23 (MNA Ms. 10454)). De facto, conhecia por exemplo moedas dos reinados de Nero, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano e Nerva (Cohen, 1859a, p. 186, n.º 79, p. 261, n.ºs 57-58, p. 271, n.º 3, p. 299, n.ºs 252-254, p. 342, n.ºs 4-5, pp. 357-150, n.ºs 147-150, pp. 420-421, n.ºs 282-292, p. 474, n.º 70). Na epigrafia da Hispânia, a palavra também estava presente. Surgia num anel da Biblioteca de Madrid e

em oito inscrições, algumas de forma reconstituída (*CIL* II 53, 1180, 1970, 1534, 1599, 2782, 3586=5961, 4468).

O conservador da Biblioteca Nacional estava a referir-se a uma marca gravada numa cerâmica oriunda do Minho. Desconhecemos qualquer publicação deste autor sobre a peça. Foi o erudito germânico que a editou, referindo que fora descoberta naquela região e que o seu correspondente português lhe havia remetido a informação em 1892. Com esta informação, estava a concretizar uma referência a uma missiva do investigador lusitano, que contudo permanece em paradeiro desconhecido (CCE 22; *EE* VIII 262.6)

Leitura (seguimos Hübner): *ANNONA*

1.4.3 Olhos, Castro Marim

O sítio arqueológico de Olhos, São Bartolomeu, no concelho de Castro Marim, terá sido descoberto e escavado por Sebastião Estácio da Veiga na década de 70 do século XIX. No entanto, este nunca editou os achados (Veiga, *Catálogo dos Monumentos e Objectos [...]*, pp. 105-107; Veiga, *Catálogo dos Productos Archeologicos [...]*, p. 5, 12/4, n.º 101; Veiga, *Inventário (cópia) do Museu Archeologico do Algarve [...]*, pp. 53, 65, 107; Veiga, 2005²).

Os contactos com Francisco Sousa Rocha permitiram a Leite de Vasconcelos tomar conhecimento do achado de ânforas romanas no lugar de Olhos, em 1895 (MNA, *Correspondência*, Mss. 19942, de 04/02/1895, 19952, de 12/04/1896, 19953, de 16/04/1896 (Coito, 1999, p. 226, n.º 2923); Vasconcelos, 1898, pp. 329, 336; Vasconcelos, 1899-1900, p. 247; Vasconcelos, 1927b, pp. 235-236). Em consequência, viajou para o local nos finais de Dezembro de 1896, onde procedeu a escavações. Identificou uma olaria romana, composta por um forno e um depósito de ânforas (CCE 72 (SMS Ms. 39); Vasconcelos, 1898, pp. 329-336).

De regresso a Lisboa, o investigador português verificou a existência de um fragmento de *imbrex* com uma inscrição, oriunda de Olhos, no espólio do Museu do Algarve, incorporado em 1893 no Museu Etnográfico Português, mas transferido apenas em 1897 (Vasconcelos, 1915, pp. 283-285; Coito, Cardoso & Martins, 2008, pp. 98-99).

O texto epigráfico havia sido editado por Hübner, que indicou somente a cópia no ano de 1881 e o envio do decalque (*CIL* II – S 6255-7). O autor desta remessa foi decerto Sebastião Estácio da Veiga. As mais antigas referências que conhecemos do objecto cerâmico são precisamente deste arqueólogo, nos manuscritos *Catalogo dos Monumentos e Objectos [...]* e *Catalogo dos Produtos Archeologicos [...]* (Veiga, *Catálogo dos Monumentos e Objectos [...]*, p. 105; Veiga, *Catálogo dos Productos Archeologicos [...]*, p. 5, 12/4, n.º 101). Todavia, é-nos impossível aferir o despacho. Não identificámos missivas de Sebastião Estácio da Veiga no epistolário do sábio alemão existente na Sociedade Martins Sarmento, e existe apenas uma cópia do que aparenta ser uma carta escrita pelo investigador algarvio ao erudito germânico no espólio do Museu Nacional de Arqueologia, que todavia não contém nenhuma referência ao sítio arqueológico de Olhos (MNA, *Sebastião Estácio da Veiga*, Cx. 5, Pasta *Sebastião Estácio da Veiga*, VI - *Minutas de Cartas e Offícios*; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. II; SMS, *Cartas a Emílio Hübner*, vol. I; SMS, *Correspondência entre E. Hübner e A. Bellino. 1895 a 1900*; SMS, *Várias Cartas*; SMS, *Cartas ao Abade de Tagilde*, vol. II; Pereira, 1974-1977, p. 244, nota 6).

Em Novembro de 1898, o conservador da Biblioteca Nacional perguntou a Hübner se tinha um decalque da epígrafe. Em caso negativo, propôs-se a encaminhar-lhe um, de modo a que o seu correspondente pudesse indicar-lhe a datação do monumento. Um mês depois, Dezembro de 1898, repetiu o pedido (CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58)). Não possuímos a resposta do sábio alemão, que ou se perdeu ou nunca foi enviada (CCE 113. Cf. CCE).

Na nossa opinião, o pedido de Leite de Vasconcelos relacionou-se com o artigo sobre a olaria, publicado no último fascículo do volume IV d'*O Arqueólogo Português*, correspondente a Outubro – Dezembro de 1898 (Vasconcelos, 1898, pp. 329-336). Durante a redacção, terá talvez surgido a necessidade de datar o sítio arqueológico. Existindo uma inscrição, que eventualmente poderia ser datável, questionou o seu correspondente, a autoridade máxima em termos epigráficos em Portugal. A data das missivas, 08/11/1898 e 05/12/1898, permite enunciá-lo, uma vez que precederá o fascículo, certamente editado já em 1899 (CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58); Vasconcelos, 1898, pp. 329-336). Embora, aparentemente, não tenha recebido a informação desejada, datou o objecto cerâmico, e através dele os restantes achados, entre os séculos I e III d.C.. Estudos recentes da totalidade do conjunto material permitiram estabelecer uma cronologia entre meados do século I e o século V d.C.

(Vasconcelos, 1898, p. 335; Viegas, 2011, pp. 23, 42, 237, 253-254, 367, 370, 410, 594).

Quanto ao texto, todos os autores foram unânimes na leitura [...] *QVI LEGIT* [...], que aperfeiçoamos em [...] *QVI LEGIT* [...] (Veiga, *Catálogo dos Monumentos e Objectos* [...], p. 105; Veiga, *Catálogo dos Productos Archeologicos* [...], p. 5, 12/4, n.º 101; CCE 109 (SMS Ms. 57); CCE 111 (SMS Ms. 58); *CIL* II – S 6255-7; Vasconcelos, 1898, p. 335; Viegas, 2011, p. 410).

Sebastião Estácio da Veiga referiu num dos seus manuscritos a descoberta de outra marca no mesmo local, desta forma num tijolo (Veiga, *Catálogo dos Monumentos e Objectos* [...], p. 105).

Maria Luísa Sebastião Estácio da Veiga publicou uma inscrição de uma possível tégula, indicando que poderia tratar-se da telha referida pelo seu antepassado no *Inventário do Museu Archeologico do Algarve*, proveniente do sítio de Olhos, apesar de duvidar da sua origem (Pereira, 1974-1977, p. 348, nota 12). No entanto, no manuscrito que consultámos no Museu Nacional de Arqueologia, na página 36 mencionada pela descendente do arqueólogo algarvio, não figura nenhuma peça do local com a epígrafe editada. Pelo contrário, pensamos que a “telha” corresponde à imbrex com o texto *QVI LEGIT*, sendo o tijolo referido somente no *Catálogo dos Monumentos e Objectos* (Veiga, *Catálogo dos Monumentos e Objectos* [...], p. 105; Veiga, *Inventário (cópia) do Museu Archeologico do Algarve* [...], p. 36)

Leitura: [...] *QVI LEGIT* [...]

I.5 Dúvidas Epigráficas

I.5.1 COS (*Ossonoba*)

Leite de Vasconcelos questionou Hübner se existia alguma diferença entre colocar o número do consulado ou de outro cargo antes da respectiva abreviatura, ou depois da mesma. Os exemplos que mostrou consistiram em *II COS* e *COS II*, *VI COS* e *COS VI*. A razão para esta pergunta baseava-se no facto de não existir ninguém em Portugal com conhecimentos suficientes para esclarecer a dúvida (CCE 54 (SMS Ms. 32). *Vide* capítulo 4.1.2). A resposta foi clara. *II COS* significaria que o indivíduo havia desempenhado duas vezes o cargo do consulado. *COS II* indicaria que o monumento

fora erguido no ano em que se encontrava a exercer a função de cônsul pela segunda vez (CCE 55 (MNA Ms. 10468)).

O *CIL* II continha inscrições dedicadas a imperadores, nas quais se verificava a referência ao número do consulado após o termo *COS*. Em duas epígrafes, oferecidas ao imperador Volusiano, lia-se *II COS* – *CIL* II 4787 – e *COS II* – *CIL* II 4859 –, e num monumento fragmentado verificava-se *VI COS I* – *CIL* II 4856 –, pelo que o investigador lusitano poderia estar a efectuar uma alusão a estas inscrições. Todavia, o sábio alemão reconstituiu já o primeiro como *[TRIB POT] II COS*, além do que não localizámos nenhum comentário daquele autor quanto a estes textos epigráficos (*CIL* II 4787, 4856, 4859; *CIL* II – *S*, pp. 1095-1112).

Cagnat incluiu um monumento no *L'Année Épigraphique* de 1897, oriundo de Faro, onde constava *II COS* (Cagnat, 1898b, p. 19, n.º 49; Fita Colomé & Fernández Duro, 1900, pp. 365-366, n.º 1). Fora descoberto em 1894 (Santos, 1971, pp. 170-171, n.º 2). Assim, a questão do conservador da Biblioteca Nacional poderia relacionar-se com esta inscrição. Na edição, este seguiu a lição do erudito germânico, traduzindo por “duas vezes cônsul” (CCE 55 (MNA Ms. 10468); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 43-44). José d’Encarnação referiu o assunto, mencionando as irregularidades que se verificam nas dedicatórias ao imperador Aureliano e fornecendo uma opinião oposta a Hübner. Segundo o investigador, o número do cargo fora grafado antes da palavra *COS*, mas deveria estar depois. Consequentemente, traduziu por “pela segunda vez” (*IRCP* 4).

Aureliano completou o exercício do consulado pela segunda vez a 1 de Janeiro de 275 d.C., quando assumiu o terceiro poder consular. Foi cônsul pela segunda vez no ano de 274 d.C. Em termos de datação, o âmbito cronológico do monumento é reduzido, até porque Aureliano morreu em Março de 275 d.C., mas continua a ser impreciso, o que faz com que muitos investigadores não lhe atribuam uma data concreta (Cagnat, 1898a³, p. 208; *IRCP* 4, p. 47, nota 1).

Não identificámos nenhum artigo do director do Museu Etnográfico Português com *VI COS* e *COS VI*.

Leitura (seguimos *IRCP* 4): *IMP(eratori) (hedera) CAES(ari) / L(ucio) (hedera) DOMITIO / AVRELIANO / PIO (hedera) FEL(ici) (hedera) AVG(usto) / P(ontifici) (hedera) M(aximo) (hedera) T(ribunica) (hedera) P(otestate) (hedera) P(atri) (hedera) P(atriciae) (hedera) / II (bis) (hedera) CO(n)S(uli) (hedera) PROC(onsuli) / R(es) (hedera) P(ublica) (hedera) OSSONOB(ensis) / EX DECRETO / ORDIN(is) / D(euota)*

(hedera) N(umini) (hedera) M(aiestatique) (hedera) EIVS / D(edit) D(edicauitque)
(hedera)

I.6 Epigrafia Monumental

I.6.1 Balsa

No ano de 1750 foi descoberto o primeiro monumento epigráfico de *Balsa*. Apenas em 1856 se identificou uma segunda epígrafe, assim como uma inscrição grega (Veiga, 1866, pp. 24-28; *CIL* II 13-14, 5171; *IRCP* 73, 83; Cardim Ribeiro in Ribeiro (ed.), 2002, pp. 529-530, n.º 260). A década de 60 do século XIX ofereceu à comunidade científica outros quatro monumentos, através das publicações de Sebastião Estácio da Veiga e Augusto Teixeira de Aragão. Hübner inseriu três na *Addenda et Corrigenda* do *CIL* II (Veiga, 1866, pp. 15-18; Aragão, 1868, pp. 10, 18; *CIL* II 4989=5161, 4990=5162, 4990a=5163; Hübner, 1887, p. 33; *IRCP* 79-80, 86-87). Nos decénios seguintes surgiram mais doze epígrafes, que foram incluídas no *Supplementum* do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II, assim como a quarta descoberta anteriormente (*CIL* II – S 5164-5170, 5172-5177).

Nas férias de Natal de 1896, Leite de Vasconcelos concretizou uma viagem a Mértola e ao Algarve. De *Balsa*, trouxe uma inscrição para o Museu Etnográfico Português, que remeteu a Hübner em 15/02/1897 (CCE 72 (SMS Ms. 39); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 174-175).

O investigador luso colocou a possibilidade de as três primeiras letras do texto epigráfico corresponderem ao início de *Domitius*, o que revelaria uma dedicatória ao imperador *L. Domitius Aurelianus* (CCE 72 (SMS Ms. 39)), atestada por exemplo em Córdoba e Barcelona (*CIL* II 2201, 4506, 4732). Hübner contrapôs “*in honorem domus divinae*”, opção que Leite de Vasconcelos publicou, contrariamente ao epigrafista alemão, que editou somente **DOAI** (CCE 74 (MNA Ms. 10475+A); Vasconcelos, 1899-1900, pp. 174-175; *EE* IX 3). Apesar de não excluirmos a hipótese que Hübner transmitiu na sua carta, partilhamos as cautelas de José d’Encarnação, pelo que preferimos não apresentar nenhuma reconstituição (*Vide infra* Leitura).

A inscrição da face inferior tem sido lida de um modo semelhante pelos vários autores (CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 74 (MNA Ms. 10475+A); Vasconcelos, 1899-1900, pp.

174-175; *EE* IX 3; *IRCP* 75). Nas missivas trocadas entre Leite de Vasconcelos e o seu correspondente germânico, foram abordadas as fórmulas *decreto decurionum*, *decurionum decretum* e *ordo decurionum* (CCE 72 (SMS Ms. 39); CCE 74 (MNA Ms. 10475+A)). O investigador português indicou que o local da primeira reconstituição na epígrafe de *Balsa*, antes do dedicante, diferia do evidenciado noutros monumentos. Por outro lado, não referiu a segunda (CCE 72 (SMS Ms. 39)). Hübner, apesar de reconstituir *decreto decurionum*, apontou a coexistência das três possibilidades na epigrafia. Talvez por esta razão tenha editado somente [*DECVR*]ONVM (CCE 74 (MNA Ms. 10475+A); *EE* IX 3). De facto, estão comprovadas as três formas. *Decreto Decurionum* aparece em sigla antes e depois da referência ao(s) dedicante(s). Por extenso, surge somente depois, como apontou Leite de Vasconcelos (*CIL* II – S, pp. 1162-1164). Na nossa opinião, a ordem não torna impeditiva a hipótese, pelo que a vulgaridade da expressão *decreto decurionum*, comprovada em várias inscrições da *Hispania*, aliada ao restante texto de *Balsa* – *R(es) P(ublica) Bals(ensium)* –, permite-nos aceitar esta recomposição (Cf., v.g., *IRCP* 8, 79, 94?, 116?, 183, 236, 291, 341, 380?).

Leite de Vasconcelos terminou a sua publicação da epígrafe com a observação de esta ser mais um testemunho que comprovava a localização da cidade romana de *Balsa* na Quinta da Torre de Ares, certamente por referir o próprio município – *R(es) P(ublica) Bals(ensium)* – (Vasconcelos, 1899-1900, p. 175). O estabelecimento definitivo desta cidade na Quinta da Torre de Ares e na Quinta das Antas data de 1866, com Sebastião Estácio da Veiga, que se baseou nos vestígios arqueológicos existentes nestes sítios. Antes, seguia-se a tese de André de Resende, secundado por Frei Vicente Salgado, que defendia *Balsa* na cidade de Tavira (Veiga, 1866; Guerra, 1998, p. 327; Fabião, 2003, pp. 12-13; Viegas, 2011, pp. 27-29).

Leitura: Face frontal: [...] (*hedera*) *DOM*[...]

Face inferior: [*EX DECRETO DECVRI*]ONVM . *R(es)* . *P(ublica)* . *BALS(ensium)*